

**UNIVERSIDADE
ABERTA**



**UNIVERSITÉ
PANTHÉON-ASSAS**



O fascismo, as suas origens marxistas e o socialismo global

José António Afonso Rodrigues dos Santos

**Tese de Doutoramento em Estudos Globais
Áreas científicas de especialidade: Ciências Sociais e Humanidades**

**Tese orientada por
Professor Doutor João Relvão Caetano
Professor Doutor Fabrice d'Almeida**

Outubro de 2022

Não ridicularizar, não deplorar, não detestar, mas compreender.

Bento de Espinosa

Agradecimentos

Esta tese beneficiou da ajuda de várias pessoas a quem agradeço penhorado. Em primeiro lugar, obrigado aos académicos que orientaram e acompanharam a produção desta tese, designadamente Fabrice d’Almeida, da Universidade de Paris II, e João Relvão Caetano, da Universidade Aberta, pela sua generosidade e dedicação. O empenho, entusiasmo e conhecimentos que demonstraram foram imprescindíveis para levar esta tese a bom porto.

Outros estudiosos houve que se revelaram importantes. Obrigado ao entretanto falecido James Gregor, professor de Ciência Política da Universidade da Califórnia, em Berkeley, e um dos maiores peritos mundiais sobre os totalitarismos em geral e as ligações doutrinárias entre o marxismo, o leninismo, o fascismo e o nazismo em particular, pelas várias explicações que me deu. Tomei a liberdade de usar nesta obra uma citação de um dos vários *emails* que ele me dirigiu, o de 11 de outubro de 2016. Obrigado a Zeev Sternhell, professor emérito da Universidade Hebraica de Jerusalém e outra grande autoridade mundial sobre o fascismo, autor das mais importantes obras sobre as origens intelectuais do fascismo, por outros esclarecimentos que me prestou. Obrigado a Gideon Greif, historiador israelita especializado no Holocausto, por esclarecimentos relacionados com a situação dos judeus nas regiões da Croácia e Grécia sob ocupação italiana durante a Segunda Guerra Mundial. Obrigado ainda a Emilio Gentile, professor da Universidade de Roma Sapienza, discípulo de Renzo de Felice e um dos maiores peritos mundiais sobre o fascismo, pelas opiniões que comigo trocou sobre este tema.

Obrigado também a David McLellan, professor de Teoria Política da Universidade de Kent e biógrafo de Marx e Engels, para além de autor de várias obras sobre o marxismo, por esclarecimentos que me concedeu relacionados com o marxismo. Obrigado igualmente a Traian Sandu, professor da Sorbonne Nouvelle – Paris III, que me apontou direções para compreender o comunismo romeno e os respetivos pontos em comum com os restantes comunismos e a sua ligação ao nacionalismo; a Francesco Randazzo, professor de Ciência Política da Universidade de Perugia, por esclarecimentos relacionados com as relações entre o regime fascista de Itália e o regime comunista da União Soviética; e a Andrés Malamud,

professor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, que me ajudou a compreender a predominância do nacionalismo no regime comunista cubano.

Obrigado ainda aos diversos académicos que leram a obra durante o processo de redação e cujos comentários me permitiram afinar a interpretação do fascismo, designadamente António Costa Pinto, professor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e arguente do meu projeto de tese sobre a dimensão socialista do fascismo; o entretanto falecido Luís Salgado de Matos, agregado em Instituições e Processos Políticos da Faculdade de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Nova de Lisboa; e Riccardo Marchi, professor no Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa. Obrigado ainda José Milhazes, historiador e jornalista que viveu 38 anos na URSS/Rússia e que verificou e fez sugestões relativas à parte do texto relacionada com o nacionalismo e o corporativismo do comunismo soviético.

Agradecimentos por fim a Hervé Chopin, meu editor francês, pela ajuda na recolha de material sobre a realidade de França; a Stoyo Vartolomeev, meu editor búlgaro, por ter partilhado comigo detalhes da experiência comunista da Bulgária; a Fulvio Andreozzi, da livraria Europa-Roma, de Roma, por me ter disponibilizado muitos dos textos originais dos ideólogos fascistas; a Isabelle Oliveira e a Olivier Lumbroso, da Sorbonne Nouvelle – Paris III, por toda a ajuda que me prestaram; a Guilherme Valente, por me ter posto na rota da Universidade Aberta; a José Eduardo Franco, da Universidade Aberta, pela sua orientação e interesse; a Giancarlo Bocchi, sempre prestável a trazer-me livros de Itália; e a Douglas Lisboa, da Universidade Federal da Baía, que também estudou as origens marxistas do fascismo e que me abriu as portas aos trinta e cinco volumes da *Opera Omnia* de Benito Mussolini.

A concluir, uma salvaguarda. Pese embora as teses aqui apresentadas estejam assentes num crescente corpo científico e historiográfico sobre o fascismo que se desenvolveu sobretudo a partir de 1990, quando a queda do muro conduziu ao derrubar das barreiras à investigação, nenhuma das pessoas que me ajudou é naturalmente responsável pelo que nesta tese se encontra escrito.

A George Orwell.

Para quem
a verdade sempre esteve
acima da ideologia.

O Fascismo, As Suas Origens Marxistas e o Socialismo Global

Esta é uma tese sobre a dimensão socialista do fascismo, o movimento italiano de Benito Mussolini. O fascismo italiano é considerado o modelo do fascismo genérico. São as suas características estruturais que nos permitem construir numa definição operacional do fascismo genérico, o que é essencial para compreender o que é realmente o fascismo. A tese centra-se no estudo da história intelectual do fascismo, particularmente da sua vertente socialista, e procura fazer três demonstrações, cada uma delas uma consequência da anterior. A primeira é que o fascismo tem as suas origens no marxismo; a segunda é que o fascismo permaneceu sempre uma das diferentes vertentes do socialismo; a terceira é que os regimes comunistas eram, de facto, regimes fascistas.

Palavras-chave:

Fascismo

Socialismo

Marxismo

Mussolini

Fascism, Its Marxist Origins and Global Socialism

This is a dissertation on the Socialist dimension of Fascism, the Italian movement of Benito Mussolini. Italian Fascism is considered the model of generic Fascism. It is its structural characteristics that allow us to construct an operational definition of generic Fascism, which is essential to understand what Fascism really is. The dissertation focuses on the study of Fascism's intellectual history, particularly its Socialist strand, and seeks to accomplish three demonstrations, each a consequence of the previous one. The first is that Fascism has its origins in Marxism; the second is that Fascism has always remained one of the different strands of Socialism; the third is that the Communist regimes were in fact Fascist regimes.

Key words:

Fascism

Socialism

Marxism

Mussolini

Le fascisme, ses origines marxistes et le socialisme global

Celle-ci est une thèse sur la dimension socialiste du fascisme, le mouvement italien de Benito Mussolini. Le fascisme italien est envisagé comme le modèle du fascisme générique. Ce sont ses caractéristiques structurelles qui permettent d'arriver à une définition opérationnelle du fascisme générique, essentielle pour comprendre qu'est-ce que le fascisme. La thèse porte sur l'étude de l'histoire intellectuelle du fascisme, notamment son fil socialiste, et cherche à faire trois démonstrations, chacune étant une conséquence de la précédente. La première c'est que le fascisme trouve son origine dans le marxisme; la deuxième c'est que le fascisme est toujours resté l'un des différents courants du socialisme; la troisième c'est que les régimes communistes étaient en réalité des régimes fascistes.

Mots-clés:

Fascisme

Socialisme

Marxisme

Mussolini

Índice

Introdução.....	11
Socialismo e liberalismo.....	19
Mitos e tabus sobre o fascismo.....	26
 O problema do fascismo.....	40
Quadro metodológico.....	41
A ideologização do estudo do fascismo.....	66
 DEMONSTRAÇÃO 1: O fascismo tem origem no marxismo.....	77
 O marxismo como ciência.....	78
O socialismo.....	81
O socialismo científico.....	84
A revolução inevitável.....	89
 Os revisionismos do marxismo.....	95
O marxismo liberal de Bernstein.....	95
O marxismo violento de Sorel.....	103
O marxismo nacionalista de Bauer.....	110
O viveiro ideológico francês.....	114
O pós-marxismo de Henri de Man.....	121
 As origens marxistas do fascismo.....	137
A transferência do debate para Itália.....	137
O grande debate do socialismo italiano.....	141
Os socialistas que fundaram o fascismo.....	146
O capitalismo como fase imprescindível para o comunismo.....	161
A revisão fascista do marxismo.....	175
O nacionalismo como socialismo revolucionário.....	188
Os estudos sobre o socialismo nacionalista.....	218

DEMONSTRAÇÃO 2: O fascismo manteve-se sempre como uma corrente socialista.....	246
Fascismo: marxismo, outro socialismo ou terceira via.....	247
O fascismo como terceira via.....	248
O fascismo como marxismo.....	252
O fascismo como socialismo nacionalista.....	282
O fascismo como pós-marxismo.....	315
A questão racial.....	323
A eugenia como ciência da raça.....	324
O racismo no marxismo.....	331
O racismo no fascismo.....	339
O que é o fascismo.....	362
A primeira fase do fascismo.....	365
O fascismo perante o bolchevismo.....	369
A fundação dos Fasci di Combattimento.....	390
Os compromissos do socialismo fascista.....	410
A ascensão do fascismo.....	440
A segunda fase do fascismo.....	455
O fascismo chega ao poder.....	474
Imposição da ditadura.....	493
O corporativismo como socialismo.....	504
A Grande Depressão.....	518
Eixo, consenso e guerras.....	527
A terceira fase do fascismo.....	547
A República Social(ista) Italiana.....	547
A socialização fascista.....	550
O fim do fascismo.....	553
DEMONSTRAÇÃO 3: Os regimes comunistas foram na realidade regimes fascistas.	556

O comunismo como fascismo.....	557
O internacionalismo nacionalista do marxismo.....	562
O nacionalismo escondido de Marx e Engels.....	562
O nacionalismo alemão.....	565
O supremacismo germânico de Marx e Engels.....	567
A inspiração marxista do projeto imperial fascista.....	574
O internacionalismo nacionalista da União Soviética.....	478
O bolchevismo e a questão nacional.....	478
As revoltas ucranianas e cossacas.....	580
A política de nativização.....	585
A grande fome.....	591
As perseguições étnicas comunistas.....	611
O supremacismo nacionalista russo.....	619
O fascismo comunista.....	625
O fim da aliança nazi-comunista.....	637
O nacionalismo comunista do pós-guerra.....	642
Os camaradas fascistas.....	649
O corporativismo na União Soviética.....	655
A ultrapassagem fascista da luta de classes.....	655
A adesão comunista ao corporativismo.....	659
A primeira grande fome do comunismo.....	665
Retorno à economia de mercado.....	670
Colaboração de classes e produtivismo no comunismo.....	674
A escravatura produtivista nos <i>gulag</i>	679
Retórica de igualdade, realidade de desigualdade.....	682
Os regimes comunistas como regimes fascistas.....	695
O fascismo dos regimes neomarxistas do leste da Europa.....	695
O fascismo dos regimes neomarxistas de fora da Europa.....	705
O caso da China.....	709
Os nacionalismos socialistas independentistas.....	729
O inevitável destino fascista dos regimes socialistas.....	739

Totalitarismos.....	746
Religiões.....	758
Escatologias messiânicas.....	759
Religiões exclusivas.....	761
Liturgias políticas.....	765
Misticismo ideológico.....	767
A realidade como palimpsesto.....	774
A ideologia como fé.....	775
Genocídios.....	779
A violência nas doutrinas marxista e neomarxista.....	779
O extermínio como política do regime bolchevique.....	781
O nó sequencial do comunismo ao nazismo.....	784
Dos <i>gulag</i> aos <i>lager</i>	786
A escravatura nos <i>gulag</i> e nos <i>lager</i>	788
O trabalho (escravo) “educa” e “liberta”.....	795
A economia da escravatura.....	797
Crianças e mulheres nos <i>gulag</i> e nos <i>lager</i>	807
A fome nos <i>gulag</i> e nos <i>lager</i>	811
A tortura nos <i>gulag</i> e nos <i>lager</i>	818
Os massacres comunistas e nazis.....	820
A morte pelo gás.....	822
Quais os piores: <i>gulag</i> ou <i>lager</i> ?	826
Burgueses, <i>kulaks</i> e judeus.....	830
Ciências.....	841
Leis naturais.....	841
O mal em nome do bem.....	846
CONCLUSÃO: O fim do tabu.....	849
O grande tabu.....	850
O nascimento do grande tabu.....	852
Brechas no grande tabu.....	860

Direita ou esquerda.....	864
Nacionalismo e internacionalismo.....	866
Políticas sociais.....	873
Igualdade e desigualdade.....	874
Democracia e ditadura.....	880
Um conceito obsoleto.....	883
Revolucionário ou reacionário.....	885
 O fim do grande tabu.....	 893
Escondido à vista de todos.....	893
O insustentável peso da memória.....	896
 Bibliografia.....	 904
Fontes primárias.....	904
Fontes secundárias.....	961

Introdução

Plantado no púlpito de Nuremberga, Adolf Hitler contemplou com olhar fanático a multidão fardada de castanho e alinhada na grande praça em perfeita ordem como se de um exército se tratasse. Momentos antes tinha insultado aos microfones Ferdinand Lassalle, o destacado dirigente socialista alemão de origem judaica, apelidando-o de “nosso judeuzinho Braun”, “*Izzy*” e “barão *Izzy*”, sendo que *Izzy* era uma expressão pejorativa alemã derivada do insulto antisemita *Itzig*. Além disso, citara Mantheto para dizer que o Êxodo fora “a expulsão dos leprosos do Egito”, assim chamando leprosos aos judeus, para concluir que “reconhecemos no judaísmo um elemento antissocial geral do tempo presente.”

Havia ainda classificado os povos eslavos do Sul como *Völkerabfälle*, literalmente “povos lixo”, afirmando que “a guerra geral que aí vem irá esmagar os eslavos e exterminar essas nações tacanhas, incluindo até os seus nomes”. Abordara também a recentes descobertas raciais alegadamente científicas para dizer que “a Rússia é um nome usurpado pelos moscovitas. Eles não são eslavos, não pertencem de todo à raça indo-germânica, são *des intrus* que têm de ser atirados para lá do Dnieper.” Depois referira-se ao político socialista francês Paul Lafargue, um homem com um bisavô negro, chamando-lhe “*negrillo*” e “gorila”, e fizera graça com a candidatura do mesmo Lafargue à freguesia onde se situava o jardim zoológico de Paris, dizendo que “na sua qualidade de preto” ele era “um grau mais próximo do reino animal do que o resto de nós”, o que desencadeara gargalhadas gerais na praça de Nuremberga. Por fim, elogiara o que designara de “o lado bom da escravatura”, esclarecendo que se referia “à escravatura direta, à escravatura dos negros no Suriname, no Brasil, nas regiões do sul dos Estados Unidos”, para concluir que “é muito fácil lançarem-se invetivas contra a escravatura e coisas semelhantes em termos gerais e expressar uma indignação moralista contra tais infâmias”, mas o facto era que “a introdução da escravatura debaixo das condições prevalecentes naquele tempo foi um grande passo em frente.”

A massa fanatizada parecia hipnotizada pelas suas palavras, pelo que após uma curta pausa para deixar o ambiente vibrar, o *Führer* afinou a voz já enrouquecida e voltou a inclinar-se sobre o microfone.

“Para tornar o indivíduo sagrado temos de destruir a ordem social que o crucifica”, vociferou o líder nazi em tom furioso, os olhos azuis esgazeados, a melena castanha descaída sobre a testa e os braços a movimentarem-se teatralmente para melhor efeito dramático. “E este problema só pode ser resolvido com sangue e ferro. Precisamos, por isso, de poderes ditatoriais que nos permitam organizar *imediatamente* terror em massa.”

Sucessivos e entusiásticos *Sieg Heil!* irromperam pela multidão, com um crescente número de gargantas a entoarem as três últimas palavras do chefe do nazismo.

“Terror em massa!”, devolveram as massas em coro ritmado. “Terror em massa! Terror em massa!”

Hitler fez um gesto brusco com os braços a pedir silêncio e as vozes calaram-se de imediato.

“Vocês terão de passar por quinze ou vinte ou cinquenta anos de guerra civil para alterar a situação e para vos preparar para o exercício do poder.”

A turba respondeu gritando a nova palavra de ordem.

“Poder! Poder! Poder!”

O discurso abeirava-se do fim e o *Führer* voltou a sua atenção para o dilema militar que o seu país enfrentava nesse momento.

“Ela (a Alemanha) tem a todo custo de evitar tornar-se o instrumento *reconhecido* das ambições de engrandecimento russo”, disse, “ou, após uma breve pausa, terá de se preparar para uma nova guerra ‘defensiva’, não uma dessas guerras localizadas, mas uma *guerra de raças*.”

Fez-se um bruá súbito perante a perspectiva de uma guerra de raças envolvendo a Alemanha e a Rússia. Hitler ganhou balanço para a estocada final.

“Não é apenas um novo mundo para conquistar. É preciso que ele vá abaixo para abrir espaço para os homens que estejam preparados para o novo mundo.”

A multidão explodiu em delírio, inebriada pelas palavras elétricas a prometerem um homem novo num mundo novo, e do seu clamor emergiram de braços estendidos sucessivas saudações ao *Führer*.

“*Heil Hitler! Heil Hitler! Heil Hitler!*”

As frases que acabámos de ver na boca de Adolf Hitler são facilmente reconhecíveis como típicas do nacional-socialismo, com expressões racistas e de ódio e a sua visão de dominação do mundo, mais a purificação e a

salvação pela guerra e pela violência, mais o desejo de criação de um novo homem. Ou seja, estamos perante nazismo puro.

Há, no entanto, um problema.

Estas afirmações, e ao contrário do que escrevi nas linhas anteriores, na verdade não são de Hitler, não foram proferidas em Nuremberga nem sequer pertencem a qualquer outro líder ou ideólogo nazi.

São de líderes marxistas.

Foi Karl Marx quem usou as expressões pejorativas antisemitas “Izzy”¹ e “barão Izzy”² para se referir ao dirigente socialista judeu alemão Ferdinand Lassalle, foi ele quem citou Mantheto para insinuar que o Êxodo era “a expulsão do Egito do povo leproso”³, assim designando os judeus por leprosos, e foi Marx quem afirmou reconhecer no judaísmo “um elemento antissocial geral do nosso tempo”⁴. Foi também ele quem, referindo-se aprovadamente a um estudo racial alegadamente científico, disse que os russos “não são eslavos, não pertencem de todo à raça indo-germânica, são *des intrus* que têm de ser atirados para lá do Dnieper”⁵. Foi ainda Marx quem chamou “*negrillo*” e “gorila”⁶ ao político socialista francês Paul Lafargue, o tal que tinha sangue negro, e foi ele quem elogiou a escravatura de negros no Brasil, Suriname e Estados Unidos, defendendo que esses casos representavam “o lado bom da escravatura”⁷. E foi Friedrich Engels que também alinhou pela mesma linha sobre o escravagismo, dizendo que “é muito fácil lançarem-se invetivas contra a escravatura e coisas semelhantes em termos gerais e expressar uma indignação moralista contra tais infâmias”,

¹ Karl Marx, “Marx to Engels in Manchester”, 11 de fevereiro de 1865, in Karl Marx e Friedrich Engels, *Letters 1864-68 – Collected Works*, Volume 42, Lawrence & Wishart Electric Book, 2010, Marxist Internet Archive, www.marxists.org, p.87.

² Karl Marx, “Marx to Engels in Manchester”, 3 de fevereiro de 1865, *idem*, p.75; Karl Marx, “Marx to Engels in Manchester”, 24 de junho de 1865, *ibidem*, p.162.

³ Karl Marx, “Marx to Engels in Manchester”, 10 de maio de 1861, in Karl Marx e Friedrich Engels, *Letters 1860-64 – Collected Works*, Volume 41, Lawrence & Wishart Electric Book, 2010, Marxist Internet Archive, www.marxists.org, p.286.

⁴ Karl Marx, *On the Jewish Question*, Ostara Publications, Wroclaw, 2014, p.30.

⁵ Karl Marx, “Marx to Engels in Manchester”, 24 de junho de 1865, in Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, Volume 42, 2010, p.164.

⁶ Robert Payne, *Marx*, W. H. Allen & Company, Londres, 1968, p.391.

⁷ Karl Marx, “Letter from Marx to Pavel Vasilyevitch Annenkov”, 28 de dezembro de 1846, Marxist Internet Archive, www.marxists.org; Karl Marx, *The Poverty of Philosophy*, Foreign Languages Press, Pequim, 1996, p.105.

mas que “a introdução da escravatura debaixo das condições prevalecentes naquele tempo foi um grande passo em frente.”⁸

Foi ainda Karl Marx quem disse aos seus seguidores que se aprontassem para décadas de guerra civil “para vos preparar para o exercício do poder”⁹, acrescentando que era necessário conquistar o novo mundo e que era preciso que o mundo “vá abaixo para abrir espaço para os homens que estejam preparados para o novo mundo”¹⁰. Foi também ele que, referindo-se à Alemanha, defendeu que “ela tem a todo custo de evitar tornar-se o instrumento *reconhecido* das ambições de engrandecimento russo, ou, após uma breve pausa, terá de se preparar para uma nova guerra ‘defensiva’, não uma dessas guerras localizadas, mas uma *guerra de raças*”¹¹ (itálico no original).

Por outro lado, foi Friedrich Engels quem chamou “nosso judeuzinho Braun”¹² a Lassalle, e ainda “Izzy”¹³ e “barão Izzy”¹⁴ ao mesmo socialista judeu alemão. Foi o mesmo Engels quem apelidou os escravos do Sul de “*Völkerabfälle*”, ou “povo lixo”¹⁵, e defendeu que “a guerra geral que aí vem irá esmagar os escravos e exterminar essas nações tacanhas, incluindo até os seus nomes”¹⁶. Foi ainda Engels quem, numa referência a Lafargue, o do sangue negro que se candidatara ao município onde estava o Zoo, fez graça em torno desse facto, dizendo que “na sua qualidade de preto” o candidato socialista era “um grau mais próximo do reino animal do que o resto de

⁸ Friedrich Engels, *Anti-Dühring – Herr Eugen Dühring’s Revolution in Science*, Foreign Languages Publishing House, Moscovo, 1959, p.250.

⁹ Alex Callinicos, *The Revolutionary Ideas of Karl Marx*, Haymarket Books, Londres, 2012, p.184.

¹⁰ Ross Gandy, *Marx and History – From the Primitive Society to the Communist Future*, University of Texas Press, Austin, 1979, p.56.

¹¹ Karl Marx, “The Second Address”, 9 de setembro de 1870, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

¹² Friedrich Engels, “Engels to Marx in London”, 9 de junho de 1858, in Karl Marx e Friedrich Engels, *Letters 1856-59 – Collected Works*, Volume 40, Lawrence & Wishart Electric Book, 2010, Marxist Internet Archive, www.marxists.org, p.320.

¹³ Friedrich Engels, “Engels to Marx in London”, 27 de janeiro de 1865, *op. cit.*, Volume 42, 2010, p.69; Friedrich Engels, “Engels to Marx in London”, 13 de fevereiro de 1865, *idem*, p.88.

¹⁴ Friedrich Engels, “Engels to Marx in London”, 27 de janeiro de 1865, *ibidem*, p.69; Friedrich Engels, “Engels to Marx in London”, 13 de fevereiro de 1865, *ibidem*, p.89.

¹⁵ Friedrich Engels, “The Magyar Struggle”, *Neue Rheinische Zeitung*, 13 de janeiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

¹⁶ *Idem*.

nós”¹⁷. Por outro lado, foi Trotsky quem afirmou que “para tornar o indivíduo sagrado temos de destruir a ordem social que o crucifica” e que “este problema só pode ser resolvido com sangue e ferro”¹⁸. Por fim, foi Vladimir Lenine quem defendeu “poderes ditatoriais” para “organizar *imediatamente* terror em massa”¹⁹ (itálico no original).

O facto de frases dos grandes ideólogos do marxismo poderem tão facilmente ser atribuídas ao grande líder do nazismo deveria fazer-nos pensar.

Na mesma linha, poderíamos também recordar o discurso de Vladimir Lenine na Praça Vermelha perante uma multidão fardada de vermelho e alinhada em perfeita ordem como se de um exército se tratasse.

“A salvação nunca virá de cima”, declarou o líder bolchevique, numa alusão ateia a Deus e à religião. “Ela apenas pode vir e virá das massas que se erguem”. O seu olhar chispava a intensa crença socialista que lhe ardia na alma. “O socialismo é a doutrina da libertação para a classe trabalhadora.”

As massas ordenadas diante das muralhas do Kremlin agitaram ritmadamente as bandeiras vermelhas com a foice e o martelo bordados a dourado num canto e entoaram em coro e com entusiasmo transbordante as palavras de ordem sugeridas por esta última tirada.

“Socialismo! Socialismo!”

“Libertação! Libertação!”

Após um minuto assim, Lenine esboçou um gesto com os braços e a multidão silenciou-se.

“O burguês está prestes a abandonar o palco histórico”, retomou o líder da revolução bolchevique. “Para o seu lugar irá a classe dos trabalhadores produtivos, a classe trabalhadora que até hoje tem sido reprimida.”

Uma voz irrompeu na praça.

“Viva a classe trabalhadora!”

A turba respondeu de imediato.

“Viva!”

“Viva a revolução social!”

“Viva!”

¹⁷ Nathaniel Weil, *Karl Marx: Racist*, Arlington House, New Rochelle, 1979, p.22.

¹⁸ Leon Trotsky, “Terrorism”, in Leon Trotsky, *Dictatorship Versus Democracy (Terrorism and Communism)*, Workers Party of America, Nova Iorque, 1922, www.marxist.org.

¹⁹ Vladimir Lenine, “To: G. F. Fyodorov”, 9 de agosto de 1918, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

“Abaixo a burguesia!”

“Abaixo!”

“Viva o socialismo!”

“Vivaaa!”

O ambiente era efervescente, mas em breve o silêncio voltou a impor-se. Ladeado por Trotsky e Estaline, Lenine voltou-se então para o tema das recentes medidas tomadas pelo seu governo revolucionário de nacionalizar as companhias dos caminhos-de-ferro, da eletricidade e das águas, até ali em mãos privadas.

“Socialismo são as medidas do Estado levadas a cabo para proteger o povo de toda a exploração, e sobretudo são medidas estatais que protegem os indivíduos da ganância privada pelo lucro”. Depois inspirou fundo, preparando-se para a tirada final. “O materialismo histórico, conhecido agora universalmente não como um sistema mas como um método, é o melhor método para interpretar a história, é aquele que dá a chave para explicar os principais movimentos sociais”, rugiu, debitando toda a doutrina marxista na ponta da língua. “Só o socialismo, abolindo as classes, assegurará a todos o bem-estar e a liberdade.”

“Liberdade!”, entoou a turba. “Liberdade! Liberdade!”

Lenine ergueu o punho no ar.

“Viva a revolução!”

“Viva!”

“Viva o socialismo!”

“Vivaaa!”

Toda esta liturgia foi ensaiada vezes sem conta na Rússia comunista e o discurso que acabámos de ler parece refletir o ambiente ideológico que rodeava a revolução bolchevique e o regime que ela criou. Só que, a exemplo dos casos anteriores, e como agora o leitor avisado decerto já pressentiu, também aqui recorri ao mesmo truque. Ou seja, estas frases não são na verdade de Lenine.

São de líderes e ideólogos fascistas e nazis.

Assim, as primeiras palavras, dizendo que a salvação “nunca virá de cima” e “apenas pode vir e virá das massas que se erguem”²⁰, foram proferidas por Hitler, e as segundas, a definir o socialismo como “a doutrina da libertação para a classe trabalhadora” e a dizer que “o burguês está prestes

²⁰ Adolf Hitler, “Why We Are Antisemites”, 15 de agosto de 1920, Carolyn Yeager Writings, carolynyeager.net.

a abandonar o palco histórico” e que “para o seu lugar irá a classe dos trabalhadores produtivos, a classe trabalhadora que até hoje tem sido reprimida”²¹, são de Joseph Goebbels, o ministro nazi da Propaganda. Já as terceiras, a definir o socialismo como medidas do Estado para “proteger o povo de toda a exploração” e “da ganância privada pelo lucro”²², pertencem a Alfred Rosenberg, o grande ideólogo nazi, no contexto do elogio às nacionalizações levadas a cabo pelo governo nacional-socialista das companhias alemãs dos caminhos-de-ferro, da eletricidade e das águas.

Por fim, as últimas, afirmando que “o materialismo histórico, conhecido agora universalmente não como um sistema mas como um método, é o melhor método para interpretar a história, é aquele que dá a chave para explicar os principais movimentos sociais”²³, e que “só o socialismo, abolindo as classes, assegurará a todos o bem estar e a liberdade”²⁴, e ainda os gritos “viva o socialismo!”²⁵, “viva a revolução!”²⁶ e “viva a revolução social!”²⁷, são de Benito Mussolini.

As minhas desculpas por esta artimanha – ainda por cima aplicada duas vezes neste texto. Para aqueles que se sentirem enganados pelo artifício, contudo, devo dizer em minha defesa ter descoberto durante conversas com o meu editor búlgaro que esta minha ideia não é afinal inteiramente original.

Em 1982 foi publicado na Bulgária um romance de Zhelyu Zhelev intitulado *Faszizm*. Como a obra descrevia o horror da vida sob o regime fascista que governou a Bulgária durante a Segunda Guerra Mundial, foi pronta e entusiasticamente aprovada pela censura comunista e distribuída pelas livrarias. Porém, quando os búlgaros a começaram a ler constataram que, apesar de as palavras “comunismo” e “socialismo” não serem uma única

²¹ Joseph Goebbels, “Those Damned Nazis”, 1929, Calvin College.

²² Alfred Rosenberg, *The Myth of the Twentieth Century – An Evaluation of the Spiritual-Intellectual Confrontations of Our Age*, Noontide Press, Newport Beach, 1982, p.120.

²³ Benito Mussolini, “Il valore attuale del socialismo”, 9 de maio de 1914, *La Lotta di Classe*, in Benito Mussolini, *Opera omnia – VI: Dalla fondazione di “Utopia” alla vigilia della fondazione de “Il Popolo d’Italia”*, La Fenice, Florença, 1953, p.180.

²⁴ *Idem*, p.181.

²⁵ Benito Mussolini, “Vigilia di congresso”, *Avanti!*, 24 de abril de 1914, *ibidem*, p.158; “Il congresso di Ancona”, *Avanti!*, 1 de maio de 1914, *ibidem*, p.179; “Tregua d’armi”, *Avanti!*, 12 de junho de 1914, *ibidem*, p.221; “Vittoria!”, *Avanti!*, 15 de junho de 1914, *ibidem*, p.225; “La situazione internazionale”, *Avanti!*, 30 de julho de 1914, *ibidem*, p.293; “La mia fede è immutata”, *Avanti!*, 22 de outubro de 1914, *ibidem*, p.418.

²⁶ Benito Mussolini, “Per la proclamazione dello sciopero generale”, *Corriere della Sera*, 11 de junho de 1914, *ibidem*, p.213.

²⁷ Benito Mussolini, “Tregua d’armi”, *Avanti!*, 12 de junho de 1914, *ibidem*, p.221.

vez mencionadas naquelas páginas, toda a realidade que aí se encontrava descrita sobre o fascismo búlgaro era precisamente a que eles estavam a viver sob o comunismo.

Ao fim de três semanas, a ditadura comunista apercebeu-se da situação e apreendeu todos os exemplares do romance, tendo, à maneira dos autos-de-fé da inquisição e dos nazis, mandado destruí-los. Cópias do livro passaram então a circular clandestinamente de mão em mão, como se de um evangelho proibido se tratasse, e acabou por ser com esse romance que muitos búlgaros perceberam enfim que estavam na verdade a viver sob um regime fascista, embora sem esse nome. Quando o muro de Berlim caiu, Zhelev tornou-se o primeiro presidente da Bulgária escolhido em eleições livres.

No fundo o exercício que executei nas páginas inaugurais desta tese foi o mesmo que Zhelev levou a cabo na Bulgária com *Faszyzm* e que tantas outras pessoas que viveram sob o comunismo fizeram nos seus países. “Ao ler ou ouvir propaganda anti-Hitler, não podia deixar de me interrogar no meu íntimo, ‘mas em que é que isto difere das nossas atrocidades soviéticas?’”²⁸, questionou-se por exemplo o governante comunista soviético, Victor Kravchenko, que devido às suas funções na Sovnarkom conhecia bem o sistema de terror na União Soviética desde os tempos de Lenine, com a sua litania de repressão, matanças em massa, um sistema concentracionário com milhões de escravos, grandes fomes, estado policial, tortura sistemática e perseguição étnica em grande escala. “Quando o orador disse que Hitler e o seu Partido eram ditadores, que o *Führer* e a sua clique eram divinizados, que na Alemanha nazi não havia liberdade de expressão ou de imprensa, que toda a gente lá vivia num estado de medo e terror, muitos de nós não pudemos deixar de pensar que ele estava a apresentar uma imagem correta do nosso próprio regime.”²⁹

Neste contexto, o estratagema de troca de autoria de citações que usei na abertura da tese muito indicia sobre as perturbadoras semelhanças ideológicas entre o marxismo, o fascismo e o nacional-socialismo e suscita naturais e legítimas interrogações. Serão as parecenças entre estas diversas ideologias meras coincidências? Resultarão de uma maliciosa descontextualização de frases efetivamente pronunciadas pelos ideólogos

²⁸ Victor Kravchenko, *I Chose Freedom – The Personal and Political Life of a Soviet Official*, Robert Hale Limited, Londres, 1947, p.332.

²⁹ *Idem*, p.333.

marxistas, fascistas e nazis? Ou refletirão reais laços ideológicos entre os três movimentos e permitem inseri-los numa mesma família?

Em bom rigor, este é um trabalho centrado no fascismo, não no comunismo nem no nacional-socialismo, mas as semelhanças entre os regimes destas três ideologias abrem pistas que não só não podemos *a priori* descartar como requerem atenção, análise e explicação.

Socialismo e liberalismo

No mundo das intenções, a ideia socialista apresenta-se benévola e fundada na visão de um mundo melhor e sem crueldade, um mundo em que o homem deixe de explorar o outro homem e a cada um segundo as suas necessidades, sem que um domine o outro e em que se acabem os egoísmos. “Precipitámo-nos ‘no comunismo desde o alto dos céus da poesia’”, escreveu a comunista russa Evguenia Ginzburg, parafraseando um poema de Mayakovski, para recordar que “éramos, na realidade, uns idealistas puros apesar da nossa devoção juvenil às construções frias do materialismo dialético.”³⁰

Confrontados com uma realidade dominada pela desigualdade, pela injustiça e pelo sofrimento, os socialistas e os liberais propuseram-se pôr fim à iniquidade, libertar a humanidade de diversas formas de escravidão e estabelecer uma vida melhor, uma vida em que as pessoas se relacionem fraternalmente e possam encontrar paz, pão, educação, saúde, liberdade, justiça e bem-estar. Em suma, a felicidade. Quem se pode opor a uma mensagem destas, tão conforme os próprios valores religiosos da Antiguidade? Não foi Jesus que disse que os pobres herdarão o Reino dos Céus? Há alguém de bom senso que se oponha a que as pessoas vivam melhor, tenham liberdade e sejam felizes?

Estas ideias bem-intencionadas materializaram-se em determinadas realidades, muitas delas envolvendo uma melhoria efetiva da qualidade de vida da humanidade. As oito horas de trabalho, o fim-de-semana, as férias pagas, a segurança social, a proibição do trabalho infantil, a saúde e a educação acessíveis a toda a população são, entre outros, grandes benefícios que as sociedades capitalistas estabeleceram à custa de exigências liberais e socialistas. No caso específico do socialismo, é certo que não se conseguiu obter alguns destes benefícios em sociedades que não são capitalistas, pois o sistema socialista não encontrou aí riqueza que pudesse distribuir nem foi

³⁰ Evguenia Ginzburg, *El vértigo*, Galaxia Gutenberg, Barcelona, 2012, p.910.

capaz de a criar, mas logrou-se disseminar pelas sociedades capitalistas economicamente avançadas a riqueza que o capitalismo parece gerar com eficácia.

Sendo certo que os regimes socialistas se revelaram sistematicamente regimes ditatoriais, portanto sem liberdade de expressão e com perseguição da oposição em sociedades marcadas pela pobreza, pela proibição de greves e de ação sindical livre, pela ação repressiva de polícias políticas, e muitas vezes com vastos sistemas concentracionários, com matanças em massa, com grandes fomes e até com a recuperação da prática da escravidão, não é menos certo que nem tudo foi trágico. É o caso do nível educacional das populações dos regimes socialistas, que compara muito bem com o dos regimes de democracias liberais e muito superior ao de outros regimes, mormente os feudais, os teocráticos, os conservadores e os nacionalistas. Por exemplo, apenas vinte anos depois da revolução de 1917, a taxa de literacia na Rússia subiu de menos de 30% para mais de 75%, um êxito que não pode ser ignorado e que não se restringiu a este país, antes se revelou a regra da maior parte dos regimes socialistas.

O conceito de igualdade, pese embora tenha nascido com o liberalismo, como o próprio Engels reconheceu, transformou-se numa bandeira socialista. Não sendo todos iguais, parece haver um consenso entre liberais e socialistas de que todos têm de ser tratados de igual maneira pela lei e de dispor da mesma igualdade de acesso a oportunidades. A partir daí é que começa a discórdia. Os socialistas puros defendem a igualdade em qualquer circunstância, isto é, entendem que a igualdade tem de ser imposta em todas as situações e que todos devem possuir os mesmos bens independentemente dos seus méritos e contributo para a riqueza conjunta. “Mesmo que uma pessoa mostre que é capaz, pelo uso individual da sua força natural, de fazer o trabalho de quatro homens e assim reclamar a recompensa multiplicada por quatro, seria um conspirador contra a sociedade”, escreveu aquele que é apontado como o primeiro comunista moderno, François-Noël Babeuf, para quem “é um disparate assassino fazer distinções segundo o mérito ou o valor.”³¹

Se uma pessoa ganha muito ou ganha pouco, isso deve-se a fatores de sorte, pois no mínimo a pessoa tem a sorte de ter mérito ou de ser esforçada ou o azar de não ter talento ou de ser preguiçosa. Isto para já não falar na desigualdade na educação, na origem social, no contexto familiar, nas

³¹ François-Noël Babeuf, “Defense”, fevereiro-maio de 1797, www.marxists.org.

circunstâncias da vida, etc. Todos estes fatores criam desigualdade e desigualdade significa injustiça. “O socialismo”, escreveu Émile Durkheim, “é um grito de dor e, por vezes, de cólera, exalado por homens que sentem mais vivamente o nosso mal-estar coletivo”³². Como pôr fim a esse mal-estar coletivo gerado pela injustiça? Impondo a igualdade. Ninguém pode ficar para trás, nem os fracos, nem os doentes, nem os que estão em desvantagem, nem mesmo os incompetentes e os preguiçosos. Justiça é consequentemente todos terem o mesmo independentemente de qualquer fator, incluindo o mérito. Ou seja, justiça é igualdade absoluta.

Já os liberais puros defendem que, longe de ser justa, a igualdade absoluta é injusta – além de que é contraproducente. As pessoas que não se esforçam, por exemplo, não podem ter o mesmo que as esforçadas. Para os liberais, a igualdade só deve existir nas condições iniciais, ao nível das oportunidades e dos direitos. O que cada um depois faz com os direitos e as oportunidades que lhe são concedidas em condições de igualdade levará à meritocracia de uma economia de mercado adequadamente regulada – em que os que têm mais mérito e mais ajudam ao desenvolvimento e riqueza da sociedade serão premiados e os que têm menos mérito e pouco ou nada contribuem para a produção de riqueza acabam penalizados. Esta desigualdade seria até saudável, pois se ela não existisse ninguém teria motivação para fazer melhor ou sequer para trabalhar, o que resultaria num empobrecimento da sociedade e no consequente alastrar da miséria.

Além de uma questão de justiça, para os liberais o que aqui está em causa é a capacidade de a própria sociedade gerar riqueza. Se as pessoas ganhassem o mesmo quer trabalhassem muito ou nada fizessem, a maior parte, se não mesmo todas, optaria por nada fazer. Para quê esforçar-me se a pessoa ao meu lado nem um dedo mexe e ganha o mesmo que eu? Ora sem incentivos ninguém se esforçará e se ninguém trabalhar e criar não haverá inovação e produção de bens e serviços. Sem inovação nem produção, a pobreza generalizar-se-á. Sem desigualdade não há motivação para a produção, não se gera riqueza, não existe pulsão de inovação, não há progresso.

Os liberais distinguem contudo o que poderíamos designar por desigualdade viciosa, por exemplo um homem que enriquece porque rouba outro ou um governante que se apropria do dinheiro dos contribuintes ou um empresário que engana outros empresários ou os consumidores, da

³² Émile Durkheim, *Le Socialisme – Sa définition, ses débuts, la doctrine saint-simonienne*, Université du Québec, Chicoutimi, 2002, p.12.

desigualdade virtuosa, por exemplo um homem que enriquece porque inventou a cura para o cancro e com essa descoberta, apesar de o tornar estatisticamente muito mais rico de que as outras pessoas, beneficiar o conjunto da sociedade. Na desigualdade viciosa a desigualdade existe à custa de outrem, enquanto na virtuosa há um ganho para todos, embora de formas e em quantidades diferentes.

Os liberais entendem que a questão não pode ser vista simplesmente em termos de justiça, mas de necessidade, pois igualdade não pode significar pobreza para todos; é melhor uma sociedade desigual em que apesar de tudo os pobres são menos pobres do que uma sociedade igualitária em que todos são muito pobres. Onde há riqueza há sempre desigualdade, quanto mais não seja porque há sempre uns que têm mais talento e/ou são mais trabalhadores do que outros, e só na pobreza existe verdadeira igualdade. Porém, acabar com a diferença entre ricos e pobres pondo toda a gente igualmente pobre não é uma solução igualitária aceitável. Como também não é solução a desigualdade viciosa, que se limita a dar riqueza a um às custas de outro; neste caso a riqueza não é criada, apenas transferida.

Na perspetiva liberal a verdadeira solução seria a desigualdade virtuosa, uma vez que esta cria riqueza que não existia antes e que acaba por chegar a todas as pessoas, ainda que de maneira desigual. As descobertas da medicina, as invenções tecnológicas, a prestação de serviços de qualidade ao consumidor ou o empreendedorismo dinâmico que gera empregos, por exemplo, embora motivados pela busca egoísta do lucro num plano restrito, no que diz respeito aos produtores acabam num plano alargado por gerar altruisticamente avanços e postos de trabalho que beneficiam as sociedades no seu conjunto. Por outro lado, e no que diz respeito aos consumidores, mesmo que determinados avanços gerados pela busca egoísta do lucro só cheguem inicialmente a um grupo de privilegiados, o mercado encarrega-se de rapidamente os democratizar e de os estender ao resto da população graças à mesma busca egoísta do lucro. O automóvel começou por ser um bem só acessível a um punhado de milionários e hoje é um bem de consumo geral. O mesmo aconteceu com as férias, o turismo, o telefone, a televisão, os computadores, etc.

A própria busca do lucro força a que os privilégios de uma minoria acabem com o tempo por se estender à maioria, se não mesmo a todos. Ou, pondo as coisas de outra maneira, o egoísmo de um grupo restrito gera inadvertidamente grande riqueza para a sociedade em geral. “Cada

indivíduo”, escreveu Adam Smith, “é conduzido por uma mão invisível para promover um fim que não fazia parte da sua intenção” pois “ao promover o seu próprio interesse ele frequentemente promove o da sociedade com maior eficiência do que se ele realmente tencionasse promovê-la”³³. A desigualdade estatística, nascida da desigualdade virtuosa que gera riqueza, é assim o preço que pagamos para ter progresso e menos pobreza. A consequência é que, embora os seres humanos contenham em si um profundo desejo de igualdade, o avanço das sociedades só é possível com desigualdade.

Claro que, sendo estas as posições puras de ambas as ideologias desenvolvidas com o capitalismo, há toda uma vasta área de *nuances* entre elas que é explorada por sensibilidades diferentes do socialismo e do liberalismo em busca de maiores ou menores compromissos entre as duas posições puras. Sim, a meritocracia do liberalismo gera riqueza e inovação, mas baseia-se num mecanismo cruel em que as pessoas menos produtivas são facilmente descartadas como se fossem lixo – isto é, o liberalismo puro gera prosperidade, mas também desigualdade, e assenta numa espécie de lei da selva que permite focos de pobreza nas camadas da população que por uma ou outra razão não são capazes de competir. Sim, o igualitarismo do socialismo pretende proteger os mais frágeis, mas inibe a inovação e a criação de riqueza, e sem riqueza não é possível ajudar verdadeiramente os pobres pelo que os mais frágeis não só acabam por não serem realmente protegidos como são até os mais penalizados, e por isso essas são sociedades de carência – isto é, o socialismo puro pretende gerar igualdade, mas acaba por generalizar a carência, o que significa que apenas consegue estabelecer igualdade na pobreza.

Por outro lado, se a Revolução Francesa proclamou liberdade, igualdade e fraternidade, a verdade é que liberdade e igualdade vieram ao longo do tempo a revelar-se antagónicas. Como as pessoas são todas diferentes umas das outras – cada uma com capacidades e competências diferentes, umas trabalhadoras e outras preguiçosas, umas inteligentes e outras nem tanto, umas mais talentosas do que outras – em condições de liberdade umas destacam-se sobre as outras, pois mesmo que haja absoluta igualdade de oportunidade, o que em bom rigor é impossível, as mais trabalhadoras e talentosas acabam por se sobrepôr às restantes, assim gerando

³³ Adam Smith, *The Wealth of Nations – An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*, Liberty Classics, Indianapolis, 1976, p.456.

inevitavelmente desigualdade. Para conseguir a igualdade é consequentemente necessário impô-la, o que requer o uso da coerção, isto é, a restrição da liberdade. Como observou Hannah Arendt, “a igualdade e a liberdade excluem-se mutuamente, não podem existir lado a lado, a liberdade supõe que se reina sobre os outros e a igualdade de todos não passa da bem conhecida condição da tirania ou a ela conduz.”³⁴

Que a imposição da igualdade requer tirania é coisa que muitos socialistas também notaram quando viram a sua ideologia transformar-se em regime. É o caso do escritor comunista Arthur Koestler, que ao visitar a União Soviética ficou horrorizado com a forma como as nobres intenções do socialismo haviam sido completamente pervertidas pelo próprio regime comunista. “A nossa vontade era pura e dura, devíamos ser amados pelo povo”, registou uma personagem comunista de um dos seus romances mais célebres, “mas o povo detesta-nos. Porque somos assim tão odiosos e detestados? Levámos-vos a verdade e na nossa boca ela assumiu os ares de uma mentira. Levámos-vos a liberdade e nas nossas mãos ela parece um chicote. Levámos-vos a verdadeira vida e lá onde a nossa voz se elevou as árvores murcham e ouvimos o farfalhar das folhas mortas. Levámo-vos a promessa do futuro, mas a nossa língua gagueja e grita”³⁵. Pior, “em prol da justa repartição da terra nós deixámos deliberadamente morrer cerca de cinco milhões de camponeses com as suas famílias. Levámos tão longe a lógica na libertação dos seres humanos dos grilhões da exploração industrial que enviámos cerca de dez milhões de pessoas para os trabalhos forçados nas regiões árticas e nas florestas orientais em condições análogas às dos condenados às galeras na Antiguidade. Levámos tão longe a lógica que para resolver uma divergência de opiniões apenas conhecemos um argumento: a morte.”³⁶

Poder-se-ia pensar que a profunda perversão da ideologia levada a cabo pelo regime soviético se deveu apenas a uma errada interpretação ou aplicação dessas ideias. Tal argumento tem aliás sido invocado por muitos comunistas, para quem a ideologia socialista está correta e apenas a sua aplicação foi, por um ou outro motivo excecional e conjuntural, incorreta. A dificuldade deste raciocínio desculpabilizante é que ele ignora que a perversão da ideologia socialista é, com maior ou menor profundidade,

³⁴ Hannah Arendt, *Karl Marx*, Éditions Payot et Rivages, Paris, 2021, p.49.

³⁵ Arthur Koestler, *Le zéro et l'infini*, Calmann-Levy, Paris, 1991, p.78.

³⁶ *Idem*, p.194.

comum a *todos* os regimes socialistas, o que mostra que não se trata de um mero erro ocasional de interpretação ou de aplicação da ideologia, mas de um problema sistémico dentro da própria ideologia. “Insanidade”, terá dito Albert Einstein, “é fazer sempre a mesma coisa e esperar resultados diferentes.”³⁷

Este paradoxo de o comunismo enquanto regime realizar sistematicamente o contrário do que enquanto ideologia preconiza poderá ter a sua origem numa diferença fundamental entre liberais e socialistas. Enquanto os socialistas se preocupam muito com a forma como o homem deveria ser, os liberais parecem mais interessados na forma como ele é efetivamente. Para os socialistas é imperativo mudar tudo o que há de mal na natureza do ser humano, corrigir-lhe os vícios e os defeitos, melhorá-lo, torná-lo perfeito, criar enfim um homem novo que não ceda a egoísmos mesquinhos e que saiba partilhar irmãmente as riquezas da Terra num clima de paz e harmonia, assim acabando com a injustiça, a desigualdade, a miséria e o sofrimento.

A posição liberal, inspirada nas ideias de Bento de Espinosa, é crítica dessas tentativas de mudar a natureza do ser humano. “Os filósofos”, escreveu o filósofo judeu português e neerlandês que em Amesterdão assistiu ao nascimento do liberalismo e do capitalismo, “concebem os homens não como eles são, mas como gostariam que eles fossem”, algo que “pode ser confundido com uma quimera ou formado na utopia”. Os liberais aceitam que há muita coisa que se pode melhorar no ser humano, mormente através da educação e de medidas sociais bem dirigidas e calibradas, mas consideram que determinados aspetos são estruturais da natureza humana e não podem ser mudados; ignorar essa realidade é convidar ao desastre. Em vez de se tentar mudar a natureza do ser humano, que por lhe ser intrínseca é imutável, Espinosa defendeu que se deve reconhecer que “os vícios existirão enquanto os homens existirem” e que quem o reconhecer será “mais bem-sucedido”³⁸ na elaboração de um sistema político funcional. Já Maquiavel tinha de algum modo feito a mesma observação.

Veja-se o caso do egoísmo. Este comportamento é inerente à natureza humana e o tempo tem provado que não há forma de o erradicar, pelo que na perspetiva liberal o melhor é organizar a sociedade a contar com essa

³⁷ Frank Wilczek, “Einstein’s Parable of Quantum Insanity”, *Scientific American*, 23 de setembro de 2015, www.scientificamerican.com.

³⁸ Bento de Espinosa, *A Treatise on Politics*, Holyoake and Co, Londres, 1854, p.12.

característica imutável da humanidade. Quem tentar mudar o que não pode ser mudado, por exemplo que o homem é por natureza egoísta, está a elaborar em utopias que apenas desembocam em catástrofes onde se obtém o contrário do que se desejou, como Arthur Koestler constatou na União Soviética, justamente porque se decidiu ignorar a essência mais profunda do ser humano. Ou seja, em vez de tentar mudar o que acham que na realidade não pode ser mudado, os liberais entendem que se deve aceitar o homem tal como ele é, incluindo com os seus defeitos, e procurar alinhar a sua natureza real, incluindo esses mesmos defeitos, com o interesse comum para benefício da sociedade em geral.

As duas posições, a do socialismo e a do liberalismo, têm procurado sucessivas buscas de compromissos que envolvem amiúde, e em graus diferentes, misturas com outros sistemas de pensamento, sobretudo o nacionalismo e o conservadorismo. As ideias da igualdade de direitos e de oportunidades constituem uma herança conjunta dos ideários liberal e socialista que passou a fazer parte das modernas sociedades capitalistas – embora o liberalismo na sua essência estabeleça que o mérito conduz inevitavelmente a desigualdade de resultados e o socialismo na sua versão pura exija também igualdade nos resultados, independentemente do mérito.

Mitos e tabus sobre o fascismo

E onde se posiciona o fascismo nesta equação? A primeira coisa que é preciso dizer é que o fascismo, enquanto objeto de estudo académico e conceito da ciência política, tem de ser repensado. Isto porque durante décadas se instalou uma plêiade de mitos e tabus em torno do fascismo, e em particular do estudo das suas ligações doutrinárias com os diversos socialismos, que lançou sobre o assunto uma sombra censória com laivos de intolerância obscurantista. Estes mitos e tabus enraizaram-se profundamente no discurso ideológico, político e mediático sobre o fascismo e contaminaram a própria investigação académica. Tal postura é cientificamente inaceitável.

Como observou Emilio Gentile, um dos principais académicos italianos especializados na história do fascismo, o estudo do movimento de Benito Mussolini foi submetido a “preconceitos ideológicos”³⁹ que cuidaram de ocultar aspetos fundamentais do seu pensamento. Esses preconceitos,

³⁹ Emilio Gentile, *Le origini dell'ideologia fascista (1918-1925)*, Società Editrice Il Mulino, Bolonha, 2011, p.7.

constatou outro grande especialista italiano, Renzo de Felice, apenas serviram para “obscurecer o problema”⁴⁰, enquanto Gustavo Corni preferiu falar em “instrumentalização política”⁴¹ da análise e explicação do fascismo. Dizer a verdade não é atacar, é defender. Defender o conhecimento, defender o esclarecimento, defender a razão. Ninguém de boa-fé deve recear a verdade, mesmo que ela seja incômoda. Ou talvez sobretudo por isso. Como tão bem proclamou Espinosa, “não nos podemos satisfazer com nada que não seja a verdade.”⁴²

É importante perceber que sobre o fascismo foi estabelecido um consenso pelo discurso político e mediático, com a cumplicidade ativa de uma parte do discurso historiográfico, de que estamos perante uma ideologia maligna, genocida, racista, intolerante, brutal e militarista. O fascismo estaria situado nos antípodas do socialismo, esta sim uma ideologia benigna, pacifista, igualitária, tolerante e inclusiva. O socialismo é de esquerda, o fascismo de extrema-direita. O liberalismo, situando-se à direita, estaria consequentemente mais próximo do fascismo. Este é o consenso e de tal modo se encontra enraizado que autores como Ismael Campos, por exemplo, chegam mesmo a integrar o fascismo num “esquema liberal-totalitário.”⁴³

Desafiar o consenso é, e sempre foi, difícil. “Uma posição consensual pode arrastar para o seu lado os nossos julgamentos mesmo quando está errada e até quando os factos se encontram à frente da nossa cara”⁴⁴, observou a psicóloga Charlan Nemeth, que estudou justamente o poder do consenso em impor opiniões e a dificuldade em se exprimir uma dissensão que desafie o consenso. “Seja numa organização ou numa *start-up*, numa seita ou na gestão do condomínio de um prédio, observamos como o poder associado a uma necessidade de controlo se pode manifestar numa *hubris* e numa tendência para silenciar a oposição. Em vez de encorajarem uma cultura que acolhe diferentes perspetivas, tais líderes asseguram-se de que a dissensão não está presente – e se aparecer, que será punida.”⁴⁵

Um professor entra na sala de aula e combina com os alunos presentes pregar uma partida ao próximo estudante que entrar na sala. O professor vai

⁴⁰ Renzo de Felice, *Rosso e Nero*, 3ª edição, Baldini & Castoldi, Milão, 1995, p.101.

⁴¹ Gustavo Corni, *Fascismo – Condanne e revisioni*, Salerno Editrice, Roma, 2011, p.9.

⁴² Bento de Espinosa, *Ethics*, Wordsworth, Ware, 2001, p.223.

⁴³ Ismael Campos, “Repensar o Fascismo”, *Perspectivas – Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, 25 de novembro de 2009, p.242.

⁴⁴ Charlan Nemeth, *No! – The Power of Disagreement in a World that Wants to Get Along*, Atlantic Books, Londres, 2019, p.1.

⁴⁵ *Idem*, p.8.

mostrar uma imagem azul e quando interrogar os alunos sobre a cor da imagem, estes terão de dizer que ela é verde. Todos concordam. Um novo estudante entra na sala e o professor exhibe a imagem azul. A seguir questiona um a um os alunos com quem combinou a partida: de que cor é a imagem? É verde, diz um. É verde, diz outro. É verde, confirma o terceiro. É verde, reforça o quarto. É verde, diz também o quinto. Está estabelecido um consenso. A cada resposta, o estudante recém-chegado mostra-se admirado. Olha para a imagem azul. Olha para a cara dos colegas. Olha para o professor. Vê azul e todos dizem que é verde. O que raio se está a passar ali? De repente, à décima interpelação, o professor vira-se para o estudante recém-chegado e pergunta-lhe: de que cor é a imagem? O estudante engole em seco e responde. É... é verde.

Esta experiência já foi feita inúmeras vezes e de múltiplas formas, sempre com o mesmo resultado. Quando toda a gente diz uma coisa e sobre ela se estabelece um consenso, e mesmo quando se nos afigura evidente que essa afirmação está errada, a nossa tendência é alinhar pelo consenso. Porque o fazemos? A pesquisa nesta área foi inaugurada pelo psicólogo Solomon Ash e desenvolvida por muitos outros académicos que realizaram diferentes experiências, sempre à procura de respostas a essa pergunta. Os investigadores descobriram três motivos dominantes que explicam a adesão ao consenso. Primeiro, porque acreditamos que se todas as pessoas dizem a mesma coisa é porque sabem algo que eu não sei ou veem algo que eu não vejo. Tanta gente não pode estar errada. Em segundo lugar, porque queremos integrar-nos. Somos animais sociais e nada mais natural do que procurarmos pertencer a um grupo. Contrariar as ideias do grupo não é uma boa estratégia para nele ser aceite. E, em terceiro lugar, a razão mais importante: sofreremos consequências negativas se contrariarmos o consenso. Seremos apontados como diferentes, bizarros, anormais, e acabaremos ridicularizados ou até punidos. Eu vejo azul, mas se todos dizem verde e eu não quero ser marginalizado e pretendo continuar a ser aceite... é melhor alinhar na mentira.

O prego que se destaca é aquele que leva a martelada, reza o ditado japonês. A pesquisa científica confirma-o largamente. Stanley Schachter realizou em 1951 um estudo clássico sobre as consequências da dissensão. Este psicólogo social apresentou a um grupo de alunos o caso de um delinquente juvenil chamado Johnny Rocco que aguardava sentença por um crime menor. Schachter disse que o caso era real (não era) e pediu aos alunos

que o avaliassem numa escala de 1 a 7, sendo que 1 seria de total compreensão para com Johnny e 7 de total punição. A seguir apresentou o caso de Johnny de uma forma deliberadamente simpática. O rapaz era pobre, o pai negligenciava-o, a mãe gostava muito dele mas estava sobrecarregada de trabalho, ninguém o ajudava, na escola todos o molestavam... enfim, um rosário de desgraças. Como não sentir pena do coitado do Johnny Rocco? Como é previsível, todos os alunos avaliaram-no com uma nota de 2 ou, no pior dos casos, 3. Contudo, havia um aluno que estava secretamente articulado com o professor e esse aluno votou propositadamente no 7. O que aconteceu a seguir? Os restantes alunos começaram a questionar agressivamente o dissidente. Quando se tornou claro que este não ia mudar de opinião, os restantes cortaram toda a comunicação com ele. Um estúpido! Um radical! Nos dias seguintes o grupo entregou-lhe as piores tarefas. Quando por fim o professor levantou a possibilidade de alguém ter de sair do grupo, todos apontaram para ele. O dissidente tornou-se um pária. Não há dúvida, o prego que se destaca é aquele que leva a martelada.

O estudo de Stan Schachter foi repetido várias vezes em diversos países, sempre com o mesmo resultado. O dissidente acabou invariavelmente afastado e rejeitado. “O grupo impõe e mantém a conformidade”⁴⁶, concluiu Schachter. Diga-se o que se disser, ninguém gosta de alguém que vai contra o consenso, que questiona e que duvida, que problematiza e que contraria. A tendência natural dos seres humanos, impregnada na sua natureza de animais sociais, é punir a dissensão para a desencorajar. A coesão do grupo está acima de tudo. Não admira por isso que a generalidade das pessoas prefira posições de conformidade e evite expressar opiniões que vão contra o consenso estabelecido. Fazê-lo tem custos e ninguém o ignora. As pessoas preferem conformar-se a ficar sozinhas.

E, no entanto, a dissensão é fundamental para impulsionar o conhecimento. O consenso produz pensamentos únicos e uniformizados, e as pessoas, mesmo que inicialmente discordando em segredo, no seu esforço natural de se integrarem acabam por valorizar os argumentos a favor desse consenso e a certa altura já os defendem convictamente, mesmo que no início tivessem outra opinião. Uma espécie de auto-lavagem ao cérebro. Ora a dissensão contraria esse efeito de uniformização. A ciência progrediu

⁴⁶ Stanley Schachter, “Deviation, Rejection and Communication”, in Leon Festinger, Kurt Back, Stanley Schachter, Harold H. Kelley e John Thibault, *Theory and Experiment in Social Communication*, University of Michigan, Detroit, 1950, p.51.

quando Galileu desafiou o consenso e disse que a Terra se movia à volta do Sol. Galileu foi odiado e punido, mas o que ele fez revelou-se fundamental para o avanço do conhecimento. A ciência também progrediu quando Espinosa desafiou o consenso e publicou um livro a defender que a Bíblia não era um texto divino, que os eclesiastas manipulavam as superstições para controlar as pessoas e que a religião não devia interferir com a liberdade de pensamento. Espinosa foi odiado e caluniado, mas o que ele fez mostrou-se decisivo para o avanço das nossas sociedades e para a criação do moderno Estado de direito.

É preciso que alguém tenha razão antes do tempo para que todos vejam a razão a seu tempo. O progresso da ciência e da sociedade não se faz com pensamento conformista; faz-se com dissensão, com dúvida, com inquirição, com um permanente questionar do que damos como certo. O desafio ao consenso é o maior instrumento ao serviço do progresso. Os exemplos de Giordano Bruno, de Galileu, de Espinosa e de tantos outros que disseram o indizível e assim fizeram as pessoas questionar os dogmas e os tabus estabelecidos aí está para o provar.

Também a pesquisa o confirma. Experiência atrás de experiência mostra que as pessoas começam a pensar com maior independência sempre que alguém desafia o consenso. Não é uma questão de o consenso estar sempre errado e de a dissensão estar sempre certa. Há consensos corretos e há dissensões erradas. O valor da dissensão não está exclusivamente em ela estar ou poder estar correta, está também no facto de que ela encoraja as pessoas a pensarem pela sua cabeça. Os psicólogos registaram maior independência, criatividade e originalidade de pensamento sempre que numa experiência alguém entrou em dissensão. Mesmo que considerem que o dissidente está errado, ao serem confrontadas com opiniões distintas as pessoas do grupo analisam a questão em maior profundidade e ponderam-na de perspectivas que de outra forma nunca contemplariam, alargam os seus horizontes e aceitam explorar pensamentos diferentes, tornam-se mais informadas e acabam tendencialmente por usar mais o seu próprio juízo na avaliação de um assunto. O consenso afunila o pensamento, a dissensão alarga-o.

O pensamento ideológico, naturalmente próximo do pensamento religioso, não é um pensamento científico mesmo quando tem pretensões de tal. Os movimentos ideológicos exibem amiúde comportamentos de seitas, pois esforçam-se por dar respostas fechadas e impor soluções

inquestionáveis. Detestam as dissensões e quando elas surgem exercem uma forte pressão para as reprimir. Estigmatizam-se os dissensores, humilham-nos e demonizam-nos. Isto é feito por uma razão muito específica. É que os dissensores são perigosos. Porquê? Justamente porque, pelo simples facto de divergirem e de violarem o consenso, estão a encorajar as restantes pessoas a pensarem pela sua cabeça e a exprimirem também elas os seus pensamentos. Isso ameaça a ideologia dominante e o poder dos seus líderes. Uma coisa dessas não pode ser tolerada. É por isso que os dissensores têm de ser calados.

Na questão do fascismo, o que está em causa é desafiar um consenso imposto pelo discurso político, ideológico e mediático – desafio lançado por um crescente corpo científico e historiográfico que se desenvolveu sobretudo a partir da década de 1990. O problema é que a investigação académica, que tem trazido à luz do dia um grande número de dados que contrariam esse consenso político, ideológico e mediático sobre o fascismo, permanece na sua essência fora do discurso público. É até possível que muitos historiadores e cientistas políticos, sentindo a impopularidade de expor a dimensão socialista do fascismo e os riscos associados a contrariarem o consenso sobre uma questão tão explosiva como esta, evitem abordar o assunto ou então mantenham o resultado das suas pesquisas limitado a publicações especializadas apenas acessíveis a um público restrito, inibindo-se de levar ao grande público o que descobriram. Têm bons motivos para proceder assim. O prego que se destaca é aquele que leva a martelada.

O que nos remete para a questão dos tabus. É importante manter presente que, tal como as restantes áreas do conhecimento e do discurso público, a própria historiografia está sujeita a pressões para se conformar com o consenso ideológico instituído e até reforçá-lo. A influência da ideologia na historiografia é de resto amplamente reconhecida pelos próprios historiadores. “Não nos mostra a historiografia que os historiadores que nos precederam estavam sujeitos a múltiplos constrangimentos ideológicos, políticos e institucionais, proferindo julgamentos *a priori* e cometendo erros mais ou menos graves?”⁴⁷ questionaram os historiadores Guy Bourdé e Hervé Martin.

São justamente as pressões para forçar o consenso que conduzem aos interditos. A História encontra-se de tal modo impregnada deles que Marc

⁴⁷ Guy Bourdé e Hervé Martin, *Les écoles historiques*, Éditions du Seuil, Paris, 1983, p.392.

Ferro dedicou mesmo uma obra ao assunto. O grande historiador francês revelou que se interessou pela questão quando foi convidado para um programa de rádio sobre Joana D’Arc. A sua ideia era abordar nessa emissão um tema longamente silenciado pela historiografia francesa, a sensível questão da sexualidade da grande heroína nacional. Quando chegou a hora de falar, porém, “senti de repente a minha boca gelar-se, os meus lábios tremerem”. Ferro acabou por apenas conseguir papaguear o que o consenso político, ideológico, histórico e mediático impunha que se dissesse em França sobre Joana d’Arc. “Foi nesse dia que compreendi o que era um tabu”, confessou o autor de *Les Tabous de l’histoire*. Deve ter sido a primeira vez que um historiador admitiu abertamente ter-se proibido de abordar um tema pertinente da História devido a um tabu.

Entendem-se por tabus da historiografia aquelas matérias tão sensíveis que fazem parte daquilo que Ferro designou por “todos os silêncios da História”⁴⁸, factos históricos cuja existência é conhecida ou acessível aos historiadores, mas que nenhum ousa tocar ou enunciar para não se tornar o prego que leva a martelada. Na sua análise aos tabus da História, o historiador francês começou por abordar o “longo silêncio”⁴⁹ sobre a sexualidade de Joana d’Arc, e depois dedicou a sua atenção a outros silêncios, designadamente os tabus referentes à história de França, à história do cristianismo, à história do comunismo e às histórias da Primeira Guerra Mundial e da Segunda Guerra Mundial.

Os interditos relacionados com estes ou outros assuntos, notou Marc Ferro, chegam a durar décadas e até séculos. Veja-se o caso dos grandes motins e das execuções de soldados revoltosos entre as tropas aliadas em 1917, “um tabu só levantado quando, em nome da nação, o primeiro-ministro Lionel Jospin invocou em 1999 a memória dos motins”⁵⁰. Ou seja, este tabu só foi quebrado formalmente mais de oitenta anos depois, embora antes disso alguns ficcionistas tenham tocado no assunto. Ou veja-se o caso do silêncio imposto sobre o que aconteceu aos judeus franceses durante a Segunda Guerra Mundial, “um tabu que apenas em 2000 foi levantado pelo presidente da República, Jacques Chirac”⁵¹, mais de cinquenta anos depois dos acontecimentos. Antes disso, e mais uma vez, só alguns ficcionistas haviam violado o silêncio e abordado o tema, o que aliás ilustra bem a importância

⁴⁸ Marc Ferro, *Les Tabous de l’histoire*, Robert Laffont, Paris, 2013, p.11.

⁴⁹ *Idem*, p.12.

⁵⁰ *Ibidem*, p.42.

⁵¹ *Ibidem*, p.44.

do discurso artístico no desafio à institucionalização das omissões e falsidades no discurso político, ideológico, histórico e mediático.

A lista de tabus na historiografia é na verdade imensa. “Um outro tabu perpetuou-se”⁵², escreveu o historiador francês: “apenas o inimigo encarna o mal”⁵³. Em bom rigor, Marc Ferro parece neste caso confundir tabu com mito. A História está cheia de tabus, designadamente os silêncios sobre determinados assuntos que põem em causa a ordem política ou ideológica instituída, mas também de mitos, essas ideias falsas que se impõem como verdadeiras por conveniência dos mesmos poderes políticos e/ou ideológicos. Os tabus relacionam-se com as verdades silenciadas, os mitos com dogmas, ou seja, as falsidades ritualmente enunciadas para que se assegure a sua eternização e o consequente domínio do discurso político e/ou ideológico predominante.

Tabus e mitos estão ligados umbilicalmente entre si e por detrás deles esconde-se invariavelmente o poder estabelecido. “Torna-se claro que em política e em história muitos tabus relacionam-se com a origem das instituições que exercem autoridade sobre a sociedade”⁵⁴, observou Ferro, lembrando que quando Lorenzo Valla se atreveu a demonstrar em 1436 a falsidade da Doação de Constantino, um documento que conferia enorme poder ao papado, foi forçado a fugir para Nápoles. Logo aí se tornou cristalino que nos interditos o que está verdadeiramente em questão é o poder. Tabus e mitos servem sobretudo para tornar incontestável o poder do momento, seja ele político ou ideológico, e é justamente para o servirem e legitimarem que os interditos e as falsidades são criados e alimentados. Expressar esses tabus e contestar esses mitos é inaceitável para o consenso imposto no discurso político e/ou ideológico do momento, pois coloca em causa os seus interesses fundamentais, e quem o fizer poderá por isso esperar a punição.

As ideologias são também instituições e estão por isso repletas de mitos e tabus, tanto os que as enaltecem como os que demonizam as ideologias adversárias. Ferro não lidou diretamente com o caso do fascismo, em torno do qual o discurso político, ideológico, histórico e mediático ergueu toda uma plêiade de mitos e tabus, mas tocou de raspão no assunto quando abordou os casos de Vichy, o regime francês que colaborou com os nacional-

⁵² *Ibidem*, p.42.

⁵³ *Ibidem*, p.43.

⁵⁴ *Ibidem*, p.19.

socialistas alemães, e da resistência francesa à ocupação alemã durante a Segunda Guerra Mundial. “Na história desta guerra é habitual considerar-se que ‘Vichy era de direita e a resistência de esquerda’”, notou Ferro. Ora isso não passa de mais um mito e questioná-lo tornou-se tabu em França. A verdade é que o regime de Vichy estava cheio de socialistas, desde Doriot a Déat, Bergery, Spinasse, Belin e Dumoulin, tendo até criado associações socialistas colaboracionistas como a Ligue de la pensée française, enquanto a resistência antinazi se apresentava repleta de nacionalistas e de monárquicos, como De Gaulle, De Lattre, De Tassigny, Leclerc, Montsabert, Michelet, Colette, Roy, Debu-Bridel, Cordier e Morgan, embora estes “nunca tenham sido apresentados como tal.”⁵⁵

Uma forma reveladora de encarar os mitos e tabus sobre o regime pró-nazi de Vichy e a resistência antinazi é pelas lentes do dreyfusismo e do anti-dreyfusismo, uma divisão histórica na política francesa entre os que defendiam Dreyfus, em geral socialistas que se opunham à discriminação dos judeus, e os que eram contra Dreyfus, em geral nacionalistas considerados antissemitas. Em 1940 ainda havia muitos dreyfusistas e anti-dreyfusistas em França. A ideia que se perpetuou no discurso histórico, político e mediático foi a de que os vichystas pró-nazis eram nacionalistas anti-dreyfusistas e os resistentes antinazis seriam socialistas dreyfusistas. “Ora esse não é necessariamente o caso”⁵⁶, observou Ferro, apontando para dreyfusistas como Laval, Lagardère, Hermant, Châteaubriand e Alain, todos eles associados ao regime pró-nazi de Vichy. “Espero que a Alemanha vença”, escreveu em 1940 o filósofo Émile-Auguste Chartier, conhecido por Alain, um pacifista e dreyfusista histórico, para concluir: “é relevante que a guerra se torne numa guerra judaica que fará milhares de milhões e também os seus Judas Macabeus”⁵⁷. Já os anti-dreyfusistas eram na realidade predominantemente antinazis.

Isso explica aliás por que razão no período de Vichy não se publicaram em França livros nem artigos contra o oficial judeu Dreyfus, quando seria de esperar o contrário dado o antissemitismo dos nazis com quem Vichy colaborava. “É também tabu constatar que tantos dreyfusistas se tornaram colaboracionistas ou vichystas, o que testemunha a opacidade da divisão direita/esquerda e sobretudo esconde o facto de que os apologistas dos

⁵⁵ *Ibidem*, p.47.

⁵⁶ *Ibidem*, p.48.

⁵⁷ Simon Epstein, *Les Dreyfusards sous l'Occupation*, Albin Michel, Paris, 2001, p.222.

direitos do homem que defendiam Dreyfus de uma condenação iníqua eram também pacifistas e que é esse pacifismo que explica a sua atitude entre as duas guerras, a sua vontade de se entenderem a qualquer custo com Hitler”⁵⁸, registou Ferro. Ou seja, os pacifistas da área socialista tornaram-se colaboracionistas com os nazis, assunto que se tornou absoluto tabu em França no pós-guerra.

São justamente os mitos e tabus, neste caso relacionados com o fascismo, que nos cabe desmontar e quebrar neste texto. Como tantas vezes acontece, e Marc Ferro o demonstrou, a expressão do interdito e a desconstrução do falso começa pelo discurso artístico. No caso desta tese, estão em causa os mais importantes mitos políticos do último século, matéria sensível do âmbito de convicções ideológicas tão emocionalmente profundas que se diria pertencerem já ao domínio da fé religiosa. Não é impunemente que ideias feitas e preconceitos de tal modo enraizados na nossa cultura são questionados de maneira tão frontal e crua, até mesmo brutal, pelo que se torna inevitável que uma dissecação desta natureza atraia o opróbrio dos crentes ofendidos e o autor do infame sacrilégio seja sujeito ao enxovalho.

Em tempos idos tal tratamento estaria reservado a quem questionasse o clero, pusesse em dúvida os dogmas da Igreja ou desmontasse a figura de Jesus. Galileu e Espinosa que o digam. Hoje, criticar Cristo ou a Igreja tornou-se uma banalidade. A verdadeira coragem nos tempos que correm não está em escarpelizar as religiões tradicionais, mas as religiões políticas, e em particular as intolerantes. É aí que se situam os tabus contemporâneos, pois os projetos de poder dessas ideologias dependem precisamente da perpetuação de tais tabus. “Os cismas não têm na sua origem o amor pela verdade”, percebeu Bento de Espinosa, “mas um violento desejo de dominação, o que prova, mais claro do que o sol do meio-dia, que os verdadeiros cismáticos são antes aqueles que condenam os escritos dos outros e contra eles animam a revolta da turba incontrolável”⁵⁹. No passado os investigadores heréticos estariam destinados à fogueira. Ou aos *lager*, aos *gulag* ou aos *laogai*. Não se podendo hoje seguir abertamente esse caminho, optou-se pelos métodos persecutórios da inquisição moderna – o *bullying* e as tentativas de intimidação e de humilhação.

⁵⁸ Marc Ferro, *op. cit.*, 2013, p.48/49.

⁵⁹ Bento de Espinosa, *Theological-Political Treatise*, Anodos Books, Whithorn, 2019, p.153/154.

Lembrando que “tão natural na humanidade é a intolerância”⁶⁰, foi John Stuart Mill, no seu célebre ensaio *Sobre a Liberdade* em defesa da liberdade de pensamento e expressão, quem observou que “a máxima de que a verdade triunfa sempre sobre a perseguição é uma dessas falsidades agradáveis que os homens gostam de repetir até que se tornam lugares-comuns, mas que toda a experiência refuta”, pois “a história ferve de exemplos em que a verdade foi suprimida pela perseguição”⁶¹. Já dois séculos antes Espinosa tinha chamado a atenção para a ameaça que constitui o ataque à livre expressão. “Os verdadeiros perturbadores da paz são aqueles que, num Estado livre, tentam impedir a liberdade de julgamento”⁶², estabeleceu aquele que foi um dos fundadores dos princípios que conduziram ao moderno Estado de direito, lembrando que a “liberdade é absolutamente necessária para o progresso na ciência.”⁶³

Também Mill considerou “imperativo que os seres humanos sejam livres de formar opiniões e expressá-las sem reserva”⁶⁴, mas é interessante observar que este princípio, embora não suscite desacordo de ninguém sempre que apresentado desta forma geral, quando aplicado à prática desencadeia amiúde sucessivas manifestações da tal intolerância “tão natural na humanidade.” Este tema revelou-se aliás muito caro a George Orwell. O grande escritor socialista britânico dedicou várias obras ao assunto, incluindo o icónico romance *1984* de denúncia do totalitarismo comunista. “Será que cada opinião, mesmo muito impopular ou absurda até, tem o direito a ser expressa?”, perguntou Orwell em 1945. “Assim colocadas as coisas quase todos os intelectuais ingleses sentem-se obrigados a dizer ‘Sim’. Mas deem-lhe um formato concreto e perguntem: ‘E uma crítica a Estaline? Pode ser expressa?’ E frequentemente a resposta é ‘Não’. Neste caso a atual ortodoxia é desafiada e o princípio da liberdade de expressão evapora-se.”⁶⁵

Foi precisamente por isso que Mill alertou para a “atmosfera geral de escravidão mental” imposta pelo “despotismo mental”⁶⁶, dizendo que “embora nós agora não inflijamos tanto mal àqueles que pensam diferentemente de nós como antigamente acontecia, é possível que façamos

⁶⁰ John Stuart Mill, *On Liberty*, Penguin Books, Londres, 2010, p.15.

⁶¹ *Idem*, p.42/43.

⁶² Bento de Espinosa, *op. cit.*, 2019, p.154.

⁶³ *Idem*, p.152.

⁶⁴ John Stuart Mill, *op. cit.*, 2010, p.81.

⁶⁵ George Orwell, “The Freedom of the Press”, *The New York Times*, 8 de outubro de 1972.

⁶⁶ John Stuart Mill, *op. cit.*, 2010, p.51.

tanto mal a nós próprios quanto continuamos a fazê-lo aos outros”⁶⁷ que pensam diferente, pois pelos processos inquisitoriais modernos acabamos por inibir a livre circulação de ideias que rompem com a norma estabelecida. É especificamente essa pulsão censória contra o pensamento diferente ou inovador que está por detrás do autoritarismo. “Quanto menos se dá aos homens a liberdade de pensamento”, notou Espinosa, “mais nos afastamos da condição natural da humanidade e conseqüentemente mais o governo se torna tirânico.”⁶⁸

É perfeitamente natural que se pague um preço quando se desafia um dogma imposto por um setor ideológico dominante e é sobretudo desejável que todas as ideias sejam discutidas, mas não se pode ignorar que as modernas campanhas de insultos ataçam o ódio contra quem foge à ortodoxia estabelecida por cometer o simples crime de mostrar o que está escondido. O uso do insulto contra quem questiona os mitos e dogmas expõe com clareza a pulsão autoritária e censória dos guardiães do tabu, ou seja, de quem deseja manter intocável tal mito sagrado como se de um verdadeiro dogma religioso se tratasse. Já quem usa a razão não precisa do insulto, pois pela simples força dos argumentos racionais a verdade se impõe com naturalidade.

É justamente para evitar que a verdade seja suprimida pelo negacionismo que as pessoas de pensamento livre não se podem deixar atemorizar. A verdade não é de esquerda nem de direita, a verdade é a verdade. Os seres humanos procuram “viver na verdade”⁶⁹, proclamou Václav Havel, para quem dizer em voz alta o que os outros não podem ou não se atrevem a dizer é a marca de um dissidente. É sobretudo a marca de quem não renega o seu dever de questionar e o seu direito de exercer a liberdade. “Se a liberdade significa alguma coisa”, escreveu Orwell, “significa o direito de dizer às pessoas o que elas não querem ouvir”⁷⁰. Até porque, como sustentou Thomas Mann, “a longo prazo uma verdade desagradável é melhor do que uma mentira útil”⁷¹. Mesmo sendo inconveniente ou desagradável ou simplesmente inoportuna, e por mais pressões que se faça para que seja

⁶⁷ *Idem*, p.48.

⁶⁸ Bento de Espinosa, *op. cit.*, 2019, p.153.

⁶⁹ Václav Havel, *Living in Truth – 22 Essays Published on the Occasion of the Erasmus Prize to Václav Havel*, Faber & Faber, Londres, 1990.

⁷⁰ George Orwell, “The Freedom of the Press”, *The New York Times*, 8 de outubro de 1972.

⁷¹ Katharine Bail Hoskins, *Today the Struggle – Literature and Politics in England During the Spanish Civil War*, University of Texas Press, Austin, 2014, p.102.

silenciada, a verdade tem de ser libertada de todas as amarras e enunciada aos quatro ventos se necessário for, e por uma razão muito simples – *porque é a verdade*.

O livre pensamento não deve ser restringido por um colete-de-forças de interesses políticos e a investigação não pode estar sujeita a espartilhos ideológicos nem ser impedida de colocar em causa verdades instituídas, verdades que, quando devidamente dissecadas, se revelam construções míticas, se não mesmo meros expedientes políticos. Questionar verdades instituídas não é só um direito, é um dever. Pouco interessa que uma corrente política seja santificada e outra diabolizada pelo consenso do momento; a única coisa que importa é o que nos revelam os factos apurados, mesmo quando eles desafiam a ortodoxia e requerem coragem para serem expostos. “A cobardia intelectual”, escreveu ainda Orwell, “é o pior inimigo que um escritor ou um jornalista tem de enfrentar”⁷². Isto é válido para todos os que lidam com a busca e difusão do conhecimento. Ao académico cabe concentrar-se na verdade, tal como a capta, concebe e interpreta, independentemente das conveniências e da censura social ou ideológica, e ao romancista cabe expô-la de uma forma transparente e interessante sob as roupagens da ficção. Todos, académicos e romancistas, tal como os jornalistas, têm o dever de pôr constantemente em questão o que pensamos saber, desenterrar os factos e ir até onde eles os levam. Mesmo que os conduzam aos sítios mais inconvenientes. Como é este caso.

A ideia desta tese, convém esclarecer logo à partida, não é mostrar o que já sabemos sobre o fascismo. Para isso existem outros estudos. O que nos propomos aqui fazer é antes mostrar o que, sendo verdadeiro, não nos é dito nem nos é autorizado dizer no discurso político e mediático – e apenas começa a aparecer no discurso académico e historiográfico, que não é frequentado pelo grande público. Chegou, pois, a hora de desmontar os mitos e de quebrar os tabus.

Vamos então falar a sério sobre o fascismo – e especificamente sobre o grande tabu imposto à exposição da natureza e dimensão socialista dessa ideologia.

⁷² George Orwell, “The Freedom of the Press”, *The New York Times*, 8 de outubro de 1972.

O problema do fascismo

Muito se fala sobre o fascismo, dizendo-se que esta ou aquela ideia, este ou aquele movimento, este ou aquele político, são fascistas. Quando a análise se torna mais fina, porém, fica claro que a maior parte das pessoas que falam sobre o fascismo não sabe o que o fascismo realmente foi ou é. O próprio Mussolini constatou que, fora de Itália, “o grande público encontra-se na ignorância ou tem do fascismo uma noção superficial”⁷³. A confusão evoluiu

⁷³ Benito Mussolini, “Prefazione a ‘Gli aspetti universal del fascismo’”, 5 de junho de 1927, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXIII: Dal discorso dell’ascensione agli Accordi del Laterano*, La Fenice, Florença, 1957, p.2.

a um ponto em que se apelidam até de fascistas movimentos com ideologias contraditórias.

A expressão é sobretudo usada por socialistas que passaram a designar por fascista toda e qualquer ideia ou movimento de que não gostam, em particular quando tal ideia ou movimento tem uma natureza nacionalista ou até liberal. “A palavra fascismo já não tem qualquer sentido a não ser que significa ‘algo de indesejável’”⁷⁴, observou Orwell com grande acuidade, para lançar a mãe de todas as perguntas: “se já não sabemos o que o fascismo é, como podemos lutar contra o fascismo?”⁷⁵ Esta pergunta, feita apenas um ano depois do fim da Segunda Guerra Mundial, continua a ser hoje tão pertinente como o era em 1946.

Na verdade, fica-se mesmo com a impressão de que o discurso político e mediático contemporâneo sobre a chamada extrema-direita tende a achar que qualquer movimento nacionalista é por definição fascista. Ora isso implicaria que os movimentos separatistas/independentistas, que têm uma inevitável base de nacionalismo, acabassem todos definidos como fascistas. Os nacionalistas catalães que querem a independência em relação a Espanha seriam fascistas, os nacionalistas espanhóis que se opõem à independência da Catalunha seriam fascistas, os nacionalistas timorenses que conseguiram a independência em relação à Indonésia seriam fascistas, os nacionalistas franceses que lutaram contra os nazis para libertar a França seriam fascistas.

Ora se é certo que todos os fascismos são nacionalistas, não é menos certo que nem todos os nacionalismos são fascismos pois é um evidente absurdo considerar que o fascismo se limita ao nacionalismo. Se assim fosse não precisaríamos de lhe chamar fascismo; bastaria chamar-lhe nacionalismo. Para classificar uma ideologia ou um movimento ou um regime como fascista é pois manifestamente necessário algo mais, algo que esteja para além do nacionalismo, algo que transcenda o nacionalismo para se transformar em fascismo.

Quadro metodológico

O estudo da história intelectual do fascismo enquanto ideologia, pois é disso que estamos aqui a tratar, tem de assentar essencialmente numa metodologia de análise de conteúdo, também designada por análise textual

⁷⁴ George Orwell, “Politics and the English Language”, in George Orwell, *Why I Write*, Penguin Books, Londres, 2004, p.109.

⁷⁵ *Idem*, p.119.

qualitativa. Este método destaca matérias semânticas e dá atenção ao conteúdo latente, sendo formado por técnicas para ler e interpretar o conteúdo dos documentos escritos de modo a estabelecer sentidos relacionados com o momento histórico em que esses textos foram produzidos.

É preciso começar por compreender que fazer a história intelectual de uma ideologia é um desafio diferente de fazer a história de um qualquer acontecimento ou período. Isso acontece essencialmente devido ao estatuto muito peculiar que os documentos assumem neste tipo específico de historiografia. Enquanto habitualmente no estudo da história os documentos são encarados como fontes com descrições mais ou menos exatas de um acontecimento, de certo modo na história intelectual de uma ideologia o acontecimento é o próprio conteúdo dos documentos.

Como se sabe, na investigação histórica tradicional nunca existe verdade provada de um acontecimento, apenas verdade provável, pois não é possível testar experimentalmente que um acontecimento tenha existido ou que tenha existido *daquela* forma. O sonho positivista da descrição dos acontecimentos históricos *wie es eigentlich gewesen ist*, “como realmente aconteceram”⁷⁶, na famosa formulação de Leopold von Ranke, não passa disso mesmo, um sonho. Na história intelectual de uma ideologia, porém, é possível provar um acontecimento na exata medida em que o conteúdo do documento é o acontecimento e, assim sendo, se o documento existe é porque o acontecimento existe. Posso duvidar da sinceridade do ódio ou do amor que Mussolini tinha aos seus antigos correligionários e rivais do Partido Socialista Italiano, por exemplo, mas não posso duvidar que existe um texto onde Mussolini afirma que o fascismo estava a praticar “o único socialismo possível.”⁷⁷

Na história intelectual de uma ideologia, repete-se, o conteúdo do documento onde a ideologia é enunciada é o acontecimento. Esta é uma especificidade própria deste tipo de historiografia ou de tema da ciência política. Não interessa tanto se o que um texto diz é verdadeiro ou falso, o que interessa é o facto de o texto existir e de dizer determinada coisa. Por exemplo, *O Manifesto Comunista* começa por afirmar que “a história de

⁷⁶ Helga Griffin, “Not the Way It Essentially Was”, *The Journal of Pacific History*, Volume 28, nº1, junho de 1993, p.68.

⁷⁷ Yvon de Begnac, *Tacchini mussoliniani*, Società Editrice Il Mulino, Bolonha, 1990, p.536.

todas as sociedades que existiram é a história das lutas de classes”⁷⁸. Esta declaração é relevante, não por ser verdadeiro ou falso que a história de todas as sociedades se reduza mesmo à história das lutas de classes, mas justamente por *O Manifesto Comunista* existir e por os seus autores afirmarem que a história de todas as sociedades é a história das lutas de classes e assim estabelecerem um enunciado fundamental da sua ideologia e interpretação do mundo. Da mesma maneira, quando ideólogos fascistas afirmam em múltiplos textos que eles próprios são socialistas e que o fascismo é o único “socialismo viável”⁷⁹, numa história intelectual do fascismo não interessa se é ou não verdadeiro que os fascistas eram de facto socialistas ou que o fascismo era ou não o único socialismo viável. O que interessa é que os fascistas se afirmavam socialistas e entendiam o fascismo como o único socialismo viável e que, ao proclamá-lo, estavam a estabelecer um enunciado fundamental da sua ideologia e interpretação do mundo.

É o fascismo uma ideologia verdadeiramente socialista? Responder a essa pergunta requer que primeiro se defina o que é o fascismo e o que é o socialismo, sendo que as perspetivas mudam em função dos diferentes agentes ideológicos. Por exemplo, Proudhon achava que o seu socialismo era o verdadeiro socialismo, mas o mesmo achavam Marx e Engels, Bernstein, Bakunin, Sorel, Lenine ou Mussolini das suas próprias concepções do socialismo. Mais, cada um acusava os outros de terem falsas concepções do socialismo ou de nem sequer serem socialistas. Basta ver as virulentas polémicas entre Marx e Proudhon, Bernstein e Sorel, Lenine e Kautsky, Mussolini e Turati.

O investigador pode ter uma opinião quanto ao assunto, com certeza, mas sem uma definição operacional não tem maneira de determinar qual o verdadeiro socialista ou qual o verdadeiro socialismo, pois está a lidar com um conceito que é assumidamente uma construção ideológica. Perante esta realidade, a única coisa que o investigador pode incontestavelmente fazer é estabelecer que todos estes homens se diziam socialistas e determinar o que entendiam eles por socialismo, eventualmente classificando cada um desses

⁷⁸ Karl Marx e Friedrich Engels, *The Communist Manifesto*, Penguin Books, Londres, 2015, p.2.

⁷⁹ Benito Mussolini, “Alle camicie nere della brigata nera Resega”, 14 de outubro de 1944, in Benito Mussolini, *La democrazia dalle pance piene – Scritti e discorsi della Repubblica Sociale Italiana*, Edizione FPE Milano, Milão, 1967, p.52; Benito Mussolini, “Soliloquio in ‘libertà’ all’isola Trimellone”, 20 de março de 1945, *idem*, p.95/96.

entendimentos e comparando-os com os entendimentos de outros agentes ideológicos. Só assim é possível começar a fazer a história intelectual de uma ideologia.

Consequentemente, quando se afirma que o fascismo é uma ideologia socialista, o que em rigor se está a dizer é que o fascismo *se apresentava* como uma ideologia socialista. Se o era realmente ou não é uma questão que, sem definições operacionais que estabeleçam balizas verificáveis, se encontra para lá das competências do investigador. Os críticos do fascismo negam ao fascismo a pretensão ao socialismo, e tal negação é absolutamente legítima, da mesma maneira que os fascistas negavam aos bolcheviques a pretensão ao socialismo, e tal negação é também inteiramente legítima, mas sem definições operacionais não consegue o investigador apurar quem tem ou não razão em tal debate. O investigador pode e deve ser um juiz no que diz respeito aos factos, por exemplo ao determinar ser verdadeiro que Marx e Engels redigiram *O Manifesto Comunista* e falso que Mussolini redigiu *O Capital*, e pode e deve ser juiz quando as definições operacionais estão estabelecidas, se antissemitismo é perseguir judeus então Hitler era antissemita, mas não tem modo de o fazer quando lida com conceitos ideológicos e até emocionais de uma arbitrariedade tal que não é possível estabilizá-los.

Quando por exemplo tentamos determinar o que é exactamente o socialismo entramos no domínio da interpretação, uma vez que socialismo significa coisas diferentes para pessoas diferentes. Convém recordar que os comunistas russos afirmavam serem eles os verdadeiros socialistas e acusavam todos os outros de serem falsos socialistas, enquanto os socialistas alemães, os trabalhistas britânicos e os fascistas italianos acusavam os comunistas russos de serem, eles sim, falsos socialistas e de na verdade destruírem o socialismo. Em bom rigor, todos se acusavam mutuamente de não serem verdadeiros socialistas e reivindicavam para si mesmos a prática do único socialismo verdadeiro e/ou viável. Quem tinha razão? Sem definições operacionais, não pode o investigador decidir.

Não quer isto dizer, sublinhe-se, que o investigador não tenha opinião. Tem-na, e ela está presente a cada passo do processo de exumação do passado, desde a definição do objeto de estudo até à seleção das fontes, ao estabelecimento dos factos relevantes, à interpretação desses factos e à sua exposição. Por exemplo, os textos de Mussolini são fonte adequada para entender a ideologia fascista? O investigador pode achar que sim, e neste

caso concreto essa opinião será decerto consensual, mas não deixa de ser uma opinião. Se o investigador não é um juiz, é um facto que ele exerce juízo e que, desde que compreenda a época e o tema, trabalhe com definições operacionais e não use padrões anacrónicos para avaliar o seu objeto de estudo, pode e deve tirar conclusões interpretativas.

Quando falamos de interpretações, contudo, temos de ter o cuidado de esclarecer o que esse conceito quer dizer no quadro de um estudo sobre a história intelectual de uma ideologia. Para o perceber, regressemos ao exemplo do socialismo. Que Lenine se dizia socialista é um facto, que Lenine era realmente socialista é uma interpretação. Com os fascistas é a mesmíssima coisa. Que Mussolini se dizia socialista é um facto, que Mussolini era realmente socialista é uma interpretação. Ao falar em interpretação, porém, convém destrinçar duas categorias situadas em planos diferentes.

A primeira categoria encontra-se no plano da interpretação dos atores políticos. Lenine dizia-se socialista, Kautsky e Mussolini entendiam que o que Lenine dizia ou fazia não era verdadeiro socialismo. Mussolini dizia-se socialista, Kautsky e Turati afirmavam que o que Mussolini dizia ou fazia não era verdadeiro socialismo. E assim por diante. As interpretações dos atores políticos decorrem no quadro do combate político, sendo perfeitamente natural que fações políticas rivais troquem acusações mútuas de heresia e façam as interpretações que mais lhes convêm, acreditando ou não nelas.

Já a segunda categoria de interpretação situa-se no plano puramente académico. Como procede um investigador para, por exemplo, perceber se o fascismo era ou não uma ideologia socialista? Terá primeiro de determinar o que é o fascismo, estabelecendo para isso uma definição operacional que depois possa usar como um instrumento de aferição. Chega-se a essa definição pelo método indutivo, observando a realidade para lhe extrair os traços dominantes e pertinentes, e uma vez a definição estabelecida procede-se pelo método dedutivo, determinando quais os movimentos, regimes ou ideologias que, pelas suas ideias e/ou ações, se inserem nessa definição.

Por outro lado, e regressando ao problema das fontes e da hermenêutica, seria errado pensar que na história intelectual de uma ideologia o acontecimento se limita ao conteúdo dos documentos nos quais a ideologia é exposta. Se a ideologia influencia a realidade, a realidade também influencia a ideologia. Quer isto dizer que os textos de uma ideologia

emergem de certas circunstâncias, surgem em resposta a determinados acontecimentos e frequentemente são produzidos com intenção de gerar novos acontecimentos, como é inerente aos textos de natureza política e/ou ideológica, pelo que os acontecimentos que os contextualizam são igualmente importantes para a compreensão desses documentos e da ideologia que os produziu. Se o conteúdo do documento é o acontecimento, nem todos os acontecimentos relevantes para compreender a ideologia são o conteúdo do documento.

Sim, Mussolini rompeu em 1914 com o Partido Socialista Italiano por defender a entrada de Itália na Grande Guerra e a partir daí começou a exprimir-se e a escrever sucessivos textos contra o partido. Mas em que circunstâncias o fez? Para o compreender, temos de aceder a textos que estão para além desses textos, designadamente os de Marx e Engels a preconizarem a violência e a guerra como meios para a revolução socialista e a estabelecerem o carácter internacionalista do proletariado, e os de outros autores socialistas que discutiam os mesmos temas abordados por Mussolini. Mas também temos de aceder a informação de acontecimentos como a euforia popular em Itália pelas vitórias na guerra pela Tripolitânia, a eclosão da Grande Guerra e o pronunciamento nacionalista então feito pelos socialistas europeus supostamente internacionalistas, a consequente crise do socialismo internacionalista e a visão do proletariado como profundamente nacionalista, acontecimentos extratexto que foram cruciais para que Mussolini tivesse proferido os seus pronunciamentos críticos para com o PSI e com esse seu partido tivesse entrado em rotura.

Como observou Henri-Irénée Marrou, a pesquisa, compreensão e exploração de documentos é a forma como o historiador constrói uma resposta à pergunta que formulou. Qual é, neste caso, a pergunta por detrás desta tese? É esta: tem ou não o fascismo origem no marxismo? A resposta à pergunta que orienta esta investigação à história intelectual do fascismo tem de ser procurada nos documentos originais e nos acontecimentos que envolveram a respetiva produção. Para tal, terá de ser praticada uma heurística, com busca e seleção de fontes adequadas, e uma hermenêutica, com uma crítica dessas fontes que permita determinar as competências dos seus autores e interpretar os seus testemunhos. Para criticar um documento é preciso compreendê-lo e tal envolve necessariamente uma interpretação do seu sentido, estabelecendo até uma arqueologia dos conceitos ideológicos e respetiva evolução.

Uma vez determinado que os textos assinados pelos ideólogos e políticos fascistas e socialistas são autênticos, como é próprio de uma crítica hermenêutica externa, é preciso proceder a uma crítica hermenêutica interna desses textos, isto é, determinar o seu conteúdo, o que os seus autores disseram e quiseram efetivamente dizer, em que contexto o fizeram e para quem o fizeram, quais as suas motivações, como se leem os textos no contexto histórico, político, cultural e ideológico em que foram produzidos e como se confrontam esses documentos com outras fontes. Porque foi um texto produzido, com que intenções e qual o efeito que teve a sua publicação? Não interessa só o que o texto diz mas, conforme observou Marc Bloch, interessa também o que “o texto dá a entender sem ter tido a intenção de dizê-lo”⁸⁰. Sendo certo que, como salientou E. H. Carr, “nenhum documento nos pode dizer mais do que aquilo que o seu autor pensou – o que ele pensou que aconteceu, o que ele pensou que devia acontecer ou que aconteceria, ou talvez só o que ele quis que outros julgassem que ele pensou, ou mesmo só o que ele próprio pensou que tinha pensado.”⁸¹

O *corpus* documental de uma investigação à história intelectual de uma ideologia é, pois, constituído pelos textos pertinentes à compreensão dessa história e dessa ideologia. Esses textos terão de ser desconstruídos em busca de fios condutores e linhas de força que nos permitam chegar à genealogia das ideias professadas por essa ideologia, de modo a que se desenvolva um metatexto que revele os significados mais profundos dos documentos e se estabeleça uma nova ordem interpretativa sobre o seu sentido. Os textos são classificados em categorias que servem de unidades de análise de modo a estabelecer uma fundamentação teórica do tema. Isso implica operações analítico-sintéticas e interpretações que arrumem os factos apurados de uma forma coerente e encadeada. Em geral a análise de um acontecimento envolve a avaliação da autoridade das fontes, da sua credibilidade e força de argumentação, enquanto a síntese constitui a dedução geral dos fenómenos estabelecidos na análise. Ou seja, os fenómenos são sujeitos a análise e essa análise permite elaborar uma síntese que abre novas pistas para outros problemas.

Assim, se conseguirmos estabelecer que o fascismo tem efetivamente origens no marxismo, o ponto de partida desta tese, colocar-se-á

⁸⁰ Marc Bloch, *Introdução à História*, Publicações Europa-América, Mem Martins, s/d, p.59.

⁸¹ E. H. Carr, *O Que É a História? – Palestras Proferidas na Universidade de Cambridge*, Gradiva, Lisboa, s/d, p.14.

inevitavelmente a seguir o problema de determinar se alguma vez o fascismo deixou de ser marxista e, em caso afirmativo, quando e como isso aconteceu e ainda em que é que o fascismo se transformou e porquê. Mais uma vez, começa-se com o método indutivo, analisando cada texto para estabelecer princípios gerais, a tal síntese, e depois procede-se segundo o método dedutivo, partindo dos princípios gerais da síntese para deduzir fenómenos e, quando possível, até previsões. Só assim é possível desenvolver a história intelectual de uma ideologia.

Naturalmente que a abordagem da origem marxista do fascismo, até por causa da sua inquestionável e evidente sensibilidade política e ideológica, requer cuidados especiais. O primeiro desses cuidados parte da compreensão de que a investigação deste tema obriga ao estabelecimento de um conjunto de factos que têm de ser analisados em função de quadros interpretativos, como é natural em pesquisas desta natureza, o que remete para um certo grau de intersubjetividade entre o analista e o tema que está a analisar.

Neste contexto, o primeiro e imprescindível passo a dar relaciona-se com o já mencionado problema das definições operacionais. Falar sobre um conceito implica perceber primeiro do que se está realmente a falar, uma vez que fascismo não é o que cada um de nós quiser. Dizer que o fascismo é a ideologia da guerra e da violência, que é uma encarnação do mal, que é militarista, que é o culto do ódio, que é um instrumento do capitalismo, que é irracional, que resulta de uma crise moral, que é populista, que é antissemita, que é racista, que assenta em mitos, que é bárbaro e desumano, que é um produto da pequena burguesia ou que é o resultado da repressão sexual, para citar de cor diversos exemplos dominantes no discurso político e mediático e presentes também em alguma historiografia, em bom rigor carece de validade como tipologia e de interesse como taxonomia. De pouco serve para nos levar a uma definição do fenómeno.

O fascismo envolve a violência, sim, mas é esse um traço definidor? Quando habitantes de um país colonizado fazem guerra aos colonizadores, assim recorrendo à violência, isso faz deles fascistas? Quando um transeunte resiste com violência a um ladrão que lhe tenta roubar a carteira, isso faz dele fascista? Quando Marx defende o uso amplo da violência na revolução, isso faz dele fascista? Quando um consumidor compra produtos numa sociedade capitalista de consumo, isso faz dele fascista? Quando uma pessoa se sente sexualmente reprimida, isso faz dela fascista? Quando um nacionalista de Edimburgo defende a independência da Escócia, isso faz dele fascista?

Todas as ações e produtos da pequena burguesia são fascistas? Uma pessoa que tenha comportamentos que nos parecem irracionais é fascista? Um gato que usa a violência para caçar um rato é fascista? Isto não são definições. São adjetivações, retóricas moralistas e generalizações sem limite. Ora num discurso científico as adjetivações e as retóricas moralistas carecem de sentido e as generalizações sem limite de utilidade.

O problema de uma parte da historiografia e da generalidade do discurso político e mediático sobre o fascismo começa na incapacidade de apresentar uma definição que seja operacional. Tal resulta amiúde de uma tentação de moralização ideológica que não deve ter lugar no discurso científico. Como muito bem notou Renzo de Felice nos seus estudos inovadores e descomplexados sobre o fascismo, “o que nesta sede importa não é um juízo moral, mas um juízo histórico”⁸². O texto científico não requer um discurso moralista nem conceitos tão gerais que se podem aplicar a tudo o que mexe. O que faz com que uma ideologia, uma pessoa, um movimento ou um regime sejam fascistas? Dizer que o fascismo se define pela violência ou pela guerra, por exemplo, é francamente insatisfatório pois, como todos sabemos, a violência e a guerra fazem parte da experiência humana desde os seus primórdios. A aceitar que esse é um traço definidor do fascismo, então toda a humanidade seria fascista porque a violência e a guerra sempre existiram em toda a parte. Regimes tribais, regimes medievais, regimes conservadores, regimes liberais, regimes comunistas e regimes teocráticos exerceram violência e fizeram guerras ao longo da história. São todos fascistas? Então fascismo é tudo e na experiência humana nada mais existe para além de fascismo.

Como é evidente, uma definição destas não pode ser cientificamente válida. O fascismo contém violência, sem dúvida, mas esse não é necessariamente um traço definidor. Quando muito é uma característica. Aliás, o absurdo de fazer da violência uma definição do fascismo consubstancia-se na observação feita em nota de rodapé por Hannah Arendt de que o fascismo fez um “pequeno número” de vítimas e produziu “comparativamente sentenças brandas”⁸³, tendo-se apenas saldado por sete condenações à morte entre 1926 e 1932. *Sete*. Se a violência fosse um traço

⁸² Renzo de Felice, *Mussolini il rivoluzionario (1883-1920)*, Einaudi Editore, Turim, 1965, p.557.

⁸³ Hannah Arendt, *The Origins of Totalitarianism*, The World Publishing Company, Cleveland, 1962, p.308.

definidor do fascismo, resultava daqui que o fascismo é pouco fascista, o que constitui um evidente contrassenso.

Ou, outro exemplo, dizer que o fascismo resulta de uma crise moral nada nos diz sobre o que o fascismo é, apenas nos informa de uma circunstância em que o fascismo apareceu. Tal circunstância poderia até constar de uma definição se todas as crises morais degenerassem em fascismo, mas evidentemente esse não é o caso. Assim sendo, falar em crise moral nada nos diz sobre a natureza estrutural do fascismo. Não é uma definição.

Precisamos, em suma, de um quadro teórico com uma definição que seja operacional e possa ser testada, que se enquadre nos factos, que explique o passado e o presente em conformidade com os acontecimentos que neles se produziram e produzem e que seja capaz de prever o futuro. Uma teoria só é científica se estiver de acordo com os dados conhecidos e se contiver previsões que se possam testar e cujos resultados estejam de acordo com a teoria e com essas previsões. É disso que o fascismo precisa enquanto conceito da historiografia e da ciência política e, há que o sublinhar, do próprio discurso político e mediático. Uma definição operacional. Uma definição que lhe estabeleça os traços fundamentais. Uma definição que possamos usar em termos comparativos independentemente das conveniências ideológicas do momento para que tenhamos parâmetros no juízo científico, histórico ou até editorial.

Claro que as definições em ciências sociais não são simples de estabelecer, uma vez que remetem para quadros conceptuais e interpretativos. Considerando que habitualmente se designam por fascistas movimentos diferentes uns dos outros, parece-me que só há uma maneira de proceder: estudar o movimento que primeiro se batizou com a palavra fascista e analisar a sua ideologia, extraindo-lhe os aspetos dominantes, distintivos e estruturantes para a seguir estabelecer paralelos com outros movimentos do género, uns que lhe eram contemporâneos e outros posteriores ou até anteriores. Daí que todo o estudo do fascismo precise de começar pelo sítio onde a expressão nasceu. “As origens do fascismo têm de ser estudadas *in situ*, designadamente em Itália”, avisou o historiador Roberto Vivarelli, pois “apenas podem ser compreendidas em primeiro lugar no contexto da história italiana.”⁸⁴

⁸⁴ Roberto Vivarelli, “Interpretations of the Origins of Fascism”, *Journal of Modern History*, nº63, The University of Chicago Press, março de 1991, p.29.

A Itália de Mussolini é assim o paradigma do fascismo. É certo que cada acontecimento, e por consequência cada movimento histórico, é num certo sentido absolutamente único e irrepetível, pois cada pessoa, cada conjunto de pessoas e as circunstâncias de cada acontecimento são sempre singulares e específicas. Contudo, isso não impede que determinados acontecimentos e movimentos apresentem características comuns a outros acontecimentos e movimentos, e que essas características comuns sejam estruturais e permitam inserir todos esses acontecimentos e movimentos na mesma categoria. Por exemplo, cada guerra é diferente e única, a guerra do Afeganistão é diferente da guerra civil de Espanha ou de qualquer outro conflito, mas todos os acontecimentos incluídos na categoria “guerra” partilham determinadas características estruturais. Ou, outro exemplo, cada ser humano é num certo sentido absolutamente único, mas todos os seres humanos partilham certas características estruturais que permitem inseri-los a todos na mesma categoria, a de “seres humanos”.

O mesmo se passa com o fascismo. Cada movimento histórico tem características específicas e únicas que o distinguem de todos os outros, mas há determinadas características estruturais que permitem inserir todos os movimentos na mesma categoria, neste caso a de “fascismo”. Para compreender o que é o fascismo, neste caso o fascismo genérico, o primeiro passo é, por conseguinte, compreender o fascismo italiano. Só depois de escaupelizar o caso italiano e de entender o que o fascismo italiano de facto foi é que, usando-o como modelo, poderemos extrair os seus traços estruturais, usá-los para estabelecer uma definição operacional que seja aplicável a outros casos e, por fim, partir para generalizações. Teremos de o fazer ao arrepio das conveniências ideológicas do momento. Mais, sempre que necessário teremos mesmo de o fazer *contra* as conveniências ideológicas do momento. A partir do seu discurso ideológico e da sua prática enquanto regime procuraremos os elementos dominantes e estruturantes do fascismo, com eles estabeleceremos uma definição genérica de fascismo e depois usaremos essa definição até onde ela nos levar, até às últimas consequências, mesmo as ideologicamente mais incómodas.

Importa sublinhar previamente que este não é um trabalho dedicado à história e teoria do marxismo em geral e do fascismo em particular e à explanação das respetivas ideologias; é um estudo centrado exclusivamente nas ligações doutrinárias socialistas entre as várias correntes ditatoriais do Século XX, com especial atenção para o fascismo e a sua história intelectual.

É este o “itinerário”⁸⁵ que me proponho seguir, para usar o conceito de Paul Veyne. O que se encontra para lá desse itinerário está fora do âmbito deste ensaio. Não me interessa analisar o que já é largamente conhecido, designadamente o estudo das correntes não socialistas que também existiam no fascismo e que não se reviam no seu socialismo ou que então o tentavam conciliar com as suas outras ideias, em particular as nacionalistas. Dou-o como adquirido.

Também não vejo interesse em explicar todos os aspetos do marxismo que são irrelevantes para a compreensão do fascismo enquanto doutrina socialista, como por exemplo a teoria da mais-valia. Esta não é uma teoria global do fascismo nem do marxismo; para isso existem outras obras. O meu objetivo é antes trazer para a luz do dia o que o discurso político e mediático omite ao grande público – designadamente, e se esse for o caso, o fio socialista que une o fascismo aos diversos socialismos e até que o integra neles, e, *mutatis mutandis*, e se esse for também o caso, todas as ideias e ações dos diversos socialismos que os revelam como parte integrante do fenómeno fascista geral.

A investigação científica é, ou tem de ser, um esforço permanente de questionar ideias feitas, de desmontar mitos, de desafiar dogmas e de quebrar tabus. “Como todas as ciências, a história, para ser digna de si e para além de si, deve-se concentrar numa coisa: a busca pela verdade”⁸⁶, estabeleceu G. R. Elton, para quem “a história é uma busca interminável pela verdade, com a única certeza de que haverá sempre mais para dizer e que, mais tarde ou mais cedo, outros o dirão”⁸⁷. Ou, como disse Veyne de uma forma mais sucinta, na historiografia está em questão “apenas a verdade.”⁸⁸

Claro que se poderia problematizar aqui a velha questão filosófica sobre o que é a verdade, até porque houve quem chegasse ao ponto de sugerir que nem sequer há verdade, nem histórica nem outra qualquer. James Froude, por exemplo, afirmou que a história é “uma ficção sobre a qual há acordo”⁸⁹, enquanto Paul Ricoeur falou na “ficcionalização da história”⁹⁰. “Apercebo-me de que não fiz outra coisa se não escrever ficções”⁹¹, declarou por seu

⁸⁵ Paul Veyne, *Comment on écrit l’histoire*, Éditions du Seuil, Paris, s/d, p.57.

⁸⁶ G. R. Elton, *The Practice of History*, The Fontana Library, Londres, 1969, p.68.

⁸⁷ *Idem*, p.84.

⁸⁸ Paul Veyne, *op. cit.*, s/d, p.23.

⁸⁹ Reba Soffer, *Discipline and Power – The University, History and the Making of an English Elite, 1879-1930*, Stanford University Press, Stanford, 1994, p.103.

⁹⁰ Paul Ricoeur, “L’histoire comme récit”, *La narrativité*, CNRS, Paris, 1980, p.22.

⁹¹ Michel Foucault, *Dits et écrits*, 3º volume, Éditions Gallimard, Paris, 1994, p.236.

turno Michel Foucault, ao mesmo tempo que Gilles Deleuze defendia que “o ideal da verdade é a mais profunda ficção”⁹². Visões destas, ditas pós-modernas, abrem perigosamente a porta às maiores arbitrariedades, correndo até o risco de legitimar a reescrita orwelliana da história. Se não houvesse verdade, pergunto eu, para quê darmos-nos ao trabalho de investigar o passado ou mesmo de estudar o real? Aliás, se não houvesse verdade, nada do que Froude, Ricoeur, Foucault e Deleuze dizem poderia sequer ser verdadeiro. Ou seja, se fosse verdade que não há verdade, aqueles que o proclamam estariam a dizer a verdade – o que tem como consequência que afinal sempre há verdade.

Não cabe aqui fazer um debate sobre a epistemologia da história, da ciência política ou de qualquer outra ciência. Isso é assunto para outras obras de diferente teor. Contudo, e partindo da separação kantiana entre nómeno e fenómeno, impõe-se estabelecer a evidência de que a verdade existe. Aliás, o mais importante feito da matemática do Século XX foram justamente os dois teoremas da Incompletude, com os quais Kurt Gödel na prática demonstrou que há verdades que são indemonstráveis, mas que continuam a ser verdades. Sem dúvida que muitas vezes a realidade não é fácil de captar e que a sua exumação envolve interpretação, o que nos remete para uma inquestionável dimensão subjetiva que começa no próprio ato cognitivo, como as neurociências abundantemente demonstram, mas negar a existência da verdade ou descrever o discurso histórico ou científico como uma ficção, por muito tentador que seja como *boutade* ou simples exercício intelectual, é ir longe de mais e estabelecer uma espécie de niilismo da realidade.

Uma investigação histórica ou científica busca sempre a verdade tal como ela é acessível ao investigador. No caso deste e de outros itinerários que questionam interpretações política e/ou ideologicamente orientadas, mesmo que essa orientação seja inconsciente, isso envolve também procurar o que não é evidente, desenterrar o que está escondido, mostrar o lado ignorado de uma questão. É por essa razão que a minha análise neste trabalho incidirá sobretudo sobre os aspetos menos conhecidos, leia-se ocultos, relacionados com a natureza socialista do fascismo. Será esse o meu itinerário, para recuperar a expressão de Veyne. “O passado é, por definição, um dado que coisa alguma pode modificar”, observou Marc Bloch, “mas o conhecimento do passado é coisa em progresso, que ininterruptamente se

⁹² Gilles Deleuze, *L'image-temps, Cinéma 2*, Les Éditions du Minuit, Paris, 1985, p.195.

transforma e se aperfeiçoa”⁹³. Procurarei assim aperfeiçoar o conhecimento sobre o fascismo, revelando especificamente o que está encoberto, aquilo de que o discurso político, ideológico e mediático contemporâneo não fala nem admite que se fale. “Nenhum tema é tabu para um historiador”, proclamou Stéphane Courtois, “e as pressões de toda a ordem – políticas, ideológicas, pessoais – não o devem impedir de seguir o caminho do conhecimento, da exumação e da interpretação dos factos.”⁹⁴

Importa ressaltar que neste debate a classificação das ideologias resulta frequentemente problemática. O que é exatamente o marxismo? É a doutrina inicial de Marx e Engels? São os revisionismos sucessivos? Considerando que o leninismo contradiz elementos centrais da doutrina marxista original, pode ser descrito como marxismo? Considerando que o fascismo respeita elementos centrais dessa mesma doutrina marxista original, pode ser considerado marxismo? E o que é o leninismo exatamente? É a teoria de Lenine que previa a passagem direta do feudalismo para o socialismo sem a transição pelo capitalismo ou é a teoria de Lenine que introduzia a NEP por considerar que essa passagem não podia afinal ser direta e teria de haver sempre economia de mercado como fase de transição? É que Lenine defendeu uma coisa e o seu exato contrário em diferentes momentos e ficamos assim sem saber com precisão o que é o leninismo. E o que é o comunismo? É a sociedade de partilha concebida antes de Marx e Engels? É a sociedade final prevista pelos fundadores do marxismo? É a sociedade efetivamente criada pelo bolchevismo na União Soviética? São as sociedades desenvolvidas pelos comunistas na Albânia, na Roménia, na Bulgária, na Hungria, na China, na Coreia do Norte, em Cuba ou em Angola, para citar só alguns exemplos?

Por outro lado, o que é o fascismo? É a teoria vigente em 1914, quando o fascismo moderno apareceu pela mão dos Fasci di Azione Rivoluzionaria? É a teoria em vigor em 1919, quando os Fasci di Combattimento foram criados em Milão? É a ideologia que evoluiu depois da marcha sobre Roma, altura em que o partido subiu ao poder? É a teoria em vigor até 1925, quando aceitava a democracia parlamentar? É a doutrina aplicada a partir da aliança da Itália com a Alemanha nacional-socialista? São as ideias da República

⁹³ Marc Bloch, *op. cit.*, s/d, p.55.

⁹⁴ Stéphane Courtois, “Les crimes du communisme”, in Stéphane Courtois, Nicolas Werth, Jean-Louis Panné, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek e Jean-Louis Margolin, *Le livre noir du communisme – Crimes, terreur et répression*, Robert Laffont, Paris, 1997, p.46.

Social Italiana, que os fascistas criaram quando a monarquia rompeu com eles? E quais os verdadeiros intérpretes do pensamento fascista? Seria Mussolini ou Panunzio ou Gentile ou Olivetti ou Rocco ou Spirito ou Ricci ou Corradini ou Evola ou qualquer outro ideólogo ou agente político? É que todos eram fascistas e todos apresentavam ideias diferentes, por vezes até contraditórias, sobre o que o fascismo era, uns acentuando o lado socialista do fascismo, outros o lado nacionalista.

Todos estes são problemas complexos que não oferecem respostas fáceis e ilustram bem as dificuldades de catalogação e de definição das diferentes correntes ideológicas, até porque estas estão em permanente evolução e mutação, criando ideias que depois elas próprias rejeitam para conceber a seguir novas ideias, por vezes até contraditórias em relação às anteriores. Uma vez que nenhuma ideologia é monolítica e dentro de cada uma delas há sempre sensibilidades diferentes, com uma corrente a sobrepor-se a outra num determinado momento para ser sobreposta por outra noutro a seguir, as definições e catalogações acabam sempre por encontrar os seus limites.

Isto implica que, embora a análise destas ideias tenha de ser feita com base nos factos, ela depende também de um quadro interpretativo, o que nos remete para uma certa subjetividade. Por exemplo, quem defender que o marxismo só é marxismo se aceitar na íntegra todas as ideias expressas na doutrina original não está a dizer uma coisa verdadeira nem falsa – está simplesmente a fazer uma interpretação, tão legítima quanto aquela que considera que o marxismo continua a ser marxismo mesmo que não inclua todos os preceitos estabelecidos por Marx e Engels. Na primeira interpretação Lenine não seria marxista, como veremos; na segunda já o seria.

O quadro interpretativo desempenha por isso um papel importante neste problema, pelo que tentarei sempre chamar a atenção para ele no desenvolvimento da análise das ligações doutrinárias entre as correntes ideológicas em questão. Em determinado ponto neste ensaio introduzirei conceitos adicionais, como neomarxismo e pós-marxismo, para definir as variantes que emergiram do marxismo original e que nos ajudarão a melhor compreender e enquadrar todos estes movimentos e correntes.

Por outro lado, há também a dificuldade em distinguir socialismo de comunismo, pois na origem tratavam-se na prática de sinónimos. Marx e Engels, por exemplo, usavam as duas expressões indistintamente. A dado momento nasceu uma certa diferenciação, entendendo-se que os socialistas

eram os que defendiam mudanças da sociedade capitalista através de reformas pacíficas e os comunistas os que procuravam derrubar o capitalismo através de revoluções violentas e impor uma ditadura. Assim sendo, e como Marx e Engels preconizavam a revolução do proletariado com recurso à violência e a instituição de uma chamada ditadura do proletariado, na terminologia atual pode dizer-se que a doutrina original marxista é por definição comunista.

O problema é que, apesar do caráter revolucionário do marxismo, muitos marxistas usavam eles próprios a expressão “socialismo” para se definirem a si e à sociedade comunista final, o que reestabeleceu a confusão. Por exemplo, o Partido Socialista Italiano, de que Mussolini foi um dos dirigentes, apesar de ser assumidamente marxista misturava tendências que hoje distinguimos como comunistas, socialistas e sociais-democratas, mas que na época se fundiam no mesmo espaço – só se separando realmente com o abandono do partido pelos comunistas intervencionistas, que defendiam a intervenção de Itália na Grande Guerra e que criaram em 1914 os Fasci di Azione Rivoluzionaria, em 1919 os Fasci di Combattimento e em 1921 o Partido Nacional Fascista, e com o abandono do partido pelos comunistas não-intervencionistas, que criaram também em 1921 o Partido Comunista Italiano. Um partido que congregava os três grupos de socialistas, o PSI, desdobrou-se assim em três partidos diferentes a interpretar diferentes versões do socialismo genérico: o PSI socialista, o PNF fascista e o PCI comunista. Como lidar com esta panóplia de classificações mescladas?

Podemos começar por estabelecer que existe uma família genérica, a família socialista geral, que inclui várias “paróquias”: a anarquista, a owenista, a proudhoniana, a marxista, a social-democrata, etc. As próprias “paróquias” dividem-se em várias “capelas”. Por exemplo, na paróquia marxista há a capela marxista-leninista, a capela marxista-leninista-estalinista, a capela marxista-leninista-trotskista, a capela marxista-estalinista-maoista, a capela marxista-khmer-vermelha, a capela marxista-kim-il-sunguista, a capela marxista-enver-hodxiana, a capela marxista-bolivariana e assim por diante.

Para efeitos práticos, referir-me-ei sempre ao marxismo de Marx e Engels, seja qual for a fase de desenvolvimento da teoria, como o marxismo original. Considerando que os próprios marxistas daquele tempo misturavam os conceitos, usarei indiferentemente a expressão “comunista” e “socialista”. Quando falar de comunismo enquanto regime, e a menos que o contexto

sugira claramente outra coisa, estarei a aludir à criação bolchevique na União Soviética, integrando diferentes períodos como os de Lenine, Estaline e os seguintes, todos eles com naturais diferenças entre si – embora não tenham sido tão diferentes quanto por razões de conveniência nos tentam fazer crer, e integrando também os regimes tutelados por Moscovo na Europa de Leste e noutros pontos do mundo. Isto porque logo em 1918 os bolcheviques mudaram o nome do seu partido para Partido Comunista (Bolchevique) da Rússia, deixando assim de ser uma simples tendência e passando a ser formalmente conhecidos por comunistas. Com a Terceira Internacional, apoiaram e financiaram movimentos comunistas por todo o mundo, modelando-os à sua própria imagem e desse modo universalizando a sua conceção do comunismo. O comunismo dos bolcheviques tornou-se assim o padrão universal do comunismo.

E quanto ao fascismo utilizarei duas definições, por um lado a do movimento fascista específico de Itália, com as circunstâncias italianas, a ideologia e história e toda a teatralidade que a envolveu, incluindo a saudação romana e o *fascio*, e por outro a do conceito genérico e universal de fascismo, cujas características essenciais me encarregarei de exumar e especificar ao longo desta tese. Mais uma vez será o contexto a ditar a qual das definições me estou a referir sempre que falar de fascismo.

Para além da intersubjetividade entre o analista e o tema, será preciso entrar no mundo das pessoas que se está a estudar. Neste caso, o mundo do socialismo em geral e do fascismo italiano em particular. Uma vez que estamos aqui a lidar com um inquérito histórico, entrar no mundo geral do socialismo que existia entre os finais do Século XIX e a década de 1920 e em particular do fascismo existente entre 1914 e 1945 envolve a reconstituição desse mundo, pois ele já não existe. Isto implica o recurso a uma metodologia qualitativa semelhante quase à exegese bíblica encetada por Espinosa e desenvolvida por Hermann Reimarus, David Strauss e Bruno Bauer, pois a reconstituição e compreensão de um mundo envolve sempre a reconstituição e compreensão das temáticas em que ele estava mergulhado e da sua terminologia própria.

Tal como a exegese bíblica teve de lidar com expressões, conceitos e valores que o tempo alterou, o mesmo terá de ser feito agora com o socialismo e o fascismo. Por exemplo, o Novo Testamento apresenta Jesus como o “filho de Deus”. A expressão “filho de Deus” significa hoje que Jesus era Deus-filho, a Palavra feita carne. Porém, a exegese bíblica demonstrou

que, no contexto daquela época, a expressão “filho de Deus” não significava Deus-filho, no sentido de que Deus se tornou homem, mas simplesmente alguém a quem Deus concedia a Sua proteção. Nesse sentido, os judeus em geral eram designados “filhos de Deus”, não por serem todos Deus-filhos, mas por Deus lhes ter concedido a Sua proteção. Ou seja, o sentido original da expressão “filho de Deus” foi exumado e demonstrou-se significar algo diferente do que hoje significa. Sendo a mesma, a expressão quer dizer coisas diferentes no ano 70 ou no ano 2022.

Da mesma maneira, há determinados elementos relacionados com o fascismo que só se tornam compreensíveis no quadro do debate e revisão do socialismo que se iniciou com a morte de Engels e com as circunstâncias históricas em que o fascismo emergiu. Por exemplo, os fascistas opunham-se ao pacifismo e isso é hoje apresentado como prova irrefutável de que se tratavam de bestas sanguinárias carregadas de ódio e sedentas de guerra, morte e violência gratuita. Tal interpretação é totalmente retirada do contexto original, pois os fascistas defendiam o “*socialismo das nações*” (itálico no original) e entendiam que a Itália era “a nação proletária por excelência, sufocada no mundo da prepotência e da ganância das nações capitalistas”⁹⁵ que tratavam os trabalhadores italianos em França e nos Estados Unidos como meros escravos, até servos dos proletários franceses e americanos. Uma tal situação, argumentavam os fascistas, só podia ser revertida com recurso à violência, no sentido marxista em que a violência era entendida como a parteira da revolução libertadora, e fora justamente para impedir tal revolução libertadora, consideravam eles, que as nações capitalistas haviam engendrado o sedutor argumento “burguês” do pacifismo. Os fascistas não podiam aceitar o pacifismo porque entendiam que se tratava de um conveniente expediente ideológico para prolongar o *status quo* burguês da exploração selvagem dos trabalhadores italianos nas nações capitalistas e das nações proletárias pelas nações capitalistas. As nações proletárias, preconizavam os ideólogos fascistas, tinham de se revoltar, e uma revolta violenta era evidentemente incompatível com o pacifismo. Era esse o sentido original da oposição fascista ao pacifismo, pelo menos na forma como foi formulada pelos ideólogos fascistas.

É preciso, pois, reintegrar os conceitos no seu próprio contexto original, exatamente a grande lição de Espinosa sobre a Bíblia. Sem conhecer o grande debate sobre o socialismo, sem conhecer os seus protagonistas, sem

⁹⁵ Alfredo Rocco, *L'ora del nazionalismo*, Tip. C. Lucci, Roma, 1919, p.12.

conhecer as suas intenções, sem conhecer as suas circunstâncias, não é possível compreender as sucessivas revisões do socialismo e a emergência do fascismo como produto dessas revisões e do seu contexto e condicionalismos históricos, e estaremos condenados a produzir sobre o fascismo mero discurso ideológico travestido de ciência política ou histórica. Da mesma maneira que não se compreende o Novo Testamento à luz dos valores e circunstâncias atuais, não se pode compreender o fascismo à luz dos valores e circunstâncias atuais. A compreensão dos fenómenos históricos envolve a compreensão das suas circunstâncias, valores e enquadramento na sua época, e é esse trabalho que a tese terá de fazer.

Isso implica também compreender a relação dos processos locais com as forças exteriores. Quais os processos em curso em Itália antes, durante e depois da Grande Guerra? Como encararam os socialistas italianos as revisões do marxismo encetadas por Eduard Bernstein, Georges Sorel e Otto Bauer no rescaldo da morte de Engels? Como encararam os socialistas italianos a guerra da Tripolitânia em 1913? Como encararam os socialistas italianos o advento da Grande Guerra em 1914? Como encararam os socialistas italianos os pronunciamentos nacionalistas que os socialistas europeus supostamente internacionalistas fizeram quando essa guerra eclodiu? Como encararam os socialistas italianos os pronunciamentos de Marx sobre a violência e a guerra como instrumentos para a revolução socialista? Como encararam os socialistas italianos a revolução bolchevique? Como se posicionaram sobre todas essas questões os socialistas que viriam a fundar os Fasci di Azione Rivoluzionaria em 1914, os Fasci di Combattimento em 1919 e o Partido Nacional Fascista em 1921? A resposta a todas estas perguntas envolve a compreensão dos processos locais com as forças exteriores.

Por fim, tudo isto nos remete para a necessidade de reconstruir a teoria já existente, atendendo à ligação entre teoria e ideologia. “Toda a história é história contemporânea”⁹⁶, estabeleceu Benedetto Croce, querendo com isso dizer que a história é a visão do passado através dos olhos do presente e dos seus problemas. Ou, como observou Marrou, “a história é inseparável do historiador”⁹⁷, pois “a verdade da história resulta da verdade da filosofia

⁹⁶ Vernon Bogdanor, “I Believe in Yesterday”, *NewStatesman*, 17 de dezembro de 2009.

⁹⁷ Henri-Irénée Marrou, *De la connaissance historique*, Éditions du Seuil, Paris, s/d, p.297.

utilizada pelo historiador”⁹⁸. Como é bom de ver, tal tem implicações profundas e inevitáveis numa disciplina tão sensível como a história intelectual das ideologias. “O objeto histórico alarga-se em função da evolução da técnica, do conhecimento histórico e do discurso ideológico da época do historiador”, notaram Martins da Rocha e Maria do Carmo Serén, sublinhando que o historiador atua em função do “meio social e político onde se situa.”⁹⁹

Ora se o discurso político e ideológico dominante no pós-guerra tornou tabu o estudo da ligação do fascismo ao socialismo e estabeleceu o dogma de que se tratavam de ideologias opostas, os historiadores não tiveram alternativa que não fosse alinhar por esse discurso da sua época. “O que existia sobre esta questão não me satisfazia, porque estava habituado a raciocinar em primeiro lugar em termos de pesquisa, de documentos”, disse Renzo de Felice sobre a censura que sentiu a propósito das suas primeiras descobertas inconvenientes sobre o fascismo. “A história do fascismo não se podia fazer sem que se acedesse largamente à documentação. Por outro lado, sentia uma insatisfação, evidente, por um certo tipo de historiografia, que de resto eu compreendia muito bem; e ainda hoje não aceito certos juízos completamente liquidatários da historiografia sobre o fascismo de há vinte, trinta anos, pois naquele período não se podia escrever outra coisa. O fascismo era uma experiência de tal modo viva, ainda, na memória, na experiência viva e escaldante do país que um outro tipo de discurso era impossível. Todavia acreditava que chegaria o momento de tentar um discurso que fosse propriamente mais histórico, menos político.”¹⁰⁰

Mas se De Felice inicialmente se calava, contrariado, por causa dos estudos “condicionados totalmente pelas paixões do tempo”¹⁰¹, muitos outros historiadores fizeram-no com convicção. As historiografias tradicionais sobre o fascismo tornaram-se assim fortemente ideologizadas, evitando a todo o custo estabelecer qualquer relação entre o fascismo, derrotado na Segunda Guerra Mundial, e o socialismo tradicional, triunfante na Segunda Guerra Mundial. Ao fazê-lo, contudo, confundiram o seu dever de investigadores com as suas paixões ideológicas, prática que De Felice

⁹⁸ *Idem*, p.228.

⁹⁹ Martins da Rocha e Maria do Carmo Serén, *Sistemas Ordenadores na Evolução da Produção Histórica – Da História Positivista à Nova História*, Edições Asa, Lisboa, 1984, p.79.

¹⁰⁰ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1975, p.5/6.

¹⁰¹ *Idem*, p.6.

considerou, e bem, constituir “um nível inaceitável para um discurso deste género, que só serve para os discursos nas praças, nos comícios”¹⁰², com a historiografia “atolando-se nas águas rasas de uma espécie de demonologia, boa em termos de propaganda, mas completamente distorcida sob a perspetiva da compreensão racional e, portanto, da explicação histórica.”¹⁰³

Foi assim que, mesmo no trabalho académico, o fascismo apareceu sempre descrito de formas simplistas, infantilizadas, diabolizadas e maniqueístas, uma espécie de encarnação do mal, da violência, do ódio, do racismo, da morte e da guerra, até de frustrações sexuais. “A grande explosão de um demónio coletivo”, constatou De Felice. “Demónio coletivo dramático, quase luciferiano num fundo de inferno dantesco”¹⁰⁴. O esforço de demonização foi tão acentuado que se chegou ao ponto de se considerar prática consensual a escrita de obras historiográficas sobre o fascismo sem consulta dos próprios textos fascistas, prática que apenas foi quebrada na década de 1960 sobretudo pelo próprio De Felice. Deve-se esclarecer que este historiador italiano, oriundo do Partido Comunista Italiano e discípulo do historiador marxista Delio Cantimori, revolucionou a investigação sobre o fascismo quando fez uma coisa que se diria *a priori* obrigatória no estudo de qualquer ideologia, mas que, pelos vistos, era largamente negligenciada pelos académicos que estudavam o fascismo: começou a ler os textos dos ideólogos da ideologia sobre a qual se debruçava, neste caso os autores fascistas. Foi esse simples ato de pesquisa que levou ao nascimento de *Mussolini, o Revolucionário*, obra inovadora de De Felice que redescobriu a natureza socialista do fascismo. A grande lição do maior especialista mundial sobre o fascismo foi justamente a de reiterar um princípio que os estudiosos do movimento de Mussolini com tão surpreendente facilidade haviam esquecido, a de que a investigação científica não se pode deixar instrumentalizar pela ideologia. Como tão bem estabeleceu Bento de Espinosa, a ética científica resume-se a esta ideia: “não ridicularizar, não deplorar, não detestar, mas compreender.”¹⁰⁵

Não cabe pois ao investigador condenar ou defender, tomar partido, aderir à retórica política e/ou ideológica dominantes, demonizar, desculpar, justificar, lamentar, moralizar ou endeusar, mas simplesmente compreender.

¹⁰² *Ibidem*, p.26.

¹⁰³ Renzo de Felice, *Il fascismo – Le interpretazioni dei contemporanei e degli storici*, Editori Laterza, Roma, 1970, p.7.

¹⁰⁴ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1975, p.109.

¹⁰⁵ Bento de Espinosa, *op. cit.*, 1854, p.13.

Compreender. Na investigação aplica-se o princípio de que quanto mais compreendemos menos julgamos e quanto mais julgamos menos compreendemos. Considerando o estado atual dos conhecimentos e o discurso político, mediático e ideológico dominante sobre o fascismo, tal requer a reconstrução da teoria em torno desta ideologia, com a elaboração um quadro teórico que parta de uma definição que seja operacional, que se enquadre nos factos conhecidos, que estabeleça o contexto, os valores, as intenções e as circunstâncias do fascismo e dos seus intérpretes para permitir uma adequada compreensão do fenómeno. É fundamental que haja “a maior serenidade crítica possível” na investigação do fascismo, sustentou De Felice, para “estudá-lo historicamente, com um método e uma mentalidade de historiador”¹⁰⁶. Exatamente o que Espinosa havia feito com a Bíblia no Século XVII, com os resultados que se conhecem.

Claro que a análise fria de uma ideologia que a história demonizou irá atrair acusações de “branqueamento” dessa ideologia só pelo facto de a análise se atrever a prescindir de adjetivações e moralizações – tal como aliás aconteceu a De Felice, apesar de ser um historiador oriundo da área comunista. Tais acusações são tão inevitáveis quanto falaciosas. Algumas poderão contudo ser feitas de boa fé, uma vez que este estudo tem características intrínsecas que podem criar a impressão de que se está a tentar mostrar a faceta “boa” do fascismo. Não tendo fundamento, pois o objetivo de um trabalho de investigação académica não é nem pode ser branquear, promover ou denegrir o que quer que seja, tal impressão releva forçosamente das características específicas deste tipo de pesquisa. Este não é um estudo sobre a história do fascismo nem sobre os atos do fascismo, mas sobre as *ideias* do fascismo – ou, mais exatamente, sobre a sua história intelectual.

Ora num estudo sobre as ideias do fascismo não interessa tanto o que o fascismo fazia, mas o que o fascismo *pensava e dizia* sobre o que fazia ou queria fazer e como apresentava ou justificava ideologicamente os seus atos. Ou seja, este estudo mostra o fascismo pelas palavras do fascismo. Naturalmente que os respetivos ideólogos se esforçavam por expor as suas ideias sob uma luz favorável, exibindo assim a bondade dos seus propósitos. Sendo uma exposição e análise sem preconceitos dessas ideias, este trabalho acaba por apresentar a visão positiva que os ideólogos do fascismo naturalmente tinham ou procuravam dar do fascismo. De resto, qualquer estudo sobre a história intelectual de qualquer outra ideologia, desde o

¹⁰⁶ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1975, p.6.

socialismo ao liberalismo ou ao nacionalismo, acabará inevitavelmente por ter as mesmas características. O objetivo da história intelectual de uma ideologia, nunca é de mais enfatizá-lo, não é julgar essa ideologia, mas compreendê-la. Para a compreender, é preciso conhecer as suas ideias. Que ideias eram essas, de onde vieram, como foram apresentadas, quais as suas lógicas intrínsecas, como evoluíram, para onde evoluíram e porquê.

Não quer isto dizer que esta tese se limite exclusivamente às ideias do fascismo e ignore em absoluto os seus atos, como é evidente. Na história intelectual de uma ideologia, qualquer que ela seja, os atos dos movimentos e/ou regimes que a perfilham são relevantes na medida, e só nessa medida, em que por um lado influenciam e condicionam a evolução da ideologia em causa e por outro revelam aspetos fundamentais da sua natureza. Por exemplo, as ideias do fascismo sobre a violência são importantes para compreender os atos violentos do seu movimento e do seu regime. Porque acreditavam os fascistas na violência? Como a exerciam? Como a justificavam? O que tencionavam alcançar com ela? A questão é muito importante uma vez que a violência do fascismo releva justamente da sua ideologia.

Contudo, há outros atos dos regimes que não têm relevância particular para a compreensão específica das respetivas ideologias. Por exemplo, como se comportaram os fascistas na gestão da coisa pública? Se analisarmos as palavras dos ideólogos fascistas constataremos que a ideologia do fascismo se opõe firmemente à corrupção. “Os fascistas, que são cavalheiros e homens absolutamente livres, não estão vinculados a nenhum interesse que não seja o geral da nação”¹⁰⁷, assegurou Mussolini.

Analisando os atos dos fascistas, no entanto, encontramos abundantes práticas corruptas. Muitas despesas do Estado fascista não se destinavam a melhorar a vida da população, como a ideologia fascista sustentava, mas a servir as clientelas do partido. Olhe-se o caso da lei de 1939 de colocação dos esquadristas na administração pública, que tinha por evidente intuito pô-los a auferir dinheiro público e desse modo perpetuar o seu apoio ao regime. Ou olhe-se para o líder fascista Roberto Farinacci, que na sua qualidade de advogado recebia somas astronómicas para atuar em processos legais cujo veredito ele conseguia influenciar não pelos seus méritos de causídico mas

¹⁰⁷ Benito Mussolini, “Menzogne!”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de fevereiro de 1921, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XVI: Dal Trattato di Rapallo al primo discorso alla Camera*, La Fenice, Florença, 1955, p.140.

graças à influência política que exercia. Ou olhe-se para a má preparação das forças armadas italianas no início da Segunda Guerra Mundial, resultado, entre outras coisas, do desvio de enormes quantidades de dinheiro ao longo do tempo para os bolsos de dirigentes do regime fascista e seus apoiantes. “Os fascistas mostraram-se evidentemente tão ladrões quanto os que os precederam”, observou o investigador Francesco Filippi, sendo que “o regime montou um verdadeiro sistema clientelar à escala nacional, desviando as riquezas públicas para as repartir pelo partido e pelos seus membros.”¹⁰⁸

Porém, estes atos de corrupção não me parecem relevantes para a compreensão da ideologia fascista em si na medida em que a corrupção é um fenómeno universal. Tal como o fascismo, o comunismo também se opôs e opõe à corrupção enquanto ideologia e também o praticou e pratica em larga escala enquanto regime, e o mesmo se pode dizer de uma importante parte dos governos dos regimes de democracia liberal. Não reconhecemos nas práticas clientelares do fascismo fenómenos que ainda hoje ocorrem no regime em que vivemos no nosso país? Ou seja, num estudo sobre a história intelectual do fascismo a corrupção do regime fascista nada nos revela de fundamental sobre a sua ideologia pois a corrupção não é um fenómeno específico do fascismo. Quando muito, mostra-nos a universalidade da corrupção e a incapacidade da ideologia fascista de expurgar do ser humano algumas das suas características intrínsecas. Porém, se, em vez de uma história intelectual, esta fosse uma história do fascismo *tout court*, então a corrupção existente no fascismo seria naturalmente um tema incontornável. Em suma, a corrupção no fascismo tem evidente relevância para a história geral do regime fascista, mas não necessariamente para a história intelectual da sua ideologia.

Este problema remete diretamente para uma questão relacionada, esta bem mais importante: a de que o fascismo praticou coisas diferentes daquelas que apregoava. Renzo de Felice considerou este “o problema chave”¹⁰⁹ que tantos equívocos suscita na análise da ideologia fascista, pelo que urge clarificá-lo. Uma coisa é a *ideologia* do fascismo. Ou seja, o seu sistema de ideias, as suas intenções doutrinárias, o seu projeto para a sociedade, o que se propunha fazer, etc. Outra coisa é o *regime* fascista. Isto é, o que realmente

¹⁰⁸ Francesco Filippi, *Y a-t-il de bons dictateurs? Mussolini, une amnésie historique*, La Librairie Vuibert, Paris, 2020, p.73.

¹⁰⁹ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1975, p.27.

fizeram os fascistas quando estavam no poder, como aplicaram ou não aplicaram as ideias da sua ideologia, quais os seus circunstancialismos, como lidaram no dia-a-dia com as situações e dificuldades que iam encontrando, etc. “O fascismo movimento é o ‘fio vermelho’ que liga março de 1919 a abril de 1945”, estabeleceu De Felice, “o fascismo regime, o fascismo partido, é uma outra coisa”¹¹⁰. As ideologias permanecem puras no campo das ideias, mas é quando se tornam regime e se confrontam com a realidade e as dificuldades relacionadas com a natureza humana que essas ideias entram em dificuldade. Aliás, passou-se com o fascismo como com o comunismo. Ou alguém tem dúvidas de que, entre as ideias dos comunistas e o que eles realmente fizeram na União Soviética, na China, na Coreia do Norte ou no Camboja, há todo um universo de diferenças?

Convém, por isso, esclarecer que este trabalho não incide, nem deseja incidir, sobre o fascismo enquanto regime. Para isso existem muitos outros estudos para os quais encaminho o leitor. O que está aqui em questão é unicamente a ideologia. Este é um estudo sobre a história intelectual da ideologia fascista. Claro que a sua transposição para a realidade, através das práticas do seu regime, é relevante, mas só o é na medida em que a realidade influencia a própria ideologia – o verdadeiro objeto deste estudo, insista-se – e também na medida em que revela a exequibilidade, e sobretudo a verdadeira natureza, dessa ideologia.

Uma última referência para a natureza emocional de certas palavras. Ao longo do texto irei utilizar expressões ou conceitos que de um modo ou de outro adquiriram com o tempo cargas negativas ou positivas, consoante os diversos juízos da história e os posicionamentos ideológicos, políticos, religiosos e culturais de cada um. Tais cargas emocionais não têm lugar nesta tese. Quando disser que alguma ideia ou movimento ou pessoa é fascista ou é ditadora, por exemplo, não o estarei a fazer para insultar, estigmatizar ou ridicularizar, mas unicamente para exprimir um conceito da história ou da ciência política. Isto aplica-se a noções como o fascismo, o nacionalismo, o internacionalismo, o capitalismo, o liberalismo, o comunismo, o socialismo, o racismo, o nacional-socialismo, a ditadura, e quaisquer outros conceitos.

Afirmar que Mussolini era fascista ou que Lenine era um ditador não é uma adjetivação pejorativa, é o estabelecimento de um facto, da mesma maneira que se disser que Lenine, Hitler e Estaline foram responsáveis pela morte em massa de pessoas não os estarei a insultar, mas a apresentar uma

¹¹⁰ *Idem*, p.28.

conclusão sustentada num conjunto de acontecimentos realmente ocorridos e perpetrados pelos regimes que chefiavam. E se, e quando, encontrar doutrinas ou comportamentos ou ideias de pessoas ou movimentos ou regimes que por exemplo se enquadrem na definição do fascismo estrutural, mesmo que não se assumam enquanto tal, não hesitarei em defini-los como fascistas. Ao fazê-lo mais uma vez não será com intenção pejorativa, mas simplesmente para captar e exprimir a essência mais profunda do seu pensamento e/ou ação. Uma vez estabelecida uma definição operacional do fascismo, irei até onde os factos me levarem independentemente das conveniências ideológicas ou políticas do momento e estabelecerei como fascistas todos os comportamentos, movimentos, regimes, personalidades e ideias que estritamente se enquadrem nessa definição.

A ideologização do estudo do fascismo

O maior problema que rodeia o estudo do fascismo, contaminando-o a cada passo, é o da sua permanente ideologização. Veja-se as polémicas em torno da constatação de que o fascismo tem a sua origem no marxismo. Para tentarem desmontar essa ideia, alguns críticos alegam essencialmente que ela se baseia num único argumento, o de que Benito Mussolini tinha sido marxista antes de fundar o Partido Nacional Fascista.

Dizem-no como se esse dado fosse insignificante, como se o facto de Mussolini ter sido marxista não tivesse a menor relevância para a conceção da ideologia fascista, como se as diferentes fases da vida de um homem fossem estanques e não existissem vasos comunicantes entre elas, como se fosse possível Mussolini ser fascista sem transportar o seu passado e as suas crenças para o fascismo que criou, incluindo as ideias marxistas que perfilhara ao longo da vida. “Jamais se deve esquecer que a educação de Mussolini é uma educação marxista”¹¹¹, sublinhou o fascista de origem marxista Curzio Malaparte. Nunca se conseguirá entender a ideologia do fascismo enquanto este facto elementar continuar a ser negligenciado. É preciso perceber que Mussolini não aderiu a um movimento que já existia e ao qual teve de se adaptar. Mussolini *criou-o*. Como se pode pensar que nesse ato de criação o *Duce* não usou os conceitos marxistas que faziam parte do seu pensamento de sempre e se rodeou dos seus companheiros socialistas revolucionários de sempre?

¹¹¹ Curzio Malaparte, *Tecnica del colpo di Stato*, Vallecchi Editore, Florença, 1994, p.219.

Confrontados com o facto de que foram sobretudo comunistas quem criou o fascismo, usando para isso reivindicações e elementos ideológicos emanados diretamente da doutrina marxista, alguns marxistas entram em denegação e tentam convencer o mundo, e se calhar a si mesmos, que nada disto é assim. Desmentem a verdade e insultam quem a proclama. Pior, alguns historiadores menos familiarizados com o tema, e a pronunciarem-se sobre o que manifestamente desconhecem, insinuam sem jamais o afirmar taxativamente que é falso que o fascismo tenha origens no marxismo, enquanto o público é mantido na ignorância sobre os factos. O negacionismo está à solta.

Com que base é que se afirma que o fascismo tem origens no marxismo? A ser mesmo assim, por que nunca se falou em tal coisa? Será verdade que correntes tão diametralmente opostas, uma na extrema-esquerda e outra na extrema-direita, tivessem no passado sido a mesma? Será possível que se tenha ido de um extremo ao outro? Poderá ser isto a prova de que os extremos realmente se tocam, como tantas vezes se diz?

A virulência dos marxistas em negar qualquer ligação entre o marxismo e o fascismo e em estigmatizar quem suscite a questão, a confusão mostrada por alguns historiadores e pela comunicação social sobre o assunto e a perplexidade das pessoas em geral quando confrontadas com a questão reflete um desconhecimento profundo e disseminado sobre o que realmente foi o fascismo – e, em certos casos, até o marxismo. Pior, espelha uma instrumentalização da historiografia e até da ciência política pelos discursos ideológicos, com aquelas a tornarem-se reféns destes.

Isso acontece num contexto em que a palavra *fascismo* adquiriu conotações de tal modo negativas, diria mesmo quase satânicas, que se tornou de uso comum no arremesso de insultos. Foi assim que ao longo do tempo o fascismo apareceu descrito por sucessivos intelectuais, políticos e meios de comunicação social como um movimento violento, apenas associado a guerras e tirania e todo e qualquer tipo de bestialidade brutal e gratuita, indiscriminada, niilista, militarista, genocida, tirânica, absurda e irracional. “A violência era a sua ideologia”¹¹², declarou o filósofo socialista liberal italiano Norberto Bobbio numa declaração típica desta linha de pensamento, como se todo o fascismo se reduzisse à violência e nada mais houvesse a acrescentar ou a contextualizar.

¹¹² Norberto Bobbio, *Dal fascismo alla democrazia – I regime, le ideologie, le figure e le culture politiche*, Baldini Castoldi Dalai, Milão, 2008, p.40.

Na base deste maniqueísmo primário que contaminou certa investigação académica está justamente a ideologização do estudo do fascismo. “O discurso sobre o fascismo”, observou De Felice, “é feito em termos essencialmente políticos”¹¹³ com um recurso permanente à diabolização como arma política. “Este é um tipo de interpretação que teve até um grande êxito literário”, constatou o historiador italiano, indicando que “há escritores em Itália, até com um grande nome, que fizeram a história mítica do fascismo, que até pode ser divertida, mas que com a realidade do fascismo tem muito pouco em comum e que sobretudo, em vez de ajudar a compreender o fascismo, aumenta a confusão de ideias”¹¹⁴. Ora este tipo de “discurso tem sido muito mais político do que científico”¹¹⁵ por parte de “um certo antifascismo de comício”¹¹⁶. O discurso histórico sobre o fascismo tende por isso a não ser verdadeiramente história, mas “demonologia” que “não tenta ver a realidade verdadeiramente de perto.”¹¹⁷

O delírio diabolizante é tão vasto que houve até quem apresentasse o fascismo como uma reação agressiva das massas sexualmente reprimidas, com Wilhelm Reich a equipará-lo a uma “religiosidade que deriva da repressão sexual”¹¹⁸. Já os marxistas consideravam-no “a ditadura terrorista aberta dos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas elementos do capital financeiro”¹¹⁹, nas palavras de Georgi Dimitrov que se tornaram doutrina ortodoxa comunista. Os comunistas chegaram a catalogar de fascistas todos os movimentos que tinham o desprazo de não serem comunistas, dos liberais aos socialistas democráticos. A ideologia de Mussolini seria, disseram-nos e repetiram-nos ao longo do tempo, uma revolta contra a razão – embora sem explicar o que queria isso dizer exatamente, talvez porque nem os próprios autores da expressão a entendiam.

¹¹³ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1975, p.109.

¹¹⁴ *Idem*, p.109/110.

¹¹⁵ *Ibidem*, p.111.

¹¹⁶ *Ibidem*, p.112.

¹¹⁷ *Ibidem*, p.114.

¹¹⁸ Wilhelm Reich, *The Mass Psychology of Fascism*, Farrar, Straus and Giroux, Nova Iorque, 1970, p.xv.

¹¹⁹ Georgi Dimitrov, “The Fascist Offensive and the Tasks of the Communist International in the Struggle of the Working Class”, Sétimo Congresso Mundial da Internacional Comunista, 2 de agosto de 1935, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

O problema é que esta sempre se revelou uma forma simplista, estereotipada e maniqueísta de encarar uma questão de enorme complexidade. Uma tal postura afigura-se desapropriada em académicos, pois um pensador não pode ignorar os factos e limitar-se a reproduzir ideias feitas, primárias e superficiais, que reforçam clichés de raiz política, ideológica e histórica. A sua obrigação é a de se libertar do ambiente ideológico que tolhe o livre pensamento e questionar dogmas, derrubar tabus e desafiar as noções erradas, mesmo quando são consensuais, escavando mais fundo até chegar à essência das questões e as conhecer verdadeiramente. Conhecer, não por concordar ou discordar delas, mas para as compreender e melhor captar o seu contexto e todo o espírito de uma época.

Este é um princípio elementar em historiografia e causa espanto que ainda hoje haja necessidade de o lembrar. “A história, ao contrário da ideologia e da fé, baseia-se na verdade dos factos e não em certezas absolutas”, recordou De Felice, antigo membro do Partido Comunista Italiano e o maior especialista na história do fascismo, em revolta contra a instrumentalização historiográfica do fascismo para fins ideológicos e políticos. O discurso histórico “descreve o mundo como foi, não como queremos que tenha sido. Uma *vulgata* historiográfica, agressivamente hegemónica, construída por razões ideológicas (legitimar a democracia com o antifascismo), mas usada frequentemente para objetivos políticos (legitimar a esquerda comunista com a democracia), criou, em vez disso, uma série de estereótipos que impediram que se desfiasse a intrincada meada na qual se emaranharam os nós irresolutos dos últimos cinquenta anos”¹²⁰ (parênteses no original).

É de facto perturbador que o discurso historiográfico e de ciência política sobre o fascismo se apresente tradicionalmente colorido de observações moralistas de reprovação desta ideologia, quase como se houvesse uma obrigação não escrita de só se escrever sobre o fascismo se o texto contiver as adequadas palavras de condenação. Ora o discurso moral não só não é um discurso de natureza científica como é contrário ao seu espírito. O comunismo e as diversas religiões tradicionais, por exemplo, prometeram o paraíso enquanto ideologias mas enquanto regimes provocaram milhões de mortos e vasto sofrimento em fatias importantes da humanidade, como está amplamente documentado pela historiografia, mas não é de todo aceitável, como qualquer cientista social sabe ou tem obrigação de saber, que um

¹²⁰ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1995, p.45/46.

estudo sobre o comunismo ou sobre as diversas religiões tradicionais seja acompanhado de expressões moralistas de aprovação ou reprovação. Um discurso desses foge ao necessário rigor científico. Se assim é, e se todos os cientistas sociais o sabem, por que razão em relação ao fascismo este princípio tão elementar é tantas vezes colocado em suspenso e a condenação se torna obrigatória? O fascismo é uma ideologia que, na ciência política ou historiográfica, tem de ser tratada como qualquer outra ideologia. É isso, e simplesmente isso, o que me proponho fazer nesta tese.

Essa é, de resto, a lição mais importante que De Felice deu ao mundo. Para o grande historiador italiano, no estudo do fascismo deve ser feito “um esforço para separar a história da ideologia”¹²¹, o que significa “pôr de lado as emoções, os preconceitos, as convicções ideológicas e políticas, a indignação moral e considerações éticas para, em vez disso, estabelecer a verdade dos factos e lançar luz sobre as respetivas motivações”¹²². Este foi um ponto em que o autor de *Mussolini, o Revolucionário* foi muito insistente. “Quando um estudioso se encontra defronte de uma realidade tão complexa e dramática (...) como o fascismo e o antifascismo – deve haver a coragem de fugir de escolhas de campo e de tomada de posições emotivas: os discursos moralísticos estão privados de sentido e de eficácia. Raiva e ressentimento, indignação e condenação são sentimentos que, a par da participação militante, deformam a correta interpretação histórica, inibem a reconstrução dos factos.”¹²³

Para determinar os factos para além dos preconceitos, De Felice apostou numa técnica que é óbvia e elementar na pesquisa histórica, mas que, por estranho que pareça, se revelou quase inovadora no estudo do fascismo: o uso dos próprios textos fascistas como fonte histórica para compreender a ideologia do movimento. Apenas um historiador antes dele, o marxista Enzo Santarelli, o havia feito. Para entender a ideologia fascista basta simplesmente “fazer falar os arquivos”¹²⁴, argumentou De Felice, expondo a evidência. Foi isso o que a historiografia tradicional sobre o fascismo, elaborada sobretudo por autores marxistas e adotada acrítica e passivamente pela generalidade dos restantes, ao longo do tempo evitara fazer, à exceção de Santarelli. “À historiografia marxista/comunista, De Felice criticava o seu conformismo e a sua insuficiente preocupação pela consulta dos documentos

¹²¹ *Idem*, 46.

¹²² *Ibidem*, p.149.

¹²³ *Ibidem*, p.150/151.

¹²⁴ *Ibidem*, p.149.

no estabelecimento de juízos gerais, considerados por ele infundados e politicamente determinados”¹²⁵, observou Gustavo Corni no seu levantamento da historiografia sobre o fascismo, não hesitando em considerar o autor de *Mussolini, o Revolucionário* como “reconhecidamente o maior especialista sobre a história do fascismo”, o que se deve em grande parte a um trabalho assente no “predomínio das fontes”¹²⁶ em vez dos habituais julgamentos morais ideologicamente orientados. Também James Gregor descreveu o livro de De Felice como “o trabalho definitivo” sobre o *Duce*, pois “revelou um Mussolini desconhecido, ou esquecido, pelos académicos e pelo público informado.”¹²⁷

O que foram então os totalitarismos? Por que razão o fascismo pretendeu ser totalitário sem o conseguir e o comunismo e o nacional-socialismo o foram efetivamente? O facto de as três correntes serem, ou quererem ser, tiranas e totalitárias resultou de processos independentes uns dos outros, e nesse caso as suas parecenças não passam de coincidências, ou estarão as três ideologias intimamente relacionadas por laços doutrinários comuns que nos têm sido ocultados? E que laços são esses? Porque nos foram escondidos? Foram-no realmente?

De que foram escondidos, não parece haver dúvidas. Quando se lê na íntegra o texto original *em italiano* de muitos políticos ou ideólogos fascistas é impossível não reparar nas múltiplas alusões ao projeto socialista e no permanente recurso a terminologia e conceitos marxistas nas suas formulações ideológicas. O mais extraordinário é que esses trechos, sendo tão reveladores sobre o fascismo quanto centrais à sua ideologia, foram durante muito tempo persistentemente omitidos nos textos para o grande público. É como se tais afirmações nunca tivessem sido sequer produzidas. Será possível que se escreva sobre o fascismo sem se lerem os textos originais em italiano?

O mais interessante é que a verdade foi escondida em plena luz do dia. Isso foi possível graças à manipulação do que em psicologia se designa por esquemas cognitivos, um conceito de condicionamento da percepção introduzido por Sir Frederic Bartlett quando lidou experimentalmente com o que designou por “problemas de determinação, direção e modificação

¹²⁵ Gustavo Corni, *op. cit.*, 2011, p.59.

¹²⁶ *Idem*, p.65.

¹²⁷ James Gregor, “Professor Renzo De Felice and the Fascist Phenomenon”, *World Politics*, nº3, Volume 30, abril de 1978, Cambridge University Press, Cambridge, p.434.

social”¹²⁸ dos processos cognitivos. O fenómeno foi também muito estudado por Jean Piaget e Leon Festinger, entre outros. Num estudo que se tornou um clássico, intitulado *When Prophecy Fails*, Festinger e a sua equipa infiltraram-se numa seita apocalítica que profetizava em dias precisos a chegada de extraterrestres (a 1 de agosto no Lyons Field) e a ocorrência de um grande cataclismo na Terra (na madrugada de 21 de dezembro), para ver como os seus membros reagiriam à desconfirmação dessas profecias. Sempre que uma profecia falhava, os investigadores constataram que os membros da seita improvisavam explicações e reinterpretavam os acontecimentos de modo a não invalidar a teoria, procurando o apoio uns dos outros para eliminar quaisquer dúvidas, em vez de simplesmente concluírem que as profecias não se realizaram porque eram falsas. A descoberta de Festinger e da sua equipa forneceu a chave para compreender os mecanismos a que as pessoas recorrem para defenderem a sua ideologia de todos os factos que a põem em questão.

Os esquemas cognitivos são estruturas mentais que organizam o conhecimento e os processos cognitivos, categorizando os objetos para interpretar o mundo. É assim que são criados os estereótipos ideológicos. Toda a informação que nos chega é categorizada nessas estruturas mentais, condicionando a sua interpretação, e qualquer informação nova que não esteja de acordo ou ponha em causa tais estruturas preconcebidas tem tendência a ser reinterpretada de maneira a tornar-se compatível com elas ou simplesmente rejeitada e esquecida. Leon Festinger chamou dissonâncias cognitivas a tais situações de desconformidade. Essas dissonâncias cognitivas são geralmente resolvidas de modo a que a informação nova se conforme com as estruturas cognitivas preestabelecidas, o que convenceu Festinger da “futilidade de mudar uma convicção forte, especialmente se a pessoa convencida investiu na sua crença”¹²⁹ e se o crente tiver o “apoio social”¹³⁰ de um grupo que partilha a sua crença. Por outras palavras, adaptamos a informação aos nossos preconceitos.

Assim, se estabelecermos a estrutura mental de que o fascismo está em total oposição ao socialismo e ao marxismo, se investirmos assumida e

¹²⁸ Sir Frederic Bartlett, *Remembering: A Study of Social Psychology*, Cambridge University Press, Cambridge, 1997, p.12.

¹²⁹ Leon Festinger, Henry W. Riecken e Stanley Schachter, *When Prophecy Fails – A Social and Psychological Study of a Modern Group that Predicted the Destruction of the World*, CrossReach Publications, 2016, p.5.

¹³⁰ *Idem*, p.6.

publicamente nesse preconceito e se o grupo social/ideológico a que pertencermos também investir nele, todas as descobertas que contradigam tal preconceito serão reinterpretadas de maneira a encaixarem nessa estrutura ou então acabarão liminarmente negadas. A realidade tem de se encaixar ao nosso preconceito, pois não aceitamos que ela o invalide. É isso o condicionamento cognitivo e é esse fenómeno de eliminação das dissonâncias cognitivas que explica por que razão as ligações do fascismo ao marxismo conseguiram ser ocultadas com tanto sucesso durante tanto tempo. A verdade sempre esteve diante dos nossos olhos, bastava ler os textos dos ideólogos fascistas e observar as semelhanças de comportamento dos regimes fascistas e comunistas para o perceber, mas o condicionamento cognitivo a que tínhamos sido sujeitos criou esquemas mentais que nos impediam de ver e aceitar a evidência exposta à nossa frente.

Por outro lado, aqueles que investiram fortemente na ideia de que não existe qualquer relação entre o fascismo e o socialismo, designadamente políticos e outras figuras públicas da área socialista com forte retórica antifascista ou personalidades da área neofascista com forte retórica antisocialista, terão ainda maior relutância em aceitar que se enganaram. Se aparecerem teses com dados que contradigam a visão que *preferem* do fascismo e que lhes suscitem dúvidas e inquietações, consultarão pessoas que partilham a mesma visão do fascismo e estas logo lhes darão o apoio social necessário para rejeitarem tais teses e dados. Daí que Festinger fale na “futilidade de mudar uma convicção forte”. Seja qual for a prova que se faça nesta tese, dificilmente aceitarão mudar de opinião. Não porque os argumentos não sejam convincentes, mas porque *não querem* ser convencidos. Investiram demasiadamente nesse mito para se poderem dar ao luxo de reconhecer que ele é falso. Embora em Itália haja já intelectuais da área socialista que reconhecem o fascismo como uma ideologia socialista, e de por todo o mundo intelectuais comunistas desiludidos terem concluído que os regimes comunistas não passavam afinal de regimes fascistas com outro nome, é raro encontrar pessoas capazes de uma tão intransigente honestidade intelectual.

A reiterada tendência para ignorar todas as referências que ligam o discurso fascista ao socialismo em geral e ao marxismo em particular acabou por resultar inevitavelmente numa distorção e desestruturação do pensamento da corrente inaugurada por Benito Mussolini, tornando-o de todo incongruente e incompreensível, como se realmente fosse irracional.

Parece difícil que uma depuração dessa amplitude, em particular pelo facto de ser tão seletiva e incidir constante e exclusivamente sobre o mesmo aspeto, o socialismo do fascismo, seja puramente accidental.

E, no entanto, todos os textos “proibidos” – não só os do pensamento socialista do fascismo como as referências xenófobas, nacionalistas, supremacistas, violentas e racistas que se podem encontrar nos escritos de Marx e Engels e cuja existência é também largamente ignorada pelo grande público – são essenciais para lidar com o problema abordado por esta tese. Isto porque, para entender as ligações entre o comunismo, o fascismo e o nacional-socialismo, mais as respetivas naturezas, objetivos e projetos, torna-se necessário conhecer as verdadeiras palavras dos ideólogos dos diversos socialismos, em particular aquelas que durante tanto tempo permaneceram longe do olhar público, e também os atos praticados. Interessam-me sobretudo os discursos e as ações que mostram as semelhanças entre estas ideologias. Uma vez estabelecidas tais semelhanças, o trabalho seguinte será o de tentar determinar se elas resultam de um mero acaso ou se são indícios de existência de relações efetivas entre as ideologias em questão.

Esse é o esforço desta tese, levado a cabo não para embaraçar os crentes destas ideologias, embora isso possa acontecer como consequência inevitável de tudo o que aqui é exposto, mas para revelar o que está escondido. “As opiniões heréticas”, escreveu John Stuart Mill, “são em geral essas verdades suprimidas e negligenciadas que rebentam as mordaças que as mantiveram silenciadas”¹³¹. Significa isto que esta tese é uma heresia? Talvez. É sobretudo um texto provocatório; nunca para ofender, sempre para fazer pensar.

A análise do socialismo fascista não se limitará nestas páginas, há que o sublinhar, à questão das origens marxistas do fascismo. Uma vez essas raízes estabelecidas, coisa a que me proponho na primeira parte deste estudo, haverá que lidar com os diversos problemas que uma tal demonstração inevitavelmente levanta. Esses problemas traduzem-se numa multiplicidade de interrogações e perplexidades. Alguma vez o fascismo deixou de ser socialista ou manteve-se sempre como uma corrente socialista rival das restantes? A ser socialista, que tipo de socialismo o fascismo preconizaria? Seria marxista ou teria outra natureza? Qual o tipo de ligação doutrinária que manteve com os restantes socialismos, desde o bolchevismo ao nacional-

¹³¹ John Stuart Mill, *op. cit.*, 2010, p.67.

socialismo? Até que ponto será legítimo encarar os regimes socialistas rivais, incluindo os comunistas, como variantes do fascismo genérico? E de que modo a interpretação do fascismo como um fenómeno socialista nos ajuda a compreender não apenas o passado como certos acontecimentos da atualidade e a fazer previsões para o futuro?

O que quero dizer é que a interrogação primeira que orienta este trabalho, a origem marxista do fascismo, suscita obrigatoriamente um conjunto subsequente de problemas que não podem ser ignorados nem contornados. Talvez pareçam à primeira vista problemas diferentes e se crie assim a impressão de que esta análise não se limita a um tema restrito e devidamente delimitado, como é próprio de um estudo académico, mas vista a questão em conjunto torna-se claro que os problemas aparentemente diferentes aqui escarpelizados não passam na verdade de facetas diferentes do mesmo problema central – o fio socialista do fascismo.

Sendo certo que o problema das relações íntimas do fascismo com o socialismo em geral só se coloca verdadeiramente quando falamos das versões ditatoriais do socialismo. O socialismo liberal – que aceita e abraça aberta e convictamente a democracia liberal ao ponto de se poder discutir se não se tratará antes de um liberalismo social, apesar de o seu fundador também ter influenciado certos aspetos do fascismo, como veremos – está evidentemente fora desta equação.

Tratando-se este de um estudo sobre a história intelectual do fascismo, e em particular sobre o seu fio socialista, nele proponho-me fazer três demonstrações consecutivas, cada uma consequência da precedente. A primeira é que *o fascismo tem origem no marxismo*; a segunda é que *o fascismo manteve-se sempre como uma corrente socialista*; e a terceira é que *os regimes comunistas foram na realidade regimes fascistas*.

Começemos pela primeira. “Para compreender o fascismo é preciso estudar a teoria do socialismo”¹³², estabeleceu George Orwell, sempre ele. O grande escritor socialista sabia o que dizia. É que, de facto, para perceber as diferentes correntes socialistas, incluindo a fascista, e as respetivas ligações doutrinárias, é fundamental primeiro entender a ideologia específica de onde estas correntes são originárias, o socialismo, e também o contexto da época em que a ideologia socialista geral nasceu – a era em que apareceram as máquinas, os operários e as fábricas.

¹³² George Orwell, “The Lion and the Unicorn: Socialism and the English Genius”, in George Orwell, *op. cit.*, 2004, p.35.

É por aí que temos de começar, pois na verdade torna-se impossível entender o fascismo sem conhecer o socialismo, e especificamente a corrente socialista da qual o movimento de Benito Mussolini emergiu.

O marxismo.

Demonstração 1

O fascismo tem origem no marxismo

O marxismo como ciência

O capitalismo.

É aí que começa a moderna história das ideologias socialistas. É verdade que a ideia socialista remonta de certo modo a Platão e que a Revolução Francesa, ao colocar a igualdade como a segunda palavra do seu lema, desempenhou um papel importante, o mesmo acontecendo com o impacto da publicação de *O Contrato Social*, de Jean-Jacques Rousseau, obra cujo tom foi dado logo na frase de abertura: “O homem nasceu livre e por toda a parte está agrilhado”¹³³. Estas ideias cristalizaram os fundamentos de um novo quadro ideológico, mas foi o desenvolvimento do capitalismo e a industrialização, em particular a desigual distribuição da riqueza então produzida, que verdadeiramente desencadearam todo o processo que, na sua expressão mais extrema, desembocou nos totalitarismos do Século XX.

Para compreender o aparecimento da ideia socialista é preciso começar por entender o contexto ideológico da época. Durante muito tempo a Bíblia foi considerada o livro onde a solução de todos os mistérios do mundo se encontrava registada; tudo estava nas Sagradas Escrituras, nada havia fora delas. Esta ideia foi quebrada no Século XVII quando Bento de Espinosa violou tabus e dogmas e demonstrou, para enorme escândalo na época, que não se estava perante um texto divino, mas uma construção exclusivamente humana. Espinosa revelou que “construí um método de interpretação das Escrituras”¹³⁴ que envolvia “um espírito metódico, imparcial e livre para examinar a Bíblia”¹³⁵, método racionalista hoje conhecido por exegese. Abriu-se assim a caixa de Pandora.

É certo que o filósofo judeu português só aplicou o seu método ao Velho Testamento, mostrando que a Bíblia judaica não passava de um simples livro escrito por homens e fruto de um determinado contexto histórico, para mais um texto repleto de erros e contradições. No século seguinte, no entanto, a ideia de Espinosa foi retomada na Alemanha por Hermann Reimarus, um professor de Línguas Orientais, e pela primeira vez usada para dissecar o Novo Testamento cristão. Quando estudou os evangelhos segundo o método espinosista, o que Reimarus apurou sobre Jesus foi de tal modo chocante que nem se atreveu a publicar as suas descobertas. Só depois da sua morte esses textos viriam a conhecer a luz do dia pela mão de Gotthold Lessing, um outro discípulo de Espinosa. Os estudos de Reimarus, confirmados a seguir por novos estudos de David Strauss, Bruno Bauer e de sucessivos historiadores

¹³³ Jean-Jacques Rousseau, *Du contrat social*, Flammarion, Paris, 1966, p.42.

¹³⁴ Bento de Espinosa, *op. cit.*, 2019, p.4.

¹³⁵ *Idem*, p.3.

e teólogos sempre com recurso ao mesmo método racionalista, revelaram que Jesus não era nenhuma entidade divina, mas um homem de carne-e-osso diferente daquele que a Igreja apresentava: um mero rabino que nunca teve pretensões de ser Deus nem tinha a menor intenção de criar uma nova religião, sendo que o cristianismo foi uma construção posterior a Jesus. Ou seja, afinal Cristo não era cristão.

Estas descobertas perturbadoras minaram a crença na religião tradicional junto de muitos pensadores europeus. Descredibilizada a figura de Jesus como Deus-filho e da Bíblia como texto divino que encerrava a solução dos mistérios do mundo, os filósofos da época partiram em busca de uma nova doutrina que substituísse o cristianismo, a religião que apregoava “bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mateus 5:3) e que sustentava que “é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus” (Lucas 18:25).

Os valores cristãos encontravam-se de tal modo entranhados nos valores coletivos europeus, incluindo dos pensadores que tinham deixado de acreditar no cristianismo, que estes intelectuais decidiram que a nova doutrina social que estavam a criar teria também de enaltecer os pobres e demonizar os ricos. Ou seja, teria de ser uma espécie de cristianismo sem Cristo. Ao mesmo tempo, essa nova doutrina deveria manter intacta a estrutura da narrativa escatológica judaico-cristã, com a sua visão da história dominada por uma metanarrativa em progressão linear dividida entre um passado paradisíaco interrompido por um pecado original, um presente assolado pelo sofrimento geral resultante desse pecado primordial e um futuro em que a humanidade seria resgatada pela chegada do reino dos céus, acontecimento utópico pós-apocalíptico que estava iminente e que tudo resolveria.

Esta metanarrativa messiânica judaico-cristã exprimia um arquétipo culturalmente muito enraizado nos valores da sociedade burguesa devido a séculos de ideologia cristã. Vamos encontrá-la assim impregnada na filosofia de Georg Hegel. O grande filósofo alemão expunha a dialética como um processo natural e dizia que a evolução histórica era animada por um espírito que se manifestava numa nova entidade, já não em Deus mas no Estado, e obedecia a uma teleologia. “A história é a materialização do espírito em forma de acontecimentos”¹³⁶, escreveu Hegel, quase como se a história fosse uma entidade viva de características divinas e alimentada por uma narrativa

¹³⁶ Georg Hegel, *The Philosophy of Right*, Dover Publication Inc, Mineola, 2005, p.201.

transcendente, uma espécie de Espírito Santo. Estava assim filosoficamente em marcha a substituição do Deus da Bíblia por um outro tipo de divindade.

Ao mesmo tempo, processavam-se mudanças muito importantes no modo de vida das sociedades que iniciaram o processo de industrialização. Não é por acaso que Espinosa emergiu na República dos Países Baixos, pátria dos burgueses, do capitalismo, do liberalismo e farol do dealbar da Idade das Luzes. “A República era uma ilha de abundância num oceano de carência”, observou Simon Schama num estudo sobre os extraordinários efeitos do capitalismo no país onde o filósofo judeu português nasceu, notando que “os seus artesãos, mesmo os trabalhadores sem qualificações e os agricultores (pois é um equívoco chamar-lhes camponeses) gozavam de rendimentos mais altos, melhor alimentação e modos de vida mais seguros do que em qualquer outra parte do continente”¹³⁷ (parêntesis no original).

O capitalismo estava a gerar tanta prosperidade que se tornou até um embaraço para a ética dos burgueses neerlandeses, embuídos dos tradicionais valores cristãos de enaltecimento dos pobres e de diabolização dos ricos. De uma situação em que a generalidade da população europeia vivia na pobreza passou-se para outra em que uma parte dessa população, a neerlandesa, começou a ter acesso a riqueza, criando-se desigualdade em relação aos restantes europeus que permaneciam na miséria. A desigualdade acentuou-se dentro dos próprios países que foram sucessivamente aderindo ao capitalismo, sobretudo com a revolução industrial, quando os camponeses abandonaram a fome, a incerteza da produção agrícola, a dureza da vida e o frio nos campos e se transferiram em massa para as cidades, atraídos pelos salários semanais e pelas melhores condições que existiam nas zonas urbanas graças ao desenvolvimento gerado pelo capitalismo.

O problema é que, embora nas cidades a vida fosse indubitavelmente melhor do que nos campos, pois caso contrário os camponeses não se teriam mudado, a situação dos agricultores transformados em operários contrastava fortemente com a da burguesia subitamente abastada que aí vivia. Essa desigualdade chocou muitos burgueses, cuja ética herdada do cristianismo os deixou desconfortáveis com o contraste entre a repentina abundância na sua vida e a carência alheia. “Que aqueles que têm abundância se lembrem que estão rodeados de espinhos e que é preciso cuidado para não sermos picados

¹³⁷ Simon Schama, *An Embarrassment of Riches – An Interpretation of Dutch Culture in the Golden Age*, Fontana Press, Londres, 1988, p.323.

por eles”¹³⁸, avisou Jean Calvin, o pregador da ética calvinista em defesa da luta contra a pobreza. Para os que permaneciam cristãos, como Calvin e outros, a solução era a tradicional caridade cristã. Havia que ajudar os pobres, como Jesus ordenara nos evangelhos, pois dos despojados era o reino dos céus.

Mas, e os burgueses que tinham deixado de ser cristãos? O que poderiam eles fazer por esses mesmos despojados? Estes homens bem-pensantes questionaram-se como, num quadro ideológico e político exterior ao cristianismo, se poderia fazer chegar às populações pobres a crescente riqueza gerada pelo capitalismo. A resposta foi propor uma nova solução ideológica.

O socialismo

O socialismo é o movimento criado por diversos intelectuais bem-intencionados, essencialmente burgueses que explícita ou implicitamente tinham deixado de ser cristãos, para tentar dar resposta às desigualdades geradas pelo capitalismo e fazer chegar riqueza aos segmentos da população que permaneciam pobres numa economia que começava a gerar abundância. De François-Noël Babeuf a Robert Owen, vários foram os pensadores que apareceram com soluções de distribuição da riqueza produzida pelo capitalismo.

Os diversos socialistas apresentaram diferentes ideias, umas assentes em noções de reforma da sociedade e outras apontando para uma revolução violenta, mas a maioria girava à volta de um conceito central expresso por Babeuf, apontado como o primeiro comunista moderno: “o precioso princípio da igualdade”. Esse princípio significava “*ligar a sorte de todos; dar a cada membro da sociedade a sua parte independentemente da sorte ou das circunstâncias felizes ou desfavoráveis; assegurar a cada homem e à sua descendência, seja qual for o seu número, o que eles precisam mas não mais do que precisam*”¹³⁹ (itálico no original).

A solução engendrada pela generalidade dos primeiros socialistas passava assim pelo fim da propriedade privada e pela distribuição pela sociedade da riqueza gerada pelo capitalismo – as exceções foram Fourier e Saint Simon, que admitiam a propriedade privada. O socialismo foi assim

¹³⁸ Jean Calvin, “Ethics and the Common Life”, in Jean Calvin, *Calvin: Commentaries*, S. C. M. Press, Londres, 1958, p.351.

¹³⁹ François-Noël Babeuf, “Defense”, fevereiro-maio de 1797, www.marxists.org.

criado por burgueses antiburgueses. No meio do clima que se gerou, Proudhon chegou mesmo ao ponto de proclamar que “propriedade é roubo”¹⁴⁰, a conclusão lógica da ideia de Babeuf de que “a terra não pertence a ninguém” e que “tudo o que é possuído por aqueles que têm mais do que a sua fatia individual dos bens da sociedade é roubo e usurpação”¹⁴¹. De certo modo pode considerar-se que, descontando as naturais *nuances* dos diversos pensadores e correntes, é nestes conceitos que radica a essência do comunismo.

À maneira de uma religião, no entanto, depressa o socialismo se multiplicou em seitas diferentes, cada uma com características particulares na definição da sociedade comunista: os socialistas clericais, os socialistas feudais, os fourrieristas, os owenitas, os proudhonistas, os lassalleanos e por aí fora. Sempre animados por boas intenções de natureza pós-cristã, os movimentos socialistas sucederam-se como reação ao capitalismo, à industrialização e à forma desigual como a riqueza chegava, ou não chegava, à população.

Acontece que este era também um tempo de cientismo, a crença de que tudo era científicável a partir dos métodos propostos por Francis Bacon e René Descartes, com Isaac Newton a descobrir leis deterministas que na física regulavam o comportamento dos astros e Charles Darwin a desvendar o mecanismo que na biologia determinava a evolução das espécies. “É agora a tarefa do intelecto”, proclamou Engels em referência ao “processo de evolução do homem”, “detetar a lei interior que percorre todos os seus fenómenos aparentemente acidentais”¹⁴². Se Darwin descobrira a luta entre espécies como lei que regulava a evolução biológica, Marx e Engels acharam que haviam descoberto a luta de classes como lei que regulava a evolução histórica. “É a luta darwinista do indivíduo pela existência transferida da natureza para a sociedade com violência intensificada”¹⁴³, estabeleceu Engels, para quem “a natureza opera dialeticamente” e nesse sentido “Darwin deve ser nomeado antes de todos os outros”¹⁴⁴. Os fundadores do marxismo começaram a ver-se a si próprios como os darwinistas da ciência histórica.

¹⁴⁰ Pierre-Joseph Proudhon, *What is Property? – An Inquiry into the Principle of Right and of Government*, Benj. R. Tucker, Princeton, 1876, p.11.

¹⁴¹ François-Noël Babeuf, “Defense”, fevereiro-maio de 1797, www.marxists.org.

¹⁴² Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.38.

¹⁴³ *Idem*, p.376.

¹⁴⁴ *Ibidem*, p.36.

Espinosa tinha proposto que a razão substituísse as religiões tradicionais como método para compreender o mundo e governar os homens, sugestão que foi interpretada por vários pensadores como a favor de uma espécie de religião da razão. O filósofo judeu português tinha evidentemente em mente o liberalismo, até porque tornara claro que “o verdadeiro objetivo da governação é a liberdade”¹⁴⁵ e opusera-se a uma cultura em que se invejassem os ricos, observando que “inveja é ódio”¹⁴⁶ e que “a propriedade da natureza humana que leva os homens a terem pena de outros é a mesma que os leva a serem invejosos”¹⁴⁷, mas diferentes pensadores alemães propuseram outras ideologias para ocupar o lugar dessa religião da razão. “O cristianismo esvaziou o Valhala, abateu os bosques sagrados, descreveu os símbolos nacionais como se fossem superstição vergonhosa, um veneno diabólico, e em sua substituição deu-nos símbolos de uma nação cujo clima, leis, cultura e interesses nos são estranhos e cuja história nada tem a ver com a nossa”¹⁴⁸, criticou Georg Hegel. Johann Fichte propôs então que se adotasse a religião da “preservação da nação alemã”¹⁴⁹. Ou seja, o nacionalismo.

Outros intelectuais burgueses sugeriram como religião da razão uma outra ideologia: o socialismo. O autor daquele que é considerado o primeiro livro socialista alemão, Moses Hess, descreveu Espinosa como o terceiro profeta judeu, depois de Moisés e de Jesus, pois havia sido ele quem mostrara ser possível conceber uma religião universal e racional, religião que o pensador socialista alemão identificou como sendo o comunismo. Hess não assinou a sua obra, mantendo-se anónimo, embora tenha dado uma pista. Disse ser o seu livro escrito “*von einem Jünger Spinozas*”¹⁵⁰, ou seja, por um jovem discípulo de Espinosa. Aí estava, pois, a origem da ideia alemã de fazer do socialismo a religião da razão.

O socialismo científico

¹⁴⁵ Bento de Espinosa, *op. cit.*, 2019, p.150.

¹⁴⁶ Bento de Espinosa, *op. cit.*, 2001, p.151.

¹⁴⁷ *Idem*, p.123.

¹⁴⁸ Georg Hegel, *On Christianity – Early Theological Writings*, Harper & Brothers, Nova Iorque, 1996, p.146.

¹⁴⁹ Johann Fichte, *Addresses to the German Nation*, The Open Court Publishing Company, Londres, 1922, p.19.

¹⁵⁰ Edmund Silberner, “Der Junge Moses Hess Im Lichte Bisher Unerschlossener Quellen: 1835-1840”, *International Review of Social History*, Volume 3, nº2, Cambridge University Press, 1958, p.242.

Foi neste contexto de desenvolvimento do capitalismo, com a consequente produção de riqueza e emergência de desigualdades no acesso a essa riqueza, e por entre o descrédito do cristianismo e as propostas de criar uma religião da razão num ambiente de cientismo, que Karl Marx e Friedrich Engels apareceram. Ambos anunciaram terem descoberto as leis que tornavam a história tão determinista e necessária quanto o comportamento dos astros em obediência às leis da física enunciadas por Newton ou a evolução das espécies em obediência ao mecanismo da biologia preconizado por Darwin, leis que conduziam inexoravelmente à resolução do problema das desigualdades.

Marx veio reivindicar que as suas teses eram “ciência”¹⁵¹ e que a teoria que criara era “apresentada cientificamente”¹⁵². Engels chegou ao ponto de equiparar explicitamente Marx a Darwin. “Tal como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento da natureza orgânica”, afirmou, “Marx descobriu a lei do desenvolvimento da história humana”¹⁵³. Desdenhando dos restantes socialistas, a quem designaram de “utópicos”¹⁵⁴, Marx e Engels vieram pois dizer que tinham descoberto as leis da história e que, com eles, “o socialismo tornou-se uma ciência”¹⁵⁵. Nasceu assim o “socialismo científico.”¹⁵⁶

Os fundadores do marxismo afirmaram que a história obedecia a leis que ultrapassavam os seres humanos, “leis eternas”¹⁵⁷ do que designaram por “conceção materialista da história”¹⁵⁸, o famoso materialismo histórico que transformava a história numa sequência de etapas necessárias até à libertação final. A história, na visão escatológica de Marx e Engels, estava imbuída de uma metanarrativa teleológica de progressão linear evidentemente de matriz judaico-cristã, com o paraíso inicial da sociedade igualitária dos primórdios da humanidade, o pecado original da criação da propriedade privada que expulsou a humanidade desse paraíso primordial, o presente feito de

¹⁵¹ Karl Marx, *A Contribution to The Critique of Political Economy*, The Echo Library, Fairford, 2014, p.10.

¹⁵² *Idem*, p.9.

¹⁵³ Friedrich Engels, “Speech at the Grave of Karl Marx”, 1883, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

¹⁵⁴ Friedrich Engels, *Socialism: Utopian and Scientific*, CreateSpace Independent Publishing Platform, Charleston, 2015, p.38.

¹⁵⁵ *Idem*, p.39 e 47; Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.43.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p.68; Friedrich Engels, *The Peasant War in Germany*, Foreign Languages Publishing House, Moscovo, 1956, p.32; Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.393.

¹⁵⁷ Karl Marx, *op. cit.*, 1996, p.117.

¹⁵⁸ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.48.

sofrimento como resultado do pecado original da propriedade privada e a promessa da revolução iminente que culminaria forçosamente com a libertação da humanidade desse pecado na utopia pós-apocalíptica da sociedade igualitária. “Todo o movimento da história”, escreveu Marx, “é por conseguinte para a sua consciência pensadora, o processo *compreendido e conhecido* da respetiva *realização*”¹⁵⁹ (itálico no original).

Convém notar que Marx nunca visitou uma fábrica e recusou até um convite de Engels para o fazer, pois usava o método rabínico de estudar tendo como fonte exclusiva os textos escritos e não diretamente a observação da realidade. Talvez por isso poucas das suas grandes ideias tenham realmente sido dele. A frase “os trabalhadores não têm pátria” e “os proletários não têm nada a perder a não ser os seus grilhões”¹⁶⁰ pertence a Jean-Paul Marat, enquanto o conceito da “ditadura do proletariado”¹⁶¹ é de Louis Cavaignac e o verdadeiro autor do famoso apelo “trabalhadores de todos os países, univos!”¹⁶² é Karl Schapper. As ideias que constam de *O Manifesto Comunista* provêm de pelo menos quinze fontes diferentes e até a expressão “a religião é o ópio do povo”¹⁶³ foi copiada de Heinrich Heine.

A conceção do mundo de Marx era meramente conceptual e sustentava-se em arquétipos religiosos que lhe eram familiares, o que levou o historiador Paul Johnson a invocar o messianismo quinhentista do cabalista Isaac Luria para defender que “a teoria de Marx de como a história, as classes e a produção funcionam e se desenvolvem não é na essência diferente da teoria cabalística luriânica sobre a Idade Messiânica”¹⁶⁴. Surpreendentemente, o próprio Engels o reconheceu de forma implícita. “Marx”, escreveu ele, “baseou a sua teoria socialista nestas analogias sem sentido que foi buscar à religião.”¹⁶⁵

Para além de ter recuperado a metanarrativa messiânica judaico-cristã da história, o marxismo assumiu a visão animista da natureza que já se encontrava em Hegel. Por várias vezes Marx fez referências místicas ao

¹⁵⁹ Karl Marx, *Economic and Philosophic Manuscripts of 1844*, Wilder Publications, Blacksburg, 2011, p.72.

¹⁶⁰ Robert Payne, *op. cit.*, 1968, p.173.

¹⁶¹ Subrata Mukherjee e Sushila Ramaswamy, *A History of Political Thought – Plato to Marx*, Phi Learning Private Limited, 2ª edição, Nova Delhi, 2011, p.459.

¹⁶² Peter Lamb, *Marx and Engels ‘Communist Manifesto’: A Reader’s Guide*, Bloomsbury, Londres, 2015, p.25.

¹⁶³ Emmett Tyrrell, *The Death of Liberalism*, Thomas Nelson, Nashville, 2011, p.97.

¹⁶⁴ Paul Johnson, *A History of the Jews*, HarperPerennial, Nova Iorque, 1988, p.348.

¹⁶⁵ Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.179.

processo histórico, atribuindo-lhe uma consciência e uma intenção, um pouco como as religiões animistas viam um espírito e uma intenção no comportamento do vento ou do rio. “Toda a história é a preparação do ‘homem’ para se tornar o objeto de consciência *sensorial*, e para as necessidades do ‘homem como homem’ se tornarem necessidades naturais”, sublinhou Marx, afirmando que “a própria história é uma parte *real* da *história natural* – da natureza a desenvolver-se no homem”¹⁶⁶ (itálico no original). O entusiasmo por esta teleologia animista hegeliana da história era partilhado pelo seu principal parceiro intelectual. “A história avança sempre pelo caminho mais direto para uma nova e resplandecente constelação de ideias de uma magnitude semelhante ao sol”¹⁶⁷, proclamou Engels, expondo assim a promessa da escatologia animista e judaico-cristã marxista.

Mais, as leis que segundo Marx e Engels regiam a história eram deterministas e asseguravam que ao feudalismo se sucederia o capitalismo e que este constituía uma fase transitória e necessária até se desenvolverem contradições no sistema que gerariam a miséria e provocariam *automaticamente* a revolução do proletariado. “As relações burguesas de produção são a última forma antagonística do processo social de produção”¹⁶⁸, disse Marx, para quem “as forças produtivas que se desenvolvem no útero da sociedade burguesa criam as condições materiais para a solução desse antagonismo”¹⁶⁹. O proletariado faria a revolução independentemente da sua própria vontade. “A questão não é o que este ou aquele proletário ou mesmo o conjunto do proletariado *considera* ser o seu objetivo do momento”, escreveram Marx e Engels. “A questão é *o que o proletariado é*, e o que, em consequência da sua *essência*, será compelido a fazer”¹⁷⁰ (itálico no original).

Tudo tinha o seu tempo, tudo iria acontecer na sua “etapa de desenvolvimento”¹⁷¹ adequada, pois “a abolição de classes na sociedade pressupõe um determinado degrau na evolução histórica”¹⁷². Como se

¹⁶⁶ Karl Marx, *op. cit.*, 2011, p.78.

¹⁶⁷ Friedrich Engels, “Retrograde Signs of the Times”, *Telegraph für Deutschland*, fevereiro de 1840, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

¹⁶⁸ Karl Marx, *op. cit.*, Fairford, 2014, p.8.

¹⁶⁹ *Idem*, p.8/9.

¹⁷⁰ Karl Marx e Friedrich Engels, *The Holy Family, or Critique of Critical Critique*, Foreign Languages Publishing House, Moscovo, 1956, p.53.

¹⁷¹ Karl Marx, *Capital – A Critical Analysis of Capitalist Production*, Wordsworth Editions, Ware, 2013, p.533.

¹⁷² Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.388/389.

houvesse uma mecânica determinista e inexorável. Tanto assim era que o próprio Engels criticou os comunistas que pretendiam precipitar a instauração da sociedade comunista, determinando que o adequado ritmo da história tinha de ser respeitado e prevendo que “a marcha imparável do desenvolvimento político atingirá o ponto no qual esta transição (para o comunismo) se torna possível e necessária”¹⁷³, o que aconteceria através de “uma revolução violenta, que está destinada a ocorrer”¹⁷⁴ e que “a guerra dos pobres contra os ricos será a mais sangrenta de sempre”¹⁷⁵, tão violenta que “em comparação a Revolução Francesa e o ano de 1794 parecerão brincadeiras de crianças.”¹⁷⁶

O conhecimento das leis da história, no entanto, não constituía um fim em si mesmo, mas um instrumento científico para a mudança. “Até aqui os filósofos limitaram-se a *interpretar* o mundo de diversas formas”, escreveu Marx, mas “o objetivo é *mudá-lo*”¹⁷⁷ (itálico no original). É uma das suas raras frases de teor voluntarista. Contudo, a mudança do mundo que o autor de *O Capital* preconizava, por extraordinário que possa parecer, não era para melhor – até à revolução do proletariado. Marx avisou os comunistas de que não deveriam procurar mitigar os efeitos nocivos do capitalismo, uma vez que a “anarquia da produção que é a fonte de tanta miséria, é ao mesmo tempo a fonte de todo o progresso”¹⁷⁸. Era pois preciso que se gerasse *mais* miséria.

Marx achava que o mal era algo positivo pois seria o mal suscitado pelo capitalismo que geraria a “massa de miséria”¹⁷⁹ e levaria assim os proletários a revoltarem-se e a fazerem a revolução, pelo que os que “quiserem regressar à justa proporcionalidade da produção, conservando as bases atuais da sociedade, são reacionários”¹⁸⁰. Por outras palavras, *quem combatesse a miséria trabalhava para a reação*. Até “a *proibição geral* do trabalho infantil” (itálico no original), escreveu Marx já em final de vida, “é

¹⁷³ Friedrich Engels, *The Condition of the Working Class in England*, Oxford University Press, Oxford, 2009, p.244.

¹⁷⁴ *Idem*, p.266.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p.300.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p.31.

¹⁷⁷ Karl Marx, “Theses on Feuerbach”, 1845, Marx/Engels Internet Archive, www.marxists.org.

¹⁷⁸ Karl Marx, *op. cit.*, 1996, p.62.

¹⁷⁹ Karl Marx, *op. cit.*, 2013, p.534.

¹⁸⁰ Karl Marx, *op. cit.*, 1996, p.62.

reacionária”¹⁸¹. Ou seja, a teoria da miséria desenvolvida pelos fundadores do marxismo levou-os ao ponto de defenderem a manutenção do trabalho infantil no capitalismo e de se oporem à sua proibição.

Mas nem tudo neste rosário de desgraças em que se transformou a história da humanidade seria negativo, uma vez que no fim viria o prémio. A sociedade burguesa era “o último capítulo do estado pré-histórico da sociedade humana”¹⁸², pois com tanta miséria “cresce a revolta da classe trabalhadora”¹⁸³ até que se atinge o ponto crítico.

A revolução do proletariado.

“Soa o estertor da sociedade capitalista privada”, enunciou Marx em *Capital*. “Os expropriadores são expropriados”¹⁸⁴. O proletariado seria “compelido”¹⁸⁵ a fazer a revolução e instalar-se-ia enfim o estágio final da história, a sociedade comunista, uma espécie de descida do reino de Deus à Terra em que os homens se tornariam livres e iguais uns aos outros. Seria nessa altura que, conforme predisse Engels, “as forças objetivas exteriores que até aí governaram a história passam para o controlo do homem”, o que significaria “a ascensão do homem do reino da necessidade para o reino da liberdade.”¹⁸⁶

O reino dos céus da Terra, pois. Ou uma espécie de paraíso judaico-cristão marxista. “O socialismo deixou de ser a descoberta accidental deste ou daquele cérebro engenhoso, mas o resultado necessário da luta entre duas classes historicamente desenvolvidas – o proletariado e a burguesia”¹⁸⁷, proclamou Engels, no que foi prontamente imitado por Marx: “o comunismo é o enigma da história resolvido”¹⁸⁸. Engels e Marx insistiram que “a sua queda (da burguesia) e a vitória do proletariado são inevitáveis”¹⁸⁹, tendo o autor de *O Capital* sublinhado que “a relação dinâmica avança inexoravelmente para a sua resolução.”¹⁹⁰

¹⁸¹ Karl Marx, *Critique of the Gotha Programme*, Foreign Languages Publishing House, Moscovo, 1959, p.35.

¹⁸² Karl Marx, *op. cit.*, Fairford, 2014, p.9.

¹⁸³ Karl Marx, *op. cit.*, 2013, p.534.

¹⁸⁴ *Idem*, p.535.

¹⁸⁵ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.53.

¹⁸⁶ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.66.

¹⁸⁷ *Idem*, p.47; Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.41.

¹⁸⁸ Karl Marx, *op. cit.*, 2011, p.72.

¹⁸⁹ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.20.

¹⁹⁰ Karl Marx, *op. cit.*, 2011, p.70.

Como resultado das “leis eternas”¹⁹¹ da história, o comunismo apresentava-se tão previsível, mecânico e determinado quanto o movimento dos astros ou a evolução das espécies.

Era ciência pura.

A revolução inevitável

Três pontos são muito importantes nesta visão “científica”¹⁹² de salvação. Em primeiro lugar, para Marx e Engels tudo isto se passaria em obediência às leis da história e independentemente da vontade dos homens, em consonância com aquilo a que Albert Camus descreveu como o “fatalismo ativo de Marx”¹⁹³, aliado a um “messianismo revolucionário” e a “aspectos apocalípticos da doutrina”¹⁹⁴, e que é confirmado pelas palavras dos fundadores do marxismo. “A história conduzirá a isso”, proclamou Marx com suprema confiança, sublinhando que “este movimento, que em *teoria* sabemos ser um movimento auto-transcendente, será na *realidade* um processo duro e prolongado”¹⁹⁵ (itálico no original).

Engels reforçou esta ideia. “Os comunistas sabem muito bem que as conspirações não são apenas inúteis, são prejudiciais”, avisou, sublinhando que “as revoluções não são feitas intencional e arbitrariamente, mas em toda a parte e sempre são a consequência necessária de condições independentes da vontade e direção dos indivíduos e classes inteiras”¹⁹⁶. Não seria pois preciso ninguém fazer nada, nem conspirar nem organizar protestos nem mover uma palha que fosse. Uma vez reunidas as condições certas, *a revolução seria espontânea*.

Tal como a física de Newton previa que o movimento dos astros era automático e decorria espontaneamente em obediência a leis independentes da vontade humana, Marx e Engels acreditavam que as suas leis da história encarregar-se-iam de realizar automática e espontaneamente toda a teleologia escatológica que haviam teorizado, fosse qual fosse a vontade humana, pois “as forças sociais ativas operam exatamente como as forças

¹⁹¹ Karl Marx, *op. cit.*, 1996, p.117.

¹⁹² Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.68; Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.32.

¹⁹³ Albert Camus, *L’homme revolté*, Gallimard, Paris, 2015, p.258.

¹⁹⁴ *Idem*, p.240.

¹⁹⁵ Karl Marx, *op. cit.*, 2011, p.88.

¹⁹⁶ Friedrich Engels, *The Principles of Communism*, Prism Key Press, Scottsdale, 2013, p.21/22.

naturais”¹⁹⁷. O fim do capitalismo e a instauração do paraíso comunista, o reino dos céus marxista, seriam o resultado “necessário”¹⁹⁸ das leis da história, uma “marcha imparável”¹⁹⁹ já em curso, “uma revolução (...) destinada a ocorrer”²⁰⁰ e acontecimentos absolutamente “inevitáveis”²⁰¹ que avançavam “inexoravelmente para a sua resolução”²⁰², pois o proletariado não tinha escolha nem livre arbítrio; era “compelido”²⁰³ pelas leis da história a fazer a revolução.

Em segundo lugar, o capitalismo constituía uma fase *imprescindível* da história. “A propriedade privada é uma necessidade para certas fases industriais”, escreveram Marx e Engels, esclarecendo que “na grande indústria a contradição entre instrumento de produção e propriedade privada aparece pela primeira vez e é produto da grande indústria; sobretudo, a grande indústria tem de ser altamente desenvolvida para criar esta contradição. Consequentemente, apenas com a grande indústria se torna possível a abolição da propriedade privada.”²⁰⁴

Ou seja, não seria exequível passar diretamente do feudalismo ao comunismo nem prescindir automaticamente da propriedade privada. Teria sempre de haver uma transição pelo capitalismo, o qual geraria “a grande indústria (...) altamente desenvolvida”²⁰⁵ e um proletariado maduro. “Se os elementos materiais não estiverem presentes”, sublinharam Marx e Engels, “é absolutamente imaterial que a ideia dessa revolução tenha sido já expressada uma centena de vezes”²⁰⁶. Qualquer revolução num ambiente feudal em que os elementos materiais não estivessem presentes não constituía, por conseguinte, uma verdadeira revolução socialista. *A fase capitalista era absolutamente indispensável* pois seria ela que geraria as condições que conduziriam a uma genuína revolução do proletariado.

¹⁹⁷ Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.385.

¹⁹⁸ Karl Marx e Friedrich Engels, *The German Ideology*, Lawrence & Wishart, Londres, 2004, p.95; Friedrich Engels, *op. cit.*, 2009, p.244 e 302; Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.47; e Friedrich Engels, “Draft of a Communist Confession of Faith”, 9 de junho de 1847, Marxist Internet Archive, www.marxists.org, 1847.

¹⁹⁹ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2009, p.244.

²⁰⁰ *Idem*, p.266.

²⁰¹ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.20.

²⁰² Karl Marx, *op. cit.*, 2011, p.70.

²⁰³ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.53.

²⁰⁴ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2004, p.91.

²⁰⁵ *Idem*.

²⁰⁶ *Ibidem*, p.59.

E, em terceiro lugar, a história evoluíra já para a sua fase mais adiantada, o capitalismo tornara-se suficientemente maduro para desenvolver as contradições necessárias e *o momento da grande revolução tinha enfim chegado*. “O lugar mais fácil para fazer profecias é a Inglaterra”²⁰⁷, anunciou Engels, referindo-se ao facto de se tratar do país onde o capitalismo mais se desenvolvera e por isso se encontrava mais próximo da inevitável revolução.

Em consequência, Engels fez a sua primeira profecia em 1845 nas páginas do livro *A Condição da Classe Trabalhadora em Inglaterra*: “a batalha decisiva entre a burguesia e o proletariado aproxima-se”²⁰⁸. Não deu uma data precisa, mas no ano seguinte Marx e Engels voltaram à carga quando, falando sobre o comunismo, ambos escreveram que “as condições para este movimento resultam de premissas agora em existência”²⁰⁹. Mais um ano e Engels repetiu a mensagem. “Agora, nas atuais condições”, afirmou em 1847, “a abolição da propriedade privada não só se tornou possível como absolutamente necessária.”²¹⁰

Era hora.

Em conformidade, Marx anunciou no primeiro número da *Neue Rheinische Zeitung* que a revolução iria ocorrer “o mais tardar em agosto de 1850”²¹¹. Estava enfim definida “cientificamente”²¹² uma data precisa. Assim sendo, Marx e Engels anunciaram à Liga Comunista nesse ano de 1850 que “neste preciso momento (...) uma nova revolução está iminente”²¹³. O inevitável colapso do capitalismo e a subsequente revolução do proletariado ocorreriam a todo o instante e o paraíso comunista estava à beira de ser instituído no planeta. Bastava aguardar e ver tudo acontecer espontaneamente.

O problema é que agosto de 1850 passou, na verdade o ano inteiro completou-se, e... nada aconteceu. A sociedade sem classes não apareceu. O capitalismo não entrara em colapso, os proletários não haviam feito nenhuma revolução, o paraíso não se instalara no planeta. A profecia falhara. Quem pensar que os fundadores do marxismo, confrontados com a realidade,

²⁰⁷ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2009, p.301.

²⁰⁸ *Idem*, p.232.

²⁰⁹ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2004, p.57.

²¹⁰ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2013, p.21.

²¹¹ Robert Payne, *op. cit.*, 1968, p.312.

²¹² Karl Marx, *op. cit.*, Fairford, 2014, p.9; Karl Marx, *op. cit.*, 1959, p.31.

²¹³ Karl Marx e Friedrich Engels, “Address of the Central Committee to the Communist League”, março de 1850, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

atiraram com a toalha engana-se. Nada intimidado pelo fracasso, Marx fez uma nova profecia, a de que a revolução ocorreria afinal em 1851. Agora é que era.

Só que esse ano passou e mais uma vez nada aconteceu. Marx não desistiu e previu a revolução para 1853. Também nada aconteceu. Mas os fundadores do marxismo eram homens persistentes, pelo que persistiram. “Todo o tipo de sintomas estão a aparecer”, escreveu Engels nesse mesmo ano com convicção renovada, prevendo que “o atual estado de coisas não pode continuar para lá da primavera de 1854” e dizendo que estavam já em curso “os preliminares da revolução do proletariado, as medidas para preparar o campo de batalha e abrir-nos o caminho”, para concluir que “se tudo continuar assim mais alguns meses, a Europa estará num esplêndido estado de prontidão, precisando apenas do empurrão de uma crise.”²¹⁴

Pois essa primavera chegou e depois esgotou-se todo o ano de 1854 e de novo nem sinais da revolução do proletariado prevista pelo “socialismo científico”²¹⁵. Fazer profecias podia ser “fácil”²¹⁶, para utilizar a expressão de Engels, mas ver a realidade obedecer à teoria era pelos vistos um pouco mais difícil. Em vez de concluir que havia algo de errado com uma teoria científica que falhava as suas previsões sempre que testada, no entanto, Engels regressou à carga em 1857 para comunicar a Marx a grande novidade sobre a revolução: “desta vez ela está realmente a vir” e terá “dimensões colossais”, sendo que “o proletariado irá combater melhor.”²¹⁷

A revolução de dimensões colossais não veio e o proletariado não combateu nem melhor nem pior. Desengane-se quem pensar que ao fim de tantas tentativas goradas ambos perceberam enfim que não eram capazes de prever cientificamente nenhum acontecimento, pois no mês seguinte Marx escreveu: “estou a trabalhar como um louco pela noite dentro para concluir os meus estudos económicos para que ao menos tenha os esboços clarificados antes de começar o grande cataclismo”²¹⁸. Mais uma vez o dito

²¹⁴ Friedrich Engels, “Engels to Joseph Weydemeyer In New York”, 12 de abril de 1853, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²¹⁵ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.68; Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.32; Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.393.

²¹⁶ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2009, p.301.

²¹⁷ Friedrich Engels, “Engels to Marx in London”, 15 de novembro de 1857, in Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, Volume 40, 2010, p.203.

²¹⁸ Karl Marx, “Marx to Engels in Manchester”, 8 de dezembro de 1857, in Karl Marx e Friedrich Engels, *idem*, p.217.

grande cataclismo não ocorreu. Marx insistiu no ano seguinte e escreveu a Engels para lhe anunciar que “a revolução está iminente.”²¹⁹

Voltou a falhar. As profecias erravam sucessivamente o alvo, mas os profetas do socialismo científico, quais profissionais de profecias, eram homens de fé inabalável. Quando a Comuna de Paris ocorreu, em 1871, os dois profetas do marxismo anunciaram que o grande momento tinha enfim chegado. Marx disse que se tratava da “revolução do proletariado”²²⁰ e que “uma nova sociedade está a aparecer”²²¹, pois “isto é o comunismo”²²². Engels confirmou. “Olhem para a Comuna de Paris”, escreveu. “É a ditadura do proletariado.”²²³

Em pouco tempo a Comuna fracassou. Afinal não fora o fim do capitalismo nem a ditadura do proletariado nem o comunismo. Os fundadores do marxismo, sempre resilientes, não baixaram contudo os braços. Falando sobre a iminência da revolução do proletariado, Engels não abandonou a sua vocação de profeta e em 1878 anunciou que desta feita é que era, “este ponto foi agora alcançado”²²⁴, profecia que repetiu em 1880. Mais uma vez, como se sabe, nada sucedeu – nem em 1878, nem em 1880.

Na verdade Marx morreu em 1883 sem que ocorresse qualquer desmoronamento do capitalismo e a consequente revolução do proletariado. Em 1895 foi Engels quem morreu – e ainda nem vestígios da dita revolução “cientificamente”²²⁵ prevista e iminente. A taxa de sucesso do socialismo científico era embaraçosamente baixa. Ou seja, estava a falhar a maior parte das suas previsões “científicas”²²⁶ – o que mostrava que, em matéria de palpites, o marxismo conseguia a proeza de se revelar uma “ciência”²²⁷ quase ao nível da astrologia. Acertou, no entanto, em algumas previsões, como a relativa à concentração de capital e de propriedades rurais em determinadas circunstâncias, embora tais factos não tenham produzido qualquer efeito catastrófico que conduzisse a uma revolução.

²¹⁹ Karl Marx, “Marx to Engels”, 8 de outubro de 1858, in David McLellan (editor), *Karl Marx: Selected Writings*, Oxford University Press, Oxford, 2ª edição, 2000, p.371.

²²⁰ Karl Marx, *The Civil War in France*, Dodo Press, Gloucester, 2009, p.28.

²²¹ *Idem*, p.6.

²²² *Ibidem*, p.42.

²²³ Friedrich Engels, “Postscript”, in Karl Marx, *ibidem*, p. não numerada.

²²⁴ Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.389; Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.64.

²²⁵ Karl Marx, *op. cit.*, Fairford, 2014, p.9.

²²⁶ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.68.

²²⁷ *Idem*, p.39 e 47; Karl Marx, *op. cit.*, Fairford, 2014, p.10; Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.43.

No ano em que morreu, Engels rendeu-se finalmente à evidência. “A história provou que nós, e todos os que pensavam como nós, estávamos errados”, reconheceu. “Tornou-se claro que o estado do desenvolvimento económico no continente na altura (em que as profecias foram feitas) se encontrava muito longe do momento da eliminação da produção capitalista.”²²⁸

A admissão de Engels veio tarde de mais. Os sucessivos fracassos transformaram-se numa evidente ameaça à credibilidade do marxismo e permitiam alimentar a suspeita de que o socialismo científico nada tinha afinal a ver com ciência, mas com utopias, superstições e sobretudo a confusão entre os desejos e a realidade. Urgia pôr cobro a esta suspeita e reabilitar a crença no marxismo enquanto ciência.

Começaram então os revisionismos, embora com os respetivos autores a fazerem em geral juras de ortodoxia e a clamarem que interpretavam fielmente a letra, ou pelo menos o espírito, dos fundadores do marxismo. Entre os revisionistas sobressaíram três grandes teóricos marxistas – o alemão Eduard Bernstein, o francês Georges Sorel e o austro-húngaro Otto Bauer.

Os três estariam na origem do fascismo, dois deles também da social-democracia e um deles igualmente do bolchevismo.

Os revisionismos do marxismo

O facto de a revolução do proletariado tantas vezes profetizada por Marx e Engels nunca ter ocorrido deixou muitos marxistas abalados. Como se explicava isso? Não era afinal o marxismo a versão científica do socialismo? Que ciência seria esta que tanto falhava as suas previsões?

A contradição entre a doutrina e os acontecimentos ocorridos no mundo real estava a tornar-se de tal modo flagrante e incómoda que muitos

²²⁸ Friedrich Engels, “Introduction”, in Karl Marx, *Class Struggles in France, 1848-1850*, International Publishers, Nova Iorque, 1972, p.15/16.

comunistas, embaraçados e perplexos, receberam que se começasse a duvidar do rigor científico do socialismo de Marx e Engels. Para enfrentar o problema e responder às dúvidas crescentes, urgia resolver as indisfarçáveis contradições entre a teoria e a realidade. Foi assim que, imediatamente no rescaldo da morte dos fundadores do marxismo, se desencadearam os revisionismos do marxismo.

O primeiro foi o de Eduard Bernstein.

O marxismo liberal de Bernstein

Eduard Bernstein não era um marxista qualquer. Oriundo do próprio círculo de confiança de Marx e Engels, foi diretor do *Der Sozialdemokrat*, o órgão clandestino do Partido Socialista Alemão dos Trabalhadores. Tornou-se amigo próximo de Engels, que o tinha em tanta consideração que o encarregou de redigir o quarto volume de *O Capital*, honra suprema para um teórico marxista, e o nomeou executor do seu testamento pessoal e literário. Passou a ser considerado um intérprete fiel da ortodoxia marxista, ao ponto de se ter tornado o principal autor do Programa de Erfurt do SPD. Se Marx e Engels eram Deus e Jesus, Bernstein tornara-se Pedro, o primeiro dos apóstolos. Tratava-se, pois, de um gigante.

Acontece que pouco depois do desaparecimento dos dois fundadores do marxismo, Bernstein começou a expressar dúvidas sobre o rigor da doutrina que ele próprio apregoava, primeiro em privado, depois em público. “Até há dois anos tentei ‘esticar’ os ensinamentos de Marx para os pôr de acordo com a realidade”, escreveu em 1898 numa carta ao seu correligionário August Bebel. “Eu queria salvar Marx, queria mostrar que tudo tinha ocorrido como ele havia dito que ocorreria”. Mas não conseguiu, pois as previsões não batiam certo com a realidade e não havia modo algum de ignorar esse facto. “Disse a mim próprio: não posso continuar assim. É fútil tentar reconciliar o irreconciliável. O que é necessário é ganhar clareza sobre onde Marx ainda está correto e onde não está. Eliminando esta última parte, a memória de Marx ficará melhor servida do que se esticarmos a sua teoria para provar o que quer que seja, da forma como eu fazia e muitos continuam a fazer. Porque então a teoria de Marx não provará coisa nenhuma.”²²⁹

A mudança de posição de Bernstein, e sobretudo o facto de se ter posteriormente atrevido a assumir em público as suas perplexidades sem

²²⁹ Kendall Rogers, *Before the Revisionist Controversy – Kautsky, Bernstein, and the Meaning of Marxism, 1895-1898*, Routledge, Nova Iorque, 2015, p.308.

palavras dúbias nem tergiversações, poderá ficar a dever-se às dúvidas manifestadas publicamente pelo seu mentor, o próprio Friedrich Engels, no seu último ano de vida. O companheiro de Marx, até ali sempre um defensor incondicional da revolução violenta e autor de incontáveis profecias de que a revolução do proletariado estava iminente, abordou em 1895 o problema dessas sucessivas e fracassadas profecias de revolução iminente e, como já vimos, reconheceu que “a história provou que estávamos errados e revelou que o nosso ponto de vista na altura não passava de uma ilusão.”²³⁰

Contudo, Engels foi mais longe. O companheiro intelectual de Marx expressou orgulho pelos resultados que os comunistas estavam a obter nas eleições alemãs, onde tinham alcançado mais de dois milhões de votos. Embora mantendo que “o direito à revolução é afinal o único verdadeiro ‘direito histórico’”²³¹, o fundador do marxismo concluiu que “nós, os ‘revolucionários’, os ‘rebeldes’ – estamos a avançar muito melhor com métodos legais do que com métodos ilegais e com revoltas”²³². Engels sublinhou ainda que “o exemplo alemão de utilizar o sufrágio para conquistar todos os postos que nos são acessíveis tem sido imitado.”²³³ Com estas palavras, Engels dava sinais de abertura do comunismo marxista à democracia parlamentar, embora aparentemente apenas como tática do momento.

As consequências, no entanto, foram profundas. Se Engels podia dizer coisas destas, por que razão os seus discípulos diretos não poderiam afirmar o mesmo – ou mais ainda? Buscando inspiração nesta tardia inflexão do seu venerado mentor, Bernstein publicou uma série de artigos no *Die Neue Zeit*, e depois um livro, onde sustentou que o marxismo estava repleto de erros. “A teoria que *O Manifesto Comunista* apresenta”, escreveu ele sem adocicar as palavras, “está errada em diversas deduções especiais”²³⁴. Sustentou até que este texto fundador do marxismo continha “um real resíduo de utopismo no sistema marxista”²³⁵, o que significava a assunção de que o próprio socialismo científico era afinal utópico. E os problemas não se limitavam a *O Manifesto Comunista*. “Certas afirmações em *O Capital*”, notou, também

²³⁰ Friedrich Engels, in Karl Marx, *op. cit.*, 1972, p.13.

²³¹ *Idem*, p.26.

²³² *Ibidem*, p.27.

²³³ *Ibidem*, p.25.

²³⁴ Eduard Bernstein, *Evolutionary Socialism – A Criticism and Affirmation*, Schocken Books, Nova Iorque, 1989, p.xxiv.

²³⁵ *Idem*, p.210.

“são contraditadas pelos factos”²³⁶. Sublinhando que “o dever dos discípulos consiste em fazer isto (eliminar as contradições) e não em repetir eternamente as palavras dos seus mestres”²³⁷, passou em revista “os pontos em que a teoria de Marx e Engels me parece especialmente errada ou contraditória”²³⁸, e fê-lo comparando o que a teoria previa com o que aconteceu na realidade.

A primeira crítica do apóstolo aos seus profetas incidiu na metodologia dos fundadores da doutrina. “Há falta em toda a parte de estatísticas exaustivas”²³⁹, constatou Bernstein, considerando que “o trabalho (de Marx) procura ser científico e ao mesmo tempo fornecer uma teoria estabelecida antecipadamente”²⁴⁰, o que constituía uma contradição. A acusação implícita é a de que os fundadores do marxismo montaram uma teoria ao arrepio dos factos, ignorando tudo o que a pudesse contrariar, assim criando discrepâncias insanáveis entre a doutrina e a realidade. Foram estas discrepâncias que Bernstein se propôs resolver.

Começou por um ponto crucial da teoria marxista, a previsão de que o capitalismo fará com que a riqueza se concentre nas mãos de uma minoria cada vez menor e a miséria se espalhe por uma maioria cada vez maior, o que levará o proletariado na miséria a revoltar-se e a desencadear a revolução. “Juntamente com o número cada vez menor dos magnatas do capital”, previra Marx em *O Capital*, “cresce a massa de miséria”²⁴¹. Seria mesmo assim?

Bernstein foi à procura da resposta nos factos, não na ideologia. Ao estudar as estatísticas sobre a evolução da riqueza desde o aparecimento do capitalismo, descobriu que afinal a miséria não estava a aumentar. Na verdade, ela até diminuía. Em Inglaterra, por exemplo, o discípulo de Engels chegou à conclusão de que de 1851 a 1881 o número de famílias a ganhar salários de nível burguês subira 233 por cento, números que estavam em linha com os de França e Alemanha e muito acima do crescimento demográfico. “É portanto totalmente errado presumir que o atual desenvolvimento da sociedade mostra uma diminuição relativa, ou até absoluta, do número de pessoas com posses”, observou. “O seu número

²³⁶ *Ibidem*, p.211.

²³⁷ *Ibidem*, p.26.

²³⁸ *Ibidem*, p.xxxi.

²³⁹ *Ibidem*, p.42.

²⁴⁰ *Ibidem*, p.209.

²⁴¹ Karl Marx, *op. cit.*, 2013, p.534.

aumenta em termos relativos e absolutos”²⁴². Esta conclusão de Bernstein constituía um enorme embaraço para a doutrina que se dizia “científica.”

A teoria marxista estabelece também que a grande indústria vai aniquilar a pequena e média indústria, pois em *O Capital* Marx previra a “expropriação de muitos capitalistas por alguns” e a “transformação dos meios de produção individualizados e disseminados por meios de produção socialmente concentrados”²⁴³. Bernstein foi consultar os censos industriais de Inglaterra, Alemanha, França, Estados Unidos, Áustria e Suíça e em todos descobriu que, bem pelo contrário, o número de pequenas e médias indústrias estava até a crescer. “As pequenas e médias empresas parecem muito capazes de existir ao lado das grandes indústrias”²⁴⁴, concluiu, ciente de que tal também contradizia frontalmente a doutrina marxista.

Outra previsão da teoria marxista era a de que os grandes latifúndios iriam engolir as pequenas e médias propriedades. Marx vaticinara a transformação “das pequenas propriedades de muitos nas grandes propriedades de alguns”²⁴⁵. Analisando a evolução estatística em vários países, Bernstein percebeu que “em toda a Europa ocidental, e também nos Estados do leste dos Estados Unidos, as pequenas e médias propriedades agrícolas estão a aumentar em toda a parte, e os grandes latifúndios estão a diminuir”²⁴⁶, o que, concluiu, “aparentemente contradiz tudo o que a teoria socialista até agora previu”²⁴⁷. Outro embaraço para a doutrina. Confrontado com o capítulo de *O Capital* em que Marx “demonstra” que a miséria só se vai agravar, Bernstein respondeu que isso “fala contra esse capítulo e não contra mim.”²⁴⁸

Perante todas estas constatações, Bernstein não se coíbiu a tirar as conclusões que se impunham. “Que o número dos abastados aumenta e não diminui não é uma invenção de ‘economistas da harmonia’ burgueses, mas um facto (...) que já não pode ser negado”²⁴⁹, estabeleceu, observando com humor seco que “se a classe trabalhadora esperar que o capital elimine a classe média terá de esperar com uma longa sesta”²⁵⁰. A posição deste

²⁴² Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.48.

²⁴³ Karl Marx, *op. cit.*, 2013, p.534.

²⁴⁴ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.59.

²⁴⁵ Karl Marx, *op. cit.*, 2013, p.534.

²⁴⁶ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.71.

²⁴⁷ *Idem*, p.66.

²⁴⁸ *Ibidem*, p.207.

²⁴⁹ *Ibidem*, p.212.

²⁵⁰ *Ibidem*, p.50/51.

importante teórico marxista era clara. Se havia uma contradição entre a teoria marxista e a realidade, a culpa não era da realidade. “A culpa é de uma doutrina que presume que o progresso depende da deterioração das condições sociais”²⁵¹, afirmou, criticando o que designou por “teoria do cataclismo social”²⁵² que apostava na miséria para se afirmar. “O proletariado e a riqueza são opostos”²⁵³, asseveraram Marx e Engels, mas Bernstein achava que uma doutrina assente no miserabilismo, e ainda por cima um miserabilismo que a realidade não confirmava, não tinha futuro.

Como consequência, a teoria marxista teria de mudar. “Oponho-me à noção de que poderemos esperar para breve o colapso da economia burguesa”²⁵⁴, anunciou, sublinhando que “não há sinais de um colapso económico mundial de violência sem precedentes”²⁵⁵. Ou seja, o capitalismo, ao contrário do que previa a doutrina, não iria nada entrar em colapso. Mais, os dados estatísticos mostravam que o capitalismo gerava riqueza que estava a chegar a um número cada vez maior de pessoas.

Então o que fazer perante a constatação de que o capitalismo não só sobrevivia como afinal até criava prosperidade? A resposta de Bernstein foi desconcertante. “Recomenda-se alguma moderação na declaração de guerra contra o liberalismo”²⁵⁶, escreveu, falando no “liberalismo como um grande movimento histórico, o socialismo é o seu legítimo sucessor, não apenas em sequência cronológica mas também em qualidades espirituais”²⁵⁷. Mais ainda, “não há na verdade nenhum pensamento realmente liberal que não pertença igualmente aos elementos das ideias do socialismo”²⁵⁸. Lembrando que “a democracia é apenas a forma política do liberalismo”²⁵⁹, chegou ao ponto de afirmar que “pode-se chamar ao socialismo ‘liberalismo organizador’, pois quando se examina com maior atenção as organizações que o socialismo deseja e como as deseja, descobrimos que o que as distingue das organizações feudais, na aparência como elas, é apenas o seu liberalismo, a sua constituição democrática, a sua acessibilidade”²⁶⁰. Tamanho elogio ao

²⁵¹ *Ibidem*, p.213.

²⁵² *Ibidem*, p.xxviii.

²⁵³ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.51.

²⁵⁴ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.xxiv.

²⁵⁵ *Idem*, p.79.

²⁵⁶ *Ibidem*, p.148.

²⁵⁷ *Ibidem*, p.149.

²⁵⁸ *Ibidem*, p.151.

²⁵⁹ *Ibidem*, p.150.

²⁶⁰ *Ibidem*, p.153/154.

liberalismo, e por consequência ao capitalismo até ali sempre diabolizado pela doutrina marxista, não tinha precedentes entre os teóricos marxistas.

Mas Bernstein foi ainda mais longe. O discípulo de Engels questionou a ideia de revolução do proletariado dizendo que ela era “antiquada” e “pertence a uma civilização inferior”²⁶¹. Bernstein notou que os socialistas trabalhavam já no quadro parlamentar, procurando conquistar o poder através de eleições e não de um golpe sangrento e de uma ditadura, pelo que a expressão tinha perdido todo o seu significado – tornara-se um chavão repetido por obrigação retórica, sem que nele se acreditasse verdadeiramente. “O feudalismo, com as suas organizações e corporações inflexíveis, quase em toda a parte teve de ser destruído pela violência”, lembrou. “As organizações liberais da sociedade moderna distinguem-se das anteriores justamente porque são flexíveis e capazes de mudança e evolução. Não precisam de ser destruídas, apenas desenvolvidas”²⁶². Isto é, o capitalismo estava aberto a mudanças pacíficas e o socialismo deveria trabalhar no quadro de uma sociedade capitalista, liberal e democrática.

Assim sendo, Bernstein questionou o conceito marxista da supremacia do proletariado sobre as restantes classes. “A social-democracia não deseja destruir esta sociedade e transformar todos os seus membros em proletários”²⁶³, afirmou, defendendo que “o direito ao voto na democracia transforma os seus membros em virtuais parceiros na comunidade”²⁶⁴. Este teórico marxista estabeleceu deste modo que não havia classes superiores umas às outras, apenas uma comunidade em que todas as classes tinham de ser respeitadas. Muito importante, em vez de estarem sempre a guerrearem-se umas às outras, como previa a teoria marxista, as classes teriam era de cooperar entre elas para o bem comum, pois “socialismo significa economia cooperativa”²⁶⁵ e “a democracia é a escola superior do compromisso”²⁶⁶. Seria assim que se chegaria “ao que chamamos socialismo de produção.”²⁶⁷. Foi com esta formulação que o socialismo chegou ao produtivismo.

Esta posição de Bernstein punha em xeque o conceito de luta de classes enquanto processo violento entre antagonistas e tinha implicações profundas

²⁶¹ *Ibidem*, p.146.

²⁶² *Ibidem*, p.163.

²⁶³ *Ibidem*, p.147.

²⁶⁴ *Ibidem*, p.144.

²⁶⁵ *Ibidem*, p.95.

²⁶⁶ *Ibidem*, p.144.

²⁶⁷ *Ibidem*, p.155.

na doutrina marxista. Por um lado, significava a primazia do conceito de cooperação e de compromisso entre classes. Por outro lado, significava também que “está fora de questão que o Estado tome imediatamente conta de toda a manufatura e distribuição de produtos”²⁶⁸. Ou seja, nada de nacionalizações; a iniciativa privada e a economia de mercado desempenhavam um papel insubstituível na produção e comercialização de produtos, papel que o Estado seria incapaz de desempenhar com eficácia. Consequentemente, as expropriações da propriedade privada defendidas pelos seus correligionários marxistas não faziam sentido, pois elas “apenas resultarão presumivelmente em devastação imprudente das forças produtivas, experimentações loucas e violência gratuita, e a soberania política da classe trabalhadora só poderia na verdade ser exercida através de um poder central, ditatorial e revolucionário, apoiado pela ditadura terrorista de clubes revolucionários.”²⁶⁹

Por fim, ao proclamar o primado da comunidade, o teórico marxista abriu o caminho à legitimação socialista do nacionalismo. Acontece que, nesta questão nacionalista, o principal obstáculo que Bernstein teve de resolver relacionava-se com a afirmação de *O Manifesto Comunista* segundo a qual “os trabalhadores não têm pátria”²⁷⁰. “Esta frase pode talvez até um certo grau aplicar-se ao trabalhador dos anos quarenta (do Século XIX) sem direitos políticos e afastado da vida pública”, argumentou Bernstein. “Com o enorme aumento das relações entre nações perdeu hoje a maior parte da sua verdade e perderá ainda mais à medida que o trabalhador, por influência do socialismo, se transforma de proletário em cidadão. O trabalhador (...) tem uma pátria”²⁷¹. Bernstein recordou declarações nacionalistas de Marx, Engels e Lassalle para sustentar que os socialistas alemães deveriam defender os interesses da sua nação, e deu o exemplo da partição da China dizendo que se opunha a ela porque “não é de todo do interesse da Alemanha.”²⁷²

Pelas mesmas razões nacionalistas, não estabeleceu nenhuma oposição de princípio ao colonialismo. “Existe alguma justificação durante a aquisição de colónias para examinar cuidadosamente o seu valor”²⁷³, escreveu, “mas

²⁶⁸ *Ibidem*, p.108.

²⁶⁹ *Ibidem*, p.155.

²⁷⁰ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.30.

²⁷¹ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.169/170.

²⁷² *Idem*, p.172.

²⁷³ *Ibidem*, p.177.

isso não representa uma razão para considerar previamente tal aquisição como algo repreensível”²⁷⁴. Isto porque “uma civilização superior pode reivindicar um direito superior”²⁷⁵, afirmação em defesa do colonialismo que aliás não contraditava o marxismo original de Marx e Engels, como veremos.

Estas palavras caíram como uma bomba nos círculos comunistas. O que Eduard Bernstein propunha era nem mais nem menos uma profunda revisão do marxismo, de certo modo até a sua negação, e uma aliança entre o socialismo e o seu grande inimigo, o capitalismo. Os restantes marxistas ficaram à beira de um ataque de nervos e reagiram em fúria, acusando-o de renegar a fé. Karl Kautsky e Rosa Luxemburgo publicaram textos de denúncia inflamada, enquanto o SPD reuniu-se em congresso e, após três dias e meio de debate, aprovou uma resolução a condenar a revisão de Bernstein. Na Rússia, Vladimir Lenine descreveu a crítica bernsteiniana como um “social-reformismo burguês”²⁷⁶ e “uma nova variedade de *oportunismo*” (itálico no original) que conduziam à “total humilhação e auto-degradação do socialismo” e à “corrupção da consciência socialista das massas trabalhadoras”²⁷⁷. Já os pensadores liberais aplaudiram Bernstein, elogiando-o por se ter atrevido a enunciar o que a eles parecia óbvio, mas o aplauso dos críticos do marxismo apenas serviu para enfurecer ainda mais os marxistas.

Perante a polémica, Bernstein manteve com firmeza a sua posição e assumiu abertamente que era um revisionista. Apesar da tempestade que se desencadeou, com o tempo um número crescente de socialistas foi aderindo à sua revisão liberalizante e o SPD acabou mesmo por assumi-la como linha oficial do partido. Foi assim criado o movimento do socialismo reformista liberal e democrático adotado por várias facções dos partidos socialistas europeus, e que veio desembocar num conceito político agora disseminado pela Europa e que hoje conhecemos como social-democracia.

Por extraordinário que possa parecer, considerando a sugestão de Bernstein de uma aliança do socialismo com o arqui-inimigo capitalismo, algumas das suas ideias vieram a aparecer na ideologia fascista. Mas não foram as únicas fontes de inspiração do fascismo, pois os marxistas que

²⁷⁴ *Ibidem*, p.178.

²⁷⁵ *Ibidem*, p.178/179.

²⁷⁶ Vladimir Lenine, *What Is To Be Done? – Burning Questions of Our Movement*, Foreign Languages Press, Pequim, 1973, p.6.

²⁷⁷ *Idem*, p.7.

criaram o fascismo iriam também beber a outras revisões – e à própria doutrina original de Marx e Engels, como veremos adiante.

Seja como for, no rescaldo da controvérsia em torno das propostas resultantes do revisionismo bernsteiniano, a expressão “revisionismo” adquiriu no jargão marxista uma conotação injuriosa equivalente a traição, apostasia e heresia. Talvez por isso, quando outros marxistas propuseram diferentes revisões da doutrina tiveram sempre o máximo cuidado de reivindicarem a sua ortodoxia e alegarem que estavam a respeitar o espírito, e em alguns casos a própria letra, da doutrina original. Isto é, fingiam que as revisões não eram revisões.

Depois de Eduard Bernstein, o mais importante revisionismo do marxismo foi levado a cabo por um marxista francês e influenciaria decisivamente o fascismo e o bolchevismo.

O marxismo violento de Sorel

Georges Sorel estava determinado a resgatar a doutrina original marxista do desvio liberal e democrático proposto por Bernstein, recuperando o espírito violento e revolucionário que presidira às ideias de Marx e Engels. Para isso, no entanto, teria de explicar por que razão a tantas vezes profetizada revolução do proletariado nunca ocorrera.

A justificação que o marxista francês apresentou começou por ser igual à de Bernstein. Tal revolução, concluiu Sorel, afinal poderia nunca acontecer. Porquê? É que, bem vistas as coisas, ela não era automática. Claro que esta afirmação criava um problema doutrinário, pois ninguém ignorava que Marx e Engels haviam escrito múltiplas vezes que a revolução era de facto inevitável. Para contornar esta dificuldade tão sensível, a explicação de Sorel foi que havia o risco de a revolução não ocorrer porque “estamos em presença de um facto novo e totalmente imprevisto: uma burguesia que tenta atenuar a sua força.”²⁷⁸

Foi neste ponto que Sorel divergiu profundamente de Bernstein e se lançou na reabilitação da doutrina marxista original. Defendendo que se recuperasse o carácter revolucionário e violento da doutrina de Marx e Engels, o marxista francês emergiu como o maior opositor ao “socialismo oficial”²⁷⁹ do seu tempo, que acusou de pregar a revolução mas fazer os possíveis para a impedir. Para Sorel, a ação revolucionária destes “socialistas parlamentares

²⁷⁸ Georges Sorel, *Réflexions sur la violence*, FV Éditions, Paris, 2016, p.100.

²⁷⁹ *Idem*, p.91.

que se intitulam revolucionários”²⁸⁰ mas que querem “dormir em hotéis sumptuosos”²⁸¹ limitava-se “a acrobacias oratórias”²⁸², pois quando as coisas apertavam apareciam na verdade como “protetores da burguesia contra a violência proletária”²⁸³. O socialismo oficial, que se alinhava com o reformismo liberal de Bernstein, propunha na prática a reforma do capitalismo através de meios pacíficos e dentro do quadro da democracia liberal. Isso era inaceitável para Sorel. O socialista francês lembrou que Marx e Engels sempre se opuseram a uma coisa dessas. Os socialistas oficiais “querem que a concorrência seja temperada, a riqueza limitada, a produção subordinada às necessidades”, observou Sorel, sublinhando, aliás com razão, que “são ideias como estas que Marx considerava reacionárias.”²⁸⁴

Com efeito, os fundadores do marxismo haviam apelidado de “socialismo burguês”²⁸⁵ o socialismo que tentava fazer mudanças pela via da reforma. Referindo-se ao proletariado, Marx argumentou que “a menor melhoria da sua posição não passa de uma utopia dentro da república burguesa”²⁸⁶, por contraposição com o “socialismo revolucionário”²⁸⁷ marxista, o comunismo, a única forma de socialismo que segundo ele não era utópica. Também Engels se insurgira contra os socialistas que “aparecem com grandiosos sistemas de reforma que, sob a pretensão de reorganizar a sociedade, se destinam na realidade a preservar as fundações, e consequentemente a vida, da sociedade existente”. Engels tornara claro que “os comunistas têm de lutar sem parar contra estes socialistas burgueses”²⁸⁸. As inequívocas posições dos fundadores do marxismo de crítica ao socialismo reformista permitiram a Sorel acusar os socialistas oficiais de, fingindo-se marxistas, na realidade romperem com o marxismo e praticarem o tal socialismo burguês que o próprio Marx considerara “uma utopia que se transforma num crime.”²⁸⁹

Georges Sorel fez um esforço para recuperar o marxismo original, revolucionário e violento, que deixara de ser praticado e cuja doutrina

²⁸⁰ *Ibidem*, p.89.

²⁸¹ *Ibidem*, p.91.

²⁸² *Ibidem*, p.137.

²⁸³ *Ibidem*, p.118.

²⁸⁴ *Ibidem*, p.101.

²⁸⁵ Karl Marx, *op. cit.*, 1972, p.125; Friedrich Engels, *op. cit.*, 2013, p.30.

²⁸⁶ Karl Marx, *op. cit.*, 1972, p.58.

²⁸⁷ *Idem*, p.126.

²⁸⁸ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2013, p.30.

²⁸⁹ Karl Marx, *op. cit.*, 1972, p.58.

Bernstein descredibilizara. É bom lembrar que Marx havia escrito explicitamente nas páginas de *Vorwärts!*, ou *Avante!*, que “o socialismo não pode realizar-se sem revolução”²⁹⁰. Analisando até um caso concreto que lhe era contemporâneo, Marx concluíra que a burguesia em França se estava a render à retórica socialista, “apresentando como ‘socialista’ tudo o que previamente havia descrito como liberal”, pelo que, “para preservar o seu poder social intacto, estava a perder o seu poder político” e “para preservar a sua bolsa tinha de perder a sua coroa.”²⁹¹

Ou seja, a burguesia tornara-se pouco pujante. Isso era considerado preocupante pelos marxistas, pois *O Manifesto Comunista* atribuía à burguesia o “papel revolucionário”²⁹² de desenvolver o capitalismo, fase imprescindível para que a revolução do proletariado fosse possível. Sem capitalismo nem burguesia pujante, não haveria comunismo, razão pela qual o fundador do marxismo recomendara aos comunistas que agissem “contra o apaziguamento pelos burgueses”²⁹³. O que era preciso, recomendara Marx, era que o proletariado forçasse a burguesia “a aparecer na sua forma pura como o estado cujo objetivo confessado é perpetuar o domínio do capital e a escravatura do trabalho”, uma vez que “a governação burguesa, desembaraçada de todos os travões, transformar-se-á imediatamente em terrorismo burguês”²⁹⁴. Em suma, Marx queria que a burguesia aterrorizasse o proletariado para o forçar a revoltar-se.

Retomando estas observações do autor de *O Capital*, Sorel constatou que, através dos acordos coletivos de trabalho e de outras cedências sociais, a burguesia estava de facto “a corrigir os abusos da economia”²⁹⁵ capitalista e que se criara o perigo de “o proletariado se converter à paz social”²⁹⁶, pois “os burgueses de toda a laia empregaram todos os seus meios de sedução para corromper o socialismo e afastar os operários da ideia revolucionária”²⁹⁷. Uma tal situação, alertou Sorel numa conclusão perfeitamente em linha com os textos canónicos de Marx e Engels, constituía um grande risco para a revolução comunista.

²⁹⁰ Robert Payne, *op. cit.*, 1968, p.113.

²⁹¹ Karl Marx, *The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte*, CreateSpace Independent Publishing Platform, Charleston, 2016, p.57.

²⁹² Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.5.

²⁹³ Robert Payne, *op. cit.*, 1968, p.239.

²⁹⁴ Karl Marx, *op. cit.*, 1972, p.58.

²⁹⁵ Georges Sorel, *op. cit.*, 2016, p.96.

²⁹⁶ *Idem*, p.97.

²⁹⁷ *Ibidem*, p.138.

A divergência com Bernstein aprofundou-se aqui irreversivelmente. Onde o alemão via a humanização do capitalismo como uma evolução histórica positiva, o francês encarava-a como profundamente negativa e reacionária. Bernstein apontava para o reformismo pacífico, Sorel mantinha-se fiel à ideia de revolução violenta defendida por Marx. Não poderiam estar mais opostos. O francês, no entanto, tinha do seu lado o argumento de enorme peso que era a doutrina marxista original.

A humanização do capitalismo constituía algo que Sorel considerava uma ameaça à revolução do proletariado prevista pelos fundadores do marxismo, uma vez que punha em causa a dialética histórica e já havia sido criticada pelo próprio Marx. O marxista francês lembrou que um cenário de amolecimento da burguesia tinha sido descrito pelo autor de *O Capital* como “reacionário”²⁹⁸ pois o socialismo precisava que a burguesia fosse vigorosa, e consequentemente brutal, para assim o capitalismo engendrar a miséria que conduziria inevitavelmente à revolução do proletariado. “A anarquia da produção, que é a fonte de tanta miséria, é ao mesmo tempo a fonte de todo o progresso”²⁹⁹, escrevera Marx, defendendo que teria de haver confronto entre as classes, uma vez que “sem antagonismo não há progresso.”³⁰⁰

Seria assim a miséria gerada pelo capitalismo selvagem que atiraria o proletariado para o desespero e o impeliria a fazer a revolução. Ora, constatou Sorel, a paz social impedia a anarquia da produção e evitava o desespero do proletariado e toda a miséria subsequente, desse modo anestesiando os operários e dissuadindo-os de assumir o seu papel histórico e levar a cabo a revolução. Como convencer a burguesia a deixar de tentar “corromper”³⁰¹ o proletariado e retomar o capitalismo puro e duro que conduziria à revolução socialista?

Através da violência.

Sorel achava que teria de se recorrer à violência para acicatar a burguesia e obrigá-la a reprimir o proletariado. “É aqui que o papel da violência nos parece singularmente grande na história”³⁰², proclamou ele em *Reflexões Sobre a Violência*, provavelmente a mais importante obra marxista depois dos textos de Marx, Engels e Bernstein e sem dúvida o livro do Século XX que mais influenciou os trágicos acontecimentos ocorridos nas décadas

²⁹⁸ Karl Marx, *op. cit.*, 1996, p.63.

²⁹⁹ *Idem.*

³⁰⁰ *Ibidem*, p.56.

³⁰¹ Georges Sorel, *op. cit.*, 2016, p.138.

³⁰² *Idem*, p.98.

seguintes, por ter conferido legitimidade ideológica à matança genocida de milhões de pessoas. “A violência proletária pode não só assegurar a revolução futura, ela parece ainda ser a única forma de que dispõem as nações europeias, embrutecidas pelo humanitarismo, para encontrar a sua antiga energia”, escreveu, dando uma verdadeira receita para o genocídio. “É assim que a violência proletária se tornou um fator essencial para o marxismo”³⁰³, pois segundo ele “é à violência que o socialismo deve os altos valores morais pelos quais trará a salvação ao mundo moderno.”³⁰⁴

Neste texto tremendamente influente, Sorel sublinhou que “no dia em que os patrões se aperceberem que não têm nada a ganhar com as obras de paz social ou pela democracia, compreenderão que foram mal aconselhados por quem os persuadiu a abandonar o seu papel de criadores das forças produtivas”³⁰⁵. Não cabia aos socialistas a tarefa de humanizar o capitalismo, uma vez que Marx havia esclarecido que quem o tentasse fazer era “reacionário”³⁰⁶, mas, muito pelo contrário, os socialistas tinham o dever de usar a violência para obrigar os burgueses a serem cruéis, pois, recorde-se as palavras de Marx, “sem antagonismo não há progresso”³⁰⁷. A violência, segundo Sorel, “aparece assim como uma coisa muito bela e muito heróica; ela está ao serviço dos interesses primordiais da civilização” e nesse sentido “pode salvar o mundo da barbárie.”³⁰⁸

Mas como convencer o proletariado a recorrer à violência? Galvanizando-o com um mito. Depois de definir os mitos como “meios de agir sobre o presente”³⁰⁹, o autor de *Reflexões Sobre a Violência* propôs um mito específico: a greve geral. “A greve geral”, escreveu ele, é “o *mito* no qual o socialismo se encerra, ou seja uma organização de imagens capaz de evocar instintivamente todos os sentimentos que correspondem às diversas manifestações da guerra declarada pelo socialismo contra a sociedade moderna”³¹⁰ (itálico no original), embora para ele “pouco importa que a greve geral seja uma realidade parcial ou apenas um produto da imaginação popular”³¹¹. Ou seja, podia perfeitamente acontecer que a greve geral não

³⁰³ *Ibidem*, p.100.

³⁰⁴ *Ibidem*, p.325.

³⁰⁵ *Ibidem*, p.99.

³⁰⁶ Karl Marx, *op. cit.*, 1996, p.62.

³⁰⁷ *Idem*, p.56.

³⁰⁸ Georges Sorel, *op. cit.*, 2016, p.109.

³⁰⁹ *Idem*, p.150.

³¹⁰ *Ibidem*, p.151/152.

³¹¹ *Ibidem*, p.151.

provocasse nenhuma revolução; o importante é que ela galvanizaria o proletariado para a luta pela revolução.

Esta ideia era inspirada no pragmatismo, uma corrente filosófica encabeçada por William James, que Sorel lia, e que constituía uma espécie de relativismo utilitário. “O método pragmático”, escreveu James, “tenta interpretar cada noção traçando as respectivas consequências práticas”, até porque “que diferença faz na prática a quem quer que seja que esta noção e não aquela seja verdadeira?” Isto é, uma vez que a verdade e a mentira são relativas, então não devem ser valoradas pela sua essência ontológica mas pelos respetivos efeitos práticos. “A nossa conceção desses efeitos, sejam imediatos ou remotos, é para nós toda a conceção do objeto”, sublinhou, para perguntar: “em que medida o mundo seria diferente se esta ou aquela alternativa fosse verdadeira? Se não fizer a diferença, então a alternativa não faz sentido”. Assim sendo, “*as teorias são instrumentos, não respostas para enigmas*” (itálico no original), estabeleceu, concluindo que “*as coisas só são verdadeiras se nos ajudarem*” (itálico no original), e “é isso a perspetiva ‘instrumental’ da verdade”³¹². Em suma, não interessava que uma afirmação fosse verdadeira ou falsa, interessava apenas que fosse útil. O que está aqui implícito é que, se uma verdade for contrária ao que nos convém, mais vale substituí-la por uma falsidade que seja útil aos nossos propósitos.

Sorel tirou as devidas consequências desta lição de William James e aplicou-as ao marxismo. Marx tinha-se enganado, é um facto, mas não interessava se as suas previsões eram verdadeiras ou falsas. O que interessava é que elas haviam mobilizado o proletariado. “Tantas vezes se contestou a exatidão” das profecias de Marx, disse, “mas esta objeção não nos deve travar e deve ser afastada através da teoria dos mitos”³¹³. Marx apresentara mitos que não se realizaram, mas o que importava isso se tais mitos haviam inspirado os trabalhadores? Não existia verdade, existia apenas utilidade. Marx usara o mito da miséria que provocava a revolução. Uma vez que tal mito já se encontrava desacreditado, chegara a hora de se avançar com um novo mito, o da greve geral. “Mesmo que os revolucionários se enganassem em absoluto e pintassem um quadro fantasista da greve geral, tal quadro poderia ser, na preparação para a revolução, um elemento de força de primeira ordem”, esclareceu Sorel, pois “daria ao conjunto dos

³¹² William James, “Lecture II: What Pragmatism Means”, 2005, PhilosophyArchive@marxists.org.

³¹³ Georges Sorel, *op. cit.*, 2016, p.163.

pensamentos revolucionários uma precisão e uma dureza que outras maneiras de pensar não poderiam dar”³¹⁴. Os mitos não precisavam de ser verdadeiros; bastava-lhes serem úteis para os proletários e para a revolução socialista, mesmo que fossem falsos. A verdade deixou assim de ser importante.

Para além de mitos que galvanizassem os trabalhadores, Sorel determinou que era necessária uma aristocracia revolucionária. Uma vez que o proletariado havia sido sedado pelo capitalismo ao ponto de “ter perdido toda a energia revolucionária”³¹⁵, seria preciso que os verdadeiros socialistas, uma elite esclarecida, liderasse e “trabalhasse com ardor para embrutecer os operários”³¹⁶, pelo que “a única função (dessa elite de socialistas) consiste em ocupar-se do proletariado para lhe explicar a grandeza do papel revolucionário que lhe cabe” e de “aperfeiçoar as suas organizações.”³¹⁷

Estas ideias revisionistas de Sorel tiveram enorme influência sobre muitos marxistas, a começar por Vladimir Lenine, que usou o conceito da elite soreliana para criar a “vanguarda”³¹⁸ cujo “dever é liderar as massas”³¹⁹ e “levar conhecimento político aos trabalhadores”³²⁰. Para tal, a “‘vanguarda’ revolucionária”³²¹ teria de “usar todas as manifestações de descontentamento e juntar e aproveitar ao máximo cada grão do mais rudimentar protesto”³²², pois o seu trabalho era justamente o de “tentar *fomentar* o descontentamento e indignação entre as massas”³²³ (itálico no original). E, claro, Lenine recorreu ampla e abertamente à violência para impor a revolução bolchevique na Rússia, pois, segundo ele próprio disse, “nenhuma revolução foi alguma vez feita sem coerção”³²⁴ e “nem um único

³¹⁴ *Idem*, p.150.

³¹⁵ *Ibidem*, p.92.

³¹⁶ *Ibidem*, p.93.

³¹⁷ *Ibidem*, p.95.

³¹⁸ Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1973, p.77.

³¹⁹ Vladimir Lenine, “The Agrarian Question November 14 (27)”, *Pravda*, 28 de novembro de 1917, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

³²⁰ Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1973, p.74.

³²¹ *Idem*, p.79.

³²² *Ibidem*, p.81.

³²³ *Ibidem*, p.62.

³²⁴ Vladimir Lenine, “On Economic Development”, *Ninth Congress of the R.C.P.*, 31 de março de 1920, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

problema da luta de classes foi resolvido em toda a história sem recurso à violência.”³²⁵

O mesmo Sorel foi lido com muita atenção em Itália, onde a proposta soreliana de excitar o proletariado com mitos agregadores, de usar uma elite para guiar os trabalhadores e de recorrer à violência para provocar a revolução foi fundida com as ideias de um outro destacado teórico marxista.

O marxismo nacionalista de Bauer

“Os trabalhadores não têm pátria”³²⁶, proclamaram Karl Marx e Friedrich Engels em *O Manifesto Comunista*. Foi com base neste pressuposto que os marxistas desenvolveram a sua visão internacionalista do mundo. O problema é que a realidade não estava mais uma vez a conformar-se com a teoria. Os proletários teimavam em alinhar-se segundo posições nacionais, e por mais que a doutrina sustentasse que o sentimento nacionalista não existia entre os trabalhadores, ele existia.

Não foi por acaso que os primeiros a notarem essa dissonância foram os marxistas austro-húngaros. É que o Império Austro-Húngaro era composto por muitos povos diferentes e essa realidade estava a confrontar diariamente os socialistas austro-húngaros com o problema dos nacionalismos. Só a Áustria contava à entrada do Século XX com uma população de cinquenta milhões de pessoas de mais de quinze nacionalidades concentradas num espaço mais pequeno do que a Península Ibérica. A conflitualidade entre a população do Império Austro-Húngaro era permanente e decorria segundo linhas de fratura nacionais.

Na altura em que o grande revisionismo de Bauer emergiu, o maior conflito étnico que decorria no Império Austro-Húngaro, embora não fosse o único, opunha os povos alemães e checos, com os checos a resistirem à presença alemã na Boémia e os alemães a contestarem a presença checa nas regiões de maioria alemã. As outras pequenas nacionalidades mostravam igualmente permanentes ambições nacionais. E havia ainda os pangermanistas, que defendiam o domínio germânico e a unificação da Grande Alemanha – posição aliás também sustentada pelos fundadores do marxismo, eles próprios pangermanistas. Marx e Engels tinham já tornado

³²⁵ Vladimir Lenine, “Third All-Russia Congress of Soviets of Workers’, Soldiers’ And Peasants’ Deputies”, *Pravda*, 16-27 de janeiro de 1918 e 2 de fevereiro de 1918, www.marxists.org.

³²⁶ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.30.

muito claro que não aceitariam nada que não fosse “a república alemã, una e indivisível.”³²⁷

Estes múltiplos conflitos nacionais dentro do Império Austro-Húngaro contaminaram o próprio Partido Socialista Austro-Húngaro. Fiéis ao pressuposto internacionalista de *O Manifesto Comunista*, os socialistas austro-húngaros tentaram que o seu partido, formado supostamente por internacionalistas, ignorasse essas divisões nacionais. Chegaram ao ponto de chamar Gesamtpartei ao Partido Socialista, ou Partido do Conjunto, mas a tarefa acabou por se revelar impossível pois as tensões nacionalistas entre os próprios socialistas de diversas etnias tornaram-se demasiado fortes e o partido foi-se fragmentando em fações socialistas alinhadas segundo lealdades nacionalistas. Os checos em particular ressentiam-se do domínio alemão no partido, mas a contestação vinha também de outras nacionalidades. O nacionalismo dos socialistas “internacionalistas” austro-húngaros revelou-se de tal modo profundo que o Partido Socialista Austro-Húngaro acabou por se transformar numa organização que federava seis partidos socialistas de nacionalidades diferentes dentro do Império Austro-Húngaro: o ucraniano, o polaco, o alemão, o checo, o italiano e o esloveno.

Os socialistas austro-húngaros perceberam assim que a descrição doutrinária do nacionalismo como uma mera invenção da burguesia não era confirmada pela realidade. O nacionalismo revelava-se uma força muito mais poderosa do que a teoria marxista previa, pois mantinha-se vivo entre os próprios socialistas. Havia que perceber essa força e enquadrá-la de modo a que se tornasse um instrumento, e não um obstáculo, para a revolução do proletariado. Bernstein tinha entreaberto a porta ao admitir o nacionalismo no socialismo, designadamente quando afirmou que “o trabalhador (...) tem uma pátria”³²⁸, assim contraditando *O Manifesto Comunista*, e repetido quando defendeu a adoção de políticas “no interesse da Alemanha”³²⁹. Contudo, Bernstein limitara-se a escrever algumas curtas páginas sobre o assunto e para os marxistas austro-húngaros isso não chegava. Mais do que entreabri-la, e devido aos conflitos nacionais internos, os socialistas austro-

³²⁷ Karl Marx e Friedrich Engels, “Address of the Central Committee to the Communist League”, março de 1850, Marxist Internet Archive, www.marxists.org; Friedrich Engels, “Letter from Germany – The War in Schleswig Holstein”, *The Democratic Review*, agosto de 1850, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

³²⁸ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p. 170.

³²⁹ *Idem*, p.172.

húngaros precisavam de escancarar essa porta. A tarefa coube a um elemento considerado da ala mais à esquerda do Partido Socialista Austro-Húngaro.

Otto Bauer começou por notar que já antes do aparecimento das classes sociais existiam comunidades que partilhavam a mesma cultura e que constituíam embriões das nacionalidades. Esta constatação entrava em contradição com *O Manifesto Comunista*, texto cujo primeiro capítulo se iniciava justamente com a afirmação de que “a história das sociedades até agora é a história da luta de classes”³³⁰, mas paradoxalmente estava em linha com afirmações do próprio Engels no seu livro *A Origem da Família, da Propriedade e do Estado*, quando falara no nascimento das tribos, constituídas por diversas gens, e esclarecera que “nem podia haver, na gens ou na tribo, divisão em diferentes classes sociais”³³¹. Ou seja, o próprio Engels reconheceu que já havia sociedades antes de existirem classes, assim contraditando a célebre afirmação inaugural de *O Manifesto Comunista*.

No seu estudo sobre o nacionalismo, Bauer reconheceu que as relações de lealdade das pessoas eram mais fortes entre nacionalidades do que entre classes. “Os proletários de todas as terras exibem as mesmas características”, escreveu. “Mas embora possam existir relações baseadas na interação entre trabalhadores alemães e ingleses, estas são muito mais ténues do que as relações que ligam o trabalhador inglês ao burguês inglês”³³². Ou seja, *o sentimento de nação era mais poderoso do que o sentimento de classe*. A teoria marxista partia do pressuposto de que as relações de classe eram mais fortes do que tudo o resto, se não mesmo a única coisa que verdadeiramente ditava as relações sociais, pelo que esta constatação de Bauer, nascida da observação de que os operários checos eram por exemplo mais leais aos burgueses checos do que aos operários alemães, pôs em causa um dogma marxista e abriu as portas a uma autêntica revolução doutrinária.

A partir desta observação elementar, Bauer tirou as consequências que se impunham. “Cada nação conduz-se de maneira diferente das outras nações nas mesmas condições”, considerou, “pelo que a personalidade nacional surge como uma força histórica”³³³. Essa força exprime-se ao nível de cada elemento que integra a nação. “A nação não é algo que me é estranho, mas

³³⁰ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.2.

³³¹ Friedrich Engels, *A Origem da Família, da Propriedade e do Estado*, Editorial Presença, 4ª edição, Lisboa, 1980, p.210.

³³² Otto Bauer, *The Question of Nationalities and Social Democracy*, University of Minnesota Press, Minneapolis, 2000, p.101.

³³³ *Idem*, p.112.

uma parte de mim que também está presente na essência de outros membros da minha nação”, explicou. “Quem insultar a nação insulta-me a mim; se a nação for elogiada, eu colho esse elogio”³³⁴. Mais, “uma vez que a nação me parece como algo que faz parte de mim e que as especificidades nacionais constituem uma parte da minha personalidade, eu então amo a nação”³³⁵. Tudo isto pode parecer-nos hoje uma evidência, mas constituía uma absoluta novidade que no socialismo contraditava a teoria marxista.

Feita a constatação de que o nacionalismo era uma poderosa força histórica que não podia ser negligenciada, pois comprovadamente influenciava o comportamento das pessoas, incluindo dos proletários supostamente internacionalistas, a questão seguinte era determinar como evitar que o nacionalismo se constituísse como um obstáculo à revolução do proletariado. “Se emergirem movimentos revolucionários que tentem derrubar a ordem social existente e substituí-la por uma outra, os que têm interesse na preservação da ordem social existente, isto é, as classes no poder e com posses, irão rapidamente sublinhar que as características específicas da nação foram criadas e condicionadas pela ordem social existente e que cada golpe contra os seus direitos e as suas posses destruirá ou mudará a especificidade tradicional da nação. Eles usarão assim o sentimento nacional como instrumento da sua luta de classes”³³⁶. Neste sentido, o nacionalismo constituía uma força que era usada pela burguesia contra a revolução do proletariado.

Contudo, e este é um ponto crucial, Bauer sugeriu que *o socialismo podia também usar o nacionalismo como instrumento da revolução* e que a oportunidade era oferecida pela internacionalização do capitalismo. “Gananciosa com os novos métodos e desejando aumentar os seus lucros, a burguesia traiu o seu velho ideal do Estado-nação”³³⁷, criando a possibilidade de o proletariado se apropriar do nacionalismo como uma bandeira sua. “A classe trabalhadora inscreve agora nos seus cartazes as grandes exigências de liberdade, unidade e autodeterminação das nações”, afirmou. “Na era do capitalismo maduro, na era dos cartéis, dos *trusts* e dos grandes bancos, o princípio da nacionalidade, traído pela burguesia, torna-se

³³⁴ *Ibidem*, p.123.

³³⁵ *Ibidem*, p.124.

³³⁶ *Ibidem*, p.127/128.

³³⁷ *Ibidem*, p.392.

propriedade segura da classe trabalhadora. (...) O próprio princípio da nacionalidade transforma-se num instrumento da luta de classes.”³³⁸

Estava assim consumada a fatídica associação doutrinária entre socialismo e nacionalismo num contexto marxista. O marxista Otto Bauer proclamou que “a realização do princípio da nacionalidade está ligada à vitória do socialismo”³³⁹, estabelecendo desse modo o nacionalismo como um conceito profundamente revolucionário e propondo a aliança entre socialismo e nacionalismo.

A sugestão dos chamados austro-marxistas suscitou polémica entre os restantes marxistas, que se dividiram sobre o assunto. A questão era sensível, até porque a aliança do nacionalismo e do socialismo já havia sido concretizada anos antes num contexto não marxista.

Em França.

O viveiro ideológico francês

Os primeiros socialistas a estabelecerem a ligação entre socialismo e nacionalismo não foram na verdade o alemão Eduard Bernstein e o austríaco Otto Bauer, mas os franceses. Convém lembrar que a França não é apenas a pátria da Revolução Francesa e dos primeiros grandes socialistas, como Babeuf, Saint-Simon, Fourier e Proudhon, mas também de personalidades como Nicolas Chauvin. As tradições nacionalistas deste país são profundas e já no Século XIX se estendiam ao pensamento político, incluindo o da área socialista. Os socialistas franceses sempre tiveram orgulho nos seus grandes pensadores socialistas, herdeiros da Revolução Francesa e de Jean-Jacques Rousseau, e nunca se quiseram libertar deles.

Acontece que na segunda metade do Século XIX apareceu no país um socialismo vindo da Alemanha que tinha criado raízes em todo o movimento socialista internacional. O marxismo, porém, chegou tarde a França – tarde e mal. Os socialistas franceses não liam alemão e as traduções de Marx e Engels demoraram a aparecer nas livrarias. Na década de 1880 não havia ainda nenhum livro dos fundadores do marxismo traduzido para francês e *O Manifesto Comunista* só foi publicado em 1885, e em folhetim. Apesar deste arranque tardio e coxo, a corrente marxista havia sido abraçada em França por Jules Guesdes, que no entanto a compreendia mal – o que, aliás, irritava Marx. Foi preciso chegar Georges Sorel e outros pensadores mais preparados

³³⁸ *Ibidem*, p.393.

³³⁹ *Ibidem*, p.410.

para que o corpo teórico marxista começasse a ser devidamente trabalhado e entendido pelos socialistas franceses.

O momento, contudo, não era o mais propício. O marxismo entrou em França pouco antes do boulangismo, um movimento socialista e nacionalista radical da década de 1880 contra a burguesia, a democracia liberal e o parlamentarismo, encabeçado pelo general Georges Boulanger. Além de ser o primeiro ponto de contacto efetivo entre nacionalismo e socialismo, a natureza revolucionária do boulangismo e a sua oposição à ordem estabelecida fazia com que esse movimento ocupasse uma parte da área natural do socialismo que vinha da Alemanha, com ele rivalizando. Acresce que, por esta altura, já as profecias de Marx e Engels estavam a falhar rotundamente, o que não ajudou a credibilizar o marxismo em França. Para que iam os socialistas franceses aderir ao marxismo se este apresentava erros e lacunas evidentes e eles já dispunham de um socialismo genuinamente francês?

Ergueram-se então as primeiras vozes socialistas francesas contra o marxismo. O deputado socialista Gustave Rouanet, por exemplo, descreveu o marxismo como uma “escola histórico-fatalista alemã”³⁴⁰ que era “*essencialmente antifrancesa*” (itálico no original) e que entrava em “rotura completa com as nossas tradições, os nossos antigos partidos socialistas”, sendo pois “uma rotura inútil” que se revelou “funesta ao socialismo em geral”³⁴¹. Este tipo de discurso tornou-se muito comum entre os socialistas franceses desse período, incluindo os das alas mais radicais e revolucionárias.

A tensão no seio do socialismo francês acabou por explodir na década de 1890 com o caso Dreyfus, quando a França se dividiu em dois grandes campos. Uma parte importante dos socialistas franceses, incluindo os marxistas, depois de muitas hesitações e de um longo arrastar de pés que refletia a velha tradição antisemita do socialismo gaulês, aliou-se aos ideários liberais na defesa de Dreyfus e da ordem liberal. À cabeça deste grupo estava Jean Jaurès, que se tornaria o cabeça de fila em França do revisionismo social-democrata de Bernstein, e o seu discípulo Léon Blum. Apesar de também defenderem Dreyfus, alguns socialistas revolucionários, incluindo Sorel, Gustave Hervé e Hubert Lagardelle, ficaram em choque

³⁴⁰ Zeev Sternhell, *Ni droite ni gauche – L'idéologie fasciste en France*, 4ª edição aumentada, Gallimard, Paris, 2012, p.232.

³⁴¹ *Idem*, p.233.

com a integração do socialismo no sistema parlamentar liberal e o consequente alinhamento com o liberalismo. Era assim que o socialismo ia subverter a sociedade burguesa? Aceitando a democracia e o liberalismo? Acomodando-se a essa sociedade? Aburguesando-se?

Dos escombros do caso Dreyfus emergiram três movimentos revolucionários inconformados com o Estado liberal e com a rendição do essencial do socialismo e marxismo francês aos ideários da democracia burguesa. Um foi o dos sindicalistas revolucionários guiados por Sorel, que arrastava consigo Lagardelle e a sua revista *Le Mouvement socialiste*; outro foi a Action Française, de Charles Maurras, um partido nacionalista monárquico com uma forte componente socializante; e o terceiro foi o sindicalismo amarelo, um movimento operário que juntava sindicatos e que transformou o socialismo nacional aristocrático num socialismo proletário em defesa de um “socialismo francês” e da “unidade nacional de operários e patrões”³⁴². Os amarelos exigiam a repartição das propriedades industriais pelos trabalhadores e, juntamente com a Action Française, propunham a colaboração entre capital e trabalho para o bem comum, uma ideia desenvolvida por essa altura em França e conhecida como corporativismo. “É vital suspender as hostilidades para que nos ajudemos e nos juntemos”³⁴³, apelou Maurras em crítica ao conceito marxista da luta de classes, preconizando que “pode haver uma outra união (de sindicatos) grande e duradoura também, comparável a essas uniões territoriais que juntam pobres e ricos, dirigentes e dirigidos, no corpo e no coração de uma mesma pátria. Será a corporação.”³⁴⁴

Foi neste contexto que Maurice Barrès, a pedido do Comité Republicano Nacionalista Socialista de Meurthe-et-Moselle, publicou em 1898 o seu programa de Nancy sob o sintomático título de “nacionalismo, protecionismo, socialismo” onde fez a defesa de um socialismo nacionalista para “se proteger desse socialismo demasiado cosmopolita ou talvez demasiado alemão”³⁴⁵, numa evidente referência crítica ao socialismo dos alemães Marx e Engels. “O socialismo de Estado é toda a nossa

³⁴² *Ibidem*, p.249.

³⁴³ Charles Maurras, *Mes idées politiques*, Fayard, Paris, 1937, http://www.les-vergers-sur-la-mer.net/pages/04_sites/02_royaliste_org/pdf/maurras_mes-idees-politiques_1937-2007_article_518.pdf, p.16.

³⁴⁴ *Idem*, p.17.

³⁴⁵ Maurice Barrès, “Programme de Nancy”, <https://herveryssen.wordpress.com/2012/02/06/maurice-barres-programme-de-nancy-1898/>

esperança”³⁴⁶, proclamou Barrès, erguendo-se contra os intelectuais burgueses e contra a exploração da classe trabalhadora francesa por parte dos estrangeiros, e em particular os judeus.

Tratou-se da primeira vez que a união conceptual de socialismo e nacionalismo foi formalizada, com Barrès a consolidar uma nova alternativa socialista ao socialismo marxista. “Ele reivindica essa ideia de socialismo nacionalista” dizendo que era o “único socialismo genuíno”, observou a historiadora Mélanie Tardieu, e “denuncia a linha do partido socialista que não protege os interesses da classe trabalhadora nacional e se presta ao jogo da abertura à concorrência, e por consequência a um internacionalismo que vê como resultado de um liberalismo fanático”³⁴⁷. Foi com Barrès e seus pares socialistas nacionalistas que, conforme observou o historiador Zeev Sternhell, “se forja um socialismo não marxista, oposto à luta de classes, à divisão da sociedade em dois campos antagónicos”³⁴⁸. Dois anos mais tarde, Charles Maurras notou que “um socialismo, libertado do elemento democrático e cosmopolita, pode entrar no nacionalismo como uma luva entra numa bela mão.”³⁴⁹

Já para o marxista Sorel e o seu grupo do sindicalismo revolucionário o problema não era tanto o socialismo ser ou não nacional, mas o aburguesamento do socialismo e a consequente adesão ao liberalismo. Confrontado com as evidentes falhas do marxismo, em particular as suas graves lacunas devido ao que o revisionista francês considerou serem ideias “emprestadas da literatura dos utopistas”³⁵⁰ e dos “problemas que os marxistas tinham durante muito tempo negligenciado”³⁵¹, Sorel fez um esforço para as remediar e recuperar assim a chama revolucionária e subversiva do movimento socialista. A revolta soreliana exprimiu-se num colóquio em 1907 em Paris que o juntou ao seu compatriota Lagardelle e aos italianos Roberto Michels e Arturo Labriola e de onde saiu uma defesa apaixonada do socialismo revolucionário nos termos expressos no seu influentíssimo *Reflexões Sobre a Violência*. A questão nacional, contudo,

³⁴⁶ Zeev Sternhell, *Maurice Barrès et le nationalisme français*, Éditions Complexe, Paris, 1985, p.169.

³⁴⁷ Mélanie Tardieu, *Rempart et horizon: deux mystiques de la patrie chez Maurice Barrès et Charles Péguy*, Éditions Publibook Université, Paris, 2016, p.33.

³⁴⁸ Zeev Sternhell, *op. cit.*, 1985, p.171.

³⁴⁹ Maurice Tournier, *Des mots en politique – Propos d’étymologie sociale*, ENS Éditions, Lyon, 2002, p.119.

³⁵⁰ Georges Sorel, *La décomposition du marxisme*, Rivière, Paris, 1910, p.31.

³⁵¹ *Idem*, p.34.

não deixou de interessar este grupo uma vez que os seus elementos consideraram que o socialismo não se podia realizar num país em decadência, com uma burguesia fraca e um proletariado amorfo. Era preciso revitalizar a França para revitalizar o socialismo.

Com o patrocínio de Sorel e da Action Française, foram criados em 1912 os *Cahiers du Cercle Proudhon*, uma revista que logo no primeiro número assumiu o objetivo de “destruir as instituições democráticas”³⁵² e que para tal usou a legitimidade do socialismo de Proudhon, que Maurras descreveu como um “poderoso escritor revolucionário, mas francês”³⁵³, e cujo socialismo nacional permitia contrariar a importação do socialismo da Alemanha. “Proudhon é o socialismo francês, é a tradição nacional francesa, é o génio francês confiscado desde 1870 pela hegemonia alemã, em especial pela hegemonia marxista”, esclareceu outro dos articulistas da revista, Jean Darville, para quem “uma retoma da influência proudhoniana tem de ser interpretada como um combate a essa hegemonia e o início da vingança”³⁵⁴. Em suma, vinha aí um socialismo de cores nacionais que iria fazer frente ao socialismo alemão.

Estes socialistas radicais apreciavam Proudhon pelo seu antiparlamentarismo, pelo seu ódio à burguesia e aos judeus e pela sua apologia da nação francesa. Foi nos *Cahiers du Cercle Proudhon* que emergiu Georges Valois, um importante socialista da Action Française discípulo de Maurras. “Os filhos de Proudhon somos nós”³⁵⁵, proclamou Valois, afirmando que “o espírito prodhouniano representa um valor revolucionário que poderemos incorporar nos nossos próprios valores”³⁵⁶. Esta personagem emergente do socialismo nacionalista francês preconizou a união do sindicalismo revolucionário com o nacionalismo, e em 1925, quando Mussolini governava já em Itália e a Action Française perdera o ímpeto revolucionário, iria fundar os Faisceau franceses. A revista dedicada ao socialismo de Proudhon “era, em 1912, o acordo fascista proposto em

³⁵² Georges Valois, Jean Darville, Henri Lagrange, Gilbert Maire, René de Marans, André Pascalon, Marius Riquier e Albert Vincent, “Déclaration”, *Cahiers du Cercle Proudhon*, nº1 – janeiro-fevereiro de 1912, in *Cahiers du Cercle Proudhon*, Avatar Éditions, Lucan, 2007, p.114.

³⁵³ Charles Maurras, “A Besançon”, *idem*, p.115.

³⁵⁴ Jean Darville, “Proudhon”, *ibidem*, p.120.

³⁵⁵ Georges Valois, “L’esprit Proudhon: pourquoi nous rattachons nos travaux à l’esprit proudhonien”, *ibidem*, p.146.

³⁵⁶ *Ibidem*, p.141.

1925”³⁵⁷, admitiu então Valois, definindo o fascismo como “a fusão das duas grandes tendências, o nacionalismo e o socialismo.”³⁵⁸

O líder dos Faisceau considerou que o fascismo era a conclusão do processo revolucionário socialista iniciado com a Revolução Francesa e avisou que seria o seu movimento, e não o marxismo, o verdadeiro coveiro da ordem burguesa. “Ao financeiro, ao homem do petróleo, aos criadores de porcos que se creem senhores do mundo e que o querem organizar segundo a lei do dinheiro, segundo as necessidades do automóvel, segundo a filosofia dos suínos, e curvar os povos à política dos dividendos”, disse ele, o fascismo responde “erguendo a espada”³⁵⁹. Depois de prestar homenagem “ao grande filósofo Georges Sorel”, Valois estabeleceu como objetivo do socialismo nacionalista “destruir os princípios que fundaram a economia moderna, que impuseram o regime capitalista às nações e que subordinaram todos os valores humanos ao valor do ouro”³⁶⁰ e reivindicou que “somos nós, nacionalistas e sindicalistas, que estamos qualificados para continuar a obra proudhoniana.”³⁶¹

Os industriais do norte da França, que investiram originalmente nos Faisceau pensando que se tratava de um movimento conservador que os protegeria, depressa se aperceberam do equívoco e suspenderam os financiamentos. O fascismo estava “muito mais próximo do que designamos de esquerda do que daquilo a que chamamos direita”³⁶², sublinhou Valois, tornando claro que, em relação aos comunistas, “não há uma diferença muito profunda entre eles e nós”³⁶³ pois, como fez questão de esquematizar, “nacionalismo + socialismo = fascismo.”³⁶⁴

Estavam assentes as bases para um novo tipo de socialismo. “São estes dois homens, Georges Valois e Georges Sorel, que vão certamente pesar

³⁵⁷ Georges Valois, *L’homme contre l’argent – Souvenirs de dix ans, 1918-1928*, Presses Universitaires du Septentrion, Villeneuve d’Ascq, 2012, p.87.

³⁵⁸ Ariane Chebel d’Appollonia, *L’extrême-droite en France – De Maurras à Le Pen*, Éditions Complexe, Paris, 1996, p.198.

³⁵⁹ Zeev Sternhell, “Anatomie d’un mouvement fasciste en France – Le Faisceau de Georges Valois”, *Revue Française de Science Politique*, Ano 26, nº1, 1976, p.14.

³⁶⁰ Georges Valois, “Sorel et l’architecture sociale”, *Cahiers du Cercle Proudhon*, nº3 e 4, maio-agosto de 1912, *op. cit.*, 2007, p.196.

³⁶¹ Georges Valois, “La direction de l’œuvre proudhonienne et le cas Havély”, *Cahiers du Cercle Proudhon*, nº5 e 6, 1913, *idem*, p.312.

³⁶² Zeev Sternhell, *op. cit.*, 2012, p.346.

³⁶³ Michel Winock, *Nationalisme, antisémitisme et fascisme en France*, Éditions du Seuil, Paris, 1990, p.253.

³⁶⁴ Dave Renton, *Fascism – Theory and Practice*, Pluto Press, Londres, 1999, p.22.

mais na génese doutrinal do fascismo”, observou o historiador Michel Winock. “Sorel, alimentado de Marx e de Proudhon, futuro admirador de Lénine e de Mussolini, aproxima-se dos nacionalistas em 1910. Valois, que se tornou todo monarquista a partir de 1906, não é menos solidário com a classe operária”³⁶⁵. É interessante que Winock tenha classificado estes movimentos fascistas ou protofascistas como “uma ultra-esquerda.”³⁶⁶

Foi na viragem do século, no quadro da crítica e revisão do marxismo levada a cabo pelos socialistas nacionalistas revolucionários franceses, que um dos mentores de Valois, Charles Maurras, apareceu com um conceito que se iria revelar fundamental para a revisão do marxismo e a sua transformação no fascismo: o “socialismo eterno”³⁶⁷, uma conceção que continha em si o gérmen do socialismo ético dos fascistas. Na sua base estava uma resposta à teoria marxista, que havia estabelecido uma escatologia histórica segundo a qual o capitalismo iria criar o proletariado e seria este que se encarregaria da missão histórica de fazer a revolução que estabeleceria o socialismo em obediência a leis deterministas e inelutáveis, o tal materialismo histórico.

Os socialistas revisionistas franceses apontaram problemas a esta conceção. Para eles, o marxismo apresentava um socialismo automático e fatalista, um materialismo histórico que não passava de um conjunto de leis tiradas a régua e esquadro com comportamentos causais, como se se tratasse de ciência exata *à la* Newton. Em toda a teoria de Marx e Engels estava implícito que o socialismo só começava verdadeiramente com o capitalismo, pois era este que criava o proletariado, e consequentemente o verdadeiro socialismo só podia ser praticado pelo proletariado. Essas asserções do marxismo, argumentaram estes revisionistas, constituíam um grave erro.

O pós-marxismo de Henri de Man

O teórico socialista que mais profundamente escarpelizou os problemas do marxismo não foi um francês mas um belga, um homem culto, poliglota e viajado que esteve envolvido nas Internacionais socialistas, desempenhou um papel importante na unificação do socialismo alemão e na criação da Internacional da juventude socialista, tendo-se tornado presidente do Partido Operário Belga. Henri de Man aderiu jovem ao marxismo mais radical, mas a eclosão da Grande Guerra e o consequente apoio geral dos socialistas

³⁶⁵ Michel Winock, *op. cit.*, 1990, p.251/252.

³⁶⁶ *Idem*, p.274.

³⁶⁷ Zeev Sternhell, *op. cit.*, 2012, p.267.

europeus às causas nacionais levaram-no a rever profundamente as suas crenças no internacionalismo e em muitas ideias-chave do marxismo. De Man nunca foi verdadeiramente fascista, até porque se opunha à violência e tornou claro que “não posso perdoar a guerra”³⁶⁸, uma vez que “toda a guerra é um mal”³⁶⁹ e “é imoral”³⁷⁰, mas o seu pensamento cristalizou a revisão do marxismo que estava então em curso no mundo socialista, sobretudo o francês, e que buscava um novo tipo de socialismo.

Quando o fascismo já se encontrava instalado em Itália e o bolchevismo na Rússia, este socialista belga publicou um livro intitulado *Para Além do Marxismo* onde desmontou um a um os pilares da ideologia inaugurada por Marx e Engels. Depois de notar que “o marxismo é uma criança do Século XIX”, marcado pelo “princípio da causalidade mecânica” que “está na base de todos os sistemas filosóficos e científicos do século passado”³⁷¹ e “se exprime nas doutrinas de Marx”³⁷², De Man chegou à conclusão de que “é raro que uma montanha científica tão colossal tenha parido um rato científico tão minúsculo”³⁷³ como sucedera com o marxismo.

Na verdade nem era de ciência que o marxismo se tratava, mas de religião. “O ato de fé determinista significa que se faz apelo a uma força sobrenatural”, pois “as ‘leis naturais’ da evolução social formuladas por Marx não passam de uma outra forma simbólica, adaptada à nossa época de ateísmo, dessa lei que domina os destinos humanos e que as gerações anteriores designavam Deus”. O problema é que “a crença num dever natural cria um sentimento que enfraquece a crença no dever moral”³⁷⁴, pois “travava a ação das considerações éticas”³⁷⁵ nos seus movimentos revolucionários, com as consequências catastróficas que se assistia na Rússia. Não é que fosse essa necessariamente a intenção de Marx e Engels, mas tornara-se o resultado da sua teoria. Foi por isso que De Man se propôs substituir o cientifismo mecânico marxista pela sociologia e pela psicologia do Século XX, baseando-se em particular nos trabalhos de Sigmund Freud, Henri Bergson, Carl Gustav Jung, Alfred Adler, Wilhelm Wundt e William

³⁶⁸ Henri de Man, *Au-delà du marxisme*, Éditions du Seuil, Paris, 1974, p.429.

³⁶⁹ *Idem*, p.429/430.

³⁷⁰ *Ibidem*, p.430.

³⁷¹ *Ibidem*, p.290.

³⁷² *Ibidem*, p.293.

³⁷³ *Ibidem*, p.328.

³⁷⁴ *Ibidem*, p.341.

³⁷⁵ *Ibidem*, p.341/342.

McDougall para decodificar os segredos do socialismo na mente dos homens.

Privilegiar a psicologia humana não significava que Henri de Man negasse a importância da economia. “Não faltam por exemplo pessoas que se creem marxistas porque constataram que a evolução social depende da evolução económica”, escreveu. “Mas quem é o homem lúcido a quem isso não se afigura evidente?”³⁷⁶ Para o socialista belga, “de que uma situação económica *condiciona* um movimento não se pode inferir logo que ela o *determine*”³⁷⁷ (itálico no original). O problema não estava no papel da economia, que era obviamente importante, mas no simplismo marxista da redução da vida social a meros mecanismos económicos deterministas. Por exemplo, “é impossível deduzir a noção de classe a partir de categorias económicas puras”, uma vez que “a classe não é uma noção económica: é uma noção social”³⁷⁸. Outro exemplo é a ética. De Man criticou “a tendência de Marx de excluir da sua análise todos os julgamentos éticos que não se podem demonstrar por categorias económicas”, lembrando o facto evidente de que “o conceito de exploração é ético e não económico.”³⁷⁹

Considerando as suas graves lacunas, o marxismo tinha de ser ultrapassado. O grande teórico belga começou por notar o “desacordo crescente entre a teoria marxista e a prática dos partidos operários que se reclamam dessa teoria”³⁸⁰, o que na sua opinião se devia aos erros flagrantes de uma teoria que se pretendia científica mas que de científica pouco ou nada tinha pois na verdade o socialismo “nasce de motivações psicológicas que nada têm a ver com interesses de classe”³⁸¹. A prova da ausência de espírito científico no marxismo estava no dogmatismo doutrinário e no espírito de intolerância com que a revisão de Bernstein, “de grande valor científico”³⁸², fora acolhida pela ortodoxia marxista. “O marxismo”, disse De Man, “é ele próprio ‘utópico’ no sentido em que funda a sua crítica do presente sobre uma visão de futuro que deseja”, sendo certo que, “pela forma científica que dá às suas fórmulas, procura criar a impressão do contrário”³⁸³. Ou seja, o marxismo confundia os seus desejos com a realidade e usava uma aparência

³⁷⁶ *Ibidem*, p.312.

³⁷⁷ *Ibidem*, p.339.

³⁷⁸ *Ibidem*, p.331.

³⁷⁹ *Ibidem*, p.329.

³⁸⁰ *Ibidem*, p.43.

³⁸¹ *Ibidem*, p.50.

³⁸² *Ibidem*, p.154.

³⁸³ *Ibidem*, p.159.

de cientificidade para ocultar a sua verdadeira natureza, a de “religião rudimentar – uma religião *ersatz*”³⁸⁴ – o que, em bom rigor, nada tinha de mal pois, sendo ele próprio socialista, De Man sustentou que “não se pode compreender o socialismo se não como uma crença.”³⁸⁵

O erro central de Marx e Engels assentava no mecanismo do materialismo histórico. “O marxismo deduziu o objetivo do socialismo a leis de evolução social às quais atribuiu o caráter inelutável de leis naturais”, uma “noção *mecanicista* da causalidade” (itálico no original) que tornou o socialismo “*determinista*” (itálico no original) e “reduziu portanto o homem” a “‘circunstâncias’ anteriores à sua vontade”³⁸⁶, escreveu De Man, para quem a revolução social prevista pelo marxismo parecia resultar de “um movimento de forças mecânicas”³⁸⁷. Ora “é precisamente (...) este caráter inelutável (...) que se vê colocado em questão pela experiência”³⁸⁸, uma vez que “desde o início que a sequência histórica dos acontecimentos contradiz o esquema racionalista”, a começar pelo facto óbvio de que “o socialismo existia antes do movimento operário, antes mesmo da classe operária.”³⁸⁹

Esta ideia de que o socialismo sempre existira, originalmente de Maurras, constituía uma heresia do marxismo que já na altura andava no ar entre muitos socialistas. O dogma marxista de que o socialismo só começava com o capitalismo e que apenas o proletariado o praticava estava já a ser vista como profundamente errada. “Não é verdade”, disse por exemplo o marxista ítalo-alemão Roberto Michels, “que o sistema capitalista ao produzir não o proletariado mas uma nova forma de proletariado tenha dado vida ao socialismo”. Ao contrário do que estava implícito no marxismo, a nova corrente socialista considerava que o socialismo não era um movimento que apareceu num determinado momento da história. Evidentemente inspirado no debate em curso no socialismo francês, Michels reconheceu que “o socialismo como ideologia já existia antes.”³⁹⁰

De Man retomou esta ideia para lembrar que o proletariado quase nem sequer esteve envolvido no desenvolvimento da doutrina socialista, que tinha

³⁸⁴ *Ibidem*, p.362.

³⁸⁵ *Ibidem*, p.131.

³⁸⁶ *Ibidem*, p.48.

³⁸⁷ *Ibidem*, p.304.

³⁸⁸ *Ibidem*, p.49.

³⁸⁹ *Ibidem*, p.50.

³⁹⁰ J.-P. V., “Lecture: «Sociologie du parti dans la démocratie moderne. Enquête sur les tendances oligarchiques des groupes»”, 8 de abril de 2016, www.echangesetmouvement.fr

uma “origem burguesa”³⁹¹ pois Marx era um académico, Owen um industrial, tal como Engels aliás, e Saint-Simon um aristocrata. Acaso isso os impedira de serem socialistas? “Este socialismo dos intelectuais é na sua essência tão instintivo e tão profundamente enraizado nas correntes emocionais do subconsciente quanto o socialismo das classes operárias”³⁹², estabeleceu, sublinhando que “de todas as formas de socialismo operário, é o marxismo que menos compreende as origens sociais da predisposição dos intelectuais ao socialismo”³⁹³. O que fazia um socialista não era a sua classe social, argumentou o teórico belga em crítica ao marxismo, mas a sua conduta moral. “O marxismo trata os pioneiros burgueses e aristocratas do ideal socialista como exceções que confirmam a regra da origem proletária da doutrina, mas os factos provam claramente que essas exceções ‘burguesas’ são a regra”³⁹⁴, observou, para defender que “todos os problemas sociais da história não são mais do que os diferentes aspetos do problema social eterno.”³⁹⁵

Eterno, a expressão originária de Maurras. O socialismo era eterno. Sempre existiu e já desde Platão se falava nele. Ainda não havia capitalismo nem proletários e, fizeram notar estes socialistas, já palpitava no mundo a ideia socialista. O socialismo era uma forma de estar e de ver a sociedade, uma atitude, uma filosofia de vida, e qualquer pessoa, independentemente da sua classe social, podia ser socialista. Os comportamentos reais dos homens mostravam que a teoria marxista estava errada e que os fatores económicos não eram o princípio e o fim do socialismo. Se o homem fosse como a teoria marxista o presumia, “estaríamos perante um insuportável fanático, uma alma seca e estéril”³⁹⁶ que integrava “‘regimentos operários’” marcados “pela disciplina militar”, pois o “‘trabalhador ideal’ do marxismo consagrava-se unicamente à luta de classes”³⁹⁷. A visão de um tal autómato mostrava que um socialismo mecânico como esse não passava de “uma quimera criada pela teoria”³⁹⁸, pois os homens reais não eram assim. “O socialismo científico é tão absurdo quanto o amor científico”³⁹⁹, observou

³⁹¹ Henri de Man, *op. cit.*, 1974, p.50.

³⁹² *Idem*, p.202.

³⁹³ *Ibidem*, p.208.

³⁹⁴ *Ibidem*, p.52.

³⁹⁵ *Ibidem*, p.75.

³⁹⁶ *Ibidem*, p.81.

³⁹⁷ *Ibidem*, p.80.

³⁹⁸ *Ibidem*, p.81.

³⁹⁹ *Ibidem*, p.374.

De Man, pois “o homem que ama não precisa que a ciência lhe prove a beleza da amada”, da mesma maneira que “aquele que luta por uma ordem social melhor não precisa da prova científica de que essa ordem deverá inelutavelmente chegar; basta-lhe que a sua consciência o obrigue a devotar-se a ela”⁴⁰⁰. O socialismo é um ideal, uma missão, uma paixão, até uma religião; nunca uma ciência. Para o socialista belga, “as ideias são obra de personalidades e não o resultado de um paralelograma de forças sociais.”⁴⁰¹

O marxismo não refletia a verdadeira natureza dos seres humanos, refletia antes os traços militaristas, disciplinadores e coletivistas da cultura alemã dos homens que o conceberam. “A concepção marxista da luta de classes” que “conduzirá à vitória segundo o exemplo guerreiro”, escreveu De Man, “é o reflexo social do Estado militar alemão”⁴⁰², um fenómeno “tão característico da mentalidade alemã e marxista de identificação do Estado e da sociedade.”⁴⁰³

É preciso dizer que o socialista belga conhecia bem os alemães e a Alemanha, onde viveu e cuja língua falava, ao ponto de ter escrito *Para Além do Marxismo* originalmente em alemão. “A inclinação à subordinação que constitui um traço de carácter histórico alemão manifesta-se também (...) nas relações políticas entre governantes e governados, nas relações diárias entre o público e os funcionários, o subordinado e o artesão, o operário e o patrão, o aluno e o professor, o doméstico e o empregador, a criança e os pais, o militante de um partido e a sua comissão diretora, em suma entre os escalões inferiores e superiores de quaisquer hierarquias que existam”⁴⁰⁴, acrescentou, sublinhando que “uma ideologia deste género estava destinada a encontrar um terreno recetivo junto do povo alemão”⁴⁰⁵ até porque, com os seus “instintos combativos e hábitos de comando e de subordinação”⁴⁰⁶, o marxismo constituía “a forma típica de socialismo proletário dos países sem democracia.”⁴⁰⁷

Nesse sentido, o marxismo não era um passo em frente, mas um passo atrás, o regresso do socialismo a uma certa boçalidade primitiva e obscurantista. “Quando o comunismo de hoje trata todo o socialista que não

⁴⁰⁰ *Ibidem*, p.424.

⁴⁰¹ *Ibidem*, p.51.

⁴⁰² *Ibidem*, p.365.

⁴⁰³ *Ibidem*, p.368.

⁴⁰⁴ *Ibidem*, p.365/366.

⁴⁰⁵ *Ibidem*, p.365.

⁴⁰⁶ *Ibidem*, p.366.

⁴⁰⁷ *Ibidem*, p.364.

está enfeudado a Moscovo como um canalha, um traidor e um laçao da burguesia”, escreveu, “o que existe aí, sob uma forma correspondente ao regresso a uma atmosfera mais primitiva, é o exagero caricatural de um orgulho fanático tão antigo quanto o próprio marxismo.”⁴⁰⁸

De resto, De Man recordou que Roberto Michels, que nascera na Alemanha, já havia mostrado que o vocabulário da literatura socialista alemã ia buscar as suas expressões, e em particular as de natureza emotiva, à terminologia militar, o que não devia surpreender ninguém quando se considerava “a conexão psicológica profunda entre o marxismo e o militarismo”⁴⁰⁹. Acontece que “em 1914 já tinha sido suficientemente demonstrada a facilidade com que uma motivação revolucionária socialista se deixava transformar numa motivação guerreira destrutiva”⁴¹⁰. O conceito marxista da luta de classes desempenhara aí um papel. “O objetivo dessa luta parece mais ser a derrota do adversário do que a concretização de uma tarefa construtiva”⁴¹¹, considerou, afirmando que o marxismo “contribui para reforçar uma motivação de violência”⁴¹² pois encorajava nos seres humanos “a transformação das suas melhores motivações nas suas piores ações – forçando-os a matar homens por paixão humanitária, a tornarem-se cúmplices, devido ao entusiasmo por uma ideia universal, na destruição dessa ideia”⁴¹³. Ou seja, a violência militarista do marxismo estava a destruir o próprio socialismo.

A ligação profunda do marxismo à cultura autoritária alemã tinha implicações na visão filosófica e científica de toda a teoria de Marx e Engels, pois havia “um paralelismo espantoso entre as características do marxismo alemão e da ciência alemã em geral”⁴¹⁴, até porque “a psicologia alemã permaneceu durante mais tempo (...) uma fisiologia e uma mecânica da alma”⁴¹⁵. Exatamente como o marxismo. O socialismo científico não passava afinal de uma “ingenuidade racionalista”⁴¹⁶ concebida por um “rato de biblioteca que nada sabia sobre as coisas da vida prática e sobretudo da vida

⁴⁰⁸ *Ibidem*, p.393.

⁴⁰⁹ *Ibidem*, p.367.

⁴¹⁰ *Ibidem*, p.428.

⁴¹¹ *Ibidem*, p.429.

⁴¹² *Ibidem*, p.428.

⁴¹³ *Ibidem*, p.429.

⁴¹⁴ *Ibidem*, p.370.

⁴¹⁵ *Ibidem*, p.371.

⁴¹⁶ *Ibidem*, p.79.

operária”⁴¹⁷, pois jamais entrara sequer numa fábrica, e que “na sua ignorância psicológica e no seu desconhecimento das realidades da vida”⁴¹⁸ criara uma teoria ao arrepio da verdadeira natureza humana. O marxismo havia sido concebido para um ser humano que não existia a não ser na mente militarista e disciplinadora alemã, chegando ao ridículo de considerar o legítimo desejo dos operários de se tornarem “proprietários de uma casinha ou um jardim” como “uma concessão nefasta às tendências pequeno-burguesas.”⁴¹⁹

O anátema marxista sobre tal aspiração revelava um profundo desconhecimento da natureza humana. “No fundo o que cada um quer não é suprimir a propriedade, mas possuir *mais* propriedade”⁴²⁰ (itálico no original), notou De Man, constatando que “o próprio movimento operário mostra em geral uma espantosa falta de compreensão dos processos psicológicos”⁴²¹ dos operários que dizia representar. Algo não estava bem quando “o intelectual que sonha com a missão revolucionária e renovadora do proletariado” se põe a “desprezar os proletários porque desejam acima de tudo não continuarem a ser pobres”⁴²². Consequentemente, “se a imagem determinada que se faz no socialismo não corresponde à realidade humana da classe operária isso demonstra unicamente que tal imagem está fundada em hipóteses contrárias à natureza humana”⁴²³, considerou, concluindo que “esta teoria não está em acordo com a realidade.”⁴²⁴

O socialismo só podia funcionar se compreendesse os homens, a sua real natureza e as suas verdadeiras motivações. Para isso era preciso penetrar na psicologia humana e captar a essência da sua pulsão de igualdade. Inspirado “nos princípios igualitários do cristianismo”⁴²⁵, “o sentimento de igualdade sempre apareceu como a motivação mais essencial dos movimentos socialistas de massa”⁴²⁶, observou De Man, para quem era aí que se encontrava a “energia espiritual”⁴²⁷ do socialismo. O teórico belga fez notar

⁴¹⁷ *Ibidem*, p.350.

⁴¹⁸ *Ibidem*, p.76.

⁴¹⁹ *Ibidem*, p.82.

⁴²⁰ *Ibidem*.

⁴²¹ *Ibidem*, p.78/79.

⁴²² *Ibidem*, p.404.

⁴²³ *Ibidem*, p.83.

⁴²⁴ *Ibidem*, p.86.

⁴²⁵ *Ibidem*, p.115.

⁴²⁶ *Ibidem*, p.101.

⁴²⁷ *Ibidem*, p.116.

que “a reivindicação socialista de igualdade é a representação compensatória de um complexo de inferioridade”⁴²⁸, pelo que “em última análise a inferioridade social das classes trabalhadoras não assenta numa injustiça política nem num dano económico, mas num estado psicológico” marcado pela “sua própria crença em tal inferioridade.”⁴²⁹

Ao falar em complexo de inferioridade, o autor de *Para Além do Marxismo* não estava a fazer uma crítica mas uma análise da natureza humana, pois o contacto assíduo com operários revelara-lhe a sua maneira de pensar. “O intelectual marxista fechado na sua biblioteca pode imaginar que a classe operária forma o seu ideal pela leitura de *O Capital*”⁴³⁰, mas a verdade é que “o operário médio considera as classes com posses como exemplos de um tipo de vida superior” e sendo certo que “luta contra elas por melhores salários e bem-estar ou ainda para conquistar direitos políticos, isso não passa de uma maneira de aproximar a sua situação à delas.”⁴³¹

A psicologia das pessoas empurrava-as para o socialismo devido à “necessidade instintiva e imediata das classes inferiores de diminuírem a desigualdade social”⁴³² ao mesmo tempo que procuravam referências nas classes superiores, pois a verdade “é que cada um queria ser burguês”⁴³³, o que mostrava que “o desejo de igualdade e a necessidade de desigualdade, longe de se excluírem, condicionam-se mutuamente”. Esta observação remetia para a ideia de hierarquia, o conceito de que “nenhuma sociedade é possível sem aristocracia”⁴³⁴. No seu íntimo, as pessoas precisavam de referências que considerassem superiores e motivavam-se pelo desejo de se igualarem a elas. Isso provava que não havia nada de errado em os operários quererem ter uma casa ou um jardim e usarem como referência a qualidade de vida da classe aristocrática do seu tempo, a burguesia, evidência que pelos vistos nunca ocorrera à teoria marxista.

Tudo isto levou De Man a questionar diretamente os dogmas centrais do marxismo. “Todos os interesses dos operários não são opostos aos dos patrões”, considerou, lembrando que “os dois grupos estão interessados na prosperidade geral da sua indústria. Esta depende da política externa do

⁴²⁸ *Ibidem*, p.101.

⁴²⁹ *Ibidem*, p.103.

⁴³⁰ *Ibidem*, p.107.

⁴³¹ *Ibidem*, p.104/105.

⁴³² *Ibidem*, p.101.

⁴³³ *Ibidem*, p.105.

⁴³⁴ *Ibidem*, p.107.

Estado”⁴³⁵. Ou seja, e ao contrário do que estava estabelecido na teoria marxista, a luta de classes não é a única regra da vida em sociedade e a nação é importante para os proletários. De uma cajadada, o socialista belga colocou assim em questão os dogmas marxistas da luta de classes e do internacionalismo. Por exemplo, se um país ganhasse uma guerra isso seria bom também para o proletariado desse país, pois a sua indústria dominaria mercados novos e tal traria prosperidade aos trabalhadores da nação vencedora. Já a derrota penalizaria o país, a sua indústria, os seus burgueses e, claro, os seus operários. Em suma, os trabalhadores tinham interesse económico na cooperação de classes e no sucesso nacional. Isso explicava os acordos laborais dos sindicatos com os patrões e as celebrações populares quando de grandes vitórias nacionais sobre outras nações.

Nem as lideranças marxistas escapavam à realidade nacionalista, como se constata nos sucessivos confrontos em linhas nacionais que decorriam nas Internacionais socialistas, com os socialistas de um país e de outro a digladiarem-se em função dos respetivos interesses nacionais. “Os socialistas tornaram-se atualmente, em todos os países da Europa, o verdadeiro sustentáculo do Estado”⁴³⁶, constatou De Man. “E quanto mais o socialismo se torna veículo da ideia do Estado, mais se torna também o veículo da ideia da nação, que se encarna no Estado”, pois “todo o movimento, à medida que conquista o Estado nacional, é empurrado pela vontade de poder a tornar-se o baluarte do Estado e da nacionalidade.”⁴³⁷

Este raciocínio transportou De Man para o coração do problema nacionalista do socialismo. “Assisti, como delegado ou como intérprete, a mais de duzentas reuniões operárias internacionais”, indicou este socialista belga, e “somente uma vez encontrei um delegado francês a fazer um discurso numa língua que não era a sua. Entre os dirigentes do movimento sindical inglês apenas encontrei um único que sabia suficientemente francês ou alemão para se fazer compreender”⁴³⁸. Ou seja, o internacionalismo socialista estava encharcado de nacionalismo, coisa que já no século anterior o próprio Marx havia observado numa carta enviada a Engels.

Decerto inspirado nas observações revisionistas de Bauer, De Man constatou que o marxismo “mantinha intencionalmente em silêncio os laços nacionais que limitavam a solidariedade de classe”, mas “os laços nacionais

⁴³⁵ *Ibidem*, p.270.

⁴³⁶ *Ibidem*, p.274/275.

⁴³⁷ *Ibidem*, p.275.

⁴³⁸ *Ibidem*, p.281/282.

provaram a sua existência e a sua força com uma evidência tal que é necessária hoje uma capacidade de ilusão extraordinária para os ignorar”⁴³⁹, o que o levou a prever que “o internacionalismo está condenado a permanecer durante muito tempo uma palavra oca” se não houver “o reconhecimento prático das particularidades e da autonomia nacionais”⁴⁴⁰. Considerando que “o marxismo favorece a ficção de uma Internacional unida” através de “demonstrações retóricas e doutrinárias” que apenas mascaravam as “diferenças nacionais de opinião que existiam na realidade”, o socialista belga concluiu que na verdade “o marxismo (...) tornou-se hoje um entrave para esse internacionalismo”⁴⁴¹ pois a Internacional servia para “esquivar, a coberto de preocupações doutrinárias, a tarefa prática que deveria ser a sua tarefa principal: a luta contra o militarismo e a oposição à guerra.”⁴⁴²

Lidar eficazmente com essa realidade implicava, para De Man, que os socialistas comesçassem por compreender que *o proletariado era mais nacionalista do que a burguesia*. “A classe operária está ainda mais afastada da cultura mundial do que as franjas cultas da burguesia”, constatou, fazendo notar que “os membros de uma reunião internacional de diplomatas, de financeiros ou simplesmente de ricos ociosos conseguem em geral mais facilmente compreender-se mutuamente, qualquer que seja a divergência dos seus interesses, do que os membros de uma confederação internacional de sindicatos”⁴⁴³. Mais uma vez a realidade contraditava frontalmente a doutrina marxista. A burguesia era afinal internacionalista e o proletariado nacionalista. “Quanto mais a política de um governo está submetida às grandes massas, mais essa política cederá à pressão dos interesses nacionais de natureza económica e ao perigo das vagas de paixão popular, que sempre com facilidade excitam o amor-próprio nacional”, constatou, referindo, graças ao que observara quando da sua passagem pelos Estados Unidos, que “os sindicatos americanos, ao contrário da grande maioria dos patrões que procura mão-de-obra barata, são os principais apoiantes da política de porta fechada”⁴⁴⁴ à imigração.

Além de nacionalista, o proletariado era afinal o grande sustentáculo das políticas anti-imigração. Nada disto estava previsto na teoria marxista. Mais

⁴³⁹ *Ibidem*, p.386.

⁴⁴⁰ *Ibidem*, p.389.

⁴⁴¹ *Ibidem*, p.390.

⁴⁴² *Ibidem*, p.391.

⁴⁴³ *Ibidem*, p.281.

⁴⁴⁴ *Ibidem*, p.284.

ainda, De Man chegou à conclusão de que o operariado se tornara também um baluarte da guerra. “Nas massas operárias, a paixão de interesses alia-se à paixão do amor-próprio nacional e aos sentimentos de ódio, de vingança e de medo que impedem o fim da guerra”⁴⁴⁵, disse, sublinhando que isso acontecia igualmente no país que se proclamava comunista por excelência. “Na Rússia, o comunismo, cujos ideais eram os mais cosmopolitas que se possa imaginar, chegou ao poder graças à sua oposição à guerra e ao nacionalismo”, lembrou, ele que estivera na Rússia em 1917 a acompanhar a revolução bolchevique, “e, apesar disso, os seus dirigentes tiveram necessidade da guerra e do nacionalismo para conservar o poder. Constituíram o seu governo graças à coerção militar e o apoio moral que o povo lhes dá baseia-se grandemente no seu patriotismo”⁴⁴⁶. Bem vistas as coisas, “esta absorção parcial do sentimento socialista pelo sentimento nacional não deveria surpreender” pois “o sentimento nacional é uma parte integrante do conteúdo do socialismo de cada país. E torna-se cada vez mais forte à medida que o destino das massas operárias de um país se liga mais estreitamente ao destino do próprio país”⁴⁴⁷. Em suma, e qualquer que fosse a retórica do socialismo, a sua inclinação natural era para o nacionalismo.

Por outro lado havia o problema da luta de classes. O marxismo estabelecia que o estado natural das relações laborais é o conflito permanente, mas De Man observou que nada disto fazia qualquer sentido na atividade dos sindicatos. “Que representante sindical seria suficientemente estúpido para se reclamar, quando negoceia com os patrões para obter uma melhoria das condições de trabalho, de uma teoria que provava aos patrões que *o seu interesse se opõe a que eles concordem com essa melhoria?*”⁴⁴⁸ (itálico no original), questionou o socialista belga. Além do mais, e considerando que a teoria marxista preconizava que se deveria deixar o capitalismo brutalizar o proletariado para que este se revoltasse, nenhum sindicalista que fosse realmente marxista iria trabalhar para a melhoria das condições de vida dos trabalhadores. Pior, um sindicalista marxista, se fosse de facto fiel à teoria marxista, iria tentar *piorar* a situação dos proletários. Considerando “o interesse patronal no aumento do poder de compra através de salários mais elevados”⁴⁴⁹, se a teoria marxista fosse aplicada à letra

⁴⁴⁵ *Ibidem*, p.285.

⁴⁴⁶ *Ibidem*, p.283.

⁴⁴⁷ *Ibidem*, p.286.

⁴⁴⁸ *Ibidem*, p.379.

⁴⁴⁹ *Ibidem*, p.381.

chegar-se-ia ao paradoxo bizarro de que *seria o patronato a tentar melhorar as condições de vida dos trabalhadores e os sindicatos marxistas a oporem-se a tal melhoria*.

Uma situação dessas, resultante da aplicação da teoria marxista, não fazia o menor sentido. Ao contrário do que estava implícito no marxismo, “o objetivo de uma luta nunca é a luta em si” pois isso “acarretaria a destruição mútua da vontade e da prosperidade”, sendo antes necessária uma “organização de antagonismos”⁴⁵⁰ pois “o fim – e o objetivo – de todo o combate é um contrato, e para concluir um contrato é preciso que as partes se entendam”⁴⁵¹. Patrões e trabalhadores estavam condenados a *cooperar* para o bem comum. Cooperar remetia para corporativismo. “O voluntarismo sindical é otimista como todo o voluntarismo, o determinismo marxista é pessimista como todo o determinismo”, fez notar, salientando a “incapacidade de uma doutrina económica causal de motivar uma teleologia das lutas operárias”, o que criava “um abismo entre a teoria marxista e a prática sindical.”⁴⁵²

Isso estava a ter como consequência a rebelião dos sindicatos em relação ao marxismo. “O movimento sindical é filho de um outro espírito. A sua ideia provém, ao longo do tempo, do regime corporativo précapitalista, que é um livro fechado para o marxismo”, indicou De Man, para quem “uma doutrina socialista do movimento sindical (...) deve (...) justificar as suas teorias económicas pelo voluntarismo”⁴⁵³. Era, pois, preciso que o socialismo “se liberte”⁴⁵⁴ de uma doutrina determinista como o marxismo, substituindo-o por um socialismo mais próximo da realidade, um socialismo cujo “princípio fundamental” fosse “pragmático, voluntarista, pluralista”⁴⁵⁵. Era essa necessidade que estava por detrás do aparecimento de movimentos sindicais rebeldes como o sindicalismo revolucionário em França e em Itália.

O socialismo não era uma mecânica, como pretendiam Marx e Engels, mas um ato de vontade. O tal voluntarismo. O determinismo marxista do materialismo histórico reduzia as motivações das pessoas a interesses de classe, um conceito “mítico e místico”⁴⁵⁶ que tudo conveniente e

⁴⁵⁰ *Ibidem*, p.380.

⁴⁵¹ *Ibidem*, p.379.

⁴⁵² *Ibidem*, p.380.

⁴⁵³ *Ibidem*, p.382.

⁴⁵⁴ *Ibidem*, p.375.

⁴⁵⁵ *Ibidem*, p.384.

⁴⁵⁶ *Ibidem*, p.149.

simplisticamente explicava e que fazia do ser humano, aos olhos dos marxistas, “o egoísta e hedonista perfeito”⁴⁵⁷ que só agia por um mesquinho interesse economicista. Assim sendo, o marxismo circunscrevia o socialismo à passividade em que as coisas aconteciam sem que os socialistas precisassem de fazer nada, acabando por “transformar conscientemente toda a política num simples conflito de forças mecânicas em presença”⁴⁵⁸, desse modo erguendo um “obstáculo ao desenvolvimento ético”⁴⁵⁹ do socialismo. “Falta a esta ética do interesse de classe todos os indícios que caracterizam o dever moral”⁴⁶⁰, constatou, pois “as leis de necessidade derivadas da interpretação causal do passado não são suficientes para suscitar a vontade”⁴⁶¹, o que fazia do marxismo “um império da necessidade, não da liberdade.”⁴⁶²

A nova corrente socialista francófona revoltou-se contra a visão marxista do socialismo, considerando-a um produto ultrapassado do Século XIX, e preconizou um socialismo novo, um socialismo moderno, um socialismo do Século XX que fosse ativo e no qual os socialistas se assumissem como senhores do destino e a sua ação fizesse a diferença para melhor. “O interesse não tem nada a ver com a ética”, enfatizou De Man, “bem pelo contrário, a ética pressupõe um sentimento que se traduz por uma impulsão interior, independentemente do que exige ou não o interesse”⁴⁶³, incluindo o interesse de classe, até porque “o vigor do pensamento socialista provém precisamente de que ele dá uma forma racional a uma aspiração emocional tão eterna e universal quanto a própria sociedade humana.”⁴⁶⁴

Ao imobilismo marxista estes revisionistas contrapunham o voluntarismo, ou seja, o socialismo praticado por vontade moral e ética e não por simples interesse económico ou necessidade mecânica das leis da história. “Acreditamos na vontade como causa”⁴⁶⁵, proclamara Friedrich Nietzsche, para quem “a única forma que existe que é do mesmo tipo (da dor) é a vontade: o domínio dos outros, os quais mudam em

⁴⁵⁷ *Ibidem*, p.124.

⁴⁵⁸ *Ibidem*, p.117.

⁴⁵⁹ *Ibidem*, p.123.

⁴⁶⁰ *Ibidem*, p.126.

⁴⁶¹ *Ibidem*, p.373.

⁴⁶² *Ibidem*, p.374.

⁴⁶³ *Ibidem*, p.124.

⁴⁶⁴ *Ibidem*, p.155.

⁴⁶⁵ Friedrich Nietzsche, *The Will to Power*, Vintage Books, Nova Iorque, 1968, p.264.

consequência”⁴⁶⁶. Nietzsche foi lido com atenção pelos socialistas insatisfeitos com o marxismo e a sua mensagem de usar a vontade e a ação para transformar a realidade constituía um bálsamo para os socialistas cansados da passividade da teoria de Marx e Engels e as respectivas leis deterministas.

Foi assim que Georges Valois, todo ele vontade de mudar o mundo na direção do socialismo, avisou que a “obra científica” que o seu grupo ia levar a cabo nos *Cahiers du Cercle Proudhon* “será feita com vista à ação”⁴⁶⁷. O essencial, como sugeriu De Man, “é o *movimento*”⁴⁶⁸ (itálico no original). “O socialismo é uma tendência da vontade”, preconizou, sendo que “a vontade socialista não pode ser deduzida de causas existentes no meio capitalista, e particularmente da luta de uma classe pelo interesse e pelo poder”, mas é antes “fundada no caráter geral de certos julgamentos morais”⁴⁶⁹. Isto é, o socialismo resultava de uma “vontade ética.”⁴⁷⁰

Um verdadeiro socialista determinava a história, conforme a visão de Nietzsche, não se submetia a ela, como estava implícito em Marx e Engels. Sobretudo, as pessoas não se moviam exclusivamente por interesses económicos em mera obediência a leis causais, mas por “crença”⁴⁷¹, por “paixão”⁴⁷², por “obrigação moral”⁴⁷³. Por “caráter ético”⁴⁷⁴. O socialismo não se justificava pelos interesses de classe, argumentaram estes revisionistas, mas por fazer o que estava certo. Era “uma aspiração eterna de uma ordem social conforme o nosso sentido moral”⁴⁷⁵, pois “o socialismo afigura-se-me acima de tudo como uma exigência do homem para consigo mesmo”⁴⁷⁶. O socialismo constituía uma ética, não um negócio. Não se reduzia a leis frias, à *la* alemã, mas revelava-se num sentimento, na visão de uma sociedade igualitária, “nas exigências éticas que nos impomos a nós mesmos”⁴⁷⁷. Tratava-se de um imperativo moral, não de uma mera

⁴⁶⁶ *Idem*, p.270.

⁴⁶⁷ Georges Valois, “L’esprit Proudhon: pourquoi nous rattachons nos travaux à l’esprit proudhonien”, *op. cit.*, 2007, p.138.

⁴⁶⁸ Henri de Man, *op. cit.*, 1974, p.402.

⁴⁶⁹ *Idem*, p.435.

⁴⁷⁰ *Ibidem*, p.423.

⁴⁷¹ *Ibidem*, p.406.

⁴⁷² *Ibidem*, p.424.

⁴⁷³ *Ibidem*, p.425.

⁴⁷⁴ *Ibidem*, p.416.

⁴⁷⁵ *Ibidem*, p.419.

⁴⁷⁶ *Ibidem*, p.423.

⁴⁷⁷ *Ibidem*, p.394.

necessidade económica. “A ética não é uma ciência”, proclamou De Man. “É uma disposição inerente à natureza humana.”⁴⁷⁸

Ninguém precisava de ser proletário para poder ser socialista e ter uma ética socialista, nem o proletariado produzia necessariamente socialismo. A existência de burgueses socialistas e de proletários não socialistas provava-o amplamente. “Sou socialista, não porque creio na realização de uma visão socialista do futuro”, salientou, “mas porque estou convencido de que a motivação socialista torna os homens mais felizes e melhores”⁴⁷⁹. Além do mais, as experiências revolucionárias do boulangismo e da Action Française mostravam que os proletários substituíam facilmente a ideia de classe pela de nação, até porque mais depressa eram capazes de lutar pela sua nação do que pela sua classe. O socialismo não era, pois, exclusivo de um grupo e produto de um tempo nem refém da economia, mas universal e eterno, e exprimia-se numa ética.

Foi assim que Henri de Man propôs uma “renovação espiritual do socialismo”⁴⁸⁰ e formulou a ideia do “socialismo ético”⁴⁸¹, uma elaboração já presente em germen no socialismo eterno de Maurras. Decerto influenciado pelo conceito de elite de Sorel, o teórico belga indicou que esse socialismo teria de começar por ser “a experiência de uma elite”, mas com o tempo tornar-se-ia “um fenómeno de massas”⁴⁸². Tudo começaria pois com uma vanguarda, uma hierarquia. A tal elite que guiaria os outros. Era este, na opinião de De Man e dos seus seguidores, incluindo a corrente do neo-socialismo francês de Marcel Déat com a sua defesa do “socialismo espiritualista”⁴⁸³ acusado de ser fascista, o sentido da Revolução Francesa e o espírito mais profundo do socialismo, pelo que se tornava necessário ir para além do marxismo.

Ir para além do marxismo, não para acabar com o socialismo, mas para criar um socialismo novo e melhor. Seria um socialismo realista e realizável, um socialismo para todos e não apenas para o proletariado, um socialismo moderno e construtivo em que, em vez de lutarem umas contra as outras e tudo assim destruírem, as pessoas cooperassem e se ajudassem mutuamente

⁴⁷⁸ *Ibidem*, p.374.

⁴⁷⁹ *Ibidem*, p.401.

⁴⁸⁰ *Ibidem*, p.433.

⁴⁸¹ *Ibidem*, p.435.

⁴⁸² *Ibidem*, p.433.

⁴⁸³ Zeev Sternhell, “Aux sources de l’idéologie fasciste: La révolte socialiste contre le matérialisme”, in Yehoshua Arieli e Nathan Rotenstreich (direção), *Totalitarian Democracy and After*, Routledge, Londres, 2013, p.225.

dentro de uma nação solidária e hierarquizada. Um socialismo para o Século XX.

Tal tipo de socialismo seria o fascismo.

As origens marxistas do fascismo

Todo o fervilhar de ideias que animava o movimento socialista internacional não passou despercebido em Itália. Não só os diversos revisionistas do socialismo em geral e do marxismo em particular eram lidos com grande interesse e discutidos acaloradamente pelos socialistas italianos como algumas figuras de proa do marxismo transalpino que frequentavam os meios socialistas franceses, designadamente Roberto Michels e Antonio Labriola, começaram a difundir os novos conceitos pela península italiana.

A transferência do debate para Itália

Talvez o socialista italiano que mais fez para introduzir o marxismo em Itália tenha sido Antonio Labriola. Isso não impediu que também ele se sentisse incomodado com o automatismo determinista da teoria de Marx e Engels. “Não estamos aqui no campo da física, da química ou da biologia”⁴⁸⁴, lembrou, considerando estar “privada de qualquer fundamento aquela opinião, que se destina à negação de cada vontade por via de uma perspectiva teórica, que quer ver substituído o *voluntarismo* pelo *automatismo*”⁴⁸⁵ (itálico no original). Estas palavras plantaram no marxismo italiano a semente do voluntarismo, ou seja, do socialismo como ato de vontade, não como submissão passiva às leis inelutáveis da história.

Contudo, o maior responsável pela transferência para Itália do debate revisionista sobre a crise do marxismo foi Roberto Michels, um marxista italiano de origem alemã que fez sobretudo uma síntese de Sorel com Bauer e com os conceitos-chave do socialismo nacionalista francês. Depois de prestar homenagem a “esse astro maior do firmamento socialista que era Karl Marx”, assim sublinhando a sua filiação marxista, Michels reconheceu que Sorel tinha razão quando dizia que “a grande massa, teoricamente falando,

⁴⁸⁴ Antonio Labriola, *Del materialismo storico – Dilucidazione preliminare*, Amazon Fulfillment, Wroclaw, s/d, p.7.

⁴⁸⁵ *Idem*, p.25.

permanece inerte e indiferente”⁴⁸⁶ por ser vítima de um “aburguesamento”⁴⁸⁷. Daí que, tal como Sorel preconizara, fosse necessária uma elite que guiasse a massa proletária, uma espécie de vanguarda ou de hierarquia para chefiar a ação revolucionária, até porque “o valor médio dos chefes socialistas de origem proletária é, não só intelectual mas até moralmente falando, inferior à média dos chefes socialistas de origem burguesa e aristocrática.”⁴⁸⁸

Uma das objeções dos socialistas daquele tempo relacionava-se com a passividade do marxismo, problema já suscitado em Itália por Labriola. Michels concordou na necessidade de trocar a inércia do socialismo determinista marxista por um socialismo de ação, segundo as ideias nietzschianas de Sorel e da “nobre tradição do antigo socialismo francês”⁴⁸⁹ que não se resignava ao mecanicismo fatalista do marxismo. A parte central desse papel de socialismo ativo, conforme a proposta de Sorel, foi atribuída aos sindicatos. “O sindicato não dá apenas refúgio à *ideia socialista*, mas faz-se também promotor da *ação socialista*”⁴⁹⁰ (itálico no original), sustentou Michels, sublinhando que isso se conseguia através do grande mito soreliano, “a greve geral”, que descreveu como “o tipo mais genuíno de ação direta”⁴⁹¹. Igualmente importante, dada “a existência de fatores psicológicos capazes de influenciar o andamento da economia *pura*”⁴⁹² (itálico no original), o marxista ítalo-alemão reconheceu que o socialismo de Marx “exagerou o alcance” do “fator económico”⁴⁹³, pois havia a acrescentar-lhe “a conceção mais elementar da *psicologia*”⁴⁹⁴ (itálico no original), exatamente o que a nova corrente socialista nacionalista francesa preconizava com base nas ideias da psicologia de Bergson e de outros.

Influenciado por Bauer, Roberto Michels escreveu igualmente sobre o papel do nacionalismo num contexto socialista. “A forma originária do pensamento original”, começou por notar num capítulo intitulado “o mito da

⁴⁸⁶ Roberto Michels, “La crisi psicologica del socialismo”, in Roberto Michels, *Democrazia e oligarchia*, Edizioni di Ar, Pádua, 2012, p.87.

⁴⁸⁷ *Idem*, p.94.

⁴⁸⁸ *Ibidem*, p.96.

⁴⁸⁹ *Ibidem*, p.98.

⁴⁹⁰ *Ibidem*, p.91.

⁴⁹¹ *Ibidem*, p.97.

⁴⁹² Roberto Michels, *Homo oeconomicus*, Settimo Sigilo, Roma, 2001, p.52.

⁴⁹³ *Idem*, p.59.

⁴⁹⁴ Roberto Michels, *op. cit.*, 2012, p.98.

pátria”, “é a mitologia”⁴⁹⁵, o que o levou a teorizar sobre “a nação como mito”⁴⁹⁶ e a lembrar que “o socialismo francês, como herdeiro da Revolução, estava (...) compenetrado (...) na missão redentora da França”⁴⁹⁷. Ou seja, de uma assentada Michels associou o conceito soreliano de usar o mito como ideia agregadora das massas ao conceito baueriano de o marxismo adotar o nacionalismo como ideia revolucionária, passando pelos novos conceitos do socialismo francês veiculados por Maurras, Valois e todo o grupo que plantou as ideias que levaram ao fascismo.

Sendo um homem nascido na Alemanha mas de nacionalidade italiana e com presença assídua em França, Roberto Michels interessou-se em particular pela questão do socialismo na sua vertente nacionalista e pela maneira como o sentimento nacional nas pessoas se parecia sobrepor aos seus interesses económicos de classe. “A vibração do sentimento nacional pode fazer nascer uma espécie de solidariedade económica capaz de eliminar provisoriamente diferenças de educação, de religião, de partido”, observou ele. Ou seja, o nacionalismo era um sentimento igualitário, pois igualizava as pessoas ao uni-las numa comunidade de semelhantes, conferindo-lhes uma nacionalidade comum e uma paixão comum, e isso aproximava-o do socialismo. Michels notou que “a intensidade do sentimento patriótico pode esporadicamente afogar o próprio instinto egoísta e fazer com que o florescimento da pátria seja importante até para aqueles que veem piorar a sua situação económica”⁴⁹⁸. Este era um ponto revisionista crucial, uma vez que a ideia de o sentimento patriótico se sobrepor amiúde ao interesse de classe constituía um óbvio desmentido da tese marxista.

Não que Roberto Michels estivesse disposto a deixar Karl Marx cair do panteão socialista. “Entre outras missões, a nação tem de maneira saliente de nutrir o sentido de um genuíno internacionalismo”, preconizou ele, para defender a existência de “relações entre o sentimento nacional e internacional”⁴⁹⁹ uma vez que “a nação, que deve assumir o dever de libertar os outros povos da opressão, tem de ser militarmente o mais forte possível”⁵⁰⁰. Em suma, o nacionalismo estava ao serviço da libertação dos oprimidos, o que constituía um esforço deste teórico de conciliar o

⁴⁹⁵ Roberto Michels, *Prolegomena sul patriottismo*, Edizioni di Ar, Pádua, s/d, p.1.

⁴⁹⁶ *Idem*, p.32.

⁴⁹⁷ *Ibidem*, p.16.

⁴⁹⁸ Roberto Michels, *op. cit.*, 2001, p.48.

⁴⁹⁹ Roberto Michels, *op. cit.*, s/d, p.28.

⁵⁰⁰ *Idem*, p.20.

nacionalismo socialista com o dogma marxista do internacionalismo socialista. Michels teve aliás o cuidado de lembrar que “é notório o orgulho alemão de Marx, Engels e dos que os rodeavam, bem como a natureza messiânica desse orgulho” e de sublinhar a crença dos fundadores do marxismo na “superioridade natural da ciência alemã” ao ponto de ver “Engels a afirmar claramente que o socialismo científico é um produto essencialmente alemão”⁵⁰¹. Lembrou ainda o facto de “o socialismo francês (...) encarnar a ideia, herdada da Revolução, da missão civilizadora da França”⁵⁰². Ou seja, o internacionalismo marxista estava impregnado de nacionalismo. “A Internacional foi em permanência um teatro de competições nacionais”⁵⁰³, lembrou Michels. “O patriotismo”, concluiu, é um “mito histórico”⁵⁰⁴ e “a unidade nacional é uma condição indispensável para uma existência humana livre.”⁵⁰⁵

Já Antonio Labriola suscitou outras questões que se viriam a revelar igualmente de grande acuidade em Itália. Este marxista italiano estava em contacto com Sorel e escrevia para a revista *Le Mouvement socialiste*, de Lagardelle, pelo que não constitui qualquer surpresa vê-lo abordar a noção do “mito ideológico”⁵⁰⁶ de Sorel e da “realidade da ética” implícita desde Maurras. Labriola alertou para o problema de “reduzir toda a história a uma aritmética comercial”⁵⁰⁷, uma evidente crítica ao economicismo mecânico da teoria marxista, o que o levou a dizer que “jamais é possível reduzir o desenvolvimento de um indivíduo exclusivamente ao tipo de classe ou de estado social”⁵⁰⁸. Assim sendo, reconheceu que o marxismo, que ele continuava a perfilhar, de facto “fez algumas previsões erradas.”⁵⁰⁹

Por outro lado, e já perfeitamente em linha com as ideias de Marx e Engels, Labriola concentrou-se na necessidade de o capitalismo se desenvolver, pois tratava-se de uma “sociedade que produz e reproduz continuamente proletários”⁵¹⁰ sem os quais não seria possível nenhuma revolução. Daí que, por exemplo, defendesse que “a Rússia deve aburguesar-

⁵⁰¹ *Ibidem*, p.50.

⁵⁰² *Ibidem*, p.49.

⁵⁰³ *Ibidem*, p.50.

⁵⁰⁴ *Ibidem*, p.58.

⁵⁰⁵ *Ibidem*, p.59.

⁵⁰⁶ Antonio Labriola, *op. cit.*, s/d, p.58.

⁵⁰⁷ *Idem*, p.85.

⁵⁰⁸ *Ibidem*, p.89.

⁵⁰⁹ *Ibidem*, p.97.

⁵¹⁰ *Ibidem*, p.52.

se”, pois precisava de uma burguesia que gerasse uma “grande indústria”, até porque a “produção burguesa gera nos proletários a tendência ao socialismo.”⁵¹¹

A questão tinha consequências óbvias para um país atrasado como a Itália. “Esta burguesia, que deve ainda crescer, é intrinsecamente revolucionária, como diz o *Manifesto*”, observou, mas em Itália “não podendo esta burguesia desenvolver rapidamente uma grande indústria, que tarda de facto em aparecer”, e considerando o consequente “lentíssimo desenvolvimento da oposição proletária, é sentida e sente-se como se fosse toda a *nação*”⁵¹² (itálico no original). Ou seja, a Itália precisava de uma burguesia forte para que o proletariado emergisse robusto como resultado de uma “necessária coerção, a qual, sublinho, é própria de um sistema burguês.”⁵¹³

Por fim, Labriola reconheceu que havia uma “*crise do marxismo*” (itálico no original) e que “em todo o socialismo contemporâneo permanece sempre latente um certo *neoutopismo*”⁵¹⁴ (itálico no original), “incluindo entre os marxistas”. Para pôr fim ao utopismo marxista, defendeu que era importante que se percebesse que “o tempo dos profetas está ultrapassado.”⁵¹⁵

Bernstein e outros revisionistas socialistas não diriam melhor.

O grande debate do socialismo italiano

Os marxistas italianos foram influenciados pelas novas ideias que, no rescaldo da morte de Marx e Engels, animavam o grande debate dos socialistas do seu tempo. Diretamente ou por influência de Michels e Labriola, uns aderiram ao revisionismo de Bernstein e desenvolveram um socialismo reformista de natureza parlamentar democrática, outros optaram pelo revisionismo de Sorel e preconizaram o socialismo revolucionário de natureza violenta. Estes últimos eram os comunistas da chamada extrema-esquerda do Partido Socialista Italiano, que incluía os sindicalistas revolucionários e uma figura maior do partido, o comunista Benito Mussolini.

⁵¹¹ *Ibidem*, p.32.

⁵¹² Antonio Labriola, *Discorrendo di socialismo e di filosofia*, Amazon Fulfillment, Wroclaw, s/d, p.127.

⁵¹³ *Idem*, p.128.

⁵¹⁴ *Ibidem*, p.130.

⁵¹⁵ *Ibidem*, p.132.

O diretor do *Avanti!* mostrava-se preocupado com a evolução do socialismo revolucionário para o reformismo bernsteiniano. “O socialismo europeu está fechado. Não avança. É forçado a manter-se na defensiva”, queixou-se, defendendo que “a experiência da participação dos socialistas no poder em França, consequência lógica das promessas reformistas, desembocou numa ruína política e num desastre moral”, pois os socialistas estavam a praticar no poder o contrário do que apregoavam quando se encontravam na oposição. Bastava ver o comportamento do grande líder socialista liberal francês, Jean Jaurès. “Que desilusão ver Jaurès lutar contra os aumentos salariais nas empresas, ele que acredita ter de lutar até por uma ulterior diminuição dos mesmos!”, exclamou Mussolini, criticando no mesmo fôlego os socialistas e comunistas alemães por “deixarem passar – com exceção de alguns brandos protestos – os novos créditos militares”⁵¹⁶ que alimentavam o militarismo alemão.

Depois de dizer que “Georges Sorel pertence ao pequeno grupo de escritores que se leem com prazer”⁵¹⁷, assim prestando tributo ao teórico do marxismo revolucionário e violento, Mussolini falou na “luta que em todos os países divide o socialismo entre reformistas e revolucionários”⁵¹⁸ para concluir que “o socialismo, se não quiser morrer, deve ter a coragem de ser bárbaro”, pois “a prática eleitoral declarou bancarrota” e “o socialismo parlamentar foi absorvido pela burguesia”, sendo necessário que “o socialismo não se corrompa”⁵¹⁹. Ou seja, o reformismo não passava de um socialismo corrompido, uma “falsa noção do socialismo”⁵²⁰. O diretor do *Avanti!* queixou-se de que “*em Itália a democracia é demasiado parlamentar*”⁵²¹ (itálico no original) e era necessária “a supressão dos atuais ordenamentos políticos em Itália”⁵²², pelo que “a facção revolucionária do

⁵¹⁶ Benito Mussolini, “Al largo!”, *Utopia*, 22 de novembro de 1913, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.5.

⁵¹⁷ Benito Mussolini, “Lo sciopero generale e la violenza”, *Il Popolo*, 25 de junho de 1909, in Benito Mussolini, *op. cit.*, março de 1983, p.59.

⁵¹⁸ Benito Mussolini, “I pericoli del riformismo”, *Avanti!*, 1 de dezembro de 1913, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.16.

⁵¹⁹ Benito Mussolini, “Lo sciopero generale e la violenza”, *Il Popolo*, 25 de junho de 1909, in Benito Mussolini, *op. cit.*, março de 1983, p.61.

⁵²⁰ Benito Mussolini, “La crisi risolutiva”, *Avanguardia Socialista*, 3 de setembro de 1904, *idem*, p.17.

⁵²¹ Benito Mussolini, “Democrazia parlamentare”, *Avanguardia Socialista*, 2 de julho de 1904, *ibidem*, p.13.

⁵²² *Ibidem*, p.15.

partido socialista deve impor-se”⁵²³. O caminho não era, pois, o socialismo reformista mas o socialismo revolucionário. “É urgente”, declarou, “uma revisão revolucionária do socialismo”⁵²⁴. Essa revisão, que inicialmente quis levar a cabo no quadro do socialismo oficial, viria a ser o fascismo.

Um dos fundadores do fascismo, o futurista Filippo Marinetti, enalteceu em particular o socialismo ético defendido originalmente pelos socialistas franceses. “A teoria do determinismo económico ou materialismo histórico de Karl Marx, que atribui um valor causal aos fatores económicos, está quase falido”, escreveu Marinetti. “Não esquecemos a enorme importância dos fatores morais que são particularmente explosivos e determinantes”⁵²⁵. A lição do socialismo francês, consultada diretamente ou através da intermediação dos textos de Labriola e Michels, estava aprendida em Itália.

O passo seguinte foi dado com a eclosão da Grande Guerra, evento que provocou o grande cisma entre os comunistas europeus, incluindo os italianos. Mussolini e os sindicalistas revolucionários tornaram-se intervencionistas e os restantes comunistas mantiveram-se não intervencionistas. Os primeiros, influenciados também por Bauer e pelos vistos sem esquecerem algumas lições de Bernstein, com a guerra fundaram o movimento fascista e instituíram em 1921 o Partido Nacional Fascista, enquanto os segundos, seguindo a partir de 1917 as pisadas de Lenine, se mantiveram no Partido Socialista Italiano até em 1921 fundarem por sua vez o Partido Comunista Italiano.

É preciso sublinhar que a ala do marxismo italiano mais radical que desenvolveu o fascismo manteve muitos elementos da doutrina marxista original, como veremos, mas reviu outros em função das teses revisionistas de Bernstein, Bauer e Sorel, com o seu grupo de socialistas franceses, e das circunstâncias. Embora viesse a ser moldado pela Grande Guerra, o fascismo começou a formar-se durante o debate entre os socialistas antes do conflito, como o próprio Mussolini fez mais tarde questão de lembrar. “Difundi-se a crença de que as origens do fascismo se encontram unicamente no período pós-bélico e que por consequência não passou de uma das explosões

⁵²³ *Ibidem*, p.14/15.

⁵²⁴ Benito Mussolini, “Al largo!”, *Utopia*, 22 de novembro de 1913, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.4.

⁵²⁵ Filippo Marinetti, *Democrazia futurista*, Idrovolante Edizioni, Roma, 2015, p.114.

reacionárias produzidas diretamente pelos efeitos da guerra”, observou o chefe fascista. “Tais asserções são simplesmente ridículas.”⁵²⁶

Foram sobretudo cinco os conceitos que os marxistas que criaram o fascismo retiveram dos revisionistas marxistas de antes da guerra. Primeiro, a ideia francesa do socialismo como algo eterno e um ato de vontade, não como mero produto de um certo período da história nem de uma fatalidade mecânica. Segundo, a violência revolucionária recuperada por Sorel da doutrina original de Marx e Engels como motor do progresso social. Depois, a ideia avançada por Sorel de se usarem mitos para galvanizar as massas para o socialismo. A seguir, a abertura de Bernstein ao nacionalismo e a proposta de Bauer de que o socialismo poderia e deveria usar o nacionalismo como instrumento da revolução do proletariado. Por fim, a ideia de Bernstein de que o proletariado não tinha mais nem menos direitos do que as outras classes e que o socialismo deveria defender a sociedade como um todo, não pôr-se do lado de uma classe contra as outras.

Nem todos estes revisionistas foram citados como fonte de inspiração pelos marxistas que criaram o fascismo. Os textos dos ideólogos fascistas estão repletos de referências diretas abonatórias a Sorel e à revista *Le Mouvement socialiste* de Hubert Lagardelle a que Sorel estava ligado, reconhecendo aberta e explicitamente a sua influência. “O sindicalismo da *Pagine Libere* – inspirado em Sorel – foi, e continua a ser, o meu sindicalismo”⁵²⁷, sublinhou Mussolini quando já era *Duce* do fascismo, tendo chegado ao ponto de falar perante o próprio parlamento italiano sobre “um dos autores que formou um pouco a minha mentalidade, falo de Georges Sorel.”⁵²⁸

Já as referências dos marxistas fascistas a Bauer não são tão sistemáticas, embora existam. “Otto Bauer é certamente um dos mais fortes e geniais cérebros pensantes do socialismo austro-húngaro, pelo que tenho muito prazer em referir-me amplamente ao seu pensamento”⁵²⁹, escreveu Mussolini nas páginas do *Avanti!* quando ainda estava no PSI. Os fascistas conheciam pela via direta as propostas deste importante marxista austríaco

⁵²⁶ Benito Mussolini, “La nuova Italia”, in Benito Mussolini, *Cos'è il fascismo?*, La Fenice, Florença, agosto de 1983, p.101.

⁵²⁷ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.14.

⁵²⁸ Benito Mussolini, “Le relazioni con la Russia”, in Benito Mussolini, *L'Italia fascista davanti al mondo*, La Fenice, Florença, dezembro de 1983, p.31.

⁵²⁹ Benito Mussolini, “Il pericoli del riformismo”, *Avanti!*, 1 de dezembro de 1913, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.16.

de aliar o nacionalismo ao socialismo, uma vez que leram a sua obra, mas também a conheciam pela via indireta, dado que leram igualmente a obra de Roberto Michels, o marxista germano-italiano que introduziu as propostas marxistas-nacionalistas de Bauer em Itália.

O mesmo reconhecimento não existe no entanto em relação a Bernstein, de cujas ideias os fascistas nunca assumiram a sua dívida, e por bons motivos. É que Bernstein era o farol dos marxistas reformistas e preconizara a integração do socialismo no sistema democrático parlamentar e liberal, o que os marxistas que criaram o fascismo, como bons revolucionários marxistas sorelianos antiliberais que eram, rejeitavam em absoluto. “Para fixar o valor e o fluir do socialismo marxista é necessário comparar o revisionismo socialista que se exprime no revisionismo reformístico de Bernstein com o revisionismo sindicalístico de Sorel”⁵³⁰, disse Mussolini, escolhendo o campo de Sorel. “Eduard Bernstein é um reformista, revisionista”, escreveu o *Duce*, acusando-o de ter “popularizado entre as massas alemãs o ‘pangermanismo vermelho’”⁵³¹. A influência ideológica de Bernstein na ala fascista do marxismo só pode assim ser conjecturada, mas essa conjectura é razoável dadas as semelhanças entre certas propostas bernsteinianas e o subsequente pensamento fascista e também considerando ser evidente que, dado o tremendo impacto dessas propostas nos meios marxistas da época e as múltiplas referências de Mussolini a Bernstein, os marxistas que criaram o fascismo as conheciam em pormenor.

Não é por acaso que Benito Mussolini e Giovanni Gentile fizeram questão de mencionar o grande revisionista alemão na referência deixada em *A Doutrina do Fascismo* às origens intelectuais do fascismo. “Uma doutrina única, universalmente aceite, do socialismo já não existia desde 1905, quando começou na Alemanha o movimento revisionista liderado por Bernstein”, escreveram os ideólogos fascistas, declarando que “reformismo, revolucionarismo, centrismo, desta terminologia até os ecos estão gastos, enquanto no grande rio do fascismo se encontram as fontes que partiram de Sorel, de Lagardelle do *Mouvement Socialiste*, de Péguy e da coorte do

⁵³⁰ Benito Mussolini, “Il valore storico del socialismo”, *Avanti!*, 15 de fevereiro de 1914, *idem*, p.70.

⁵³¹ Benito Mussolini, “La pace del Kaiser, no!”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de junho de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VIII, 1953, p.34.

sindicalismo italiano que de 1904 a 1914 trouxe uma nota de novidade ao ambiente socialista italiano.”⁵³²

Mas a dívida dos fascistas na elaboração do seu “programa de revisionismo histórico revolucionário”, como lhe chamou Mussolini, estendia-se a muitos outros socialistas. “Existe muita verdade na crítica marxista”, reconheceu o chefe do fascismo, “mas ela também se encontra na ideologia mazziniana”, uma referência ao revolucionário Giuseppe Mazzini que ajudara a fundar a Itália e que defendia um nacionalismo social que permitisse suprir as eternas divisões regionais na península itálica e criar os italianos como um povo unido. “Proudhon tem qualquer coisa (ou muito) de vivo, como grande parte da obra bakuniniana é ainda sólida como granito”⁵³³ (parênteses no original), sustentou, sublinhando que a “nova crítica socialista”, a dos *fasci*, tinha a “liberdade de repudiar Marx se Marx estiver envelhecido e acabado; liberdade de regressar a Mazzini se Mazzini disse às nossas almas expectantes a palavra que exalta um sentido superior da nossa humanidade; liberdade de regressar a Proudhon, a Bakunin, a Fourier, a Saint-Simon, a Owen e a Ferrari, e a Pisacane, e a Cattaneo... aos antigos e aos recentes”⁵³⁴

As revisões marxistas deram assim gradualmente origem a uma versão nacionalista do socialismo, versão que se tornaria depois corporativista, como veremos. Tal transformação foi executada por um conjunto de homens da área socialista revolucionária através de passos muito precisos e cuja evolução intelectual é hoje possível reconstituir com segurança e em sequência.

Os socialistas que fundaram o fascismo

Começemos por perceber quem eram os homens que fundaram o fascismo. Em primeiro lugar, o seu chefe. Benito Mussolini era um marxista, tendo desempenhado funções relevantes no Partido Socialista Italiano. Escrevia para jornais marxistas como o *Il Popolo*, o *L'Avvenire del Lavoratore* e o *Il Proletario*, e assumiu as funções de diretor do *Avanguardia Socialista*, do *La Lotta di Classe* e depois do *Avanti!*, o órgão oficial do

⁵³² Benito Mussolini e Giovanni Gentile, *La dottrina del Fascismo*, Istituto della Enciclopedia Italiana, Roma, 1935, p.6.

⁵³³ Benito Mussolini, “Dopo l’adunata”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de janeiro de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.16.

⁵³⁴ *Idem*, p.17.

partido. Dizia que “o socialismo é o único movimento *universal* de ideias”⁵³⁵ (itálico no original) e que “para amar o socialismo é preciso conhecê-lo, estudá-lo, segui-lo nas suas manifestações práticas, nas suas atitudes doutrinárias, para amar o socialismo é preciso viver da sua vida”⁵³⁶, pois o socialismo “é um esforço moral e material” que se tornou “o maior drama que jamais agitou a coletividade humana.”⁵³⁷

O seu marxismo era ortodoxo. “O proletariado, ou nova classe, que imprime energia consciente a este *motto*, resulta da produção capitalista”, proclamou, para repetir o catecismo marxista de que o proletariado “tende – como meta ideal do seu esforço – ao socialismo, pois é o gérmen inevitável das novas relações económicas e das novas formas de vida e de realização histórica”⁵³⁸. Alertou no entanto que “cada socialista dispõe de um socialismo para seu uso e consumo”⁵³⁹, alerta que mais tarde viria a revelar-se importante para compreender o fascismo. Defendia “um proletariado unido e revolucionário”⁵⁴⁰ e que os socialistas “partam resolutamente em guerra contra a sociedade atual”⁵⁴¹ pois “a luta final será violenta”⁵⁴². Além disso, descrevia Karl Marx como “o primeiro teórico do movimento social”⁵⁴³, um “espírito refletivo, genial e profundo”, com uma “cultura filosófica vastíssima.”⁵⁴⁴

Já enquanto *Duce* do fascismo manteve que Marx era “o maior teórico do socialismo”⁵⁴⁵ e assumiu-se até como um radical de esquerda. “Eu era um

⁵³⁵ Benito Mussolini, “Socialismo e socialisti”, *La Lima*, 16 de maio de 1908, in Benito Mussolini, *Il mio socialismo*, La Fenice, Florença, março de 1983, p.26.

⁵³⁶ *Idem*, p.24.

⁵³⁷ Benito Mussolini, “Al lavoro!”, *La Lotta di Classe*, 9 de janeiro de 1910, *ibidem*, p.73.

⁵³⁸ Benito Mussolini, “Socialismo e movimento sociale nel secolo XIX”, *Il Proletario*, 18 de outubro de 1903, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – I: Dagli inizi all’ultima sosta in Romagna*, La Fenice, Florença, 1951, p.43.

⁵³⁹ Benito Mussolini, “Gli unitari”, *La Lotta di Classe*, 8 de abril de 1911, in Benito Mussolini, *op. cit.*, março de 1983, p.118.

⁵⁴⁰ Benito Mussolini, “Lo sciopero generale e la violenza”, *Il Popolo*, 25 de junho de 1909, *idem*, p.62.

⁵⁴¹ Benito Mussolini, “Esame di coscienza”, *La Lotta di Classe*, 22 de outubro de 1910, *ibidem*, p.99.

⁵⁴² Benito Mussolini, “Karl Marx”, *La Lima*, 14 de março de 1908, *ibidem*, p.23.

⁵⁴³ Benito Mussolini, “Socialismo e movimento sociale nel secolo XIX”, *Il Proletario*, 18 de outubro de 1903, in Benito Mussolini, *op. cit.*, I, 1951, p.44.

⁵⁴⁴ Benito Mussolini, “Karl Marx”, *La Lima*, 14 de março de 1908, *op. cit.*, março de 1983, p.20.

⁵⁴⁵ Zeev Sternhell, Mario Sznajder e Maia Ashéri, *Naissance de l’idéologie fasciste*, Gallimard, Paris, 2010, p.353.

ultra socialista, um blanquista, na verdade um comunista”, admitiu ele numa entrevista que concedeu a Emil Ludwig em 1932, recordando que “andava na algibeira com um medalhão com a efígie de Marx”⁵⁴⁶. Na sua autobiografia, o *Duce* reiterou que pertencia à “intransigente fação revolucionária do Partido Socialista”⁵⁴⁷ e ao jornalista e escritor Yvon de Begnac gabou-se de que “o pouco de revolucionário que o socialismo conservou, o muito de inovador que o comunismo italiano empurrou para os limiares da socialidade tem ainda um nome: o meu.”⁵⁴⁸

Mussolini era em bom rigor um socialista tão radical que no interior do Partido Socialista o consideravam um extremista revolucionário. De resto, os movimentos reformistas pacíficos do socialismo repugnavam-no – e disse-o em público. “Um profundo desconforto permeia a alma que recorda a ideia mãe do Socialismo e a degeneração a que a conduziram as infiltrações da burguesia no movimento para o corromper e atrasá-lo”, queixou-se, para avisar que “o Socialismo, agora ou mais tarde, regressará aos inícios: operário e revolucionário”⁵⁴⁹. O que lhe interessava era a revolução comunista, violenta e transformadora. De resto, Lenine chegou ao ponto de o elogiar num conflito dentro do Partido Socialista Italiano, dizendo que a ala liderada por Mussolini “seguiu o caminho certo.”⁵⁵⁰

A própria expressão *Duce*, oriunda do latim *dux* e reservada aos oficiais vitoriosos e aos altos funcionários da Roma Antiga, que ficou associada ao fascismo, era na verdade conotada com o socialismo. Aliás, a primeira vez que chamaram *Duce* a Mussolini não foi enquanto líder do fascismo, mas justamente como chefe do socialismo marxista. Isso aconteceu quando Olindo Vernocchi o descreveu em 1912 como “o *Duce* de todos os socialistas revolucionários de Itália”⁵⁵¹. Tal expressão acabou por ser reiterada meses mais tarde na altura em que Mussolini assumiu a direção do *Avanti!*. O novo diretor do órgão oficial do partido foi declarado pelos seus camaradas comunistas “o nosso *Duce* destemido”. Como observou Paolo Granzotto, “a

⁵⁴⁶ Emil Ludwig, *Talks with Mussolini*, Little, Brown, and Company, Boston, 1933, p.37.

⁵⁴⁷ Benito Mussolini, *La mia vita*, Rizzole Editore, Milão, 2016, p.42.

⁵⁴⁸ Yvon de Begnac, *op.cit.*, 1990, p.9.

⁵⁴⁹ Benito Mussolini, “Pagine rivoluzionarie – ‘Le parole d’un rivoltoso’”, *Avanguardia Socialista*, 3 de abril de 1904, in Benito Mussolini, *op. cit.*, I, 1951, p.53.

⁵⁵⁰ Vladimir Lenine, “The Italian Socialist Congress”, *Pravda*, 15 de julho de 1912, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

⁵⁵¹ Alberto Mazzuca e Luciano Foglietta, *Mussolini e Nenni – Amici nemici*, Minerva Edizioni, Argelato, 2015, p.29.

expressão *Duce* parecia exercer na época um fascínio particular na esquerda.”⁵⁵²

Com o benefício da perspectiva ganha com a passagem do tempo, à maior parte dos historiadores hoje em dia nem ocorre colocar em dúvida as credenciais marxistas do “*Duce* de todos os socialistas revolucionários”. “Para Mussolini, que era um marxista”, escreveu Renzo de Felice, “o voluntarismo dos sindicalistas revolucionários vai representar de alguma maneira a prática ideal do socialismo”⁵⁵³. A monumental biografia de Mussolini feita por De Felice ao longo de trinta anos começou justamente com o volume intitulado *Mussolini, o Revolucionário*, o que constituiu uma pedrada no charco da historiografia italiana. Esta biografia inovadora e desempoeirada foi seguida anos mais tarde por *Mussolini socialista*, obra de Spencer DiScala e Emilio Gentile. Este último historiador confirmou o diretor do *Avanti!* como sendo “a figura mais popular do socialismo italiano” e “guia efetivo do partido”⁵⁵⁴. Já na sua história sobre o socialismo em Itália, Giorgio Galli não teve dúvidas em proclamar que “Mussolini pertence à história do socialismo de inspiração marxista”, ao mesmo tempo que fazia notar que “apresentar a militância socialista e revolucionária do futuro *Duce* do fascismo como incidental é próprio da historiografia mais oficial da esquerda histórica e, pela inversa, da historiografia fascista.”⁵⁵⁵

Mais do que um simples socialista, há que o sublinhar na linha da afirmação de De Felice, Benito Mussolini era um socialista revolucionário. Ou seja, um comunista. James Gregor considerou que “o marxismo de Mussolini era inflexivelmente ‘ortodoxo’”⁵⁵⁶, ao mesmo tempo que Spencer DiScala lembrou que “Mussolini declarou guerra total aos reformistas, ao governo parlamentar e à democracia”⁵⁵⁷, com o historiador a descrevê-lo como “hábil a difundir a ideia da violência como necessária para o

⁵⁵² Paolo Granzotto, “Anche Pietro Nenni è stato un Duce, ma per un giorno...”, *il Giornale.it*, 4 de setembro de 2010.

⁵⁵³ Renzo de Felice, *Brève histoire du fascisme*, Editions Audibert, Paris, 2002, p.20.

⁵⁵⁴ Emilio Gentile, *Qu'est-ce que le fascisme? – Histoire et interprétation*, Gallimard, Paris, 2004, p.26.

⁵⁵⁵ Giorgio Galli, *Storia del socialismo italiano – Da Turati al dopo Craxi*, Baldini Castoldi Dalai, Milão, 2007, p.130.

⁵⁵⁶ James Gregor, *Marxism, Fascism & Totalitarianism – Chapters in the Intellectual History of Radicalism*, Stanford University Press, Stanford, 2009, p.137.

⁵⁵⁷ Spencer DiScala, “Benito Mussolini, i riformisti e la Grande Guerra”, in Emilio Gentile e Spencer DiScala (direção), *Mussolini socialista*, Editori Laterza, Bari, 2015, p.107.

socialismo”⁵⁵⁸. Simone Visconti sublinhou que Mussolini “aderiu à ala mais extrema do socialismo”⁵⁵⁹ e “prosseguiu a sua carreira nas fileiras do Partido Socialista procurando imprimir-lhe uma direção e ação revolucionária que não se esgotava unicamente na batalha eleitoral, mas sobretudo na elevação cultural das massas e no confronto ideológico com as forças adversárias.”⁵⁶⁰

O extremismo revolucionário comunista de Mussolini mostrou-se de tal modo profundo que muitos académicos não hesitam em compará-lo ao chefe da revolução bolchevique. Richard Pipes defendeu que “nenhum proeminente socialista europeu antes da Primeira Guerra Mundial era mais parecido com Lenine que Benito Mussolini”⁵⁶¹. Esta opinião é secundada por Marcel Gauchet, para quem Mussolini “se encontra espantosamente próximo de Lenine”⁵⁶², e por Domenico Settembrini, que sublinhou as “semelhanças entre a prática fascista e a prática leninista”⁵⁶³. Emilio Gentile e Renato Pallavidini dedicaram até obras à comparação do percurso dos dois ditadores socialistas, tendo Pallavidini sustentado que “o itinerário político e teórico de Lenine é semelhante ao de Mussolini; uma afinidade que encontra as suas razões mais profundas no dogmatismo determinístico do marxismo da Segunda Internacional e na crise do imobilismo maximalista europeu”⁵⁶⁴, enquanto Francesco Ingravalle observou que “tanto em Lenine como em Mussolini é claro o abandono do determinismo e a confiança na subjetividade revolucionária organizada”⁵⁶⁵. Marco Gervasoni encontrou até semelhanças com outros líderes comunistas daquele tempo, pois “tratava-se de um socialismo revolucionário à altura da sociedade de massas que também se afirmava em Itália e que aproximou Mussolini, respeitadas as óbvias e devidas diferenças, de outros líderes da extrema-esquerda do

⁵⁵⁸ *Idem*, p.101.

⁵⁵⁹ Simone Visconti, “L’educazione rivoluzionaria di um romagnolo in Svizzera”, *ibidem*, p.20.

⁵⁶⁰ *Idem*, p.22/23.

⁵⁶¹ Richard Pipes, *Russia Under the Bolshevik Regime*, 1ª edição, Alfred A. Knopf, Nova Iorque, 1993, p.245.

⁵⁶² Marcel Gauchet, *À l’épreuve des totalitarismes – 1914-1974, L’avènement de la démocratie, III*, Gallimard, Paris, 2017, p.441.

⁵⁶³ Domenico Settembrini, *Fascismo controrivoluzione imperfetta – Movimento al servizio del capitale o primo esperimento di compromesso storico?*, Sansoni, Florença, 1978, p.15.

⁵⁶⁴ Renato Pallavidini, *Dalla crisi alla diaspora – Il giovane Mussolini e Lenin: volontarismo e rivoluzione socialista nel materialismo*, Società Editrice Barbarossa, Milão, 1996, p.47.

⁵⁶⁵ Francesco Ingravalle, “Postfazione”, in Renato Pallavidini, *idem*, p.88.

socialismo europeu, de Rosa Luxemburgo a Karl Liebknecht, a Lenine, a Gustave Hervé.”⁵⁶⁶

Benito Mussolini revelou-se um comunista tão convicto que, mesmo ao ser expulso do Partido Socialista, reforçou a sua crença no socialismo e jurou nunca abandonar a ideologia em que sempre acreditara. “O socialismo é qualquer coisa que está no sangue”, declarou então. “Não creiam que, ao retirar-me o cartão do partido, me proíbem a fé socialista e me impedem de trabalhar ainda pela causa do socialismo e da revolução”⁵⁶⁷. Não faltou à promessa, como veremos.

E por que foi ele expulso? Terá sido porque deixara de ser comunista? Terá sido por ter renegado a doutrina marxista? Essa é a insinuação implícita na tese de que, ao abandonar o PSI, Mussolini fez um corte total com o socialismo. Nada poderia estar mais longe da verdade. A rotura com o Partido Socialista Italiano foi levada a cabo justamente porque Mussolini quis respeitar a doutrina marxista dominante no seu tempo. É importante lembrar que ele foi afastado do partido por ter defendido que os marxistas italianos imitassem os marxistas alemães do SPD, que seguiam recomendações que o próprio Engels lhes fizera antes de morrer, e imitassem ainda os socialistas franceses e britânicos, apoiando o seu país na Grande Guerra.

Convém nunca esquecer que o início do conflito levava os socialistas franceses a decidirem patrioticamente entrar no governo. Até Gustave Hervé, um importante socialista de grande retórica internacionalista e antimilitarista, se alistara no exército francês para combater em defesa da pátria. Por seu turno, os socialistas alemães aprovaram patrioticamente os créditos de guerra e os austríacos fizeram a mesma coisa, assim demonstrando que a maioria dos socialistas só era internacionalista na retórica.

Os pronunciamentos e atos nacionalistas dos socialistas europeus tiveram um enorme impacto em muitos comunistas italianos. “O socialismo alemão traiu clamorosamente a Internacional e solidarizou-se com a política de

⁵⁶⁶ Marco Gervasoni, “Mussolini: un sindacalista rivoluzionario?”, in Emilio Gentile e Spencer DiScala (direção), *op. cit.*, 2015, p.80/81.

⁵⁶⁷ Benito Mussolini, “Discorso del 24 novembre 1914 Espulsione dal partito socialista”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

agressão do Kaiser”⁵⁶⁸, scandalizou-se Mussolini, para quem “o socialismo alemão – depois de algumas manifestações contra a guerra encenadas para enganar os socialistas dos outros países – identificou-se plena e totalmente com a causa do Império”⁵⁶⁹. E isso porque, na sua opinião, o internacionalismo dos socialistas alemães não era afinal sincero, apenas retórica para propaganda e consumo externo. Fingiam-se internacionalistas, mas praticavam o nacionalismo. “Se não afirmou – no momento em que o devia ter feito – o seu internacionalismo é porque o partido social-teutónico *exportava* o internacionalismo, talvez em sistema de *dumping*, mas não o *consumia* internamente na Alemanha” (itálico no original), considerou, recordando diversos textos nacionalistas de Marx e Engels, “que foram *nacionalistas fanáticos e militaristas convictos*”⁵⁷⁰ (itálico no original), e ainda posições nacionalistas do líder marxista alemão August Bebel, fundador e líder do SPD, para concluir que a adesão dos socialistas alemães à causa do Kaiser se devia ao facto de o socialismo alemão ser na realidade “nacionalista, militarista, expansionista, anexionista.”⁵⁷¹

Mussolini revelou que se tornou “favorável à (entrada de Itália na) guerra no mesmo dia em que os alemães cruzaram a fronteira da Bélgica”, e sublinhou que, sob a sua direção, “o *Avanti!* não foi – naquele período – neutral entre agredidos e agressores, mas atacou estes últimos e defendeu os primeiros com solidariedade humana e socialista”⁵⁷². Crucial para a transformação ideológica que nesse momento se operou entre os fundadores do fascismo foi a constatação de que, na hora do aperto, os socialistas europeus se viravam para o nacionalismo e mostravam assim o seu verdadeiro rosto. Quando as dificuldades surgiam e a retórica era testada pela realidade, o socialismo não se revelava afinal internacionalista – mas intensamente nacionalista. Perante o comportamento dos socialistas

⁵⁶⁸ Benito Mussolini, “Nel terzo anniversario della guerra – ‘Come sono venuto alla guerra’”, *Il Secolo Illustrato*, 1 de agosto de 1917, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – IX: Dalla crise del ministero Boselli al Piave*, La Fenice, Florença, 1952, p.91.

⁵⁶⁹ Benito Mussolini, “‘Kamarad!’”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de junho de 1915, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – VIII: Dall’intervento alla crisi del ministero Boselli*, La Fenice, Florença, 1953, p.11.

⁵⁷⁰ *Idem*, p.13.

⁵⁷¹ *Ibidem*, p.12.

⁵⁷² Benito Mussolini, “Nel terzo anniversario della guerra – ‘Come sono venuto alla guerra’”, *Il Secolo Illustrato*, 1 de agosto de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, IX, 1952, p.91.

europeus, o diretor do *Avanti!* concluiu que o internacionalismo do socialismo não passava de conversa para enganar tolos.

Os historiadores são os primeiros a reconhecer que a mudança operada em Mussolini decorreu em pleno contexto socialista e no quadro da ideologia marxista. “Pode-se afirmar que Mussolini se declarou a favor da guerra”, escreveu Marco Gervasoni, “porque se sentia socialista, porque também (a favor da guerra) se declararam todos os líderes do socialismo europeu, de Guesde a Vandervelde, a Kautsky”⁵⁷³. Esta análise é partilhada por Emilio Gentile, para quem “provavelmente a primeira fenda nas convicções neutralistas de Mussolini resultou da adesão à guerra de quase todos os partidos socialistas dos países beligerantes, com o consequente colapso da Segunda Internacional socialista”⁵⁷⁴. A adesão de todos os principais partidos socialistas ocidentais às causas patrióticas não deixou muitos socialistas italianos, designadamente os que fundaram o fascismo, indiferentes.

O internacionalismo do socialismo fora descredibilizado pelas posições nacionalistas assumidas pelos principais socialistas europeus, mas estava também em questão um segundo elemento estrutural do socialismo: a sua natureza revolucionária. O diretor do órgão oficial do PSI defendia que, num contexto em que os partidos marxistas de vários países europeus se tornaram intervencionistas e que o militarismo germânico ameaçava o socialismo, os marxistas italianos não podiam ficar de braços cruzados. “O programa da neutralidade absoluta para o futuro é reacionário”, disse Mussolini. “É uma fórmula perigosa que imobiliza”⁵⁷⁵. Ora imobilismo, argumentou ele, não é socialismo. “A inação”, questionou, “é socialista?”⁵⁷⁶

Para o diretor do *Avanti!*, a grande ameaça ao socialismo vinha do militarismo das potências centrais, pelo que uma vitória da Alemanha e do Império Austro-Húngaro constituía um enorme perigo para todos os socialistas. “Frente ao militarismo – onnipresente e ameaçador – a única força de negação é o socialismo”, preconizou Mussolini, para quem

⁵⁷³ Marco Gervasoni, “Mussolini: un sindacalista rivoluzionario?”, in Emilio Gentile e Spencer DiScala (direção), *op. cit.*, 2015, p.97.

⁵⁷⁴ Emilio Gentile, “Una rivoluzione per la Terza Italia”, in Emilio Gentile e Spencer DiScala, *idem*, p.232.

⁵⁷⁵ Benito Mussolini, “Dalla neutralità assoluta alla neutralità attiva ed operante”, *Avanti!*, 18 de outubro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.402.

⁵⁷⁶ Benito Mussolini, “Fronda...”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de janeiro de 1915, in Benito Mussolini, *Dal socialismo alla nazione*, La Fenice, Florença, abril de 1983, p.109.

“capitalismo e militarismo são duas faces do mesmo fenómeno”⁵⁷⁷. Buscando inspiração nas ideias de Rosa Luxemburgo, que citou diretamente, o *Duce* estabeleceu que “o militarismo é a expressão e o suporte fundamental da sociedade burguesa”⁵⁷⁸ e insistiu que “para fazer frente ao militarismo – onnipotente e ameaçador – a única força de negação é o socialismo”⁵⁷⁹. O problema é que Mussolini suspeitava que o governo italiano planeava entrar na guerra ao lado da Alemanha, o que, considerando a natureza militarista-burguesa desse país, constituía na opinião do diretor do *Avanti!* uma grave ameaça para o socialismo.

O Partido Socialista Italiano queria forçar a neutralidade absoluta da Itália, mas aos socialistas revolucionários, incluindo Mussolini, parecia que essa neutralidade jogava a favor da Alemanha e do Império Austro-Húngaro, o que na sua opinião era contrário aos interesses do movimento socialista internacional porque “o que está em questão é a liberdade ou a escravidão da Europa”⁵⁸⁰, problema de que os socialistas não se podiam alhear. Mais, na sua perspectiva ser revolucionário não era alhear-se da guerra e dos acontecimentos no mundo, era envolver-se nela e neles, era usar a guerra para provocar a revolução.

Nessas circunstâncias, não compreendia a neutralidade do PSI, pelo que considerou que o pacifismo socialista não passava de um movimento “burguês”⁵⁸¹ e “antiproletário”⁵⁸² que apenas favorecia a burguesia militarista. Para Mussolini, era essencial “libertar a Europa do pesadelo do militarismo prussiano”⁵⁸³. Foi assim que se opôs à neutralidade do Partido Socialista Italiano na Grande Guerra, que descrevia como um programa “reacionário”⁵⁸⁴, e apoiou a entrada de Itália no conflito contra o militarismo germânico. “Os socialistas”, declarou mais tarde enquanto *Duce* fascista,

⁵⁷⁷ Renato Pallavidini, *op. cit.*, 1996, p.21.

⁵⁷⁸ Benito Mussolini, “Al largo!”, *Utopia*, 22 de novembro de 1913, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.6.

⁵⁷⁹ Benito Mussolini, “L’anno ch’è morto...”, *Avanti!*, 1 de janeiro de 1914, *idem*, p.32.

⁵⁸⁰ Benito Mussolini, “Fronza...”, *Il Popolo d’Italia*, 11 janeiro 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, abril de 1983, p.109.

⁵⁸¹ Benito Mussolini, “Discorso del 13 dicembre 1914 Parma”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

⁵⁸² Benito Mussolini, “Fronza...”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de janeiro de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, abril de 1983, p.107.

⁵⁸³ Benito Mussolini, “Abbasso la pace!”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de abril de 1915, *idem*, p.109.

⁵⁸⁴ Benito Mussolini, “Dalla neutralità assoluta alla neutralità attiva ed operante”, *Avanti!*, 18 de outubro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.402.

recordando a posição intervencionista dos marxistas na génese do fascismo, “foram a força que impediu que o governo Sabóia tomasse partido pelos impérios centrais.”⁵⁸⁵

Muito importante, estava em causa o respeito pela própria doutrina marxista. “A guerra pode ser um meio de revolução”⁵⁸⁶, proclamou Mussolini, para quem “combate-se – hoje – na Europa uma guerra que é uma grande Revolução”⁵⁸⁷. O diretor do *Avanti!* achava que a guerra poderia conduzir à revolução do proletariado, o que tinha fundamento no quadro da teoria marxista, razão pela qual na qualidade de chefe do fascismo a descreveu sempre como “guerra revolucionária”⁵⁸⁸. Ou se fazia imediatamente a revolução, e aí não seria necessária a guerra, ou então teria de se usar a guerra como evento catalisador da revolução. “O Partido Socialista não poderá permanecer na legalidade se defender a neutralidade absoluta”, disse então Mussolini. “O que fará se a guerra for amanhã declarada? Para ser coerente, teria de avançar para a revolução. Se fosse assim, eu não teria nenhuma dificuldade em segui-lo. O problema é que a direção do partido não pensa fazer nada disso.”⁵⁸⁹

Ou seja, o PSI não planeava lançar a revolução socialista e, em nome do marxismo, Mussolini exigia-o. O chefe dos sindicalistas revolucionários, Alceste de Ambris, que seria outro dos marxistas que integraria o fascismo na sua fase inicial, lançara já um apelo a intimar a entrada da Itália na guerra para precipitar a revolução proletária. Alguns socialistas italianos discutiam inclusivamente a formação de uma legião de voluntários comunistas para combater em defesa da França.

Este era o contexto existente quando Mussolini assumiu o primeiro plano do debate que animava o comunismo italiano. Se “vocês continuarem e aumentarem a oposição à guerra, deveis preparar-vos para fazer a revolução”, disse num aviso ao partido, insistindo que “para evitar uma

⁵⁸⁵ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.31.

⁵⁸⁶ Benito Mussolini, “Il partito del ‘ni’”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de fevereiro de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, abril de 1983, p.112.

⁵⁸⁷ Benito Mussolini, “La caduta della Bastiglia”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de julho de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VIII, 1953, p.76.

⁵⁸⁸ Benito Mussolini, “E adesso, ai fatti!”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de julho de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, IX, 1952, p.79; Benito Mussolini, “L’ora dei popoli”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de agosto de 1917, *idem*, p.118; Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.202.

⁵⁸⁹ Benito Mussolini, “Guerra e neutralità”, *Corriere della Sera*, 20 de outubro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.413.

guerra é preciso abater – revolucionariamente – o Estado”, e que “em Itália o momento bom é o atual”⁵⁹⁰. Se não conseguisse a revolução por iniciativa direta do partido, então conseguiu-la pela via da guerra.

Na semana em que a guerra começou, fez uma promessa solene: “a Itália precisa de uma revolução e tê-la-á”⁵⁹¹. A natureza revolucionária do socialismo exigia-o. “Tratava-se de aproveitar a ocasião que a guerra oferecia de desestabilizar a ordem burguesa e de estabelecer os pressupostos para a atuação de um modelo social substituto”, considerou o investigador Luca Rimbotti, segundo o qual o fascismo optara por “reconhecer o valor revolucionário da guerra, portanto à maneira leninista, e dispor-se a intervir, enquanto o socialismo italiano – único entre os europeus – se auto-excluía do jogo, escondendo-se num neutralismo apolítico.”⁵⁹²

Dadas estas divergências numa questão tão fundamental, pois o Partido Socialista Italiano não queria advogar a entrada de Itália na guerra contra as potências militaristas nem desencadear a revolução do proletariado, o diretor do *Avanti!* considerou que a doutrina marxista estava a ser violada. Mais, acusou os socialistas italianos de se terem aburguesado e de negarem a essência revolucionária e internacionalista do socialismo marxista. “A guerra é uma coisa horrível, eu sei; mas também a revolução o é”, sublinhou Mussolini, para quem “intervindo, o socialismo italiano daria uma grande prova de internacionalismo”⁵⁹³. Mais, sublinhou que “Karl Marx tinha uma forte simpatia pela guerra”⁵⁹⁴, o que não era inexato, e foi nessa base que proclamou um “revolucionarismo intransigente (favorável à guerra)”⁵⁹⁵ (parênteses no original), pelo que não o fazer “significa matar o ‘espírito’ do socialismo!”⁵⁹⁶

⁵⁹⁰ Benito Mussolini, “Dalla neutralità assoluta alla neutralità attiva ed operante”, *Avanti!*, 18 de outubro de 1914, *idem*, p.399/400.

⁵⁹¹ Benito Mussolini, “La settimana rossa”, *Utopia*, 15-31 de julho de 1914, *ibidem*, p.264.

⁵⁹² Luca Rimbotti, *Fascismo rivoluzionario – Il fascismo di sinistra dal sansepolcristmo all Repubblica Sociale*, Passaggio al Bosco, 2018, p.53.

⁵⁹³ Benito Mussolini, “La situazione internazionale e l’atteggiamento del partito”, *Avanti!* e *Corriere della Sera*, 11 de novembro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.429.

⁵⁹⁴ Benito Mussolini, “Mussolini riconferma la sua avversione alla neutralità”, *La Patria – Il Resto del Carlino*, 11 de novembro de 1914, *idem*, p.431.

⁵⁹⁵ Benito Mussolini, “A propósito dell’intervista Morgari”, *Avanti!*, 27 de outubro de 1914, *ibidem*, p.424.

⁵⁹⁶ Benito Mussolini, “Dalla neutralità assoluta alla neutralità attiva ed operante”, *Avanti!*, 18 de outubro de 1914, *ibidem*, p.403.

Este foi um ponto no qual Mussolini insistiu ao longo dos anos seguintes. Referindo-se sempre ao “Partido Socialista Oficial Italiano”, expressão que deixava implícito que os fundadores do fascismo eram socialistas não oficiais, o *Duce* criticou duramente o “seu neutralismo sempre mais idiota e nefasto”, um neutralismo “grotesco” que na verdade era marcado pelo “extremismo”. Abismado com “este partido que é o único no mundo que se colocou ‘contra’ a Nação, ou seja, do lado do inimigo”⁵⁹⁷, Mussolini acusou os dirigentes do PSI de serem “conservadores e reacionários”⁵⁹⁸. “Se esta é – e é – uma guerra revolucionária, vós que não a quereis, que a obstaculizais e sabotais, representais exatamente a contra-revolução” pois “haveis renegado da maneira mais fraudulenta o conteúdo ideal do socialismo” e “passado para o lado das autocracias e dos privilegiados”. Isto em contraste com os socialistas intervencionistas, os que fundaram o fascismo, que Mussolini descreveu como “revolucionários num sentido dinâmico.”⁵⁹⁹

Vemos pois que a sua argumentação, concordando-se ou não com ela, releva de conceitos inerentes à doutrina marxista e emerge do contexto socialista do seu tempo. Mussolini não considerava ter feito uma rotura com o socialismo propriamente dito, antes uma rotura contra o que achava ser um socialismo burguês, acomodado e reacionário do PSI. “Todo o intervencionismo de esquerda reconhece de imediato a guerra pelo que ela efetivamente era, um acontecimento revolucionário que o povo e a vanguarda aguardavam havia décadas”, observou o investigador Luca Rimbotti, sublinhando que “a guerra fornecia a ocasião para criar o ambiente, o clima adequado para a revolução”⁶⁰⁰ e que “o socialismo oficial” italiano se havia “autogheztizado no neutralismo”⁶⁰¹. Já Spencer DiScala lembrou que “em Itália a ideia de que a guerra favorecia o desencadear de uma revolução havia sido introduzida pelos sindicalistas revolucionários, com os quais Mussolini estava em contacto estreito”⁶⁰², e de tal modo era assim que “Mussolini procurava realizar o socialismo primeiro através da violência e

⁵⁹⁷ Benito Mussolini, “Impudenza e mistificazione”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de agosto de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, IX, 1952, p.109.

⁵⁹⁸ *Idem*, p.112.

⁵⁹⁹ Benito Mussolini, “‘L’ora dei popoli’”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de agosto de 1917, *ibidem*, p.118.

⁶⁰⁰ Luca Rimbotti, *Il fascismo di sinistra – Da Piazza San Sepolcro al Congresso di Verona*, Edizione Settimo Sigillo, Roma, 1989, p.18.

⁶⁰¹ *Idem*, p.9.

⁶⁰² Spencer DiScala, “Benito Mussolini, i riformisti e la Grande Guerra”, in Emilio Gentile e Spencer DiScala (direção), *op. cit.*, 2015, p.128.

depois através da guerra, ato violento por excelência”⁶⁰³. Como explicou por seu turno Renato Pallavidini, “a guerra concentra em torno de si o esforço do socialismo europeu mais avançado de sair do imobilismo político, de adotar uma estratégia e de assumir a iniciativa revolucionária”⁶⁰⁴, e “o intervencionismo mussoliniano, antes da expulsão do PSI, assume a forma de uma pura e simples disponibilidade, explícita e pública, de apoiar uma eventual decisão do governo de entrar na guerra ao lado da França”⁶⁰⁵. Foi por isto, e simplesmente por isto, que Mussolini foi expulso do PSI. Em suma, e nunca é de mais salientar este ponto, ele não rompeu com o socialismo; apenas rompeu com *aquela* partido socialista.

O marxismo de Mussolini revelou-se tão fervoroso que Lenine terá questionado a sensatez dos comunistas italianos por o terem posto fora do partido. “Vós socialistas não sois revolucionários”, terá o líder bolchevique dito em 1921 a uma delegação comunista italiana, mostrando assim ter a mesma opinião do *Duce* sobre o aburguesamento do PSI, para concluir: “em Itália há apenas três homens que podem fazer a revolução: Mussolini, D’Anunzio, Marinetti”⁶⁰⁶. Sintomaticamente, estes três estavam na origem do fascismo.

Os críticos da tese das origens marxistas do fascismo argumentam que o facto de Mussolini ter sido marxista não é razão suficiente para se poder dizer que o fascismo evoluiu a partir do marxismo. Segundo alegam, não há mais elementos que sustentem tal afirmação, ela baseia-se em provas “circunscritas”⁶⁰⁷ a um facto isolado, a origem marxista de Mussolini. Ora uma única prova não basta, sustentam. O que está implícito nesta posição é que seria preciso que houvesse outros elementos, outras provas, algo que mostrasse uma verdadeira relação entre marxismo e fascismo. O que se passa, garantem eles, é que a ligação entre as duas correntes não existe.

O problema é que existe.

Entendamo-nos. Mussolini não foi o único marxista envolvido na criação do fascismo. Foi um de *muitos*. Isto é fundamental que se perceba. *Grande parte dos fundadores do fascismo eram socialistas*. Não todos, mas a grande maioria. Basta ver os nomes dos fundadores e ideólogos do fascismo para

⁶⁰³ *Idem*, p.133.

⁶⁰⁴ Renato Pallavidini, *op. cit.*, 1996, p.34.

⁶⁰⁵ *Idem*, p.44.

⁶⁰⁶ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.27.

⁶⁰⁷ Paulo Pena, “O fascismo tem mesmo origem no marxismo?”, *Público Online*, 25 de maio de 2016.

entender que este movimento foi concebido sobretudo pelos sindicalistas revolucionários italianos, conhecidos por *intransigenti* por serem oriundos da ala comunista radical do Partido Socialista Italiano e defensores da revolução violenta para impor o socialismo, e ainda por outros marxistas e socialistas de diversas origens. Leandro Arpinati, Aristide Contessi, Etori Bartolozzi, Michele Bianchi, Napoleone Bonafini, Piero Bolzon, Francesco Bonavita, Guido Podrecca, Italo Bresciani, Giunio Bruzzesi, Giuseppe Capurro, Giselda Brebbia, Carolina Bianchi, Ettore Brambilla, Amedeo Buttafava, Lido Caiani, Italo Peyrani, Giacomo Canavesi, Luigi de Magistris, Decio Garibaldi, Giovanni Capodivacca, Ettore Boschi, Domenico Carabellese, Mario Carli, Ernesto Chiesa, Luigi Razza, Erasmo Contreras, Vittorio Vitaloni, Defendente de Amici, Luigi Deffenu, Sebastiano Fabbianini, Quintilio Falugi, Roberto Farinacci, Cesare Gradella, Ferruccio Ferradini, Leonardo Cottarelli, Mario Moioli, Enzo Ferrari, Aldo Franceschelli, Giuseppe Frascini, Olao Gaggioli, Aurelio Galassi, Amleto Galimberti, Mario Giampaoli, Luisa Dentici, Mario Gioda, Alessandro Giuliani, Giorgio Guglielmi, Attilio Longoni, Edoardo Malusardi, Giovanni Marinelli, Rodolfo Martignoni, Cesare Masiero, Cornelia Stefanini, Edmondo Mazzucato, Eno Mecheri, Gaetano Ferrara, Gino Melli, Eucardio Momigliano, Manlio Morgagni, Celso Morisi, Enrico Besana, Paolo Moroni, Umberto Pasella, Luigi Ercolano, Pacifico Pianigiani, Giovanni Pozzi, Cesare Rossi, Cleto Scarani, Agostino Scarpa, Salvatore Stefanini, Luigi Svanoni, Regina Terruzzi, Ferdinando Zappi e tantos outros – todos socialistas, todos fascistas. Eram tantos e tantos que o próprio líder do Partido Socialista Italiano, Filippo Turati, reconheceu em 1922, durante um debate parlamentar com Mussolini, que “a vossa força é constituída em grande parte por apóstatas e por renegados”⁶⁰⁸ do PSI.

Este é um segundo ponto sobre o qual existe consenso entre os historiadores italianos. “Na reunião que fundou os Fasci di Combattimento (...) participaram uma centena de pessoas, a quase totalidade militantes da esquerda intervencionista”, registou o historiador Emilio Gentile, acrescentando: “da esquerda revolucionária vieram igualmente os dirigentes do novo movimento”⁶⁰⁹. Também Domenico Settembrini o salientou, ao dizer que “os dirigentes (do fascismo) eram provenientes em grande parte do

⁶⁰⁸ Filippo Turati, “Discussione”, *Atti Parlamentari*, Camera dei Deputati, Legislatura XXVI, 1ª sessão, Roma, 11 de novembro de 1922, p.8425.

⁶⁰⁹ Emilio Gentile, *op. cit.*, 2004, p.28/29.

socialismo e do sindicalismo vermelho”⁶¹⁰. Defender que todos estes socialistas criaram o fascismo sem transportarem para a nova ideologia muitos dos conceitos marxistas em que acreditavam parece-me, mais do que uma ingenuidade, um completo absurdo. Alguém crê mesmo que, com tantos marxistas presentes na sua fundação, o fascismo nada tinha realmente a ver com o marxismo e que estão na teoria de Marx e Engels grande parte das suas raízes?

Para quem ainda tenha dúvidas sobre as origens marxistas do fascismo, vamos ao terceiro ponto – a doutrina do fascismo inicial, conforme está plasmada no programa que os Fasci di Combattimento aprovaram em 1919. A maior fatia do texto é dedicada às exigências sociais dos fascistas, as quais incluíam “a jornada laboral das oito horas *efetivas* de trabalho, b) o salário mínimo, c) a participação dos representantes dos trabalhadores no funcionamento técnico da indústria, d) a entrega às próprias organizações proletárias da gestão da indústria ou serviços públicos (que não sejam moral e tecnicamente dignas)”⁶¹¹ (itálico e parênteses no original), entre outras medidas socialistas do mesmo género. Além disso, o programa previa o estabelecimento de uma república com sufrágio universal, incluindo o voto das mulheres, e ainda a descentralização para as regiões e as comunas, o respeito pelas liberdades fundamentais e a recusa de guerras de agressão.

Não contentes com um programa como este, revolucionários na origem do fascismo como Alceste de Ambris afirmaram que “podemos iniciar imediatamente uma série de expropriações com o objetivo de intensificar a produção e satisfazer – pelo menos parcialmente – a sede dos trabalhadores de maior justiça”, esclarecendo que “estas expropriações dizem respeito a três categorias de bens – imobiliários, industriais e financeiros”⁶¹². Além destas medidas, o próprio Mussolini exigiu “um imposto progressivo sobre o capital”, esclarecendo que “o que estou a propor é um confisco”⁶¹³. Como não ver em todas estas exigências fascistas a marca clara e indelével do marxismo? Negá-lo é negar o óbvio.

⁶¹⁰ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.150.

⁶¹¹ “Programa dei Fasci di Combattimento”, in Renzo de Felice, *Autobiografia del fascismo – Antologia di testi fascisti 1919-1945*, Einaudi, Turim, 2004, p.17.

⁶¹² Alceste de Ambris, “I postulati dei Fasci di Combattimento. L’espropriazione parziale”, in Renzo de Felice, *idem*, p.21.

⁶¹³ Benito Mussolini, “Il programma politico dei Fasci”, *Come nacque il fascismo*, La Fenice, Florença, junho de 1983, p.48.

Não se pense que os fascistas alguma vez renegaram este programa. Nunca o fizeram. “Programa audaz”, proclamou Mussolini em 1945 em referência ao programa de 1919 dos Fasci di Combattimento, tendo explicado que se tratava de “um programa que tentava resolver os problemas mais urgentes, mais imediatos da vida nacional e abria amplas portas a todas as possibilidades de futuro”, para sublinhar que “eramos poucos, mas decididos”⁶¹⁴. Esse programa, sublinhou em 1922, “era de esquerda, ou mesmo pode dizer-se de extrema-esquerda”⁶¹⁵. Também o dirigente fascista Bruno Spampanato, um dos autores do Manifesto de Verona onde em 1943 o fascismo estabeleceu o salário mínimo, as nacionalizações, as expropriações de terras e outras medidas socialistas, tornou claro que “os postulados de 1919 eram inspirados num autêntico socialismo nacional.”⁶¹⁶

A questão que agora se põe é perceber como chegaram estes homens oriundos do socialismo revolucionário à formulação ideológica do fascismo.

O capitalismo como fase imprescindível para o comunismo

Os marxistas italianos não se limitaram a beber passivamente as ideias que fervilhavam no movimento socialista internacional do seu tempo. A Itália era um país com singularidades, dificuldades e circunstancialismos próprios, pelo que os marxistas italianos se puseram a teorizar sobre os problemas do marxismo à luz da realidade particular do seu país, que era evidentemente diferente da francesa, da alemã e da de outros países. Assim sendo, avançaram com novas ideias revisionistas capazes de responder à situação específica italiana.

Na pegada do ideólogo marxista Antonio Labriola, os marxistas que conceberam o fascismo em Itália começaram por notar que o seu país não reunia uma das condições que Marx e Engels consideravam indispensáveis para que pudesse ocorrer a revolução do proletariado – um capitalismo avançado onde existisse “grande indústria (...) altamente desenvolvida.”⁶¹⁷ A “ciência”⁶¹⁸ marxista ditara que só sistemas industriais avançados

⁶¹⁴ Benito Mussolini, “Nel ventiseiesimo annuale della fondazione dei Fasci”, 23 de março de 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.100.

⁶¹⁵ Benito Mussolini, “Dalle origini”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de julho de 1922, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XVIII: Dalla Conferenza di Cannes alla marcia su Roma*, La Fenice, Florença, 1956, p.287.

⁶¹⁶ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.155.

⁶¹⁷ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2004, p.91.

⁶¹⁸ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.39 e 47; Karl Marx, *op. cit.*, Fairford, 2014, p.10; Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.43.

poderiam produzir um proletariado amadurecido capaz de provocar a revolução que conduziria ao paraíso comunista, mas a Itália estava longe de possuir uma industrialização dessas. O país era subdesenvolvido e a sua produtividade no início do século XX limitava-se a menos de um quinto da de Inglaterra. Ora se nem na industrializada Inglaterra o capitalismo desenvolvera ainda as contradições que conduziriam ao seu colapso inevitável, como esperar que o capitalismo pobre de Itália pudesse gerar uma tal contradição?

Um dos fundadores do fascismo, o marxista Angelo Oliviero Olivetti, reconheceu que o país sofria de “deficiência de desenvolvimento capitalista”⁶¹⁹, o seu camarada Filippo Corridoni concordou que “a Itália encontra-se em condições quase pré-capitalistas”⁶²⁰ e que dispunha de “um organismo industrial raquítico”⁶²¹, enquanto o seu outro camarada Benito Mussolini se queixava “deste pobre liberalismo italiano”⁶²² e sublinhava que “não estamos ainda na história, mas na pré-história do capitalismo”⁶²³, o que tinha um significado no marxismo que o *Duce* não ignorava. “Quando eu frequentava a escola do socialismo, os mestres e apóstolos da doutrina ensinaram-me que o socialismo não se poderia realizar sem a existência de determinadas circunstâncias objetivas”, explicou, indicando que havia aprendido que “o advento do socialismo pressupõe um capitalismo que tenha atingido a última fase do seu desenvolvimento”, com “uma enorme e sempre mais proletarizada massa de proletários, os quais, através da luta de classes levada às consequências extremas de uma luta de princípio, expropriariam – violenta ou pacificamente – a burguesia.”⁶²⁴

A Itália não tinha nada disso. “É admissível a realização extrema do socialismo numa nação que se encontra, considerando o desenvolvimento

⁶¹⁹ James Gregor, *The Faces of Janus – Marxism and Fascism in the Twentieth Century*, Yale University Press, New Haven, 2000, p.131.

⁶²⁰ Filippo Corridoni, *Sindacalismo e repubblica – Sindacalista, interventista, volontario*, Idrovolante Edizioni, Roma, 2015, p.63.

⁶²¹ *Idem*, p.29.

⁶²² Benito Mussolini, “Forza e consenso”, *Gerarchia*, março de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.53.

⁶²³ Benito Mussolini, “Il problema della burocrazia”, in Benito Mussolini, *Lo stato fascista*, La Fenice, Florença, setembro de 1983, p.12.

⁶²⁴ Benito Mussolini, “Divagazione”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de setembro de 1918, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XI: Dal convegno di Roma agli armistizi*, La Fenice, Florença, 1953, p.444.

das suas forças produtivas, num estado rudimentar ou quase?”⁶²⁵, questionou o chefe dos *fasci*. A resposta só podia ser uma: “não se pode, nas atuais condições, realizar o socialismo”⁶²⁶. Para além de ser economicamente atrasado e possuir uma indústria incipiente, a Itália tornara-se até um Estado vassalo das grandes potências industrializadas, como a Inglaterra, a França, a Alemanha e os Estados Unidos, que o exploravam impiedosamente e a quem fornecia emigrantes que se tornavam os proletários locais e que eram explorados por toda a gente.

Um crescente número de marxistas italianos apercebeu-se desta situação. Em linha com a doutrina marxista original e as ideias de Sorel, o socialista revolucionário Filippo Corridoni queixou-se da “imaturidade proletária”⁶²⁷ e da burguesia italiana “pobre e que só arrisca o seu capital a golpe seguro; é preguiçosa e não se quer fatigar, não quer lutar, não quer incomodar-se; renuncia à galinha de amanhã para ficar com o ovo de hoje; mete-se à sombra do Estado”⁶²⁸, tendo defendido que essa situação tinha de ser invertida. “A burguesia é a potência produtiva do trabalho”⁶²⁹, sublinhava Filippo Marinetti, o futurista fascista que o próprio Lenine elogiara, lembrando a lição marxista. Como torná-la produtiva e vigorosa em Itália, conforme requerido expressamente pela teoria marxista? Corridoni preconizou a necessidade urgente de se desenvolver a industrialização da Itália de modo a gerar um capitalismo avançado que criasse as contradições necessárias para a revolução do proletariado.

O problema é que, segundo Marx e Engels, a industrialização não era uma tarefa que pertencia ao proletariado, mas à burguesia. “A burguesia tem desempenhado historicamente um enorme papel revolucionário”⁶³⁰, haviam ambos estabelecido em *O Manifesto Comunista*, explicando que o papel da burguesia era o de “acabar com todas as relações feudais, patriarcais e idílicas”⁶³¹ e de criar e desenvolver o capitalismo, assim instituindo a

⁶²⁵ Benito Mussolini, “Contatti con la realtà? – La politica e i partiti”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de maio de 1920, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XIV: Dalla marcia di Ronchi al secondo congresso dei fasci*, La Fenice, Florença, 1954, p.444.

⁶²⁶ Benito Mussolini, “Dilemma: collaborare o perire”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de abril de 1920, *idem*, p.390.

⁶²⁷ Filippo Corridoni, *op. cit.*, 2015, p.41.

⁶²⁸ *Idem*, p.44.

⁶²⁹ Filippo Marinetti, *op. cit.*, 2015, p.33/34.

⁶³⁰ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.5.

⁶³¹ *Idem*.

“moderna sociedade burguesa”⁶³². Marx reiterara “a importância geral positiva da burguesia”⁶³³ e Engels tinha defendido acerrimamente “a revolução burguesa”⁶³⁴, insistindo na ideia de que, ao promover “o impetuoso crescimento da indústria e do comércio”, a burguesia estava de facto “a cumprir o seu dever”⁶³⁵ de acabar com o feudalismo e criar o capitalismo, e que, “enquanto a burguesia desenvolve a sua indústria, o seu comércio e os seus meios de comunicação, produz proletariado”⁶³⁶. Mais, Engels sublinhara que “a burguesia rompeu com o sistema feudal e ergueu sobre as suas ruínas a ordem capitalista da sociedade, o reino da livre competição, da liberdade pessoal, da igualdade perante a lei”⁶³⁷. Não eram feitos de somenos importância. Como insistiu Marx já no final da sua vida, “a burguesia é aqui concebida como uma classe revolucionária – por trazer a indústria em larga escala.”⁶³⁸

Estas ideias marxistas eram conhecidas e perfilhadas em 1905 pelo próprio Lenine. “A ideia de procurar a salvação para a classe trabalhadora em algo que não seja o desenvolvimento do capitalismo é *reacionária*” (itálico no original), escrevera o líder bolchevique, sublinhando que “em países como a Rússia a classe trabalhadora sofre não tanto por causa do capitalismo, mas por causa do insuficiente desenvolvimento do capitalismo. A classe trabalhadora está, pois, *muito certamente interessada* no maior, mais livre e mais rápido desenvolvimento do capitalismo”⁶³⁹ (itálico no original). Ou seja, *o próprio líder comunista russo achava que a Rússia precisava de capitalismo*. “As nações capitalistas civilizadas têm inevitavelmente de tomar o caminho do capitalismo”⁶⁴⁰, proclamara Lenine, invocando “o ABC do socialismo científico” para insistir que “uma revolução *burguesa é altamente vantajosa para o proletariado*” (itálico no original) e que “a revolução burguesa é *absolutamente* necessária para os interesses do proletariado”⁶⁴¹ (itálico no original).

⁶³² *Ibidem*, p.10.

⁶³³ Karl Marx, *Contribution à la critique de la Philosophie du droit de Hegel*, Éditions Allia, Paris, 1998, p.33.

⁶³⁴ Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.29.

⁶³⁵ *Idem*, p.30.

⁶³⁶ *Ibidem*, p.21.

⁶³⁷ Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.368.

⁶³⁸ Karl Marx, *op. cit.*, 1959, p.24.

⁶³⁹ Vladimir Lenine, *Two Tactics of Social-Democracy in the Democratic Revolution*, Progress Publishers, Moscovo, 1981, p.44.

⁶⁴⁰ *Idem*, p.43.

⁶⁴¹ *Ibidem*, p.44.

Acontece que Lenine fez na Rússia o contrário do que ele mesmo apregoara doze anos antes e encabeçou uma revolução que violava este preceito essencial do marxismo, uma vez que tentara avançar diretamente do feudalismo para o comunismo sem o contributo do “papel revolucionário”⁶⁴² da burguesia nem a necessária passagem pela fase intermédia do capitalismo, que envolvia o desenvolvimento dos meios de produção com a consequente criação da grande indústria e do proletariado.

Ao ouvir em Zurique as notícias da revolução de 1917, Lenine ainda reconheceu que “a Rússia é um país camponês, um dos mais atrasados da Europa”, pelo que “o socialismo não pode triunfar aí no imediato”⁶⁴³, o que não o impediu de, uma vez chegado ao poder e transformado no *Vozhd*, o Chefe, fazer tábua rásua do que acabara de dizer e tentar implantá-lo no país, em violação frontal da doutrina marxista. “O capitalismo já está maduro para o socialismo”⁶⁴⁴, proclamou em 1918, executando assim uma extraordinária pirueta retórica. O que em 1917 era ainda um país “camponês” e “dos mais atrasados”, no ano seguinte tornara-se já uma nação onde “o capitalismo já está maduro.”

A realidade nada tinha a ver com a retórica e a Rússia permanecia um país subdesenvolvido. Ora se não tinha capitalismo nem grande indústria nem proletários, como poderia um proletariado que não existia na Rússia desencadear uma revolução para derrubar um capitalismo que também não existia na Rússia? Em vez de proletários, os bolcheviques haviam afinal feito a sua revolução com alguns camponeses, quando Marx tornara claro que “os camponeses (...) não estão diretamente envolvidos na luta do capital ou do trabalho”⁶⁴⁵. Mais, “os camponeses, cujo gozo da propriedade é limitado pela asserção fanática das suas posses, do seu direito de propriedade”⁶⁴⁶, eram “a classe que representa a barbárie dentro da civilização”⁶⁴⁷. Por outras palavras, e para citar Engels, “os camponeses politicamente ou são indiferentes ou são reacionários.”⁶⁴⁸

⁶⁴² Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.5.

⁶⁴³ Vladimir Lenine, *Letters From Afar*, Martin Lawrence, Ltd, Londres, s/d, p.46.

⁶⁴⁴ Vladimir Lenine, “The Chief Task of Our Day”, *Izvestia*, 11 de março de 1918, www.marxists.org.

⁶⁴⁵ Karl Marx, *op. cit.*, 2009, p.36.

⁶⁴⁶ Karl Marx, *op. cit.*, 1972, p.119.

⁶⁴⁷ *Idem*, p.71.

⁶⁴⁸ Friedrich Engels, *The Role of Force in History – A Study of Bismarck’s Policy of Blood and Iron*, Lawrence & Wishart, Londres, 1968, p.91.

Como poderiam “indiferentes” e/ou “reacionários” que representavam “a barbárie” levar a cabo uma verdadeira revolução socialista? Lenine não se inibiu de também neste ponto se tornar um revisionista, descrevendo “a população dos pequenos camponeses da Rússia” como “aliados”⁶⁴⁹ da revolução bolchevique, e tentou contornar semanticamente o problema doutrinário quando falou de “ditadura do proletariado e do campesinato”⁶⁵⁰, conceito ausente do marxismo original. No congresso do partido em março de 1922, Lenine voltou a executar outra pirueta retórica e reconheceu que o proletariado afinal não existia na Rússia. “Se continuarmos a dizer *trabalhador*, significando com esse termo um proletário, então isto não é verdade”, admitiu o chefe comunista, considerando que “é verdade segundo Marx, mas Marx não escreveu sobre a Rússia. Durante mais de seiscentos anos foi verdade, mas já não é verdade na Rússia contemporânea” pois “o proletariado desapareceu”⁶⁵¹ (itálico no original). Esta observação valeu-lhe um remoque sarcástico de um dos seus rivais no Comité Central. “Vladimir Ilyich disse ontem que o proletariado como uma classe, no sentido marxista, não existe” na Rússia, observou Alexander Shliapnikov, para concluir com sarcasmo: “permita-me que o congratule por ser a vanguarda de uma classe que não existe”⁶⁵². O autor deste atrevido remoque a Lenine teve de se demitir do Comité Central e foi depois preso e mais tarde executado.

Com o seu revisionismo da doutrina, embora sempre na ficção de que pretendia “*ressuscitar os reais ensinamentos de Marx*”⁶⁵³ (itálico no original) e “expurgá-lo de distorções”⁶⁵⁴, o líder bolchevique contrariara frontalmente a teoria de Marx e Engels em vários pontos cruciais e o resultado estava a revelar-se um desastre absoluto. A economia russa fora destruída, a produção entrara em colapso, a miséria espalhava-se e começavam a ser geradas grandes fomes.

Como consequência, multiplicavam-se os tumultos no país, a violência alastrava, havia sucessivas revoltas de camponeses, e os operários em Petrogrado e noutras cidades estavam à beira da insurreição. Os marinheiros

⁶⁴⁹ Vladimir Lenine, *op. cit.*, s/d, p.13.

⁶⁵⁰ Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1981, p.54.

⁶⁵¹ Eduard Dune, *Notes of a Red Guard*, University of Illinois Press, Urbana, 1996, p.229.

⁶⁵² Michael Kort, *The Soviet Colossus – History and Aftermath*, 5ª edição, M. E. Sharpe, Armonk, 2001, p.155.

⁶⁵³ Vladimir Lenine, *State and Revolution*, International Publishers, Nova Iorque, 1943, p.7.

⁶⁵⁴ *Idem*, p.55.

tomaram a ilha-fortaleza de Kronstadt a exigir pão e a queixarem-se de que “não há roupa, não há sapatos, não há aquecimento. Todos os dias, trabalhadores esfaimados e enregelados, camponeses e as pessoas das cidades caminham para a morte certa, tendo perdido qualquer esperança na melhoria das suas vidas”⁶⁵⁵, tudo isso culpa da “escravatura comunista.”⁶⁵⁶

Foram declaradas greves em centros fabris como Sormovo, Orel, Briansk, Tver e Ivanovo-Voznessenk, às quais se juntaram soldados amotinados e onde os trabalhadores se queixavam de ordenados de miséria e exigiam melhores rações, a supressão dos privilégios dos comunistas, a libertação de todos os presos políticos, eleições livres nos comités das fábricas e nos sovietes e liberdade de associação e de expressão. Em Toula a greve dos operários terminou com o despedimento de todos e a apreensão dos cartões de abastecimento, assim os condenando à fome, e em Astrakhan um regimento militar juntou-se à greve mineira depois de se recusar a acatar as ordens dos comunistas de abrir fogo sobre os grevistas. A sede do partido bolchevique foi atacada e vários responsáveis locais mortos. O comandante da administração militar bolchevique, Sergei Kirov, ordenou o “extermínio impiedoso”⁶⁵⁷ dos grevistas. Milhares deles foram fuzilados ou atirados ao Volga com pedras amarradas ao pescoço. Na sequência das sucessivas revoltas do operariado, Leon Trotsky introduziu a militarização do trabalho, o que significava a proibição das greves e a respetiva equiparação à deserção militar. A miséria, a repressão e a instabilidade generalizavam-se e sucediam-se notícias sobre fuzilamentos diários por toda a parte.

Muitos socialistas europeus estavam estarrecidos, incluindo os que criaram o fascismo. “A catástrofe russa coincide, para o Ocidente, com a catástrofe do socialismo”⁶⁵⁸, constatou Mussolini, para quem “a miséria e os horrores do bolchevismo russo mataram o mito”, o que só “foi possível devido à orientação que o socialismo assumiu nas suas prédicas”⁶⁵⁹. Aquele

⁶⁵⁵ “Voice of the Deceived”, *Izvestia*, nº8, 10 de março de 1921, www.marxists.org.

⁶⁵⁶ “Calm and Restraint”, *idem*.

⁶⁵⁷ Nicolas Werth, “Crimes and Mass Violence of the Russian Civil Wars (1918-1921”, SciencesPo, Paris, 21 de março de 2008.

⁶⁵⁸ Benito Mussolini, “Quando il mito tramonta”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de dezembro de 1921, in Benito Mussolini, *La marcia su Roma*, La Fenice, Florença, julho de 1983, p.56.

⁶⁵⁹ *Idem*, p.57.

tipo de socialismo era “um ‘aborto’ de socialismo”⁶⁶⁰, pois “onde a vida económica está paralisada e mergulhada no caos, ninguém está bem e muito menos os proletários, mesmo que se dê a estes a ilusão de exercitarem a ditadura por interposta pessoa dos não proletários Lenine e Trotsky.”⁶⁶¹

Tal socialismo não podia de modo nenhum ser imitado porque as condições estabelecidas por Marx e Engels não se encontravam reunidas. “Não existe na Rússia um processo marxista porque o processo capitalista está aí apenas no começo”⁶⁶², lembrou Mussolini, dando aos socialistas oficiais uma lição sobre um dos princípios mais elementares dos canones do marxismo original: “o socialismo é sobretudo uma transformação das relações económicas, mas esta transformação não acontece ‘à vontade’: é sempre resultado de um longo e complicado jogo de forças. O que está a acontecer na Rússia, no campo da economia, é o mais decisivo testemunho a favor da tese marxista, o de que a revolução *socialista* não se antecipa, não se pode antecipar, nem num único dia”⁶⁶³ (itálico no original).

Para os marxistas dos *fasci*, o caos na Rússia constituía a prova de que não era de facto viável prescindir da fase do capitalismo nem precipitar revoluções antes de as condições adequadas estarem reunidas, pois a Itália, tal como a Rússia, encontrava-se também num estado pré-industrial e quase não dispunha de proletários. “O comunismo não podia destruir o capitalismo porque na Rússia não o havia (o número de proletários industriais era simplesmente irrisório face a uma centena de milhões de camponeses)”⁶⁶⁴ (parênteses no original), sublinhou Mussolini. Não era possível fazer uma revolução proletária *sem* proletários nem derrubar o capitalismo se o capitalismo ainda não existia.

Marx e Engels tinham tornado muito claro que uma revolução sem que as condições históricas estivessem reunidas, como era o caso do que estava a suceder na Rússia, não podia ser descrita como uma verdadeira revolução

⁶⁶⁰ Benito Mussolini, “‘Babau’”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de janeiro de 1919, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XII: Dagli armistizi al discorso di Piazza San Sepolcro*, La Fenice, Florença, 1953, p.183.

⁶⁶¹ Benito Mussolini, “Il ‘documento’ Sadoul”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de março de 1919, *idem*, p.304.

⁶⁶² Benito Mussolini, “Divagazioni pel centenário”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de maio de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.47.

⁶⁶³ Benito Mussolini, “Camillo non beve...”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de fevereiro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.255.

⁶⁶⁴ Benito Mussolini, “La Russia all’asta”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de setembro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.405.

do proletariado. “A pior coisa que pode acontecer ao líder de um partido extremista é assumir a governação numa época em que o movimento ainda não está no ponto certo para a dominação da classe que representa e para a realização das medidas que essa dominação implica”, escrevera Engels, para quem “o que ele *pode* fazer não depende da sua vontade mas do grau de contradição entre as várias classes e do nível de desenvolvimento dos meios materiais de existência, das condições de produção e de comércio, nos quais assentam sempre as contradições de classe”⁶⁶⁵ (itálico no original).

O próprio Marx lançara avisos ainda mais contundentes contra o comunismo prematuro. Um comunismo que não resultasse da correta “relação dinâmica”⁶⁶⁶ da história, argumentara autor de *O Capital*, limitar-se-ia a apoderar-se de toda a propriedade privada, criando “uma forma bestial” e “um comunismo cru e insensato” em que “a inveja geral se constitui num poder”, sendo que “este comunismo cru não passa da consumação dessa inveja e dessa diminuição dos padrões”⁶⁶⁷. Karl Marx refletia assim as advertências já feitas por Bento de Espinosa. “A natureza do homem é geralmente constituída de maneira a ter pena daqueles que estão na adversidade e a invejar aqueles que estão na prosperidade”, escrevera o filósofo que estabeleceu os princípios do moderno Estado liberal, para observar que o ser humano “inveja com um ódio que é tanto maior quanto imagina o que o outro possui” pois “a propriedade da natureza humana que leva os homens a terem pena de outros é a mesma que os leva a serem invejosos”⁶⁶⁸. Isto é, para Espinosa os “afetos”⁶⁶⁹ que mais conduzem as pessoas a terem pena dos pobres são os mesmos que mais alimentam a inveja contra os ricos.

Daí os alertas lançados por Marx para o risco de o socialismo se transformar numa ideologia da inveja. Para melhor explicar os perigos de um comunismo prematuro, o grande teórico socialista apresentara uma metáfora envolvendo a transformação das mulheres em prostitutas. Num sistema de propriedade privada, cada mulher pertencia a um único homem. Mas num comunismo prematuro elas seriam entregues a todos os homens, tornando-se assim prostitutas. Da mesma maneira, o comunismo cru e insensato que se criaria caso a correta dinâmica da história não fosse respeitada faria com

⁶⁶⁵ Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.138.

⁶⁶⁶ Karl Marx, *op. cit.*, 2011, p.70.

⁶⁶⁷ *Idem*, p.71.

⁶⁶⁸ Bento de Espinosa, *op. cit.*, 2001, p.123.

⁶⁶⁹ *Idem*, p.97.

que se passasse “da propriedade privada para um estado de prostituição universal com a comunidade”⁶⁷⁰. Ou seja, da mesma maneira que formalizaria a prostituição de todas as mulheres, o comunismo prematuro conduziria à prostituição da sociedade. Marx alertara para o facto de que um comunismo assim “quer destruir *tudo* o que não possa ser possuído por todos”⁶⁷¹ (itálico no original). Um império da inveja. Também Bernstein lançara avisos contra esse tipo de socialismo, chamando-lhe uma “ditadura terrorista” que apenas produziria “violência gratuita.”⁶⁷²

Assim sendo, concluíram os marxistas que fundaram o fascismo, os italianos não podiam cometer o mesmo erro dos russos e criar o comunismo cru, bestial, invejoso e insensato de prostituição universal com a comunidade contra o qual Marx advertira e que afinal Lenine instituíra na Rússia. Sempre a alegar que estava a “reestabelecer o marxismo”⁶⁷³, o chefe dos bolcheviques tinha escrito que “durante algum tempo os direitos burgueses e até o Estado burguês permanece sob o comunismo, sem a burguesia”⁶⁷⁴, o que contrariava diretamente a doutrina original marxista. Karl Marx fora muito claro em sublinhar que “a ideia de alguns socialistas de que precisamos do capital, mas não dos capitalistas, é completamente falsa”⁶⁷⁵. Ou seja, e ao contrário do que os bolcheviques entendiam na Rússia, os capitalistas, e consequentemente a burguesia, eram absolutamente necessários.

Tudo isto era analisado em Itália com muita atenção. “A tarefa dos socialistas em Itália é completarem a revolução ‘burguesa’”⁶⁷⁶, esclareceu Mussolini enquanto chefe dos *fasci*, sublinhando que isso era necessário para, no quadro da teoria marxista, “desenvolver a força produtiva”⁶⁷⁷. Só assim se produziria riqueza para o socialismo distribuir. Enrico Corradini recordou as palavras de Marx e Engels, para quem qualquer tentativa de desencadear uma revolução socialista em ambientes economicamente primitivos estava destinada ao fracasso, sublinhando que a fraca capacidade

⁶⁷⁰ Karl Marx, *op. cit.*, 2011, p.71.

⁶⁷¹ *Idem*, p.70.

⁶⁷² Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.155.

⁶⁷³ Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1943, p.55.

⁶⁷⁴ *Idem*, p.82.

⁶⁷⁵ Karl Marx, *Pre-Capitalist Economic Formations*, Lawrence & Wishart, Londres, 1964, p.118.

⁶⁷⁶ Benito Mussolini, “Contatti con la realtà? – La politica e i partiti”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de maio de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.445.

⁶⁷⁷ *Idem*, p.444.

da economia italiana não seria capaz de sustentar as medidas sociais que viessem a ser aprovadas – uma vez que para distribuir riqueza é preciso primeiro criá-la e, nas palavras de um dos ideólogos do fascismo, o nacionalista de origem marxista Alfredo Rocco, “não se pode distribuir o que não existe.”⁶⁷⁸

Conhecedor da teoria marxista, Mussolini defendeu “o nosso desenvolvimento industrial, um desenvolvimento ao qual o operário não está menos interessado do que o capitalista; ainda mais do que este, se é verdadeiro, como está escrito nos textos sagrados da lei socialista, que o operário deverá herdar o que o capitalismo lhe deixar”⁶⁷⁹. Era preciso esperar pelo momento certo para a revolução socialista, conforme teorizado por Marx e Engels. “O capitalismo tem ainda uma função a desempenhar e o advento do proletariado deve vir de baixo, não de cima a golpes de decretos emitidos por um governo político de socialistas encartados”, disse o chefe dos *fasci*, insistindo que “os trabalhadores devem procurar a constante valorização real, política, moral e social do trabalho e o desenvolvimento intenso da sua capacidade técnica de produtores e de organizadores do processo capitalístico, de maneira a poderem geri-lo por conta própria logo que as circunstâncias o permitam”⁶⁸⁰. Ou seja, era preciso esperar pelas condições adequadas previstas por Marx e Engels.

Tais condições não existiam numa Itália saída da guerra, arruinada e sem indústria desenvolvida. “A realização do socialismo não pressupõe uma economia burguesa depauperada, mergulhada no caos, violentada por uma longa guerra como aquela que acabou ou está a acabar”, sublinhou Mussolini, aplicando a receita marxista ao seu próprio país. “O socialismo não consegue florescer no meio de tanta miséria. Nasce da opulência, não da ruína. O socialismo pressupunha e pressupõe uma burguesia rica, saciada, cheia, pletórica, incapaz já de gerir o seu imenso património, o qual acabará administrado, após uma dura formação, pela aristocracia da massa operária. O socialismo de guerra, como o pão de guerra e muitas coisas de guerra, é um *quid* artificioso e irracional: é uma flor desabrochada na estufa quente da competição sangrenta, mas quando exposta à luz, ao ar, às correntes

⁶⁷⁸ Alfredo Rocco, *op. cit.*, 1919, p.17.

⁶⁷⁹ Benito Mussolini, “Patria e terra”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de novembro de 1917, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – X: Dal piave al convegno di Roma*, La Fenice, Florença, 1952, p.56.

⁶⁸⁰ Benito Mussolini, “Il sindacalismo nazionale per rinascere!”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.13.

impetuosas e livres, este socialismo ou se esteriliza numa ditadura de partido, tornando-se o mais reacionária possível, ou segue com dificuldade o caminho da democracia sufragística e parlamentar”⁶⁸¹. Assim sendo, e respeitando à letra as diretrizes de Marx e Engels, o fundador do fascismo avisou que “o socialismo hoje só pode ter um objetivo: trabalhar com a burguesia para reproduzir as condições necessárias e suficientes para a sua realização.”⁶⁸²

O problema era que os rivais comunistas italianos, ao sabotarem o desenvolvimento do capitalismo em Itália, estavam a fazer o contrário do que se encontrava escrito nos próprios textos marxistas. Mussolini avisou que “a massa operária está à mercê de uma classe política que se intitula socialista e que quer simplesmente substituir-se, por via do *assiette au beurre*, à classe política designada burguesa”, o que a acontecer teria “consequências desastrosas”, como se via na Rússia bolchevique, pois uma “tirania do Partido Socialista”⁶⁸³ nesses termos em Itália “sabotaria mais do que ajudaria o movimento de ascensão da massa operária”⁶⁸⁴. Mussolini foi muito insistente neste ponto na crítica aos rivais comunistas que seguiam a linha de Moscovo. O comunismo oficial italiano “apregoava a imitação russa, que matou a Rússia e assassinaria a Itália” com uma revolução “destrutiva.”⁶⁸⁵

A mesma questão havia já sido também abordada por Bernstein. “As perspectivas desta luta não dependem da teoria da concentração do capital nas mãos de um número cada vez mais diminuto de magnatas nem de toda a estrutura dialética em que assenta, mas no crescimento da riqueza social”⁶⁸⁶. Ou seja, para Bernstein, tal como para Marx e Engels, o socialismo só podia vingar num contexto em que houvesse riqueza. Os censos industriais confirmavam que o capitalismo estava a ser bem-sucedido na crucial tarefa da criação da riqueza. Se a economia liberal fosse descartada, matar-se-ia a galinha dos ovos de ouro e a riqueza, depois de distribuída, esgotar-se-ia. Sem mais riqueza para distribuir, restaria a miséria. O socialismo fracassaria.

⁶⁸¹ Benito Mussolini, “‘Babau’”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de janeiro de 1919, *idem*, p.184.

⁶⁸² *Ibidem*, p.186.

⁶⁸³ Benito Mussolini, “Discurso da ascoltare”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de maio de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.58.

⁶⁸⁴ *Idem*, p.60.

⁶⁸⁵ Benito Mussolini, “Parole chiare”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de abril de 1919, *ibidem*, p.54.

⁶⁸⁶ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.212.

Esta constatação do fundador da moderna social-democracia, que refletia pontos centrais do marxismo original, foi repetida quase palavra a palavra por Rocco. O ideólogo fascista observou que nos regimes liberais avançados, onde havia dinheiro, era possível a distribuição de benefícios por todos – melhores salários para os trabalhadores, mais lucros para os investidores, muitos subsídios para toda a gente. Mas nos países subdesenvolvidos não havia o que distribuir e por isso o socialismo distributivo não só se revelava impossível de realizar como até era contraproducente. “O socialismo, por conseguinte, e a experiência o confirma, conduz ao aumento do consumo, à diminuição da produção, à dispersão do capital, em suma, à miséria”, constatou Rocco, referindo-se ao socialismo “oficial” do PSI. “Do que vale construir um mecanismo para uma melhor distribuição da riqueza se esse mecanismo elimina a própria riqueza na origem? O erro fundamental do socialismo é o de fazer da propriedade privada uma questão de justiça, quando é uma questão de utilidade e necessidade social.”⁶⁸⁷

Ou seja, e nas palavras de um jornalista adversário de Mussolini, Mario Missiroli, “para o fascismo a questão social é um problema de ‘produção’ e não de simples ‘distribuição’ de riqueza”⁶⁸⁸. Mais, os ideólogos fascistas avisaram que os socialistas que ignoravam os avisos de Marx apenas iriam gerar miséria. “A distribuição socialista tornou-se destrutiva”, defendeu Enrico Corradini, insistindo que “não é mais distribuição, mas destruição” e responsabilizando tais marxistas pela “destruição das forças produtivas da terra e da indústria, destruição da potência nacional, destruição da própria civilização do mundo.”⁶⁸⁹

Os fascistas estavam deste modo perfeitamente alinhados com a teoria marxista original e neste aspeto também com a variante revisionista social-democrata de Bernstein. Qualquer tentativa de erguer o socialismo num ambiente que não fosse de capitalismo avançado, como por exemplo numa economia primitiva como a italiana ou a russa, para Marx e Engels não passaria da construção de “castelos no ar”⁶⁹⁰ – ou seja, seria uma “inocência

⁶⁸⁷ Alfredo Rocco, “La dottrina politica del Fascismo”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2014, p.240.

⁶⁸⁸ Mario Missiroli, *Cosa deve l'Italia a Mussolini*, Biblioteca del Littorio – Associazione Cultura Fascista, 2013, p.29.

⁶⁸⁹ Enrico Corradini, *Il nazionalismo italiano*, Fratelli Treves Editore, Milão, 1914, p.168.

⁶⁹⁰ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.49.

pedante” ou uma “fantasia filosófica”⁶⁹¹ que resultaria em socialismo “reacionário e utópico”⁶⁹², o tal comunismo cru, bestial e insensato de prostituição universal com a comunidade que segundo Marx fazia da inveja um poder e uma política. Os fundadores do marxismo já haviam sublinhado que “o estabelecimento de condições burguesas”⁶⁹³ e o desenvolvimento do “proletariado, sem o qual a revolução não será possível”⁶⁹⁴, eram peças absolutamente imprescindíveis para que os proletários fizessem a grande revolução socialista. Por conseguinte, a ser levada à letra a doutrina marxista original, a revolução bolchevique não fora uma verdadeira revolução do proletariado, pois nem sequer existia proletariado digno desse nome na subdesenvolvida Rússia. O marxismo do bolchevismo não passava assim de uma retórica de ficção – um verdadeiro “castelo no ar.”

A conclusão lógica deste raciocínio doutrinário marxista, e ainda o facto de a economia russa ter entrado em colapso e gerado grandes fomes por ter prescindido da transição capitalista, impuseram-se na mente dos marxistas intervencionistas italianos. Era preciso ajudar a burguesia italiana a desenvolver o capitalismo e os meios de produção em Itália, conforme explicitamente previsto pela doutrina original marxista, de modo a que se pudesse criar um verdadeiro proletariado italiano e as condições para mais tarde se desencadear a revolução do proletariado que permitiria instalar no país a desejada sociedade comunista. “Ex-republicanos, ex-socialistas, ex-sindicalistas, ex-anarquistas saíram da clausura dos seus partidos de origem”, escreveu em 1921 o socialista fascista Massimo Rocca, esclarecendo que todos esses revolucionários “procuravam um novo organismo no qual poderiam salvar a melhor e mais afinada parte das suas ideologias.”⁶⁹⁵

Esse organismo era o fascismo.

A revisão fascista do marxismo

Um dos grandes problemas doutrinários com que os marxistas que fundaram o fascismo tiveram de lidar foi a questão de luta de classes, central na teoria marxista. Como se poderia convencer a burguesia a desenvolver em Itália o capitalismo, tão imprescindível para a revolução do proletariado,

⁶⁹¹ *Idem*, p.41.

⁶⁹² *Ibidem*, p.39.

⁶⁹³ Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.29.

⁶⁹⁴ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2004, p.93.

⁶⁹⁵ Massimo Rocca, “Un neo-liberalismo?”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004, p.87.

se o “papel revolucionário”⁶⁹⁶ dos burgueses estivesse permanentemente a ser minado e combatido? Se a revolução requeria a modernização da economia e se esse papel cabia à burguesia, como predisseram Marx e Engels, sabotar a ação da burguesia no quadro de uma sociedade pré-capitalista seria logicamente contraproducente.

Note-se que a doutrina original marxista tornava claro que a abolição da propriedade privada não fazia sentido antes do desenvolvimento da grande indústria, pelo que os marxistas revolucionários rivais dos fascistas, os comunistas, estavam a violar frontalmente a teoria de Marx e Engels quando se opunham à propriedade privada num país pré-industrial como a Itália. “É notório que a tática e a técnica da agitação social consistem na ‘máxima’ exasperação da proletarização”, observou o ideólogo fascista de origem marxista Sergio Panunzio em 1933, insinuando que a posição dos seus rivais comunistas era a de parasitarem na desgraça, pois para eles “‘quanto pior, melhor’.”⁶⁹⁷

O também ideólogo fascista Alfredo Rocco sublinhou o mesmo ponto: “a ilimitada e desenfreada autodefesa de classe, que se manifesta com a pressão, as greves, os boicotes e as sabotagens, conduz fatalmente à anarquia”⁶⁹⁸. É certo que Marx havia defendido explicitamente a política do “quanto pior, melhor” quando preconizara que “a anarquia da produção que é *a fonte de tantas misérias* é ao mesmo tempo *a fonte de todo o progresso*” (itálico no original), dizendo que uma situação de amolecimento da burguesia constituía uma evolução “reacionária”⁶⁹⁹ e que “é preciso tornar a opressão real ainda mais dura”⁷⁰⁰. Porém, esta posição doutrinária só era válida no caso das economias desenvolvidas, não nas pré-capitalistas como a italiana, a qual, a crer na doutrina de Marx e Engels, *precisava* da burguesia e de capitalismo.

Este problema revelou-se incontornável. A doutrina original marxista dizia que a revolução do proletariado só podia ocorrer numa economia de capitalismo avançado com “grande indústria (...) altamente desenvolvida”⁷⁰¹ e o facto, é importante insistir, é que a Itália não dispunha de uma economia dessas. Trata-se de um ponto absolutamente crucial. A luta de classes envolvia o ataque à burguesia, mas isso impedia os burgueses de cumprirem

⁶⁹⁶ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.5.

⁶⁹⁷ Sergio Panunzio, “La rivoluzione, domani”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004, p.317.

⁶⁹⁸ Alfredo Rocco, “La dottrina politica del Fascismo”, *idem*, p.240.

⁶⁹⁹ Karl Marx, *op. cit.*, 1996, p.62.

⁷⁰⁰ Karl Marx, *op. cit.*, 1998, p.14.

⁷⁰¹ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2004, p.91.

o seu “papel revolucionário”⁷⁰² de desenvolver o capitalismo num contexto de uma economia pré-capitalista. Consequentemente, isso fazia da luta de classes um ato reacionário. Além do mais, o dogma da luta de classes já havia sido quebrado por Bernstein. “A ideia da opressão do indivíduo pela maioria (...) é absolutamente repugnante”⁷⁰³, escrevera o herdeiro intelectual de Engels, para sublinhar que “a social-democracia não deseja destruir esta sociedade e tornar todos os seus membros proletários.”⁷⁰⁴

O precedente para rejeitar a luta de classes fora assim aberto por Bernstein no seio da própria doutrina marxista e os marxistas que criaram o fascismo retomaram a ideia. É certo que em 1904 Mussolini se insurgira contra o conceito do socialismo bernsteiniano de que “já não há luta de classes, mas cooperação de classes”, algo para ele típico de “um socialismo de penetração e colaboração” que se infiltrara no PSI e fazia com que “o partido socialista já não é mais a vanguarda vigilante do proletariado”⁷⁰⁵. Apesar de rejeitada, porém, essa ideia social-democrata pelos vistos manteve-se presente na mente dos fascistas, que retornaram a ela quando aliaram o socialismo ao nacionalismo.

Como preconizou Mussolini, no quadro de uma economia subdesenvolvida “a classe não pode matar a nação”⁷⁰⁶. Na verdade, argumentou o chefe do fascismo, “a luta de classes pode ser um episódio na vida de um povo; não pode é ser um sistema quotidiano porque significaria a destruição da riqueza e consequentemente a miséria universal”⁷⁰⁷. De resto, o próprio chefe do fascismo lembrou que o “segundo ponto essencial de *O Manifesto Comunista* é o reconhecimento da função revolucionária da burguesia”⁷⁰⁸. Portanto, enquanto as condições necessárias para a revolução do proletariado não fossem criadas pela burguesia, conforme preconizado explicitamente por Marx e Engels e aceite pelos fascistas, as classes não poderiam lutar entre elas nem cultivar o princípio do “quanto pior, melhor.”

⁷⁰² Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.5.

⁷⁰³ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.142.

⁷⁰⁴ *Idem*, p.147.

⁷⁰⁵ Benito Mussolini, “Pagine rivoluzionarie – ‘Le parole d’un rivoltoso’”, *Avanguardia Socialista*, 3 de abril de 1904, in Benito Mussolini, *op. cit.*, I, 1951, p.52.

⁷⁰⁶ Benito Mussolini, “Discorso del 28 dicembre 1914 Genova”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

⁷⁰⁷ Benito Mussolini, “Al popolo di Rovigo”, 2 de junho de 1923, in Benito Mussolini, *Spirito della rivoluzione fascista – Antologia degli scritti e discorsi*, Ulrico Hoepli Editore, Milão, 1937, p.166.

⁷⁰⁸ Benito Mussolini, “Il valore storico del socialismo”, *Avanti!*, 15 de fevereiro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.74.

Teriam de cooperar.

Recuperou-se assim a ideia do corporativismo. “Se a colaboração é necessária nos tempos fáceis, é indispensável nos tempos difíceis”⁷⁰⁹, sustentou Mussolini, para quem “o Estado fascista é corporativo ou não é fascista”⁷¹⁰. É importante perceber que os fascistas não renegaram a existência da luta de classes; a sua formação marxista impedia-os de o fazerem. “A luta é a origem de todas as coisas”⁷¹¹, estabeleceu o *Duce*, para quem “a luta de classes é uma realidade da história”⁷¹². Mas a vida em sociedade não se podia reduzir a uma guerra civil, pelo que defendeu que “a cooperação de classe impõe-se quando se trata de produzir; a luta de classes ou de grupos é inevitável quando se trata de dividir”. Reconhecia desse modo que a luta de classes continuava a existir, embora lhe impusesse limites: “mas a luta de classes não pode prosseguir ao ponto de assassinar a produção”⁷¹³ pois isso implicaria “a ruína geral”⁷¹⁴. Assim sendo, os fascistas defenderam que, numa sociedade pré-industrial, teria de se arranjar uma maneira de contornar a luta de classes para que ela não se tornasse disfuncional e obstaculizasse o desenvolvimento económico do país.

Claro que esta posição inicial depressa evoluiu, uma vez que os marxistas que criaram o fascismo começaram a extrair lições do caos na Rússia. “Estes socialistas vêm de todas as escolas”, disse Mussolini, referindo-se às muitas correntes que se agregavam numa nova organização socialista na base do fascismo. “Ontem os socialistas chamados revolucionários eram os defensores de se inserir a pedra na engrenagem, eram os propagandistas da luta violenta, catastrófica, a qual – independentemente do maior ou menor grau de maturidade do proletariado – deveria escancarar as portas ao

⁷⁰⁹ Benito Mussolini, “Al popolo di Torino”, 23 de outubro de 1932, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.177.

⁷¹⁰ Benito Mussolini, “Discorso sulla crisi económica mondiale”, 1 de outubro de 1930, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1934, p.213.

⁷¹¹ Benito Mussolini, “Discorso di Trieste”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de setembro de 1920, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XV: Dal secondo congresso dei fasci al Trattato di Rapallo*, La Fenice, Florença, 1954, p.216.

⁷¹² Benito Mussolini, “I grandi problemi italiani ed internazionali”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de maio de 1924, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XX: Dal viaggio negli Abruzzi al delitto Matteotti*, La Fenice, Florença, 1956, p.292.

⁷¹³ Benito Mussolini, “L’ora del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 21 de agosto de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.10.

⁷¹⁴ Benito Mussolini, “Sintomi”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de agosto de 1921, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XVII: Dal primo discorso alla Camera alla Conferenza di Cannes*, La Fenice, Florença, 1955, p.97.

socialismo”⁷¹⁵, declarou em 1918 em referência às “personalidades saídas ou expulsas do Partido Socialista Oficial”⁷¹⁶ que iriam fundar o fascismo. “Hoje esses tomam consciência de que não se pode destruir sem ter um plano nem os meios para reconstruir.”⁷¹⁷

Um socialismo meramente destrutivo da ordem burguesa não servia. Para os fundadores do fascismo, era primeiro preciso conceber um socialismo construtivo capaz de conciliar a revolução socialista com o papel revolucionário que *O Manifesto Comunista* previa para a burguesia, um socialismo que produzisse riqueza para depois a distribuir. “É portanto um interesse comum que a um dado momento elimina e cancela a luta de classes: o interesse de produzir”, observou Mussolini, para dizer que “constatamos com prazer que ao velho socialismo político e parasitário sucede-se o socialismo produtivista do sindicalismo nacional”⁷¹⁸. Era esse novo socialismo que os socialistas dos *fasci* queriam erguer. “Não negamos a existência da luta de classes”, insistiu, mas “refutamos fazer da luta de classes o epicentro da vida social”⁷¹⁹. O socialismo não se reduzia a um mero esquema de resultados determinados por uma permanente guerra entre as classes, como pretendiam Marx e Engels, pois havia toda uma ética a considerar. O chefe dos *fasci* proclamou assim que “negamos que a história do mundo se explique através do fenómeno da luta de classes porque o homem não é apenas um animal económico.”⁷²⁰

Estes socialistas intervencionistas evoluíram até atingirem um ponto em que deixaram de acreditar de todo que iria haver uma revolução do proletariado num futuro mais ou menos longínquo e começaram a defender o desenvolvimento de uma economia mista para melhorar no imediato as condições de vida da população, pois se a produção entrasse em colapso e o mercado deixasse de funcionar, argumentou Mussolini, haveria “menos emprego, menos salários, menos bem-estar”⁷²¹. Para os fascistas já não

⁷¹⁵ Benito Mussolini, “Dopo quattro anni”, *Il Popolo d'Italia*, 12 de maio de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.55.

⁷¹⁶ *Idem*, p.54.

⁷¹⁷ *Ibidem*, p.55.

⁷¹⁸ Benito Mussolini, “Nel mondo sidacale italiano – Rettifiche di tiro”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de fevereiro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.250.

⁷¹⁹ Benito Mussolini, “Viva Ferrara fascista!”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de maio de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.190.

⁷²⁰ Benito Mussolini, “La babele e il resto”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de junho de 1922, *idem*, p.235.

⁷²¹ Benito Mussolini, “Fascismo e sindacalismo”, *Gerarchia*, maio de 1925, in Benito Mussolini, *Il corporativismo fascista*, La Fenice, Florença, outubro de 1983, p.29.

estava em jogo deixar que a miséria se alastrasse entre os trabalhadores para desencadear a revolução, como defendiam Marx e Engels, mas melhorar no imediato o nível de vida geral, uma ideia claramente inspirada no revisionismo reformista de Bernstein. “A natureza maldosa dos socialistas oficiais, tanto em Itália como em França, quer ‘nidificar’ sobre ruínas”, acusou Mussolini, “mas a classe operária arregaça as mangas e trata de retomar as condições mais humanas do trabalho, da paz e da vida”. A “linha de conduta” dos fascistas era “combater sem tréguas o partido político que prossegue a sua sórdida especulação em prejuízo da classe operária e apoiar, como dizem os sindicalistas franceses, as ‘justas reivindicações do proletariado organizado’.”⁷²²

Onde o socialismo marxista dividia no combate entre classes, o socialismo fascista propunha-se unir na colaboração entre classes. “A luta de classes é uma fábula porque a humanidade não se pode dividir”⁷²³, proclamou Mussolini. “Para ‘renascer’ é preciso juntar todas as energias”⁷²⁴, defendeu, dizendo que “os resultados da guerra devem determinar o cumprimento das condições adequadas para estabelecer um regime socialista” e que “o socialismo deve ser, acima de tudo, um modo de reorganizar as relações económicas segundo a lei do máximo rendimento com o mínimo esforço”⁷²⁵. Achava o *Duce* que seria pela união, pela cooperação e pela melhoria gradual das condições de vida que se poderia cumprir o velho sonho socialista da sociedade sem classes, pois acreditava que “conseguiremos eliminar os antagonismos de classe dado que haverá apenas uma classe única que obedecerá aos mesmos interesses.”⁷²⁶

Para esta reformulação doutrinária do socialismo contribuiu também o socialismo de Giuseppe Mazzini, o revolucionário que ajudara a construir a Itália enquanto nação unificada, e que desencorajava a conflitualidade interna para não atizar os eternos regionalismos que dividiam os povos da península. “Somos um país velho com cinquenta séculos de história e jovem

⁷²² Benito Mussolini, “Il sindacalismo nazionale per rinascere!”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.14.

⁷²³ Benito Mussolini, “Il programma fascista”, in Benito Mussolini, *Cos'è il fascismo?*, La Fenice, Florença, agosto de 1983, p.28.

⁷²⁴ Benito Mussolini, “Il sindacalismo nazionale per rinascere!”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.12.

⁷²⁵ *Idem*, p.13.

⁷²⁶ Benito Mussolini, “Il sistema parlamentare e il fascismo”, *op. cit.*, agosto de 1983, p.70.

com cinquenta anos de vida nacional”⁷²⁷, lembrou Mussolini, salientando que “o fascismo é o primeiro esforço bem-sucedido para criar uma unidade nacional italiana”, dado que “pela primeira vez na nossa história acendeu-se a verdadeira chama do patriotismo” pois “os italianos já não são mais socialistas, liberais, nacionalistas, nem genoveses, napolitanos, milaneses, mas são italianos e têm orgulho neles mesmos e na pátria e confiança na sua força”⁷²⁸. Garibaldi e Mazzini haviam no século anterior unificado a Itália, e Mussolini reivindicava que “o fascismo poderá integrar a teoria mazziniana” sem “andar a procurar profetas na Rússia ou noutros países”⁷²⁹. Porém, faltava instituir nos habitantes do novo país um sentimento que os unisse e os levasse a superar as velhas rivalidades e ódios. Ou seja, a Itália já existia mas faltava ainda criar os italianos. Essa era a tarefa histórica do socialismo nacionalista, o fascismo.

Urgia criar “o italiano novo”⁷³⁰. Um tal objetivo, porém, não seria possível com os italianos a guerrearem-se permanentemente entre eles. “É preciso evitar o mais possível a guerra entre classes, porque no interior de uma nação ela é destrutiva”⁷³¹, avisou o *Duce*, descrevendo a defesa da luta de classes como “velha literatura que já não é do nosso tempo”⁷³². A maneira de contornar a luta de classes, concluíram os fascistas, era envolver o Estado no problema, um Estado autoritário que fizesse de árbitro e forçasse as classes, cujo estado natural é a luta, a cooperarem para o bem comum. “No regime fascista corporativo a riqueza só é propriedade do cidadão enquanto ele souber dar-lhe um uso vantajoso para a nação”, esclareceu Mussolini, defendendo a nacionalização de propriedades e bens que não fossem usados a favor da nação pois “a riqueza pertence à nação.”⁷³³

⁷²⁷ Benito Mussolini, “Per la costituzione del nuovo Fascio d’Azione Rivoluzionaria”, *op. cit.*, junho de 1983, p.9.

⁷²⁸ Benito Mussolini, “La nuova Italia”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de agosto de 1926, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXII: Dall’attentato Zaniboni al discorso dell’ascensione*, La Fenice, Florença, 1957, p.191.

⁷²⁹ Benito Mussolini, “Il programma fascista”, *idem*, p.25.

⁷³⁰ Benito Mussolini, “23 marzo 1919”, *Gioventù Fascista*, 23 de março de 1931, in Benito Mussolini, *Fascismo e democrazia*, La Fenice, Florença, janeiro de 1984, p.62.

⁷³¹ Benito Mussolini, “Prime basi dello Stato corporativo”, 20 de dezembro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.109; Benito Mussolini, “Il discorso dell’ascensione”, *Atti del Parlamento Italiano*, 26 de maio de 1927, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983, p.121.

⁷³² Benito Mussolini, “La diana del nuovo tempo”, 9 de dezembro de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.174.

⁷³³ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.129.

De facto, o artigo 21º da lei fascista sobre a socialização das empresas, eufemismo para as coletivizações, estabelecia claramente que “o chefe da empresa (...) pode ser afastado ou substituído (...) quando a sua atividade não responde às exigências do plano geral de produção e às diretivas da política social do Estado”⁷³⁴. Estava aberto o caminho para a intervenção estatal nas empresas privadas, não para que essas empresas passassem para as mãos do Estado, mas para que se tornassem propriedade dos respectivos trabalhadores. A socialização era no fundo uma coletivização. O economista fascista Giuseppe Solaro foi muito insistente na defesa desta estratégia. “O problema da sistematização social só pode ser resolvido pelo Estado autoritário”, disse, esclarecendo que isso “significa pôr o capital já não à disposição de uma oligarquia, mas à disposição de todos”⁷³⁵. Enquanto no capitalismo o patrão é o privado e no comunismo é o Estado, o fascismo propunha que no seu socialismo o patrão fossem todos os trabalhadores. “Ontem proletário e pobre eram a mesma coisa”, disse Mussolini, “doravante proletário e produtor serão a mesma coisa” pois “*de agora em diante vós trabalhais como homens, já não como escravos*”⁷³⁶ (itálico no original). É isso o corporativismo.

O ideólogo fascista de origem marxista Ugo Spirito apresentou até o fascismo corporativista como a verdadeira realização do liberalismo e do socialismo. Se o liberalismo se propunha libertar o homem e na verdade o escravizava, e se o socialismo tradicional se propunha distribuir a riqueza e na verdade acabava apenas por distribuir miséria, argumentou Spirito, o fascismo, pelo contrário, libertava o homem e punha todos a produzirem riqueza que se distribuía por todos. Nesse sentido, este ideólogo fascista descreveu o fascismo como “corporativismo concebido como verdadeiro liberalismo ou liberalismo absoluto e como verdadeiro socialismo ou socialismo absoluto”⁷³⁷. Spirito defendeu que “o corporativismo assumiu um

⁷³⁴ Roberto Mancini, *Oltre destra e sinistra: il socialismo fascista*, Ilibridel Borghese, Roma, 2015, p.208/209.

⁷³⁵ Giuseppe Solaro, “La nuova struttura economica – il capitalismo e il suo superamento”, *La Stampa*, 3 de fevereiro de 1944, in Giuseppe Solaro, *Fascismo o Plutocrazia – Gli scritti economici di un fascista di sinistra*, Ciclostile Eclettica Edizione, Massa, 2016, p.142.

⁷³⁶ Benito Mussolini, “Dopo-guerra – Andate incontro al lavoro che tornerà dalle trincee”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.471.

⁷³⁷ Ugo Spirito, *Il corporativismo – Dall'economia liberale al corporativismo, i fondamenti della economia corporativa, capitalismo e corporativismo*, Sansoni, Florença, 1970, p.368.

significado que não anda longe do comunismo”⁷³⁸, pois com o fascismo “o socialismo torna-se absoluto socialismo e chamar-se-á corporativismo”⁷³⁹. O ideólogo fascista de origem marxista disse mesmo que “fascismo e corporativismo tinham uma fé revolucionária orientada para uma concepção de caráter comunista”⁷⁴⁰, pois, nas suas palavras, o fascismo era “um comunismo hierárquico.”⁷⁴¹

A expressão “comunismo hierárquico”, sendo muito reveladora, não é à primeira vista totalmente clara. Sabemos o que é o comunismo, mas o que entendiam os fascistas por hierarquia? Foi o próprio Mussolini quem o esclareceu. “Sistema de hierarquia”, explicou o *Duce*, é aquele “no qual um homem, entre um grupo de outros homens, assume o comando porque é o mais forte, o mais astuto, o mais sábio e o mais inteligente”⁷⁴². Conceito inspirado na ideia soreliana de elite, hierarquia é o equivalente fascista à vanguarda bolchevique, expressão bolchevique que os fascistas chegaram aliás a usar. “Somos a vanguarda à frente na estrada e que se empenha primeiro na boa batalha, para a grandeza moral e material da nossa Pátria e pelo futuro da humanidade”⁷⁴³, proclamou Mussolini, acabando no entanto por optar pela expressão mais original, hierarquia. “Uma vez que os homens nasceram com diferentes ‘talentos’, haverá sempre uma hierarquia de competências: esta conduz a uma hierarquia de funções”, disse ele, considerando tal sistema de hierarquia a melhor forma de “*organizar o Estado para assegurar o melhor bem-estar individual e social*”⁷⁴⁴ (itálico no original).

É isso o comunismo hierárquico. Mussolini e Spirito viam o fascismo como um comunismo liderado por uma hierarquia, ou uma vanguarda, que guiava a nação na sua revolução, mas também um comunismo em que cada um desempenhava as suas funções segundo as suas capacidades numa verdadeira hierarquia de competências e de funções. “Na hierarquia, com efeito, governam todos, mas os melhores mais e os piores menos”, escreveu

⁷³⁸ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.108.

⁷³⁹ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1970, p.375.

⁷⁴⁰ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.92.

⁷⁴¹ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1970, p.84 e 379.

⁷⁴² Benito Mussolini, “Stato, anti-Stato e Fascismo”, *Gerarchia*, 25 de junho de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.192.

⁷⁴³ Benito Mussolini, “‘Il Popolo d’Italia’ nel 1919”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de dezembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.70.

⁷⁴⁴ Benito Mussolini, “Variazioni su vecchio motivo – Il fucile e la vanga”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de maio de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.35.

Spirito, concluindo a parafrasear deliberadamente uma máxima do comunismo: “a cada um segundo a sua capacidade e na sua esfera”⁷⁴⁵. Em suma, o fascismo via-se como um comunismo meritocrático.

Cientes de que a teoria marxista original exigia que a burguesia desenvolvesse o capitalismo, os fascistas foram confrontados com o problema de determinar sob qual sistema político isso aconteceria. Uma opção seria deixar a Itália entregue ao regime que caracterizava o capitalismo, a democracia parlamentar. O problema é que os marxistas que fundaram o fascismo nutriam uma profunda desconfiança no sistema parlamentar. “A verdadeira verdade é que em Itália só a partir de 1922 se pode falar de um regime do povo, pois antes o que havia era um regime de pandilha, de panelinhas, de camorra, de parasitas”⁷⁴⁶, acusou Mussolini, descrevendo o Estado democrático como “o Estado da irresponsabilidade coletiva.”⁷⁴⁷

A questão, no entanto, era sobretudo doutrinária. A democracia parlamentar apresentava-se como a face política do sistema capitalista e por isso foi considerada o principal inimigo, desconfiança que tinha as suas origens em Sorel e, claro, no próprio pensamento de Marx e Engels. “O derrube da república parlamentar contém o gérmen do triunfo da revolução proletária”⁷⁴⁸, proclamara Marx, enquanto Sorel falara na “transformação antimarxista que sofreu o socialismo contemporâneo”⁷⁴⁹ a partir do momento em que, influenciados por Bernstein ou mesmo antecedendo-o na prática, os partidos socialistas tradicionais de vários países trocaram a revolução pelo parlamentarismo e o antiliberalismo pela aliança com o capitalismo, o que levava o teórico marxista francês a acusar os socialistas reformistas oficiais de “cobardia e hipocrisia por se apresentarem como “protetores da burguesia contra a violência proletária”⁷⁵⁰ e de “fazer crer aos operários que carregam a bandeira da revolução”⁷⁵¹, quando na verdade estavam em conluio com a burguesia. O próprio Lenine declarara que “o parlamentarismo é

⁷⁴⁵ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1970, p.387/388.

⁷⁴⁶ Benito Mussolini, “Al popolo di Roma”, 28 de outubro de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.172.

⁷⁴⁷ Benito Mussolini, “XXIV Maggio a Genova”, 24 de maio de 1926, *idem*.

⁷⁴⁸ Karl Marx, *op. cit.*, 2016, p.116.

⁷⁴⁹ Georges Sorel, *op. cit.*, 2016, p.93.

⁷⁵⁰ *Idem*, p.118.

⁷⁵¹ *Ibidem*, p.85.

‘historicamente obsoleto’ do ponto de vista da *história mundial*”⁷⁵² (itálico no original) e que o recurso a ele era meramente tático, pois “a missão histórica dos soviéticos” era de “o coveiro”⁷⁵³ do regime parlamentar.

Como socialistas que eram, os intelectuais que criaram o fascismo aderiam ao argumento marxista de que a soberania popular do voto não passava de uma ilusão manipulada pelo grande capital. “Os regimes democráticos podem ser definidos como aqueles que, de quando em quando, dão ao povo a ilusão de ser soberano, quando a verdadeira soberania efetiva está noutras forças por vezes irresponsáveis e secretas”, escreveram Mussolini e Gentile, para quem “a democracia é um regime sem rei mas com muitíssimos reis se calhar mais exclusivos, tirânicos e destrutivos que um só tirano”⁷⁵⁴. Outros ideólogos fascistas insistiram neste ponto. “O corporativismo demonstra que o sufrágio não pode exprimir a vontade de um povo pois reduz-se à violência da maioria numérica e indiferente, a qual é facilmente manipulada por uma minoria hábil e sem escrúpulos”⁷⁵⁵, defendeu Ugo Spirito, descrevendo a minoria manipuladora como a “da sociedade anónima, do cartel, do *trust*”⁷⁵⁶. A única liberdade que o proletariado tinha na democracia, defendeu o economista fascista Giuseppe Solaro, era “a ‘liberdade’ de morrer de fome ou de viver como um escravo”⁷⁵⁷. Ou seja, os ideólogos do fascismo usavam abertamente o argumento marxista de que nas democracias parecia que era o povo quem mandava, mas na verdade era o capital e os capitalistas, os oligarcas do capitalismo liberal.

As duas principais revisões do marxismo criaram assim três correntes diferentes e rivais. Os socialistas que em Itália seguiram a revisão de Bernstein e aceitaram a democracia parlamentar passaram a ser descritos como socialistas reformistas, enquanto os que seguiam o revisionismo soreliano eram revolucionários e consequentemente comunistas. Reformistas e uma parte dos revolucionários comunistas mantiveram-se juntos no partido marxista oficial, o Partido Socialista Italiano, até 1921, pelo que ambos aparecem amiúde descritos como socialistas oficiais. Já os

⁷⁵² Vladimir Lenine, “*Left-Wing*” *Communism, an Infantile Disorder*, Foreign Languages Press, Pequim, 1970, p.39.

⁷⁵³ *Idem*, p.76.

⁷⁵⁴ Benito Mussolini e Giovanni Gentile, *op. cit.*, 1935, p.9.

⁷⁵⁵ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1970, p.83.

⁷⁵⁶ *Idem*, p.371.

⁷⁵⁷ Giuseppe Solaro, “Distribuzione della ricchezza”, *Il Lambello*, 10 de outubro de 1940, in Giuseppe Solaro, *op. cit.*, 2016, p.11.

revolucionários comunistas que optaram por uma mistura entre os revisionismos soreliano e baueriano, acrescentando-lhe certos aspetos do revisionismo bernsteiniano, passaram a ser conhecidos por socialistas revolucionários ligados ao sindicalismo revolucionário. Foram estes que, quando a Grande Guerra eclodiu, se assumiram como intervencionistas, ou defensores da entrada da Itália no conflito. Entre eles estava o nome maior do socialismo italiano, um homem oriundo da ala revolucionária comunista.

Benito Mussolini.

A crença deste destacado dirigente marxista italiano na revolução era inequívoca. “Que coisa nos distingue, nós revolucionários, dos reformistas?”, perguntou Mussolini, para logo responder: “eles acham que a reforma é uma antecipação do socialismo, eu creio pelo contrário que a reforma não passa de um prolongamento da sociedade burguesa”⁷⁵⁸. Esta posição de Mussolini estava plenamente de acordo com a doutrina marxista original, pois convém recordar que Marx avisara que o socialismo reformista não passava de um “socialismo burguês”⁷⁵⁹ que conduzia à utopia de que era possível melhorar assim a sociedade, “uma utopia que se transforma num crime”⁷⁶⁰. Inspirado nestas palavras do fundador do marxismo, também Sorel avisara que “toda a tentativa de imitar a democracia”, que descrevera como “as formas políticas da burguesia”, constituía “o grande perigo”⁷⁶¹ que ameaçava o socialismo, alertas escutados atentamente pelos marxistas revolucionários italianos que criaram o fascismo.

Além de não quererem correr esse risco de cedência à burguesia através da prática de um socialismo reformista que Marx descrevera como burguês, Mussolini e os seus seguidores achavam também que os deputados não passavam de burgueses decadentes que se limitavam a gerir os interesses ocultos do capitalismo enquanto o país definhava e se tornava um brinquedo nas mãos das grandes nações industrializadas. Para eles, a proposta de Bernstein de aliar o socialismo ao parlamentarismo liberal era de tal modo inaceitável que o ideólogo fascista Sergio Panunzio queixou-se do “revisionismo de direita de Bernstein”, ao mesmo tempo que elogiava Sorel,

⁷⁵⁸ Benito Mussolini, “Il valore storico del socialismo”, *Avanti!*, 15 de fevereiro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.78.

⁷⁵⁹ Karl Marx, *op. cit.*, 1972, p.125.

⁷⁶⁰ *Idem*, p.58.

⁷⁶¹ Georges Sorel, *op. cit.*, 2016, p.225.

que descreveu como “o grande conhecedor”⁷⁶². Isto porque, como o esquadrista fascista Mario Carli havia observado, “o liberalismo, movimento requintadamente de direita, colocou-se à direita do fascismo, movimento originário da esquerda”⁷⁶³. Vemos portanto aqui os fascistas Panunzio e Carli a colocarem o fascismo *à esquerda* do liberalismo e da social-democracia de Bernstein.

Por outro lado, os marxistas que criaram o fascismo nunca esqueciam que a situação que a Itália vivia não estava adequadamente prevista na doutrina marxista original. Marx e Engels haviam concebido uma teoria revolucionária para economias desenvolvidas e tinham dito pouco ou nada sobre as economias subdesenvolvidas como a italiana cujo desenvolvimento era obstaculizado pelos países capitalistas desenvolvidos, as nações dominantes como a Inglaterra e os Estados Unidos.

Os socialistas intervencionistas italianos concluíram que, em vez de desencadear uma revolução do proletariado que a teoria marxista dizia ser prematura numa economia primitiva, ou em vez de se renderem à democracia parlamentar liberal que só faria o jogo dos países capitalistas que estrangulavam o desenvolvimento de Itália, tinham de encontrar uma nova solução, uma variante socialista para países subdesenvolvidos que envolvesse ação, coordenação e um poder central forte que tivesse um plano de desenvolvimento económico e que canalizasse recursos para o concretizar. Acontece que o influente economista Friedrich List, que estudara a industrialização e o desenvolvimento económico das nações, já havia previsto períodos de autoritarismo antiliberal para instituir a ordem e o progresso num país em dificuldades de crescimento, enquanto o marxista Georges Sorel falara na necessidade de usar a violência, galvanizar as pessoas com mitos e entregar o poder a uma elite iluminada que guiasse as massas corrompidas pelo capitalismo.

Essas ideias foram retomadas pelos socialistas intervencionistas italianos na sua concepção de um socialismo realista para países subdesenvolvidos. “Os reformistas (...) estão dispostos a reunir-se até com grupos de burgueses”⁷⁶⁴, acusou Mussolini quando ainda se encontrava no Partido Socialista, citando

⁷⁶² Sergio Panunzio, *Teoria generale dello stato fascista*, 2ª edição, CEDAM, Pádua, 1939, p.2.

⁷⁶³ Mario Carli, *Fascismo intransigente*, Società Editrice Barbarossa, Milão, 2007, p.195.

⁷⁶⁴ Benito Mussolini, “Il valore storico del socialismo”, *Avanti!*, 15 de fevereiro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.78.

Sorel quase literalmente. “A multidão (...) precisa de uma grande causa”, acrescentou, sempre a copiar Sorel, para concluir que “a massa é quantidade, é inércia”⁷⁶⁵ e que era preciso instituir “uma minoria suficientemente numerosa, suficientemente consciente, suficientemente audaz”, pois “a enorme massa seguiu-la-á.”⁷⁶⁶

Seria assim necessário criar pela ditadura uma vanguarda que assumisse o poder central e despertasse e coordenasse o povo no desafio do desenvolvimento. E o que é um ditador e a sua clique se não uma vanguarda iluminada capaz de guiar as massas? “O regime fascista é, com a sua legislação social, a vanguarda de toda a nação”⁷⁶⁷, proclamou Mussolini, usando deliberadamente a palavra “vanguarda”, uma expressão leninista de origem soreliana, embora os fascistas preferissem em geral a expressão *gerarchia*, “hierarquia”. Esta noção de raiz marxista revisionista está também presente na forma como o *Duce* encarava os camisas negras, a quem chamou “a guarda armada da revolução”⁷⁶⁸. A vanguarda guiaria a classe trabalhadora até a transformar, ela própria, numa vanguarda. “O fascismo quer que na pátria renovada, redimida, o trabalho ocupe a primeira posição, e que os trabalhadores sejam a vanguarda”⁷⁶⁹, preconizou o *Duce*.

Mas seria preciso mais do que uma ditadura esclarecida que materializasse a tal vanguarda iluminada e arrastasse os proletários com ela. Havia que encontrar e promover um desígnio galvanizador. Para mobilizar as pessoas teria de se recorrer a uma nova ideia congregadora, um conceito inovador capaz de as entusiasmar, um novo mito que conseguisse uni-las.

Foi o marxista austro-húngaro Otto Bauer quem o forneceu quando observou que o sentimento nacional parecia mais poderoso do que o sentimento de classe. As observações de Bauer, que já tinham sido precedidas pela afirmação de Bernstein de que “o trabalhador (...) tem uma pátria”⁷⁷⁰, foram retomadas em Itália por Roberto Michels, que propôs um novo mito soreliano para galvanizar as massas para a revolução.

O mito da nação.

⁷⁶⁵ *Idem*, p.80.

⁷⁶⁶ *Ibidem*, p.81.

⁷⁶⁷ Benito Mussolini, “Al Congresso dei sindacalisti fascisti”, 7 de maio de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.173.

⁷⁶⁸ Benito Mussolini, “Per quale dei due re giuraste?”, 6 de outubro de 1943, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.121.

⁷⁶⁹ Benito Mussolini, “Leonida Bissolati”, 29 de outubro de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, outubro de 1983, p.22.

⁷⁷⁰ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.170.

O nacionalismo como socialismo revolucionário

Os socialistas revolucionários italianos, que já tinham acompanhado o grande debate do socialismo francês, leram Sorel, leram Bauer, leram Michels, leram Bernstein e ficaram a pensar nas palavras de todos estes revisionistas marxistas. A ideia foi fazendo o seu caminho e ganhou força quando da guerra ítalo-otomana pela Tripolitânia. Mussolini opôs-se ferozmente a essa guerra, mantendo-se ainda fiel à ortodoxia internacionalista do marxismo, mas alguns dos seus camaradas marxistas que com ele iriam fazer o fascismo, como Angelo Oliviero Olivetti, ficaram admirados por ver os operários italianos a exultarem com as vitórias militares de Itália. Seria possível que os revisionistas tivessem afinal razão? Teriam os trabalhadores mesmo uma pátria, como afirmara Bernstein? Seria o sentimento nacional realmente mais poderoso do que o sentimento de classe, como defenderam Bauer e Michels? Poderia o nacionalismo ser um mito galvanizador das massas para a revolução socialista? A semente da dúvida estava plantada.

No dealbar na Grande Guerra, a questão emergiu à tona do grande debate que se instalou entre os socialistas em Itália. A posição inicial dos revolucionários italianos em relação à grande conflagração europeia foi de neutralidade, sob o argumento de que o proletariado não tinha de derramar sangue por uma guerra da burguesia, mas a invasão alemã da Bélgica e os relatos de atrocidades alemãs, produto da bem oleada máquina de propaganda franco-britânica, não deixou os comunistas italianos indiferentes. No meio de um clima cada vez mais emocional, grandes revolucionários europeus, como Amilcare Cipriani, Gustave Hervé e Pyotr Kropotkin, lançaram de Paris lancinantes apelos à luta revolucionária contra o militarismo germânico.

Com um ambiente turvado e de crescente desconforto em Itália, um chefe dos sindicalistas revolucionários, Alceste de Ambris, decidiu que era hora de tomar uma posição. Num discurso onde argumentou que “o pacifismo burguês e o internacionalismo socialista declararam agora a bancarrota”, este importante revolucionário italiano sustentou que os socialistas de Itália não podiam permitir o triunfo do militarismo germânico e tinham de ajudar a “libertar o mundo dos pesados detritos que sobreviveram da era

medieval”⁷⁷¹. Era na verdade um apelo à entrada do país na guerra contra as potências centrais, a Alemanha e o Império Austro-Húngaro. O discurso foi um catalisador para a ação. Filippo Corridoni afirmou em privado estar de acordo com De Ambris, considerando a guerra “um dever nacional e revolucionário”⁷⁷², e em público invocou o espírito da Comuna de Paris para declarar que “a neutralidade é para os castrados.”⁷⁷³

O socialismo italiano dividiu-se. O Partido Socialista Italiano mantinha uma linha de neutralidade, mas muitos revolucionários, encabeçados por De Ambris e Corridoni, advogaram a intervenção da Itália ao lado da França, a pátria republicana e libertária da grande Revolução Francesa, e contra as potências centrais, que consideravam monarquias militaristas e reacionárias. Até destacados anarquistas italianos, como Mario Gioda, Maria Rygier, Oberdan Gigli, Massimo Rocca, Edoardo Malusardi e tantos outros, apelaram à intervenção italiana ao lado da França revolucionária.

Como a Itália permanecia neutral e o PSI secundava essa neutralidade, muitos destes socialistas rebelaram-se contra a linha oficial do partido, acusando-o de alinhar pela posição burguesa do governo italiano, e fundaram em 1914 os primeiros Fasci di Azione Rivoluzionaria. O nome *fasci*, feixes, havia sido cunhado na Roma Antiga e foi central na iconografia da Revolução Francesa e mais tarde no socialismo rural siciliano da década de 1890, com os Fasci siciliani dei lavoratori. A ideia era que, tal como os dedos num punho socialista fechado, as espigas de trigo podiam ser frágeis quando isoladas, mas revelavam-se inquebráveis sempre que unidas num feixe.

Ao usar a velha expressão romana e socialista do sul do país, *fasci*, símbolo também revolucionário francês, os socialistas intervencionistas italianos sinalizavam que continuavam a ser socialistas, sim, mas socialistas não alinhados com os socialistas oficiais de Itália, antes socialistas de tradição revolucionária e popular italiana. “A classe não está contra, mas dentro da nação” e “a questão social não é uma questão internacional, mas antes a máxima questão nacional”⁷⁷⁴, proclamou Angelo Oliviero Olivetti, o

⁷⁷¹ Francesco Lamendola, “La svolta di De Ambris per la guerra del 1914 è la chiave per comprendere quella di Mussolini”, 14 de março de 2012, www.ariannaeditrice.it

⁷⁷² Giovanni Facchini, “Filippo Corridoni sindacalista rivoluzionario”, Centro Studi La Runa, 6 de novembro de 2015, www.centrostudilaruna.it

⁷⁷³ Amedeo Ciotti, *1914-1918 Perché quella guerra – L’Italia nel conflitto*, Armando Editore, Roma, 2015, p.92.

⁷⁷⁴ Marco Masulli, “Il rapporto tra il sindacalismo rivoluzionario e le origini del fascismo: appunti di lavoro”, *Diacronie – Studi di Storia Contemporanea*, nº17, Volume 1, 2014, p.11.

ideólogo marxista que fundou o fascismo e que iria teorizar sobre o “patriotismo operário”⁷⁷⁵. A nação estava em harmonia com os interesses do proletariado, não em oposição. “Ocorreu o facto histórico mais importante e com maior significado e consequências do nosso tempo”, anunciou outro marxista na origem do fascismo, Sergio Panunzio, dizendo que tal facto histórico foi “a resolução dramática e violenta da crise interna do socialismo, a passagem do socialismo internacional, ou melhor antinacional, para o socialismo nacional que se chamará mais tarde e mais exatamente sindicalismo nacional num primeiro tempo, sindicalismo fascista num segundo tempo.”⁷⁷⁶

Um grupo radical destes socialistas revolucionários intervencionistas criou até uma revista, *La Guerra Sociale*, título evidentemente inspirado na revista *La Guerre Sociale* do socialista francês Gustave Hervé, que usava como *motto* uma frase de Garibaldi: “é inútil esperar justiça a não ser na alma de uma espingarda”⁷⁷⁷. E não se limitaram à retórica. Alguns inscreveram-se mesmo em unidades militares sérvias para combater o “militarismo” germânico, enquanto outros, vendo recusada pela França a constituição de um corpo franco de camisas vermelhas que defendessem a pátria da revolução republicana e igualitária, aceitaram integrar a Legião Estrangeira e formaram aí três batalhões de uma unidade que se passou a designar Legião Italiana.

Enquanto diretor do *Avanti!*, Mussolini manteve durante algum tempo a linha neutralista oficial do PSI. “O proletariado italiano rasgará os pactos da Tríplice se eles o constrangerem a derramar uma única gota de sangue por uma causa que não é a sua”, escreveu num artigo intitulado “Abaixo a guerra!” impresso nas páginas do órgão oficial do partido, para concluir que “só há uma atitude a ter: neutralidade absoluta”⁷⁷⁸. Perante esta posição, os socialistas intervencionistas não pouparam o PSI e acusaram o partido de sustentar um socialismo reaccionário, um socialismo acomodado e aburguesado, um socialismo cheio de retórica revolucionária mas desprovido de qualquer ação nesse sentido, um verdadeiro socialismo de

⁷⁷⁵ Luca Lezzi, “‘Angelo Oliviero Olivetti’: ritratto di un sindacalista integrale’, *Oltre la Linea*, 27 de dezembro de 2019, www.oltrelalineanews.

⁷⁷⁶ James Gregor, *Sergio Panunzio – Il sindacalismo ed il fondamento razionale del fascismo*, Biblioteca del Covo, 2014, p.218.

⁷⁷⁷ Giuseppe Garibaldi, *Epistolario – Con documenti e lettere inediti*, Volume 1, Alfredo Brigola e Comp, Milão, 1885, p.240.

⁷⁷⁸ Benito Mussolini, “Abaixo la guerra!”, *Avanti!*, 26 de julho de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.288.

pacotilha. Para eles urgia entrar na guerra para defender a liberdade, o progresso e a revolução que as potências centrais, militaristas e reacionárias, ameaçavam.

Embora em público defendesse a neutralidade, em consonância com a linha oficial do partido, em privado Mussolini não escondia as suas crescentes dúvidas e perplexidades. O grande chefe comunista mostrava-se taciturno e era frequentemente avistado em monólogo consigo mesmo. Corridoni escreveu ao irmão a confidenciar que Mussolini concordava com a necessidade de apoiar a guerra revolucionária, mas não o dizia por recear a reação dos seus camaradas de partido. Foi um dos anarquistas intervencionistas mais ativos, Massimo Rocca, que se mantinha em contacto com o diretor do *Avanti!* e insistia junto dele sobre a necessidade de os socialistas italianos ajudarem a travar o militarismo germânico, que aparentemente o convenceu. Se a Alemanha reacionária ganhasse, argumentavam os socialistas intervencionistas, a revolução socialista estava condenada. Num artigo publicado no *La Voce*, Rocca e Lombardo Radice pediram a Mussolini que tivesse coragem, assumisse as suas convicções e se juntasse à causa revolucionária dos socialistas intervencionistas.

Foi o clique final. O diretor do *Avanti!*, que não só conhecia bem a doutrina original marxista e o debate revisionista que grassava no marxismo europeu como testemunhara o nacionalismo do proletariado italiano durante a recente guerra pela Tripolitânia e via a generalidade do socialismo europeu a abraçar as causas nacionais, atravessou o Rubicão da disciplina partidária e do dogma do internacionalismo, e no jornal do partido expressou pela primeira vez em público as suas dúvidas sobre a posição oficial do PSI. “O problema nacional também existe para os socialistas”⁷⁷⁹, constatou ele, lembrando a existência na Polónia de um partido socialista revolucionário nacionalista. O problema é que, quando a Primeira Guerra Mundial eclodiu, a generalidade dos marxistas europeus havia de facto repudiado na prática o internacionalismo ao apoiar as suas nações no conflito, o que confirmava a tese do marxista Eduard Bernstein de que, dissesse *O Manifesto Comunista* o que dissesse, os trabalhadores sentiam que tinham de facto uma pátria, e do marxista Otto Bauer de que, quer se quisesse quer não, o sentimento nacionalista era mais poderoso do que o sentimento de classe.

⁷⁷⁹ Benito Mussolini, “Dalla neutralità assoluta alla neutralità attiva ed operante”, *Avanti!*, 18 de outubro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.400.

Mussolini tirou enfim as devidas ilações. “Nós socialistas nunca examinámos o problema das nações”⁷⁸⁰, observou ele ainda nas páginas do *Avanti!*, dizendo que “temos de ver se não é possível encontrar maneira de conciliar a nação, que é uma realidade histórica, e a classe, que é uma realidade viva”, pois “a nação representa uma etapa do progresso humano que não foi ainda superada”. Este foi um ponto em que o *Duce* bateu com insistência quando o internacionalismo da Segunda Internacional foi na prática renegado na Grande Guerra pelos marxistas alemães, franceses e britânicos no momento em que apoiaram os seus países no conflito. “Seguindo a inexorável ‘lógica’ pura dos princípios, a atitude dos socialistas franceses e alemães é incompreensível e injustificável (não gritou Karl Marx: ‘Proletários de todos os países, uni-vos’?)”⁷⁸¹ (parênteses no original), questionou logo que a guerra rebentou, para concluir que o ato dos marxistas franceses, britânicos e germânicos significava que “a Internacional Socialista morreu.”⁷⁸²

Interrogado por Emil Ludwig em 1932 sobre o que teria acontecido se os comunistas europeus tivessem mantido o internacionalismo quando a Grande Guerra eclodiu, Mussolini não hesitou em afirmar que “se os socialistas franceses e alemães tivessem seguido tal linha, tudo teria sido diferente”⁷⁸³. Mas tendo os comunistas europeus alinhado pelas posições bélicas nacionais, o internacionalismo perdera toda a sua credibilidade doutrinária. “Tínhamos a ilusão de que era possível realizar o sonho da internacional entre os povos; mas enquanto nós acreditávamos sinceramente nessa bela quimera, na Alemanha os ‘internacionalistas’ declaravam-se – com Bebel à cabeça – primeiro alemães e depois socialistas”⁷⁸⁴, queixou-se Mussolini em 1917, revelando que “nos congressos internacionais os alemães recusavam sempre envolver-se com os socialistas dos outros países em ações decisivas, sob o pretexto conveniente de que a constituição do seu

⁷⁸⁰ Benito Mussolini, “La situazione internazionale e l’atteggiamento del partito”, *Avanti!* e *Corriere della Sera*, 11 de novembro de 1914, in Benito Mussolini, *idem*, p.427.

⁷⁸¹ Benito Mussolini, “Al nostro posto!”, *Avanti!*, 16 de agosto de 1914, *ibidem*, p.331.

⁷⁸² Benito Mussolini, “Note di guerra”, *Utopia*, 15 de agosto – 1 de setembro de 1914, *ibidem*, p.320.

⁷⁸³ Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.82.

⁷⁸⁴ Benito Mussolini, “Produrre per vincere”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de dezembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.98/99.

país não consentia, sem colocar em risco a sua organização, que estabelecessem acordos internacionalistas.”⁷⁸⁵

A máscara internacionalista havia caído, mostrando o verdadeiro rosto do socialismo – e esse rosto era afinal nacionalista. “O socialismo internacionalista é uma arma alemã”, considerou, avisando que “o socialismo, depois de ter ensinado aos proletários de todos os países, excepto os alemães, que a pátria pertencia aos ‘senhores’ e não deveriam defendê-la, ensina hoje que quando se trata da Alemanha não se defende a pátria, mas a pátria dos operários. *Deutschland über alles; über sozialismus*”⁷⁸⁶. Vendo os socialistas alemães optarem pela causa nacional e os restantes socialistas europeus fazerem o mesmo, uma parte dos comunistas italianos concluiu que não valia a pena prosseguir pelo caminho internacionalista uma vez que este desembocara num beco sem saída, um mero chavão papagueado pelos socialistas nos tempos fáceis mas que se revelava vazio quando as verdadeiras dificuldades apareciam. “Naquele tempo eu tentava demonstrar que a fase internacionalista do socialismo havia entrado em colapso, e tinha sido a guerra a provocá-lo”⁷⁸⁷, explicou o chefe do fascismo numa série de outras entrevistas que deu ao jornalista e escritor Yvon de Begnac entre 1934 e 1943 e que ele próprio reviu.

Morto na prática o internacionalismo socialista, ao socialismo só restava o nacionalismo que os socialistas europeus pelos seus atos abraçavam. “O sentimento de nacionalidade existe, não se pode negar!”⁷⁸⁸, constatou Mussolini em 1914, ecoando Bernstein e Bauer para perguntar: “os operários agregados na Internacional tocavam os seis ou sete milhões, e destes quantos eram aqueles que tinham verdadeiramente uma consciência internacionalista?”⁷⁸⁹ O internacionalismo, concluiu, não passava de retórica de salão, pois os acontecimentos demonstravam ter ocorrido uma “mudança

⁷⁸⁵ *Idem*, p.99.

⁷⁸⁶ Benito Mussolini, “Divagazione”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de março de 1918, *ibidem*, p.359.

⁷⁸⁷ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.9.

⁷⁸⁸ Benito Mussolini, “La situazione internazionale e l’atteggiamento del partito”, *Avanti!* e *Corriere della Sera*, 11 de novembro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.428.

⁷⁸⁹ Benito Mussolini, “Note di guerra”, *Utopia*, 15 de agosto – 1 de setembro de 1914, *idem*, p.321.

absoluta do socialismo do ciclo da abstração universalista para o terreno sólido da realidade nacional.”⁷⁹⁰

A esse propósito, Mussolini pôs-se a reler as palavras patrióticas dos grandes socialistas franceses. “As páginas que Jaurès dedicou ao exame das relações entre o socialismo, o proletariado e a Pátria são certamente das mais belas”⁷⁹¹, considerou, ao mesmo tempo que lembrava que “Proudhon era ‘furiosamente francês’”⁷⁹². O mesmo sentimento nacionalista percorria os socialistas alemães. O futuro *Duce* do fascismo argumentou que “o velho antipatriotismo é coisa passada e os próprios guias do socialismo, Marx e Engels, escreveram a propósito do patriotismo páginas que vos escandalizariam!”⁷⁹³, o que o levou a designar Marx como um “velho pangermanista”⁷⁹⁴. Afirmações fundadas, e que o levaram a concluir que “os postulados fundamentais do socialismo não conduzem à renegação da pátria”⁷⁹⁵. Foi por isso que, nas suas palavras, “pus-me – marxisticamente – a colocar a hipótese de uma intervenção italiana na guerra europeia de um ponto de vista nacional.”⁷⁹⁶

A falência do modelo internacionalista do socialismo constituiu o problema mais importante que conduziu um grande grupo de socialistas italianos ao nacionalismo, mas foi um outro elemento doutrinário do marxismo que os levou a advogar a entrada da Itália no grande conflito europeu: o uso da guerra para desencadear a revolução socialista. Este era um segundo ponto central na discussão que em 1914 se instalou entre os socialistas italianos, muitos deles bem familiarizados com o que Marx e Engels haviam teorizado sobre o assunto, em particular o papel da violência como parteira da revolução. Falando numa guerra de classes “que se transforma numa guerra mundial em que as nações se confrontam umas às

⁷⁹⁰ Benito Mussolini, “Dopo quattro anni”, *Il Popolo d'Italia*, 12 de maio de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.55.

⁷⁹¹ Benito Mussolini, “‘L’armée nouvelle’”, *Il Popolo d'Italia*, 31 de julho de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VIII, 1953, p.124.

⁷⁹² *Idem*, p.125.

⁷⁹³ Benito Mussolini, “La situazione internazionale e l’atteggiamento del partito”, *Avanti!* e *Corriere della Sera*, 11 de novembro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.428.

⁷⁹⁴ Benito Mussolini, “L’Italia nel gennaio del 1915”, 25 de janeiro de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.9.

⁷⁹⁵ Benito Mussolini, “Il partito del ‘ni’”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de fevereiro de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, abril de 1983, p.110.

⁷⁹⁶ Benito Mussolini, “La neutralità socialista”, *Corriere della Sera*, 25 de outubro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.421.

outras”, Marx dissera que “a solução apenas aparece no momento em que, através da guerra mundial, o proletariado assume a chefia do povo que domina o mercado mundial”⁷⁹⁷, enquanto Engels descrevera a revolução do proletariado como “a mais sangrenta guerra de sempre.”⁷⁹⁸

Ora Mussolini conhecia bem esta fé de Marx e Engels no papel revolucionário da violência e da guerra. “Karl Marx, agente pangermanista, nunca se declarou contrário à guerra”, observou, ao explicar o raciocínio que o levava a defender a entrada da Itália na grande guerra europeia. “Os analfabetos cretinos que em Itália – para consolo das multidões – monopolizam o socialismo (...) nunca leram Karl Marx; se o leram, não o compreenderam. Karl Marx era frequente e entusiasticamente um fanático proponente da guerra. Ele encarava a guerra de uma forma pragmática: isto é, independentemente das consequências boas e más da guerra, o que lhe interessava é que ela conduzisse à revolução social”⁷⁹⁹. Mussolini sublinhou que a visão de um Marx pacifista não passava de uma fantasia de socialistas que “não leram Marx nem mesmo nos títulos dos seus livros”, pois tornava-se claro que “para os socialistas italianos Marx aparece à distância como um misterioso poeta que enunciou a virtude universal”⁸⁰⁰. Acontece que o autor de *O Capital* não era nenhuma pomba da paz. “Karl Marx nunca foi *a priori* contrário à guerra”, insistiu Mussolini. “Não era um humanitário. Ridicularizava o humanitarismo, isso era nele um traço da crueldade prussiana”⁸⁰¹, acrescentou, para concluir: “perante a guerra, a posição mental e política de Marx era esta: se a guerra pode acelerar o processo de reforma e libertar o proletariado alemão em primeiro lugar e o proletariado em geral, Karl Marx *não só aprova como exalta e defende a guerra*”⁸⁰² (itálico no original).

Daí que muitos socialistas italianos vissem no conflito que acabara de ser desencadeado uma oportunidade de ouro que não podia ser desperdiçada. “Está aqui a guerra e a revolução libertadora”, proclamou Oberdan Gigli na primeira página de *La Guerra Sociale* em defesa da entrada de Itália na grande conflagração mundial. “Queremos (...) que todos os nossos esforços

⁷⁹⁷ Karl Marx, *op. cit.*, 1972, p.113/114.

⁷⁹⁸ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2009, p.300.

⁷⁹⁹ Benito Mussolini, “Marx e... Hindenburg”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de agosto de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VIII, 1953, p.288.

⁸⁰⁰ Benito Mussolini, “Divagazioni pel centenário”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de maio de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.44.

⁸⁰¹ *Idem*, p.45.

⁸⁰² *Ibidem*, p.45/46.

sejam dedicados a preparar as bases históricas da revolução proletária”⁸⁰³. Até nas páginas da *Utopia* e do *Avanti!* apareceram apelos semelhantes. “*Estou firmemente convencido de que só da atual guerra, sobretudo se ela for aguda e prolongada, emergirá revolucionariamente o socialismo na Europa*”⁸⁰⁴ (itálico no original), escreveu Sergio Panunzio, avisando que “*quem apoia a causa da paz apoia inconscientemente a causa da manutenção do capitalismo*”⁸⁰⁵ (itálico no original). Muito importante, à luz do princípio enunciado por Marx e Engels de que a violência era a “parteira”⁸⁰⁶ da revolução socialista, Mussolini acusaria em 1919 o PSI de ter tido uma atitude “nitidamente anti-marxista.”⁸⁰⁷

Por fim, havia ainda a questão mais imediata de que urgia defender da ameaça dos impérios centrais reacionários a “França revolucionária”⁸⁰⁸, “a França que na comuna fez a primeira tentativa de realização socialista”⁸⁰⁹, a “França da revolução francesa”⁸¹⁰ e dos grandes socialistas “Fourier, S. Simon, Proudhon, Malon e muitos outros” que “enriqueceram o patrimônio da literatura socialista mundial”, pois “como socialistas reconhecemo-nos e sentimo-nos próximos do socialismo francês” que “é menos científico do que o alemão mas é mais humano”⁸¹¹. Perante o colapso do internacionalismo socialista, havia que tomar partido. “A guerra – até pela atitude de perfeita lealdade germânica observada por *todos* os socialistas alemães, incluindo Liebknecht – determinou uma crise mortal no socialismo europeu” (itálico no original), observou Mussolini em 1918, dirigindo-se ao líder histórico do PSI, Filippo Turati, com estas palavras: “e tu, Turati, não foste imune a isto. A um dado momento tu sentiste que no seu aspeto limitadamente nacional, de liberdade e reivindicação nacional, a guerra das nações ocidentais era uma guerra de defesa e uma guerra de justiça. O enorme perigo do militarismo

⁸⁰³ Alessandro Luparini, *Anarchici di Mussolini – Dalla sinistra al fascismo tra rivoluzione e revisionismo*, M. I. R. Edizione, Montespertoli, 2001, p.52.

⁸⁰⁴ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1965, p.245.

⁸⁰⁵ *Idem*, p.246.

⁸⁰⁶ Karl Marx, *op. cit.*, 2013, p.526.

⁸⁰⁷ Benito Mussolini, “Due sogni: due imperi”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de fevereiro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.200.

⁸⁰⁸ Benito Mussolini, “Francia e Italia”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de julho de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.198.

⁸⁰⁹ *Idem*, p.199.

⁸¹⁰ Benito Mussolini, “XIV luglio”, *Il Lavoro di Genova*, 15 de julho de 1918, *ibidem*, p.204.

⁸¹¹ Benito Mussolini, “Francia e Italia”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de julho de 1918, *ibidem*, p.199.

alemão – perigo que hoje se desenha na sua pavorosa imensidão e imediatividade – não te deixava indiferente. (...) Mas permaneceste ausente. Erraste.”⁸¹²

O novo posicionamento valeu a Mussolini a expulsão do PSI. A partir desse momento, os seus *compagnons de route* na construção de um novo tipo de socialismo seriam os socialistas revolucionários intervencionistas italianos, para quem a reação nacionalista dos socialistas europeus perante o início da guerra matara o internacionalismo e era preciso a Itália intervir no conflito para que, nos termos da teoria marxista, se desencadeasse a grande revolução socialista. “O socialismo não é necessariamente internacionalista”⁸¹³, proclamou Mussolini. Além disso, nenhum dos socialistas intervencionistas ignorava que o próprio socialismo italiano tinha tradições nacionalistas que remontavam a Mazzini e Garibaldi, os homens que unificaram a nação. “O socialismo”, disse Mussolini a De Bagnac, “tem uma linha italiana, nacional e libertária”⁸¹⁴, enquanto a Ludwig recordou que “aqui em Itália o socialismo foi um fator unificador”, uma vez que “os socialistas de Itália sempre advogaram uma ideia e uma nação.”⁸¹⁵

Para os socialistas que criaram o fascismo, nacionalismo e socialismo tornaram-se assim sinónimos. “No princípio a palavra nacionalismo horrorizava os próprios fascistas”, observou o fascista Vincenzo Fani Ciotti em 1924. “Por isso começou a falar-se no sindicalismo nacional. Depois disse-se nacionalismo, sim, mas revolucionário. Por fim chegou-se ao nacional-fascismo, a unidade”⁸¹⁶. Note-se que nestas palavras vemos Fani Ciotti a separar nacionalismo de fascismo como se o fascismo não fosse originalmente nacionalista, apenas socialista, pelo que quando este ideólogo fascista fala em nacional-fascismo está na verdade a falar em nacional-socialismo. De resto, também o futurista fascista Mario Carli falara na fusão de “o nacionalismo e o fascismo”⁸¹⁷ e Mussolini se referira à “fé nacional-

⁸¹² Benito Mussolini, “Nel terzo tempo – Vorrei parlare com Turati...”, *Il Popolo d'Italia*, 12 de março de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.378.

⁸¹³ Benito Mussolini, “Dopo quattro anni”, *Il Popolo d'Italia*, 12 de maio de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.55.

⁸¹⁴ Yvon de Bagnac, *op. cit.*, 1990, p.9.

⁸¹⁵ Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.82.

⁸¹⁶ Vincenzo Fani Ciotti, “Programma della destra fascista”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004, p.167.

⁸¹⁷ Mario Carli, *op. cit.*, 2007, p.56.

fascista”⁸¹⁸ sempre como se o nacionalismo não fizesse parte integrante do fascismo original, sempre como se o fascismo fosse na sua origem unicamente socialista e só mais tarde se tivesse tornado igualmente nacionalista. “Os fascistas”, sublinhou o *Duce*, reforçando essa ideia, “não podem ser confundidos com os nacionalistas”⁸¹⁹. O que os separava era o socialismo que os fascistas perfilhavam e os nacionalistas não.

Os socialistas que deram origem ao fascismo concluíram que as pessoas só seriam capazes de se unir e cooperar num empreendimento e até de se sacrificarem por um bem comum se estivessem associadas numa causa conjunta em que realmente acreditassem. Acontece que ninguém parecia disposto a sacrificar-se em nome da sua classe e muito menos em nome de um conceito abstrato e quase ininteligível como o materialismo histórico. Era preciso um mito mais aglutinador do que a luta de classes ou a greve geral, um mito que fosse capaz de criar afinidades entre as pessoas, um mito que pudesse fortalecer os laços de solidariedade numa comunidade dividida.

Não estavam as pessoas naturalmente organizadas em comunidades com interesses económicos, culturais e sentimentais comuns e não era a pátria a comunidade das comunidades? Não havia o mártir republicano Carlo Pisacane defendido um socialismo patriótico? Não tinham os revolucionários da Comuna de Paris, tão enaltecidos por Marx por terem levado a cabo uma “revolução proletária”⁸²⁰, sido socialistas nacionalistas que enfrentaram o invasor alemão? Num país subdesenvolvido como a Itália, era preciso unir pessoas com interesses divergentes numa causa que a todos fosse comum, e que mito mais podia unificar os italianos que o mito da pátria?

O marxista Georges Sorel dissera sobre os mitos que “pode acontecer que nada do que eles encerram se produza”⁸²¹, palavras que foram repetidas por Mussolini. “O mito é uma fé, é uma paixão”, preconizou o *Duce*, retomando diretamente a definição soreliana dos mitos. “Não é necessário que seja uma realidade. É uma realidade no facto de que é uma inspiração, que é uma esperança, que é uma fé, que é coragem. O nosso mito é o da nação, o nosso

⁸¹⁸ Benito Mussolini, “La situazione politica interna”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983, p.23.

⁸¹⁹ Benito Mussolini, “Dopo la visita”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de abril de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.73.

⁸²⁰ Karl Marx, *op. cit.*, 2009, p.28.

⁸²¹ Georges Sorel, *op. cit.*, 2016, p.149.

mito é a grandeza da nação!”⁸²² Estava encontrado o mito que a todos galvanizaria. “Nenhum cristão, nenhum socialista caminhou para a morte em nome do cristianismo ou do socialismo”, observou Mussolini, fazendo no entanto notar que as pessoas eram capazes de morrer “pela pátria”⁸²³. Era esse o novo mito do socialismo intervencionista italiano. A pátria. A nação.

Os fascistas eram nacionalistas, não necessariamente por crerem no mito da nação, mas por acreditarem que esse mito iria agregar os italianos rumo ao socialismo. O importante não era o mito em si, era o poder que ele tinha de galvanizar as pessoas. Assim sendo, para os marxistas sorelianos que fundaram o fascismo, o nacionalismo não constituía um fim em si mesmo, mas um *instrumento* para unir o povo numa causa comum em prol do socialismo. A nação era a realidade com que tinham de trabalhar, o socialismo o objetivo para o qual trabalhavam. Esta ideia foi sintetizada por Mussolini desta maneira: “o real e o ideal: a nação e o socialismo”⁸²⁴. A nação era real, o socialismo o seu ideal.

Os socialistas revolucionários aliaram-se aos nacionalistas e concretizaram no fascismo a fusão do socialismo com o nacionalismo. “Pode considerar-se a Europa como uma nação máxima na qual as nações individuais se relacionam umas com as outras como as classes o fazem”⁸²⁵, estabeleceu o fascista Enrico Corradini, para quem “existem nações proletárias como existem classes proletárias”⁸²⁶ e também nações burguesas. “Quem não quer admitir que da mesma maneira que existem classes proletárias submetidas às classes burguesas, também existem nações proletárias que estão submetidas a outras nações que são burguesas?”⁸²⁷, perguntou este teórico fascista. Corradini nomeou a Inglaterra e a França como as nações burguesas por excelência, dizendo que elas “acumularam no seu território uma riqueza superior às suas necessidades” e transformaram-se nos “banqueiros das outras nações”⁸²⁸, sendo desse modo que as “nações

⁸²² Benito Mussolini, “Il discorso di Napoli”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de outubro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.457.

⁸²³ Benito Mussolini, “Battisti!”, *Il Popolo d'Italia*, 12 de julho de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, IX, 1952, p.44.

⁸²⁴ Benito Mussolini, “Fronza...”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de janeiro de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, abril de 1983, p.109.

⁸²⁵ Enrico Corradini, *op. cit.*, 1914, p.161.

⁸²⁶ *Idem*, p.67.

⁸²⁷ *Ibidem*, p.158.

⁸²⁸ *Ibidem*, p.161.

ricas oprimem as nações pobres”⁸²⁹. E quem eram estas? “A Itália é uma nação material e moralmente proletária”⁸³⁰, proclamou Corradini. “A Itália sempre foi a nação proletária da Europa e precisa do socialismo.”⁸³¹

As mesmas ideias foram expressas por outros ideólogos fascistas. Alfredo Rocco, por exemplo, também declarou que a Itália era “a nação proletária por excelência, sufocada no mundo da prepotência e da ganância das nações capitalistas”, que os fascistas, usando terminologia marxista típica, designavam de “plutocráticas”⁸³² ou “burguesas”⁸³³. O país estava condenado a um círculo de pobreza e submissão às grandes nações capitalistas, e a única forma de quebrar esse círculo vicioso seria usar o mito da nação para unir os italianos e assim convencê-los a embarcarem numa revolução socialista que desafiasse os países capitalistas que exploravam desavergonhadamente a proletária Itália. É neste contexto que o economista fascista Giuseppe Solaro propôs uma “nova Europa”⁸³⁴, com “a criação de um novo sistema de igualdade internacional”⁸³⁵ que envolvesse a “formação de uma comunidade plurinacional (...) sob a orientação de um organismo supranacional regulador”⁸³⁶, que designou de “Conselho corporativo europeu”, com poderes de “impor um mercado unificado”⁸³⁷ de modo a que “a Europa forme uma união económica aduaneira e monetária com câmbio de bens e serviços”⁸³⁸. Soa familiar?

O nacionalismo passou a ser equacionado ao socialismo. “Nacionalismo”, definiu Enrico Corradini, “é o socialismo da nação italiana”⁸³⁹. Esta ergueu-se como a pedra angular do pensamento fascista. “O nacionalismo é igualitário”⁸⁴⁰, sentenciou o ideólogo fascista Berto Ricci, que também falou no “nacionalismo dialético”⁸⁴¹, enquanto Mario Missiroli

⁸²⁹ *Ibidem*, p.168.

⁸³⁰ *Ibidem*, p.67.

⁸³¹ *Ibidem*, p.158.

⁸³² Alfredo Rocco, *op. cit.*, 1919, p.12.

⁸³³ Enrico Corradini, *op. cit.*, 1914, p.158.

⁸³⁴ Giuseppe Solaro, “I ricchi, le necessità dello Stato e il ‘nuovo ordine’”, *Libro e Moschetto*, 27 de junho de 1942, in Giuseppe Solaro, *op. cit.*, 2016, p.80.

⁸³⁵ *Idem*, p.77.

⁸³⁶ *Ibidem*, p.79.

⁸³⁷ Giuseppe Solaro, “Per la nuova Europa”, *Libro e Moschetto*, 4 de julho de 1942, in Giuseppe Solaro, *idem*, p.84.

⁸³⁸ *Idem*, p.85.

⁸³⁹ Enrico Corradini, *op. cit.*, 1914, p.156.

⁸⁴⁰ Berto Ricci, “Errore del nazionalismo italico”, in Berto Ricci, *La rivoluzione fascista*, Aga Editrice, Milão, 2014, p.42.

⁸⁴¹ *Idem*, p.44.

invocava a “dialética fascista”⁸⁴² e o próprio Mussolini dizia “não tendes ideia quanto somos dialéticos”⁸⁴³. Ou seja, os teóricos fascistas investiram o nacionalismo dos poderes e qualidades que faziam parte integrante da essência do pensamento marxista, o igualitarismo e a dialética, e estabeleceram uma equiparação absoluta entre nacionalismo e socialismo, como se de simples sinónimos se tratassem. “A unidade fascista”, esclareceu Ricci, “absorve e transcende os imperativos do nacionalismo e do socialismo”⁸⁴⁴. Por outras palavras, os fascistas viam o fascismo como a síntese do socialismo e do nacionalismo.

O fascismo era um socialismo nacionalista e revolucionário ainda “mais universal do que o pequeno nacionalismo, mais idealista do que o socialismo, mais heróico do que o comunismo”⁸⁴⁵, nas palavras de Mario Carli. “Quando se diz: nacionalismo, pensa-se imediatamente em espírito conservador, em imperialismo ávido e sistemático, em repressão policial, em militarismo, em aristocracia abrasonada, em clericalismo. Ideias de mãos dadas a separar brutalmente”, observou por seu turno Marinetti, o fascista futurista elogiado por Lenine. “Quando se diz: revolução, pensa-se imediatamente em antipatriotismo, em internacionalismo e em pacifismo. Ideias de mãos dadas a separar brutalmente. (...) Quando se fala em justiça, em igualdade, em liberdade, nos direitos do proletariado e do camponês e da luta contra o parasitismo, pensa-se imediatamente em antipatriotismo, em internacionalismo pacifista, em marxismo, em coletivismo. Ideias de mãos dadas a separar brutalmente”⁸⁴⁶. Ou seja, os preconceitos socialistas contra o nacionalismo e os preconceitos nacionalistas contra o socialismo não se justificavam, dado que afinal as duas correntes tinham muito em comum. O fascismo podia perfeitamente ser um socialismo nacionalista e revolucionário dedicado à justiça, à igualdade, à liberdade e à proteção dos direitos dos desfavorecidos.

O marxismo, cuja doutrina original estava apenas concebida para economias desenvolvidas, era assim adaptado à realidade de uma economia subdesenvolvida. Foi neste quadro que Alfredo Rocco considerou que o principal problema que os fascistas teriam de resolver seria o “da distribuição

⁸⁴² Mario Missiroli, *op. cit.*, 2013, p.10.

⁸⁴³ Benito Mussolini, “Conversazione con Maddalena Mollier”, março de 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.77.

⁸⁴⁴ Berto Ricci, “Tempo di sintesi”, in Berto Ricci, *op. cit.*, 2014, p.49.

⁸⁴⁵ Mario Carli, *Il nostro bolscevismo*, Società Editrice Barbarossa, Milão, 1996, p.168.

⁸⁴⁶ Filippo Marinetti, *op. cit.*, 2015, p.29/30.

internacional da riqueza”⁸⁴⁷ (itálico no original), transportando assim para as nações burguesas exploradoras e proletárias exploradas o conflito marxista de classes burguesas exploradoras e proletárias exploradas. “Existe no socialismo algo de mais exato, mais sólido e mais profundo, o reconhecimento de que à classe proletária é vedada uma parte da riqueza que lhe poderia pertencer e não pertence”, observou Corradini, questionando “quem não quer admitir então que há toda uma organização internacional, de nações com nações, que determina uma distribuição da riqueza entre as nações semelhante à que o socialismo reconheceu entre as classes?”⁸⁴⁸ Por conseguinte, Rocco definiu o fascismo desta maneira: “o nacionalismo mereceu o nome de *socialismo das nações*”⁸⁴⁹ (itálico no original).

O problema não era a luta entre as classes burguesa e proletária, era a desigualdade entre os países burgueses e proletários, com estes a serem explorados por aqueles. Se se queriam libertar da exploração e desenvolverem-se, as nações proletárias teriam de se revoltar contra as burguesas. O conflito era inevitável. “A Itália existe e reivindica plenamente o seu direito de existir no mundo!”⁸⁵⁰, proclamou Mussolini, para quem “a Itália quer ser tratada pelas grandes nações do mundo como uma irmã e não como uma subalterna”⁸⁵¹, pois “a Itália tem direito a um lugar ao sol”⁸⁵². O país clamava pelo seu direito ao desenvolvimento, pois “não se pode condenar um povo a vegetar”⁸⁵³, e os marxistas que criaram o fascismo achavam que a forma de o conseguir seria usar o nacionalismo para unir os italianos, já de si tão divididos pelos velhos regionalismos. “O fascismo deve querer que dentro das nossas fronteiras não sejamos mais venezianos, romanhóis, toscanos, sicilianos e sardos; mas italianos, só italianos”⁸⁵⁴,

⁸⁴⁷ Alfredo Rocco, *op. cit.*, 1919, p.12.

⁸⁴⁸ Enrico Corradini, *op. cit.*, 1914, p.157/158.

⁸⁴⁹ Alfredo Rocco, *op. cit.*, 1919, p.12.

⁸⁵⁰ Benito Mussolini, ““Se avanzo, seguitemi; se indietreggio, uccidetemi; se muoio, vendicatemi””, *Il Popolo d'Italia*, 8 de abril de 1926, in Benito Mussolini, *Andare verso il popolo*, La Fenice, Florença, novembro de 1983, p.12.

⁸⁵¹ Benito Mussolini, “L'Italia e le grandi potenze”, *Corriere della Sera*, 6 de novembro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, dezembro de 1983, p.11.

⁸⁵² Benito Mussolini, “Nessuna mutilazione dell'imperio”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de fevereiro de 1936, in Benito Mussolini, *Un imperio per Italia*, La Fenice, Florença, março de 1984, p.59.

⁸⁵³ Benito Mussolini, “La politica estera al Senato”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 28 de maio de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.152.

⁸⁵⁴ Benito Mussolini, “Il programma fascista”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de novembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.26.

ênfatiçou o *Duce*. “No seu mito da nação, o fascismo inclui potencialmente toda a sociedade”, escreveu por seu turno o fascista Camillo Pellizzi, “não por classes nem por indivíduos isolados, mas por valores e funções concretas, operando no sentido do Mito último e comum.”⁸⁵⁵

Era apenas no quadro do mito da nação, ou da pátria, que se inseria o internacionalismo, pois o internacionalismo fascista assumia-se explicitamente como o *socialismo das nações*. “Não é verdade que o fascismo seja anti-universal e anti-internacional”, esclareceu o fascista de extração marxista Sergio Panunzio. “Pelo contrário, é essencialmente universal”, uma vez que o Estado fascista é “a única real promessa de futuro e concreta *possibilidade* internacional”⁸⁵⁶ (itálico no original). A mesma posição era defendida pelo ideólogo fascista Berto Ricci, que chegou a fundar e dirigir uma influente revista fascista sintomaticamente intitulada *L’Universale*, para quem “o italiano fascista é universal”⁸⁵⁷, pois segundo ele “a luta é pela revolução mundial.”⁸⁵⁸

O próprio Mussolini declarou que “de fenómeno italiano o fascismo tornou-se fenómeno universal”⁸⁵⁹, uma vez que “certos postulados seus são de ordem universal, dado que muitos países sofreram e sofrem com a degeneração dos sistemas democráticos e liberais”⁸⁶⁰. Além disso, o universalismo fascista preconizava o entendimento entre as nações. “Já não é mais o ‘proletários de todos os países, uni-vos’”, disse o *Duce*, mas o “‘proletários italianos, uni-vos’, e, realizada essa visão, poderá passar-se a um sistema de acordos prático e sobretudo *leal*, com os outros proletários de todo o mundo”⁸⁶¹ (itálico no original). Já o economista fascista Giuseppe Solaro pugnou pela “criação de um sistema que regulasse os interesses de

⁸⁵⁵ Camillo Pellizzi, “Problemi e realtà del fascismo”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004, p.131.

⁸⁵⁶ Sergio Panunzio, *op. cit.*, 1939, p.3.

⁸⁵⁷ Berto Ricci, “Avvisi”, *L’Universale*, 25 de fevereiro de 1934, in Berto Ricci, *op. cit.*, 2014, p.77.

⁸⁵⁸ Gastone Galante, “Berto Ricci e il filo rosso della rivoluzione fascista”, in Berto Ricci, *idem*, p.123.

⁸⁵⁹ Benito Mussolini, “Sintesi del regime”, 18 de março de 1935, in Benito Mussolini, *op. cit.*, outubro de 1983, p.110.

⁸⁶⁰ Benito Mussolini, “Risposta a Primo De Rivera”, 22 de novembro de 1923, *idem*, p.71.

⁸⁶¹ Benito Mussolini, “Dopo il congresso sindacale – Orientamenti”, *Il Popolo d’Italia*, 12 de junho de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.118.

todos os homens de uma inteira comunidade continental”⁸⁶² na Europa que conduzisse à “unidade do continente” de modo a estabelecer uma “subordinação dos interesses individuais e estatais ao interesse geral da comunidade plurinacional europeia”⁸⁶³. Por seu turno, Ugo Spirito avisou que “a nação não pode ser concebida anti-historicamente como uma entidade limitada nas suas fronteiras”, uma vez que “a nação inclui em si o mundo internacional”, pois existe “uma unidade concreta no mundo internacional”⁸⁶⁴. Como constatou o historiador Luca Rimbotti, foi desenvolvido um esforço de “tentar construir um ‘universalismo’ fascista, ligando a revolução italiana não ao nacionalismo à velha maneira (no qual era sublinhada a decadência) mas a um vasto quadro de relações supranacionais”⁸⁶⁵ (parênteses no original).

Os fascistas aceitavam como vemos o conceito de internacionalismo, não tanto nas relações de classe mas no quadro de relações socialistas igualitárias entre nações, uma vez que acreditavam que, mais do que relações entre classes, o Século XX seria marcado pelas relações entre países. Neste sentido faziam eco das palavras de Bernstein, para quem “as nações aproximam-se umas das outras sem cessarem de conduzir a sua vida própria” e “o colapso completo das nações não é nenhum sonho bonito.”⁸⁶⁶

Para os fascistas, o que estava em jogo era que as nações capitalistas deixassem de explorar as nações proletárias e que se criasse assim um “socialismo das nações”⁸⁶⁷. Era preciso romper a desigualdade entre as nações burguesas e as nações proletárias. “O que aconteceu quando o socialismo passou ao proletariado a sua primeira palavra?”, perguntou o teórico fascista Enrico Corradini. “O proletariado revoltou-se”⁸⁶⁸. A lição era clara. “O nacionalismo”, disse Corradini, “deve ser (...) o nosso socialismo”⁸⁶⁹. Ou seja, tal como as classes proletárias tinham usado o socialismo para se revoltarem e libertarem da exploração das classes burguesas, as nações proletárias teriam de usar o nacionalismo para se

⁸⁶² Giuseppe Solaro, “I ricchi, le necessità dello Stato e il ‘nuovo ordine’”, *Libro e Moschetto*, 27 de junho de 1942, in Giuseppe Solaro, *op. cit.*, 2016, p.79.

⁸⁶³ Giuseppe Solaro, “Utilità dell’unità europea”, *Libro e Moschetto*, 21 de fevereiro de 1942, in Giuseppe Solaro, *idem*, p.52.

⁸⁶⁴ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1970, p.192.

⁸⁶⁵ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.125.

⁸⁶⁶ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.170.

⁸⁶⁷ Alfredo Rocco, *op. cit.*, 1919, p.12.

⁸⁶⁸ Enrico Corradini, *op. cit.*, 1914, p.67.

⁸⁶⁹ *Idem*, p.68.

revoltarem e libertarem da exploração das nações burguesas. Só assim se poderia chegar ao grande projeto fascista, o socialismo das nações. “O fascismo”, escreveu Ugo Spirito, “proclama a necessidade de uma verdadeira internacional de caráter corporativo”⁸⁷⁰, conceito que permitia encarar “a revolução fascista como revolução universal.”⁸⁷¹

Como observou o historiador Emilio Gentile, “contra o internacionalismo que negava as nações e contra o imperialismo que negava a liberdade, o sindicalismo”, que veio a criar o fascismo, “propunha a sua ‘*internacional das pátrias livres*’”⁸⁷² (itálico no original). A consonância neste ponto entre o fascismo e o marxismo social-democrata bernsteiniano é inegável e mostra uma elaborada tentativa fascista de conciliar o mito do nacionalismo com a ideia marxista do internacionalismo.

A verdade, no entanto, é que era no mito da nação que terminava a luta de classes. “O trabalho é parte da Nação, as massas trabalhadoras são uma parte viva da Nação; é preciso que, sem deixar de reivindicar os seus próprios direitos, os operários sintam que devem também servir o seu país”⁸⁷³, proclamou o socialista fascista Edmondo Rossoni, para quem “o fascismo, sendo uma ideia unitária da nação, não pode em nenhum momento assumir um caráter classista”⁸⁷⁴. O fascismo era um socialismo de nação, não de classe. Os fascistas consideravam que numa economia subdesenvolvida pré-industrial os proletários não eram uma classe mais importante do que as outras, mas uma classe tão importante quanto as outras. Em bom rigor, argumentou o fascista Curzio Malaparte, era preciso eliminar todas as classes e “fazer emergir uma única classe”⁸⁷⁵ pois, conforme preconizou Mussolini, “devemos interpretar o socialismo como o advento de um regime que anula as classes numa só classe de produtores associados com as inevitáveis hierarquias de funções e de inteligências”⁸⁷⁶. O fascismo era socialismo, sim,

⁸⁷⁰ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1970, p.380.

⁸⁷¹ *Idem*, p.390.

⁸⁷² Emilio Gentile, *op. cit.*, 2011, p.146.

⁸⁷³ Edmondo Rossoni, “Discurso al V Congresso del PNF”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004, p.214.

⁸⁷⁴ *Idem*, p.215.

⁸⁷⁵ Curzio Malaparte, “Fascism’s European Mission”, in Roger Griffin (direção), *Fascism*, Oxford University Press, Oxford, 1995, p.49.

⁸⁷⁶ Benito Mussolini, “I diritti della vittoria”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.96.

mas de um novo tipo. Tratava-se daquilo que o *Duce* descrevia como mais próximo de “o puro, o autêntico socialismo.”⁸⁷⁷

Neste particular a visão dos fascistas coincidia com a ideia bernsteiniana de que o proletariado não se poderia sobrepor às outras classes, o que mais uma vez deixa supor a influência do revisionismo social-democrata de Bernstein no fascismo. Mais, esta ideia ia de certo modo de encontro também à teoria marxista original, que para esta fase do desenvolvimento histórico atribuía maior importância ao papel da burguesia do que ao do proletariado, ainda inexistente ou incipiente por se tratar de uma fase pré-industrial. Todos tinham de se unir para lançar a proletária Itália no caminho do desenvolvimento industrial que os países capitalistas “plutocráticos” obstaculizavam.

É contudo importante sublinhar que a tolerância dos fascistas para com a burguesia era meramente tática. “A minha revolução nasceu anti-burguesa”⁸⁷⁸, assumiu Mussolini diante de Yvon de Begnac, enquanto a Emil Ludwig o *Duce* afirmou que “a resistência (ao fascismo) veio sobretudo das classes mais altas”⁸⁷⁹. A sua verdadeira base de sustentação, afirmaram os fascistas repetidamente, era o proletariado. “Os milhões e milhões de trabalhadores que responderam na frente ou nas fábricas ao apelo da Pátria não podem e não devem ser confundidos com burgueses”, avisou Mussolini, considerando que “o proletariado tornou-se, no seu conjunto, nacional” e que “é necessário melhorar o mais possível as suas condições de vida.”⁸⁸⁰

A burguesia repugnava-o, mas tinha de a aceitar momentaneamente para que o país se desenvolvesse. “Nós não podemos ser uma espécie de guarda-costas de uma burguesia que, especialmente na classe dos novos ricos, é simplesmente indigna e vil”, declarou em público, sublinhando que tolerava os burgueses apenas porque “defendemos a nação, o povo no seu conjunto complexo”⁸⁸¹. Mas foi muito claro ao salientar que os burgueses constituíam

⁸⁷⁷ Benito Mussolini, “Leonida Bissolati”, 29 de outubro de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, outubro de 1983, p.20.

⁸⁷⁸ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.625.

⁸⁷⁹ Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.103.

⁸⁸⁰ Benito Mussolini, “La nostra costituente”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.4.

⁸⁸¹ Benito Mussolini, “Idee in cammino che s’incontrano – Il programma dei fasci, dalla rappresentanza integrale all’espropriazione parziale”, *Il Popolo d'Italia*, 12 de maio de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.62.

uma “ameaça ao regime”⁸⁸² e já quando da marcha sobre Roma e da tomada do poder, em 1922, avisou que “o fascismo se propõe *eliminar-los e eliminá-los-á*”⁸⁸³ (itálico no original). Mas não de imediato. Mais tarde, quando as condições fossem propícias, atacar-se-ia a burguesia, o que efetivamente aconteceu a partir de 1938 e do famoso discurso semissegredo do chefe do fascismo contra a burguesia.

Para os marxistas que criaram o fascismo, o internacionalismo tal como os restantes marxistas o concebiam não passava de um truque imposto pelo capitalismo ao socialismo para perpetuar o imperialismo económico. “A ideia internacionalista, ótima para os banqueiros do mundo, para os ingleses e os franceses, e talvez para os maiores produtores, os alemães”, observou Enrico Corradini, é “péssima para os proletários, nós”⁸⁸⁴. Os verdadeiros socialistas tinham de se libertar de tal truque capitalista, pois o internacionalismo era uma ideia burguesa e liberal e uma característica intrínseca das classes altas cosmopolitas, não do povo.

Em boa verdade, os marxistas italianos que criaram o fascismo não detetaram o menor sinal de que as massas populares se identificassem com o internacionalismo classista proletário. Pelo contrário, o que as galvanizava parecia ser o sentimento nacional, a ideia da pátria, o amor à terra natal. Nas trincheiras da Grande Guerra tinham visto os operários italianos lutarem pela nação e jamais pela classe. O mesmo se passava por toda a parte. Não eram os proletários americanos que antagonizavam os proletários italianos que tinham ido trabalhar para a América? Não se passava o mesmo em França e na Alemanha, com os imigrantes italianos a serem desdenhados pelos operários locais? Onde estava afinal o famoso internacionalismo solidário do proletariado?

Todas estas perguntas refletiam as perplexidades dos marxistas italianos que estão na origem do fascismo e que já haviam sido abordadas pelos marxistas Eduard Bernstein, embora de forma superficial, e Otto Bauer, este em profundidade. “Temos visto os nossos trabalhadores explorados e desconsiderados não apenas pelos capitalistas como também pelos

⁸⁸² Benito Mussolini, “Sintesi del regime”, 18 de março de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, outubro de 1983, p.117.

⁸⁸³ Benito Mussolini, “Esercito e fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de outubro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.116.

⁸⁸⁴ Enrico Corradini, *op. cit.*, 1914, p.165.

camaradas revolucionários dos outros países”⁸⁸⁵ (itálico no original), notou o socialista fascista Edmondo Rossoni, tendo o seu camarada Paolo Orano insistido na mesma tecla: “a melhoria dos salários dos italianos nos Estados Unidos é uma quimera. Aí os filhos de Abruzzi e da Sicília recolhem o lixo e lavam as roupas sujas mesmo dos trabalhadores americanos. Os italianos são os servos dos seus ‘camaradas’ americanos.”⁸⁸⁶

A conclusão dos socialistas que criaram o fascismo foi clara: o internacionalismo tal como os restantes marxistas o concebiam era, nas palavras de Angelo Oliviero Olivetti, “uma anedota e uma mentira”⁸⁸⁷. Mussolini foi mais longe e com a Grande Guerra teorizou em torno da questão de saber se tal tipo de internacionalismo seria mesmo imprescindível ao conceito de socialismo. “Questiono-me se o internacionalismo não será um objeto de luxo”, perguntou quando ainda militava no Partido Socialista Italiano. “Questiono-me se o internacionalismo é absolutamente necessário à noção de socialismo. A crítica socialista de amanhã deve tentar encontrar um equilíbrio entre nação e classe.”⁸⁸⁸

Manteve essa posição ao longo do tempo. “O internacionalismo é um privilégio – mais ou menos simpático! – das classes altas, não da vasta massa operária, a qual, para além dos confins das suas aldeias, perde-se, não consegue respirar, pois está desesperadamente presa ao seu torrão de terra, e quando o destino ou a miséria a projetam para longe, para além das montanhas, para lá do oceano, é sempre a voz potente e misteriosa da aldeia que ficou para trás aquela que canta na sua alma primitiva, com ritmos e sotaques de incurável nostalgia!”, disse sete anos depois como chefe do fascismo, sublinhando que “o internacionalismo é um produto de luxo, boa para a aristocracia das artes, da banca, da indústria ou da imbecilidade snobística; em suma, para os burgueses do capitalismo e do socialismo”, enquanto “os povos”, aqueles para quem o socialismo trabalha, são na verdade “os mais esmagadoramente nacionalistas e os menos internacionalistas da terra.”⁸⁸⁹

⁸⁸⁵ David Roberts, *The Syndicalist Tradition and Italian Fascism*, The University of North Carolina Press, Chapel Hill, 1979, p.108.

⁸⁸⁶ *Idem*.

⁸⁸⁷ *Ibidem*.

⁸⁸⁸ Benito Mussolini, “Mussolini riconferma la sua avversione alla neutralità”, *La Patria – Il Resto del Carlino*, 11 de novembro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.431.

⁸⁸⁹ Benito Mussolini, “Dove muore l’internazionale”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de fevereiro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.139.

Além do mais, tornou-se notório aos ideólogos do fascismo que pela pátria os proletários italianos estavam dispostos a muito, como se vira pela euforia popular quando das vitórias de Itália contra o Império Otomano na Tripolitânia e pela forma como os proletários recrutados haviam lutado pela nação durante a Grande Guerra, e que a humilhação que sofriam por se verem explorados pelos grandes países capitalistas uni-los-ia ainda mais. “O proletariado industrial sabe ou intui que o seu bem-estar, o seu salário, o seu futuro está ligado ao futuro da nação”⁸⁹⁰, observou Mussolini, para quem “a classe é ‘parte’ da nação. Está na nação (...) Eis por que razão o proletariado industrial não pode, não quer separar o seu destino do destino da nação”⁸⁹¹. Na sua opinião, o proletariado “não reconhece distinções entre a sua causa e a da pátria; proletariado e pátria sendo dois fatores que se interpenetram e se integram”, pelo que não era possível “conceber o socialismo alheio ao amor pela terra natal”⁸⁹². Os fundadores do fascismo sublinharam que também os agricultores tendiam a ser nacionalistas, e por maioria de razão, uma vez que estavam ligados umbilicalmente à terra: “para o agricultor que diz terra, diz pátria!”⁸⁹³

Por outro lado, os países plutocráticos detinham com os seus impérios coloniais o monopólio das matérias primas e defendiam-no com a retórica do pacifismo e do humanitarismo cosmopolita, valores que na opinião dos socialistas fascistas eram convenientes às nações capitalistas para evitar que fossem desafiadas pelas nações emergentes pré-capitalistas e para impedir a redistribuição dos recursos por essas nações em vias de desenvolvimento, assim perpetuando o domínio das nações capitalistas sobre as proletárias.

O internacionalismo, o humanitarismo e o pacifismo não eram afinal valores revolucionários, proletários e socialistas, mas conservadores, burgueses e liberais, pois estavam ao serviço dos interesses instalados dos países industrializados de capitalismo avançado, que queriam garantir direitos de comércio livre internacional e que usavam esses conceitos para assegurar a sua supremacia e perpetuar o seu monopólio sobre os recursos, excluindo assim do desenvolvimento a Itália e os restantes países pré-

⁸⁹⁰ Benito Mussolini, “Patria e terra”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de novembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.55/56.

⁸⁹¹ *Idem*, p.56.

⁸⁹² Benito Mussolini, “Per la consigna della bandiera alla batteria ‘Cesare Battisti’”, *Il Lavoro*, 22 de abril de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.18.

⁸⁹³ Benito Mussolini, “Patria e terra”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de novembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.57.

industriais. “O pacifismo e as coisas desse género que se apregoam hoje servem de facto para conservar o *status quo* da actual situação mundial, a qual beneficia os povos que mais têm e prejudica os povos que menos têm”, escreveu Corradini, censurando a hipocrisia do “pacifismo plutocrático, bancário e industrial, vertiginoso fornecedor de armas”⁸⁹⁴. Uma revolução não se fazia sem sangue, um verdadeiro revolucionário não podia ser pacifista.

Esta visão antipacifista dos fascistas, sublinhe-se, estava perfeitamente alinhada com o marxismo da época, em particular na sua versão soreliana de enaltecimento da violência revolucionária. Lenine, por exemplo, criticou a abolição da pena de morte sob o argumento de que se tratava de “uma ilusão pacifista”⁸⁹⁵ e sublinhou que “deixaríamos de ser marxistas, deixaríamos de ser socialistas em geral, se nos limitarmos a, por assim dizer, uma contemplação cristã de frases gerais benignas”⁸⁹⁶. Lenine opôs-se ao “pacifismo burguês”, tendo o cuidado de esclarecer que “pacifismo socialista e burguês são *idênticos*”⁸⁹⁷ (itálico no original). Por seu turno, o seu camarada Trotsky descreveu o pacifismo como desempenhando “o verdadeiro papel” de “servo do imperialismo”, pois estava “ao serviço dos imperialistas” e fundava-se no “mal fundamental que caracteriza a democracia burguesa”⁸⁹⁸. Ou seja, *precisamente o argumento dos fascistas*.

O socialismo fascista foi evoluindo no rescaldo da Grande Guerra. A inflação disparou em Itália e muitas empresas fecharam, o que levou os marxistas que criaram o fascismo a acusar os outros socialistas de não perceberem que o maior problema do país não era a distribuição da riqueza mas a sua criação, pois a Itália subdesenvolvida sofria de um evidente défice de produção. A distribuição de riqueza constituía um problema específico dos países ricos, conforme Marx e Engels haviam preconizado, não dos subdesenvolvidos, que não tinham riqueza para distribuir. Além disso, a conflitualidade gerada pelos constantes protestos, greves e ocupações selvagens que os restantes marxistas encorajavam para alimentar a luta de

⁸⁹⁴ Enrico Corradini, *op. cit.*, 1914, p.165.

⁸⁹⁵ Richard Pipes, *The Russian Revolution*, Vintage Books, Nova Iorque, 1991, p.791.

⁸⁹⁶ Vladimir Lenine, “The Pacifism of Kautsky and Turati”, *Sotsial-Demokrat*, 31 de Janeiro de 1917, www.marxists.org.

⁸⁹⁷ Vladimir Lenine, “The Pacifism of the French Socialists and Syndicalists”, *idem*.

⁸⁹⁸ Leon Trotsky, “Pacifism As The Servant of Imperialism”, 1917, Trotsky Internet Archive, www.marxists.org.

classes, argumentaram os socialistas fascistas, apenas exacerbava o problema e impedia a solução. Bastava ver o que se passava na Rússia.

Neste ponto, os fascistas a partir de certa altura alinharam mais uma vez com o revisionismo marxista de Bernstein, o qual condenara o sistema de expropriações ao dizer que conduziria à “devastação imprudente das forças produtivas, experimentações loucas e violência gratuita”⁸⁹⁹, ao mesmo tempo que argumentara que “a Comuna (de Paris) fornece a prova de que a classe trabalhadora não pode assumir o controlo da máquina do Estado”⁹⁰⁰. Os fascistas concordaram com este ponto de vista social-democrata e também se opuseram às expropriações sem indemnização, embora só até certo ponto. A propriedade privada deveria ser respeitada desde que fosse usada para gerar riqueza para a comunidade. Caso contrário, determinaram os fascistas, os proprietários podiam e deviam ser expropriados e a propriedade entregue aos trabalhadores. O que os fascistas de facto permitiram e encorajaram em determinadas circunstâncias quando estiveram no poder.

Esta posição fundamental de confluência entre patriotismo, classismo e produtivismo ficou logo estabelecida no episódio de Dalmine, em 1919, o primeiro caso no pós-Grande Guerra de ocupação de uma fábrica em Itália. Depois de expulsarem os patrões, e ao arrepio do PSI, os operários retomaram a laboração. Mussolini foi de imediato a Dalmine dar-lhes o seu apoio entusiástico e dizer-lhes que “você colocaram-se no terreno da classe sem esquecer a nação”⁹⁰¹. Esta mensagem fascista de socialismo patriótico seduziu os trabalhadores italianos e o PSI viu setores inteiros do operariado transferirem-se em bloco e sem resistência para o fascismo, ao ponto de em 1922, o ano da marcha sobre Roma, a confederação fascista somar já oitocentos mil inscritos.

A desastrosa situação italiana do pós-guerra, descrita como “vitória mutilada”⁹⁰² pela frustração das expectativas de crescimento do país, que no dizer de Mussolini fazia de Itália “uma nação triunfante de segunda categoria”⁹⁰³, contrastava com a pujança exuberante que as grandes

⁸⁹⁹ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.155.

⁹⁰⁰ *Idem*, p.155/156.

⁹⁰¹ Benito Mussolini, “Discurso di Dalmine”, *Il Popolo d'Italia*, 21 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.314.

⁹⁰² Benito Mussolini, “Discurso del 27 ottobre 1922 Proclama della Marcia su Roma”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

⁹⁰³ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.66.

economias industrializadas começaram a certa altura a demonstrar. O *Duce* constatou que “o capitalismo começou uma trajetória de crescimento”, o que mais uma vez contraditava a tese marxista de que estaria à beira do colapso, e previu que embora o “capitalismo permaneça quase exclusivamente europeu, torna-se evidente que está destinado a tornar-se global”⁹⁰⁴, conclusão que repetia as palavras de Marx e Engels em *O Manifesto Comunista*: “a necessidade de estar constantemente a expandir o mercado para os seus produtos leva a burguesia para toda a superfície do planeta.”⁹⁰⁵

Isto é, o internacionalismo era uma ideia burguesa. Assim sendo, e enquanto acreditassem no mito burguês do internacionalismo, as nações proletárias como a Itália permaneceriam pobres e à mercê da exploração dos países burgueses e capitalistas que caminhavam para a globalização. Por conseguinte, os verdadeiros inimigos dos proletários italianos não eram os burgueses italianos, sustentaram os ideólogos socialistas fascistas, mas as nações burguesas que exploravam as nações proletárias e lhes interditavam o caminho do desenvolvimento. Urgia pôr fim a essa desigualdade, defenderam os fascistas.

Um importante passo psicológico para retirar a proletária Itália do círculo de exploração imposto pelos países capitalistas, pensaram os socialistas fascistas, era combater aquilo que Mussolini designou por tradição “de escravidão ao estrangeiro”⁹⁰⁶ e o consequente complexo de inferioridade que se instalara entre os italianos como resultado da ação de “falsos amigos” que “meteram na mente dos italianos a ideia de que a sua fraqueza os condenava a uma permanente política económica e moral subserviente aos estrangeiros”⁹⁰⁷. Este era um problema central para os fascistas. “É preciso – repito – popularizar o imperialismo”⁹⁰⁸, proclamou o fascista Mario Carli, fundador de uma importante publicação fascista significativamente intitulada *L’Imperio*, “o que faremos todos os dias até conseguirmos dar aos italianos de todas as classes e culturas uma consciência imperial”⁹⁰⁹, pois esta era necessária para assegurar que o povo italiano, um “povo de trabalhadores”, deixasse de ser “servo” e tivesse acesso “àquela riqueza que

⁹⁰⁴ James Gregor, *op. cit.*, 2000, p.141.

⁹⁰⁵ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.7.

⁹⁰⁶ Benito Mussolini, “La nuova Italia”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.100.

⁹⁰⁷ *Idem*, p.101.

⁹⁰⁸ Mario Carli, *op. cit.*, 2007, p.52.

⁹⁰⁹ *Idem*, p.53.

não temos” e que era fundamental para garantir “a qualidade e a quantidade do próprio pão quotidiano”⁹¹⁰. Para tal seria preciso que os italianos tivessem “orgulho em si mesmos”⁹¹¹, pois “descendem diretamente do orgulho romano.”⁹¹²

Este ponto tem relação direta com uma corrente muito em voga naquele tempo, o darwinismo social, teoria que transportava para o quadro das nações o mecanismo darwinista de competição das espécies pela sobrevivência. O darwinismo social, no qual aliás Marx e Engels acreditavam, previa que, tal como as espécies biológicas, havia países fortes que vingariam e países fracos que se extinguiriam. A Itália era fraca, encontrava-se em decadência e parecia destinada à extinção. Ao contrário das nações pujantes, mostrava-se tão débil que nem sequer de um império dispunha, ao contrário até de países minúsculos como “Portugal, a Bélgica, a Holanda, estas pequenas potências” que, como constatou o *Duce*, “todas têm colónias rentáveis”⁹¹³. Tamanha fraqueza aterrorizava muitos italianos, incluindo os fascistas, que se sentiam preocupados com “a posição de inferioridade em que a Itália foi colocada.”⁹¹⁴

Tornava-se por isso fundamental revitalizar o país para que ele não fosse engolido pelos poderosos e se extinguisse. O rejuvenescimento do país tornou-se assim essencial. Os fascistas escolheram para seu hino a *Giovinezza*, a juventude, e falavam amiúde da “juventude”⁹¹⁵, proclamando “esta explosão de juventude do povo italiano”⁹¹⁶, dizendo que “a juventude é um presente divino”⁹¹⁷ e que “a política fascista (...) é uma política jovem

⁹¹⁰ *Ibidem*, p.51.

⁹¹¹ *Ibidem*, p.62.

⁹¹² *Ibidem*, p.125.

⁹¹³ Benito Mussolini, “Sugli sviluppi della vertenza africana”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de setembro de 1935, in Benito Mussolini, *op. cit.*, março de 1984, p.29.

⁹¹⁴ Benito Mussolini, “I primi mesi di governo”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.21.

⁹¹⁵ Benito Mussolini, “A raccolta!”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.28.

⁹¹⁶ Benito Mussolini, “Discorso di Livorno”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de maio de 1930, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXIV: Dagli Accordi del Laterano al dodicesimo anniversario della fondazione dei fasci*, La Fenice, Florença, 1958, p.227.

⁹¹⁷ Benito Mussolini, “Periodo storico”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 22 de dezembro de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957, p.276.

e de jovens”⁹¹⁸ que resulta num “espetáculo de força e juventude”⁹¹⁹. Para eles era preciso erguer uma Itália “forte e possante”⁹²⁰, a “jovem Itália”⁹²¹ que iria acabar com a “mentalidade da velha Itália burocrática, pedante e intriguista”⁹²², cheia de “homens fortes”⁹²³ que ergueriam “uma pátria mais nobre e mais inteligente e mais moderna.”⁹²⁴

Esta obsessão pelo rejuvenescimento aliou-se ao mito socialista da criação do homem novo, um homem superior, moderno e iluminado. Tal levou os fascistas a falarem na “Itália nova”⁹²⁵ ou na “nova Itália”⁹²⁶, e que insistissem na “vitalidade”⁹²⁷, no “ímpeto”⁹²⁸ do “italiano novo”⁹²⁹, na verdade o “italiano novíssimo”⁹³⁰, pois “criaremos o italiano novo, um italiano que não se assemelhará ao de ontem”⁹³¹, e exaltassem tudo o que é

⁹¹⁸ Benito Mussolini, “Matrimoni giovani”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de setembro de 1934, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXVI: Dal Patto a Quattro all'inaugurazione della provincia di Littoria*, La Fenice, Florença, 1958, p.332.

⁹¹⁹ Benito Mussolini, “XXIV maggio imperiale”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de maio de 1936, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXVIII: Dalla proclamazione dell'imperio al viaggio in Germania*, La Fenice, Florença, 1959, p.4.

⁹²⁰ Benito Mussolini, “L'Adriatico e il Mediterraneo”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.65.

⁹²¹ Mario Carli, *op. cit.*, 1996, p.108.

⁹²² *Idem*, p.175.

⁹²³ *Ibidem*, p.164.

⁹²⁴ *Ibidem*, p.131.

⁹²⁵ *Ibidem*, p.98; Benito Mussolini, “Il gagliardetto dei marinai”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de maio de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.135; Benito Mussolini, ““Nulla può distruggere il fascismo””, *Il Popolo d'Italia*, 9 de novembro de 1926, *idem*, p.259.

⁹²⁶ Benito Mussolini, “Al Congresso Internazionale dei Trasporti”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de maio de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957, p.149; Benito Mussolini, “Il decennale della vittoria”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de novembro de 1928, *idem*, p.248; Benito Mussolini, “Discorso di Lucca”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de maio de 1930, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIV, 1958, p.229.

⁹²⁷ Benito Mussolini, “La paura dei nomi”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de outubro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.24.

⁹²⁸ Benito Mussolini, “Il ‘fascismo’”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de julho de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.74.

⁹²⁹ Benito Mussolini, “Al popolo di Cagli”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de agosto de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.196.

⁹³⁰ Benito Mussolini, ““Per la strada segnata dal destino””, *Il Popolo d'Italia*, 8 de abril de 1926, *idem*, p.111.

⁹³¹ Benito Mussolini, “Al popolo di Reggio Emilia”, *Il Popolo d'Italia*, 31 de outubro de 1926, *ibidem*, p.246.

“viril”⁹³² e se proclamassem “homens novos”⁹³³ e “homens de barba rija”⁹³⁴. Como assumiu Mussolini, “a tarefa suprema da revolução fascista é a transformação do povo italiano, fazendo do povo italiano aquilo que consideramos um povo forte”⁹³⁵, o que implicaria “a transformação do temperamento, do caráter, da inteligência dos italianos”⁹³⁶, sendo que “o fascismo foi e ainda é a revolta da juventude contra o antigo”⁹³⁷. Toda esta retórica de afirmação vital e de construção de um homem novo em Itália fazia parte de um esforço para combater o complexo de inferioridade que se instalara entre os italianos em virtude das teses do darwinismo social então em voga.

Foi precisamente por isso que o fascismo adotou toda uma cultura relacionada com a Roma Antiga. A saudação romana, os hinos, os estandartes, as grandes paradas, as legiões, as coortes, as centúrias, toda essa liturgia cénica de cariz imperial constituiu uma forma de incutir orgulho aos italianos, mostrar-lhes que descendiam de um grande povo e tinham sido senhores de um grande império e que não era impossível que Roma se erguesse de novo, pelo que não se justificava o sentimento de inferioridade e muito menos a ideia de que o país se iria extinguir. “A saudação romana, as músicas e as fórmulas, as comemorações de aniversários e tudo isso são essenciais para alimentar as chamas do entusiasmo”, admitiu Mussolini em entrevista. “Passava-se o mesmo na Roma Antiga.”⁹³⁸

O projeto nacionalista dos fascistas era erguer a terceira Roma, um conceito do republicano oitocentista Giuseppe Mazzini que os fascistas recuperaram. A primeira Roma tinha sido a dos césores e a segunda dos papas. A terceira seria a do povo. “Se alguma vez na história existiu um

⁹³² Benito Mussolini, “Audacia!”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.23.

⁹³³ Benito Mussolini, “Ai mutilati del comitato d'azione di Milano del 1917”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de novembro de 1937, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXIX: Dal viaggio in Germania all'intervento dell'Italia nella Seconda Guerra Mondiale*, La Fenice, Florença, 1959, p.22.

⁹³⁴ Benito Mussolini, “Non subiamo violenze!”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de abril de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.52.

⁹³⁵ Benito Mussolini, “Al nuovo direttorio nazionale del PNF”, *Il Popolo d'Italia*, 21 de dezembro de 1942, in Benito Mussolini, *La difesa armata della nazione*, La Fenice, Florença, maio de 1984, p.112.

⁹³⁶ Benito Mussolini, “Prefazione a ‘L'Italia fascista in cammino’”, 29 de outubro de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958, p.82.

⁹³⁷ Benito Mussolini, “Le relazioni italo-ungheresi”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de dezembro de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.289.

⁹³⁸ Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.120.

regime de democracia, isto é um Estado do povo, é o nosso”⁹³⁹, proclamou o *Duce*. Talvez os italianos fossem ainda os proletários das grandes nações capitalistas, mas o país iria industrializar-se e em breve os seus habitantes tornar-se-iam de novo senhores do seu destino no império social e popular que aí vinha. “Terminou o tempo dos pequenos italianos”⁹⁴⁰, anunciou Mussolini num discurso, para concluir: “o fascismo é todo o povo”⁹⁴¹. Vinha aí a terceira Roma, a Roma do povo, a Roma socialista e nacionalista, a Roma fascista.

Para o chefe do fascismo, “Roma é o nosso ponto de partida e de referência; é o nosso símbolo ou, se quiserem, é o nosso mito. Nós sonhamos com a Itália romana, isto é, sábia e forte, disciplinada e imperial”⁹⁴². A própria monumentalidade da arquitetura fascista espelhava o esforço para lembrar essa grandeza perdida e assim restituir a confiança dos italianos neles mesmos. “Operando como fator unificador, o mito de Roma foi incorporado no fascismo e assume um papel predominante na sua cultura”⁹⁴³, observou o historiador Emilio Gentile, para quem “o fascismo condensava no mito de Roma e do império a sua visão do passado, do presente e do futuro.”⁹⁴⁴

O fascismo criava assim o novo homem, uma ideia socialista inspirada no novo homem rousseauiano e que em Itália se traduzia pelo projeto de forjar o novo homem italiano, um novo italiano sem os defeitos que conduziram a Itália à decadência e à quase extinção, um novo italiano que fosse forte, educado, solidário, inovador e trabalhador que reergueria o país do estado de submissão que se encontrava relativamente às nações capitalistas que o exploravam. Isso far-se-ia pela mão do Estado, forte e centralizado. “A ideia de que o Estado, através da educação, possa criar um novo tipo de cidadão é uma ideia tipicamente democrática, clássica do iluminismo, uma manifestação de carácter rousseauiano”⁹⁴⁵, observou o

⁹³⁹ Benito Mussolini, “Al popolo di Perugia”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de outubro de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.229.

⁹⁴⁰ Benito Mussolini, “Discorso del 21 giugno 1925 Congresso Fascista di Roma”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

⁹⁴¹ Benito Mussolini, “Al popolo di Vercelli”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de setembro de 1925, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXI: Dal delitto Matteotti all'attentato Zaniboni*, La Fenice, Florença, 1956, p.392.

⁹⁴² Benito Mussolini, “Passato e avvenire”, *Il Popolo d'Italia*, 21 de abril de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.74/75.

⁹⁴³ Emilio Gentile, *Fascismo di pietra*, Editori Laterza, Roma, 2015, p.205.

⁹⁴⁴ *Idem*, p.v.

⁹⁴⁵ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1975, p.53.

historiador Renzo de Felice, para quem “isto é muito significativo, porque as raízes culturais desta ideia mussoliniana são típicas da sua formação da juventude, que se liga a um certo radicalismo de esquerda.”⁹⁴⁶

Igualmente importante, tornou-se claro que ao recusarem o internacionalismo os socialistas que criaram o fascismo não estavam tecnicamente a violar um dos preceitos fundamentais da doutrina marxista, mas de facto a respeitá-lo. “Graças ao derrube do Estado existente da sociedade pela revolução comunista”, haviam escrito Marx e Engels em *A Ideologia Alemã*, a escravidão do ser humano “será dissolvida” e “apenas então cada pessoa será libertada das várias barreiras nacionais e locais.”⁹⁴⁷ Ou seja, o fim das nações “apenas” ocorreria *após* a revolução comunista, não antes. Os fundadores do marxismo insistiram neste ponto. “A revolução comunista”, repetiram Marx e Engels páginas adiante, seria levada a cabo por uma classe que “é nela própria a expressão da dissolução de todas as classes, nacionalidades, etc., na atual sociedade.”⁹⁴⁸ Como a Itália ainda não reunira as condições adequadas para a revolução do proletariado, evidentemente a hora dessa dissolução das nacionalidades ainda não chegara.

Estes socialistas tornaram-se assim também patriotas, ou nacionalistas, uma fusão entre nacionalismo e socialismo que em Itália adquiriu o nome de fascismo. O seu pensamento não era irracional, como tantas vezes foi dito e escrito e repetido ao longo de anos no processo de demonização desta corrente ditatorial de raiz marxista que se tornou rival feroz das outras variantes do marxismo, mas tinha como vemos uma lógica inteiramente racional. Mais, a análise que os socialistas nacionalistas italianos desenvolveram possuía até uma certa sofisticação intelectual, algo que só pode ser surpreendente para quem se habituou a vê-los sujeitos a descrições básicas e infantilizadas, como as de que seriam meros lunáticos violentos, sádicos e sedentos de sangue, de guerra e de destruição.

A realidade vai, como vemos, muito para além destas representações simplistas, estereotipadas e ideologicamente orientadas do fenómeno fascista e que se esforçam por distanciá-lo o mais possível da ideologia que lhe serviu diretamente de inspiração, o marxismo.

⁹⁴⁶ *Idem*, p.54.

⁹⁴⁷ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2004, p.55.

⁹⁴⁸ *Idem*, p.94.

Os estudos sobre o socialismo nacionalista

Uma das críticas mais insistentes à afirmação de que o fascismo tem origens no marxismo é a de que tal ideia é falsa pela simples razão de que não é sustentada por nenhum historiador.

A primeira coisa que se pode dizer sobre esta crítica é que ela contém, mesmo que inconscientemente, um gérmen totalitário. “Se toda a humanidade menos uma pessoa tivesse uma opinião e uma única pessoa tivesse a opinião contrária, a humanidade não teria mais justificações para silenciar essa pessoa do que ela, se tivesse tal poder, teria de silenciar a humanidade”⁹⁴⁹, estabeleceu John Stuart Mill no seu célebre ensaio *Sobre a Liberdade*. Não foi por acaso que Mill escreveu estas palavras. Ser o único a afirmar uma coisa que todos os outros interditam constitui uma afronta ao consenso ideológico, o que por si só pode ser um ato temerário pois tende a atrair a intolerância alheia. É aliás justamente por isso que muitas pessoas se inibem de exprimir opiniões que vão contra a maioria, ou contra o que se pensa ser a maioria, e procuram a conformidade. Referindo-se ao hino evangélico dos mórmons sobre a coragem de estar sozinho, ou *dare to stand alone*, George Orwell observou que “*daring to stand alone* é um crime ideológico e perigoso na prática”⁹⁵⁰, pois quem desafia a ortodoxia arrisca o opróbrio. Afigura-se-me, por conseguinte, perigoso desqualificar uma opinião só porque ela é solitária.

Por outro lado, o argumento de que uma ideia defendida pela maioria é obrigatoriamente verdadeira é de uma fragilidade confrangedora. “Não se espantem com estas novidades”, avisou Espinosa sobre um princípio fundamental da ciência, “é bem conhecido por vós que uma coisa não deixa de ser verdadeira só porque não é aceite por muitos”⁹⁵¹. A história da ciência está de facto repleta de situações em que o consenso foi desafiado – e, aliás, precisamente só quando foi desafiado é que foi possível obter avanços no conhecimento. Também a maioria pensava que o Sol girava à volta da Terra e Galileu foi condenado por seguir Copérnico e contrariar o dogma defendido pela maioria, mas hoje sabemos que Copérnico e Galileu, apesar de estarem na minoria, tinham razão. Quantos pensadores não foram

⁹⁴⁹ John Stuart Mill, *op. cit.*, 2010, p.27.

⁹⁵⁰ George Orwell, “The Prevention of Literature”, in George Orwell, *On Truth*, Harvill Secker, Londres, 2017, p.132.

⁹⁵¹ Bento de Espinosa, *Short Treatise on God, Man and His Well-Being*, Adam and Charles Black, Londres, 1910, p.149.

perseguidos por enfrentarem os dogmas impostos pela maioria? Sem heresias não há progresso no conhecimento.

Por fim, convenhamos que o raciocínio é paroquial, pois parece fazer depender a validade de qualquer tese de argumentos de autoridade e não dos seus méritos intrínsecos. Se uma ideia é ou não verdadeira isso não é função do número de pessoas que a enunciam, mas da qualidade inerente aos fundamentos que a sustentam. A fazer escola, o raciocínio de que só se podem enunciar ideias que já tenham sido avançadas por outrem impediria a inovação, pois apenas seria permitido falar de uma ideia nova se outros já tivessem falado nela. Ora as ideias novas, por definição, são isso mesmo, novas – isto é, ninguém antes falou nelas. Isso não impede que possam ser válidas. O critério não pode ser o da autoridade, mas o da qualidade dos argumentos.

Acontece, porém, que esta ideia nem é nova, pois a descoberta da integração doutrinária do fascismo no pensamento socialista geral não foi feita hoje. Como vimos, já desde o final do Século XIX que os socialistas franceses falavam na necessidade de um socialismo nacionalista e corporativo, embora tenha sido em Itália que a ligação entre esses conceitos, socialismo, nacionalismo e corporativismo, ganhou visibilidade ostensiva – e sobretudo um nome. Com Mussolini já instalado no poder, o ideólogo fascista Fani Ciotti, assinando com o pseudónimo Volt, identificou em 1925 a extrema-esquerda e o centro-esquerda como duas das cinco “almas do fascismo”⁹⁵². Outros destacados ideólogos fascistas nunca hesitaram em associar o fascismo ao socialismo. Giuseppe Bottai, por exemplo, sempre falou do “fascismo como força da esquerda”⁹⁵³ e Curzio Malaparte confirmou que “nós somos de facto da esquerda”⁹⁵⁴. O próprio Mussolini não escondia a vertente socialista do fascismo e assumiu abertamente que o fascismo podia de facto ser descrito como “um socialismo antimarxista, por exemplo, e nacional.”⁹⁵⁵

Os estudos de comparação entre o bolchevismo e o fascismo foram iniciados em 1925 por Francesco Saverio Nitti e em 1926 por Luigi Sturzo.

⁹⁵² Vincenzo Fani Ciotti, “Le cinque anime del fascismo”, *Critica Fascista*, 15 de fevereiro de 1925, Beinecke Rare Book & Manuscript Library, <http://brbl-dl.library.yale.edu>.

⁹⁵³ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 2018, p.11.

⁹⁵⁴ *Idem*.

⁹⁵⁵ Benito Mussolini, “Trincerocrazia”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de dezembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.141.

Este último observou que o fascismo “nasceu juntamente com o mito bolchevista” e tentava ser uma “transposição do socialismo”⁹⁵⁶, e Nitti, que foi primeiro-ministro de Itália antes de o fascismo ascender ao poder, sublinhou em Mussolini “a sua admiração pelo bolchevismo russo”⁹⁵⁷. Outros autores foram na pegada destes, como o historiador italiano Gioacchino Volpe, que em 1935 considerou o “socialismo nacional” como “fonte do fascismo”⁹⁵⁸, e Giuseppe Prezzolini, para quem “o fascismo é simplesmente o ponto de encontro de dois movimentos populares que dominaram o Século XIX na Europa: o socialismo e o nacionalismo”, para concluir que “o fascismo corresponde exatamente a um movimento comunista”⁹⁵⁹. Até Palmiro Togliatti, líder do Partido Comunista Italiano no tempo do fascismo, reconheceu em 1936 a existência no movimento de Mussolini de “resíduos das chamadas ideologias marxistas” envolvendo “tentativas de fundir a ideia de nação com o conceito de classe” para chegar à síntese da “Itália proletária contra as nações capitalistas.”⁹⁶⁰

Mas houve também naquele tempo pensadores fascistas fora de Itália a assumir abertamente a natureza socialista do fascismo. “O futuro do socialismo”, escreveu Pierre Drieu la Rochelle em 1934 numa obra sintomaticamente intitulada *Socialismo Fascista*, “vem do espetáculo que dão hoje os países fascistas”, pois “há muito de socialismo em fermentação no mundo fascista”, um “socialismo vivo, voluntário – flexível, pragmático – que era o de Owen em Inglaterra, de Proudhon em França, de Lassalle na Alemanha, de Bakunin na Rússia, de Labriola em Itália – e que permaneceu muito tempo à sombra do sucesso aparente do marxismo”⁹⁶¹. Este pensador fascista francês falou nos dois conceitos que “se aproximam e se servem, socialismo e nacionalismo”⁹⁶², pois “o fascismo é um socialismo reformista”⁹⁶³, um “socialismo de forma europeia”⁹⁶⁴ que vem pôr fim à “triste agonia do socialismo oficial nas velhas democracias”⁹⁶⁵ onde “os

⁹⁵⁶ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.189.

⁹⁵⁷ *Idem*, p.106.

⁹⁵⁸ Giuseppe Parlato, *op. cit.*, 2008, p.43.

⁹⁵⁹ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.15.

⁹⁶⁰ Palmiro Togliatti, *Lectures on Fascism*, International Publishers, Nova Iorque, 1976, p.60.

⁹⁶¹ Pierre Drieu la Rochelle, *Socialisme fasciste*, Ars Magna, Nantes, 2016, p.204.

⁹⁶² *Idem*, p.206.

⁹⁶³ *Ibidem*, p.209.

⁹⁶⁴ *Ibidem*, p.106.

⁹⁶⁵ *Ibidem*, p.204.

partidos socialistas esbarraram na rotina parlamentar”, “tornaram-se cada vez mais conciliatórios” e “não alimentam mais do que uma vaga oposição verbal ao mundo capitalista.”⁹⁶⁶

Na mesma época, autores da área liberal notaram igualmente a tendência de aliança entre o socialismo e o nacionalismo. “Por um lado, um socialismo completo está a transformar-se num tipo de nacionalismo”, constatou Élie Havély em 1938, “por outro, um nacionalismo integral está a transformar-se num tipo de socialismo”⁹⁶⁷. Esta observação de Havély mostra que os pensadores não marxistas começaram a aperceber-se deste fenómeno de convergência do nacionalismo com o socialismo da sua época. Mais ainda, descontando embora as naturais diferenças de retórica e as nuances ideológicas, cedo estabeleceram uma relação entre o fascismo e o comunismo, o que aconteceu sobretudo a partir do momento em que apareceu o nacional-socialismo. Por envolver um país com a importância da Alemanha, o nazismo acabou de resto por concentrar sobre si a maior parte das atenções dos intelectuais não marxistas que tentaram compreender o que se estava a passar nos campos socialista e nacionalista e que descobriam paralelos perturbadores entre os movimentos de Mussolini e sobretudo de Hitler e o que acontecia na Rússia.

É o caso, por exemplo, do historiador Albert Rivaud, que em 1938 descreveu o nacional-socialismo como um “socialismo nacional”⁹⁶⁸ herdeiro do pangermanismo e do comunismo, enquanto o também historiador Edmond Vermeil chamava ao nazismo “socialismo à alemã”⁹⁶⁹, um “socialismo de Estado de natureza militar que toca de perto o comunismo”⁹⁷⁰. Na mesma época, Thomas Mann observou que “o nacional-socialismo nada mais é do que bolchevismo”, sendo que “os dois são irmãos desavindos, em que o mais novo aprendeu tudo do mais velho, o russo”⁹⁷¹. O próprio general Kurt von Schleicher, o último chanceler da República de Weimar, referiu-se ao programa dos nazis para considerar que “na sua

⁹⁶⁶ *Ibidem*, p.143.

⁹⁶⁷ Richard Shorten, *Modernism and Totalitarianism – Rethinking the Intellectual Sources of Nazism and Stalinism, 1945 to the Present*, Palgrave MacMillan, Houndmills, 2012, p.30.

⁹⁶⁸ Pierre Ayçoberry, *La question nazie – Les interprétations du national-socialisme (1922-1975)*, Éditions du Seuil, Paris, 1979, p.38.

⁹⁶⁹ Edmond Vermeil, “Propagandes allemandes”, *Politique étrangère*, nº1, 1945, p.35.

⁹⁷⁰ Pierre Ayçoberry, *op. cit.*, 1979, p.72.

⁹⁷¹ Thomas Mann, *The Coming Victory of Democracy*, Secker & Warburg, Londres, 1938, p.42.

essência tinha poucas diferenças em relação ao puro comunismo”⁹⁷². Desenvolveu-se assim uma escola de estudos a colocar de um lado os socialismos e nacionalismos ditatoriais e do outro o liberalismo e o socialismo liberal, uma visão também partilhada inicialmente por historiadores como Carlton Hayes e Thomas Woody. A identificação do fascismo com o comunismo revelou-se nesta época tão consensual que Romain Ducoulombier considerou que “a meio da década de 1930 o princípio da comparação do fascismo com o bolchevismo tornou-se um dado adquirido.”⁹⁷³

É importante por outro lado salientar que a integração do nazismo no fenómeno fascista, embora uma evidência para os autores marxistas, não o era para os não marxistas, que encaravam as semelhanças entre o fascismo e o nazismo apenas na medida em que ambos constituíam formas de socialismo nacionalista autoritário gémeas do bolchevismo. Os próprios fascistas não reconheciam os nacional-socialistas como integrantes de uma família ideológica especificamente fascista. Mussolini e a generalidade dos fascistas olharam durante anos com uma certa desconfiança para os nazis, ao ponto de o *Duce* ter recusado autografar uma fotografia sua solicitada pelo próprio Hitler, só satisfazendo o pedido quando o chefe nazi atingiu a proeminência e se tornou claro que uma nova recusa seria problemática. Os próprios nacional-socialistas, e para lá da genuína admiração pessoal que Hitler nutria por Mussolini, procuraram uma aproximação aos fascistas essencialmente com o objetivo estratégico de convencer a Itália a manter-se neutral, ou a tornar-se mesmo aliada, quando chegasse o dia do grande ajuste de contas da Alemanha com a França, e a deixá-los apropriarem-se da Áustria no momento em que a ocasião se propiciasse.

Não foi por acaso que, no *Mein Kampf*, Hitler designou explicitamente a Itália e a Inglaterra como os aliados naturais da Alemanha contra a França, que os alemães responsabilizavam pela iniquidade e humilhação do Tratado de Versalhes. As considerações estratégicas para a aproximação aos fascistas eram, pois, dominantes; não necessariamente as ideológicas. Seguindo esse raciocínio, quando se encontrava na oposição Hitler enviou vários emissários para contactarem Mussolini, o qual se mostrou em geral cordial mas evasivo e, recorrendo a manobras dilatórias, foi adiando a realização do encontro

⁹⁷² Pierre Ayçoberry, *op. cit.*, 1979, p.59.

⁹⁷³ Romain Ducoulombier, *Histoire du communisme*, Presses Universitaires de France, Paris, 2014, p.56.

peçoal que o líder nazi lhe pediu sucessivamente a partir de 1928. Muito importante, para seduzir os italianos e sobretudo Mussolini, Hitler aceitou até a italianização da população de etnia alemã do Tirol italiano, posição sem precedentes no nacional-socialismo e que expôs o futuro *Führer* a acusações internas de traição.

O facto é que os fascistas reagiram com enorme desconfiança em relação aos nacional-socialistas. É significativo que um artigo de A. Spaini na publicação fascista *Gerarchia* se referisse com desdém ao “pseudo fascismo”⁹⁷⁴ do movimento de Hitler e que outros fascistas negassem ao nazismo uma genuína natureza fascista. O caso mais extremo é talvez o de Curzio Malaparte, que cobriu o líder nazi de insultos, dizendo que “Hitler não passa da caricatura de Mussolini”, um “austriaco seboso”⁹⁷⁵ e “reacionário”⁹⁷⁶ que é “tão desprovido do sentido do ridículo”⁹⁷⁷, com “todos os traços físicos da mediocridade do espírito burguês alemão”⁹⁷⁸, um “politicante eloquente e cínico que não sabe conceber a revolução a não ser como uma banal guerrilha de subúrbios com os guardas vermelhos comunistas”, responsável pelo “ódio estúpido e brutal que caracteriza os ditadores de terceira categoria”⁹⁷⁹.

Malaparte argumentou que, enquanto marxista, Mussolini não atacava os operários, mas as organizações sindicais dos operários de modo a afastar a oposição aos seus desígnios revolucionários, o que era bem diferente de Hitler e das suas tropas de assalto, com o seu “ódio estúpido e criminal (...) contra os operários enquanto operários”⁹⁸⁰. Ou seja, Mussolini tomou o poder como um marxista, com ações de rua, e Hitler tentava fazê-lo como um reacionário, no parlamento, sendo que as suas ações de rua não serviam nenhum propósito estratégico a não ser agredir os trabalhadores. “Hitler é um César falhado”⁹⁸¹, escreveu o escritor fascista, “é um homem fraco que se refugia na brutalidade para ocultar a sua falta de energia”, pois “na realidade, o espírito de Hitler é um espírito profundamente feminino” e “a

⁹⁷⁴ Renzo de Felice, *op. cit.*, 2018, p.107.

⁹⁷⁵ Curzio Malaparte, *op. cit.*, 1994, p.229.

⁹⁷⁶ *Idem*, p.220.

⁹⁷⁷ *Ibidem*, p.230.

⁹⁷⁸ *Ibidem*, p.231.

⁹⁷⁹ *Ibidem*, p.232.

⁹⁸⁰ *Ibidem*, p.236.

⁹⁸¹ *Ibidem*, p.239.

sua ambição é de poder um dia corromper, humilhar, escravizar todo o povo alemão em nome da liberdade, da glória e do poder da Alemanha.”⁹⁸²

Como se vê, muitos fascistas desdenhavam abertamente de Hitler. O historiador Renzo de Felice mencionou a “cautela de Mussolini” em relação aos nazis e sublinhou a postura da própria imprensa fascista, que “não mostrava nenhuma real simpatia pelo nacional-socialismo” e registava os êxitos eleitorais dos nazis “sem entusiasmo”⁹⁸³, enquanto Michele Caimmi foi ainda mais longe. “A relação de Mussolini-Hitler era de amor-ódio, mas não no sentido convencional”, observou. “Era uma relação de amor-ódio no sentido em que Hitler amava Mussolini enquanto Mussolini odiava Hitler”⁹⁸⁴. Foi preciso esperar pelo forte crescimento nazi nas eleições de 1930 para que os fascistas, confrontados com a realidade, se comesçassem verdadeiramente a interessar por eles, e mesmo assim com reservas. Mussolini sentia-se sobretudo incomodado com o racismo e o antissemitismo nazi, e na sua célebre entrevista a Emil Ludwig, entrevistador propositadamente escolhido por ser um judeu alemão, o *Duce* não hesitou em ridicularizar as ideias raciais e antissemitas do nacional-socialismo.

É verdade que, para muitos nacional-socialistas, o fascismo se tornara desde o início uma referência – mas sobretudo nos métodos. Hitler seguira com muita atenção a marcha sobre Roma em 1922, que tentou imitar no ano seguinte com o *putsch* falhado em Munique, e as intervenções musculadas dos fascistas para enfrentarem as ações de rua dos comunistas, que os nacional-socialistas também imitaram, mas a sua inegável admiração por Mussolini não encontrava eco em todos os seus correligionários. Num texto sobre o fascismo datado de 1934, por exemplo, Joseph Goebbels limitou-se a reconhecer semelhanças entre as ideologias dos dois movimentos apenas no que elas não eram (não eram liberais, não eram pacifistas, não eram marxistas, etc). O próprio Hitler, ao abordar o tema no ano seguinte no prefácio a uma obra italiana, apenas admitiu semelhanças entre nazismo e fascismo em dois pontos, as conceções do Estado e do socialismo, o que confirma a prevalência das considerações estratégicas sobre as ideológicas nas suas insistentes tentativas de aproximação aos fascistas.

⁹⁸² *Ibidem*, p.240.

⁹⁸³ Renzo de Felice, *Mussolini e Hitler – I rapporti segreti 1922-1933*, Editori Laterza, Roma, 2018, p.106.

⁹⁸⁴ Michele Caimmi, “Hitler and Mussolini, a Love-Hate Relationship”, 19 de janeiro de 2020, historyofyesterday.com.

Já os pensadores marxistas, como é natural, desenvolveram desde o início os melhores esforços para dissociar o fascismo e o nacional-socialismo da família socialista geral e os inserir na família inimiga, a liberal. Esses esforços envolveram uma recusa obsessiva em usar sequer a expressão “nacional-socialismo” quando se referiam ao movimento nacional-socialista alemão, como se receassem que a simples presença da palavra “socialismo” os compromettesse, e chegaram ao ponto de se referirem aos nazis quase sempre apenas pela designação de “fascistas”. Não sendo estruturalmente incorreta, a catalogação dos nazis como fascistas cria por vezes a dificuldade de determinar em que circunstâncias as análises destes autores marxistas se referem especificamente aos fascistas ou aos nacional-socialistas.

Para associar doutrinariamente o fascismo com a área liberal, os intelectuais marxistas partiram de trechos de dois textos dos fundadores, logo canônicos. A dado passo de *O Dezoito Brumário de Luís Napoleão*, Karl Marx havia observado que por vezes a burguesia renunciava ao exercício do poder direto, enquanto Friedrich Engels, numa carta a Marx, sustentou que “uma ditadura semi-bonapartista (...) defende os grandes interesses materiais da burguesia mesmo contra a vontade da burguesia, sem deixar a burguesia entrar no governo”⁹⁸⁵. Estava encontrada a primeira explicação oficial marxista para o fascismo. Logo que os fascistas tomaram o poder em Roma, por exemplo, o marxista Julius Braunthal escreveu no órgão comunista *Der Kampf* que o fascismo era “a expressão brutal do desejo de dominação das classes proprietárias”⁹⁸⁶, as quais recrutavam os fascistas para a contrarrevolução, definição que o escritor marxista John Strachey popularizou num *bestseller* da época a estabelecer que o fascismo constitui “uma ditadura capitalista” criada “para a proteção do capitalismo de monopólio.”⁹⁸⁷

As sucessivas explicações marxistas foram evoluindo como variantes desta ideia fundamental, sempre atribuindo o aparecimento do fascismo a uma luta de classes mais ou menos mecanicista em que os fascistas apareciam como burgueses ou, alternativamente, como instrumentos dos burgueses e do capitalismo. Esta conceção contaminou o campo mediático no Ocidente, pois os intelectuais e os jornalistas ocidentais eram

⁹⁸⁵ Friedrich Engels, “Friedrich Engels to Karl Marx in Margate”, 13 de abril de 1866, www.marxists.org.

⁹⁸⁶ Gerhard Botz, “Austro-Marxist Interpretation of Fascism”, *Journal of Contemporary History*, nº4, Volume 11, outubro de 1976, p.130.

⁹⁸⁷ John Strachey, *The Coming Struggle for Power*, 1934, archive.org, p.262.

tendencialmente simpatizantes do pensamento socialista e consequentemente começaram a propagar a noção de que o fascismo estava associado ao capitalismo. “A ideia de que um pequeno-burguês fanático, reivindicando-se ao mesmo tempo socialista, trabalhista e nacionalista, poderia dirigir um movimento de massas e vencer era sociologicamente demasiado novo e politicamente excessivamente desagradável para que eles o digerissem”⁹⁸⁸, constatou Brigitte Granzow num estudo sobre a forma como a imprensa britânica encarava o fenómeno fascista.

Houve no entanto uma importante e significativa exceção no discurso relativamente monolítico dos marxistas. O prestigiado ideólogo marxista austríaco Otto Bauer, que como já vimos influenciara Mussolini na concepção da ideologia fascista, responsabilizou o comunismo soviético pelo aparecimento do fascismo e concluiu que o próprio bolchevismo se tinha tornado “a ditadura de uma casta governante colocada acima de todas as classes na sociedade, exatamente como o fascismo.”⁹⁸⁹ Foi a primeira vez que uma figura de primeira linha no campo marxista se atreveu a estabelecer explicitamente a ligação do fascismo ao bolchevismo, o que levou a ortodoxia comunista a reagir e a insistir que o fascismo nada tinha de socialismo e estava plenamente integrado no campo do liberalismo.

A posição de Bauer obrigou contudo os comunistas bolcheviques a fazerem concessões, tarefa de que Clara Zetkin se encarregou num congresso do Comintern em 1923. Nesse ano o comunista húngaro Djula Sas tinha publicado um livro em que, embora defendendo que o fascismo representava o capital industrial, admitiu que o movimento de Mussolini atraía largas fatias da classe trabalhadora. Foi o primeiro reconhecimento do género no campo marxista. Evidentemente baseando-se no texto de Sas, Zetkin argumentou que o fascismo era um instrumento da burguesia para se defender à margem da lei, como era da norma em qualquer texto marxista, mas concedeu que “a base do fascismo não radica numa pequena casta, mas em vastas camadas sociais, enormes massas que chegam mesmo ao proletariado” e que o movimento fascista “não constitui de modo nenhum a vingança da burguesia contra a revolta militante do proletariado.”

O reconhecimento de que o fascismo era afinal também um movimento proletário, ideia subscrita três anos depois pelo ideólogo comunista italiano

⁹⁸⁸ Brigitte Granzow, *A Mirror of Nazism – British Opinion and the Emergence of Hitler (1929-1933)*, Victor Gollancz, Londres, 1964, p.188.

⁹⁸⁹ Gerhard Botz, “Austro-Marxist Interpretation of Fascism”, *Journal of Contemporary History*, nº4, Volume 11, outubro de 1976, p.133.

Antonio Gramsci, obrigava a explicar por que razão estavam os operários a voltar-se para as ideias fascistas. A justificação que Zetkin deu foi de que “o fascismo chega muito mais como uma punição por o proletariado não ter levado a cabo a revolução que começou na Rússia”⁹⁹⁰. A mensagem implícita era que os comunistas que não avançassem para a revolução do proletariado vê-lo-iam virar-se para o fascismo, o que era confirmado por estudos de geografia eleitoral que documentavam a penetração dos nazis em fortes setores de operariado, a exemplo do que já havia acontecido em Itália com o fascismo. Ou seja, de certo modo o fascismo devia ser interpretado como um passo desviante na direção do socialismo.

Esta posição, que influenciou os marxistas da época que seguiam a linha de Moscovo, mostra que o Partido Comunista alemão e sobretudo o seu patrono russo não pareciam na verdade muito preocupados com o fascismo em geral e o nazismo em particular. Em bom rigor, fica-se até com a impressão de que o aparecimento dos nacionais-socialistas foi encarado como algo positivo, uma vez que os comunistas alemães começaram a cooperar abertamente com os nazis, a quem chegaram a designar “camaradas dos trabalhadores.”⁹⁹¹

Os dirigentes comunistas defenderam mesmo em 1923, e durante uma década, que o verdadeiro fascismo na Alemanha não estava no partido de Adolf Hitler mas no SPD, que Grigori Zinoviev descreveu em 1924 como “uma ala do fascismo”⁹⁹². Essa posição cristalizou-se na expressão “social fascistas”⁹⁹³ desenvolvida por Estaline e Zinoviev e consagrada pelo Comintern para descrever os sociais-democratas e que serviu para reduzir a “fascistas” todos aqueles que não eram comunistas, sobretudo os liberais e os socialistas democráticos. “O fascismo”, escreveu o comunista indiano Palme Dutt, “é a mais completa e coerente formulação, em certas condições de extrema decadência, das tendências e políticas mais típicas do capitalismo moderno”⁹⁹⁴. Dutt chegou ao ponto de dar o exemplo do presidente

⁹⁹⁰ Clara Zetkin, “The Struggle Against Fascism”, 20 de junho de 1923, www.marxists.org.

⁹⁹¹ Billy Moncure, “How Communists in Germany Allied with Nazis to Destroy Democracy”, 28 de setembro de 2018, www.warhistoryonline.com.

⁹⁹² Kevin McDermott e Jeremy Agnew, *The Comintern – A History of International Communism from Lenin to Stalin*, MacMillan, Londres, 1986, p.50.

⁹⁹³ Martin Kitchen, *Fascism*, MacMillan, Londres, 1985, p.6.

⁹⁹⁴ Palme Dutt, *Fascism and Social Revolution – A Study of the Economics and Politics of the Last Stages of Capitalism in Decay*, National Book Agency Private Ltd, Calcutá, 1979, p.76.

americano Franklin Delano Roosevelt como um “quase-fascista”⁹⁹⁵ e de colocar o economista britânico John Maynard Keynes no mesmo patamar, pois segundo este marxista indiano o fascismo era inevitável sempre que a classe trabalhadora optava pelo caminho reformista em vez do caminho revolucionário. Se o SPD aceitava as regras da democracia liberal e preferia o caminho reformista, então era este o partido fascista por excelência na Alemanha.

Os comunistas sentiam-se até 1933 tão confortáveis com os nazis que, apesar dos confrontos de rua entre a milícia comunista *Roter Frontkämpferbund* e a milícia nacional-socialista SA, persistiam em não considerar que os nazis fossem os principais fascistas. Aliás, nem se sentiam verdadeiramente incomodados com o fascismo, pois nesse ano de 1933 assinaram o tratado fascista-comunista com a Itália de Mussolini, versando cooperação militar, e a imprensa comunista soviética enalteceu a “amizade”⁹⁹⁶ com o regime fascista. O verdadeiro inimigo era a social-democracia herdeira do pensamento de Eduard Bernstein. Mais, os comunistas acreditavam que a revolução nacional-socialista constituía o prelúdio da revolução comunista. “Depois de Hitler, a nossa vez!”⁹⁹⁷, proclamou o líder do PC alemão, Ernst Thälmann, e o mesmo previu Moscovo.

O Partido Comunista alemão chegou ao ponto de colaborar lado a lado com os nazis em greves e em ações violentas contra sindicatos do SPD, e até na organização de um referendo na Prússia em 1931, ocasião em que os paramilitares das duas forças, designadamente os guardas vermelhos comunistas e os camisas castanhas nazis, exibiam os mesmos cartazes e em que funcionários nacional-socialistas e comunistas confraternizavam nas estações de voto com as suas faixas vermelhas nos braços, uns com a suástica, outros com a foice e o martelo. Em 1932 os comunistas e os nacional-socialistas ainda colaboravam ativamente, tendo ambos apoiado por exemplo a greve dos transportes que paralisou Berlim e os seus militantes andado juntos pelas ruas, em alguns casos quase de braço dado, a recolher donativos para financiar a paralisação. Embora considerando o

⁹⁹⁵ *Idem*, p.77.

⁹⁹⁶ Ingrid Sandole-Staroste, “Italo-Soviet Military Cooperation in the 1930s”, in Donald Stoker and Jonathan Grant (direção), *Girding for Battle – The Arms Trade in a Global Perspective, 1815-1940*, Praeger, Westport, 2003, p.180.

⁹⁹⁷ Jessica Whyte, *Catastrophe and Redemption – The Political Thought of Giorgio Agamben*, State University of New York Press, Nova Iorque, 2013, p.14.

nazismo um fascismo, se bem que não o principal fascismo, o Comintern aprovou em 1933 uma resolução a concluir que a chegada dos nazis ao poder “precipita o ritmo da evolução da Alemanha para a revolução proletária.”⁹⁹⁸

O tempo mostrou que esta análise era absurda e, quando as circunstâncias mudaram e os comunistas se viram na contingência de se aliarem aos até ali “sociais fascistas” socialistas liberais para se defenderem dos até então “camaradas dos trabalhadores” nazis, foram forçados a meter a teoria do social-fascismo na gaveta, assim abrindo caminho à definição marxista clássica do comunista búlgaro Georgi Dimitrov. “O fascismo”, estabeleceu Dimitrov em 1935, é “*a ditadura terrorista aberta dos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas elementos do capital financeiro*”⁹⁹⁹ (itálico no original). Esta formulação, que se tornou a nova doutrina oficial, continha subtilezas bizantinas. Se só as ditaduras “mais” reacionárias, chauvinistas e imperialistas eram fascistas, como estabelecera Dimitrov, isso significava que os restantes partidos e regimes, sendo reacionários, chauvinistas e imperialistas mas não tanto quanto os fascistas, não o eram.

O que era verdade ontem, de um dia para o outro passou a ser mentira. Afinal os democratas liberais já não eram muito fascistas e os nazis já não eram “camaradas dos trabalhadores”, volte-face que abriu o caminho a alianças dos comunistas com os sociais-democratas. Não seria, note-se, o último volte-face do género, pois o tratado nazi-comunista de 1939 faria com que os comunistas voltassem a encarar os nazis com simpatia, a referir-se a eles como “nacional-socialistas” e já não como fascistas, e até a ajudá-los materialmente nas suas invasões e a cumprimentá-los pelas suas vitórias militares contra os Aliados, situação que sofreria ainda mais um volte-face quando em 1941 a Alemanha nazi invadiu a União Soviética e os nacional-socialistas voltaram a ser vistos como fascistas.

De volte-face em volte-face, torna-se assim claro que a definição de fascismo variava entre os comunistas em função dos interesses do momento. Até as típicas interpretações classistas do marxismo iam variando. Uma vez o fascismo era visto como um instrumento do grande capital, outras da pequena burguesia, outras de uma elite, outras de uma casta, outras da

⁹⁹⁸ Nicos Poulantzas, *Fascism and Dictatorship – The Third International and the Problem of Fascism*, Verso, Londres, 2018, p.49.

⁹⁹⁹ Georgi Dimitrov, “The Fascist Offensive and the Tasks of the Communist International in the Struggle of the Working Class against Fascism”, Sétimo Congresso Mundial da Internacional Comunista, 2 de agosto de 1935, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

indústria, outras dos proprietários de terras, outras dos militares, outras era constituído por camaradas dos trabalhadores, outras aliado do comunismo ortodoxo. Num momento todos eram fascistas com exceção dos comunistas, no momento seguinte os únicos fascistas no mundo eram os dirigentes dos partidos fascistas. Uns marxistas achavam que a burguesia usava os fascistas como seus agentes, outros que a burguesia tinha prescindido do poder e entregara-o aos fascistas para travar os comunistas, outros ainda que a burguesia criara o fascismo para acabar por se tornar vítima dele.

Curiosamente, as questões raciais e antissemitas tão presentes no nacional-socialismo raramente eram abordadas pelos autores marxistas, como se não fosse isso o que verdadeiramente os ofendia no nazismo. Na verdade alguns até as aprovavam. A dirigente do Partido Comunista alemão, Ruth Fischer, fez a este propósito um discurso elucidativo em 1923 diante de estudantes nazis em Berlim. “Quem se declara contra o capital judeu, meus senhores, é já um combatente de classe, mesmo que não o saiba”, disse na ocasião. “Vocês opõem-se ao capital judeu... muito bem! Esmaguem os capitalistas judeus, enforcuem-nos nos postes de iluminação pública!”¹⁰⁰⁰

A verdade é que o fascismo não estava previsto na teoria marxista e, para além do dogma de que os fascistas eram agentes da burguesia, e mesmo nesse ponto nem sempre havia acordo, a desorientação entre os pensadores marxistas parecia total pois ninguém se entendia sobre este fenómeno que tão profundamente penetrara no proletariado e se reivindicava simultaneamente socialista e nacionalista. O problema é que, no campo marxista, a inquietante dúvida levantada anos antes por Otto Bauer de que o próprio bolchevismo era um fascismo começou a fazer o seu caminho junto de intelectuais comunistas ocidentais que tiveram contactos directos com o comunismo enquanto regime.

Em bom rigor, as primeiras inquietações emergiram ainda antes do aparecimento em força do fascismo. Um dos primeiros comunistas ocidentais a visitar a Rússia, o filósofo e matemático britânico Bertrand Russell, viajou pelo país em 1919, em pleno processo revolucionário, e regressou a Inglaterra abalado. Apesar de continuar a acreditar que “o comunismo é necessário para o mundo” e que a revolução bolchevique constituía “uma esplêndida tentativa”¹⁰⁰¹ nesse sentido, Russell ficou

¹⁰⁰⁰ Stephen Norwood, *Antisemitism and the American Far Left*, Cambridge University Press, Nova Iorque, 2013, p.15.

¹⁰⁰¹ Bertrand Russell, *The Practice and Theory of Bolshevism*, George Allen & Unwin Ltd, Londres, 1921, p.6.

perturbado com “os seus métodos”, por envolverem “um afastamento em relação aos ideais”¹⁰⁰², e por constatar que o bolchevismo se tinha transformado numa “religião, com dogmas elaborados e escrituras sagradas”¹⁰⁰³. Com base no que viu e denunciou, designadamente a fome generalizada entre a população contrastante com o conforto em que os comunistas viviam, o colapso da indústria e dos transportes com exceção da indústria do armamento, o ódio popular aos comunistas e a repressão geral comunista para estabelecer um clima de “terror submisso” que desembocara num “sistema penosamente parecido com o velho governo do czar”¹⁰⁰⁴, o filósofo socialista britânico concluiu que o método bolchevique só poderia ter como resultado “um caos prolongado que não conduzirá ao comunismo nem a qualquer outro sistema civilizado, mas a um recuo à barbárie da Idade das Trevas”, e que portanto se estava perante um “fracasso”¹⁰⁰⁵. Este tipo de relato levava já Rosa Luxemburgo a avisar os bolcheviques de que “a governação pelo terror” era “completamente errada” e que o único caminho para o socialismo era através da “democracia mais alargada.”¹⁰⁰⁶

A emergência do fascismo em Itália não pareceu perturbar minimamente os bolcheviques, que não deram sinais de lhe prestar grande atenção. O problema só se tornou sério depois do aparecimento do nacional-socialismo, que os autores marxistas designavam sempre como fascismo, pois as comparações com o bolchevismo tornaram-se possíveis – e crescentemente perturbadoras, a começar pela presença incómoda da palavra *socialismo* no nome do nacional-socialismo. Os relatos testemunhais sobre a realidade do regime comunista e as suas extraordinárias semelhanças com o fascismo e sobretudo com o nacional-socialismo multiplicaram-se então no Ocidente. Nas suas viagens por zonas controladas pelos comunistas, os intelectuais marxistas ocidentais descobriram, horrorizados, que os pontos comuns entre comunismo e fascismo, em particular o nazismo, eram tantos que começaram a considerar que os respetivos regimes podiam muito bem ser afinal a mesma coisa com nomes diferentes.

Muitos escritores comunistas ocidentais aperceberam-se dessa realidade quando visitaram a União Soviética, como foi o caso do italiano Ignazio Silone, dos americanos Max Eastman e Eugene Lyons, dos franceses André

¹⁰⁰² *Idem*, p.7.

¹⁰⁰³ *Ibidem*, p.8.

¹⁰⁰⁴ *Ibidem*, p.170.

¹⁰⁰⁵ *Ibidem*, p.165.

¹⁰⁰⁶ Rosa Luxemburgo, *The Russian Revolution*, 1918, www.marxists.org.

Gide, André Malraux e Boris Souvarine, e dos austríacos Franz Borkenau e Arthur Koestler. Estes intelectuais regressaram ao Ocidente chocados com as semelhanças entre o regime comunista e os regimes de Mussolini e, sobretudo, de Hitler. André Gide escreveu em 1936 *Retour de l'URSS* a admitir sobre o comunismo que “se me enganei o melhor é reconhecer o mais cedo possível o meu erro”¹⁰⁰⁷. Gide descreveu um país cheio de “filas” gigantescas “até à rua seguinte”, onde “as necessidades são enormes”¹⁰⁰⁸ e onde todos os produtos são “horrorosos”¹⁰⁰⁹, com o “restabelecimento da desigualdade entre salários”¹⁰¹⁰ e o estabelecimento de uma “completa despersonalização”¹⁰¹¹, onde “não pode haver mais do que uma opinião”¹⁰¹² e “o espírito crítico (apesar do marxismo) está completamente ausente”¹⁰¹³ (parêntesis no original). Era um país onde coexistiam os “privilegiados” e os operários “tão mal pagos”¹⁰¹⁴, onde “existem pobres. Demasiado; muito demasiado” e “o desprezo, ou pelo menos a indiferença daqueles que são e se sentem ‘do lado bom’ em relação aos ‘inferiores’, os domésticos, os trabalhadores, os homens e mulheres ‘de jornada’, eu diria: os pobres”¹⁰¹⁵, para rematar com esta frase absolutamente assassina: “duvido que em algum outro país hoje em dia, incluindo a Alemanha de Hitler, o espírito seja menos livre, mais subjugado, mais receoso (aterrorizado), mais vassalizado”¹⁰¹⁶ (parêntesis no original).

Por seu turno, Boris Souvarine publicou *Cauchemar en URSS* a descrever um país onde decorriam “as repressões mais implacáveis” envolvendo “corrupção, venalidade, abuso de poder” e “chuvas de sangue” e “vagas de lama”¹⁰¹⁷, um regime opressivo onde “as vítimas não são simplesmente mortas, mas anuladas e desonradas para lá de qualquer expressão”¹⁰¹⁸ num “interminável pesadelo”¹⁰¹⁹ marcado por um permanente e aviltante discurso

¹⁰⁰⁷ André Gide, *Retour de l'URSS suivi de Retouches à mon 'Retour de l'URSS'*, Éditions Payot & Rivages, Paris, 2022, p.34.

¹⁰⁰⁸ *Idem*, p.53.

¹⁰⁰⁹ *Ibidem*, p.54.

¹⁰¹⁰ *Ibidem*, p.58.

¹⁰¹¹ *Ibidem*, p.60.

¹⁰¹² *Ibidem*, p.61.

¹⁰¹³ *Ibidem*, p.63.

¹⁰¹⁴ *Ibidem*, p.69.

¹⁰¹⁵ *Ibidem*, p.73.

¹⁰¹⁶ *Ibidem*, p.75.

¹⁰¹⁷ Boris Souvarine, *Cauchemar en URSS*, Agone, Marselha, 2001, p.30.

¹⁰¹⁸ *Idem*, p.29.

¹⁰¹⁹ *Ibidem*, p.33.

de ódio. Também o alemão Otto Rühle, comunista próximo de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, descreveu em 1939 a Rússia como “um exemplo para o fascismo”. Para ele, o “bolchevismo é uma doutrina nacionalista” e “o fascismo é uma mera cópia do bolchevismo.”¹⁰²⁰

Palavras destas constituíam heresia absoluta nos meios socialistas ocidentais e suscitaram críticas violentas aos intelectuais comunistas que denunciavam o pesadelo comunista soviético. No caso de Gide, os ataques foram tão violentos que o escritor francês se viu na necessidade de publicar *Retouches à mon ‘Retour de l’URSS’*. “A publicação do meu *Retour de l’URSS* valeu-me inúmeras injúrias”¹⁰²¹, começou por notar no início de um texto em que foi ainda mais longe do que o precedente. O escritor francês insistiu que o comunismo na União Soviética “afasta-se cada vez mais do que esperaríamos que ele fosse” e falou num “deplorável estado de coisas”¹⁰²² e num “virar de costas ao socialismo”¹⁰²³ de um regime onde “pensar por si mesmo é tornar-se ‘contrarrevolucionário’. Fica-se bom para ir para a Sibéria”. Na União Soviética “um excelente meio de progressão de carreira é a delação”¹⁰²⁴, pois “cada um vigia, vigia-se, é vigiado”¹⁰²⁵ num “ambiente de vigilância e delação” em que “são passíveis de prisão ou deportação aqueles que, tendo ouvido coisas que soam mal, não prestem informação sobre elas. A delação faz parte das virtudes cívicas. Ela é exercida desde a mais tenra idade, e a criança que ‘informa’ é felicitada”¹⁰²⁶. Na verdade, “na escala social reformada os que estão melhor são os mais servis, os mais cobardes, os mais graxistas, os piores”¹⁰²⁷, enquanto “os que desaparecem, que fazem desaparecer, são os mais valorosos”¹⁰²⁸. Neste regime, acusou, “são os salários insuficientes que permitem os salários desproporcionados de outros”¹⁰²⁹ de uma forma tão gritante que comparava mal com o mundo capitalista apesar “de uma intensa propaganda destinada

¹⁰²⁰ Otto Rühle, “The Struggle Against Fascism Begins with the Struggle Against Bolshevism”, 1939, www.marxists.org.

¹⁰²¹ André Gide, *op. cit.*, 2022, p.133.

¹⁰²² *Idem*, p.134.

¹⁰²³ *Ibidem*, p.135.

¹⁰²⁴ *Ibidem*, p.157.

¹⁰²⁵ *Ibidem*, p.158.

¹⁰²⁶ *Ibidem*, p.159.

¹⁰²⁷ *Ibidem*, p.160.

¹⁰²⁸ *Ibidem*, p.191.

¹⁰²⁹ *Ibidem*, p.164.

a fazer os nossos operários acreditarem que os operários russos estão felizes”¹⁰³⁰.

Na pátria do comunismo, escreveu Gide, “os votos populares, abertos ou secretos, são um embuste, uma fraude: todas as nomeações são decididas no topo”¹⁰³¹ e “aquilo a que se chama a ‘oposição’ na URSS é a crítica livre, é a liberdade de pensamento”¹⁰³². Concluiu: “sei bem (e vocês mo disseram suficientemente) que, ‘do ponto de vista marxista’, a *Verdade* não existe; pelo menos em termos absolutos; que apenas existe uma verdade relativa; mas precisamente é de uma verdade relativa que se trata aqui, aquela que vocês falsificam. E creio que em questões tão graves as pessoas enganam-se a si próprias mais do que tentam enganar outras. Pois, aqui, aqueles a quem enganais são aqueles que vocês pretendem servir: o povo. Servem-no mal ao cegá-lo. Temos de ver as coisas como elas *são*, não como gostaríamos que fossem”¹⁰³³ (parêntesis e itálico no original).

As denúncias de Gide foram sendo repetidas por sucessivos escritores comunistas que visitaram a União Soviética e que de lá saíram em estado de choque. O escritor comunista austríaco Franz Borkenau chegou mesmo a apresentar em 1939 o nazismo como “bolchevismo castanho” e o comunismo como “fascismo vermelho”¹⁰³⁴, enquanto o seu compatriota Arthur Koestler publicou em 1943 um romance, *Arrival and Departure*, onde insinuou haver uma grande proximidade ideológica entre comunismo e fascismo, e outro logo a seguir, *Darkness at Noon*, onde descreveu o comunismo como uma forma de fascismo.

A União Soviética, escreveu Koestler nos seus romances, era um país dominado pela violência, onde “as execuções tinham lugar à noite nas caves” com “um tiro na nuca”¹⁰³⁵ e onde “se pode mesmo deduzir qual o meio de tortura utilizado pelo tom e o ritmo dos gritos”¹⁰³⁶. O veredito deste escritor comunista sobre o que realmente era o regime comunista não podia ser mais eloquente: “o nível de vida do povo é inferior ao que era antes da Revolução; as condições de trabalho são mais duras, a disciplina é mais desumana, a labuta do trabalho à peça pior do que nas colónias ou do que dos *coolies*

¹⁰³⁰ *Ibidem*, p.168.

¹⁰³¹ *Ibidem*, p.171.

¹⁰³² *Ibidem*, p.191.

¹⁰³³ *Ibidem*, p.194.

¹⁰³⁴ Enzo Traverso, *The New Faces of Fascism – Populism and the Far Right*, Verso, Londres, 2019, p.155.

¹⁰³⁵ Arthur Koestler, *op. cit.*, 1991, p.168.

¹⁰³⁶ *Idem*, p.30.

indígenas; trouxemos de regresso aos doze anos o limite de idade punível com a pena capital; as leis sexuais são mais tacanhas do que as de Inglaterra, o nosso culto do Chefe mais bizantino que o das ditaduras reacionárias. A nossa imprensa e as nossas escolas cultivam o chauvinismo, o militarismo, o dogmatismo, o conformismo e a ignorância. O poder arbitrário do governo é ilimitado e não tem exemplo na História; as liberdades de imprensa, de opinião e de movimento desapareceram totalmente, como se a Declaração dos Direitos do Homem nunca tivesse existido. Edificámos o mais gigantesco aparelho policial no qual a delação se tornou uma instituição nacional, e dotámo-lo do sistema mais refinado e mais científico de torturas mentais e físicas. Conduzimos a golpes de chicote as massas sofredoras em direção a uma teórica felicidade futura que somos os únicos a ver.”¹⁰³⁷

Ao regressarem ao Ocidente, estes escritores sentiram-se divididos entre o dever ético de dizerem a verdade e o medo das retaliações que inevitavelmente iriam sofrer por parte dos seus amigos por fazerem tal coisa, pois os comunistas ocidentais, que não conheciam a realidade em primeira mão e ansiavam avidamente por acreditar no messianismo redentor marxista, consideravam uma afronta inaceitável que se fizesse qualquer comparação entre o comunismo e o fascismo – posição que muitos ainda hoje mantêm. Muitos, como acabámos de ver, optaram por falar. Outros permaneceram em silêncio.

Esse dilema foi descrito em pormenor pelo americano Eugene Lyons. Profundo admirador do bolchevismo, Lyons ficou chocado quando chegou a Moscovo para exercer a função de correspondente de uma agência de notícias e se deparou com uma cidade repleta de “prostitutas, pedintes, dificuldades alimentares”¹⁰³⁸, o que estava longe de constituir o idílio socialista que havia imaginado à distância. A partir daí foi sempre a piorar. Para além de o regime usar sem restrições um Estado policial implacável e uma censura apertada que amordaçava toda a liberdade, constatou que os comunistas subvertiam cinicamente a ideologia que com palavras sedutoras tanto apregoavam. “Os sindicatos não passavam de gabinetes para registar e arregimentar os trabalhadores para o Estado, um outro chicote à disposição dos governantes”, os quais usavam abertamente a “devoção patriótica à causa nacional” como instrumento ideológico para encorajar os

¹⁰³⁷ *Ibidem*, p.195.

¹⁰³⁸ Eugene Lyons, *Assignment in Utopia*, Transaction Publishers, New Brunswick, 1991, p.58.

trabalhadores a produzir a troco de salários de miséria. Os melhores produtos de consumo eram reservados a “uma espécie de aristocracia”¹⁰³⁹, pois havia sido criado um sistema de benefícios reservados à classe dos “comunistas privilegiados”¹⁰⁴⁰ e inacessíveis ao resto da população. Ou seja, o regime comunista assentava afinal num nacionalismo descarado e numa profunda desigualdade.

Lyons denunciou tudo isto numa obra intitulada *Assignment in Utopia* e, como seria de esperar, viu os seus amigos cortarem relações com ele e vilipendiá-lo. Nenhum comunista estava disposto a ver a realidade comunista descrita como um fascismo e fazê-lo era quase considerado um crime contra a humanidade. Neste contexto, dizer a verdade requeria grande coragem e enorme honestidade intelectual. “Todos os elementos influentes da sociedade”, observou Aleksandr Solzhenitsyn, “admiravam o que chamavam ‘a experiência progressista sem precedentes a decorrer na URSS’ enquanto nós éramos estrangulados pelos tentáculos cancerígenas do Arquipélago do Gulag, enquanto milhões de camponeses calejados de trabalho eram enviados para morrer no inverno da Sibéria”¹⁰⁴¹. Tudo perante a cegueira cúmplice dos intelectuais ocidentais. “A natureza humana está cheia de enigmas e contradições”, constatou o antigo escravo dos *gulag*. “Um dos enigmas é: como é possível que pessoas que foram esmagadas pelo absoluto peso da escravidão e atiradas para o fundo de um poço mesmo assim tenham força para se levantarem e libertarem, primeiro no espírito e depois com o corpo; enquanto aqueles que voam sem restrições sobre os cumes da liberdade de repente perdem o gosto pela liberdade, perdem a vontade de a defender e, confusos e perdidos para lá da esperança, quase começam a desejar a escravidão. Ou de outro modo: por que razão sociedades embrutecidas por meio século de mentiras que foram forçadas a engolir encontram dentro delas uma certa lucidez de coração e espírito que lhes permite ver as coisas na sua verdadeira perspetiva e compreender o real significado dos acontecimentos; enquanto sociedades que têm acesso a todo o tipo de informação de repente mergulham na letargia, numa espécie de cegueira em massa, um tipo de auto-engano voluntário.”¹⁰⁴²

¹⁰³⁹ *Idem*, p.208.

¹⁰⁴⁰ *Ibidem*, p.136.

¹⁰⁴¹ Aleksandr Solzhenitsyn, *Warning to the West – Speeches 1975-1976*, Vintage, Londres, 2019, p.120.

¹⁰⁴² *Idem*, p.114.

Nem todos os socialistas antagonizaram os escritores que cometiam o crime de expor com sinceridade o que tinham visto. George Orwell leu as obras dos intelectuais socialistas que denunciaram o que se passava na União Soviética e acreditou nelas graças à sua experiência em Espanha. Durante a guerra civil espanhola, Orwell tinha testemunhado em primeira mão o sistema policial instituído pelos comunistas em Barcelona, cidade onde predominava um clima paranoico de mentiras, suspeitas e denúncias, e onde a elite comunista vivia num fausto chocante enquanto a população penava com carências de toda a ordem. O grande escritor socialista concluiu que o comunismo em ação revelava um padrão totalitário e fascizante que não podia ser accidental. Encontra-se aí a génese de *1984*, uma distopia sobre o totalitarismo em geral, embora inspirado especificamente no totalitarismo comunista soviético que Orwell descreveu como “uma forma de socialismo (que torna) impossível a honestidade intelectual”¹⁰⁴³. Não foi por acaso que, depois de terminar a leitura do livro de Lyons, o autor de *1984* concluiu que o regime comunista soviético “não parece ser assim tão diferente do fascismo.”¹⁰⁴⁴

Os académicos contemporâneos que estudaram o marxismo e o fascismo estão a chegar às mesmas conclusões, embora focando-se desta feita não nas semelhanças fenomenológicas entre comunismo e fascismo, mas especificamente nas ligações ideológicas intrínsecas que integram o fascismo no campo dos socialismos. Na linha dos trabalhos dos historiadores das décadas de 1920 e 1930, como Rivaud, Vermeil, Hayes e Woody, mas também Thomas Mann e o marxistas Rosa Luxemburgo, Otto Bauer e Otto Rühle, para além de uma série de pensadores que durante a guerra fria estudaram o assunto, como Daniel Lerner, Hannah Arendt, K. D. Bracher, Carl Friedrich e Zbigniew Brzezinski, toda uma nova historiografia está a traçar a história intelectual das duas correntes socialistas e a constatar que as semelhanças entre elas não são meras coincidências, mas resultam de efetivos elementos doutrinários pertencentes à mesma família ideológica socialista. “O apelo de Mussolini ao sentimento nacional (...) baseia-se num corpo de literatura no qual Mussolini estava familiarizado – literatura essencialmente marxista na origem”¹⁰⁴⁵, escreveu James Gregor,

¹⁰⁴³ Ian Slater, *Orwell – The Road to Airstrip One*, 2ª edição, McGill-Queen’s University Press, Montreal, 2003, p.159.

¹⁰⁴⁴ Dorian Lynskey, *The Ministry of Truth – A Biography of George Orwell’s 1984*, Picador, Londres, 2019, p.47.

¹⁰⁴⁵ James Gregor, *op. cit.*, 2009, p. 275.

sublinhando que “por 1925, tanto o leninismo como o fascismo, variantes do marxismo, tinham criado sistemas políticos e económicos que partilhavam propriedades singulares”¹⁰⁴⁶. Vemos portanto o fascismo descrito como uma das “variantes do marxismo”, ao lado do leninismo.

Para que não restem dúvidas, Gregor reiterou este ponto ao referir-se ao raciocínio doutrinário de Marx e Engels. “Foi desse raciocínio que emergiram os racionais totalitários do leninismo, estalinismo, maoismo, nacional-socialismo e fascismo italiano em todas as suas variantes”¹⁰⁴⁷, insistiu, lembrando que “os primeiros fascistas eram quase todos marxistas”¹⁰⁴⁸ e sublinhando que “na fundação do movimento fascista, e ao longo de toda a sua fase inicial revolucionária, a maioria dos ‘teóricos’ de Mussolini eram antigos comunistas e marxistas intransigentes”¹⁰⁴⁹. Como Gregor notou, “todas as questões levantadas por marxistas como Dietzgen, Woltmann e Sorel – como Michels, Olivetti e Corridoni – confluíram durante a Primeira Guerra Mundial para produzir as ideologias que fizeram o nosso tempo”¹⁰⁵⁰, pelo que o “fascismo emergiu das convicções esquerdistas de Michels e dos sindicalistas revolucionários radicais.”¹⁰⁵¹

Outros historiadores constataram essencialmente o mesmo. “É o sindicalismo revolucionário que fornece ao fascismo nascente o seu conteúdo ideológico”¹⁰⁵², escreveram Zeev Sternhell, Mario Sznajder e Maia Ashéri, com Sternhell a sublinhar que “é sempre a revisão do marxismo que constitui a dimensão ideológica mais significativa do fascismo”, ideologia cujas fontes intelectuais “não passam de uma ultrapassagem ‘esquerdista’ do marxismo”¹⁰⁵³. Um autor como Michael Mann, que em geral evitou tocar no sensível tema da dimensão socialista do fascismo, reconheceu *en passant* que o fascismo nasceu porque “alguma da esquerda italiana estava fortemente atraída pelo nacionalismo”¹⁰⁵⁴, embora sem tirar todas as consequências desse facto, enquanto outro clássico, Stanley Payne, não só sublinhou que a maior parte dos fundadores do fascismo eram

¹⁰⁴⁶ *Idem*, p.293.

¹⁰⁴⁷ *Ibidem*, p.22.

¹⁰⁴⁸ James Gregor, *op. cit.*, 2000, p.20.

¹⁰⁴⁹ *Idem*, p.10.

¹⁰⁵⁰ James Gregor, *op. cit.*, 2009, p.244.

¹⁰⁵¹ James Gregor, *Phoenix – Fascism in Our Time*, Transaction Publishers, New Brunswick, 1999, p.67.

¹⁰⁵² Zeev Sternhell, Mario Sznajder e Maia Ashéri, *op. cit.*, 2010, p. 398/399.

¹⁰⁵³ Zeev Sternhell, *op. cit.*, 2012, p.197.

¹⁰⁵⁴ Michael Mann, *Fascists*, Cambridge University Press, Cambridge, 2004, p.93.

intervencionistas que “vieram da esquerda revolucionária”¹⁰⁵⁵ como fez notar que “a nomenclatura adotada pelo novo Fascio Rivoluzionario”, designadamente o recurso à própria palavra *fascio*, “constituía prática padrão entre a esquerda italiana.”¹⁰⁵⁶

Também David Roberts falou abertamente na “evolução dos sindicalistas do marxismo para o fascismo”¹⁰⁵⁷ e Richard Pipes tornou claro que “o fascismo emergiu da ala ‘bolchevique’ do socialismo italiano”¹⁰⁵⁸, ao mesmo tempo que Kevin Passmore reconheceu que “o fascismo emergiu da crise da esquerda”¹⁰⁵⁹ e Douglas Lisboa salientou que “o fascismo resultou duma síntese orgânica entre nacionalismo com uma revisão do marxismo”¹⁰⁶⁰. Jonah Goldberg sustentou que “o fascismo, adequadamente entendido, não é de todo um fenómeno da direita”, antes “é, e sempre foi, um fenómeno da esquerda”, chamando a atenção para “a errada crença de que fascismo e comunismo são opostos” quando “na realidade estão muito próximos”¹⁰⁶¹. Goldberg sublinhou que “desde o início o fascismo foi catalogado como de extrema-direita não necessariamente por *ser* de extrema-direita, mas porque a esquerda comunista considerava esta a melhor maneira de punir a apostasia”¹⁰⁶² (itálico no original), usando para tal a velha tática da “demonização do ‘outro’.”¹⁰⁶³

Já em França, François-Georges Dreyfus, num colóquio em 1983 do Club de l’Horloge sobre “Socialismo e Fascismo – Uma mesma Família?”, apresentara uma comunicação intitulada “As fontes socialistas do fascismo”¹⁰⁶⁴ onde abordava a questão. Também Frédéric Le Moal intitulou o primeiro capítulo da sua *História do Fascismo* com a frase “no início era o socialismo”¹⁰⁶⁵, onde sublinhava que, ao contrário do que se possa pensar,

¹⁰⁵⁵ Stanley Payne, *A History of Fascism, 1914-1945*, Routledge, Nova Iorque, 1995, p.81.

¹⁰⁵⁶ *Idem*, p.82.

¹⁰⁵⁷ David Roberts, *op. cit.*, 1979, p.23.

¹⁰⁵⁸ Richard Pipes, *op. cit.*, 1ª edição, 1993, p.253.

¹⁰⁵⁹ Kevin Passmore, *Fascism – A Very Short Introduction*, Oxford University Press, Oxford, 2014, p.16/17.

¹⁰⁶⁰ Douglas Lisboa, “Origens marxistas do fascismo”, Universidade Federal da Baía, Baía, 2017, p.22.

¹⁰⁶¹ Jonah Goldberg, *Liberal Fascism – The Secret History of the American Left from Mussolini to the Politics of Meaning*, Doubleday, Nova Iorque, 2007, p.7.

¹⁰⁶² *Idem*, p.44.

¹⁰⁶³ *Ibidem*, p.7.

¹⁰⁶⁴ François-Georges Dreyfus, “Les sources socialistes du fascisme”, in Club de l’Horloge, *Socialisme et fascisme – Une même famille?*, Albin Michel, Paris, 1984.

¹⁰⁶⁵ Frédéric Le Moal, *Histoire du fascisme*, Perrin, Paris, 2018, p.13.

“não foi diretamente do mundo” do nacionalismo “que saiu o fascismo, a maior parte dos seus chefes e mesmo o principal deles, mas do socialismo.”¹⁰⁶⁶

Apesar da sensibilidade do tema em Itália, os modernos autores italianos estão igualmente a pôr-se de acordo sobre as origens marxistas do fascismo. Os primeiros passos foram dados por Renzo de Felice, para quem “as raízes históricas do fascismo não podem ser procuradas apenas na tradição política e cultural da direita, mas, pelo contrário, vão encontrar-se muito frequentemente nas de um certo radicalismo de esquerda”¹⁰⁶⁷. Acontece que também Emilio Gentile reconheceu que “o papel dos militantes vindos do socialismo revolucionário foi certamente importante na formação da ideologia, da organização e da *praxis* fascista”¹⁰⁶⁸ e Augusto del Noce sublinhou que “o fascismo assumiu uma posição revolucionária de origem marxista”, recordando que “entre 1895 e 1900 decorreu em Itália a primeira grande disputa sobre o marxismo teórico que tem uma importância decisiva para compreender o fascismo” e que “o fascismo acolhe os resultados críticos dessa discussão, apresentando-se como superação revolucionária do leninismo e uma tentativa de se soltar da ideia de revolução do materialismo.”¹⁰⁶⁹

A geração seguinte de historiadores italianos, liberta já do complexo relacionado com o passado fascista de Itália, foi ainda mais longe e envolveu até académicos próximos da área neofascista, todos eles supostamente anti-socialistas primários, a sublinharem o carácter socialista do fascismo. É o caso de Roberto Mancini, segundo o qual “para Mussolini será de fundamental importância a união entre socialismo e nação”¹⁰⁷⁰, enquanto Luca Rimbotti descreveu o “fascismo revolucionário como movimento *de esquerda*”¹⁰⁷¹ (em itálico no original), até porque “o fascismo das origens contou com uma forte presença nos seus quadros de exponents (...) do sindicalismo revolucionário, o que contribuiu de modo decisivo para formar o carácter de esquerda do fascismo primordial”¹⁰⁷². Para Rimbotti, “a determinação

¹⁰⁶⁶ *Idem*, p.24.

¹⁰⁶⁷ Renzo de Felice, *Fascismo*, Casa Editrice Le Lettere, Florença, 2016, p.51.

¹⁰⁶⁸ Emilio Gentile, *op. cit.*, 2004, p.99.

¹⁰⁶⁹ Augusto del Noce, “Dibattitu sulla natura del fascismo”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2016, p.91.

¹⁰⁷⁰ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.42.

¹⁰⁷¹ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 2018, p.10.

¹⁰⁷² Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.110.

subversiva em relação ao sistema liberal-democrático é verificável na vontade fascista de criar um movimento histórico novo que fosse capaz de unificar as duas principais tendências da época – o nacionalismo e o socialismo – numa única ordem totalitária de participação popular”¹⁰⁷³. Já Alessandro Luparini escreveu que “os intervencionistas italianos da primeira hora, de Cipriani a Corridoni a De Ambris, tinham acabado de sair das fileiras do socialismo revolucionário”¹⁰⁷⁴, uma vez que “o fascismo, de facto, nasceu prevalentemente como obra de subversivos”¹⁰⁷⁵, e Renato Pallavidini lembrou que Mussolini tinha “uma base teórica marxista semelhante à de Lenine”¹⁰⁷⁶. Ou seja, e como por seu turno fez notar Mimmo Franzinelli, o fascismo propõe-se “construir uma agregação revolucionária, republicana e patriótica sobre os fundamentos do intervencionismo de esquerda.”¹⁰⁷⁷

Este é um ponto que não suscita dúvidas a outros historiadores que pesquisaram o movimento de Mussolini. “O fascismo tem portanto profundas raízes no movimento socialista revolucionário”¹⁰⁷⁸, confirmou Domenico Settembrini, para quem “o fascismo era inicialmente uma tentativa de concretizar enfim a ideia revolucionária, apregoada em vão havia já um século pelos partidos e movimentos socialistas – e nisso não era diferente do leninismo – numa situação, todavia, a de Itália, profundamente distinta da russa”¹⁰⁷⁹. Sublinhando sempre que o fascismo é “dotado de raízes autónomas no *humus* da extrema-esquerda”¹⁰⁸⁰, Settembrini concluiu que “já não falta, mesmo à esquerda, quem reconheça que o parentesco do fascismo com o marxismo, e consequentemente com toda a moderna tradição revolucionário-subversiva, é o dado fundamental do qual é preciso partir para compreender este fenómeno”¹⁰⁸¹, tendo chegado a definir o fascismo como uma corrente “neomarxista”¹⁰⁸². Para Settembrini, é inquestionável que “o fascismo emergiu do socialismo revolucionário.”¹⁰⁸³

¹⁰⁷³ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 2018, , p.32.

¹⁰⁷⁴ Alessandro Luparini, *op. cit.*, 2001, p.89.

¹⁰⁷⁵ *Idem*, p.118.

¹⁰⁷⁶ Renato Pallavidini, *op. cit.*, 1996, p.41.

¹⁰⁷⁷ Mimmo Franzinelli, *Fascismo anno zero – 1919: la nascita dei Fasci italiani di combattimento*, Mondadori, Milão, 2019, p.12.

¹⁰⁷⁸ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.16.

¹⁰⁷⁹ *Idem*, p.14.

¹⁰⁸⁰ *Ibidem*, p.227.

¹⁰⁸¹ *Ibidem*, p.215.

¹⁰⁸² *Ibidem*, p.117.

¹⁰⁸³ Domenico Settembrini, “Mussolini and the Legacy of Revolutionary Socialism”, *Journal of Contemporary History*, nº11, 1976, p.239.

Entre os pensadores da área marxista que reconheceram a ligação do fascismo ao marxismo já vimos o caso do líder do Partido Comunista Italiano, Palmiro Togliatti, que em 1936 admitiu a existência na ideologia fascista de “resíduos das chamadas ideologias marxistas”¹⁰⁸⁴ e concedeu que o fascismo “levantava questões com tendências revolucionárias”¹⁰⁸⁵. Na própria União Soviética a definição tradicional de Dimitrov foi substituída em 1970 pela de Alexander Galkin, que dissociou finalmente o fascismo do capitalismo, algo absolutamente novo no pensamento marxista. Este teórico comunista constatou que, longe de ser um instrumento do capitalismo, o fascismo atuou como “uma força independente de fações e grupos da classe dominante”, ao mesmo tempo que esta manteve uma “atitude de contenção em relação ao regime fascista ao longo da sua existência”, com os “grandes capitalistas” a alimentarem “suspeitas” sobre o fascismo. Galkin reconheceu o fascismo como um movimento autónomo que conseguiu “construir e melhorar” a “infraestrutura económica da sociedade”¹⁰⁸⁶. Outro pensador marxista, o húngaro Mihaly Vajda, concordou que o fascismo constituía a “única solução progressista” de que a Itália dispunha em 1922, pois o socialismo italiano havia-se tornado “reacionário”¹⁰⁸⁷. Palavras destas sobre o fascismo tornaram-se, note-se, a nova visão que os teóricos marxistas estabeleciam do movimento de Mussolini.

Outros pensadores marxistas contemporâneos, como Giovan Battista Chiesa, reconheceram as ligações do fascismo ao marxismo. “O fascismo”, consentiu Chiesa em *La Rivista Trimestrale*, “tem uma indubitável raiz socialista de permanente ‘heresia’ do marxismo”, sendo mesmo uma “simples variante (...) subalterna e infecunda (...) do socialismo marxista”¹⁰⁸⁸. O facto de poucos marxistas admitirem hoje o que marxistas como Togliatti, Chiesa, Galkin e Vajda já reconheceram abertamente suscita por isso uma certa perplexidade. Se os próprios teóricos marxistas estabelecem ligações entre o fascismo e o socialismo e consideram o movimento de Mussolini revolucionário e progressista, porquê a resistência em aceitar tal realidade?

¹⁰⁸⁴ Palmiro Togliatti, *op. cit.*, 1976, p.60.

¹⁰⁸⁵ *Idem*, p.34.

¹⁰⁸⁶ James Gregor, “Fascism and Modernization: Some Addenda”, *World Politics*, nº3, Volume 26, abril de 1974, Cambridge University Press, p.380.

¹⁰⁸⁷ Stanley Payne, “Interpretations of Fascism”, in Roger Griffin e Matthew Feldman (direção), *Fascism – Critical Concepts in Political Science*, Routledge, Londres, 2004, p.73.

¹⁰⁸⁸ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.215.

Talvez a resposta se relacione com uma certa má consciência, com muitos marxistas a preferirem a solução orwelliana de apagar da história as ligações do fascismo ao marxismo em vez de assumirem responsabilidades pelo movimento que o próprio marxismo engendrou. “Sobre o socialismo revolucionário pesa, juntamente com a dupla responsabilidade de ter dado origem ao fascismo e de lhe ter transmitido a sua própria matriz totalitária, a de ter tornado possível a sua vitória”¹⁰⁸⁹, sentenciou Settembrini.

A historiografia italiana passou a tocar abertamente no tema proibido, e atreveu-se até a desenvolver a análise mais polémica do caráter socialista/comunista do fascismo maduro, ao ponto de começarem a ser publicadas obras com títulos como *O Fascismo de Esquerda – Da Praça do Santo Sepulcro ao Congresso de Verona* e *Fascismo Revolucionário – O Fascismo de Esquerda do Sansepulcrismo à República Social*, de Luca Rimbotti; *Fascismo Vermelho – De Saló ao PCI, A História Desconhecida de uma Emigração Política*, de Paolo Buchignani; *Outra Direita e Esquerda: O Socialismo Fascista*, de Roberto Mancini; *Os Anarquistas de Mussolini – Da Esquerda ao Fascismo entre Revolução e Revisionismo*, de Alessandro Luparini; *Irmãos de Camisa Negra – Comunistas e Fascistas do Corporativismo à CGIL (1928-1948)*, de Pietro Neglie; *Companheiro Duce – Factos, Personagens, Ideias e Contradições do Fascismo de Esquerda*, de Ivan Buttignon; e *A Esquerda Fascista – História de Um Projeto Falhado*, de Giuseppe Parlato.

Como constatou este último autor, “a esquerda nacional propôs-se realizar a unificação do Estado e da nação que está no programa do fascismo”¹⁰⁹⁰, até porque “a esquerda fascista tinha a consciência difusa de não ser ‘apenas’ uma das almas do movimento, mas sobretudo de ser herdeira de uma outra categoria, a de ‘esquerda nacional italiana’, que de Garibaldi, Mazzini e Pisacane, passando pelo socialismo não internacionalista e pelo sindicalismo revolucionário, foi ao encontro da classe e da nação”, com “a convicção de que o movimento e o regime de Mussolini pudessem realizar as velhas aspirações do movimento democrático e progressista que saiu da purificação do marxismo.”¹⁰⁹¹

Estudos semelhantes surgiram fora de Itália. François Furet observou em França que “Lenine e Mussolini saíram da mesma família política: a do

¹⁰⁸⁹ *Idem*, p.20.

¹⁰⁹⁰ Giuseppe Parlato, *La sinistra fascista – Storia di un progetto mancato*, Società editrice Il Mulino, Bolonha, 2008, p.23.

¹⁰⁹¹ *Idem*, p.23/24.

socialismo revolucionário”¹⁰⁹² e que “o fascismo é um produto das mesmas paixões políticas que se encontram em obra no comunismo”¹⁰⁹³, para concluir que a doutrina fascista é “pós-marxista”, constituindo “um filho do socialismo revolucionário italiano”¹⁰⁹⁴ pois “bolchevismo e fascismo seguem-se um ao outro, engendram-se, imitam-se e combatem-se, mas sobretudo nascem do mesmo solo, a guerra; são os filhos da mesma história”¹⁰⁹⁵. Alguns historiadores foram ainda mais longe e, depois de estudarem o fascismo noutros países, concluíram que a ligação do fascismo ao marxismo não é um fenómeno específico e exclusivo de Itália, mas uma tendência geral. “A chave para a aliança entre o marxismo e o nacionalismo”, escreveu Germaine Hoston depois de estudar a ideologia que conduziu o Japão à Segunda Guerra Mundial, “é mais sugestiva de fascismo.”¹⁰⁹⁶

Ou seja, e embora o assunto esteja ausente do discurso político-mediático sobre o fascismo, não sendo conhecido pelos crentes no marxismo e da generalidade dos políticos, dos jornalistas e do público fora de Itália, a verdade é que a consciência das origens marxistas do movimento de Benito Mussolini pertence à área dos saberes dos historiadores e dos cientistas políticos que estudaram o fascismo a partir dos textos onde os fascistas expuseram o seu pensamento – pois não é possível conhecer uma ideologia, seja ela o liberalismo, o marxismo, o fascismo ou qualquer outra, sem conhecer as suas ideias.

¹⁰⁹² François Furet, *Le passé d'une illusion – Essai sur l'idée communiste au XXème siècle*, Le Livre de Poche, Paris, 2016, p.278/279.

¹⁰⁹³ *Idem*, p.285.

¹⁰⁹⁴ *Ibidem*, p.293.

¹⁰⁹⁵ *Ibidem*, p.273.

¹⁰⁹⁶ Germaine Hoston, *Marxism and the Crisis of Development in Prewar Japan*, Princeton University Press, Princeton, 1986, p.ix/x.

Demonstração 2

**O fascismo manteve-se sempre como uma corrente
socialista**

Fascismo: marxismo, outro socialismo ou terceira via

As origens marxistas do fascismo são claras, demonstráveis e incontestáveis. A relação entre as duas correntes é evidente e não está circunscrita ao facto de Mussolini ter sido marxista. Não só todos os fundadores dos Fasci di Azione Rivoluzionaria, em 1914, e a maioria dos fundadores dos Fasci di Combattimento, em 1919, eram também socialistas revolucionários como sobretudo o corpo teórico da ideologia fascista foi o produto direto de revisionismos do marxismo e da tentativa de aplicação de partes da doutrina original de Marx e Engels, concebida para as economias desenvolvidas, no contexto de uma economia subdesenvolvida e pré-capitalista como a italiana.

Feita a demonstração das origens marxistas do fascismo, a questão que forçosamente terá de se colocar a seguir é academicamente mais interessante, embora talvez possa ser encarada como controversa e muito sensível para os marxistas. Porém, repito que os factos não podem deixar de ser analisados só porque o que eles revelam se arrisca a ofender esta ou aquela sensibilidade ou a pôr em causa preconceitos e dogmas políticos e ideológicos. A verdade é a verdade e ao estudioso apenas ela interessa.

O problema que se põe agora formula-se através de três perguntas muito simples. Teria o fascismo evoluído para uma ideologia diferente do socialismo em geral e do marxismo em particular? Ou ter-se-ia o fascismo de algum modo mantido como um movimento marxista? Ou, terceira possibilidade, ter-se-ia o fascismo transformado numa forma específica de socialismo neomarxista ou pós-marxista?

Não há dúvidas de que a entrada de elementos nacionalistas nos *fasci*, incluindo os ex-combatentes *arditi*, levou a um maior acento do movimento fascista na tónica nacionalista, o que suscita novas interrogações. O que aconteceu ao socialismo dos marxistas que criaram o fascismo? Desapareceu por completo? Ou manteve-se vivo? Se sim, em que termos?

Para podermos responder a todas estas perguntas teremos primeiro de perceber o que foi exatamente o fascismo e a sua ideologia, e de que maneira se situa esta corrente no quadro das ideologias do seu tempo. Em suma, como poderemos classificar o fascismo?

Temos, pois, três hipóteses.

A primeira é ver o fascismo como *uma variante do marxismo* resultante da revisão soreliana da doutrina original de Marx e Engels, a exemplo do que aconteceu com o bolchevismo, acrescentando-lhe ainda elementos das revisões baueriana e bernsteiniana. A segunda é encarar o fascismo como um socialismo, sim, mas *um socialismo diferente* do tradicional, conforme a tradição nacionalista e corporativista do socialismo francês, já não marxista embora possa ser neomarxista ou pós-marxista. E a terceira é entendê-lo como *uma terceira via*, nem socialismo nem capitalismo, antes algo diferente.

Começemos por esta última.

O fascismo como terceira via

A hipótese de que o fascismo se transformou numa terceira via independente do marxismo e dos socialismos em geral é aquela que durante algum tempo o próprio movimento assumiu como sendo a verdadeira. Foi de resto Agostino Lanzillo, um teórico fascista de origem marxista, um dos primeiros, se não mesmo o primeiro, a propor esta definição, retomada por Mussolini, que chegou a intitular “nova via”¹⁰⁹⁷ um dos capítulos da sua autobiografia. O fascismo seria assim um pouco como o cristianismo que nasceu do judaísmo e que à custa de sucessivas reformulações doutrinárias acabou por se constituir como uma religião autónoma.

Na viagem do marxismo para o fascismo, o primeiro grande sinal de rutura assumida por Mussolini com o socialismo tradicional surgiu em 1918, quando o seu jornal *Il Popolo d'Italia*, que tinha no subtítulo a designação *Quotidiano socialista*, passou a ser designado por *Quotidiano dos combatentes e dos trabalhadores*. Porém, isto por si só nada significa porque a palavra “trabalhadores” aparece aqui no lugar de “operários”, como o próprio Mussolini teve o cuidado de explicar, o que constituiu uma forma mais inclusiva de alargar o destinatário da ideologia do operariado a todos os que trabalhavam. Além disso, não pode ser ignorado que esta alteração refletia o conceito socialista do trabalhador como guerreiro, no fundo a ideia preconizada pelo marxista Georges Sorel, e também resultava do facto de que o serviço militar era obrigatório, o que fazia com que os soldados fossem em geral os trabalhadores. “Quando digo ‘trabalho’ não penso apenas nos operários que permaneceram a trabalhar nas fábricas”, esclareceu Mussolini,

¹⁰⁹⁷ Benito Mussolini, *op. cit.*, 2016, p.172.

preocupado com uma conceção mais vasta do conceito, “mas penso sobretudo nos combatentes, nos trabalhadores que durante quatro anos combateram e sofreram.”¹⁰⁹⁸

Acontece que, no número em que em 1918 o *Il Popolo d'Italia* se apresentou como o *Quotidiano dos combatentes e dos trabalhadores*, Mussolini escreveu um artigo que pode ser interpretado como de entendimento do fascismo como uma nova via separada do socialismo. “A palavra ‘socialista’ tornou-se anacrónica”, declarou o fundador do jornal, explicando a retirada dessa palavra do subtítulo pelo facto de que ela “já não me dizia nada”. “Afirmar que o verdadeiro, o autêntico, o socialismo genuíno – com base nos textos, nas tradições, nos apóstolos – era o nosso, apenas o nosso, em antítese com os outros que reivindicam a mesma verdade e autenticidade para o seu socialismo era, afinal, tão grotesco e burlesco como a competição entre duas ‘lojas’”¹⁰⁹⁹, escreveu.

O problema, porém, é que no mesmo artigo Mussolini explicou que a rotura com a palavra “socialista” se devia ao facto de os socialistas oficiais – presumivelmente os do PSI, os socialistas europeus em geral e os bolcheviques na Rússia – terem transformado o socialismo numa “paródia ridícula”, pois “no período mais revolucionário da história do mundo”, o da Grande Guerra, “o socialismo nada constrói, é de uma passividade, de uma esterilidade assustadora: em que, devido a um conjunto de circunstâncias em que se juntou ao poder, a única coisa que conseguiu foi criar um caos ainda mais confuso e incoerente do que o burguês”¹¹⁰⁰. O diretor do *Il Popolo d'Italia* alegou ser importante distanciar-se da palavra “socialismo” para evitar “todos os inconvenientes de uma possível confusão com os ‘outros’”¹¹⁰¹, os socialistas oficiais. Para ele era pelos vistos fundamental marcar nesse momento uma diferença clara em relação ao socialismo tradicional, e isso fazia-se dissociando o fascismo desse socialismo.

A clarificação dessa rotura com o socialismo oficial ocorreu no ano seguinte quando do discurso de fundação dos Fasci di Combattimento em Milão. “Declaramos guerra ao socialismo, não por ser socialista, mas porque é contrário à nação”, proclamou Mussolini nesse momento fundador com

¹⁰⁹⁸ Benito Mussolini, “Dopo-guerra – Andate incontro al lavoro che tornerà dalle trincee”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.241.

¹⁰⁹⁹ Benito Mussolini, “Novità”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de agosto de 1918, *idem*, p.241.

¹¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 242

¹¹⁰¹ *Ibidem*, p.241.

clareza cristalina. “O Partido Socialista Italiano Oficial é claramente reacionário, absolutamente conservador, e se vencesse a sua tese na nossa opinião não haveria hoje possibilidade de vida no mundo”¹¹⁰². O interessante nesta formulação é que o *Duce* formalizou assim, no ato de fundação do fascismo, uma rotura não com o socialismo propriamente dito (“não por ser socialista”), mas com o socialismo internacionalista (“contrário à nação”).

A primeira vez em que Mussolini formulou claramente o fascismo como distinto ideologicamente do socialismo e do capitalismo, embora sem referir a expressão *terceira via*, foi em 1922, nas vésperas da marcha sobre Roma que levaria os *fasci* ao poder. Pressionado por parte das bases do fascismo rural, que se opunham à retórica socialista do Partido Nacional Fascista, o chefe do fascismo viu-se forçado a sublimar essa retórica. Foi precisamente nessa altura, e nessas circunstâncias, que ensaiou a apresentação do fascismo como um caminho diferente das outras duas vias tradicionais. “O fascismo, sendo a guarda da nação, não amarrado a dogmas ou a ideologias sociais mais ou menos fantasiosas, pode dar-se ao luxo de agir no terreno da realidade e opor-se seja à demagogia ruinosa do socialismo, seja ao egoísmo não menos ruinoso do capitalismo”¹¹⁰³, proclamou então.

Já na sua autobiografia, Mussolini esforçou-se por apresentar o fascismo como explicitamente uma terceira via. “Era necessário imaginar um conceito político totalmente novo, adequado à viva realidade do Século XX e que superasse ao mesmo tempo a idolatria ideológica do liberalismo, os limitados e já gastos horizontes das várias democracias do passado e o espírito violentamente utópico do bolchevismo”, escreveu o *Duce*. “Numa palavra, tínhamos uma profunda necessidade de uma conceção original”¹¹⁰⁴. Note-se, contudo, que neste texto Mussolini não critica o socialismo do bolchevismo, apenas considera que o bolchevismo é uma corrente utópica.

A mesma ideia da terceira via perpassa por *A Doutrina do Fascismo*, texto onde Mussolini e Gentile insistem que “o fascismo é único e uma criação original”¹¹⁰⁵ e que “um partido que governa totalitariamente uma nação é um facto novo na história”¹¹⁰⁶. Mais, Mussolini reivindicou mesmo que “o

¹¹⁰² Benito Mussolini, “Atto di nascita del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.325.

¹¹⁰³ Benito Mussolini, “Timori infondati”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de agosto de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.373.

¹¹⁰⁴ Benito Mussolini, *op. cit.*, 2016, p.72.

¹¹⁰⁵ Benito Mussolini e Giovanni Gentile, *op. cit.*, 1935, p.12.

¹¹⁰⁶ *Idem*, p.10.

fascismo é a única coisa nova que os primeiros trinta anos deste século viram no campo político e social”¹¹⁰⁷. O *Duce* chegou a dizer que “a economia fascista corporativa representa a síntese harmoniosa das duas economias antagônicas: a liberal e a socialista”¹¹⁰⁸ e que “o corporativismo supera o socialismo e supera o liberalismo, cria uma nova síntese”¹¹⁰⁹. Ou seja, os fascistas apresentaram o fascismo como uma via separada das outras duas, embora unindo-as como uma “síntese”.

A catalogação do fascismo como terceira via, distinta do socialismo e do liberalismo, tornou-se em determinada fase a opção de preferência dos fascistas. Isso aconteceu sobretudo porque a definição permitia-lhes distinguirem-se dos rivais dos partidos socialistas do seu tempo, que designavam como partidários do socialismo “Oficial”¹¹¹⁰, e proclamarem-se autores de um conceito totalmente novo. “O fascismo, na avaliação das situações e no afrontar dos problemas, assume pontos de vista que são novos, se não originais”¹¹¹¹, proclamou Mussolini. Que maior jactância poderia haver que apresentarem-se como criadores de uma ideologia inteiramente original na história da humanidade?

Esta revelou-se também a opção favorita dos pensadores não-marxistas que procuravam uma solução consensual que não ofendesse os socialistas e assim parecesse “neutral”. A visão do fascismo como terceira via afigurava-se assaz conveniente pois, além de corresponder à forma como em certo período os fascistas em geral se apresentavam, descomprometia as outras ideologias e viabilizava a demonização do fascismo sem contaminar as restantes correntes socialistas. É preciso dizer que essas correntes eram tantas que o próprio Mussolini se queixou de ser “o comunismo sempre mais complicado”¹¹¹², ao ponto de “na fúria de fracionamentos e seccionamentos

¹¹⁰⁷ Benito Mussolini, “Al gran rapporto del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de setembro de 1929, in Benito Mussolini, *Scritti e discorsi – Dal 1929 al 1931*, Ulrico Hoepli Editore, Milão, 1934, p.147.

¹¹⁰⁸ Benito Mussolini, “La nuova economia italiana”, *Il Messaggero*, 3 de abril de 1931, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXV: Dal dodicesimo anniversario della fondazione dei fasci al patto a quattro*, La Fenice, Florença, 1958, p.293.

¹¹⁰⁹ Benito Mussolini, “Per lo Stato corporativo”, 14 de novembro de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.129.

¹¹¹⁰ Benito Mussolini, “Atto di nascita del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.325.

¹¹¹¹ Benito Mussolini, “La marcia del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de novembro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.290.

¹¹¹² Benito Mussolini, “Labirinto comunista”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de junho de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.65.

se ter tornado uma espécie de viveiro de lombrigas”¹¹¹³. Como parece evidente, a crítica ao fascismo era politicamente mais fácil se se retirasse esta corrente do contexto ideológico mais geral do socialismo.

Porém, insisto que o meu argumento é que as análises históricas não se devem guiar por considerações de conveniência ou natureza política, mas por critérios estritamente académicos. Levando em conta tais critérios, a definição do fascismo como terceira via revela-se inteiramente insatisfatória à luz dos factos históricos e dos textos deixados pelos ideólogos fascistas e marxistas. O que nos obriga a voltar as atenções para a segunda hipótese de catalogação do fascismo enquanto pensamento ideológico.

O marxismo.

O fascismo como marxismo

A tese de que o fascismo era um de vários movimentos marxistas, independentemente de a sua corrente se definir ou não enquanto tal, sendo violentamente reprimida no discurso político do socialismo tradicional e largamente desconhecida pelas correntes liberais, não pode em consciência ser ignorada. Ela é sustentada por vários historiadores especializados na área, embora todos reconheçam que, tratando-se de um marxismo, o fascismo seria um marxismo revisto. Contudo, isso por si só nada quer dizer pois os restantes socialismos marxistas que lhe eram contemporâneos, incluindo o bolchevismo e a social-democracia, também eram resultantes de revisões doutrinárias do marxismo. Ou seja, todos os marxismos pós-Marx e Engels são marxismos revistos, quer esses marxismos o assumam ou não.

Um dos autores que sustenta a tese do fascismo como uma corrente marxista é James Gregor. Para ele o fascismo permaneceu inequivocamente uma das “variantes”¹¹¹⁴ do marxismo. Gregor falou nos “movimentos revolucionários do Século XX que foram subsequentemente identificados como ‘marxistas’ e outros como ‘fascistas’”, esclarecendo que na verdade “todos eram marxistas de uma ou outra persuasão”¹¹¹⁵. E foi mais longe. “A diferença é que Lenine pretendeu, até à sua morte, que o seu marxismo era o marxismo dos fundadores”, o que não é verdadeiro como já vimos, enquanto

¹¹¹³ Benito Mussolini, “In pieno labirinto”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de junho de 1933, *idem*, p.67.

¹¹¹⁴ James Gregor, *op. cit.*, 2009, p.22, p.143, p.186, p.232, p.244 e p.293.

¹¹¹⁵ *Idem*, p.20.

“Mussolini estava disposto a reconhecer que havia várias interpretações alternativas do marxismo, cada qual com os seus méritos.”¹¹¹⁶

Esta posição é defendida igualmente por outros importantes estudiosos do fascismo. “Esta nova variante do socialismo é fundada sobre uma visão original da ideia da exploração, cuja importância é capital para a compreensão do papel que vai desempenhar esta revisão do marxismo na estruturação e na prática da filosofia fascista”¹¹¹⁷, escreveram Sternhell, Sznajder e Ashéri, enquanto Settembrini falou nas “duas variantes – a leninista e a fascista”¹¹¹⁸ e até o marxista Giovan Battista Chiesa, como já vimos, reconheceu no fascismo uma “simples variante (...) do socialismo marxista”¹¹¹⁹. Francesco Ingravalle chegou ao ponto de se referir à “experiência marxista de Mussolini e de Lenine”¹¹²⁰, como se fascismo e bolchevismo fossem a mesma variante do marxismo, embora apresentando-se com nomes diferentes.

Será mesmo assim? É preciso ter consciência de que de facto a maior parte dos ideólogos fascistas eram na sua origem socialistas que estavam a tentar adaptar a teoria marxista a duas realidades que não haviam sido previstas na doutrina original de Marx e Engels. A primeira resultava do fracasso estrondoso das previsões “científicas” que o marxismo fizera no século anterior de que a revolução do proletariado iria ocorrer a todo o momento; a segunda relacionava-se com o facto de que a teoria marxista apenas previa a revolução socialista em países de capitalismo avançado e a Itália ainda estava numa fase de pré-capitalismo. O fascismo foi a resposta que estes marxistas encontraram para lidar com essas duas realidades para as quais a doutrina original de Marx e Engels não oferecia respostas úteis. Nesse sentido, o fascismo foi sem dúvida uma das várias “variantes”, para utilizar a expressão de Gregor, Sternhell, Sznajder, Ashéri, Settembrini e Chiesa, que emergiram da revisão do marxismo.

Esta visão, sendo legítima e como vemos sustentada por múltiplos historiadores tendo por base elementos sólidos, não é, porém, consensual entre os especialistas. Emilio Gentile, por exemplo, opôs-se a tal interpretação, e em seu favor invocou o argumento de que os marxistas que criaram o fascismo “já tinham repudiado os fundamentos essenciais e toda a

¹¹¹⁶ *Ibidem*, p.295.

¹¹¹⁷ Zeev Sternhell, Mario Sznajder e Maia Ashéri, *op. cit.*, 2010, p.439.

¹¹¹⁸ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.70.

¹¹¹⁹ *Idem*, p.215.

¹¹²⁰ Francesco Ingravalle, “Postfazione”, in Renato Pallavidini, *op. cit.*, 1996, p.99.

ideologia do marxismo e do socialismo: a luta de classes, o primado revolucionário do proletariado, a emancipação total da humanidade na igualdade e na liberdade, o fim de uma sociedade dividida em classes, a extinção do Estado e do internacionalismo.”¹¹²¹

Os dois argumentos discordantes merecem especial atenção. Quem tem razão? O fascismo permaneceu ou não marxista? Este é um problema que claramente emerge de um quadro interpretativo, pois depende do que se entende por marxismo. O que é o marxismo exatamente? É a doutrina original de Marx e Engels? São também os revisionismos mais ou menos profundos que se foram multiplicando e que contraditaram a doutrina original, incluindo os que conduziram à social-democracia, ao bolchevismo, ao fascismo, ao maoismo, ao khmerismo, etc? O que diria Marx das sucessivas seitas que apareceram depois dele e que se autoproclamaram herdeiras do seu pensamento, apesar de alterarem pontos centrais da doutrina que ele e Engels conceberam? Considerá-las-ia marxistas?

Na verdade, o autor de *O Capital* pronunciou-se efetivamente sobre o assunto, uma vez que as revisões doutrinárias do marxismo, embora tímidas e sem a profundidade daquelas que ocorreram a partir de Bernstein, começaram a aparecer ainda no seu tempo de vida, nomeadamente em França. E o que pensava Marx delas? Engels revelou que, um ano antes de morrer, e “comentando os ‘marxistas’ franceses dos finais de (18)70”¹¹²², Marx disse ao seu genro Paul Lafargue: “O certo é que eu não sou marxista”¹¹²³.

É um facto que esta declaração se refere explicitamente apenas aos marxistas franceses que lhe eram contemporâneos, como Jules Guesdes, mas considerando que os desvios desses marxistas se revelaram muito menos profundos do que o revisionismo levado a cabo após a morte dos fundadores do marxismo, designadamente as revisões de Bernstein, Sorel, Bauer, Lenine e Mussolini, entre outras, o que parece implícito nestas palavras é que Marx não considerava que as alterações à sua doutrina fossem marxismo. Se ele se insurgia contra desvios tão acanhados como os dos franceses, como reagiria perante as grandes revisões que vieram mais tarde?

¹¹²¹ Emilio Gentile, *op. cit.*, 2004, p. 99.

¹¹²² Friedrich Engels, “Engels to C. Schmidt In Berlin”, 5 de Agosto de 1890, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

¹¹²³ Friedrich Engels, “Engels to Eduard Bernstein In Zurich”, 2-3 de novembro de 1882, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

A ser assim, Mussolini não era com efeito marxista. Mas também Bernstein, que fundou a social-democracia como a conhecemos, não o era. Nem Lenine, nem Trotsky, nem Mao. Nenhum dos autoproclamados marxistas do Século XX seria marxista, pois, à luz do espírito que parece presidir ao comentário de Marx a Lafargue, as revisões ao marxismo, mesmo proclamando-se ortodoxas, não constituíam marxismo aos olhos do fundador do marxismo. Para o autor de *O Capital*, marxismo seria única e exclusivamente a sua doutrina original, a qual pelos vistos não podia ser alterada em nenhum ponto.

No entanto, apesar dos consecutivos revisionismos e de o próprio Marx ter dado a entender que elas já não poderiam ser consideradas marxismo, as doutrinas nascidas do revisionismo do marxismo continuam a ser hoje designadas como marxistas. O socialismo reformista de Bernstein, por exemplo, não apregoava a luta de classes, o colapso do capitalismo, a supremacia do proletariado sobre as restantes classes e a revolução do proletariado, a tomada temporária do aparelho do Estado pelo proletariado numa ditadura durante a transição para o fim da sociedade de classes e a extinção do Estado no estágio final da história – tudo pontos doutrinários que o historiador Emilio Gentile considerou imprescindíveis para que uma ideologia pudesse ser considerada marxista ou mesmo socialista –, e isso não impediu que Bernstein se descrevesse a si próprio e fosse descrito por muitos dos seus contemporâneos como marxista e que os seus seguidores se designassem a si mesmos socialistas marxistas – sendo certo que, hoje em dia, nenhum social-democrata se define já como marxista, como é evidente.

Os próprios comunistas, com Lenine à cabeça, admitiram que a revolução do proletariado não era afinal inevitável, precisando para isso de uma vanguarda que criasse as condições adequadas junto do proletariado. Além disso, em 1917 levaram a cabo a revolução bolchevique no pressuposto de que seria possível passar diretamente do feudalismo para o comunismo e fazer uma genuína revolução socialista numa economia que não era capitalista e que quase não tinha proletários, prescindindo ao mesmo tempo da burguesia e do seu papel revolucionário e recorrendo aos camponeses, que Marx e Engels sempre descreveram como reacionários ou indiferentes. Estas quatro importantíssimas revisões contrariavam premissas centrais da doutrina marxista original, e nem por isso os bolcheviques deixaram igualmente de se considerar e de serem ainda hoje considerados marxistas.

O que fica aqui demonstrado é que, apesar do entendimento implícito na declaração de Marx a Lafargue de que nenhum revisionismo da doutrina marxista original pode ser considerado marxismo, o facto é que na atualidade existem múltiplos revisionismos diferentes, alguns deles a reivindicarem-se o genuíno e legítimo marxismo. Mais, tal reivindicação de ortodoxia é hoje aceite sem contestação nem pensamento crítico apesar de esses revisionismos manifestamente não defenderem ou praticarem todas as ideias fundamentais do marxismo original de Marx e Engels, e mesmo contrariarem-nas frontalmente.

Neste particular o marxismo é exatamente como as religiões – até porque, como veremos adiante, o marxismo pode de facto ser, e amiúde é, entendido como uma religião. Da mesma maneira que é possível ser-se cristão sem estar a oferecer toda a sua fortuna aos pobres nem dar a outra face sempre que se é agredido, pelos vistos aceita-se hoje que é possível ser-se marxista sem que se defenda o desenvolvimento do capitalismo nem se preconize que as revoluções socialistas em países subdesenvolvidos não são genuínas revoluções socialistas. Ou seja, o consenso é o de que é possível ser-se cristão ou marxista *mesmo em violação de preceitos fundamentais* das respetivas religiões.

Por conseguinte, o facto de o fascismo ser nacionalista e considerar que, numa economia subdesenvolvida, o proletariado não é uma classe mais importante do que as outras, não constitui, por si só, argumento suficiente para rejeitar que este movimento fosse marxista. Na verdade, o próprio Marx ridicularizava em privado quem acreditava na sua cantilena da luta de classes. Além do mais, e como já constatámos, também o revisionismo bernsteiniano mostrava abertura ao nacionalismo e não reconhecia a primazia do proletariado sobre as restantes classes, precisamente as duas revisões centrais do fascismo, e apesar disso Bernstein a apresentar-se como marxista.

Por outro lado, e por detrás da sua retórica internacionalista, outras variantes marxistas tinham igualmente nos seus regimes uma prática nacionalista e mantinham uma classe dominante que pelas regalias que auferiam assumiam implicitamente características burguesas, como veremos adiante, e nem por isso deixaram de ser consideradas marxistas. Assim sendo, porque não admitir que o fascismo permaneceu de facto uma forma de marxismo – ou que o marxismo aplicado em regime ditatorial a

economias subdesenvolvidas, como aconteceu em múltiplos casos no Século XX, resulta inevitavelmente em fascismo?

Uma questão doutrinária fundamental na questão do marxismo é o uso da violência, e especificamente da guerra, como instrumento para a revolução socialista, algo previsto na teoria marxista original. É a este respeito muito interessante ver as farpas que os ideólogos fascistas lançaram aos outros marxistas por cederem às tentações “de direita”¹¹²⁴ do parlamentarismo e do pacifismo, acusando-os de se terem tornado burgueses e reacionários. “Os partidos socialistas, em vez de submeterem a guerra à sua vontade revolucionária, segundo o conhecido princípio da ‘heterogêneses dos fins’, suportaram-na passivamente”, escreveu o fascista de origem marxista Sergio Panunzio em 1939 em crítica aos marxistas italianos que se opuseram à guerra, sublinhando que “a crise bélica deveria ser, por ela própria – e algumas fortes páginas de Marx apontavam nesse sentido –, sem um *antes* e um *depois*, uma crise revolucionária” (itálico no original), pois o socialismo deveria “beneficiar da força subversiva da guerra para se realizar.”¹¹²⁵

Este foi mais um ponto em que os fascistas, invocando o próprio Marx, respeitaram à letra a doutrina marxista original. Depois de falar numa guerra de classes “que se transforma numa guerra mundial em que as nações se confrontam umas às outras”, o autor de *O Capital* sustentara que “a solução apenas aparece no momento em que, através da guerra mundial, o proletariado assume a chefia do povo que domina o mercado mundial”¹¹²⁶. Ou seja, para Marx a guerra poderia desencadear a revolução socialista, *justamente a ideia dos fascistas*. Também Engels, numa carta ao seu discípulo August Bebel, conspirou com os comunistas alemães para que apoiassem a Alemanha caso a guerra fosse declarada na Europa. Decerto por causa dessas manobras, o comunista Bebel afirmou em 1904 no Reichstag que “viveremos e lutaremos neste solo para preservar a Pátria, a nossa terra”, e insistiu que “lutaremos até ao último suspiro contra qualquer tentativa de se retirar um pedaço da nossa Pátria”¹¹²⁷. Já à beira da Grande Guerra, Bebel declarou que “o solo da Alemanha, a pátria alemã, pertence a nós, as massas, tanto ou mais do que aos outros”, e por isso defendeu que o partido marxista

¹¹²⁴ Sergio Panunzio, *op. cit.*, 1939, p.2.

¹¹²⁵ *Idem*, p.1.

¹¹²⁶ Karl Marx, *op. cit.*, 1972, p.113/114.

¹¹²⁷ Nicholas Stargardt, *The German Idea of Militarism – Radical and Socialist Critics, 1866-1914*, Cambridge University Press, Cambridge, 1994, p.172.

tradicional alemão, o SPD, deveria “resistir à Rússia”¹¹²⁸. Estas frases, note-se, relevam de argumentos puramente nacionalistas e poderiam perfeitamente ter sido pronunciadas por Mussolini no contexto de Itália.

De resto, o próprio Lenine apelou diretamente aos socialistas italianos para que transformassem a guerra imperialista em guerra revolucionária. Sustentando que “a neutralidade é um egoísmo de vistas curtas”, o líder bolchevique considerou em 1915 que “a guerra europeia fez à humanidade um enorme serviço”, pois permitia aos socialistas “utilizar qualquer luta, particularmente o confronto armado pelos privilégios das nações dominantes, para desmascarar e derrubar todos os governos, a começar pelo *nosso próprio*, através da ação revolucionária”¹¹²⁹ (itálico no original).

Nada disto era ignorado pelos comunistas intervencionistas italianos que fundaram o fascismo. “Guerra e revolução são dois termos que estão quase sempre acoplados”, notou Benito Mussolini, para quem “ou é a guerra que determina a revolução ou é a revolução que desemboca numa guerra”¹¹³⁰. A sua esperança radicava precisamente na ideia de que “a guerra é habitualmente o prelúdio da revolução”¹¹³¹. Torna-se assim evidente que, para o *Duce* e os marxistas, desde os bolcheviques aos fascistas, a guerra poderia conduzir à revolução socialista, pois “entre a guerra e a revolução existe uma continuidade não apenas histórica, mas ideal.”¹¹³²

Com as manobras de bastidores de Engels a favor da Alemanha e as declarações nacionalistas de Bebel estalava o verniz da retórica internacionalista dos marxistas. Quando a Primeira Guerra Mundial eclodiu, o SPD alemão apoiou de facto a Alemanha, dando desse modo seguimento às instruções nacionalistas de Engels que já vinham de 1891 e ao consequente apelo de Bebel. Os comunistas alemães aderiram a esta prática nacionalista socialista e foram prontamente imitados pelo Partido Socialista francês, que apoiou a França, e pelo Partido Trabalhista britânico, que apoiou o Reino Unido. Os marxistas europeus, fazendo tábua rasa de mil juras

¹¹²⁸ James Joll e Gordon Martel, *The Origins of the First World War*, Pearson Longman, 3ª edição, Harlow, 2007, p.267.

¹¹²⁹ Vladimir Lenine, “Imperialism and Socialism in Italy”, 1915, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

¹¹³⁰ Benito Mussolini, ““Intransigenza assoluta””, 23 de junho de 1925, *Il Popolo d'Italia*, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956, p.363.

¹¹³¹ Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.83.

¹¹³² Benito Mussolini, “Discorso ai decorati”, 28 de outubro de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.59.

internacionalistas, na hora da verdade alinhavam pelas suas nações e afirmavam em atos o socialismo nacionalista.

Foram justamente os apoios nacionalistas dados pelos socialistas alemães, franceses e britânicos aos seus países na Grande Guerra que levaram Mussolini a considerar que “a Internacional morreu”¹¹³³, ecoando a frase também pronunciada na mesma altura por Lenine e Zinoviev, para quem o alinhamento dos socialistas europeus “significa o colapso da Segunda (1889-1914) Internacional”¹¹³⁴ (parênteses no original). Mussolini achou que os comunistas italianos deveriam seguir o exemplo dos outros comunistas europeus e apelou aos socialistas italianos para que apoiassem a entrada da Itália na guerra. “A traição dos (socialistas) alemães obrigou os outros socialistas a reentrarem no terreno das nações e da defesa nacional”¹¹³⁵, afirmou o *Duce* ainda em 1914, acusando os socialistas alemães de no seu jornal *Vorwärts!* “explorarem, embora vagamente, a possibilidade da criação de um socialismo nacional, ou quase”, numa aparente referência às palavras nacionalistas de Bebel e às posições nacionalistas do SPD. Mussolini tirou as consequências que se impunham: “a unanimidade nacional alemã determinou automaticamente a unanimidade nacional nos outros países”, até porque “uma Internacional unilateral é absurda nos seus termos”¹¹³⁶. Pior, a única Internacional que restara era a “Internacional capitalista.”¹¹³⁷

Muitos marxistas italianos, com Mussolini à cabeça, começaram a advogar a intervenção do seu país na Grande Guerra. Não o fizeram porque fossem belicistas *per se*, mas porque, no quadro da doutrina original marxista e também do pensamento marxista soreliano, achavam que seria a experiência bélica que geraria as condições que conduziriam à revolução socialista. “Uma grande guerra estrangeira”, preconizara o marxista Georges Sorel, “poderia retemperar as energias e sem dúvida levaria ao poder homens

¹¹³³ Benito Mussolini, “La situazione internazionale e l’atteggiamento del partito”, *Avanti!* e *Corriere della Sera*, 11 de novembro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.427.

¹¹³⁴ Vladimir Lenine e Grigory Zinoviev, *Socialism and War*, Martin Lawrence, Ltd, Londres, 1915, p.19.

¹¹³⁵ Benito Mussolini, “Discorso del 13 dicembre 1914, Parma”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

¹¹³⁶ Benito Mussolini, “Discorso del 28 dicembre 1914 Genova”, *idem*.

¹¹³⁷ Benito Mussolini, “Ritornati!”, *La Repubblica Fascista*, 24 de maio de 1944, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.39.

com vontade de governar”¹¹³⁸. Também o marxista Otto Bauer defendera o papel revolucionário das guerras. “A resposta do proletariado francês à Guerra Franco-Prússia foi a Comuna de Paris”, observara Bauer em 1907. “A resposta do proletariado russo à Guerra Russo-Japonesa foi a Revolução Russa. Uma futura guerra mundial imperialista irá também inevitavelmente conduzir a um movimento revolucionário.”¹¹³⁹

Influenciados por Sorel, por Bauer e por múltiplas referências de Marx e Engels ao papel revolucionário da violência e especificamente da guerra, muitos teóricos marxistas acreditavam no poder regenerador e revolucionário da violência e do conflito armado e essas ideias marxistas influenciaram os marxistas italianos que fundaram o fascismo. “A guerra”, escreveu o grande rival de Mussolini na liderança do fascismo, Dino Grandi, ele próprio originalmente um marxista, tem de ser considerada “a maior realização revolucionária”¹¹⁴⁰. Os ideólogos fascistas censuravam em Itália os marxistas reformistas bernsteinianos, também designados “socialistas oficiais”, por cederem às tentações “de direita”¹¹⁴¹ do parlamentarismo. Tal como Lenine, os comunistas italianos que iriam criar o fascismo achavam que seria de facto a guerra que precipitaria a revolução socialista. Assim sendo, Mussolini e os marxistas que fundaram o fascismo não mais fizeram do que Sorel e Bauer preconizaram e a maioria dos outros marxistas europeus estava já a fazer, isto é, a adaptar o discurso e a política socialistas a uma *praxis* belicista e nacionalista.

Foi assim que os marxistas que criaram o fascismo defenderam a entrada da Itália na Grande Guerra, rompendo com o PSI. “Hoje é a guerra, amanhã será a revolução”¹¹⁴², proclamou Mussolini, que descreveu o conflito como uma “guerra eminentemente revolucionária”¹¹⁴³. Era na verdade a revolução que “continuou sob o nome de guerra”¹¹⁴⁴, uma revolução em que as nações proletárias se libertavam do jugo das nações burguesas, “uma guerra de

¹¹³⁸ Georges Sorel, *op. cit.*, 2016, p.92.

¹¹³⁹ Otto Bauer, *op. cit.*, 2000, p.404/405.

¹¹⁴⁰ Dino Grandi, “Le origini e la missione del fascismo”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004, p.105.

¹¹⁴¹ Sergio Panunzio, *op. cit.*, 1939, p.2.

¹¹⁴² Benito Mussolini, “L’adunata”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de janeiro de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.13.

¹¹⁴³ Benito Mussolini, “Corridoni”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de outubro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.51.

¹¹⁴⁴ Benito Mussolini, “23 marzo”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.310.

liberdade para todos os povos oprimidos”¹¹⁴⁵. Em suma, “a guerra pode ser um meio de revolução” e “a neutralidade é sinónimo de conservadorismo”, até porque “se a burguesia é neutral, o proletariado socialista deve ser pela intervenção.”¹¹⁴⁶

No final, e na ótica dos fascistas, a Grande Guerra cumpriu o seu objetivo revolucionário. “Não foi dito mil vezes”, perguntou Mussolini no final do conflito, “que mais do que uma guerra esta era uma revolução? Certo; era e é uma revolução”¹¹⁴⁷. “Já fizemos a revolução”, proclamou. “Foi o primeiro episódio da revolução. Foi o início”¹¹⁴⁸. A guerra viabilizara de facto uma série de acontecimentos revolucionários na Europa, desde a Rússia à Alemanha, onde “o nosso sangue” fez “florir a árvore da liberdade”¹¹⁴⁹. Dinastias monárquicas caíam por toda a parte e iam-se proclamando sucessivamente repúblicas pelo continente europeu. “Nessas repúblicas os representantes diretos do proletariado exercem uma parte mais ou menos vasta do poder”, fez notar Mussolini, questionando: “quem pode negar estes imensos benefícios tangíveis da vitória? Quem é o socialista – dotado de um resíduo de boa-fé e de um pouco de inteligência – que não se compraz desta profunda modificação ocorrida na carta política da velha Europa?” Para ele, era claro que “a vitória abateu muitos obstáculos e nivelou a grande estrada da humanidade.”¹¹⁵⁰

Para os socialistas dos *fasci*, a guerra provara ter consequências revolucionárias, exatamente como previsto pela doutrina marxista que eles seguiram quando pugnaram pela intervenção italiana na Grande Guerra. “A guerra não devolveu a massa proletária às sombras da pré-vida e da pré-história, mas chamou-a com grande voz para a ribalta”, considerou Mussolini, “quebrou as suas correntes. Valorizou-a extraordinariamente.

¹¹⁴⁵ Benito Mussolini, “Torna, torna Garibaldi...”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de fevereiro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.52.

¹¹⁴⁶ Benito Mussolini, “Il partito del ‘ni’”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de fevereiro de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, abril de 1983, p.112.

¹¹⁴⁷ Benito Mussolini, “Dopo-guerra – Andate incontro al lavoro che tornerà dalle trincee”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.472.

¹¹⁴⁸ Benito Mussolini, “23 marzo”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.310.

¹¹⁴⁹ Benito Mussolini, “Il tramonto del potere arbitrario”, *Il Popolo d'Italia*, 10 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.474.

¹¹⁵⁰ Benito Mussolini, “Dal 4 novembre 1918 al novembre 1919”, *Il Popolo d'Italia*, 4 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.105.

Uma guerra das massas terminou com o triunfo das massas”¹¹⁵¹. E isto era interpretado pelos socialistas fascistas como o início da grande revolução socialista. “No dia a seguir ao armistício, o pêndulo oscilou violentamente para a esquerda”, vangloriou-se o chefe dos fascistas, lembrando que “dois impérios caíram: o dos Hohenzollern e o dos Habsburgos, precedidos por um outro, o dos Romanoff”, o que queria dizer que “toda a Europa central e oriental” estava a “tentar realizar alguns dos postulados da doutrina socialista.”¹¹⁵²

Mais importante, a guerra possibilitara a revolução fascista na proletária Itália. “Hoje a Itália não é mais serva: é dona de si própria e do seu futuro”, escreveu Mussolini no dia da vitória em 1918, afirmando que “todo o povo é o timoneiro deste navio, o qual, estendendo-se entre três mares e três continentes, navega serena e seguramente em direção aos portos da suprema justiça da humanidade resgatada de amanhã”¹¹⁵³. Outros fascistas insistiram no mesmo ponto. “Somos hoje os únicos herdeiros do sentido revolucionário da guerra e proclamamos que a nossa revolução de exilados é o único facto real e italianamente revolucionário do pós-guerra”¹¹⁵⁴, afirmou Mario Carli, enquanto Roberto Farinacci falava na guerra como “o início real da revolução.”¹¹⁵⁵

Até de um ponto de vista da luta de classes a Grande Guerra foi encarada pelos fascistas como um êxito. “A guerra (...) impediu as casas de Hohenzollern, de Habsburgo e de outros de dominarem o mundo”, insistiu o *Duce*, e o carácter revolucionário do conflito ficou na sua opinião igualmente provado pelo facto de que “em nenhuma nação vitoriosa se vê o triunfo da reação”¹¹⁵⁶. Em boa verdade, “ter impedido o triunfo das forças da reação foi *iminentemente revolucionário*”¹¹⁵⁷ (itálico no original). A prova é que a guerra foi “aquela que salvou a Bélgica, a França; aquela que quebrou a

¹¹⁵¹ Benito Mussolini, “I Maddaleni...”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.267/268.

¹¹⁵² Benito Mussolini, “Da che parte va il mondo?”, *Gerarchia*, 25 de fevereiro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.15.

¹¹⁵³ Benito Mussolini, “Celebrazione della Vittoria”, 11 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.52.

¹¹⁵⁴ Mario Carli, *op. cit.*, 1996, p.131.

¹¹⁵⁵ Roberto Farinacci, “The War as the Midwife of a New Italian People”, in Roger Griffin (direção), *Fascism*, Oxford University Press, Oxford, 1995, p.33.

¹¹⁵⁶ Benito Mussolini, “Atto di nascita del Fascismo”, 23 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.53/54.

¹¹⁵⁷ Benito Mussolini, “23 marzo”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.310.

hegemonia alemã; aquela que estilhaçou quatro impérios; aquela que cobriu grande parte da velha Europa de repúblicas mais ou menos socialistas; aquela que, enfim, salvou, mau-grado as deficiências póstumas da diplomacia, os princípios fundamentais da liberdade humana.”¹¹⁵⁸

O facto de a Grande Guerra ter trazido o colapso de dinastias e a proclamação de repúblicas era a prova do carácter revolucionário da guerra. Mais ainda do que isso, tratava-se de um revolucionarismo socialista pois “a guerra precipitou a crise mundial do capitalismo, fechou a época da história ou pré-história burguesa para abrir a época luminosa da história proletária”. Acontece que em 1919, e constatando a proclamação de repúblicas e até soviets em vários pontos da Europa, o próprio *Avanti!* começou a proclamar que a guerra trouxera a revolução. Esta admissão não escapou à atenção dos *fasci*. Mussolini apressou-se a lembrar aos socialistas oficiais que “se à guerra se deve esta vertiginosa antecipação dos acontecimentos, esta quase imediata realização dos ideais que pareciam relegados para milénios remotos, então não é abaixo a guerra que devemos gritar, ó imbecis, mas viva, três vezes viva!”¹¹⁵⁹ Também por tudo isso, a Grande Guerra havia de facto sido, na opinião dos *fasci*, revolucionária. Para os fascistas, a reacção perdera – e entre a reacção estava o Partido Socialista Italiano, pois “quem sabotou esta intervenção cometeu um delito enorme. Trabalhou para a contrarrevolução.”¹¹⁶⁰

Ou seja, e na visão marxista dos fascistas, os socialistas e os comunistas italianos, por se terem recusado a usar a guerra como catalisador da revolução, como Marx preconizara e os outros marxistas europeus incluindo Lenine tinham feito precisamente na Grande Guerra, haviam-se aburguesado e tornado agentes ao serviço da direita reaccionária. “Todos aqueles, e na primeira fila estão os socialistas italianos, que por pouco ou por muito trabalharam direta ou indiretamente para realizar a vitória alemã são contrarrevolucionários, são reaccionários, são carniceiros da liberdade”, acusou Mussolini, enfatizando que “se os socialistas, que durante quatro anos permaneceram reaccionários – na medida em que facilitaram a guerra dos impérios centrais – podem agora apregoar a revolução devem-no a nós

¹¹⁵⁸ Benito Mussolini, “Elezioni e programmi – Il dilemma di Turati”, *Il Popolo d'Italia*, 22 de outubro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.78.

¹¹⁵⁹ *Idem*, p.79.

¹¹⁶⁰ Benito Mussolini, “Posizioni ed obbiettivi”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.54.

e apenas a nós, que somos revolucionários desde maio de 1915”¹¹⁶¹, o momento em que a Itália entrou na Grande Guerra. E quando falou em “nós”, o chefe do fascismo sublinhou que se referia a “nós, intervencionistas de esquerda”¹¹⁶². Ou seja, os fascistas. Os “outros”¹¹⁶³, os “reacionários”¹¹⁶⁴, eram os socialistas oficiais.

A verdade, em suma, é que o uso da guerra para provocar a revolução é um conceito puramente marxista, e foi esse conceito que os fascistas abraçaram ao mesmo tempo que acusavam os seus rivais socialistas oficiais de estarem a violar a doutrina de Marx e Engels. “Não é engraçado ver os socialistas que pretendem ser marxistas e não passam da mais aviltante caricatura do marxismo; não é engraçado, perguntávamos, ver estes socialistas meterem-se no terreno do pacifismo e do humanitarismo burguês?”¹¹⁶⁵, questionou Mussolini, lembrando que “a guerra, malgrado os seus erros e erros, deve ser exaltada ou pelo menos avaliada com maior espírito marxista e menor bestialidade dogmática.”¹¹⁶⁶

O pacifismo da ala reformista do PSI pareceu a Mussolini profundamente antimarxista. “Os socialistas italianos”, avisou, “devem escolher entre Leo Tolstoi, pacifista absoluto e apóstolo da não resistência ao mal e consequentemente inimigo de toda e qualquer guerra, e Karl Marx, que explicava, aceitava e *pugnava* pela guerra quando via na guerra possibilidade de um desenvolvimento do poder da classe operária”¹¹⁶⁷ (itálico no original). Para o chefe dos *fasci*, o pacifismo era um conceito cristão, não um conceito marxista. “Senhores”, disse, dirigindo-se aos socialistas rivais do PSI, “a vossa oposição à guerra é absoluta ou é relativa? É cristã ou é socialista?” É que, na sua opinião, ao recusarem absolutamente a guerra os socialistas reformistas do PSI estavam “profanando num delírio de negacionismo

¹¹⁶¹ Benito Mussolini, “23 marzo”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.310.

¹¹⁶² Benito Mussolini, “Noi e loro”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de agosto de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.80.

¹¹⁶³ *Idem*.

¹¹⁶⁴ Benito Mussolini, “23 marzo”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.310.

¹¹⁶⁵ Benito Mussolini, “Logica e demagogia”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de outubro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.85/86.

¹¹⁶⁶ Benito Mussolini, “Partiti e programmi – La ‘loro’ complicità”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de outubro de 1919, *idem*, p.92.

¹¹⁶⁷ Benito Mussolini, “Nella morsa del dilemma – Assoluto e relativo”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de novembro de 1919, *ibidem*, p.114.

claramente católico o espírito da crítica e da doutrina marxista”¹¹⁶⁸. Ou seja, ao defenderem a guerra como instrumento revolucionário para o socialismo, os verdadeiros marxistas eram afinal os fascistas, não os socialistas oficiais do PSI.

Vários académicos sublinharam justamente a raiz marxista do pensamento fascista sobre a guerra como instrumento para a revolução socialista. “Perante o colapso da Segunda Internacional”, observou o investigador Francesco Ingravalle, “Mussolini seguiu uma lógica marxista quando propôs a guerra revolucionária”¹¹⁶⁹. Ou, como constatou Renzo de Felice, “este interventismo era um fenómeno típico das elites revolucionárias”¹¹⁷⁰, até porque “a guerra pôs em marcha em todo o movimento socialista internacional um processo de renovação e de repensamento.”¹¹⁷¹

A mesma visão marxista foi sustentada pelos fascistas no grande conflito seguinte. Não é por acaso que, enquanto ironicamente na União Soviética comunista a Segunda Guerra Mundial era apelidada de Grande Guerra Patriótica, uma formulação socialista que fazia apelo ostensivo ao nacionalismo, na Itália fascista o mesmíssimo conflito era designado “guerra revolucionária”¹¹⁷², uma formulação fascista que fazia apelo ostensivo à revolução socialista. Os fascistas descreviam a Segunda Guerra Mundial como uma guerra do sangue (do povo proletário) contra o ouro (dos capitalistas anglo-saxónicos), um conflito do proletariado contra a burguesia, dos pobres contra os ricos, do trabalho contra o capital, do futuro contra o passado, do novo contra o antigo regime.

Os fascistas apresentavam-se mesmo como o último verdadeiro obstáculo ao triunfo do capitalismo imperialista. “Descemos ao campo de batalha contra as democracias plutocráticas e reacionárias do Ocidente”, disse o *Duce* na declaração italiana de guerra de 1940, argumentando que “esta luta gigantesca é o desenvolvimento lógico da nossa revolução: é a luta do povo

¹¹⁶⁸ *Idem*, p.112.

¹¹⁶⁹ Francesco Ingravalle, “Postfazione”, in Renato Pallavidini, *op. cit.*, 1996, p.85.

¹¹⁷⁰ Renzo de Felice, *Mussolini, il rivoluzionario*, *op. cit.*, 1965, p.290.

¹¹⁷¹ *Idem*, p.291.

¹¹⁷² Benito Mussolini, “E adesso, ai fatti!”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de julho de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, IX, 1952, p.79; Benito Mussolini, “L’ora dei popoli”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de agosto de 1917, *idem*, p.118; Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.568.

pobre e que trabalha com as mãos contra os que provocam a fome e detém ferozmente o monopólio de todas as riquezas e de todo o ouro da terra.”¹¹⁷³

A Itália via-se como uma nação proletária pobre a lutar contra os países capitalistas ricos pelo direito à igualdade socialista. O economista fascista Giuseppe Solaro defendeu que “o pior mal da Itália é a pobreza e também a cobiça dos povos ricos”, pois “a guerra dos países pobres é a guerra, repetimos, dos homens pobres”¹¹⁷⁴, para questionar em tom retórico: “o que é esta guerra universal se não a expressão da tentativa humana de estender as relações entre os Estados para os mesmos espaços económicos em função de uma distribuição igualitária dos bens da terra e a valorização do trabalho individual?”¹¹⁷⁵ Solaro escreveu que “da guerra, que é hoje universal, depende o êxito da revolução social, a derrota ou o triunfo do trabalho perante o sufoco plutocrático”¹¹⁷⁶, pois o objetivo dos fascistas era “a instauração da justiça social entre as nações e nas nações” para “a resolução urgente do problema da equitativa distribuição da riqueza no plano internacional e no plano interno”¹¹⁷⁷. Depois de sublinhar que “os nazifascistas são os representantes das nações proletárias que ousaram levantar no âmbito mundial o estandarte da luta contra o escravagismo dos ricos”¹¹⁷⁸, este economista fascista insurgiu-se contra o “paradoxo” de se constatar que “no plano internacional o comunismo luta contra os países pobres (Alemanha, Itália) a favor dos ricos (Inglaterra, Estados Unidos)”¹¹⁷⁹ (parênteses no original).

Académicos italianos como Stefano Fabei falam sem rodeios na “leitura ‘de esquerda’, ou ‘socialista-nacional’, que o *Duce* dava da entrada na guerra ao lado da Alemanha – uma ‘guerra revolucionária’ que deveria determinar uma nova e mais igualitária distribuição das áreas de influência entre as

¹¹⁷³ Benito Mussolini, “La Dichiarazione di Guerra di Mussolini”, 10 de junho de 1940, www.storiaXXIsecolo.it

¹¹⁷⁴ Giuseppe Solaro, “Richiamo alla realtà”, *La Riscossa*, 9 de dezembro de 1943, in Giuseppe Solaro, *op. cit.*, 2016, p.127/128.

¹¹⁷⁵ Giuseppe Solaro, “Perché bisogna ‘volere’ l’unità d’Europa”, *Il Popolo delle Alpi*, 7 de novembro de 1942, *idem*, p.107.

¹¹⁷⁶ Giuseppe Solaro, “Richiamo alla realtà”, *La Riscossa*, 9 de dezembro de 1943, in Giuseppe Solaro, *idem*, p.128.

¹¹⁷⁷ Giuseppe Solaro, “La nuova struttura económica. Il capitalismo e il suo superamento”, *La Stampa*, 3 de fevereiro de 1944, in Giuseppe Solaro, *ibidem*, p.142.

¹¹⁷⁸ Giuseppe Solaro, “Lavoratori italiani, esaminiamo la situazione”, *La Stampa*, 17 de junho de 1944, in Giuseppe Solaro, *ibidem*, p.190.

¹¹⁷⁹ Giuseppe Solaro, “Paradossi e realtà”, *La Stampa*, 29 de março de 1944, in Giuseppe Solaro, *ibidem*, p.155.

demoplutocracias e as jovens nações”¹¹⁸⁰. Como prometeu Mussolini, “quando a guerra acabar, na agitação social mundial conseguir-se-á uma mais justa distribuição das riquezas da terra”¹¹⁸¹. Poder-se-á argumentar que as palavras bonitas dos fascistas escondiam uma realidade trágica e ditatorial, mas o mesmo argumento poderá ser invocado contra o comunismo clássico.

Para todos os efeitos, o que nos ocupa aqui são essencialmente as questões doutrinárias, pois são elas que mostram a inserção do fascismo na ideologia socialista geral, não necessariamente o resultado das respetivas aplicações práticas, desastrosas em todas as ditaduras, fascistas ou comunistas. Mesmo que as aplicações práticas, designadamente quando as ideologias se transformaram em regimes, sejam relevantes para compreender tais ideologias, como iremos ver adiante.

A questão doutrinária do recurso à guerra como instrumento catalisador para a revolução socialista, conforme previsto na teoria marxista original, constitui de resto um dos pontos em que mais incide a crítica fascista ao bolchevismo. Quando a revolução russa ocorreu em 1917, os marxistas que criaram o fascismo apressaram-se a saudá-la entusiasticamente, para se desiludirem no momento em que Lenine chegou a um acordo de paz com a Alemanha. “Uma paz que assassina a revolução, eis a obra de Lenine”, criticou Mussolini a propósito da decisão bolchevique de retirar a Rússia da Grande Guerra, dizendo que essa paz “consagra o triunfo territorial e político do militarismo alemão”¹¹⁸². Vemos pois aqui, e como tão bem observou Domenico Settembrini, “Mussolini a brandir, contra Lenine na Rússia e Gramsci em Itália, a ortodoxia marxista.”¹¹⁸³

O que pelos vistos os fascistas não sabiam é que o seu raciocínio marxista sobre a guerra, sustentado em leituras de Marx, Engels, Sorel e Bauer, era também feito pelo próprio Lenine. Muito se escreveu sobre as críticas que o líder bolchevique lançou aos restantes marxistas europeus por terem apoiado os seus países na Grande Guerra, violando assim os compromissos da Segunda Internacional. O que não é tão explicado é que ao longo de todo esse conflito Lenine insistiu igualmente que a missão dos socialistas era usar

¹¹⁸⁰ Stefano Fabei, *I neri e i rossi – Tentativi di conciliazione tra fascisti e socialisti nella repubblica di Mussolini*, Ugo Mursia Editore, Milão, 2011, p.10.

¹¹⁸¹ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.104.

¹¹⁸² Benito Mussolini, “L’hanno voluto!”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de março de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.393.

¹¹⁸³ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.89.

a guerra para provocar a revolução – *precisamente o mesmo conceito que os marxistas que criaram o fascismo defendiam em Itália*.

Vejamos as palavras de Lenine a este respeito. Prevendo a grande conflagração militar, o líder bolchevique escreveu em 1913 uma carta a Maxim Gorki a defender que “uma guerra entre a Áustria e a Rússia seria muito útil para a revolução”¹¹⁸⁴, o que mostra que não estamos propriamente perante uma pomba pacifista, mas um homem que desejava ardentemente a guerra e dela tinha uma visão instrumental. Numa outra carta, esta datada de 1915, com a Primeira Guerra Mundial já em curso, Lenine mostrou-se profundamente preocupado com uma iniciativa que então foi desencadeada para pôr fim às hostilidades, argumentando que se tratava de “um ‘programa de paz’ idiota” e defendendo que “temos de fazer algo” pois “a verdade é esta: ou apoiamos o fermento revolucionário que está a começar, e mantemos as coisas vivas (para isto precisamos de revolução, de guerra civil, de organização ilegal, etc), ou sufocamos tudo”¹¹⁸⁵ (parênteses no original). Lenine sublinhou que “tem de se tirar partido das dificuldades dos governos na atual guerra”, pois havia “uma relação entre os reveses militares do governo e a crescente oportunidade de o derrubar”¹¹⁸⁶. Foi precisamente para “tirar partido” da guerra que, quando o conflito mundial começou, o seu partido adotou a palavra de ordem “transformar a guerra imperialista em guerra civil.”¹¹⁸⁷

No ano seguinte, quando o conflito ia a meio, Lenine não escondeu o entusiasmo com a mortandade gerada nos campos de batalha. “Os milhões de vítimas que cairão na guerra, e como consequência da guerra, não cairão em vão”, preconizou. “Os milhões que passam fome, os milhões que sacrificam as suas vidas nas trincheiras, não sofrem apenas, estão também a ganhar forças, estão a ponderar as reais causas da guerra, estão a ganhar determinação e a adquirir uma compreensão revolucionária mais clara. O crescente descontentamento das massas, as greves, as manifestações, os protestos contra a guerra, tudo isto está a ocorrer em *todos* os países do

¹¹⁸⁴ Vladimir Lenine, “V.I. Lenin to Maxim Gorky”, 25 de janeiro de 1913, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

¹¹⁸⁵ Vladimir Lenine, “To David Wijnkoop”, junho de 1915, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

¹¹⁸⁶ Vladimir Lenine e Grigory Zinoviev, *op. cit.*, 1915, p.24.

¹¹⁸⁷ *Idem*, p.22.

mundo. *E isto é a garantia que a guerra europeia será seguida pela revolução proletária contra o capitalismo*¹¹⁸⁸ (itálico no original).

Tal como Marx, Sorel e Mussolini, Lenine defendia acerrimamente o papel da guerra como incubadora da revolução socialista. “Toda a grande revolução, e especialmente uma revolução socialista, mesmo que não haja uma guerra externa é inconcebível sem uma guerra interna”¹¹⁸⁹, declarou o líder bolchevique, defendendo que era preciso “transformar a guerra entre governos em guerra civil”¹¹⁹⁰, pois “temos ao nosso dispor um poder motivador histórico de tremenda força criadora de crises, fome e infindáveis misérias nunca vistas. Esse poder motivador é a guerra”¹¹⁹¹. Ou seja, argumentavam os ideólogos marxistas, eram as guerras que conduziam às revoluções proletárias. “As circunstâncias objetivas da guerra imperialista tornam certo que a revolução não se limitará à primeira fase da Revolução Russa”¹¹⁹², disse Lenine, para quem “a nossa revolução é o prólogo da revolução socialista mundial”¹¹⁹³. Mais, “a revolução proletária” já “está a começar na Europa!”¹¹⁹⁴ Mussolini falava na “guerra revolucionária”¹¹⁹⁵, mas é importante compreender que também Lenine falava na “guerra revolucionária”¹¹⁹⁶. A guerra revolucionária era um conceito do marxismo original e também do marxismo soreliano que fascistas e bolcheviques abraçavam com fervor.

É fundamental perceber que Mussolini e os seus seguidores socialistas atuavam no contexto pleno da doutrina original marxista e do revisionismo marxista soreliano, baueriano e bernsteiniano, facto que é permanentemente negligenciado ou ignorado no discurso político e mediático sobre o fascismo.

¹¹⁸⁸ Vladimir Lenine, “Speech Delivered at an International Meeting in Berne, February 8, 1916”, *Berner Tagwacht*, 9 de fevereiro de 1916, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

¹¹⁸⁹ Vladimir Lenine, *The Soviets at Work – The International Position of the Russian Soviet Republic and the Fundamental Problems of the Socialist Revolution*, 5ª edição, The Rand School of Social Science, Nova Iorque, 1919, p.30.

¹¹⁹⁰ Vladimir Lenine e Grigory Zinoviev, *op. cit.*, 1915, p.22.

¹¹⁹¹ Vladimir Lenine, *op. cit.*, s/d, p.32.

¹¹⁹² *Idem*, p.47.

¹¹⁹³ *Ibidem*, p.46.

¹¹⁹⁴ *Ibidem*, p.48.

¹¹⁹⁵ Benito Mussolini, “E adesso, ai fatti!”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de julho de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, IX, 1952, p.79; Benito Mussolini, “L’ora dei popoli”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de agosto de 1917, *idem*, p.118; Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.202.

¹¹⁹⁶ Vladimir Lenine, “The Tasks of the Proletariat in the Present Revolution – aka the April Theses”, *Pravda*, 7 de abril de 1917, www.marxists.org.

O seu uso da guerra não foi muito diferente do de Lenine, como alguns historiadores começam a notar. “O fundo psicológico e cultural comum a todos estes expoentes socialistas, de Panunzio a Lenine, passando por Mussolini, que estabeleceram uma ligação estreita entre guerra e revolução, é a busca da iniciativa política para ativar e orientar forças desestabilizadoras que se poderiam libertar num devastador conflito europeu”¹¹⁹⁷, constatou Renato Pallavidini, observando em Mussolini “uma perspectiva também teorizada por Lenine: a transformação da guerra em revolução socialista.”¹¹⁹⁸

A mesma coisa aconteceu com a Segunda Guerra Mundial. Quando o conflito estava prestes a começar e o fascismo entrara já na sua idade madura, os fascistas deram uma importante guinada em direção ao socialismo, com o discurso semissecreto de Mussolini em 1938 perante o Conselho Nacional do Partido Nacional Fascista a anunciar “poderosos socos no estômago desta burguesia italiana”¹¹⁹⁹. Iniciou-se assim uma forte ofensiva contra a burguesia. “O fascismo é e quer ser não um perigo, mas o perigo para o mundo burguês”¹²⁰⁰, avisou então o ideólogo fascista Berto Ricci, enquanto Mussolini sublinhava que o fascismo tinha uma “propensão por uma socialidade consideravelmente antiburguesa, e portanto socialista”¹²⁰¹ e que se opunha à “ditadura da burguesia”¹²⁰² porque, referindo-se à burguesia, “temo e combato-a”¹²⁰³. Na verdade, o *Duce* nunca esquecia que havia “um inimigo do nosso regime” e “esse inimigo tem um nome: a burguesia”¹²⁰⁴. Os líderes fascistas lembravam assim que a abertura do fascismo à burguesia era meramente tática e em linha com a teoria marxista original, que em *O Manifesto Comunista* falava no papel revolucionário da burguesia no desenvolvimento do capitalismo. Logo que a guerra foi declarada, Mussolini insistiu que “o partido deve libertar-se e libertar a nação do que resta do lastro

¹¹⁹⁷ Renato Pallavidini, *op. cit.*, 1996, p.34.

¹¹⁹⁸ *Idem*, p.45.

¹¹⁹⁹ Benito Mussolini, “Al Consiglio Nazionale del P.N.F.”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de outubro de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.117/118.

¹²⁰⁰ Berto Ricci, “Categoria spirituale e categoria sociale”, in Berto Ricci, *op. cit.*, 2014, p.100.

¹²⁰¹ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.619.

¹²⁰² *Idem*, p.626.

¹²⁰³ *Ibidem*, p.627.

¹²⁰⁴ Benito Mussolini, “Al Consiglio Nazionale del P.N.F.”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de outubro de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.116.

pequeno burguês”¹²⁰⁵. O objetivo final dos fascistas era, e continuava a ser, a revolução socialista.

É sintomático que alguns fascistas se tenham mantido fiéis à escatologia marxista da história. “É indiscutível que à sociedade burguesa deverá suceder-se uma sociedade socialista, nomeadamente coletivista”, sublinharam os fascistas Romano Bilenchi, Elio Vittorini e Vasco Pratolini num texto publicado em 1937 pelo Instituto da Cultura Fascista, admitindo ser “discutível se se chegará aí pela via indicada por Marx ou por outra via, se pela luta de classes e pela ditadura do proletariado ou não”¹²⁰⁶. Mais, os pensadores fascistas mencionavam abertamente o nome de Karl Marx para legitimar as suas posições ideológicas, como também vimos na afirmação de Panunzio publicada em 1939.

O perfil neomarxista do fascismo era de tal modo evidente que o próprio Mussolini reconheceu nas suas conversas com Yvon de Begnac que, “depois da convenção de Ferrara, se disse: ‘Sois todos marxistas. Sois marxistas em camisa negra’”, o que levou o *Duce* a questionar: “que coisa significa recorrer ao cadáver de Marx para atribuir uma etiqueta às duas únicas revoluções que contam no Ocidente?”¹²⁰⁷ Se realmente já nada tinham a ver com o marxismo, por que razão os fascistas tão tardiamente ainda invocavam a autoridade de Marx, se comparavam aos bolcheviques e falavam abertamente na instituição de uma sociedade socialista coletivista e até na ditadura do proletariado?

Por outro lado, torna-se crescentemente claro que o afastamento em Itália entre fascistas e socialistas “oficiais” se deveu em parte importante a incompatibilidades de natureza pessoal. Mussolini saiu do Partido Socialista Italiano quando preconizou a entrada da Itália na Grande Guerra, acusando o “socialismo oficial”¹²⁰⁸ de se ter aburguesado e perdido a sua chama revolucionária. Os Fasci di Combattimento, com o seu programa marxista, constituíram uma forma que o *Duce* encontrou para tentar reaproximar-se do seu anterior partido. O PSI tomou boa nota da postura socialista do fascismo e o seu líder, o socialista reformista Filippo Turati, reconheceu durante um

¹²⁰⁵ Benito Mussolini, “Alle gerarchie provinciale del PNF”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de novembro de 1940, in Benito Mussolini, *op. cit.*, maio de 1984, p.58.

¹²⁰⁶ Gastone Galante, “Berto Ricci e il filo rosso della rivoluzione fascista”, in Berto Ricci, *op. cit.*, 2014, p.117/118.

¹²⁰⁷ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.641.

¹²⁰⁸ Benito Mussolini, “Audacia!”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.24.

debate com Mussolini no parlamento que existia no fascismo “um idealismo sincero, generoso”¹²⁰⁹. O problema é que os ressentimentos antigos falaram mais alto e os dirigentes do PSI, aceitando formar um bloco eleitoral conjunto com os fascistas, puseram como condição que Mussolini fosse afastado. Foi também essa divergência de natureza pessoal que ditou o corte final entre os dois movimentos socialistas e levou Mussolini a queixar-se do “rancor dos companheiros socialistas.”¹²¹⁰

Isso mesmo foi notado pelos historiadores. “Não foi ele que rejeitou os socialistas, foram os socialistas que o rejeitaram”, lembrou Richard Pipes sobre o chefe fascista, sublinhando que “a sua rotura com o socialismo, por outras palavras, não foi ideológica, mas pessoal”¹²¹¹. Já Emilio Gentile chamou a atenção para os ressentimentos de natureza pessoal do próprio *Duce*. “A invetiva antissocialista de Mussolini era a libertação explosiva de um ódio que vinha do tempo da sua expulsão do partido em 1914”¹²¹², indicou o estudioso italiano, considerando que “para Mussolini, a guerra civil em Itália era também uma guerra pessoal contra os seus ex-companheiros.”¹²¹³

Em boa verdade, e como já vimos, não foi uma rotura de Mussolini com o socialismo, mas com o PSI. “O fascismo declara lutar contra o Partido Socialista Oficial, não contra a doutrina socialista”¹²¹⁴, afirmou Mussolini, uma declaração que repetiu múltiplas vezes de diversas formas. “O fascismo não é contra o socialismo”, insistiu o chefe dos *fasci*, “mas contra a ‘degeneração’ desse próprio socialismo oficial”¹²¹⁵. O que estava em causa, como observou Emilio Gentile, era “uma *vendetta* pessoal”¹²¹⁶. “No início era pois o socialismo”, observou por seu turno Frédéric Le Moal na sua *História do Fascismo*. “E o socialismo tornou-se fascismo sem ser renegado, lentamente, sem verdadeiras contradições, porque se o socialismo se podia

¹²⁰⁹ Filippo Turati, “Discussione”, *Atti Parlamentari*, Camera dei Deputati, Legislatura XXVI, 1ª sessão, Roma, 11 de novembro de 1922, p.8426.

¹²¹⁰ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.35.

¹²¹¹ Richard Pipes, *op. cit.*, 1ª edição, 1993, p.252.

¹²¹² Emilio Gentile, *Mussolini contro Lenin*, Editori Laterza, Bari, 2017, p.186.

¹²¹³ *Idem*, p.187.

¹²¹⁴ Benito Mussolini, “Verso l’azione”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de outubro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.60.

¹²¹⁵ Benito Mussolini, “Nel ‘fascismo’ – Direttive”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de novembro de 1919, *idem*, p.155.

¹²¹⁶ Emilio Gentile, *op. cit.*, 2017, p.193.

fracionar numa multiplicidade de capelas, todas se juntavam no mito da revolução.”¹²¹⁷

O socialismo era assim a doutrina geral que albergava no seu seio uma série de “capelas”. “É fatal e inevitável que o socialismo se divida sempre mais, que apareçam três ou trinta partidos socialistas”¹²¹⁸, registou o chefe dos *fasci*. Da mesma maneira que o cristianismo se fragmentara numa série de sub-doutrinas concorrenciais, desde os católicos aos ortodoxos, passando pelos protestantes, pelos coptas e pelos orientais, muitas vezes alimentando ódios mortais, grandes guerras entre eles e acusações mútuas de heresia e apostasia, também o socialismo se fragmentara numa série de sub-doutrinas concorrenciais, desde o comunismo ao anarquismo, passando pelo fascismo e pela social-democracia, sempre alimentando ódios mortais, grandes guerras entre eles e acusações mútuas de heresia e apostasia. “Não há nada mais feroz do que o ódio teológico”, observou o próprio Mussolini sobre as guerras intestinas do socialismo, falando na existência nesses conflitos de “cargas de um contra o outro de ódios políticos e de rancores pessoais furibundos.”¹²¹⁹

A sobrevivência da ideologia marxista no fascismo nota-se, em suma, na história do movimento fascista e em múltiplos traços do pensamento da corrente de Mussolini, o que legitima a interpretação de que o fascismo mais não foi que uma variante do marxismo, uma das múltiplas “capelas” do socialismo, embora indo buscar ideias a outras “igrejas”, como a do nacionalismo – exatamente como a social-democracia, uma outra “capela” socialista que foi buscar ideias à “igreja” do liberalismo. “O núcleo do discurso económico social de Mussolini na fase mais fascista da sua parábola permaneceu marxista ortodoxo”¹²²⁰, constatou Domenico Settembrini, para quem “o quadro de referência ideológica (do fascismo) foi o realismo produtivista marxista”¹²²¹.

Este ponto de vista mereceu a concordância de Benedetto Croce, para quem Mussolini “retomou a intransigência do marxismo rígido”¹²²² e a ideia geral do fascismo “o seu chefe encontrou-a nos seus antecedentes de

¹²¹⁷ Frédéric Le Moal, *op. cit.*, 2018, p.45.

¹²¹⁸ Benito Mussolini, “L’ultimo discorso dal banco di deputato”, *Atti del Parlamento Italiano*, 19 de julho de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.289.

¹²¹⁹ Benito Mussolini, “Il significato”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de maio de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.337.

¹²²⁰ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.202.

¹²²¹ *Idem*, p.204.

¹²²² *Ibidem*, p.31.

aspirante revolucionário marxista e na Rússia”¹²²³, pois o fascismo “era uma imitação do comunismo”¹²²⁴. Croce recordou que, confrontado por um dos seus ministros com a semelhança entre uma medida fascista e outra tomada pelos comunistas na Rússia, Mussolini respondeu que “o meu coração vai sempre para lá.”¹²²⁵

Já na entrevista com Emil Ludwig, quando foi também colocado diante de uma comparação entre fascismo e socialismo, o *Duce* reconheceu: “sim, é a mesma coisa.” E acrescentou: “mais do que isso, até em termos negativos somos iguais”¹²²⁶. Tão iguais que o fascista Mario Carli, um dos *arditi* que em 1919 fez parte da aventura protofascista de Fiume e que fundou o fascismo e reclamou-se como um dos “ultrafascistas”¹²²⁷, elogiou entusiasticamente a revolução na Rússia, apelidando-a de “modelo típico de revolução social” que vencera a “reação”¹²²⁸. Carli chegou ao ponto de escrever um livro intitulado *O Nosso Bolchevismo*, título que é todo ele um programa comunista para o fascismo, onde descreveu fascismo e bolchevismo como “duas margens luminosas” no meio de “um oceano de trevas”. Nele propôs que se erguesse “uma ponte entre estas duas margens”¹²²⁹. Tal entusiasmo era inteiramente partilhado por Mussolini. “A esquerda histórica”, afirmou o chefe dos *fasci*, “é representada pela Rússia, a qual sinalizou a estrada que todos os povos da Europa e do mundo devem percorrer.”¹²³⁰

A relação de amor-ódio dos principais ideólogos fascistas pela revolução de outubro na Rússia chegou a ser tal que Mussolini batizou a revolução fascista, simbolizada pela marcha sobre Roma em outubro de 1922, como a “revolução de outubro”¹²³¹, num esforço evidente de se colar à expressão associada à revolução bolchevique, mesmo achando que os comunistas russos tinham ido longe de mais no seu radicalismo. “A revolução de outubro não pode e não deve repetir os erros do Ressurgimento”, avisou o fascista

¹²²³ *Ibidem*, p.260.

¹²²⁴ *Ibidem*, p.191.

¹²²⁵ *Ibidem*, p.260.

¹²²⁶ Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.150.

¹²²⁷ Mario Carli, *op. cit.*, 2007, p.167.

¹²²⁸ Mario Carli, *op. cit.*, 2013, p.156.

¹²²⁹ *Idem*, p.159.

¹²³⁰ Benito Mussolini, “Da che parte va il mondo?”, *Gerarchia*, 25 de fevereiro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.15.

¹²³¹ Benito Mussolini, “Difesa del regime”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983, p.33.

Curzio Malaparte, lembrando que “os outubristas são homens de esquerda, daquela verdadeira esquerda revolucionária que havia guiado os movimentos e a batalha do Ressurgimento.”¹²³²

De certo modo pode dizer-se que o tipo de socialismo que os fascistas desenvolveram mostrava maior moderação revolucionária que o bolchevismo, situando-se algures entre o socialismo social-democrata, que abraçara o capitalismo e a democracia liberal, e o comunismo bolchevique, que por entre períodos de compromissos cortara total e abruptamente com o capitalismo e a democracia liberal. Apesar das críticas, os fascistas admiravam os bolcheviques e viam-nos como um exemplo, mas queriam evitar o que consideravam ser os exageros que, nas palavras de Mario Carli, haviam transformado o bolchevismo numa “doença” onde “os fuzilamentos em massa, as repressões violentas” tinham “aproximado a figura de Lenine à de Marat”.

Os fascistas de origem marxista pretendiam instituir em Itália uma forma de bolchevismo, sim, mas de um bolchevismo moderado. “Olhando para trás podemos assinalar todos os erros e os horrores, toda a miséria e heroísmo, todas as luzes e sombras pelas quais passou este povo” russo e “teremos em conta a sua experiência trágica, mas fecunda de fluidos vitais para o futuro dos outros povos”, disse Carli, sublinhando que “estudamos as feridas ainda não cicatrizadas deste sublime paciente, aprendemos a evitar os seus erros e assimilaremos os resultados do seu tratamento laboriosíssimo”, pois graças ao exemplo bolchevique “saberemos assim qual é o procedimento a seguir, quais as precauções a tomar, quais os obstáculos a evitar, e o bisturi seccionará, amputará, dissecará com maior segurança, cortando a direito e sem hesitações na ferida.”¹²³³

O próprio Mussolini insurgiu-se contra as soluções propostas pelo PSI por as achar radicais. “O partido mais numeroso, mas mais impotente, lançou este programa: ‘ditadura do proletariado!’ Esta ditadura seria exercida por uns poucos que nunca sequer foram proletários. E vós pensais que nós, que combatemos todas as ditaduras, nos iremos subjugar a esta? Somos pela liberdade contra todas as ditaduras, por maioria de razão contra aquela formada por parasitas da classe operária! É tempo de ver esta verdade”, proclamou, para concluir: “quero que o trabalho se livre de dois atributos

¹²³² Paolo Buchignani, “L’ideologia italiana’: Dal Risorgimento al ‘fascismo rivoluzionario’”, *Nuova Storia Contemporanea – Bimestrale di Studi Storici e Politici sull’Età Contemporanea*, nº2, Ano XV, março-abril de 2011, p.135.

¹²³³ Mario Carli, *op. cit.*, 1996, p.157.

que o perseguem: a fadiga e a miséria. É uma questão de humanidade: todos os homens têm o direito a serem livres, a viverem bem, e por isso digo aos operários: ‘cuidado com aqueles que exibem programas maximalistas, pois esses são os derrotados da história’.”¹²³⁴

Por várias vezes o chefe do fascismo se insurgiu contra o maximalismo, expressão que se usava para designar a ala radical comunista do PSI, defendendo que o socialismo só podia ser bem-sucedido se emergisse de uma sociedade burguesa da abundância, como Marx e Engels haviam preconizado. Uma vez que a Itália não tinha tal sociedade, o socialismo maximalista estava aí condenado a fracassar. “Uma vez no poder, os socialistas ‘copiam’, são obrigados a ‘copiar’, a burguesia, e o que é pior é que não é contra esses burgueses inimigos do novo regime que se usam os meios persuasivos como as granadas de mão, as metralhadoras e até os canhões, mas contra os companheiros crentes da mesma ‘verdade revelada’”, avisou Mussolini, para concluir: “eis por que razão os socialistas inteligentes se opõem às prédicas maximalistas pela ditadura proletária.”¹²³⁵

Ou seja, o fascismo apresentava-se como uma espécie de bolchevismo temperado, um seguidor mais fiel da teoria marxista pois, tal como Marx e Engels, os fascistas acreditavam de que o verdadeiro socialismo só podia emergir num país de capitalismo avançado. Não em Itália nem na Rússia, que não dispunham de tal capitalismo. “Os bolcheviques não podem realizar o socialismo, especialmente na Rússia”¹²³⁶, sublinhou Mussolini, apresentando uma leitura perfeitamente em linha com o marxismo original: “a realização do socialismo não pressupõe uma economia burguesa depauperada, caótica, violentada por uma longa guerra (...). O socialismo não pode florir sobre tanta miséria. Nasce da opulência, não da ruína”¹²³⁷. Na verdade, sublinhou, “o socialismo não é um facto político, é um facto económico. Tende à transformação das relações económicas: a uma transição da economia: portanto, pressupõe uma profunda elaboração preliminar pela base, nas instituições e nas consciências.”¹²³⁸

¹²³⁴ Benito Mussolini, “Guglielmo Oberdan”, *Gazzetta Livornese*, 30-31 de dezembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.93.

¹²³⁵ Benito Mussolini, “‘Babau’”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de janeiro de 1919, *idem*, p.185.

¹²³⁶ Benito Mussolini, “Crepuscolo”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de outubro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.69.

¹²³⁷ Benito Mussolini, “‘Babau’”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de janeiro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.184.

¹²³⁸ Benito Mussolini, “Crepuscolo”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de outubro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.69.

Tanto os fascistas se preocupavam com o respeito pelas condições adequadas para o estabelecimento do socialismo que, pese embora a sua retórica anticapitalista e antidemocrática, mantiveram a economia de mercado e até 1925 respeitaram a democracia parlamentar. Apesar de profundamente antidemocrático, Mussolini declarou na altura da fundação dos Fasci di Combattimento que “a nossa ação será contra qualquer forma de ditadura, a qual só iria conduzir a uma nova manifestação de barbárie”¹²³⁹. Isso era válido da “ditadura teocrática e capitalística”¹²⁴⁰ até à “ditadura do proletariado”¹²⁴¹.

Considerando o atraso de Itália no capitalismo, Mussolini fez notar em 1919 que os critérios de Marx e Engels tornavam impossível uma genuína revolução socialista no país. “Nas atuais condições a dita ditadura do proletariado seria um desastre sobretudo para o proletariado”, avisou, para concluir: “não queremos ditaduras”¹²⁴². Além do mais, observou, “no Ocidente não se toleram ditaduras. Menos ainda a dos números e a da violência”¹²⁴³. Em suma, “não, portanto, à ditadura de uma classe através de um partido político, mas soberania popular na forma de um governo republicano”, chamando a atenção para “esta situação paradoxal, a de que aqueles que anseiam pela ditadura proletária não são proletários”¹²⁴⁴. O chefe do fascismo chegou até a fazer o elogio da oposição. “A oposição é necessária”, afirmou o *Duce* em 1924, e “pode ser educativa e formativa”, sendo que “não é a oposição que irrita. É o modo da oposição”, por se tratar de “uma oposição de princípio, uma oposição sistemática até contra o futuro.”¹²⁴⁵

Em vez de uma rotura súbita com a economia de mercado e a democracia, pois conheciam bem a teoria marxista e haviam visto os resultados destrutivos da fratura brusca com o capitalismo efetuada pelos comunistas na Rússia, os fascistas optaram por um gradualismo taticista na construção

¹²³⁹ Benito Mussolini, “Dichiarazioni di Piazza San Sepolcro”, *Il Popolo d'Italia*, 22 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.317.

¹²⁴⁰ Benito Mussolini, ““Babau””, *Il Popolo d'Italia*, 30 de janeiro de 1919, *idem*, p.186.

¹²⁴¹ *Ibidem*, p.185.

¹²⁴² *Ibidem*, p.186.

¹²⁴³ Benito Mussolini, “Liebknecht è stato fucilato”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de janeiro de 1919, *ibidem*, p.152.

¹²⁴⁴ Benito Mussolini, “Dopo il congresso di Bologna – Orientamenti e programmi”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de fevereiro de 1919, *ibidem*, p.194.

¹²⁴⁵ Benito Mussolini, “Su l’indirizzo di risposta al discorso della Corona”, *Atti Parlamentari*, Camera dei Deputati, Legislatura XXVII, 1ª sessão, Roma, 7 de junho de 1924, p.243.

do seu tipo de socialismo. “O Estado burocrático transcendente eleitoral é substituído, embora gradualmente, pelo Estado corporativo”¹²⁴⁶, assumiu o fascista de origem marxista Ugo Spirito, enquanto Mussolini, comparando os métodos revolucionários bolchevique e fascista, sublinhou que “a revolução fascista não demole de uma assentada toda a delicada e complexa máquina que é a administração de um grande Estado: procede por graus, passo a passo”¹²⁴⁷. Só a partir de 1925 é que os fascistas decidiram, ou conseguiram, pôr fim ao parlamentarismo e enveredaram pelo autoritarismo.

Para a questão que nos interessa, no entanto, não se pode ignorar que o próprio movimento fascista se assumiu explicitamente como antimarxista, até porque os fascistas deixaram de acreditar na teoria marxista da miséria, que preconizava que no capitalismo se deixasse agravar a miséria do proletariado para que estes desencadeassem a revolução socialista algures no futuro. Em vez disso, defendiam um socialismo mais imediato. “O sindicalismo é logicamente por um contínuo superamento e por um máximo aburguesamento”, estabeleceu o fascista Edoardo Malusardi, referindo-se evidentemente ao sindicalismo revolucionário fascista, enquanto “o socialismo e o comunismo estatais representam pelo contrário o nivelamento e a máxima proletarização de todos”¹²⁴⁸. Ou seja, o fascismo propunha-se transformar os pobres em ricos enquanto na visão dos fascistas o comunismo tradicional trabalhava para que todos fossem pobres.

Por outro lado, os fascistas rompiam também com o marxismo quando questionavam o conceito da ditadura do proletariado, “ao qual, de resto, em nome da liberdade somos contrários”¹²⁴⁹, esclareceu Mussolini, para dizer que “esta expressão é, em si mesma, um dos disparates mais absurdos”¹²⁵⁰, na verdade era até “o mais possível anti-socialista”¹²⁵¹ por razões que lhe pareciam evidentes. “Das duas, uma: ou o proletariado consegue permear, saturar, preencher a sociedade, e nesse caso não é precisa nenhuma ditadura, pois já foram eliminados os obstáculos e os adversários; ou a sociedade está

¹²⁴⁶ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1970, p.82.

¹²⁴⁷ Benito Mussolini, “Tempo secondo”, *Gerarchia*, janeiro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.69.

¹²⁴⁸ Alessandro Luparini, *op. cit.*, 2001, p.116.

¹²⁴⁹ Benito Mussolini, “Discorso di Monza”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.128.

¹²⁵⁰ Benito Mussolini, ““Babau””, *Il Popolo d'Italia*, 30 de janeiro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.185.

¹²⁵¹ Benito Mussolini, “Dopo il congresso di Bologna – Orientamenti e programmi”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de fevereiro de 1919, *idem*, p.194.

ainda imatura e não se coloca a questão de uma ditadura do proletariado, uma vez que a quantidade, o número, a massa, não podem exercer poderes ditatoriais.”¹²⁵²

Além do mais, mesmo que muitas práticas e raciocínios doutrinários de matriz marxista tenham sobrevivido no fascismo, e de facto sobreviveram, a retórica abertamente antimarxista do fascismo admite que este movimento seja colocado formalmente à margem do marxismo. Mas também não pode ser ignorado que essa posição antimarxista dos fascistas não é tão clara quanto uma leitura superficial e apressada possa inicialmente sugerir, até porque os fascistas de origem marxista se encaravam em alguns aspetos como os herdeiros legítimos do pensamento de Marx e Engels.

É interessante, a este propósito, ler a crítica que Mussolini fez aos bolcheviques por romperem com a doutrina original marxista, em particular por terem ignorado o ponto da doutrina em que Marx e Engels consideraram a passagem pelo capitalismo indispensável para que fosse possível uma genuína revolução do proletariado. “Do ponto de vista da ortodoxia socialista, a nação que mais requisitos objetivos reunia para a realização do socialismo era a Alemanha; a nação menos preparada, de certeza a Rússia”, observou o *Duce* numa análise à violação comunista da doutrina original marxista. “Das duas uma: ou o que previam os mestres e os apóstolos formava, como eles diziam, o conteúdo substancial da doutrina socialista, e então o que se estabeleceu em Moscovo não é nem pode ser socialismo e usurpa ilegitimamente esse nome; ou o regime dos soviets é um regime socialista e então a doutrina socialista sofreu a mais decisiva das contradições, o maior dos desmentidos, pois nesse caso o socialismo ter-se-á realizado contra os seus requisitos, as suas proposições, os seus dogmas.”¹²⁵³

As implicações destas palavras são enormes. Embora os fascistas tenham encontrado erros na doutrina original de Marx, tal como já acontecera com os bolcheviques e os sociais-democratas, a verdade é que os vemos a descreverem os revisionismos dos outros marxismos como desvios à doutrina original. “O socialismo tornou-se – externa e internamente – uma burguesia”, queixou-se Mussolini, dizendo que o comunismo do seu tempo tinha sido “domesticado” e transformara-se mesmo num movimento

¹²⁵² Benito Mussolini, ““Babau””, *Il Popolo d'Italia*, 30 de janeiro de 1919, *ibidem*, p.185.

¹²⁵³ Benito Mussolini, “Divagazione”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de setembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.341/342.

“antissocialista”¹²⁵⁴. Também Ugo Spirito descreveu os comunistas do Ocidente como “burgueses rebeldes, intelectualmente convictos na ideologia comunista, mas ainda ligados psicológica e praticamente ao modo de vida e de sentir dos burgueses”, pois “o comunismo ocidental nasceu e cresceu no seio da burguesia.”¹²⁵⁵

Mais importante, Mussolini achava que, se o revisionismo dos comunistas estava a provocar um desastre social na Rússia, inevitavelmente faria o mesmo em Itália, país que, se fosse sujeito às mesmas políticas dos bolcheviques, “mergulharia no mais profundo dos abismos e, juntamente com a Itália, o proletariado inteiro”¹²⁵⁶. É interessante notar que o fascista de origem marxista Ugo Spirito se tenha queixado dos “desvios”¹²⁵⁷ ao socialismo praticados pelos rivais comunistas, observando que a prática bolchevique “tocou num dos problemas do marxismo”, justamente “o problema da adequação da teoria à realidade.”¹²⁵⁸

É nesse sentido que devem ser lidas as declarações antimarxistas de muitos fascistas. Estes não estavam necessariamente contra Marx, mas contra o marxismo que lhes era contemporâneo, por o considerarem deviacionista, utópico, radical e irrealista. Os fascistas de origem marxista achavam que o marxismo oficial do seu tempo já nem sequer era verdadeiro marxismo, pois não só desobedecia a preceitos fundamentais da doutrina original como a sua aplicação prática estava a gerar miséria na Rússia. Para eles, “o fascismo estava a realizar o único socialismo possível”¹²⁵⁹, nas palavras do *Duce*, uma espécie de socialismo não utópico, moderado, realista e realizável. Note-se que a expressão “socialismo possível” era muito usada então pelos marxistas, que criticavam os socialistas utópicos por justamente não serem capazes de conceber um socialismo possível, apenas um socialismo fantasioso. Ao opor-se ao marxismo “domesticado” e “antissocialista”¹²⁶⁰ do comunismo e do socialismo que lhe eram contemporâneos em Itália, Mussolini falou na “correção que o fascismo

¹²⁵⁴ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.200.

¹²⁵⁵ Ugo Spirito, *Il comunismo*, Sansoni, Florença, 1965, p.74.

¹²⁵⁶ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.200.

¹²⁵⁷ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1970, p.364.

¹²⁵⁸ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1965, p.21.

¹²⁵⁹ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.536.

¹²⁶⁰ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.200.

trouxe ao socialismo”¹²⁶¹, graças à qual na verdade “o fascismo salva o proletariado.”¹²⁶²

Por outro lado, é interessante constatar que o discurso de Mussolini está encharcado de jargão tipicamente marxista. Num único artigo do *Il Popolo d'Italia*, por exemplo, defendeu “o interventismo popular”, fazendo apelos aos “operários” e às suas “justas reivindicações”. Falou no “movimento ascensional da massa trabalhadora” e na “revolução operária que está *em curso*” (itálico no original) para declarar que “combatemos aberta e ferozmente, *juntamente com a maior parte dos socialistas de todo o mundo*, esse fenómeno obscuro de regressão, de contrarrevolução e de impotência que se chama bolchevismo” (itálico no original) e “defendemos a nossa revolução renovadora e criativa do assalto traiçoeiro da contrarrevolução retrógrada e destrutiva do leninismo”¹²⁶³. Não fosse o alvo das invetivas serem os rivais comunistas italianos apoiados pelos bolcheviques, nada diferenciaria estas palavras de um inflamado discurso revolucionário marxista.

Em suma, e apesar da revisão a que procedera ao marxismo original, num certo sentido o fascismo via-se a si próprio como o único verdadeiro herdeiro desse marxismo. Era seu o “socialismo viável.”¹²⁶⁴

O fascismo como socialismo nacionalista

A terceira hipótese de classificação do fascismo italiano é a de que, na sua fase madura, o movimento se transformou numa corrente socialista “neomarxista”¹²⁶⁵, para recorrer à terminologia de Settembrini, ou “pós-marxista”¹²⁶⁶, para usar a expressão de Furet. Analisando o fascismo através da sua história, do seu discurso, da sua evolução intelectual, da sua ideologia no quadro da doutrina marxista original e dos diversos revisionismos do marxismo, e sobretudo da sua *praxis*, torna-se claro que este era sem dúvida um movimento socialista nacionalista, por contraste com o socialismo de

¹²⁶¹ Giorgio Pisano, “Presentazione”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.10.

¹²⁶² Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.200.

¹²⁶³ Benito Mussolini, “Non subiamo violenze!”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de abril de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho 1983, p.51.

¹²⁶⁴ Benito Mussolini, “Alle camicie nere della brigata nera Resega”, 14 de outubro de 1944, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.52; Benito Mussolini, “Soliloquio in ‘libertà’ all’isola Trimellone”, 20 de março de 1945, *idem*, p.96.

¹²⁶⁵ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.117.

¹²⁶⁶ François Furet, *op. cit.*, 2016, p.293.

retórica internacionalista e prática nacionalista do marxismo tradicional que emergiu da revisão da doutrina marxista original.

Para compreender isto temos de começar por analisar com cuidado as palavras dos líderes fascistas e integrá-las devidamente no contexto da época. Quando Mussolini declarou guerra ao socialismo, no discurso que já citámos de criação dos Fasci di Combattimento em 1919, o *Duce* teve o cuidado de esclarecer que se posicionava contra o socialismo “não por ser socialista”¹²⁶⁷, mas por ser antinacionalista. Repetiu-o várias vezes: “o fascismo declara lutar contra o Partido Socialista Oficial, não contra a doutrina socialista, mas em oposição ao seu posicionamento antinacional no passado, do presente e do futuro”¹²⁶⁸. Esta é uma *nuance* fundamental para compreender o fascismo e o seu posicionamento em relação ao socialismo em geral e ao marxismo em particular.

O socialismo estava já nessa época repleto de correntes rivais. “Antes havia um único socialismo”, observou Mussolini em 1922. “Hoje há quatro, com tendência a aumentar. E cada um deles considera-se o representante do autêntico socialismo. (...) Nós os italianos, e em geral os ocidentais, queremos rebentar as bolhas grotescas do socialismo internacionalista. Talvez, vistas as coisas de uma perspectiva histórica, seja uma luta entre o Ocidente e o Oriente: entre um Oriente fumoso, caótico, resignado, e nós, povo ocidental, que não nos deixamos transportar excessivamente pelos voos da metafísica e que estamos sedentos da realidade dura e concreta. Os italianos não podem ser enganados pela doutrina asiática, absurda e criminosa na sua aplicação prática e concreta. É este o sentido do fascismo italiano.”¹²⁶⁹

Que os fascistas se viam como um dos vários ramos do socialismo torna-se aqui evidente. Pelas suas palavras se percebe que Mussolini entendia que o fascismo continuava a ser um socialismo, pois é esse o seu “sentido”¹²⁷⁰, só que um socialismo diferente dos outros três socialismos que tal como o fascismo nasceram do “único socialismo”¹²⁷¹ anteriormente existente,

¹²⁶⁷ Benito Mussolini, “Atto di nascita del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.325.

¹²⁶⁸ Benito Mussolini, “Verso l'azione”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de outubro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.60.

¹²⁶⁹ Benito Mussolini, “Discorso del 5 ottobre 1922 Gruppo Sciesa di Milano”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.325.

¹²⁷⁰ *Idem.*

¹²⁷¹ *Ibidem.*

presumivelmente o marxismo original. Até porque, como ele próprio vinha dizendo desde 1914, “o socialismo é em primeiro lugar um complexo de doutrinas e ideologias”¹²⁷², não uma única ideologia. O fascismo seria um de vários socialismos. Entre os outros novos socialismos estaria o socialismo internacionalista reformista como o do Partido Socialista Italiano, que o *Duce* descrevia como o socialismo “Oficial”¹²⁷³ ou até como o “Partido pseudo-Socialista Oficial”¹²⁷⁴, e o do Partido Comunista Italiano, criado no ano anterior por cisão dos comunistas com o PSI e inspirado nos bolcheviques, que o chefe do fascismo considerava de prática “absurda e criminosa”¹²⁷⁵ dados os resultados catastróficos na Rússia.

Além do mais, note-se que ao comparar-se ao “socialismo oficial”¹²⁷⁶ do seu tempo e ao dizer que se opunha ao socialismo internacionalista, Mussolini estava a deixar implícito que o seu era um socialismo não-oficial e que nada tinha a dizer contra um socialismo nacionalista. Convém sempre manter presente que ele descreveu o fascismo como “um socialismo antimarxista, por exemplo, e nacional”¹²⁷⁷, o que vinca bem a natureza assumidamente socialista do fascismo. “O socialismo tornou-se fascismo quando, através do nacionalismo, se libertou do seu abstracionismo anti-histórico”, reforçou Ugo Spirito, para quem “é preciso não esquecer que, se o nacionalismo deu vida ao socialismo, foi também o socialismo que deu vida ao nacionalismo.”¹²⁷⁸

Mas quão antimarxista este socialismo nacionalista era realmente? Questionado por Emil Ludwig em 1932, numa altura em que o fascismo estava já bem amadurecido, eis que o *Duce* aparece com um rasgado elogio a Karl Marx: “ele tinha uma profunda inteligência crítica e num certo sentido era mesmo um profeta”¹²⁷⁹. Importantes ideólogos do fascismo alinharam pelo mesmo diapasão, como Berto Ricci quando escreveu que “Marx viu

¹²⁷² Benito Mussolini, “Il valore storico del socialismo”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.70.

¹²⁷³ Benito Mussolini, “Atto di nascita del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.325.

¹²⁷⁴ Benito Mussolini, “Noi e la classe operaia”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de dezembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.111.

¹²⁷⁵ Benito Mussolini, “Discorso del 5 ottobre 1922 Gruppo Sciesa di Milano”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

¹²⁷⁶ Benito Mussolini, “Audacia!”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.24.

¹²⁷⁷ Zeev Sternhell, Mario Sznajder e Maia Ashéri, *op. cit.*, 2010, p.395.

¹²⁷⁸ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1970, p.365.

¹²⁷⁹ Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.37.

bem no seu tempo”¹²⁸⁰ e Ugo Spirito que, exaltando Marx, disse que “a sua preocupação era fundar um comunismo que não fosse antidemocrático, mas a única verdadeira expressão da democracia.”¹²⁸¹

Como interpretar estas palavras do *Duce* e dos teóricos do fascismo italiano? À luz de tudo o que vimos, torna-se claro que Mussolini e os principais ideólogos fascistas se encaravam de facto como socialistas não-oficiais, ou seja, socialistas que não seguiam a corrente oficial marxista e internacionalista do seu tempo que em Itália era cristalizada pelo PSI. Ao proclamar-se “antissocialista na substância”¹²⁸², o *Duce* estava na verdade a proclamar-se contra os movimentos revisionistas marxistas que lhe eram contemporâneos, e em particular contra a componente internacionalista do socialismo. Daí que, referindo-se ao apoio que os partidos marxistas europeus deram os seus países na Grande Guerra, assim renegando na prática o internacionalismo, Mussolini e Gentile tenham escrito que “em 1919, finda a guerra, o socialismo estava já morto como doutrina.”¹²⁸³

Na verdade, e como sabemos, o socialismo não tinha morrido. O que tinha morrido era a credibilidade da concepção internacionalista do socialismo. Ou seja, quando se proclamavam antissocialistas e antimarxistas, os fascistas estavam na realidade a opor-se ao socialismo internacionalista, não a uma versão nacionalista do socialismo. Note-se que quando ainda era líder do PSI, Mussolini sublinhara ser importante que “se distinga o socialismo-ideia do Partido Socialista”¹²⁸⁴, e insistira nessa distinção ao declarar que “o essencial é salvar o Partido e, mais do que o Partido, o socialismo”¹²⁸⁵. Uma coisa era o socialismo específico do PSI, outra o socialismo em geral. “O Partido Socialista pode morrer”, avisou, “mas o socialismo não morre.”¹²⁸⁶

Esta noção de separação entre o partido socialista e o socialismo genérico vinha, pois, dos seus tempos de socialista oficial e manteve-se depois disso.

¹²⁸⁰ Berto Ricci, “Avvisi”, *L’Universale*, 10 de outubro de 1933, in Berto Ricci, *op. cit.*, 2014, p.76.

¹²⁸¹ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1965, p.47.

¹²⁸² Benito Mussolini, “Il primo discorso alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 21 de junho de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.431.

¹²⁸³ Benito Mussolini e Giovanni Gentile, *op. cit.*, 1935, p.6.

¹²⁸⁴ Benito Mussolini, “Polimichetta in famiglia”, *La Lotta di Classe*, 16 de julho de 1910, in Benito Mussolini, *op. cit.*, março de 1983, p.82.

¹²⁸⁵ Benito Mussolini, “Osare!”, *La Lotta di Classe*, 15 de abril de 1911, *idem*, p.121.

¹²⁸⁶ Benito Mussolini, “L’Attuale momento politico”, *La Lima*, 18 de abril de 1908, in Benito Mussolini, *op. cit.*, I, 1951, p.122.

“É preciso assassinar o Partido, este Partido, para salvar o socialismo”¹²⁸⁷, declarou Mussolini em referência ao PSI, que acusou de ser “anti-socialista”¹²⁸⁸. Manteve sempre a mesma posição enquanto *Duce* do fascismo. “Entendemos fazer a socialidade”, disse anos mais tarde numa entrevista a Yvon de Begnac, para logo se explicar: “uma socialidade sem socialismo: sem socialismo, que fique bem claro, sobretudo dos socialistas parlamentares. Dos outros socialismos temos tudo a aprender.”¹²⁸⁹

Uma coisa era romper com o PSI, o que os socialistas fascistas fizeram, outra completamente diferente era romper com o socialismo, o que eles não fizeram. “Aqueles que confundem Partido Socialista com socialismo mostram-se muito ingênuos”¹²⁹⁰, sublinhou o *Duce*, chamando a atenção para o facto de que o “Partido político Socialista” não passava de “uma fração de todo o socialismo político”¹²⁹¹. Pior, “tudo o que decorre das palavras e ações” do PSI “não é socialismo, mas uma falsificação e uma caricatura do socialismo”, pois “desta maneira não se caminha para o bem-estar, mas para a miséria universal; não é o topo que se alcança, mas o abismo no qual tudo se precipita”¹²⁹². Socialismo sim, *aquela* partido socialista não.

Convém explicar que naquele tempo era normal usar-se a expressão “socialismo oficial” para referir o partido marxista tradicional e com representação parlamentar em cada país. Mesmo quando ainda era *Duce* do PSI, Mussolini descreveu múltiplas vezes o seu próprio partido como o “Partido Socialista Oficial”¹²⁹³, e a mesma terminologia existia nos outros países. Ele viu por exemplo o número de 27 de novembro de 1913 do periódico socialista alemão *Sozialistische Monatshefte* noticiar as críticas a que os “socialistas oficiais”¹²⁹⁴ estavam sujeitos dos outros socialistas na

¹²⁸⁷ Benito Mussolini, “Franchi e... marchi”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de julho de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VIII, 1953, p.109.

¹²⁸⁸ Benito Mussolini, “Lettera aperta a Vandervelde”, *Il Popolo d'Italia*, 20 de julho de 1915, *idem*, p.92.

¹²⁸⁹ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.234/235.

¹²⁹⁰ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.143.

¹²⁹¹ Benito Mussolini, “Il primo discorso alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 21 de junho de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.441.

¹²⁹² Benito Mussolini, “Parliamo chiaro!”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de janeiro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.253.

¹²⁹³ Benito Mussolini, “Dopo il congresso di Milano”, *La Lotta di Classe*, 29 de outubro de 1910, in Benito Mussolini, *op. cit.*, março de 1983, p.103; “Osare!”, *La Lotta di Classe*, 15 de abril de 1911, *idem*, p.120.

¹²⁹⁴ Benito Mussolini, “Rivisti socialisti”, *Utopia*, 10 de dezembro de 1913, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.23.

Alemanha, e leu as frequentes referências críticas do marxista Georges Sorel ao “socialismo oficial”¹²⁹⁵ de Jean Jaurès em França e aos “socialistas oficiais”¹²⁹⁶, “marxistas oficiais”¹²⁹⁷ e “socialistas parlamentares”¹²⁹⁸, que para Sorel eram todos sinónimos de revisionismo bernsteiniano, para os censurar com veemência, responsabilizando-os por “cobardia burguesa”¹²⁹⁹ e considerando o seu envolvimento no processo parlamentar uma espécie de colaboracionismo com a burguesia. Sorel acusara os “socialistas oficiais” de fingirem erguer a bandeira da revolução, mas na prática atuarem como “protetores da burguesia”¹³⁰⁰, e de se esforçarem por humanizar o capitalismo, assim corrompendo os proletários, o que contrariava a doutrina original de Marx e Engels e traía o projeto revolucionário marxista. Isto é, naquela época o “socialismo oficial” era encarado como um socialismo acomodado, situacionista, que só era revolucionário na retórica e cuja prática conformista se consubstanciava num conúbio com a burguesia.

As mesmas acusações foram lançadas em Itália pelos fascistas de origem marxista aos socialistas oficiais do PSI, que Mussolini descreveu como “aquela associação de bandidos, de fracos, de ingénuos, de fanáticos que dá pelo nome de Partido Socialista Italiano”¹³⁰¹, “o partido do ‘sejam bem-vindos os alemães’”¹³⁰², o partido dos “reacionários”¹³⁰³, o partido dos “*burgueses e semiburgueses*”¹³⁰⁴ (itálico no original), o partido dos “homens que nunca trabalharam e jamais trabalharão porque encontraram no ‘socialismo’ a sua profissão, o seu pão, a sua satisfação, da mesma maneira que outros encontram o pão e o resto numa escola, num escritório, num campo ou numa fábrica”, o partido da “nova divindade no mundo: o cartão de militante”¹³⁰⁵. Gente desta estirpe, “burgueses falidos que comem à custa

¹²⁹⁵ Georges Sorel, *op. cit.*, 2016, p.91.

¹²⁹⁶ *Idem*, p.91, 106, 137, 154 e 314.

¹²⁹⁷ *Ibidem*, p.284.

¹²⁹⁸ *Ibidem*, p.60, 83, 84, 87, 88, 89, 118 e 137.

¹²⁹⁹ *Ibidem*, p.79 e 81.

¹³⁰⁰ *Ibidem*, p.118.

¹³⁰¹ Benito Mussolini, “Si continua, signori!”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de agosto de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.84.

¹³⁰² *Idem*, p.85.

¹³⁰³ Benito Mussolini, “23 marzo”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de março de 1919, *op. cit.*, XII, 1953, p.310.

¹³⁰⁴ Benito Mussolini, “Aurora!”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de julho de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.79.

¹³⁰⁵ Benito Mussolini, “Discorso da ascoltare”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de maio de 1919, *idem*, p.59.

do proletariado e se dão ares de o representar”¹³⁰⁶, elementos daquela “coisa enormemente estúpida, impotente e imoral que se chama socialismo oficial italiano”¹³⁰⁷, embora papagueassem “os lugares-comuns da subversão que nada subverte”¹³⁰⁸ nunca fariam nem seriam capazes de fazer qualquer revolução proletária.

Como era possível que “esses se presumissem ser, e apenas eles, os intérpretes genuínos, os representantes autênticos da massa trabalhadora, e que título de conhecimentos, de sabedoria, de virtudes se podem gabar quando confrontados com o resto dos humildes mortais? Em que se baseia o direito e a razão da sua ditadura?”, questionou o chefe fascista. “Não no seu cérebro, que em média não supera o das restantes pessoas”¹³⁰⁹, respondeu com ironia, para considerar que a legitimidade dos socialistas oficiais se baseava numa “simples cartolina que dá pelo nome de cartão de militante e que o último idiota, tolo, preguiçoso, parasita, burguês deste mundo pode obter se se inscrever no Partido e pagar com uma única lira.”¹³¹⁰

Mussolini conhecia muito bem os seus rivais socialistas e comunistas, pois fora deles companheiro no PSI e no *Avanti!*. “Nenhum deles é proletário”, fez notar. “Tratam-se de jornalistas, de advogados, de professores, de *rentiers*, de mestres, de pequenos industriais: tudo gente que nunca esteve diante de um torno, que nunca teve uma enxada nas mãos, que nunca trabalhou. A maior parte deles exercita a suficientemente lucrativa ‘profissão’ de socialista oficial. Um emprego como qualquer outro, pior do que muitos outros, se não de todos”. Pois era esse “pequeno, medíocre sinédrio de pequenos burgueses”¹³¹¹, esses “cérebros leninizados”, que queriam impor a “ditadura do proletariado que não trabalha”¹³¹². Mas se “a apologia da ditadura do proletariado é feita por aqueles que não são

¹³⁰⁶ Benito Mussolini, “Crepuscoli”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de julho de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.85.

¹³⁰⁷ Benito Mussolini, “Audacia!”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.24.

¹³⁰⁸ Benito Mussolini, “La marcia del fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de novembro de 1919, *op. cit.*, agosto de 1983, p.16.

¹³⁰⁹ Benito Mussolini, “Discorso da ascoltare”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de maio de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.58.

¹³¹⁰ *Idem*, p.59.

¹³¹¹ Benito Mussolini, “Il solito ricatto”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.318.

¹³¹² *Idem*, p.319.

proletários”, a realidade era que “os proletários autênticos não querem saber nada disso.”¹³¹³

Daí que os fascistas tornassem muito claro que “opomo-nos à tutela e à representação a que os socialistas abusivamente se arrogam em nome e por conta do proletariado”¹³¹⁴, eles que não passavam de burgueses diletantes, instalados na vida e burocratizados que passavam a vida a vender “ilusões”¹³¹⁵. “O Partido Socialista Oficial é uma associação de burgueses com o propósito de mistificar os proletários”¹³¹⁶, acusou. Foi por isso que, sublinhando que “o nosso programa não é uma previsão do que a humanidade poderá ser no ano 3000”¹³¹⁷, isto é, o seu socialismo não projetava um futuro utópico, mas estava antes voltado para um presente realizável, Mussolini anunciou que “o fascismo declara luta contra o partido político socialista oficial”¹³¹⁸. Não contra o socialismo em si, mas contra aquele partido socialista, contra aquele socialismo aburguesado, imobilista e acomodado, contra aquele socialismo reacionário e contrarevolucionário.

Mussolini esclareceu que havia “diversos socialismos”¹³¹⁹ e que foi apenas contra alguns deles, designadamente o oficial, aburguesado e parlamentar do PSI e o revolucionário que gerava miséria do PCI que seguia cegamente a linha do bolchevismo, que os fascistas se ergueram. “Nós não somos contra o proletariado nem contra o socialismo, pois pensamos que o socialismo existe, achamos que é uma necessidade histórica”, insistiu Mussolini, “mas somos contra todas as especulações que em nome do proletariado e do socialismo são feitas em prejuízo desse mesmo proletariado e do socialismo”¹³²⁰. E para que não restassem dúvidas, voltou a dizê-lo: “o

¹³¹³ Benito Mussolini, “Un'altra requisitoria”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de março de 1919, *ibidem*, p.275.

¹³¹⁴ Benito Mussolini, “Noi e la classe operaia”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de dezembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.112.

¹³¹⁵ Benito Mussolini, “La situazione dopo le elezioni”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.151.

¹³¹⁶ Benito Mussolini, “Oltre il rogo!”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de abril de 1920, *idem*, p.411.

¹³¹⁷ Benito Mussolini, “La prima adunata fascista”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de outubro de 1919, in Benito Mussolini, *ibidem*, p.44.

¹³¹⁸ Benito Mussolini, “Verso l'azione”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de outubro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.98.

¹³¹⁹ Benito Mussolini, “Prefazione a ‘Il Gran Consiglio nei primi dieci anni dell'era fascista’”, 27 de novembro de 1932, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXV, 1958, p.170/171.

¹³²⁰ Benito Mussolini, “Discorso di Piazza Belgioioso”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.123.

fascismo não é contra o socialismo”, enfatizou, “mas contra a ‘degeneração’ do próprio socialismo oficial”¹³²¹. Mussolini regressou repetidamente a esse ponto. “O nosso partido adversário é o socialista oficial, e não por causa do seu programa económico, que, especialmente nas necessidades imediatas, é parecido com o nosso”, enfatizou, explicando que “combatemos os socialistas oficiais porque se opuseram ao intervencionismo e sabotaram a guerra; tentaram, depois da vitória, levar a Itália à derrota; difamaram os nossos mortos e os nossos mártires e apregoam uma revolução que não podem, nem querem, fazer, a qual, de qualquer modo, desembocaria numa experiência desastrosa para a nação, e em particular para a classe operária.”¹³²²

Os principais dirigentes fascistas consideravam o fascismo um socialismo mais verdadeiro do que os múltiplos socialismos dos diversos socialistas oficiais, embora tivessem consciência de que, uma vez que todos se reclamavam socialistas, não havia em bom rigor forma de estabelecer inequivocamente qual o socialismo mais verdadeiro. “Existe no universo algum supersocialista que possa julgar e decidir?”, questionou o chefe do fascismo, interrogando-se se haveria algum juiz supremo do socialismo que fosse capaz de “separar os réprobos dos virtuosos? Os autênticos dos falsos? Mas o que é a verdade em geral e a verdade socialista em particular?”¹³²³

Quem decidia afinal o que é o verdadeiro socialismo? Esta questão já tinha de resto sido suscitada anos antes por Eduard Bernstein, o ideólogo marxista que fundara a social-democracia e influenciara o fascismo. “Se pedirmos a muitos homens pertencentes a uma classe ou partido para nos darem numa fórmula concisa uma definição do socialismo, a maior parte ficará algo confusa”¹³²⁴, observou Bernstein. Para Mussolini, “talvez o único socialista que existiu nos últimos cinco anos a esta parte em Itália seja eu.”¹³²⁵

De resto, e isto é importante sublinhar, os ideólogos fascistas não se colocaram contra Marx em si, que enalteciam amiúde, mesmo que

¹³²¹ Benito Mussolini, “Nel ‘fascismo’ - Direttive”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de novembro de 1919, *idem*, p.155.

¹³²² Benito Mussolini, “Forze e programma dell’adunata fascista”, *Il Nuovo Giornale*, 6 de outubro de 1919, *ibidem*, p.47.

¹³²³ Benito Mussolini, “La nuova Babele”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de junho de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.14.

¹³²⁴ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.95.

¹³²⁵ Benito Mussolini, “Il fascismo e le agitazioni operaie”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de fevereiro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.287.

assumidamente já não se revissem em todos os aspetos da teoria marxista original. Ao mesmo tempo, os fascistas sublinhavam que os outros socialistas, tanto os do PSI como os do PCI, só eram marxistas na conversa, porque nos atos não passavam de burgueses acomodados à democracia “burguesa”. “Mussolini combatia os socialistas oficiais não por serem revolucionários, mas por serem pouco revolucionários”, constatou o investigador Ernesto Rossi, pois “acusava-os de encherem continuamente a boca com a palavra ‘revolução’ mas de terem demasiado medo de a fazerem.”¹³²⁶

Aos olhos do *Duce*, era ele o único em Itália com coragem para avançar com a revolução socialista. “A atuação socialista de Mussolini pelo PSI encerrou-se em 1914, mas não sua militância socialista e muito menos suas conexões com Marx”, registou por seu turno o investigador Douglas Lisboa. “Ao contrário, é o radicalismo das suas ideias marxistas que o colocou em confronto direto com a direção do PSI. Era seu apelo à violência revolucionária que cada vez menos encontrava espaço entre os seus companheiros”¹³²⁷. O problema não era Mussolini ter deixado de ser comunista, mas ter-se tornado demasiado comunista. “Ao divórcio do PSI e do sindicalismo não sucedeu uma rejeição do marxismo, mas, o preciso contrário, era o movimento bem calculado de quem percebia que seu radicalismo não poderia ser satisfeito em tais movimentos”, concluiu Lisboa, para quem o que existiu da parte do *Duce* não passou de uma “rejeição ao socialismo do PSI”¹³²⁸. Foi apenas aquele socialismo específico, o do Partido Socialista Italiano, que considerava burguês, acomodado e apenas revolucionário na retórica, que ele rejeitou. “O fascismo”, observou por seu turno o historiador Roberto Mancini, era um “movimento que pelo menos na mente dos seus protagonistas mais importantes permaneceu socialista ao longo de toda a sua existência, embora depurado da luta de classes do marxismo.”¹³²⁹

Por outro lado, é interessante notar que Mussolini descreveu o bolchevismo como uma “doutrina asiática, absurda e criminosa”¹³³⁰.

¹³²⁶ Ernesto Rossi, *I padroni del vapore*, Editori Laterza, Bari, 1955, p.11.

¹³²⁷ Douglas Lisboa, “Origens marxistas do fascismo”, Universidade Federal da Baía, Baía, 2017, p.16.

¹³²⁸ *Idem*, p.17.

¹³²⁹ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.149.

¹³³⁰ Benito Mussolini, “Discorso del 5 ottobre 1922 Gruppo Sciesa di Milano”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

Acontece que esta expressão do *Duce* é puramente marxista, pois foi o próprio Marx quem falou no modo de produção “asiático”, que descreveu como “o antigo, o feudal”¹³³¹. O uso desta expressão de Marx para criticar o bolchevismo tornou-se aliás comum entre os marxistas contemporâneos de Mussolini. Por exemplo, Sidney Hook revelou ter-se encontrado pessoalmente com Eduard Bernstein em 1929, três anos antes da morte do fundador da moderna social-democracia, e que este se mostrou chocado com a versão russa do marxismo. “Bernstein insistiu”, escreveu Hook, “que o bolchevismo-leninismo era pouco mais do que despotismo asiático em roupagens modernas”¹³³². O próprio Lenine assumiu a existência na Rússia de um “barbarismo asiático”¹³³³ e até Estaline sublinhou que “a Rússia é um país semi-asiático, e conseqüentemente na Rússia a política de ‘invasões’ frequentemente assume a sua forma mais grosseira, a forma dos pogroms”¹³³⁴. Como se vê, este era mais um ponto de acordo entre os fundadores do marxismo e os ideólogos das várias correntes revisionistas que emergiram do marxismo, designadamente o bolchevismo, o fascismo e a social-democracia.

Em suma, e analisando adequadamente o contexto e em particular a terminologia da época, torna-se claro que a crítica de Mussolini ao “socialismo oficial” do PSI e à “doutrina asiática” dos bolcheviques, além de estar em linha com a terminologia marxista, era normal no quadro das divisões e guerras intestinas entre as diferentes facções socialistas e não pode ser entendida como uma negação do socialismo em si. Tratava-se antes de uma censura a variantes específicas do marxismo, a do partido oficial que lhe era contemporâneo e a do Partido Comunista Italiano inspirado no bolchevismo russo. O *Duce* mais não estava a fazer do que uma crítica normal que os marxistas do seu tempo teciam aos rivais dos partidos socialistas concorrentes.

A própria afirmação de Mussolini de que era “antissocialista”¹³³⁵ deve ser entendida como uma declaração contra o “socialismo oficial” e contra o internacionalismo socialista, não contra o socialismo em si, pois como já

¹³³¹ Karl Marx, *op. cit.*, Fairford, 2014, p.8.

¹³³² Sidney Hook, “Introduction”, in Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.xvi.

¹³³³ Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1981, p.54.

¹³³⁴ José Estaline, *Marxism and the National Question*, Red Star Publishers, Nova Iorque, 2015, p.40.

¹³³⁵ Benito Mussolini, “Il primo discorso alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 21 juin 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.431.

vimos ele próprio esclareceu que se opunha ao socialismo dos seus rivais contemporâneos “não por ser socialista”¹³³⁶, mas por ser antinacionalista. “O socialismo não se define exclusivamente no partido; define-se na filosofia e na doutrina”¹³³⁷, sublinhou o chefe do fascismo em 1922, para concluir em 1945: “fui e sou socialista”¹³³⁸. Ou seja, ele era um socialista que não se revia no Partido Socialista Italiano nem no Partido Comunista Italiano.

Os historiadores chamam a atenção para isto mesmo. “O fascismo não é contra o socialismo enquanto tal”, observou Luca Rimbotti, “mas contra aquele partido em particular que afirmava representá-lo”¹³³⁹. Sendo socialista, o fascismo já não era marxista *tout court*, pois migrara para os conceitos do nacionalismo e da cooperação entre classes, embora permanecesse umbilicalmente ligado à doutrina de Marx e Engels. “As conclusões de Mussolini não eram estranhas ao marxismo”, sublinhou Douglas Lisboa, para quem “ele ainda alimentava esperanças de preservar sua tradição marxista, ainda que agora radicalmente modificada.”¹³⁴⁰

É de resto muito revelador ler as palavras que um dos mais importantes ideólogos fascistas escreveu a este propósito em 1939. “O fascismo”, fez questão de esclarecer o fascista de origem marxista Sergio Panunzio, “não fez tábua rasa do socialismo”. Panunzio teve o cuidado de sublinhar que “sem a crise do socialismo e a Grande Guerra não se entende o fascismo”¹³⁴¹ e que “Mussolini e o seu fascismo trouxeram a resolução da crise do socialismo”¹³⁴², declarações que constituem uma relação direta estabelecida pelos fascistas entre a sua ideologia e o socialismo. O mesmo ideólogo fascista de origem marxista catalogou o seu movimento desta forma: “*o fascismo é a síntese histórica do sindicalismo e do nacionalismo*”¹³⁴³ (itálico no original).

Ora o sindicalismo era, recorde-se, um movimento socialista inspirado no marxista Georges Sorel, e não é por acaso que Panunzio assumia que os

¹³³⁶ Benito Mussolini, “Atto di nascita del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.325.

¹³³⁷ Benito Mussolini, “Il discorso alla Sciesa di Milano”, 4 de outubro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.209.

¹³³⁸ Benito Mussolini, “Soliloquio in ‘libertà’ all’isola Trimellone”, 20 mars 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.95.

¹³³⁹ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.143.

¹³⁴⁰ Douglas Lisboa, “Origens marxistas do fascismo”, Universidade Federal da Baía, Baía, 2017, p.21.

¹³⁴¹ Sergio Panunzio, *op. cit.*, 1939, p.1.

¹³⁴² *Idem*, p.3.

¹³⁴³ *Ibidem*, p.6.

fascistas se consideravam herdeiros do “sindicalismo revolucionário romântico soreliano”¹³⁴⁴. Lembre-se que Panunzio tinha no mesmo texto invocado a autoridade de Karl Marx para defender a crise bélica como uma crise revolucionária. Salvo melhor opinião, estas não são palavras que se esperam de um genuíno antimarxista ou antissocialista. Se fossem realmente antissocialistas, alguém acredita que os fascistas tratariam Marx com esta deferência, reivindicariam a sua identidade sindicalista de origem marxista e se refeririam ao fascismo como o movimento que salvou o socialismo da sua crise?

Evidentemente que os desígnios dos fascistas evoluíram no sentido de um tipo particular de socialismo e diferente do marxismo original – tão particular e tão diferente da doutrina de Marx e Engels quanto as evoluções dos socialismos da social-democracia bernsteiniana ou do bolchevismo leninista soreliano. O projeto fascista diferia do de Marx e Engels essencialmente no sentido em que o marxismo original abordava a revolução socialista no contexto de uma economia desenvolvida e de capitalismo avançado, enquanto o fascismo o fazia no contexto de uma economia subdesenvolvida e de pré-capitalismo, com todas as consequências que isso acarretava e que obrigaram os marxistas que fundaram o fascismo a fazer uma viagem intelectual do marxismo ao fascismo, que é como quem diz, do socialismo de retórica internacionalista e da luta de classes numa etapa de industrialização avançada para o socialismo nacionalista e da cooperação de classes numa etapa de início de industrialização.

Os fascistas viam-se a si próprios de tal modo socialistas que até se puseram a competir com os bolcheviques para saber quem tinha erguido o melhor socialismo. “Em Itália conseguimos aquilo que os bolcheviques russos tentaram em vão alcançar”¹³⁴⁵, gabou-se Mussolini, uma frase reforçada por Panunzio, segundo o qual algumas das exigências do socialismo “só com o fascismo se puderam ‘realizar’”¹³⁴⁶. Também Corradini sustentou que o fascismo era “a superação do socialismo, não a dispersão, não a destruição da obra socialista”, até porque “existe entre o fascismo e o socialismo um nexó histórico, ousó dizer uma continuação histórica” em que “o fascismo supera o socialismo mas recolhe os bons

¹³⁴⁴ *Ibidem*, p.7.

¹³⁴⁵ Benito Mussolini, “La battaglia economica”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de julho de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, novembro de 1983, p.14.

¹³⁴⁶ Sergio Panunzio, *op. cit.*, 1939, p.1.

frutos da obra socialista e no quadro das suas leis tal obra continua”¹³⁴⁷. Outro ideólogo fascista a descrever o fascismo como um socialismo superior foi Ugo Spirito. “O fascismo reivindica o grande mérito de ter resolvido em si as exigências mais vitais do movimento socialista”, disse Spirito, proclamando “a superioridade da revolução fascista sobre a bolchevique” para concluir: “somos hoje a única nação que pode ajuizar com serenidade a revolução bolchevique pois somos a única nação que já fez a sua e que pode, sem preconceitos nem limites convencionais, apropriar-se do que de vivo e fecundo se encontra na experiência russa.”¹³⁴⁸

Os bolcheviques eram por vezes encarados pelos fascistas como correligionários socialistas bem-intencionados, embora tivessem fracassado no projeto socialista por apostarem no internacionalismo e na luta de classes que “arruinou a vida económica na Rússia”¹³⁴⁹. É assim que vemos o deputado fascista Armando Casalini descrever o bolchevismo como “um belíssimo engano”¹³⁵⁰, uma condescendência benevolente partilhada por outros grandes ideólogos fascistas como Berto Ricci, por exemplo, que enalteceu o “imenso valor”¹³⁵¹ do “comunismo russo”¹³⁵² e defendeu “a união dos povos portadores de uma nova civilização, principalmente a Itália, a Rússia e a Alemanha”¹³⁵³. A aliança da grande família socialista nacionalista, pois.

Também o *Duce* elogiou o líder bolchevique, dizendo que “Lenine é um artista que trabalhou os homens como outros artistas trabalharam o mármore e o metal”, embora “a tarefa fosse superior às suas forças”¹³⁵⁴, pois em vez de realizar o socialismo instituiria um regime autoritário fundado no capitalismo de Estado, ou até pior do que isso. “Aquilo a que se chama bolchevismo ou comunismo não passa hoje, oiçam-me bem, não passa hoje

¹³⁴⁷ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.88.

¹³⁴⁸ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1970, p.359.

¹³⁴⁹ Benito Mussolini, “Atto di nascita del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.325.

¹³⁵⁰ Giuseppe Parlato, *op. cit.*, 2008, p.35.

¹³⁵¹ Berto Ricci, “Manifesto realista”, *L'Universale*, 10 de janeiro de 1933, in Berto Ricci, *op. cit.*, 2014, p.69.

¹³⁵² *Idem*, p.68.

¹³⁵³ Berto Ricci, “L'Universale”, *L'Universale*, agosto-setembro de 1932, in Berto Ricci, *ibidem*, p.64.

¹³⁵⁴ Simonetta Falasca Zamponi, *Lo spettacolo del fascismo*, Rubbettino Editore, Soveria Mannelli, 2003, p.44.

de um super capitalismo de Estado”¹³⁵⁵, proclamou Mussolini. Em suma, “Moscou envolve-se, Roma desenvolve-se”¹³⁵⁶. Os comunistas italianos que seguiam a linha bolchevique eram encarados pelo *Duce* como “revolucionários simplesmente por questões de concorrência”¹³⁵⁷ com os fascistas. Na entrevista de 1932 a Ludwig, o chefe do fascismo comparou as organizações juvenis fascista italiana e comunista russa, designadamente a Opera Nazionale Balilla e o Komsomol, dizendo que o seu “objetivo último é idêntico”¹³⁵⁸. Acima de tudo, os fascistas não queriam um conflito permanente com os bolcheviques, pois o objetivo comunista de ambos era comum. “Se hoje a energia na qual se exprime a nova orientação política é o fascismo e o bolchevismo”, observou Spirito, “é claro que amanhã *não será um destes regimes que negará o outro, mas um dos dois que saberá incorporar e superar o outro*”¹³⁵⁹ (itálico no original).

Mesmo os soviéticos, embora também eles intensamente críticos dos rivais fascistas, reconheceram as semelhanças entre bolchevismo e fascismo. No rescaldo da revolução fascista em Itália, ocorrida cinco anos depois da revolução bolchevique e também como efeito colateral da Grande Guerra, Trotsky afirmou que “Mussolini plagiou os bolcheviques”¹³⁶⁰ e, segundo revelou Maxim Gorki, descreveu o *Duce* em 1924 como “o nosso melhor aluno”¹³⁶¹. O próprio Comintern mencionou em 1922 a descrição do fascismo como “bolchevismo negro”¹³⁶². A revolução que Mussolini acabou por levar a cabo em Itália apresentava realmente demasiadas semelhanças com a revolução russa para que uma coisa dessas pudesse ser ignorada pelos próprios bolcheviques.

¹³⁵⁵ Benito Mussolini, “Discorso di Milano”, 1 de novembro de 1936, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.88.

¹³⁵⁶ Benito Mussolini, “Tempo secondo”, *Gerarchia*, janeiro de 1923, in Benito Mussolini, *idem*, p.70.

¹³⁵⁷ Benito Mussolini, “Il ‘fascismo’”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de julho de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.72.

¹³⁵⁸ Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.171.

¹³⁵⁹ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1970, p.360.

¹³⁶⁰ Leon Trotsky, “Political Perspectives”, in Leon Trotsky, *The First Five Years of the Communist International*, Volume 2, 1924, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

¹³⁶¹ Bernice Glatzer Rosenthal, *New Myth, New World – From Nietzsche to Stalinism*, The Pennsylvania State University Press, University Park, 2002, p.373.

¹³⁶² Jane Degras, “Extracts From a Manifesto to the Italian Workers Passed at the Opening Session of the Fourth Comintern Congress”, 5 de novembro de 1922, in Jane Degras (direção), *The Communist International (1919-1943) – Documents*, Volume I, The Royal Institute of International Affairs, www.marxists.org, p.377.

Todas estas palavras de fascistas italianos e comunistas russos, que o tempo convenientemente foi apagando, estão a ser recuperadas pelos historiadores para analisar com novos olhos o socialismo que unia as duas correntes. “A revolução italiana”, escreveu Domenico Settembrini, “é o equivalente italiano à revolução bolchevique”¹³⁶³, enquanto Giuseppe Borgese observou que “o fascismo foi o bolchevismo aplicado à Itália e depois à Alemanha”¹³⁶⁴. Jonah Goldberg insistiu que fascismo e comunismo são “competidores históricos pelos mesmos constituintes”¹³⁶⁵ e Frédéric Le Moal concordou que “Mussolini se posicionava de uma forma alternativa e concorrencial em relação a Lenine e não antagonista.”¹³⁶⁶

Outros académicos italianos alinharam pelo mesmo diapasão. “Os comunistas não eram apresentados como inimigos, mas simplesmente como adversários, quase concorrentes no âmbito de um projeto progressista e revolucionário”¹³⁶⁷, observou Giuseppe Parlato, ao mesmo tempo que Emilio Gentile sublinhava que “de Lenine, Mussolini falou sempre num tom de admiração, embora considerasse falhada, do ponto de vista da ideologia bolchevique, a sua ‘obra de arte’”¹³⁶⁸. Até o filósofo socialista liberal Norberto Bobbio, referindo-se à “revolução bolchevique”, constatou que “o fascismo subversivo o considera como um rival”¹³⁶⁹, uma vez que “fascismo e bolchevismo são idealmente aliados”¹³⁷⁰, enquanto Luca Rimbotti concluiu que “o significado político último do fascismo, sendo a vontade consciente de desestabilizar o sistema liberal-burguês existente, pode inscrever o próprio fascismo entre os movimentos genericamente definidos como progressistas, ou de esquerda.”¹³⁷¹

Claro que, além das palavras conciliatórias e de admiração dos fascistas italianos para com o comunismo soviético, houve também fortes críticas. “Existe na Rússia um Estado, um governo, uma ordem, uma burocracia, uma polícia, um militarismo da hierarquia”, censurou Mussolini. “Mas não é socialismo. Nem sequer é começo do socialismo, não é nada que se pareça com um regime socialista (...) O leninismo é uma negação perfeita do

¹³⁶³ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.171.

¹³⁶⁴ *Idem*, p.165.

¹³⁶⁵ Jonah Goldberg, *op. cit.*, 2007, p.7.

¹³⁶⁶ Frédéric Le Moal, *op. cit.*, 2018, p.63.

¹³⁶⁷ Giuseppe Parlato, *op. cit.*, 2008, p.7/8.

¹³⁶⁸ Emilio Gentile, *op. cit.*, 2011, p.204.

¹³⁶⁹ Norberto Bobbio, *op. cit.*, 2008, p.92.

¹³⁷⁰ *Idem*, p.93.

¹³⁷¹ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.7.

socialismo”¹³⁷². O *Duce* aparecia assim preocupado com a integridade do socialismo. “A construção concebida pelos ‘civilizadores’ comunistas era um colossal edifício humanitário, solidário, igualitário, redentor do povo”, lembrou, para constatar que “a construção realizada é nem mais nem menos que a industrialização dos trabalhos forçados, a mecanização da carne humana”¹³⁷³. Não só a experiência russa não era socialista como violava abertamente a doutrina de Marx e Engels. “A experiência russa não é marxista”, sublinhou Mussolini. “Não houve processo marxista na Rússia porque o processo capitalista estava no início.”¹³⁷⁴

Uma outra frase sua, no entanto, trai a verdadeira intenção por detrás das críticas aos bolcheviques. “Não somos contra a revolução russa, somos contra a ‘cópia’ da revolução russa em Itália”¹³⁷⁵, declarou. Isto evidentemente porque os seus rivais comunistas italianos seguiam a linha de Moscovo. Mussolini teve o cuidado de sublinhar que foi “a intentona bolchevique” em Itália, evidentemente o *biennio rosso* das ocupações selvagens dos comunistas italianos, que desencadeara “a insurreição fascista”¹³⁷⁶, enquanto Mario Gioda assinava um manifesto a apelar aos operários de Turim para renegarem o bolchevismo, expressão neste caso usada para designar o comunismo oficial italiano, alegando que este corrompera “a ideia socialista de justiça e de liberdade”¹³⁷⁷. Já Massimo Rocca falava nos “perfeitos reacionários que são os socialistas e os comunistas malgrado o vermelho que envergam”, acusando-os de quererem “a ruína completa da Nação, semelhante à que se abateu sobre a Rússia.”¹³⁷⁸

O mesmo tipo de crítica aos comunistas italianos, embora com um raciocínio diferente, se encontra em Mario Carli. Depois de elogiar a revolução bolchevique como uma “revolução social” que era “renovadora” e que derrotara “os paladinos da reação”, este fundador do fascismo criticou “os socialistas italianos” que “não creem na revolução, não a querem e nada

¹³⁷² Benito Mussolini, “I complici”, *Il Popolo d'Italia*, 4 de junho de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, La Fenice, Florença, 1954, p.168.

¹³⁷³ Benito Mussolini, “‘Paradiso’ sovietico”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de abril de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, dezembro de 1983, p.117.

¹³⁷⁴ Douglas Lisboa, “Origens marxistas do fascismo”, Universidade Federal da Baía, Baía, 2017, p.20.

¹³⁷⁵ Benito Mussolini, “L’attualità – Ancora e sempre contro il blocco”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.121.

¹³⁷⁶ Benito Mussolini, “La politica interna alla Camera dei Deputati”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983, p.82.

¹³⁷⁷ Alessandro Luparini, *op. cit.*, 2001, p.91.

¹³⁷⁸ *Idem*, p.105.

fazem para a provocar”, sendo por isso que “jamais teremos algum contacto, nem faremos qualquer sinal de aproximação, a essa obtusa teimosa paupérrima e cretiníssima Igreja que é o Partido Oficial Socialista Italiano”¹³⁷⁹. Em suma, “não é, portanto, para o Ocidente, falando de bolchevismo, que temos de olhar, mas para o Oriente”¹³⁸⁰. Mais claro do que isto é impossível. “De uma analogia entre fascismo em Itália e leninismo na Rússia passa-se a um confronto entre fascismo e leninismo em Itália”¹³⁸¹, observou Domenico Settembrini, salientando que “a polémica mussoliniana contra o leninismo tem obviamente sempre em vista o plano interno”¹³⁸². O historiador Emilio Gentile constatou o mesmo: “Mussolini insistia amiúde nos horrores da tirania leninista sobretudo para atacar os ‘leninistas de Itália’.”¹³⁸³

Ou seja, quando os fascistas criticavam Moscovo estavam na verdade a criticar os seus rivais comunistas em Itália. A censura ao comunismo soviético não passava de uma forma habilidosa de censurar o comunismo doméstico. Tanto assim foi que o socialista antifascista Arturo Labriola descreveu o confronto entre fascistas e comunistas em Itália como “uma luta intestina” do socialismo, pois, conforme notou, “o fascismo aparece agora não como um movimento antissocialista, mas como um movimento hostil ao Partido Socialista, o que é uma coisa muito diferente; mais especificamente como um movimento de oposição ao grupo dirigente do Partido Socialista.”¹³⁸⁴

Mas a rivalidade entre fascistas e comunistas italianos tinha limites, pois os próprios comunistas da época eram capazes de superar as desavenças e partilhar sentimentos positivos em relação aos fascistas. Alguns deles tornaram claro que não consideravam o fascismo seu inimigo, mas de certo modo uma alma gémea. “A culpa é de Estaline”, escreveu um dos fundadores do PCI, Nicola Bombacci, referindo-se ao confronto entre comunistas e fascistas. “Se Lenine, que sempre estimei profundamente, fosse vivo, o programa da URSS teria sido diferente. Teríamos visto com toda a probabilidade o fascismo, o nacionalismo e o bolchevismo unidos contra o

¹³⁷⁹ Mario Carli, *op. cit.*, 1996, p.156.

¹³⁸⁰ *Idem*, p.157.

¹³⁸¹ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.17.

¹³⁸² *Idem*, p.91.

¹³⁸³ Emilio Gentile, *op. cit.*, 2017, p.172.

¹³⁸⁴ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.133.

outro inimigo: a plutocracia”¹³⁸⁵. Bombacci, que era amigo pessoal de Lenine e em 1924 tinha representado o PCI no funeral do fundador do bolchevismo, declarou em 1945: “quem realizará o socialismo não será Estaline mas Mussolini, que é socialista.”¹³⁸⁶

E assim se podem entender outras declarações de Mussolini amistosas para com os comunistas. “Nunca esqueci aqueles que noutros dias foram os meus companheiros na luta socialista”, escreveu na sua autobiografia quando já era ditador de Itália. “A amizade permanece, apesar de reconhecermos a necessidade de corrigir os muitos erros”¹³⁸⁷. Mais, o *Duce* chegou a apontar para o comunismo como um objetivo do fascismo, defendendo em privado que “temos de tingir as camisas de negro, mas de um negro que transpareça tantíssimo a vermelho”¹³⁸⁸. Não parecem, convenhamos, palavras de um antissocialista primário.

No mesmo discurso em que se definiu como antissocialista não por causa do socialismo mas do internacionalismo, o chefe do fascismo foi mais longe no apreço para com os comunistas. “Conheço os comunistas, conheço-os porque parte deles são meus filhos”¹³⁸⁹, afirmou Mussolini no parlamento, dirigindo-se aos comunistas para dizer: “negamos o vosso internacionalismo porque é um produto de luxo que só pode ser gozado pelas classes altas enquanto o povo está desesperadamente amarrado à sua terra natal.”¹³⁹⁰

O socialismo dos fascistas era pois o da “terra natal”, o da pátria, o da nação, não o internacionalista. Mas pretendia ser socialismo. “É lógico, é justo, é legítimo que os trabalhadores tentem melhorar as suas condições de vida”, disse Mussolini. “Mas para isso não é necessário seguir a quimera internacionalista, para isso não é necessário renegar a Pátria”¹³⁹¹. Para os socialistas fascistas, *o que definia o socialismo não era o internacionalismo nem sequer a defesa da luta de classes, mas as políticas sociais redistributivas*. E tais políticas eles tinham-nas em abundância, o que fazia do fascismo um socialismo. “Se por socialismo se entende aquele profundo

¹³⁸⁵ Giuseppe Parlato, *op. cit.*, 2008, p.160.

¹³⁸⁶ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.55/56.

¹³⁸⁷ Benito Mussolini, *op. cit.*, 2016, p.45.

¹³⁸⁸ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.195.

¹³⁸⁹ Benito Mussolini, Benito Mussolini, “Il primo discorso alla Camera dei deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 21 de junho de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.440;

¹³⁹⁰ *Idem*, p.442.

¹³⁹¹ Benito Mussolini, “Agli operai del Poligrafico, 28 de janeiro de 1923, *op. cit.*, 1937, p.108.

ideal que (...) tem sido a alma do processo de reforma social das últimas décadas”, disse Ugo Spirito, “então seria vão negá-lo pois é mérito do fascismo tê-lo realizado.”¹³⁹²

Para perceber quão socialista o fascismo permaneceu basta ver as suas políticas sociais e laborais, como as oito horas de horário de trabalho instituídas logo que Mussolini subiu ao poder e a Carta do Trabalho anunciada em 1927 pelo Grande Conselho do Fascismo, aplicada em múltiplas leis que o fascismo foi instituindo ao longo do tempo, como os seguros contra os acidentes de trabalho, os seguros contra a doença, os seguros contra as deformidades profissionais, as medidas de assistência à terceira idade e aos trabalhadores deficientes, a assistência de saúde aos desfavorecidos, a assistência aos desempregados, o subsídio de maternidade, a licença de maternidade, a assistência social, a assistência às crianças abandonadas ou em risco, os cheques familiares, as primeiras leis do mundo sobre os animais e o meio ambiente, a transformação dos sindicatos em organismos de direito público, a contratação coletiva de trabalho, a proteção jurídica gratuita para os trabalhadores, o direito ao pagamento das horas extraordinárias, a isenção de impostos para as famílias numerosas, a indemnização por perda do posto de trabalho, as bolsas para encorajar os jovens a estudar, as férias pagas, os programas para levar crianças a passarem férias na costa ou nas montanhas, e ainda instituições fascistas como o Dopolavoro, que organizava os tempos livres dos trabalhadores e criava colónias de férias e excursões a preços reduzidos, a Obra Nacional para a Maternidade e a Infância, a Obra Nacional para os Mutilados e Incapacitados para o Trabalho e outras medidas e instituições sociais do género. “A legislação social do regime fascista é a mais avançada do mundo”¹³⁹³, vangloriou-se Mussolini, para quem o fascismo ambicionava “uma mais alta ‘justiça social’.”¹³⁹⁴ O seu objetivo de criação de um Estado Social era claro. “Nós, fascistas”, disse ele, “conseguiremos derrubar a porta dos privilégios iníquos que não querem morrer para dar lugar a uma forma mais justa de convivência humana.”¹³⁹⁵

¹³⁹² Ugo Spirito, *op. cit.*, 1970, p.364.

¹³⁹³ Benito Mussolini, “All’Assembleia Quinquennale del regime”, 10 de março de 1929, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1934, p.16.

¹³⁹⁴ Benito Mussolini, “Alla prima assemblea generale delle corporazioni”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, outubro de 1983, p.123.

¹³⁹⁵ Benito Mussolini, “Per l’espropriazione del capitale”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de junho de 1919, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XIII: Dal discorso di Piazza San Sepolcro alla marcia di Ronchi*, La Fenice, Florença, 1954, p.177/178.

O projeto fascista era de um socialismo de tal modo ambicioso que o historiador Gianluigi Bernati considerou ter-se estado perante um “ato de modernização”¹³⁹⁶ jamais visto em Itália, enquanto Roberto Mancini o descreveu como sendo de “um verdadeiro e próprio Estado Social” que “realizava os sonhos mais audazes dos socialistas oitocentistas”, o que fazia com que “a Carta do Trabalho superasse aquela declaração (dos Direitos do Homem de 1789) porque pela primeira vez na história da humanidade era proclamada a igualdade de todos os trabalhadores em relação aos patrões”¹³⁹⁷. Em suma, tratava-se de “um novo modelo de socialismo”¹³⁹⁸. Reconhecendo que os fascistas haviam erguido “um Estado com uma legislação social avançada”, Luca Rimbotti fez notar que “não estava apenas em questão a assistência, o protecionismo ou o incremento da produção através da racionalização e da mecanização, mas também a distribuição da riqueza”¹³⁹⁹, até porque os fascistas conduziam a sua política socialista “segundo um princípio imutável: a política comanda a economia”¹⁴⁰⁰. Como observou Domenico Settembrini, inspirando-se nas observações do socialista antifascista Arturo Labriola, o fascismo foi assim para Mussolini “um instrumento para recuperar a *leadership* do socialismo italiano.”¹⁴⁰¹

Naturalmente que se podem questionar muitas das medidas sociais do fascismo. O sistema de reformas, por exemplo, não constituiu uma invenção fascista em Itália. Foi em 1895 que o governo de Francesco Crispi criou no país o sistema de segurança para a terceira idade, embora limitado ao setor público e aos militares, e em 1919 o governo liberal de Vittorio Orlando instituiu a Caixa Nacional de Segurança Social, estendendo as reformas de velhice aos restantes trabalhadores. O que os fascistas fizeram foi fundir os diversos organismos sociais num só, o Instituto Nacional Fascista de Previdência Social (INFPS), uma entidade tão grande que se tornou o segundo maior fornecedor de empregos públicos do país – em especial de pessoas com o cartão do partido. Como é previsível, parte dos seus fundos foi canalizada para empresas ligadas ao poder político. Curiosamente, o INFPS ainda hoje existe, embora já sem o F do fascismo – chama-se agora

¹³⁹⁶ Gianluigi Bernati, *Fascismo – Formazione, evoluzione e caduta del Partito Nazionale Fascista*, EmmeKlibri, Santo Stefano di Magra, 2017, p.31.

¹³⁹⁷ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.141.

¹³⁹⁸ *Idem*, p.117.

¹³⁹⁹ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 2018, p.16/17.

¹⁴⁰⁰ *Idem*, p.24.

¹⁴⁰¹ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.139.

INPS. Ou veja-se o caso do décimo-terceiro mês. Este salário adicional, também conhecido em Itália por Subsídio de Natal, foi criado em 1937 pela Câmara Fascista das Profissões e inscrita na convenção coletiva de trabalho para os trabalhadores da indústria, sendo estes os únicos beneficiários. Só depois da guerra é que a maioria dos trabalhadores italianos teve acesso ao décimo-terceiro mês. O facto, porém, é que, mesmo com estes condicionalismos e com tantas limitações, tais medidas sociais fazem de facto parte da governação fascista.

Outras medidas surgiram em sentido contrário. Por exemplo, o enquadramento jurídico das convenções coletivas de trabalho do fascismo interditou em 1926 os sindicatos independentes, apenas permitindo a representação sindical por parte de instituições reconhecidas pelo Estado. A mesma lei proibiu a greve e os *lock-outs*. Além do mais, com o fascismo o Estado passou a gastar muito mais dinheiro e esse disparar das despesas públicas criou desequilíbrios que se refletiram na qualidade de vida dos italianos, não sendo raros os casos de subnutrição e fome no país. Perante as dificuldades, o regime fascista não assumiu qualquer responsabilidade e atribuiu as culpas aos países capitalistas e “exploradores”.

Sendo tudo isto verdade, contudo, não deixa de ser igualmente verdade que as mesmíssimas medidas e situações ocorreram nos regimes comunistas. Logo que subiu ao poder, Lenine proibiu sindicatos livres, greves e *lock-outs*, com a diferença de que os comunistas ordenaram a execução em massa de grevistas, coisa que os fascistas jamais fizeram. Além disso, o disparar das despesas públicas também criou desequilíbrios que se refletiram na qualidade de vida dos soviéticos, com episódios que envolveram a morte de milhões de pessoas à fome. E, tal como os fascistas, também os comunistas nunca assumiram a menor responsabilidade por tais situações, culpando sempre os países capitalistas e “exploradores”. No meio de tudo isto, a ironia é que os únicos regimes que respeitaram os sindicatos livres, as greves e os *lock-outs* foram justamente as democracias liberais, as tais da ideologia liberal e economia capitalista que alegadamente não respeitam os direitos sociais.

Mas regressemos ao fascismo e aos seus projetos sociais. Os ideólogos fascistas exaltavam o carácter socialista do seu regime, o qual “não pode admitir a inevitabilidade da miséria material”¹⁴⁰². Entre os lemas repetidos

¹⁴⁰² Benito Mussolini, “Alla prima assemblea generale delle corporazioni”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, outubro de 1933, p.124.

por Mussolini estavam “a terra é de quem a trabalha”¹⁴⁰³ e “quem tem, paga!”¹⁴⁰⁴, esta última uma palavra de ordem concebida por ele próprio. “*Para salvar os camponeses da nação, é preciso dar terra aos camponeses*” (italico no original), preconizou o *Duce*, para quem urgia cumprir “a realização do sonho que atormenta há milénios a alma dos camponeses: a posse da terra”¹⁴⁰⁵. Por seu turno, o fascista Berto Ricci defendeu ser preciso induzir “a gente italiana a fazer vida, trabalho, festas em comum”, a praticar “a solidariedade ativa; a frequentar o Fascio, o Grupo, o Dopolavoro, o campismo do povo, os ajuntamentos do povo, o estádio do povo, o espetáculo do povo”, e também “aproximar a juventude escolar da vida das fábricas, do campo, das minas, do trabalho manual”¹⁴⁰⁶, ao mesmo tempo que defendia “a escola aberta a todos segundo a capacidade e não as possibilidades económicas das famílias”¹⁴⁰⁷. Em suma, um verdadeiro programa socialista. “O objetivo do regime no campo económico”, insistiu Mussolini, “é a realização da mais alta justiça social para todo o povo italiano.”¹⁴⁰⁸

O socialismo fascista alcançara realizações sociais superiores às do socialismo bolchevique, gabou-se o *Duce*, até porque acreditava ser capaz de garantir a produção de riqueza que alimentava todas estas medidas redistributivas. “O regime fascista está, graças à legislação social, na vanguarda de todas as nações, à frente até das que ostentam a bandeira soviética ou a bandeira democrática”¹⁴⁰⁹, ufanou-se. “O século passado proclamou a igualdade dos cidadãos perante a lei, uma conquista de alcance formidável”, acrescentou, sublinhando que “o século fascista mantém e até consolida este princípio, mas acrescenta-lhe um outro não menos fundamental: a igualdade dos homens perante o trabalho entendido como

¹⁴⁰³ Jonah Goldberg, *op. cit.*, 2007, p.47.

¹⁴⁰⁴ Benito Mussolini, “Chi possiede, paghi!”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de julho de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954, p.224.

¹⁴⁰⁵ Benito Mussolini, “Patria e terra”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de novembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.57.

¹⁴⁰⁶ Berto Ricci, “Categoria spiritual e categoria sociale”, in Berto Ricci, *op. cit.*, 2014, p.94.

¹⁴⁰⁷ *Idem*, p. 95.

¹⁴⁰⁸ Benito Mussolini, “Discorso agli operai di Milano”, 6 de outubro de 1934, *op. cit.*, 1937, p.183.

¹⁴⁰⁹ Benito Mussolini, “Al congresso dei sindacati fascisti”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de maio de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957, p.141.

dever e como direito, como joia criadora que deve dilatar e tornar mais nobre a existência, não mortificá-la ou deprimi-la.”¹⁴¹⁰

A vertente comunista do fascismo revelou-se tão forte que em 1936, no rescaldo da guerra da Etiópia, a revista oficial do Partido Comunista Italiano, o *Lo Stato Operaio*, propôs a união dos comunistas com os fascistas. “Nós, comunistas, fazemos nosso o programa fascista de 1919, que é um manifesto de paz, de liberdade, de defesa dos interesses dos trabalhadores, e dizemos-vos: lutemos unidos para a realização desse programa”, escreveu este órgão do PCI, para lançar um apelo vibrante: “Fascistas da velha guarda! Jovens fascistas! Nós proclamamos que estamos dispostos a combater convosco e com todo o povo italiano para realizar o programa fascista de 1919. (...) São os grandes magnatas do capital que impedem a união do nosso povo, colocando fascistas e antifascistas uns contra os outros”¹⁴¹¹. Isto, sublinhe-se, é o órgão do Partido Comunista Italiano a falar. E para que não houvesse dúvidas, o *Lo Stato Operaio* voltou à carga no exemplar seguinte, equiparando “povo e nação” à revolução proletária, uma forma clara de o comunismo abraçar o conceito de nação e aproximar-se doutrinariamente o fascismo. Na mesma altura, o relatório de uma discussão do próprio Comité Central do PCI confirmava que “fazemos nosso o programa fascista de 1919.”¹⁴¹²

É aliás muito curioso o trabalho do jornalista e cientista político Aldo Grandi, que no final do Século XX foi à procura dos homens, então já idosos, que tinham sido fascistas no tempo de Mussolini. A maior parte declarou-se arrependida ou antifascista, em conformidade com o pensamento dominante nos novos tempos, mas os poucos que se atreveram a assumir a ideologia mussoliniana insistiram que continuavam a encarar o fascismo como um movimento socialista revolucionário. “O fascismo era uma fórmula nova própria porque se colocava a meio caminho entre a democracia e a ditadura”¹⁴¹³, observou Alberto Bairati, um fascista de uma família operária de Turim, queixando-se de que “para nós do fascismo perdeu-se infelizmente o conceito de revolução permanente”¹⁴¹⁴. Também Leonida Fazi, que

¹⁴¹⁰ Benito Mussolini, “Alla prima assemblea generale delle corporazioni”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, outubro de 1983, p.124.

¹⁴¹¹ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.176/177.

¹⁴¹² *Idem*, p.177.

¹⁴¹³ Aldo Grandi, *I giovani di Mussolini – Fascisti convinti, fascisti pentiti, antifascisti*, Baldini & Castoldi, Milão, 2001, p.34/35.

¹⁴¹⁴ *Idem*, p.34.

frequentou a organização da juventude fascista, a Opera Balilla, disse que “o nosso, ou pelo menos o meu, não era um fascismo estático, mas em movimento, de acordo com a ideia da ‘revolução contínua’”¹⁴¹⁵, enquanto Alberto Giovannini, um fascista milanês filho de um socialista, sublinhou que “para mim, como também para muitos outros, o fascismo devia ser um facto revolucionário, sobretudo no plano social” onde “o fascismo fez muito”, até porque “o nosso fascismo era um nacional socialismo”¹⁴¹⁶ e naquela altura “eu queria uma revolução mais incisiva, mais imediata, antiburguesa.”¹⁴¹⁷

Um crescente número de pensadores começa a pôr-se de acordo sobre a essência socialista do fascismo. “O fascismo”, sublinhou o historiador Joshua Muravchik, “reconciliou socialismo e nacionalismo”¹⁴¹⁸, facto igualmente notado por Sternhell, Sznajder e Ashéri no seu célebre estudo sobre as origens da ideologia fascista, quando reconheceram que “é bem isso em que consiste o novo socialismo elaborado por Mussolini: o socialismo nacional”¹⁴¹⁹, e por Albert Weeks, para quem Mussolini, “quando se tornou o *Duce* de Itália, desenvolveu uma forma de socialismo corporativo de Estado inspirado nas suas ideias socialistas e bolcho-marxistas de antes da guerra”¹⁴²⁰. Já Roger Griffin observou sobre Mussolini que “os escritos de alguns sindicalistas – a teorizar sobre a desejada revolução marxista em termos de mito, voluntarismo e nação em vez de fatores sócio-económicos, determinismo e a Internacional comunista – também ajudaram a convertê-lo de internacionalista em socialista nacional”¹⁴²¹, enquanto Frédéric Le Moal sublinhou no *Duce* “o abandono do socialismo internacionalista, mas não do socialismo *tout court*. Nunca é demais insistir neste ponto. O nacionalismo não teve nenhuma influência neste ponto”¹⁴²², mesmo se estamos de facto perante “um socialismo nacionalista”¹⁴²³. Mais, para este historiador francês

¹⁴¹⁵ *Ibidem*, p.48.

¹⁴¹⁶ *Ibidem*, p.51.

¹⁴¹⁷ *Ibidem*, p.53.

¹⁴¹⁸ Joshua Muravchik, *Heaven on Earth – The Rise and Fall of Socialism*, Encounter Books, São Francisco, 2002, p.151.

¹⁴¹⁹ Zeev Sternhell, Mario Sznajder e Maia Ashéri, *op. cit.*, 2010, p.384.

¹⁴²⁰ Albert Weeks, *Stalin's Other War – Soviet Grand Strategy, 1939 – 1941*, Rowman & Littlefield Publishers, Lanham, 2003, p.52.

¹⁴²¹ Roger Griffin, “‘I am no longer human. I am Titan. A god!’: The Fascist Quest to Regenerate Time”, in Matthew Feldman (direção), *A Fascist Century – Essays by Roger Griffin*, Palgrave MacMillan, Houndmills, 2008, p.6/7.

¹⁴²² Frédéric Le Moal, *op. cit.*, 2018, p.40.

¹⁴²³ *Idem*, p.41.

não há dúvida de que “o fascismo pertencia ao universo político e cultural da esquerda revolucionária”, ao ponto de perguntar se “à questão atual ‘Quando é que ele deixou de ser socialista?’, não deveríamos substituí-la por uma outra: ‘Alguma vez deixou de o ser?’”¹⁴²⁴

Os modernos acadêmicos italianos corroboram esta visão. Stefano Fabei escreveu abertamente sobre “o sonho de um socialismo fascista”¹⁴²⁵ e Roberto Mancini usou a mesma expressão, “socialismo fascista”¹⁴²⁶, acrescentando-lhe ainda “socialismo mussoliniano”¹⁴²⁷, para falar no “fio vermelho que liga março de 1919 a abril de 1945”¹⁴²⁸. Ou seja, toda a história do movimento e do regime fascista estava unida pela ideia socialista. Também Luca Rimbotti falou em “fio vermelho”¹⁴²⁹ característico “de tudo quanto é fascismo”¹⁴³⁰ e em “socialismo fascista”¹⁴³¹, para concluir que “o fascismo tinha a essência de um movimento autenticamente revolucionário, empenhado na instauração de um modelo social muito avançado, e previa uma radical luta contra o capitalismo e uma sublevação contemporânea das massas trabalhadoras.”¹⁴³²

Se há corrente que ao longo do tempo tem sido apresentada nos antípodas do fascismo é justamente o anarquismo. De facto, o fascismo defendia a ordem hierárquica como um pressuposto fundamental para garantir a produção de riqueza que permitisse a posterior distribuição socialista. E, apesar disso, o fascismo manteve um lado anarquista, com muitos anarquistas nas duas fileiras, desde Massimo Rocca a Mario Gioda, passando por Edoardo Malusardi, Edmondo Mazzucato e outros chamados anarcofascistas. Prestando tributo a Piotr Kropotkin, por exemplo, Mussolini não poupou nos elogios e descreveu o grande anarquista russo como “grandíssimo entre os espíritos modernos.”¹⁴³³

A presença do anarquismo no fascismo é notória quando vemos um dos autores do manifesto fascista, Filippo Marinetti, descrever o casamento

¹⁴²⁴ *Ibidem*, p.10.

¹⁴²⁵ Stefano Fabei, *op. cit.*, 2011, p.42.

¹⁴²⁶ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.42, 178 e 193.

¹⁴²⁷ *Idem*, p.142.

¹⁴²⁸ *Ibidem*, p.189.

¹⁴²⁹ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.135.

¹⁴³⁰ *Idem*, p.142.

¹⁴³¹ *Ibidem*, p.156.

¹⁴³² *Ibidem*, p.154.

¹⁴³³ Benito Mussolini, “Kropotkin è stato assassinato dai leninisti?”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de janeiro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.124.

como “uma forma de barbárie”¹⁴³⁴, a fazer a apologia do “amor livre”¹⁴³⁵ e a apelar à “abolição do serviço militar obrigatório”¹⁴³⁶ e à “abolição das polícias”¹⁴³⁷. Ou Mario Carli, também um futurista que fundara o fascismo, a elaborar com Marinetti um manifesto intitulado “Para Além do Comunismo” onde ambos defenderam que “a humanidade caminha para um individualismo anárquico” e que “o génio anárquico zomba e destrói o cárcere comunista”¹⁴³⁸. Nesse manifesto, Carli e Marinetti pediram para se “abolir radicalmente tribunais, polícias, esquadras e prisões” e afirmaram que “queremos libertar a Itália do papado, da monarquia, do Senado, do matrimónio, do parlamento”¹⁴³⁹, ao mesmo tempo que se afirmaram “mais revolucionários do que vocês, os socialistas oficiais” e que “ao vosso imenso sistema de ventres comunicantes e nivelados, ao vossos insípidos refeitórios cinzentos nós opomos o nosso maravilhoso paraíso anárquico.”¹⁴⁴⁰

O fascismo descrevia-se como um movimento antidogmático, no sentido em que defendia que o socialismo, quando confrontado com realidades que contradiziam os dogmas ideológicos, devia sempre privilegiar a realidade, e essa ideia de socialismo imediato e real atraía estes anarcofascistas. Apesar dos frequentes choques, o anarquismo fascista era encarado pelo *Duce* com simpatia. “A nós”, disse ele, “nada mais resta, pelo presente sombrio e pelo amanhã tenebroso, que a religião, agora absurda mas sempre consoladora, da anarquia!”¹⁴⁴¹ Não foram palavras escolhidas ao acaso. “O meu fascismo nasceu subversivo”, admitiu Mussolini nas entrevistas a Yvon de Begnac, esclarecendo que “apenas nasceu como movimento de ordem para substituir a ordem vigente de modo a produzir uma ordem socialmente aceitável”¹⁴⁴². O *Duce* sublinhou que “cada revolucionário nasce anárquico” e reconheceu haver uma “componente anárquica” no fascismo, até porque “muitos anarquistas por tradição, em potência ou em preparação estavam entre a vanguarda pronta a marchar sobre Roma”¹⁴⁴³. Mais, Mussolini sublinhou que

¹⁴³⁴ Filippo Marinetti, *op. cit.*, 2015, p.49.

¹⁴³⁵ *Idem*, p.68.

¹⁴³⁶ *Ibidem*, p.141.

¹⁴³⁷ *Ibidem*, p.145.

¹⁴³⁸ Filippo Marinetti e Mario Carli, “Al di là del Comunismo”, in Mario Carli, *op. cit.*, 2007, p.23.

¹⁴³⁹ *Idem*, p.27.

¹⁴⁴⁰ *Ibidem*, p.28.

¹⁴⁴¹ Guido Bonsaver, *Censorship and Literature in Fascist Italy*, University of Toronto Press, Toronto, 2007, p.277/278.

¹⁴⁴² Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.242.

¹⁴⁴³ *Idem*, p.206.

“no interior do fascismo” existiam “energias de extração sindical revolucionária, social revolucionária, anárquica, social-libertária”¹⁴⁴⁴, uma vez que o fascismo a todos abraçava.

Assim se constata que longe de não ter nenhuma ideia, como por vezes se pretende, o fascismo na verdade tinha era ideias a mais. “Os comunistas italianos”, criticou o chefe fascista, “viram inimigos em toda a parte. Do ponto de vista intelectual politizaram-se negando aos anarquistas, aos sindicalistas, aos reducionistas, aos sociais-democratas o direito de se dizerem e de se mostrarem revolucionários”¹⁴⁴⁵. Na realidade “os comunistas italianos (...) perderam a partida fraccionando, seccionando, dividindo o socialismo”¹⁴⁴⁶. Já os fascistas viam-se praticantes de um socialismo mais aberto e tolerante. “Nós deixámos abertas as portas e os lugares do partido a todos os trabalhadores e produtores de boa vontade. Não nascemos para discriminar”¹⁴⁴⁷. Deparamo-nos aqui, pois, com o *Duce* a dar aos comunistas lições de inclusão e de tolerância para com pensamentos diferentes.

Sendo certo que Mussolini acabou por considerar que “a fórmula anárquica deve ser relegada para o firmamento das utopias mais futuristas”, uma vez que “não acreditamos na possibilidade de convivência humana extrínseca ao Estado”¹⁴⁴⁸, a presença do anarquismo no fascismo mereceu uma atenção especial dos historiadores. Roberto Mancini abordou a questão do “anarcofascismo”¹⁴⁴⁹ e Domenico Settembrini argumentou que a espontaneidade fascista “explica-se em Mussolini com a forte componente anárquica presente na sua formação socialista”¹⁴⁵⁰. Este investigador falou sucessivamente no “selo anarco-fascista”¹⁴⁵¹ e no “anarquismo fascista”¹⁴⁵², enquanto Giuseppe Borgese disse sobre Mussolini fascista que “foi, como sempre tinha sido, um anarquista”¹⁴⁵³. Alessandro Luparini, por seu turno, dedicou mesmo uma obra ao anarcofascismo onde falou na firmeza dos anarquistas do fascismo “na defesa do carácter antidogmático da ideia

¹⁴⁴⁴ *Ibidem*, p.249.

¹⁴⁴⁵ *Ibidem*, p.177.

¹⁴⁴⁶ *Ibidem*, p.175

¹⁴⁴⁷ *Ibidem*, p.177.

¹⁴⁴⁸ Benito Mussolini, “Stato, antistato e fascismo”, *Gerarchia*, 25 de junho de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.41.

¹⁴⁴⁹ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.168.

¹⁴⁵⁰ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.34.

¹⁴⁵¹ *Idem*, p.161.

¹⁴⁵² *Ibidem*, p.163 e 171.

¹⁴⁵³ *Ibidem*, p. 164.

fascista”, argumentando que “não é privado de significado (...) que o fascista Gioda, consciente da novidade representada pelo fascismo em relação às categorias políticas do anteguerra, reclamasse no entanto a sua identidade anárquica”¹⁴⁵⁴, ao mesmo tempo que o próprio líder do Partido Comunista Italiano, Palmiro Togliatti, reconheceu no fascismo a existência de “elementos de liberalismo anárquico.”¹⁴⁵⁵

Mais do que do anarquismo, no entanto, o fascismo tinha a marca do socialismo mais geral e isso é assumido abertamente pelos próprios neofascistas. Mario Merlino, um académico ligado no final da década de 1960 a uma chamada “frente nazi-maoista” (só a expressão vale por mil ensaios) cuja palavra de ordem era “Viva a ditadura fascista do proletariado!”¹⁴⁵⁶, observou que “o fascismo estava determinado a obter justiça social e direitos para os trabalhadores à sombra do socialismo”¹⁴⁵⁷. Já Renato Pallavidini, académico da área neofascista, apresentou o fascismo como “uma nova visão do socialismo”, a do “socialismo nacional, empenhado em ligar as razões de classe do proletariado com os interesses complexos da nação.”¹⁴⁵⁸

Giuseppe Parlato estudou em particular a última fase do fascismo e considerou-a a mais socialista de todas. “A terceira fase, da guerra da Etiópia até à queda do regime, é marcada pela retoma dos temas da esquerda fascista”, constatou este historiador italiano, enumerando-os: “a presença de um aguerrido mundo universitário, a progressiva aquisição de um papel político do sindicalismo, a concomitante afirmação do Estado Social – pontuado pelo sublinhar do direito ao trabalho e das garantias normativas e de previdência –, os projetos de ultrapassagem dos salários capitalistas e os exemplos de renovação já não propostos por intelectuais isolados mas sustidos por uma estrutura sindical mais consciente determinaram a criação de condições novas e imprevisíveis à esquerda fascista.”¹⁴⁵⁹

É aliás interessante notar que, logo que os nazis o resgataram do cárcere, em 1943, o *Duce* foi aos microfones da rádio alemã explicar o projeto que os fascistas iriam reerguer em Itália. “O Estado que nós queremos instaurar

¹⁴⁵⁴ Alessandro Luparini, *op. cit.*, 2001, p.86.

¹⁴⁵⁵ Palmiro Togliatti, *op. cit.*, 1976, p.24.

¹⁴⁵⁶ Antonio Rossiello, *Le origini della storiografia revisionista in Francia: François Duprat – Dall’Internazionalismo Trozkyista al socialismo nazional-rivoluzionario*, Volume 1, Youcanprint, Tricase, s/d, p.340.

¹⁴⁵⁷ Mario Merlino, “Prefazione”, in Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.7.

¹⁴⁵⁸ Renato Pallavidini, *op. cit.*, 1996, p.42.

¹⁴⁵⁹ Giuseppe Parlato, *op. cit.*, 2008, p.21.

será nacional e social no sentido mais elevado destas palavras, ou seja será fascista”¹⁴⁶⁰, declarou, tornando assim de novo claro que entendia o fascismo como um socialismo nacionalista. Muito significativo, os fascistas não designaram o seu novo regime como República Nacional Italiana ou como República Fascista Italiana, mas como República Social Italiana, ou RSI, sigla que era por vezes ironicamente traduzida por República Soviética Italiana.

No último número de *Italia e Civiltà*, uma importante publicação cultural fascista, numa altura em que se tornava clara a iminente derrota das forças do Eixo na Segunda Guerra Mundial, o respetivo diretor, Barna Occhini, escreveu palavras eloquentes a propósito do destino dos membros do regime fascista. “Nós e os comunistas concordamos que não queremos mais, nem uns nem outros, a velha sociedade liberal burguesa capitalista”, disse este destacado fascista em 1944. “Os verdadeiros fascistas passarão para o comunismo”, profetizou, argumentando que “será então superado o fosso que hoje separa as duas revoluções” até que haja “uma fatal e harmónica fusão”¹⁴⁶¹. O que de certo modo veio a acontecer, com os fascistas no pós-guerra a engrossarem as fileiras dos eleitores do PCI, quase dando a vitória ao Partido Comunista nas primeiras eleições ocorridas em Itália depois da Segunda Guerra Mundial.

E não se pense nem por um momento que Mussolini era alheio a este pensamento. “Sou socialista”, declarou o *Duce* em 1945 ao jornalista Ivano Fossati, esclarecendo que “adaptei-me socialisticamente à realidade à medida que a evolução da sociedade desmentia as profecias de Marx e o verdadeiro socialismo passava do possível ao provável. O único socialismo viável é o corporativismo”¹⁴⁶². O lema da RSI fascista era “Itália, República, Socialização”, e foi o próprio Mussolini quem explicou o que esta última palavra queria dizer. “A socialização não é mais do que a realização italiana, humana, nossa, viável, do socialismo”¹⁴⁶³, afirmou o *Duce*. É importante

¹⁴⁶⁰ Benito Mussolini, “Il primo discorso dopo da liberazione”, *Corriere della Sera*, 19 de setembro de 1943, in Benito Mussolini, *Opera Omnia XXXII: Dalla liberazione di Mussolini all’epilogo la Repubblica Sociale Italiana*, La Fenice, Florença, 1960, p.4.

¹⁴⁶¹ Giuseppe Parlato, *op. cit.*, 2008, p.7.

¹⁴⁶² Benito Mussolini, “Soliloquio in ‘libertà’ all’isola Trimellone”, 20 de março de 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.95/96.

¹⁴⁶³ Benito Mussolini, “Alle camicie nere della brigata nera Resega”, 14 de outubro de 1944, *idem*, p.52.

notar que esta expressão era comunista e usada por Lenine, designadamente quando falava na “*socialização da produção*”¹⁴⁶⁴ (itálico no original).

Mussolini sublinhou que “a socialização fascista é a solução lógica e racional que evita por um lado a burocratização da economia através de um totalitarismo de Estado e por outro supera o individualismo da economia liberal”¹⁴⁶⁵. Isso permitiu-lhe fazer um balanço do socialismo fascista. “Dei aos trabalhadores italianos o que as nações mais progressistas nunca sonharam”, sublinhou, dizendo que “com o fascismo, os trabalhadores italianos obtiveram as oito horas de trabalho, bons salários, a previdência assistencial, férias anuais, viagens de descanso, leis específicas, enquanto os seus filhos eram enviados para colónias no mar ou na montanha.”¹⁴⁶⁶

Mas houve mais. Com a sua República Social Italiana, os fascistas procederam a expropriações de empresas e a expropriações de terras, em particular os grandes latifúndios, entregando-os a cooperativas, e instituíram o salário mínimo, o subsídio por trabalho noturno ou em feriado, o repouso obrigatório semanal, a indemnização em caso de morte, o direito de conservação do posto de trabalho em caso de venda da empresa e os seguros obrigatórios contra acidentes de trabalho. Mussolini prometeu o “desmantelamento do capitalismo e dos latifúndios” e “o início do controlo e da aplicação dos interesses dos trabalhadores com a consequente repartição dos instrumentos de trabalho em todas as empresas, incluindo as estatais”¹⁴⁶⁷. E de facto “socializou” algumas das maiores empresas italianas, como a Mondadori, a Alfa Romeo, a Motomeccanica, a Bompiani, a Signorelli, a Vallardi e muitas outras, colocando os operários nos respetivos conselhos de administração.

O fascismo era um movimento socialista nacionalista e a sua retórica e ação exprimiam essa realidade. “A República”, disse Mussolini em 1944, “será a República dos trabalhadores italianos e já realizou um conjunto de medidas previstas nos postulados que durante quarenta anos foram inscritas nas bandeiras dos movimentos socialistas”¹⁴⁶⁸. O programa do fascismo era,

¹⁴⁶⁴ Vladimir Lenine, “The Immediate Tasks of the Soviet Government”, *Pravda*, 28 de abril de 1918, www.marxists.org.

¹⁴⁶⁵ Benito Mussolini, “Il discorso al Lirico di Milano”, 26 de dezembro de 1944, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.65.

¹⁴⁶⁶ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.201/202.

¹⁴⁶⁷ Benito Mussolini, “Della vera libertà”, 23 de novembro de 1943, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.135/136.

¹⁴⁶⁸ Benito Mussolini, “Ritornate!”, *La Repubblica Fascista*, 24 de maio de 1944, *idem*, p.40.

pois, um programa aberta e assumidamente socialista. “Os nossos programas são decididamente revolucionários, as nossas ideias pertencem ao que nos regimes democráticos se chamam ‘de esquerda’”, sublinhou o *Duce* no ano seguinte, para acrescentar: “somos proletários em luta, pela vida e pela morte, contra o capitalismo. Somos revolucionários à procura de uma ordem nova. Assim sendo, dirigirmo-nos à burguesia a agitar o perigo vermelho é um absurdo. O verdadeiro pesadelo, o perigo autêntico, a ameaça contra a qual lutamos sem descanso vem da direita”¹⁴⁶⁹. Mais claro do que isto é impossível. Para Mussolini, a direita não era o fascismo mas o liberalismo. *O fascismo era de esquerda*.

Do princípio ao fim, Mussolini tornou claro que o grande inimigo sempre foi o capitalismo e não se coibiu de lançar alertas à União Soviética para o perigo de um regresso no pós-guerra ao liberalismo e às suas expressões política, a democracia parlamentar, e económica, o capitalismo. “Sabem muito bem em Londres e em Washington, onde se temem as repercussões da socialização italiana sobre os proletários dos países em cuja ordem capitalista deve ser renovado e perpetuado o triunfo dos anglo-saxões, triunfo que significará a derrota nesta guerra mundial também da Rússia”¹⁴⁷⁰, avisou o *Duce*, apelando aos “trabalhadores” para que “não vos prestais ao infernal jogo de morte e de ruína conduzido pelo capitalismo anglo-saxão para os seus próprios interesses exclusivos”¹⁴⁷¹ e sublinhando que o objetivo último do fascismo era a “equitativa e humana repartição da riqueza”¹⁴⁷². Mussolini proclamou a “criação de um Estado autenticamente novo de trabalhadores, que os próprios trabalhadores, através do seu trabalho, são chamados a reconstruir, a potenciar e a controlar”¹⁴⁷³ e a defesa de “a mais alta justiça social”, explicando que isso “significa o trabalho garantido, o salário equitativo, uma casa decente”¹⁴⁷⁴. Em suma, concluiu o chefe do fascismo, “a República Social Italiana criou portanto as premissas para a revolução total.”¹⁴⁷⁵

¹⁴⁶⁹ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.207.

¹⁴⁷⁰ Benito Mussolini, “Parole chiari ai lavoratori”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.31.

¹⁴⁷¹ *Idem*, p.35.

¹⁴⁷² Benito Mussolini, “Rivoluzione sociale”, 13 de novembro de 1943, *ibidem*, p.132.

¹⁴⁷³ Benito Mussolini, “Della vera libertà”, 23 de novembro de 1943, *ibidem*, p.136.

¹⁴⁷⁴ Benito Mussolini, “Ventennale sviluppo logico della dottrina fascista”, 24 de fevereiro de 1944, *ibidem*, p.148.

¹⁴⁷⁵ Benito Mussolini, “Della vera libertà”, *ibidem*, p.136.

Por fim, é importante notar que, quando o fascismo enfrentou no final da Segunda Guerra Mundial o seu ocaso, a grande prioridade de Mussolini e de muitos fascistas foi sobretudo a de salvaguardarem o legado socialista do fascismo. Assim, no momento em que o *Duce* percebeu que o fim estava próximo, chamou um jornalista ligado ao PSI, Carlo Silvestri, e propôs uma passagem de testemunho do poder do Partido Fascista Republicano para o Partido Socialista Italiano. “Uma vez que a sucessão está aberta em consequência da invasão americana, Mussolini deseja entregar a República Social aos republicanos e não aos monárquicos; a socialização e tudo o resto aos socialistas e não aos burgueses”¹⁴⁷⁶, relatou Silvestri numa carta ao seu partido a explicar a proposta, clarificando que o *Duce* apenas “não estende a oferta ao Partido Comunista” devido à “atual situação internacional.”¹⁴⁷⁷

O maior pesadelo de Mussolini não era manifestamente a entrega do poder aos seus rivais do PSI e PCI, com quem os fascistas partilhavam o socialismo, mas aos capitalistas. “Garanto que a maior dor que eu poderia ter seria ver no território da República Social os *carabinieri*, a monarquia e a Confindustria”, sublinhou o *Duce*. “Seria a maior das minhas humilhações”¹⁴⁷⁸. Historiadores como Stefano Fabei constataram que, para Mussolini, “a única maneira de sair daquela situação não era lidar com os Aliados, os estrangeiros, mas com os seus compatriotas, e sobretudo com aqueles de orientação socialista”¹⁴⁷⁹.

Mais, o chefe do fascismo morreu a acreditar que o destino da Europa seria o socialismo. “Apenas vejo a salvação da Europa numa união socialista de todos os Estados europeus”¹⁴⁸⁰, disse Mussolini premonitivamente no final da vida, esclarecendo que “a constituição de uma comunidade europeia é desejável e talvez até possível”¹⁴⁸¹. Ou seja, o testamento político do fascismo, momento em que se definiu por uma última vez enquanto ideologia, confirmou-se frontal e inequivocamente socialista e nacionalista.

O fascismo como pós-marxismo

¹⁴⁷⁶ Stefano Fabei, *op. cit.*, 2011, p.292.

¹⁴⁷⁷ *Idem*, p.293.

¹⁴⁷⁸ *Ibidem*, p.292.

¹⁴⁷⁹ *Ibidem*, p.31.

¹⁴⁸⁰ Benito Mussolini, “Conversazione con Maddalena Mollier”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.77.

¹⁴⁸¹ Benito Mussolini, “Discorso al Lirico di Milano”, *idem*, p.64.

Em conclusão, e embora a definição do fascismo como terceira via seja aceitável, a mais correta classificação deste movimento é inquestionavelmente a de socialismo nacionalista, ou de nacionalismo socialista. O historiador Roberto Mancini concilia a ideia do fascismo como terceira via e a ideia do fascismo com o socialismo nacionalista ao estabelecer que “Mussolini torna-se portador da terceira via, a do socialismo nacional”¹⁴⁸². Esta parece uma formulação interessante pois assume todas as catalogações como verdadeiras, ligando-as umas às outras. O fascismo era uma terceira via, sim, mas uma terceira via do socialismo, a do socialismo nacionalista, da mesma maneira que a social-democracia era uma outra via do socialismo, a do socialismo democrático-liberal, e o bolchevismo uma outra ainda, a do comunismo russo. Sendo então o fascismo uma terceira via do socialismo, como o classificar em relação ao marxismo? Seria marxista, neomarxista ou pós-marxista?

O projeto socialista dos fascistas não era tanto o de pôr fim à propriedade privada, mas o de esbater a diferença entre patrões e trabalhadores ao ponto de transformar os trabalhadores em patrões. Era assim que os fascistas resolviam o problema marxista da contradição entre as forças produtivas e a propriedade dos meios de produção. “Até ontem o trabalho era o instrumento do capital”, disse Mussolini, “a partir de hoje é o capital o instrumento do trabalho”¹⁴⁸³. Ou seja, os trabalhadores tornavam-se patrões.

As consequências de uma tal mudança nas relações laborais não eram despicientes. “Não deveriam existir mais patrões e operários, as empresas seriam coletivizadas, de modo a pertencerem às pessoas que nelas trabalhavam”, explicou Roberto Mancini, para concluir que “o socialismo italiano (...) nunca tinha ido tão longe”¹⁴⁸⁴. A ideia dos fascistas era que a coletivização praticada pelos bolcheviques não passava de uma utopia porque os trabalhadores não sentiam o trabalho como sendo seu, pois os meios de produção não lhes pertenciam, mas eram propriedade de uma entidade abstrata, o Estado. As pessoas tinham de sentir a propriedade como verdadeiramente sua para terem motivação para trabalhar e produzir, assim criando riqueza que depois se podia distribuir entre todos.

Em suma, em vez de acabar com os patrões, os fascistas queriam transformar todos os trabalhadores em patrões, pois acreditavam que era esse

¹⁴⁸² Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.41.

¹⁴⁸³ Benito Mussolini, “Chiacchiere e fatti”, 28 de fevereiro de 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.197.

¹⁴⁸⁴ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.91.

o modelo que mais os incentivaria a produzir riqueza. O seu socialismo assentava, conseqüentemente, no corporativismo e no produtivismo. Os fascistas achavam que era preciso primeiro produzir riqueza, daí o produtivismo, para depois a distribuir socialmente, daí o socialismo.

Assim sendo, e considerando as evidentes origens marxistas do fascismo e a sua inquestionável doutrina socialista, incluindo na fase mais madura, a única dúvida que verdadeiramente se pode colocar é, como já vimos, a que se relaciona com a definição do fascismo como uma ditadura nacionalista socialista marxista, neomarxista ou pós-marxista. Note-se que o entendimento do fascismo italiano como uma variante marxista é perfeitamente pertinente e defensável, considerando que outros movimentos revisionistas do marxismo continuaram a ser descritos como marxistas, embora pareça mais correta a sua catalogação como ditadura nacionalista socialista neomarxista ou pós-marxista, dado o facto de se tratar justamente de um revisionismo.

A questão do quadro interpretativo sobre o que define o marxismo é crucial para este problema de catalogação do fascismo. Para o resolver temos dois caminhos. Ou estabelecemos que apenas é marxismo o marxismo original de Marx e Engels, conforme pretensão implícita do próprio Marx – e nesse caso o fascismo e o bolchevismo nunca foram marxistas, uma vez que reviram certos aspetos cruciais do marxismo original e assim o transformaram em algo diferente, embora com ligações à teoria original; ou admitimos que uma revisão do marxismo original, e ao contrário das pretensões implícitas de Marx, continua a ser marxismo, e a consequência é que nesse caso podemos admitir o fascismo e o bolchevismo como variantes marxistas.

O problema de reconhecer que uma revisão do marxismo ainda é marxismo, posição sustentada sobretudo pelas correntes herdeiras do revisionismo bolchevique, é o de definir quais os preceitos que podem ou não ser revistos para que uma corrente continue a ser considerada marxista. Isto porque essa definição resulta da subjetividade e arbitrariedade de quem a estabelece e suscita um conjunto de perplexidades difíceis de resolver. Por exemplo, se Marx e Engels definiram como preceito central da doutrina marxista que uma revolução só é socialista se ocorrer num clima de capitalismo avançado, pode o revisionismo bolchevique, que violou grosseiramente esse preceito e preconizou uma revolução socialista num

clima feudal como o da Rússia dos czares, ser considerado marxismo genuíno?

O que está aqui em causa, caso se aceitem abrir as comportas do revisionismo, é o problema de estabelecer as linhas que delimitam o marxismo enquanto marxismo, pois ao admitir-se a abertura do precedente revisionista tudo passa a ser possível. Ou seja, se se pode mudar *um* preceito da doutrina original, porque não se poderão mudar *dois*? Ou três? Ou mais? Quantos preceitos exatamente se podem mudar sem que o marxismo deixe de ser marxismo? Quais são esses preceitos? Onde estão os limites da revisão do marxismo? E, sobretudo, quem os define e com que critérios?

Aceitar que o resultado dos revisionismos é ainda marxismo torna o quadro interpretativo inevitavelmente discricionário, escapando ao plano académico e sujeitando-se às agendas políticas e ideológicas de cada corrente. Cada revisionismo passa a escolher arbitrariamente os preceitos que mais lhe convêm para reclamar a sua pureza doutrinária e apelidar qualquer revisionismo alternativo como heresia. Deverá um estudo académico acolher e sujeitar-se a essas escolhas ideológica e politicamente orientadas? Uma situação dessas colocar-nos-ia à mercê de interesses que não são imparciais e perante um marxismo *à la carte*, algo que evidentemente Marx não subscreveria, conforme está subentendido no seu famoso comentário a Lafargue.

Assim sendo, em termos académicos parece-me mais seguro e prudente, e de certeza mais rigoroso e isento, aceitar a definição implicitamente estabelecida pelo próprio fundador do marxismo, a de que *apenas a doutrina original marxista é verdadeiro marxismo*. As sucessivas revisões, incluindo as levadas a cabo por Mussolini e Lenine, não seriam desse modo marxismos, mas neomarxismos e/ou pós-marxismos. Esta formulação parece mais satisfatória, embora abra o problema de determinar onde se posicionam os dois revisionismos revolucionários do marxismo. São neomarxismos ou pós-marxismos?

Para responder a esta questão, urge começar por definir os dois conceitos. O que é o neomarxismo e o que é o pós-marxismo? Uma ideologia neomarxista, parece-me a mim, é aquela que, sendo um revisionismo do marxismo original, se apresenta como respeitadora dos preceitos do marxismo original e que, mesmo quando reconhece que se afastou do marxismo de Marx e Engels, pretende que o seu desvio é feito em respeito pelo espírito do marxismo original. Já a ideologia pós-marxista é aquela que,

sendo diferente do marxismo original, usa-o como ponto de partida para o rever, exatamente como acontece com o neomarxismo, mas, ao invés deste, *assume* que o fez. Para usar uma imagem edipiana, o neomarxismo mata o pai e pretende que ele está vivo, o pós-marxismo mata o pai e reconhece abertamente que o matou.

Assim sendo, no caso do comunismo diria que se trata de um neomarxismo, uma vez que os comunistas invocam a todo o instante a autoridade de Marx e Engels e, tendo revisto aspetos fundamentais da doutrina original, não assumem que o fizeram ou, se assumem, pretendem que esses aspetos não são fundamentais e sobretudo que não desvirtuam o espírito da doutrina original, antes o respeitam até. O comunismo é um neomarxismo da mesma maneira que as correntes da biologia que hoje seguem Darwin não são darwinistas, mas neodarwinistas, por invocarem a autoridade e as ideias do seu fundador mas incorporarem algumas ideias diferentes das originais de Darwin, como a genética.

Já o fascismo italiano seria um pós-marxismo, dado que os fascistas, embora elogiando Marx, não invocavam a sua autoridade para legitimar o tipo de socialismo que criaram e reconheciam até abertamente que reviram elementos centrais da doutrina original, incluindo “o simplismo da doutrina socialista” marxista de que apenas existiam “duas classes”¹⁴⁸⁵. Mais, tal como Bernstein, negavam a escatologia messiânica mística do marxismo, que Mussolini descreveu como uma “teologia de uma sociedade futura”¹⁴⁸⁶. “Nada prova que o capitalismo (...) deva necessariamente desembocar no socialismo”, declarou o *Duce*, salientando que “não prometemos à multidão paraísos encantados, como fazem os propagandistas bolcheviques”¹⁴⁸⁷. Mussolini e os fascistas criticavam o “fatalismo inelutável do socialismo”¹⁴⁸⁸, evidentemente o marxista, para proclamar que “nós esfarrapámos todas as verdades reveladas, atacámos todos os dogmas,

¹⁴⁸⁵ Benito Mussolini, “Verso l’epilogo”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de fevereiro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.65.

¹⁴⁸⁶ Benito Mussolini, “La fu alleanza del lavoro”, *Il Popolo d’Italia*, 20 de agosto de 1922, *idem*, p.87.

¹⁴⁸⁷ Benito Mussolini, “La fiumana”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de agosto de 1922, *ibidem*, p.88.

¹⁴⁸⁸ Benito Mussolini, “Relativismo e fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de novembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.35.

rejeitámos todos os paraísos, zombámos de todos os charlatões – brancos, vermelhos, negros – que se puseram a vender drogas miraculosas.”¹⁴⁸⁹

Herdeiros confessos do revisionismo marxista de Sorel e inconfessos de parte do revisionismo de Bernstein, os fascistas de origem marxista deixaram de acreditar no socialismo messiânico, mecânico e automático de Marx e Engels, em que nada era preciso fazer para que a revolução acontecesse e o paraíso se instalasse na Terra. “Neguei o caráter de fatalidade no advento do próprio socialismo”¹⁴⁹⁰, afirmou Mussolini, sublinhando que “não expulsámos a vontade da história humana”¹⁴⁹¹. Na verdade, os fascistas consideravam que “a vontade é uma grande força na vida dos indivíduos e na vida dos povos”¹⁴⁹², pelo que o verdadeiro socialismo resultava de um ato de vontade, não de uma fatalidade histórica. “O fascismo é sobretudo no presente o verbo querer”, proclamou o *Duce*, sublinhando que “o essencial é querer com força e persistência”¹⁴⁹³. Para que as coisas se realizassem era preciso vontade, e não havia força de realização social mais forte do que a “vontade fascista.”¹⁴⁹⁴

Para os fascistas, o socialismo era um caminho que se escolhia percorrer e não um destino previamente traçado, uma possibilidade que dependia da vontade dos homens e não uma narrativa determinista que relevava automaticamente de leis naturais, estava na natureza humana e não numa transcendência da história, encontrava-se nas pessoas e não numa classe social, sempre existira e existiria e não era um mero produto economicista do capitalismo num período específico da história. O socialismo dos fascistas não se apresentava como uma promessa de um paraíso algures no futuro, era o “das realizações imediatas.”¹⁴⁹⁵

¹⁴⁸⁹ Benito Mussolini, “Navigare necesse”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.116.

¹⁴⁹⁰ Benito Mussolini, “Relativismo e fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 22 de novembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.34.

¹⁴⁹¹ Benito Mussolini, “Il primo anniversario della marcia su Roma”, *idem*, p.57.

¹⁴⁹² Benito Mussolini, “Il problema dell’emigrazione”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de abril de 1923, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XIX: Dalla Marcia su Roma al viaggio negli Abruzzi*, La Fenice, Florença, 1956, p.193.

¹⁴⁹³ Benito Mussolini, “Per l’acquedotto di Ravenna”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de julho de 1931, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXV, 1958, p.22.

¹⁴⁹⁴ Benito Mussolini, “Al popolo della Spezia”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de agosto de 1931, *idem*, p.30.

¹⁴⁹⁵ Benito Mussolini, “Il programma politico dei fasci”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.47.

Tratava-se de um socialismo eterno e ético, na tradição do socialismo francófono de Maurras a De Man, um socialismo que não resultava mecanicamente de leis transcendentais, como pretendia o materialismo marxista, mas da vontade do espírito humano. Era-se socialista porque se queria ser socialista, porque essa era uma maneira de estar e de ver o mundo, porque se impunha a sua vontade sobre a história e não porque as leis da história o impeliam ao arrepiamento da vontade dos homens. Por depender da vontade do espírito humano, seria um socialismo espiritual.

O espírito, não a ciência. “O fascismo”, proclamou Mussolini, era um “movimento espiritual”¹⁴⁹⁶, na verdade até “uma revolta espiritual”¹⁴⁹⁷, pois “no mundo existem outros valores que não são mensuráveis, que não se explicam com o materialismo histórico. É o domínio das paixões, dos sentimentos”¹⁴⁹⁸. Para ele, “esta nossa concepção da relação entre espírito e massas, entre qualidade e quantidade, está na base do nosso sindicalismo”¹⁴⁹⁹. Na verdade, “defendemos valores espirituais imanentes”¹⁵⁰⁰, pois “não apenas para nós não existe um dualismo entre matéria e espírito como anulamos esta antítese na síntese do espírito. Apenas o espírito existe, nada mais”¹⁵⁰¹. Enquanto *Duce* do fascismo, elogiou “um socialismo que exprimia sobretudo o desejo de libertação e de renovação espiritual”¹⁵⁰² e disse que o *fasci* “é emoção, teoria e prática; é sentimentos, ideias e ações; é qualquer coisa de sentido, qualquer coisa de pensado e qualquer coisa de feito. O fascismo é inspiração espiritual”¹⁵⁰³. Estava aí a objeção filosófica fundamental dos fascistas ao marxismo de onde eram originários e que procuravam superar com um novo tipo de socialismo.

¹⁴⁹⁶ Benito Mussolini, “L’opposizione al fascismo e i suoi motivi”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983, p.55.

¹⁴⁹⁷ Benito Mussolini, “Il fascismo è una ‘rivolta spirituale’”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de janeiro de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.149.

¹⁴⁹⁸ Benito Mussolini, “Il Trattato di Rapallo non è eterno”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de maio de 1941, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XVI: Del Trattato di Rapallo al primo discorso alla Camera*, La Fenice, Florença, 1955, p.69.

¹⁴⁹⁹ Benito Mussolini, “Adagio”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de setembro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.409.

¹⁵⁰⁰ Benito Mussolini, “Curiosità – Dopo la discussione”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de fevereiro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.149.

¹⁵⁰¹ Benito Mussolini, “Per la vera pacificazione”, 22 de dezembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.298.

¹⁵⁰² Benito Mussolini, “I grandi problemi italiani ed internazionali”, *Il Popolo d’Italia*, 27 de maio de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.284.

¹⁵⁰³ *Idem*, p.285.

“Duas religiões disputam hoje o domínio dos espíritos e do mundo: a negra e a vermelha”, afirmou o *Duce*. “Somos nós os heréticos.”¹⁵⁰⁴

Heréticos, pois. Os fascistas vieram do marxismo, mas quiseram superá-lo no sentido em que foram para lá dele na construção de um novo socialismo e assumiram aberta e despidoradamente que o fizeram, sem eufemismos nem pretensões de ortodoxia. “Cada novo estado de um movimento é uma síntese de todos os impulsos que a dado momento contribuíram para a sua evolução; é por isso que os impulsos marxistas estarão sempre mais ou menos presentes em qualquer movimento socialista”, escreveu Henri de Man. “Mas todo o marxista, como bom hegeliano, me compreenderá quando digo que a síntese só é possível depois de passar pela antítese. Para poder dizer *depois* de Marx, tenho primeiro de dizer *contra* Marx”¹⁵⁰⁵ (itálico no original).

Foi precisamente isso o que os fascistas fizeram. Oriundos de Marx, ergueram-se contra Marx para se poderem dizer depois de Marx. Foi por isso que Mussolini, ao proclamar o “Fascio de defesa nacional”¹⁵⁰⁶, descreveu os seus “fascistas”¹⁵⁰⁷ como proponentes de “um socialismo antimarxista, por exemplo, e nacional”¹⁵⁰⁸. O fascismo era “antimarxista”, sim, mas era “socialismo” na mesma. Como dialéticos de formação marxista que eram, os fascistas realizaram a antítese da tese que era a anterior síntese em busca do que o próprio chefe do fascismo descreveu como “uma nova síntese”¹⁵⁰⁹, ou “a síntese da antítese: classe e nação”¹⁵¹⁰. Era preciso libertar o “socialismo, o qual foi embalsamado no dogmatismo marxista”¹⁵¹¹, e criar um novo socialismo.

Assim, no que diz respeito ao “chamado socialismo científico” que apenas gerava “miséria crescente”, como se provava pela catástrofe social

¹⁵⁰⁴ Benito Mussolini, “Navigare necesse”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.117.

¹⁵⁰⁵ Henri de Man, *op. cit.*, 1974, p.354.

¹⁵⁰⁶ Benito Mussolini, “Dalla ipocrisia alla realtà”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de dezembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.146.

¹⁵⁰⁷ *Idem*, p.147.

¹⁵⁰⁸ Benito Mussolini, “Trincerocrazia”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de dezembro de 1917, *ibidem*, p.141.

¹⁵⁰⁹ Benito Mussolini, “Per lo Stato corporativo”, 14 de novembro de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.129.

¹⁵¹⁰ Benito Mussolini, “Trincerocrazia”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de dezembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.142.

¹⁵¹¹ Benito Mussolini, “Fra due civiltà”, *Il Popolo d'Italia*, 22 de agosto de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.75.

na Rússia que demonstrava “a antítese categórica entre socialismo e bolchevismo”¹⁵¹², o *Duce* declarou que “o fascismo renega-o, superando-o”¹⁵¹³. O fascismo via-se como um socialismo novo, um socialismo moderno, um socialismo capaz de alcançar a “suprema justiça”¹⁵¹⁴. “Ninguém já crê na fatalidade e na cientificidade do socialismo”¹⁵¹⁵, sentenciou Mussolini, para quem o importante era “a força da vontade humana.”¹⁵¹⁶

Os fascistas oriundos do marxismo queriam um novo socialismo originário em Marx contra o qual se ergueram para irem para além dele, um socialismo que superasse o socialismo ultrapassado do Século XIX, o século do marxismo, e criasse um socialismo do Século XX, “o século do fascismo”¹⁵¹⁷, um socialismo que não fosse uma mera fatalidade mas resultasse de um ato de vontade, um socialismo que não surgia pela ação transcendente da história mas se erguia por vontade e construção do homem, um socialismo que não se agarrasse cegamente aos dogmas ideológicos mas se adaptasse à realidade, um socialismo que não fosse produto das leis frias da economia mas das paixões ardentes do espírito humano, um socialismo que não apareceria algures num futuro distante e messiânico mas que se construía hoje, pouco a pouco e “por graus, passo a passo”¹⁵¹⁸. Um socialismo que seria, para usar a expressão do *Duce*, “o puro, o autêntico socialismo.”¹⁵¹⁹

É por tudo isso que o socialismo do fascismo, esse “socialismo antimarxista, por exemplo, e nacional”¹⁵²⁰ proposto com estas exatas palavras por Benito Mussolini, deve ser considerado pós-marxista.

¹⁵¹² Benito Mussolini, “Da che parte va il mondo?”, *Gerarchia*, 25 de fevereiro de 1922, *idem*, p.17.

¹⁵¹³ Benito Mussolini, “Per la medaglia dei benemeriti del comune di Milano”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de outubro de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956, p.424.

¹⁵¹⁴ Benito Mussolini, “Trincerocrazia”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de dezembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.142.

¹⁵¹⁵ Benito Mussolini, “Da che parte va il mondo?”, *Gerarchia*, 25 de fevereiro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.19.

¹⁵¹⁶ Benito Mussolini, “Il 1934”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de janeiro de 1934, *ibidem*, p.82.

¹⁵¹⁷ Benito Mussolini, “Messaggio ai giovani fascisti”, *Gioventù Fascista*, 8 de outubro de 1931, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1934, p.314.

¹⁵¹⁸ Benito Mussolini, “Tempo secondo”, *Gerarchia*, janeiro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.69.

¹⁵¹⁹ Benito Mussolini, “Leonida Bissolati”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, outubro de 1983, p.20.

¹⁵²⁰ Benito Mussolini, “Trincerocrazia”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de dezembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.141.

A questão racial

O elemento que pode ser apontado como a verdadeira linha de fratura que separa o fascismo do socialismo genérico é a questão do racismo. O fascismo é racista, o socialismo não. Consequentemente, e considerando a natureza racista do fascismo, jamais se poderá dizer que o movimento de Benito Mussolini é um socialismo.

Este argumento é interessante e, considerando a grande relevância da questão do racismo, poderia ser encarado como uma distinção central entre fascismo e socialismo genérico não se desse o caso de não ser rigoroso. E isto por duas ordens de razões. A primeira é que é falso que o racismo não esteja presente no socialismo genérico, incluindo o marxismo. A segunda é que é falso que o racismo seja um elemento dominante do fascismo.

O racismo é dominante, sim, mas apenas numa corrente específica das ditaduras de socialismo nacionalista: o nazismo. Aliás, o elemento doutrinário que mais distingue o nacional-socialismo alemão dos restantes socialismos nacionalistas, incluindo o fascismo, é justamente a questão racial. O neomarxista Georges Sorel tinha proposto o mito da greve geral para galvanizar o proletariado e os fascistas haviam retomado essa ideia para avançar com um outro mito que lhes fora sugerido pelas propostas dos neomarxistas Bernstein, Bauer e Michels, o mito da nação. Confrontados com os mitos neomarxista e fascista, os nacional-socialistas optaram por um outro mito. Um terceiro mito.

Quem o formulou em termos sorelianos foi Alfred Rosenberg. “O Mito do sangue”, enunciou o ideólogo nacional-socialista, que atribuiu justamente à principal obra ideológica do nazismo o título soreliano de *O Mito do Século XX*. Sorel havia preconizado que a importância do mito não radicava na sua verdade intrínseca, mas na capacidade que tinha de galvanizar as pessoas, conceito neomarxista acolhido pelo grande ideólogo do nacional-socialismo como todo um programa para unir os alemães. Rosenberg argumentou que o mito da raça era galvanizador porque, segundo ele, “a crença de defender o sangue era também defender a natureza divina do homem em geral”¹⁵²¹. Que melhor maneira haveria de unificar um povo numa causa comum do que convencê-lo da sua especial natureza divina e racial? O povo eleito não era afinal o judeu, mas o alemão.

¹⁵²¹ Alfred Rosenberg, *op. cit.*, 1982, p. 27.

É preciso esclarecer que, mais do que um tema da moda, o racismo era nesta época encarado como uma ciência. À luz das descobertas de Charles Darwin sobre a evolução das espécies, percebeu-se que os seres humanos, como animais que são, estão sujeitos às mesmas leis da evolução dos restantes seres vivos. Ou seja, o homem encontra-se ainda em evolução biológica e isso significa que poderá um dia atingir um estado racial superior. A natureza, sugeriam as descobertas de Darwin, controlava esse processo através da seleção dos mais aptos. Os mais capazes sobreviviam e reproduziam-se, os menos capazes morriam e extinguíam-se. Era assim a seleção natural.

Confrontados com o mecanismo darwinista da evolução, alguns pensadores chegaram à conclusão de que as ideias cristãs humanitárias de proteção dos mais vulneráveis e o desenvolvimento da medicina haviam suspenso, e até invertido, o processo da seleção natural entre os seres humanos, pois os mais fracos estavam a ser protegidos e sobreviviam. Ainda mais importante, os mais fortes morriam mais depressa do que os mais fracos, uma vez que quem ia para as guerras eram os mais fortes. Que impacto iria isso ter na evolução da espécie humana?

Foi para dar a resposta a essa pergunta que um primo de Darwin criou uma ciência, ou mais exatamente um movimento com pretensões científicas, que designou por eugenia.

A eugenia como ciência da raça

A eugenia foi concebida por Francis Galton na década de 1860. A teoria eugénica partia do princípio de que umas raças humanas são superiores e outras inferiores. As superiores seriam as brancas, em particular as nórdicas, colocadas no topo de uma hierarquia onde em geral se seguiam as asiáticas, as negras e por fim as vermelhas. Não se trata de uma hierarquia rígida e totalmente consensual, pois a sua estrutura variava consoante os autores, mas estes eram os traços dominantes.

As ideias raciais, na verdade, remontavam já às perseguições antissemitas na Península Ibérica, a famosa “*limpieza de sangre*” levada a cabo pela Inquisição, e foram usadas para legitimar a presença europeia em vários continentes. O conceito da superioridade racial do homem branco acabou por ser adotado sob diversas formas e ao longo do tempo por intelectuais europeus como Paracelsus, Giordano Bruno, John Locke, Montesquieu, Carl Linnaeus, Immanuel Kant e Richard Strauss, entre outros.

Os eugenistas caminhavam, pois, sob terreno fértil, mas foi a teoria da evolução das espécies, de Darwin, que os convenceu a transformar o racismo numa ciência. É preciso dizer que esta teoria racial não mereceu inicialmente grande atenção. No início do Século XX, todavia, a eugenia transformou-se num movimento importante, sobretudo à luz da grande matança da juventude europeia na Grande Guerra. Os mais aptos eram lançados no campo de batalha e morriam e os mais fracos ficavam na retaguarda e reproduziam-se, o que foi considerado como uma inversão das leis da natureza.

Os eugenistas estavam alarmados com a evolução demográfica resultante destes fatores. O seu alarme tem de ser visto à luz do facto de que o objetivo da teoria que criaram não era apenas entender as questões raciais, mas melhorar as qualidades raciais do ser humano. Ou seja, mais do que uma ciência, tratava-se na verdade de um projeto político. Como a maior parte das sociedades eugénicas se encontrava nos países ocidentais, e como se considerava que no topo da hierarquia racial estavam os europeus nórdicos, o conceito de melhoria do ser humano traduzia-se especificamente na melhoria da qualidade racial do homem branco do norte da Europa. O famoso ariano dos nazis. Estas preocupações foram apresentadas como ciência provada e contaminaram até o pensamento noutros países fora do Ocidente. O Japão, por exemplo, chegou a contemplar a possibilidade de importar mulheres europeias para melhorar a qualidade da raça nipónica.

Os eugenistas acreditavam que o cruzamento de uma raça superior com uma inferior seria vantajosa para a inferior, que melhoraria a raça, e desvantajosa para a superior, que degeneraria. Assim, se se evitasse o cruzamento das superiores brancas nórdicas com as inferiores de cor, seria possível à raça branca nórdica gerar o próximo passo da evolução humana, uma espécie de super-homem. Estas ideias, apresentadas com o selo credibilizador da ciência, não nasceram com os nazis mas foram abraçadas por eles. “A pureza do sangue racial tem de ser garantida para que os melhores tipos de seres humanos sejam preservados e se torne possível uma evolução mais nobre da humanidade”¹⁵²², escreveu Hitler.

Apesar de a eugenia estar hoje amplamente desacreditada, não apenas pelos catastróficos efeitos políticos e humanitários que produziu como também porque a ciência evoluiu e demonstrou a falsidade de várias das suas asserções, é contudo importante sublinhar que, no seu tempo, esta era considerada na maior parte do mundo uma disciplina científica respeitável.

¹⁵²² Adolf Hitler, *Mein Kampf*, Jaico Publishing House, Mumbai, 2016, p.365.

“A conquista da dignidade científica por parte da supremacia racial, da eugenia e do escravagismo não foi anulada pelo aparecimento posterior de teorias que as tornaram caducas”, observou Jean-Louis Vullierme. “Embora a sua substituição tenha acabado por ser ‘quase’ total, ao contrário da teoria newtoniana, que foi apenas limitada, seria ilegítimo e perigoso reduzi-la a uma simples impostura, como o fazem hoje muitos comentadores. Esta facilidade não nos é permitida.”¹⁵²³

Muito importante, a prática da eugenia prolongou-se durante muito tempo depois da guerra e envolveu correntes ideológicas que nada tinham a ver com o nazismo. A social-democracia da Suécia, por exemplo, manteve as práticas eugénicas durante mais de quarenta anos e só as suspendeu em 1976. Durante todo esse tempo os socialistas suecos esterilizaram mais de sessenta mil pessoas, alegando que se tratava de “uma forma científica e moderna de mudar a sociedade para melhor” através de uma “solução humana.”¹⁵²⁴

O interessante é que a eugenia está de regresso, e em força. Através de uma política de abortos apontada a embriões com trissomia 21, por exemplo, estas crianças praticamente desapareceram, embora sejam pessoas que não estão em sofrimento e com uma esperança de vida normal. Os abortos estenderam-se até a bebés com uma mutação dos genes BRCA1 e 2, que conferem elevada probabilidade dos cancros da mama ou dos ovários na idade adulta, apesar de se acreditar que esses cancros serão em breve controlados. A Comissão Americana de Bioética foi a primeira a avisar para um regresso da eugenia, alertando para os projetos de criação de “crianças melhores”¹⁵²⁵, neologismo para crianças superiores. Tudo isto, como observou o filósofo francês Jean-Michel Besnier, por causa da “vontade de criar e impor um homem novo”¹⁵²⁶. Para contornar a carga negativa que a expressão original assumiu com o nacional-socialismo, a eugenia adotou agora a designação de transhumanismo, o que ilustra bem a sobrevivência das suas pretensões científicas.

¹⁵²³ Jean-Louis Vullierme, *O Ocidente no Divã – Uma Análise do Nazismo na Civilização Ocidental*, Objectiva, Lisboa, 2015, p.79.

¹⁵²⁴ Declan Butler, “Eugenics Scandal Reveals Silence of Swedish Scientists”, *Nature*, nº389, 4 de setembro de 1997.

¹⁵²⁵ Leon Kass, *Beyond Therapy: Biotechnology and the Pursuit of Happiness – A Report of the President’s Council on Bioethics*, Washington, 2003, www.bioethics.gov, p.25.

¹⁵²⁶ Jean-Michel Besnier e Laurent Alexandre, *Les robots font-ils l’amour? – Le transhumanisme em 12 questions*, Dunod, Paris, 2017, p.79.

Mais, a eugenia está particularmente viva nos países comunistas. Os chineses são de longe o povo que maior entusiasmo mostra pela manipulação genética para “melhorar” o ser humano, neologismo para criar humanos superiores, com 50% da população chinesa a favor, de longe a mais elevada taxa de aprovação do mundo. A China foi o primeiro país a sequenciar o genoma dos sobredotados em busca das variantes genéticas ligadas à inteligência, o primeiro país a fazer modificações genéticas em embriões, o que aconteceu em 2015 em 86 embriões, e também o primeiro país a criar seres humanos geneticamente modificados, tendo as primeiras crianças sujeitas a engenharia genética nascido na China em 2018 através da manipulação de um gene relacionado com a SIDA e, pormenor muito significativo, com a inteligência. O socialismo chinês retoma assim o velho sonho nacional-socialista alemão da criação do super-homem. “Os chineses são de facto os mais permissivos no que diz respeito a estas tecnologias e não terão nenhum complexo em aumentar o QI das suas crianças pelos métodos biotecnológicos”¹⁵²⁷, constatou o cientista francês Laurent Alexandre, enquanto Luc Ferry alertou para “a opacidade que rodeia na China este tipo de trabalhos”¹⁵²⁸. Se hoje o transhumanismo é aceite por tantos cientistas e pela sociedade como ciência respeitável, porque não haveria a eugenia de o ser naquele tempo?

Convém, porém, salvaguardar que o racismo nazi não tem origem exclusiva na eugenia, pois as lendas e mitos germânicos e conceitos ocultistas da teosofia, antroposofia e ariosofia desempenharam também o seu papel ao gerar um racismo bizarro, assente até no sobrenatural. Os nazis inspiraram-se em teorias extravagantes dos movimentos ocultistas da época para reivindicarem, com absoluta sinceridade, que os alemães eram um povo divino porque descendiam dos sobreviventes de Thule, ou Atlântida, eles próprios de origem divina, e que tinham sofrido alguma degeneração por se terem cruzado com povos de pele escura, considerados demónicos. Haveria assim uma luta entre a Luz, representada pelos loiros arianos de origem divina, e as Trevas, cujos soldados eram os povos escuros luciferianos, em particular os judeus. O grande projeto racial dos nazis passava por retomar a pureza da raça alemã, de modo a recuperar a sua natureza divina e assim

¹⁵²⁷ Laurent Alexandre, *La guerre des intelligences – Comment l’Intelligence Artificielle va révolutionner l’éducation*, JCLattès, Paris, 2017, p.189.

¹⁵²⁸ Luc Ferry, *La révolution transhumaniste – Comment la technomédecine et l’uberisation du monde vont bouleverser nos vies*, Éditions J’ai lu, Paris, 2017, p.7.

resgatar a humanidade das trevas, e isso requeria eliminar as raças demoníacas, sobretudo a judaica.

Estas ideias esotéricas eram sobretudo perfilhadas por Himmler e Hess, embora fossem igualmente abraçadas por outros líderes nazis, incluindo Hitler, que no *Mein Kampf* afirmou, numa declaração com aparentes tonalidades místicas, que a política racial permitiria aos alemães “atingir esferas que se situam para lá da Terra”¹⁵²⁹, pois o ariano é “o Prometeu da humanidade” e “se fosse forçado a desaparecer uma profunda treva abater-se-ia sobre a Terra; em poucos milhares de anos a cultura humana extinguir-se-ia e o mundo transformar-se-ia num deserto”¹⁵³⁰. Este esoterismo levou mesmo o ex-nazi Hermann Rauschning a escrever que Hitler tinha a “convicção de que o homem existe num qualquer tipo de associação mágica com o universo”¹⁵³¹ e alegadamente a definir o nazismo como “socialismo mágico”¹⁵³², posição também sustentada por Thomas Mann. “As tendências fascistas”, escreveu o grande escritor alemão sobre o nacional-socialismo, “estão impregnadas de magia.”¹⁵³³

O papel mais importante foi, contudo, o da eugenia, ao fornecer a pátina “científica” para o racismo nazi, até porque se tratava de uma “ciência” reconhecida em muitos outros Estados. Os países ocidentais desenvolvidos chegaram a passar legislação específica para evitar a degeneração das raças europeias nórdicas que compunham as suas populações e que consideravam as melhores de todas. Foram desse modo aprovadas pelos países democráticos leis de imigração que restringiam a entrada de raças consideradas inferiores e também leis para esterilizar criminosos e pessoas com deficiência. A ideia racial ganhou tal solidez que algumas dessas leis estavam ainda em vigor na década de 1970 nos liberais Estados Unidos e, como já vimos, na social-democrata Suécia.

Este enquadramento é importante para que se perceba que as ideias raciais do nazismo não emergiram do nada, mas têm um contexto específico que inclui as próprias democracias, incluindo aquelas governadas por sociais-democratas. Ninguém, contudo, levou tais conceitos tão longe quanto os

¹⁵²⁹ Adolf Hitler, *op. cit.*, 2016, p.349.

¹⁵³⁰ *Idem*, p.262.

¹⁵³¹ Hermann Rauschning, *The Voice of Destruction*, G. P. Putnam’s Sons, Nova Iorque, 1940, p.253.

¹⁵³² Kenneth Hite, *The Nazi Occult*, Osprey Publishing, Oxford, 2013, p.11; Louis Pauwels e Jacques Bergier, *Le matin des magiciens – Introduction au réalisme fantastique*, Gallimard, Paris, 2018, p.317.

¹⁵³³ Thomas Mann, *op. cit.*, 1938, p.11.

nacional-socialistas alemães. Os ideólogos nazis, com Hitler à cabeça, acreditavam que a humanidade estava ameaçada pela degeneração racial e consideravam urgente pôr termo ao processo de degradação da raça humana. Nesse sentido, o nazismo assumiu-se como um projeto político eugenista por excelência.

Ora os nacionais socialistas alemães apresentavam-se amiúde como nacionalistas e socialistas. Está para além do âmbito desta tese determinar se o eram realmente ou não, mas é um facto que assim se apresentavam e é por isso que podemos incluir o nazismo no fascismo genérico. De resto, os nazis consideravam que socialismo, nacionalismo e antissemitismo eram até sinónimos, pois na sua ótica todo o socialismo tem de defender a nação e a nação tem de defender o socialismo, e ambos têm de ser contra o liberalismo, o qual na sua opinião se exprimia pelo judaísmo mercantil e internacionalista.

A ligação dos judeus ao internacionalismo, por via do liberalismo e do marxismo, fazia deles inimigos mortais do socialismo nacionalista que os nazis preconizavam. Além do mais, os judeus eram encarados pelos nacional-socialistas, e aliás implicitamente também por Marx, como uma classe endinheirada e de patrões, não de trabalhadores. “Nenhum de vocês, judeus, alguma vez trabalhou”¹⁵³⁴, afirmou o comandante-adjunto de Auschwitz, o *SS-Sturmbannführer* Hans Aumeier, numa declaração inúmeras vezes repetida pelos nazis, que falavam constantemente em “parasitismo judaico”¹⁵³⁵. O nacional-socialismo apresentava-se como estando do lado dos trabalhadores explorados, enquanto os judeus eram encarados como representando o patronato explorador.

Foi o próprio Adolf Hitler quem esclareceu que o antissemitismo nacional-socialista tinha parcialmente origem no socialismo. “Uma vez que somos socialistas, temos necessariamente de ser também antissemitas porque queremos lutar contra o oposto (do socialismo): materialismo e mammonismo (ou culto do deus do dinheiro)”, disse o líder nazi numa declaração que parece tirada a papel químico das ideias antissemitas de Marx. “Como se pode ser socialista sem se ser antissemita?”¹⁵³⁶, questionou

¹⁵³⁴ Filip Müller, *Eyewitness Auschwitz – Three Years in the Gas Chambers*, Ivan R. Dee Publisher, Chicago, 1979, p.26.

¹⁵³⁵ Richard Overy, *Interrogations – The Nazi Elite in Allied Hands, 1945*, The Penguin Press, Londres, 2001, p.179.

¹⁵³⁶ Adolf Hitler, “Why We Are Antisemites”, 15 de agosto de 1920, Carolyn Yeager Writings, carolynyeager.net.

o *Führer*, voltando a equiparar o judaísmo ao liberalismo e ao dinheiro, coisa que Goebbels também fez: “como socialistas opomo-nos aos judeus porque vemos nos hebreus a encarnação do capitalismo”¹⁵³⁷. Esta perspectiva tem implicações para a visão nacional-socialista do socialismo. “Virá o tempo em que se tornará óbvio que o socialismo só é possível se for acompanhado pelo nacionalismo e pelo antissemitismo”, afirmou Hitler. “Os três conceitos estão inseparavelmente ligados. São as fundações do nosso programa e é por isso que nos chamamos nacional-socialistas”¹⁵³⁸.

Sendo que os nazis consideravam socialismo e antissemitismo como sinónimos, a verdade é que os restantes socialismos não ficaram de parte da questão racial, até porque, como bem notou o socialista Henri de Man, os socialistas são animados por uma “motivação eugenista” que resulta “da concentração do instinto de proteção social e do instinto construtivo rumo ao objetivo de uma raça sã” em que “o socialismo lhes parece, consequentemente, sobretudo como um meio de edificar uma sociedade de pessoas saudáveis.”¹⁵³⁹

Ou seja, desde a Revolução Francesa, quando Robespierre apareceu com o conceito do “homem novo”¹⁵⁴⁰, que o grande projeto socialista sempre foi o de erguer o homem novo – e era esse afinal o próprio projeto da eugenia. No nacional-socialismo isso foi tentado pelo caminho racial, nos socialismos tradicionais pelo caminho social. Mas em todos a questão da “melhoria” do ser humano esteve, de uma ou de outra forma e com mais ou menos peso, sempre presente. O socialismo sempre teve afinal um objetivo demiúrgico, pois o seu projeto último era construir um homem novo, um homem iluminado e justo, um homem mais perfeito.

Um homem superior.

O racismo no marxismo

Se a pedra basilar do liberalismo é o conceito de liberdade, incluindo as vertentes de liberdade de expressão e liberdade de empreendimento, a do socialismo é a noção de igualdade, o que inclui a igualdade

¹⁵³⁷ Joseph Goebbels, “Those Damned Nazis”, 1929, Calvin College, research.calvin.edu.

¹⁵³⁸ Adolf Hitler, “Why We Are Antisemites”, 15 de agosto de 1920, Carolyn Yeager Writings, carolynyeager.net.

¹⁵³⁹ Henri de Man, *op. cit.*, 1974, p.167.

¹⁵⁴⁰ René Scherer, “La queue de Robespierre (sur le langage de la terreur)”, *L’homme et la société – Revue internationale de recherches et de synthèses sociologiques*, nº63-64, janeiro-junho de 1982, p.38.

independentemente das raças. Isso significa que o racismo não é um traço definidor do socialismo.

O problema é que, apesar disso, a mais popular doutrina socialista, a marxista, tem o racismo presente na sua formulação original. Este tema parece fazer parte do grande tabu, mas o facto é que, embora não constitua parte integrante da essência estrutural do socialismo, o racismo contamina realmente a doutrina de Marx e Engels. Os pronunciamentos racistas do marxismo foram umas vezes feitos em relação a todas as raças que não fossem as europeias nórdicas, noutras situações com discriminação específica dos judeus.

Comecemos por analisar o antissemitismo na doutrina original marxista. Apesar de ele próprio ser de origem judaica, Karl Marx usava expressões pejorativas antisemitas para se referir aos judeus e equiparava o judaísmo ao liberalismo capitalista. “O que é a base secular do judaísmo?”, perguntou Marx no seu livro *A Questão Judaica*, para logo responder: “A necessidade prática, o interesse próprio. O que é a religião mundial do judeu? A negociata. Qual é o seu deus? O dinheiro.”¹⁵⁴¹

Em escritos que parecem diretamente extraídos das teorias da conspiração mundial judaica constantes dos *Protocolos dos Sábios do Sião* ou do *Mein Kampf*, pois tantos são os preconceitos, generalizações e estereótipos apresentados sobre o povo de que ele próprio era originário, Marx falou na “manifestação imunda-judaica”¹⁵⁴² para sustentar que “cada tirano é apoiado por um judeu”¹⁵⁴³ e que “a emancipação da negociata e do dinheiro, consequentemente do judaísmo prático e real, será a autoemancipação do nosso tempo.”¹⁵⁴⁴

Embaraçados, os autores neomarxistas contemporâneos tentam desculpabilizar Marx, com académicos como Robert Fine a argumentar que, embora existissem de facto “no tempo de Marx fortes correntes antisemitas na esquerda”, estas palavras do fundador do marxismo resultavam apenas do seu “estilo irónico”¹⁵⁴⁵ e que ele queria meramente que os judeus

¹⁵⁴¹ Karl Marx, *op. cit.*, Wroclaw, 2014, p.29.

¹⁵⁴² Karl Marx, “Theses on Feuerbach”, 1845, Marx/Engels Internet Archive, www.marxists.org.

¹⁵⁴³ Karl Marx, “The Russian Loan”, *The New York Tribune*, 1856, in Karl Marx, *The Eastern Question – A Reprint of Letters Written 1953-56 Dealing with the Events of the Crimean War*, Routledge, Londres, 2014, p.600.

¹⁵⁴⁴ Karl Marx, *op. cit.*, Wroclaw, 2014, p.29.

¹⁵⁴⁵ Robert Fine, “Karl Marx and the Radical Critique of Anti-Semitism”, *Engage Journal*, nº2, maio de 2006.

abandonassem o capitalismo. Esta explicação não é de todo descabida, uma vez que existe uma longa tradição antissemita no socialismo relacionada com a equiparação dos judeus à burguesia, tradição que o marxismo original reflete. São abundantes as referências depreciativas dos socialistas do Século XIX aos judeus, os quais eram descritos como agiotas, burgueses e capitalistas.

Chamar judeu a alguém tornara-se mesmo uma forma de insulto, como o confirmam os próprios dicionários daquela época. “Um antissemitismo ‘socialista’ vai enriquecer o antissemitismo de esquerda”¹⁵⁴⁶, notou o historiador Michel Winock, falando nas “relações semi-cúmplices entre a esquerda e os antissemitas”¹⁵⁴⁷ para observar que “o antissemitismo do jovem Marx na Alemanha ecoava o daquele que se tornaria o seu rival e adversário em França, Joseph Proudhon”¹⁵⁴⁸. Também os historiadores William Brustein e Louisa Roberts falam no “papel que a esquerda europeia histórica teve no desenvolvimento e partilha das ideias antissemitas”¹⁵⁴⁹. No caso específico do antissemitismo do fundador do marxismo, contudo, Dennis Fischman colocou o dedo na ferida ao observar que “como leitores temos o direito de perguntar por que razão, se realmente Marx apenas pretendia criticar o liberalismo por negligenciar o poder do dinheiro, decidiu ele arrastar os judeus para esta discussão.”¹⁵⁵⁰

A mesma interrogação pode ser feita em relação a uma expressão antissemita que Marx escreveu em *O Capital*. No final de uma frase sobre o dinheiro, o fundador do marxismo inseriu, quase a martelo, uma referência absolutamente despropositada aos judeus que pode ser interpretada como uma forma de integrar o antissemitismo na doutrina marxista. Ora leia-se: “O capitalista sabe que todos os produtos, por mais degradantes que pareçam ou por mais malcheirosos que sejam, serão em fé e em verdade dinheiro, judeus interiormente circuncidados”¹⁵⁵¹. Esta alusão forçada e despropositada ao povo hebraico no mais importante livro do marxismo é claramente antissemita, mas de um antissemitismo mais uma vez ligado ao preconceito de que burguesia e judaísmo não passam de sinónimos, até

¹⁵⁴⁶ Michel Winock, *op. cit.*, 1990, p.192.

¹⁵⁴⁷ *Idem*, p.199.

¹⁵⁴⁸ *Ibidem*, p.192.

¹⁵⁴⁹ William Brustein e Louisa Roberts, *The Socialism of Fools? – Leftist Origins of Modern Anti-Semitism*, Cambridge University Press, Nova Iorque, 2015, p.4.

¹⁵⁵⁰ Dennis Fischman, *Political Discourse in Exile – Karl Marx and the Jewish Question*, The University of Massachusetts Press, Amherst, 1991, p.14.

¹⁵⁵¹ Karl Marx, *op. cit.*, 2013, p.103/104.

porque, como observou Michel Winock, naquela época “os antissemitas inculcam nos seus leitores a convicção de que todo o aparelho bancário está nas mãos dos judeus”¹⁵⁵². O antissemitismo tornara-se aliás de tal modo endêmico no movimento socialista que o marxista August Bebel o chegou a designar “socialismo dos imbecis.”¹⁵⁵³

O problema é que não foi só na ligação estereotipada entre judaísmo e capitalismo que encontramos referências antissemitas em Marx. Nos diferentes textos do fundador do marxismo é possível identificar múltiplas palavras e expressões racialmente depreciativas para com os judeus. Por exemplo, Marx referiu-se frequentemente a Ferdinand Lassalle, um importante líder socialista alemão de origem judaica que lhe era contemporâneo, como “Izzy”¹⁵⁵⁴, “barão Izzy”¹⁵⁵⁵, “Jüdchen” e “Jüdischer Nigger”¹⁵⁵⁶, expressões insultuosas antissemitas alemãs, e equiparou os judeus a “leprosos”¹⁵⁵⁷.

O autor de *O Capital* chegou ao ponto de aderir ao estereótipo que atribui grandes narizes aos judeus. Isso aconteceu quando dedicou duas páginas inteiras de um livro seu ao nariz do proprietário do jornal britânico *The Daily Telegraph*, um judeu chamado Levy, abordando o tema num contexto racial. “Levy insiste positivamente pertencer à raça anglo-saxónica”, indicou Marx, para logo observar com sarcasmo que “a mãe natureza escreveu-lhe a sua linhagem no meio da cara” e sublinhar que “o nariz de Levy é objeto de conversa na cidade de Londres durante todo o ano”¹⁵⁵⁸. O fundador do marxismo foi ainda mais longe nas descrições anatómicas racialmente insultuosas. “A grande arte do nariz de Levy consiste na realidade em cheirar o fedor da podridão”, acrescentou, “pelo que se pode dizer sem exagero que Levy escreve o seu jornal com o nariz.”¹⁵⁵⁹ Como é evidente, estas

¹⁵⁵² Michel Winock, *op. cit.*, 1990, p.127.

¹⁵⁵³ Janine Chasseguet-Smirgel, “Some Thoughts on Freud’s Attitude During the Nazi Period”, in David Meghnagi (direção), *Freud and Judaism*, Karnac Books, Londres, 1993, p.73.

¹⁵⁵⁴ Karl Marx, “Marx to Engels in Manchester”, 11 de fevereiro de 1865, *op. cit.*, Volume 42, p.87.

¹⁵⁵⁵ Karl Marx, “Marx to Engels in Manchester”, 3 de fevereiro de 1865, *idem*, p.75; Karl Marx, “Marx to Engels in Manchester”, 24 de junho de 1865, *ibidem*, p.162.

¹⁵⁵⁶ Miklós Molnár, *Marx, Engels et la politique internationale*, Éditions Gallimard, Paris, 1975, p.76.

¹⁵⁵⁷ Paul Johnson, *op. cit.*, 1988, p.351.

¹⁵⁵⁸ Karl Marx, *op. cit.*, 1982, p.231.

¹⁵⁵⁹ *Idem*, p.232.

referências tocam já características raciais e não podem de modo algum ser atribuídas a meras equiparações do judaísmo ao capitalismo.

Confrontados com as diversas expressões, preconceitos e alusões antissemitas do autor de *O Capital*, e desculpando Marx de maneiras que não desculpariam outros em circunstâncias semelhantes, os autores neomarxistas tendem a argumentar que o uso deste tipo de linguagem estereotipada e discriminatória era normal naquele tempo e que não se pode julgar uma personagem do passado com os valores do presente. Este argumento parece razoável e tem uma inquestionável pertinência, mas esbarra em duas dificuldades de monta.

A primeira é que, a ser assim, o mesmo argumento terá de ser usado para todas as figuras históricas, incluindo Adolf Hitler. Seguindo critério idêntico, poder-se-ia dizer que o antissemitismo e o racismo do *Führer* do nazismo refletiam meramente os valores da época e que Hitler não poderia ser julgado segundo os valores atuais, desse modo branqueando-se os seus comportamentos. Todas as figuras históricas tornar-se-iam desse modo inimputáveis. Consequentemente, para que este argumento seja aceite teríamos de nos assegurar de que o antissemitismo de Marx, e já agora o de Hitler, era igual ou menor que o normal na sua época.

Chegamos assim à segunda dificuldade. O racismo de Hitler revelou-se inquestionavelmente mais intenso do que o normal nas décadas entre 1920 e 1940, para não dizer que era patológico. Quanto ao de Marx, mesmo inserindo o seu antissemitismo no contexto do tempo em que viveu, constatamos que o fundador do marxismo não se sai bem, como observou o seu próprio biógrafo. Depois de identificar o “profundo ódio pessoal para com a raça da qual ele era originário”¹⁵⁶⁰, Robert Payne esclareceu que o antissemitismo era normal na época, mas teve o cuidado de sublinhar que “o antissemitismo de Marx, no entanto, tinha uma qualidade virulenta largamente ausente nos seus contemporâneos”¹⁵⁶¹, ao ponto de falar “exatamente da mesma maneira que Hitler mais tarde passaria uma sentença de morte à ‘natureza empírica do judaísmo’.”¹⁵⁶²

A mesma opinião foi expressa por Miklós Molnár, para quem “o antissemitismo de Marx não tinha nada de ‘crise passageira’ da juventude nem de perspectiva abstrata, mas era bem um tema profundamente ancorado

¹⁵⁶⁰ Robert Payne, *op. cit.*, 1968, p.95.

¹⁵⁶¹ *Idem*, p.94.

¹⁵⁶² *Ibidem*, p.95.

no seu pensamento”¹⁵⁶³. Isto é agravado pelo facto de que, apresentando-se Marx como um expoente de uma ideologia igualitária, seria de esperar que as suas posições sobre os judeus não só fossem mais igualitárias como fossem *muito* mais igualitárias do que as do seu tempo. O que não é manifestamente o caso.

Mas não era apenas o antissemitismo que Marx partilhava com Hitler. Embora o racismo em relação a outros povos mantivesse uma presença discreta e secundária no marxismo original, a sua existência é igualmente incontestável. Para começar, são significativas as posições pessoais racistas assumidas por Marx e Engels, numa tradição socialista que remonta a Proudhon – o qual já havia apelado ao “extermínio” dos judeus, acusando-os de serem “inimigos da humanidade”¹⁵⁶⁴. Por exemplo, Marx apelidou o socialista Lafargue, o seu genro mestiço, como “gorila”¹⁵⁶⁵ e “*negrillo*”¹⁵⁶⁶. Além disso, chamou “degenerados”¹⁵⁶⁷ aos espanhóis e escreveu que os chineses sofriam de “estupidez hereditária.”¹⁵⁶⁸

Apesar de por vezes se apresentar como amigo dos negros, Marx classificou o escravagismo no Brasil, Suriname e Estados Unidos como sendo “o lado bom da escravatura”¹⁵⁶⁹ e chegou ao ponto de defender abertamente o escravagismo dos negros. “Sem a escravatura, a América do Norte, o mais progressista de todos os países, seria transformado num país patriarcal”, escreveu o autor de *O Capital*, considerando assim a escravatura um fator de progresso. “Tirem a América do Norte do mapa do mundo e terão anarquia – a completa decadência do comércio moderno e da civilização. Façam a escravatura desaparecer e eliminarão a América do mapa das nações”¹⁵⁷⁰. Ou seja, para Marx a escravatura na América era boa porque era ela que permitia a civilização, uma posição remanescente da defesa que fez do trabalho infantil, quando considerara a sua proibição “reacionária.”¹⁵⁷¹

¹⁵⁶³ Miklós Molnár, *op. cit.*, 1975, p.76.

¹⁵⁶⁴ Pierre Joseph Proudhon, “On the Jews”, 1847, Pierre Joseph Proudhon Archive, www.marxists.org.

¹⁵⁶⁵ Robert Payne, *op. cit.*, 1968, p.391.

¹⁵⁶⁶ *Idem*.

¹⁵⁶⁷ James Gregor, *op. cit.*, 2009, p.69.

¹⁵⁶⁸ *Idem*, p.70.

¹⁵⁶⁹ Karl Marx, “Letter from Marx to Pavel Vasilyevich Annenkov”, 28 de dezembro de 1846, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

¹⁵⁷⁰ Karl Marx, *op. cit.*, 1996, p.105.

¹⁵⁷¹ Karl Marx, *op. cit.*, 1959, p.35.

Não contente com isto, Marx referiu-se ainda ao etnólogo francês Pierre Trémaux como tendo “provado que o tipo comum de negros é apenas uma degeneração de um muito mais elevado”¹⁵⁷² e descreveu Ferdinand Lassalle, o tal a quem se referia com o insulto antisemita “Izzy”, nestes termos: “é agora absolutamente claro para mim – como também o testemunham o formato da sua cabeça e a maneira como o seu cabelo cresce – que ele descende dos pretos que acompanharam a fuga de Moisés do Egito (a menos que a sua mãe ou avó do lado paterno se tenham hibridizado com um preto). Esta mistura de judaísmo e germanidade por um lado com uma origem básica negroide por outro tem necessariamente de gerar um produto estranho. A inconveniência do tipo é típica de preto”¹⁵⁷³ (parênteses no original).

Já Engels não era necessariamente antisemita, tendo descrito os preconceitos contra os judeus como uma herança da “intolerância da Idade Média”¹⁵⁷⁴, o que não o impediu de assinar com Marx um texto onde escreveu que “a tarefa de abolir a essência do judaísmo é na verdade a tarefa de abolir o *judaísmo na sociedade civil*, abolindo a desumanidade das práticas de vida de hoje, o ponto alto das quais é o *sistema de dinheiro*”¹⁵⁷⁵ (itálico no original). Na verdade, revelou-se tão racista quanto o seu amigo Marx. Engels falou de Lafargue, o tal que tinha um bisavô negro, para dizer que “na sua qualidade de preto”¹⁵⁷⁶ era “um grau mais próximo do reino animal do que o resto de nós.”¹⁵⁷⁷

O companheiro intelectual de Marx fez também a defesa do escravagismo. “Sem escravatura não haveria Estado grego nem arte e cultura grega; sem escravatura não haveria império romano”¹⁵⁷⁸, escreveu Engels, para quem “a escravatura era tão necessária quanto era universalmente reconhecida. Neste sentido podemos dizer: sem a escravatura da antiguidade não haveria socialismo moderno”¹⁵⁷⁹. Portanto, para os marxistas os socialistas têm muito a agradecer aos escravagistas. Engels chegou ao ponto de se insurgir contra os críticos da escravatura, dizendo que “é muito fácil

¹⁵⁷² Karl Marx, “Marx to Engels in Manchester”, 7 de agosto de 1866, in Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, Volume 42, 2010, p.305.

¹⁵⁷³ Karl Marx, “Marx to Engels in Manchester”, 30 de julho de 1862, in Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, Volume 41, 2010, p.390.

¹⁵⁷⁴ Friedrich Engels, *op. cit.* 1959, p.154.

¹⁵⁷⁵ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.148.

¹⁵⁷⁶ Nathaniel Weyl, *Karl Marx, Racist*, Arlington House, New Rochelle, 1979, p.74.

¹⁵⁷⁷ *Idem.*

¹⁵⁷⁸ Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.249.

¹⁵⁷⁹ *Idem*, p.249/250.

lançarem-se invetivas contra a escravatura e coisas semelhantes em termos gerais e expressar uma indignação moralista contra tais infâmias”, mas o facto era que, na sua opinião, “a introdução da escravatura debaixo das condições prevalecentes naquele tempo foi um grande passo em frente.”¹⁵⁸⁰

Engels foi ainda mais longe. Em artigos de jornais dividiu os europeus entre elementos da “raça eslava”¹⁵⁸¹ e das “raças romano-celta e alemã”¹⁵⁸² e defendeu publicamente o extermínio dos escravos do Sul, que como já vimos descreveu como “povos lixo”¹⁵⁸³, tendo ainda denegrido os “preguiçosos mexicanos”¹⁵⁸⁴. Referindo-se aos habitantes alemães de Schleswig, escreveu a Marx para lhe dizer que “eles consideram-se a si próprios uma raça física e moralmente superior aos dinamarqueses, e realmente são”¹⁵⁸⁵. Ou seja, os fundadores do marxismo achavam que havia umas raças superiores às outras – e entre as superiores contabilizavam naturalmente os alemães. Engels chegou a insinuar uma equiparação dos negros a idiotas quando se referiu a um livro de Trémaux, ao dizer que “talvez o homem vá demonstrar no segundo volume como se explica que nós, os do Reno (...) não nos tornámos idiotas e pretos.”¹⁵⁸⁶

Nos próprios contactos pessoais, que pela sua natureza verbal não ficam registados por escrito, os fundadores do marxismo mostraram aderir plenamente às teses racistas. O socialista russo Mikhail Bakunin, que teve vários encontros e conversas com Marx e Engels, deu a entender que eles consideravam os escravos e os latinos como sendo “raças ‘inferiores’”¹⁵⁸⁷, o que está perfeitamente em consonância com os textos públicos e privados que ambos deixaram.

Contudo, mais do que o racismo manifestado por Marx e Engels, na maior parte das vezes em conversas e em correspondência privada, mas várias vezes também em artigos e livros publicados, o que verdadeiramente importa

¹⁵⁸⁰ *Ibidem*, p.250.

¹⁵⁸¹ Friedrich Engels, “Germany and Pan-Slavism”, *Neue Oder-Zeitung*, 21 de abril de 1855, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

¹⁵⁸² *Idem*.

¹⁵⁸³ Friedrich Engels, “The Magyar Struggle”, *Neue Rheinische Zeitung*, 13 de janeiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

¹⁵⁸⁴ Friedrich Engels, “Democratic Pan-Slavism”, *Neue Rheinische Zeitung*, fevereiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

¹⁵⁸⁵ Friedrich Engels, “Engels to Marx in London”, 2 de novembro de 1864, *op. cit.*, Volume 42, 2010, p.7.

¹⁵⁸⁶ Friedrich Engels, “Engels to Marx in London”, 2 de outubro de 1866, *idem*, p.320.

¹⁵⁸⁷ Mikhail Bakunin, “Letter to *La Liberté*”, 5 de outubro de 1872, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

é a presença formal do racismo na própria doutrina marxista. É conhecido o esforço de Marx e Engels de compatibilizarem o marxismo com o darwinismo, o que inevitavelmente os conduziu para a área biológica e racial. Marx levou até o assunto às páginas do texto fundamental do marxismo, *O Capital*, obra onde estabeleceu que a “raça” é uma das “condições físicas (...) referentes à constituição do próprio homem” que afetam “a produtividade do trabalho”¹⁵⁸⁸. Engels subscreveu em absoluto esta ideia. Aludindo às “condições económicas como fator que determina o desenvolvimento histórico”, o colaborador de Marx foi claro: “a raça é em si mesma um fator económico.”¹⁵⁸⁹

Isto é, o que ambos disseram foi que um trabalhador é mais ou menos produtivo também em função da sua raça. Não se tratam, sublinhe-se, de meras opiniões emitidas no recato de uma conversa privada, mas de doutrina do marxismo original. Marx não teve a gentileza de nos elucidar sobre quais as raças que, na sua opinião, são as mais produtivas no trabalho e quais a menos, nem Engels nos esclareceu sobre como é que as diferentes raças constituem fatores económicos e qual a qualidade do contributo de cada uma delas, mas pelo teor dos comentários que ambos teceram na correspondência privada e em alguns artigos de jornais e até livros, incluindo *O Capital*, não é difícil perceber que a hierarquia racial dos fundadores do marxismo não deveria andar muito longe da de Adolf Hitler.

A leitura na íntegra dos textos dos fundadores do marxismo levou Miklós Molnár a considerar inquestionável que eles “adotaram certos preconceitos raciais do europeu”¹⁵⁹⁰. Isso tornou-se particularmente visível nos escritos sobre os povos dos outros continentes, e em particular da Ásia. “Marx e Engels”, escreveu o historiador húngaro que estudou os escritos nacionalistas e racistas de ambos, “estavam profundamente imbuídos da ideia da superioridade do Ocidente sobre o Oriente. Superioridade de raça?, de cultura?, de religião?, de organização social?, de produção? Um pouco de tudo isto, sem dúvida”¹⁵⁹¹. O relevante é que o marxismo está impregnado de uma ideia supremacista. “A distinção entre violência contra uma raça e violência contra uma classe não é totalmente clara na doutrina marxista”,

¹⁵⁸⁸ Karl Marx, *op. cit.*, 2013, p.358.

¹⁵⁸⁹ Friedrich Engels, “Engels to Borgius”, 25 de janeiro de 1894, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

¹⁵⁹⁰ Miklós Molnár, *op. cit.*, 1975, p.33.

¹⁵⁹¹ *Idem*, p.326.

notou Stephen Fritz, para quem “na essência” do marxismo “podia haver um povo reacionário da mesma maneira que uma classe reacionária.”¹⁵⁹²

É importante, no entanto, tornar claro que, existindo de facto no marxismo original, o racismo nunca assumiu um papel central na formulação desta ideologia, acabando por ser eliminado nas correntes neomarxistas. No que diz especificamente respeito ao antissemitismo, as referências estereotipadas de Marx ao judaísmo, embora revelando sem dúvida posições discriminatórias contra os judeus e referências raciais como as dos narizes hebraicos, devem ser também lidas no contexto da crítica à burguesia, pois o fundador do marxismo partilhava o preconceito de que os judeus estavam ligados ao comércio e ao grande capital.

O racismo no fascismo

Apesar das posições raciais do marxismo original, é indiscutível que o racismo desapareceu doutrinariamente do marxismo pós-Marx e Engels. Como consequência disso, o racismo encontra-se também ausente da ideologia fascista original, criada como vimos essencialmente por neomarxistas. A inexistência de racismo no nascimento do fascismo começa aliás com a inexistência de antissemitismo dentro do movimento.

De tal modo o fascismo não nasceu antissemita que na verdade estava cheio de judeus. Ideólogos fascistas como o neomarxista Angelo Oliviero Olivetti, vários fundadores dos Fasci di Combattimenti em 1919, incluindo Salvatore Attal, Cesare Goldmann e Riccardo Luzzatto, e vários fundadores do Partido Nacional Fascista, como Riccardo Mazzato e Enrico Rocca, eram hebraicos, o mesmo acontecendo com financiadores do movimento fascista, como Giuseppe Toeplitz e Elio Jona, e ainda um membro do primeiro Grande Conselho Fascista, Aldo Finzi. Mais de setecentos judeus encontravam-se filiados no PNF antes da famosa marcha fascista sobre Roma, na qual participaram aliás mais de duzentos judeus. Também judeus eram Guido Jung, ministro fascista das Finanças de 1932 a 1935, e Maurizio Rava, governador da Somália italiana e chefe das milícias fascistas.

Na realidade, muitos judeus reviam-se no fascismo, ao ponto de haver dez mil hebraicos filiados no PNF quando saíram as leis raciais e de os judeus estarem representados no partido em maior proporção do que na sociedade italiana. Assim, entre 20% a 25% dos inscritos nos *fascio* masculinos e

¹⁵⁹² Stephen Fritz, “Reflections on Antecedents of the Holocaust”, *The History Teacher*, nº2, Volume 23, Society for History Education, fevereiro de 1990, p.164.

femininos eram judeus, quando esta confissão representava apenas 6% da população italiana em 1936. Até judeus de origem italiana que viviam fora de Itália abraçavam entusiasticamente o fascismo. “O meu pai”, revelou Shlomo Venezia, um ítalo-grego oriundo da comunidade judaica de Salónica e que se tornaria um raro sobrevivente do Sonderkommando de Auschwitz-Birkenau, “não hesitou em usar a camisa negra do novo regime e desfilar orgulhosamente sempre que a ocasião se apresentava. Para ele, Mussolini era socialista.”¹⁵⁹³

Não quer isto dizer que o racismo estivesse totalmente ausente do fascismo, uma vez que as ideias racistas faziam parte do mundo de então e encaradas como algo natural. Intelectuais das mais diversas cores, de socialistas a nacionalistas e liberais, falavam em “raças” como quem hoje fala em nações ou etnias. Se Marx e Engels não eram estranhos ao uso do conceito de raça, Mussolini também não o era. “A raça é um facto, duro como o granito”¹⁵⁹⁴, escreveu em 1921 em referência ao conflito entre italianos e eslavos. É certo que as primeiras disposições legais racistas foram introduzidas em Itália em 1902, quando o sistema judiciário italiano para a Eritreia estabeleceu que os italianos das colónias não podiam ser submetidos à jurisdição dos tribunais locais e que só um juiz italiano podia julgar um italiano. Mas estas disposições foram aprofundadas por uma lei fascista de 1933 a estabelecer o quadro jurídico para a Eritreia e a Somália e que abordava a questão das características fisiológicas de um italiano de raça branca.

Contudo, foi só a partir do momento em que se expandiu para a Etiópia, em 1935, que o fascismo adquiriu indiscutíveis e crescentes componentes racistas. As primeiras leis raciais foram adotadas em janeiro de 1937, portanto dezoito anos depois de o fascismo ter nascido. A ideia era prevenir a mestiçagem através de uma legislação que proibia o casamento de italianos com cidadãos da Abissínia – embora os fascistas tenham tido especial cuidado em proteger os falachas, os judeus etíopes. Estas preocupações raciais parecem estar ligadas a notícias que chegaram a Mussolini sobre problemas gerados pelas relações entre as mulheres italianas e os homens etíopes, criando receios no *Duce* de que se estabelecesse a imagem dos italianos como colonizadores que não se davam ao respeito. “A falta de

¹⁵⁹³ Shlomo Venezia, *Sonderkommando – Dans l’enfer des chambres à gaz*, Le Livre de Poche, Paris, 2017, p.21.

¹⁵⁹⁴ Benito Mussolini, “Dove muore l’internazionale”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de fevereiro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.138.

dignidade racial teve consequências muito graves entre os amara”, considerou numa declaração ao Conselho Nacional Fascista, referindo-se ao povo que se revoltara contra os italianos na região de Amara, na Etiópia. “Os amara não tinham nenhuma vontade de se rebelar contra o domínio italiano, nenhum interesse em fazê-lo”, disse, “mas quando viram os italianos que se comportavam mais indigentemente do que eles, que viviam nos *tucul*, que lhes roubavam as mulheres, etc, disseram: ‘esta não é uma raça que traga civilização’. E como os amara são a raça mais aristocrática da Etiópia, revoltaram-se.”¹⁵⁹⁵

Era, pois, necessário despertar a consciência da raça, a versão racista do conceito marxista do despertar da consciência de classe, para inibir comportamentos que estavam a antagonizar as populações etíopes. “Sem uma clara, definida, onnipresente consciência de raça não se têm impérios”, defendeu o *Duce*, referindo-se à conquista da Etiópia para justificar “por que razão alguns problemas que antes estavam numa zona de sombra se tornaram a 3 de outubro de 1935 de atualidade escaldante”¹⁵⁹⁶. Para aprofundar a questão, foi criado em 1937 um departamento governamental para a “política da raça”¹⁵⁹⁷.

É interessante notar que a aventura etíope, que abriu caminho à questão racial no fascismo, foi na altura abraçada sem reservas pelos próprios judeus de Itália. O apoio era tal que um rabino militar chegou a celebrar na sinagoga de Asmara a “missão de libertar os escravos e levar a civilização”¹⁵⁹⁸ à Etiópia. “O novo empreendimento colonialista”, escreveu o historiador Michele Sarfatti, diretor da Fundação Centro de Documentação Hebraica Contemporânea de Milão, “tinha da maior parte dos judeus italianos um consenso pleno.”¹⁵⁹⁹

Com maior ou menor grau, as posições racistas dos fascistas refletiam preconceitos relativamente habituais naqueles tempos, mormente quando usavam as expressões típicas da época para falar na “raça italiana”. “Falei de

¹⁵⁹⁵ Benito Mussolini, “Al Consiglio Nazionale del P.N.F.”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de outubro de 1938, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.120.

¹⁵⁹⁶ Benito Mussolini, “Il Brindisi a Imrédy”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de julho de 1938, in Benito Mussolini, *op. cit.*, abril de 1984, p.79.

¹⁵⁹⁷ Valeria Galimi, “Politica della razza, antisemitismo, Shoah”, *Studi Storici*, nº1, Anno 55, janeiro-março de 2014, Fondazione Istituto Gramsci, p.173.

¹⁵⁹⁸ Michele Sarfatti, *Gli ebrei nell'Italia fascista – Vicende, identità, persecuzione*, Einaudi, Turim, 2007, p.114.

¹⁵⁹⁹ *Idem*.

raça”, esclareceu Mussolini, “nunca de racismo”¹⁶⁰⁰. Além do mais, o chefe do fascismo cedo se demarcou do racismo do nacional-socialismo, considerando-o “histérico”¹⁶⁰¹, e disse claramente diante de um entrevistador alemão: “raça! É um sentimento, não uma realidade”¹⁶⁰². O *Duce* chegou ao ponto de proclamar que no fascismo “não há raça”¹⁶⁰³ e que “o orgulho nacional não tem necessidade do delírio da raça.”¹⁶⁰⁴

Já no que diz respeito à questão hebraica, o fascismo não dava indícios do menor antissemitismo. Benito Mussolini considerou que os judeus na Alemanha não passavam de “bodes expiatórios”¹⁶⁰⁵ e chegou a indignar-se com a obsessão nazi pela raça. “Mas qual raça?”, questionou. “Existe uma raça germânica? Alguma vez existiu? Alguma vez existirá?” A estas perguntas, “pois bem, respondemos, uma raça germânica não existe”¹⁶⁰⁶. Troçou até do racismo nazi e do que descreveu como “falácia ariana”, observando que “os novíssimos ‘civilizadores’ do Norte podem muito bem ter desconhecidos familiares em Telavive.”¹⁶⁰⁷

Sarcasmo à parte, o *Duce* intercedeu por várias vezes junto de Hitler para que largasse a questão racial, mas sem sucesso. Queixou-se do problema junto do chanceler austríaco Kurt Schuschnigg e ofereceu a Chaim Weizmann, presidente da Organização Sionista Mundial, os seus préstimos para ajudar os judeus alemães perseguidos pelos nazis, tendo aberto a Itália aos refugiados que fugiam das leis antissemitas nacional-socialistas alemãs e dado sinais de que queria fazer da Itália a grande potência protetora do Estado judaico na Palestina. Este tornou-se aliás um foco de tensão permanente entre os fascistas e os seus aliados nazis, até porque em muitas conferências e simpósios onde as duas partes se juntavam os fascistas italianos faziam-se frequentemente representar por judeus.

De repente, a partir de 1936 o governo de Roma deixou de enviar italianos judeus para os encontros com os alemães, no que constituiu o primeiro ato não oficial de discriminação dos judeus por parte do regime fascista. Mais

¹⁶⁰⁰ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.630.

¹⁶⁰¹ James Gregor, *op. cit.*, 2005, p.214.

¹⁶⁰² Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.68.

¹⁶⁰³ Benito Mussolini e Giovanni Gentile, *op. cit.*, 1935, p.4.

¹⁶⁰⁴ Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.69.

¹⁶⁰⁵ *Idem*, p.70.

¹⁶⁰⁶ Benito Mussolini, “Alla fonte”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de agosto de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, abril de 1984, p.23.

¹⁶⁰⁷ Benito Mussolini, “Fallacia ariana”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de agosto de 1934, *idem*, p.22.

importante, no final desse ano Mussolini escreveu, sob anonimato, o seu primeiro artigo a colocar em público o tema do antissemitismo. “O antissemitismo é inevitável onde o semitismo exagera na sua exibição, na sua oficiosidade, e, portanto, na sua prepotência”, registou nas páginas do *Il Popolo d'Italia*. “O demasiado judeu faz nascer o antijudeu.”¹⁶⁰⁸

A questão judaica apareceu enfim no fascismo. Foi ainda algo leve, como se comprova pela preocupação manifestada pelas autoridades fascistas em geral, e por Mussolini em particular, quando apareceram em alguns muros e fachadas de lojas de Ferrara escritos anónimos contra os judeus. Esses escritos foram imediatamente apagados e o *Duce* recebeu relatórios das autoridades locais a assegurar-lhe que a comunidade judaica estava plenamente integrada na vida da cidade.

Estes sinais pontuais, contudo, revelaram-se o suficiente para deixar a comunidade hebraica inquieta. As suspeitas dos judeus italianos voltaram-se de imediato para Berlim. “Delineada uma ofensiva de pressões estrangeiras para suscitar o antissemitismo em Itália”¹⁶⁰⁹, tituló então o editorial do jornal fascista judeu *La Nostra Bandiera*. O jornal denunciava “as ameaças dos provocadores e as pressões do antissemitismo do outro lado dos Alpes”¹⁶¹⁰, ou seja, da Alemanha nazi, acusada de tentar semear a discórdia e arrastar a Itália para políticas antissemitas, lançando os judeus contra o fascismo e os fascistas contra os judeus. A verdade é que as organizações judaicas estrangeiras, sobretudo as americanas, endureceram o tom de desconfiança em relação ao fascismo, o que levou Mussolini a desmentir na imprensa dos Estados Unidos que o regime fascista planeasse perseguir os judeus.

A situação precipitou-se no início de 1938. De um momento para o outro, quase sem aviso, o fascismo tornou-se antissemita. Poucas semanas depois de insistir no seu carácter não racial, o regime publicou inesperadamente o Manifesto do Racismo Fascista e, por entre decretos contraditórios que denunciam um enorme imprevisto e súbita pressa na nova política, aprovou medidas legislativas antissemitas. Começou com a ordem dada aos judeus estrangeiros de abandonarem o país no prazo de seis meses e seguiu-se a

¹⁶⁰⁸ Benito Mussolini, “Il troppo storpia”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de dezembro de 1936, bibliotecafascista.blogspot.com.

¹⁶⁰⁹ Luca Ventura, “Il grupo de La nostra bandiera di fronte all’antisemitismo fascista (1934-1938)”, *Studi Storici*, nº3, Anno 41, julho-setembro de 2000, Fondazione Istituto Gramsci, p.744.

¹⁶¹⁰ *Idem*.

interdição de casamentos entre arianos e judeus e a exclusão dos judeus das administrações públicas locais e central, da banca e dos seguros e até das forças armadas.

Tudo isto foi acompanhado por uma forte e brusca ação de propaganda por todo o país coordenada pelo Ufficio Razza, um organismo aparentemente criado à pressa no seio do ministério da Cultura Popular. Datam desta altura os primeiros textos fascistas antissemitas, com Telesio Interlandi, dono de *La Difesa della razza*, um jornal com aparentes ligações aos nazis que apareceu quase de geração espontânea, a dizer que “a questão não é apenas de cultura; é essencialmente – e aqui está o ponto – de *sangue*” (itálico no original), e a apontar o dedo a “os judeus, ou os meio judeus, ou os judeus camuflados de cristãos”¹⁶¹¹. O próprio Mussolini se multiplicou de repente em declarações de teor racial. “Este princípio racista introduzido pela primeira vez na história do povo italiano é de uma importância incalculável porque, aqui também, estávamos perante um complexo de inferioridade”, justificou-se, alegando que “também aqui estávamos convencidos de que não somos um povo, mas uma mistura de raças.”¹⁶¹²

A legislação antissemita fascista estabeleceu limites aos imóveis que os judeus poderiam possuir, tendo até criado um organismo para liquidar os bens que excedessem os limites patrimoniais, e também limitou a atividade industrial e comercial da comunidade hebraica. Os alunos judeus foram expulsos das escolas públicas e o mesmo aconteceu com os professores. Os casamentos mistos foram proibidos. Uma lei de 1939 regulou o exercício das profissões por parte dos judeus, sendo-lhes interdito o notariado e o jornalismo e regulado com fortes restrições a prática da medicina, farmácia, veterinária, atividade jurídica incluindo a advocacia, economia, comércio, engenharia, arquitetura, química, agronomia e indústria.

Nos documentos de trabalho passou a ser obrigatória a referência de que o seu portador era judeu, embora curiosamente os fascistas se tivessem negado a inserir tal indicação nos passaportes e nos bilhetes de identidade dos judeus italianos. Na mesma altura foram alteradas as regras testamentárias, impedindo que um judeu herdasse bens, e introduzidas regras de “arianização” e de definição do que era ser-se judeu. Essas regras não se circunscreveram, contudo, a critérios exclusivamente raciais, estendendo-se

¹⁶¹¹ Telesio Interlandi, “Contra Judeos”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004, p.366.

¹⁶¹² Benito Mussolini, “Al Consiglio Nazionale del P.N.F.”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de outubro de 1938, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.119.

a critérios religiosos e políticos, nem se revelaram totalmente coerentes, pois por exemplo os judeus mantiveram-se em funções em alguns dos órgãos mais importantes do país, como a Câmara dos Deputados e o Senado.

Embora aprovadas, as leis antissemitas em muitos casos não foram aplicadas com qualquer eficácia. A liquidação dos bens imóveis que excediam os limites patrimoniais estabelecidos para os judeus, por exemplo, não avançava. Apesar disso, em 1940, com a Segunda Guerra Mundial já a decorrer, Mussolini comunicou verbalmente ao chefe da comunidade judaica italiana que os judeus deveriam abandonar, gradual mas definitivamente, a Itália. A ordem de expulsão teve, contudo, reduzidas consequências práticas. Entre os judeus estrangeiros, que segundo as leis raciais já deveriam ter abandonado o país em 1939, menos de quatro mil saíram efetivamente – substituídos por vários milhares que entretanto entraram em Itália. No final de 1941 apenas seis mil judeus italianos tinham saído do país, incluindo Margherita Sarfatti, amante e conselheira de Mussolini. A ordem de expulsão revelou-se na verdade difícil de aplicar, não só porque os judeus levavam consigo os seus bens, afinal necessários à economia italiana num período tão exigente como aquele, como as fronteiras para os países tradicionais de emigração haviam sido encerradas pela guerra.

Uma outra importante medida discriminatória foi a criação em 1940 de campos de concentração para aí internar parte da população judaica. “O internamento constituía uma forma de prisão mais branda do que o cárcere propriamente dito”, observou o historiador Michele Sarfatti, sendo que o maior e pior de todos os campos, Ferramonti, tinha “pontos semelhantes aos de um *ghetto*”¹⁶¹³. O ministério italiano do Interior solicitou a todas as prefeituras do país uma lista dos residentes judeus que pudessem desenvolver atividades de espionagem para que fossem internados nesses campos. Acontece que as prefeituras não responderam a esse pedido ou deram respostas muito incompletas, o que não pareceu incomodar as autoridades fascistas, cujo zelo antissemita se revelava em geral manifestamente escasso.

Mesmo assim foram estabelecidos cinco dezenas de campos de concentração, a maior parte em edifícios já existentes. Até 1943 acabaram por apenas ser internados um total acumulado de mil judeus italianos. O número de judeus estrangeiros internados, sobretudo jugoslavos e húngaros, foi maior, embora lhes fosse pago um subsídio quinzenal de oito liras por

¹⁶¹³ Michele Sarfatti, *op. cit.*, 2007, p.190.

chefe de família, quatro pela mulher e três por cada filho, ou cinquenta liras por mês para o alojamento. Todos tinham ainda direito a licenças para abandonar os campos e ir tratar de assuntos pessoais. No campo de Ferramonti morreram 37 pessoas, todas por razões de acidente ou de saúde.

Houve também alguns incidentes violentos. Estudantes fascistas destruíram vitrinas de lojas e agrediram judeus na região de Ancona em 1940. Já em 1941 ataques a judeus provocaram dois mortos em Bengasi, tentou-se incendiar a sinagoga de Torino mas as autoridades logo apagaram as chamas e em Trieste os planos de destruir a sinagoga falharam. Por fim, em 1942 a sinagoga de Trieste foi mesmo destruída e a sinagoga de Spalato saqueada, ao mesmo tempo que estabelecimentos judeus eram atacados em Pisa. Tratar-se-iam de atos isolados resultantes da atmosfera antissemita criada pelo regime ou teriam sido ataques especificamente orquestrados ou encorajados pelas autoridades?

Sobre esta segunda hipótese não foi encontrado qualquer registo escrito. O facto é que a experiência diária dos judeus italianos, salvo algumas exceções, não era marcada pela hostilidade dos seus restantes compatriotas, embora ninguém permanecesse indiferente à mudança de clima político. “Os companheiros cristãos eram pessoas civilizadas, nenhum entre eles nem entre os professores me endereçou uma palavra ou um gesto de inimizade”, observou Primo Levi, então na escola. “Mas senti-os afastarem-se e, seguindo um comportamento antigo, também eu me afastava: cada olhar trocado entre mim e eles era acompanhado de um relâmpago minúsculo, mas perceptível, de desconfiança e de suspeição. Que pensas tu de mim? O que sou eu para ti?”¹⁶¹⁴

A legislação antissemita não voltou a ser alterada, com exceção da introdução em 1942 de uma lei de injunção civil laboral destinada aos judeus. Esta lei teve, todavia, uma aplicação prática diminuta. Não só poucos judeus foram efetivamente obrigados a trabalhar como mesmo esses trabalharam pouco. Em Ancona, por exemplo, foram sujeitos à lei trinta e dois judeus, mas só três trabalharam de facto. O horário de trabalho de cada um desses três foi de apenas duas horas por dia. Poder-se-á argumentar, e fundamentadamente, que isto era inaceitável. Porém, não se pode ignorar que o tratamento dado pelos fascistas aos judeus não tem a menor comparação com o extermínio dos judeus e outros “inimigos de raça” pelos

¹⁶¹⁴ Primo Levi, “Ferro”, *Il sistema periodico*, 1975, www.xmountain.it.

nacional-socialistas e com o extermínio dos *kulaks*, de outros “inimigos de classe” e de partes importantes de etnias malditas pelos comunistas.

A grande dúvida em toda esta história é perceber o porquê de tão súbito despertar racista dos fascistas. É um facto que a aprovação das leis antissemitas coincidiu com a inflexão fascista para o socialismo e a ofensiva contra a burguesia, na sequência do discurso semissegredo de Mussolini em 1938 a prometer “poderosos murros no estômago desta burguesia italiana”¹⁶¹⁵. Há sinais de que os dois acontecimentos estão ligados. Já vimos que Marx equiparava os judeus ao dinheiro e que os fascistas, que na sua maioria tinham a sua origem no marxismo, não ignoravam esses aspetos hoje mais obscuros da doutrina original marxista. O diretor do *Il Lavoro Fascista*, Luigi Fontanelli, escreveu em 1938 que o problema racial “constitui um reagente muito eficaz para discriminar não tanto os judeus como toda aquela zona cinzenta na qual – sob o signo do mais mesquinho ‘espírito burguês’ – se movem aqueles que provêm das velhas classes dirigentes”¹⁶¹⁶. Ainda mais revelador, Mussolini começou a falar no “capitalismo judaico”¹⁶¹⁷. No seu famoso discurso dos murros no estômago da burguesia, teve o cuidado de esclarecer que “outro murro no estômago é a questão racial”¹⁶¹⁸, ligando assim explicitamente a questão judaica ao ataque à burguesia. Ou seja, os próprios fascistas apresentavam as leis antissemitas como uma versão da inflexão fascista para o socialismo a que procederam nessa mesma altura, e que incluiu o ataque à burguesia capitalista.

Esse pormenor não escapou à atenção dos historiadores. “A questão racial”, observou Giuseppe Parlato, “não era mais do que a especificação, a pontuação, mas também a redução, da mais ampla questão burguesa”¹⁶¹⁹. Embora também não seja impossível que a integração das leis antissemitas no ataque lançado em 1938 à burguesia tenha constituído uma forma que os fascistas encontraram, perante os outros e até perante si mesmos, de legitimarem ideológica e politicamente as medidas raciais que, como parece

¹⁶¹⁵ Benito Mussolini, “Al Consiglio Nazionale del P.N.F.”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de outubro de 1938, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.117/118.

¹⁶¹⁶ Giuseppe Parlato, *op. cit.*, 2008, p.114.

¹⁶¹⁷ Benito Mussolini, “Alle camicie nere della brigata nera Resega”, 14 de outubro de 1944, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.53.

¹⁶¹⁸ Benito Mussolini, “Al Consiglio Nazionale del P.N.F.”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de outubro de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.119.

¹⁶¹⁹ Benito Mussolini, “Alle camicie nere della brigata nera Resega”, 14 de outubro de 1944, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.113.

provável, lhes eram impostas pelos nacional-socialistas alemães e nas quais manifestamente não acreditavam.

O que nos leva à causa mais importante. O facto de as leis antisemitas italianas terem aparecido de repente em 1938, com uma urgência súbita, aliado à circunstância de as ações legislativas e retóricas serem improvisadas e não encontrarem correspondente na respetiva aplicação prática, levanta a forte suspeita de uma cedência a pressões nazis. Ou, no mínimo, tudo não passou de uma manobra tática para agradar aos nacional-socialistas alemães.

Na base da infexão estavam as consequências da invasão da Etiópia. A aventura africana teve efeitos bem mais profundos do que a Itália previa, pois o país viu-se de repente isolado na Sociedade das Nações e criticado de todos os quadrantes, à exceção da Alemanha e da União Soviética. A ligação dos soviéticos aos rivais do PCI impossibilitou no entanto uma aproximação a Moscovo, pelo que Roma se virou para os nacionais-socialistas.

É preciso dizer que até aí o fascismo encarava o nazismo com muita reserva, se não mesmo hostilidade aberta. A Alemanha nacional-socialista era vista por Mussolini ainda em 1934 como estando “contra tudo e contra todos: ontem contra a civilização cristã; hoje contra a civilização latina; amanhã, quiçá, contra a civilização de todo o mundo! Mas uma política deste género, uma política que não pode deixar de ser obscurantista, assim como já é exclusivista, chauvinista e imperialista, não pode ser uma política do Século XX”. O *Duce* considerou “estranho e doloroso” ver naquele socialismo nacionalista alemão “a falta de todo o sentido de equilíbrio”¹⁶²⁰, e chegou até recusar-se a oferecer a Hitler uma fotografia autografada.

As realidades geopolíticas do pós-Etiópia, todavia, ditaram a aproximação do fascismo ao nacional-socialismo. A política externa italiana era chamada *pendular*, isto é, tradicionalmente pendia entre a Alemanha e a Inglaterra. O problema é que, com a guerra na Etiópia, o pêndulo para Inglaterra tornou-se mais difícil e, com a Frente Popular em França, revelou-se mesmo impossível com este país, o que foi empurrando o fascismo para a órbita da Alemanha. O problema é que a Alemanha era nacional-socialista, pelo que pender para a órbita da Alemanha significava pender para o nazismo.

O pacto do Eixo resulta em grande medida desta circunstância geoestratégica, não de qualquer atração do fascismo pelo racismo ou pelo

¹⁶²⁰ Benito Mussolini, “Teutonica”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de maio de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, abril de 1984, p.20.

eugenismo nazis, que o movimento de Mussolini de facto originalmente não tinha. “Não creio que se possa sustentar que a aliança nasceu essencialmente de uma presumida afinidade ou, pior, de identidade ideológica dos dois regimes; nasce antes de um certo tipo de política que nazismo e fascismo praticavam e que, conscientemente no primeiro caso, fez gradualmente com que se diminuísse a possibilidade de ‘pendular’”, observou Renzo de Felice, sublinhando que esta “não é uma aliança ideológica”¹⁶²¹ e que “a sociedade que se queria realizar era, em parte, bem diversa nos dois regimes.”¹⁶²²

O entendimento fascista-nazi parece ter sido selado pela visita que Mussolini fez à Alemanha em 1937. A organização que aí encontrou e a adulação das multidões deixaram-no profundamente impressionado, ao ponto de ter regressado a Itália a dizer que um pouco de Prússia não faria mal aos italianos. Porém, em breve se tornou claro aos fascistas que os nazis estavam verdadeiramente obcecados por um problema. A questão judaica. Não é difícil imaginar que, quando os fascistas procuraram a proteção de Berlim, os nacional-socialistas cobraram um preço. A Itália teria de adotar uma política antissemita.

Deve insistir-se que não há provas de que os nazis tenham pedido ou exigido aos fascistas para promulgarem as leis raciais, e em particular as antissemitas, mas existem indícios indiretos de que isso realmente aconteceu. Por um lado, a forma inopinada como o racismo apareceu no fascismo; depois, as múltiplas contradições nas declarações sobre o racismo; por fim, as afirmações de chefes militares italianos a sugerir que Mussolini tinha sido forçado pela pressão alemã. É interessante ademais notar, como o fez o historiador Michele Sarfatti, que os países sob a esfera alemã aprovaram quase ao mesmo tempo leis contra os judeus. A Roménia em janeiro de 1938, a Itália em fevereiro e a Hungria em março. Teriam de repente todos tido a mesma ideia e a simultaneidade da aprovação destas leis não passaria de uma simples coincidência? Uma tal hipótese afigura-se altamente implausível, para não dizer absurda. Como é evidente, todos estes países estavam sob forte pressão alemã.

Mas de que tipo de pressão se trataria? Se os seus aliados resistissem, os alemães ficariam simplesmente irritados? Protestariam? Ou fariam algo mais? E se fizessem algo, fariam o quê exatamente? O registo escrito de uma conversa entre o embaixador italiano em Budapeste, Filippo Anfuso, e o

¹⁶²¹ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1975, p.73.

¹⁶²² *Idem*, p.74.

primeiro-ministro húngaro, Miklos Kállay, dá uma pista muito importante. Nessa reunião, Kállay ter-se-à queixado das pressões dos nazis sobre a questão judaica e dito que “sinto que não posso fazer mais”. Ao ouvir isto, Anfuso fez ver ao seu interlocutor que, se não cedesse a essas pressões, a Hungria acabaria entre “os inimigos da Alemanha”¹⁶²³. Este comentário de Anfuso é assaz revelador, pois sugere que os italianos acreditavam que uma recusa às exigências antissemitas alemãs conduziria à guerra contra a Alemanha. Nem mais, nem menos. De resto, essa ameaça de guerra viria tempos volvidos a tornar-se mais explícita. Quando o governo húngaro, arrastando os pés na questão judaica, se tentou extrinchar da influência alemã, Hitler ameaçou abertamente invadir o país e os húngaros viram-se forçados a ceder e a entregar mesmo os seus judeus.

Ninguém pelos vistos se atrevia a dizer não aos nacional-socialistas no que à questão judaica dizia respeito. Nestas condições, torna-se claro que o antissemitismo fascista não passou na essência de uma fachada imposta para agradar aos nazis – ou mais provavelmente de uma cedência às suas exigências. Tanto assim foi que, embora em público fossem aprovadas medidas antissemitas e a propaganda fizesse dos judeus alvos, em privado o *Duce* continuou a censurar a política racial alemã, uma posição crítica materializada em múltiplos atos do regime fascista no sentido de contrariar os nacional-socialistas e proteger os judeus.

Um rápido levantamento das ações fascistas permite documentar o seu verdadeiro pensamento. Em 1940, por exemplo, apareceram em Ferrara manifestos anónimos ameaçadores para a população judaica, mas a polícia italiana reagiu e mandou prender os seus autores. O governo fascista italiano determinou que os judeus oriundos da Europa antissemita não poderiam entrar em Itália, mas contraditoriamente esforçou-se por proteger os judeus italianos que viviam na Europa antissemita. Assim, a Itália fascista procurou sempre garantir junto das autoridades alemãs que os judeus italianos que viviam na Alemanha ou nos territórios ocupados pelos alemães não eram molestados.

Quando em 1942 Berlim informou Roma que não mais podia manter essa situação de privilégio, tornando implícito que os judeus italianos que viviam na Alemanha, França, Holanda, Bélgica, Noruega, países bálticos, Polónia e Grécia seriam enviados para os campos de concentração, o governo fascista

¹⁶²³ Alessandro Rosi, “I fascisti sapevano tutto sugli orrori del nazismo”, 15 de novembro de 2019, www.lumsanews.it.

deu imediatamente ordens a todas as embaixadas e consulados de que avisassem os judeus italianos do grave perigo que corriam e os ajudassem a fugir, autorizando-os a transportar sem limitações bens e valores. Incluídos nesta operação, por decisão de Mussolini, estavam os judeus jugoslavos, os judeus albaneses, os familiares estrangeiros de judeus italianos e os judeus franceses de origem italiana. Consules italianos desataram a atribuir documentos a todos os judeus que lhes apareciam com a mais ténue reivindicação de nacionalidade italiana, o que provocou protestos de Adolf Eichmann. Foram assim salvos pelos fascistas milhares de judeus.

As autoridades alemãs ou colaboracionistas nos países ocupados detiveram mesmo assim muitos judeus italianos e começaram a deportá-los. O governo fascista fez os possíveis por localizá-los e assegurar a sua libertação, tendo sido bem-sucedido em alguns casos. A partir dessa altura, os fascistas deixaram de recusar a entrada em Itália de judeus estrangeiros em fuga, política de portas abertas de que a União Soviética e os países democráticos ocidentais não se podem gabar. Berlim solicitou a Roma a extradição de vários judeus procurados pelas autoridades alemãs por atividades antinazis, mas os fascistas recusaram-se a aceder aos pedidos. Mussolini deu instruções explícitas às autoridades diplomáticas, policiais e militares italianas de que não entregassem aos alemães um único judeu que se encontrasse em Itália ou nos territórios controlados pelos italianos em França, nos Balcãs ou em África.

Os fascistas não hesitaram em desafiar os nazis mesmo na cara deles, como aconteceu na Grécia. As autoridades militares italianas chegaram a plantar sentinelas armadas diante da sinagoga e da sede da comunidade judaica em Atenas, para as proteger de ameaças, e enviaram mesmo oficiais aos campos alemães para extrair mulheres e crianças judias aí detidas. Qualquer pessoa em Larissa que se dissesse judia era autorizada a utilizar os comboios militares italianos para Atenas. Quando o general alemão Loehr exigiu ao general Geloso que lhe entregasse os judeus que se encontravam no sul da Grécia, ouviu a resposta de que o governo fascista não tinha dado instruções nesse sentido e, conseqüentemente, os judeus não seriam entregues.

A proteção que os fascistas concederam aos judeus tornou-se mesmo ativa. “Fomos protegidos enquanto os italianos estiveram na Grécia”¹⁶²⁴, sublinhou Shlomo Venezia, sobrevivente de Auschwitz, lembrando que “o

¹⁶²⁴ Shlomo Venezia, *op. cit.*, 2017, p.34.

cônsul (italiano em Salónica) anunciou-nos que os alemães tinham a intenção de nos deportar, mas que a Itália não o iria permitir. Deu-nos a escolher entre sermos transferidos para Atenas, que ainda estava sob administração italiana, ou sermos enviados de barco para a Sicília”¹⁶²⁵. Muitos judeus gregos escolheram a capital grega. “Os italianos organizaram para nós um comboio destinado a Atenas sob a proteção de soldados italianos com ordem para não deixarem os alemães subirem a bordo”, recordou Shlomo, sublinhando que “aparentemente este comboio provocou um conflito entre os dois aliados”, para concluir: “os soldados italianos deram uma arma ao meu irmão para nos defender em caso de problemas. O comboio passou por zonas de paludismo onde estavam os últimos judeus nos trabalhos forçados. O condutor do comboio, articulado com os militares italianos, abrandou para permitir que alguns entrassem nos vagões e fugissem connosco.”¹⁶²⁶

Porque decidiram os fascistas enfrentar os nacional-socialistas na questão da entrega dos judeus? O investigador Francesco Filippi sustentou que “o Duce recusou-se a obedecer, não por humanidade, mas para se demarcar (...) por uma questão de prestígio”¹⁶²⁷, ou seja, para mostrar que a Itália não era uma potência de segunda ordem e não se submetia à Alemanha como um mero vassalo. É, porém, difícil acompanhar este raciocínio quando se constata que o início da recusa fascista em entregar os judeus coincide com a compreensão, pelos fascistas, de que esses judeus estavam destinados à morte. Veja-se o caso das zonas dos Balcãs ocupadas pela Itália. Os fascistas garantiram em 1941 aos judeus jugoslavos que os protegeriam dos nazis e dos seus aliados ustaches, o que levou a um fluxo de refugiados para a zona italiana. Nem sempre cumpriram esta promessa. Uma informação escrita em agosto de 1942 sobre a entrega de judeus croatas aos alemães foi assinalada por Mussolini com um lacónico “nada obsta.”¹⁶²⁸

Mas essa colaboração, mesmo que pontual, parou bruscamente. “De início as autoridades italianas receavam um grande influxo de população (não apenas de judeus) do interior da Croácia para as relativamente pobres regiões costeiras e, na primavera e princípio de verão de 1941, devolveram alguns judeus fugitivos ao território sob controlo dos ustaches”, escreveram os historiadores judeus croatas Ivo Goldstein e Slavko Goldstein. “Só no

¹⁶²⁵ *Idem*, p.37.

¹⁶²⁶ *Ibidem*, p.38.

¹⁶²⁷ Francesco Filippi, *op. cit.*, 2020, p.163.

¹⁶²⁸ Michele Sarfatti, *op. cit.*, 2007, p.224.

final desse verão, quando descobriram o que se passava nos campos dos ustaches em Pag e em Velebit é que as autoridades italianas deixaram de devolver fugitivos. A partir daí, um vasto número de judeus de Zagreb salvou a sua vida ao escapar para estes territórios”¹⁶²⁹ italianos (parênteses no original).

Foi na verdade a descoberta de cadáveres de judeus e sérvios em Pag, comunicada pelos militares italianos ao governo fascista, que ditou o fim da entrega de judeus aos ustaches e aos nazis. Começou aí uma nova mudança de política em Roma sobre os judeus, com os fascistas a adotarem uma permanente duplicidade na sua relação com os nacional-socialistas. Às palavras antissemitas e de colaboração com Berlim passaram a opor-se atitudes de proteção aos judeus e de sistemática obstaculização aos intentos nazis. Tudo isto num período de 1942 em que se acumulavam as informações sobre massacres de judeus.

A mais importante dessas informações, porém, só surgiu num relatório secreto enviado a 3 de fevereiro de 1943 pelo embaixador italiano em Berlim, Dino Alfieri, ao ministro dos Negócios Estrangeiros, Galeazzo Ciano. No documento, Alfieri informou Roma de que os nacionais-socialistas tinham expressado a “vontade de exterminar totalmente a raça judaica”¹⁶³⁰, incluindo crianças, e que sobre o destino dos deportados “não pode haver muitas dúvidas”¹⁶³¹. O embaixador em Berlim revelou ainda ter falado com um oficial SS que lhe confidenciara que ele próprio havia lançado bebês de seis meses contra as paredes, e que estavam a decorrer “execuções em massa”, incluindo “execuções com metralhadora de mulheres e crianças alinhados diante de fossas comuns.”¹⁶³²

As revelações de Alfieri foram de imediato encaminhadas para Mussolini e confirmaram o que as autoridades fascistas já suspeitavam desde 1942. “Esta informação sobre o destino dos judeus deportados, juntamente com outros fatores, influenciaria o líder italiano nos meses seguintes e ajudaria a salvar a vida de muitos judeus croatas”¹⁶³³, registou o historiador Benjamin

¹⁶²⁹ Ivo Goldstein e Slavko Goldstein, *The Holocaust in Croatia*, University of Pittsburgh Press, Pittsburgh, 2016, p.426.

¹⁶³⁰ *Idem*, p.222.

¹⁶³¹ *Ibidem*, p.223.

¹⁶³² Alessandro Rosi, “I fascisti sapevano tutto sugli orrori del nazismo”, 15 de novembro de 2019, www.lumsanews.it.

¹⁶³³ Benjamin Wood, *Defying Evil – How the Italian Army Saved Croatian Jews During the Holocaust*, History Publishing Company, Palisades, 2012, p.85.

Wood. Na verdade, não foram só os judeus croatas que se salvaram. Foram todos os judeus que buscaram a proteção dos fascistas.

Quando ainda em 1942 as autoridades alemãs e croatas tentaram deportar os judeus da Jugoslávia, depararam-se com a forte oposição dos fascistas. Não só as autoridades italianas se recusaram a entregar os judeus que se encontravam na sua zona como simularam uma operação militar contra os partisanos sérvios apenas para resgatar judeus que se encontravam fora da zona italiana, retirando-os em tanques. Muitos judeus jugoslavos foram colocados em campos de concentração fascistas nas zonas italianas, mas, como observaram os Goldstein, esses só eram campos de concentração “na literatura”¹⁶³⁴, pois as condições nada tinham a ver com o que se imagina quando a expressão é usada. Não é por acaso que se chamavam campos de *scopo protettivo*, para proteção, designação que irritava os alemães. Em vários casos tais campos não passavam na verdade de hotéis vazios, como aconteceu em Olevan e em Hvar, e os judeus podiam sair à vontade durante o dia. “A vida no campo era um oásis”, afirmou o refugiado judeu Imre Rochlitz, colocado no campo de Kraljevica, o qual, apesar de ser cercado por arame farpado, ofereceu “uma vida muito agradável” e onde “tudo o que pedíamos era-nos fornecido pelas autoridades”¹⁶³⁵, testemunho partilhado por outros judeus.

Situações semelhantes ocorreram nas partes de França ocupadas pela Itália. Aí, os fascistas acolheram todos os fugitivos judeus que pediram ajuda, tendo requisitado hotéis da Côte d’Azur para os instalar e recusado entregá-los aos alemães ou aos franceses sempre que recebiam pedidos de extradição. As organizações judaicas foram autorizadas a estabelecer obras sociais de apoio aos refugiados, incluindo um Centro de Acolhimento em Nice, e também em Saint-Martin Vésubie, Mégève, Saint-Gervais, Vence, Barcelonnette e outros locais. Abriram-se escolas para as crianças judias e instituições de ensino profissional para os adultos judeus. Chegaram a ser colocados *carabinieri* diante da sinagoga e do centro de socorro hebraico de Nice com ordens para prender qualquer polícia francês que molestasse os judeus. “Sob a ocupação italiana”, reconheceu Simone Weil, sobrevivente de Auschwitz que vivia em Nice quando a cidade estava ocupada pelos

¹⁶³⁴ Ivo Goldstein e Slavko Goldstein, *op. cit.*, 2016, p.430.

¹⁶³⁵ Benjamin Wood, *op. cit.*, 2012, p.86.

fascistas, havia “o sentimento de estarmos, pelo menos provisoriamente, ao abrigo das deportações.”¹⁶³⁶

O comportamento dos fascistas deixou os nacional-socialistas estupefactos. “Reina a maior harmonia entre a tropa italiana e a população judaica”, registou um relatório do comandante das SS em Paris, Helmut Knochen, para a Gestapo em Berlim, indicando que “por toda a parte a leste do Rhône os italianos intervêm a favor dos judeus” e que “os critérios adotados pelos italianos e pelos alemães parecem estar nos antípodas”¹⁶³⁷. Essa perplexidade era partilhada pelo mais alto oficial das SS em França. “A autoridade militar e a polícia italiana protegem os judeus com todos os meios ao seu dispor”, queixou-se Heinz Roethke. “A zona de influência italiana, particularmente a Côte d’Azur, tornou-se a Terra Prometida para os judeus de França. Os últimos meses viram um êxodo em massa de judeus da nossa zona de ocupação para a italiana”¹⁶³⁸. Os múltiplos relatórios das SS para Berlim ilustram a exasperação nazi em relação aos fascistas. “Os italianos protegem não apenas os judeus italianos, mas também todos os outros judeus estrangeiros”¹⁶³⁹, queixou-se Helmut Knochen num telegrama datado de 13 de janeiro de 1943, para insistir noutra telegrama de 22 de fevereiro: “os italianos assumiram de novo a defesa dos judeus estrangeiros.”¹⁶⁴⁰

Perante esta situação, Berlim interveio com vigor. Primeiro através da embaixada alemã em Roma, que nada conseguiu. Depois através do próprio governo nacional-socialista. Obedecendo a instruções diretas de Hitler, o ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, Von Ribbentrop, deslocou-se de propósito a Roma para falar com Mussolini sobre o assunto. Pressionado ao mais alto nível, o *Duce* fez-lhe várias promessas e depois contactou os subordinados para lhes dar conta das suas instruções. Um dos contactados foi o general Mario Robotti, comandante do Segundo Exército e responsável pelas forças italianas num setor dos Balcãs. As palavras que o general Robotti atribuiu a Mussolini são reveladoras. “O ministro Ribbentrop, que esteve três dias em Roma, fez-me imensas pressões para garantir que

¹⁶³⁶ Simone Weil, “Préface”, in Shlomo Venezia, *ibidem*, p.11.

¹⁶³⁷ Helmut Knochen, “Document 10”, 12 de fevereiro de 1943, in Léon Poliakov, *La condition des juifs en France sous l’occupation italienne*, Éditions du Centre, Paris, 1946, p.68.

¹⁶³⁸ Renzo de Felice, *Storia degli ebrei italiani sotto il fascismo*, Volume 2, Arnoldo Mondadori Editore, Milão, 1977, p.485/486.

¹⁶³⁹ Helmut Knochen, “Document 6”, 13 de janeiro de 1943, in Léon Poliakov, *op. cit.*, 1946, p.54.

¹⁶⁴⁰ Helmut Knochen, “Document 14”, 22 de fevereiro de 1943, *idem*, p.75.

expulsaríamos os judeus jugoslavos”, ter-lhe-á dito o *Duce*. “Tentei tergiversar, mas ele insistiu. Para me livrar dele tive de dar o meu acordo. Os judeus têm de ser conduzidos a Trieste para serem entregues aos alemães.” Quando ouviu esta ordem, o general objetou. A resposta de Mussolini foi esclarecedora. “É verdade, fui constrangido a dar o meu acordo à expulsão, mas vocês podem arranjar as desculpas que quiserem de modo a não expulsarem nem um único judeu”, disse o *Duce*. “Digam que não têm os meios para os levar para Trieste e que o transporte por terra é impossível”¹⁶⁴¹. Ou seja, Mussolini deu em privado ordens específicas para que as suas instruções antissemitas formais fossem desobedecidas.

Outros testemunhos insuspeitos vão no mesmo sentido. Por exemplo, o marechal Pietro Badoglio, que sempre se opusera à aliança com a Alemanha e que negociou a paz com os Aliados, o que lhe valeu o ódio eterno do *Duce*, encontrou grandes dificuldades em abolir as leis antissemitas quando assumiu a chefia do governo italiano após a queda de Mussolini, em 1943. “Não era possível, naquele momento, proceder a uma simples remoção das leis raciais sem entrar em choque violento com os alemães, melhor dizendo com Hitler, que não só era o seu apoiante como as tinha imposto a Mussolini, o qual poucos meses antes havia declarado no Senado que o problema hebraico não existia em Itália”¹⁶⁴², escreveu Badoglio nas suas memórias.

Também o presidente do Centro de Documentação Judaica Contemporânea, Isaac Schneersohn, não poupou elogios ao comportamento dos fascistas em França. “Longe de perseguirem os judeus, eles sabotaram todas as medidas alemãs e francesas. Os prefeitos prendem, decidem internar, preparam as entregas à Gestapo: as autoridades militares italianas exigem, sob ameaça, a anulação dessas medidas”¹⁶⁴³, escreveu Schneersohn, sublinhando que o regime fascista “empenhou-se em proteger aqueles que a Alemanha e Vichy tentavam capturar e aniquilar”¹⁶⁴⁴. Os esforços fascistas estão bem comprovados em documentos das SS e da Gestapo que escaparam à destruição e foram publicados ainda em 1946 pelo investigador judeu francês Léon Poliakov, para quem “a atitude italiana permitiu aos judeus viverem na zona italiana numa segurança quase absoluta.”¹⁶⁴⁵

¹⁶⁴¹ Renzo de Felice, *op. cit.*, Volume 2, 1977, p.490/491.

¹⁶⁴² *Idem*, p.521.

¹⁶⁴³ Isaac Schneersohn, “Avant propos”, in Léon Poliakov, *op. cit.*, 1946, p.8.

¹⁶⁴⁴ *Idem*, p.9.

¹⁶⁴⁵ Léon Poliakov, *ibidem*, p.25.

O comportamento dos fascistas de proteção aos judeus revelou-se embaraçoso para a retórica antifascista de diabolização do fascismo no pós-guerra. Desenvolveu-se então a tese ideologicamente orientada de que Mussolini era no seu íntimo um apoiante fervoroso das ideias raciais nazis e que apenas operara umas mudanças cosméticas oportunistas tendo em conta a possibilidade de perder a guerra. Outra tese entretanto popularizada sustentava que os fascistas até queriam perseguir os judeus, mas fora o povo italiano antifascista, na sua bondade, que se erguera na defesa dos oprimidos. Dizem-no como se fosse possível todas as autoridades italianas, *incluindo o próprio governo fascista*, agirem ao arrepio das instruções e vontade do governo ditatorial fascista.

A análise dos documentos e dos factos ocorridos conta, no entanto, uma história inteiramente diferente da narrativa antifascista do pós-guerra, sobretudo quando são retirados os filtros ideológicos. Torna-se claro, à luz de todas as declarações que produziu antes de 1938, que Mussolini não era um antissemita, ou pelo menos que o seu racismo estava em linha com o normal na época entre os neomarxistas e os democratas. Mais, as medidas de proteção aos refugiados judeus tornaram-se ostensivas em 1941, numa altura em que a Alemanha parecia invencível na guerra, o que desmente em absoluto a tese de que os fascistas se estivessem a posicionar oportunisticamente para um cenário de derrota nazi. “Que Mussolini era contrário às aberrações nazis em matéria de raça é pacífico”, sublinhou o historiador Renzo de Felice, lembrando que “numerosas foram as suas tomadas de posição nesse sentido (...) nos anos anteriores à aliança com a Alemanha. A sua posição não mudou substancialmente durante as negociações para essa aliança nem depois de ela estar concluída, nem sequer nos momentos mais difíceis da guerra”¹⁶⁴⁶. Também o historiador israelita Zeev Sternhell sublinhou que “o fascismo, sabêmo-lo, não implica automaticamente o racismo.”¹⁶⁴⁷

O problema de Mussolini era o facto de a Itália estar nas mãos dos alemães, o que o conduziu a um jogo dúplice também notado por Léon Poliakov, para quem “esta atitude (dos fascistas) não podia em geral assumir formas abertas”, recorrendo antes a “pretextos e subterfúgios”¹⁶⁴⁸. A historiadora Marie-Anne Matard-Bonucci falou até numa “Itália

¹⁶⁴⁶ Renzo de Felice, *Storia degli ebrei italiani sotto il fascismo*, Volume 1, Arnoldo Mondadori Editore, Milão, 1977, p.303.

¹⁶⁴⁷ Zeev Sternhell, *op. cit.*, 2012, p.130.

¹⁶⁴⁸ Léon Poliakov, *op. cit.*, 1946, p.19.

esquizofrénica”, na qual “perseguidos na península, os judeus foram protegidos nas regiões de ocupação italiana”¹⁶⁴⁹, e reconheceu o “jogo duplo”¹⁶⁵⁰ dos fascistas, com “Mussolini a fingir que cedia às exigências alemãs, deixando que as autoridades de ocupação prosseguissem no terreno a sua política de obstrução”¹⁶⁵¹ às deportações dos judeus.

Uma das táticas dilatórias dos fascistas era a burocracia. “Para dar tempo aos judeus, os diplomatas italianos inundaram os pedidos alemães num mar de burocracia”, observou o historiador Benjamin Wood, registrando medidas “destinadas a fazer parecer que o exército estava a adotar medidas contra os judeus quando na verdade trabalhava para os manter longe das mãos dos alemães”¹⁶⁵². Em suma, o *Duce* adotou uma retórica antissemita com a propaganda e as leis de 1938 e 1939, tudo aparentemente para nazi ver, mas a sua ação prática, pese embora os efeitos nefastos que efetivamente teve para os judeus italianos que se viram discriminados e forçados a sair do país, decorreu no que era essencial, a defesa da vida, em sentido contrário.

Naturalmente que a aliança com a Alemanha e a legislação antissemita, feita evidentemente por imposição dos nazis, acabou por alienar os judeus e torná-los opositores do socialismo nacionalista dos fascistas. A queda do regime fascista em 1943 foi assim festejada com particular fulgor pela comunidade judaica italiana, a qual não percebeu que na verdade tinha sido eliminado o grande obstáculo aos desígnios genocidas dos nazis sobre si e que o grande perigo só nessa altura verdadeiramente começava. Essa é a trágica ironia desta história, reconhecida *a posteriori* por sobreviventes do Holocausto. Eles próprios estabeleceram explicitamente a relação entre o fim do regime fascista e o início das deportações. “Mussolini caiu a 5 de setembro de 1943”¹⁶⁵³, lembrou Yakov Gabbay, judeu ítalo-grego deportado para Auschwitz, sublinhando que “nessa altura começa a grande deportação dos judeus de Atenas”¹⁶⁵⁴. A matança dos judeus das zonas italianas só veio a ocorrer após a saída de cena de Mussolini em Roma, altura em que os

¹⁶⁴⁹ Marie-Anne Matard-Bonucci, *L'Italie fasciste et la persécution des juifs*, Presses Universitaires de France, Paris, 2012, p.429.

¹⁶⁵⁰ *Idem*, p.437.

¹⁶⁵¹ *Ibidem*, p.436.

¹⁶⁵² Benjamin Wood, *op. cit.*, 2012, p.73.

¹⁶⁵³ Yakov Gabbay, “Le témoignage du *Sonderkommando* Yakov Gabbay”, in Gideon Greif, *Des voix sous la cendre – Manuscrits des Sonderkommando d'Auschwitz-Birkenau*, Mémorial de la Shoah, Le Livre de Poche, Paris, 2015, p.371.

¹⁶⁵⁴ *Idem*, p.372.

alemães ficaram com as mãos livres para os arrebanhar nos setores que controlavam e os enviar enfim para os campos da morte.

O *Duce* proclamou a seguir a República Social Italiana, mas a forma como se processou o seu regresso é bem elucidativa de quanto as coisas haviam mudado. Quando Mussolini foi preso em Roma, os alemães foram apanhados de surpresa e discutiram o que fazer. Von Keitel e Rommel preferiam que a Wehrmacht assumisse diretamente o controlo de Itália, mas Himmler fez ver que não havia força policial suficiente para governar o país pela força. Foi contemplado em alternativa entregar o poder a Farinacci, mas Hitler e Von Ribbentrop receberam pessoalmente o *ras* de Cremona e, conforme revelado por Goebbels no seu diário, ficaram mal impressionados com ele, achando-o mesquinho, apossado por rancores contra Mussolini e incapaz de assumir o controlo da situação. A única opção que restava era mesmo resgatar Mussolini do cárcere e devolvê-lo ao poder, embora submetido a um apertado controlo por parte dos nacional-socialistas.

A possibilidade de se libertar o *Duce* ganhou força, o que provocou protestos de Alfred Rosenberg. O ideólogo nazi acusou o chefe dos *fasci* de ter protegido os judeus. Porém, Hitler considerou que não havia real alternativa e deu ordem para se resgatar Mussolini. A operação foi executada e Mussolini transportado para a Alemanha. Ao encontrar-se com o *Duce* imediatamente depois da operação, o *Führer* achou-o quebrado e, vendo-o sem ânimo nem vontade, sentiu-se profundamente desiludido. Perante a forte resistência do seu interlocutor em voltar ao poder, Hitler colocou-o perante uma escolha terrível: ou regressava para endireitar as coisas ou a Alemanha faria de Itália terra queimada, tratando-a pior do que tratara a Polónia e punindo-a pela sua traição de um modo tão brutal que dissuadiria outros aliados de seguirem o mesmo caminho.

Perante esta ameaça explícita, Mussolini aceitou regressar e fundou então a República Social Italiana. Libertado da teia de compromissos com as forças não socialistas que lhe permitiram a ascensão e a manutenção no poder, o fascismo afirmou-se então plenamente como movimento republicano e socialista. No plano racial, foram aprovadas novas leis antissemitas e mais de sete mil judeus foram deportados do território sob a alçada dos fascistas republicanos. Apenas 610 escaparam aos campos de extermínio. Neste período, porém, Mussolini não tinha qualquer maneira de fazer frente aos

desígnios genocidas dos nazis pois, conforme observou Renzo de Felice, estava já “praticamente prisioneiro dos alemães.”¹⁶⁵⁵

Em suma, aqueles que consideram que o racismo é uma característica estruturante do fascismo ao ponto de fazer parte da sua definição claramente desconhecem a natureza desta ideologia. Uma coisa é uma ideologia ter referências racistas, outra é uma ideologia ser racista na sua essência. Como já vimos, o racismo também pode ser encontrado no marxismo, o próprio *O Capital* contém referências racistas e Marx e Engels multiplicaram-se em declarações racistas, mas tal não permite que se diga que o racismo é uma característica estruturante do marxismo. Seria absurdo fazer tal afirmação.

Da mesma maneira, o racismo pode ser também encontrado no fascismo, o regime de Mussolini chegou até a aprovar legislação racial, mas isso não permite igualmente declarar que o racismo constitui uma característica estruturante do fascismo. Note-se que o fascismo nasceu formalmente em 1919 e só em 1938, com as leis raciais evidentemente impostas pelos nacional-socialistas alemães, é que o movimento de Mussolini deu uma guinada para o racismo antisemita. Ora não é possível ignorar que o racismo esteve ausente do fascismo durante 19 anos, o que não é coisa pouca, como também não é possível ignorar as múltiplas proclamações de Mussolini a ridicularizar as ideias racistas.

Se o racismo faz parte do fascismo, o facto de durante tanto tempo não ter feito parte do movimento dos *fasci* mostra que o racismo não constitui a essência da ideologia fascista e por isso não a define. Tendo dito isto, as leis raciais do fascismo estão lá e, juntamente com a ditadura e a violência, para sempre constituirão uma mancha indelével do seu regime.

¹⁶⁵⁵ Renzo de Felice, *Mussolini, l'alleato – La guerra civile (1943-1945)*, Giulio Einaudi Editore, Turim, 1997, p.62.

O que é o fascismo

Chegamos enfim ao centro da questão, o ponto de partida e de chegada de toda a discussão, o problema cuja resolução tudo clarifica. O que é afinal o fascismo?

Já vimos que dizer que o fascismo é violência, é guerra, é militarismo, é niilismo, é o mal, é um instrumento do capitalismo, é o resultado de uma crise moral, é racismo, é destruição, é um produto da burguesia ou da repressão sexual simplesmente não serve. Nuns casos estamos a falar de conceitos morais e subjetivos, noutros em noções tão abrangentes que neles cabe tudo, noutros ainda de meras circunstâncias que o contextualizam mas não o definem. Precisamos de captar a essência do fascismo e para o fazer há que determinar os seus traços dominantes. Só assim será possível estabelecer uma definição que incorpore os factos conhecidos e que sirva para explicar o seu passado e para fazer previsões. Em suma, é necessária uma definição operacional.

Como definir a ideologia do movimento chefiado por Benito Mussolini? “Definir o fascismo não é coisa fácil”, reconheceu o ideólogo fascista de origem neomarxista Sergio Panunzio. “O fascismo é, enquanto ideia, indefinível”¹⁶⁵⁶. A expressão *indefinível* talvez não seja a mais adequada, mas é um facto que estamos perante uma doutrina que em Itália não se revelou uniforme, que foi evoluindo com o tempo e que entrou por vezes em contradições, aparentes ou reais, o que evidentemente dificulta a sua classificação.

Porém, alguma coisa pode ser dita para a definir e a enquadrar no seu tempo e para compreender os seus objetivos e projeto geral, até porque os elementos que nos permitem chegar à definição do fascismo já constam das análises aqui feitas e podem transcender o caso italiano. Embora se trate de um movimento nascido e batizado em Itália, tal facto não nos deve impedir

¹⁶⁵⁶ Sergio Panunzio, “Il doppio aspetto del Fascismo”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2014, p.146.

de propor a inserção do fascismo num movimento geral e internacional. O chamado fascismo genérico.

Atingido este ponto, é então altura de definir o nosso objeto de estudo. Tendo analisado a ideologia existente em Itália que se definiu como fascismo, o que encontramos como sendo os seus traços fundamentais? Um regime ditatorial e uma coabitação da ideia nacionalista com a ideia socialista. Sendo estruturantes no fascismo italiano, são estes pontos que nos permitem identificar o fascismo italiano. Assim, poderemos dizer que *o fascismo é um movimento ditatorial de socialismo nacionalista*. Esta é a definição operacional que exprime a essência genérica do movimento que adquiriu o seu nome em Itália.

O passo seguinte será usar esta definição para ver se se aplica a qualquer outro regime, independentemente da forma como se apresenta ou autodesigna. Por exemplo, o nacional-socialismo alemão não se chamava formalmente fascismo, como sabemos, mas seria uma ditadura de socialismo nacionalista? Em caso afirmativo, seria então fascismo. E as restantes ditaduras dos séculos XX e XXI, sejam elas socialistas ou nacionalistas? Podem elas também combinar socialismo ou nacionalismo, mesmo que não assumam uma ou a outra destas duas ideias? Se o fizerem, teremos então de ser consequentes e considerá-las igualmente fascistas.

Assim, se os traços estruturais do fascismo italiano forem comuns aos regimes ditatoriais socialistas, no caso de estes aplicarem políticas nacionalistas mesmo sem reivindicarem uma natureza nacionalista, e/ou aos regimes ditatoriais nacionalistas, no caso de estes aplicarem políticas socialistas mesmo sem reivindicarem uma natureza socialista, então estaremos perante regimes fascistas. Isto porque a análise estrutural ao fascismo italiano mostra que, no seu âmago, este era um regime ditatorial de nacionalismo socialista ou de socialismo nacionalista, e esta definição terá de se aplicar também ao fascismo genérico.

Ter-se-ão regimes com as mesmas características materializado em outros países, ainda que sob várias designações e formatos? Se assim foi, estaremos de facto perante regimes integráveis no fascismo genérico, e portanto fascistas, mesmo que não se apresentassem como tal, mesmo que a sua retórica fosse antifascista. A ser assim, a retórica antifascista de alguns desses regimes mais não seria do que uma forma de camuflar a sua essência, na verdade uma essência comum a todos os regimes fascistas e que

obrigatoriamente os inserirá na categoria de fascismo genérico, ainda que disso não tivessem consciência.

Antes de lidarmos com essa questão, contudo, teremos de concluir a análise do fascismo italiano, e em particular a maneira como a sua dimensão socialista evoluiu, pois esta evolução pode ter contribuído para algumas das confusões relacionadas com essa dimensão. Por exemplo, é verdade que o fascismo em Itália contemporizou com a democracia liberal até 1925, o que poderá pôr em causa a inclusão do elemento ditatorial como parte da sua definição, mas o facto é que a aceitação das regras democráticas liberais foi temporária e meramente tática, um simples reflexo das circunstâncias, pois foi verdadeiramente em ditadura que o fascismo italiano se afirmou.

Aliás, o mesmo se pode dizer das ditaduras comunistas. Quando não conseguem chegar ao poder e impor a ditadura do proletariado propugnada por Marx, Engels e Lenine, não são os movimentos comunistas que aceitam participar no jogo da democracia liberal, concorrendo em eleições e apresentando-se no parlamento? No entanto, e tal como o fascismo, nunca foi numa democracia liberal que os movimentos comunistas conseguiram aplicar o seu programa antiliberal, razão pela qual uma vez triunfantes acabam inevitavelmente por instalar ditaduras.

Por outro lado, é também verdade que académicos como James Gregor integram na definição de fascismo um conceito adicional, o de que tais movimentos só existem em países em situação de subdesenvolvimento. Porém, mesmo que o fascismo enquanto regime de facto só aí tivesse sido encontrado, e não foi, não me parece que esse elemento possa por si só fazer parte da definição. Eu diria que se trata, não de um elemento definidor, mas de um simples circunstancialismo. Na verdade, o fascismo também apareceu enquanto ideologia e movimento em países desenvolvidos, embora numa situação de grave crise de desenvolvimento, como aconteceu com a Alemanha no pós Primeira Guerra Mundial, ou então sem força para chegar ao poder e tornar-se regime, como sucedeu em França.

Atentemos, pois, à evolução da dimensão socialista no fascismo italiano.

A primeira fase do socialismo fascista

Tendo definido o fascismo que apareceu em Itália como um regime ditatorial socialista nacionalista pós-marxista, há naturalmente algumas questões que se levantam. Em que momento é que os neomarxistas que criaram o fascismo deixaram de ser neomarxistas e se tornaram pós-marxistas? Em alguma das suas fases o fascismo foi neomarxista? Ou o movimento, tendo embora origem marxista, já nasceu pós-marxista? E, tendo o fascismo nascido socialista, como evoluiu o seu socialismo pós-marxista ao longo do tempo? Que dificuldades essa dimensão socialista encontrou, que dinâmicas a moldaram, como se posicionou e definiu?

A resposta a todas estas perguntas é ainda de natureza puramente interpretativa, e por duas razões dominantes, embora não exclusivas. Primeiro porque naturalmente não existe nenhuma declaração por parte dos neomarxistas que criaram o fascismo a indicar que a partir de um determinado momento deixaram de acreditar em Marx e Engels, ou pelo menos na sua visão da revolução do proletariado e no paraíso final da sociedade sem classes. A transição do neomarxismo para o pós-marxismo foi sobretudo um processo que decorreu passo a passo, em função das circunstâncias e da evolução da análise que os fascistas faziam à doutrina, à realidade, à sua aplicação prática e aos respetivos resultados e desafios. Em segundo lugar, essa evolução não decorreu em bloco, pois o fascismo, como a generalidade dos movimentos ideológicos e políticos, reunia dentro de si correntes diferentes que, embora convergindo, mantinham diferenças acentuadas. Algumas das suas alas nem sequer eram socialistas e outras eram-no por mero taticismo ou oportunismo, o mesmo se podendo dizer da sua vertente nacionalista.

Se definíssemos o momento da transição para o pós-marxismo como sendo aquele em que os neomarxistas que criaram o fascismo passaram a acreditar no nacionalismo, então teríamos de afirmar que o fascismo já nasceu pós-marxista. O problema é que muitos marxistas que se tornaram neomarxistas, desde Eduard Bernstein a Otto Bauer, passando pelos comunistas alemães, franceses e britânicos que em 1914 renegaram na

prática o internacionalismo para apoiar as suas nações na Grande Guerra, já pelos seus atos haviam mostrado acreditar no nacionalismo e nem por isso deixaram de ser neomarxistas. Também os comunistas russos e os comunistas dos países do Terceiro Mundo que encabeçavam movimentos nacionais contra as potências colonizadoras alimentavam projetos nacionalistas e continuaram a ser considerados neomarxistas. Os próprios Marx e Engels, como vimos, deram sucessivas provas de serem pangermanistas nacionalistas e até supremacistas, e como é evidente ninguém põe em causa as suas credenciais marxistas. Portanto, a afirmação do socialismo nacionalista por parte dos comunistas intervencionistas italianos não pode constituir o instante de transição do socialismo fascista para o pós-marxismo, sob pena de todos os socialismos de origem marxista, incluindo a doutrina original de Marx e Engels, terem de ser considerados pós-marxistas.

Outra possibilidade seria definir tal momento como aquele em que os neomarxistas que criaram o fascismo deixaram de acreditar na luta de classes e batalharam para que a burguesia prosperasse. A ser assim, o fascismo nasceu marxista ou neomarxista, uma vez que em 1919 alguns dos seus ideólogos neomarxistas ainda defendiam o confronto de classes e a apropriação pelo proletariado dos bens de produção da burguesia, de que Alceste de Ambris é o exemplo mais acabado, e só com o tempo, quando os fascistas vieram para as ruas determinados a pôr fim à agitação revolucionária do *biennio rosso* comunista em Itália e quando depois formularam o corporativismo, é que teria ocorrido a transição para o pós-marxismo.

O problema é que, como também já vimos, todo o racional por detrás da ideia da cooperação de classes e do apoio à burguesia era originalmente de natureza doutrinária marxista. Marx e Engels tornaram muito claro que as únicas revoluções genuinamente socialistas eram as que ocorriam em países de capitalismo avançado e *O Manifesto Comunista* sublinhara que a burguesia tinha o papel revolucionário de desenvolver o capitalismo. Portanto, o apoio à burguesia num país subdesenvolvido como a Itália não só não contrariava a doutrina original marxista como na verdade a respeitava à letra. Consequentemente, a transição do fascismo de um neomarxismo para um pós-marxismo não pode ter ocorrido no instante em que os fascistas deixaram de preconizar a luta de classes.

Assim sendo, qual foi então o momento que marcou essa transição? A haver uma hora de viragem talvez tivesse sido o congresso de Milão, em maio de 1920, quando o movimento abandonou o programa neomarxista do ano anterior. Ou talvez não tenha havido um momento definido em que num instante o fascismo era neomarxista e no instante a seguir se tornou pós-marxista, mas um processo gradual, complexo e dinâmico e que envolveu os próprios fascistas que não tinham origem socialista, em particular os nacionalistas.

É preciso tornar claro neste ponto que os fascistas, mesmo muitos dos que não eram de origem socialista, tinham a consciência de estarem a criar um socialismo de características diferentes dos socialismos tradicionais, um socialismo nacionalista a que Alfredo Rocco designou “*socialismo das nações*”¹⁶⁵⁷ (itálico no original). Este projeto não incomodava de modo nenhum os fascistas que não vinham do socialismo, como os nacionalistas, os conservadores e os proprietários rurais, pois a sua prioridade era pôr termo à agitação revolucionária comunista do *biennio rosso* e reinstituir a ordem no país. O projeto do socialismo das nações não punha em causa os seus interesses. Mais, o projeto marxista de ajudar a burguesia a desenvolver o capitalismo, preconizado em *O Manifesto Comunista* e abraçado pelos fascistas, servia perfeitamente os seus objetivos. E é também claro que os socialistas fascistas de origem marxista tinham plena consciência, desde o primeiro momento, que estavam em rotura com o socialismo e o marxismo *do seu tempo*. Porém, entendiam que essa rotura não era com o fenómeno socialista geral, até porque se consideravam, como está plasmado nas palavras de Mussolini e de outros ideólogos socialistas fascistas, os autores do único “socialismo viável.”¹⁶⁵⁸

Em bom rigor, o fascismo italiano envolve certas subtilezas que escapam em absoluto às generalizações e dificultam o quadro interpretativo. Isto porque, tal como acontece com todas as doutrinas e partidos políticos, o movimento chefiado por Benito Mussolini não era de modo algum uniforme. Em bom rigor, era até menos uniforme do que o normal. “Da Constituinte do intervencionismo italiano sairá o anti-partido, isto é, uma organização ‘fascista’ que nada terá em comum com os ‘credos’, com os ‘dogmas’, com a ‘mentalidade’ e sobretudo com os ‘preconceitos’ dos velhos partidos, pois

¹⁶⁵⁷ Alfredo Rocco, *op. cit.*, 1919, p.12.

¹⁶⁵⁸ Benito Mussolini, “Alle camicie nere della brigata nera Resega”, 14 de outubro de 1944, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.52; Benito Mussolini, “Soliloquio in ‘libertà’ all’isola Trimellone”, 20 de março de 1945, *idem*, p.96.

permitirá a coexistência e a comunidade de ação de todas as cores – quaisquer que sejam os seus credos políticos, religiosos, económicos”¹⁶⁵⁹, anunciou Mussolini em vésperas de criar os Fasci di Combattimento.

O fascismo foi assim criado pelos socialistas intervencionistas como uma espécie de confederação aberta a todas as ideias. Continha por isso em si múltiplas sensibilidades, cada uma com os seus objetivos e agendas próprias e algumas até aparentemente opostas, desde o fascismo agrário conservador, que o próprio *Duce* detestava e não controlava, ao fascismo urbano revolucionário, que ele acarinhava e dirigia, e foi evoluindo com o tempo e as circunstâncias. Além do mais, o próprio movimento desenvolveu-se por vezes até em direções contraditórias.

Já vimos que a maioria dos fundadores do fascismo eram neomarxistas. No entanto, não podemos esquecer que o movimento integrou uma multiplicidade de elementos de outras origens com propósitos, projetos e interesses específicos, desde os anarquistas aos futuristas, passando pelos antigos combatentes, pelos proprietários rurais e, sobretudo, pelos nacionalistas que no fascismo convergiram para o socialismo. O fascismo formou assim um corpo com diversas cabeças e, apesar de o socialismo constituir um pilar da ideologia de Mussolini, nem todas essas cabeças se reviam no seu socialismo e o aceitavam sequer. Portanto, sendo o marxismo a principal origem do fascismo, o marxismo não é a sua origem exclusiva – ou, pelo menos, não é a origem de algumas das suas fações. Este tema é escalpelizado em muitas outras obras sobre o fascismo e não pertence ao âmbito deste trabalho, pelo que a sua análise mais aprofundada não cabe aqui.

Um segundo ponto relaciona-se com a evolução do fascismo enquanto socialismo nacionalista. O fascismo, como já abundantemente constatámos, nasceu como movimento de origem marxista e com reivindicações revolucionárias comunistas. Ao separarem-se do socialismo “oficial” em 1914, no entanto, os socialistas revolucionários que criaram o fascismo começaram a trilhar um caminho novo, e herético em relação ao marxismo, para o socialismo. O caminho que escolheram foi, como já vimos, o de usar as convulsões da guerra e o mito da nação como catalisadores para a revolução, e estas duas ideias de raiz respetivamente marxista e neomarxista condicionaram profundamente o tipo de socialismo que desenvolveram.

¹⁶⁵⁹ Benito Mussolini, “A raccolta!”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.27/28.

O fascismo perante o bolchevismo

Talvez a melhor maneira de começar por compreender o posicionamento diferenciado assumido pelos socialistas que criaram o fascismo seja ver a forma como eles lidaram com o bolchevismo. Depois de se afastar do PSI, Mussolini abriu um jornal, o *Il Popolo d'Italia – Quotidiano socialista*, cuja equipa redatorial descreveu como sendo uma “bela brigada libertária”¹⁶⁶⁰, que se tornou o porta-voz do seu grupo de socialistas intervencionistas.

Nas suas múltiplas crónicas nesse periódico ao longo da guerra, e já com a Itália a combater ao lado dos Aliados, constata-se que o antigo diretor do *Avanti!* dedicou pouca atenção ao PSI, embora acusasse este partido de ser financiado pelos socialistas alemães, matéria que podia ser do seu conhecimento dado ter chefiado o órgão oficial do PSI e forçosamente conhecer o interior do Partido Socialista Italiano. O chefe dos *fasci* deu aliás várias vezes a entender que o neutralismo dos socialistas oficiais italianos não era inocente, mas comprado pelos socialistas da Alemanha, nessa altura já um país inimigo de Itália, o que o levou a chamar ao PSI “aquela verdadeira associação de delinquentes que trapaceia e mistifica o proletariado italiano da maneira mais suja.”¹⁶⁶¹

Os canhões de Mussolini viraram-se sobretudo contra o socialismo alemão, que segundo ele “tem um carácter nitidamente conservador e leal à defesa da Alemanha e um carácter ‘reacionário’, tipicamente reacionário, no confronto com a civilização europeia”¹⁶⁶², pois na verdade tratava-se de um socialismo nacionalista que “procura unicamente salvaguardar os interesses da Alemanha, da maior Alemanha”¹⁶⁶³. Isto em contraste com os rasgados elogios que teceu aos socialistas dos outros países, note-se. “No socialismo francês não faltam as cabeças pensantes, os homens de valor”¹⁶⁶⁴, louvou por exemplo em referência ao socialismo de França, “não esqueçamos que o

¹⁶⁶⁰ Benito Mussolini, “Gli italiani pel ‘Popolo’”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de janeiro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.190.

¹⁶⁶¹ Benito Mussolini, “Franchi e... Marchi”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de julho de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VIII, 1952, p.109.

¹⁶⁶² Benito Mussolini, “La coda di paglia”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de junho de 1915, *idem*, p.48/49.

¹⁶⁶³ *Ibidem*, p.49.

¹⁶⁶⁴ Benito Mussolini, “Il gigante di stoppa”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de novembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.73.

socialismo francês tem uma doutrina e uma história, tem pensadores e mártires.”¹⁶⁶⁵

O problema dos socialistas intervencionistas italianos que fundaram o fascismo não era com o socialismo em geral, que manifestamente perfilhavam, mas com os rivais do PSI e essencialmente com o socialismo do país inimigo, a Alemanha. Na opinião de Mussolini, o internacionalismo dos socialistas alemães não passava de uma camuflagem para ludibriar os restantes socialistas. “A guerra à Alemanha significa também a guerra ao ‘seu’ socialismo que mais não é do que o instrumento perfeito da política imperialista” alemã”, observou, defendendo que os socialistas alemães praticavam na verdade um “marxismo aplicado às relações entre nações. O direito não existe. Existe a força. Como na luta entre classes. A ideologia filantrópica, humanitária, conciliatória não passa de uma inutilidade literária” pois “primeiro está o interesse da Alemanha (primeiro alemão, depois socialista, disse Bebel)” (parênteses no original). Ora “tudo isto é puramente marxista.”¹⁶⁶⁶

A preocupação de Mussolini com o socialismo alemão, muito presente até 1917, desvaneceu-se com a revolução russa. É importante começar por recordar que a revolução na Rússia ocorreu a dois tempos. O primeiro ato teve lugar em março de 1917 com a abdicação do czar, o que levou à instituição de dois poderes paralelos, o dos governos provisórios, em particular o do socialista revolucionário Aleksandr Kerensky, e o dos soviets, os concelhos de trabalhadores. Logo que entrou em funções, Kerensky instituiu na Rússia direitos cívicos fundamentais como a liberdade de expressão, de imprensa, de assembleia e de religião, o sufrágio universal, a igualdade de direitos para as mulheres, o reconhecimento do direito da Polónia e da Finlândia à autodeterminação e a promessa de autonomia para as minorias nacionais. Pormenor crucial, decidiu que a Rússia prosseguiria a guerra contra a Alemanha e o Império Austro-Húngaro.

Quando o czar caiu, Mussolini estava num hospital de Milão a recuperar de múltiplos ferimentos sofridos durante um exercício militar de tiro. Por conseguinte, a primeira reação dos socialistas intervencionistas italianos aos acontecimentos na Rússia não foi dele mas do seu jornal, *Il Popolo d'Italia*. “A Santa Rússia revolucionária triunfa sobre a reação germanófila”, saudou

¹⁶⁶⁵ *Idem*, p.74.

¹⁶⁶⁶ Benito Mussolini, “La maschera è caduta!”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de agosto de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VIII, 1952, p.183.

o periódico de Mussolini, anunciando que o país “entrou, com o movimento de hoje, definitivamente na órbita da civilização e da liberdade ocidental”¹⁶⁶⁷. Os fundadores do fascismo exaltaram a revolução russa, consagraram-na como um triunfo e compararam-na à Revolução Francesa ao ponto de a descreverem como a vitória da igualdade, liberdade e fraternidade. Em sucessivos artigos e editoriais, o *Il Popolo d'Italia* considerou que “o soviete é autoridade que merece confiança na nova Rússia”¹⁶⁶⁸, ao mesmo tempo que defendia as reformas “verdadeiramente revolucionárias” decretadas pelos revolucionários russos e concluía com um significativo “seja bem-vindo o comunismo!”¹⁶⁶⁹

A grande preocupação dos fundadores do fascismo não era, pois, a revolução nem a chegada do comunismo, que aliás saudaram com enorme entusiasmo. Na verdade, para os socialistas nacionalistas italianos a revolução russa constituía a prova de que a Grande Guerra era verdadeiramente revolucionária, como eles sempre haviam defendido, uma vez que o conflito estava de facto a desencadear revoluções socialistas nos países beligerantes. Ou seja, a revolução russa mostrava que os socialistas dos *fasci* tinham razão e os socialistas oficiais do PSI não, o que significava que os socialistas nacionalistas intervencionistas eram os verdadeiros revolucionários e os do PSI não passavam, na sua visão, de reacionários e socialistas de pacotilha.

Acontece que não era apenas o socialismo italiano que estava dividido em várias capelas. O russo também. A principal organização socialista da Rússia era o Partido Socialista Revolucionário, o partido de Kerensky, seguido dos Mencheviques e depois dos Bolcheviques, uma pequena facção radical cujo líder, o na altura quase desconhecido Vladimir Lenine, se encontrava exilado na Suíça. Lenine foi apanhado de surpresa pela revolução e decidiu regressar de imediato à Rússia. O problema é que a guerra estava a decorrer e a Alemanha, inimiga da Rússia, naturalmente não iria deixar cidadãos russos passar pelo seu território. Mas no caso de Lenine, Berlim abriu uma exceção que à época viria a fazer correr muita tinta.

Na tarde de 9 de abril de 1917, Lenine entrou acompanhado da mulher e de uma trintena de revolucionários num comboio em Zurique. Aos apoiantes

¹⁶⁶⁷ Emilio Gentile, “Un Mussolini un po’ russo”, *Il Sole 24 Ore*, 4 de maio de 2017.

¹⁶⁶⁸ Guido Donnini, *Il 1917 di Russia nella stampa italiana*, A. Giuffré Editore, Milão, 1976, p.206.

¹⁶⁶⁹ Giovanna Procacci, “Gli interventisti di sinistra, la rivoluzione di febbraio e la politica interna italiana nel 1917”, *Italia contemporanea*, n°138, março de 1980, p.63.

que compareceram na gare para se despedirem juntou-se um grupo de uma centena de emigrantes russos que insultou o chefe bolchevique e seus acompanhantes. “Provocadores! Espiões! Porcos! Traidores!”, gritaram esses manifestantes. “O Kaiser está a pagar a vossa viagem!”¹⁶⁷⁰. A acusação não era inexata. Berlim sabia que Lenine defendia a saída da Rússia da guerra e tinha todo o interesse em ajudá-lo, razão pela qual facilitou a viagem. De resto, documentos secretos dos arquivos soviéticos revelados depois da queda da URSS mostram que o líder dos bolcheviques recebeu realmente milhões de marcos do governo alemão para fazer propaganda contra a guerra na Rússia. O facto é que, atravessando a Alemanha num comboio selado, Lenine conseguiu chegar a Petrogrado, a atual São Petersburgo, e no seu primeiro discurso defendeu a saída do país da guerra e opôs-se à instituição de uma democracia liberal.

O súbito aparecimento em cena de Lenine com declarações que implicavam uma paz separada com os alemães foi de imediato notado pelo *Il Popolo d'Italia*, sempre muito sensível a todas as questões relacionadas com o conflito mundial. O jornal dos socialistas intervencionistas italianos não acolheu bem o neutralismo do líder daquele pequeno partido russo que praticamente não participara na revolução e de imediato pôs-se a investigar este novo personagem. Descobrimos os singulares detalhes da travessia da Alemanha de comboio, o *Il Popolo d'Italia* prontamente suscitou dúvidas sobre a idoneidade do chefe bolchevique e chamou-lhe “o germanófilo Lenine”¹⁶⁷¹, levantando a suspeita de que estaria a ser financiado por Berlim para retirar a Rússia da guerra. Seria um traidor a soldo do inimigo alemão.

Para os socialistas nacionalistas italianos, a questão da prossecução da guerra era fundamental. Os seguidores de Mussolini consideravam imperativo que a Rússia não fizesse uma paz separada com a Alemanha, pois isso seria abandonar os seus aliados, incluindo a Itália, além de que poderia levar os soldados italianos a perderem a vontade de combater. Tal viabilizaria uma possível vitória do militarismo retrógrado das potências centrais, o que os socialistas dos *fasci* queriam a todo o custo evitar. Os primeiros sinais dados pelo governo de Kerensky tranquilizaram-nos, pois iam no sentido da continuação da guerra contra o Kaiser. Além disso, os socialistas nacionalistas italianos concluíram que, se a revolução russa era

¹⁶⁷⁰ Joshua Hammer, “Vladimir Lenin’s Return Journey to Russia Changed the World Forever”, *Smithsonian Magazine*, março de 2017, Smithsonian.com.

¹⁶⁷¹ Mario Isnenghi, *La grande guerra*, Giunti Gruppo Editoriale, Florença, 2002, p.128.

progressista, então decerto a Rússia iria reforçar a ofensiva contra as potências autocráticas, reacionárias e militaristas da Alemanha e Austro-Hungria. Daí a preocupação suscitada pelo aparecimento dos “seguidores de Lenine (que) têm um programa de paz universal que nas atuais circunstâncias é simplesmente absurdo. A paz universal é uma placa de cemitério.”¹⁶⁷²

As posições neutralistas de Lenine na Rússia tiveram por outro lado um enorme impacto entre os socialistas do PSI, que viram enfim alguém na esfera socialista europeia sustentar por atos as suas teses não intervencionistas. Como resultado, o PSI pôs-se do lado do partido de Lenine. A partir daí, os bolcheviques tornaram-se objeto das querelas intestinas do socialismo italiano, com os socialistas intervencionistas de Mussolini a alinharem pelo socialismo revolucionário intervencionista de Kerensky e os socialistas não intervencionistas do PSI a apoiarem o socialismo revolucionário não intervencionista de Lenine.

A questão tornou-se de tal modo importante que, quando em maio Mussolini publicou enfim a sua primeira crónica sobre a revolução russa, não se esqueceu de fazer uma pequena referência ao chefe dos bolcheviques, acusando-o de ser “um parênteses – mais ou menos tempestuoso – entre o czarismo de ontem e o de amanhã”, para concluir que se recusava a acreditar que a Rússia republicana fizesse a paz com a Alemanha “assassinando a liberdade europeia”¹⁶⁷³. Para Mussolini, o “‘puríssimo’ Oulianov, *vulgo* Lenine”, encabeçava um grupo de “extremistas ao serviço da Alemanha” apenas apoiados pela “‘socialbocheria’ italiana”¹⁶⁷⁴, um trocadilho associando os socialistas do PSI aos alemães, os *boches*, embora seguro de que Kerensky “salvará a Revolução.”¹⁶⁷⁵

O tom estava dado. O aparecimento de Lenine, e sobretudo a colagem do PSI aos bolcheviques e ao seu projeto neutralista, ditou uma viragem de agulha drástica no alvo dos ataques dos socialistas intervencionistas italianos. Mussolini passou a ignorar os socialistas alemães e assentou doravante baterias em Lenine e nos seus seguidores em Itália, o até aí quase ignorado PSI. “Ao defenderem os bolcheviques de Moscovo, os socialistas oficiais italianos defendem-se sobretudo a si mesmos”, escreveu o diretor do

¹⁶⁷² Benito Mussolini, “Cartelle cliniche”, *L'Italia Nostra*, 24 de maio de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VIII, 1953, p.278.

¹⁶⁷³ *Idem*, p.277.

¹⁶⁷⁴ Benito Mussolini, “Da Sturmer à Lénine”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de julho de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, IX, 1952, p.74.

¹⁶⁷⁵ *Idem*, p.76.

Il Popolo d'Italia, notando que o PSI “ligou indissolúvel e ostensivamente o seu destino ao de Lenine e companhia.”¹⁶⁷⁶

Os fundadores do fascismo, definindo-se como fazendo parte dos “socialistas intervencionistas do Ocidente”¹⁶⁷⁷, elogiaram consistentemente a revolução russa, acolheram positivamente a chegada do comunismo à Rússia, festejaram o momento em que “o czarismo desabou como uma maçã podre”¹⁶⁷⁸, apoiaram entusiasticamente os socialistas revolucionários e “a liderança firme de Kerensky”¹⁶⁷⁹, dizendo que “estes socialistas eram homens conhecidos em todo o mundo pelo seu valor intelectual e moral”¹⁶⁸⁰, e cantaram loas aos soviets. “Saúdo com admiração devota e comovida as bandeiras vermelhas que depois de terem sido desfraldadas pela primeira vez nas ruas e praças de Petrogrado numa manhã pálida de neve de primavera, se tornaram hoje o símbolo dos regimentos”¹⁶⁸¹, proclamou Mussolini com fervor revolucionário pró-russo, pró-soviets e pró-socialista, sublinhando que “esta é uma guerra revolucionária” e “uma guerra anti-imperialista”¹⁶⁸² com as bandeiras comunistas à cabeça dos exércitos”, pois “as bandeiras com as águias imperiais não resistirão às bandeiras vermelhas da Revolução.”¹⁶⁸³

O seu entusiasmo pelo fim do czarismo, pela revolução russa, pela chegada dos soviets e do comunismo e pelo governo dos socialistas revolucionários de Kerensky era inequívoco, e qualquer erro cometido pelo novo poder socialista russo desculpado como mero resultado de um “período convulsivo e inevitável depois de uma mudança tão grandiosa”. Para Mussolini, “a Rússia hoje é Kerensky”¹⁶⁸⁴, o homem capaz de “salvar a

¹⁶⁷⁶ Benito Mussolini, “L’hanno voluto!”, *Il Popolo d'Italia*, 21 de março de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.392.

¹⁶⁷⁷ Benito Mussolini, “Duplice colpo! – Il tramonto di Zimmerwald”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de julho de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, IX, 1952, p.30.

¹⁶⁷⁸ Benito Mussolini, “Epilogo fatale”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de setembro de 1917, *idem*, p.190.

¹⁶⁷⁹ Benito Mussolini, “Gli italiani pel ‘Popolo’”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de julho de 1917, *ibidem*, p.52.

¹⁶⁸⁰ Benito Mussolini, “L’hanno voluto!”, *Il Popolo d'Italia*, 21 de março de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.392.

¹⁶⁸¹ Benito Mussolini, “Bandiere rosse”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de julho de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, IX, 1952, p.26.

¹⁶⁸² Benito Mussolini, “E adesso, ai fatti!”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de julho de 1917, *idem*, p.79.

¹⁶⁸³ Benito Mussolini, “Bandiere rosse”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de julho de 1917, *ibidem*, p.28.

¹⁶⁸⁴ Benito Mussolini, “Viva Kerensky!”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de julho de 1917, *ibidem*, p.77.

Revolução” e de fazer face à “traição de Lenine”¹⁶⁸⁵. Quando delegados dos soviets russos visitaram a Itália, os ativistas dos Fasci di Azione Rivoluzionaria uniram-se ao Partido Socialista Reformista, aos grupos socialistas autônomos, a grupos sindicalistas e aos anarquistas intervencionistas numa homenagem aos visitantes, dizendo que “saúdamos calorosamente em vós os representantes da revolução russa”, que constituía a “nossa mais bela esperança nesta grande hora histórica dos povos”¹⁶⁸⁶, e que “saúdamos com entusiasmo a revolução russa e desejamos-lhe sucesso, como desejamos que se possa consolidar com disciplina revolucionária, defendendo-se internamente contra qualquer tentativa insidiosa dos inimigos em regressar ao passado ou de vingança das forças reacionárias.”¹⁶⁸⁷

Com exceção de Mario Carli, o apoio dos fundadores do fascismo à emergência do comunismo na Rússia contrastava com uma oposição feroz a Lenine e aos bolcheviques. Os socialistas intervencionistas italianos não criticaram os bolcheviques por serem comunistas, como se demonstra pelos entusiásticos elogios aos socialistas revolucionários, aos soviets e às bandeiras vermelhas içadas na Rússia, mas por advogarem uma paz separada com a Alemanha. Precisamente pelos mesmos motivos, os não intervencionistas do PSI apoiavam Lenine e opunham-se a Kerensky. Essa postura do PSI levou Mussolini a queixar-se de que “o socialismo oficial italiano não se solidarizou com o *populista* Kerensky, nem com o marxista Martoff e muito menos com o zimmerwaldiano Cernoff; mas apenas e sempre com Lenine”¹⁶⁸⁸ (itálico no original), o que o levou a falar na “transformação de boa parte do socialismo italiano em leninismo”¹⁶⁸⁹ e a chamar “social-leninistas”¹⁶⁹⁰ aos seus rivais do PSI. Em suma, os acontecimentos na Rússia foram interpretados em Itália em função dos conflitos e rivalidades domésticas entre os dois movimentos socialistas italianos.

¹⁶⁸⁵ *Ibidem*, p.78.

¹⁶⁸⁶ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1965, p.711.

¹⁶⁸⁷ *Idem*, p.717.

¹⁶⁸⁸ Benito Mussolini, “L’hanno voluto!”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de março de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.393.

¹⁶⁸⁹ Benito Mussolini, “Dei ministri, non un governo”, *Il Popolo d’Italia*, 12 de setembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, IX, 1952, p.188/189.

¹⁶⁹⁰ Benito Mussolini, “Stato comatoso”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de setembro de 1917, *idem*, p.159; Benito Mussolini, “Opinioni”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de setembro de 1917, *ibidem*, p.168.

O problema inicial dos *fasci* para com a linha oficial do PSI era a sua neutralidade, que consideravam contra-revolucionária e anti-socialista. Mussolini apelidou os seus rivais do PSI de “aquela minoria de facciosos” que falava “em nome de um socialismo – mal compreendido e pior predicado”¹⁶⁹¹, dizendo que “o que os neutralistas reclamam é a liberdade de matar a liberdade, logo são a reação”¹⁶⁹². Mas até à revolução russa, Mussolini quase os ignorou. Acontece que, na opinião dos socialistas intervencionistas que fundaram o fascismo, a emergência de Lenine na Rússia levava o PSI a radicalizar-se. “O Partido Socialista Oficial, que até ontem era neutralista, hoje é outra coisa: é leninista”¹⁶⁹³, observou o diretor do *Il Popolo d'Italia*. Ora ao passar “do neutralismo ao leninismo”¹⁶⁹⁴, passara-se para a “sabotagem realizada pelos socialistas entre as massas, especialmente as rurais”¹⁶⁹⁵, e isso não podia ser. Uma coisa era a neutralidade passiva, outra a sabotagem ativa com a Itália em guerra. “Se a Rússia se encontra hoje à beira do abismo, entre a invasão das hordas do Kaiser que já não ‘confraternizam’ e o espectro da contra-revolução, tal deve-se a esse extremismo que encontra hoje novos advogados e seguidores em Itália”¹⁶⁹⁶, protestou Mussolini, defendendo que “quando os socialistas procuram favorecer o triunfo dos impérios centrais, inimigos de toda a liberdade, quando os socialistas trabalham para a derrota das democracias”¹⁶⁹⁷, havia que lhes fazer frente, uma vez que, ao comportarem-se desse modo, “os socialistas oficiais italianos (...) que se creem revolucionários, são na realidade típicos reacionários.”¹⁶⁹⁸

O socialismo do PSI não era assim encarado como um verdadeiro socialismo, mas um anti-socialismo reacionário camuflado de socialismo.

¹⁶⁹¹ Benito Mussolini, “Realtà e fantasie”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de outubro de 1917, *ibidem*, p.238.

¹⁶⁹² Benito Mussolini, “Dei ministri, non un governo”, *Il Popolo d'Italia*, 12 de setembro de 1917, *ibidem*, p.189.

¹⁶⁹³ Benito Mussolini, “Stato comatoso”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de setembro de 1917, *ibidem*, p.160.

¹⁶⁹⁴ Benito Mussolini, “La libertà di sabotare”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de setembro de 1917, *ibidem*, p.223.

¹⁶⁹⁵ *Ibidem*, p.222.

¹⁶⁹⁶ Benito Mussolini, “Opinioni”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de setembro de 1917, *ibidem*, p.170.

¹⁶⁹⁷ Benito Mussolini, “La libertà di sabotare”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de setembro de 1917, *ibidem*, p.223.

¹⁶⁹⁸ Benito Mussolini, “Governo e nazione”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de setembro de 1917, *ibidem*, p.164.

“O nosso ponto de vista é simples”, disse Mussolini: “salvaguardar as massas, económica e moralmente; enfrentar, não o socialismo, mas a sua degeneração mórbida e especialmente reaccionária que se chama leninismo”¹⁶⁹⁹. Os fundadores do fascismo tornavam dessa forma claro que não queriam combater o socialismo, mas o bolchevismo, que consideravam uma caricatura do socialismo por recusar a “guerra revolucionária”¹⁷⁰⁰, e consequentemente teriam também de combater o socialismo do PSI, que se colara ao bolchevismo. O conflito entre as duas principais facções do socialismo russo, a dos socialistas revolucionários de Kerensky e a dos bolcheviques de Lenine, tornara-se assim um conflito por procuração entre as duas principais facções do socialismo italiano, a dos “oficiais” do PSI e a dos rebeldes que fundaram o fascismo. “Os termos guerra e Revolução são inseparáveis”, proclamou Mussolini, para quem “se a Rússia não vence a guerra acaba-se a Revolução”¹⁷⁰¹. Lendo as crónicas da época fica-se com a nítida impressão de que, se Lenine defendesse a continuação da Rússia na guerra, os socialistas intervencionistas italianos o apoiariam sem reservas e os não intervencionistas atacá-lo-iam.

O verdadeiro problema dos fundadores do fascismo com o bolchevismo, insiste-se, não era o seu comunismo, mas o seu não intervencionismo. Emilio Gentile chegou à mesma conclusão. “Se Lenine tivesse conquistado o poder aceitando prosseguir a guerra ao lado dos aliados, Mussolini teria elogiado o herói Lenine como elogiava o herói Kerensky”¹⁷⁰², observou o historiador. Ou seja, e nunca é de mais sublinhar este ponto crucial, Mussolini e os fundadores do fascismo não questionavam a instauração do comunismo na Rússia, o que questionavam era *aquela* facção comunista russa – e questionavam-na especificamente por querer a paz separada com a Alemanha. Que Lenine “seja obra exclusiva da Alemanha é afirmação excessiva”, reconheceu Mussolini, “mas que a Alemanha, através do seu Parvus, de Zinoviev, de Luwekarsky, de Trotsky e companhia, trabalhou para agravar e tornar irreparável a evolução da situação russa; que a Alemanha, usando os seus milhares e milhares de agentes, antes e durante a

¹⁶⁹⁹ Benito Mussolini, “Intermezzo”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de setembro de 1917, *ibidem*, p.172.

¹⁷⁰⁰ Benito Mussolini, “E adesso, ai fatti!”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de julho de 1917, *ibidem*, p.79; Benito Mussolini, “L’ora dei popoli”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de agosto de 1917, *ibidem*, p.118; Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.202.

¹⁷⁰¹ Benito Mussolini, “Viva Kerensky!”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de julho de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, IX, 1952, p.78.

¹⁷⁰² Emilio Gentile, *op. cit.*, 2017, p.102.

revolução russa, procurou paralisar a Rússia como Estado e como nação beligerante (...) ninguém – honestamente – pode colocar em dúvida. E que a Alemanha se proponha ‘cultivar’ os germens da dissolução interna nos outros países inimigos é certo.”¹⁷⁰³

Após uma sequência de eventos rocambolescos na Rússia que envolveram a acusação formal a Lenine de alta traição por receber apoio do inimigo alemão, a ratificação pelos soviets dessa acusação contra o líder bolchevique e a fuga deste para a Finlândia para escapar à prisão, marcaram-se para novembro (outubro, no calendário russo) eleições para a Assembleia Constituinte. Lenine regressou clandestinamente e os bolcheviques multiplicaram-se em manobras desestabilizadoras. “A Rússia já não é um Estado. É um caos”, constatou à distância um estarecido Mussolini, notando que o governo de Kerensky “‘mobiliza’ o exército, já não para enfrentar os alemães, mas simplesmente para reprimir a anarquia doméstica”¹⁷⁰⁴, com a sua atuação a ser permanentemente “sabotada pelo leninismo.”¹⁷⁰⁵

A instabilidade na Rússia estava a ser seguida com muita atenção em Itália, com os socialistas nacionalistas italianos preocupados com eventuais repercussões no seu próprio país. “A Itália não é a Rússia”¹⁷⁰⁶, apressou-se Mussolini a sublinhar, argumentando que os acontecimentos na Rússia eram irrepetíveis em Itália porque “os próprios operários (...) compreendem que o proletariado está na pátria, e não fora dela”¹⁷⁰⁷. Na sua opinião, era o nacionalismo do proletariado italiano que salvaria o país de um caos semelhante ao da Rússia e do género de socialismo bolchevique que o PSI desejava importar para Itália. “O proletariado não tem pátria, dizem os teorizadores da cobardia, e eis que o proletariado se salva e salva a sua pátria, ergue-se quando a pátria é ameaçada e os ditos pacifistas de ontem se tornam os extremistas de hoje.”¹⁷⁰⁸

¹⁷⁰³ Benito Mussolini, “I misteri svelati”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de fevereiro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.311.

¹⁷⁰⁴ Benito Mussolini, “Nella più dura ipotesi”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de outubro de 1917, *idem*, p.5.

¹⁷⁰⁵ Benito Mussolini, “L’hanno voluto!”, *Il Popolo d'Italia*, 21 de março de 1918, *ibidem*, p.392.

¹⁷⁰⁶ Benito Mussolini, “Aspetti del drama”, *Il Popolo d'Italia*, 31 de outubro de 1917, *ibidem*, p.8.

¹⁷⁰⁷ *Ibidem*, p.9.

¹⁷⁰⁸ Benito Mussolini, “Onore agli operai”, *Il Popolo d'Italia*, 4 de novembro de 1917, *ibidem*, p.23/24.

A Rússia foi enfim a votos e o Partido Socialista Revolucionário, de Kerensky, ganhou com 38%, mas os bolcheviques, apesar de derrotados nas urnas, manobram para neutralizar o parlamento, assumiram o controlo dos soviets e num golpe de audácia tomaram conta do poder. Foi a famosa revolução de outubro que instituiu Lenine como *Vozhd*, e que na verdade não foi uma revolução popular com a população a encher as ruas, mas um golpe levado a cabo por um grupo bem organizado perante a apatia geral e o desespero com a guerra interminável. Uma vez no governo, e em alguns meses, Lenine dissolveu o parlamento e estabeleceu a paz com a Alemanha.

A paz alcançada pelos bolcheviques com a Alemanha foi descrita pelos socialistas intervencionistas italianos como “a paz da infâmia”¹⁷⁰⁹. Depois de afirmar que “fomos traídos pela Rússia de Cernoff e de Lenine”¹⁷¹⁰, Mussolini sustentou que, graças aos bolcheviques, “a Alemanha conquistou Petrogrado sem disparar um tiro”¹⁷¹¹ e avisou para o perigo de a rendição russa aos impérios centrais poder encorajar os socialistas que admiravam Lenine, como os “nossos desgraçados extremistas do socialismo oficial”¹⁷¹² do PSI, e levá-los a minar os seus próprios países e assim permitir a vitória do militarismo da Alemanha e do Império Austro-Húngaro. “Um alemão, o barão Lanken, declarou que quinhentos Lenines, espalhados por Itália e pela França, poderão facilitar enormemente a tarefa dos exércitos imperiais”¹⁷¹³, disse, alertando que o objetivo da Alemanha era “anti-socialista, militarista e imperialista.”¹⁷¹⁴

O socialismo oficial italiano estava por isso a “abraçar a causa mais equívoca”¹⁷¹⁵ ao tornar-se um “socialismo, enfim, que assassina a pátria em benefício de uma só: a pátria alemã”¹⁷¹⁶. Uma eventual vitória dos impérios

¹⁷⁰⁹ Benito Mussolini, “La pace dell’infamia”, *Il Popolo d’Italia*, 4 de dezembro de 1917, *ibidem*, p.111.

¹⁷¹⁰ Benito Mussolini, “Nell’attesa”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de novembro de 1917, *ibidem*, p.20.

¹⁷¹¹ Benito Mussolini, “Avanti, il Mikado!”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de novembro de 1917, *ibidem*, p.41.

¹⁷¹² Benito Mussolini, “Dopo il discorso di Lloyd George – ‘La santità dei trattati’”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de janeiro de 1918, *ibidem*, p.208.

¹⁷¹³ Benito Mussolini, “L’uivo degli Hohenzollern”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de dezembro de 1917, *ibidem*, p.173.

¹⁷¹⁴ Benito Mussolini, “‘L’ultimo quarto d’ora’ – ‘Vive le tigre!’”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de março de 1918, *ibidem*, p.376.

¹⁷¹⁵ Benito Mussolini, “‘Excuté!’”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de janeiro de 1918, *ibidem*, p.242.

¹⁷¹⁶ Benito Mussolini, “L’involuzione russa”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de fevereiro de 1918, *ibidem*, p.352.

centrais significaria a vitória da Alemanha que “trata os italianos como uma raça inferior, uma raça – a dos braquicéfalos alpinos – que segundo as teorias loucas dos pangermanistas só pode constituir um exército destinado aos trabalhos mais duros, ao serviço dos dominadores alemães, dollicocéfalos louros”¹⁷¹⁷. O triunfo dos supremacistas alemães na Grande Guerra colocaria assim os italianos em perigo, o que levou Mussolini a acusar o PSI de praticar “um socialismo que abandona a pátria na hora do supremo perigo”, um “socialismo que se fecha na fórmula de uma neutralidade antiproletária”¹⁷¹⁸. Na sua perspetiva, a Itália estava em perigo e o socialismo também. Ora, “quando Lenine e Trotsky se prostraram aos pés dos Hohenzollern”¹⁷¹⁹ e concluíram “a paz *boche*-leninista”¹⁷²⁰, abraçaram na verdade um “socialismo que abdica”¹⁷²¹, abandonando o verdadeiro combate socialista e abrindo caminho à vitória do supremacismo racial germânico. Uma coisa dessas, na opinião de Mussolini, não podia ser permitida por um verdadeiro socialista.

Acontece que, uma vez no poder, os bolcheviques foram ainda mais longe do que simplesmente virar as costas aos Aliados. Em poucos meses, Lenine ilegalizou na Rússia a oposição, criou a polícia secreta *Cheka* para perseguir os adversários, pôs fim à liberdade de imprensa e ao direito dos trabalhadores à greve, iniciou execuções em grande escala e estabeleceu um sistema de campos de concentração. Defendendo “poderes ditatoriais”, Lenine deu ordens explícitas para que se “organize *imediatamente* terror em massa”¹⁷²² (itálico no original). Após um interregno de alguns meses desde a queda do czar, a ditadura regressou à Rússia – e com grande violência.

Sempre com a exceção de Carli, os fundadores do fascismo reagiram em fúria. Mussolini e os seus seguidores acusaram os bolcheviques de trair os Aliados na guerra, de trair a revolução socialista dos soviets, de impor uma tirania aos seus concidadãos, de instituir um regime policial e militarista e

¹⁷¹⁷ Benito Mussolini, “I nostri postulati – La convenzione Bollati-Jagow è decaduta!”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de dezembro de 1917, *ibidem*, p.178.

¹⁷¹⁸ Benito Mussolini, “Amilcare Cipriani è morto”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de maio de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.38.

¹⁷¹⁹ Benito Mussolini, “Una politica”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de fevereiro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.343.

¹⁷²⁰ Benito Mussolini, “Resistere per vincere!”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de janeiro de 1918, *idem*, p.195.

¹⁷²¹ Benito Mussolini, “Una politica”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de fevereiro de 1918, *ibidem*, p.343.

¹⁷²² Vladimir Lenine, “To: G. F. Fyodorov”, 9 de agosto de 1918, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

de fazer assim do socialismo e até do marxismo uma paródia. “Lenine ordenou o fuzilamento não de um mas de 200 indivíduos”, noticiou Mussolini, estupefacto até com o facto de o líder bolchevique nem sequer se preocupar em esconder as matanças em massa e de ter chegado ao ponto de fazer “o anúncio *oficial* a todo o mundo”¹⁷²³ (itálico no original) de tais atos. Na sua opinião, o bolchevismo trouxera assim ao socialismo a “marca da infâmia.”¹⁷²⁴

O diretor do *Il Popolo d'Italia* denunciou o “abismo material e moral no qual tombou a Rússia”, descrevendo “o regime instaurado pelo par Lenine-Trotsky” como “o czarismo piorado. É a política do terror. Da desorganização. Do caos. É o triunfo dos instintos mais bestiais”¹⁷²⁵. Para Mussolini, o “Partido Socialista russo: o de Lenine, o da catástrofe nacional e socialista”¹⁷²⁶ era “um movimento contrarrevolucionário que explode em atentados terroristas”¹⁷²⁷. Na verdade, “não é um regime socialista”¹⁷²⁸. Mais, era a negação do próprio marxismo. “Aqueles que leram Marx em Itália são quatro ou cinco”, observou, dando aos socialistas oficiais do PSI lições sobre a teoria de Marx: “se o conhecessem melhor não escreveriam que Marx triunfa, especialmente na Rússia. Aquilo que se está a passar na Rússia é ‘marxismo’ ou não será antes ‘anti-marxismo’?”¹⁷²⁹

A imprensa ocidental enchera-se de relatos sobre perseguições, fome e caos na Rússia, e isso foi usado pelos socialistas dos *fasci* para mostrar que o socialismo estava a ser desgraçado pelo “espetáculo sumamente grotesco e parodiante do soviete bolchevique”¹⁷³⁰. Nas palavras de Mussolini, “o que se estabeleceu na Rússia – através da traição e da cumplicidade com os

¹⁷²³ Benito Mussolini, “Il problema degli uomini”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de julho de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.231.

¹⁷²⁴ Benito Mussolini, “L’ordine regna”, *Il Popolo d'Italia*, 12 de julho de 1918, *idem*, p.191.

¹⁷²⁵ Benito Mussolini, “Un documento terribile – Le infame e gli orrori del leninismo denunciati al mondo dagli operai socialisti russi”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de abril de 1918, *ibidem*, p.8.

¹⁷²⁶ *Ibidem*, p.9.

¹⁷²⁷ Benito Mussolini, “Divagazione”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de setembro de 1918, *ibidem*, p.342.

¹⁷²⁸ Benito Mussolini, “Gli orrori del ‘banditismo’ leninista denunciati da un socialista russo nella rivista di Filippo Turati”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de outubro de 1918, *ibidem*, p.396.

¹⁷²⁹ Benito Mussolini, “Divagazioni pel centenario”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de maio de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.44.

¹⁷³⁰ Benito Mussolini, “Francia e Italia”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de julho de 1918, *idem*, p.199.

alemães – não é um regime socialista, é uma autocracia vermelha que tem o seu czar, os seus arquiducos”. O bolchevismo era encarado pelos socialistas que fundaram o fascismo como a versão vermelha da tirania czarista e da tirania capitalista. “Que coisa os socialistas reprovavam e reprovam no regime capitalista?”, questionou, para logo dar a resposta: “ser um regime que se baseia na ‘violência’. E em que é isso diferente do leninismo?”¹⁷³¹

Por seu turno, os socialistas oficiais italianos saudaram Lenine como um verdadeiro revolucionário e um modelo a seguir, sobretudo porque tal como eles se opunha à guerra, e consideravam as notícias sobre o terror e a repressão bolcheviques como pura invenção da imprensa burguesa. Esta posição deu munições aos fundadores do fascismo para ridicularizarem os seus rivais do PSI, descrevendo-os como humoristas, e sobretudo para os atacarem. “Combatemos aberta e ferozmente, *juntamente com a maior parte dos socialistas de todo o mundo*, esse fenómeno obscuro de regressão, de contrarrevolução e de impotência que se chama bolchevismo” (itálico no original), explicou Mussolini, dizendo que “defendemos a nossa revolução renovadora e criativa do assalto traiçoeiro da contrarrevolução retrógrada e destrutiva do leninismo”¹⁷³². O fundador do *Il Popolo d'Italia* insistiu repetidamente que o que se passava “na Rússia não é comunismo e muito menos socialismo.”¹⁷³³

Ora se o PSI pretendia instituir em Itália um regime assim, se “os socialistas oficiais querem bolchevizar ou sovieterizar a Itália, lançando-a em pleno caos russo”¹⁷³⁴, os socialistas dos *fasci* não iriam assistir a tal loucura de braços cruzados. “Combatemos ferozmente os socialistas, não enquanto socialistas”, sublinhou Mussolini em referência ao PSI, “mas porque consideramos que a sua ação neutralista, malgrado a guerra, provoca dano a Itália”¹⁷³⁵. E não era um dano pequeno. “A sociedade que os dirigentes do socialismo oficial apresentam como modelo à turba iludida não passa de um

¹⁷³¹ Benito Mussolini, “Gli orrori del ‘banditismo’ leninista denunciati da un socialista russo nella rivista di Filippo Turati”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de outubro de 1918, *ibidem*, p.396.

¹⁷³² Benito Mussolini, “Non subiamo violenze!”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de abril de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.51.

¹⁷³³ Guido Dorso, *Mussolini alla conquista del potere*, Mauro Lissstro Editore, 2018, p.400.

¹⁷³⁴ Benito Mussolini, “Vecchia storia”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de agosto de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.246.

¹⁷³⁵ Benito Mussolini, “Unità di animi”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de outubro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.37.

regresso à sociedade bárbara do Século XI”¹⁷³⁶, considerou, para concluir com um aviso: “pois bem, não. Não podemos permiti-lo.”¹⁷³⁷

A Rússia mergulhou então numa guerra civil sem quartel, com ambos os lados, os comunistas e os russos brancos, a envolverem-se numa orgia de violência. “Eis a terrível verdade: *o povo russo morre*” (itálico no original), denunciou Mussolini, “morre de fome, de tifo, de cólera e... de chumbo”¹⁷³⁸. Fazendo um balanço da ação do regime comunista russo, “ei-lo, em síntese: militarismo, burocracia, polícia, desorganização industrial, propriedade privada agrária. Guerra e fome”¹⁷³⁹. Na verdade, “o regime com que os loucos do nosso PSI querem regalar graciosamente o proletariado italiano é declarado simplesmente ‘intolerável’ pelo proletariado russo”¹⁷⁴⁰ (itálico no original), disse, “é, em suma, o militarismo no pior sentido da palavra o que triunfa na Rússia”¹⁷⁴¹, com “uma polícia que em iniquidade e ferocidade nada fica a dever à famosa *Okrana* dos Romanoff”¹⁷⁴². O que o levou a questionar: “é isto o socialismo?”¹⁷⁴³

Ora a conjunção do neutralismo pacifista do PSI em Itália, da brutalidade do regime comunista na Rússia e do alinhamento do PSI em relação aos bolcheviques criou uma contradição que Mussolini não deixou escapar em claro. “O socialismo oficial italiano é e quer ser pacifista”, notou. “A sua fórmula, o seu grito, o seu verbo enche-se desta palavra: paz. A qualquer custo. Em qualquer tempo. Ontem. Hoje. Amanhã. Sempre. O socialismo oficial italiano recusou-se, recusa-se a distinguir entre guerra e guerra. São todas iguais”. Observou mesmo “que “a mentalidade socialista oficial italiana é cristã”. Acontece que a brutalidade na Rússia constituía um evidente teste à coerência do pacifismo do PSI. “Posto que para os senhores socialistas oficiais italianos não há no mundo outro socialismo fora do leninismo”, observou o chefe fascista, “ou os socialistas oficiais italianos são

¹⁷³⁶ Benito Mussolini, “Contro la bestia ritornante...”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de fevereiro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.232.

¹⁷³⁷ *Idem*, p.233.

¹⁷³⁸ Benito Mussolini, “Un'altra requisitoria!”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.276.

¹⁷³⁹ Benito Mussolini, “Il ‘documento’ Sadoul”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de março de 1919, *idem*, p.305.

¹⁷⁴⁰ Benito Mussolini, “Un'altra requisitoria!”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de março de 1919, *ibidem*, p.277.

¹⁷⁴¹ Benito Mussolini, “Il ‘documento’ Sadoul”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de março de 1919, *ibidem*, p.302.

¹⁷⁴² *Ibidem*, p.303.

¹⁷⁴³ *Ibidem*, p.304.

verdadeiramente leninistas e então devem aceitar a guerra e o militarismo, praticado e instituído por Lenine, e modificar assim toda a sua atitude prática; ou mantêm a sua posição e então entre eles e os moscovistas cava-se simplesmente um abismo.”¹⁷⁴⁴

É importante salientar que a posição dos fundadores do fascismo foi secundada pela maior parte dos socialistas europeus que em 1919 se reuniram em Berna para tentar reativar a Segunda Internacional. Nesse congresso, o líder socialista do governo bávaro, Kurt Eisner, declarou que a Grande Guerra tinha sido da responsabilidade dos “militaristas alemães”¹⁷⁴⁵, no que foi apoiado pelo próprio Karl Kautsky e assumido na resolução final do congresso. Ainda mais importante, a resolução final submetida pelo presidente do congresso, o socialista sueco Hjalmar Branting, e aprovada pela maioria dos dignitários socialistas, embora começasse por saudar “as grandes revoluções políticas que na Rússia, Austro-Hungria e Alemanha destruíram os velhos regimes de imperialismo e militarismo”, sublinhou que o socialismo tinha de assentar em “democracia, liberdade de expressão e de imprensa, direito de assembleia, sufrágio universal, governação responsável perante um parlamento, com garantias de cooperação popular e o respeito pelos desejos das pessoas, o direito de associação, etc”, tudo coisas que não existiam na Rússia comunista, e que “uma ditadura” com as características do regime bolchevique, nomeado implicitamente, desembocaria numa “ditadura da reação”, pelo que “não é socialismo.”¹⁷⁴⁶

Acontece que tudo isto andavam já os socialistas dos *fasci* a dizer contra a linha oficial do PSI. A Grande Guerra tinha sido uma guerra revolucionária contra o militarismo alemão e o socialismo que os bolcheviques praticavam na Rússia não era verdadeiro socialismo, antes “um ‘aborto’ de socialismo”¹⁷⁴⁷. Mussolini não perdeu por isso tempo a esfregar na cara do PSI estas conclusões dos socialistas europeus. “Não só o socialismo oficial italiano foi irreparavelmente batido no terreno da responsabilidade da guerra,

¹⁷⁴⁴ Benito Mussolini, “Due sogni: due imperi”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de fevereiro de 1919, *ibidem*, p.200.

¹⁷⁴⁵ Robert Wheeler, “The Failure of ‘Truth and Clarity’ at Berne: Kurt Eisner, the Opposition and the Reconstruction of the International”, *International Review of Social History*, nº2, Volume 18, Cambridge University Press, Cambridge, 1973, p.179.

¹⁷⁴⁶ Hjalmar Branting, “Democracy and Dictatorship – (a) The Resolution of the Commission”, *International Socialism and World Peace – Resolutions of the Berne Conference, February, 1919*, Independent Labour Party, Londres, 1919, p.7.

¹⁷⁴⁷ Benito Mussolini, “‘Babau’”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de janeiro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.183.

mas também na questão ‘leninista’”¹⁷⁴⁸, ufanou-se, para exclamar: “que terrível golpe para os socialistas oficiais italianos e que satisfação para nós”¹⁷⁴⁹. Mussolini e os seus seguidores tinham boas razões para se sentirem vingados. O essencial do socialismo europeu alinhava afinal pelas teses dos *fasci* contra as do Partido Socialista Italiano. “A condenação do leninismo parte sobretudo dos homens do socialismo, os quais temem, com razão, que a desastrosa experiência russa prejudique o socialismo internacional”¹⁷⁵⁰, observou Mussolini. Ou seja, eram afinal os fundadores do fascismo quem estava verdadeiramente alinhado com o socialismo europeu, o que na sua opinião fazia deles, e não do PSI, os verdadeiros socialistas em Itália.

A contradição do PSI, que se dizia pacifista mas apoiava incondicionalmente o comunismo violento de Lenine, foi amplamente explorada pelo dirigente dos *fasci*. “A guerra bolchevista não é uma guerra angélica, mas infernal como todas as outras”¹⁷⁵¹, observou Mussolini. “Senhores socialistas oficiais italianos, não podeis escapar a este dilema: ou credes na força propagandística das ideias, no pacifismo em si e por si e detestais todas as guerras, e então deveis ao menos deplorar aquela que ensanguenta os quatro horizontes da fronteira da Rússia; ou então achais que a guerra só é má quando é feita por burgueses, não quando é feita por leninistas mesmo da maneira mais sanguinária e cruel que as outras, e então renegais tudo o que de substancial tendes advogado durante quatro anos. Neste último caso, decidisteis finalmente distinguir entre guerra e guerra”¹⁷⁵². Tal “só confirma a bondade da nossa atitude de distinguir a guerra do Kaiser e a que sofreu a Bélgica.”

A grande lição, no entanto, era a de que os seus rivais socialistas, tanto os do PSI como os de Moscovo, não passavam de mestres da duplicidade e da hipocrisia. Pior, os bolcheviques tinham a boca cheia da palavra “paz” enquanto na verdade seguiam a senda da guerra e da violência. “O primeiro regime socialista começa com a guerra”, sublinhou Mussolini, referindo-se ao comunismo russo. “É militarista. É guerreiro. É agressivo. É *imperialista*.”

¹⁷⁴⁸ Benito Mussolini, “Fra due conferenze – Il congresso-processo di Berna”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de fevereiro de 1919, *idem*, p.205.

¹⁷⁴⁹ *Ibidem*, p.204/205.

¹⁷⁵⁰ Benito Mussolini, “Un'altra requisitoria!”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de março de 1919, *ibidem*, p.275/6.

¹⁷⁵¹ Benito Mussolini, “Due sogni: due imperi”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de fevereiro de 1919, *ibidem*, p.201.

¹⁷⁵² *Ibidem*, p.201/202.

O sonho do Kaiser vermelho de Moscovo é idêntico. Também esse quer a paz universal. E enquanto isso faz a guerra”¹⁷⁵³ (itálico no original).

Como iria o PSI resolver a contradição entre o seu pacifismo e o apoio à ditadura violenta dos bolcheviques? Manteria o pacifismo? Ou voltar-se-ia para a violência, seguindo o exemplo dos seus ídolos russos? A resposta não tardou. O PSI estava havia muito tempo dividido entre fações; havia os maximalistas, os reformistas, os gradualistas, os intransigentes, os confederais, etc, múltiplas designações que por vezes se sobrepunham. Na sua essência estas fações dividiam-se entre os que defendiam reformas socialistas no quadro da democracia liberal, liderados por Filippo Turati, e os que exigiam a revolução e a ditadura do proletariado, encabeçados por Nicola Bombacci. De um lado estava a tradição socialista bernsteiniana e até mazziniana, do outro o marxismo revolucionário soreliano. Era como se existissem dois partidos num único, dois partidos que se antagonizavam, mas que, para manter a unidade, se forçavam a conviver um com o outro. Perante a evolução ditatorial da revolução bolchevique, uma parte do PSI manteve-se fiel à ideia de um socialismo democrático e pacifista, enquanto outra abraçou o comunismo violento de inspiração bolchevique. Credibilizada pela revolução na Rússia e o apoio dos bolcheviques, esta ala comunista, conhecida por integrar os *maximalisti* e *intransigenti*, ganhou crescente força no PSI.

O que se passava no Partido Socialista Italiano era seguido com atenção pelos socialistas dos *fasci*. “Constato que no socialismo italiano oficial existem duas tendências que já não podem coexistir: o velho socialismo, o novo bolchevismo”, observou Mussolini, bem informado sobre as questões internas do seu antigo partido, notando que “o velho socialismo insere-se a si próprio na democracia e define-se como a maior, a democracia integral; o bolchevismo supera o capitalismo e o socialismo, pois é ‘antidemocrático’ (...) Não à violência!, diz um. Com a violência!, grita o outro. Têm de se decidir”¹⁷⁵⁴, pois não era possível continuar a “tolerar o extremismo e praticar o reformismo; convidar à pacificação e continuar a estar com aqueles que clamam por uma ‘outra guerra’.”¹⁷⁵⁵

¹⁷⁵³ *Ibidem*, p.202.

¹⁷⁵⁴ Benito Mussolini, “Camillo non beve...”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de fevereiro de 1919, *ibidem*, p.255.

¹⁷⁵⁵ Benito Mussolini, “Un ordine del giorno”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de março de 1919, *ibidem*, p.261.

A revolução na Rússia serviu de inspiração aos que defendiam o recurso à violência, em particular os idealistas da nova geração do PSI. Os seus propósitos de desencadear uma revolução à maneira russa e proclamar soviets em Itália alarmaram os intervencionistas dos *fasci*. “A noção assustadora e apocalíptica do socialismo, o conceito de que tudo está já pronto e maduro, informa a pregação dos maiores pontífices do socialismo oficial”, observou Mussolini. “Espalham ilusões à mão-cheia. Prometem, com fantasia, paraísos imediatos. Exaltam a violência e o terror russo”. Ora esse caminho apenas conduziria ao desastre. “A economia do mundo, formidavelmente complexa, não se muda com ‘golpes de mão’”, indicou. “A tiros de metralhadora pode-se derreter uma Constituinte de deputados desarmados, mas não fazer laborar uma fábrica. Um socialismo que não pode assumir um facto económico para o modelar à sua imagem e semelhança é um socialismo imaturo e impotente; não é um socialismo.”¹⁷⁵⁶

Acontece que Lenine acreditava ser imperativo desencadear rapidamente uma “revolução mundial”¹⁷⁵⁷, de modo a garantir a sobrevivência do bolchevismo na Rússia, pelo que era necessário atear múltiplos focos revolucionários por todo o mundo. Foi com esse objetivo criado a 3 de março de 1919 o Comintern, a Terceira Internacional, que se esforçou por fomentar revoluções comunistas em diversos países europeus, incluindo em Itália. “A nossa tarefa” proclamou o manifesto do Comintern redigido por Leon Trotsky, “é mobilizar as forças de todos os partidos genuinamente revolucionários do proletariado mundial e assim facilitar e apressar a vitória da revolução comunista no mundo.”¹⁷⁵⁸

Encorajada ativamente por Moscovo, a ala maximalista do PSI decidiu cavalgar a onda revolucionária. Reunido em congresso em 1919, o Partido Socialista Italiano passou a ser controlado pelos maximalistas, a facção comunista revolucionária de Bombacci, e radicalizou-se. O PSI aprovou então a adesão ao Comintern dos bolcheviques, com o acordo do próprio líder reformista Turati, e “proclama que a revolução russa, o mais auspicioso acontecimento da história proletária, criou a necessidade de facilitar por toda

¹⁷⁵⁶ Benito Mussolini, “Camillo non beve...”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de fevereiro de 1919, *ibidem*, p.255.

¹⁷⁵⁷ Vladimir Lenine, “The Moscow Soviet and Representatives of Factory Committees and Trade Unions”, 3 de outubro de 1918, www.marxists.org.

¹⁷⁵⁸ Leon Trotsky, “Manifesto of the Communist International to the Proletariat of the Entire World”, 6 de março de 1919, in Jane Degras (direção), *The Communist International (1919-1943) Documents*, Volume 1 (1919-1922), The Royal Institute of International Affairs, www.marxists.org, p.38.

a parte a sua expansão”, pelo que “o proletariado deverá recorrer ao uso da violência”¹⁷⁵⁹. A ideia era importar a revolução bolchevique, incluindo os seus métodos sangrentos.

A situação em Itália não era fácil. A Grande Guerra fez no país 680.000 mortos, um milhão de feridos e meio milhão de mutilados, além de que consumiu três quartos da despesa pública. Com o final do conflito, terminou a ajuda económica e o crédito dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, e acabou também o controlo internacional dos câmbios que havia sustentado a moeda italiana. A lira sofreu então uma forte desvalorização, o que desencadeou o disparar dos preços dos produtos e o consequente aumento do custo de vida. Embora o Norte se começasse a industrializar, sobretudo com a Fiat em Turim e a Ansaldo em Milão, mais de metade da população trabalhava nos campos e vivia com grandes dificuldades dos magros rendimentos da terra, enquanto a pequena e média burguesia se via arruinada. Tudo isto coincidiu com a desmobilização de grande parte dos mais de dois milhões de soldados, com os desmobilizados a regressarem a casa cheios de esperança, em virtude de múltiplas promessas que lhes haviam sido feitas pelos sucessivos governos para os convencerem a manterem-se nas trincheiras, e a depararem-se com o desrespeito dessas promessas e enormes dificuldades de vida. O descontentamento generalizou-se e tornou-se terreno fértil para a revolta. Faltava acender o rastilho que tudo incendiasse.

Acicatados por Moscovo e aproveitando o descontentamento popular provocado pelas dificuldades económicas, os revolucionários do PSI avançaram então para o chamado *biennio rosso*. Tratava-se do biénio de 1919-1920 marcado por uma ofensiva generalizada dos comunistas para instigar no país uma revolução semelhante à de Lenine e Trotsky na Rússia. Com a imprensa socialista a exaltar a revolução bolchevique e a incitar as massas a seguirem o exemplo russo, os operários da Fiat entraram em greve. Depressa a agitação laboral se estendeu a outras fábricas, com os operários a instituírem “conselhos de fábrica”, uma espécie de sovietes destinados a assumir o controlo das unidades de produção.

O órgão oficial dos socialistas, o *Avanti!*, apelou aos militantes para se armarem e lutarem, e ao longo de todo este período os comunistas fizeram sucessivas ocupações de fábricas, assaltaram estabelecimentos comerciais e multiplicaram-se em manifestações e paralizações. Os tumultos generalizaram-se e o país mergulhou na agitação. Só na segunda metade de

¹⁷⁵⁹ Giorgio Galli, *op. cit.*, 2007, p.174.

1919 somaram-se 877.000 greves, segundo dados do anuário estatístico italiano, tendo esse número subido para umas assombrosas 1.769.000 paralizações laborais no ano seguinte. As palavras de ordem que o PSI pôs a circular em nas ruas eram essencialmente duas: “república socialista” e “ditadura do proletariado.”¹⁷⁶⁰

A ofensiva comunista estendeu-se às zonas rurais, sob o lema “a terra aos camponeses!”¹⁷⁶¹, ateando um verdadeiro incêndio revolucionário por todo o país, mas sobretudo na Lombardia, no Veneto, na Emilia, na Romagna, na Toscana, no Agro romano e na Puglia. Seguiram-se as ocupações de propriedades agrícolas, de onde as *squadre* comunistas expulsaram à força os proprietários e onde hastearam bandeiras vermelhas. As milícias comunistas incendiaram celeiros, destruíram colheitas, mataram cabeças de gado, agrediram proprietários e agricultores, bloquearam estradas e os saques e pilhagens tornaram-se moeda comum. Esquadrões vermelhos percorreram o campo a impor, com violência, a suspensão do trabalho agrícola.

A lei do Estado liberal italiano passou a letra morta e o terror e um sentimento de impotência espalharam-se entre todos os que as milícias comunistas consideravam inimigos de classe. A Itália mergulhou numa enorme turbulência ao longo desse biénio 1919-1920. As forças da ordem tentaram intervir, mas o poder tinha caído na rua e a sua ação revelou-se ineficaz. O caos generalizara-se e o Estado liberal mostrava-se absolutamente incapaz de pôr termo à desordem e à febre revolucionária.

A fundação dos Fasci di Combattimento

Foi neste quadro tumultuoso que em 1919 foram criados os Fasci di Combattimento, um movimento que federava os socialistas intervencionistas dos *fasci*, os intelectuais futuristas e os combatentes *arditi*, e que se proclamava “anti-partido”, dizendo que nada tinha a ver com “os velhos partidos”¹⁷⁶². Na verdade, o plano de Mussolini e de outras figuras do socialismo intervencionista era originalmente o de unir numa frente única todos os movimentos socialistas intervencionistas, designadamente os socialistas independentes, os socialistas ex-reformistas, os *fasci* revolucionários, os republicanos e os radicais. Contudo, com o fim da guerra

¹⁷⁶⁰ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1965, p.425.

¹⁷⁶¹ Nives Banin, *Il biennio rosso 1919-1920*, Edizioni Helicon, Arezzo, 2013, p.17.

¹⁷⁶² Benito Mussolini, “A raccolta!”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.27.

as naturais contradições entre eles emergiram à tona, levando à fragmentação de todos estes grupos. O projeto fracassou.

Sem se conseguirem entender com os restantes movimentos intervencionistas, os socialistas intervencionistas dos Fasci di Azione Rivoluzionaria da guerra tornaram-se no pós-guerra nos socialistas nacionalistas dos Fasci di Combattimento. A relação destes com aqueles foi explicitamente estabelecida por Mussolini anos mais tarde: “é daquela jornada radiosa e precisamente dos Fasci d’Azione Rivoluzionaria que apareceram os Fasci Italiani di Combattimento”¹⁷⁶³. Tudo claro, pois.

O ato de fundação dos Fasci di Combattimento juntou mais de duzentas pessoas num edifício da praça de San Sepolcro, em Milão, a 23 de março de 1919. Ou seja, exatamente vinte dias depois de em Moscovo ter sido criado o Comintern para exportar a revolução russa para todo o mundo, incluindo a Itália. A maior parte dos fundadores dos Fasci di Combattimento eram socialistas intervencionistas, designadamente os socialistas, sindicalistas revolucionários e anarquistas que em 1914 haviam formado os Fasci di Azione Rivoluzionaria ou apoiado os *fasci* na retaguarda, como é o caso de Regina Ferruzzi, pioneira do movimento feminista em Itália, e outros. O seu líder era Benito Mussolini.

O segundo maior conjunto de elementos dos Fasci di Combattimento era constituído por ex-combatentes, um grupo heterogéneo dominado pelos *arditi*, as tropas de assalto italianas durante a Grande Guerra que trouxeram ao fascismo as técnicas de violência, organizando as *squadre* como forças militares, e a simbologia da sua unidade de trincheiras, desde as camisas negras até à bandeira negra com uma caveira e tíbias cruzadas. O seu líder era o capitão Ferruccio Vecchi.

O terceiro grupo, o mais pequeno, era o dos futuristas, formado por intelectuais, artistas e académicos da área socialista que defendiam a liberdade absoluta, desde o amor livre à dissolução das polícias até à entrega dos filhos ao Estado, passando pelo sufrágio universal e proporcional, a expropriação de terras que não eram trabalhadas, a nacionalização das águas e das minas, a industrialização e a modernização, a progressiva abolição do exército, a liberdade de greve, de reunião e de expressão, a igualdade entre homens e mulheres, o contrato coletivo de trabalho, a segurança social, a introdução do divórcio e o anticlericalismo. O seu líder era Filippo Marinetti.

¹⁷⁶³ Benito Mussolini, “Discorso di Genova”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de maio de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.137.

A maçonaria também estava presente na fundação do fascismo, com a componente maçónica a mostrar-se transversal aos três grupos dos *fasci*. Para a junta executiva dos Fasci di Combattimento foram eleitos cinco socialistas e sindicalistas revolucionários e dois *arditi*.

Os fascistas apresentaram um programa socialista de inspiração neomarxista, exigindo justiça social, o sufrágio universal, o fim da monarquia e a instituição da república, a luta contra o imperialismo estrangeiro, o horário laboral das oito horas, o salário mínimo, a participação dos trabalhadores no funcionamento das fábricas, os seguros de trabalho e as pensões de velhice, a obrigação de cultivo de terras, a entrega de terras incultas aos camponeses, a constituição de cooperativas de agricultores, a criação de reservas naturais, o estabelecimento de uma escola pública laica, a descentralização, a redução do exército, a imposição de um imposto sobre capitais de carácter progressivo, a nacionalização dos bens das congregações religiosas e outras medidas do género.

Pugnaram sobretudo por um socialismo democrático diferente do socialismo ditatorial bolchevique. Mussolini declarou na fundação dos Fasci di Combattimento que “a nossa ação será contra qualquer forma de ditadura”¹⁷⁶⁴ e tornou claro que o socialismo dos fascistas era antibolchevique, dizendo que “o fenómeno bolchevique não aboliu as classes, mas é uma ditadura exercida ferozmente”. Foi no discurso de fundação dos Fasci di Combattimento que o diretor do *Il Popolo d'Italia*, depois de acusar o PSI de ser “claramente reacionário”, anunciou que “declaramos guerra ao socialismo não por ser socialista, mas por ser contra a nação.”¹⁷⁶⁵

O fascista Roberto Farinacci, oriundo da União Socialista Italiana, foi igualmente claro. “O socialismo constitui ainda para nós a estrela polar no nosso caminho”, declarou, sublinhando que “é porque somos socialistas que nos sentimos profunda e irredutivelmente antibolcheviques pois o bolchevismo, obcecado pela ideia da onipotência mágica da ditadura do proletariado, é a caricatura e a negação do socialismo”¹⁷⁶⁶. Em contraponto, para usar as palavras de Mussolini, os fascistas viam-se a si mesmos como

¹⁷⁶⁴ Benito Mussolini, “Dichiarazioni di Piazza San Sepolcro!”, *Il Popolo d'Italia*, 22 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.317.

¹⁷⁶⁵ Benito Mussolini, “Atto di nascita del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de março de 1919, *idem*, p.325.

¹⁷⁶⁶ Frédéric Le Moal, *op. cit.*, 2018, p.63.

“intimamente, quase inatamente, libertários”¹⁷⁶⁷. Tratava-se do período “fascista libertário”¹⁷⁶⁸, para usar a expressão do historiador Emilio Gentile, ao mesmo tempo que o seu colega Frédéric Le Moal fazia notar que “bolchevismo e fascismo nasceram ambos à extrema esquerda do socialismo oficial.”¹⁷⁶⁹

A ideia dos fascistas era instituir um socialismo diferente daquele que a ala maximalista do PSI tentava impor em Itália através do *biennio rosso*. Em vez de luta entre classes, os fascistas propunham como modo preferencial a cooperação entre classes sugerida originalmente por Eduard Bernstein, o neomarxista que fundara a social-democracia. Para além de dizer que “socialismo significa economia cooperativa”¹⁷⁷⁰, daí o conceito de cooperação entre classes, Bernstein propusera “o que chamamos socialismo da produção”¹⁷⁷¹. Cooperação e produção. Estas propostas foram retomadas pelos fascistas, embora sem jamais assumirem que Bernstein era a sua inspiração. “Os resultados da guerra devem criar as condições para se instituir um regime socialista; e uma das principais condições para tal consiste na boa resolução do problema do aumento da produção”, escreveu Mussolini ao citar o recente congresso dos metalúrgicos, sublinhando que essas eram “as ideias que eu ilustrei nestes últimos meses.”¹⁷⁷²

Aí estava, depois da cooperação entre classes, o segundo conceito-chave do socialismo fascista: produção. “Existe um interesse comum dos produtores burgueses e dos produtores proletários”, estabeleceu o chefe dos *fasci*, embora reconhecendo que “pode nascer um conflito entre estas duas categorias: os produtores proletários podem exigir mais para melhorar as suas condições de vida. Esse conflito não se pode transformar em luta de classes” pois “o essencial é ‘produzir’”¹⁷⁷³, na verdade “produzir, produzir, produzir”¹⁷⁷⁴, e isso “é sobretudo no interesse dos chamados proletários”¹⁷⁷⁵, uma vez que só assim terão acesso à riqueza. Ninguém pode possuir produtos

¹⁷⁶⁷ Benito Mussolini, “La grande adunata”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.107.

¹⁷⁶⁸ Emilio Gentile, *op. cit.*, 2017, p.225.

¹⁷⁶⁹ Frédéric Le Moal, *op. cit.*, 2018, p.63.

¹⁷⁷⁰ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.95.

¹⁷⁷¹ *Idem*, p.155.

¹⁷⁷² Benito Mussolini, “Il sindacalismo nazionale – Per rinascere!”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.13.

¹⁷⁷³ Benito Mussolini, “Orientamenti e problemi”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de agosto de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.283.

¹⁷⁷⁴ *Idem*, p.284.

¹⁷⁷⁵ *Ibidem*, p.283.

se estes não forem produzidos e ninguém pode usufruir de riqueza se ela não for criada. “Se tem de haver um nivelamento económico”, preconizou Mussolini, “que o seja na riqueza, não já na miséria.”¹⁷⁷⁶

Consequentemente, o socialismo do fascismo teria de ser um socialismo que apostasse na produção, de modo a gerar riqueza que por todos pudesse ser distribuída, e para isso impunha-se seguir uma linha sindicalista, voltada para o trabalho, a produção, a criação. “O socialismo político é eminentemente ‘destrutivo’, o sindicalismo nacional é ‘criativo’”¹⁷⁷⁷, sustentou o chefe dos *fasci*, salientando que o socialismo sindicalista apostava na “colaboração, tendo em vista um aumento da produção, sempre que possível; luta de classes quando necessário”¹⁷⁷⁸. Os sindicalistas lutavam pelo trabalho e pela produção, ideia que os fascistas abraçavam, e por isso o seu socialismo era comum. “O socialismo cristão dos primeiros tempos dirigia-se aos ‘pobres’, o socialismo politicante e com pretensões a ciência falava aos proletários”, indicou Mussolini, para concluir que “o sindicalismo, que nega um e outro, eleva o operário ao grau de produtor responsável e consciente.”¹⁷⁷⁹

Daí a proximidade dos fascistas a confederações laborais como a Unione Italiana del Lavoro (UIL) e os seus esforços para separar o PSI, que os fascistas criticavam com dureza, da Confederazione Generale del Lavoro (CGL), próxima do PSI, que tentaram seduzir. A UIL fascista tinha por lema *Pela Pátria hoje, pela classe amanhã*. Ou seja, é a pátria que levará à classe, é o nacionalismo que conduzirá ao socialismo. Isso significava que o nacionalismo era um instrumento para o socialismo, na sua essência a mensagem do neomarxista austro-húngaro Otto Bauer. Liderada por Edmondo Rossoni, a UIL propunha-se “combater o capitalismo, inimigo do povo trabalhador”¹⁷⁸⁰, e reconciliar a vanguarda do proletariado com a nação. Os operários da famosa greve de Dalmine, que ocuparam a sua fábrica sem parar a produção, estavam sobretudo ligados à UIL.

¹⁷⁷⁶ Benito Mussolini, “Fascismo e terra”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de fevereiro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.173.

¹⁷⁷⁷ Benito Mussolini, “Il sindacalismo nazionale per rinascere!”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.13.

¹⁷⁷⁸ Benito Mussolini, “L’ora del sindacalismo”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954, p.13.

¹⁷⁷⁹ Benito Mussolini, “Orientamenti e problemi”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de agosto de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.284.

¹⁷⁸⁰ Mimmo Franzinelli, *op. cit.*, 2019, p.45.

Existia por isso um elemento instrumental no socialismo dos fascistas – o nacionalismo. Se desde 1914 os *fasci* haviam concluído que o socialismo tinha de abraçar o conceito de nação, a experiência da guerra acentuou o patriotismo destes socialistas. Além disso, a camaradagem nas trincheiras, onde durante anos os socialistas dos *fasci* combateram ao lado dos nacionalistas, fez nascer entre as duas partes uma certa simpatia, forjada no forno incandescente do sofrimento comum, da proximidade e da solidariedade que naturalmente se forma entre soldados que vivem juntos a penosa situação da guerra e partilham as mesmas dificuldades. Por fim, havia entre os *fasci* a sensação de que os comunistas italianos estavam literalmente às ordens de Moscovo, o que, conforme constatou Renzo de Felice, não era inexato: “a disponibilidade dos arquivos russos não deixa doravante a menor dúvida quanto ao facto de que a política do PCI – assim como do PCF e dos outros partidos comunistas europeus – foi concebida e dirigida por Moscovo em função da realização dos seus próprios objetivos de expansão direta e indireta e que os dirigentes comunistas italianos a ela aderiram totalmente.”¹⁷⁸¹

No ano em que a Grande Guerra acabou, o presidente Woodrow Wilson, dos Estados Unidos, propôs um programa de catorze pontos para o pós-guerra que envolvia o respeito pelas diferentes nações, o direito à autodeterminação e a criação da Liga das Nações. O programa de Wilson tornou-se uma espécie de resposta ideológica liberal ao programa bolchevique, criando uma fórmula que entrou em voga em Itália e que pode ser sintetizada desta maneira: ou Wilson ou Lenine. Considerando a importância que o programa de Woodrow Wilson dava ao respeito pela soberania e autodeterminação das nações, essa formulação depressa se traduziu por uma outra: ou nacionalismo ou comunismo.

O resultado é que gradualmente os movimentos antibolcheviques, fossem eles os socialistas intervencionistas dos *fasci*, os liberais ou os conservadores, chegaram à conclusão de que a melhor arma para combater o bolchevismo era de facto o nacionalismo. Se a população precisava de um mito soleriano que a guiasse no meio das dificuldades do pós-guerra, como pelos vistos precisava, o mito da nação constituía o mais poderoso antídoto ao mito da classe que no *biennio rosso* empurrava o país para um caos semelhante ao da Rússia.

¹⁷⁸¹ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1997, p.174.

Assim sendo, e ainda no quadro das rivalidades entre socialistas revolucionários intervencionistas e não intervencionistas e perante a perspectiva de uma revolução bolchevique em Itália que traria para o país o caótico experimentalismo russo, os fascistas escolheram como primeiro alvo os rivais comunistas italianos. Mussolini insistia em chamar-lhes “os charlatões do socialismo”¹⁷⁸² e dizia que “os piores reacionários neste momento são, para o fascismo e para a história, aqueles que se dizem revolucionários”¹⁷⁸³. Uma vez que para o dirigente fascista os bolcheviques estavam a reinstituir na Rússia a servidão do czarismo e a fação *intransigenti* do PSI tentava trazer para Itália essa conceção tirânica do socialismo, o socialismo oficial “é hoje tipicamente, burguesamente, pode-se dizer, conservador e reacionário”¹⁷⁸⁴. Ou seja, o tipo de socialismo que se estava a praticar na Rússia não só não era verdadeiro socialismo como era até reacionário.

Esta retórica antibolchevique e anti-PSI, mais o discurso da defesa da nação, viria também a atrair a este movimento de socialismo patriótico os nacionalistas revolucionários. Estes estavam igualmente preocupados com o caos do *biennio rosso* desencadeado com as ocupações selvagens de fábricas e propriedades no pós-guerra e a possibilidade de o bolchevismo se instalar em Itália, e com a incapacidade do Estado liberal de se defender. Os únicos que pareciam capazes e dispostos a enfrentar o PSI no terreno da luta eram os *fasci*, pelo que naturalmente começaram a encará-los com maior simpatia.

No meio da crescente agressividade do PSI, os sindicalistas fascistas da UIL, incluindo Rossoni, foram fisicamente atacados em Milão pelos socialistas, com a agravante de entre os atacantes se encontrar o próprio diretor do *Avanti!*, o órgão oficial do PSI. Ao mesmo tempo, panfletos socialistas apelavam diretamente ao linchamento dos dirigentes dos *fasci*. Perante estes ataques físicos e a violência comunista do *biennio rosso*, os homens dos Fasci di Combattimento, muitos deles experientes nas duras artes da guerra, avisaram que iriam responder na mesma moeda. Apesar de anunciar que o seu movimento estava voltado “para a democracia política e

¹⁷⁸² Benito Mussolini, “La fu alleanza del lavoro”, *Il Popolo d'Italia*, 20 de agosto de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.87.

¹⁷⁸³ Benito Mussolini, “La marcia del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de novembro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.16.

¹⁷⁸⁴ Benito Mussolini, “I luoghi comuni – Destra e sinistra”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de julho de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.323.

para a democracia económica”¹⁷⁸⁵ e defendia “os princípios imortais da democracia”¹⁷⁸⁶, Mussolini tornou claro que não ficaria de braços cruzados a ver os comunistas atacarem os fascistas e sobretudo a usarem a violência para tentarem importar para Itália a revolução bolchevique. “Reivindicamos o direito e proclamamos o dever de transformar, com métodos revolucionários se necessário fôr, a vida italiana”¹⁷⁸⁷, preveniu, sublinhando que, “quanto aos meios, não temos preconceitos: aceitamos os que forem necessários, os legais e os chamados ilegais.”¹⁷⁸⁸

Em conformidade com estes avisos, os Fasci de Combattimento entraram pela primeira vez em ação semanas depois de terem sido criados. Conhecer as circunstâncias deste episódio é importante, pois ajuda a compreender como a conflitualidade verbal entre os socialistas dos *fasci* e os do PSI se tornou física. Tudo aconteceu quando o Partido Socialista Italiano declarou mais uma greve geral, esta a 15 de abril de 1919, com comício e manifestação na Arena Cívica, em Milão. Tendo sido insultados pelos socialistas numa manifestação dois dias antes, os fascistas decidiram organizar uma contra-manifestação na praça do Duomo, juntamente com estudantes do Politécnico, para se oporem ao que diziam ser os “leninistas italianos”, essa “associação de bandidos” que tentava “favorecer as nações inimigas”¹⁷⁸⁹. A cidade parecia em estado de sítio e a autarquia mobilizou milhares de elementos dos *carabinieri* e de outras forças para garantir a ordem. Quando o comício do PSI terminou, um milhar de manifestantes socialistas formou improvisadamente um cortejo não autorizado e avançou com bandeiras vermelhas em direção à praça do Duomo, onde estavam os fascistas, gritando vivas aos soviets e arrancando as bandeiras italianas que encontravam pelo caminho. Alguns desses socialistas empunhavam bastões, outros revólveres.

Ao ouvirem os rivais aproximarem-se a cantar o hino comunista *Bandiera rossa*, os fascistas pediram às autoridades para permitirem uma manifestação patriótica, alçaram as bandeiras tricolores de Itália e encaminharam-se para os socialistas oficiais. As duas partes encontraram-se na Via Mercanti e

¹⁷⁸⁵ Benito Mussolini, “23 marzo”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.255.

¹⁷⁸⁶ Benito Mussolini, “Chi possiede, paghi!”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de julho de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954, p.224.

¹⁷⁸⁷ Benito Mussolini, “23 marzo”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.309/310.

¹⁷⁸⁸ *Idem*, p.311.

¹⁷⁸⁹ Benito Mussolini, “Si continua, signori!”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de agosto de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.84.

entraram em confronto. Usando táticas de guerra e uma violência ainda mais feroz do que a dos seus rivais, os fascistas depressa se impuseram. Confrontados com um adversário mais forte no combate, os socialistas ficaram surpreendidos e fugiram, deixando na praça um morto e uma trintena de feridos. Excitados com a vitória, os fascistas puseram-se aos gritos de “ao *Avanti!*, ao *Avanti!*”, e, liderados pelo capitão Vecchi dos *arditi* e pelo chefe futurista Marinetti, dirigiram-se à sede do órgão oficial do PSI.

Apercebendo-se da evolução dos acontecimentos, o exército formou um cordão para proteger o edifício. Encontravam-se aí quinze pessoas, entre redatores e elementos das milícias vermelhas. De repente, alguém abriu fogo do interior do *Avanti!*, matando um soldado. O cordão de proteção desfez-se. Em fúria, os fascistas avançaram, saltaram para o teto e para as varandas do edifício e penetraram no órgão oficial do PSI. Confrontados com a invasão, os socialistas saltaram das janelas, em fuga, e dois foram mortos. As autoridades tentaram intervir, mas era tarde de mais. No interior do *Avanti!*, os fascistas destruíram as máquinas rotativas, tiraram dinheiro do cofre dizendo que era para a família do soldado que acabara de ser assassinado pelos comunistas e em meia-hora incendiaram o edifício.

O ataque ao *Avanti!* provocou forte impressão por todo o país. O neutral *Corriere della Sera* responsabilizou os comunistas pelos acontecimentos desse dia e o ministro da Guerra disse que os fascistas tinham salvo o país, enquanto um inquérito público concluiu que a responsabilidade era da facção extremista do Partido Socialista Italiano. “*À la guerre comme à la guerre*”, respondeu laconicamente Mussolini, lembrando aos revolucionários do PSI a velha máxima de que “quem se propõe atacar sujeita-se a ser atacado”¹⁷⁹⁰. O chefe dos *arditi* que comandou o assalto improvisado dos *fasci*, o capitão Vecchi, declarou que “com a demolição do *Avanti!* foi cortada nesse dia a presumida força armada bolchevique italiana”¹⁷⁹¹. Na verdade, fez notar Mussolini, aquele “foi o primeiro episódio da guerra civil”¹⁷⁹² contra os que “pregam a imitação russa, que matou a Rússia e assassinaria a Itália” e que queriam introduzir no país as práticas bolcheviques da “ditadura e a

¹⁷⁹⁰ Benito Mussolini, “Non subiamo violenze!”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de abril de 1919, *idem*, p.50.

¹⁷⁹¹ Ferruccio Vecchi, “Fonograma a mano”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de abril de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.408.

¹⁷⁹² Benito Mussolini, “Dopo I fatti del 15 aprile 1919”, *Il Giornale d'Italia*, 17 de abril de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954, p.62.

força”¹⁷⁹³. Os fascistas mantinham sempre presente que os socialistas oficiais pretendiam importar o bolchevismo, o que a acontecer, conforme sustentou o anarcofascista Massimo Rocca, significaria “a ruína completa da Nação, semelhante à que se abateu sobre a Rússia.”¹⁷⁹⁴

O PSI pareceu desmoralizar. “O Partido Socialista”, observou Mussolini, pretende possuir o monopólio exclusivo das ruas”, mas “os Fasci di Combattimento contestam esse privilégio do PSI”¹⁷⁹⁵. Doravante, os socialistas oficiais teriam a concorrência dos socialistas dos *fasci* nas ações de rua e na disputa pela alma do proletariado. Os acontecimentos na Europa, porém, depressa animaram os dirigentes e militantes do Partido Socialista Italiano. Foram declarados soviets na Baviera e na Hungria e a tão esperada revolução mundial, que Lenine e o Comintern se esforçavam por acicatar, parecia de facto começar a espalhar-se pelo continente. É certo que o soviete bávaro foi de curta duração, mas o novo regime comunista húngaro deu sinais de perdurar, com o seu líder, Béla Kun, a manipular o nacionalismo dos húngaros, que receavam que o seu país fosse retalhado pelos Aliados, para lançar um projeto comunista radical, com nacionalização de bancos e de indústrias, coletivizações de terras e requisições forçadas sem compensação, culminando com uma campanha de terror vermelho que levou à execução ou à detenção de opositores.

Foi neste contexto que, em Itália, o *Avanti!* transcreveu em editorial diretivas de Lenine a ordenar aos proletários europeus que desencadeassem a revolução por toda a parte. Os dirigentes do PSI anunciaram então que esse Primeiro de Maio de 1919 seria o último vivido em regime burguês. Vinha aí a revolução bolchevique no país. Em consequência, o Partido Socialista Italiano declarou mais greves em julho de 1919 e três meses depois decretou formalmente em congresso o uso da violência. “O conceito de violência é abertamente marxista”, proclamou o dirigente comunista Giacinto Serrati sob uma ovação dos congressistas, para dizer que a violência “é necessária e inevitável” e que “a realidade é a revolução.”¹⁷⁹⁶

O PSI retomou a ofensiva e formou milícias armadas na Emilia Romagna e na Toscana, descrevendo-as como a vanguarda do exército proletário. A

¹⁷⁹³ Benito Mussolini, “Parole chiare”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de abril de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.54.

¹⁷⁹⁴ Alessandro Luparini, *op. cit.*, 2001, p.105.

¹⁷⁹⁵ Benito Mussolini, “Il ‘fascismo’”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de julho de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954, p.218.

¹⁷⁹⁶ Giacinto Serrati, “Il discorso di Serrati”, *Avanti!*, 8 de outubro de 1919, p.1.

situação em Itália degradou-se notoriamente e chegou-se a um ponto em que na Reggio Emilia qualquer transporte de mercadorias só podia ser feito com autorização dos guardas vermelhos. As milícias comunistas recorreram a formas extremas de pressão e chantagem, incluindo boicotes ao trabalho que envolviam a proibição de ordenha de animais e de colheitas, e incendiaram celeiros, mataram gado e agrediram proprietários e agricultores acusados de desrespeitarem as ordens de greve. Os guardas vermelhos assumiram o controlo dos gabinetes de contratação e quem procurasse mão-de-obra para trabalhar a terra via-se forçado a aderir às organizações socialistas se queria encontrar trabalhadores.

O fascista Curzio Malaparte usou os seus talentos literários para descrever em pormenor o ambiente revolucionário em curso em Itália. “Antes de saírem das fábricas, os operários equipavam-se para a luta: as armas apareciam de toda a parte, sob os bancos dos tornos, atrás dos teares, dos dínamos, das caldeiras; as pilhas de carvão vomitavam espingardas e cartuchos; homens com rostos silenciosos e gestos calmos escorregavam entre as máquinas mortas, os pistões, os martelos, as bigornas, os guindastes, subiam as escadas de ferro, as torres, as pontes de carga, os tetos pontiagudos cobertos de vidro, tomavam posições para transformar cada oficina numa fortaleza”, registou o escritor fascista. “Bandeiras vermelhas esvoaçavam no topo das chaminés. Nos pátios os operários amontoavam-se em desordem, dividiam-se em companhias, em secções, em esquadrões; os chefes de esquadrão com braçadeiras vermelhas davam ordens; no regresso das patrulhas enviadas em reconhecimento, os operários abandonavam as fábricas, caminhando em silêncio ao longo das paredes para ocupar os pontos estratégicos da cidade.”¹⁷⁹⁷

Confrontados com um clima crescentemente insurreccional, os fascistas constatarem a impotência do Estado liberal para travar a bolchevização do país. “O que de concreto fizeram os constitucionalistas, os democratas, os radicais, os republicanos para impedir em Itália o advento do bolchevismo?”, questionou Mussolini quando em 1921 se viu cercado de críticas dos radicais, dos democratas e dos republicanos. “Nada ou bem pouco”¹⁷⁹⁸. A verdade é que “ninguém se atrevia a lutar contra o socialismo oficial”¹⁷⁹⁹, pois “era a própria burguesia que antes da guerra acreditava na ‘verdade

¹⁷⁹⁷ Curzio Malaparte, *op. cit.*, 1994, p.213.

¹⁷⁹⁸ Benito Mussolini, “In tema elettorale”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de abril de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.250.

¹⁷⁹⁹ *Idem*, p.251.

científica do socialismo’ e após a guerra acreditava na ‘fatalidade’ do advento do socialismo”¹⁸⁰⁰. Acontece que o socialismo dos fascistas não era fatalista, mas voluntarista; eles não encaravam o socialismo como inevitabilidade histórica, mas como ato de vontade. “A vontade humana é um facto, é um *quid* da existência, é uma força”¹⁸⁰¹, estabeleceu Mussolini. Além disso, os *fasci* não acreditavam que uma revolução à bolchevique, que tantos estragos fazia na Rússia, fosse a melhor solução para Itália.

Assim sendo, os fascistas deram o passo seguinte. O dirigente fascista Michele Bianchi contactou o presidente da Câmara de Milão. “Apresentou-se ontem a mim um oficial amigo de Benito Mussolini”, comunicou o autarca às autoridades centrais por telegrama, informando que Bianchi “declarou que em caso de necessidade os combatentes voluntários *fasci* cooperarão na manutenção da ordem pública”¹⁸⁰². A posição dos fascistas, que se começavam assim a colocar às ordens das autoridades para combater as ações insurrecionais comunistas, era clara: socialismo construtivo sim, caos destrutivo não. “A história de Itália far-se-á também sem e contra o Partido Socialista Oficial”, avisou Mussolini em tom de desafio, dizendo que “a Nação submergi-lo-à em 1919, como o submergiu em 1915”¹⁸⁰³. Numa reunião com outros movimentos socialistas intervencionistas, com os quais tentava ainda formar uma frente unida para as eleições que se avizinhavam, o chefe dos *fasci* insistiu que era fundamental “fazer uma oportuna diferenciação entre o Partido Socialista e a massa operária”¹⁸⁰⁴, sendo que o bolchevismo dos maximalistas tinha de ser combatido e o proletariado defendido.

Em desespero, desorientados com a agressiva campanha de subversão comunista e temendo que os próprios soldados deixassem de obedecer às ordens dos seus superiores, o governo e os comandos militares começaram a encarar os fascistas como a única força capaz de fazer frente às milícias vermelhas com eficácia, até porque, para travar o caos, o movimento dos *Fasci di Combattimento* dizia-se “pronto a esbarrar a estrada ao leninismo

¹⁸⁰⁰ Benito Mussolini, “‘Il senso del limite’”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de abril de 1921, *ibidem*, p.287.

¹⁸⁰¹ Benito Mussolini, “Ritorni”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de agosto de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.100.

¹⁸⁰² Renzo de Felice, *op. cit.*, 1965, p.538/539.

¹⁸⁰³ Benito Mussolini, “La formula dei socialufficiali”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de abril de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954, p.92.

¹⁸⁰⁴ Benito Mussolini, “Per l’intesa e per l’azione fra gli interventisti di sinistra”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de julho de 1919, *idem*, p.249.

por qualquer meio, *não excluindo a guerra civil*”, pois o fascismo pertencia às “*forças do povo*”¹⁸⁰⁵ (itálico no original). De revolucionários subversivos e arruaceiros, os fascistas passaram a ser vistos pelas próprias autoridades como inesperados promotores da ordem. Até elementos democráticos do PSI, como Carlo Silvestri, consideravam que a ala radical comunista do seu próprio partido estava a ir longe de mais na violência e acolheram com aprovação a intervenção fascista para os travar.

O problema é que os *fasci* mantinham a sua crença socialista revolucionária e, com a situação económica de Itália a agravar-se, não pouparam “a burguesia intelectualóide”¹⁸⁰⁶ e o governo pelo estado do país. “A responsabilidade do governo na carestia de vida que se faz de novo sentir mais agudamente na vida nacional é simplesmente enorme”¹⁸⁰⁷, acusou Mussolini, atacando também a “burguesia inepta e parasitária que ostenta riquezas incorretamente adquiridas e uma imbecilidade impotente”¹⁸⁰⁸. Defendeu por isso “a expropriação do capital” dos burgueses e abraçou a ideia de que os ricos é que tinham de pagar a crise: “Quem pode, ‘deve’ pagar. Quem pode, deve desembolsar”¹⁸⁰⁹. E como desembolsariam os burgueses? “Queremos um imposto progressivo extraordinário sobre o capital, a revisão dos contratos de fornecimentos para a guerra, o confisco do lucro excessivo, impostos sobre as heranças, o confisco dos bens eclesiásticos”¹⁸¹⁰ e “a dizimação da riqueza”¹⁸¹¹, para além de outras medidas de natureza política, incluindo “o voto para as mulheres e a sua elegibilidade.”¹⁸¹²

Os Fasci di Combattimento viam-se como socialistas revolucionários em luta pelo país num período de crescentes dificuldades para a população

¹⁸⁰⁵ Benito Mussolini, “Colmo d’impudenza!”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de julho de 1919, *ibidem*, p.263.

¹⁸⁰⁶ *Ibidem*.

¹⁸⁰⁷ Benito Mussolini, “Dov’è il governo?”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de junho de 1919, *ibidem*, p.175.

¹⁸⁰⁸ Benito Mussolini, “Discorso di Piazza Belgioioso”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.123.

¹⁸⁰⁹ Benito Mussolini, “Per l’espropriazione del capitale”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de junho de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954, p.177.

¹⁸¹⁰ Benito Mussolini, “Per un’azione politica”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de junho de 1919, *idem*, p.209.

¹⁸¹¹ Benito Mussolini, “Discorso di Piazza Belgioioso”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.123.

¹⁸¹² Benito Mussolini, “Per un’azione politica”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de junho de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954, p.208.

italiana, alegando que defendiam o proletariado mesmo que o proletariado, iludido pela utopia dos socialistas oficiais, disso não se apercebesse. “Pela classe operária, pela qual reclamo toda a liberdade e todo o direito a ascender a formas sempre mais humanas de vida”, posicionou-se Mussolini, dizendo que a classe operária “saberá assegurar a grandeza e a prosperidade do país; pois uma nação não pode ser grande se as classes operárias permanecerem na miséria e na sujeição”¹⁸¹³. Em consequência, os fascistas apoiaram ações de protesto contra a carestia de vida, incluindo pilhagens de lojas em La Spezia, pois consideravam que a situação económica em Itália “é crítica”¹⁸¹⁴ e “os industriais devem aceitar as ‘*exigências razoáveis*’ dos seus operários”¹⁸¹⁵ (itálico no original).

Mussolini avisou que “enganam-se os que presumem que somos *lealistas* só porque combatemos de cara destapada os socialistas oficiais e *não a massa trabalhadora*”, sublinhando que “apenas somos *lealistas* na defesa de Itália e da Pátria” pois “combatemos os socialistas oficiais porque esses viraram contra nós a sua agitação e o ódio dos seus membros com cartão de militante, mas não nos colocamos ao lado de homens que a cada dia provam serem *incapazes*, e criminosamente ineptos, de resolver um único dos tantos problemas que assolam a nação”¹⁸¹⁶ (itálico no original). Ou seja, os fascistas argumentavam que se usavam a violência contra as ações de rua do PSI não era para defender o regime burguês e o seu “governo reacionário”¹⁸¹⁷, mas para impedir a revolução bolchevique em Itália e assim proteger o país e a classe trabalhadora de uma tragédia semelhante à russa.

Até subirem ao poder, os fascistas mantiveram-se permanentemente atentos ao bochevismo e aos acontecimentos na Rússia, onde o socialismo assumia um perfil cada vez mais violento e tirânico. “Na Rússia há um governo ditatorial de uma facção do Partido Socialista e não do proletariado”, avisou Mussolini, falando em “fenómeno de ultramilitarismo”¹⁸¹⁸

¹⁸¹³ Benito Mussolini, “Discorso di Piazza Belgioioso”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.123.

¹⁸¹⁴ Benito Mussolini, “Pangloss numero 2”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de junho de 1919, *idem*, p.179.

¹⁸¹⁵ Benito Mussolini, “Lo sciopero metallurgico – L’ora di concludere!”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de setembro de 1919, *ibidem*, p.16.

¹⁸¹⁶ Benito Mussolini, “Pangloss numero 2”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de junho de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954, p.180.

¹⁸¹⁷ Benito Mussolini, “Gli inizi”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de junho de 1919, *idem*, p.211.

¹⁸¹⁸ Benito Mussolini, “Illusioni e mistificazioni – Il paradiso leninista”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.117.

bolchevique e fazendo notar que “na Rússia a classe operária não está melhor e até ficou pior do que nos países do Ocidente. Na Rússia o partido bolchevique apoia-se no militarismo, na burocracia que aumentou assustadoramente e numa polícia mais feroz do que a dos czares!”¹⁸¹⁹. Para o chefe dos *fasci*, os comunistas não haviam instituído comunismo na Rússia, mas tirania pura e simples. “O Estado mais militarista que hoje existe no mundo é precisamente o Estado pseudo-comunista dos soviets”¹⁸²⁰, declarou. Mais ainda do que militarista, “a Rússia de Lenine é o país mais reacionário do mundo.”¹⁸²¹

Para além da tirania, havia a considerar o colapso económico na Rússia. “A indústria russa está em completa paralisia”¹⁸²², observou Mussolini, sublinhando que “não é uma revolução o que está a acontecer, mas a corrida ao abismo, ao caos, à completa dissolução social”¹⁸²³. A violência bolchevique, juntamente com os “‘decretos’ loucos emanados dos soviets”¹⁸²⁴, criara disfunções na sociedade russa, o que fazia com que, nas palavras de Mussolini, “na Rússia nem todos os que trabalham comem e nem todos os que comem trabalham”¹⁸²⁵. Na verdade, “o bolchevismo transformou-se e continua a transformar-se num ‘regime’ que nada tem a ver ao que foi sonhado e exaltado ao longo de meses pelos maus pastores da plebe italiana”¹⁸²⁶, o que o fazia encarar “Lenine como o maior entre os vivos e o mais vivo entre os maiores reacionários da Europa”¹⁸²⁷. O chefe dos fascistas sublinhou que a prática russa de tirar os privilégios a uma classe para os dar a outra, prática que segundo ele o PSI queria imitar em Itália, é “abertamente anti-socialista, devendo-se interpretar o socialismo como o advento de um regime que anula as classes e cria uma única classe de

¹⁸¹⁹ *Idem*, p.117/118.

¹⁸²⁰ Benito Mussolini, “Lumi”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de abril de 1920, *ibidem*, p.415.

¹⁸²¹ Benito Mussolini, “Verso la reazione!”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de abril de 1920, *ibidem*, p.416.

¹⁸²² Benito Mussolini, “Illusioni e mistificazioni – Il paradiso leninista”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de novembro de 1919, *ibidem*, p.116.

¹⁸²³ Benito Mussolini, “Verso la reazione!”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de abril de 1920, *ibidem*, p.416.

¹⁸²⁴ Benito Mussolini, “Illusioni e mistificazioni – Il paradiso leninista”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.116.

¹⁸²⁵ Benito Mussolini, “L’altro spettro”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de novembro de 1919, *ibidem*, p.157.

¹⁸²⁶ Benito Mussolini, “Noi ‘reazionari’”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de fevereiro de 1920, *ibidem*, p.291.

¹⁸²⁷ Benito Mussolini, “Crepuscoli – I templi e gli idoli”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de fevereiro de 1920, *ibidem*, p.337.

produtores associados”¹⁸²⁸. Só assim, na sua opinião, o socialismo poderia funcionar e triunfar.

O desastre político, social e humanitário na Rússia foi usado vezes sem conta pelos ideólogos socialistas dos *fasci* para embaraçar os rivais do PSI alinhados com Moscovo. “Do oriente russo vêm terríveis notícias de fome e de morte; de Petrogrado chegam apelos desesperados de socialistas e de anárquicos contra a reação de Lenine”, escreveu Mussolini ao longo do tempo, considerando o *Vozhd* bolchevique “um czar” e dizendo que a revolução russa “desembocou na reação”¹⁸²⁹. Para ele, estava estabelecida uma “antítese categórica entre socialismo e bolchevismo”¹⁸³⁰. O regime de Lenine, ao instituir o “terror bolchevique”¹⁸³¹, tinha um comportamento de tal modo tirânico e reacionário que constituía “a catástrofe do socialismo”¹⁸³². A verdade é que todas as posições fascistas em relação ao bolchevismo se revelaram contaminadas pelo conflito doméstico que os fascistas alimentavam com os socialistas oficiais do PSI.

Porém, quando em 1919 se colocou a questão da intervenção aliada contra os bolcheviques, durante a guerra civil contra os russos brancos, e mais tarde o problema do bloqueio económico aliado à Rússia, os fascistas opuseram-se a quaisquer sanções contra o novo regime de Moscovo. “Reafirmamos neste momento a nossa oposição a qualquer intervenção militar aliada no conflito civil na Rússia” afirmou Mussolini, esclarecendo que “nunca solicitámos tal intervenção e opor-nos-emos energicamente se ela for efetuada”, para lembrar que os russos brancos eram “os representantes do czarismo russo”¹⁸³³. Tal posição estava em perfeita consonância com o posicionamento do movimento socialista internacional, pois mesmo os socialistas democráticos europeus, que criticavam asperamente a deriva tirânica do comunismo na Rússia, se opuseram a uma intervenção militar ocidental.

¹⁸²⁸ Benito Mussolini, “Il programma dei fasci – Dalla ‘rappresentanza integrale’ all’‘espropriazione parziale’”, *Il Popolo d’Italia*, 12 de maio de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954, p.118.

¹⁸²⁹ Benito Mussolini, “Da che parte va il mondo?”, *Gerarchia*, 25 de fevereiro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.16.

¹⁸³⁰ *Idem*, p.17.

¹⁸³¹ Benito Mussolini, “I documenti che schiacciano”, *Il Popolo d’Italia*, 4 de março de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.353.

¹⁸³² Benito Mussolini, “Quando il mito tramonta”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de dezembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.56.

¹⁸³³ Benito Mussolini, “Crepuscolo”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de outubro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.67.

Outros fascistas fizeram coro na defesa do regime comunista. “Não podemos deixar morrer a Rússia”, escreveu Giuseppe Prezzolini também nas páginas de *Il Popolo d'Italia*. “Temos de ajudar a Rússia”¹⁸³⁴. Mussolini insistiu em rejeitar uma intervenção militar aliada contra os bolcheviques, alegando que ela traria o regresso dos homens do czar ao poder, e propôs até que os Aliados reconhecessem o regime de Lenine. O *Duce* foi ainda mais longe: “*convidamos formalmente o governo italiano a não aderir ao embargo contra a Rússia*”¹⁸³⁵ (itálico no original). Estas posições poderão parecer paradoxais e incompreensíveis à luz dos sucessivos pronunciamentos fascistas contra o bolchevismo, mas estavam de facto em conformidade com as posições do socialismo europeu. Além disso, Mussolini esclareceu numa confissão inesperada que, em bom rigor, “não somos contra a revolução russa, somos contra a ‘cópia’ da revolução russa em Itália”¹⁸³⁶. Tudo enfim claro. O seu problema não era afinal verdadeiramente o bolchevismo, mas o PSI.

A forma como decorreu a campanha eleitoral de 1919 é igualmente ilustrativa do tipo de violência que se instalou no país entre os socialistas oficiais e os socialistas fascistas. Perante as constantes escaramuças entre as duas partes, e procurando evitar mais violência durante a campanha eleitoral, o presidente da Câmara de Milão convocou os liberais, os socialistas tradicionais, os socialistas fascistas, os nacionalistas e os conservadores para uma reunião. “Enquanto todos os outros se declararam dispostos a assumir o compromisso de evitar qualquer violência nos atos de propaganda e nos comícios, o representante socialista opôs-se alegando que pretendia manter a liberdade de ação, o que provocou uma péssima impressão nos restantes”¹⁸³⁷, registou o autarca num despacho endereçado ao governo. Uma outra comunicação oficial interna registou que os fascistas asseguraram às autoridades que não desencadeariam atos violentos que perturbassem a campanha eleitoral, enquanto os socialistas oficiais se recusaram a dar tal garantia. Ou seja, pelos vistos os socialistas fascistas aceitavam levar a cabo uma campanha pacífica, mas os socialistas tradicionais eram pela violência.

¹⁸³⁴ Emilio Gentile, *op. cit.*, 2017, p.141.

¹⁸³⁵ Benito Mussolini, “Il blocco anti-russo”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.109.

¹⁸³⁶ Benito Mussolini, “L’attualità – Ancora e sempre contro il blocco”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de novembro de 1919, *idem*, p.121.

¹⁸³⁷ Mimmo Franzinelli, *op. cit.*, 2019, p.124.

Em consonância com a posição que o PSI assumiu, os seus militantes começaram a interromper as ações de campanha dos adversários. O próprio *Avanti!* assumiu com orgulho a autoria comunista desses desacatos, dedicando uma página inteira às ações de sabotagem que os socialistas do PSI desencadeavam nas iniciativas eleitorais dos restantes partidos. “Em Génova, em Sampierdarena, em Parma, em Pavia, em Savona, assembleias e comícios eleitorais foram sabotados e interrompidos pelos socialistas oficiais”, registou Mussolini, dizendo que “os verdadeiros operários, salvo as raras exceções dos que têm cartão de militante do partido, nada têm a ver com os atos de violência contra pessoas com outras ideias”. O chefe dos *fasci* lembrou mesmo que, num comício fascista na Porta Romana, “um jovem socialista pôde falar, escutado sem ser perturbado do princípio ao fim, em defesa da Rússia.”¹⁸³⁸

Mas quando os comunistas impediram um comício dos socialistas intervencionistas próximos dos *fasci*, as coisas mudaram. Os fascistas prepararam-se e, na segunda vez que os rivais tentaram impedir um novo comício seu, responderam sem contemplações. “Os socialistas aglomeraram-se à porta e, com palavras de ordem subversivas, lançaram-se contra (os socialistas intervencionistas dos *fasci*), mas foram confrontados e expulsos”, indicou o presidente da Câmara de Milão no despacho ao governo a descrever os incidentes que se seguiram, revelando que “os fascistas decidiram não tolerar nenhuma provocação socialista; se esta vier a ocorrer, assaltarão a direção do *Avanti!* e destruí-la-ão.”¹⁸³⁹

Mussolini foi aliás muito claro a esse propósito. “O fascismo”, declarou em plena campanha eleitoral, “não exerce violência, mas também não se sujeitará a ela”¹⁸⁴⁰. O chefe dos *fasci* sublinhou que “está em jogo uma das mais altas conquistas e expressões da civilização humana: o direito à palavra” e, perante “uma minoria que quer impor a mordaza aos que pensam de maneira diferente”, sustentou que cabia aos cidadãos “libertarem-se do jugo desta violência”, pelo que avisou que se os socialistas os atacassem, sofreriam as consequências: “responderemos à violência com violência

¹⁸³⁸ Benito Mussolini, “Paroli e fatti”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de outubro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.89.

¹⁸³⁹ Mimmo Franzinelli, *op. cit.*, 2019, p.124.

¹⁸⁴⁰ Benito Mussolini, “La grande adunata”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.127.

centuplicada!”¹⁸⁴¹. O que veio de facto a acontecer em Lodi. Os socialistas tentaram interromper uma ação de campanha dos fascistas no teatro desta cidade, os fascistas gritaram que “falaremos, custe o que custar!”¹⁸⁴² e atacaram os adversários com grande brutalidade, fazendo três mortos e uma dezena de feridos.

No meio de um clima efervescente, os fascistas apresentaram-se nas eleições de 1919 com um programa revolucionário socialista. O seu cabeça-de-lista era Mussolini, seguido de Marinetti e do oficial Cristoforo Baseggio. O quarto nome na lista fascista era o de Agostino Lanzillo, o intelectual fascista que se correspondia com Georges Sorel, o neomarxista que teorizara sobre a beleza da violência e que pugnara por um regresso às propostas originais de Marx e Engels, e o quinto nome o do famoso maestro Arturo Toscanini. Contudo, o posicionamento de socialismo tradicional dos fascistas não funcionou junto do eleitorado italiano e o movimento sofreu uma derrota esmagadora. “A nossa não é nem uma vitória nem uma derrota”, disse Mussolini, fazendo um mirabolante *spin* retórico aos resultados eleitorais catastróficos para os *fasci*: “é uma afirmação política.”¹⁸⁴³

O PSI ganhou as eleições gerais desse ano, embora não tenha conseguido uma maioria parlamentar que lhe permitisse governar e não aceitasse alianças com os liberais e os conservadores. “Os socialistas rejeitam a dura cruz do poder!”¹⁸⁴⁴, constatou Mussolini, para quem “a crise tremenda do socialismo europeu em geral e do italiano em particular está aqui: no não querer a simples participação no poder e não querer a conquista total do poder”¹⁸⁴⁵. O chefe dos *fasci* considerava essa postura errada. Para ele o socialismo não se podia limitar a ser uma força de contestação; tinha de se assumir como uma força de construção real para resolver a “crise social”¹⁸⁴⁶ em que a Itália estava mergulhada. Isso implicava compromissos, requeria que se colaborasse com outros partidos e movimentos socialistas, mas

¹⁸⁴¹ Benito Mussolini, “Guerra civile? Violenza contro violenza!”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de novembro de 1919, *idem*, p.102.

¹⁸⁴² Andrea Ventura, *Il diciannovismo fascista – Un mito che non passa*, Viella Libreria Editrice, Roma, 2021, p.141.

¹⁸⁴³ Benito Mussolini, “L’affermazione fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.136.

¹⁸⁴⁴ Benito Mussolini, “‘Putschismo’”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de junho de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.63.

¹⁸⁴⁵ Benito Mussolini, “Dilemma: collaborare o perire”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de abril de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.391.

¹⁸⁴⁶ Benito Mussolini, “Politica interna”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de maio de 1920, *idem*, p.440.

também com partidos e movimentos liberais, conservadores e nacionalistas: “ou colaborar em conjunto ou morrer em conjunto.”¹⁸⁴⁷

O líder dos Fasci di Combattimento ainda tentou reconstituir o bloco do socialismo intervencionista, juntando os fascistas a outros socialistas intervencionistas que não tinham aderido ao movimento dos *fasci*, e ainda, se possível, aos socialistas reformistas do PSI, que estavam em rota de colisão com os maximalistas pró-bolcheviques, mas a tentativa voltou a fracassar. Mussolini admitiu então a possibilidade de regressar ao PSI, mas essa porta fechou-se devido às incompatibilidades pessoais geradas pela rotura de 1914 e agravadas ao longo do tempo, sobretudo com o ataque ao *Avanti!*. “O Partido Socialista Oficial tem braços tão vastos que não rejeita ninguém: um pequeno ato de contrição teria bastado para me fazer regressar em boas graças e é provável que o ferocíssimo ódio se transformasse num enorme amor”¹⁸⁴⁸, admitiu com desconcertante candura, mas “o ódio daquela gente por mim explica-se” pelo facto de que “os dirigentes não me perdoam a tenacidade com que desnudo as suas mistificações.”¹⁸⁴⁹

Esta confissão extraordinária do chefe dos *fasci*, feita em público nas páginas do *Il Popolo d'Italia* perante os próprios leitores fascistas, mostra que não só permanecia socialista como se mantinha ligado ao PSI, ao qual admitia a possibilidade de regressar com “enorme amor”. De resto, Mussolini contrastava abertamente o socialismo violento do bolchevismo e dos *maximalisti* pró-Moscovo do PSI com o socialismo com o qual ele e os seus camaradas dos *fasci* se identificavam, o “bom velho socialismo, que tinha na sua doutrina um vasto sentido de humanidade, ao qual não era estranha nenhuma dor, nem antigamente era indiferente a qualquer injustiça”, um “bom velho socialismo que em 1897 mandava legionários para a Grécia e que até 1914 considerava justa a guerra feita para resgatar ou completar a independência das nações: o socialismo de Jaurès, de Battisti e de Bissolati!”, um socialismo que realizava “a síntese harmoniosa entre socialismo e nação; entre a classe e a pátria”¹⁸⁵⁰. Era esse socialismo que ele queria reconstituir, no socialismo oficial ou no fascismo.

¹⁸⁴⁷ Benito Mussolini, “Gli eretici e i corruttori”, *Il Popolo d'Italia*, 4 de abril de 1920, *ibidem*, p.394.

¹⁸⁴⁸ Benito Mussolini, “Il piatto e il resto”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de maio de 1920, *ibidem*, p.433.

¹⁸⁴⁹ *Ibidem*, p.434.

¹⁸⁵⁰ Benito Mussolini, “La morte di Leonida Bissolati”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de maio de 1920, *ibidem*, p.437.

O regresso ao PSI estava-lhe, no entanto, absolutamente vedado. Derrotado nas urnas e isolado, ostracizado pelo próprio eleitorado socialista que tentara conquistar ao PSI e enfrentando problemas de dinheiro, o diretor do *Il Popolo d'Italia* viu-se num beco sem saída. Há indicações de que considerou até a possibilidade de abandonar a política. “O resultado das eleições é penoso de um ponto de vista moral”, acabou por admitir, mas consolou-se com a ideia de que “nada é definitivo no mundo”¹⁸⁵¹. Tinha razão, como se veio a verificar.

O governo estendeu-lhe inadvertidamente a mão. Logo após as eleições, a polícia lançou buscas às instalações dos fascistas e, encontrando aí armas, deu voz de prisão a Mussolini e a outros dirigentes do *fascio*, incluindo Vecchi e Marinetti. A operação foi sancionada pelo governo, mas o neutral *Corriere della Sera* acusou o presidente do Conselho de cobardia por só atacar os fascistas depois destes sofrerem uma derrota eleitoral e com o evidente intuito de agradar ao PSI vencedor. Embaraçado, o chefe do governo deu ordem de soltura a Mussolini, mas o mal estava feito. “Tinham necessidade de aplacar a ira dos socialistas triunfantes, os quais, como é demonstrado noutra parte, anunciaram a minha prisão antes de ela ter sido efetuada”¹⁸⁵², acusou o chefe dos fascistas, anunciando que “preparamo-nos para novas e iminentes batalhas.”¹⁸⁵³

Fez-se assim de vítima do governo e dos socialistas oficiais e ganhou auréola de perseguido, o que lhe permitiu desviar convenientemente as atenções da pesada derrota eleitoral que acabara de sofrer. O perdedor das eleições conseguira desse modo a proeza de dar a volta à derrota e sair a ganhar.

Os compromissos do socialismo fascista

O plano dos liberais e dos conservadores italianos era governar com o PSI, até para pôr fim à constante agitação do *biennio rosso* que tanta instabilidade trazia ao país. A ala reformista do Partido Socialista Italiano, formada pelos socialistas liberais liderados por Turati, estava disponível para um entendimento com os outros partidos, mas os *intransigenti* comunistas de Bombacci e Serrati, que controlavam o PSI e que diziam querer provocar

¹⁸⁵¹ Benito Mussolini, “Orientamenti”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de novembro de 1919, *ibidem*, p.140.

¹⁸⁵² Benito Mussolini, “Incidente”, *Il Popolo d'Italia*, 20 de novembro de 1919, *idem*, p.138.

¹⁸⁵³ *Ibidem*, 139.

uma revolução bolchevique em Itália, não consentiam uma tal iniciativa “burguesa”. A consequência é que o PSI permaneceu fora do arco da governação democrática. Para os restantes partidos, havia que encontrar uma outra solução que retirasse a Itália da paralisia.

Os comunistas decretaram mais greves gerais, sempre no esforço de desencadear uma instabilidade tão grande que propiciasse a revolução. “Em Itália passa-se de uma greve geral a outra e faz-se um abuso altamente anti-nacional, anti-sindicalista e anti-socialista de uma arma que devia ser reservada a reivindicações supremas”¹⁸⁵⁴, queixou-se Mussolini, acusando os seus rivais do PSI de sofrerem de “*delirium tremens* grevista”¹⁸⁵⁵. O chefe dos *fasci* fez até questão de embaraçar os comunistas com a lembrança de que “Lenine, ministro bolchevique, sufocou uma greve na fábrica Putiloff com este simples e no entanto eloquentíssimo, além de irresistível, aviso: ‘os operários que não retomarem o trabalho na segunda-feira sujeitam-se à pena de morte’.”¹⁸⁵⁶ Mussolini alertou que “enquanto o Partido Socialista Oficial falar ainda de revolução, de ditadura e de soviets; enquanto quiser impor à Itália o avental do *mugik* russo, teremos de continuar prontamente o nosso trabalho de resistência e de defesa.”¹⁸⁵⁷

Acontece que a disponibilidade dos fascistas em enfrentarem a desestabilização comunista e ajudarem a repor a ordem pública no meio do caos do *biennio rosso* não passou despercebida das autoridades e, sobretudo, da pequena burguesia entrincheirada. Além do mais, ninguém ignorava o peso dos fascistas na questão de Fiume, uma cidade na Dalmácia que, sob a liderança do poeta Gabriele d’Annunzio, fora ocupada por milícias italianas. Os *fasci* legitimavam essa ação com argumentos nacionalistas e socialistas, com Mussolini a sublinhar que “o gesto de Gabriele d’Annunzio não é apenas magnífico de um ponto de vista nacional, mas é *eminentemente revolucionário* quando considerado de um ponto de vista socialista e proletário”¹⁸⁵⁸ (itálico no original). Além disso, acusou os críticos da

¹⁸⁵⁴ Benito Mussolini, “Corsa al disastro?”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de dezembro de 1919, *ibidem*, p.169.

¹⁸⁵⁵ Benito Mussolini, “Restare se stessi”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de abril de 1920, *ibidem*, p.399.

¹⁸⁵⁶ Benito Mussolini, “Dilemma”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de janeiro de 1920, *ibidem*, p.250.

¹⁸⁵⁷ Benito Mussolini, “Nel vicolo cieco”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de abril de 1920, *ibidem*, p.250.

¹⁸⁵⁸ Benito Mussolini, “Gesto di rivolta”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de setembro de 1919, *ibidem*, p.5.

ocupação de Fiume de terem um ponto de vista “*conservador, reacionário, anti-socialista*”¹⁸⁵⁹ (itálico no original), pois faziam o “jogo da plutocracia franco-anglo-americana”¹⁸⁶⁰, isto é, estavam do lado do “imperialismo aliado”¹⁸⁶¹ formado pelos países capitalistas que exploravam nações proletárias como a Itália. O problema é que a ocupação da cidade dalmata fora feita ao arrepio de Roma e tornara-se mesmo um embaraço internacional para o governo italiano, o que aliás levou o chefe dos *fasci* a fazer notar que “a burguesia é hostil à operação”¹⁸⁶² de ocupação de Fiume. O governo italiano colocou então uma hipótese: porque não usar Mussolini para neutralizar a questão de Fiume e, ao mesmo tempo, ajudar a enfrentar a instabilidade bolchevizante do PSI?

O governo pediu que fosse feita uma análise rigorosa ao perfil psicológico do chefe dos fascistas, tarefa de que se encarregou o inspetor-geral da polícia, Giovanni Gasti. “É um emotivo e um impulsivo”, escreveu Gasti no seu relatório ao primeiro-ministro Francesco Nitti, tendo o cuidado de indicar também que Mussolini era um homem “com reputação de altruísmo e filantropia”, e sobretudo “muito inteligente, astuto, ponderado, reflexivo, bom conhecedor dos homens e das suas qualidades e defeitos (...) capaz de sacrifício pelos amigos e tenaz nas suas inimizades e ódios. É corajoso e audaz; tem qualidades organizativas e é capaz de decisões rápidas”, além de que “é ambiciosíssimo – é animado pela convicção de ter um papel importante nos destinos de Itália.”

Esta descrição, sublinharam historiadores como Renzo de Felice, estava em perfeita consonância com o que de Mussolini disseram ao longo do tempo amigos e inimigos que o conheciam bem. Muito importante, Gasti concluiu: “alguns dos seus antigos companheiros e admiradores confessam ainda que ninguém melhor do que ele sabe compreender e interpretar a alma do proletariado, o qual vive com dor a sua apostasia”, mas Mussolini “acreditará sempre ser socialista, apesar de poder ser utilizado para fins constitucionais, apesar de a dissidência com aqueles que pretendem ser os dogmáticos da ortodoxia socialista se tornar sempre mais insanável e

¹⁸⁵⁹ Benito Mussolini, “Non capiscono niente!”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de setembro de 1919, *ibidem*, p.11.

¹⁸⁶⁰ Benito Mussolini, “Il discorso”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de setembro de 1919, *ibidem*, p.31.

¹⁸⁶¹ Benito Mussolini, “Bisogna smobilitare altre classi!”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de outubro de 1919, *ibidem*, p.39.

¹⁸⁶² Benito Mussolini, “La stolta vociferazione”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de setembro de 1919, *ibidem*, p.33.

profunda”¹⁸⁶³. Ou seja, Gasti explicou ao governo que, apesar de socialista, o chefe dos fascistas era um homem suficientemente flexível para, a exemplo de socialistas reformistas oficiais como Turati, Matteotti e Prampolini, estabelecer compromissos com outras forças, a exemplo, aliás, do que já se passava com os socialistas reformistas de outros países, de Bernstein na Alemanha a Jaurès em França.

Há indicações de que alguns industriais se disponibilizaram então para pagar aos fascistas para fazerem o trabalho que os fascistas na verdade já faziam e que as autoridades não eram capazes de fazer, designadamente enfrentar as milícias comunistas que prosseguiram a agitação e as ocupações. Ao mesmo tempo, estudantes, pequenos burgueses e ex-combatentes, atraídos pela retórica e ação antibolchevique dos fascistas, começaram a afluir em grande número aos *Fasci di Combattimento*. Os antigos combatentes sentiam-se particularmente ofendidos com o discurso e os atos do PSI de demonização e enxovalho daqueles que se haviam sacrificado nas trincheiras. Então tinham eles dado a sua juventude à pátria, corrido tantos riscos, feito tantos sacrifícios, sofrido psicologicamente e fisicamente tanto, visto camaradas e amigos morrerem afogados em sangue e vivido durante tanto tempo afastados da família, para serem constantemente insultados pelos socialistas que ficaram confortavelmente na retaguarda a falar mal dos que lutavam e que os continuavam a maltratar agora que haviam regressado à vida civil?

Estes ex-combatentes, mutilados no corpo e traumatizados na alma, queriam justiça e apenas os socialistas dos *fasci* os acarinhavam, e acarinhavam com a sinceridade de quem tinha também combatido nas mesmas trincheiras e partilhado o mesmo sofrimento. À amargura da guerra seguira-se no pós-guerra a camaradagem forjada no fogo das trincheiras entre irmãos de armas. O próprio Mussolini, que andava sempre acompanhado de mutilados de guerra e de antigos combatentes, multiplicara-se em apelos ao governo para que ajudasse os desmobilizados, os deficientes físicos e as suas famílias, e em prol destes lançara até campanhas solidárias, chamando sempre a atenção para o seu sofrimento. “Terminada a guerra”, queixou-se o chefe dos *fasci*, “a atividade dos socialistas oficiais foi organizar uma espécie de represálias contra todos os ‘culpados’ da

¹⁸⁶³ Giovanni Gasti, “Relazione per la Presidenza del Consiglio dell’ispettore generale di PS G. Gasti a proposito di Mussolini e del suo movimento”, 4 de junho de 1919, *L’Archivio Storia – History*, larchivio.com.

intervenção”, no que constituiu “um plano de represálias mesquinho e digno de uma seita, não de um partido que pretende interpretar os grandes acontecimentos da história à luz da crítica marxista.”¹⁸⁶⁴

Diabolizados e humilhados pelos socialistas do PSI, nada mais natural do que ver os desmobilizados correrem a engrossar as fileiras dos *fasci*. “Apenas encontrámos bons irmãos no fascismo mussoliniano”¹⁸⁶⁵, observou Ferruccio Vecchi, capitão dos *arditi*. Os ex-combatentes haviam lutado pela Itália nas trincheiras quando o inimigo externo ameaçara o país e, agora nos *fasci*, iam de novo lutar pela Itália, desta feita nas ruas contra o inimigo interno que, além de os insultar e humilhar, ameaçava trazer para o país a desgraça que devastava a Rússia.

Confrontada com a adesão em massa de elementos que não eram originalmente socialistas, a liderança fascista percebeu que estava numa encruzilhada. Uma vez que o PSI era o maior partido de Itália, que a ação dos socialistas oficiais era de constante estigmatização de quem combatera nas trincheiras e que o plano do PSI era o de introduzir o bolchevismo no país, e também, ou talvez até sobretudo, por “motivos pessoais”¹⁸⁶⁶ de inimizades que remontavam ao cisma socialista de 1914, tornava-se necessário abater o partido socialista oficial. “A oposição ao bolchevismo italiano, isto é, à tentativa absurda de transpor para Itália os métodos e os sistemas do bolchevismo russo, continuará e intensificar-se-á”¹⁸⁶⁷, avisou Mussolini, mesmo duvidando da capacidade e até da vontade de os comunistas do PSI, “os revolucionários que nem sequer fazem o fumo da revolução”¹⁸⁶⁸, realmente a fazerem.

Como o inimigo do meu inimigo meu amigo é, combater o PSI implicava uma aliança com todas as forças existentes em Itália que estavam preocupadas com a importação do caos bolchevique, incluindo os ex-combatentes que Mussolini tanto amava, incluindo os conservadores e liberais que Mussolini tanto desprezava. Além do mais, o chefe fascista compreendeu que a monarquia, os industriais, os liberais, os católicos e os

¹⁸⁶⁴ Benito Mussolini, “Programmi e partiti – Il ‘loro’ errore”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.99.

¹⁸⁶⁵ Mimmo Franzinelli, *op. cit.*, 2019, p.28.

¹⁸⁶⁶ Benito Mussolini, “Incidenti e speculazioni”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de março de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.204.

¹⁸⁶⁷ Benito Mussolini, “Il ‘Popolo’ nel 1920”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de dezembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.183.

¹⁸⁶⁸ Benito Mussolini, “Le parte e la commedia”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de janeiro de 1920, *idem*, p.234.

conservadores jamais lhe permitiriam a ascensão ao poder enquanto movimento socialista com um programa de ação subversivo revolucionário, pelo que foi forçado a fazer uma escolha. Ou o fascismo permanecia o movimento socialista revolucionário de origem marxista que era, e então arriscava-se a ficar eternamente na oposição ou mais provavelmente a desaparecer, ou se adaptava à realidade e fazia *real politik*.

Colocado perante esta escolha, oportunista como muitos políticos são e iniciando uma sucessão de compromissos típica de dirigentes socialistas sempre que decidem ascender ao poder pelas vias legais, Mussolini decidiu-se pela segunda opção. “O fascismo italiano representa um formidável revés à corrida louca e criminosa em direção à ruína extrema”¹⁸⁶⁹, sublinhou o chefe fascista. “É necessário, em substância, impedir que o maximalismo invada o campo económico”, declarou, “e não para defender a burguesia, mas para salvar a Itália de uma ruína certa”¹⁸⁷⁰. Mesmo não gostando da burguesia, acusando-a persistentemente de ser “uma burguesia degenerada e vil” e queixando-se de que “a burguesia politqueira detesta o fascismo”¹⁸⁷¹, os fascistas iriam tornar-se a força de choque da pequena classe média aterrorizada pela violência comunista e poriam fim às sucessivas greves e ocupações selvagens do *biennio rosso* que levavam o país para “o desastre geral” que “significa assassinar a nação.”¹⁸⁷²

Tratava-se de um espaço político que não era ocupado por ninguém e tinha a vantagem adicional de estar em conformidade com as críticas públicas dos fascistas ao tipo de socialismo instituído pelos bolcheviques na Rússia. Além do mais, as fileiras dos rivais socialistas oficiais estavam repletas de burgueses, como sempre acontecera nos movimentos socialistas de todo o mundo e ao longo do tempo, pelo que não havia o menor problema em o socialismo dos fascistas também contar com burgueses nas suas fileiras. “De um e de outro lado da barricada misturam-se burgueses e proletários”¹⁸⁷³, sublinhou o chefe dos *fasci*, lembrando que uma parte da

¹⁸⁶⁹ Benito Mussolini, “Gridi d’angoscia!”, *Il Popolo d’Italia*, 20 de outubro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.272.

¹⁸⁷⁰ Benito Mussolini, “La situazione politica”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de dezembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.182.

¹⁸⁷¹ Benito Mussolini, “Sulle elezioni amministrative”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de outubro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.261.

¹⁸⁷² Benito Mussolini, “Lo sciopero metallurgico – L’ora di concludere!”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de setembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.16.

¹⁸⁷³ Benito Mussolini, “L’urto fatale”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de setembro de 1919, *idem*, p.21.

burguesia “só tem um ideal: colaborar com o socialismo”¹⁸⁷⁴. Assim sendo, qual o mal de ter a outra parte da burguesia a apoiar o fascismo, mesmo que não gostando do seu socialismo? Mais tarde, quando já não precisasse dessa burguesia, qual idiota útil do fascismo, desfazer-se-ia dela. “Os tímidos burgueses sorriem de complacência quanto nos vêm partir o focinho aos socialistas antinacionais”, observou Mussolini, “mas rosnam de descontentamento quando leem entre os postulados do nosso programa a dizimação de todas as riquezas, o confisco dos lucros de guerra, a pesada taxa sobre as heranças.”¹⁸⁷⁵

Igualmente importante, com esta estratégia o fascismo continuava a considerar-se uma força socialista revolucionária porque respeitava o princípio marxista de que numa sociedade pré-capitalista era preciso ajudar a burguesia a cumprir o “papel revolucionário”¹⁸⁷⁶ que *O Manifesto Comunista* lhe atribuía, papel que, insistiu o chefe dos *fasci*, era o de “desenvolvimento do capitalismo, do qual apenas o socialismo pode nascer, desenvolver-se e herdar”¹⁸⁷⁷. Essa era a lição marxista que os fascistas não esqueciam.

A proteção dos *fasci* à pequena burguesia não resultava assim de um desejo genuíno de a salvar, mas de uma visão instrumental dessa classe social. “O burguês odeia o Estado e procura traí-lo de todas as maneiras, com todos os meios lícitos ou ilícitos”, criticou o escritor fascista Marcello Gallian, um dos líderes revolucionários fascistas do movimento antiburguês. “Pensa na sua pança, na sua casa, nos seus móveis, nos seus filhos, nas suas mulheres: o resto, as mulheres dos outros, os filhos dos outros, a casa dos outros, os móveis dos outros interessam-lhe quando pode conquistá-los. Ou seja, fazê-los dele, torná-los propriedade sua”¹⁸⁷⁸. Para os fascistas da primeira hora, os burgueses usavam o dinheiro para escravizar a humanidade e só acabando com o domínio burguês se acabaria com a escravatura. “Os fascistas puros tinham horror à ordem burguesa”, sublinhou o historiador Zeev Sternhell, “mas pensavam poder domesticar a burguesia e amarrá-la ao

¹⁸⁷⁴ Benito Mussolini, “Alibi”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de maio de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.332.

¹⁸⁷⁵ Benito Mussolini, “La prima adunata fascista”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de outubro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.44.

¹⁸⁷⁶ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.5.

¹⁸⁷⁷ Benito Mussolini, “Crepuscoli – I templi e gli idoli”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de fevereiro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.340.

¹⁸⁷⁸ Paolo Buchignani, *op. cit.*, 1984, p.84.

serviço da nação, pensavam poder pôr os burgueses a trabalhar para o bem da pátria.”¹⁸⁷⁹

Os *fasci* mostravam-se preocupados com a constante agitação eleitoral do *biennio rosso* por considerarem que “se assassinamos a produção, se hoje esterelizamos as fontes primárias da atividade económica, amanhã será a miséria universal”¹⁸⁸⁰. Todos perderiam, dos trabalhadores aos patrões. Foi assim que os fascistas se reposicionaram, perdendo alguns elementos que discordavam da nova estratégia, como De Ambris e outros militantes da ala revolucionária, mas ganhando novos elementos. “O avanço assim tão forte do fascismo é acompanhado de um processo automático de purificação e de clarificação”, explicou Mussolini, para quem “afastaram-se automaticamente do fascismo todos os que, depois de terem militado os velhos partidos (...) pretendiam fazer o velho jogo do reacionarismo e da chamada terminologia subversiva, destinada a subverter apenas a razão e a inteligência”, na verdade uns “diletantes da política”¹⁸⁸¹. O próprio Marinetti saiu dos *fasci*, traumatizado com a experiência na prisão, e passou a dedicar-se exclusivamente à atividade artística. Porém, muitos socialistas revolucionários, como Michele Bianchi, Cesare Rossi, Mario Carli e Roberto Farinacci, entre outros socialistas revolucionários da primeira hora, estavam abertos a compromissos e permaneceram com lugar de destaque nas fileiras do fascismo.

A conversão dos fascistas foi consumada no congresso de Milão, em maio de 1920, sem que os fascistas renegassem a sua identidade socialista. “O Partido Socialista continuou, depois da vitória, a desvalorizar a guerra, a combater os que nela combateram, ameaçando-os com represálias e excomunhões”, declarou Mussolini no discurso inaugural do congresso, sublinhando mais uma vez que o fascismo se posicionava “não contra o proletariado, mas contra o Partido Socialista até que este deixe de ser anti-italiano”. Quanto ao sentimento comunista dos fascistas, que ninguém tivesse dúvidas: “não há nada de mais nobre e de mais belo que a foice que dá o pão e o martelo que forja os metais”¹⁸⁸². Os *fasci* diziam e repetiam que

¹⁸⁷⁹ Zeev Sternhell, *op. cit.*, 2012, p.161.

¹⁸⁸⁰ Benito Mussolini, “Il fascismo e le agitazioni operaie”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de fevereiro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.286.

¹⁸⁸¹ Benito Mussolini, “L’ora nostra”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de outubro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.258.

¹⁸⁸² Benito Mussolini, “Discorso inaugurale al secondo congresso dei fasci”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de maio de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.467.

não se opunham ao socialismo, pois consideravam-se eles mesmos socialistas e elogiavam os “homens galantes que são socialistas”¹⁸⁸³. Apenas se opunham especificamente aos socialistas do PSI, uma vez que consideravam que era “anti-socialista, anti-histórico, imbecil e criminoso pretender fazer em Itália uma revolução à russa.”¹⁸⁸⁴

Quanto ao resto, Mussolini declarou abertamente “um grande, quase desesperado amor pela classe trabalhadora, entendida esta palavra no seu significado mais vasto e mais humano, classe que queremos ver livre, autónoma, rumo a um regime de maior bem-estar e de maior liberdade”¹⁸⁸⁵, e saudou até o resultado das eleições na Alemanha, ganhas pelos socialistas democráticos do SPD, congratulando-se por os alemães permanecerem “fiéis ao socialismo democrático”¹⁸⁸⁶. O chefe dos *fasci* multiplicou-se em declarações de apreço para com o proletariado. “Pobre proletariado! Eu que gosto de ti, porque reconheço e aprecio a tua utilidade social e creio também na tua capacidade de progredir, tenho pena de ti porque te deixas conduzir pelo nariz por uma camarilha de ex-burgueses ou de burgueses politiquinhos que te embebedam de palavras para te sugarem o sangue”¹⁸⁸⁷, disse, avisando que “opor-nos-emos a uma ditadura de novos politiquinhos, ditadura não ‘dos’ proletários, mas ‘sobre’ os proletários”¹⁸⁸⁸. Para ele, o socialismo do PSI não era verdadeiro socialismo. “Antigamente o socialismo propunha sobretudo educação e elevação das almas e dos intelectos”, mas “hoje as prédicas socialistas assentam no ódio e na violência”¹⁸⁸⁹. Eis, pois, os fascistas a darem aos comunistas oficiais prédicas contra o ódio e a violência. Mas se “não defendemos a violência pela violência”, Mussolini advertiu que “enfrentamos cada violência passando ao contra-ataque”¹⁸⁹⁰, pois encarava

¹⁸⁸³ Benito Mussolini, “L’urto fatale”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de setembro de 1919, *idem*, p.22.

¹⁸⁸⁴ Benito Mussolini, “Troppo tardi!”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de outubro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.247.

¹⁸⁸⁵ Benito Mussolini, “Un ‘reazionario’ – Rinaldo Rigola”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de junho de 1920, *idem*, p.46.

¹⁸⁸⁶ Benito Mussolini, “In Germania – Elezioni e crisi”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de junho de 1920, *ibidem*, p.43.

¹⁸⁸⁷ Benito Mussolini, “L’ignobile ‘bluff’”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de julho de 1920, *ibidem*, p.74.

¹⁸⁸⁸ Benito Mussolini, “In tema di politica estera”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de julho de 1920, *ibidem*, p.76/77.

¹⁸⁸⁹ Benito Mussolini, “Dopo i tumulti – Cocodrilli!”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de junho de 1920, *ibidem*, p.58.

¹⁸⁹⁰ Benito Mussolini, “In tema di politica estera”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de julho de 1920, *ibidem*, p.76.

o comportamento de muitos grevistas como “distintamente anti-socialista”¹⁸⁹¹. Insurgiu-se sobretudo contra as “manobras do subversismo bolchevique, antinacional e antiproletário”¹⁸⁹² e contra a “prédica antinacional, idiota e nefanda, e, sobretudo, antissocialista”¹⁸⁹³ dos socialistas oficiais.

O problema é que o *biennio rosso* esgotou-se sem que ocorresse a famosa revolução do proletariado. “Em 1919 e em 1920, em Itália, a estratégia de Lenine foi aplicada em pleno: a Itália era, naquele tempo, o país na Europa mais maduro para a revolução comunista”¹⁸⁹⁴, observou o socialista fascista Curzio Malaparte. “Tudo estava pronto para o golpe de Estado. Mas os comunistas italianos acreditavam que a situação revolucionária do país, a febre sediciosa das massas proletárias, a epidemia de greves gerais, a paralisação da vida económica e política, a ocupação das fábricas por parte dos operários e das terras por parte dos camponeses, a degradação da magistratura, a resignação da burguesia, a impotência do governo, eram condições suficientes para provocar a entrega do poder aos representantes dos trabalhadores. O parlamento estava nas mãos da esquerda; a ação parlamentar era acompanhada pela ação revolucionária das organizações sindicais. O que faltava não era a vontade de se apoderarem do poder, era o conhecimento da tática insurreccional. A revolução esgotou-se na estratégia. Fez-se a preparação do ataque decisivo: mas ninguém sabia conduzir o ataque”¹⁸⁹⁵. Como consequência, o *biennio rosso* fracassou.

Talvez a principal razão para o fracasso da subversão comunista tenha sido a intervenção musculada e em força dos *fasci*. “O fascismo já venceu, porque demoliu moral e materialmente o bolchevismo”¹⁸⁹⁶, ufanou-se

¹⁸⁹¹ Benito Mussolini, “Postille allo sciopero”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de junho de 1920, *ibidem*, p.52.

¹⁸⁹² Benito Mussolini, “Stanchezza o saggezza?”, *Il Popolo d'Italia*, 31 de outubro de 1920, *ibidem*, p.290.

¹⁸⁹³ Benito Mussolini, “Riconoscimenti”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de outubro de 1920, *ibidem*, p.281.

¹⁸⁹⁴ Curzio Malaparte, *op. cit.*, 1994, p.138.

¹⁸⁹⁵ *Idem*, p.138/139.

¹⁸⁹⁶ Benito Mussolini, “In tema di blocchi”, *Il Popolo d'Italia*, 20 de abril de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.273.

Mussolini, reclamando para o fascismo “a honra de ter libertado a Itália”¹⁸⁹⁷. Assim sendo, anunciou por fim: “chegou a hora do fascismo!”¹⁸⁹⁸

As *squadre* fascistas, esquadrões de camisas negras formados por antigos soldados e por jovens determinados a travar o *biennio rosso*, passaram à ofensiva em 1921. “No vazio ameaçador que as greves criaram em torno deles, os esquadrões fascistas especializados na guerra de estrada posicionavam-se nos cruzamentos, as secções habituadas a defender e atacar as casas mantinham-se prontas para partir para reforçar os pontos fracos, para defender as posições ameaçadas, para vibrar golpes rápidos e violentos nos núcleos da organização adversária; a tropa de assalto, formada por camisas negras treinados nas táticas de infiltração, de golpes de mão, de ações individuais, e armados com punhais, com granadas e com material incendiário, aguardavam nos camiões que os iriam transportar para o terreno da luta”, descreveu Malaparte. Os combates estenderam-se para fora das cidades, em zonas rurais onde os guardas vermelhos se emboscavam à espera das *squadre* negras. “As estradas, na província, eram cortadas por vagões atravessados, para obstaculizar a mobilização fascista e impedir que os reforços dos camisas negras se deslocassem de uma cidade a outra”, narrou o escritor fascista. “Espreitando atrás das sebes, os guardas vermelhos de camponeses armados com espingardas de caça, de forquilhas, de enxadas, de foices, aguardavam a passagem dos camiões fascistas. As fuzilarias decorriam ao longo das estradas e das ferrovias, de aldeia em aldeia, até aos subúrbios das cidades com bandeiras vermelhas. Ao uivo de alarme das sirenes das fábricas, que anunciavam a greve, os *carabinieri*, a guarda régia, os agentes da polícia, retiravam-se para as casernas.”¹⁸⁹⁹

Com as forças da autoridade ausentes, símbolo da incapacidade do Estado liberal em repor a ordem, as ruas ficavam entregues às duas forças socialistas rivais, alimentadas por um ódio de morte que as levava a recusarem reconhecer a outra força como verdadeiramente socialista. “Na tática dos camisas negras, a represália era um dos elementos mais importantes”, indicou Malaparte. “Logo que era anunciado o assassinato de um fascista num subúrbio ou numa aldeia, as tropas de assalto partiam para exercer represálias: as câmaras de trabalho, os círculos operários, as casas dos chefes

¹⁸⁹⁷ Benito Mussolini, “Manifesto dei fasci per le elezioni generali”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de abril de 1921, *idem*, p.264.

¹⁸⁹⁸ Benito Mussolini, “In tema di politica estera”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de julho de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.77.

¹⁸⁹⁹ Curzio Malaparte, *op. cit.*, 1994, p.214.

das organizações socialistas eram imediatamente atacados, devastados, incendiados. No início, quando a tática da represália constituía ainda uma novidade, os guardas vermelhos acolhiam os fascistas a tiros de fuzil, uma luta mortal acendia-se em torno das câmaras de trabalho, dos círculos operários, nas estradas dos subúrbios e das aldeias. Mas aquela tática terrível não tardava a dar os seus frutos: o terror das represálias fazia tremer o espírito combativo dos guardas vermelhos, tolhia a sua coragem para se defenderem, atingia o coração da resistência das organizações de trabalhadores. À aproximação dos camisas negras, os guardas vermelhos, os chefes socialistas, os secretários dos sindicatos, os líderes dos grevistas, fugiam pelos campos e refugiavam-se nos montes.”¹⁹⁰⁰

Iniciou-se assim o *biennio nero* que se seguiu ao *biennio rosso*. “Não daremos um único minuto de trégua” aos rivais socialistas, avisou Mussolini, classificando o PSI como “um partido de velhacos e mistificadores”. Graças ao combate que os fascistas travariam para impedir a implantação do bolchevismo no país, prometeu, “evitaremos cair no abismo”¹⁹⁰¹. Armados com bastões, revólveres, facas e às vezes com espingardas e bombas de mão, as *squadre* negras atacaram as *squadre* vermelhas usando os mesmos métodos revolucionários destas, embora ainda mais violentos. Os comunistas provaram assim do seu próprio veneno da violência, com a diferença de que as milícias fascistas tinham a seu favor o treino militar e a experiência da guerra.

A violência fascista deixou de ser fortuita, a quente, no furor da luta, como acontecera em 1919 no assalto à sede do *Avanti!* e em múltiplos incidentes em comícios e manifestações durante o *biennio rosso*, mas tornou-se planeada. “Em tempos normais, meios legais”, disse Mussolini, “em tempos anormais, meios adaptados às circunstâncias”¹⁹⁰². Ou seja, em tempos violentos, meios violentos. “Em Itália não se pode instaurar o bolchevismo”¹⁹⁰³, sentenciou o chefe dos *fasci*, avisando que, para impedir um tal cenário, “os fascistas (...) estão dispostos *a matar e a morrer*”¹⁹⁰⁴ (itálico no original). As *squadre* negras, lideradas por Roberto Farinacci e

¹⁹⁰⁰ *Idem*, p.214/215.

¹⁹⁰¹ Benito Mussolini, “La marcia del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de novembro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.17.

¹⁹⁰² Benito Mussolini, “In tema di politica estera”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de julho de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.76.

¹⁹⁰³ Benito Mussolini, “La misura è colma...”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de outubro de 1920, *idem*, p.264.

¹⁹⁰⁴ *Ibidem*, p.265.

Italo Balbo, atacaram e destruíram a rede das milícias comunistas na planície padana ao longo do inverno de 1920-1921. “A luta entre os elementos antinacionais – que anseiam ainda por precipitar a Itália no caos russo – e nós fascistas – que, juntamente com outras forças, resistimos a todo o custo a essa corrida à loucura – está a tornar-se cada vez mais dura e difícil”, declarou o comitê central dos *fasci*, apelando a “todos os que creem nos destinos da nação se inscrevam nos Fasci Italiani di Combattimento.”¹⁹⁰⁵

Os esquadristas fascistas foram tomando uma a uma as praças-fortes dos comunistas e destruindo as suas estruturas, sempre em batalhas campais que se saldavam com mortos e feridos de ambos os lados. Dados de Enrico Corradini apontam para 102 mortos entre 1 de janeiro e 7 de abril de 1921, incluindo 25 fascistas e 41 socialistas oficiais. “A greve não devia ser, nas suas intenções, uma manifestação pacífica mas um estado de guerra”, explicou Malaparte em referência às consecutivas ações laborais dos comunistas, lembrando que “os operários iam buscar às câmaras de trabalho as suas armas; era o clima da greve, um clima pesado e quente, que empurrava os trabalhadores para a luta armada.”¹⁹⁰⁶

Confrontados com uma violência ainda maior do que a sua, os comunistas queixaram-se dos fascistas. “É verdadeiramente um estilo moderno ver os socialistas a exigirem do governo medidas de repressão contra os seus adversários”¹⁹⁰⁷, ironizou Mussolini. “Tomem nota: nós não alijamos as nossas responsabilidades. Aceitamo-las em bloco. Não pertencemos ao tipo de socialistas sem espinha que querem cometer impunemente todo o tipo de violência e não sofrê-la nunca”¹⁹⁰⁸. Também Malaparte zombou da “hipocrisia dos chefes das organizações dos trabalhadores”, dizendo que “as suas pretensões de que não passavam de vítimas indefesas e inocentes da violência dos adversários, de cordeiros vermelhos abatidos por lobos negros, era tão ridícula quanto a preocupação tolstoiana de certos fascistas de origem liberal que não queriam admitir que os partidários de Mussolini tinham disparado uma única bala, dado um único golpe de bastão ou obrigado a beber uma única gota de óleo de rícino”¹⁹⁰⁹. Havia mortos dos dois lados e

¹⁹⁰⁵ Benito Mussolini, “Appello alla nazione”, *Il Popolo d'Italia*, 20 de outubro de 1920, *ibidem*, p.274.

¹⁹⁰⁶ Curzio Malaparte, *op. cit.*, 1994, p.215.

¹⁹⁰⁷ Benito Mussolini, “Coccodrilli!”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de novembro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.29.

¹⁹⁰⁸ Benito Mussolini, “Cose a posto”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de novembro de 1920, *idem*, p.27.

¹⁹⁰⁹ Curzio Malaparte, *op. cit.*, 1994, p.115/116.

cada um tinha de assumir as suas responsabilidades. “O fascismo respondeu com violência à violência de outros”, lembrou o chefe dos *fasci*, para sublinhar que “essa verdade não se apaga. Se os socialistas não estão talhados para a luta cruel nas estradas, parem de arregimentar o seu rebanho e de o levar para o matadouro.”¹⁹¹⁰

Os fascistas começaram pelas cidades e depois fizeram de camião incursões nos campos para expulsar as milícias vermelhas das propriedades que haviam ocupado à força, usando de maior violência ainda, até que os meios agrícolas organizaram os seus próprios esquadrões para combater as ocupações selvagens dos comunistas. “Os comunistas escondem-se atrás de uma sebe, aguardam a passagem dos *camions* e lançam um ataque”, relatou Mussolini. “Os fascistas aceitam o combate mesmo quando se encontram em inferioridade numérica e conseguem regularmente derrotar os adversários. Após o que entramos nas lógicas e legítimas represálias fascistas”¹⁹¹¹. Os *graffitis* nas paredes, que até aí proclamavam “*Viva Lenin!*” e “*Viva la dittatura proletaria!*”, foram sendo substituídos por “*Viva Italia!*”

Ninguém reproduziu tão bem estas operações fascistas do *biennio nero* contra o operariado e o campesinato comunista envolvidos no *biennio rosso* quanto Malaparte. “Para domar as greves revolucionárias e as insurreições dos operários e dos camponeses, que se iam tornando cada vez mais graves até paralisarem regiões inteiras, os fascistas adotaram a tática da ocupação sistemática das regiões ameaçadas”¹⁹¹², explicou o escritor fascista. “De um dia para o outro faziam-se concentrações de camisas negras nos centros indicados no plano de mobilização: milhares e milhares de homens armados, por vezes quinze ou vinte mil, concentravam-se nas cidades, nos campos, nas aldeias, deslocando-se rapidamente por comboio ou camiões entre uma província e outra. Em poucas horas toda a região era ocupada e submetida ao estado de assédio. Tudo o que restava das organizações socialistas e comunistas, câmaras de trabalho, sindicatos, círculos operários, jornais, cooperativas, era dissolvido ou destruído metodicamente. Os guardas vermelhos que não tinham tido tempo para fugir eram apanhados e punidos: durante dois ou três dias os bastões trabalhavam sobre uma centena de quilómetros quadrados. No final de 1921 esta tática, aplicada de maneira sistemática numa escala cada vez mais vasta, havia partido os rins das

¹⁹¹⁰ Benito Mussolini, “Cose a posto”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de novembro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.28.

¹⁹¹¹ Benito Mussolini, “La morale”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de abril de 1921, *idem*, p.270.

¹⁹¹² Curzio Malaparte, *op. cit.*, 1994, p.116.

organizações políticas e sindicais do proletariado. O perigo de uma revolução vermelha foi eliminado para sempre. O cidadão Mussolini tinha-se mostrado merecedor da pátria: terminada a sua missão, pensavam os burgueses de toda a espécie, os camisas negras poderiam ir dormir. Depressa acabaram por se dar conta de que a vitória do fascismo sobre os trabalhadores também tinha partido os rins do Estado.”¹⁹¹³

Muitos agricultores socialistas, que tinham aproveitado o pânico que se instalou entre os velhos proprietários rurais durante o *biennio rosso* e comprado propriedades a preços de saldo, mostraram-se determinados a defendê-las e juntaram-se aos fascistas no *biennio nero*. Para eles, Mussolini tinha uma palavra de ordem característica do socialismo produtivista dos fascistas. “A posição do fascismo é tendencialmente esta: a terra a quem a trabalha e a faz produzir”¹⁹¹⁴, proclamou. Os proprietários rurais livraram-se assim das *squadre* do PSI, mas depressa perceberam que teriam de lidar com os sindicatos fascistas que apareceram no lugar dos comunistas e que diziam representar o “proletariado agrícola”¹⁹¹⁵. O chefe dos *fasci* chegou mesmo a observar que “entre o fascismo e os grandes proprietários agrários não corre bom sangue”, pois o fascismo “não respeita o egoísmo deles”¹⁹¹⁶. Tendo dito isto, para esses grandes proprietários tudo era melhor do que o projeto revolucionário comunista, pelo que estavam condenados a tolerar os fascistas.

A vitória fascista coincidiu com um crescente descrédito das ocupações comunistas das propriedades agrícolas. Esse desencanto nas áreas rurais acontecia por três motivos. Em primeiro lugar, várias das ações das milícias vermelhas foram acompanhadas por violência gratuita, conforme os próprios comunistas mais tarde reconheceram, e isso causou profundo desagrado entre muitos agricultores. Depois, muitas das propriedades ocupadas tornaram-se improdutivas, provocando um colapso da produção agrícola nacional, o que contrariava embaraçosamente a retórica e as promessas do PSI. Por fim, o próprio programa agrário dos comunistas ameaçava a

¹⁹¹³ *Idem*, p.216/217.

¹⁹¹⁴ Benito Mussolini, “Il fascismo nel 1921”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de janeiro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.102.

¹⁹¹⁵ Benito Mussolini, “Le otto ore di lavoro”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.9/10.

¹⁹¹⁶ Benito Mussolini, “Il fascismo e i rurali”, *Gerarchia*, 25 de maio de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.204.

propriedade privada, algo que preocupava qualquer proprietário de terra, incluindo os mais pequenos.

Como notou Mussolini, o problema do plano agrário comunista “consiste em retirar a terra a todos para a burocratizar nas mãos do Estado coletivista e – ai de mim! – coletivizá-lo”¹⁹¹⁷, política que na Rússia estava nessa altura a provocar fome e revoltas de camponeses. O que os comunistas queriam fazer na agricultura italiana, acusou o chefe dos *fasci*, era uma “tirania que se exprime nos boicotes, nas sabotagens, nos incêndios, nos assassinatos, nas greves intermináveis com um objetivo último: proletarizar todos os trabalhadores da terra, reduzi-los à condição de mão-de-obra em territórios agrícolas nacionalizados e estatizados, ou seja, socializados ou burocratizados”, o que constituiria “uma tragédia”¹⁹¹⁸ semelhante à russa. Já “a revolução agrária” fascista “consiste não em retirar mas em dar a terra ao maior número possível de famílias de trabalhadores”¹⁹¹⁹, uma mensagem bem mais interessante para quem tinha o sonho de ser proprietário de terras.

O fascismo era originalmente um fenómeno urbano, pois nascera nas cidades e a sua grande ambição inicial era a de conquistar o operariado. Mas foi só quando se estendeu para os campos que se tornou verdadeiramente popular, pois a sua mensagem de defesa da propriedade privada das terras agrícolas, entregando-as aos agricultores que as trabalhavam e realmente as faziam produzir, dizia muito mais aos camponeses do que o projeto comunista de lhas retirar e entregá-las ao Estado ou outras entidades coletivas, ideia que na realidade os assustava. Foi esse fascismo agrário que verdadeiramente deu dimensão nacional ao fascismo. Os próprios comunistas, pela voz de Antonio Gramsci, reconheciam existirem dois fascismos, o urbano e o rural.

O país mergulhara numa espécie de guerra civil de baixa intensidade, com confrontos constantes, saques e destruição de propriedades, mortes e feridos. Acontece que muitos oficiais das forças armadas, que conheciam pessoalmente antigos soldados pertencentes aos esquadrões fascistas e que se sentiam agastados com a instabilidade provocada pelas ações violentas

¹⁹¹⁷ Benito Mussolini, “Da provincia rossa a provincia fascista – Il fascismo e il problema terriero nel ferrarese”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de março de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.229.

¹⁹¹⁸ Benito Mussolini, “Il fascismo e i rurali”, *Gerarchia*, 25 de maio de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.204.

¹⁹¹⁹ Benito Mussolini, “Da provincia rossa a provincia fascista – Il fascismo e il problema terriero nel ferrarese”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de março de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.229.

dos comunistas no *biennio rosso* e com a impotência do Estado liberal perante a vaga insurrecional comunista, começaram a ver os fascistas com bons olhos – como aliados, mesmo. Além disso, também os funcionários públicos, os polícias e os *carabinieri*, que durante o *biennio rosso* haviam sido diariamente insultados e humilhados pelos comunistas, passaram a encarar com compreensão e até simpatia aqueles ex-combatentes que faziam o que o Estado liberal não era capaz de fazer e, arriscando a vida, enfrentavam os que lançavam o país no caos bolchevizante.

Preocupado com o recrudescer da violência, o governo italiano ordenou um inquérito ao colaboracionismo das autoridades locais com o fascismo e a tarefa foi entregue ao inspetor-geral da polícia, Vincenzo Trani. “Todos concordam em encontrar razões para que não se atue com excesso de energia contra as ações dos fascistas, pois estes enfrentam aqueles que por seu turno se excedem em atos de violência contra os seus próprios adversários e, o que é ainda mais grave, contra os representantes da força pública”, constatou Trani no seu relatório, notando que “alguns dos autarcas, com espírito de imparcialidade na repressão dos delitos praticados por qualquer das partes, deparam-se com a oposição dos funcionários públicos e dos agentes que responsabilizam os subversivos por provocarem as reações fascistas, e contra uma tal convicção revelaram-se ineficazes as exigências de que atuassem.”¹⁹²⁰

Ou seja, os fascistas reestabeleciam a ordem onde os comunistas espalhavam a desordem e o Estado se mostrava incapaz de a repor com eficácia, o que lhes atraiu simpatias crescentes – e não apenas das forças da autoridade e dos funcionários públicos. Os esquadrões negros estavam a ser de tal modo bem-sucedidos onde o Estado liberal fracassava rotundamente que o prestígio dos fascistas disparara entre a população assustada com a violência da campanha revolucionária comunista. Cada vez mais pessoas queriam pertencer aos *fasci* e parar com o caos fomentado pelos comunistas. Nacionalistas, conservadores, monárquicos – até operários e intelectuais burgueses, que habitualmente tendiam para o PSI mas que se sentiam chocados e horrorizados com o caos destrutivo desencadeado pelos comunistas, correram para se filiarem no movimento fascista. Mesmo o liberal *Corriere della Sera*, jornal sempre muito crítico em relação aos fascistas, começou a dispensar-lhe elogios.

¹⁹²⁰ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1965, p.603.

Os tempos estavam a mudar. “O fascismo está na ordem do dia”¹⁹²¹, constatou um efusivo Mussolini, sublinhando que o seu movimento crescia com uma “rapidez tumultuosa”¹⁹²² e que “somos cada vez mais”¹⁹²³, pelo que “compreende-se que os socialistas estejam atordoados e paralisados pelo medo”¹⁹²⁴. Os *fasci* de Bolonha, por exemplo, viram as suas fileiras multiplicarem-se em apenas alguns dias. Entre 1920 e 1921 os quadros dos Fasci di Combattimento saltaram de 20.615 efetivos para os 249.036, sobretudo graças ao fascismo agrário. Estava-se perante um “desenvolvimento prodigioso do fascismo italiano”¹⁹²⁵, na verdade “uma espécie de mobilização civil”¹⁹²⁶ contra o processo revolucionário comunista. As *squadre* negras começavam a assumir proporções de um exército. “O movimento fascista está num período de pleno, prometedor, prodigioso desenvolvimento”¹⁹²⁷, ufanou-se o chefe dos *fasci*, prevendo que “o fascismo está destinado a tornar-se a maior força de realização nacional, fora e contra os extremistas opostos, sejam eles vermelhos ou negros.”¹⁹²⁸

Na Rússia, entretanto, os bolcheviques continuavam a usar a Terceira Internacional, o Comintern, para exportar a revolução para todo o planeta e provocar a famosa “revolução mundial”¹⁹²⁹. Para isso o regime de Lenine encorajou e financiou partidos comunistas de diversos países, pondo como inevitável condição que seguissem disciplinadamente a linha imposta pelo Kremlin. Um dos países na mira de Moscovo era justamente a Itália, onde as pressões bolcheviques para que se avançasse para a revolução criaram tensões no PSI entre a linha socialista liberal de Turati, que torcia o nariz à ideia, e a linha maximalista de Bombacci, entusiasta da revolução. Perante

¹⁹²¹ Benito Mussolini, “Il fenomeno...”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de outubro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.275.

¹⁹²² Benito Mussolini, “Le adunate”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de fevereiro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.178.

¹⁹²³ Benito Mussolini, “Il fenomeno...”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de outubro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.275/276.

¹⁹²⁴ *Idem*, p.276.

¹⁹²⁵ Benito Mussolini, “Un ordine del giorno – partiti e politica”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de janeiro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.94.

¹⁹²⁶ Benito Mussolini, “‘Il Popolo d'Italia’ nel 1921”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de dezembro de 1920, *idem*, p.45.

¹⁹²⁷ Benito Mussolini, “L’ora nostra”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de outubro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.258.

¹⁹²⁸ *Idem*, p.259.

¹⁹²⁹ Vladimir Lenine, “The Moscow Soviet and Representatives of Factory Committees and Trade Unions”, 3 de outubro de 1918, www.marxists.org.

este estado de coisas, Mussolini previu em 1920 que vinha aí uma “cisão socialista.”¹⁹³⁰

Não foi preciso esperar muito para que essa profecia se tornasse realidade. No congresso do PSI em Livorno, em 1921, discutiram-se as perspectivas para a revolução do proletariado em Itália. Muito importante, foi colocada a questão de determinar se o partido deveria mudar o nome de Partido Socialista Italiano para Partido Comunista Italiano e se deveria seguir as exigências de Lenine e expulsar o líder socialista liberal Turati. Os fascistas encararam sombriamente a perspectiva da vitória dos *intransigenti* pró-Moscovo e, pela primeira vez, Mussolini mostrou-se descrente do socialismo em geral. “O socialismo e o seu *ersatz*, o comunismo, está agora falido”, escreveu com desânimo. “Falido na Rússia, falido em toda a parte”¹⁹³¹. Os fascistas sublinharam que a evolução radicalizante do socialismo oficial em Itália estava em contraciclo com a da Rússia, onde Lenine acabava de recuar nas medidas de comunismo radical e, através da NEP, regressara à economia de mercado. “Os soviets passaram às ‘concessões’ ao capitalismo estrangeiro”¹⁹³², o que significava que “o comunismo abdica”¹⁹³³. Para que radicalizar o socialismo em Itália se na Rússia ele se moderava?

Acontece que, para surpresa de todos os que esperavam uma capitulação do PSI face às exigências de Moscovo, a maior parte dos delegados ao congresso de Livorno não cedeu e não só não expulsou Turati como o impôs ao partido. “Durante dois ou três anos era ‘Viva Lenine! Viva a Rússia!’, bolchevismo, ditadura do proletariado. Chega-se ao congresso de Livorno e todo o castelo de cartas quebra-se e desmorona-se”, registou um quase eufórico Mussolini, sentindo que, ao fazer frente a Lenine e consequentemente mudar de direção, o socialismo oficial italiano na prática acolhia enfim as suas críticas ao tipo de socialismo que era praticado em Moscovo: “nós agora dizemos ao proletariado: vejam como foram enganados!”¹⁹³⁴

¹⁹³⁰ Benito Mussolini, “Nel ‘PUS’ – I puri e gli impuri”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de outubro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.241.

¹⁹³¹ Benito Mussolini, “Il ‘Pus’ a congresso”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de janeiro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.116.

¹⁹³² Benito Mussolini, “Mentre il Pus siede – Lenin, Vanderlip e C.”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de janeiro de 1921, *idem*, p.118.

¹⁹³³ *Ibidem*, p.121.

¹⁹³⁴ Benito Mussolini, “Ai fascisti della Lombardia”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de fevereiro de 1921, *ibidem*, p.175.

O pessimismo do chefe dos *fasci* evaporou-se e os fascistas mostraram grande satisfação pela vitória da ala moderada e democrática do socialismo italiano, na linha, aliás, dos seus elogios à recente vitória dos socialistas democráticos na Alemanha. “O sucesso clamoroso de Filippo Turati”, escreveu Mussolini, “recolhe a simpatia mesmo entre os adversários mais ferozes”. O chefe dos *fasci* chegou até a reivindicar os louros pela vitória dos socialistas democráticos sobre a ala radical pró-bolchevique. “O sucesso de Turati deve-se ao fascismo praticado pelos Fasci Italiani di Combattimento”, proclamou, para perguntar: “quem operou o prodígio pelo qual o herético Turati se fez escutar e aplaudir, sustentando a conhecida tese do socialismo reformista? Quem? O fascismo”. Fora o fascismo quem havia denunciado “a tremenda intoxicação russa do bolchevismo italiano”, o que levou Mussolini a gabar-se de que “o fascismo beneficiou, portanto, a causa do socialismo tradicional.”¹⁹³⁵

Quando se constatou a derrota dos *intransigenti* pró-russos, Moscovo pressionou para uma cisão do PSI. No final do congresso do PSI em Livorno foi ainda aprovada uma moção a defender “a conquista de todo o poder político, para o que todo o meio é adaptável no âmbito da absoluta intransigência de classe, e sempre com o objetivo da revolução comunista” envolvendo “preparações legais e extralegais”¹⁹³⁶. As expressões *todo o meio* e *preparações extralegais* eram evidentemente pleonasmos para ainda mais violência comunista, o que pode ser interpretado como uma tática dos socialistas democráticos de Turati para apaziguar a ala radical do partido e impedir assim a cisão do PSI.

Se essa era a tática, ela não funcionou. A cisão do PSI consumou-se mesmo, com a ala *intransigenti* liderada por Bombacci a abandonar o congresso e a fundar o Partido Comunista Italiano, PCI. “Os socialistas tornar-se-ão assim a vanguarda da reação antiproletária”¹⁹³⁷, estabeleceu o ideólogo comunista Antonio Gramsci neste novo episódio das habituais guerras intestinas do socialismo, que no passado envolvera os fascistas quando estes romperam com o PSI. Ou seja, para os comunistas os grandes reacionários não eram afinal os fascistas, mas os socialistas oficiais. Os *fasci*, por seu turno, suspeitavam que os seus rivais comunistas italianos estavam

¹⁹³⁵ Benito Mussolini, “Asfissia”, *Il Popolo d'Italia*, 20 de janeiro de 1921, *ibidem*, p.124.

¹⁹³⁶ Giorgio Galli, *op. cit.*, 2007, p.179.

¹⁹³⁷ Pier Giorgio Zunino, “‘Il popolo delle scimmie’ e la lettura gramsciana del fascismo negli anni venti”, *Italia Contemporanea*, nº171, junho de 1988, p.81.

a soldo e sob comando direto dos comunistas russos, agindo “segundo a profecia e o ditado de Moscovo”¹⁹³⁸, para usar a expressão de Mussolini.

Estas acusações não eram absurdas. O Comintern foi criado em 1919 para exportar a revolução mundial e logo a seguir, como cogumelos, despontaram de repente partidos comunistas em toda a parte. Em 1920 em França e em 1921 em Itália, em Portugal, em Espanha, na Roménia, na Suécia, na Checoslováquia, na China, na Índia, no Egito, na África do Sul, na verdade um pouco por todo o lado. Não eram partidos que surgiram por acaso ao mesmo tempo. Se apareceram todos praticamente em simultâneo, sobretudo em 1921, foi porque alguém os estava a organizar a partir de fora, que é como quem diz, a partir de Moscovo. De resto, depois do colapso da União Soviética, a abertura dos arquivos na Rússia permitiu perceber que, apesar dos desmentidos, se tratavam de facto de organizações controladas pelos comunistas soviéticos.

Mais importante, logo no ato de criação do Comintern, Lenine emitiu as condições para se integrar o organismo. O ponto quinze estabelecia claramente que era “o dever de cada partido que deseje juntar-se à Internacional Comunista ajudar altruisticamente qualquer república soviética na sua luta”. Além disso, os comunistas estrangeiros teriam de “em todos os sítios de constituir organizações ilegais paralelas” para, “no momento decisivo”¹⁹³⁹, ajudarem o partido bolchevique. Como constatou a comunista alemã Margarete Buber-Neumann, tratava-se de “um convite aberto à traição em prol da Rússia soviética”¹⁹⁴⁰. Isso foi algo que alguns delegados estrangeiros no Comintern contestaram.

Também os fascistas depressa o compreenderam. O *biennio rosso*, acreditavam eles não sem fundamento, resultava igualmente de diretivas emanadas da Rússia que tinham então sido aceites pelo PSI – o que significava que os comunistas e os socialistas italianos recebiam e acatavam ordens de estrangeiros. “Que coisa são estes socialistas italianos se não mercenários da Rússia de Lenine?”¹⁹⁴¹, questionou Mussolini, para dizer que

¹⁹³⁸ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.176.

¹⁹³⁹ Vladimir Lenine, “Terms of Admission Into Communist International”, julho de 1920, www.marxists.org.

¹⁹⁴⁰ Margarete Buber-Neumann, *La Révolution mondiale – L’histoire du Komintern (1919-1943) racontée par l’un de ses principaux témoins*, Casterman, Bruxelas, 1971, p.21.

¹⁹⁴¹ Benito Mussolini, “Per continuare”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de maio de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.124.

“o Partido Socialista é um exército russo acampado em Itália” e enfatizar que “contra este exército estrangeiro, os fascistas lançaram a guerrilha.”¹⁹⁴²

No caso de Itália, o PSI, e depois o PCI, tornaram-se instrumentos para os russos ingerirem nos assuntos internos do país e tentarem provocar aí uma guerra civil segundo o método usado por Trotsky na Rússia. “Os princípios aplicados por Trotsky encontram-se enunciados e desenvolvidos nos manuais do Comintern”¹⁹⁴³ para exportação da revolução, lembrou Curzio Malaparte. Pior, na perspectiva dos fascistas, os comunistas italianos não só obedeciam a estrangeiros como defendiam os interesses específicos da Rússia contra os de Itália, o que configurava traição pura e simples. “Estamos hoje perante a revolução ‘ordenada’ pelo Kremlin”¹⁹⁴⁴, denunciou Mussolini, para quem tal situação configurava o “cúmulo do grotesco.”¹⁹⁴⁵

A inesperada vitória da ala liberal e democrática no congresso do PSI em Livorno, no entanto, levou os fascistas a estenderem um ramo de oliveira aos socialistas oficiais. “Estamos dispostos à paz”, anunciou Mussolini, apressando-se a lembrar ao PSI o programa socialista produtivista dos fascistas: “exigimos o confisco total dos lucros excessivos de guerra, a dizimação do capital, a taxação das heranças e muitos outros impostos”. Além de sublinhar que “o fascismo quer tendencialmente que a terra seja entregue a quem a trabalha e melhor a faz produzir”¹⁹⁴⁶, o chefe dos *fasci* elogiou a “massa operária italiana (...) contra a qual nunca nos opusemos sempre que manteve a sua agitação no terreno das reivindicações de classe”, pois o fascismo continuava a exigir a “introdução das oito horas de trabalho e do salário mínimo”¹⁹⁴⁷. Não se esqueceu de criticar o capitalismo, dizendo que “o capitalismo transporta o monstruoso peso da guerra” e que “tem valores hoje insustentáveis”¹⁹⁴⁸, embora considerasse que não se podia desprezar a sua capacidade de gerar riqueza, como aliás o próprio Lenine havia compreendido quando adotou a NEP e pôs fim ao comunismo radical

¹⁹⁴² Benito Mussolini, “L’eccidio di Palazzo d’Accursio”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de novembro de 1920, *idem*, p.25.

¹⁹⁴³ Curzio Malaparte, *op. cit.*, 1994, p.147.

¹⁹⁴⁴ Benito Mussolini, “Sui culmini del grottesco – ‘Per ordine’ del Kremlino!”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de setembro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.212.

¹⁹⁴⁵ *Idem*, p.211.

¹⁹⁴⁶ “Benito Mussolini, “Fascismo e ‘Pus’ – A quali condizioni la tregua?”, *Il Popolo d’Italia*, 27 de janeiro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.130.

¹⁹⁴⁷ Benito Mussolini, “Curiosità – Dopo la discussione”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de fevereiro de 1921, *idem*, p.148.

¹⁹⁴⁸ Benito Mussolini, “Il ‘Pus’ a congresso”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de janeiro de 1921, *ibidem*, p.116.

na Rússia. Além disso, Mussolini considerou ser necessária uma “revolução agrária pacífica”, uma vez que “a economia em geral, mas a agrária em particular, não se transforma a golpes de violência se faltam as condições para a transformação da própria economia. As invasões dos latifúndios passaram sem deixar traços e o seu valor foi puramente simbólico. Os camponeses quiseram reafirmar um direito e fizeram bem; mas, conquistada a posição, não a puderam manter porque os latifúndios não se tomam de assalto como uma trincheira.”¹⁹⁴⁹

O PSI, porém, e apesar de libertado da ala *intransigenti* que entretanto formara o PCI, rejeitou a aproximação. O *Avanti!* acusou o fascismo de ser o braço armado da burguesia e reiterou a adesão do socialismo oficial italiano aos princípios do Comintern, incluindo o desejo de instaurar em Itália a ditadura do proletariado. “Assim estando as coisas, uma trégua nem é sequer pensável”¹⁹⁵⁰, respondeu Mussolini, sempre muito sensível a quaisquer acusações dos socialistas oficiais de que o fascismo era reacionário e defensor da burguesia. “A primeira e primordial condição para alcançar uma trégua é uma melhor, mais realista, mais justa e mais humana compreensão do fenómeno ou movimento fascista”, afirmou, insurgindo-se contra as “difamações”¹⁹⁵¹ dos socialistas oficiais e queixando-se “do ódio e da incompreensão em relação ao nosso movimento”¹⁹⁵² por parte dos rivais, pelo que “a trégua é impossível, pois continua-se a difamar um movimento fresco, impetuoso, forte, puríssimo como é o fascismo”¹⁹⁵³. Agastado também com a tentativa do PSI de se manter ligado a Moscovo, o chefe dos *fasci* insistiu na “verdadeira natureza antissocialista e antihumana do bolchevismo russo”¹⁹⁵⁴, país onde “se os operários fazem greve, metralham-

¹⁹⁴⁹ Benito Mussolini, “Fascismo e terra”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de fevereiro de 1921, *ibidem*, p.170.

¹⁹⁵⁰ Benito Mussolini, “Fascismo e ‘Pus’ – Diffamazione e rappresaglie”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de janeiro de 1921, *ibidem*, p.133.

¹⁹⁵¹ Benito Mussolini, “Come prima, peggio di prima!”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de fevereiro de 1921, *ibidem*, p.143.

¹⁹⁵² Benito Mussolini, “Per continuare”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de maio de 1921, *ibidem*, p.303.

¹⁹⁵³ Benito Mussolini, “L’agguato criminale”, *Il Popolo d'Italia*, 22 de março de 1921, *ibidem*, p.208.

¹⁹⁵⁴ Benito Mussolini, “Fascismo e ‘Pus’ – Diffamazione e rappresaglie”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de janeiro de 1921, *ibidem*, p.133.

nos e mandam-nos para campos de concentração”¹⁹⁵⁵. Era mesmo esse o tipo de socialismo que o PSI pretendia continuar a seguir?

Por outro lado, Mussolini interpretou a permanente agressividade retórica dos socialistas oficiais para com o fascismo e a sua recusa em reconhecer nos *fasci* um movimento progressista e socialista uma espécie de reação corporativa. “Fazem a ‘profissão’ de socialista como outros fazem de médico, de farmacêutico ou de sapateiro”, observou, salientando que “para esta massa de burocratas do PSI, o avanço fascista é um problema de pão, de salário, de vida”. Isto é, ao atacar os fascistas, os socialistas oficiais estavam na verdade a defender o seu ganha-pão, fazendo da defesa do socialismo um monopólio seu por razões corporativas, aquilo que o chefe dos *fasci* descreveu como “motivos respeitáveis, mas prosaicos, que nada têm a ver com os princípios imortais do socialismo.”¹⁹⁵⁶

Fracassada a aproximação entre os *Fasci di Combattimento* e o PSI, Mussolini concluiu que ao fascismo “só resta um meio de defesa: a represália”¹⁹⁵⁷, o que o levou a anunciar que “propomo-nos, *in primis*, fazer pagar aos deputados socialistas pela semana de calúnias”¹⁹⁵⁸. As escaramuças entre as duas correntes socialistas revolucionárias italianas voltaram a radicalizar-se e o fascismo transformou-se na prática num movimento de massas paramilitar. Quando um mutilado de guerra fascista foi assassinado em Rimini, por exemplo, os *fasci* lançaram de imediato uma expedição punitiva. “A esta hora *camions* atrás de *camions* cheios de fascistas precipitam-se para Rimini oriundos de todas as povoações da Romagna”, anunciou Mussolini, avisando que “as represálias serão adequadas ao crime” e que os fascistas estavam “decididos a esmagar com todos os meios a delinquência socialcomunista!”¹⁹⁵⁹

Neste contexto, o posicionamento socialista dos *fasci* sofreu uma nova evolução ideológica. Uma vez que o neomarxismo estava a ser cada vez mais identificado com o tipo de socialismo que se fazia na União Soviética, e dada

¹⁹⁵⁵ Benito Mussolini, “Mentre il Pus siede – Lenin, Vanderlip e C.”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de janeiro de 1921, *ibidem*, p.118.

¹⁹⁵⁶ “Benito Mussolini, “Il triangolo”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de julho de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.285.

¹⁹⁵⁷ Benito Mussolini, “Come prima, peggio di prima!”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de fevereiro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.143.

¹⁹⁵⁸ Benito Mussolini, “Malafede e mistificazione”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de fevereiro de 1921, *idem*, p.146.

¹⁹⁵⁹ Benito Mussolini, “L'esecrando delitto di Rimini”, *Il Popolo d'Italia*, 21 de maio de 1921, *ibidem*, p.357.

a entrada nos Fasci di Combattimento de novos efetivos oriundos de outras áreas que não o socialismo revolucionário intervencionista, os fascistas prosseguiram o seu afastamento em relação à corrente de Marx e Engels por via do seu antagonismo ao PSI e ao recém-criado PCI, que por seu turno lhes reforçava o antagonismo ao bolchevismo. “Comunista a Rússia, que não ‘comunizou’ nada, absolutamente nada, a não ser a miséria e a fome?”¹⁹⁶⁰, questionou Mussolini. “O comunismo não existe em nenhum corpo da vida económica russa”¹⁹⁶¹, respondeu, insistindo que “aqueles senhores do Kremlin nada têm a ensinar ao socialismo italiano.”¹⁹⁶²

Para quê ir ao estrangeiro buscar ideias socialistas quando a Itália tinha a sua própria tradição socialista, a de Pisacane e Mazzini que os fascistas tentavam encarnar? “Ao que nós, os fascistas, nos opomos é à mascarada bolchevique do socialismo italiano”, disse o chefe dos *fasci*, considerando “estranho que uma raça que teve Pisacane e Mazzini vá à procura de evangelhos primeiro na Alemanha e depois na Rússia”¹⁹⁶³. Para o chefe dos *fasci*, o socialismo de Lenine conduziu a Rússia a uma “república liberticida”, enquanto o socialismo de Mazzini que o fascismo dizia querer recuperar conduziria a Itália a uma “república da liberdade”¹⁹⁶⁴. “Os fascistas”, escreveu, “são, no terreno da economia, mazzinianos”¹⁹⁶⁵, e “se tem de se fazer socialismo, não pode ser o socialismo bestial, tirânico e liberticida de ontem; só pode ser o socialismo de Carlo Pisacane, de Giuseppe Ferrari e de Giuseppe Mazzini.”¹⁹⁶⁶

Embora o fascismo retivesse alguns traços do seu marxismo de origem, Mussolini passou a dizer que “negamos a doutrina do materialismo”¹⁹⁶⁷, até porque “malgrado a doutrina absurda do materialismo chamado histórico

¹⁹⁶⁰ Benito Mussolini, “Mistificatori”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de outubro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.248.

¹⁹⁶¹ Benito Mussolini, “Il falso e la conferma”, *Il Popolo d'Italia*, 10 de outubro de 1920, *idem*, p.253.

¹⁹⁶² *Ibidem*, p.254.

¹⁹⁶³ Benito Mussolini, “Discorso di Trieste”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de setembro de 1920, *ibidem*, p.219.

¹⁹⁶⁴ Benito Mussolini, “Il congresso repubblicano di Ancona – Incertezze e contraddizioni”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de setembro de 1920, *ibidem*, p.230.

¹⁹⁶⁵ Benito Mussolini, “Che diffonde certe vocé infami? I pussisti!”, *Il Popolo d'Italia*, 22 de março de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.209.

¹⁹⁶⁶ Benito Mussolini, “Al popolo di Ferrara”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de abril de 1921, *idem*, p.248.

¹⁹⁶⁷ Benito Mussolini, “Il primo anniversario della marcia su Roma”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.57.

existem imensos valores espirituais”¹⁹⁶⁸. O socialismo dos fascistas já não era o mero produto inevitável e científico de leis da economia e da história previsto pelo marxismo, mas um socialismo espiritual que tinha de ser construído com força de vontade. Não se era socialista por fatalidade resultante de forças económicas, mas por escolha consciente e por crença. “Entre todas as coisas absurdas, esta é a maior: batizar o socialismo como científico”¹⁹⁶⁹, observou o chefe dos *fasci*, para quem “o comunismo nunca foi nem jamais poderá ser uma ciência”¹⁹⁷⁰, como pretendiam os marxistas, mas um movimento que “vai direto aos plebeus oprimidos e os conduz a novas formas de vida”¹⁹⁷¹. Na verdade, “não há nada no mundo mais grotesco do que chamar científico ao socialismo.”¹⁹⁷²

Tudo isto, contudo, sem os fascistas, ou pelo menos a sua liderança oriunda do fascismo original, renegarem o socialismo propriamente dito, bem entendido. Pelo contrário, sempre a afirmarem-se socialistas – os genuínos. Os espirituais. Os fascistas apresentavam-se como socialistas italianos que queriam um socialismo italiano, exclusivamente italiano, um socialismo que “deve voltar-se para Mazzini”¹⁹⁷³, não para Marx e muito menos para Lenine. Isto independentemente de, consciente ou inconscientemente, manterem viva a sua cultura marxista. “Mussolini não é nem vegetariano, nem um *christian scientist*, nem um social-democrata”, recordou Malaparte. “A sua educação marxista não lhe permite certos escrúpulos tolstoianos.”¹⁹⁷⁴

Era aliás possível descortinar no chefe fascista um ciúme mal disfarçado pelo estatuto que “sua santidade, o pontífice Lenine” alcançara no mundo socialista. “Quando Moscovo fala, todo o mundo socialista não conta”, constatou com ironia, dizendo que, perante os ditames dos bolcheviques, os

¹⁹⁶⁸ Benito Mussolini, “Discorso di Piazza Borromeo”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de maio de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.342.

¹⁹⁶⁹ Benito Mussolini, “Discorso di Bologna”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de abril de 1921, *idem*, p.242.

¹⁹⁷⁰ Benito Mussolini, “Mosca – Canossa”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de julho de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.35.

¹⁹⁷¹ Benito Mussolini, “Discorso di Bologna”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de abril de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.242.

¹⁹⁷² Benito Mussolini, “Relativismo e fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 22 de novembro de 1921, *idem*, p.34.

¹⁹⁷³ Benito Mussolini, “Il congresso repubblicano di Ancona – Incertezze e contraddizioni”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de setembro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.230.

¹⁹⁷⁴ Curzio Malaparte, *op. cit.*, 1994, p.203.

socialistas de todo o mundo “têm de aceitar e crer em silêncio”, como se só houvesse “um único socialismo autêntico sobre a terra: o encarnado por Lenine. O único socialista, o superhomem, é ele. Se porventura alguém não pensa como ele, emite-se uma sentença de Moscovo e o desgraçado vai engrossar a lista dos renegados”¹⁹⁷⁵. A entronização de Lenine como “papa vermelho” irritava profundamente o chefe dos *fasci*. O que dava a Lenine a autoridade divina de decidir o que era o verdadeiro ou o falso socialismo? “Que Lenine pense por si, tudo bem; que pense também pela Rússia, podemos admitir; mas quando pretende pensar por todo o mundo, substituir-se a todos os cérebros e possuir a única solução de salvação da pobre humanidade, está a ultrapassar as marcas”, criticou, chamando a atenção para a divinização idólatra que o socialismo estava a fazer de um homem. “O cidadão Lenine não pode pretender substituir-se a Deus e ser adorado como um Deus.”¹⁹⁷⁶

Para os *fasci* havia muitos socialismos e o fascismo teria de ser contado como um deles. De tal modo era assim que os fascistas se mostravam até favoráveis a ocupações de fábricas, desde que salvaguardada a produção para que continuasse a ser gerada riqueza que a todos beneficiaria e confinado o protesto a reivindicações económicas. “Quem pode ser *a priori* contrário ao controlo operário?”, questionou Mussolini, para logo responder: “ninguém. É a aplicação prática que é preciso regular e que preocupa”¹⁹⁷⁷. Foi o que aconteceu, por exemplo, durante a ação laboral dos metalúrgicos. Os operários “têm direito a uma parte dos lucros, cuja maior ou menor quantidade dependerá do zelo produtivo dos próprios operários”¹⁹⁷⁸, esclareceu o chefe fascista nessa ocasião, sublinhando que “desde que a agitação dos metalúrgicos não exorbite os seus limites estritamente económicos e não degenera em violência contra os homens ou contra as máquinas, segui-la-emos com atenção simpática.”¹⁹⁷⁹

Os fascistas aceitavam e até encorajavam a luta laboral pois, como salientou Malaparte, “nunca se deve esquecer que os camisas negras são em

¹⁹⁷⁵ Benito Mussolini, “Il nuovo Papa”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de setembro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.236.

¹⁹⁷⁶ *Idem*, p.237.

¹⁹⁷⁷ Benito Mussolini, “L’epilogo”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de setembro de 1920, *ibidem*, p.231.

¹⁹⁷⁸ Benito Mussolini, “In margine all’ostruzionismo dei metallurgici – La lettera del senatore Salmoiraghi”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de agosto de 1920, *ibidem*, p.165.

¹⁹⁷⁹ *Ibidem*, p.169.

geral provenientes dos partidos da extrema-esquerda”¹⁹⁸⁰. Mussolini, que tinha as mesmas origens, nunca o esquecia. “Vós, operários, tendes o santo direito de conquistar, pois sois o elemento essencial da sociedade”, disse-lhes o chefe dos *fasci*, “vós, como classe, tendes o direito de defender-vos e deveis organizar-vos em sindicatos e fazer a luta económica”¹⁹⁸¹. O que os fascistas não queriam de maneira nenhuma eram ações laborais destrutivas e manipuladas por motivos políticos pelos rivais do PSI ou do PCI. “Aceito o famoso controlo das fábricas e até a gestão cooperativa social das fábricas”, disse Mussolini, mas desde que “estas empresas produzam mais”¹⁹⁸². Sobretudo, os *fasci* opunham-se ferozmente a ações laborais instrumentalizadas politicamente pelos comunistas para alimentar o clima insurrecional e impor no país uma revolução à maneira russa. “Repetimo-lo alto e a bom som – opor-nos-emos com todos os meios a uma experiência soviética”, avisou o chefe dos fascistas, mostrando-se especialmente desconfiado quando nas fábricas e nas propriedades via “símbolos dos soviets, retratos de Lenine, decorações russas.”¹⁹⁸³

Os fascistas e os comunistas apresentaram-se ambos como partidos armados em luta pela sua visão de chegar ao socialismo. “Quando dois elementos estão em luta e são irreduzíveis, a solução é a força”¹⁹⁸⁴, avisou Mussolini. Era para isso que existia o esquadrismo fascista das camisas negras, a que o *Duce* apelidou, recorde-se, “guarda armada da revolução”¹⁹⁸⁵, uma terminologia tipicamente socialista revolucionária. Os dois movimentos revolucionários envolveram-se numa interminável espiral de *vendettas*, com o chefe dos *fasci* a avisar que “responderemos à violência dos adversários com uma violência centuplicada!”¹⁹⁸⁶ Embora dizendo defender os operários

¹⁹⁸⁰ Curzio Malaparte, *op. cit.*, 1994, p.203.

¹⁹⁸¹ Benito Mussolini, “Discorso di Monfalcone”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de setembro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.224.

¹⁹⁸² Benito Mussolini, “Discorso di Trieste”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de setembro de 1920, *idem*, p.219.

¹⁹⁸³ Benito Mussolini, “Alla moda russa?”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de setembro de 1920, *ibidem*, p.179.

¹⁹⁸⁴ Benito Mussolini, “Discorso del 3 gennaio”, 3 de janeiro de 1925, in Benito Mussolini, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983, p.88.

¹⁹⁸⁵ Benito Mussolini, “Per quale dei due re giuraste?”, 6 de outubro de 1943, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.121.

¹⁹⁸⁶ Benito Mussolini, “Violenza contro violenza!”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.106.

e exigir que os patrões fizessem “concessões”¹⁹⁸⁷ às reivindicações laborais, Mussolini avisou que “não se repete – impunemente – em Itália a experiência russa”¹⁹⁸⁸ e aconselhou os trabalhadores a não se deixarem arrastar para o caminho da luta armada que os comunistas lhes apontavam, senão “a classe operária submeter-se-á a um banho de sangue, que seria o prelúdio de uma terrível guerra civil.”¹⁹⁸⁹

Apesar de alimentar um conflito latente com os esquadristas de camisa negra, a quem acusava de abusarem da violência e de estarem fora de controlo, o chefe fascista não hesitava em usá-los e em gabá-los sempre que necessário, considerando que os esquadrões levavam a cabo “ações punitivas fascistas em grande estilo”¹⁹⁹⁰. Além disso, não se cansou de lembrar que os camisas negras não eram os únicos envolvidos nessas escaramuças: “dizemos aos socialistas oficiais: tentem também impor-se com a violência, mas não se armem em anjinhos, não escondam a mão que atira a pedra, não fujam às vossas responsabilidades.”¹⁹⁹¹

Os confrontos de rua entre os dois grupos revolucionários prosseguiram. “Quando vocês se colocam no terreno da força”, avisou Mussolini aos comunistas, “não têm o direito de se queixarem de que os fascistas vos atacam”¹⁹⁹². O futuro *Duce* lamentou-se do “sangue fascista” que havia sido derramado, enumerou os nomes de fascistas assassinados, falou até no “holocausto dos nossos mortos”¹⁹⁹³ e culpou a “criminalidade socialista e comunista”, dizendo que “o método não mudou, é sempre o mesmo: o método da emboscada ou da matança à traição”¹⁹⁹⁴. O próprio Mussolini foi alvo de quatro atentados antes de se tornar ditador. “Muitos dos fascistas

¹⁹⁸⁷ Benito Mussolini, “Verso l’epilogo?”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de setembro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.193.

¹⁹⁸⁸ Benito Mussolini, “Dati di fatto”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de setembro de 1920, *idem*, p.208.

¹⁹⁸⁹ Benito Mussolini, “Verso l’epilogo?”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de setembro de 1920, *ibidem*, p.192.

¹⁹⁹⁰ Benito Mussolini, “Per la vera pacificazione”, 22 de dezembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.291.

¹⁹⁹¹ Benito Mussolini, “Guerra civile? Violenza contro violenza!”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.105.

¹⁹⁹² Benito Mussolini, “Per la vera pacificazione”, 22 de dezembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.295.

¹⁹⁹³ Benito Mussolini, “Disciplina assoluta!”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de setembro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.92.

¹⁹⁹⁴ Benito Mussolini, “Fascisti d’Italia: ‘A noi!’”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de maio de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.121.

mortos eram proletários”¹⁹⁹⁵, fez notar o chefe do fascismo, puxando pelos seus pergaminhos socialistas revolucionários para lembrar que “a revolução de Moscovo”, tal como a fascista, só fora possível “também com a morte física de pessoas.”¹⁹⁹⁶

Isto é, para fazer a omeleta socialista era preciso usar a violência revolucionária para partir alguns ovos. Se os bolcheviques matavam para fazer a revolução, por que razão não podiam os fascistas fazer o mesmo? Os comunistas só se queixavam da violência, eles que tinham a violência na sua doutrina, “pela simples razão de que o fascismo se impôs em toda a parte vitoriosamente e o socialismo bolchevique morde a poeira por todo o lado”¹⁹⁹⁷, argumentou Mussolini, para lembrar aos seus rivais que “se quereis a guerra, deveis aceitá-la como ela é, com os seus riscos, com os seus perigos, com as suas tragédias!”¹⁹⁹⁸ É certo que o fascismo usava táticas violentas, mas, conforme o próprio Mussolini fez questão de lembrar, “as nossas táticas eram decididamente russas.”¹⁹⁹⁹

Ou seja, a violência de ambos os lados partilhava a mesma natureza subversiva revolucionária. Este é um ponto em que os investigadores especializados na análise da natureza socialista do fascismo estão de acordo. Renzo de Felice descreveu o movimento fascista como um partido-milícia, enquanto Luca Rimbotti lembrou que “a violência fascista foi consequente à socialista”²⁰⁰⁰. Domenico Settembrini considerou o esquadrismo fascista um “movimento puramente subversivo”²⁰⁰¹ que foi, como notou Rimbotti, o “primeiro exemplo de ‘partido armado’ em luta por realizações revolucionárias”²⁰⁰². Settembrini sublinhou por seu turno que “com o esquadrismo Mussolini tentou fazer uma revolução o mais semelhante possível ao processo revolucionário que em vão havia proposto aos socialistas.”²⁰⁰³

¹⁹⁹⁵ Benito Mussolini, “Per la vera pacificazione”, 22 de dezembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.293.

¹⁹⁹⁶ Benito Mussolini, “Tempo secondo”, *Gerarchia*, janeiro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.69.

¹⁹⁹⁷ Benito Mussolini, “In tema di violenza”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de fevereiro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.181.

¹⁹⁹⁸ Benito Mussolini, “Parla Turati – La paura delle elezioni”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de março de 1921, *idem*, p.199.

¹⁹⁹⁹ Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.89.

²⁰⁰⁰ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.54.

²⁰⁰¹ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.178.

²⁰⁰² Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.70.

²⁰⁰³ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.178.

A ascensão do fascismo

O fascismo apresentava-se como um socialismo nacionalista de caráter revolucionário e, pese embora as múltiplas críticas que dirigia a Moscovo para consumo doméstico italiano, o seu desejo latente parecia ser o de se tornar uma versão italiana do bolchevismo. Mas o caminho para o poder não podia ser o mesmo dos bolcheviques, pois as circunstâncias de Itália eram diferentes das da Rússia. Para dar dois passos em frente em Itália, era necessário dar um atrás. “Se uma revolução política se pode resolver num dia, uma revolução social precisa de anos, de décadas ou de séculos”²⁰⁰⁴, avisou Mussolini. Ou seja, o fascismo precisava de tempo para impor o seu projeto socialista em Itália. Para conseguir esse tempo, teria de fazer compromissos.

Acontece que a repentina cisão no PSI, o maior partido no parlamento, conduziu à criação do PCI e viabilizara a convocação de novas eleições gerais no país. Nasceu então a ideia de o fascismo integrar um bloco nacional com outros partidos, desde o Partido Social Democrata, da área socialista, a partidos que não pertenciam a essa área, como os liberais do velho político Giovanni Giolitti e os nacionalistas. O que os unia não era uma comunhão ideológica ou sequer doutrinária, mas a necessidade de fazerem frente à hegemonia parlamentar do PSI.

Ao aliarem-se a forças que não pertenciam à sua área, a socialista, os fascistas tiveram de fazer o seu primeiro grande compromisso. Isso significava que precisavam de refrear o seu discurso socialista. É certo que Mussolini prosseguiu com uma certa dose de retórica socialista, o que servia também para mascarar um compromisso com forças que não eram socialistas, mas é significativo que o chefe dos *fasci*, mesmo nesse novo quadro político, sentisse necessidade de manter o socialismo de alguma forma presente no seu discurso, sobretudo à luz da irritação que essa retórica socialista inevitavelmente provocaria nos liberais e sobretudo nos nacionalistas.

Assim sendo, e embora integrassem um movimento socialista revolucionário de origem marxista visceralmente oposto ao liberalismo, com Mussolini a dizer a quem o queria ouvir que “eu declaro-me absolutamente

²⁰⁰⁴ Benito Mussolini, “Il falso e la conferma”, *Il Popolo d'Italia*, 10 de outubro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.253.

antiliberal”²⁰⁰⁵ e que “a democracia esgotou o seu papel histórico”²⁰⁰⁶, criticando sempre o “liberalismo monarcóide” e a “democracia plutocrática”²⁰⁰⁷, num primeiro tempo, e tal como os comunistas, os fascistas viram-se forçados a acatar o jogo da democracia liberal. Foram a votos integrados no bloco nacional. “O fascismo desce ao terreno eleitoral”²⁰⁰⁸, anunciou o chefe dos *fasci* quando as novas eleições foram marcadas em Itália, dizendo que “o jogo vale a pena e a participação na batalha eleitoral impõe-se como uma necessidade suprema.”²⁰⁰⁹

As eleições de 1921 voltaram a ser ganhas pelo PSI, embora com menos votos e de novo sem capacidade para formar governo no desenho parlamentar. É certo que o PSI ficara enfraquecido com a grande cisão do congresso de Livorno, pois uma pequena parte do eleitorado votou no recentemente criado PCI, mas as causas do seu recuo junto do eleitorado iam mais fundo do que isso. O facto de estarem sempre a anunciar uma revolução que não passava de um caos que apenas agravava a situação do país provocara a erosão da credibilidade dos socialistas oficiais, além de que o antipatriotismo do imediato pós-guerra passara já de moda.

O bloco nacional elegeu 105 deputados, dos quais 35 eram fascistas, mais do dobro dos deputados eleitos pelo PCI. “O fascismo venceu!”²⁰¹⁰, proclamou Mussolini, eufórico, ao tomar conhecimento do resultado das eleições, anunciando “uma nova época na história política da nação”²⁰¹¹. Os seus principais parlamentares, como Roberto Farinacci, Dino Grandi, Italo Balbo e Giuseppe Bottai, nem sequer trinta anos tinham. Sendo revolucionários, republicanos, laicos e socialistas, revelaram-se uns fedelhos tão desrespeitadores da ordem monárquica e liberal que se recusaram a

²⁰⁰⁵ Benito Mussolini, “Capodanno”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de janeiro de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.145.

²⁰⁰⁶ Benito Mussolini, “Fiera di ‘demos’”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de agosto de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.51.

²⁰⁰⁷ Benito Mussolini, “Dopo la tempesta”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de maio de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.383.

²⁰⁰⁸ Benito Mussolini, “Fascismo ed elezioni”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de abril de 1921, *idem*, p.256.

²⁰⁰⁹ Benito Mussolini, “Preludi elettorali”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de abril de 1921, *ibidem*, p.233.

²⁰¹⁰ Benito Mussolini, “Fascisti d'Italia: ‘a noi!’”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de maio de 1921, *ibidem*, p.349.

²⁰¹¹ Benito Mussolini, “Impotenza”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de abril de 1921, *ibidem*, p.267.

levantar-se quando o rei foi ao parlamento dar início à nova legislatura e puseram-se até a cantar o hino fascista, a *Giovinezza*, em pleno hemicíclio.

Sentindo a fraqueza do regime liberal, e apesar de ter entrado no parlamento no quadro de um bloco nacional com partidos que não pertenciam à área socialista, Mussolini deu sinais de admitir uma grande coligação revolucionária socialista. O chefe dos *fasci* anunciou numa entrevista que “estaremos na oposição”²⁰¹² e disse que “nos programas sobre o trabalho e a ajuda aos trabalhadores, os socialistas podem encontrar inesperados aliados no seio do próprio fascismo”. Muito significativo, sublinhou que “não é de excluir”²⁰¹³ uma colaboração com o PSI, desde que não houvesse obediência deste partido a Moscovo, o que “tornaria de imediato impossível”²⁰¹⁴ tal colaboração. O que ele queria, tornou-se imediatamente claro, era uma coligação de governo envolvendo os fascistas, os socialistas e os populares.

Estas palavras caíram que nem uma bomba na política italiana. As eleições de 1921 haviam acabado de tornar o fascismo uma força relevante na política nacional e, com esta entrevista, o seu chefe tornava claro que não só não estava dependente dos liberais e dos nacionalistas com os quais tinha sido eleito como admitia um entendimento com os socialistas oficiais, com quem sentia apesar de tudo maiores afinidades. Não quer dizer que não se mantivesse preocupado com o carácter bolchevizante de algumas tomadas de posição do PSI. “Falar ainda, como se lê no manifesto do PSI, em ditadura proletária é de um anacronismo fastidioso”, observara pouco tempo antes, para salientar no entanto que “é de relevar neste ponto que no manifesto não se fala de Lenine ou da Rússia e que a palavra ‘revolução’ foi escrupulosamente banida”²⁰¹⁵, sinais que não ignorou e que lhe deram a impressão de que “temos diante de nós um Partido Socialista que parece decidido a libertar-se do massacrante lastro russo e a regressar aos velhos caminhos”²⁰¹⁶. Insistiu por isso na mensagem do socialismo fascista. “Os direitos da classe trabalhadora são sagrados e ainda mais sagrados são os

²⁰¹² Benito Mussolini, “I fascisti saranno all’opposizione”, *Il Giornale d’Italia*, 22 de maio de 1921, *ibidem*, p.359.

²⁰¹³ *Ibidem*, p.360.

²⁰¹⁴ *Ibidem*, p.361.

²⁰¹⁵ Benito Mussolini, “La voce del ‘Pus’ – Un documento miserabile”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de abril de 1921, *ibidem*, p.262.

²⁰¹⁶ Benito Mussolini, “Tregua?”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de março de 1921, *ibidem*, p.227.

direitos dos que trabalham a terra”²⁰¹⁷, proclamou, repetindo que “deve pagar quem mais tem. Assim o quer o fascismo.”²⁰¹⁸

É certo que o chefe dos *fasci* mantinha sempre presente que “o PSI italiano conta entre os seus delitos de lesa nação a sua tremenda e miserável mistificação bolchevique, a sua apologia de violência”²⁰¹⁹ que fazia dele “um partido que tem no passivo da sua história a campanha eleitoral verdadeiramente terrorista de novembro de 1919”²⁰²⁰ e uma “orgia de inaudita violência verbal e física”²⁰²¹. Além disso, fazia questão de lembrar que foi “a pregação e a prática da violência por parte do comunismo” que “desencadeou a reação fascista agora triunfante”²⁰²². Porém, Mussolini não perdia igualmente a oportunidade de, aqui e ali, lembrar ao PSI que o programa fascista era na sua essência um programa socialista e que esse programa servia de base a um possível entendimento entre os dois movimentos rivais, até porque ambos, embora acusando-se mutuamente de serem reacionários e não socialistas, se reivindicavam socialistas e revolucionários.

Na verdade, o socialismo fascista mantinha até alguns pontos de inspiração marxista que vinham do próprio *O Manifesto Comunista* de Marx e Engels, sobretudo aquele relacionado com o papel revolucionário da burguesia na criação do proletariado. “Se houver algum industrial,

²⁰¹⁷ Benito Mussolini, “Al popolo di Ferrara”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de abril de 1921, *ibidem*, p.247.

²⁰¹⁸ Benito Mussolini, “Il documento”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de abril de 1921, *ibidem*, p.253.

²⁰¹⁹ Benito Mussolini, “Impotenza”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de abril de 1921, *ibidem*, p.267.

²⁰²⁰ Benito Mussolini, “Malafede”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de maio de 1921, *ibidem*, p.307.

²⁰²¹ Benito Mussolini, “L’equilibrio”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de abril de 1921, *ibidem*, p.276.

²⁰²² “La voce del ‘Pus’ – Un documento miserabile”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de abril de 1921, *ibidem*, p.262.

²⁰²² Benito Mussolini, “Al popolo di Ferrara”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de abril de 1921, *ibidem*, p.247.

²⁰²² Benito Mussolini, “Il documento”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de abril de 1921, *ibidem*, p.253.

²⁰²² Benito Mussolini, “Impotenza”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de abril de 1921, *ibidem*, p.267.

²⁰²² Benito Mussolini, “Malafede”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de maio de 1921, *ibidem*, p.307.

²⁰²² Benito Mussolini, “Posizioni”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de abril de 1921, *ibidem*, p.259.

²⁰²² Benito Mussolini, “Segni di nuovi tempi?”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de março de 1921, *ibidem*, p.223.

proprietário agrário ou banqueiro que tenha ilusões, deve desenganar-se imediatamente” sobre o fascismo, advertiu Mussolini. “Tivemos a coragem de reconhecer, mesmo nos momentos em que era mais difícil fazê-lo devido à miragem russa que incendiava e embrutecia os cérebros e demonizava grande parte da burguesia, a utilidade social da burguesia produtora, aquela que dirige as empresas e que não pode ser substituída por novos proletários, que não existem ainda ou existem simplesmente e vagamente... em potência”, acrescentou, para concluir: “mas com a mesma franqueza devemos dizer à burguesia produtora e politicante que não há como voltar atrás, isto é, que as conquistas realizadas pela massa operária no campo sindical são sagradas e intocáveis. As oito horas, por exemplo, devem tornar-se lei fundamental do Estado. Todas as medidas aprovadas sob a designação de legislação social devem ser mantidas e melhoradas”²⁰²³, pois é preciso que “esta enorme massa seja elevada sempre a um nível de vida superior”, até porque “não se pode ser uma grande nação capaz de grandeza e potencial se as massas trabalhadoras forem submetidas a um regime de embrutecimento.”²⁰²⁴

Foi o ponto de partida para um novo ataque à burguesia. “O fascismo”, declarou o chefe dos *fasci*, “é contra a burguesia parasitária e pútrida, contra os industriais, contra os proprietários agrários, contra o próprio proletariado sempre que o interesse do país, que é o interesse de todas as classes, o exija”²⁰²⁵. Na sua opinião, “quase toda a burguesia politicante, aquela que pretende agir na órbita da Constituição, está posicionada, através dos seus jornais, contra o fascismo”²⁰²⁶, pois “é a burguesia plutocrática que flerta com o socialismo e teme o amanhã fascista”²⁰²⁷, mas não perdia pela demora porque era a essa burguesia “infeta e miserável”, essa burguesia “nociva ao progresso da nação”, que “nós trataremos com chumbo e com petróleo.”²⁰²⁸

²⁰²³ Benito Mussolini, “Posizioni”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de abril de 1921, *ibidem*, p.259.

²⁰²⁴ Benito Mussolini, “Discorso di Bologna”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de abril de 1921, *ibidem*, p.243.

²⁰²⁵ Benito Mussolini, “Discorso di Verona”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de abril de 1921, *ibidem*, p.335.

²⁰²⁶ Benito Mussolini, “Fronte unico!”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de junho de 1921, *ibidem*, p.410.

²⁰²⁷ *Ibidem*, p.411.

²⁰²⁸ Benito Mussolini, “Dopo l’intervista – Terza e non ultima puntata”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de maio de 1921, *ibidem*, p.374.

Foi neste contexto de crítica cerrada à burguesia e de nova tentativa de aproximação aos socialistas oficiais que nasceu a ideia de sugerir um pacto de pacificação – que se viria a revelar central na evolução do fascismo. Os comunistas e os anarquistas, ambos *intransigenti* para quem tudo o que desalinhasse das suas ideias era “reação”, estavam fora da equação. O verdadeiro destinatário da proposta era o PSI. “Estamos dispostos a desarmar se vocês também desarmarem”, ofereceu ele aos socialistas oficiais em 1921 no seu primeiro discurso no parlamento italiano, alegando que queria “escrever a palavra ‘fim’ no triste capítulo da guerra civil em Itália”²⁰²⁹. O chefe do fascismo disse que “estamos dispostos a seguir uma política de conciliação nacional que ignore o passado, que ignore todas as lutas do passado.”²⁰³⁰

Com o PSI liderado pela ala socialista democrática de Turati, era claro para Mussolini que os socialistas oficiais estavam, também eles, dispostos a parar de ser uma eterna força de mera contestação e enfim “comer o fruto proibido”²⁰³¹, isto é, tornarem-se governo num quadro constitucional liberal. O PSI “prepara-se para se deitar na cama com a burguesia”²⁰³², constatou Mussolini. Ora, uma vez chegado ao parlamento, igualmente ele pretendia dar o passo seguinte e ascender ao poder, ainda que tivesse de se deitar na cama com a mesma burguesia. Para o fazer pela via burguesa, que era a via legal e constitucional, teria de haver uma coligação entre as três grandes forças no parlamento, os socialistas oficiais, os populares e os fascistas. “Creio que a estas três forças coligadas por um programa com um mínimo denominador comum esperará amanhã a responsabilidade de conduzir a Pátria a fortunas mais prósperas”²⁰³³, disse o chefe dos *fasci* no parlamento.

Havia muitos pontos programáticos que fascistas e socialistas oficiais partilhavam, como Mussolini não deixou de destacar no discurso no parlamento em que propôs ao PSI o pacto de pacificação. “Uma democracia

²⁰²⁹ Benito Mussolini, “Il primo discorso alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 21 de junho de 1921, *ibidem*, p.446.

²⁰³⁰ Benito Mussolini, “Difesa del regime”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983, p.34.

²⁰³¹ Benito Mussolini, “Il fascismo di fronte alla crisi”, *Il Resto del Carlino*, 27 de junho de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.11.

²⁰³² Benito Mussolini, “Segni del tempo”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de junho de 1921, *idem*, p.18.

²⁰³³ Benito Mussolini, “Insufficenze del ministero Bonomi”, *ibidem*, p.66.

é já necessariamente social”²⁰³⁴, argumentou então, para reiterar que “votaremos a favor de todas as medidas e procedimentos destinados a melhorar a nossa legislação social”²⁰³⁵. O chefe dos *fasci* deu também o exemplo do divórcio, pedindo aos deputados para que “reflitam se é justo os ricos poderem divorciar-se, bastando-lhes ir à Hungria, enquanto os pobres são obrigados por vezes a carregarem uma corrente durante a vida inteira”²⁰³⁶. Um programa social comum entre os dois movimentos socialistas rivais era, pois, perfeitamente possível. Ambos tinham condições para se coligarem, mas isso implicava primeiro uma normalização da relação entre os dois rivais revolucionários, o que requeria o fim dos confrontos de rua. Daí a ideia do pacto de pacificação.

O pacto proposto pelos Fasci di Combattimento foi aceite pelo PSI. Temendo a reação do governo liberal a uma aliança entre os movimentos socialistas rivais, Mussolini chegou a avisar as autoridades de que, se atacassem os fascistas, estes aliar-se-iam também aos comunistas. Para viabilizar a grande aliança do mundo socialista italiano desavindo, vários fascistas multiplicaram-se então em apelos à desmobilização das *squadre* negras. “O Partido Fascista tem agora de sentir a necessidade de se ‘desmobilizar’ e preparar-se imediatamente, com um superior objetivo de síntese nacional, de se aproximar de muitos, se não mesmo de todos, os seus inimigos de ontem”²⁰³⁷, declarou por exemplo o fascista Augusto de Marsanich, enquanto Mario Gioda dizia que “sendo os paladinos da ordem, os fascistas são e devem ser os primeiros a dar o bom exemplo”²⁰³⁸. Exortações semelhantes foram feitas por Massimo Rocca, Giuseppe Bottai e os articulistas da revista *Critica Fascista*. Deputados fascistas e socialistas reuniram-se para esboçar o esquema do acordo, com o apoio das respetivas direções.

Nem todos dentro dos Fasci di Combattimento, todavia, aceitaram o pacto de pacificação. Quando saíram notícias das reuniões entre deputados socialistas oficiais e fascistas, alguns esquadristas fascistas, que tendiam a agir com grande autonomia em relação à chefia do movimento e que receavam a perda de poder das *squadre* em caso de pacificação, reagiram

²⁰³⁴ Benito Mussolini, “Il primo discorso alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 21 de junho de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.444.

²⁰³⁵ *Idem*, p.442.

²⁰³⁶ *Ibidem*, p.443.

²⁰³⁷ Alessandro Luparini, *op. cit.*, 2001, p.143.

²⁰³⁸ *Idem*, p.157.

negativamente. Os mais vocais foram os *ras*, chefes locais fascistas em geral oriundos da ala socialista e republicana revolucionária, como era o caso de Roberto Farinacci e Italo Balbo, e também outros elementos que não vinham dessa ala, mas de áreas conservadoras e nacionalistas, e que tinham aderido recentemente aos Fasci di Combattimento, sobretudo nas zonas rurais. Apanhado de surpresa pela veemência dos protestos dos esquadristas contra a reunião dos deputados, Mussolini apressou-se a alegar que “a iniciativa foi estritamente pessoal”²⁰³⁹, o que não era verdade. O problema é que o *Avanti!* confirmou essa reunião entre deputados socialistas oficiais e fascistas, o que levou o chefe dos *fasci* a reconhecer que de facto “existe um projeto de acordo”²⁰⁴⁰, embora nada tivesse sido assinado... ainda.

A revolta interna subiu de tom. O chefe fascista começou por tentar acalmar os *intransigenti* do seu movimento, ainda que sem nada realmente ceder. “Os protestos de muitos *fasci*, as reservas de muitos outros, têm o inegável valor de sintomas”, contemporizou, “mas não podem, por si sós, ditar a linha geral de ação”²⁰⁴¹. A sua ideia estratégica era retirar o combate político das arruaças violentas e transportá-lo para o normal debate parlamentar, de modo a tornar o fascismo um movimento respeitável que pudesse ser encarado como capaz de governar. “Amanhã continuaremos a combater o Partido Socialista, mas elevaremos esta luta do plano da violência sanguinária e organizada para um outro plano de propaganda, de contraditório, de comícios, etc”, esclareceu, sublinhando que “ou acreditamos ser portadores de uma verdade, e então devemos estar prontos para combater noutros terrenos de luta; ou permanecemos sempre no terreno da violência, e então será evidente que em nós não há nenhuma verdade e representamos um fenómeno puramente negativo.”²⁰⁴²

O que não podia ser era a violência pela violência. “A violência no fascismo é incidental, não essencial; uma tática de necessidade, não um sistema”²⁰⁴³, disse numa mensagem claramente dirigida internamente aos esquadristas, sustentando que “o fascismo, depois de ser combate, será

²⁰³⁹ Benito Mussolini, “La pace e il resto”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de julho de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.63.

²⁰⁴⁰ Benito Mussolini, “La scelta”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de julho de 1921, *idem*, p.28.

²⁰⁴¹ Benito Mussolini, “Fatti nuovi”, *Il Popolo d'Italia*, 12 de julho de 1921, *ibidem*, p.41.

²⁰⁴² Benito Mussolini, “Sulla pacificazione tra fascisti e socialisti”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de julho de 1921, *ibidem*, p.45.

²⁰⁴³ Benito Mussolini, “Conversazione con Mussolini”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de maio de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.323.

equilíbrio; depois de ser destruição, como tinha de ser, será criação”²⁰⁴⁴. Para isso, o pacto de pacificação era crucial. “Se os outros realmente desarmarem, nós devemos e podemos fazer o mesmo”²⁰⁴⁵, explicou, sublinhando que “é necessário que o fascismo (...) faça uma tentativa de pacificação leal”²⁰⁴⁶. O chefe do movimento declarou os confrontos entre *squadre* negras e vermelhas “deplorabilíssimos”²⁰⁴⁷ e, agastado com o esquadrismo, culpou fascistas e comunistas em igual medida. “Se as violências foram cometidas por fascistas, violências não menos sanguinárias e não menos criminais foram cometidas pelos socialistas”²⁰⁴⁸, disse.

É um facto que os comunistas e os anarquistas eram responsáveis por alguns episódios de violência, mas a verdade é que, neste período, a responsabilidade pela maior parte dos confrontos era dos fascistas, coisa que Mussolini não ignorava. Muitos esquadristas estavam simplesmente fora de controlo e o chefe dos Fasci di Combattimento percebeu que o perfil sociológico de uma importante parte dos elementos do movimento fascista tinha mudado, sobretudo devido à influência do fascismo agrário e da adesão em massa de elementos desejosos de combater o comunismo, e sobretudo tomou consciência de que isso estava a ter consequências imprevistas e graves. “Com o enorme desenvolvimento do nosso movimento, confluíram para os Fasci milhares de indivíduos que interpretam o fascismo como a defesa de determinados interesses individuais e como uma organização da violência pela violência”, o que considerou ser “absolutamente antagónico ao espírito do fascismo”, pois “a nossa violência deve ser cavalheiresca, aristocrática, cirúrgica, e por conseguinte, e num certo sentido, humana”²⁰⁴⁹. O que confirmava que não tinha mão em parte dos esquadristas, que descreveu como “falsos fascistas.”²⁰⁵⁰

²⁰⁴⁴ Benito Mussolini, “Malafede”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de maio de 1921, *idem*, p.308.

²⁰⁴⁵ Benito Mussolini, “Alla svolta”, *Il Popolo d'Italia*, 20 de julho de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.57.

²⁰⁴⁶ Benito Mussolini, “In tema di pace”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de julho de 1921, *idem*, p.21.

²⁰⁴⁷ Benito Mussolini, “Disciplina”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de novembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.25.

²⁰⁴⁸ Benito Mussolini, “Per la vera pacificazione”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.293.

²⁰⁴⁹ Benito Mussolini, “Disciplina”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de julho de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.27.

²⁰⁵⁰ Benito Mussolini, “Perché l'estero sappia – Due proposte”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de abril de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.278.

Em consequência, anunciou o chefe dos *fasci*, seriam aplicadas “uma série de medidas”²⁰⁵¹ contra esses falsos fascistas, sendo “necessário segui-las, se se quer salvar a nação e o fascismo”²⁰⁵². Multiplicou-se em recados mais ou menos explícitos destinados aos esquadristas. “Não escondemos as deficiências do nosso movimento”, admitiu, salientando que “os fascistas são homens e por vezes excedem-se”²⁰⁵³, mas “devemos falar claro aos fascistas. Nenhum fascista deve tomar iniciativas individuais que possam projetar uma luz menos simpática sobre o fascismo”²⁰⁵⁴. Avisou por isso os esquadrões fascistas de que “a disciplina ainda não é perfeitíssima. Mas sê-lo-á”²⁰⁵⁵, pois “a nação precisa de paz.”²⁰⁵⁶

O conselho nacional dos *fasci*, no entanto, recusou o entendimento com os socialistas oficiais, usando o pretexto de algumas críticas do PSI ao fascismo para sustentar que os rivais não eram sinceros nas suas intenções. Mussolini não teve outra alternativa que não fosse interromper as negociações. Apesar disso, foram feitos alguns acordos locais entre fascistas e socialistas oficiais. “Em todos os locais onde os socialistas não fazem jogo duplo, a pacificação é um facto consumado ou a consumir-se”²⁰⁵⁷, anunciou o chefe dos *fasci*. Ciente de que os esquadristas sabiam que um pacto de pacificação os tornaria irrelevantes, esforçou-se por convencê-los a ceder, invocando o argumento nacionalista do supremo interesse da pátria. “Os chefes que têm algum sentido de responsabilidade, especialmente sendo fascistas, devem ter em consideração a nação e esquecer um pouco a fação e não se oporem, com base em critérios puramente pessoais, à tendência de pacificação”²⁰⁵⁸, disse, pois o pacto era “para a fortuna da Pátria.”²⁰⁵⁹

²⁰⁵¹ Benito Mussolini, “Disciplina”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de julho de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.27.

²⁰⁵² Benito Mussolini, “Ritorno al principio”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de julho de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.74.

²⁰⁵³ Benito Mussolini, “Dopo due anni”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de março de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.213.

²⁰⁵⁴ Benito Mussolini, “Parole”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de março de 1921, *idem*, p.219.

²⁰⁵⁵ Benito Mussolini, “Disciplina”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de novembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.37.

²⁰⁵⁶ Benito Mussolini, “Fatto compiuto”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de agosto de 1921, *idem*, p.31.

²⁰⁵⁷ Benito Mussolini, “Risposta”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de agosto de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.94.

²⁰⁵⁸ Benito Mussolini, “Verso la pacificazione”, *Il Giornale d'Italia*, 31 de julho de 1921, *idem*, p.79.

²⁰⁵⁹ Benito Mussolini, “I nuovi orizzonti del fascismo”, *Il Resto del Carlino*, 3 de agosto de 1921, *ibidem*, p.86.

O pacto de pacificação entre os Fasci di Combattimento e o PSI foi enfim assinado em Roma. O problema é que vários setores dos *fasci* intensificaram a resistência ao acordo, com os esquadristas sempre a temerem a perda de poder, e começou a tornar-se claro que o perigo de o movimento se partir ao meio e cindir era crescente. Os fascistas têm “o dever de mostrar que a disciplina nas suas fileiras não é uma palavra vazia de sentido”²⁰⁶⁰, apelou, multiplicando-se em declarações a assegurar aos *intransigenti* do seu movimento que a pacificação não significava uma rendição aos socialistas oficiais. Constatando que mesmo assim as *squadre* negras poderiam sabotar o pacto, Mussolini suscitou a possibilidade de ele próprio se demitir caso isso acontecesse. Fez então uma “declaração de ordem pessoal”, dizendo cripticamente que “do que sucederá dependerá a minha ulterior linha de conduta nos confrontos do fascismo italiano”²⁰⁶¹. Era na verdade uma ameaça velada de demissão.

Apesar desta posição de força, os *intransigenti* mantiveram a sua oposição ao pacto. O chefe fascista percebeu então que, na fusão entre socialismo e nacionalismo que fazia a identidade do fascismo, o setor nacionalista assumira uma inesperada preponderância sobre o setor socialista. Isto constituía uma novidade no fascismo, cuja alma socialista até aí sempre dominara a sua vertente nacionalista. A partir desse momento tornou-se claro que havia “dois fascismos”²⁰⁶² no seio do mesmo movimento. “O fascismo urbano encontra-se em dissensão com o fascismo rural”²⁰⁶³, reconheceu Mussolini abertamente, alertando para a ameaça existencial que pairava sobre o fascismo e o facto de que “o crepúsculo do fascismo seria de facto a maior vitória do socialismo.”²⁰⁶⁴

O fascismo urbano era essencialmente socialista, o rural pendia para o conservadorismo. Era preciso libertar o movimento daqueles elementos indesejáveis do fascismo rural para quem “o fascismo que já não é libertação, mas tirania; já não é salvaguarda da nação, mas defesa de interesses privados

²⁰⁶⁰ Benito Mussolini, “Alla prova!”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de agosto de 1921, *ibidem*, p.60.

²⁰⁶¹ Benito Mussolini, “Dopo il voto”, *Il Popolo d'Italia*, 22 de julho de 1921, *ibidem*, p.60.

²⁰⁶² Benito Mussolini, “Richiamo alla ragione”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de outubro de 1921, *ibidem*, p.173.

²⁰⁶³ Benito Mussolini, “Sulla organizzazione futura del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de setembro de 1921, *ibidem*, p.123.

²⁰⁶⁴ Benito Mussolini, “Gioia prematura”, *Il Popolo d'Italia*, 10 de agosto de 1921, *ibidem*, p.105.

e das castas mais opacas, sórdidas, miseráveis que existem em Itália; o fascismo que assume tal fisionomia será ainda fascismo, mas já não aquele pelo qual nos anos tristes eramos poucos a enfrentar a cólera e o chumbo das massas, já não é o fascismo que eu concebi.”²⁰⁶⁵

Expulsar tais elementos era, contudo, mais fácil de enunciar do que de concretizar. O facto é que o fascismo rural acabou por impor a sua vontade e Mussolini viu-se mesmo forçado a demitir-se da direção do movimento, embora se mantivesse nele. O chefe demissionário confessou “uma profunda tristeza”²⁰⁶⁶ e disse ter sido “desqualificado” por ter “agido no sentido pacifista”²⁰⁶⁷ quando defendeu o pacto de pacificação, o que o levou a queixar-se do “triste espetáculo da indisciplina fascista”²⁰⁶⁸. Dias depois, no entanto, dizia-se “decidido a manter a minha demissão até ao próximo congresso”²⁰⁶⁹. Note-se a palavra “até”. Ou seja, o afastamento não era para durar muito.

Enquanto o fascismo aguardava pelo congresso clarificador, o PSI reuniu-se igualmente no seu congresso clarificador. Num volte-face em relação ao congresso anterior em Livorno, a ala *intransigenti* dos socialistas oficiais impôs-se sobre a moderada de Turati, de alguma forma como nesse momento estava a suceder no PNF com os *intransigenti* fascistas a imporem-se sobre Mussolini e os que desejavam a aproximação aos socialistas oficiais. No novo congresso, o Partido Socialista Italiano reafirmou-se como “um partido revolucionário que busca a substituição integral do regime individualista pelo socialista” e opôs-se frontalmente “à conceção da nova democracia social instaurada desastrosamente noutros países com o objetivo de estabelecer a colaboração de classes”²⁰⁷⁰. Apesar das saídas para fundar o PCI, muitos *intransigenti* comunistas haviam permanecido no PSI e determinaram o regresso ao conceito da luta de classes, jamais a colaboração de classes defendida pelos fascistas e pelos sociais-democratas.

²⁰⁶⁵ Benito Mussolini, “La culla e il resto”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de agosto de 1921, *ibidem*, p.90.

²⁰⁶⁶ Benito Mussolini, “L’ora dei sermoni – Risposta al ‘Giornale d’Italia’”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de agosto de 1921, *ibidem*, p.107.

²⁰⁶⁷ Benito Mussolini, “Nelle file!”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de agosto de 1921, *ibidem*, p.103.

²⁰⁶⁸ *Idem*, p.104.

²⁰⁶⁹ Benito Mussolini, “In tema di congresso fascista – Una lettera aperta alla commissione esecutiva”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de setembro de 1921, *ibidem*, p.133.

²⁰⁷⁰ Giorgio Galli, *op. cit.*, 2007, p.182.

Esta radicalização do PSI teve duas consequências profundas. A primeira é que se fechou a porta de entrada no governo dos socialistas oficiais em aliança com os liberais e os populares. Como observou Mussolini, a ala *intransigenti* que a partir desse momento mandava no PSI “não quer ouvir falar de participação no poder com a burguesia”, pois o seu projeto radical significava “ou todo o poder, dizem eles, ou nada”²⁰⁷¹. O que queria dizer que iriam ficar com nada, uma vez que “o PSI rejeita a colaboração!”²⁰⁷² Com os socialistas oficiais fora da equação para sustentar um governo, os liberais e populares precisavam de ir buscar apoio a outro lado. O que lhes restava? Apenas o fascismo. Ou seja, a radicalização do PSI e a sua consequente automarginalização significou na prática que a porta se entreabriu aos fascistas.

A segunda consequência do regresso dos *intransigenti* aos comandos do PSI é que essa radicalização dos socialistas oficiais legitimou o recuo de Mussolini e dos fascistas no pacto de pacificação. Já não se estava perante o PSI moderado e democrático de Turati, com quem os *fasci* haviam feito o pacto, mas um PSI que retornava, pelo menos na retórica, à pregação da revolução violenta e do regresso à conflitualidade da luta de classes. Essa radicalização do PSI legitimou também que os fascistas continuassem a confrontar os socialistas oficiais nas ruas, agora e sempre sob o pretexto de evitarem a importação da revolução bolchevique para Itália, questão que em bom rigor já não tinha o fundamento que realmente tivera sobretudo durante o *biennio rosso*, como aliás o próprio Mussolini reconheceu. “Dizer que o perigo ‘bolchevique’ ainda existe em Itália significa trocar a realidade por medos oblíquos”, afirmou, pois na realidade “o bolchevismo foi vencido.”²⁰⁷³

Os fascistas reuniram-se enfim em Roma no seu terceiro congresso. Realizado em novembro de 1921, o convénio marcou o momento em que os Fasci di Combattimento se transformaram no Partido Nacional Fascista, o PNF, e em que Mussolini regressou à liderança. “Propus-me libertar o fascismo italiano da minha ‘infausta hegemonia’”, observou com sarcasmo dirigido aos seus críticos, sublinhando que “não o consegui porque

²⁰⁷¹ Benito Mussolini, “Un capo e tre anime”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de setembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.131.

²⁰⁷² Benito Mussolini, “Dopo il concilio”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de outubro de 1921, *idem*, p.191.

²⁰⁷³ Benito Mussolini, “In tema di pace”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de julho de 1921, *ibidem*, p.21.

‘imploraram’, repito ‘imploraram’, que exercitasse essa ‘infausta hegemonia’.”²⁰⁷⁴

Nasceu assim o Partido Nacional Fascista. “O partido – esta palavra tremenda – significa que o fascismo dá a si mesmo um ‘estatuto’”²⁰⁷⁵, afirmou o chefe dos *fasci*, sendo forçado a desdizer-se nas críticas de indisciplina que fizera quando se demitira: “o fascismo italiano é o exército ou o partido mais disciplinado do mundo”²⁰⁷⁶. A verdade é que tivera de engolir o orgulho e ceder à ala não socialista do novo partido, embora argumentando que só por “má-fé”²⁰⁷⁷ se poderia afirmar tal coisa. Quanto à revolta do setor nacionalista do fascismo, descreveu-o como uma simples “benéfica crise de crescimento.”²⁰⁷⁸

Como consequência, o pacto de pacificação com o PSI foi formalmente denunciado, como o desejavam as alas nacionalista e revolucionária do fascismo. O pretexto foi uma greve geral antifascista decretada em Roma pelos socialistas entretanto radicalizados por ocasião do congresso socialista. “Depois da greve pseudo-geral de Roma, a torpe comédia interpretada pelo PSI foi desmascarada”, disse Mussolini, declarando que “a partir de hoje o tratado está morto e sepultado”²⁰⁷⁹. A cedência do chefe dos *fasci* perante os seus *intransigenti*, acabando por aceitar o que meses antes levara à sua demissão, constituía por outro lado mais um compromisso do fascismo, este no interior do agora PNF, e com consequências estratégicas profundas.

Assim, o fim do pacto de pacificação significava o fim do projeto de ascender ao poder pela via parlamentar e legalista através de uma aliança com os socialistas e populares. Nessas circunstâncias, só restava ao fascismo o caminho ilegal da revolução – justamente aquele sempre defendido pelos esquadristas e que Mussolini tentara a todo o custo evitar. A violência era

²⁰⁷⁴ Benito Mussolini, “Il fascismo nel giudizio di un fascista – Una lettera inedita di Piero Marsich”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de março de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.87.

²⁰⁷⁵ Benito Mussolini, “Punti fermi”, *Il Popolo d'Italia*, 4 de novembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.206.

²⁰⁷⁶ Benito Mussolini, “Disciplina”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de novembro de 1921, *idem*, p.239.

²⁰⁷⁷ Benito Mussolini, “Evento logico”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de novembro de 1921, *ibidem*, p.246.

²⁰⁷⁸ Benito Mussolini, “Per l'inaugurazione del circolo rionale fascista ‘Filippo Corridoni’”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de abril de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.143.

²⁰⁷⁹ Benito Mussolini, “Morto e sepolto”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de novembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.241.

um caminho mais complicado, como o chefe dos *fasci* não se cansou de sublinhar, pois a população estava já cansada da arruaça e “a pouco e pouco a opinião pública afasta-se de nós.”²⁰⁸⁰

A outra consequência do fim do pacto de pacificação é que aproximou os fascistas dos nacionalistas, ao ponto de os dois movimentos começarem a considerar a possibilidade de uma fusão. O problema é que os nacionalistas eram monárquicos e os fascistas republicanos; os nacionalistas eram aristocráticos e os fascistas proletários, pequeno burgueses e agricultores. Mussolini e outros elementos da ala socialista do fascismo não eram entusiastas de uma tal fusão, mas não se oporiam a ela se os nacionalistas se convertessem às teses sociais do fascismo.

Por fim, e muito importante, a terceira consequência estratégica foi a transformação do fascismo de um movimento de socialismo nacionalista em que o socialismo predominava sobre o nacionalismo para um partido de socialismo nacionalista em que o nacionalismo se tornara predominante sobre o socialismo – na verdade tão dominante que de repente quase silenciou o socialismo do fascismo.

A segunda fase do socialismo fascista

Com a crise desencadeada pelo fracassado pacto de pacificação, a ideologia fascista entrou em pleno na sua segunda fase. A retórica socialista foi imediatamente sublimada e, em bom rigor, quase desapareceu. Pela segunda vez no espaço de alguns meses, Mussolini criticou o socialismo enquanto doutrina quando falou na “nossa oposição espiritual e política ao complexo de doutrinas e de realizações socialistas”²⁰⁸¹. A crítica ao socialismo já não era uma crítica especificamente ao socialismo do PSI, do PCI ou dos bolcheviques, como acontecera até aí, mas ao “complexo de doutrinas e de realizações socialistas” em si. Como se isso não bastasse, logo a seguir o chefe dos *fasci* disse que “repudiamos a teologia, incluindo a

²⁰⁸⁰ Benito Mussolini, “L’indirizzo politico del Partito Nazionale Fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de abril de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.141.

²⁰⁸¹ Benito Mussolini, “Fatto compiuto”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de agosto de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.82.

teologia do socialismo” e que “de todas as seitas socialistas somos irreparavelmente distintos”²⁰⁸². Isto é, pela primeira vez já não apresentou o fascismo, explícita ou implicitamente, como uma das “paróquias” do socialismo geral.

Chegados a este ponto, impõe-se uma reflexão. As origens marxistas do fascismo são inquestionáveis, como é inquestionável que, quando nasceu, o fascismo continuou a ser uma ideologia socialista, como já demonstrado. Porém, com os abalos gerados pelo pacto de pacificação, é um facto que Benito Mussolini deixou de repente de ser claro nas suas proclamações de que o fascismo era um socialismo, colocando-o mesmo explicitamente à parte do socialismo – e, já agora, mantendo-o também fora do liberalismo e do capitalismo, como sempre fizera. Foi como se, de repente, tivesse nascido o fascismo como uma terceira via independente do socialismo e do liberalismo/capitalismo. Teria o fascismo realmente deixado de um dia para o outro de ser socialista?

O argumento de que, nesta segunda fase, o fascismo deixou de ser socialista é perfeitamente defensável, considerando a evolução do seu discurso ideológico. Estamos aqui em pleno domínio dos quadros interpretativos, note-se. Para aceitar que o fascismo deixou de ser socialista basta determinar que uma ideologia é o que os seus ideólogos dizem ser. Assim sendo, quando Mussolini proclamava que o fascismo era socialismo, então era-o de facto. Da mesma maneira, quando o chefe dos *fasci* passou subitamente a proclamar que o fascismo não era socialismo, então deixou de o ser de facto.

Porém, esta hipótese, sendo tentadora quando se constata o evaporar súbito da até aí omnipresente retórica socialista do fascismo, em bom rigor não convence. É certo que as declarações do fundador do fascismo surgiram numa altura em que tentava acalmar os *intransigenti* do seu movimento que nada queriam ter a ver com o PSI, e portanto era natural que procurasse dizer-lhes o que pretendiam ouvir. Mais, passou a ter maior cuidado com as palavras, para não acirrar os ânimos de muitos recém-chegados ao fascismo que não vinham da família socialista. Não se pode, contudo, ignorar que a retórica socialista, até aí permanente no discurso dos fascistas, de um momento para o outro de facto quase desapareceu e que esse

²⁰⁸² Benito Mussolini, “Scoperte”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de outubro de 1921, *idem*, p.186.

desaparecimento se prolongou no tempo, pelo que não se tratou de um mero recuo momentâneo para satisfazer os *intransigenti* do fascismo agrário.

Que o fascismo manteve a sua dimensão socialista é, no entanto, algo que se percebe por três outras razões, uma ligada com o passado, outra com o presente e a terceira com o futuro. A primeira é que ao longo de toda a história do fascismo até aí, incluindo pouco tempo antes, Mussolini sempre fizera gala em produzir abundantes declarações e raciocínios de teor socialista, como já amplamente vimos. Para citar apenas um exemplo, descrevera o fascismo como “um socialismo antimarxista, por exemplo, e nacional”²⁰⁸³. Acabara mesmo de defender no parlamento a aprovação de medidas típicas do socialismo. É mesmo crível que de um momento para o outro, quase de segunda para terça-feira, o fascismo tivesse deixado de ser socialista?

A segunda razão é que, se a retórica socialista quase desapareceu depois da crise gerada com o pacto de pacificação, a palavra “quase” é aqui crucial, pois na verdade essa retórica não desapareceu totalmente. Por exemplo, Mussolini esclareceu neste período que “juntaram-se no fascismo elementos diferentes, reunidos em torno de um programa com um mínimo denominador comum”, o qual era a “luta contra a degeneração teórica e prática do socialismo que se tornou bolchevique”²⁰⁸⁴. Atente-se à formulação aqui feita: o “mínimo denominador comum” que juntava “no fascismo elementos diferentes” não era afinal a luta contra o socialismo genérico, mas unicamente contra o “socialismo que se tornou bolchevique”. Mais, o chefe dos *fasci* esclareceu que o fascismo “incendiou Casas do Povo e tipografias operárias, não porque serviam o socialismo, mas porque serviam como covil dos delinquentes vermelhos ou envenenavam com a calúnia sistemática a alma dos operários”²⁰⁸⁵. Ou seja, os fascistas opunham-se ao PSI e sobretudo ao PCI “não porque serviam o socialismo”, mas porque enganavam os operários com um socialismo de “delinquentes”, um socialismo falso. Servir o verdadeiro socialismo continuava pelos vistos a não ser problema para ele.

²⁰⁸³ Benito Mussolini, “Trincerocrazia”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de dezembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.141.

²⁰⁸⁴ Benito Mussolini, “Il libro bianco”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de novembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.277.

²⁰⁸⁵ Benito Mussolini, “I buffoni di Praga”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de agosto de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.366.

Aliás, nesta mesma altura Mussolini insistia que o objetivo do fascismo era especificamente “lutar contra o bolchevismo”²⁰⁸⁶ e sublinhava que o fascismo mantinha “no espírito”²⁰⁸⁷ os estatutos danunzianos de Fiume, obviamente a Carta del Carnaro subscrita pelos *fasci* – a qual previa, convém salientá-lo, uma “soberania coletiva de todos os cidadãos sem distinção de sexo, de raça, de língua, de classe e de religião”, com “liberdade de pensamento, de palavra, de imprensa, de reunião e de associação” e com direito de todos a “instrução primária, trabalho compensado com um salário mínimo suficiente à vida, assistência no caso de doença ou de desocupação involuntária, pensão de velhice, usufruto dos bens adquiridos legitimamente, inviolabilidade de domicílio, *habeas corpus*, indemnização em caso de erros judiciários ou de abuso de poder” e o entendimento da propriedade “como uma função social.”²⁰⁸⁸

Não só o chefe dos *fasci* esclareceu que estes pontos se mantinham válidos no fascismo, mesmo nesta fase em que se tentava afastar retoricamente do socialismo, como neste mesmo período se propôs “construir o grande edifício do sindicalismo nacional”²⁰⁸⁹. Não hesitou, aliás, em exaltar o seu amor pelos trabalhadores. “Amo as classes trabalhadoras”, proclamou, sublinhando que “a suprema ambição e a maior esperança da minha vida é ver estas classes melhor tratadas e a terem condições de vida dignas”²⁰⁹⁰. Convenhamos que não parece conversa de um anti-socialista.

Então é o artigo em que Mussolini estabeleceu que “de todas as seitas socialistas somos irreparavelmente distintos” e que “repudiamos a teologia, incluindo a teologia do socialismo”? Lendo esse texto com atenção, porém, constata-se que o chefe dos *fasci* teve o cuidado de esclarecer o que entendia ele por socialismo. Segundo Mussolini, “rejeitamos todo e qualquer internacionalismo; toda e qualquer intervenção estatal no funcionamento da economia; toda e qualquer proeminência dos interesses classistas quando prejudicam mesmo que indiretamente a coletividade nacional” e “não

²⁰⁸⁶ Benito Mussolini, “Prefazione al programma”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de dezembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.351.

²⁰⁸⁷ *Idem*, p.352.

²⁰⁸⁸ Alceste de Ambris, “Carta del Carnaro”, 1920, dircost.unito.it.

²⁰⁸⁹ Benito Mussolini, “Sindacalismo fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de janeiro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.28.

²⁰⁹⁰ Benito Mussolini, “La situazione italiana e la politica fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de outubro de 1922, *idem*, p.451.

acreditamos no advento de uma civilização proletária.”²⁰⁹¹ Ora o problema é que nenhum destes pontos que ele rejeitava é definidor do socialismo genérico; apenas o é especificamente do socialismo marxista.

Assim, e como o próprio chefe dos *fasci* já tinha amplamente observado no passado, o internacionalismo não constituía uma condição *sine qua non* do socialismo genérico; era perfeitamente possível ser-se socialista nacionalista, como o estabelecera o neomarxista Otto Bauer e de certo modo Eduard Bernstein igualmente admitira. Também era possível ser-se socialista sem acreditar no domínio do proletariado sobre as outras classes, a exemplo da social-democracia de Bernstein. Quanto à retirada da intervenção estatal, não eram os anarquistas que se opunham à própria existência do Estado? Isso é a prova de que é possível ser-se socialista sem se acreditar na intervenção onnipresente do Estado – tese, aliás, também subjacente à social-democracia de Bernstein. De resto, se os fascistas sempre se mantiveram ideologicamente coerentes nos dois primeiros pontos, este terceiro depressa foi esquecido pois se houve coisa que eles sempre fizeram enquanto regime, e aliás abundantemente apregoaram em crítica ao capitalismo, foi justamente fazer intervir o Estado na economia, embora admitindo e preconizando a economia de mercado, mais uma vez como a social-democracia de Bernstein.

Por outro lado, no que diz respeito à rejeição do domínio do proletariado sobre as restantes classes, ideia que também vinha de Bernstein, Mussolini notou até uma evolução fascizante do socialismo oficial. “Os mesmos socialistas que invocam a fórmula vazia da luta de classes na realidade adaptam-se a todas as mais despudoradas e lucrativas colaborações!”²⁰⁹², salientou, chamando assim a atenção para o contraste entre a retórica marxista e a prática protofascista do próprio PSI. Aliás, mesmo a retórica dos socialistas oficiais acabou por abraçar a cooperação entre as classes, contrariando assim diretamente a doutrina marxista e indo de encontro à tese fascista. “Os deputados socialistas na Câmara italiana votaram uma ordem do dia na qual se fala numa ‘pacífica convivência das classes’ e consequentemente adeus luta de classes, fundamento da doutrina

²⁰⁹¹ Benito Mussolini, “Scoperte”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de outubro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.186.

²⁰⁹² Benito Mussolini, “Viva Ferrara fascista!”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de maio de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.58.

socialista!”²⁰⁹³, registou, para questionar: “mas não é isto o que o fascismo quer?”²⁰⁹⁴ Ou seja, e mais uma vez, o que na prática ele punha em causa não era verdadeiramente o socialismo genérico, mas sempre a versão marxista do socialismo – a tal que previa o internacionalismo, a luta de classes e a intervenção do Estado que, quando aplicada na Rússia, “procede a tiros de metralhadora”²⁰⁹⁵ e transformou Lenine no “maior reacionário da nossa época.”²⁰⁹⁶

Por outro lado, é justamente neste período que, observando a reabertura da economia de mercado na Rússia, ensaiada por Lenine com a NEP, Mussolini interpretou em termos marxistas o recuo bolchevique, isto é, apresentou-o como prova de que o capitalismo burguês era imprescindível, exatamente o que Marx e Engels haviam preconizado. A Rússia, notou, “retoma o seu *rôle* de Estado burguês na sua primeira fase de desenvolvimento e portanto precisa da ajuda do mundo capitalístico”²⁰⁹⁷ para escapar ao “espetáculo da ruína”²⁰⁹⁸. Muito importante, Mussolini usou o exemplo da NEP leninista, com o consequente recuo do socialismo do bolchevismo, para legitimar o recuo do socialismo do fascismo.

Assim, o chefe dos *fasci* disse seguir com atenção “a progressiva e inexorável involução burguesa do bolchevismo russo”²⁰⁹⁹, para concluir: “eterna história! O pêndulo, após se ter projetado violentamente à esquerda, precipitou-se para a direita a um ritmo sempre mais acelerado. De comunismo na Rússia já nada resta para além de uma história de dor inaudita, de sofrimento sobrehumano, de terror bárbaro”. Depois da “catástrofe” do comunismo radical, “a Rússia não se avizinha do comunismo, mas afasta-se dele inexoravelmente”²¹⁰⁰ e “o chamado governo comunista é, na realidade,

²⁰⁹³ Benito Mussolini, “Liquidazione”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de fevereiro de 1922, *idem*, p.58.

²⁰⁹⁴ Benito Mussolini, “Verso l’epilogo”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de fevereiro de 1922, *ibidem*, p.61.

²⁰⁹⁵ Benito Mussolini, “C’è una reazione...”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de março de 1922, *ibidem*, p.107.

²⁰⁹⁶ *Ibidem*, p.109.

²⁰⁹⁷ Benito Mussolini, “Sintomi”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de dezembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.306.

²⁰⁹⁸ Benito Mussolini, “La galleria dei redentori – La ‘loro’ tragedia”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de dezembro de 1921, *idem*, p.314.

²⁰⁹⁹ Benito Mussolini, “‘Locanda est’”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de abril de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.133/134.

²¹⁰⁰ Benito Mussolini, “Ritorno all’antico”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de outubro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.199.

um governo ‘burguês’, como todos os outros”²¹⁰¹, pois os comunistas russos tinham acabado por constatar que “só o capitalismo do Ocidente pode salvar a Rússia.”²¹⁰²

O que estava implícito em todas estas palavras do chefe dos *fascio* era que, se os bolcheviques se afastavam do socialismo para se adaptarem à realidade, e isso estava em perfeita consonância com a teoria marxista de que no caminho para o socialismo não é possível prescindir-se da fase do capitalismo, então os fascistas também tinham toda a legitimidade para o fazer. Mais ainda do que isso, o futuro do socialismo em todo o mundo era mesmo fascizar-se. “Se os socialistas ‘realizarem’ o fenómeno fascista, poderão salvar qualquer coisa”, alertou, “caso contrário aguarda-os a ruína total”²¹⁰³. Em suma, o recuo do socialismo bolchevique validava o recuo do socialismo fascista.

Por fim, a terceira razão, e claramente a principal, pela qual não se pode dizer que o fascismo perdeu a sua dimensão socialista é que o socialismo do fascismo, apesar de nesta segunda fase da vida do movimento ter sido quase silenciado, regressou logo que as condições o permitiram, retomando mesmo o vigor dos primórdios do movimento dos *fasci*, como já largamente vimos em capítulos anteriores e voltaremos a ver adiante. De resto, lendo as linhas programáticas do PNF no seu ato de fundação em 1921, constata-se que, apesar de as medidas sociais já não terem o mesmo peso que tinham no programa socialista dos Fasci di Combattimento em 1919, um evidente resultado dos sucessivos compromissos internos, muitas delas ainda assim sobreviveram.

O próprio Mussolini o sublinhou. “Convencido de que não é possível a grandeza nacional com as massas trabalhadoras embrutecidas e agitadas, o fascismo propõe-se defender os seguintes postulados a favor das classes trabalhadoras”, disse, ao enunciar os princípios fundamentais das linhas programáticas do PNF, enumerando uma série de medidas sociais do fascismo: a jornada laboral das oito horas, “uma legislação social” que proteja os trabalhadores “na invalidez e na velhice”, “a representação dos trabalhadores no funcionamento das indústrias”, “a confiança em organizações operárias que sejam moralmente dignas e tecnicamente

²¹⁰¹ Benito Mussolini, “Italia e Russia”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de novembro de 1921, *idem*, p.204.

²¹⁰² Benito Mussolini, “La Russia all’asta”, *Il Popolo d'Italia*, 12 de abril de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.149.

²¹⁰³ Benito Mussolini, “Al bivio”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de maio de 1922, *idem*, p.215.

preparadas para a gestão das indústrias ou dos serviços públicos”, “a instituição de escolas técnicas e profissionais que aumentem a capacidade produtiva dos operários e dos camponeses”²¹⁰⁴, a oposição às “nações plutocráticas” e, pormenor que não pode deixar de chamar a atenção, a defesa de relações amigáveis com os países do Oriente, incluindo “os governados pelos soviets”²¹⁰⁵. Além do mais, neste período Mussolini manteve no programa do fascismo a exigência de se “criar um movimento sindical e cooperativo”²¹⁰⁶ e pugnou pela “intensificação da luta contra o analfabetismo, construindo escolas e estradas de acesso”²¹⁰⁷, para além de oferecer bolsas de estudo aos estudantes necessitados.

Convém paralelamente não esquecer que, apesar das cautelas do chefe dos *fasci* neste período, os outros ideólogos socialistas do fascismo, de Olivetti a Panunzio, sem esquecer Spirito, Malaparte, Ricci, Rocca ou Carli, entre outros, em momento algum renegaram o carácter socialista do fascismo. O próprio Mussolini multiplicava-se neste período em malabarismos retóricos para contornar o problema doutrinário, desculpando-se até com a ideia de que “não sabemos com precisão o que é hoje o socialismo; isto é, se é uma prática parlamentar ou um ideal; um método ou um mito; um programa ou uma fé”²¹⁰⁸. Questionou-se inclusivamente se “existirá ainda alguém no vasto mundo que saiba dizer o que é o socialismo?”²¹⁰⁹, e chegou mesmo ao ponto de falar no “surgir do comunismo como movimento, não apenas anticapitalístico, mas também antissocialista”²¹¹⁰, exatamente como o fascismo.

Ou seja, o socialismo espreitava por debaixo de uma retórica que, a partir da crise desencadeada pelo pacto de pacificação e a consequente constatação de que a ala nacionalista assumira predominância sobre a ala socialista do fascismo, o chefe do PNF se esforçava por encobrir. Os dirigentes socialistas

²¹⁰⁴ Benito Mussolini, “Le linee programmatiche del partito fascista - Chiarimenti”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de outubro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.177.

²¹⁰⁵ *Idem*, p.178.

²¹⁰⁶ Benito Mussolini, “Verso il partito – La paura dei nomi”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de outubro de 1921, *ibidem*, p.181.

²¹⁰⁷ Benito Mussolini, “Programma e statuti del Partito Nazionale Fascista”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de dezembro de 1921, *ibidem*, p.338.

²¹⁰⁸ Benito Mussolini, “Il libro bianco”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de novembro de 1921, *ibidem*, p.278.

²¹⁰⁹ Benito Mussolini, “Il processo di Mosca”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de junho de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.249.

²¹¹⁰ Benito Mussolini, “La galleria dei redentori – La ‘loro’ tragedia”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de dezembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.314.

fascistas perceberam que tinham de ter a maior das cautelas, considerando as origens não socialistas de uma importante parte da base do seu partido. Isso mesmo acabou por ser admitido em público pelo próprio Mussolini quando alertou para a “possibilidade de os esquadristas poderem a um dado momento impor a sua vontade aos dirigentes políticos do fascismo”, sendo que “este perigo sempre foi claro aos olhos dos dirigentes.”²¹¹¹

Por isso mesmo, as proclamações socialistas do fascismo passaram nesta segunda fase a ser feitas de forma camuflada. Por exemplo, ao falar sobre o programa do partido que acabara de fundar, Mussolini disse que “o fascismo está destinado a representar na história da política italiana uma síntese entre as teses indestrutíveis da economia liberal e a nova força do mundo operário”²¹¹², esclarecendo que “aceitamos o liberalismo na economia, mas rejeitamo-lo na política”²¹¹³, até porque, conforme disse insistentemente, o fascismo “levará ao cemitério as últimas relações da democracia e do liberalismo”²¹¹⁴. Era, no fundo, o reiterar de uma velha posição, embora com uma formulação retórica mais aceitável para a ala nacionalista e conservadora do fascismo agrário. A dita “economia liberal” não passava da economia de mercado, que os fascistas, tal como os sociais-democratas, sempre propugnaram, e “a nova força do mundo operário” uma forma encoberta de enunciar o seu socialismo nacionalista e produtivista.

A camuflagem do socialismo no fascismo não se devia apenas a razões internas ao partido, mas servia igualmente um propósito externo. “O fascismo não deve permanecer na montanha, mas descer à planície da realidade”²¹¹⁵, defendeu Mussolini sibilamente, sublinhando que “não podemos excluir a eventualidade de uma participação dos fascistas no poder do Estado. É preciso afirmar que se amanhã tal for necessário para os fins supremos da nação, os socialistas não hesitarão a dar os seus homens ao governo do Estado”²¹¹⁶. Ou seja, queriam subir ao poder. Acontece que a

²¹¹¹ Benito Mussolini, “L’indirizzo politico del Partito Nazionale Fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de abril de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.139.

²¹¹² Benito Mussolini, “Punti fermi”, *Il Popolo d’Italia*, 4 de novembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.207.

²¹¹³ Benito Mussolini, “Popolo”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de novembro de 1921, *idem*, p.209.

²¹¹⁴ Benito Mussolini, “Collaborazione”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de junho de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.231.

²¹¹⁵ Benito Mussolini, “L’indirizzo politico del Partito Nazionale Fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de abril de 1922, *idem*, p.141.

²¹¹⁶ *Ibidem*, p.140.

imagem de revolucionários socialistas não era propriamente o melhor cartão de visita para o regime liberal, sobretudo à luz da tragédia em que se transformara a revolução bolchevique com a sua litania de fuzilamentos em massa, repressão generalizada e fome, o que significava que “falar de socialismo ou de comunismo depois do que aconteceu na Rússia é agora coisa enormemente difícil.”²¹¹⁷

Para forçar a entrada no governo, os fascistas recorreram a um misto de negociações discretas e ações de rua. Mussolini estava determinado a tomar o poder e, sentindo a impaciência do regime liberal com a eternização da violência nas ruas, percebeu que teria de demonstrar a todos que só haveria real pacificação no país se os *fasci* fossem aceites numa qualquer solução governativa. Os outros partidos não queriam os fascistas no governo, considerando-os perigosos subversivos, pelo que havia que os ameaçar com uma guerra civil. Os distúrbios recomeçaram no centro e norte de Itália e na Puglia, incluindo greves dos sindicatos fascistas. Sob o comando do *ras* Roberto Farinacci, os esquadristas dos *fasci* ocuparam várias cidades, retaliando duramente sempre que um fascista era morto. Começaram então a falar abertamente numa marcha revolucionária sobre Roma. Os comunistas, até aí revolucionários violentos, confrontavam-se permanentemente com opositores ainda mais violentos e batiam em retirada.

Alarmados, os socialistas radicalizaram as suas posições e anunciaram que não apoiariam nenhum governo que não fosse ostensivamente antifascista, o que constituiu um erro pois excluiu-os automaticamente de qualquer solução. Os socialistas oficiais exigiam que o Estado liberal os defendesse dos fascistas, uma ironia pois eles mesmos tinham ainda dois anos antes usado a violência para tentar derrubar o mesmo Estado ao qual agora suplicavam por proteção contra a violência. “O vosso pensamento secreto é este: valerem-se dos meios, das forças armadas que o governo tem à sua disposição, para bater o movimento fascista”²¹¹⁸, acusou Mussolini.

Os sindicatos socialistas declararam então uma greve geral, designada “greve legalitária”. Os socialistas oficiais pretendiam que o Estado liberal adotasse ações contra os fascistas, mas nada correu como o previsto. A começar pela pronta reação dos fascistas. “Damos quarenta e oito horas ao Estado para dar prova da sua autoridade”, declarou o PNF, anunciando que

²¹¹⁷ Benito Mussolini, “La Bisanzio pussista”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de junho de 1922, *ibidem*, p.240.

²¹¹⁸ Benito Mussolini, “La mozione Celli”, *Atti del Parlamento Italiano*, 17 de fevereiro de 1922, *ibidem*, p.56.

“passado esse prazo, o fascismo reivindicará plena liberdade de ação e substituir-se-á ao Estado, que mais uma vez terá demonstrado a sua impotência”²¹¹⁹. O ultimato apanhou de surpresa os socialistas e o próprio governo. “No verão de 1922, quando Mussolini anunciou ao país que o fascismo estava pronto para a conquista do Estado, o governo, num esforço supremo, tentou impedir a insurreição, romper o assédio fascista com a sublevação dos operários e dos camponeses”²¹²⁰, descreveu o fascista Curzio Malaparte. “Era o que se chamava a ‘greve legalitária’, a última batalha que os defensores da liberdade, da democracia, da legalidade e do Estado faziam aos camisas negras nas vésperas da insurreição, a greve contrarrevolucionária. O governo e a burguesia liberal e reacionária, desencadeando contra os fascistas a contrarrevolução dos trabalhadores, esperavam quebrar o ímpeto insurrecional dos camisas negras, desviar do Estado, ainda por algum tempo mais, o perigo da conquista revolucionária. Mas enquanto as *équipes* fascistas de técnicos e de operários especializados substituíam os grevistas nos serviços públicos, a terrível violência dos camisas negras esmagava em vinte e quatro horas o exército de defensores do Estado, unidos sob as bandeiras vermelhas da Confederação Geral do Trabalho.”²¹²¹

A greve legalitária revelou-se um erro colossal, pois teve um efeito totalmente contraproducente para os socialistas e descredibilizou o regime liberal. O fascismo estava nessa altura em acelerada perda de popularidade, para desespero de Mussolini que não conseguia ter mão nas *squadre* e nas suas ações de violência gratuita que alienavam a população, mas a iniciativa dos socialistas oficiais e a inação do Estado perante a greve geral tudo mudou de um dia para o outro. Ao decretarem a paralisação, os socialistas oficiais e os seus sindicatos não estavam na verdade a punir o regime ou os fascistas, mas a própria população, pois era esta quem verdadeiramente sentia na pele os efeitos da paragem total dos serviços. Isto significou que, na prática, os socialistas travaram o afastamento da população urbana italiana em relação ao fascismo, pois ao serem confrontados com esta greve muitos italianos das classes média e baixa receram um regresso ao caos do *biennio rosso* e interrogaram-se se nessas circunstâncias poderiam mesmo prescindir dos

²¹¹⁹ Benito Mussolini, “Manifesto per la mobilitazione generale fascista contro lo sciopero antinazionale”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de agosto de 1922, *ibidem*, p.329.

²¹²⁰ Curzio Malaparte, *op. cit.*, 1994, p.225.

²¹²¹ *Idem*, p.225/226.

fascistas, a única força que se revelara realmente eficaz contra a subversão do socialismo oficial.

Os *fasci* aproveitaram bem a oportunidade que os socialistas oficiais lhes ofereceram de mão beijada. O PNF decretou uma mobilização das suas forças, comprometendo-se a substituir o Estado na missão de pôr fim ao caos e repor a ordem, assim impondo a normalidade desejada pela população. A violência “não vai ser usada contra as massas”, disseram os fascistas, mas unicamente “contra aqueles que com má-fé tentam lançar estas massas na ruína”²¹²². A verdade é que os italianos estavam fartos de greves e acolheram a intervenção fascista com alívio e de braços abertos. Vendo a reação da população, os sindicatos aperceberam-se do tremendo erro que haviam cometido e suspenderam apressadamente a greve geral, mas era tarde demais. Os fascistas saíram às ruas em massa e, substituindo-se aos grevistas, puseram-se até a conduzir os transportes públicos, o que lhes cimentou a popularidade entre a população cansada dos sucessivos e intermináveis conflitos laborais. “A nação e o fascismo derrotaram totalmente o bloco da subversão antinacional”, proclamou Mussolini quando os sindicatos recuaram, anunciando que “o socialismo político e politiqueiro foi irreparavelmente derrubado”²¹²³. O tempo encarregou-se de mostrar que esta análise estava correta.

Em boa verdade, não foi só a população em geral que se colocou do lado dos fascistas. Milhares e milhares de operários, insatisfeitos com a forma como os socialistas oficiais decretavam greves por motivos exclusivamente políticos, e sobretudo agastados com a ineficácia da estratégia socialista em conseguir-lhes boas condições laborais, transferiram-se de armas e bagagens para o fascismo. “O que assusta os arrivistas do socialismo é o sindicalismo fascista, que dia a dia se vai afirmando por toda a Itália e que sacode irreparavelmente o domínio dos vermelhos”²¹²⁴, gabou-se Mussolini. O alarme pela debandada de militantes generalizou-se no PSI, o que é atestado pelas comunicações internas do próprio partido.

A verdade é que os sindicatos fascistas, com as suas táticas de colaboração entre classes, mostravam-se mais eficazes a conseguir bons

²¹²² Benito Mussolini, “Ai fascisti romani”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de agosto de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.329.

²¹²³ Benito Mussolini, “Estrema follia”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de agosto de 1922, *idem*, p.329.

²¹²⁴ Benito Mussolini, “Il fascismo nell'agricultura”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de março de 1922, *ibidem*, p.131.

contratos de trabalho do que as táticas confrontacionais dos socialistas oficiais. “É idiota afirmar que sindicalismo fascista e sindicalismo subversivo se assemelham”²¹²⁵, protestou Mussolini contra as equiparações que se faziam entre o sindicalismo fascista e o sindicalismo vermelho, insistindo que o sindicalismo dos *fasci* se distinguiu pelo seu produtivismo: “aumentando a produção, aumenta a quantidade dos bens disponíveis para o consumo: aumenta o bem-estar coletivo”²¹²⁶. O chefe dos *fasci* insistiu na mensagem de que “fazer hoje a luta de classes significa suicidar-se”²¹²⁷, pois um país pobre como a Itália precisava de produzir para gerar riqueza, e sublinhou que só o fascismo “assegura e garante condições humanas de existência – no sentido global e melhor da palavra – da massa trabalhadora”²¹²⁸, opinião que pelos vistos merecia a concordância de grande parte desta.

A verdade é que a população se mostrava profundamente irritada com a instabilidade comunista. Temendo sempre a repetição do caos de 1919-1920, cuja memória permanecia ainda bem viva, muitos italianos voltaram-se decididamente para os fascistas. Estes, no rescaldo da greve, lançaram-se numa nova campanha de represálias violentas, atacando com ferocidade e desmantelando as organizações vermelhas, represálias que contavam com enorme apoio popular. Os *fasci* eram de novo vistos como os únicos que faziam face aos subversivos e impediam o que parecia ser uma nova tentativa de bolchevização da Itália – o que, considerando as sucessivas notícias de caos, perseguições, grandes fomes e até canibalismo na Rússia, gerava receio entre a população italiana. Em suma, os fascistas voltaram a ser encarados como os salvadores.

Descredibilizados e na defensiva, comunistas e socialistas ficaram totalmente fora de combate. No campo de batalha só restavam duas forças: os *fasci* e o governo liberal. Mussolini percebeu-o de imediato. “Se a greve foi um aborto miserável, tal não se deve às medidas do governo”²¹²⁹, sublinhou o chefe dos *fasci*, mas “unicamente devido à ação do

²¹²⁵ Benito Mussolini, “Sindacalismo”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de setembro de 1922, *ibidem*, p.385.

²¹²⁶ *Ibidem*, p.386.

²¹²⁷ Benito Mussolini, “La fiumiana”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de agosto de 1922, *ibidem*, p.375.

²¹²⁸ Benito Mussolini, “Timori infundati”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de agosto de 1922, *ibidem*, p.373.

²¹²⁹ Benito Mussolini, “Basta colla viltà”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de agosto de 1922, *ibidem*, p.332.

fascismo”²¹³⁰. Preparando-se para a batalha, avisou que vinha aí “o fim do cobarde Estado liberal”²¹³¹ e pela primeira vez mencionou a possibilidade de um “golpe de Estado”²¹³². O seu discurso tornou-se ameaçador para o regime. “O fascismo não é revolucionário insurrecional”, avisou sem subtilezas, “mas pode sê-lo por necessidade”²¹³³. Vinha aí a “grande batalha futura.”²¹³⁴

Ao regime liberal tornava-se crescentemente claro que, considerando estas ameaças e o súbito disparar da popularidade dos fascistas, não só não havia nesse momento crucial qualquer margem política para os reprimir como não era sequer possível governar contra o fascismo. Estava criada a oportunidade havia muito desejada por Mussolini e pelos seus homens. Pela sua anterior experiência de dirigente do PSI, o chefe dos *fasci* sabia que os liberais tinham a tática de, quando sob pressão, trazer os socialistas oficiais para a área do poder com o intuito de lhes acalmar as excitações e neutralizar a veia revolucionária, um processo conhecido em Itália por *trasformismo*, ou transformismo – ou seja, a transformação dos movimentos anti-sistema em movimentos do sistema, o que naquele caso queria dizer a transformação dos socialistas revolucionários em socialistas moderados e cooperantes. Se fossem devidamente pressionados nas ruas, o que impediria o regime de fazer o mesmo com os fascistas?

Se o acesso dos fascistas ao poder fosse realmente proposto, raciocinou o chefe fascista, tal requereria uma mudança profunda no seu movimento. “O fascismo é um movimento de restauração da autoridade do Estado ou de subversão dessa mesma autoridade?”, questionou-se num texto crucial, ainda preocupado com a indisciplina que pusera em causa a sua autoridade durante a polémica do pacto de pacificação. “É ordem ou desordem?”²¹³⁵ A resposta foi clara. “A antítese entre Estado italiano e fascismo é profunda e irreparável”, pelo que “o fascismo não pode, não deve ser considerado um

²¹³⁰ Benito Mussolini, “Ai fascisti romani”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de agosto de 1922, *ibidem*, p.330.

²¹³¹ Benito Mussolini, “Bisogno essere in due”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de agosto de 1922, *ibidem*, p.344.

²¹³² Benito Mussolini, “Il fascismo ed il Mezzogiorno d'Italia”, *Il Mattino*, 12-13 de agosto de 1922, *ibidem*, p.349.

²¹³³ Benito Mussolini, “Commento”, *Il Popolo d'Italia*, 10 de agosto de 1922, *ibidem*, p.346.

²¹³⁴ Benito Mussolini, “Il manifesto della smobilitazione fascista”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de agosto de 1922, *ibidem*, p.342.

²¹³⁵ Benito Mussolini, “Stato, antistato e fascismo”, *Gerarchia*, 25 de junho de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.39.

defensor perpétuo e gratuito da ordem atual”²¹³⁶, uma vez que o liberalismo é “o método do Século XIX”²¹³⁷. Por outras palavras, o Estado liberal estava ultrapassado e tinha de ser derrubado para se erguer um Estado Novo. Vinha aí o Estado fascista.

Isso não implicava que um compromisso tático fosse impossível, até porque para derrubar o Estado liberal seria primeiro preciso conquistá-lo. Um tal objetivo era servido pelas violências de rua, que estavam de facto a desgastar e a desautorizar o regime, e pela greve legalitária decretada pelos socialistas oficiais, que dsecredibilizou o regime e fez a população voltar-se para os fascistas. Como Mussolini previra, perante as novas circunstâncias os liberais começaram mesmo a considerar a possibilidade de sujeitar os fascistas ao *trasformismo*, o que implicava entregar-lhes responsabilidades governativas que lhes dessem noção da realidade e assim lhes acalmassem os fervores revolucionários. À cabeça desta estratégia estava o velho político liberal, Giovanni Giolitti, que se convencera já da inevitabilidade de trazer os fascistas para a área do poder, acreditando porém que os poderia manter domados em posições de subordinação.

O chefe fascista, pelo seu lado, estava perfeitamente consciente de que o preço exigido ao fascismo para ascender aos círculos do poder seria o de entrar no sistema vigente. “No fundo, de que coisa sofreu a vida italiana nos anos passados? Sofreu o fenómeno do *trasformismo*”, notou Mussolini em pleno Senado italiano, sublinhando que sob esse processo “ninguém tinha a coragem de ser o que devia ser. Eram os burgueses que se davam ares socialístóides, eram os socialistas que se aburguesavam até à medula. Toda a atmosfera era uma atmosfera de meias tintas, de incerteza”²¹³⁸. Isso era algo que os fascistas diziam que não iriam fazer.

A realidade, no entanto, impôs-se. Se queria ascender ao poder, e queria, o fascismo teria mesmo de se submeter ao *trasformismo*. Isso implicava meter o seu republicanismo na gaveta e reconhecer a monarquia, o que requeria uma pirueta doutrinária, e esquecer o seu ateísmo e aceitar o catolicismo, outra pirueta doutrinária. Ou seja, teria de ir de compromisso em compromisso para aceitar o *trasformismo* que lhe abria as portas de Roma, pois a monarquia, que controlava o exército, e a Igreja, que controlava a vida espiritual da nação, eram absolutamente cruciais. “A religião no

²¹³⁶ *Idem*, p.42.

²¹³⁷ Benito Mussolini, “Forza e consenso”, *Gerarchia*, março de 1923, *ibidem*, p.52.

²¹³⁸ Benito Mussolini, “I primi mesi di governo”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 8 de junho de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIX, 1956, p.261.

fascismo é verdadeiramente um assunto privado”, afirmou Mussolini, e “cada um é livre de crer ou não crer em Deus”²¹³⁹. Tratavam-se de sinais enviados na direção de um Vaticano que não queria de modo alguma uma revolução em Itália igual àquela na Rússia onde os religiosos eram fuzilados em massa, como acontecia no polígono de tiro de Butovo e noutros sítios, e onde as igrejas eram saqueadas e destruídas.

Mas isso por si não chegava para que os fascistas fossem aceites pelo regime. O movimento teria também de travar o esquadrismo, parar a violência e normalizar a situação, algo que não seria fácil de alcançar considerando o facto de as *squadre* estarem quase em roda livre. “É preciso ter a coragem de afirmar que alguns episódios de violência fascista, provocados por iniciativas de indivíduos descontrolados, são estúpidos e consequentemente danosos para a causa”²¹⁴⁰, avisou o chefe dos *fasci*. Ora “o fascismo quer o poder e tê-lo-á”²¹⁴¹, e para isso teria de mudar, o que implicava que, quer as *squadre* quisessem ou não, “o fascismo, depois de ser combate”, teria de ser “equilíbrio”²¹⁴². Antes de chegar aí, contudo, era necessária uma última e decisiva convulsão revolucionária.

Esse passo foi dado em outubro de 1922. Aproveitando a dinâmica da greve geral fracassada e do medo de uma revolução bolchevique em Itália, o movimento fascista percebeu que a conjuntura lhe era favorável, mas que esta era temporária; logo que o medo em relação aos comunistas se esbatesse, a janela de oportunidade fechar-se-ia, pois a população deixaria de ver os fascistas como os salvadores e procuraria as soluções tradicionais. Havia que atuar – e atuar rápido. Embora fosse imprescindível negociar com o regime, a negociação teria de partir de uma posição de força, e a força só podia vir das ruas e do medo do recurso ao “meio extralegal da insurreição.”²¹⁴³

²¹³⁹ Benito Mussolini, “Deviazione”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de setembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.129.

²¹⁴⁰ Benito Mussolini, “Ancora la disciplina”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de setembro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.399.

²¹⁴¹ Benito Mussolini, “La situazione”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de outubro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.125.

²¹⁴² Benito Mussolini, “Malafede”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de maio de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.119.

²¹⁴³ Benito Mussolini, “La situazione politica”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de agosto de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.352.

O fascismo declarou a revolta. “A hora da batalha decisiva soou”²¹⁴⁴, proclamou Mussolini, anunciado que “o fascismo desnuda a sua espada”²¹⁴⁵. Para tomar o poder, o fascismo recorreu a um dos gestos míticos do socialismo – a marcha revolucionária. Inspirando-se na marcha dos revolucionários franceses sobre a Bastilha, os fascistas iniciaram a marcha sobre Roma. Pelo caminho foram tomando cidades atrás de cidades, sendo que nuns casos eram aclamados pela população e noutros enfrentavam resistência. “Os camisas negras tinham ocupado de surpresa todos os pontos estratégicos da cidade e da província, ou seja os órgãos das organizações técnicas, os postos de combustíveis, as centrais elétricas, os correios, a central dos telefones e do telégrafo, as pontes, as estações ferroviárias”²¹⁴⁶, relatou Malaparte, descrevendo o processo revolucionário em Florença. “Fechado no edifício da edilidade, o presidente da Câmara não conseguia comunicar nem com o governo de Roma, nem com a autoridade da cidade e da província; as linhas telefônicas estavam cortadas e as metralhadoras fascistas, posicionadas nas casas das redondezas, tinham sob as suas miras todas as saídas do Palácio Riccardi”²¹⁴⁷. No final, os confrontos relacionados com a marcha sobre Roma fizeram um total de 22 mortos.

E Roma? Resistiria ela? “A democracia não desce ao campo (de batalha) para salvar o Estado, os princípios, a forma, a força, as tradições, o futuro do Estado democrático-liberal”²¹⁴⁸, constatou Mussolini, tomando consciência de que os democratas liberais não eram revolucionários, não tinham o gosto pela luta, na verdade não passavam de burgueses pançudos sem a menor vontade de ir para as barricadas defender o Estado liberal: “o Estado italiano, que leva o seu liberalismo ao ponto de dar toda a liberdade até àqueles que o querem demolir, dá-se ares de força mas na realidade avança inexoravelmente para a dissolução”²¹⁴⁹. Perante o avanço do fascismo, o chefe dos *fasci* sentiu que “uma emoção fria percorre as costas da

²¹⁴⁴ Benito Mussolini, “Primo proclama del quadrumvirato”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de outubro de 1922, *idem*, p.462.

²¹⁴⁵ *Ibidem*, p.463.

²¹⁴⁶ Curzio Malaparte, *op. cit.*, 1994, p.197.

²¹⁴⁷ *Idem*, p.198.

²¹⁴⁸ Benito Mussolini, “Fiera di ‘demos’”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de agosto de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.50.

²¹⁴⁹ Benito Mussolini, “Dal coltello al cerino”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de agosto de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.355.

democracia”²¹⁵⁰. Se fosse chamada à batalha, ela cairia. Mussolini “avaliava a situação como um marxista”²¹⁵¹, considerou Malaparte, que acompanhou a marcha sobre Roma, sublinhando que o chefe dos *fasci* tinha uma “sensibilidade moderna” e uma “inteligência marxista.”²¹⁵²

Os acontecimentos seguintes deram razão aos revolucionários fascistas. “Para grande surpresa da burguesia reacionária e liberal, que julgava esgotada a tarefa do fascismo, e para grande alegria dos operários e dos camponeses, os camisas negras, depois de terem dissolvido com violência as organizações republicanas e católicas, puseram-se a trabalhar contra os liberais, os democratas, os maçons, os conservadores e toda a espécie de burgueses bem-pensantes”, observou Malaparte. “A luta contra a burguesia era muito mais popular, entre os fascistas, do que a luta contra o proletariado. As tropas de assalto de Mussolini eram formadas em grande parte por operários, por pequenos artesãos e por camponeses. E depois a luta contra a burguesia era já a luta contra o governo, contra o Estado. Aqueles mesmos liberais, aqueles mesmos democratas, aqueles mesmos conservadores que se apressaram a chamar os fascistas para fazerem parte do bloco nacional, a colocar Mussolini no panteão dos ‘salvadores da pátria’ (...) não conseguiam perceber que o objetivo de Mussolini não era salvar a Itália segundo a tradição oficial, mas apoderar-se do Estado. (...) Nada era menos legal e aceitável para a burguesia liberal e reacionária do que aquela violência fascista tão calorosamente aplaudida quando exercitada contra as organizações do proletariado. Quem teria imaginado que Mussolini, tão bom patriota quando conduzia a luta contra os comunistas, os socialistas e os republicanos, se tornaria de um dia para o outro um homem perigoso, um ambicioso sem preconceitos burgueses, um catilinário decidido a tomar o poder até contra o rei e contra o parlamento?” O escritor fascista descreveu o fascismo como “aquela espécie de ‘bolchevismo nacionalista’”²¹⁵³ que se afigurava “muitíssimo mais perigoso do que o bolchevismo à russa do qual a burguesia podia agora dizer que não temia.”²¹⁵⁴

Colocado perante a marcha revolucionária dos fascistas, o regime tinha de tomar uma decisão. O que fazer? Em vez de enfrentar os esquadrões, e

²¹⁵⁰ Benito Mussolini, “Fiera di ‘demos’”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de agosto de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.51.

²¹⁵¹ Curzio Malaparte, *op. cit.*, 1994, p.219.

²¹⁵² *Idem*, p.220.

²¹⁵³ *Ibidem*, p.223.

²¹⁵⁴ *Ibidem*, p.223/224.

descansado pelas posições da liderança *fasci* de que a economia de mercado era para manter, o governo liberal decidiu-se enfim a apaziguar os fascistas. “Dar-lhes-ei dois ou três ministérios”, explicou Giolitti numa carta a um amigo, e “daqui a pouco tempo o movimento estará esvaziado do seu ímpeto revolucionário e a crise resolvida”²¹⁵⁵. Na perspectiva do regime liberal, os fascistas seriam amansados pelo liberalismo como no passado os socialistas oficiais da velha guarda já o haviam sido, pois as duras realidades da governação se encarregariam de desfazer as ilusões dos tempos da oposição. O presidente do Conselho, Luigi Facta, ofereceu então a entrada dos fascistas no executivo. A velha tática do *trasformismo* entrara em ação. Mas os revolucionários fascistas queriam mais. Uns lugarzinhos no governo não chegavam. Queriam, sem tirar nem pôr, a própria chefia do governo. Ora isso o executivo não estava disposto a dar-lhes. A marcha prosseguiu em direção a Roma.

O governo entrou em pânico e quis decretar o estado de sítio. Percebendo que enfrentar um exército regular era diferente de lidar com as milícias vermelhas, pois o exército derrotaria as *squadre*, Mussolini sabia que, em última instância, o acesso do fascismo ao poder não se faria nas ruas, mas pela via política. Em conformidade, multiplicou-se em contactos nos bastidores, dando garantias de normalização se o poder lhe fosse entregue. Estabeleceu até contactos indiretos com a Casa Real, que controlava o exército, assegurando que a monarquia não estaria em causa se o fascismo ascendesse ao poder; mais do que isso, o fascismo associaria o seu destino ao do rei. Até para a Igreja o ateu Mussolini lançou sinais conciliatórios, ciente de que o ataque dos bolcheviques ao cristianismo na Rússia deixara o Vaticano nervoso quanto a movimentos revolucionários em Itália. Era a cenoura acenada em múltiplas direções enquanto os esquadrões batiam com o bastão.

O rei desconfiava de Mussolini e, num primeiro momento, inclinou-se para a declaração do estado de sítio, com a consequente intervenção do exército para travar a marcha sobre Roma. Os esquadristas, decidiu, não podiam entrar na capital. A própria ala conservadora do fascismo, que temia o socialismo de Mussolini e dos fundadores dos *fasci*, tentou negociar a entrega do poder aos rivais nacionalistas, mas o chefe do movimento fascista manteve-se intransigente na ideia de que chegara a hora de o fascismo assumir a chefia do governo. Preocupado com a possibilidade de o país

²¹⁵⁵ Frederico Chabod, *História do Fascismo Italiano*, Arcádia, Lisboa, s/d, p.98.

mergulhar numa guerra civil e acreditando também que os fascistas poderiam ser domesticados uma vez no poder, o rei mudou subitamente de opinião e recusou-se a assinar o decreto do estado de sítio, mantendo assim o exército fora da contenda.

A braços com uma insurreição e sem poder meter o exército nas ruas, o governo liberal caiu. O monarca, que partilhava com os fascistas o amor à pátria, o gosto da camaradagem e o desejo de resolver os problemas sociais, chamou então Mussolini e entregou-lhe a governação. “Com a sua tática revolucionária, aplicada sistematicamente ao longo de três anos de luta sangrenta, o fascismo já se tinha apoderado do Estado antes da entrada dos camisas negras na capital”²¹⁵⁶, observou Malaparte, para concluir, referindo-se ao chefe dos *fasci*, que “era enquanto marxista que ele avaliou a força do proletariado e a sua tarefa na situação revolucionária de 1920, era enquanto marxista que ele chegou à conclusão de que, antes de tudo, era necessário quebrar as organizações sindicais dos trabalhadores.”²¹⁵⁷

Foi isso, e a forma como soube fazer compromissos com o regime liberal, que deu a vitória ao líder fascista. “Vim a Roma para dar um governo à nação”²¹⁵⁸, anunciou Mussolini, escolhendo este momento para proclamar o triunfo do socialismo fascista sobre o socialismo tradicional: “resolvemos os problemas que o socialismo enunciou e não soube resolver”²¹⁵⁹. Na hora da vitória, o socialismo era pois invocado como referência. Os socialistas heréticos do *fascio* tinham logrado fazer a revolução que os socialistas ortodoxos sempre disseram querer fazer mas que nunca tiveram realmente coragem de levar a cabo em Itália: tomaram o poder. A marcha revolucionária triunfara, os fascistas conquistaram a Bastilha de Roma.

O fascismo chega ao poder

A chegada dos *fasci* à chefia do governo não trouxe um corte radical imediato com o regime, à maneira da revolução francesa ou da revolução russa. A verdade é que os fascistas só conseguiram aceder ao poder devido às garantias que tiveram de dar em privado aos múltiplos poderes, tendo concordado em governar em aliança com outros partidos e condicionados

²¹⁵⁶ Curzio Malaparte, *op. cit.*, 1994, p.228.

²¹⁵⁷ *Idem*, p.220.

²¹⁵⁸ Benito Mussolini, “Al popolo di Roma”, *Il Giornale d'Italia*, 31 de outubro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.471.

²¹⁵⁹ Benito Mussolini, “Il programma di Mussolini”, *La Stampa*, 30-31 de outubro de 1922, *idem*, p.465.

pelos poderes dos conservadores, dos liberais, dos católicos e da grande indústria. Do seu primeiro governo de treze ministros, apenas três eram fascistas. “Podia aparafusar o parlamento e constituir um governo exclusivamente de fascistas”, disse Mussolini perante o próprio parlamento, para concluir: “podia: mas não o quis, pelo menos neste primeiro tempo.”²¹⁶⁰

A verdade é que, apesar destas palavras, de facto o chefe dos fascistas não pudera fazer o que queria. O *trasformismo*, que no passado tão bons resultados trouxera para adormecer as excitações revolucionárias dos socialistas oficiais, parecia funcionar mais uma vez. Mais, apesar de ser um republicano convicto, tendo declarado que “o fascismo é tendencialmente republicano”²¹⁶¹ e que “o nosso símbolo não é o escudo de Savoia”²¹⁶², Mussolini submeteu-se à autoridade suprema do monarca e declarou-se um “servidor escrupuloso e leal do rei”, que enalteceu como um “sábio”²¹⁶³. Chegou até a descrever a monarquia como “o símbolo sacro glorioso, tradicional, milenário da pátria.”²¹⁶⁴

A alma socialista dos fundadores do fascismo, contudo, permanecia sempre à flor da pele. É certo que, a partir do momento em que subiu ao poder, o discurso de Mussolini perdeu grande parte da sua carga ideológica, sem dúvida devido aos problemas de governação de que se passou a ocupar em permanência. Os seus textos tornaram-se mais raros, pois seguramente deixara de ter tempo livre para os escrever, e os que escrevia passaram a estar carregados de análises geoestratégicas envolvendo as relações internacionais, de apelos à união da pátria e ao apoio ao fascismo, e de considerações de natureza política, mas sem a forte carga ideológica que os marcara até aí.

A ideologia, porém, permaneceu, aliando o enaltecer da pátria e dos que combateram na Grande Guerra às mensagens destinadas aos trabalhadores. Tanto era assim que logo que formou governo, o agora *Duce* multiplicou-se

²¹⁶⁰ Benito Mussolini, “Il primo discorso presidenziale alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 16 de novembro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIX, 1956, p.17.

²¹⁶¹ Benito Mussolini, “Monarchia e repubblica”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de outubro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.13.

²¹⁶² Benito Mussolini, “Parole chiare alle reclute”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de maio de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.122.

²¹⁶³ Benito Mussolini, “Discorso del 6 giugno 1925 Discorso alla Camera”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

²¹⁶⁴ Benito Mussolini, “Il primo anniversario della marcia su Roma”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.54.

em juras de amor ao operariado. “Eu venho do proletariado”²¹⁶⁵, proclamou no parlamento, indo a seguir ao Senado afirmar que “não se pode ser uma nação unida, tranquila e de concórdia se os nossos vinte ou trinta milhões de operários forem condenados a condições de vida miseráveis, insuficientes.”²¹⁶⁶

Descreveu a Itália como uma “nação proletária”²¹⁶⁷ e foi às fábricas apresentar-se como chefe de “um governo que quer agir no interesse das classes trabalhadoras” e enfatizar que os operários eram a “alma da nação”²¹⁶⁸. Insistiu que “amo os operários” e sustentou que “é lógico e é justo e é legítimo que os trabalhadores se defendam para melhorarem as suas condições de vida”²¹⁶⁹. Fez também o elogio daqueles que “repartem e distribuem a riqueza”²¹⁷⁰ e defendeu a atividade sindical, dizendo que “o fenómeno sindicalista é insuprimível da vida social”²¹⁷¹, ao mesmo tempo que gabou o horário laboral decretado pelo seu governo para dizer que “o postulado das oito horas de trabalho, pelo qual se verteram rios de tinta e de conversa, é hoje lei do Estado fascista”²¹⁷². Convenhamos que não parecem palavras de um anti-socialista ideológico.

Não foi só na lei das oito horas que os fascistas se empenharam. Fiel ao projeto socialista da maior parte dos fundadores do fascismo, o agora *Duce* proclamou uma governação guiada por uma “linha política social”, enunciando logo a seguir outra medida fascista cara ao socialismo: “o decreto sobre os contratos coletivos é de uma enorme importância”²¹⁷³. E mais medidas ainda vieram de natureza abertamente socialista. “A Itália é a

²¹⁶⁵ Benito Mussolini, “Replica ai deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 17 de novembro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIX, 1956, p.25.

²¹⁶⁶ Benito Mussolini, “Replica ai senatori”, *Atti parlamentare della Camera dei senatori*, 27 de novembro de 1922, *idem*, p.47.

²¹⁶⁷ Benito Mussolini, “Al popolo di Venezia”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de junho de 1923, *ibidem*, p.234.

²¹⁶⁸ Benito Mussolini, “Ai metallurgici lombardi”, *Il Popolo d'Italia*, 5-7 de dezembro de 1922, *ibidem*, p.58.

²¹⁶⁹ Benito Mussolini, “Agli operai del Poligrafico”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de janeiro de 1923, *ibidem*, p.115

²¹⁷⁰ Benito Mussolini, ““Il governo farà il suo dovere””, *Il Popolo d'Italia*, 18 de fevereiro de 1923, *ibidem*, p.149.

²¹⁷¹ Benito Mussolini, “9ª riunione del Gran Consiglio del Fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de março de 1923, *ibidem*, p.173.

²¹⁷² Benito Mussolini, “Alla nuova sede dei mutilati”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de março de 1923, *ibidem*, p.168.

²¹⁷³ Benito Mussolini, “Quando la dittatura è necessaria, bisogna attuarla”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de novembro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1956, p.78.

primeira nação que já ratificou todas as convenções sociais de Washington”, declarou com indisfarçável orgulho, gabando-se de que o socialista francês “Albert Thomas, não sei se ainda é socialista e de que cor, veio a Roma noutro dia em nome da Organização Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações, para recomendar que o governo fascista continue a dar o exemplo em matéria de legislação social”²¹⁷⁴. O *Duce* via já o fascismo como o farol do socialismo. “Qual é o verdadeiro socialismo?”²¹⁷⁵, questionou então com gabarolice, insinuando assim que o verdadeiro socialismo era o praticado pelo socialismo fascista.

O discurso que Mussolini adotou logo que subiu ao poder marcou uma mudança na retórica ideologicamente anti-socialista instituída com o fracasso do pacto de pacificação. É certo que em público o *Duce* afirmou-se “convicto de que não há possibilidade de qualquer tipo de aliança entre fascistas e socialistas”²¹⁷⁶, mas a verdade é que nos bastidores lutou por oferecer dois cargos ministeriais aos socialistas, incluindo o ministério do Trabalho, como foi confirmado pelo próprio rei. Porém, os nacionalistas, que temiam o regresso em força do socialismo dos *fasci*, não o consentiram.

Foi graças ao *trasformismo* que o fascismo acabou a seu tempo por montar uma espécie de “geringonça” que, para além de parte do operariado e de um grupo de ideólogos socialistas revolucionários e anarquistas, envolveu a classe média e os setores liberais, nacionalistas e conservadores de Itália. É fundamental perceber que o fascismo, que começou por ser uma ideologia de ditadura socialista nacionalista e depois também um movimento político com essa ideologia, se viu transformado em Itália num partido e depois num regime. Foi justamente para se tornar regime que, apesar das resistências internas dos *ras* violentos e revolucionários e da ala nacionalista do esquadrismo, o fascismo teve de chegar a compromissos que fizeram dele uma geringonça. A velha tática corruptora do *trasformismo* parecia funcionar.

Os pósmarxistas do movimento fascista enredaram-se assim até ao pescoço numa complexa teia de compromissos, tantos externos ao movimento como internos. Os velhos fascistas, de extração socialista revolucionária, ruminavam que Mussolini se tornara prisioneiro da

²¹⁷⁴ Benito Mussolini, “Cinque anni dopo San Sepolcro”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de março de 1924, *idem*, p.209.

²¹⁷⁵ *Ibidem*, p.213.

²¹⁷⁶ Benito Mussolini, “Impossibilità di un'intesa tra socialisti e fascisti in Italia”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de dezembro de 1922, *ibidem*, p.61.

geringonça italiana, o que era verdadeiro, mas, conhecendo a sua natureza socialista revolucionária, raramente lhe faltaram ao apoio. O partido dividiu-se então numa guerra surda entre velhos e novos fascistas, entre revolucionários e situacionistas, entre idealistas e pragmáticos, entre sinceros e oportunistas. Surgiram dissidências, com fascismos revolucionários locais a marcarem as distâncias em relação ao socialismo oficial do *trasformismo*, como é o caso de Aurelio Padovani, o *ras* da Campania que se queixava em público das aberturas do fascismo à burguesia, à monarquia e ao nacionalismo puro e duro. No meio de tudo isto, a direção não tinha mão nem autoridade sobre as bases, o que criava permanentes riscos de fragmentação do fascismo.

O problema dos velhos fascistas, a ala idealista, urbana e socialista revolucionária do fascismo, era a deriva conservadora trazida pelos novos fascistas. Eles tinham porém uma garantia de que o projeto socialista do fascismo não morrera, apenas ficara congelado à espera de melhores dias: Mussolini. O chefe dos *fasci* tinha sido o dirigente mais carismático do socialismo italiano, e os velhos fascistas não duvidavam da sua natureza essencialmente socialista. Não se engavam. A quem o queria ouvir, Mussolini ia dizendo, sobre o socialismo, que o que era impossível nesse momento seria possível mais tarde. “Duas forças estão em jogo”, admitiu o *Duce* em 1922. “Uma é a força tradicional, a força conservadora” e “a outra é a força insurrecional e revolucionária”, sendo que “só com a conciliação e o equilíbrio destas duas forças podemos realizar a unidade da Pátria”²¹⁷⁷. A conciliação entre estas forças contraditórias realizava-se na geringonça que o fascismo se tinha tornado.

A nível interno, as bases mais nacionalistas ou conservadoras recusavam qualquer entendimento com os socialistas oficiais, enquanto os fascistas oriundos do socialismo mais revolucionário, em particular esquadristas como Carli e sobretudo Farinacci, o *ras* de Cremona, ficaram preocupados com tantos compromissos, receando que o movimento perdesse a sua chama revolucionária e fosse engolido pelo *trasformismo* do sistema liberal. Sentindo o desequilíbrio dentro do movimento, Mussolini teve de acalmar os críticos. “A revolução fascista”, explicou então, “procede por graus, passo a passo”²¹⁷⁸. Ou seja, o socialismo revolucionário do fascismo não tinha sido

²¹⁷⁷ Benito Mussolini, “Discorso del 20 settembre 1922 Discorso alla Camera”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

²¹⁷⁸ Benito Mussolini, “Tempo secondo”, *Gerarchia*, janeiro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.69.

esquecido, fora apenas momentaneamente colocado entre parênteses à espera da oportunidade certa.

Para legitimar as cedências que conduziram o fascismo à sua geringonça, o *Duce* tinha sempre à mão o exemplo do bolchevismo e fez questão de lembrar que “a passagem do sonho à realidade custou à Rússia milhões de mortos”²¹⁷⁹. Uma vez que o fascismo já tomara o poder, era preciso parar com a violência em Itália e, tal como os bolcheviques na Rússia, passar assim do sonho à realidade. Se Lenine e os bolcheviques se tinham aliado a uma ala do Partido Socialista Revolucionário para formar uma geringonça russa que lhes permitiu chegar ao poder, se Lenine havia tentado acordos com os grandes industriais e se com a NEP o chefe bolchevique se havia adaptado à realidade através dos compromissos que estabelecera com a burguesia para regressar à economia de mercado, Mussolini e os fascistas tinham igual legitimidade para seguir os mesmos passos de compromisso. Porque haveriam os bolcheviques de poderem fazer compromissos e os fascistas não?

Afigura-se aliás muito significativa a brusca mudança de discurso do fascismo em relação ao bolchevismo. Se até aí Mussolini sempre demonizara os comunistas russos, evidentemente como forma de criticar os seus rivais comunistas e socialistas italianos que elogiavam o regime de Moscovo, a partir do momento em que subiu ao poder o agora *Duce* alterou imediatamente a retórica. “No que diz respeito à Rússia, a Itália entende que chegou a hora de considerar na sua realidade atual as nossas relações com esse Estado, independentemente das suas condições internas, nas quais como governo não queremos entrar”, declarou no seu primeiro discurso como chefe do governo italiano, defendendo mesmo que “a Rússia seja convidada”²¹⁸⁰ a participar nas conferências internacionais como Estado de pleno direito.

Vemos pois aqui, sublinhe-se, o recém-constituído governo fascista a ir em socorro do regime bolchevique para quebrar o isolamento e ostracização internacional dos comunistas russos. Quase de um dia para o outro, Mussolini passava de uma permanente hostilização aberta dos comunistas russos à quase defesa do regime bolchevique. Igualmente importante, dois meses depois o Grande Conselho do Fascismo referiu-se à revolução fascista

²¹⁷⁹ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.429.

²¹⁸⁰ Benito Mussolini, “Il primo discorso presidenziale alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 16 de novembro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIX, 1956, p.21.

como a “revolução de outubro”²¹⁸¹. Mussolini explicou que isso se devia ao facto de que “a palavra tem uma tremenda magia”²¹⁸². E que magia era essa? Era a magia da revolução bolchevique, habitualmente designada revolução de outubro, e à qual pelos vistos o *Duce* fazia questão de associar semanticamente a revolução fascista.

Mesmo quando criticava o bolchevismo, o chefe dos *fasci* passou por vezes a fazê-lo com suavidade, quase paternalisticamente, sem a contundência de outros tempos, chegando ao ponto de nem sequer nomear diretamente os comunistas russos em certas ocasiões em que lhes tecia leves críticas. “Uma das grandes experiências históricas, que se desenrola perante os nossos olhos, está a demonstrar que todos os sistemas de economia associada, que prescindem da livre iniciativa, falham mais ou menos lamentavelmente a breve trecho”²¹⁸³, disse, numa referência velada à experiência russa pré-NEP, ao mesmo tempo que elogiava o bolchevismo por mostrar o caminho contra o liberalismo: “na Rússia e em Itália demonstrou-se que se pode governar fora, por cima e contra toda a ideologia liberal”²¹⁸⁴. Quase como se comunismo e fascismo fossem gémeos, irmãos no combate ao liberalismo e ao capitalismo.

Torna-se claro que, ao assumir o poder, os fascistas encaravam em muitos aspetos os bolcheviques como verdadeiros modelos. Na sua primeira intervenção no parlamento como chefe do governo italiano, por exemplo, Mussolini defendeu a “burguesia produtiva e as classes trabalhadoras”²¹⁸⁵, mas logo a seguir teve o cuidado de o fazer invocando os comunistas russos e a sua nova política económica, a NEP, que visava reconstituir na Rússia a economia de mercado e criar uma nova burguesia, os então designados homens-NEP. “Lenine, depois de a ter destruído fisicamente, está a tentar criar a burguesia dirigente e produtiva”²¹⁸⁶, sublinhou. Ou seja, os fascistas legitimavam as suas políticas com as políticas comunistas na Rússia.

²¹⁸¹ Benito Mussolini, “2ª riunione del Gran Consiglio del Fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de janeiro de 1923, *idem*, p.97.

²¹⁸² Benito Mussolini, “Cinque anni dopo San Sepolcro”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de março de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.207.

²¹⁸³ Benito Mussolini, “Le nuove direttive economiche”, *Il Popolo d'Italia*, 20 de março de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIX, 1956, p.182.

²¹⁸⁴ Benito Mussolini, “Forza e consenso”, *Gerarchia*, março de 1923, *idem*, p.195.

²¹⁸⁵ Benito Mussolini, “Il primo discorso presidenziale alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 16 de novembro de 1922, *ibidem*, p.21.

²¹⁸⁶ Benito Mussolini, “Replica ai deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 17 de novembro de 1922, *ibidem*, p.26.

As semelhanças entre os dois regimes eram aliás tantas que o socialista Arturo Labriola o notou em público, o que lhe valeu duras críticas dos seus camaradas socialistas. Curiosamente, e em vez de se demarcar da comparação com a revolução comunista russa, como seria de esperar se demonizasse o regime de Lenine e nada quisesse ter a ver com ele, Mussolini veio em socorro de Labriola e em pleno parlamento encorajou ativamente essa equiparação da revolução fascista à revolução bolchevique, dizendo ser “um facto que tanto uma quanto a outra tendem a superar todas as ideologias e num certo sentido as instituições liberais e democráticas que saíram da revolução francesa”²¹⁸⁷. Embora reconhecendo diferenças entre as duas revoluções, até porque os comunistas tinham morto muito mais gente na Rússia do que os fascistas em Itália, o chefe dos *fasci* declarou no parlamento: “vós que sois defensores do regime russo não tendes o direito de protestar contra um regime como o meu”²¹⁸⁸, dadas as evidentes analogias entre ambos. E porque insistia tanto o chefe do fascismo na semelhança entre o fascismo e o comunismo russo? Porque mesmo sem o assumir diretamente, e apesar dos constrangimentos que nessa altura lhe cerceavam os movimentos em Itália, “o puríssimo verbo do socialismo”²¹⁸⁹, como lhe chamou em pleno parlamento um mês depois de ter subido ao poder, permanecia claramente uma referência para si.

É bem verdade que os fascistas operavam em limites apertados pelas regras da geringonça da qual dependiam. Todos estamos habituados a ver Mussolini descrito como um ditador todo-poderoso, um tirano que punha e dispunha, com poder de vida e morte sobre cada pessoa sob o seu jugo. Um verdadeiro déspota onnipotente. Embora dois anos depois de assumir o poder se tivesse tornado ditador e o inquestionável homem-forte do país, como veremos, a imagem de alguém que punha e dispunha não corresponde todavia à realidade. Para começar, sendo um republicano genuíno, Mussolini teve de aceitar a monarquia. E aceitou-a em condições embaraçosas. Hitler, por exemplo, não escondeu o choque durante uma visita a Itália ao ser confrontado com o papel secundário do seu homólogo italiano nas cerimónias oficiais, conforme é recordado pelo seu ministro do Armamento, Albert Speer. “O *Duce* estava sempre em segundo plano”, relatou o *Führer*,

²¹⁸⁷ Benito Mussolini, “La riforma elettorale”, *Atti del Parlamento Italiano*, 15 de julho de 1923, *ibidem*, p.310.

²¹⁸⁸ *Ibidem*, p.315.

²¹⁸⁹ Benito Mussolini, “Replica ai deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 17 de novembro de 1922, *ibidem*, p.25.

citado por Speer. “Os melhores lugares em todos os jantares e nos palcos eram sempre ocupados por membros da família real”, acrescentou, e “o *Duce* era mantido à distância.”²¹⁹⁰

O socialista ateu Mussolini viu-se igualmente forçado a tolerar a Igreja Católica, tremendamente poderosa em Itália, e os grandes industriais da Confindustria, que odiava. Fê-lo sempre em nome da geringonça que o mantinha no poder. “Mussolini e o seu partido podiam operar apenas com liberdade limitada”, sublinhou o historiador James Gregor, salientando que as decisões políticas “eram frequentemente resultado de arbitragem e um ajustamento das reivindicações dos diferentes grupos de interesse”²¹⁹¹. “Com o passar dos anos”, registou por seu turno Renzo de Felice sobre os fascistas, “pode-se dizer que passaram de cedência em cedência, de compromisso em compromisso” assentes em “convergência de interesses mais ou menos momentâneos”²¹⁹², a começar pelo facto de que “a subida ao poder de Mussolini em outubro de 1922 foi fruto de um compromisso entre o fascismo e a classe dirigente tradicional”²¹⁹³. Nada de novo na política, e muito menos na forma como socialistas de todo o mundo se comportavam quando chegavam ao governo. “Uma vez no poder”, notou também Zeev Sternhell, “Mussolini foi forçado ao mesmo tipo de compromisso que os socialistas de todos os tempos se viram acusados.”²¹⁹⁴

Não é difícil imaginar que, nas reuniões com o rei, que controlava as forças armadas, o monarca lhe tivesse sucessivamente travado os ímpetus revolucionários socialistas. Há elementos desconstruídos sobre o tipo de relação existente entre o chefe de Estado e o chefe do governo, mas o próprio *Duce* confirmou que a coroa lhe cerceava os movimentos. “Mais do que incrível, é inconcebível que um rei a tudo tenha assistido passivamente, sem nenhum envolvimento da sua vontade e responsabilidade, contribuindo unicamente com a formalidade protocolar da sua assinatura”, escreveu com ironia sobre a tese de que durante os anos do fascismo o rei não sabia de nada, para enfatizar que o monarca se envolveu na governação “com manifestações não necessariamente inerentes ao exercício passivo da função

²¹⁹⁰ Albert Speer, *Inside the Third Reich – Memoirs*, Avon Books, Nova Iorque, 1971, p.160.

²¹⁹¹ James Gregor, *Interpretations of Fascism*, Transaction Publishers, New Brunswick, 2009, p.120.

²¹⁹² Renzo de Felice, *Mussolini, il fascista – La conquista del potere (1921-1925)*, Einaudi Editore, Turim, 1966, p.121.

²¹⁹³ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1975, p.38.

²¹⁹⁴ Zeev Sternhell, *op. cit.*, 2012, p.75/76.

soberana”²¹⁹⁵, havendo “uma absoluta co-responsabilidade do rei na política fascista”²¹⁹⁶. Ou seja, o rei de Itália não era propriamente uma figura decorativa como o rei de Inglaterra e não deixava o chefe do governo fazer tudo o que queria. “A monarquia transformou-se então num elemento moderador, um travão”²¹⁹⁷, observou o historiador Renzo de Felice. O que está implícito é que tudo o que o governo fascista fizera tivera o acordo do monarca, e muito do que não fizera, não o fizera porque o rei não deixara.

Foi assim que o fascismo abandonou a sua primeira fase abertamente socialista e entrou numa segunda fase, entre 1921 e 1929, em que por etapas impôs a sua presença na vida política do país e aceitou uma geringonça para ascender ao poder. Só que o *trasformismo*, que tão bons resultados dera com os socialistas liberais, não foi tão eficiente com este novo movimento revolucionário quanto os liberais esperavam. “Acreditavam poder educar o fascismo, corrigi-lo com a aplicação da lei, integrá-lo no jogo parlamentar”, observou Renzo de Felice, “e não se aperceberam que o fascismo nada tinha em comum com os velhos partidos e movimentos patrióticos e de ordem, nem mesmo com o velho subversismo pré-bélico”²¹⁹⁸. Os fascistas entendiam que não eram revolucionários de pacotilha, como os comunistas italianos, mas verdadeiros subversivos, como os comunistas russos.

Assim sendo, uma vez no governo os fascistas começaram a desmantelar o Estado democrático liberal. Usando a convicção dos próprios democratas italianos de que o sistema de representação proporcional era uma das causas dos problemas do país, pois impedia a formação de maiorias estáveis, o governo fascista alterou a lei eleitoral de modo a estabelecer as bases que conduziriam à ditadura. A obra de recuperação económica “não pode ser interrompida por novas infecundas e intensas lutas de facções”²¹⁹⁹, alegou o Grande Conselho do Fascismo, tendo o governo proposto a substituição do sistema proporcional por um sistema eleitoral à inglesa, em que o vencedor

²¹⁹⁵ Benito Mussolini, “Per quale dei due re giuraste?”, 6 de outubro de 1943, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.122.

²¹⁹⁶ Benito Mussolini, “Dell’ospitalità regale”, 11 de novembro de 1943, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1984, p.29.

²¹⁹⁷ Renzo de Felice, *op. cit.*, 2002, p.65.

²¹⁹⁸ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1966, p.41.

²¹⁹⁹ Benito Mussolini, “12ª riunione del Gran Consiglio del Fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de abril de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIX, 1956, p.208.

de um círculo elege-se toda a sua lista, o que permitiria “assegurar uma maioria parlamentar que permita a estabilidade governativa.”²²⁰⁰

Quem pensar que os fascistas usavam assim de subterfúgios para esconder as suas verdadeiras intenções, no entanto, não poderá estar mais longe da verdade. A maior parte dos fundadores do fascismo eram homens de extração marxista, incluindo Mussolini, e mantinham uma forte desconfiança em relação à democracia liberal. O que lhes interessava era instituir uma ditadura, sendo que, à maneira marxista soreliana que também guiava o leninismo, a entendiam como uma ditadura guiada por uma vanguarda ao serviço do povo. E não se escondiam por detrás de subterfúgios. Assim, e ao mesmo tempo em que se propunha a alteração da lei eleitoral, o Grande Conselho do Fascismo tornava claro em público que “o Estado” teria de ser “integralmente fascista”, com “a sucessão pela classe dirigente fascista da classe dirigente de ontem”²²⁰¹. Pouco depois, Mussolini foi ainda mais explícito. “Quando a ditadura é necessária, há que pô-la em prática”²²⁰², declarou neste período em que o fascismo governava ainda num quadro de democracia liberal, até porque “uma ditadura inteligente pode durar muito.”²²⁰³

Para conseguir a tomada plena do poder, os fascistas tiveram primeiro de garantir a passividade do rei, das forças armadas e da Igreja Católica. Não lhes seria, porém, possível conseguir um feito destes se dessem a imagem de socialistas radicais. “O fascismo”, disse Mussolini, “depois de ter exercitado os músculos tem de exercitar o cérebro”²²⁰⁴. Viu-se por isso forçado a temperar a retórica socialista e revolucionária no seu discurso, a anulá-la até e a dar mostras, não de extremismo, mas de moderação. Multiplicou-se em sinais na direção dos três poderes não socialistas que precisava de neutralizar. Para consumo do rei, declarou que “a monarquia é o símbolo sacro, glorioso, tradicional, milenário da pátria”²²⁰⁵; em relação às forças

²²⁰⁰ Benito Mussolini, “36ª riunione del Consiglio dei Ministri”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de junho de 1923, *idem*, p.240.

²²⁰¹ Benito Mussolini, “26ª riunione del Gran Consiglio del Fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de julho de 1923, *ibidem*, p.334.

²²⁰² Benito Mussolini, “Quando la dittatura è necessaria, bisogna attuarla”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de novembro de 1923, *op. cit.*, XX, 1956, p.79.

²²⁰³ *Idem*, p.80.

²²⁰⁴ Benito Mussolini, “Fatto compiuto”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de agosto de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.31.

²²⁰⁵ Benito Mussolini, “Il primo anniversario della marcia su Roma”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de outubro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.61.

armadas, afirmou “um maior respeito e a devoção mais profunda ao Exército”²²⁰⁶; e, quanto à Igreja, disse ser “um outro dos pilares da sociedade nacional.”²²⁰⁷

Entrou-se assim no processo chamado de “normalização”²²⁰⁸ do país. No seu primeiro discurso enquanto chefe do governo, Mussolini anunciou que estava disposto a atuar contra o “ilegalismo fascista”²²⁰⁹, evidentemente o esquadrismo. O problema, como ele próprio reconheceu, era que “não é fácil passar de um modo insurrecional para uma situação legalizada”²²¹⁰. Mas havia que o fazer. O *Duce* reconheceu que “fiz a apologia da violência durante toda a minha vida; fazia-o já quando era chefe do socialismo italiano”²²¹¹ porque “queria testar a capacidade de combate dessa entidade mítica, intangível que se chamava proletariado italiano”, mas “sempre fiz a distinção entre violência e violência”, pois “a violência ao serviço dos interesses pessoais não é fascismo”²²¹². O fascista Edoardo Malusardi apelou a que se “aplique inflexivelmente o império da lei”²²¹³ e Mussolini concordou. Após avisar que “o ilegalismo, mesmo que seja fascista, não só não é tolerado como será duramente punido” e que “a espada repressiva cai sobre os fascistas como sobre todos os que violam a lei”²²¹⁴, sublinhou que era preciso acabar com “o problema muito grave do esquadrismo”²²¹⁵ e “fazer do fascismo um ponto de união e conciliação nacionais.”²²¹⁶

Em consequência, os esquadrões foram dissolvidos e no seu lugar criadas as MVSN, as Milícias Voluntárias da Segurança Nacional, um corpo armado do Estado composto unicamente por fascistas com o objetivo de defender a

²²⁰⁶ *Idem*, p.62.

²²⁰⁷ *Ibidem*, p.61/62.

²²⁰⁸ Benito Mussolini, “Il governo fascista e la nazione”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983, p.47.

²²⁰⁹ Benito Mussolini, “Il primo discorso presidenziale alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 16 de novembro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIX, 1956, p.22.

²²¹⁰ Benito Mussolini, “Capodanno”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de janeiro de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.145.

²²¹¹ Benito Mussolini, “Il discorso dell’ascensione”, *Atti del Parlamento Italiano*, 26 de maio de 1927, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.381/382.

²²¹² Benito Mussolini, *idem*, p.382.

²²¹³ Alessandro Luparini, *op. cit.*, 2001, p.133.

²²¹⁴ Benito Mussolini, “Governo e maggioranza parlamentare”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983, p.58.

²²¹⁵ Benito Mussolini, “La situazione politica interna”, *idem*, p.24.

²²¹⁶ *Ibidem*, p.25.

sua “revolução de outubro”²²¹⁷. Era o fim dos camisas negras. “Não mais camisas; apenas o Estado deve ter uma força armada”, declarou Mussolini, dizendo que “cada partido, com o seu exército de camisas azuis, camisas vermelhas, camisas brancas, constituía uma verdadeira formação militar”, uma referência que incluía as *squadre* comunistas e outras, o que “não era tolerável, era um abuso que prejudicava a autoridade do Estado.”²²¹⁸

A criação das MVSN não foi do agrado do rei nem das forças armadas, mas aceitaram-nas pois perceberam que se tratava da forma que os líderes fascistas haviam encontrado de enfraquecer e controlar os camisas negras, defensores de uma postura revolucionária. Já os chefes do esquadrismo não se conformaram com a neutralização das milícias fascistas, eles que já haviam engolido com dificuldade os compromissos táticos do fascismo com os católicos do Partido Popular e com os nacionalistas por recearem que estes desvirtuassem o fascismo revolucionário. Os *intransigenti* insistiam na vertente revolucionária do fascismo, e para a retomar chegaram a colocar a hipótese de expulsar o próprio Mussolini do Partido Nacional Fascista. Farinacci admitiu mesmo lançar uma segunda marcha sobre Roma para recuperar a pureza revolucionária do fascismo e “erradicar os traidores”²²¹⁹. O governo fascista deu-lhe ordem de prisão e, percebendo que fora longe demais, o *ras* de Cremona recuou.

A mensagem foi enfim compreendida por uma importante parte dos esquadristas. “O fascismo não quer mais mártires, nem da sua parte nem da outra”²²²⁰, declarou Mario Carli, o fundador do fascismo que viera dos *arditi* e que se assumira como um dos “ultrafascistas”²²²¹, para defender que “a destruição não passa de uma atividade preliminar indispensável para limpar o terreno.”²²²² O significado desta evolução era inequívoco. “Se o fascismo queria ter um futuro como movimento inovador”, observou o historiador Emilio Gentile comentando a metamorfose fascista nesta segunda fase, “tinha de ajudar o socialismo e realizar, com a sua obra crítica, uma função de moderação e de realismo nos confrontos dos extremismos

²²¹⁷ Benito Mussolini, “Difesa del regime”, *ibidem*, p.33.

²²¹⁸ Benito Mussolini, “I principi del governo e la situazione politica internazionale”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de outubro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.33.

²²¹⁹ Frédéric Le Moal, *op. cit.*, 2018, p.119.

²²²⁰ Mario Carli, *op. cit.*, 2007, p.286.

²²²¹ *Idem*, p.167.

²²²² *Ibidem*, p.210.

revolucionários, dando assim o seu contributo à emancipação da classe trabalhadora.”²²²³

Mussolini empenhou-se desse modo na normalização do país, dando sinais públicos de querer pôr termo à violência dos camisas negras e de estabelecer a ordem numa nação cansada de conflitos. Não quer isto dizer que o *Duce* tivesse de facto renegado a violência; a sua natureza de revolucionário impedia-o. Para ele, “o Partido é verdadeiramente a alma, o motor da nação”²²²⁴, o que queria dizer que o fascismo se confundia com a Itália, e “os antifascistas” eram todos “inimigos de Itália”²²²⁵. Ou, sendo mais direto, “quem não está connosco está contra nós”²²²⁶. Tal maniqueização da política tornava a seus olhos legítimo perseguir a oposição. Enquanto em público tentava domar os esquadristas, em segredo criara a *Ceka* (lê-se tchecá), uma polícia secreta destinada a atacar os adversários do fascismo e que não passava de uma imitação da ЧК, ou *Cheka* (lê-se tchecá), a polícia secreta de Lenine destinada a atacar os adversários do bolchevismo – o que mais uma vez mostra a admiração que os fascistas nutriam pelos métodos comunistas, com os quais se identificavam amiúde desde que subiram ao poder em Roma.

Nem todos os camisas negras, contudo, reagiram bem ao esforço de enquadrar o esquadrismo. O escritor Marcello Gallian, fundador do fascismo e esquadrista, denunciou a contradição entre o discurso revolucionário do fascismo e o “fascismo real”²²²⁷, ou seja entre o fascismo ideologia e o fascismo regime, e passou a autodesignar-se “o único escritor fascista”²²²⁸ e “o mais intimamente e totalitariamente fascista”²²²⁹, acusando o regime de ter perdido a chama socialista e de se ter aburguesado.

O facto é que a partir do momento em que conquistaram o poder, e apesar de aqui e ali continuarem a falar na “utopia absurda” e no “mar de sangue inutilmente derramado”²²³⁰ na Rússia, os fascistas pararam com a intensa

²²²³ Emilio Gentile, *op. cit.*, 2011, p.254.

²²²⁴ Benito Mussolini, “Al nuovo direttorio nazionale del PNF”, *Il Popolo d'Italia*, 21 de dezembro de 1942, in Benito Mussolini, *op. cit.*, maio de 1984, p.110.

²²²⁵ Benito Mussolini, “Il discorso di Genova “chi si ferma è perduto””, *Il Popolo d'Italia*, 14 de maio de 1938, *idem*, p.24.

²²²⁶ Benito Mussolini, “Cinque anni dopo San Sepolcro”, 24 de março de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.216.

²²²⁷ Paolo Buchignani, *op. cit.*, 1984, p.15.

²²²⁸ *Idem*, p.65.

²²²⁹ *Ibidem*, p.64.

²²³⁰ Benito Mussolini, “Crepuscolo”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de junho de 1937, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.99.

barragem de críticas aos comunistas russos. Esta alteração de comportamento poderá parecer surpreendente e só se explica pela constatação, já aqui feita, de que os ataques aos bolcheviques eram na verdade censuras por procuração aos rivais comunistas italianos. Como estes já haviam sido domados domesticamente, deixara de ser necessário diabolizar os bolcheviques. Além do mais, com a NEP os bolcheviques haviam recuado no comunismo radical e aproximaram-se do modelo de socialismo apregoadado pelos fascistas, um socialismo que aceitava a economia privada e o diálogo interclasses típico do corporativismo, o que decerto contribuiu para matizar o antagonismo dos fascistas.

Assim sendo, o discurso do regime fascista tornou-se por vezes até simpático para com o regime de Moscovo. Em conformidade com esta evolução, Mussolini encontrou-se sucessivamente com dirigentes bolcheviques, a começar por Leonid Krassin, amigo pessoal de Lenine, de cujas finanças tratava, e depois com os diplomatas comunistas russos Vatslav Vorovskij e Nicolas Jordanski. Pouco depois de subirem ao poder, os fascistas restabeleceram as relações diplomáticas de Itália com a Rússia e os dois regimes assinaram tratados comerciais e trocaram elogios. Os comunistas russos “são meticolosos e quero mesmo dizer pedantes – mas eu admiro-os no seu pedantismo –, minuciosos, defensores zelosos de todos os interesses do seu país”²²³¹, declarou Mussolini, sublinhando que “no que diz respeito ao reconhecimento dito *de jure* da república russa, nenhuma dificuldade da parte do governo fascista.”²²³²

A Itália fascista tornou-se o primeiro país ocidental a reconhecer o regime bolchevique da Rússia, o que diz muito sobre o seu real posicionamento quanto ao comunismo, e os tratados fascista-comunista de 1924 aproximaram ainda mais os dois regimes. “A Itália, primeira entre as grandes potências, restaura sobre uma base moral a relação política e económica com o grande povo russo, cujos interesses nunca colidiram com os interesses italianos, e procura assim colaborar para a retoma económica da Rússia”, declarou então o Conselho de Ministros do governo fascista, enaltecendo a “boa vontade recíproca”²²³³ entre fascistas italianos e comunistas russos.

²²³¹ Benito Mussolini, “Le relazione con la Russia”, *Atti del Parlamento Italiano*, 30 de novembro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.121.

²²³² *Idem*, p.122.

²²³³ Benito Mussolini, “85ª riunione del Consiglio dei Ministri”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de março de 1924, *ibidem*, p.198.

Uma vez no poder, a adoção pelo fascismo de uma postura de abertura para com o bolchevismo não era inocente. Cansado de prestar contas ao parlamento, de ter de aturar a oposição e de estar sempre a negociar no quadro de uma geringonça que lhe toldava permanentemente os movimentos, Mussolini ambicionava o poder total, sem contestação nem condicionamentos, e de certo modo via em Lenine um exemplo e no Estado bolchevique um modelo. O *Duce* tinha a ambição de ser um ditador semelhante ao russo e transformar o fascismo num regime à maneira comunista. Via-se a si mesmo como o Lenine italiano. Apesar de todas as críticas aos bolcheviques, feitas sobretudo para consumo interno, o verdadeiro projeto fascista era tornar-se *O Nosso Bolchevismo*, o título profético da obra que o esquadrista fascista Mario Carli havia publicado anos antes. A *Ceka* constituiu um passo no sentido da bolchevização do fascismo e a violência fascista passou a ser exercida sobretudo pela polícia secreta que Mussolini havia copiado dos comunistas russos. De modo a completar a imitação dos bolcheviques, faltava apenas tomar todo o poder.

Para neutralizar os parceiros de coligação e formar um governo totalmente fascista, era primeiro preciso alterar a relação de forças parlamentar que obrigava à geringonça italiana. Começou por aceitar a entrada no fascismo dos nacionalistas, que o *Duce* desprezava. “Mussolini”, salientou Renzo de Felice, “não nutria simpatia pelos nacionalistas”²²³⁴. Foi fundindo-se com eles que os fascistas os conseguiram anular. A seguir, o chefe do fascismo passou ao ataque à democracia liberal e ao parlamento. “Não posso mais prolongar a vida de uma câmara cuja maioria é hostil a mim e ao fascismo”²²³⁵, queixou-se Mussolini. Isso requeria novas eleições, mesmo que o *Duce* partilhasse com os comunistas a convicção de que os métodos democráticos liberais estavam ultrapassados: “tudo isto é velha Itália, tudo isto é *ancien regime*.”²²³⁶

Antes das eleições, porém, era necessária uma nova lei eleitoral que pusesse fim ao sistema proporcional e tornasse possível as maiorias absolutas. Depois de manobrar o parlamento com mestria e evitar um confronto com o rei, Mussolini viu aprovada uma nova lei eleitoral que encaixava nas conveniências do Partido Nacional Fascista, pois dava dois

²²³⁴ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1966, p.501.

²²³⁵ Benito Mussolini, “All’assemblea del Partito Nazionale Fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de janeiro de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.167.

²²³⁶ Benito Mussolini, “Al gran rapporto della milizia”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de fevereiro de 1924, *idem*, p.176.

terços do parlamento ao partido que ganhasse as eleições e o PNF era o partido mais popular nesse momento. Com todas as peças enfim em posição, o parlamento foi dissolvido e o país entrou em campanha eleitoral. “Não mais se tolerará a violência”²²³⁷, prometeu Mussolini, “mas não suportaremos provocações”²²³⁸. O problema era definir o que eram provocações. As críticas ao governo, normais numa campanha eleitoral e no quotidiano democrático liberal, podiam ser consideradas provocações? Para os fascistas revolucionários, sim.

É certo que, receando os efeitos contraproducentes da violência a nível interno e externo, Mussolini deu instruções explícitas às autoridades locais para impedirem e reprimirem depressa e com dureza quaisquer incidentes dos *intransigenti* fascistas contra a oposição, o que é atestado documentalmente por múltiplas ordens escritas que endereçou a todos os prefeitos do país. Apesar disso, a ala fascista revolucionária multiplicou-se em atos de intimidação aos opositores, incluindo os católicos do Partido Popular e os democratas liberais, com uma impunidade que contraditoriamente permite suspeitas de cumplicidade do *Duce*. Comunistas e socialistas tradicionais reagiram, acusando os fascistas de violência e tirania.

Vindas de quem vinham, partidos que apoiavam a violenta ditadura bolchevique na Rússia, essas críticas suscitaram as referências mais duras de Mussolini neste período ao regime de Moscovo. “Os dissidentes mencheviques foram presos aos milhares e muitos deles fuzilados”, recordou, e “não tiveram melhor sorte os dissidentes socialistas revolucionários”²²³⁹, o mesmo acontecendo com “os dissidentes anarquistas, centenas dos quais se encontram ainda nas prisões bolcheviques e muitos foram mortos”²²⁴⁰. Referindo-se com ironia ao “paraíso de Lenine”²²⁴¹, Mussolini sublinhou que “nos países verdadeiramente tirânicos que

²²³⁷ Benito Mussolini, “Per il sindacati del commercio”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de fevereiro de 1924, *ibidem*, p.185.

²²³⁸ Benito Mussolini, “Discorsi al Consiglio Nazionale del Fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 31 de janeiro de 1924, *ibidem*, p.172.

²²³⁹ Benito Mussolini, “Incidenti e speculazioni”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de março de 1924, *ibidem*, p.204.

²²⁴⁰ *Ibidem*, p.205.

²²⁴¹ Benito Mussolini, “Angelica”, *Il Popolo d'Italia*, 20 de abril de 1924, *ibidem*, p.233.

conhecemos nem sequer é permitido invocar a liberdade em livros”, pois “têm até um índice em que se queimam os livros proibidos.”²²⁴²

Embora estas declarações fossem referentes à ditadura comunista na Rússia, os seus verdadeiros destinatários não eram os bolcheviques, como é bom de ver, mas os apoiantes dos bolcheviques em Itália, comunistas e socialistas tradicionais, todos eles críticos do fascismo em Itália. “Com que atrevimento ousam estes répteis imundos do subversismo italiano ainda não esmagados pela bota fascista criticar se algum traidor do fascismo for mais ou menos clamorosamente punido?”²²⁴³, questionou Mussolini. “Em todas as revoluções são presos ministros do velho regime, são encarcerados, por vezes até fuzilados”, enquanto “eu não prendi um único”²²⁴⁴. Mais, “a revolução fascista não se fez com sacrifício de vítimas humanas; não criou tribunais especiais; não fez crepitar os pelotões de fuzilamento; não exerceu o terror; não promulgou leis de exceção”²²⁴⁵, tudo “aberrações do socialismo bolchevizante”²²⁴⁶ praticadas pelos mesmos comunistas russos que os comunistas e socialistas italianos tanto gabavam. Considerando a repressão violenta e implacável dos bolcheviques a qualquer oposição, concluiu, “estou bem longe do sistema da Rússia.”²²⁴⁷

A mensagem era clara: se os comunistas estavam assim tão ofendidos com a violência contra adversários políticos em Itália, porque se calavam quando se tratava de violência bem pior contra adversários políticos na Rússia? Na verdade Mussolini acusou os próprios comunistas italianos de não terem as mãos limpas no que à violência dizia respeito devido à sua “política brutalmente antifascista”, uma vez que “o PNF teve numerosíssimos mortos na recente campanha eleitoral”²²⁴⁸. Mas, avisou, os comunistas italianos não perderiam pela demora pois “o fascismo segue em

²²⁴² Benito Mussolini, “Cinque anni dopo San Sepolcro”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de março de 1924, *ibidem*, p.214.

²²⁴³ Benito Mussolini, “Incidenti e speculazioni”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de março de 1924, *ibidem*, p.205.

²²⁴⁴ Benito Mussolini, “Cinque anni dopo San Sepolcro”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de março de 1924, *ibidem*, p.208.

²²⁴⁵ Benito Mussolini, “All’assemblea del Partito Nazionale Fascista”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de janeiro de 1924, *ibidem*, p.164.

²²⁴⁶ Benito Mussolini, “Il preteso imperialismo fascista e l’attività internazionale dell’Italia”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de março de 1924, *ibidem*, p.188.

²²⁴⁷ Benito Mussolini, “Incidenti e speculazioni”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de março de 1924, *ibidem*, p.205.

²²⁴⁸ Benito Mussolini, “Una nota dell’Agenzia Volta sulle polemiche di questi giorni”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de abril de 1924, *ibidem*, p.232.

qualquer caso o exemplo dos vossos ‘companheiros’ da Rússia”²²⁴⁹. Ou seja, se os comunistas italianos tanto admiravam os métodos brutais dos bolcheviques na Rússia, arriscavam-se a prová-los em toda a sua plenitude em Itália pela mão dos fascistas, cujo plano era pelos vistos instituir uma espécie de bolchevismo à italiana.

As eleições deram uma vitória esmagadora aos fascistas e confirmaram o recuo acentuado do socialismo tradicional, cujos três partidos somados, PSI, PCI e PSU, passaram de um total de 1,8 milhões de votos para pouco mais de um milhão. Igualmente importante, a CGL, a Confederação Geral do Trabalho, de extração socialista, passara em dois anos de mais de dois milhões de filiados para apenas meio milhão. Ou seja, uma parte significativa do eleitorado socialista transferira-se em massa para o fascismo. “Viva o fascismo invencível!”²²⁵⁰, celebrou Mussolini. Dirigiu-se aos deputados da nova maioria parlamentar para lhes dizer que “o parlamento italiano libertou-se finalmente do seu peso morto: conspirações de corredores, tagarelices vãs, trapalhadas, competição de grupo”²²⁵¹, e aos operários anunciou uma lei que tornava obrigatórios os contratos de trabalho, o que, segundo ele, provava que o fascismo “age para melhorar as condições da classe trabalhadora.”²²⁵²

Muito importante, o socialista Carlo Silvestri revelou que Mussolini lhe confidenciara em 1923 que tinha a intenção de fazer no ano seguinte o que não lhe permitiram fazer em 1922, isto é, meter os socialistas oficiais no seu governo. Essa intenção foi confirmada pelo príncipe Umberto, que viria a ser o rei Umberto II, e até por fascistas expulsos do PNF. O chefe dos *fasci* abordou subtilmente o assunto em público quando admitiu que “ficarei feliz amanhã por ter no meu governo representantes diretos das massas operárias organizadas”²²⁵³, uma referência aos socialistas oficiais. Dirigentes socialistas como D’Aragona terão mesmo sido sondados nesse sentido e o semanário *La Gironda* falou abertamente no estabelecimento de um partido socialista nacional, no fundo o projeto mussoliniano para os *fasci*. Não foi

²²⁴⁹ Benito Mussolini, “Incidenti e speculazioni”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de março de 1924, *ibidem*, p.205.

²²⁵⁰ Benito Mussolini, “Al popolo di Modena”, *Gazzetta dell’Emilia*, 9-10 de abril de 1924, *ibidem*, p.227.

²²⁵¹ Benito Mussolini, “Ai deputati della maggioranza parlamentare”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de maio de 1924, *ibidem*, p.294.

²²⁵² Benito Mussolini, “Al Consiglio Nazionale delle Corporazioni”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de maio de 1924, *ibidem*, p.279.

²²⁵³ Benito Mussolini, “La riforma elettorale”, *Atti del Parlamento Italiano*, 15 de julho de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIX, 1956, p.317.

por acaso que Mussolini se reuniu formalmente com os dirigentes da CGL, a confederação sindical socialista, e que no Reggiano foi firmado um acordo entre as cooperativas fascistas e socialistas tradicionais.

Com a vitória eleitoral de 1924 e a consequente maioria absoluta, Mussolini considerava-se enfim em melhores condições para desenvolver as suas políticas socialistas, uma vez que “a justiça social é essencial ao equilíbrio social”²²⁵⁴. A assunção aberta do socialismo por parte dos fascistas tornara-se o passo óbvio, até porque seria um regresso às origens dos *fasci*. De resto, Mussolini mantivera sempre contactos discretos com os socialistas tradicionais, o que facilitaria a aproximação do socialismo herético dos fascistas ao socialismo oficial. Além disso, com a vitória eleitoral, o parlamento nas mãos do fascismo seria mais cooperante, o que facilitaria o fim do *trasformismo* e a integração do fascismo na área socialista. “A atividade de um governo não pode depender de manobras parlamentares”²²⁵⁵, defendeu o *Duce*, mas agora que o parlamento mudara “pode acontecer que um movimento como o fascista, que nasceu antiparlamentar, conduza a um período de esplendor do parlamento.”²²⁵⁶

Não seria assim.

Imposição da ditadura

A violência da *Ceka* desembocou no chamado delito Matteotti, episódio que se viria a revelar determinante para a história do fascismo e da história do país. Líder do Partido Socialista Unitário, mais um dos partidos socialistas dissidentes do PSI, Giacomo Matteotti divergia dos comunistas e dos fascistas por se opor aos métodos revolucionários e violentos. Note-se que Matteotti era um dos mais acérrimos opositores ao plano de Mussolini de integrar socialistas tradicionais no governo fascista, o mesmo acontecendo com destacados fascistas, como o sindicalista Edmondo Rossoni e sobretudo o chefe esquadrista revolucionário Roberto Farinacci, forte opositor da versão bolchevique do socialismo.

Semanas depois das eleições de 1924, Matteotti fez uma intervenção no parlamento a denunciar as sucessivas intimidações violentas durante o ato

²²⁵⁴ Benito Mussolini, “I grandi problemi italiani ed internazionali”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de maio de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.286.

²²⁵⁵ Benito Mussolini, “Le direttive politiche”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de maio de 1924, *idem*, p.282.

²²⁵⁶ Benito Mussolini, “Ai deputati della maggioranza parlamentare”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de maio de 1924, *ibidem*, p.295.

eleitoral e a responsabilizar “uma milícia armada, composta por membros de um só partido, com o objetivo declarado de sustentar um determinado governo com a força”²²⁵⁷. O discurso, anormalmente violento, destinava-se não só a fazer oposição ao fascismo como também, e talvez sobretudo, a dinamitar qualquer hipótese de aproximação ao fascismo por parte dos partidos socialistas tradicionais, assim impedindo a aceitação do fascismo como um partido da área socialista. Foi talvez isso que mais irritou Mussolini. “Matteotti teve um discurso monstruosamente provocatório”²²⁵⁸, protestou o *Duce*. Em retaliação, elementos da *Ceka* sequestraram Matteotti aparentemente apenas para lhe aplicar um corretivo, mas o deputado resistiu aos agressores e acabou esfaqueado e morto dentro da viatura.

O delito Matteotti e respectivas consequências ditaram a rotura da experiência parlamentar do fascismo. A oposição acusou os fascistas de serem uma associação de malfeitores e retirou-se do parlamento, numa ação de protesto que ficou conhecida como a secessão do Aventino. O público indignou-se com o governo e um deputado fascista foi assassinado em *vendetta*. O fascismo perdeu apoio entre os intelectuais e a população. Dirigentes fascistas tiveram de se demitir, os homicidas de Matteotti foram presos, a *Ceka* dissolvida e os milicianos da MVSN forçados a prestar juramento de fidelidade ao rei. Pressionado, Mussolini descreveu o homicídio do deputado socialista como um “episódio tristíssimo”, uma “humilhante bestialidade” que apenas criava “divisões ainda mais profundas”²²⁵⁹. O assassinato, que apelidou de “bárbaro, inútil”²²⁶⁰, colocou em perigo a sua permanência no poder, até porque o estatuto dos deputados incluía um artigo, o 47, que permitia ao parlamento processar criminalmente o chefe do governo.

Ao cabo de seis meses de uma intensa barragem de críticas por parte da oposição e da imprensa, a situação atingiu um ponto crítico. Concluindo que o *trasformismo* afinal não resultara, os partidos democráticos que sustentavam a solução governativa afastaram-se do fascismo. Sem apoio parlamentar, o executivo de Mussolini enfrentou o colapso. A oposição ficou

²²⁵⁷ Giacomo Matteotti, “Tornata di venerdì 30 maggio 1924”, *Atti Parlamentari*, Camera dei Deputati, Legislatura XXVII, 1ª sessão, Roma, 30 de maio de 1924, p.58.

²²⁵⁸ Benito Mussolini, “Sobrero”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de junho de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.303.

²²⁵⁹ Benito Mussolini, “Per la scomparsa del deputato Giacomo Matteotti”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983, p.18.

²²⁶⁰ Benito Mussolini, “Alto là, signori!”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de junho de 1924, *idem*, p.19.

à espera de um sinal do rei, mas o problema é que o rei estava também à espera de uma iniciativa do parlamento, uma vez que o regime era parlamentar, e a verdade é que a oposição tinha abandonado o parlamento.

A situação entrou assim num impasse paralisante e os deputados comunistas voltaram ao parlamento. As alas mais revolucionárias do fascismo confrontaram o *Duce* e exigiram-lhe uma clarificação que envolvesse uma radicalização revolucionária, com uma ditadura e uma violência à maneira bolchevique. Ou o governo se demitia, o que acabaria com a liderança fascista em tribunal e o fim do fascismo, ou enfrentava e aniquilava as forças antifascistas, instaurando a ditadura. “Ou está connosco ou está contra nós”, declarou o escritor socialista fascista Curzio Malaparte num duro aviso ao chefe do partido e do governo, sublinhando que “não foi o ilustre Mussolini que levou os fascistas à presidência do Conselho, foram os fascistas que o levaram ao poder”. Portanto, era preciso o partido “regressar aos ideais revolucionários para os quais foi criado” e “levar a cabo a sua revolução abatendo o Estado liberal.”²²⁶¹

Encostado às cordas no parlamento e dentro do próprio Partido Nacional Fascista, Mussolini ficou sem opções. Ainda na incerteza sobre a posição do rei, o *Duce* jogou o tudo ou nada e no início de 1925 foi ao parlamento apresentar um ultimato. “Se o fascismo é uma associação de delinquentes, eu sou o chefe desta associação de delinquentes”, sublinhou, tornando claro que “assumo, eu apenas, a responsabilidade política, moral, histórica de tudo quanto aconteceu”²²⁶². Por isso, desafiou o parlamento a “acionar o artigo 47”²²⁶³ do estatuto dos deputados e entregá-lo assim à justiça. Ninguém o fez. Invocando um ambiente de sublevação desde o delito Matteotti, incluindo múltiplos incidentes de emboscadas, agressões e assassinatos alegadamente cometidos por comunistas contra os fascistas em retaliação pela morte do deputado, Mussolini afirmou que o “povo não respeita um governo que se deixa vilipendiar” e, gritando “basta!”²²⁶⁴, anunciou que em quarenta e oito horas “a situação será clarificada.”²²⁶⁵

²²⁶¹ Luigi Martellini, “Curzio Malaparte: La rivolta dei santi maledetti”, *Cuadernos de Filologia Italiana*, Volume 22, 2015, p.164.

²²⁶² Benito Mussolini, “Discorso del 3 gennaio”, 3 de janeiro de 1925, *op. cit.*, setembro de 1983, p.86.

²²⁶³ *Idem*, p.83.

²²⁶⁴ *Ibidem*, p.87.

²²⁶⁵ *Ibidem*, p.88.

Foi-o, de facto. Perante a passividade do rei, que temia uma guerra civil que os fascistas poderiam desencadear se o governo caísse, o *Duce* marginalizou o parlamento e afastou do governo os ministros que não eram fascistas. Os esquadrões fascistas intensificaram as ações contra a oposição ao longo de 1925, encorajados pelo *ras* esquadrista Roberto Farinacci, mas os dirigentes do Partido Nacional Fascista reagiram com irritação ao recrudescer da violência e o Grande Conselho do Fascismo, com Mussolini à cabeça, impôs a Farinacci o fim das ações e a completa normalização da situação. A transição da democracia liberal para a ditadura ficou completa no ano seguinte, não só como resultado das sequelas do assassinato de Matteotti como também dos sucessivos atentados então ocorridos contra a vida de Mussolini, sobretudo o perpetrado por Zaniboni.

A etapa final da imposição da ditadura ocorreu em 1926 num episódio revelador. Os fascistas decidiram avançar com uma moção para afastar os deputados populares e liberais, que dois anos depois do assassinato de Matteotti continuavam a boicotar o parlamento. Acontece que essa proposta foi a seguir alterada para incluir também os deputados comunistas, que entretanto já tinham regressado à atividade parlamentar. O deputado socialista Ezio Riboldi revelou que a inclusão dos comunistas na lista dos deputados a afastar não foi na verdade uma ideia dos fascistas, mas do rei, que não aceitou que se afastassem populares e liberais e se deixassem os comunistas incólumes. Segundo Riboldi, o líder revolucionário fascista Roberto Farinacci saiu em defesa dos comunistas e insistiu que eles não fossem incluídos na lista, mas Mussolini decidiu que estava fora de questão antagonizar o rei e incluiu-os. Não é privado de significado que não só os dirigentes fascistas tenham inicialmente considerado manter no parlamento os deputados comunistas como alguns deles, como Farinacci, preferissem antagonizar o rei, de quem dependiam, para proteger os comunistas, de quem supostamente seriam inimigos mortais.

Para todos os efeitos, o afastamento formal dos deputados da oposição concluiu a transição de regimes e a ditadura foi instalada em Itália. Mussolini tornara-se enfim o Lenine italiano. Tal como o ditador comunista, o agora ditador fascista neutralizou o parlamento, que segundo ele lhe causava uma “náusea invencível”²²⁶⁶, silenciou a imprensa livre e instituiu “um só partido

²²⁶⁶ Benito Mussolini, “Il primo anniversario della marcia su Roma”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.55.

político em funções de órgão do regime”²²⁶⁷, isto é, um regime de partido único que viria a fundir-se com o Estado. Além disso criou uma polícia secreta. A OVRA substituiu a *Ceka* na missão de perseguir e prender os detratores do fascismo, todos eles transformados em traidores pelo simples crime de discordarem das ideias do regime. Muitos opositores políticos fugiram e acabaram assassinados, mesmo os que estavam no exílio, e as únicas vozes discordantes que se mantiveram ativas foram as de um punhado de senadores e da revista cultural *La Critica*, de Benedetto Croce.

O ataque à oposição foi assumido. Dizendo que que era preciso fazer frente à “contrarrevolução”²²⁶⁸, exatamente o mesmo argumento usado pelos comunistas na Rússia para perseguirem a oposição, o *Duce* ordenou a “retirada e revisão de todos os passaportes que permitem viajar para o estrangeiro; ordem de abrir fogo sem aviso prévio sobre quem seja apanhado em flagrante a cruzar clandestinamente a fronteira; supressão de todas as publicações quotidianas e periódicas antifascistas; dissolução de todas as associações, organizações e grupos antifascistas ou suspeitos de antifascismo ou que pratiquem uma qualquer atividade contrarrevolucionária e de quem vista abusivamente a camisa negra; criação de uma polícia especial em todas as regiões; criação do gabinete de polícia de investigação e de um tribunal especial”²²⁶⁹. E a quem o acusou de impor o terror, respondeu: “não falem de terror quando a revolução fascista cumpre simplesmente o seu dever: defende-se!”²²⁷⁰

Foi assim proclamada uma ditadura policial e anti-liberal. A exemplo do que fizera Lenine na Rússia, o *Duce* italiano recorreu à violência para se impor no poder e o regime fascista adquiriu características que o aproximavam do bolchevismo. Aproximavam-no, sublinhe-se, mas não o tornavam igual porque ainda assim havia diferenças importantes entre os dois regimes, como aliás acontece sempre que se compara qualquer regime. Uma é que, enquanto os bolcheviques efetuaram matanças em massa de populações culpadas coletivamente por razões de classe ou de etnia e adotaram políticas que geraram grandes fomes, somando milhões de mortos, os fascistas nunca fizeram nem tentaram fazer nada de parecido com

²²⁶⁷ Benito Mussolini, “84ª riunione del Gran Consiglio del Fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de novembro de 1927, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957, p.62.

²²⁶⁸ Benito Mussolini, “Il discorso dell’ascensione”, *Atti del Parlamento Italiano*, 26 de maio de 1927, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.375.

²²⁶⁹ *Idem*, p.375/376.

²²⁷⁰ *Ibidem*, p.378/379.

execuções em massa e o seu caminho para o poder saldara-se num total de quatro mil mortos, incluindo vítimas fascistas.

O próprio Mussolini fez questão de marcar a diferença do fascismo em relação ao comunismo russo no que à violência dizia respeito. “Todas as revoluções têm páginas negras e muito negras”, estabeleceu, lembrando que até “a revolução francesa, da qual saíram os imortais princípios do demoliberalismo, teve inúmeros episódios de ferocidade inaudita”, para já não falar na revolução bolchevique. Já “a revolução fascista tem um outro estilo. A pequena violência três anos depois da marcha sobre Roma (...) é demasiado danosa para ser tolerada” e “o esquadrismo que sobreviveu aqui e ali deve entrar na Milícia”²²⁷¹. O *Duce* reconheceu que “estilhaçámos a oposição, que se tornara intolerável e não a toleraremos mais”, mas insistiu que “fizemo-lo com um mínimo de violência” e lançou o desafio: “comparem com a lista oficial das execuções por pena capital dos opositores ao regime soviético.”²²⁷²

Outra diferença é que os comunistas russos alegavam que estavam a levar a cabo uma revolução marxista, enquanto os fascistas assumiam que se encontravam já numa outra fase. A revolução fascista era de socialismo nacionalista; se o seu nacionalismo era clássico, o seu socialismo assumia características específicas, pois pretendia-se um socialismo italiano, na tradição de Pisacane e Mazzini, o antimarxista. Outra diferença ainda é que Lenine iniciou uma revolução radical e perante a catástrofe económica e social recuou para posições mais moderadas, enquanto Mussolini seguiu o percurso inverso.

O individualismo liberal foi também abandonado e, tal como os comunistas na Rússia, os fascistas impuseram a ideia de que a condução da economia devia depender do Estado. “Hoje controlamos a força da indústria, toda a força da banca, toda a força do trabalho”²²⁷³, declarou Mussolini, para quem a Itália fascista “deu um exemplo ao mundo com a incorporação no Estado de todas as forças de produção.”²²⁷⁴

²²⁷¹ Benito Mussolini, “Elementi di storia”, *Gerarchia*, outubro de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956, p.436.

²²⁷² Benito Mussolini, “La funzione dello stato corporativo”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de dezembro de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.283.

²²⁷³ Benito Mussolini, “La legge sindacale”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 11 de março de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.93.

²²⁷⁴ Benito Mussolini, “La nuova Italia”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de agosto de 1926, *idem*, p.188.

O fascismo estabeleceu-se contudo em ditadura ainda a dissimular a sua dimensão socialista, que no contexto da época seria em Itália considerada radical. Tal situação devia-se à forte presença nas bases do partido de elementos não socialistas ou de socialismo intransigentemente antimarxista, como Mussolini e a liderança fascista perceberam com o fracasso do pacto de pacificação com o PSI, e sobretudo devia-se à necessidade fascista de manter a geringonça institucional com a monarquia que, apesar de tudo, ainda amarrava o partido e o seu líder. Embora tivesse proclamado a ditadura dois anos depois de formar governo, o fascismo manteve-se como um compromisso que travava a sua natureza revolucionária devido sobretudo à presença tutelar da coroa e à independência das forças armadas, que não respondia perante o governo, mas perante o monarca.

Não se pense, contudo, que a ala do fascismo de onde o chefe fascista era originário esquecera o socialismo. Não esquecera. Apenas tinha mais cuidado nos seus posicionamentos revolucionários para não alienar as forças não socialistas das quais continuava a depender, desde o rei às sensibilidades não socialistas existentes entre as bases do próprio partido fascista. Esta era uma realidade que até os opositores do fascismo conheciam. O fascismo “é constituído pela união híbrida de dois partidos em oposição que deveriam estar nos antípodas um do outro: uma ala conservadora reacionária na sua maior parte de origem nacionalista e a ala sindicalista que chamou a si e absorveu os antigos comunistas bolcheviques”²²⁷⁵, observou em 1925 Colonna di Cesarò no Segundo Congresso Nacional da Democracia Social, para sublinhar que coabitavam no Partido Nacional Fascista “reacionários e bolcheviques em camisa negra”²²⁷⁶. Ao mesmo tempo, o ideólogo fascista Volt, pseudónimo de Vincenzo Fani Ciotti, apresentava a extrema-esquerda e o centro-esquerda como sendo duas das cinco “almas do fascismo”²²⁷⁷, mas sublinhava, preocupado, que as ideias do centro e da direita também estavam presentes no movimento.

É preciso tornar claro que desde o princípio os vários parceiros desta geringonça não se tinham unido num projeto com objetivos estratégicos comuns, mas simplesmente porque tal aliança era taticamente conveniente

²²⁷⁵ Renzo de Felice, *Mussolini, il fascista II – L’organizzazione dello Stato Fascista (1925-1929)*, Giulio Einaudi Editori, Turim, 1968, p.32/33.

²²⁷⁶ *Idem*, p.33.

²²⁷⁷ Vincenzo Fani Ciotti, “Le cinque anime del fascismo”, *Critica Fascista*, 15 de fevereiro de 1925, Beinecke Rare Book & Manuscript Library, <http://brbl-dl.library.yale.edu>.

para a prossecução dos fins de cada um. Os conservadores e a burguesia precisavam dos socialistas fascistas para se defenderem das ocupações selvagens, das expropriações e da violência dos comunistas, enquanto os socialistas fascistas precisavam dos conservadores e da burguesia para acederem ao poder e fazerem “passo a passo”²²⁷⁸ o que Mussolini no final da sua vida descreveu como o socialismo “possível”²²⁷⁹. Além de que dentro do próprio Partido Nacional Fascista coabitavam, cheias de tensões, uma liderança tendencialmente socialista e uma base rural tendencialmente nacionalista ou conservadora.

Ou seja, dentro e fora do partido o fascismo movimentava-se permanentemente numa aliança entre socialistas e não socialistas, mas uma aliança mais tática do que estratégica, marcada por constantes tensões e permanentemente em risco de se romper. O que tinha acontecido é que parte importante do sistema político, incapaz de se mover fora do fascismo, passara para dentro do fascismo e foi aí que a partir de certo ponto desenvolveu a sua luta política. O Partido Nacional Fascista era um partido de origem socialista revolucionária, mas tornou-se muitos partidos; transformou-se na verdade no espaço do confronto político entre fações diferentes, fações que eram de certa forma partidos diferentes, com programas divergentes e até antagónicos – no fundo o que se passa em todos os partidos, com as suas múltiplas sensibilidades, só que de uma forma mais extremada. O projeto da ala socialista era que o fascismo se libertasse das alas conservadoras e nacionalistas que no movimento tinham entretanto entrado e regressasse à pureza da sua origem socialista revolucionária. Os socialistas fascistas, que eram na verdade os fascistas originais, ambicionavam estabelecer um Estado verdadeiramente fascista, guiado por um socialismo nacionalista revolucionário, embora antibolchevique.

Mussolini movia-se entre as várias sensibilidades e, apesar da sua natureza socialista, procurava equilibrar os projetos e interesses contraditórios para manter o partido unido. A moderação de que o *Duce* deu mostras na sua agenda socialista nesta segunda fase, mesmo depois de proclamada a ditadura, não o impediu, no entanto, de por diversas vezes reiterar implicitamente o socialismo do regime fascista, de elogiar abertamente Marx e Lenine, de ser o primeiro chefe de governo do mundo a

²²⁷⁸ Benito Mussolini, “Tempo secondo”, *Gerarchia*, janeiro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.69.

²²⁷⁹ Benito Mussolini, “Soliloquio in ‘libertà’ all’isola Trimellone”, 20 de março de 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.95; Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.536.

reconhecer formalmente o regime comunista soviético, de aprovar ao longo de toda essa segunda fase medidas que eram velhas bandeiras do socialismo, de se gabar aos quatro ventos de que o fascismo estava a superar o bolchevismo nas políticas socialistas – e mesmo de batizar a sua primeira polícia política, a *Ceka*, com o mesmo nome da polícia política comunista, a *Cheka*.

É de resto significativo que Mussolini nunca tenha renegado o programa revolucionário socialista do fascismo de 1919. “O programa dos Fasci foi aprovado por unanimidade”, recordou o chefe do fascismo em 1928, em plena segunda fase do fascismo, dizendo abertamente que “estava aí claro o prenúncio do futuro regime fascista”²²⁸⁰. Ou seja, o *Duce* entendia que o socialismo, que se encontrava explicitamente inscrito no programa socialista fascista de 1919, constituía a essência do fascismo, e sublinhava-o para quem o quisesse ouvir. Ao mesmo tempo, lançava avisos aos conservadores e aos industriais de cujo apoio o fascismo precisava momentaneamente. “Se as classes capitalistas esperam obter de nós privilégios especiais, tais privilégios não os terão nunca”²²⁸¹, advertiu quando subiu ao poder. A mensagem implícita é que a coabitação com as forças que não eram socialistas resultava de mera necessidade tática e seria desfeita logo que possível.

Convém esclarecer que a tática do compromisso estava em perfeita consonância com a teoria marxista e até com a sua interpretação e prática leninista, uma influência do pragmatismo de William James. “Toda a história do bolchevismo, antes e depois da Revolução de Outubro, está cheia de situações de manobras, contemporizações e compromissos com outros partidos, incluindo os partidos burgueses!”²²⁸², lembrara o próprio Lenine, defensor das mesmas táticas de compromisso sempre que elas fossem consideradas úteis para a revolução socialista.

Os fascistas, como socialistas observadores do bolchevismo, do qual eram ao mesmo tempo admiradores e críticos, não o ignoravam. “As relações entre o capitalismo e o fascismo fundavam-se sobre um acordo que não se caracterizava por uma identidade de propósitos e de fins e que por vezes era objeto de desconfianças recíprocas e tensões crescentes”²²⁸³, observou o

²²⁸⁰ Benito Mussolini, *op. cit.*, 2016, p.85.

²²⁸¹ Benito Mussolini, “Replica ai deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 17 de novembro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIX, 1956, p. 26.

²²⁸² Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1970, p.53.

²²⁸³ Emilio Gentile, *op. cit.*, 2004, p.83.

historiador Emilio Gentile, enquanto o seu mestre Renzo de Felice sublinhava que “é de excluir que as grandes forças económicas tenham querido levar o fascismo ao poder.”²²⁸⁴

Não houve, pois, identificação ideológica entre fascistas, capitalistas e conservadores. O que houve foi uma confluência de interesses com o objetivo tático de abater o inimigo comum, os comunistas revolucionários que planeavam impor em Itália um modelo semelhante ao russo, com fascistas, nacionalistas, liberais e conservadores a usarem-se mutuamente para servir os seus fins particulares. Os fascistas usaram os capitalistas, os nacionalistas e os conservadores para acederem ao poder, os capitalistas, os nacionalistas e os conservadores usaram os fascistas para se livrarem dos comunistas e da possibilidade de o modelo bolchevique ser importado para o país. Mas a agenda de cada um dos lados, fossem eles fascistas, nacionalistas, capitalistas ou conservadores, permanecia independente, pois os respetivos projetos de sociedade eram absolutamente distintos. Mesmo os nacionalistas que se integraram no fascismo nunca aí permaneceram perfeitamente à vontade, pois entre eles e os fascistas das origens socialistas sempre existiu um fosso.

O regime que os fascistas socialistas ergueram não era, consequentemente, o regime que eles queriam realmente erguer, mas o regime que puderam erguer. É aliás interessante que, ao explicar porque não se demitia na sequência de delito Matteotti, Mussolini tenha invocado que não o fazia porque isso iria apenas beneficiar a “direita”. “Se tivéssemos feito essa deserção, estaria imediatamente pronta uma sucessão que num primeiro momento não seria uma sucessão de esquerda, mas de direita”, declarou o *Duce*, avisando que “se o governo não vingasse, far-se-ia um governo militar que deveria enfraquecer o fascismo e abriria o caminho a um governo demoliberal. Tudo como antes, ainda pior do que antes”²²⁸⁵. Ou seja, os fascistas alegavam que não se demitiam *para impedir a ascensão da direita*.

Esta segunda fase corresponde ao período em que os fascistas mais sublimaram a retórica do seu tipo de socialismo, cuja existência, embora discreta, era sobretudo visível no discurso social e laboral dos dirigentes fascistas. Em plena crise Matteotti, por exemplo, o Grande Conselho do Fascismo preconizou que o regime teria de “caminhar em direção ao povo,

²²⁸⁴ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1975, p.49.

²²⁸⁵ Benito Mussolini, “Sintesi della lotta politica”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de agosto de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956, p.49.

em suma, especialmente em direção àqueles que foram esquecidos por tempo demasiado longo”. Quanto à melhoria da vida dos trabalhadores, o Grande Conselho do Fascismo defendeu que “uma quota-parte dos lucros vá para aqueles que contribuíram para os realizar”²²⁸⁶. Não parece discurso anti-socialista.

O próprio Mussolini declarou constituir uma “verdade profunda” que “a Itália é a grande proletária”²²⁸⁷ e multiplicou-se em declarações a favor dos trabalhadores, tanto em eventos oficiais como em contactos com populações e operários em fábricas. “Revolução é quando o governo insere as forças sindicais no Estado e dá a essas forças sindicais, que o velho demoliberalismo ignorava, o seu lugar na vida”, declarou, descrevendo o sindicalismo como “a elevação das massas que trabalham”²²⁸⁸. Defendeu “a elevação material e moral da classe operária”²²⁸⁹, dizendo que as “massas trabalhadoras” são “a esperança no futuro da nação italiana”²²⁹⁰, e sublinhou que “a força só pode estar nos sindicatos. É a massa trabalhadora que, dia a dia, com um trabalho de educação e elevação, deve ser digna dos seus novos destinos.”²²⁹¹

Regressou à fábrica de Dalmine onde anos antes se realizara a primeira greve fascista, quando os trabalhadores romperam com os patrões mas continuaram a produção, para elogiar a “verdadeira colaboração de classes”, a grande pedra de toque do socialismo fascista em contraposição com a luta de classes do socialismo marxista, lembrando que “Giuseppe Mazzini não separava direitos de deveres”²²⁹². Fez mesmo questão de recordar as suas credenciais socialistas ao enfatizar que “sou um velho sindicalista”²²⁹³. Muito importante, gabou o Estado social que o fascismo pretendia erguer,

²²⁸⁶ Benito Mussolini, “42ª riunione del Gran Consiglio del Fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de julho de 1924, *idem*, p.28.

²²⁸⁷ Benito Mussolini, “Al popolo di Rimini”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de setembro de 1924, *ibidem*, p.73.

²²⁸⁸ Benito Mussolini, “Sindacalismo fascista”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de outubro de 1925, *ibidem*, p.415.

²²⁸⁹ Benito Mussolini, “Agli operai degli stabilimenti Bernocchi”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de outubro de 1924, *ibidem*, p.103.

²²⁹⁰ Benito Mussolini, “Agli operai dello stabilimento Tosi”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de outubro de 1924, *ibidem*, p.104.

²²⁹¹ Benito Mussolini, “Leonida Bissolati”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de outubro de 1924, *ibidem*, p.131.

²²⁹² Benito Mussolini, “Agli operai di Dalmine”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de outubro de 1924, *ibidem*, p.125.

²²⁹³ Benito Mussolini, “Intransigenza assoluta”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de junho de 1925, *ibidem*, p.359.

lembrando o que “em Itália foi feito em matéria de legislação social e de assistência em geral às classes trabalhadoras”²²⁹⁴, em particular a aprovação da convenção social de Washington e “as disposições de ordem social adotadas pelo governo fascista”²²⁹⁵ que, segundo ele, implicava que “a Itália fascista está à frente de todas as nações do mundo.”²²⁹⁶

É interessante notar que, desde que o fascismo subiu ao poder, as referências depreciativas em relação aos rivais socialistas oficiais sofreram uma forte diminuição e as alusões à Rússia bolchevique tornaram-se até quase simpáticas. “A Itália fascista foi a primeira nação que reconduziu a Rússia à circulação política e diplomática do ocidente europeu”²²⁹⁷, gabou-se Mussolini, sublinhando no parlamento que com a Rússia bolchevique “as nossas relações são ótimas.”²²⁹⁸ Atente-se à afirmação: as relações entre fascistas italianos e comunistas russos eram *ótimas*. “Creio poder anunciar à Câmara que o governo russo tenciona melhorar estas relações”²²⁹⁹, revelou mesmo, dizendo que “ao entreter relações com a Rússia, nós, que somos verdadeiramente, sem retórica, uma nação eminentemente proletária, não nos podemos alhear desses territórios”²³⁰⁰. Dir-se-ia que fascistas italianos e comunistas russos viviam por momentos um verdadeiro idílio.

O corporativismo como socialismo

Nunca é demais enfatizar que, nesta segunda fase, a liderança fascista nunca se proclamou explicitamente socialista. Pelo contrário, insistia no “eclipse do socialismo como doutrina e como política”²³⁰¹. Porém, a sua retórica estava, como vemos, repleta de um certo tipo de socialismo pós-marxista, de cariz nacionalista e defensor da cooperação de classes como mecanismo para assegurar a produção e assim obter o bem-estar social.

²²⁹⁴ Benito Mussolini, “Prefazione à ‘La Legislazione sociale nell’Italia Corporativa e negli altri stati’”, 1925, *ibidem*, p.403.

²²⁹⁵ Benito Mussolini, “Fascismo e sindacalismo”, *Gerarchia*, maio de 1925, *ibidem*, p.328.

²²⁹⁶ *Ibidem*, p.327.

²²⁹⁷ Benito Mussolini, “Il governo fascista e la nazione”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de outubro de 1924, *ibidem*, p.93.

²²⁹⁸ Benito Mussolini, “La politica estera alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 15 de novembro de 1924, *ibidem*, p.166.

²²⁹⁹ Benito Mussolini, “Il trattato di commercio con la Russia”, *Atti del Parlamento Italiano*, 3 de junho de 1925, *ibidem*, p.339.

²³⁰⁰ *Ibidem*, p.340.

²³⁰¹ Benito Mussolini, “Agli industriali”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de junho de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957, p.194.

Começou nessa altura a delinear-se uma estrutura específica do regime fascista que se viria a revelar central na formulação do socialismo fascista: o Estado corporativo.

A conceção do fascismo que conduziu ao Estado corporativo era claramente influenciada pelos conceitos da social-democracia de Eduard Bernstein, ela também pós-marxista, designadamente a ideia social-democrata de que “socialismo significa economia cooperativa”²³⁰², ou seja, o princípio de que as classes não podiam estar permanentemente em luta entre si, como previa a teoria marxista original, mas deveriam antes cooperar umas com as outras para o bem comum, aquilo a que os fascistas chamavam “colaboração de classes”²³⁰³. Tratavam-se dos conceitos bernsteinianos de que a economia de mercado era necessária para gerar riqueza que pudesse ser redistribuída, de que os trabalhadores tinham mesmo pátria e de que o que era bom para uma nação era bom para os seus trabalhadores. “Se a nação é oprimida, a massa operária é oprimida”, sustentou Mussolini, e “se a bandeira da nação é respeitada, também os operários dessa nação são respeitados”²³⁰⁴, pois numa sociedade havia “interdependência”, o que exigia “colaboração”²³⁰⁵ entre todos. O social-democrata Bernstein não diria melhor.

A luta não podia ser a regra, como preconizado pelo socialismo marxista, mas a exceção. Uma exceção que o fascismo praticava, pois havia greves fascistas em defesa dos direitos dos trabalhadores. O *Duce* lembrou os exemplos das “greves fascistas em Valdarno e em Lunigiana”, defendendo “uma greve que seja a exceção nas relações entre capital e trabalho, da mesma maneira que a guerra é a exceção nas relações entre os povos”²³⁰⁶. A mais importante greve fascista revelou-se, no entanto, a dos operários metalúrgicos, em fevereiro e março de 1925. Esta paralização foi decretada com grande agressividade pelos sindicatos fascistas contra os industriais e com o apoio explícito do Partido Nacional Fascista. Os socialistas tradicionais declararam prontamente que se estava perante o colapso do conceito fascista (e social-democrata) da colaboração de classes, mas os

²³⁰² Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.95.

²³⁰³ Benito Mussolini, “Agli operai di Dalmine”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de outubro de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956, p.125.

²³⁰⁴ Benito Mussolini, “Fascismo e sindacalismo”, *Gerarchia*, maio de 1925, *idem*, p.329.

²³⁰⁵ *Ibidem*, p.330.

²³⁰⁶ *Ibidem*, p.331.

fascistas insistiram que a colaboração funcionava desde que fosse recíproca e bem arbitrada. Se os sindicatos fascistas iam para a greve era porque essa colaboração não estava a ser recíproca nem adequadamente arbitrada. Após prolongadas negociações, os sindicatos fascistas conseguiram aumentos salariais para os operários metalúrgicos e a paralização terminou.

Na doutrina fascista, a greve só se torna necessária nos raros momentos em que o compromisso não é possível. Como os interesses imediatos dos trabalhadores e dos patrões muitas vezes conflituam, cabe ao Estado corporativo tornar o compromisso possível, e até obrigatório. O *Duce* reiterou por isso “o princípio vital da colaboração de classes, porque o princípio oposto, o da luta de classes, significa apenas a destruição da riqueza e a ruína, também do povo”²³⁰⁷. Tal levou-o a reivindicar que “sepultámos o velho Estado democrático-liberal” que “deixara que a luta de classes se transformasse numa catástrofe social”²³⁰⁸. Ou seja, a vida em sociedade não podia ser uma guerra permanente entre duas classes, como apregoavam os marxistas e permitiram os liberais com a sua democracia tolerante para com quem a queria destruir, mas tinha de assentar sobretudo na cooperação entre todos, como preconizara o socialista neomarxista Eduard Bernstein, para quem o socialismo implicava uma ideia de “compromisso inevitável”²³⁰⁹, lição que os fascistas nunca esqueciam.

Estava aí a grande diferença entre os sindicatos fascistas e socialistas oficiais, designadamente os comunistas. “Quando os empregadores se encontram com um sindicato vermelho, têm diante deles um sindicato que conduz a luta pelo aumento salarial de maneira contingente, quando o seu verdadeiro fim, em última instância, é a subversão”, observou Mussolini, “enquanto o nosso sindicalismo é um sindicalismo seletivo, é um sindicalismo que quer melhorar as condições das categorias e das classes”²³¹⁰. Os fascistas defendiam que “em tempo de crise é no interesse dos operários aceitarem uma redução dos salários; mas, uma vez a crise

²³⁰⁷ Benito Mussolini, “Al popolo di Prato”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de maio de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.146.

²³⁰⁸ Benito Mussolini, “Al popolo di Roma per il 28 ottobre”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de outubro de 1926, *idem*, p.242.

²³⁰⁹ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.144.

²³¹⁰ Benito Mussolini, “L’articolo 13 della legge sui rapporti collettivi di lavoro”, *Atti del Parlamento Italiano*, 11 de dezembro de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.30.

superada, é no interesse dos industriais aumentarem os salários”²³¹¹. Ou seja, quando as empresas tinham mais dinheiro, os patrões teriam de ceder às exigências de aumentos de salários dos trabalhadores; mas havia situações em que um aumento dos salários dos trabalhadores poderia ser prejudicial à sociedade em geral, caso ocorresse quando as empresas estavam em dificuldades ou quando tal aumento conduzissem à inflação que a todos prejudicaria. Nessas circunstâncias, os trabalhadores teriam de ceder e ficar sem os seus aumentos ou com aumentos mais modestos.

Mais uma vez esta ideia fascista vinha de Bernstein. “Uma subida nos salários que conduza ao aumento dos preços em certas circunstâncias não tem de prejudicar toda a comunidade”, escrevera o fundador da social-democracia, “mas frequentemente é, no entanto, mais prejudicial do que benéfica nos seus efeitos”²³¹². Quando isso acontecia, defendiam sociais-democratas e fascistas, o interesse geral da comunidade sobrepunha-se ao interesse particular de um grupo específico da comunidade, incluindo os trabalhadores. “A produção da riqueza passa assim do plano dos fins individuais ao dos fins nacionais”²³¹³, estabeleceu o *Duce*. O importante era toda a sociedade no seu conjunto, não apenas uma classe; o interesse de uns não podia sobrepor-se ao interesse de todos. O que eram “todos” se não a sociedade? E o que era a sociedade se não a nação? A pátria “torna-se uma grande, harmoniosa família”, preconizou Mussolini, afirmando que “quero pacificá-la, a esta família.”²³¹⁴

A essência do socialismo fascista, tal como da social-democracia de Bernstein, não assentava na luta, mas na cooperação pacificada. “Capital e trabalho não são dois termos antagónicos, são dois termos que se completam”, preconizou o *Duce*, defendendo que “a tarefa do governo é fazer a conciliação dos interesses”²³¹⁵, o que requeria “a máxima imparcialidade, de modo a impedir qualquer abuso de uns sobre outros, e

²³¹¹ Benito Mussolini, “Agli industriali”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de junho de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957, p.194.

²³¹² Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.138.

²³¹³ Benito Mussolini, “Agli industriali”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de junho de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957, p.194.

²³¹⁴ Benito Mussolini, “La politica interna alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 22 de novembro de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956, p.185.

²³¹⁵ Benito Mussolini, “La legge sindacale”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 11 de março de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.93.

vice-versa”²³¹⁶. Sendo preciso alcançar “os equilíbrios entre os interesses e as forças do mundo económico”, os fascistas entendiam que “só o Estado transcende os interesses contrários dos indivíduos e dos grupos, para os coordenar em função de um interesse superior.”²³¹⁷

Para tal, o fascismo concretizou um velho projeto do sindicalismo comunista e, a propósito do acordo entre a Confederação da Indústria e as corporações sindicais fascistas, proclamou “a unidade sindical”²³¹⁸, que descreveu como “uma etapa memorável na história do movimento sindical”²³¹⁹. Isso acontecia porque “o sindicato já não está fora do Estado ou contra o Estado, mas no Estado”²³²⁰. Ou seja, não havia sindicatos independentes – exatamente o que os comunistas tinham feito na Rússia. Porém, ao contrário da ideologia marxista original, que elegia uma classe acima de todas as outras, o fascismo apresentava-se como inclusivo, pois destinava-se a todas as classes e não só a uma única classe eleita: “no Estado corporativo todas as classes têm o seu lugar, todas as classes encontram o seu reconhecimento, todas as classes são protegidas”²³²¹. Ou seja, os fascistas entendiam que era no fascismo que se realizava o sonho socialista de ninguém ficar para trás.

Na realidade, Mussolini partilhava o projeto bolchevique de neutralizar os sindicatos, admitindo apenas os sindicatos fascistas num processo de “unidade sindical” e enquadrando-os no Estado. Convém lembrar que, ao subir ao poder na Rússia, os comunistas tinham ilegalizado sindicatos, proibido as greves e executado milhares de grevistas. Mussolini não planeava ir tão longe na repressão quanto Lenine, mas o desejo de travar os sindicatos estava lá. Mas travar os sindicatos não era anulá-los

²³¹⁶ Benito Mussolini, “La battaglia economica”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de julho de 1926, *idem*, p.170.

²³¹⁷ Benito Mussolini, “Per l'inaugurazione del ministero delle Corporazioni”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de agosto de 1926, *ibidem*, p.182.

²³¹⁸ Benito Mussolini, “Parlamentarismo, corporativismo, deprezzamento della lira, battaglia del grano, fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de dezembro de 1925, *ibidem*, p.125.

²³¹⁹ Benito Mussolini, “Intervista com la ‘United Press’”, *Il Popolo d'Italia*, 22 de dezembro de 1925, *ibidem*, p.43.

²³²⁰ Benito Mussolini, “Per la riforma della Costituzione”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 12 de maio de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957, p.144.

²³²¹ Benito Mussolini, “Discorso di Genova”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de maio de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.138.

completamente, pois os fascistas entendiam que os trabalhadores precisavam de uma plataforma que defendesse os seus interesses junto de um árbitro.

A Confindustria ficou preocupada com o projeto sindical fascista, pois desconfiava em particular da ideia de entregar as decisões laborais a uma magistratura que arbitrasse os conflitos entre patrões e trabalhadores. Já os sindicatos fascistas acusavam a Confindustria de ser fascista de fachada e apenas por conveniência, se não mesmo antifascista mascarada, e temiam que colaboração de classes acabasse por significar na realidade cedências aos patrões. O chefe do sindicalismo fascista, Edmondo Rossoni, pugnou por isso por um “sindicalismo operário combativo”²³²². Na hora da decisão, contudo, tanto os industriais como os sindicatos fascistas acabaram por ceder à pressão de Mussolini e deram luz verde à lei sindical.

A lei sindical fascista foi aprovada em 1926 com uma fanfarra até aí nunca vista no fascismo. O *Duce* descreveu-a como uma “conquista”²³²³ e “a mais revolucionária” de “todas as leis”²³²⁴ alguma vez aprovadas pelo governo fascista. Muito significativo, Mussolini aproveitou para recuperar mais uma vez a proposta do neomarxista austríaco Otto Bauer de o socialismo usar o nacionalismo para fazer a revolução socialista. Recorde-se que, no contexto dos múltiplos conflitos multiétnicos no Império Austro-Húngaro, Bauer observara que o proletariado estava agarrado à nação e às suas gentes e que não nutria verdadeiros sentimentos internacionalistas, algo que era mais típico da burguesia e do grande capital, que não conhecia fronteiras.

O *Duce* retomou esta tese. “Não é verdade (...) que o proletariado seja internacionalista”, escreveu, para sublinhar que “basta abrir os jornais para verificar este fenómeno: os trabalhistas ingleses recusaram o *settlement* proposto pelo meu amigo Volpi, mesmo sabendo que essa recusa implicará um grave sacrifício à economia italiana, e consequentemente ao proletariado italiano. Primeiro ingleses, evidentemente, e depois internacionalistas. (...) A verdade é esta: são as classes mais altas da sociedade as primeiras a afrancesarem-se, a inglecizarem-se e a americanizarem-se. (...) As classes humildes, aquelas que estão enraizadas na terra, aquelas que são ainda demasiado bárbaras para apreciarem todas as vantagens do *confort* moderno,

²³²² Renzo de Felice, *op. cit.*, 1968, p.275.

²³²³ Benito Mussolini, “La legge sindacale”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 11 de março de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.91.

²³²⁴ *Idem*, p.90.

são aquelas que permanecem desesperadamente ligadas à sua pátria de origem.”²³²⁵

Ou seja, os verdadeiros internacionalistas eram afinal os burgueses capitalistas. O povo, o proletariado, era nacionalista. Se o verdadeiro socialismo abraçava o povo, então o verdadeiro socialismo só poderia ser nacionalista. Muito importante, o que era bom para a nação era bom para o povo, e vice-versa. “Se o grande navio da pátria vai bem, vai bem para todos; se vai mal, vai mal para todos e especialmente para os humildes”²³²⁶, estabeleceu Mussolini. Eis como o fascismo legitimava o seu abraço ao nacionalismo.

O problema é que a teia de compromissos em que o fascismo se enredara para chegar ao poder e nele permanecer impedia os seus dirigentes de proclamarem abertamente o fascismo como uma doutrina de extração socialista, mesmo que um socialismo antimarxista. Mas se não se podia apresentar como socialista, embora de um socialismo nacionalista, como se poderia então o fascismo apresentar? Surgiu nesta altura o gérmen da ideia de que o fascismo teria de ser apresentado como uma ideologia nova. A terceira via.

Os dirigentes fascistas começaram então a falar na necessidade de “fazer a crítica impiedosa do ponto de vista fascista do socialismo, do liberalismo, da democracia”²³²⁷. Havia “o fascismo, não o liberalismo, não o socialismo”²³²⁸. Se os ideólogos do fascismo não eram pelo capitalismo, pois proclamavam-se antiliberais e estavam “empenhados numa guerra até à morte contra o liberalismo e a democracia”²³²⁹, e se não se podiam assumir abertamente como socialistas, pois as condições internas e externas ao partido a tal obstavam, era para eles necessário apresentar a sua ideologia como algo de diferente. Puseram-se assim a definir o fascismo como algo novo e distinto do socialismo e do liberalismo. “Não só o fascismo tem uma

²³²⁵ *Ibidem*, p.92.

²³²⁶ Benito Mussolini, “I vessili dei lavoratori del porto”, *Giornale di Genova*, 25 de maio de 1926, *ibidem*, p.141/142.

²³²⁷ Benito Mussolini, “Intransigenza assoluta”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de junho de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956, p.359.

²³²⁸ Benito Mussolini, “Celebrazione della vittoria”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de novembro de 1925, *idem*, p.443.

²³²⁹ Benito Mussolini, “La nuova Italia”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de agosto de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.191.

doutrina, como essa doutrina é nova”²³³⁰, anunciou o *Duce*, insistindo que o fascismo era o “criador de uma nova força económica, política e moral”²³³¹. Em boa verdade, “o fascismo é a única coisa nova que nos primeiros trinta anos deste século vimos no campo político e social.”²³³²

Para explicar o que o fascismo tinha de novo, Mussolini resolveu fingir que todo o socialismo se resumia ao marxismo, coisa que ele sabia muito bem que não era verdade, e partiu da crítica ao marxismo e à experiência bolchevique, que mais não era do que a aplicação da ideologia marxista à realidade, para questionar o marxismo enquanto ideologia. “Tudo o que foi pomposamente chamado socialismo científico não passa de sucata; e uma sucata é uma conceção enorme, teatral e grotesca de uma humanidade dividida em duas classes irreconciliáveis; sucata é a miséria crescente e a concentração de capital, quando se assiste a um processo precisamente contrário; sucata, enfim, é a ideia de palingénese social”, declarou o *Duce*, lembrando que “foi feita uma experiência: a experiência russa, que constituiu a pedra tumular colocada sobre a sucata desta doutrina. Encontramo-nos diante de ideias que esgotaram a sua força de propulsão em consequência da degeneração destas ideias”²³³³. Em suma, “o dogma socialista, já falido numa semissecular prática transformística e renunciária, conheceu o seu fim inglorioso na Rússia.”²³³⁴

O que fazer então perante o marxismo, a que ele aludia como se o marxismo englobasse todo o socialismo? “O fascismo renega-o, superando-o”²³³⁵, respondeu Mussolini com um raciocínio que poderia ter saído da própria dialética marxista, que ele conhecia bem. Então em que consiste exatamente a doutrina do fascismo? “Consiste nisto: de todos os programas pega na parte vital e tem a força de a realizar”²³³⁶. Era isso a terceira via, uma

²³³⁰ Benito Mussolini, “Prefazione a ‘Mussolini e il suo fascismo’”, 2 de março de 1927, *idem*, p.319.

²³³¹ Benito Mussolini, “Discorso al Senato sugli Accordi del Laterano”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 25 de maio de 1929, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIV, 1958, p.107.

²³³² Benito Mussolini, “Al gran rapporto del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de setembro de 1929, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1934, p.147.

²³³³ Benito Mussolini, “Per la medaglia dei benemeriti del comune di Milano”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de outubro de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956, p.424.

²³³⁴ Benito Mussolini, “‘Signum novum’”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de outubro de 1925, *idem*, p.365.

²³³⁵ Benito Mussolini, “Per la medaglia dei benemeriti del comune di Milano”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de outubro de 1925, *ibidem*, p.424.

²³³⁶ *Ibidem*, p.424/425.

espécie de síntese que se seguia à tese (liberalismo) e à antítese (socialismo). O fascismo pegava na parte vital do capitalismo, a economia de mercado liberal geradora de riqueza, e aproveitava-a, pois “as condições da classe operária estão ligadas às condições de desenvolvimento do seu próprio capitalismo”²³³⁷; e pegava na parte vital do socialismo, o programa social redistribuidor de riqueza, e aproveitava-a. “A economia fascista corporativa representa a síntese harmónica das duas economias opostas: a liberal e a socialista”²³³⁸, proclamou, o que tinha como resultado que “o fascismo supera o liberalismo e o socialismo”²³³⁹. Era aí que se encontrava “a originalidade inconfundível da nossa doutrina”²³⁴⁰. Ou seja, o fascismo acoplava o melhor dos dois mundos – exatamente o que Eduard Bernstein, braço direito de Engels, propusera para o modelo da social-democracia, só que no quadro de um regime democrático liberal.

Acreditariam verdadeiramente os dirigentes fascistas que estavam a conceber uma ideologia nova? Embora o tenham chegado a dizer, não parece provável. Os ideólogos fascistas sabiam muito bem que o socialismo não se esgotava no marxismo e que havia outras formas de socialismo, até porque eles próprios tinham estudado o socialismo nacionalista francês e haviam já apresentado o fascismo como “um socialismo antimarxista, por exemplo, e nacional”²³⁴¹. Também não ignoravam de modo nenhum a proposta social-democrata bernsteiniana de o socialismo se acoplar à poderosíssima força criadora de riqueza que era o capitalismo, proposta que eles próprios retomaram, nem a proposta de Bauer de os socialistas manipularem os sentimentos nacionalistas do proletariado em prol da revolução socialista, proposta que eles próprios também retomaram, nem tão pouco desconheciam a ideia de Marx e Engels de que uma revolução que não se seguisse a um estágio de capitalismo desenvolvido não era uma verdadeira revolução socialista, mesmo que assim se proclamasse.

²³³⁷ Benito Mussolini, “Fascismo e sindicalismo”, *Gerarchia*, maio de 1925, *ibidem*, p.329.

²³³⁸ Benito Mussolini, “La nuova economia italiana”, *Il Messaggero*, 3 de abril de 1931, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXV, 1958, p.6.

²³³⁹ Benito Mussolini, “Segnalazione”, *Il Popolo d'Italia*, 4 de novembro de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958, p.84

²³⁴⁰ Benito Mussolini, “Alle camicie nere fiorentine”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de outubro de 1933, *idem*, p.78.

²³⁴¹ Benito Mussolini, “Trincerocrazia”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de dezembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.141.

O que os ideólogos socialistas fascistas estavam realmente a fazer era a reembrulhar o fascismo para o apresentar de uma forma aceitável à facção não socialista das suas bases e às forças não socialistas de quem dependiam para se manterem no poder, sobretudo o rei, mas também as forças armadas e a própria Igreja. Tinham a perfeita noção de que a sua ideologia era uma variante nacionalista e antimarxista do socialismo fundada nas revisões feitas ao marxismo por Bernstein, Bauer e Sorel, mesmo que os fascistas não assumissem a herança de Bernstein, mas não o podiam assim apresentar devido às circunstâncias em que se encontravam. Portanto, a formulação do fascismo enquanto terceira via tornou-se o caminho.

Curiosamente, por esta altura os ideólogos fascistas começaram a registar uma fascização do próprio bolchevismo. “Todos, incluindo os próprios chefes do bolchevismo, admitem que a experiência comunista falhou completamente, pois o comunismo, sendo tendencialmente igualitário, é contrário à vida e à história, bem como à natureza, que é profundamente desigual e que vive dessa desigualdade”²³⁴², declarou Mussolini, para notar que “finda a época da guerra civil na Rússia, e terminado o período mais agudo do terror, Lenine iniciou, por sua vontade, um período de uma nova política económica que se intitula NEP como abreviatura, que conduziu a este resultado até agora: a criação de uma classe numerosa de pequenos proprietários camponeses, que se chamam em russo *kulaks* e que são anticomunistas”. Com a NEP, salientou, o bolchevismo acabara por adotar “uma política financeira que em nada diverge da dos outros países. Há uma bolsa que funciona, há uma moeda – e também muito valorizada –, fazem-se negócios, reconhece-se o direito à propriedade até um certo limite, e de todo o grande ideal bolchevique mais não sobra do que uma fachada para consumo externo.”²³⁴³

Além do mais, ao instituir instâncias de arbitragem entre patrões e trabalhadores, o bolchevismo adotara também uma forma de corporativismo. “Os soviets, só no ano de 1922, para regular as matérias de controvérsia coletiva, emitiram esta série de medidas”²³⁴⁴, disse Mussolini, enumerando um vasto número de leis, regulamentos e circulares bolcheviques a regular a

²³⁴² Benito Mussolini, “La politica estera al Senato”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 20 de maio de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956, p.317.

²³⁴³ *Idem*, p.318.

²³⁴⁴ Benito Mussolini, “L’articolo 13 della legge sui rapporti collettivi di lavoro”, *Atti del Parlamemto Italiano*, 11 de dezembro de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.33.

harmonização das divergências laborais no regime comunista. “Na Rússia, a arbitragem não é obrigatória”, observou, para acrescentar: “Sabeis porquê? É muito importante que o diga: foi rejeitada sobretudo porque era necessário atrair o capital privado”²³⁴⁵. Isto queria dizer que os comunistas faziam na Rússia concessões ao grande capital que os fascistas não faziam em Itália. “Todavia, a arbitragem é obrigatória nas divergências entre o capital e o trabalho na Rússia” e é imposta em várias outras situações, incluindo em casos de “dano aos interesses económicos do Estado.”²³⁴⁶

Ou seja, a NEP significava que o próprio Lenine acabara por dar razão às críticas que os fascistas sempre fizeram ao tipo de socialismo radical de luta de classes praticado pelos bolcheviques na Rússia, de tal modo que o *Vozhd* comunista reformulara o socialismo nas linhas de cooperação de classes já estabelecidas pelos fascistas em Itália. Não era afinal o fascismo que usava o bolchevismo como padrão, mas o bolchevismo que acabava por copiar o fascismo. Muito importante, não era o socialismo bolchevista que servia de verdadeiro modelo ao socialismo, mas o próprio fascismo.

Começaram assim a multiplicar-se na imprensa fascista textos a sublinhar as semelhanças entre o fascismo e o bolchevismo. Até o próprio ministro das Corporações, R. Fiorini, escreveu na *Critica Fascista* que “a Rússia e a Itália estão unidas no esforço criador de um novo ordenamento e para mim neste esforço está a beleza da sua obra”, até porque o comunismo estava a adquirir “uma forma de equilíbrio final não muito distante da nossa.”²³⁴⁷

A construção do socialismo fascista começou, na visão dos dirigentes fascistas, com o estabelecimento do Estado corporativo em 1926. Cinco anos depois do colapso do pacto de pacificação ter silenciado a admissão pelos fascistas de que eles próprios eram socialistas, embora proponentes de um socialismo nacionalista e antimarxista, Mussolini declarou que “o fascismo é um movimento popular revolucionário”²³⁴⁸ e disse que “a nossa meta é o Estado corporativo.”²³⁴⁹

O Estado corporativo era o Estado que praticava a cooperação de classes, um Estado em que “o direito eleitoral será exercitado através das

²³⁴⁵ *Idem*, p.34.

²³⁴⁶ *Ibidem*, p.35.

²³⁴⁷ Renzo de Felice, *Mussolini, il duce – Gli anni del consenso (1929-1936)*, Giulio Einaudi Editore, Turim, 1974, p.10.

²³⁴⁸ Benito Mussolini, “Mussolini rivela il suo segreto”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de dezembro de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.286.

²³⁴⁹ Benito Mussolini, “La funzione dello stato corporativo”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de dezembro de 1926, *idem*, p.282.

corporações” e em que doravante “o cidadão não terá o direito de voto como eleitor, mas apenas como trabalhador e como produtor”²³⁵⁰. Os dirigentes fascistas consideravam que a Itália era um país demasiado pobre para permitir a conflitualidade laboral da luta de classes, pois esta destruiria os poucos recursos do país tão necessários para gerar a riqueza que tiraria a população da miséria. “O nosso país não se pode permitir ao luxo de sustentar uma greve como a greve dos mineiros ingleses”, observou Mussolini em referência a uma disputa laboral então em curso no Reino Unido, salientando que “se a Itália tivesse de suportar uma perda de mais de trezentos milhões de libras esterlinas por um conflito entre capital e trabalho como aconteceu em Inglaterra, o país jamais conseguiria recuperar da ruína.”²³⁵¹

Seria então o Estado corporativo o caminho fascista para o socialismo? O *Duce* não se atrevia ainda a dizê-lo em Itália, os eternos compromissos que atavam o fascismo impediam-no de o afirmar em público no seu país, mas numa entrevista ao jornal *La Prensa*, da distante Buenos Aires, praticamente o admitiu. “A nossa revolução é, nos seus objetivos gerais, semelhante à russa, embora sob outra forma”, confidenciou, explicando que “fizemos e continuamos a fazer a revolução à romana, respeitando, em contraste com a Rússia, a coroa, a Igreja e o capital privado”²³⁵². Vemos pois aqui Mussolini a apresentar explicitamente o fascismo como um bolchevismo à italiana, distinguindo-se do russo apenas por ser mais moderado.

E quanto ao corporativismo? O *Duce* não o disse nem o podia dizer em 1926, quando criou o Estado corporativo num contexto de compromissos com poderes não socialistas como a monarquia, os nacionalistas e as forças armadas, mas foi dando pistas. Em 1934 já ia dizendo que “o corporativismo” deve ser “interpretado na sua essência revolucionária”²³⁵³, até que já no fim da vida, em 1945, declarou: “o único socialismo viável é o corporativismo”²³⁵⁴. Ou seja, o que ele estava enfim a estabelecer é que, sempre que ao longo da sua vida falara em “corporativismo”, no que estivera

²³⁵⁰ Benito Mussolini, “Il nuovo stato corporativo”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de novembro de 1926, *ibidem*, p.270.

²³⁵¹ Benito Mussolini, “La funzione dello stato corporativo”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de dezembro de 1926, *ibidem*, p.282/283.

²³⁵² *Ibidem*, p.282.

²³⁵³ Benito Mussolini, “Corporativismo”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de fevereiro de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958, p.172.

²³⁵⁴ Benito Mussolini, “Soliloquio in ‘libertà’ all’isola Trimellone”, 20 de março de 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.95/96.

verdadeiramente a falar era afinal em “socialismo”. “Estado corporativo” não passava de um eufemismo para “Estado socialista”, pois o corporativismo constituía o “único socialismo viável.”

Com a construção em Itália do edifício do corporativismo, Mussolini começou a gabar-se das conquistas sociais do fascismo: “no que diz respeito à habitação, à vida pós-laboral, à instrução profissional, ao custo de vida, à previdência social, etc, a Itália fascista não está na cauda, mas a partir de agora encontra-se à cabeça de todas as nações do mundo”²³⁵⁵. Até podia não passar tudo de propaganda, mas tratava-se de propaganda a uma visão socialista da sociedade, uma visão que levava os trabalhadores italianos a desertarem das fileiras socialistas tradicionais e a migrarem em massa para o fascismo. “Sei que a classe operária simpatiza cada vez mais com o regime”, constatou o *Duce*, vangloriando-se de que “aquilo que o regime fez pelas classes trabalhadoras é infinitamente mais do que aquilo que fizeram os riquíssimos Estados do dólar e da libra esterlina ou dos soviets!”²³⁵⁶

Mas seria mesmo o fascismo uma nova ideologia? “O fascismo é um método, não é um fim”²³⁵⁷, acabou por admitir, reconhecendo assim implicitamente que não se tratava na verdade de uma doutrina nova. Se era um método, era um método para erguer o quê? O Estado corporativo, claro. E o que era o Estado corporativo se não o edifício central do socialismo fascista? “Da mesma maneira que o século passado viu a economia capitalista, o século atual verá a economia corporativa”, preconizou o *Duce* ao falar para os sindicalistas, concluindo: “não há outro meio, ó camaradas, para ultrapassar a trágica antítese entre capital e trabalho, um pilar da doutrina marxista que conseguimos superar”²³⁵⁸. Em suma, o fascismo não era uma ideologia nova, era antes um novo tipo de socialismo que superava o marxismo.

De tal modo o regime fascista acreditava estar a construir uma nova versão do socialismo que instituiu em 1927 a Carta do Trabalho, um documento essencial do socialismo corporativo fascista, pois “há que compreender claramente que para o fascismo a colaboração de classe não é

²³⁵⁵ Benito Mussolini, “Prefazione a ‘Per la salute degli operai’”, 28 de janeiro de 1927, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.310.

²³⁵⁶ Benito Mussolini, “Ai gerarchi milanesi”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de junho de 1929, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIV, 1958, p.124.

²³⁵⁷ Benito Mussolini, “Mussolini rivela il suo segreto”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de dezembro de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.287.

²³⁵⁸ Benito Mussolini, “Al congresso dei sindacati fascisti”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de maio de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957, p.142.

um vínculo unilateral, mas um dever específico”²³⁵⁹ e que “a cooperação é fascista e não pode ser outra coisa se não fascista”²³⁶⁰. O Grande Conselho do Fascismo começou a dedicar-se ao problema em janeiro desse ano, o que gerou grande preocupação nas confederações patronais, que exprimiram as suas inquietações numa carta coletiva contra o sindicalismo fascista, acusando-o de professar a colaboração de classes apenas nas palavras, não nos atos. Os patrões recusaram uma série de medidas que estavam pensadas, desde o salário mínimo à indemnização por despedimento, e questionaram a redução do horário laboral.

Perante o conflito entre patrões e sindicatos fascistas, Mussolini chamou formalmente a si o assunto e excluiu os patrões e os sindicatos do processo de elaboração do documento. Para além de consagrar a criação de tribunais de trabalho com função arbitral nos conflitos entre trabalhadores e patrões, no sentido de travar a conflitualidade de classes e promover a respetiva cooperação, a Carta do Trabalho reconheceu os sindicatos (fascistas, claro) e formalizou o princípio da intervenção do Estado na produção económica quando a iniciativa privada não estava presente ou era insuficiente ou quando estavam em jogo os interesses políticos do Estado. Além disso a Carta do Trabalho consagrou os contratos coletivos de trabalho, um velho projeto socialista, e incluiu uma vasta panóplia de medidas como salários compatíveis com as exigências de vida, o direito a um horário de trabalho pré-definido, o pagamento adicional por laboração noturna, o direito dos trabalhadores de descanso ao domingo, o direito a feriados, o direito a férias pagas, o direito a indemnização por despedimento em função do tempo de serviço, o direito à baixa por doença, o estabelecimento da previdência social, a segurança social, e a proteção da maternidade, dos que sofrem doenças profissionais e dos desempregados. Ao aprovar este “importante” documento em 1927, o Grande Conselho do Fascismo determinou que ele “será rapidamente implementado.”²³⁶¹

Em suma, a Carta do Trabalho comprovava que o Estado corporativista fascista era, nem mais nem menos, socialismo em ação. “Toda a obra do governo fascista, mesmo aquela pequena e quotidiana, toda a legislação do

²³⁵⁹ Benito Mussolini, “Norme di orientamento ai federali”, *Il Resto del Carlino*, 5 de abril de 1929, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIV, 1958, p.26.

²³⁶⁰ Benito Mussolini, “Cooperazione fascista”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de novembro de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957, p.251.

²³⁶¹ Benito Mussolini, “81ª riunione del Gran Consiglio del Fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de abril de 1927, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.349.

governo fascista destinou-se diretamente a um único objetivo: o de melhorar material e moralmente o povo italiano”, disse Mussolini, gabando-se de que “o regime fascista está, em legislação social, na vanguarda de todas as nações, mesmo daquelas que ostentam a bandeira soviética ou a bandeira democrática.”²³⁶²

Se, nesta fase do fascismo, o regime evitava assumir-se retoricamente como socialista, devido aos múltiplos compromissos que o atavam, gradualmente o seu socialismo ia emergindo, quer nas entrelinhas do seu discurso, quer pelas medidas associadas à instituição do Estado corporativo. Como concluiu o historiador Renzo de Felice, a Carta do Trabalho estabeleceu-se como “um dos documentos ideológicos fundamentais do fascismo-regime”²³⁶³ e marcou a conclusão da transição do Estado liberal para o Estado fascista.

A Grande Depressão

Numa terça-feira de outubro de 1929, Wall Street entrou em colapso. A queda da bolsa afundou a economia americana e depressa as ondas de choque se fizeram sentir na Europa, provocando falências em cadeia e o disparar do desemprego. Itália não foi exceção. “É supremamente ridículo acreditar que quando toda a Europa e todo o mundo estão em crise, a Itália seja o país mais feliz”²³⁶⁴, observou Mussolini três meses depois de o caos se instalar, salientando no entanto, ainda com cautela, que em Itália “os elementos positivos superam os negativos”²³⁶⁵. Mais alguns meses volvidos e o *Duce* esforçou-se por apresentar uma imagem positiva da situação: “está agora estabelecido que a atividade económica italiana foi em 1929 superior à de todos os anos precedentes.”²³⁶⁶

Tudo propaganda. A verdade é que a economia italiana enfrentava graves dificuldades. Em bom rigor, é preciso começar por estabelecer que, quando em 1927 proclamaram a ditadura, os fascistas canalizaram os investimentos essencialmente para a industrialização – exatamente o esforço que os comunistas decidiram fazer dois anos depois na União Soviética. O problema

²³⁶² Benito Mussolini, “Al congresso dei sindacati fascisti”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de maio de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957, p.141.

²³⁶³ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1968, p.286.

²³⁶⁴ Benito Mussolini, “Ai podestà”, *Il Popolo d'Italia*, 31 de janeiro de 1930, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIV, 1958, p.190.

²³⁶⁵ *Idem*, p.191.

²³⁶⁶ Benito Mussolini, “Per il Consiglio Nazionale delle Corporazioni”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de abril de 1930, *ibidem*, p.217.

é que a lira desvalorizava e a economia apresentava tendências inflacionistas, que os fascistas primeiro combateram sobretudo com propaganda e, a partir da segunda metade de 1926, com a valorização da lira, com os consequentes efeitos deflacionistas que resultaram em crédito político para o fascismo. A situação económica estabilizou em finais de 1927 e melhorou em 1928, conforme reconhecido pelos estrangeiros e pelos próprios comunistas italianos no congresso do Comintern em Moscovo.

A Grande Depressão constituiu um rude golpe na economia italiana justamente quando esta estava finalmente em ascensão. De trezentos mil desempregados em 1929, a Itália passou para milhão e meio de pessoas sem emprego em 1933. Além disso, os salários dos operários e funcionários foram cortados em 8 por cento e os dos trabalhadores rurais em 15 a 25 por cento. A situação económica deteriorou-se rapidamente e entre 1930 e 1933 ocorreram mais de 550 greves em fábricas. Perante as súbitas dificuldades, o regime fascista anunciou medidas sociais destinadas a ajudar a população carenciada e aprovou obras públicas para ocupar o crescente número de desempregados. Com o objetivo de reativar a economia e criar emprego, foram ainda abertos o Instituto para a Reconstrução Industrial e fábricas de aço e estaleiros em Nápoles e Taranto. Embora evitasse falar na crise, Mussolini estava claramente preocupado com a possibilidade de as dificuldades lhe retirarem apoio popular e fazerem reemergir o socialismo tradicional na área política e ideológica agora ocupada pelo fascismo, pelo que se pôs a marcar as diferenças em relação ao socialismo oficial que a Itália perdera, mas que se mantinha vivo noutros países.

Veja-se, por exemplo, a forma como o chefe dos *fasci* insistia em salientar o que separava os fascistas dos socialistas tradicionais na atividade sindical. “O sindicalismo, seja qual for a sua escola, tem um percurso que se poderá dizer comum, salvo nos métodos: começa-se com a educação para a vida associativa; continua-se com a estipulação dos contratos coletivos; põe-se em prática a solidariedade assistencial ou mutualista; aperfeiçoam-se as competências profissionais”, enumerou Mussolini, passando a seguir às diferenças entre os sindicatos fascistas e os sindicatos socialistas neomarxistas: “mas enquanto o sindicalismo socialista, pelo caminho da luta de classes, insiste no terreno político, tendo como programa final a supressão da propriedade privada e da iniciativa individual, o sindicalismo fascista, através da colaboração de classes, conduz às corporações, que tornam a colaboração sistemática e harmónica, salvaguardando a propriedade mas

elevando-a a função social, respeitando a iniciativa individual mas no âmbito da vida e da economia da nação.”²³⁶⁷

Ao proclamar uma doutrina para os trabalhadores assente na colaboração entre todos e no respeito pela propriedade privada e pela iniciativa individual, o *Duce* apresentava o fascismo como uma espécie de versão ditatorial da social-democracia de Bernstein. Para ele, os sindicatos não eram um instrumento de luta política, como defendiam os marxistas, mas um instrumento para melhorar a vida dos trabalhadores, como propusera o fundador da social-democracia. “O sindicalismo não pode ser um fim em si mesmo: ou se esgota no socialismo político ou na corporação fascista”, estabeleceu Mussolini. O objetivo dos sindicatos fascistas não era pois usar os trabalhadores para conduzir a luta política, como faziam os sindicatos socialistas tradicionais, mas simplesmente defender os trabalhadores independentemente da política, e isso fazia-se “com um aumento da produção, e conseqüentemente da riqueza”, o que “garante condições sempre melhores às classes trabalhadoras”²³⁶⁸. Exatamente o que Bernstein sustentara ao conceber a social-democracia e que Lenine de certo modo acabara por aceitar quando, após as grandes fomes na Rússia, recuara no comunismo radical e instituíra a NEP.

Com a Itália numa situação difícil, e incapaz de sair de imediato da crise, Mussolini pôs-se a recordar as principais medidas do fascismo para valorizar o seu programa social. “O regime manteve-se sempre atento às necessidades dos operários”, lembrou num discurso diante de “camaradas” operários, para enumerar em perguntas retóricas as principais dessas medidas: “quem em 1923 estabeleceu a lei das oito horas como lei fundamental do Estado? Quem aumentou as pensões de invalidez e de reforma dos operários? Quem aumentou os subsídios para os operários no período da maternidade? Quem criou o Dopolavoro? Quem estabeleceu os seguros obrigatórios contra a tuberculose, flagelo que atinge sobretudo a classe operária? Isto é apenas uma parte da obra assistencial que o regime fascista ergueu para a classe operária italiana. Mas fizemos muito mais, ó camaradas operários: metemos o capital e o trabalho no mesmo plano, com igualdade de direitos, com igualdade de deveres, na Carta do Trabalho. Isto não acontece em nenhuma parte do mundo.”²³⁶⁹

²³⁶⁷ *Ibidem*, p.215.

²³⁶⁸ *Ibidem*, p.216.

²³⁶⁹ Benito Mussolini, “Agli operai dello stabilimento Marelli”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de maio de 1930, *ibidem*, p.241.

Os eternos compromissos do regime, a que se acrescentava agora a fragilidade em que se encontrava por causa da situação económica desencadeada pela Grande Depressão, ainda impediam Mussolini de assumir a dimensão socialista do fascismo, pelo que o fazia sempre de uma forma indireta. O *Duce* proclamou o fascismo como “um regime do povo”²³⁷⁰ e lembrou várias vezes a sua ligação ao proletariado. “Sabeis o que fez o governo fascista pelas classes operárias italianas”, insistiu, afirmando que “o regime fascista respeita e honra o trabalho e os trabalhadores italianos”²³⁷¹, declarações de resto muito semelhantes às que os regimes comunistas sempre fizeram quando em dificuldades.

Um ano depois do colapso de Wall Street, e uma vez que a crise não dava mostras de passar, Mussolini pôs de parte a retórica propagandística e assumiu enfim abertamente toda a dimensão do problema. O colapso da bolsa de Nova Iorque caiu em Itália “como uma bomba”, admitiu sem subterfúgios, dizendo que “fomos apanhados em alto mar” e “a navegação tornou-se extremamente difícil”²³⁷². Anunciou que o défice do país era “grave como uma batalha perdida”, chegando ao ponto de descrever a situação como “uma catástrofe nacional”²³⁷³, mas lembrou, com razão, que “neste momento não existem países fáceis em parte alguma do mundo”²³⁷⁴, pois “a crise é universal” e “o mundo contemporâneo está profundamente doente”²³⁷⁵. Recordou, no entanto, o programa de obras públicas lançado pelo seu governo, afirmando que as suas medidas deram emprego a quase meio milhão de operários – mas esquecendo-se de dizer que o desemprego continuava a subir. Ao mesmo tempo acusou as classes mais altas de serem “tremendamente egoístas”²³⁷⁶ e lançou um ataque aos *profittatori*, os que buscavam o lucro, afirmando tratarem-se de “aqueles que se proclamam letrados, advogados, professores, artistas, poetas, filósofos, músicos do

²³⁷⁰ Benito Mussolini, “Al popolo di Milano”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de maio de 1930, *ibidem*, p.247.

²³⁷¹ Benito Mussolini, “Alle forze sindacali milanesi”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de maio de 1930, *ibidem*, p.248.

²³⁷² Benito Mussolini, “La politica economica del regime”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de novembro de 1930, *ibidem*, p.311.

²³⁷³ *Ibidem*, p.312.

²³⁷⁴ *Ibidem*, p.313.

²³⁷⁵ *Ibidem*, p.322.

²³⁷⁶ *Ibidem*, p.324.

regime, apenas porque têm um cartão de militante e não engenho, são *profittatori*”²³⁷⁷. Em suma, os burgueses.

Note-se que esta tática de demonização dos ricos em geral e dos burgueses em particular, responsabilizados por todos os males, era prática padrão nos regimes comunistas, em especial sempre que as dificuldades económicas surgiam. Cabia por isso ao Estado fascista “a organização de todos os interesses”²³⁷⁸, sendo que os interesses das classes populares eram os prioritários pois “a palavra de ordem é esta: andar decididamente em direção ao povo”²³⁷⁹. Ou seja, quem defendia os trabalhadores contra os burgueses era o fascismo, pois era este que obrigava os burgueses a considerarem igualmente os interesses do proletariado. Em vez de se salvarem sozinhos, os ricos teriam de ajudar os pobres a salvarem-se também, razão pela qual Mussolini considerava que o corporativismo era a forma socialista de se sair da crise, pois implicava que todos se salvassem, não apenas a classe dos privilegiados.

O *Duce* avisou que “todos os que acreditam poder resolver a crise com remédios milagrosos não sabem o que dizem”²³⁸⁰. O problema gerado pela Grande Depressão, entendia, era demasiado complexo para ser tratado com as soluções socialistas tradicionais que haviam dado mostras de fracasso completo ainda antes do colapso de Wall Street, como era o caso do bolchevismo e da grande fome que o comunismo gerara no tempo de Lenine. O capitalismo também não era solução, como o provava “o ciclone”²³⁸¹ que fora a queda de Wall Street provocada pela “economia liberal e o capitalismo descontrolado, degenerado e plutocrático”²³⁸². Então qual era a saída?

A única solução socialista viável, na sua visão, era a sustentada no fascismo, e especificamente no corporativismo. Além de “realizar o equilíbrio dos interesses opostos, no plano do reconhecimento do interesse geral, sem o que até os interesses dos grupos e dos indivíduos fica

²³⁷⁷ Benito Mussolini, “Rivoluzione: clima duro”, *Gioventù Fascista*, 29 de março de 1931, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXV, 1958, p.4.

²³⁷⁸ Benito Mussolini, “Alle forze sindacali milanesi”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de maio de 1930, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIV, 1958, p.324.

²³⁷⁹ Benito Mussolini, “Al popolo napoletano”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de outubro de 1931, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXV, 1958, p.50.

²³⁸⁰ Benito Mussolini, “Primo discorso per il Decennale”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de outubro de 1932, *idem*, p.136.

²³⁸¹ Benito Mussolini, “N.I.R.A.”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de novembro de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958, p.103.

²³⁸² *Idem*, p.104.

comprometido”, na ótica do *Duce* a política social do corporativismo fascista era verdadeiramente estrutural e não se reduzia a uma mera ação paliativa. “O Estado corporativo fascista não quer ser o simples guarda noturno na política nem quer ser apenas uma espécie de congregação de caridade do ponto de vista social”, estabeleceu, enfatizando que “o Estado fascista é aquele que entrou mais diretamente na esfera do ‘económico’, criando uma disciplina nos conflitos dos interesses coletivos”²³⁸³. Nesse sentido, a Carta do Trabalho “deve ser sempre considerada como um documento fundamental do regime.”²³⁸⁴

A Carta do Trabalho era encarada pelos fascistas como um documento essencial por consagrar a sua visão socialista. Mussolini e os fascistas, tal como os socialistas em todo o mundo, achavam que o colapso de Wall Street cristalizava o “acabar com as velhas ideias do capitalismo liberal”²³⁸⁵. Ou seja, o capitalismo entrara em colapso e até na América dera lugar à ideia de que o Estado deveria intervir na economia, mudança consubstanciada no New Deal do presidente Roosevelt. Se havia New Deal era porque o *old deal*, constituído pelas “ostras agarradas às rochas agora desmoronadas do liberalismo económico”²³⁸⁶, entrara em “falência”²³⁸⁷. “Aquele que vivemos já há quatro anos é uma crise ‘no’ sistema ou uma crise ‘do’ sistema?”, interrogou-se o *Duce*, para lembrar que “o presidente dos Estados Unidos já abandonou, da forma mais decisiva, o terreno clássico da economia liberal”, pois este conduziu à “catástrofe social”²³⁸⁸. Na sua visão, o liberalismo estava morto e a Grande Depressão era o seu carrasco.

É interessante notar que neste período o chefe dos fascistas começou a falar muito menos, e os seus raros discursos passaram a ser caracterizados por uma extrema escassez de retórica ideológica. Mas essa retórica não parou por completo e envolveu um constante elogio ao povo e crítica às elites, em particular a burguesia. “Um perigo pode ameaçar o regime: esse perigo pode

²³⁸³ Benito Mussolini, “Il centenario del Consiglio di Stato”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de agosto de 1931, *ibidem*, p.27.

²³⁸⁴ Benito Mussolini, “All’Assemblea Generale del Consiglio Nazionale delle Corporazione”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de junho de 1932, *ibidem*, p.114.

²³⁸⁵ Benito Mussolini, “Le mete del fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de outubro de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958, p.68.

²³⁸⁶ Benito Mussolini, “Segnalazione”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de outubro de 1933, *idem*, p.68.

²³⁸⁷ Benito Mussolini, “Oriente e occidente”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de dezembro de 1933, *ibidem*, p.127.

²³⁸⁸ Benito Mussolini, “Roosevelt e il sistema”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de julho de 1933, *ibidem*, p.22.

ser representado pelo que normalmente se chama ‘espírito burguês’”, avisou, dizendo que o credo “do burguês é o egoísmo”. Para combater os burgueses eram preciso respeitar “o princípio da revolução contínua”²³⁸⁹ e manter sempre presente que o fascismo era “uma revolução do povo.”²³⁹⁰

Apesar da retórica e de programas de natureza socialista como a Carta do Trabalho, a verdade é que a ala original do fascismo, a socialista, andava por esses dias em estado de depressão, pois apesar de tudo, e sobretudo no rescaldo do próprio colapso de Wall Street e da Grande Depressão, o fascismo não lograra erguer em Itália o socialismo com o qual os socialistas fascistas sonharam. Não estavam sozinhos nessa desilusão, há que o dizer, uma vez que imensos apoiantes do bolchevismo também a viviam. Da mesma maneira que muitos comunistas começaram a perceber que o regime comunista na Rússia nada tinha a ver com o comunismo que haviam idealizado quando da revolução bolchevique em 1917, muitos fascistas começaram a perceber que o regime fascista em Itália nada tinha a ver com o socialismo nacionalista que haviam idealizado quando da formação dos Fasci di Combattimento em 1919 e da marcha sobre Roma em 1922. Tal como na Rússia, a projetada ditadura socialista nacionalista em Itália havia-se transformado numa ditadura unipessoal. Ainda tal como na Rússia, onde Lenine e Estaline haviam suprimido qualquer veleidade de oposição, também em Itália Mussolini tinha eliminado qualquer possibilidade de oposição. Aos velhos fascistas revolucionários nada mais restava do que esperar que surgisse uma nova oportunidade para que o fascismo regressasse ao trilho que consideravam certo, o do socialismo nacionalista e de cooperação de classes, ou seja, o do fascismo, para eles o verdadeiro socialismo.

Claro que a degradação da vida na União Soviética era usada por Mussolini para mostrar que, apesar de tudo, o fascismo era mais socialista do que o próprio bolchevismo, o qual “não passa de burocratização da economia”²³⁹¹. Citou o decreto soviético de 17 de março de 1934 a eliminar o salário mínimo na Rússia e a condicionar o pagamento dos salários à quantidade e qualidade da produção para dizer que os comunistas russos

²³⁸⁹ Benito Mussolini, “Sintesi del regime”, *Il Popolo d'Italia*, 20 de março de 1934, *ibidem*, p.192.

²³⁹⁰ Benito Mussolini, “La festa del lavoro”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de abril de 1934, *ibidem*, p.213.

²³⁹¹ Benito Mussolini, “Discorso al Senato per lo Stato Corporativo”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 13 de janeiro de 1934, *ibidem*, p.149.

havia apostado na “escravatura” e na “mecanização da carne humana”²³⁹². Isso, para Mussolini, não era, não podia ser, o verdadeiro socialismo.

O *Duce* não se poupou, por isso, a ministrar lições aos comunistas sobre o que era o verdadeiro socialismo, com o qual o marxismo nem o soviético nada tinham a ver, uma vez que “o verbo de Marx” está “atordoadado e fracassado”²³⁹³. A prova estava no estado em que a União Soviética se encontrava. “Não se trata de socialismo e muito menos de comunismo; o que se passa na Rússia é uma gigantesca tentativa de realizar um comunismo de Estado”, observou, apresentando como prova o facto de na Rússia “o bem-estar da população está mais longínquo do que nunca, o que existe é a miséria universal do Estado”²³⁹⁴. Ora miséria geral não era, de modo nenhum, socialismo. Verdadeiro socialismo, insinuou, era o que fazia o fascismo. “Só a concepção corporativa do fascismo, como é elaborada na Carta do Trabalho, concilia os interesses individuais com os da coletividade representada pelo Estado”²³⁹⁵, declarou, sublinhando que o fascismo constituía “uma revolução do povo, porque vocês são o povo.”²³⁹⁶

Apesar das críticas ao bolchevismo, o regime fascista começou a adotar subtilmente elementos da própria terminologia bolchevique. O neomarxista Georges Sorel havia proposto que uma elite socialista guiasse o proletariado para a revolução, ideia que os fascistas e os bolcheviques tinham acolhido. Os fascistas traduziram elite por “hierarquia”²³⁹⁷ e os bolcheviques escolheram a palavra “vanguarda”²³⁹⁸. Enquanto o Partido Nacional Fascista se via como a hierarquia da revolução de 1922 em Itália, o Partido Bolchevique apresentava-se como a vanguarda da revolução de 1917 na Rússia. Acontece que, no rescaldo da Grande Depressão, Mussolini começou

²³⁹² Benito Mussolini, “‘Paradiso’ sovietico”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de abril de 1934, *ibidem*, p.196.

²³⁹³ Benito Mussolini, “S.O.S.”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de agosto de 1933, *ibidem*, p.49.

²³⁹⁴ Benito Mussolini, “Segnalazione”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de setembro de 1933, *ibidem*, p.57.

²³⁹⁵ *Ibidem*, p.58.

²³⁹⁶ Benito Mussolini, “Alle camicie nere fiorentine”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de outubro de 1933, *ibidem*, p.78.

²³⁹⁷ Benito Mussolini, “Stato, anti-Stato e Fascismo”, *Gerarchia*, 25 de junho de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.192.

²³⁹⁸ Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1973, p.77.

também a referir-se aos fascistas como “vanguarda”²³⁹⁹, “vanguardistas”²⁴⁰⁰ e “vanguardistas de toda a Itália”²⁴⁰¹, uma apropriação da terminologia leninista que não é evidentemente privada de significado. Como também não foi inocentemente que, chamando Lenine “revolução de outubro”²⁴⁰² à revolução bolchevique de 1917, o *Duce* tenha decidido chamar “revolução de outubro”²⁴⁰³ à revolução fascista de 1922. Igualmente significativo é o facto de ter colocado na chefia das corporações o “comité corporativo central”²⁴⁰⁴, uma formulação evidentemente inspirada no comité central dos comunistas.

Nas entrelinhas das palavras de Mussolini permanecia a permanente visão do fascismo como uma versão antimarxista do socialismo. A propósito de um artigo do socialista Arturo Labriola num jornal de Buenos Aires, o chefe dos *fasci* registou que, “depois de ter dito que o fascismo está a realizar uma espécie de socialismo elementar (...) Labriola abandona o terreno do antifascismo e, corrigindo o tiro, parece adotar uma vasta e profunda compreensão deste movimento agora universal chamado fascismo. Acreditar que o fascismo é produto de uma pequena conspiração de capitalistas e reacionários não é apenas falso; é também supremamente idiota. Ninguém se admire se Labriola for excomungado pelo antifascismo oficial.”²⁴⁰⁵

Por esta altura já Lenine tinha morrido havia quase uma década e no rescaldo do colapso de Wall Street o regime comunista encontrava-se firmemente nas mãos de Estaline. Ninguém ignora o pacto militar que em 1940 a Itália firmou com a Alemanha e o Japão, o Eixo, mas o que é menos

²³⁹⁹ Benito Mussolini, “Al popolo di Torino”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de outubro de 1932, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXV, 1958, p.141.

²⁴⁰⁰ Benito Mussolini, “Agli avanguardisti: del terzo campo ‘Dux’ a Villa Glori”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de setembro de 1931, *idem*, p.32.

²⁴⁰¹ Benito Mussolini, “Agli avanguardisti: del terzo campo ‘Dux’ in Piazza Venezia”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de setembro de 1931, *ibidem*, p.31.

²⁴⁰² Vladimir Lenine, “Fourth Anniversary of the October Revolution”, *Pravda*, 18 de outubro de 1921, www.marxists.org.

²⁴⁰³ Benito Mussolini, “Enrico Corradini”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 11 de dezembro de 1931, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXV, 1958, p.70; Benito Mussolini, “A trentamila alpini”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de abril de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958, p.210

²⁴⁰⁴ Benito Mussolini, “Alla riunione del comitato corporativo centrale”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de maio de 1935, in Benito Mussolini, *Opera Omnia XXVII: Dall'inaugurazione della provincia di Littoria alla proclamazione dell'impero*, La Fenice, Florença, 1959, p.59.

²⁴⁰⁵ Benito Mussolini, “Rettifiche di tiro”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de julho de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958, p.34/35.

conhecido é que em 1933 já a Itália fascista tinha firmado um pacto militar com a União Soviética, o que não pode deixar de ser revelador. Na hora da assinatura do pacto fascista-comunista, de resto, um general italiano tornou claro que “o Exército italiano nutre sentimentos em relação ao Exército Vermelho que vão mais fundo do que os profissionais”²⁴⁰⁶. O próprio Mussolini foi ao Senado referir-se à União Soviética como “um grande Estado”²⁴⁰⁷. A imprensa soviética, por seu turno, enalteceu a “amizade”²⁴⁰⁸ entre os regimes fascista e comunista. Palavras hoje tão inconvenientes que o tempo se encarregou de as remeter ao esquecimento. Como aliás se remeteu para o esquecimento que também a União Soviética foi nesse ano convidada a aderir, hipótese que os comunistas não enjeitaram, mas a contraproposta que apresentaram não foi aceite por Hitler e Moscovo acabou por ficar fora do Eixo.

Até porque surgiram entretanto novidades na Alemanha.

Eixo, consenso e guerras

No mesmo discurso perante o Senado em que descreveu a União Soviética como “um grande Estado”, Mussolini fez a sua primeira referência ao novo chanceler da Alemanha. Adolf Hitler tinha ascendido ao poder em janeiro de 1933. Cinco meses depois, o *Duce* mencionou enfim o *Führer* a propósito de um discurso que o novo chefe alemão fizera a sustentar que nenhuma nova guerra europeia melhoraria as condições insatisfatórias já existentes no continente. “O grande discurso de Hitler a 17 de maio clarificou imediatamente a situação”, concluiu Mussolini perante os senadores italianos, considerando ter-se tratado de um “discurso moralmente corajoso e politicamente tranquilizador. A Alemanha quer a paz e não a guerra.”²⁴⁰⁹

O nome do partido nazi, o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, terá sem dúvida deixado Mussolini atento. A aliança entre o nacionalismo e o socialismo era algo que o chefe dos *fasci* andava a preconizar havia muitos anos, nas circunstâncias que já amplamente expusemos, pelo que o posicionamento ideológico dos nacional-socialistas

²⁴⁰⁶ Ingrid Sandole-Staroste, “Italo-Soviet Military Cooperation in the 1930s”, in Donald Stoker and Jonathan Grant (direção), *op. cit.*, 2003, p.180.

²⁴⁰⁷ Benito Mussolini, “Il patto a quattro”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 7 de junho de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXV, 1958, p.247.

²⁴⁰⁸ Ingrid Sandole-Staroste, “Italo-Soviet Military Cooperation in the 1930s”, in Donald Stoker and Jonathan Grant (direção), *op. cit.*, 2003, p.180.

²⁴⁰⁹ Benito Mussolini, “Il patto a quattro”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 7 de junho de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXV, 1958, p.246.

alemães mereceu uma referência do *Duce* perante o Senado. “O que está atualmente em curso na Alemanha é uma profunda revolução não apenas nacional mas social”, observou Mussolini, dizendo tratar-se de “uma revolução do povo, feita por homens saídos da guerra e do povo. Não se tratou de um golpe de Estado vindo das élites.”²⁴¹⁰

Estas palavras são desde logo muito reveladoras, pois sugerem que o fenómeno nazi cedo despertou a atenção do *Duce*. Não só Mussolini observou que o projeto nacional-socialista era “não apenas nacional mas social”, o que significava que os nazis haviam também eles feito a fatídica fusão do nacionalismo com o socialismo tão cara aos fascistas, como o nazismo era produto da Grande Guerra, a exemplo do bolchevismo e do fascismo, e era igualmente produto de gente do povo, em oposição à burguesia, as “élites” que os fascistas, tal como nacional-socialistas e comunistas, tanto detestavam. Também a vertente antimarxista do nazismo deve ter de imediato atraído a atenção dos fascistas, os quais, recorde-se, haviam definido o fascismo como “um socialismo antimarxista, por exemplo, e nacional”²⁴¹¹. E como se autodefinia o nacional-socialismo se não dessa mesma forma?

Aos ideólogos fascistas não devem ter passado despercebidas as múltiplas formulações nacional-socialistas a sustentar a fusão no nazismo do nacionalismo com o socialismo. O posicionamento nacionalista do nazismo era mais do que evidente, mas também era possível encontrar pronunciamentos socialistas. Por exemplo, Adolf Hitler proclamou num comício do Partido Nacional-Socialista que “somos socialistas”²⁴¹². Também Joseph Goebbels o disse, “somos socialistas”²⁴¹³, explicando que “o socialismo é a doutrina da libertação para a classe trabalhadora” e que “o burguês está prestes a abandonar o palco histórico. Para o seu lugar irá a classe dos trabalhadores produtivos, a classe trabalhadora que até hoje tem sido reprimida”²⁴¹⁴. Hitler defendeu um “socialismo como conceito final de dever o dever ético do trabalho, não apenas para nós mas também em prol do nosso camarada, e acima de tudo está o princípio de que o bem comum

²⁴¹⁰ *Idem*, p.247.

²⁴¹¹ Benito Mussolini, “Trincerocrazia”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de dezembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.141.

²⁴¹² Adolf Hitler, “Why We Are Antisemites”, 15 de agosto de 1920, Carolyn Yeager Writings, carolynyeager.net.

²⁴¹³ Joseph Goebbels, “Those Damned Nazis”, 1929, Calvin College, research.calvin.edu.

²⁴¹⁴ *Idem*.

se encontra à frente do nosso bem individual”²⁴¹⁵. O *Führer* declarou que “o nacional-socialismo procura igualizar os contrastes desfavoráveis na vida social”²⁴¹⁶ e Albert Speer escreveu sobre as “tendências socialistas do NSDAP”²⁴¹⁷, as siglas que identificavam o partido nazi, embora reconhecendo que essas tendências eram mais fortes numa das alas do que noutras.

Uma das figuras mais destacadas da ala socialista era Ernst Röhm, o chefe dos camisas castanhas, as milícias revolucionárias dos nazis. Röhm lançou sucessivas tiradas contra a “sociedade burguesa” e os seus “parasitas antissociais” que são protegidos “desde que sejam ricos”²⁴¹⁸, designadamente os “extorsionários, os especuladores financeiros, os que enganam o povo, os que buscam o lucro e os açambarcadores”, em suma todos os burgueses que prosperam “diante do desespero, da miséria e do desemprego”, até porque “é a classe trabalhadora alemã que suporta o peso (...) da mais profunda pobreza”²⁴¹⁹. Para Röhm era fundamental substituir o sistema capitalista em vigor até então, “um sistema político, social e económico que conseguiu incendiar o mundo inteiro, ou pelo menos não foi capaz de impedir a conflagração, que compeliu homens que nada tinham contra outros a matarem-se uns aos outros aos milhões, que permitiu que milhões de mulheres, crianças e idosos inocentes morressem à fome, tal sistema, digo, já não pode regular as relações entre pessoas e nações após uma tão esmagadora demonstração da sua futilidade”²⁴²⁰, até porque enquanto a grande matança decorria os seus responsáveis “sentavam-se em parlamentos ou nas cadeiras confortáveis dos ministérios e das presidências” a “mexer os cordelinhos, a mover números, a fazer cálculos e a fechar negócios”, pois “nos seus corações nada havia a não ser gelo.”²⁴²¹

Era necessária uma revolução anticapitalista, sem dúvida, mas o que não podia ser era uma revolução à maneira bolchevique porque o “terror

²⁴¹⁵ Adolf Hitler, “Why We Are Antisemites”, 15 de agosto de 1920, Carolyn Yeager Writings, carolynyeager.net.

²⁴¹⁶ Adolf Hitler, “Germany and Bolshevism”, 21 de maio de 1935, in Joachim von Halasz (editor), *Hitler – Speeches and Quotes*, World Propaganda Classics, Londres, 2008, p.31.

²⁴¹⁷ Albert Speer, *op. cit.*, 1971, p.42.

²⁴¹⁸ Ernst Röhm, *The Memoirs of Ernst Röhm*, Frontline Books, Londres, 2012, p.296.

²⁴¹⁹ *Idem*, p.313.

²⁴²⁰ Ernst Röhm, *Why S.A.?*, Sons of Liberty, Metairie, 1975, p.3.

²⁴²¹ *Idem*, p.7.

vermelho”²⁴²² tudo destruía e nada construía, como se podia ver com o caos e a fome na União Soviética. “O espírito de destruição e de guerra civil, os êxtases do ódio que fazem parte do bolchevismo” não eram a solução, uma vez que “o ódio e a negação não têm poder suficiente para se estabelecerem como princípios de Estado e das relações entre nações”²⁴²³. Vemos pois aqui dirigentes nazis a darem aos comunistas lições contra a política do ódio.

Também instrutivos eram os escritos de outro ideólogo nacional-socialista, Otto Strasser. “O nosso socialismo tem de ser ‘nacional’”, declarou este dirigente nazi oriundo do Freikorps, sublinhando que “a ênfase nesta fusão deve estar no socialismo”. Strasser observou que, perante a expressão *nacional-socialismo*, “a gramática alemã diz-nos que nas palavras compostas deste tipo a primeira parte serve para qualificar a segunda, que é a parte essencial”²⁴²⁴. Isto é, na expressão *nacional-socialismo* o socialismo era mais importante do que o nacionalismo. Este destacado elemento do partido nazi insistiu na ideia de que “nós somos socialistas”²⁴²⁵ e fez questão de lembrar o “*rapprochement* entre Hitler e a Terceira Internacional”²⁴²⁶ aparentemente ocorrido em 1923 para enfatizar o socialismo que nazismo e bolchevismo tinham em comum.

Strasser chefiou uma corrente no partido nazi designada strasserismo, que defendia o corporativismo, a “igualdade entre as nações e o fim da ostracização da Alemanha”, o estabelecimento de uma “federação europeia” que incluísse “a abolição das barreiras tarifárias” e a instituição de uma comunidade “com comércio livre em todo o continente”, e ainda “a destruição do militarismo prussiano”²⁴²⁷. Sobretudo, este dirigente nacional-socialista propunha a nacionalização das riquezas que não eram multiplicáveis, como as terras e a grande indústria, de modo a “restaurar o sentido de liberdade dos nossos compatriotas”, uma vez que “ninguém é livre se não for economicamente independente”²⁴²⁸.

Foi a aliança de Hitler com a grande indústria, para conseguir fundos para o partido e alargar a sua base de apoio, que colocou este dirigente nazi em rota de colisão com o *Führer*, a quem acusou de “pôr o socialismo ao serviço

²⁴²² Ernest Röhm, *op. cit.*, 2012, p.98.

²⁴²³ Ernest Röhm, *op. cit.*, 1975, p.5.

²⁴²⁴ Otto Strasser, *Hitler and I*, Houghton Mifflin Company, Boston, 1940, p.9.

²⁴²⁵ *Idem*, p.93.

²⁴²⁶ *Ibidem*, p.24.

²⁴²⁷ *Ibidem*, p.82.

²⁴²⁸ *Ibidem*, p.81.

do prussianismo”²⁴²⁹. O pensamento de Strasser e de outros ideólogos nacional-socialistas aproximava-se de Gottfried Feder, o filósofo nazi que escrevera *O Estado Alemão Numa Fundação Nacionalista e Socialista*. Feder sublinhara nessa obra “o caráter basicamente socialista do Reich”²⁴³⁰, embora com “uma forma mais suave de ‘controlo estatal’” do que o socialismo soviético, que na sua opinião se mostrara “inviável no longo prazo”²⁴³¹ e consequentemente “um fracasso completo”²⁴³².

Quando no início de 1934 fez o balanço do primeiro ano de governação nacional-socialista, Joseph Goebbels vangloriou-se por os nazis terem posto enfim em prática “o socialismo que apregoámos ao longo de anos”²⁴³³, dizendo que “enche-nos de orgulho que ninguém neste primeiro inverno nacional-socialista, por mais pobre e necessitado que seja, tenha sido deixado só, que nenhum de nós, fossem quais fossem as nossas dificuldades, tenha sido ignorado”²⁴³⁴. Ou seja, nenhum desfavorecido podia ser deixado para trás – pelo menos na retórica, como aliás também acontecia em Itália e na União Soviética.

Não tem qualquer relevância para nós neste momento determinar aqui se o nacional-socialismo tinha de facto uma qualquer vertente efetivamente socialista ou se era ou não uma versão nacionalista do socialismo, questões que estão para além dos parâmetros deste estudo. O que é verdadeiramente relevante é que era assim que os nacional-socialistas se apresentavam e, sobretudo, que era assim que os fascistas os começaram por perceber. A percepção fascista não era aliás extraordinária, pois até destacados ideólogos comunistas, como Leon Trotsky, consideraram que o nazismo envolvia “uma grande dose de demagogia socialista.”²⁴³⁵

Analisando melhor o discurso nacional-socialista, porém, Mussolini mostrou-se profundamente desagradado com o racismo que nele encontrou e depressa se pôs a descrever a ideologia do movimento de Hitler como

²⁴²⁹ *Ibidem*, p.27.

²⁴³⁰ Gottfried Feder, *The German State On a National and Socialist Foundation – New Approaches to the State, Finance and Economy*, Historical Review Press, 1923, p.34.

²⁴³¹ *Idem*, p.20.

²⁴³² *Ibidem*, p.21.

²⁴³³ Joseph Goebbels, “The New Year 1934”, in Joseph Goebbels, *Joseph Goebbels Writings and Essays*, Skull Press Ebook Publications, Ghent, 2013, p.16/17.

²⁴³⁴ *Idem*, p.17.

²⁴³⁵ Leon Trotsky, “Fascism – What Is It?”, *The Militant*, 16 de Janeiro de 1932, www.marxists.org.

“obscurantista”²⁴³⁶ e de um “racismo nacional-socialista carregado de belicosidade pegajosa” que “não pode ser uma política do Século XX”²⁴³⁷. Em consequência, publicou vários artigos muito críticos para com o racismo e o antissemitismo dos nazis, como “Fallacia ariana” e “Alla fonte”, aspeto que já mereceu a nossa atenção quando abordámos a relação do fascismo com o nazismo e a questão racial, e que não vale a pena repetir.

A emergência do nacional-socialismo alemão chamou, no entanto, a atenção dos fascistas para o aparecimento de um conjunto de outras formulações políticas que assumiam abertamente a união do socialismo com o nacionalismo em regime de cooperação de classes, em rotura com a habitual aliança de extração marxista das ideias socialista e internacionalista do socialismo em regime de luta de classes. “É preciso evitar cair na tentação fácil de dar demasiados precursores ao fascismo, como tem sido feito nestes últimos tempos”, avisou Mussolini, sublinhando que “o fascismo tem muitos precursores e não tem nenhum”²⁴³⁸. Mas logo admitiu que na verdade havia já muitos imitadores e relacionou o fenómeno com a Grande Depressão. “De 1929 até hoje o fascismo de fenómeno italiano tornou-se fenómeno universal”²⁴³⁹, considerou, e explicou essa realidade com a ideia de que “a crise resolve-se de modo totalitário, não com paliativos reformistas ou reacionários.”²⁴⁴⁰

Mais do que o nazismo, o que primeiro mais atraiu Mussolini foi a evolução fascizante do socialismo francês, que admirava desde os tempos de Sorel. “Em França começa-se a perceber que o fascismo se afirma cada vez mais como fenómeno e movimento com um fundo e valor universal”²⁴⁴¹, escreveu, para fazer eco da proposta dos “neosocialistas” de *La Vie socialiste*, órgão do Partido Socialista francês, para que se formasse em França um organismo que defendesse o interesse geral sobre os interesses individuais com o Estado a arbitrar, no fundo o projeto corporativista do

²⁴³⁶ Benito Mussolini, “Teutonica”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de maio de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXV, 1958, p.232.

²⁴³⁷ *Idem*, p.233.

²⁴³⁸ Benito Mussolini, “Gioberti attuale”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de fevereiro de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958, p.18.

²⁴³⁹ Benito Mussolini, “Sintesi del regime”, *Il Popolo d’Italia*, 20 de março de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958, p.185.

²⁴⁴⁰ Benito Mussolini, “Fronti unici”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de maio de 1934, *idem*, p.216.

²⁴⁴¹ Benito Mussolini, “Il corporativismo e la gioninezza francese”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de maio de 1934, *ibidem*, p.223.

fascismo. Esta proposta dos socialistas franceses levou-o a notar que “os ensinamentos da revolução fascista frutificam amplamente”²⁴⁴². O *Duce* observou que, apesar das constantes críticas do socialismo francês ao fascismo, a verdade era que a proposta socialista francesa de uma solução semelhante ao corporativismo fascista, embora sem o assumir, significava que o socialismo tradicional estava a “marchar não ‘contra’, mas ‘em direção’ ao fascismo”²⁴⁴³, o que o levou a descrever o neosocialismo francês como uma versão francesa do fascismo.

Reconheceu noutras partes do mundo a mesma tendência. Descreveu por exemplo Simon Bolívar como um “herói”²⁴⁴⁴, dizendo que a sua obra foi “verdadeiramente revolucionária”²⁴⁴⁵, e considerou que “outras três nações caminharam decisivamente em direção ao corporativismo: Inglaterra, Portugal e Bélgica”, pois estes países haviam apostado numa “revolução política e social” destinada a criar “o homem novo, o homem do tempo fascista”²⁴⁴⁶. Até nos Estados Unidos vislumbrou Mussolini um caminho de corporativismo fascizante. “A economia programada está no programa do New Deal”²⁴⁴⁷, sublinhou, invocando um livro de Henry Wallace, o secretário da Agricultura do presidente Roosevelt: “Wallace fala em cooperação. Com isso quer dizer corporativismo. O seu livro é ‘corporativo’. As suas soluções são corporativas”, pois Wallace defendeu a “lei mais alta da cooperação.”²⁴⁴⁸

Para Mussolini, a força do fascismo radicava na “sua finalidade última: a justiça social”, e era justamente aí que “a revolução fascista contém em si algo de intimamente ‘revolucionário’”²⁴⁴⁹. O *Duce* apregoou a defesa dos mais fracos e desprotegidos quando fez o elogio da “assistência fascista: isto é, a prova concreta da solidariedade nacional para com aqueles que se encontram em condições particularmente frágeis, sendo que, por mil razões que se podem intuitivamente compreender, haverá sempre em maior ou

²⁴⁴² Benito Mussolini, “Fronti unici”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de maio de 1934, *ibidem*, p.216.

²⁴⁴³ Benito Mussolini, “Natura morta”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de maio de 1934, *ibidem*, p.229/230.

²⁴⁴⁴ Benito Mussolini, “Bolívar”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de abril de 1934, *ibidem*, p.211.

²⁴⁴⁵ *Ibidem*, p.212.

²⁴⁴⁶ Benito Mussolini, “Indirizzi corporativi”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de junho de 1934, *ibidem*, p.266.

²⁴⁴⁷ Benito Mussolini, “Che cosa vuole l’America?”, agosto de 1934, *ibidem*, p.301.

²⁴⁴⁸ *Ibidem*, p.302.

²⁴⁴⁹ Benito Mussolini, “Forza della rivoluzione”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de dezembro de 1934, *ibidem*, p.398.

menor número, dependendo dos tempos”. Era por isso que “o Instituto das Obras de Assistência Social deve doravante ser considerado o eixo em torno do qual se deve orientar e fundar toda a assistência social do regime.”²⁴⁵⁰

Quanto às corporações, o chefe dos *fasci* acreditava que com elas o fascismo iria gerar “transformações políticas e sociais”²⁴⁵¹ para alcançar o “que eu chamo uma mais alta ‘justiça social’”, pois “neste século não se pode admitir a inevitabilidade da miséria material”²⁴⁵². Para Mussolini, “a corporação, instrumento do povo e pelo povo, da coletividade e para a coletividade” constituía um “imparável caminho revolucionário”²⁴⁵³. Vezes sem conta repetiu que o corporativismo constituía um instrumento essencial para o fascismo ajudar os mais frágeis na sociedade. “A economia corporativa é multiforme e harmónica”, reivindicou, dizendo que “realizar-se-á na economia fascista essa maior justiça social que tem sido o anseio das multidões na luta amarga e quotidiana pelas necessidades mais básicas da vida”²⁴⁵⁴. Também apregoeou a tolerância religiosa, à semelhança da social-democracia e em contraste com o comunismo, enfatizando que “no conceito fascista de Estado totalitário, a religião é absolutamente livre e, no seu âmbito, independente.”²⁴⁵⁵

A verdade é que, apesar do tremendo abalo que foi a Grande Depressão, a economia italiana conseguiu recompor-se. Foi uma grande vitória para o fascismo, e depressa Mussolini reclamou os louros: “o imponente desenvolvimento da economia italiana coincide, portanto, de maneira irrefutável, com o advento do fascismo”²⁴⁵⁶. A recuperação económica abriu caminho a um consenso nacional em torno do fascismo que lhe permitiu começar a soltar-se do colete-de-forças da geringonça que lhe cerceava os movimentos.

²⁴⁵⁰ Benito Mussolini, “Cuore e cifre”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de novembro de 1934, *ibidem*, p.373.

²⁴⁵¹ Benito Mussolini, “Alla prima assembleia generale delle corporazioni”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de novembro de 1934, *ibidem*, p.378.

²⁴⁵² *Ibidem*, p.379.

²⁴⁵³ Benito Mussolini, “Crepuscolo dell’*homo economicus*”, *Il Popolo d'Italia*, 31 de maio de 1935, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVII, 1959, p.83.

²⁴⁵⁴ Benito Mussolini, “Il piano regolatore della nuova economia italiana”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de março de 1936, *idem*, p.246.

²⁴⁵⁵ Benito Mussolini, “Stato e chiesa”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de dezembro de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958, p.399.

²⁴⁵⁶ Benito Mussolini, “Segnalazione”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de julho de 1934, *idem*, p.290.

Sobre o consenso em torno do regime fascista, importa salientar que esta questão foi introduzida na historiografia por Renzo de Felice na década de 1970 e desencadeou grande polémica em Itália, pois até ali o assunto constituía absoluto tabu no país. Porém, essa polémica é incompreensível de um ponto de vista da investigação profissional e só pode ser entendida como produto de paixões políticas e ideológicas, porquanto os próprios comunistas contemporâneos dos acontecimentos também chamaram a atenção para o consenso em Itália em torno do fascismo. Falando perante o comité executivo do Comintern, por exemplo, a comunista Clara Zetkin reconheceu em 1923 que “a base do fascismo não está numa pequena casta, mas em vastas camadas sociais, vastas massas, incluindo até o proletariado”²⁴⁵⁷, enquanto Leon Trostky notava em 1931 que o fascismo era “um movimento espontâneo de vastas massas” que crescera da pequena burguesia “e mesmo até certo ponto das massas proletárias”²⁴⁵⁸. Igualmente o ideólogo e fundador do Partido Comunista Italiano, Palmiro Togliatti, alertou em 1934 para o carácter de massas do fascismo ao sublinhar que “o fascismo compreende nas suas organizações quase toda a população ativa do país.”²⁴⁵⁹

Apesar do consenso que o fascismo logrou alcançar em Itália, Mussolini continuava a evitar apresentar o fascismo explicitamente como um socialismo. Porém, a presença do socialismo fascista emergia sempre nas entrelinhas. É aliás deste período a palavra de ordem “caminhar decisivamente em direção ao povo”²⁴⁶⁰ e o consolidar das medidas de proteção aos trabalhadores e do relançamento da atividade e do papel dos sindicatos. “A maior parte das revoluções começa a cem por cento, mas pouco a pouco (...) são feitas concessões, uma aqui, outra ali, e em breve a revolução se reduz a cinquenta por cento ou menos”, disse Mussolini em 1932. “Eu comecei com cinquenta por cento” e “ano a ano fomo-nos tornando mais radicais.”²⁴⁶¹

Dois anos depois, o *Duce* sublinhava com clareza numa conversa com o ex-sindicalista socialista Emilio Caldara que “para mim o corporativismo

²⁴⁵⁷ Clara Zetkin, “The Struggle Against Fascism”, Third Plenum of the Executive Committee of the Communist International, 20 de junho de 1923, www.marxists.org.

²⁴⁵⁸ Leon Trotsky, “Fascism – What Is It?”, *The Militant*, 16 de Janeiro de 1932, www.marxists.org.

²⁴⁵⁹ Palmiro Togliatti, “Dov’è la forza del fascismo italiano?”, *L’Internazionale Comunista*, 5 de outubro de 1934, associazionestalin.it.

²⁴⁶⁰ Benito Mussolini, “Al popolo napoletano”, *Il Popolo d’Italia*, 27 de outubro de 1931, in Benito Mussolini, *op. cit.*, novembro de 1983, p.89.

²⁴⁶¹ Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.93/94.

não passa de uma maneira de chegar ao socialismo”²⁴⁶². Passada a crise desencadeada pela Grande Depressão, este retorno fascista a uma ação de natureza socialista foi acolhido com grande satisfação por vários fundadores do fascismo, os fascistas da velha guarda revolucionária. Era o caso de Marcello Gallian, descrito pelo historiador Paolo Buchignani como um “fascista de ‘extrema-esquerda’” que alimentava “um comunismo utópico”²⁴⁶³ de “aspirações revolucionárias”²⁴⁶⁴ de tal modo radicais que chegava a acusar os antifascistas, incluindo socialistas e comunistas, e até Estaline e a sua classe de burocratas soviéticos, de burguesismo. Aconteceu assim aquilo que o historiador Emilio Gentile descreveu como “uma retoma da revolução fascista num sentido mais radical no plano social e político”²⁴⁶⁵ e que Luca Rimbotti designou “acentuação generalizada da ‘tendência de esquerda’”²⁴⁶⁶ do fascismo.

Confiantes no consenso que estavam a gerar, os fascistas lançaram-se então na sua maior aventura até então e invadiram a Etiópia em 1935. Mussolini apresentou a aventura etíope em termos socialistas, ao dizer que “é a guerra dos pobres, dos despojados, dos proletários”²⁴⁶⁷ contra a “Etiópia bárbara e escravagista”²⁴⁶⁸. Recorde-se que Marx defendera o colonialismo quando se tratava de derrubar estruturas feudais e instituir uma civilização mais avançada, e foi justamente nesses termos que os fascistas apresentaram a invasão. As potências liberais ocidentais, contudo, reagiram negativamente à operação fascista, o que levou Mussolini a responder sempre na linha preconizada por Marx: “qual o delito que a Itália cometeu? Nenhum, exceto o delito de levar civilização para uma terra atrasada, construir estradas e escolas, difundir a higiene e o progresso.”²⁴⁶⁹

No ano seguinte, a Itália proclamou vitória na guerra e Mussolini constatou que o triunfo “galvanizou o povo italiano”²⁴⁷⁰. Assim foi, de facto.

²⁴⁶² Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.284.

²⁴⁶³ Paolo Buchignani, *op. cit.*, 1984, p.94.

²⁴⁶⁴ *Idem*, p.56.

²⁴⁶⁵ Emilio Gentile, *op. cit.*, 2004, p.58.

²⁴⁶⁶ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.100.

²⁴⁶⁷ Benito Mussolini, “Inaugurazione di Pontinia”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de dezembro de 1935, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVII, 1959, p.213.

²⁴⁶⁸ Benito Mussolini, “Politica di vita”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de outubro de 1935, *idem*, p.163.

²⁴⁶⁹ Benito Mussolini, “Alle donne d’Italia”, *La Tribuna – L’Idea Nazionale*, 3 de dezembro de 1935, *ibidem*, p.192.

²⁴⁷⁰ Benito Mussolini, “Intervista al ‘Matin’”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de maio de 1936, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVIII, 1959, p.1.

O fascismo estava em alta em Itália e Mussolini falava na “mais alta justiça social que é o evangelho do fascismo”²⁴⁷¹, salientando que “riqueza, prosperidade, poder, ordem, coincidem com o aumento do bem-estar e, consequentemente, com a repartição em mais vasta escala do próprio bem-estar”²⁴⁷². A recuperação económica e a conquista da Etiópia conferiram-lhe tremenda popularidade e fizeram dele o homem do momento no seu país. “Andámos em direção ao povo”, proclamou, sublinhando que “no terreno das conquistas sociais, das grandes realizações, que devem elevar moral e materialmente o povo, não temos nada a aprender de ninguém. Podemos ensinar alguma coisa a todos”²⁴⁷³, pois, insistiu sempre, o objetivo do fascismo é “realizar a mais alta justiça social em prol do povo.”²⁴⁷⁴

O fascismo tornou-se de facto consensual. “A nível de consenso de massas, o fascismo conseguiu indubitavelmente enormes sucessos na primeira metade dos anos trinta”²⁴⁷⁵, observou o historiador Renzo de Felice, salientando que “o consenso prolongou-se quase até às vésperas da catástrofe militar de 1942 e foi vasto a todos os níveis, incluindo o operário”²⁴⁷⁶. Isso era algo que o rei e as restantes forças do país não podiam ignorar. O próprio Partido Comunista Italiano mostrou-se rendido e estendeu a mão aos fascistas, dizendo que “estamos dispostos a combater convosco.”²⁴⁷⁷

Mussolini apercebeu-se naturalmente da sua posição mais vantajosa e foi nessa altura que tomou algumas decisões que se vieram a revelar fatídicas. Punida pelas democracias liberais por causa da ocupação da Etiópia, a Itália fascista apenas encontrou apoio nos nacional-socialistas alemães e nos comunistas soviéticos. Portanto, teria de ser para um destes dois que o fascismo seria forçado a voltar-se se não queria ficar totalmente isolado na cena internacional.

Seriam os comunistas os melhores aliados para Itália? Fascistas e comunistas partilhavam a mesma origem marxista, o que não era de

²⁴⁷¹ Benito Mussolini, ““Popolo e patria””, *Il Popolo d'Italia*, 25 de outubro de 1936, *idem*, p.56.

²⁴⁷² Benito Mussolini, “Fatti di cronaca”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de junho de 1936, *ibidem*, p.19.

²⁴⁷³ Benito Mussolini, “Al coloni dell’agro pontino”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de dezembro de 1936, *ibidem*, p.93/94.

²⁴⁷⁴ Benito Mussolini, “Per l’inaugurazione della Casa del Fascio di Seveso”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de novembro de 1936, *ibidem*, p.64/65.

²⁴⁷⁵ Renzo de Felice, *op. cit.* 2016, p.38.

²⁴⁷⁶ *Idem*, p.39.

²⁴⁷⁷ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.176/177.

desprezar. O *Duce* por vezes elogiava a pátria comunista e chegou a descrever o fascismo como “arte italiana bolchevizante”²⁴⁷⁸. Além disso, teceu rasgados elogios ao primeiro *Vozhd* soviético. “Lenine é um artista que trabalhou os homens como outros artistas trabalharam o mármore e o metal”²⁴⁷⁹, enalteceu, mesmo sublinhando que o ditador comunista fracassara na sua obra de arte. Depois foi mais longe e afirmou que “o senhor Lenine foi um mestre”²⁴⁸⁰ e declarou “admirar” aquela que era “a figura mais representativa do nosso tempo”²⁴⁸¹, embora salvaguardando que seria preciso ter cuidado para evitar os seus erros. Pôs-se também a elaborar sobre o facto de ter vivido na Suíça na altura em que Lenine aí estava exilado. “Não me lembro se o conheci em Zurique”, admitiu a Emil Ludwig, recordando que os exilados russos “estavam continuamente a mudar os nomes”²⁴⁸². A um jornalista francês, contudo, garantiu mais tarde que “vi-o, conheci-o”²⁴⁸³ e a um diplomata alemão afirmou até que passara uma noite com Lenine “por baixo das pontes de Genebra”²⁴⁸⁴, o que se tratava evidentemente de uma confabulação destinada a colar a sua imagem à do líder soviético.

Mas uma aliança com os soviéticos não era assim tão simples. Apesar do tratado militar fascista-comunista e da ajuda soviética à Itália fascista na sequência da aventura etíope, a aproximação aos comunistas apresentava problemas de monta. Primeiro havia o facto de o fascismo se ter sempre definido como um socialismo nacional e antimarxista oposto ao bolchevismo. Depois, não se podia esquecer que os adversários comunistas em Itália estavam ligados a Moscovo. Por fim, a União Soviética era na realidade um país atrasado. Sendo subdesenvolvido, ao ponto de manter vestígios de feudalismo, como poderia ajudar a Itália? Os modelos económico e socialista de ambas as partes nem sequer encaixavam. Lembrando que os fascistas tinham já ocupado as fileiras do socialismo internacionalista, Mussolini mantinha sempre presente que os *fasci* haviam sofrido “uma evolução que nos conduziu de um universalismo necessariamente um pouco utópico até à realidade nacional indestrutível e

²⁴⁷⁸ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.429.

²⁴⁷⁹ Simonetta Falasca Zamponi, *op. cit.*, 2003, p.44.

²⁴⁸⁰ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.339.

²⁴⁸¹ Giovanni Gentile, *op. cit.*, 2017, p.241.

²⁴⁸² Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.151.

²⁴⁸³ Emilio Gentile, *op. cit.*, 2017, p.4.

²⁴⁸⁴ *Idem*, p.6.

profunda”²⁴⁸⁵. Ou seja, o socialismo internacionalista dos bolcheviques não era compatível com o socialismo nacionalista dos fascistas. Por outro lado, o fascismo era uma “revolução construtiva que supera a luta de classes”²⁴⁸⁶, o que era igualmente incompatível com o projeto bolchevique.

Por fim, os fascistas não podiam ignorar a natureza do bolchevismo, sistema que acabara de provocar a grande fome da Ucrânia e desencadeara o Grande Terror. “Na feliz república dos proletários coletivizados, a fome e o terror estão na ordem do dia”²⁴⁸⁷, notou Mussolini, para quem “conspirações, julgamentos, condenações à morte dos velhos bolcheviques, colapso económico, miséria universal e negra: é este o saldo de vinte anos de um regime que ainda encontra, sempre mais raros mas sempre mais cretinos, observadores indulgentes nos países com ‘grandes’ democracias”²⁴⁸⁸. Ora “depois de ter destruído a burguesia – fisicamente, ou seja, em cada um dos seus membros individuais, como Lenine quis na crueldade fria de um autêntico mongol – hoje o bolchevismo devora-se a si mesmo, mata os seus dirigentes, encosta os seus heróis ao muro da infâmia e do chumbo.”²⁴⁸⁹

Estava assim absolutamente fora de questão a Itália fascista voltar-se para um aliado destes. Restava, por isso, a Alemanha nazi. Não só este era um país bem mais desenvolvido do que a União Soviética como tinha a governá-la um partido que, pelo menos de nome e de uma certa retórica, abraçava abertamente a aliança entre socialismo e nacionalismo tão cara ao fascismo. Além do mais, o seu líder, Adolf Hitler, mostrava ter uma simpatia genuína para com Mussolini. A aproximação do fascismo ao nazismo tornou-se desse modo a opção mais óbvia, pelo que em 1937 o *Duce* mencionou pela primeira vez a “criação do eixo Roma-Berlim”²⁴⁹⁰. Foi uma viragem fatal, como em breve se iria constatar.

A aliança com a Alemanha nazi lançou a Itália fascista numa nova aventura, esta na guerra civil de Espanha. O principal adversário nas terras espanholas deixou de ser personificado pelas democracias liberais, como acontecera na guerra da Etiópia, e passou a ser a União Soviética. “O

²⁴⁸⁵ Benito Mussolini, “L’anno cruciale”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de janeiro de 1935, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVII, 1959, p.9.

²⁴⁸⁶ Benito Mussolini, “Alla terza assemblea generale delle corporazioni”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de maio de 1937, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVIII, 1959, p.179.

²⁴⁸⁷ Benito Mussolini, “Jagoda”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de abril de 1937, *idem*, p.155.

²⁴⁸⁸ *Ibidem*, p.156.

²⁴⁸⁹ *Ibidem*, p.155.

²⁴⁹⁰ Benito Mussolini, “Nuova intervista al ‘Daily Mail’”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de março de 1937, *ibidem*, p.149.

bolchevismo é sempre a maior ameaça na Europa”²⁴⁹¹, declarou Mussolini para justificar a intervenção italiana em Espanha, dizendo que “é esta Rússia que pretendia, com a cumplicidade moral e material das já mencionadas grandes democracias, levar os seus usos e costumes de autêntica barbárie ancestral para o Mediterrâneo latino, e seria bem-sucedida se a melhor parte de Espanha não tivesse resistido e se os legionários italianos não tivessem partido voluntariamente para lutar de forma heróica em nome de Roma contra Moscovo”²⁴⁹². A propósito de notícias sobre massacres de anarquistas e trotskistas em Barcelona por parte dos comunistas, incidentes que nessa altura chocaram George Orwell, o *Duce* escreveu que “este é o antifascismo internacional na sua expressão mais genuína: ódio e sangue!”²⁴⁹³

Corresponde a este período do socialismo fascista o discurso semissegredo contra a burguesia, datado de 1938. “Nomeei um inimigo, um inimigo do nosso regime”, declarou, para esclarecer que “este inimigo chama-se ‘burguesia’”²⁴⁹⁴. Havia que dar “poderosos murros no estômago a esta burguesia italiana”²⁴⁹⁵. Para o *Duce*, “todos os que representam neste momento o conservadorismo e a reação” eram o “capitalismo, democracia parlamentar, socialismo, comunismo, liberalismo e um certo catolicismo balouçante”²⁴⁹⁶. Na verdade, “nos regimes de democracia domina a irresponsabilidade, pois cada um pensa em atirar as responsabilidades para os seus opositores, para os seus próximos”, enquanto “nos regimes chamados totalitários este alijar de responsabilidades é impossível”²⁴⁹⁷. Ao mesmo tempo, “o bolchevismo é uma involução reacionária”²⁴⁹⁸. Verdadeiramente revolucionário era apenas o fascismo, que descreveu como “regime novo do

²⁴⁹¹ Benito Mussolini, “Intervista a um jornalista americano”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de maio de 1937, *ibidem*, p.184.

²⁴⁹² Benito Mussolini, “Crepusculo”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de junho de 1937, *ibidem*, p.196.

²⁴⁹³ Benito Mussolini, “Barcellona”, *Il Popolo d'Italia*, 21 de maio de 1937, *ibidem*, p.183.

²⁴⁹⁴ Benito Mussolini, “Al Consiglio Nazionale del P.N.F.”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de outubro de 1938, in Benito Mussolini, *Opera Omnia XXIX: Dal viaggio in Germania all'intervento dell'Italia nella Seconda Guerra Mondiale*, La Fenice, Florença, 1959, p.187.

²⁴⁹⁵ *Idem*, p.188.

²⁴⁹⁶ Benito Mussolini, “Europa e fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de outubro de 1937, *ibidem*, p.1.

²⁴⁹⁷ Benito Mussolini, “Discorso di Padova”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de setembro de 1938, *ibidem*, p.157/158.

²⁴⁹⁸ Benito Mussolini, “Prefazione a ‘Il Gran Consiglio nei primi quindici anni dell’era fascista’”, 1 de julho de 1938, *ibidem*, p.116.

povo, que é o sinal deste século”²⁴⁹⁹, na verdade “o século do fascismo”²⁵⁰⁰ pois era do fascismo “a vontade de realizar um Estado do povo.”²⁵⁰¹

O Japão juntou-se então ao Eixo, formando o que Mussolini designou “triângulo Roma-Berlim-Tóquio”²⁵⁰². Embora dizendo que “o Japão não é ‘formalmente’ fascista”, o *Duce* considerou que “a direção da sua política, o estilo do seu povo, levam-no para o número dos Estados fascistas”²⁵⁰³. O estudo do fascismo japonês não cabe aqui, mas merece uma breve referência porquanto a observação de Mussolini suscita a questão de saber se estaria ou não ciente de que os seus novos aliados do Eixo partilhavam com o fascismo italiano as origens marxistas, algo que não acontecia no caso do nacional-socialismo alemão.

De facto, o fascismo japonês nasceu com Kita Ikki, o teórico socialista que formulou os princípios do socialismo nacionalista nipónico em duas obras, *A Teoria da Política Nacional do Japão e Socialismo Puro* e *Um Plano Esquemático para a Reorganização do Japão*. “Uma sociedade progride através da guerra de classes”²⁵⁰⁴, escreveu Kita, com críticas à democracia liberal e ao capitalismo e rasgados elogios a Karl Marx e a Lenine. O fundador do fascismo japonês estabeleceu na sua obra os “três grandes princípios” que deveriam orientar a reorganização do Japão, todos eles de natureza socialista: o limite da riqueza privada, o limite da propriedade privada e o limite da indústria privada. “Segundo o socialismo, o grande capital é o produto da acumulação do capital social”, escreveu Kita, sublinhando que “é também natural que a sociedade, ou seja o Estado, receba o que (o grande capital) acumula”²⁵⁰⁵ e defendendo que “não haja compensações aos grandes capitalistas e aos grandes senhores pela

²⁴⁹⁹ Benito Mussolini, “Brindisi al cancelliere del Reich”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de maio de 1938, *ibidem*, p.95.

²⁵⁰⁰ Benito Mussolini, “Ai centomila gerarchi”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de outubro de 1937, *ibidem*, p.18.

²⁵⁰¹ Benito Mussolini, “Prefazione agli ‘Scritti e discorsi politici di Alfredo Rocco’”, 29 de maio de 1938, *ibidem*, p.108.

²⁵⁰² Benito Mussolini, “Prefazione a ‘Il Gran Consiglio nei primi quindici anni dell’era fascista’”, 1 de julho de 1938, *ibidem*, p.117.

²⁵⁰³ Benito Mussolini, “Europa e fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de outubro de 1937, *ibidem*, p.1.

²⁵⁰⁴ Kita Ikki, *An Outline Plan for the Reorganization of Japan*, www.worldfuturefund.org, p.2.

²⁵⁰⁵ *Idem*, p.6.

apropriação dos seus bens”, os quais “podem ser diretamente administrados pelo Estado.”²⁵⁰⁶

O principal ideólogo do fascismo japonês propôs soluções socialistas para os problemas do Japão, como a entrega das empresas aos trabalhadores, a responsabilidade do Estado pela educação, com oferta de livros e refeições às crianças, e um Estado Social que cuidasse dos idosos, dos pobres, dos deficientes e das crianças órfãs. Entre as suas propostas sociais incluíam-se também a regulação das condições de trabalho, o horário das oito horas e a igualdade entre homens e mulheres no trabalho. Kita estabeleceu como “decisão mais urgente” a “completa eliminação das classes privilegiadas, tanto económica como politicamente”, e sublinhou que “a causa de todos os problemas nasce desse tumor.”

Kita Ikki tornou-se a figura de proa do socialismo japonês que inspirou uma versão do fascismo no país e estabeleceu os objetivos nipónicos na Segunda Guerra Mundial. “A sua visão de um Estado japonês de socialismo nacionalista tornou-se a bandeira do movimento ultranacionalista de direita entre os jovens oficiais militares da década de 1930”²⁵⁰⁷, observou a historiadora Germaine Hoston. Mas Kita não foi o único inspirador do fascismo japonês. Outro importante ideólogo foi Takabatake Motoyuki, defensor de um Japão socialista assente num Estado poderoso. Também Akamatsu Katsumaro, outro marxista japonês, advogou em 1924 a doutrina do “japonismo científico”, expressão evidentemente inspirada no “socialismo científico” marxista, e defendeu um socialismo nacionalista. O mesmo aconteceu com um grupo de marxistas liderado por Mizuno Shigeo, que propôs em 1927 um socialismo nacionalista centrado na Casa Imperial. Até o conceito imperial japonês da Esfera da Co-Prosperidade da Grande Ásia Oriental, coqueluche geopolítica do fascismo nipónico, tem as suas origens nas teorias do neomarxista Takahashi Kamekichi de que a expansão imperial japonesa na Ásia era necessária para libertar os povos asiáticos do jugo das nações capitalistas, no fundo também a ideia de Kita Ikki.

Os neomarxistas japoneses concluíram, no entanto, que o Comintern não passava de um órgão nacionalista russo camuflado em socialista internacionalista e fizeram *tenko*, ou conversão ao nacionalismo, o que levou ao colapso do Partido Comunista Japonês e à instituição de um fascismo nipónico que juntava as ideias socialista e nacionalista. Conforme notou o

²⁵⁰⁶ *Ibidem*, p.5.

²⁵⁰⁷ Germaine Hoston, *op. cit.*, 1986, p.33.

historiador James Dorsey, o *tenko* “não foi uma rejeição dos princípios socialistas. Pelo contrário, foi na verdade uma reafirmação desses mesmíssimos princípios, mas agora insistindo que fossem aplicados de maneira a respeitar as particularidades do caso japonês em vez de seguirem um modelo ‘universal’ que se revelava cada vez mais eurocêntrico”²⁵⁰⁸. O fascismo japonês apresentava-se, pois, como uma via nacionalista para o socialismo. “O *tenko* tornou-se o instrumento que reconciliou as exigências contraditórias do marxismo e do nacionalismo no Japão antes da guerra”, concluiu a historiadora Germaine Hoston, para quem “o caso japonês sugere que o marxismo, como teoria política em geral, se transforma quando passa de um ambiente para outro. Na maior parte das vezes, essa adaptação anda em torno da ‘questão nacional’ no marxismo”²⁵⁰⁹. Pormenor interessante, conforme observou Christopher Szpilman, os próprios fascistas japoneses descreviam o fascismo italiano como “uma versão disfarçada do bolchevismo”²⁵¹⁰. É por tudo isto que um crescente número de académicos identifica hoje no imperialismo japonês a marca do marxismo. Germaine Hoston descreveu mesmo o processo de criação do fascismo nipónico como uma “japonização do marxismo.”²⁵¹¹

Não é claro que Mussolini estivesse consciente de que o fascismo japonês tinha um percurso ideológico muito semelhante ao italiano e que em certos aspetos até o precedera. Nem isso é realmente importante. O relevante é que o *Duce* reconheceu no fascismo japonês elementos que eram comuns ao italiano, o que ajuda a explicar a convergência entre estes movimentos nas vésperas do grande conflito.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, os discursos de Mussolini passaram a centrar-se na atualidade política, militar e geoestratégica, relegando os conteúdos ideológicos para segundo plano. Mesmo assim, o *Duce* descreveu em termos socialistas a sua aliança com os nacional-socialistas, falando no “Eixo, expressão revolucionária da nova Europa”²⁵¹².

²⁵⁰⁸ James Dorsey, “From Ideological Literature to a Literary Ideology: ‘Conversion’ in Wartime Japan”, in Dennis Washburn e Kevin Reinhart (direção), *op. cit.*, 2007, p.469.

²⁵⁰⁹ Germaine Hoston, “Tenko – Marxism and the National Question in Prewar Japan”, *Polity*, nº1, Volume 16, The University of Chicago Press, outono de 1983.

²⁵¹⁰ Christopher Szpilman, “Fascist and Quasi-Fascist Ideas in Interwar Japan, 1918-1941”, in Bruce Reynolds (direção), *Japan in the Fascist Era*, Palgrave MacMillan, Nova Iorque, 2004, p.97.

²⁵¹¹ Germaine Hoston, *op. cit.*, 1986, p.48.

²⁵¹² Benito Mussolini, “Il discorso alla camera dei fasci e delle corporazioni nell’annuale della guerra”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, maio de 1984, p.86.

Apresentou a guerra como uma luta daqueles que erguem “a bandeira da nossa revolução” contra “o mundo maçónico-democrático-capitalístico”, na verdade “o mundo do liberalismo, da democracia e da plutocracia”²⁵¹³. O inimigo era “o mundo burguês”²⁵¹⁴, onde “com frequência as insuficiências morais são acompanhadas pela abundância de dinheiro.”²⁵¹⁵

Mas os países capitalistas reacionários não triunfariam porque “a conservação representada pela prepotência dos egoísmos será estilhaçada pelas forças da revolução”²⁵¹⁶. Ou seja, a Itália e a Alemanha eram as generosas nações proletárias em luta contra as egoístas nações burguesas e capitalistas. Renato Ricci, um fascista da ala dita *intransigente*, tornou muito claro no congresso de Verona que “a guerra era proletária, socialística”²⁵¹⁷, enquanto Mussolini prometeu que, “quando a guerra terminar, na convulsão social mundial que se seguirá, haverá uma mais justa distribuição das riquezas da terra” que permitiria dar “um outro passo decisivo para diminuir as distâncias sociais.”²⁵¹⁸

A Segunda Guerra Mundial, a exemplo da Primeira, era pois uma nova guerra revolucionária. “O sentimento comum dos italianos até ao final dos anos trinta era de total fidelidade a Mussolini”, observou o historiador Renzo de Felice. “Verificando bem os números constata-se que a participação voluntária na Segunda Guerra Mundial foi maior do que na Grande Guerra”, ao ponto de “os militares tentarem minimizar o fenómeno fazendo passar muitos voluntários por conscritos.”²⁵¹⁹

Em 1942, contudo, as dificuldades trazidas pela guerra viraram-se contra Mussolini. A sua popularidade, tão em alta desde o rescaldo da Grande Depressão e da guerra da Etiópia, entrou em queda. O *Duce* parece ter-se

²⁵¹³ Benito Mussolini, “Il discorso al teatro Adriano di Roma”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de fevereiro de 1941, in Benito Mussolini, *op. cit.*, maio de 1984, p.59.

²⁵¹⁴ Benito Mussolini, “Al Direttorio Nazionale del P.N.F.”, *Il Popolo d'Italia*, 4 de janeiro de 1942, in Benito Mussolini, *Opera Omnia XXX: Dal'intervento dell'Italia nella Seconda Guerra Mondiale al discorso al Direttorio Nazionale del P.N.F.*, La Fenice, Florença, 1960, p.154.

²⁵¹⁵ *Idem*, p.154/155.

²⁵¹⁶ Benito Mussolini, ““La conservazione rappresentata dalle prepotenze degli egoismi será frantumata dalle forze della rivoluzione””, *Il Popolo d'Italia*, 20 de outubro de 1941, *ibidem*, p.130.

²⁵¹⁷ Renzo de Felice, *Mussolini, l'alleato – La guerra civile (1943-1945)*, Giulio Einaudi Editore, Turim, 1997, p.407.

²⁵¹⁸ Benito Mussolini, “Il discorso al teatro Adriano di Roma”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de fevereiro de 1941, in Benito Mussolini, *op. cit.*, maio de 1984, p.65.

²⁵¹⁹ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1995, p.35.

apercebido disso e a sua retórica ideológica, já escassa neste período, tornou-se quase nula. “Durante a guerra a minha regra é o silêncio”²⁵²⁰, alegou então, insistindo que “quando fala com a sua voz potente o canhão, menos se fala”²⁵²¹. Quase se desculpou por ser aliado da Alemanha, ao ver-se na contingência de explicar que “tenho de estar ao lado do *Führer* na Rússia como o *Führer* esteve ao meu lado na guerra contra a Grécia e como continua a estar em África”²⁵²², e por várias vezes invocou a necessidade de a Itália ser leal aos compromissos que assumira com os seus aliados.

Mais significativa ainda é a forma como se dirigiu ao inimigo. Embora falasse na guerra “contra a desagradável coligação demo-plutocrática-bolchevique”²⁵²³, a verdade é que reservou palavras invulgarmente brandas para com a União Soviética. “O soldado russo bate-se bem”²⁵²⁴, elogiou, logo fazendo uma constatação sobre a retórica soviética que provavelmente não andaria longe da verdade: “todos os boletins falam da guerra contra ‘o fascismo’, porque dizer ‘nacional-socialismo’ poderia criar equívocos”. Ou seja, o que ele estava a insinuar era que o verdadeiro problema dos bolcheviques era o nacional-socialismo, mas não o podiam nomear assim devido à presença da palavra ‘socialismo’ no nome do movimento alemão. O que não o impediu de observar que o socialismo internacionalista de Moscovo estava encharcado de nacionalismo. “Inflamam os soldados enfatizando duas palavras”, indicou, “comunismo e pátria, pátria e comunismo.”²⁵²⁵

Todo o fel foi reservado na verdade para as democracias liberais e o seu sistema capitalista. “Se há um homem no mundo que quis diabolicamente a guerra, esse homem é o presidente dos Estados Unidos da América”²⁵²⁶,

²⁵²⁰ Benito Mussolini, “Dichiarazioni sulla politica dei prezzi”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de março de 1942, in Benito Mussolini, *Opera Omnia XXXI: Dal discorso al Direttorio Nazionale del P.N.F. de 3 gennaio 1942 alla liberazione di Mussolini*, La Fenice, Florença, 1960, p.28.

²⁵²¹ Benito Mussolini, “L’ultimo discorso alla camera dei fasci e delle corporazioni”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de dezembro de 1942, *idem*, p.119.

²⁵²² Benito Mussolini, “Primo colloquio con il generale Messe”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de junho de 1942, *ibidem*, p.81.

²⁵²³ Benito Mussolini, “Nel diciannovesimo annuale della costituzione dell’aeronautica”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de março de 1942, *ibidem*, p.30.

²⁵²⁴ Benito Mussolini, “L’ultimo discorso alla camera dei fasci e delle corporazioni”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de dezembro de 1942, *ibidem*, p.120.

²⁵²⁵ Benito Mussolini, “Al nuovo Direttorio Nazionale del P.N.F.”, *Il Popolo d'Italia*, 21 de dezembro de 1942, *ibidem*, p.138.

²⁵²⁶ Benito Mussolini, “L’ultimo discorso alla camera dei fasci e delle corporazioni”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de dezembro de 1942, *ibidem*, p.121.

acusou Mussolini, fazendo questão de lembrar implicitamente os pergaminhos socialistas e anticapitalistas do fascismo: “nós em 1927 não publicámos a Carta do Capital e menos ainda do capitalismo, mas a Carta do Trabalho.”²⁵²⁷

Ou seja, o fascismo não se apresentava como um regime do capital, mas dos trabalhadores.

A terceira fase do socialismo fascista

No momento em que vieram as derrotas, tudo se complicou. A Itália enredou-se em campanhas militares embaraçosamente falhadas, como as da Grécia e do Norte de África. A seguir, o colapso de Estalinegrado virou o curso da guerra e a invasão da Sicília e o bombardeamento de Roma pelos Aliados mostraram que a catástrofe estava iminente. Os italianos, o rei e os próprios fascistas reagiram em choque e os acontecimentos precipitaram-se. Em 1943, o Grande Conselho do Fascismo destituiu o *Duce* da chefia do partido e no dia seguinte o rei afastou-o do poder. Mussolini foi preso e o Partido Nacional Fascista dissolvido.

O socialismo fascista acabou por ser temporariamente salvo pelos nacional-socialistas alemães, que resgataram o chefe do fascismo do cárcere e o devolveram ao poder no Norte de Itália. Foi assim que Mussolini criou o Partido Fascista Republicano e instituiu um novo regime no período correspondente à terceira e última fase do fascismo. Muitos chamaram-lhe a República de Saló, mas os fascistas deram-lhe um outro nome.

A República Social(ista) Italiana

Quando chegou a hora de escolher o nome do regime fascista instituído no Norte de Itália, os fascistas tinham duas certezas e uma dúvida de monta. O novo regime teria de ser uma República, evidentemente, pois os fascistas sempre foram republicanos e apenas condescenderam com a monarquia devido à geringonça que os forçara a compromissos para chegarem ao poder e aí se manterem. Teria também de ser Italiana, claro, uma vez que o seu nacionalismo os voltava obrigatoriamente para Itália. Essas eram as duas

²⁵²⁷ Benito Mussolini, “Al Direttorio Nazionale del P.N.F.”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de março de 1943, *ibidem*, p.163.

certezas. Mas faltava a terceira palavra que definiria o seu projeto político. A palavra mais natural seria Fascismo, como parece lógico. Adolf Hitler propôs que o novo regime se chamasse República Fascista Italiana. Contudo, os fascistas voltaram-se para outra palavra que pelos vistos consideraram mais fiel ao seu projeto.

O chefe dos *fasci* revelou que tal palavra era “socialista, como Piero Parini (presidente fascista da Câmara de Milão e antigo colaborador do órgão fascista *Il Popolo d'Italia*) e outros queriam que a República Social Italiana se chamasse”²⁵²⁸. O historiador James Gregor observou que o próprio Mussolini perfilhou a ideia. “Ele queria chamar à sua Repubblica Sociale Italiana a ‘Repubblica Socialista Italiana’”, indicou o historiador, “mas não o fez para não ‘provocar confusão’.”²⁵²⁹ A proposta acabou assim por ser rejeitada, aparentemente pelo receio de que o uso da expressão “socialismo” no nome da nova república levasse a pensar-se que o fascismo se transferira para o socialismo oficial que se encontrava do outro lado da barricada na guerra. Em vez de República Socialista Italiana, o novo regime fascista contentou-se com República Social Italiana. O “Social” representava o “Socialismo.”

O tom do que seria o fascismo republicano estava dado. “O Estado que queremos instaurar será nacional e social no sentido mais alto da palavra, ou seja, será fascista, elevando-se assim às nossas origens”, declarou com clareza Mussolini no seu primeiro discurso depois de ser libertado, dizendo que entre os seus postulados estava o projeto de “aniquilar a plutocracia parasitária e fazer finalmente do trabalho o tema da economia e a base inquebrável do Estado.”²⁵³⁰

A terceira fase do fascismo foi aquela em que o movimento, desembaraçado enfim da geringonça que o condicionara fortemente na segunda fase da sua existência, reassumiu abertamente o socialismo que nunca deixara de estar na sua natureza. “O fascismo, libertado das muitas amarras que lhe atrasavam a marcha e dos excessivos compromissos resultantes das contingências, regressa à sua origem revolucionária em todos os setores, mas principalmente no social”, declarou o chefe do fascismo,

²⁵²⁸ Benito Mussolini, “‘La voce del partito’ – Il sesso degli angeli”, *Corriere della Sera*, 4 de dezembro de 1944, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXXII, 1960, p.120.

²⁵²⁹ James Gregor, email ao autor, 11 de outubro de 2016.

²⁵³⁰ Benito Mussolini, “Il primo discorso dopo la liberazione”, *Corriere della Sera*, 19 de setembro de 1943, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXXII, 1960, p.4.

identificando como a mais importante dessas amarras “o capitalismo monárquico”²⁵³¹.

Esta terceira fase do fascismo, que começou em 1943 com a instituição da República Social Italiana, marcou assim um regresso às origens ostensivamente socialistas do movimento. A geringonça que até aí atara os seus movimentos dissolvera-se e o fascismo retomou sem subterfúgios o discurso do socialismo. Livre dos “pesos mortos que sempre travaram a marcha do regime, que sempre tentaram sabotar as realizações sociais”²⁵³², Mussolini anunciou que doravante o fascismo “terá um pronunciadíssimo conteúdo social, para resolver a questão social.”²⁵³³

Foi então que o governo republicano fascista aprovou um conjunto de medidas ligadas a esse “conteúdo social”, como as expropriações de empresas, incluindo gigantes como a Alfa Romeo, e as expropriações de terras, sobretudo os grandes latifúndios. As medidas fascistas nesta fase incluíam ainda a criação de cooperativas, o salário mínimo, o subsídio por trabalho noturno e em feriado, o repouso obrigatório semanal, a indemnização em caso de morte, o direito de conservação do posto de trabalho em caso de venda da empresa e os seguros obrigatórios contra acidentes de trabalho. No final de 1944, nas zonas sob controlo dos fascistas estava em vigor uma política de controlo de preços e de salários, desenvolvendo-se também um sistema de cantinas comunais e de cooperativas. Mussolini apelava então ao “desmantelamento do capitalismo e dos latifúndios” e à “liberdade e direito ao trabalho”²⁵³⁴, pois “livre de todos os compromissos, a República Social, defendida pelo fascismo, quer e deve ser o único e autêntico Estado do povo”, na verdade “um Estado autenticamente novo de trabalhadores”. Tratava-se, sustentou, de uma “revolução total.”²⁵³⁵

Depressa os fascistas reivindicaram expropriações, anunciando que a Federação Fascista de Ravenna se apropriara da propriedade do conde Balbi, com trinta mil hectares, e a entregara aos agricultores que aí trabalhavam,

²⁵³¹ Benito Mussolini, “Rivoluzione sociale”, 13 de novembro de 1943, *op. cit.*, 1967, p.132.

²⁵³² Benito Mussolini, “Il primo discorso dopo la liberazione”, *Corriere della Sera*, 19 de setembro de 1943, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXXII, 1960, p.2.

²⁵³³ Benito Mussolini, “1ª riunione del Consiglio dei Ministri repubblicano”, *Corriere della Sera*, 29 de setembro de 1943, *idem*, p.7.

²⁵³⁴ Benito Mussolini, “Della vera libertà”, *Corrispondenza Repubblicana*, 23 de novembro de 1943, *ibidem*, p.272.

²⁵³⁵ *Ibidem*, p.273.

tendo sido apropriada outra fazendo em Brescia e entregue a uma cooperativa de trabalhadores. Estas ações, afirmou Mussolini, constituíam a “expressão do programa do fascismo republicano no setor social”²⁵³⁶, contribuindo para a “repartição humana da riqueza.” O chefe dos *fasci* insistiu que isto era possível porque, dissolvida a geringonça, “o fascismo, libertado dos muitos empecilhos que lhe atrapalhavam a marcha, e dos demasiados compromissos impostos pelas circunstâncias, regressa às suas origens revolucionárias em todos os setores, mas principalmente no social.”²⁵³⁷

O projeto envolveu até uma tentativa de aproximação aos socialistas e aos comunistas. Em artigos publicados na *Gazzeta dell’Emilia*, os fascistas deram sinais claros de abertura a um acordo com os seus adversários com base num programa comum destinado a salvar os trabalhadores da exploração reacionária dos burgueses, dos sacerdotes, dos maçons e do capitalismo. O radicalismo socialista dos *fasci* levou até o consul suíço em Milão a informar o seu governo de que “a tendência comunista do novo governo republicano fascista emerge em toda a sua extensão”, explicando que “o modo de proceder dos novos dirigentes republicanos fascistas não é, de resto, muito diferente do adotado em toda a parte pelos partidos extremistas de esquerda quando tentam subir ao poder.”²⁵³⁸

Em fevereiro de 1944, Mussolini disse ao socialista Carlo Silvestri que “se os socialistas e os comunistas tivessem dado um passo em frente e me tivessem dito ‘é preciso salvar a Itália. Se estiver disposto a salvá-la pela via do socialismo, estamos dispostos a trabalhar consigo’, tê-los-ia acolhido de braços abertos e tê-los-ia trazido ao governo comigo (...) Mas ninguém teve essa coragem”²⁵³⁹. O facto é que alguns comunistas ficaram mesmo seduzidos.

É o caso de Nicola Bombacci, fundador do Partido Comunista Italiano e amigo pessoal de Lenine, que em 1945 não teve dúvidas em afirmar: “quem realizará o socialismo não será Estaline mas Mussolini, que é socialista.”²⁵⁴⁰

A socialização fascista

²⁵³⁶ Benito Mussolini, “Rivoluzione Sociale. Primi sintomi”, *Corrispondenza Repubblicana*, 13 de novembro de 1943, *ibidem*, p.266.

²⁵³⁷ *Ibidem*, p.267.

²⁵³⁸ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1997, p.383.

²⁵³⁹ *Idem*, p.388.

²⁵⁴⁰ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.55/56.

Para definir o programa da sua República Social Italiana, os fascistas foram buscar uma nova expressão-chave: “socialização, pilar fundamental da república”²⁵⁴¹. Assim, onde antes os fascistas falavam permanentemente em corporativismo, passaram a falar em socialização. É certo que a expressão já antes era utilizada pelos fascistas, mas dizia respeito ao processo de tornar os trabalhadores co-proprietários das empresas e participantes nos seus lucros, para que eles, sentindo as empresas como suas, lutassem por elas e assim garantissem a produção.

Com a República Social Italiana, contudo, a expressão assumiu um novo sentido. “A Itália”, reivindicou Mussolini, “é o primeiro país, depois da Rússia, que exhibe um tão substancial e não equívoco decreto sobre a socialização”²⁵⁴², pois “o fascismo está empenhado em realizar os seus postulados programáticos de caráter social e precisamente a socialização”²⁵⁴³. E, no contexto da República Social Italiana, o que era verdadeiramente a socialização? O próprio *Duce* respondeu: “a socialização não é outra coisa que a realização italiana, humana, nossa, alcançável, do socialismo”²⁵⁴⁴. Mais claro do que isto é difícil.

Os fascistas voltavam então a afirmar abertamente o seu socialismo. A expressão “*socialização*”²⁵⁴⁵ também tinha sido usada por Lenine e era recuperada pelos fascistas como sinónimo de socialismo. Tudo enfim claro e assumido. Não que, a partir deste momento, os fascistas se inibissem de dizer abertamente que eram socialistas, note-se. “Fui e sou socialista”, clamou Mussolini, explicando que “adaptei-me socialisticamente à realidade à medida que a evolução da sociedade desmentia as profecias de Marx e o verdadeiro socialismo passava do possível ao provável. O único socialismo viável é o corporativismo”²⁵⁴⁶. Em suma, e nas palavras do próprio chefe do fascismo, socialização era socialismo, corporativismo era socialismo. Sobretudo, fascismo era socialismo.

²⁵⁴¹ Benito Mussolini, “Elogio a Padova per la sua fede nella socializzazione”, *Corriere della Sera*, 21 de fevereiro de 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXXII, 1960, p.154.

²⁵⁴² Benito Mussolini, “Manifesto agli scioperanti – Parola chiare ai lavoratori”, 3 de março de 1944, *idem*, p.57.

²⁵⁴³ Benito Mussolini, “Ai fascisti di Torino”, *Corriere della Sera*, 3 de fevereiro de 1945, *ibidem*, p.149.

²⁵⁴⁴ Benito Mussolini, “Alle camicie nere della brigata nera ‘Aldo Resega’”, *Corriere della Sera*, 15 de outubro de 1944, *ibidem*, p.114.

²⁵⁴⁵ Vladimir Lenine, “The Immediate Tasks of the Soviet Government”, *Pravda*, 28 de abril de 1918, www.marxists.org.

²⁵⁴⁶ Benito Mussolini, “Soliloquio in ‘libertà’ all’isola Trimellone”, 20 de março de 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.95/96.

O grande inimigo não era afinal a União Soviética comunista, apesar de os fascistas censurarem nela muita coisa “antisocialista”²⁵⁴⁷, mas as nações burguesas e capitalistas do Ocidente. “Nós somos as nações proletárias que se insurgem contra a plutocráticas”, disse Mussolini, enfatizando que “nós combatemos para impor uma mais alta justiça social. Os outros combatem para manter os privilégios de casta e de classe”²⁵⁴⁸. Nas páginas do *La Repubblica Fascista* insistiu na mesma ideia. “Vós não podeis não ver nos anglo-americanos o verdadeiro, o principal inimigo da pátria”²⁵⁴⁹, escreveu, para salientar que “a revolução social começou e está determinada a superar todos os obstáculos colocados pelas ideias retrógradas e pelos interesses defendidos pelos exércitos das plutocracias anglo-saxónicas, as únicas capazes de impor mais uma vez à Itália a manutenção da velha ordem de injustiça social e económica.”²⁵⁵⁰.

A defesa do socialismo fascista fazia-se essencialmente contra o capitalismo, não contra o socialismo tradicional, fosse ele democrático ou comunista. “À medida que a República Social Italiana consolida a sua estrutura e se torna cada vez mais regime do povo, é necessário defendê-la na frente de batalha para impedir o regresso das forças reacionárias monárquicas e capitalistas”²⁵⁵¹, declarou o *Duce*. Daí que Barna Occhini, diretor da publicação cultural fascista *Italia e Civiltà*, tenha avisado que, perdida a guerra, “os verdadeiros fascistas passarão para o comunismo”, assim consumando entre as duas revoluções “uma fatal e harmónica fusão.”²⁵⁵²

Ciente de que a derrota estava iminente, Mussolini disse que “não tenho nenhuma ilusão quanto ao meu destino”²⁵⁵³, mas conservou a ideia de que o futuro era da versão fascista do socialismo. “As ideias do fascismo”, indicou numa das suas derradeiras declarações públicas, eram “colaboração e não

²⁵⁴⁷ Benito Mussolini, “Ancora Mosca”, rádio republicana, 5 de novembro de 1943, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXXII, 1960, p.17.

²⁵⁴⁸ Benito Mussolini, “Soliloquio in ‘libertà’ all’isola Trimellone”, 20 de março de 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.97.

²⁵⁴⁹ Benito Mussolini, “Sappiate ragionare con il vostro cervello”, *La Repubblica Fascista*, 24 de maio de 1944, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXXII, 1960, p.90.

²⁵⁵⁰ Benito Mussolini, “Il richiamo della patria”, *La Repubblica Fascista*, 24 de maio de 1944, *idem*, p.91.

²⁵⁵¹ Benito Mussolini, “Elogio a Padova per la sua fede nella socializzazione”, *Corriere della Sera*, 21 de fevereiro de 1945, *ibidem*, p.154.

²⁵⁵² Giuseppe Parlato, *op. cit.*, 2008, p.7.

²⁵⁵³ Benito Mussolini, “Soliloquio in ‘libertà’ all’isola Trimellone”, 20 de março de 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.99.

luta de classes; Carta do Trabalho e socialismo; a propriedade é sagrada desde que não se torne um insulto à miséria; cuidados e proteção dos trabalhadores, especialmente dos idosos e dos inválidos; cuidados e proteção das mães e das crianças; assistência fraterna aos necessitados; moralidade em todos os domínios; luta contra a ignorância e contra a submissão aos poderosos.”²⁵⁵⁴

Ao longo de todo o período da República Social Italiana, Mussolini manteve a “esperança na possibilidade de que o Eixo e a URSS pudessem encontrar um terreno de acordo”²⁵⁵⁵, conforme indicado por Renzo de Felice, para quem o projeto do fascismo republicano era “recuperar e desenvolver as reivindicações sociais do programa dezanovista dos Fasci di Combattimento.”²⁵⁵⁶

O fim do fascismo

É importante perceber que o fascismo, ou pelo menos a ala dos fascistas guiados por Mussolini, nunca abandonou o socialismo. Nas suas três fases, apenas na segunda o *Duce* foi prudente na declaração do seu socialismo, nas circunstâncias e pelas razões que já vimos. Contudo, jamais o renegou. Basta aliás ler os discursos de Mussolini nessa época para nos cruzarmos com constantes referências, embora temperadas ou feitas nas entrelinhas, ao socialismo nacionalista que o fascismo estava a tentar erguer em Itália.

O maior cuidado na retórica no segundo período resultava simplesmente das circunstâncias, materializadas na geringonça que Mussolini tivera de gerir para ascender ao poder e nele se manter, equilibrando-se entre poderes não socialistas em Itália que não controlava, designadamente a monarquia, as forças armadas e a Igreja, e também dentro do próprio partido, com os elementos novos não socialistas que a ele aderiram a meio do percurso nas circunstâncias já explicadas. “Adaptei-me socialisticamente à realidade”, reconheceu, sublinhando que o socialismo que o fascismo praticara ao longo do tempo era “o possível.”²⁵⁵⁷

Mas quando no terceiro período se viu enfim livre das amarras que o restringiam desse socialismo “possível”, o fascismo, ou pelo menos o

²⁵⁵⁴ Benito Mussolini, “Colloquio con il giornalista Cabella”, 20 de abril de 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXXII, 1960, p.196.

²⁵⁵⁵ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1997, p.364.

²⁵⁵⁶ *Idem*, p.538.

²⁵⁵⁷ Benito Mussolini, “Soliloquio in ‘libertà’ all’isola Trimellone”, 20 de março de 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.95.

fascismo de Mussolini e dos seus seguidores da ala socialista oriunda do fascismo original, retomou abertamente o projeto socialista que sempre fizera parte da sua identidade mais profunda. “A coerência revolucionária do fascismo, o qual não renega as suas próprias origens e a sua evolução ao longo de vinte anos, assumiu a sua essência mais genuína quando esmagou os obstáculos externos e a resistência interna que impediam a realização dos seus altíssimos fins sociais”²⁵⁵⁸, afirmou o *Duce* em 1944, para reiterar que “o programa do fascismo republicano não é mais do que a continuação lógica do programa de 1919.”²⁵⁵⁹

Uma e outra vez, mesmo quando as circunstâncias o desaconselhavam, Mussolini regressou sempre ao mesmo ponto, a afirmação do socialismo, pois, como sublinhou o historiador Frédéric Le Moal, o programa de inspiração marxista de 1919 dos Fasci di Combattimento, socialista e revolucionário, constituía “a própria encarnação do verdadeiro fascismo”²⁵⁶⁰. Tal não deveria surpreender, uma vez que o socialismo representava de facto a essência última do fascismo italiano, ainda que pós-marxista. “O fascismo, mesmo nos anos difíceis em que teve meter em surdina o seu instinto subversor da ordem burguesa, permaneceu sempre fiel à sua origem revolucionária, e fê-lo com os meios que ia encontrando à sua disposição”²⁵⁶¹, observou Luca Rimbotti, para salientar que “o desenho estratégico” do fascismo era o de “inserir gradualmente a revolução fascista no interior do Estado liberal para o destruir”²⁵⁶², um percurso que significava a “consagração”²⁵⁶³ do seu projeto socialista revolucionário de 1919.

Em vez de destruir o Estado liberal por fora, a estratégia escolhida pelos fascistas foi a de o fazer por dentro. Era “um fascismo que regressou às suas origens revolucionárias”, escreveu Roberto Mancini, na “defesa de um princípio que exaltou plenamente, entre outras coisas, o princípio do socialismo nacional”²⁵⁶⁴. No seu extertor final, como salientou Rimbotti, o fascismo “não encontrou ao seu lado nem capitalistas nem financeiros nem

²⁵⁵⁸ Benito Mussolini, “Ventennale sviluppo logico della dottrina fascista”, 24 de fevereiro de 1944, *ibidem*, p.149.

²⁵⁵⁹ Benito Mussolini, “Il discorso al ‘lirico’ di Milano”, 26 de dezembro de 1944, *ibidem*, p.61.

²⁵⁶⁰ Frédéric Le Moal, *op. cit.*, 2018, p.130.

²⁵⁶¹ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 2018, p.385.

²⁵⁶² *Idem*, p.393/394.

²⁵⁶³ *Ibidem*, p.394.

²⁵⁶⁴ Roberto Mancini, *Storia della Repubblica Sociale*, Ilibridel Borghese, Roma, 2017, p.22/23.

clericais nem aristocratas nem conservadores de alguma paróquia: os que se reuniram em torno dele na hora da derrota e do drama foram os homens e os ideais de 1919, e com estes foi escrita a última página da sua história.”²⁵⁶⁵

O fascismo nasceu socialista e morreu socialista. Tendo aparecido como uma heresia nacionalista do socialismo, o fascismo italiano desaparecia como uma heresia socialista do nacionalismo.

²⁵⁶⁵ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 2018, p.394.

Demonstração 3

**Os regimes comunistas foram na realidade regimes
fascistas**

O comunismo como fascismo

Comecemos com um ponto prévio, para que a este respeito não restem dúvidas. A definição do fascismo como uma ditadura de socialismo nacionalista pós-marxista tem como implicação que o fascismo, tendo as suas origens no marxismo, não é um marxismo nem se pretendia um marxismo. Pelo contrário, sendo um pós-marxismo, e posicionando-se dialeticamente como uma antítese da tese, afirmou-se explicitamente enquanto um antimarxismo. Socialista, sim; marxista, não.

Já a generalidade dos movimentos comunistas do Século XX inspirados na revolução bolchevique se apresentaram explicitamente como marxistas, mesmo tendo feito revisões que os colocam inequivocamente na categoria de neomarxismos. Assim sendo, poderemos dizer que, *enquanto ideologias, comunismo e fascismo eram efetivamente diferentes*. O primeiro pretendia-se marxista e era neomarxista, o segundo assumia-se como antimarxista e era pós-marxista.

Mas, e enquanto regimes? As definições tradicionais que separam comunismo e fascismo limitam-se exclusivamente ao campo das ideias doutrinárias. O que falta saber é o que aconteceu quando as ideologias se tornaram movimentos e foram aplicadas à prática em regimes. No momento em que isso aconteceu, as distinções entre comunismo e fascismo mantiveram-se ou devem entrar noutra categoria de classificações? Naturalmente que, nesta questão das classificações, tudo depende do quadro interpretativo em que operamos. Neste ponto, é bom esclarecê-lo, não estamos no domínio da verdade pura e dura, da verdade factual, mas da interpretação – ou, para ser mais exato, de catalogações que emergem de quadros interpretativos.

É importante sublinhar que, sendo o fascismo italiano um pós-marxismo, essa definição só é válida para o caso específico de Itália, não para o fascismo genérico. Em França, por exemplo, o fascismo emergiu como um movimento de socialismo nacionalista cujas origens estão essencialmente num socialismo não marxista, como o do boulangismo, do movimento amarelo, de Maurras, de Barrès e de Valois, embora com o envolvimento de alguns neomarxistas, como Sorel. Situação semelhante é a do fascismo alemão, o nacional-socialismo, também ele com origens predominantemente não

marxistas apesar de incluir neomarxistas como Woltmann, e, para além do nacionalismo, misturando racismo, eugenismo e até esoterismo.

Mas há um outro país cujo regime neomarxista poderá ser considerado um fascismo, um país cujo regime veio igualmente do marxismo e foi para lá dele embora nunca o assumisse. Era de um marxismo tão herético quanto o dos fascistas em Itália, mas escondia a heresia atrás de eufemismos e pretendia-se ortodoxo. Esse país era a União Soviética e o regime em causa o comunista. O que nos remete para a questão da definição do comunismo enquanto regime como uma forma de fascismo.

Neste ponto, o problema situa-se na *praxis*. Que a doutrina marxista é *a priori* diferente da doutrina fascista, a qual é afinal uma revisão assumida das ideias de Marx e Engels, é consensual, mesmo que em certos aspetos doutrinários estas duas ideologias de origem marxista não sejam tão diferentes quanto se possa pensar, como já amplamente vimos. De qualquer modo, insistimos, uma coisa é a ideologia, a outra os regimes que a aplicam. Até que ponto um regime que se reivindica de ideologia marxista e é neomarxista, dito comunista, é realmente marxista ou neomarxista na sua aplicação? A ideologia remete-nos unicamente para as ideias, enquanto os regimes representam o momento em que as ideias se confrontam com a realidade.

A ideologia exprime-se pela retórica, os regimes pelos atos. Mas são os regimes que nos expõem o que as ideologias realmente são. Ou, posto de outra maneira, a real essência de uma ideologia manifesta-se na sua ação. Assim, se a verdadeira natureza do liberalismo se revela nos regimes liberais, as verdadeiras naturezas do socialismo e do nacionalismo revelam-se nos regimes socialistas e nos regimes nacionalistas. Basta estudar esses regimes para perceber a substância mais profunda da ideologia que o fundamenta. Os regimes dizem-nos o que, para lá da oratória e das intenções, a respetiva ideologia fundamentalmente é. Em suma, um regime é a sua ideologia aplicada à realidade.

Por exemplo, nenhum texto ideológico do nacional-socialismo prevê inequivocamente o extermínio dos judeus. Antagonismo, discriminação e perseguição sim, extermínio não. São aliás conhecidas as declarações de Hermann Göring antes da Segunda Guerra Mundial a dizer que a solução do problema judaico passava “pela emigração e evacuação”²⁵⁶⁶, assim

²⁵⁶⁶ Martin Gilbert, *The Holocaust – A History of the Jews of Europe During the Second World War*, Holt, Rinehart and Winston, Nova Iorque, 1986, p.76.

excluindo o extermínio. São também conhecidas as afirmações produzidas por Heinrich Himmler num memorando secreto dirigido a Hitler, já com a guerra em curso, a opor-se ao “método bolchevique de extermínio físico de populações”, pois segundo ele tal método “não é próprio de alemães e é impossível”²⁵⁶⁷. Como sabemos então que a ideologia nazi inclui o extermínio dos judeus? Pela *praxis* do nacional-socialismo a partir de 1941. É ela que nos revela o que as palavras escondem. “Os atos falam mais alto do que as palavras”²⁵⁶⁸, proclamou Abraham Lincoln, estabelecendo assim a formulação final de uma velha máxima.

O mesmo acontece com o comunismo. O que o comunismo realmente é revela-o não apenas ou necessariamente a sua retórica enquanto ideologia, mas sobretudo a sua *praxis* enquanto regime. Não interessa aqui o que os regimes comunistas diziam que eram ou queriam ser, mas o que eles *eram* efetivamente. O que fizeram os comunistas quando se tornaram regime? É a resposta a essa pergunta que nos expõe a verdadeira natureza do comunismo. De resto, o próprio Lenine chamou a atenção nas suas Teses de Abril para a prevalência dos atos sobre a retórica na definição ideológica, nomeadamente quando se queixou dos comunistas que eram “socialistas na palavra e chauvinistas nos atos.”²⁵⁶⁹

Esta observação do chefe comunista deixava já implícito o reconhecimento da tendência do comunismo para uma retórica socialista teórica e uma prática nacionalista real. Para os efeitos do que estamos a tentar dizer, contudo, a frase corresponde ao reconhecimento por parte de Lenine de que o importante não é o que uma ideologia diz, mas o que ela realmente faz. Em suma, o que define a essência de uma ideologia e do regime que a pratica não é nem pode ser a sua retórica, mas essencialmente a sua *praxis*, a forma como aplica a ideologia à realidade.

Colocando as coisas de outro modo, um regime de ideologia neomarxista, dito comunista, que na realidade aplique os princípios do fascismo sem os assumir é na verdade um regime fascista, por mais que use um fraseado neomarxista e até antifascista para esconder a sua verdadeira natureza

²⁵⁶⁷ Christopher Browning, *Nazi Policy, Jewish Workers, German Killers*, Cambridge University Press, Cambridge, 2000, p.14.

²⁵⁶⁸ Ivy G. Wilson, “Rhetorically Lincoln: Abraham Lincoln and Oratorical Culture”, in Shirley Samuels (direção), *The Cambridge Companion to Abraham Lincoln*, Cambridge University Press, Nova Iorque, 2012, p.12.

²⁵⁶⁹ Vladimir Lenine, “The Tasks of the Proletariat in the Present Revolution – aka the April Theses”, *Pravda*, 7 de abril de 1917, www.marxists.org.

fascista. A aplicação prática de uma doutrina é sempre a expressão mais genuína da essência de um regime, pois o que um regime realmente é emerge não do que diz mas do que faz. Ora a realidade do comunismo revela-nos que de facto o que distingue comunismo e fascismo não radica na simples diferença entre um neomarxismo e um pós-marxismo, isto é, um ex-marxismo que revê a doutrina original sem o assumir e um ex-marxismo que faz a mesma revisão e assumindo-a abertamente, mas a sua *praxis*. Os seus atos.

O que nos remete, não para a questão de determinar se o fascismo enquanto ideologia é uma forma de socialismo, pois por tudo o que vimos é evidente que é, mas para a formulação inversa. Será o comunismo enquanto regime um fascismo? Esta é na verdade uma questão tão ou mais sensível quanto as restantes questões já aqui tratadas. Em vez de questionar se seria o fascismo uma variante do marxismo, o que está aqui em jogo é perceber se o próprio comunismo, especificamente enquanto regime ditatorial no poder num país subdesenvolvido, se trata afinal de uma variante do fascismo.

Convém lembrar que o próprio Mussolini já tinha avisado que “cada nação terá o ‘seu’ fascismo; isto é, um fascismo adaptado à situação peculiar de cada povo”²⁵⁷⁰, e que o socialismo em todo o mundo, se queria ser bem-sucedido, estava condenado a fascizar-se: “se os socialistas ‘realizarem’ o fenómeno fascista, poderão salvar qualquer coisa; caso contrário, aguarda-os a ruína total”²⁵⁷¹. Terá sido isso o que aconteceu com o comunismo do Século XX? Ter-se-á o comunismo enquanto regime realmente transformado em cada país num “fascismo adaptado à situação peculiar de cada povo”?

Este é um tema que nos transporta dos problemas fundamentais da definição destas ideologias para a análise das suas práticas, e em particular as contradições permanentes entre a retórica ideológica e a realidade dos regimes. Para compreender verdadeiramente o problema, teremos de entender o que é o fascismo, o que é o marxismo e o que é o comunismo, e procurar-lhes os traços ideológicos comuns e diferentes – ou alegadamente diferentes.

²⁵⁷⁰ Benito Mussolini, “Europa e fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de outubro de 1937, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.104/105.

²⁵⁷¹ Benito Mussolini, “Al bivio”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de maio de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.215.

Benito Mussolini já havia avisado que “o fascismo enquanto ideia, doutrina, realização, é universal”²⁵⁷². Será mesmo assim? E a ser, poder-se-á considerar o comunismo enquanto regime a expressão universal do fascismo? Levando em linha de conta o inequívoco acento tónico do fascismo na questão nacionalista e na cooperação entre classes, e considerando que fascismo e comunismo partilham o preceito neomarxista soreliano da governação através de uma vanguarda e impondo uma ditadura com recurso à violência, o ponto de partida para analisar o fascismo enquanto socialismo pós-marxista, ou a hipótese ainda mais provocadora de o neomarxismo nos países subdesenvolvidos remeter na verdade para regimes fascistas, só pode assentar nos dois conceitos doutrinários estruturais que aparentemente os separam.

O internacionalismo e a luta de classes.

É nestes dois elementos da doutrina marxista que supostamente se situa o ponto de rotura entre comunismo e fascismo. O comunismo é internacionalista, o fascismo é nacionalista; o comunismo prevê a luta de classes e o domínio do proletariado sobre as restantes classes, o fascismo prevê a cooperação entre classes e a existência do proletariado como apenas uma entre várias classes. Seriam estas as questões doutrinárias fundamentais que afastariam as duas correntes e fariam do fascismo um movimento socialista pós-marxista completamente distinto do comunismo neomarxista.

De um ponto de vista do discurso, esse ponto de rotura entre as duas ideologias existe de facto. O neomarxismo prega o internacionalismo e a luta de classes, o fascismo prega o nacionalismo e a cooperação entre as classes. Este ponto deveria ser claro, embora múltiplas formulações nacionalistas e de cooperação entre classes se encontrem inscritas na ideologia marxista e neomarxista, como veremos. E o que acontece quando o neomarxismo se torna regime e enfrenta a realidade da governação? Mantém as ideias formais da sua ideologia, em especial o internacionalismo e a luta de classes, ou, apesar da retórica formal, altera-as nos atos? E, se as altera, em que sentido o faz?

Começemos então por analisar o internacionalismo e o nacionalismo no contexto do discurso ideológico marxista. A seguir iremos à prática do comunismo quando se torna regime.

O internacionalismo nacionalista do marxismo

²⁵⁷² Benito Mussolini, “Messaggio per l’anno nono”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1934, p.230.

Será o comunismo realmente internacionalista? À primeira vista, esta nem sequer deveria ser uma questão que suscitasse dúvidas, pois as posições doutrinárias sobre esta matéria são abundantes e parecem claras, contundentes e finais, sobretudo nos textos marxistas que inspiram o comunismo moderno.

Assim, Marx e Engels apelaram em *O Manifesto Comunista* aos operários de todo o mundo para se unirem e disseram que “os trabalhadores não têm pátria”²⁵⁷³. Engels previra que “as nacionalidades dos povos que se associam segundo o princípio da comunidade serão forçadas a fundir-se umas nas outras como resultado dessa associação e conseqüentemente dissolver-se-ão”²⁵⁷⁴. Chegara mesmo a elogiar os trabalhadores socialistas alemães por “não terem mostrado nem um traço de chauvinismo nacional entre eles” após a guerra com a França, sendo que “o seu único objetivo era a libertação de todo o proletariado europeu”²⁵⁷⁵. Numa carta a Bebel em 1882, Engels mostrara-se muito preocupado com a possível eclosão de uma nova guerra europeia, dizendo que ela iria “inflamar o chauvinismo por toda a parte durante anos”²⁵⁷⁶. E em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels tornaram claro que a questão nacional era exclusivamente uma questão burguesa. Estas posições consagraram o caráter internacionalista do marxismo e o assunto deveria assim ficar arrumado.

O nacionalismo escondido de Marx e Engels

O problema esconde-se, como habitualmente, nos pormenores. Lendo com atenção os textos dos dois fundadores do marxismo verifica-se que, em bom rigor, o internacionalismo que eles defendiam apenas ocorreria *depois* da revolução do proletariado, não antes. Além disso, Engels reconheceu implicitamente a importância do nacionalismo quando aludiu no seu livro *As Origens da Família, da Propriedade e do Estado* às diferentes formas de associação humana existentes antes do aparecimento das classes,

²⁵⁷³ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.30.

²⁵⁷⁴ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2013, p.29.

²⁵⁷⁵ Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.31.

²⁵⁷⁶ Friedrich Engels, “Engels to August Bebel in Leipzig”, 22 de dezembro de 1882, in Karl Marx e Friedrich Engels, *Letters 1880-83 – Collected Works*, Volume 46, Lawrence & Wishart Electric Book, 2010, Marxist Internet Archive, www.marxists.org, p.415.

designadamente em termos de famílias, tribos e confederações – contradizendo assim, e como já vimos, *O Manifesto Comunista*. Como era possível que a história da sociedade fosse a história da luta de classes se Engels já havia admitido que existiram formas de associação antes de surgirem as classes?

Entreaberta dessa forma, a porta do marxismo para o nacionalismo foi a seguir escancarada por Marx e Engels em centenas de textos assinados por ambos, uns em livros e sobretudo em múltiplos artigos publicados nos jornais, outros em referências inseridas na correspondência privada. Consultando esses textos constata-se que o internacionalismo que os fundadores do marxismo apregoavam só seria válido para o que designavam de povos “com história”²⁵⁷⁷, ou seja, os povos desenvolvidos. Os restantes eram “contrarrevolucionários”²⁵⁷⁸, povos “sem história”²⁵⁷⁹ e “reacionários”²⁵⁸⁰ destinados à extinção.

Por coincidência, ou provavelmente não, os povos destinados ao extermínio eram em geral os que se opunham à Grande Alemanha. “Povos que nunca tiveram uma história própria”, escreveu Engels, “não são viáveis”²⁵⁸¹, dando o exemplo dos “bárbaros eslavos”²⁵⁸², como os checos, os eslovacos e os croatas, a quem designou “*Völkerabfälle*”, ou “povos lixo”²⁵⁸³. Outros povos viram-se reduzidos por Engels à condição de “pequenos destroços de nacionalidades”²⁵⁸⁴, como é o caso dos dinamarqueses, dos holandeses, dos suíços e dos belgas – curiosamente sempre povos que resistiam à vizinha hegemonia alemã –, aos quais reservou a designação de “mestiços que querem ser nações”²⁵⁸⁵ e “miseráveis impotentes quase-nações”²⁵⁸⁶, apenas reconhecendo direitos “às grandes e igualmente poderosas nações.”²⁵⁸⁷

²⁵⁷⁷ Friedrich Engels, “Democratic Pan-Slavism”, *Neue Rheinische Zeitung*, 14 de fevereiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁵⁷⁸ *Idem*.

²⁵⁷⁹ *Ibidem*.

²⁵⁸⁰ *Ibidem*.

²⁵⁸¹ *Ibidem*.

²⁵⁸² Friedrich Engels, “The Magyar Struggle”, *Neue Rheinische Zeitung*, 13 de janeiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁵⁸³ *Idem*.

²⁵⁸⁴ Friedrich Engels, “Letter from Germany – The War in Schleswig Holstein”, *The Democratic Review*, agosto de 1850, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁵⁸⁵ *Idem*.

²⁵⁸⁶ *Ibidem*.

²⁵⁸⁷ *Ibidem*.

Ou seja, o marxismo original previa que os países poderosos tinham mais direitos do que os outros, o que indicia uma desigual concepção de igualdade. Em palavras carregadas de generalizações, preconceitos e discriminações para com os povos que se atreviam a fazer frente aos alemães, Engels escreveu a Marx para lhe dizer que “os dinamarqueses não passam de uma nação de advogados, que *mentem consciente e descaradamente*”²⁵⁸⁸ (itálico no original), uma generalização estereotipada e estigmatizante que reduzia todos os dinamarqueses a mentirosos.

Os fundadores do marxismo defenderam até explicitamente o colonialismo ao sustentar que os povos desenvolvidos deveriam invadir os subdesenvolvidos “no interesse da civilização”²⁵⁸⁹, uma espécie de versão marxista da velha ideia imperial europeia sobre a missão civilizadora do homem branco. É assim que os vemos a aplaudir a colonização francesa da Argélia, a colonização inglesa da Índia e a invasão americana do México, embora condenando a opressão associada a esses processos.

Marx considerou que “a Inglaterra tem de cumprir uma dupla missão na Índia: uma destrutiva e a outra regeneradora – a aniquilação da antiga sociedade asiática e a colocação das fundações materiais da sociedade ocidental na Ásia”, e descreveu os britânicos como “superiores”²⁵⁹⁰ à civilização indiana. Já Engels mostrou ampla aprovação por os Estados Unidos terem invadido o México e retirado “a esplêndida Califórnia aos mexicanos preguiçosos”²⁵⁹¹, e defendeu que a colonização da Argélia pelos franceses era “importante e positiva (...) para o progresso da civilização”²⁵⁹², pois “o burguês moderno, com a civilização, a indústria, a ordem, e pelo menos um relativo iluminismo no seu encalço é preferível ao senhor feudal ou ao vagabundo ladrão, mais o estado bárbaro das suas sociedades.”²⁵⁹³

Marx e Engels foram ainda mais longe e, por baixo do verniz internacionalista, exprimiram amiúde o seu nacionalismo. “Sinto orgulho

²⁵⁸⁸ Friedrich Engels, “Engels to Marx in London”, in Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, Volume 42, 2010, p.8.

²⁵⁸⁹ Friedrich Engels, “Democratic Pan-Slavism”, *Neue Rheinische Zeitung*, 14 de fevereiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁵⁹⁰ Karl Marx, “The Future Results of British Rule in India”, in David McLellan (editor), *op. cit.*, 2000, p.363.

²⁵⁹¹ Friedrich Engels, “Democratic Pan-Slavism”, *Neue Rheinische Zeitung*, 14 de fevereiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁵⁹² James Gregor, *Mussolini's Intellectuals – Fascist Social and Political Thought*, Princeton University Press, Princeton, 2005, p.47.

²⁵⁹³ *Idem*.

nos alemães”, proclamou o autor de *O Capital*, considerando os germânicos “um povo profundo”²⁵⁹⁴ e falando da Alemanha como “a nossa querida pátria”²⁵⁹⁵. Chegaram ao ponto de se felicitarem quando Bismarck realizou a unificação alemã sob a forma do Reich. Numa célebre polémica com o socialista Karl Vogt, Marx acusou o seu adversário de ter um projeto que retirava território à Alemanha e punha em causa a existência da nação. “Nessa operação nós, os alemães, perderíamos nada menos do que a Prússia oriental e ocidental, a Silésia, partes de Brandeburgo e da Saxónia, toda a Boémia, a Morávia e o resto da Áustria com exceção do Tirol”, escandalizou-se, alegando que estava em causa “a nossa existência nacional”²⁵⁹⁶. Curiosamente, tudo territórios que Hitler anexou no século seguinte em prol da mesma “existência nacional” alemã. Juntamente com Engels, Marx lançou um apelo nacionalista pangermanista aos trabalhadores, pedindo-lhes para lutarem “por uma república alemã una e indivisível”²⁵⁹⁷, apelo repetido por Engels num artigo em que declarou que “não aceitaremos nada que não seja a *república alemã, una e indivisível*”²⁵⁹⁸ (itálico no original). O internacionalismo de ambos estava, como se vê, carregado de nacionalismo.

O nacionalismo alemão

Para melhor compreender o nacionalismo de Marx e Engels é preciso entender o contexto da época. Os povos alemães, assim identificados pela língua, só começaram a ser unificados pela Confederação Alemã, processo ocorrido no início do Século XIX e que décadas mais tarde desembocaria no Segundo Reich. A unificação deixou de fora a Áustria. A população deste país era constituída em 35 por cento por alemães, em 23 por cento por checos, em 18 por cento por polacos, em 13 por cento por ucranianos e o remanescente sobretudo por eslovenos, servo-croatas, italianos e romenos. Acontece que os alemães, sendo uma minoria na Áustria, eram não só a maior minoria como sobretudo dominavam o país política, económica e culturalmente.

²⁵⁹⁴ Karl Marx, “Marx to Engels in Manchester”, 20 de fevereiro de 1866, *op. cit.*, Volume 42, 2010, p.231.

²⁵⁹⁵ Karl Marx, *op. cit.*, 1996, p.96.

²⁵⁹⁶ Karl Marx, *Herr Vogt – A Spy in the Workers’ Movement*, New Park Publications, Londres, 1982, p.138.

²⁵⁹⁷ Karl Marx e Friedrich Engels, “Address of the Central Committee to the Communist League”, março de 1850, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁵⁹⁸ Friedrich Engels, “Letter from Germany – The War in Schleswig Holstein”, *The Democratic Review*, agosto de 1850, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

Os ventos de mudança vieram com o liberalismo, que trouxe consigo uma maior democratização da Áustria e o estabelecimento de uma monarquia constitucional. De repente os povos não germânicos da Áustria começaram a ganhar direitos políticos, económicos e culturais. Alguns atreveram-se mesmo, escândalo dos escândalos!, a reivindicar o direito de terem escolas que ensinassem na sua língua. Muitos alemães sentiram a sua supremacia ameaçada. Em reação foi criado o movimento pangermânico, destinado a manter a supremacia alemã sobre os eslavos e os latinos que tinham o desprazer de pedir direitos iguais. O pangermanismo, conforme observou o historiador Nicholas Goodrick-Clarke, constituiu “um movimento revolucionário que envolvia um populismo anticapitalista, anti-liberal, antisemita e nacionalista alemão prussófilo”²⁵⁹⁹. Foi este clima pangermanista anti-liberal que serviu de contexto ao aparecimento de movimentos de reação anti-democrática como os de Karl Marx, Friedrich Engels e, posteriormente, Adolf Hitler.

O nacionalismo de Engels revelou-se particularmente agudo na análise que fez dos conflitos na Áustria entre os dominadores de etnia alemã, mais os seus aliados húngaros, e os dominados eslavos, os tais que rebaixava com a designação de “povos lixo”²⁶⁰⁰. “Os alemães deram-se ao trabalho de civilizar os teimosos checos e eslovenos, e de os introduzir no comércio, na indústria, num nível tolerável de agricultura e na cultura”²⁶⁰¹, escreveu o companheiro intelectual de Marx, acreditando pelos vistos que esses povos não seriam capazes de desenvolver atividades tão elementares como o comércio ou a agricultura sem a ajuda paternal dos alemães. Assumindo vestes nacionalistas, Engels argumentou até que foi a tutela colonial alemã que permitiu aos eslavos da Áustria “tomar parte numa evolução histórica que, deixada para eles mesmos, lhes passaria completamente ao lado”²⁶⁰².

Já não foi só, como vemos, à famosa missão civilizadora do homem branco que os criadores do marxismo cantaram loas; foi especificamente à própria missão civilizadora dos alemães, só faltando mesmo a Marx e Engels usarem a expressão “arianos” para completarem o ramalhete nacionalista

²⁵⁹⁹ Nicholas Goodrick-Clarke, *The Occult Roots of Nazism – Secret Aryan Cults and their Influence on Nazi Ideology*, Tauris Park Paperbacks, Londres, 2005, p.10.

²⁶⁰⁰ Friedrich Engels, “The Magyar Struggle”, *Neue Rheinische Zeitung*, 13 de janeiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁶⁰¹ Friedrich Engels, “Democratic Pan-Slavism”, *Neue Rheinische Zeitung*, 14 de fevereiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁶⁰² *Idem*.

germânico de que estavam imbuídos. É aliás sintomático que os nazis tivessem cem anos mais tarde exprimido a mesmíssima visão dos eslavos da Áustria. “É basicamente errado projetar toda a nossa alma e coração inofensivos, toda a nossa boa índole, o nosso idealismo, nos povos estrangeiros”, disse em 1943 Heinrich Himmler numa célebre reunião das SS em Poznan. “Isso aplica-se aos checos e aos eslovenos, a quem, no fim de contas, oferecemos o seu sentimento nacional. Eles em si mesmos seriam absolutamente incapazes disso; inventámo-lo por eles”²⁶⁰³. Engels e Himmler, o mesmo discurso.

O supremacismo germânico de Marx e Engels

Socialistas como o russo Mikhail Bakunin defendiam na época de Marx e Engels a independência das pequenas nações eslavas que se encontravam sob a bota do domínio da minoria alemã na Áustria, mas Engels criticou Bakunin e opôs-se ferozmente à libertação desses povos. O parceiro de Marx descreveu o desejo de independência das nações subdesenvolvidas em relação aos Estados germânicos como “contrarrevolucionário”²⁶⁰⁴, o que se compreende também se considerarmos a postura do marxismo original favorável ao colonialismo e ao nacionalismo. “Os líderes do movimento eslavo do sul que continuam a dizer baboseiras sobre a igualdade das nações (...) ou são sonhadores estúpidos (...) ou são canalhas”²⁶⁰⁵, sentenciou Engels. O futuro dos eslavos que se atreviam a falar de igualdade das nações, segundo ele, seria o merecido extermínio. “Haverá uma luta, uma ‘inexorável luta de vida ou morte’, contra os eslavos que traíam a revolução”, previu Engels em referência às nações oprimidas que cometiam o crime de traírem a revolução pelo simples facto de serem subdesenvolvidas e quererem a independência em relação aos alemães. O fundador do marxismo defendeu “o uso determinado do terror contra estes povos eslavos”, pois “não há frases bonitas nem alusões ao indefinido futuro democrático desses países que nos dissuadam de tratar os nossos inimigos como inimigos”, para avisar

²⁶⁰³ Heinrich Himmler, “Speech of the *Reichsführer-SS* at the SS Group Leader Meeting in Posen (Poznan)”, 3 de outubro de 1943, www.HolocaustResearchProject.org.

²⁶⁰⁴ Friedrich Engels, “Democratic Pan-Slavism”, *Neue Rheinische Zeitung*, 14 de fevereiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁶⁰⁵ Friedrich Engels, “The Magyar Struggle”, *Neue Rheinische Zeitung*, 13 de janeiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

que “será um combate de aniquilação e terror impiedoso – não no interesse da Alemanha, mas no interesse da revolução!”²⁶⁰⁶

Depois de noutros textos elogiar insistentemente os alemães e os seus aliados húngaros, e ainda os polacos cujo maior mérito era pelos vistos servirem de tampão entre os alemães e o povo que Marx mais detestava, o russo, Engels insultou búlgaros, ucranianos, bielorrussos, lituanos e outros povos da região, e voltou a ameaçar os países subdesenvolvidos de extermínio: “todos os outros grandes e pequenos povos e nacionalidades estão destinados a perecer em breve numa grande tempestade revolucionária mundial.”²⁶⁰⁷

Tenho conhecido pessoalmente Marx e Engels e debatido com eles, Bakunin considerava o autor de *O Capital* “um grande intelecto armado de um conhecimento profundo”²⁶⁰⁸ e “um homem com um imenso conhecimento de estatística e de economia”²⁶⁰⁹, pelo que as suas posições violentamente xenófobas o deixaram chocado. “Como é possível que ele não veja que o estabelecimento de uma ditadura universal”, questionou-se Bakunin, “chegará ela própria para matar a revolução ou paralisar e perverter todos os movimentos populares?”²⁶¹⁰

Depois de acusar os fundadores do marxismo de “apelarem ao estabelecimento de um novo despotismo”, que considerou um Estado de “escravatura universal”²⁶¹¹, o socialista russo sublinhou que para Marx “a liberdade de pensamento e opinião” era “incompatível”²⁶¹² com a “unanimidade exigida pela segurança do Estado”, pelo que um Estado marxista “tem de ter uma polícia, agentes devotos que vigiam e dirigem, em segredo e sem tolerar obstáculos, a corrente de opiniões e paixões do povo”. Enfatizando que “vimos o próprio Marx convencido desta necessidade”²⁶¹³, Bakunin descreveu o Estado marxista nestes moldes: “haverá escravatura nesse novo Estado, e no estrangeiro haverá guerra sem tréguas, pelo menos

²⁶⁰⁶ Friedrich Engels, “Democratic Pan-Slavism”, *Neue Rheinische Zeitung*, 14 de fevereiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁶⁰⁷ Friedrich Engels, “The Magyar Struggle”, *Neue Rheinische Zeitung*, 13 de janeiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁶⁰⁸ Mikhail Bakunin, *Marxism, Freedom and the State*, Kessinger Legacy Reprints, Whitefish, 2018, p.19.

²⁶⁰⁹ *Idem*, p.20.

²⁶¹⁰ *Ibidem*, p.34.

²⁶¹¹ Mikhail Bakunin, “Letter to *La Liberté*”, 5 de outubro de 1872, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁶¹² Mikhail Bakunin, *op. cit.*, 2018, p.22.

²⁶¹³ *Idem*, p.23.

até as raças ‘inferiores’, a latina e a eslava, cansadas da civilização burguesa, não mais se resignarem à sujeição ao Estado, que será ainda mais despótico que o anterior apesar de se designar a si próprio Estado do Povo.”²⁶¹⁴

O revolucionário russo apelidou os marxistas de “comunistas autoritários alemães”²⁶¹⁵ e considerou Marx um “ardente patriota”²⁶¹⁶, neste caso um “patriota alemão”, que “deseja a grandeza e o poder da Alemanha”²⁶¹⁷ através do “estabelecimento de um grande Estado pangermânico”²⁶¹⁸. Isso fazia do autor de *O Capital* um “sucessor” e um “continuador” natural das políticas nacionalistas e expansionistas de Bismarck. “Tal como Bismarck”, escreveu Bakunin, “ele quer o estabelecimento de um grande Estado germânico para a glória do povo alemão e para a felicidade da civilização voluntária ou forçada no mundo”²⁶¹⁹. Para Bakunin, a tese de Marx de que a grandeza da Alemanha era essencial para o avanço da revolução não passava de uma forma “conveniente” de resolver o “conflito total”²⁶²⁰ entre o seu óbvio nacionalismo pangermânico e a retórica internacionalista do socialismo, até porque “o seu objetivo final” era “o estabelecimento do chamado Estado do Povo, o grande Estado pangermânico”²⁶²¹. Que não houvesse ilusões sobre Marx, avisou o socialista russo: “o seu patriotismo sobrepõe-se ao seu socialismo.”²⁶²²

Mikhail Bakunin, que se envolvera diretamente na Comuna de Paris enquanto Marx e Engels se mantinham na segurança de Inglaterra a acompanhar os acontecimentos pelos jornais e a comentá-los como se fossem grandes autoridades no assunto, responsabilizou as ações nacionalistas alemãs dos dois criadores do marxismo pelas divisões abertas no movimento socialista internacional. “Há duas principais tendências políticas que atualmente separam a Internacional em dois campos”, escreveu o socialista russo. “De um lado nada existe a não ser a Alemanha; do outro encontramos, em vários graus, a Itália, Espanha, a Jura suíça, uma grande parte de França, a Bélgica, a Holanda e em breve os povos eslavos. (...)”

²⁶¹⁴ Mikhail Bakunin, “Letter to *La Liberté*”, 5 de outubro de 1872, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁶¹⁵ Mikhail Bakunin, *op. cit.*, 2018, p.14.

²⁶¹⁶ *Idem*, p.20.

²⁶¹⁷ *Ibidem*, p.30.

²⁶¹⁸ *Ibidem*, p.31.

²⁶¹⁹ *Ibidem*, p.20.

²⁶²⁰ *Ibidem*, p.31.

²⁶²¹ *Ibidem*, p.46.

²⁶²² *Ibidem*, p.43.

Graças à grande capacidade tática do senhor Marx (...) a tendência alemã prevaleceu.”²⁶²³

Vale a pena fazer aqui uns parênteses para notar que este debate era bem conhecido de Benito Mussolini, que o revia no confronto entre si e os seus seguidores de um lado, libertados do marxismo alemão e adeptos de um socialismo nacionalista italiano, e do outro lado o socialismo “oficial” do PSI, ligado ao socialismo alemão de Marx e Engels. “Renova-se o eterno conflito entre os dois socialismos: entre aquele que é democrático, libertário, oitocentista das nações latinas e aquele eleitoralista, autoritário, legalitário dos socialistas alemães”, escreveu o *Duce*, identificando esses dois socialismos: “de uma parte Marx, da outra Bakunin”²⁶²⁴. Mussolini deu-se ao cuidado de listar uma série de pronunciamentos nacionalistas pangermânicos de Marx e Engels para concluir que “o socialismo alemão – militarista – está todo aqui.”²⁶²⁵

O pangermanismo ostensivo de Marx e Engels foi sempre apresentado por estes sob a capa legitimadora da defesa da revolução e da civilização, pois os fundadores do marxismo diziam ver no triunfo dos mais fortes, e em particular da Alemanha, um passo para unificar e centralizar a humanidade. O seu pangermanismo a roçar o supremacismo atingiu o apogeu com as tensões europeias desencadeadas pela guerra franco-prussiana de 1870. Perante a perspectiva de uma grande guerra europeia, Engels contactou os socialistas da Alemanha em 1891 e recomendou-lhes que se preparassem para “manobrar nos bastidores”²⁶²⁶ de modo a apoiarem o país no caso de o conflito rebentar. “Caso a ameaça de guerra se intensifique, podemos dizer ao governo que estaremos dispostos, desde que isso seja possibilitado por um tratamento decente, para os apoiarmos contra um inimigo estrangeiro, com a condição de que conduzam a guerra impiedosamente e usem todos os meios disponíveis, incluindo os revolucionários”, escreveu ele, estabelecendo que “caso a Alemanha seja atacada do leste e do oeste, todos

²⁶²³ Mikhail Bakunin, “Letter to *La Liberté*”, 5 de outubro de 1872, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁶²⁴ Benito Mussolini, “La maschera è caduta!”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de agosto de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VIII, 1953, p.183.

²⁶²⁵ Benito Mussolini, “Marx e... Hindenburg”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de agosto de 1915, *idem*, p.185.

²⁶²⁶ Friedrich Engels, “Engels to Auguste Bebel in Berlin”, 13 de outubro de 1891, in Karl Marx e Friedrich Engels, *Letters 1890-92 – Collected Works*, Volume 48, Lawrence & Wishart Electric Book, 2010, Marxist Internet Archive, www.marxists.org, p.259.

os meios de defesa serão justificados”. Mais, preconizou que o partido socialista alemão deveria tornar-se um “vigoroso partido da guerra.”²⁶²⁷

Esta frase de Engels contém uma reveladora contradição de natureza quase freudiana. Depois de requerer um “tratamento decente”, assim adotando uma caritativa retórica politicamente correta destinada a salvaguardar a aparência de um socialismo internacionalista benigno, a seguir, e no mesmo fôlego, o parceiro de Marx exige que a guerra seja conduzida “impiedosamente” contra o “inimigo estrangeiro”, desse modo denunciando toda a essência nacionalista profunda subjacente ao seu pensamento. É aliás também interessante que este discurso venha devidamente embrulhado no previsível e conveniente argumento de que “não está apenas em causa a existência da nação”²⁶²⁸, pois Engels fez questão de argumentar que apoiar a pátria (nacionalismo) era sinónimo de apoiar a revolução (socialismo).

Na doutrina original marxista, o nacionalismo fundia-se assim subrepticamente com o socialismo. Veja-se também a forma como Marx estabeleceu o carácter revolucionário do nacionalismo. Isso aconteceu explicitamente num artigo de jornal onde falou no “superabundante patriotismo (*‘die Patriotische Ueberkraft’*, como diria Heine) da juventude revolucionária”²⁶²⁹ (itálico e parênteses no original) de Schleswig e Lombardia, embora acusando essa juventude de ter vistas curtas que a conduziram à derrota às mãos do inimigo.

Engels, por seu turno, chegou ao ponto de se vangloriar da superioridade intelectual alemã, defendendo que os alemães eram “o povo mais teórico da Europa”, e fez questão de vincar o germanismo do marxismo quando falou no “socialismo científico alemão”²⁶³⁰. Torna-se assim claro que, para os fundadores do marxismo, o nacionalismo é revolucionário se for praticado pelos povos desenvolvidos, sobretudo o alemão, e contrarrevolucionário se se manifestar nos povos subdesenvolvidos, como o mexicano, os eslavos e as “miseráveis impotentes quase-nações”²⁶³¹ como a Dinamarca, a Holanda, a Bélgica e a Suíça, e em particular se esses povos “mestiços”²⁶³² tiverem a

²⁶²⁷ *Idem*, p.258.

²⁶²⁸ *Ibidem*.

²⁶²⁹ Karl Marx, “Panslavism – The Schleswig-Holstein War”, 15 de março de 1852, *The New York Tribune*, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁶³⁰ Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.32.

²⁶³¹ Friedrich Engels, “Letter from Germany – The War in Schleswig Holstein”, *The Democratic Review*, agosto de 1850, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁶³² *Idem*.

desfaçatez de se oporem aos alemães, situação que os sujeita a serem rebaixados ao estatuto de “povos lixo.”²⁶³³

Esta xenofobia ostensiva na atitude dos fundadores do marxismo não passou despercebida aos leitores mais atentos. Mussolini, que lia alemão e já tinha avisado que a doutrina original marxista continha páginas nacionalistas que “escandalizariam”²⁶³⁴ os neomarxistas do seu tempo, observou com uma ponta de sarcasmo que “Marx era um pouco afeiçoado ao pangermanismo”²⁶³⁵. Também a historiografia moderna o reconhece, com o biógrafo de Marx, Robert Payne, a escrever que “ele desprezava aqueles que se opunham às justas reivindicações do nacionalismo alemão”²⁶³⁶ e Erik van Ree a estabelecer inequivocamente que o nacionalismo “faz parte do marxismo original.”²⁶³⁷

O historiador húngaro Miklós Molnár dedicou mesmo uma obra aos escritos nacionalistas dos fundadores do marxismo. Molnár falou “na sua paixão por certas causas nacionais”²⁶³⁸, em particular “o interesse quase obsessivo que ele (Marx) tinha na Rússia”²⁶³⁹ e a sua “russofobia”²⁶⁴⁰ de natureza “provavelmente visceral”²⁶⁴¹, e também nos “preconceitos contra os eslavos” em geral, com um “tratamento discriminatório” em que “Engels vai ao ponto de apresentar mil anos de história na Europa central como uma luta perpétua, e historicamente justa, entre os alemães e os húngaros contra os eslavos.”²⁶⁴²

As razões para o ódio nacionalista e étnico de Marx e Engels, “esta espécie de preconceito desfavorável, uma mistura de desprezo e de desconfiança”²⁶⁴³, encontram-se no pangermanismo dos fundadores do marxismo. “Engels esperava, em entendimento com Marx, (...) realizar a

²⁶³³ Friedrich Engels, “The Magyar Struggle”, *Neue Rheinische Zeitung*, 13 de janeiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁶³⁴ Benito Mussolini, “La situazione internazionale e l’atteggiamento del partito”, *Avanti!* e *Corriere della Sera*, 11 de novembro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, VI, 1953, p.428.

²⁶³⁵ *Idem*, p.431/432.

²⁶³⁶ Robert Payne, *op. cit.*, 1968, p.185.

²⁶³⁷ Richard Shorten, *op. cit.*, 2012, p.186.

²⁶³⁸ Miklós Molnár, *op. cit.*, 1975, p.20.

²⁶³⁹ *Idem*, p.28.

²⁶⁴⁰ *Ibidem*, p.30, 32 e 142.

²⁶⁴¹ *Ibidem*, p.32.

²⁶⁴² *Ibidem*, p.60.

²⁶⁴³ *Ibidem*, p.90.

Grande Alemanha”²⁶⁴⁴, constatou Molnár, ao ponto de, no caso dos conflitos étnicos da Áustria, para os dois homens que criaram o marxismo “só os alemães da Áustria podiam sair vitoriosos. Deveriam então aliar-se aos seus compatriotas para formar a Grande Alemanha, uma e indivisível” e com os húngaros, “amigos dos alemães por necessidade histórica”, formar “uma barreira contra os eslavos”²⁶⁴⁵. Quanto ao ódio específico contra os checos, “o que ele (Engels) lhes censura – e também aos eslavos do sul – é nem mais nem menos o facto de se terem recusado a ser alemães.”²⁶⁴⁶

É precisamente no quadro do supremacismo pangermanista que se insere o ódio dos fundadores do marxismo aos eslavos e ao panslavismo. “O panslavismo”, escreveu o historiador húngaro, é apresentado por Marx e Engels como “a aliança dos fracos que não souberam resistir aos mais fortes (alemães, húngaros e turcos) e por consequência não têm direito a dispor do seu destino”²⁶⁴⁷ (parênteses no original). Este raciocínio estende-se ao colonialismo, conceito de dominação que “Marx partilhou, embora num certo sentido de maneira mais *nuancé* que os futuros ideólogos do *white man’s burden*”²⁶⁴⁸, pois “havia em Marx uma conceção subjacente, uma espécie de preconceito favorável ao processo de expansão colonial”²⁶⁴⁹ que mostra um “eurocentrismo”²⁶⁵⁰ e um “socio-darwinismo aplicado ao destino dos povos”²⁶⁵¹, como se a lei do mais forte constituísse um direito natural das nações.

O próprio Bakunin indignou-se com o darwinismo social supremacista que empapava o discurso nacionalista de Marx e Engels. “É a aplicação da lei de Darwin à política internacional”, considerou o socialista russo, resumindo o pensamento marxista sobre esta matéria à ideia de que “as nações civilizadas, sendo geralmente as mais fortes, devem exterminar as populações bárbaras ou submetê-las para as explorar, ou civilizar. É assim que se permite aos americanos exterminar os índios; aos ingleses explorar a Índia; aos franceses conquistar a Argélia; e por fim aos alemães civilizar os *nolens volens* eslavos da maneira que sabemos”²⁶⁵². É interessante, a este

²⁶⁴⁴ *Ibidem*, p.88.

²⁶⁴⁵ *Ibidem*, p.121.

²⁶⁴⁶ *Ibidem*, p.90.

²⁶⁴⁷ *Ibidem*, p.95.

²⁶⁴⁸ *Ibidem*, p.223.

²⁶⁴⁹ *Ibidem*, p.243.

²⁶⁵⁰ *Ibidem*, p.238.

²⁶⁵¹ *Ibidem*, p.107.

²⁶⁵² *Ibidem*, p.99.

propósito, notar que o darwinismo social, que como vemos está claramente presente no pensamento original marxista, constituiu também um elemento importante do pensamento fascista e nacional-socialista.

Mais relevante ainda, estes múltiplos pronunciamentos profundamente nacionalistas de Marx e Engels constituem na prática um desmentido efetivo da formulação de *O Manifesto Comunista* de que os trabalhadores não tinham pátria e de que a história resultava da luta de classes, pois em centenas dos seus escritos os fundadores do marxismo colocaram de facto a luta de nações a substituir a luta de classes. “A política estrangeira, o combate entre nações, assume o lugar da luta de classes”, concluiu Molnár, para quem nestes escritos de Marx e Engels “os Estados veem-se investidos de um papel que segundo *O Manifesto Comunista* apenas as classes revolucionárias poderiam desempenhar.”²⁶⁵³

A inspiração marxista do projeto imperial fascista

O nacionalismo que salpica a doutrina marxista original contribuiu para legitimar junto dos neomarxistas que criaram o fascismo a expansão colonial italiana, pois para além de ser uma maneira de levar o desenvolvimento aos povos subdesenvolvidos, ou “sem história” para usar a expressão pejorativa de Marx e Engels, iria sobretudo ajudar a Itália a desenvolver-se. Isto porque tal expansão dar-lhe-ia acesso a matérias primas e a um mercado preferencial para os seus produtos, o que lhe abria a possibilidade de se tornar uma sociedade industrializada e viabilizava assim a consequente revolução do proletariado prevista na doutrina marxista.

Não é de mais recordar que os fundadores do marxismo tinham defendido o colonialismo ao dizer que os povos civilizados deveriam invadir os incivilizados “no interesse da civilização”²⁶⁵⁴, com Marx a sustentar que “a Inglaterra tem de cumprir uma dupla missão na Índia: uma destrutiva e a outra regeneradora – a aniquilação da antiga sociedade asiática e a colocação das fundações materiais da sociedade ocidental na Ásia”²⁶⁵⁵, e Engels a considerar que a colonização da Argélia pelos franceses era “importante e positiva (...) para o progresso da civilização.”²⁶⁵⁶

²⁶⁵³ *Ibidem*, p.122.

²⁶⁵⁴ Friedrich Engels, “Democratic Pan-Slavism”, *Neue Rheinische Zeitung*, 14 de fevereiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁶⁵⁵ Karl Marx, “The Future Results of British Rule in India”, in David McLellan (editor), *op. cit.*, 2000, p.363

²⁶⁵⁶ James Gregor, *op. cit.*, 2005, p.47.

O próprio Bernstein admitira a possibilidade de, em certas circunstâncias, a posse de colônias pela Alemanha ser “desejável”, desde que tal fosse do interesse da nação alemã, e defendera que “uma civilização superior pode reivindicar um direito superior”²⁶⁵⁷, posição perfeitamente em linha com o pensamento de Marx e Engels, cujo círculo íntimo Bernstein frequentara e que reforçou a legitimação do colonialismo no seio do marxismo. “Não é necessário que a ocupação de terras tropicais pelos europeus seja prejudicial para os nativos no gozo da sua vida”, sustentou o fundador da social-democracia, “nem tem sido esse habitualmente o caso.”²⁶⁵⁸

Como é evidente, nada disto passou despercebido aos pós-marxistas fascistas quando estes, instalados no poder em Roma, começaram a lançar olhos coloniais para a Etiópia. Tendo lido atentamente Marx, Engels e Bernstein, os fascistas viram na aventura etíope um mero fascículo da doutrina marxista. “A guerra que nós iniciámos em terras de África é uma guerra de civilização e de libertação”, proclamou Mussolini no início desse conflito, quase copiando palavra a palavra as ideias de Marx e Engels sobre o colonialismo. “É uma guerra do povo. O povo italiano sente-a como coisa sua. É a guerra dos pobres, dos despojados, dos proletários. Contra nós ergue-se uma frente de conservadorismo, de egoísmo, de hipocrisia”²⁶⁵⁹. Mais, “a guerra da Etiópia é um conflito entre o nosso exército de operários e camponeses e a milícia privada do *negus* Negesti e dos seus grandes latifundiários”²⁶⁶⁰, com Mussolini a sublinhar “que na Etiópia exista escravatura – isto é, compra-venda de homens – é admitido pelo próprio *negus*”²⁶⁶¹ e praticado pelas suas “hordas bárbaras”. Foi isso que, aos olhos do *Duce*, tornou incompreensível ver a Sociedade das Nações “oferecer o espetáculo surpreendente de defender abertamente a escravatura.”²⁶⁶²

No mesmo sentido se pronunciaram outros fascistas. Depois de fazer um rasgado elogio à ideia fascista do império, Mario Carli, o esquadrista que dirigia a revista *L'Imperio*, apressou-se a prestar um esclarecimento para

²⁶⁵⁷ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.178/179.

²⁶⁵⁸ *Idem*, p.178.

²⁶⁵⁹ Benito Mussolini, “Inaugurazione di Pontinia”, 18 de dezembro de 1935, *Le opere i discorsi e gli scritti*, adamoli.org.

²⁶⁶⁰ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.550.

²⁶⁶¹ Benito Mussolini, “Il ‘dato’ irrefutabile”, *La Tribuna – L'Idea Nazionale*, 18 de setembro de 1935, in Benito Mussolini, *Un imperio per l'Italia*, La Fenice, Florença, março de 1984, p.22.

²⁶⁶² Benito Mussolini, “Sino a quando?”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de setembro de 1935, *idem*, p.31.

evitar mal-entendidos que pusessem em causa a natureza socialista do fascismo. “Entendamo-nos: império extra-europeu, sobre um povo que ainda não seja capaz de se governar”²⁶⁶³, ressaltou, sublinhando que o império da Itália fascista seria um “império mediterrânico pacífico e luminosamente civil”²⁶⁶⁴. Ou, como disse Mussolini, um império que sobre a Etiópia, país que não passava de “uma conglomeração de populações duramente oprimidas por uma rapacíssima casta feudal”²⁶⁶⁵, a Itália lançaria “a luz da civilização”²⁶⁶⁶ para “tornar a Etiópia fértil, civilizada, num espírito de solidariedade internacional e de compreensão humana”²⁶⁶⁷. Mais, “a Itália não ‘agride’ a população etíope, antes a liberta, emancipa os escravos, redistribui o trigo apreendido pelo *negus*, abre estradas, institui hospitais, protege as crianças abandonadas, dá pão aos nativos indigentes.”²⁶⁶⁸

O império fascista seria assim um império paternalista à maneira marxista. De tal modo que o historiador Roger Griffin falou numa “justificação quase marxista para o expansionismo italiano”²⁶⁶⁹. Não terá sido decerto por acaso que foi imediatamente depois da conquista da Etiópia que o Partido Comunista Italiano propôs a aliança com o fascismo, anunciando que se identificava com o seu programa original.

Lendo Marx e Engels, como poderia ser de outra maneira?

²⁶⁶³ Mario Carli, *op. cit.*, 2007, p.62.

²⁶⁶⁴ *Idem*, p.62/63.

²⁶⁶⁵ Benito Mussolini, “Verso Addis Abeba”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de maio de 1936, in Benito Mussolini, *op. cit.*, março de 1984, p.61.

²⁶⁶⁶ Benito Mussolini, “Dopo il discorso di Worcester”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de outubro de 1935, *idem*, p.36.

²⁶⁶⁷ Benito Mussolini, “Intervista alla stampa Hearst”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de julho de 1936, *ibidem*, p.75.

²⁶⁶⁸ Benito Mussolini, “Sul terreno della realtà”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de outubro de 1935, *ibidem*, p.38.

²⁶⁶⁹ Roger Griffin, *The Nature of Fascism*, Routledge, Abingdon, 2006, p.58.

O internacionalismo nacionalista na União Soviética

O marxismo tinha, como vimos, uma vertente nacionalista na doutrina original de Marx e Engels. Poderíamos ser tentados a presumir que esse nacionalismo teria com o tempo desaparecido do marxismo graças às sucessivas revisões da doutrina original. No fim de contas, as Internacionais Socialistas trabalhavam justamente em prol do internacionalismo. E é um facto indiscutível que o discurso neomarxista tem uma natureza formalmente internacionalista.

Ao contrário das derivas nacionalistas de Marx e Engels, Lenine e Estaline começaram por se mostrar consistentemente internacionalistas. “Somos internacionalistas”, proclamou Lenine. “Queremos uma união próxima e a completa amálgama de trabalhadores e camponeses de todas as

nações numa única república soviética mundial”²⁶⁷⁰. Isto acontecia, evidentemente, porque “o bolchevismo tem como objetivo a revolução mundial” e “a vitória final só ocorrerá quando atearmos por todo o mundo os mesmos fogos da revolução.”²⁶⁷¹

O bolchevismo e a questão nacional

A questão nacional era de início para os bolcheviques perfeitamente secundária uma vez que consideravam que a história se centrava na luta de classes e tudo o resto permanecia marginal. A força dos movimentos nacionalistas no Império Austro-Húngaro e na própria Rússia nas vésperas da Grande Guerra, contudo, mostrou-lhes que a questão nacional era afinal mais importante do que a doutrina original marxista fazia crer. Lenine chegou à conclusão de que “temos de prestar mais atenção à questão nacional do que fizemos até agora”²⁶⁷². Sabendo que o bolchevique georgiano José Estaline escrevia desde 1904 sobre as questões nacionais e se opunha ao separatismo, encomendou-lhe que formulasse a posição do partido sobre o assunto.

O resultado foi *O Marxismo e a Questão Nacional*, texto que Estaline redigiu em Viena e publicou em 1913, baseando-se na leitura das obras dos marxistas austríacos, um dos quais Otto Bauer, e nos conselhos do próprio Lenine. Nessa obra, Estaline escreveu que “os marxistas russos não podem ignorar o direito das nações à autodeterminação”, pois “*o direito à autodeterminação é um elemento essencial à solução da questão nacional*”²⁶⁷³ (itálico no original). Porém, e este revelou-se um detalhe muito importante em toda a formulação doutrinária bolchevique, no quadro de um Estado “a autonomia *nacional* não resolve o problema” e “a única solução correta é a autonomia *regional*”²⁶⁷⁴ (itálico no original).

O bolchevismo definiu-se enfim quanto às questões nacionais. Lenine e Estaline partilhavam com Woodrow Wilson a ideia do direito inalienável à autodeterminação dos povos, incluindo o direito de secessão dos Estados. A

²⁶⁷⁰ Vladimir Lenine, “Letter to the Workers and Peasants of the Ukraine Apropos of the Victories Over Denikin”, *Pravda*, 4 de janeiro de 1920, in Vladimir Lenine, *On Proletarian Internationalism*, Progress Publishers, Moscovo, 1967, p.279.

²⁶⁷¹ Vladimir Lenine, “Speech Delivered at the First All-Russia Congress of Working Cossacks March, 1 1920”, *Pravda*, 2, 3 e 4 de março de 1920, *idem*, p.284.

²⁶⁷² Vladimir Lenine, “Critical Remarks on the National Question”, *Prosveshcheniye*, novembro-dezembro de 1913, *ibidem*, p.74.

²⁶⁷³ José Estaline, *op. cit.*, 2015, p.57.

²⁶⁷⁴ *Idem*, p.58.

Declaração dos Direitos do Povo da Rússia, que apareceu em 1917 com a assinatura de Lenine e Estaline, determinava “o direito dos povos da Rússia à livre autodeterminação, incluindo a secessão e formação de um Estado independente”²⁶⁷⁵, mesmo se em 1903 Lenine tivesse já avisado que o reconhecimento de tal direito “de nenhuma forma nos obriga a apoiar todas as exigências de autodeterminação nacional” pois “a tarefa principal é trabalhar para a autodeterminação do proletariado em cada nacionalidade em vez da dos povos ou nações.”²⁶⁷⁶

Em reação às teses de Bauer sobre o uso do nacionalismo pelo socialismo, Lenine considerara o nacionalismo um sentimento transitório e descrevera o nacionalismo local e regional como intrinsecamente contrarrevolucionário. Para ele só existia proletariado internacionalista e burguesia nacionalista. “O nacionalismo burguês e o internacionalismo proletário”, disse, “expressam as duas políticas (não, as duas visões do mundo) na questão nacional”²⁶⁷⁷ (parênteses no original). Estaline reiterou estas ideias na defesa intransigente do internacionalismo que fez no seu texto clássico de 1913, embora o georgiano não deixasse de observar aí que “o nacionalismo (...) protegido pela blindagem do socialismo, é menos vulnerável e mais tenaz”²⁶⁷⁸. Este pormenor viria a revelar-se muito relevante em tempo oportuno, como veremos.

Os dois líderes bolcheviques não se limitaram à retórica internacionalista. Quando subiram ao poder, Lenine e Estaline, este último nas funções de Comissário das Nacionalidades devido à sua especialização na matéria, esforçaram-se de facto por pôr as ideias internacionalistas em prática e tentaram fazer da União Soviética o primeiro verdadeiro Estado multiétnico. “O partido exige uma ampla autonomia regional, a abolição da supervisão superior, a abolição da língua oficial obrigatória e a fixação das fronteiras das regiões autónomas em função das condições económicas e sociais, da composição nacional da população, e assim por diante”²⁶⁷⁹, estabeleceu o partido bolchevique numa resolução assinada pelo seu chefe. Esta estratégia,

²⁶⁷⁵ Vladimir Lenine e José Estaline, “Declaration of the Rights of the People of Russia”, 2 de novembro de 1917, www.marxists.org.

²⁶⁷⁶ Vladimir Lenine, “The National Question in Our Programme”, *Iskra*, 15 de julho de 1903, www.marxists.org.

²⁶⁷⁷ Vladimir Lenine, “Critical Remarks on the National Question”, *Prosveshcheniye*, novembro-dezembro de 1913, in Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1967, p.81.

²⁶⁷⁸ José Estaline, *op. cit.*, 2015, p.35.

²⁶⁷⁹ Vladimir Lenine, “Resolution on the National Question”, *Soldatskaya Pravda*, 16 de maio de 1917, in Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1967, p.193.

porém, não era alheia às circunstâncias que envolviam a constituição étnica do país. Com um território que contava com mais de uma centena de nacionalidades diferentes, a União Soviética constituía em potência um caldeirão explosivo de nacionalismos. Tal como o regime czarista antes deles, os bolcheviques tiveram de lidar com esse problema.

As revoltas ucranianas e cossacas

A revolta de 1917 na Ucrânia contra o novo regime, que incluiu a proclamação da república ucraniana num contexto federativo com a Rússia e referências explícitas a uma possível declaração de independência, constituiu o primeiro grande teste à sinceridade do internacionalismo dos bolcheviques. “Os ucranianos podem governar-se como quiserem”, retorquiu Lenine, “mas vamos estender a nossa mão fraternal aos trabalhadores ucranianos e dizer-lhes que juntamente com eles iremos lutar contra a burguesia deles e a nossa”²⁶⁸⁰. Depressa se percebeu que “estender a nossa mão fraternal” significava usar a força contra qualquer tentativa secessionista, uma vez que o governo bolchevique, à boa maneira imperial czarista, mandou o exército russo avançar contra a Ucrânia. Kiev foi ocupada e o exército revolucionário internacionalista executou todas as pessoas que encontrava a falar ucraniano nas ruas, alegando que o uso da língua local era prova de contrarrevolução nacionalista. As detenções e execuções arbitrárias prolongaram-se por várias semanas, estabelecendo o padrão do que viria a ser o sistema repressivo comunista.

É verdade que o problema nacionalista foi exponencialmente agravado pelos efeitos devastadores da política económica comunista. A fome alastrou pelas cidades em 1918. “As únicas certezas, que se abatiam sobre nós como muros num romance de horror, eram *golod* e *kholod*, fome e frio”, registou o dirigente comunista soviético, Victor Kravchenko, na altura ainda muito jovem, registando que “o dinheiro desvalorizou-se e as prateleiras começaram a ficar vazias e poeirentas. Mil coisas simples que até ali dávamos como certas – limpeza de ruas, serviço telefónico, abastecimento de água, transportes – tornaram-se de repente difíceis, preciosas, por vezes inalcançáveis. O tifo espalhou-se e os funerais diários tornaram-se uma procissão contínua.”²⁶⁸¹

²⁶⁸⁰ Vladimir Lenine, “Speech at the First All-Russia Congress of the Navy”, 22 de novembro de 1917, www.marxists.org.

²⁶⁸¹ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.22.

Desesperadas, milhões de pessoas começaram a fugir para os campos em busca de comida. “As viagens individuais depressa se transformaram em expedições coletivas para obter cereais para a nossa fábrica”, relatou o guarda vermelho Eduard Dune, que na altura trabalhava numa fábrica, salientando que “nós, os trabalhadores, culpávamos a contrarrevolução pela nossa fome, não o nosso regime”²⁶⁸². O jogo do passa-culpas estava instalado e o regime não assumia a menor responsabilidade pelos efeitos das suas políticas, optando sempre por culpabilizar os “contrarrevolucionários”, em especial os agricultores. “Na cidade, a produção tinha parado quase completamente, por falta de matérias-primas, e a falta de alimentos estava a levar à quase fome”, pelo que “a fuga para a província oferecia a esperança de sobreviver”, indicou Kravchenko, confirmando que “os comunistas, através da *Cheka*, faziam detenções em massa e fuzilavam pessoas sob o menor pretexto.”²⁶⁸³

Os comunistas decretaram então o monopólio dos cereais, começando a apreender a produção agrícola para alimentar as cidades. Trotsky alegou que o país estava cheio de cereais e que a culpa era dos ricos, dos *kulaks* e dos especuladores, a explicação-padrão sempre que as dificuldades surgiam, e ameaçou-os com dez anos de trabalhos forçados. Brigadas de confisco percorreram os campos, espancando todos os camponeses suspeitos de esconder os alimentos. O confisco esvaziou celeiros e, muito grave, desencorajou a produção. Para quê produzir se a produção era confiscada?

A fome espalhou-se por toda a parte. “A cada dia tornava-se cada vez mais difícil obter comida”, escreveu Kravchenko, que nessa altura vivia na sua Ucrânia natal e ainda não aderira ao Partido. “O dinheiro tinha-se desvalorizado totalmente e o comércio que sobrevivera resumia-se a trocas de nível primitivo. Não obtíamos ajuda da comuna, onde a visão idílica de uma cooperativa se desfazia em desordens e amargura. Cada vez mais agricultores desertavam. As reservas de pão diminuíram tanto que teve de se impor um racionamento rigoroso. Tornava-se claro que a pobreza se tornara a madrinha inconveniente do novo mundo.”²⁶⁸⁴

Desesperados, os agricultores desencadearam revoltas sucessivas. Foram milhares de insurreições. A crise alimentar, as perseguições de camponeses e o conseqüente clima insurrecional alimentaram as aspirações separatistas,

²⁶⁸² Eduard Dune, *op. cit.*, 1996, p.123.

²⁶⁸³ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.26.

²⁶⁸⁴ *Idem*, p.30.

sobretudo na Ucrânia, o celeiro do império. A violência tornou-se mais brutal e envolveu todas as partes. Lenine emitiu por telegrama ordens escritas para que as revoltas fossem “suprimidas *impiedosamente*” (itálico no original), dizendo que “é preciso enforcar (enforcar obrigatoriamente, para que *as pessoas vejam*) pelo menos 100 dos piores *kulaks*, ricos e sanguessugas” (itálico e parênteses no original) aos mesmo tempo que era preciso “escolher reféns – segundo instruído no telegrama de ontem”, e tudo “isto tem de ser feito de tal modo que as pessoas num raio de cem *versts* vejam, tremam, saibam”²⁶⁸⁵. A prática de fazer reféns, até aí reservada às famílias dos oficiais czaristas forçados a combater no Exército Vermelho, estendeu-se a classes inteiras da população. “Este é um sistema que, no Século XX, foi o primeiro a introduzir o uso de reféns”, fez notar Aleksandr Solzhenitsyn sobre o regime soviético, “isto é, não prendiam a pessoa que queriam, mas um membro da sua família, ou simplesmente alguém ao acaso, e matavam-no.”²⁶⁸⁶

A situação agravou-se em janeiro de 1919, quando a política do monopólio dos cereais foi substituída pela política de *prodrazverstka*, que alargou o confisco a *todos* os alimentos produzidos pelos camponeses. As revoltas ucranianas prolongaram-se até esse ano, altura em que os bolcheviques enfrentaram também a questão cossaca. Embora houvesse muitos cossacos do lado bolchevique, durante a guerra civil, marcada por enorme brutalidade por parte de todas as forças, a grande maioria integrava as fileiras dos exércitos anti-bolcheviques, o que levou o Exército Vermelho a ocupar o Don e a lançar a “decossaquização”, como foi designada a campanha contra os cossacos. Os comunistas começaram por considerá-los contrarrevolucionários como um todo étnico e acabaram por defender o seu extermínio físico puro e simples. Embora já praticasse o princípio da culpa coletiva por razões de classe, esta foi a primeira vez que o regime chefiado por Lenine aplicou esse princípio por razões de etnia. A etnia cossaca foi desumanizada pela retórica comunista e o comandante das forças bolcheviques chegou ao ponto de comparar os cossacos a “certos representantes do mundo zoológico.”²⁶⁸⁷

²⁶⁸⁵ Vladimir Lenine, “Telegram to Comrades Kuraev, Bosh, Minkin, and Other Penza Communists”, Lenin’s Hanging Order for the Kulaks”, 11 de agosto de 1918, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

²⁶⁸⁶ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2019, p.14.

²⁶⁸⁷ Peter Holquist, *Making War, Forging Revolution – Russia’s Continuum of Crisis, 1914-1921*, Harvard University Press, Cambridge, 2002, p.176.

As perseguições étnicas contra os cossacos foram decretadas oficialmente em janeiro de 1919. Uma circular do secretariado do Comité Central do partido ordenou abertamente o “total extermínio” da elite cossaca e a aplicação de “terror em massa impiedoso contra todos os cossacos que participaram, direta ou indiretamente, na luta contra o poder soviético”²⁶⁸⁸, o que na prática queria dizer *todos* os cossacos. Como declarou um funcionário soviético local, “enquanto não chacinarmos todos (os cossacos) e repopularmos o Don com elementos externos, não haverá poder soviético”²⁶⁸⁹.

Em consequência, seguiram-se fuzilamentos em massa. Eduard Dune, o guarda vermelho que se tornou comissário político e que seria comunista até morrer, revelou ter entrado em contacto no Don com uma unidade do Exército Vermelho “conhecida por ter aterrorizado a cidade com execuções em massa por fuzilamento”²⁶⁹⁰ e reconheceu que “muitos não combatentes cossacos retiravam com o seu exército, sem integrarem as respectivas fileiras, devido às ‘atrocidades’ bolcheviques”²⁶⁹¹. Chegaram a ser estabelecidas quotas de pessoas a assassinar diariamente, incluindo internados nos hospitais. Cálculos de um grupo de historiadores que estudaram os efeitos destas políticas apontam para entre 300.000 e 500.000 mortos e deportados numa população de três milhões. “Criámos o nosso próprio socialismo militarista”, declarou Trotsky, “e vamos mantê-lo.”²⁶⁹²

As execuções de ucranianos e cossacos por parte do regime comunista, juntamente com as de presos políticos e grevistas, generalizaram-se. Os fuzilamentos em massa ocorriam até dentro do próprio Exército Vermelho, embora tendo essencialmente como alvo elementos não comunistas. O biógrafo de Trotsky, Robert Service, notou que, tal como Estaline, “Trotsky ganhou reputação de ser excessivamente adepto de execuções como forma de gerir as forças armadas”²⁶⁹³, sendo que “as execuções sumárias eram uma

²⁶⁸⁸ *Idem*, p.180.

²⁶⁸⁹ Peter Holquist, “To Count, to Extract, and to Exterminate – Population Statistics and Population Politics in Late Imperial and Soviet Russia”, in Ronald Suny e Terry Martin (direção), *A State of Nations – Empire and Nation-Making in the Age of Lenin and Stalin*, Oxford University Press, Nova Iorque, 2001, p.129.

²⁶⁹⁰ Eduard Dune, *op. cit.*, 1996, p.139.

²⁶⁹¹ *Idem*, p.141.

²⁶⁹² Leon Trotsky, “Report of Comrade Trotzky”, 1919, Trotsky Internet Archive, www.marxists.org.

²⁶⁹³ Robert Service, *Trotsky – A Biography*, Pan Books, Londres, 2009, p.224.

das suas medidas favoritas”²⁶⁹⁴. Chegou a dizimar regimentos inteiros. “Em certas alturas parecia que Trotsky e Estaline estavam a competir pelo estatuto do comissário mais brutal”²⁶⁹⁵, concluiu Service.

Nos cálculos de Aleksandr Solzhenitsyn, enquanto nos oitenta anos que precederam a revolução russa o regime czarista executava uma média de dezassete pessoas por ano, e especificamente entre 1905 e 1908 executava 45 pessoas por mês, um período dos czares conhecido como “a *epidemia de execuções*”²⁶⁹⁶ (itálico no original), as matanças levadas a cabo pelos comunistas em 1918 e 1919, “segundo foi escrito pela própria *Cheka*”²⁶⁹⁷, ascenderam a mais de mil por mês. As vítimas eram obrigadas a cavar elas próprias as suas sepulturas; muitas sobreviviam aos tiros e acabavam por morrer sufocadas pela terra que cobria as suas sepulturas.

É certo que nem todas as vítimas dos comunistas pertenciam a grupos étnicos específicos, como vimos, mas isso acontecia com uma parte suficientemente significativa de grupos de vítimas para que tal política possa ser encarada também como de perseguição étnica. “A pré-condição essencial para a política de 1919 é que ela foi concebida para eliminar não uma propriedade judicial ou uma classe económica, mas uma população étnica”, constatou o historiador Peter Holquist, sublinhando que “o significado da decossaquização deixou de ser uma mera reclassificação jurídica e transformou-se na eliminação da própria população.”²⁶⁹⁸

A política de nativização

A questão cossaca, mas sobretudo a ucraniana, fizeram Lenine refletir sobre o problema do nacionalismo. Considerando que já tinha havido uma revolução socialista e que a doutrina marxista previa a dissolução das nacionalidades quando o socialismo fosse instituído, como se explicava que o sentimento nacional não só tivesse sobrevivido como ainda por cima permanecesse mais forte do que o sentimento de classe? A resposta, pensou o líder bolchevique, estava no medo que os ucranianos e os cossacos tinham dos russos. Acontece que o regime comunista se encontrava numa posição

²⁶⁹⁴ *Idem*, p.233.

²⁶⁹⁵ *Ibidem*, p.243.

²⁶⁹⁶ Aleksandr Solzhenitsyn, *The Gulag Archipelago 1918-56 – An Experiment in Literary Investigation*, Vintage, Londres, 2018, p.131.

²⁶⁹⁷ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2019, p.17.

²⁶⁹⁸ Peter Holquist, “‘Conduct Merciless Terror’: Decossackization on the Don, 1919”, *Cahiers du Monde Russe*, nº1-2, Volume 38, Éditions de l’École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1997, p.129.

de fragilidade, pois havia guerra no império e era preciso colocar as minorias do lado da revolução. Ora os métodos repressivos tradicionais estavam a antagonizá-los. Lenine e Estaline concluíram que as posturas de forte repressão dos czares contra os nacionalismos locais e regionais que ameaçavam a integridade territorial do império russo não haviam logrado acabar com o separatismo, mas apenas o mantiveram em contenção.

Os dois dirigentes comunistas consideraram que seria preciso adotar uma estratégia diferente. Em vez de reprimir impiedosamente os nacionalismos locais e regionais, como os czares haviam feito e os bolcheviques também tinham acabado de fazer na Ucrânia e no Don, porque não aceitá-los e enquadrá-los, de modo a neutralizar-lhes o veneno e até usá-los em seu favor? Tratava-se, no fundo, de uma nova versão da proposta que Otto Bauer havia avançado anos antes de utilizar o nacionalismo como arma revolucionária ao serviço do socialismo.

A verdade é que o problema dos nacionalismos regionais e locais não se circunscrevia aos ucranianos e aos cossacos. Por toda a Rússia era visível que as minorias tinham sentimentos nacionais. Analisando a questão de uma forma mais global, a liderança bolchevique chegou à conclusão de que era preciso pôr fim ao medo que as diversas minorias sentiam dos russos, pois na sua opinião era esse medo que alimentava os nacionalismos anti-russos por todo o império. “A massa dos trabalhadores das outras nações desconfia profundamente dos grandes russos, que encara como uma nação *kulak* e opressora”, observou Lenine, para quem “cautelais especiais têm de ser mostradas por uma nação como a Grande Rússia, que mereceu o ódio amargo de todas as outras nações”. Que esta observação entrava em contradição com a sua própria doutrina, uma vez que o chefe bolchevique associava o nacionalismo ao ódio aos russos e não necessariamente à burguesia, parece ter sido coisa que não lhe ocorreu, mas o importante aqui é perceber quais as medidas que preconizou para suprimir o ódio das minorias aos russos. “Temos de mostrar às outras nações que somos absolutamente internacionalistas”, defendeu o chefe bolchevique, sustentando que o regime “tem de proclamar o seu respeito pelo direito das nações à sua independência.”²⁶⁹⁹

Esta posição não era inteiramente pacífica entre os bolcheviques. Muitos comunistas russos, encabeçados por Nikolai Bukharin e na linha das ideias

²⁶⁹⁹ Vladimir Lenine, “Speech Closing the Debate on the Party Programme”, 19 de março de 1919, www.marxists.org.

de Rosa Luxemburgo, opunham-se à autodeterminação das nações. Em vez de admitirem sequer a existência de nacionalidades, defendiam que o comunismo devia acabar com elas pois o proletariado não tinha pátria, conforme proclamado por Marx e Engels em *O Manifesto Comunista*. Além disso, a doutrina original marxista estabelecia que as nações se dissolveriam com o socialismo. O problema é que Lenine e Estaline consideravam que uma coisa dessas só seria possível numa fase avançada do socialismo e a sua posição acabou por prevalecer. O nacionalismo existia de facto, era uma realidade concreta, e seria preciso lidar com ele e torná-lo inofensivo, argumentaram. “As diferenças nacionais e estaduais existem entre povos e países”, reconheceu o *Vozhd* bolchevique, para afirmar que “essas diferenças continuarão a existir por muito tempo após a ditadura do proletariado ter sido estabelecida a uma escala mundial.”²⁷⁰⁰

Para neutralizar o nacionalismo seria necessária uma estratégia diferente da usada pelos czares ou pelos próprios bolcheviques na Ucrânia e no Don em 1917-1919. Inspirado na ideia de autonomia regional avançada na obra que publicara em 1913, Estaline ainda propôs uma união federal subordinada a um governo russo, mas os representantes das minorias protestaram e Lenine opôs-se à ideia. O líder bolchevique queria algo mais radical, um sistema em que todas as nacionalidades fossem iguais e não houvesse nenhuma nacionalidade, leia-se a russa, que se sobrepusesse às restantes. Em vez da repressão que não levava a lado nenhum no tempo dos czares, raciocinou o *Vozhd*, o melhor seria tranquilizar os povos do país quanto aos russos. Privado de um inimigo exterior que funcionava como elemento unificador, o nacionalismo evaporar-se-ia e, eliminada a cola nacionalista que as unia, as classes sociais separar-se-iam e entrariam em confronto, fazendo emergir a luta de classes marxista. Este plano não era também alheio às ideias de revolução mundial, pois tornava-se necessário convencer a classe operária internacional a revoltar-se e a melhor maneira de o fazer era provar que o regime bolchevique apresentava uma alternativa melhor que o capitalismo.

Toda esta estratégia materializou-se numa política designada *korenizatsiia*, ou nativização. A prioridade passou a ser o encorajamento das nacionalidades regionais e locais e o desencorajamento do russismo nas suas múltiplas manifestações. O país herdado dos czares foi dividido em repúblicas cujos territórios se iam subdividindo sucessivamente num

²⁷⁰⁰ Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1970, p.78.

labirinto piramidal até se chegar na base a unidades administrativas formadas por simples aldeias. Nasceu assim a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a URSS. As línguas indígenas foram declaradas línguas oficiais e o Estado soviético financiou as escolas e universidades nessas línguas e a formação de quadros locais, de modo a indigenizar o poder soviético. A política de educação e formação destes quadros nativos tornou-se mesmo um êxito sem paralelo na história dos impérios. Igualmente financiada foi a produção em massa de livros, jornais, teatros, filmes, músicas e outras produções culturais, sempre nas línguas nativas. Até nas fileiras militares o comissário político comunista Eduard Dune notou que “numa outra alteração de política, o Exército Vermelho passou a aceitar voluntários cossacos do Don e de Kuban.”²⁷⁰¹

A ideia era fomentar culturalmente as identidades nacionais sem no entanto lhes conferir verdadeiro poder político e económico, o qual permanecia nas mãos dos partidos comunistas regionais sob orientação e vigilância apertada do Partido Comunista Soviético. Ou seja, o verdadeiro poder emanava de facto do centro – e o centro, convém nunca o esquecer, era a Rússia. É preciso manter presente que o congresso que instituiu a União Soviética, designado Primeiro Congresso da União, era na verdade um congresso de soviets russos ao qual se juntaram representantes dos soviets de outras repúblicas, e que dois terços dos deputados da Câmara de Nacionalidades no parlamento soviético eram russos. Igualmente relevante, Estaline traduziu a filosofia por detrás destas mudanças como “nacional na forma, mas socialista no conteúdo”²⁷⁰² e Lenine como a “defesa da nossa pátria, mas a guerra pela pátria pela qual nos estamos a movimentar é uma guerra por uma pátria socialista, pelo socialismo, como parte de um exército universal do socialismo”²⁷⁰³. Isto é, o socialismo usava de facto o nacionalismo para os seus próprios fins, em linha com a proposta de Bauer que os neomarxistas fascistas seguiram e que na altura Lenine tanto criticara mas que afinal também adotara uma vez chegado ao poder.

Além de desarmar os nacionalismos locais e regionais, os comunistas esperavam utilizar a nativização para atrair ao socialismo os povos da periferia que as fronteiras haviam separado artificialmente. Por exemplo, a criação, autonomização e desenvolvimento da região da União Soviética

²⁷⁰¹ Eduard Dune, *op. cit.*, 1996, p.209.

²⁷⁰² Dmitry Gorenburg, “Soviet Nationalities Policy and Assimilation”, Universidade de Harvard, Boston, www.people.fas.harvard.edu.

²⁷⁰³ Vladimir Lenine, *op. cit.*, 5ª edição, 1919, p.48.

onde vivia uma minoria romena, a Moldávia, servia também como um instrumento para os bolcheviques seduzirem os habitantes da vizinha Roménia e assim exportarem por contágio a sua revolução para fora das fronteiras soviéticas. O mesmo foi feito com as restantes minorias das regiões limítrofes, da finlandesa à turca, da afegã à coreana, etc. A nativização era vista por Moscovo como uma estratégia expansionista de exportação do socialismo para os países vizinhos por via dos laços nacionais e étnicos das populações soviéticas não russas.

Uma peça central nesta campanha de nativização foi a demonização de tudo o que era russo. O nacionalismo russo, conhecido sob a designação de chauvinismo de grande potência, foi declarado uma das maiores ameaças à pátria socialista. “O russo, o chauvinista grande russo, é em substância um velhaco e um tirano”²⁷⁰⁴, disse Lenine. Estas palavras expressavam uma estratégia de sedução dos povos nativos. Havia que sacrificar a Rússia em favor da União Soviética e o nacionalismo russo tinha de se submeter ao socialismo soviético, pois o desarmar dos nacionalismos locais e regionais dependia de se provar aos múltiplos povos do país que nada tinham a recear dos russos. “Nós, os comunistas grandes russos, temos de reprimir com a maior severidade a mais leve manifestação entre nós de nacionalismo grande russo”, escreveu Lenine durante a crise ucraniana de 1920, e isso porque, como teve o cuidado de explicar, tal nacionalismo “provoca o mais grave dos danos ao separar-nos dos nossos camaradas ucranianos.”²⁷⁰⁵

Tornou-se imperativo assegurar que o poder central de Moscovo não fosse visto como o poder dos russos e sinónimo do domínio dos russos sobre os restantes povos. Esse era o sentido estratégico mais profundo da campanha de nativização e isso requeria que o russismo fosse desencorajado ao ponto de se tornar demonizado. “Declaro guerra até à morte ao chauvinismo de nação dominante”²⁷⁰⁶, proclamou Lenine, referindo-se ao nacionalismo russo. A língua russa foi considerada uma língua de opressão e a cultura russa uma cultura de opressores, ao mesmo tempo que o ensino da história pré-revolucionária do país passou a ser proibido. Tudo o que

²⁷⁰⁴ Vladimir Lenine, “The Question of Nationalities or ‘Autonomisation’”, 30 de dezembro de 1922, www.marxists.org.

²⁷⁰⁵ Vladimir Lenine, “Letter to the Workers and Peasants of the Ukraine Apropos of the Victories Over Denikin”, *Pravda*, 4 de janeiro de 1920, in Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1967, p.282.

²⁷⁰⁶ Vladimir Lenine, “Memo to L. B. Kamenev on Combating Dominant Nation Chauvinism”, *Pravda*, 21 de janeiro de 1937, *idem*, p.325.

acontecera no tempo dos czares era demoníaco. Lançaram-se projetos para abandonar o alfabeto cirílico e adotar o latino e até a assimilação russa de populações não russas foi desencorajada. Chegaram a ser expulsas populações russas do Cáucaso e do Cazaquistão para libertar terras para as populações nativas. O próprio Trotsky, ao dizer que “Lenine tirou do nacionalismo tudo o que precisava para a maior ação revolucionária na história da humanidade”²⁷⁰⁷, reconhecia que o objetivo do *Vozhd* era justamente o de manipular os sentimentos nacionalistas das populações para alcançar o socialismo.

O problema é que este projeto de usar o nacionalismo para chegar ao socialismo não correu como planeado. Embora a ideia fosse neutralizar à nascença os nacionalismos locais e regionais de modo a facilitar a imposição do socialismo, na prática sucedeu o contrário. A instituição de milhares de unidades administrativas levou cada uma a declarar a sua lealdade étnica ou até a instituir uma identidade nacional onde antes ela quase não existia, como aconteceu na Bielorrússia, cuja consciência nacional era até ali quase residual e só então assumiu a ideia da sua diferença em relação à Rússia, ou na Ásia central, onde o Turquestão foi dividido artificialmente e criadas repúblicas com populações sem o menor sentimento de nacionalidade, como é o caso do Uzbequistão cujos habitantes não se sentiam diferentes dos cazaques.

Para diferenciar as diversas populações da região foram levados a cabo estudos “científicos” destinados a provar que cada etnia constituía uma “raça” separada das outras. Avaliaram-se e registaram-se tamanhos e formatos de cabeças e mediram-se, catalogaram-se e fotografaram-se todas as partes dos corpos dos habitantes destas novas repúblicas, incluindo os genitais – práticas usadas em larga escala na década seguinte pelos nazis. “Este policiamento científico das fronteiras entre os povos da Ásia central prolongou-se durante décadas segundo estas linhas”²⁷⁰⁸, observou Douglas Northrop, num processo que Adeeb Khalid apelidou de “nacionalização da revolução” que envolveu uma “aliança dos nacionalistas (nativos) com os bolcheviques.”²⁷⁰⁹

²⁷⁰⁷ Leon Trotsky, “Nationalism in Lenin”, *Pravda*, 23 de abril de 1920, www.marxists.org.

²⁷⁰⁸ Douglas Northrop, “Nationalizing Backwardness – Gender, Empire, and Uzbek Identity”, in Ronald Suny e Terry Martin (direção), *op. cit.*, 2001, p.203.

²⁷⁰⁹ Adeeb Khalid, “Nationalizing the Revolution in Central Asia – The Transformation of Jadidism, 1917-1920”, *idem*, p.159.

Destacado como comissário político do Exército Vermelho no Daguião, Eduard Dune confrontou-se pela primeira vez com esta aliança entre nacionalismo local e socialismo central quando teve de se reunir com três responsáveis do partido comunista local. “Eles disseram-nos que, para garantirmos o poder soviético, tínhamos de abandonar muitos dogmas soviéticos”, revelou Dune, notando que “os três nunca usaram o termo *ditadura do proletariado*. Falavam do seu povo com grande amor e protegiam-no de experiências sociais. Pareceu-nos que estes eram comunistas de ‘fachada’”²⁷¹⁰ (itálico no original).

O problema, como é bom de ver, é que a formação de soviets nacionais alimentou sucessivos conflitos étnicos com as populações de origem europeia. As comunidades dividiram-se segundo linhas étnicas e as autoridades comunistas nativas usavam os conflitos étnicos para os seus próprios fins, enquanto as populações começaram a adotar comportamentos segregacionistas. Uma comissão enviada por Moscovo descobriu que a segregação se tornara endémica nas regiões orientais, com cada etnia a ter os seus clubes e cafés e até a formar filas separadas para a água. A lâmpada socialista tinha soltado o génio dos nacionalismos locais e regionais.

A grande fome

Todos estes problemas em fermentação explodiram a partir de 1928. O evento que tudo desencadeou foi a chamada Ofensiva Socialista, a grande campanha comunista que pôs fim à NEP e à economia de mercado reinstituída por Lenine para enfrentar as grandes fomes de 1919-1920, gerando uma nova grande fome que desembocou na culpabilização das minorias e na aposta do regime comunista no nacionalismo russo. As origens da Ofensiva Socialista encontram-se aparentemente numa súbita tensão com a Inglaterra que criou no regime soviético a convicção errada de que a guerra com as potências capitalistas estava iminente. Alarmados, os comandantes do Exército Vermelho avisaram que o país não se encontrava preparado para um grande conflito. Era preciso dar um passo económico em frente – e na mente dos bolcheviques isso significava acelerar a marcha para o socialismo.

Estudando os textos sagrados, os comunistas constatarem que Marx e Engels tinham tornado claro que o socialismo só era possível no contexto de “grande indústria (...) altamente desenvolvida”²⁷¹¹, pelo que era preciso dotar

²⁷¹⁰ Eduard Dune, *op. cit.*, 1996, p.224.

²⁷¹¹ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2004, p.91.

a União Soviética de uma tal indústria. Para isso seriam precisas maquinarias. O problema é que o país não as possuía. Teriam de ser compradas ao Ocidente capitalista. Mas com que dinheiro? A maior riqueza da União Soviética eram os produtos agrícolas, graças sobretudo aos vastos campos da Ucrânia, mas também de Kuban e do Cazaquistão, pelo que se impunha exportar esses alimentos para obter o dinheiro que permitiria adquirir as maquinarias. O pior é que a coleta de cereais de 1927 tinha sido má e a culpa, decidiram os comunistas, era dos grandes proprietários de terras, os *kulaks*. Deslocando-se pessoalmente aos Urais e à Sibéria em janeiro de 1928, Estaline acusou os *kulaks* de “sabotagem”, ordenou-lhes a entrega “imediata” da sua produção “excedentária” e avisou que estava em causa “o destino do socialismo.”²⁷¹²

O *Vozhd* regressou em triunfo a Moscovo com os vagões cheios de cereais apreendidos aos agricultores e ordenou que se usasse o mesmo método nas restantes regiões agrícolas do país. Enviaram-se brigadas vermelhas para os campos para apreender os “excedentes” alimentares alegadamente escondidos pelos camponeses, os quais se viram submetidos a uma fortíssima pressão. Os impostos sobre os agricultores com maior produção foram multiplicados por dez em dois anos e os refratários punidos com prisão. Estaline anunciou que a solução eram as “quintas coletivas e as quintas do Estado”²⁷¹³, designadas *kolkhozes* e *sovkhazes*, o que significou o regresso em força das coletivizações que no tempo de Lenine tantas fomes já haviam provocado. A economia de mercado estabelecida com sucesso pela NEP leninista começou então a ser desmantelada.

Quase imediatamente, o país mergulhou na crise. Os talões de racionamento, que haviam desaparecido em 1921 quando a NEP fora instalada e a economia de mercado recomeçara a funcionar, fizeram a sua reaparição em 1929. Nesse ano, as colheitas revelaram-se desastrosas e as apreensões de cereais pagos pelo Estado soviético a preços irrisórios aumentaram. Desencadearam-se os primeiros protestos dos agricultores e fizeram-se imediatamente detenções preventivas, com cem mil pessoas enviadas para os calabouços. Sem terra nem gado próprio, e forçados a laborar nas quintas estatais, os agricultores desinteressaram-se do trabalho.

²⁷¹² José Estaline, “Grain Procurements and the Prospect for the Development of Agricultures”, janeiro de 1928, www.marxists.org.

²⁷¹³ José Estaline, “On the Grain Front”, *Pravda*, 2 de junho de 1928, www.marxists.org.

Para quê esforçarem-se pelo que já não era seu? A produção alimentar caiu ainda mais.

O Comité Central decretou aquilo a que Estaline designou como “a política de eliminar os *kulaks* como uma classe”²⁷¹⁴. Por “eliminar” uma classe, os comunistas queriam dizer “exterminar” uma parte da população não pelo que tinha feito, mas pelo que era. Note-se que não se tratava de algo realmente novo no regime bolchevique, pois já Lenine havia discriminado a população do país pela origem social, com o ataque aos burgueses, e pela origem étnica, com o ataque aos cossacos e aos ucranianos. Quanto às requisições brutais, o mesmo Lenine redigira uma ordem para se “enviar mais e numericamente maiores destacamentos armados e também comissários para tomar as medidas mais revolucionárias para enviar carregamentos, colher e guardar cereais, etc, e também levar a cabo um combate impiedoso contra os especuladores, com os soviets locais a fuzilarem sumariamente especuladores e sabotadores condenados”²⁷¹⁵. Essa política leninista, entretanto abandonada no período da NEP, foi retomada por Estaline.

É importante salientar que a maior parte dos “*kulaks*”, “especuladores” e “sabotadores” eram na verdade pessoas comuns, muitas delas com pequenos terrenos, a maior parte das vezes em situação de debilidade. Bastava que uma viúva, um idoso ou um mutilado de guerra contratasse alguém para lhe tratar do quintal para que fosse considerado um *kulak* explorador, uma vez que a simples contratação de mão-de-obra era considerada um luxo denunciador de condição burguesa. Ou bastava que um agricultor, por ser mais laborioso, ganhasse mais dinheiro para ser de imediato criminalizado e estigmatizado pelos comunistas. “Lembro-me do que aprendíamos nas escolas e nos nossos institutos: os *kulaks* eram inimigos de classe”, observou um dos comandantes dos *gulags*, o comunista Fyodor Mochulsky, um oficial do NKVD que lidou com muitos *kulaks* condenados por serem “ricos”. “Vendo exemplos concretos, como os camponeses na aldeia de Peshuanka, percebi que não era assim (algo que já antes tinha começado a entender). Compreendi que estas

²⁷¹⁴ José Estaline, “Concerning the Policy of Eliminating the Kulaks as a Class”, *Istrasnaya Zveda*, 21 de janeiro de 1930, www.marxists.org.

²⁷¹⁵ Vladimir Lenine, “Measures for Improving the Food Situation”, 14 de janeiro de 1918, www.marxists.org.

pessoas, na realidade, eram as mais trabalhadoras que tínhamos nas zonas rurais”²⁷¹⁶ (parênteses no original).

Os comunistas montaram assim um sistema em que puniam os competentes e premiavam os incompetentes. Na verdade, em relação aos *kulaks*, e como notou Mochulsky, “o seu único crime era que gostavam da terra e conseguiam produzir comida nela. Em muitos casos havia famílias nas quais todos os membros, do mais novo ao mais velho, trabalhavam da meia-noite até de manhã e tornaram-se assim mais prósperos do que os vizinhos menos esforçados. Estes agricultores bem-sucedidos eram acusados de serem *kulaks* e enviados para os *gulag*”²⁷¹⁷. E era assim que os comunistas penalizavam os que cometiam o crime de serem produtivos. “Se um homem tinha uma casa de tijolo numa zona de cabanas de madeira, ou se tinha dois pisos numa zona de casas de um piso – aí está o vosso kulak: prepara-te, cabrão, tens sessenta minutos!”, contou Aleksandr Solzhenitsyn. “Não devia haver casas de tijolo numa aldeia russa, não devia haver casas de dois pisos! Volta para as cavernas!”²⁷¹⁸

O caos generalizou-se, com os revoltosos das minorias étnicas a acusarem especificamente os russos de os oprimirem ainda mais do que no tempo dos czares e de terem feito regressar os tempos da servidão. Em setembro de 1929, comunidades alemãs apareceram desesperadas em Moscovo a implorar vistos para abandonar a União Soviética. Interpelados por diplomatas alemães e por jornalistas americanos, estes fugitivos falaram de repressões horríveis e contaram que tinham abandonado tudo para fugir aos comunistas. De imediato surgiram outras minorias étnicas que também haviam abandonado as suas terras e traziam relatos semelhantes. Polacos, finlandeses, suecos, lituanos, estónios, letões, checos, búlgaros, gregos, todos em fuga desordenada.

Foi um enorme embaraço para o regime. A política de nativização tinha sido concebida também para mostrar ao mundo como a vida na União Soviética era um paraíso e, em vez disso, as populações nativas falavam em terror e perseguições e tentavam desesperadamente abandonar tal idílio. Era preciso abafar toda aquela má publicidade e, ao mesmo tempo, aumentar a produção alimentar. Para tal, as autoridades ordenaram a deportação em massa de camponeses. Em 1930 e 1931, os comunistas prenderam e

²⁷¹⁶ Fyodor Mochulsky, *Gulag Boss – A Soviet Memoir*, Oxford University Press, Oxford, 2011, p.142.

²⁷¹⁷ *Idem*, p.xxxv/xxxvi.

²⁷¹⁸ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.427.

desterraram mais de dois milhões de *kulaks* e mobilizaram dezenas de milhar de operários e jovens comunistas, enviando-os em brigadas de coletivização para as zonas rurais. Usando ameaças, promessas e pressões diversas, estas milícias forçaram mais camponeses a juntarem-se aos *kolkhozes*. “Os mais abastados por vezes ficavam, desde que aderissem rapidamente aos *kolkhoz*, enquanto o agricultor pobre obstinado que não aderira era deportado”²⁷¹⁹, escreveu o autor de *O Arquipélago de Gulag*, para quem “a *Via Crucis* do camponês é algo que os realistas socialistas não descrevem”, mas que envolvia “crianças de todas as idades, incluindo bebês”, com “filas de carroças a rolar sem fim”, sempre “flanqueadas por tropas em comboios”, uma longa viagem em que “muitas crianças sofriam uma morte miserável.”²⁷²⁰

Tudo isto foi um choque brutal para muitos habitantes, sobretudo os agricultores. Os seus bens e alimentos começaram de repente a ser-lhes confiscados e os autores do confisco eram os comunistas, muitos deles russos ressentidos com a política de nativização e de consequente achincalhamento do russismo. Antes de serem “coletivizados”, muitos camponeses puseram-se a abater a maior parte dos seus animais. Os alimentos começaram a faltar e a fome reapareceu na União Soviética. “Eramos quatro crianças”, contou na década de 1990 uma sobrevivente da Ofensiva Socialista, Marfa Pavlivna. “Os estranhos vieram à porta. Bateram no soalho com varas de ferro (...) e tentaram encontrar o sítio onde o papá tinha escondido os cereais. Levaram-nos a vaca”. As buscas em casa de Marfa foram sucessivas e a fome começou quando os comunistas levaram os últimos cereais e a manteiga. “Implorámos à mãe que nos desse de comer”, prosseguiu ela. “Implorámos tanto. O meu irmão mais novo chorava, chorava, e de manhã morreu. O meu irmão mais velho, o que nasceu em 1920, também morreu de manhã. Ficaram os dois deitados, mortos. A certa altura estavam três mortos (...) A mãe disse aos vizinhos: já morreram três dos meus. Dois dias depois, morreu o pai. Era sábado à noite. Dormi ao pé deles, todos mortos.”²⁷²¹

Milhares e milhares de testemunhos como este, dando rostos e nomes às estatísticas, começaram a ser coligidos quando o comunismo acabou na União Soviética. Até ao colapso da URSS, raros eram os relatos que chegavam ao Ocidente sobre o que tinha acontecido e uma das poucas fontes

²⁷¹⁹ *Idem*, p.427/428.

²⁷²⁰ *Ibidem*, p.428.

²⁷²¹ Catherine Merridale, *Night of Stone – Death and Memory in Russia*, Granta Books, Londres, 2000, p.217.

russas foi *O Arquipélago de Gulag*. “Na próspera região de Poltava, havia cadáveres estendidos por toda a parte nas aldeias, nas estradas e nos campos”, registou o autor dessa obra. “Era impossível atravessar os bosques perto das estações de comboio: o fedor de corpos a apodrecer, incluindo de bebês, fazia desmaiar. A situação foi talvez mais horrível na região de Kuban. Em muitos lugares na Bielorrússia equipas especiais tiveram de ser trazidas de outras regiões para recolher os cadáveres.”²⁷²²

Quaisquer tentativas para arranjar comida eram duramente reprimidas. “Por exemplo, seis agricultores de uma quinta coletiva perto de Tsarskoye Selo foram condenados pelo seguinte crime: após terem trabalhado a terra com as suas próprias mãos numa quinta coletiva, regressaram e trabalharam-na uma segunda vez para obterem alguma palha para as suas vacas”, relatou Solzhenitsyn. “O Comité Central Executivo da Rússia *recusou-se a perdoar os seis camponeses e a sentença de execução foi levada a cabo*”²⁷²³ (itálico no original).

As populações reagiram por toda a parte, mas sobretudo nas regiões não russas. Desencadearam-se revoltas sucessivas de uma ponta à outra da União Soviética, do Cazaquistão ao Azerbaijão, da Bashkiria a Fergana, do Tartaristão a Buriat-Mongólia, mas as mais graves ocorreram na Ucrânia e nas regiões cossacas do norte do Cáucaso. Só no mês de fevereiro de 1930, a polícia política contou mais de mil insurreições. Armados com machados e foices, os agricultores tomaram edifícios públicos de assalto, exigiram a devolução imediata dos animais apreendidos, o fim das requisições e da deportação de camponeses, o regresso à liberdade de comércio e a reabertura das igrejas vandalizadas pelos comunistas. Em março já se contabilizavam mais de seis mil sublevações, quase metade na Ucrânia, o celeiro do país. O Exército Vermelho foi até chamado a enfrentar os revoltosos em Karachai-Cherkessia e na Chechénia, no Cáucaso, em batalhas que duraram dez dias.

Desesperados com as coletivizações e incapazes de reverter um processo que os arrastava para a fome, os agricultores perceberam que tinham de abandonar os campos e começaram um êxodo para as cidades. Houve pelo menos doze milhões de pessoas envolvidos nesse movimento em massa. Apesar da confusão instalada por todo o país, em 1930 Estaline ainda defendia em público a política de nativização, mas Moscovo começou a recear que a indigenização dos povos contíguos aos países estrangeiros, que

²⁷²² Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.424.

²⁷²³ *Idem*, p.131/132.

se esperava fosse um meio de exportar a revolução para o estrangeiro, estivesse afinal a ser usada para importar a contrarrevolução para a União Soviética.

Paralelamente, as coletivizações estavam a afundar a produção agrícola, o que obrigava as autoridades a apreenderem sempre mais e mais produção e a deixarem cada vez menos para o consumo dos próprios camponeses. Estes habitualmente apenas comercializavam 15% dos alimentos que produziam, reservando outros 15% para as sementeiras e 30% para o consumo animal, e ficavam com os restantes 40% para consumo próprio. O problema é que as requisições alimentares atingiram os 40% de toda a produção e no caso da Ucrânia chegaram a uns devastadores 46%, desequilibrando todo o sistema agrícola e provocando o seu colapso abrupto.

A fome agravou-se. “Visitei várias aldeias e por toda a parte vi gente esfamada”, escreveu um dirigente ucraniano a Estaline e Molotov, “incluindo pessoas inchadas de fome, sobretudo camponeses pobres e também agricultores médios”, dizendo que “insultam-me furiosamente, as mulheres choram, por vezes os homens também. Lançam por vezes críticas fortes: ‘por que razão criaram uma fome artificial? No fim de contas, tivemos uma colheita. Por que levaram os grãos de sementes? Nem no velho regime fizeram uma coisa dessas’”²⁷²⁴. Era no entanto preciso prosseguir as requisições predatórias, pelo queurgia arranjar bodes expiatórios. Quem melhor havia para desempenhar esse papel que os nacionalistas ucranianos? O regime convenceu-se, ou quis convencer-se, ou mais provavelmente convinha-lhe convencer-se e convencer os outros, de que se tudo se devia à resistência dos agricultores, animados de um nacionalismo contrarrevolucionário e auxiliados por supostos agentes do Estado Maior polaco.

A mãos com uma fome generalizada e precisando de bodes expiatórios, o Kremlin inverteu de repente a política. Foi desencadeada uma campanha de terror contra os cossacos de Kuban, no norte do Cáucaso, com bloqueio de povoações esfamadas, detenções em massa, tribunais populares, execuções públicas e purgas sucessivas. Uma comissão de inquérito concluiu que as revoltas populares contra as novas políticas se deviam a nacionalistas ucranianos que haviam aparecido no Cáucaso, acusando-os de espalharem

²⁷²⁴ Bohdan Klid, “The Famine of 1932/1933 in Soviet Ukraine”, in Declan Curran, Lubomyr Luciuk e Andrew Newby (direção), *Famines in European Economic History – The Last Great European Famines Reconsidered*, Routledge, Londres, 2015, p.177.

propaganda burguesa. Tratavam-se na verdade de populações ucranianas que fugiam da fome e da miséria provocadas pelas requisições forçadas de comida e pelas coletivizações comunistas. A Ucrânia, por seu turno, não esperou pela demora. O Politburo emitiu um decreto a impor novas requisições de cereais na Ucrânia e no norte do Cáucaso. No dia a seguir emitiu outro decreto a pôr fim à política de nativização na Ucrânia e um dia volvido um terceiro decreto estendeu essas medidas à Bielorrússia. Foi a primeira vez que Moscovo reconheceu que a nativização não estava a desarmar o nacionalismo local e regional, mas antes a encorajá-lo.

O regime comunista passou assim às ações punitivas. Formaram-se mais de um milhar de Brigadas de Ferro, constituídas por membros do Partido Comunista e do Komsomol, a Juventude Comunista, e enviadas para as zonas rurais para intensificar as requisições alimentares e punir todas as povoações e *kolkhozes* que não “cumprissem o plano”. Testemunhos de sobreviventes sublinham a extrema violência destas Brigadas de Ferro. Acreditando que estavam a contribuir para erguer uma civilização socialista de progresso e bem-estar da humanidade, as milícias vermelhas confiscaram tudo o que era consumível, incluindo as últimas reservas de farinha e até as sementes imprescindíveis para a plantação das colheitas seguintes. Contudo, a carência de alimentos era tanta que em três meses de ações confiscatórias brutais apenas lograram cumprir 0,5% do plano. Em punição, foram executadas cerca de vinte mil pessoas no local. Fizeram-se ainda detenções em massa; só no mês de novembro de 1932 foram condenadas cinquenta mil pessoas. Por fim, deportaram-se aldeias inteiras. Os agricultores foram expulsos de casa, com a mulher, os filhos, os pais idosos e os sogros, e viram-se despojados de tudo o que tinham, incluindo propriedades, animais, mobílias, roupas, utensílios, documentos de cidadania e os direitos mais elementares.

Chegando à conclusão de que “eu pertencia à elite, escolhido pela História para levar o meu país e todo o mundo para fora das trevas em direção à luz socialista”²⁷²⁵, Victor Kravchenko aderiu nessa altura ao Komsomol e entrou no Partido. “Eu era um dos trabalhadores da nossa fábrica mais alertas e socialmente conscientes”, vivendo com “excitação incrível e esperanças inflamadas” a “profunda esperança no futuro do nosso país, pelo que não foi por nenhum acidente que escolhi precisamente este período para aderir ao

²⁷²⁵ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.38.

Partido. Eu pertencia à minoria que se entusiasmava com as ideias por detrás do grande esforço. O fervor tocava o delírio.”²⁷²⁶

Vivendo na Ucrânia enquanto jovem quadro comunista, Kravchenko foi para Kharkov e começou a ser confrontado com a realidade das coletivizações, das requisições, da fome e das deportações. “Rumores de crueldade inacreditável nas aldeias como parte da liquidação dos *kulaks* passavam de boca em boca”, recordou sobre os acontecimentos desse tempo. “Víamos longas carruagens de gado cheias de camponeses a passar por Kharkov, presumivelmente a caminho das tundras do Norte, como parte da sua ‘liquidação’. Funcionários comunistas eram assassinados nas aldeias e camponeses recalcitrantes executados em massa. Também circulavam boatos sobre o abate de gado por parte de camponeses na sua política de ‘terra queimada’ de resistência às coletivizações forçadas. Um decreto de Moscovo a tornar crime capital o abate não autorizado de gado confirmou os piores destes boatos. As estações de comboio da cidade estavam apinhadas de camponeses esfarrapados e esfaimados em fuga das suas casas. *Bezprizorni*, crianças sem casa, que eram comuns durante os anos da guerra civil e da fome, estavam de novo por toda a parte. Os pedintes, a maior parte provenientes do campo mas também pessoas das cidades, reapareceram nas ruas.”²⁷²⁷

O regime insistiu que a culpa do incumprimento do plano de confisco de alimentos era dos nacionalistas ucranianos, que estariam a sabotar o plano económico comunista. O ensino da língua e da cultura ucraniana foi interrompido e intelectuais, jornalistas e professores, juntamente com outros membros da elite, foram presos. A vaga de detenções envolveu mais de duzentas mil pessoas. Ao mesmo tempo, foram colocadas tropas na fronteira com a Ucrânia para impedir a entrada de alimentos e a saída das populações esfaimadas. De uma fome gerada pelas políticas económicas comunistas, passava-se para uma fome punitiva. Entre outras medidas, ergueram-se pelos campos agrícolas torres de vigilância com soldados, como se se tratassem de campos de concentração, e os médicos viram-se interditados de dar assistência aos subnutridos. Devido às coletivizações, às requisições alimentares brutais e às medidas punitivas, a fome na Ucrânia tornou-se catastrófica.

²⁷²⁶ *Idem*, p.50.

²⁷²⁷ *Ibidem*, p.63.

O socialismo gerava outra vez uma grande tragédia. Confrontados com tal situação, os comunistas racionalizavam os acontecimentos. “Nós comunistas, entre nós, evitávamos falar do tema; ou abordávamo-lo recorrendo a eufemismos bombásticos típicos do jargão do Partido”, indicou Kravchenko. “Falávamos da ‘frente camponesa’ e da ‘ameaça *kulak*’, de ‘socialismo de aldeia’ e de ‘resistência de classe’. De maneira a podermos viver connosco próprios, tínhamos de disfarçar a realidade com recurso a camuflagem verbal. Mas os trabalhadores comuns não usavam essas técnicas”. Na verdade, achavam os comunistas, os cidadãos comuns, verdadeiros “ignorantes” sobre a ciência do socialismo, “não tinham uma perspectiva ‘científica’ da coletivização. Falavam livremente da violência, da crueldade, da fome e da morte – não como generalizações, mas enquanto episódios íntimos que afetavam o Ivan ou o Stepan de uma aldeia específica. Por vezes ouviamo-los falar em canibalismo na nossa província que considerávamos exageros, mas que intimamente me aterrorizava.”²⁷²⁸

Testemunhos de sobreviventes falam de aldeias inteiras com toda a gente a morrer em silêncio nas suas casas, adultos esqueléticos deitados no chão com crianças esqueléticas, mulheres fuziladas por irem às terras coletivizadas roubar batatas para os filhos, mães a instruírem as crianças para as comerem quando elas morressem, pais a cozinharem os filhos para os devorar. O canibalismo e a necrofagia tornaram-se na verdade acontecimentos comuns, estando na origem dos rumores que mais tarde circularam no Ocidente de que os comunistas comiam criancinhas. “Foi como se a Peste Negra tivesse passado, silenciando as vozes dos aldeãos”²⁷²⁹, escreveu um dos sobreviventes da grande fome na Ucrânia, Miron Dolot, dizendo que “eu estava esfomeado, vivendo em pobreza absoluta entre os cadáveres de agricultores e das suas famílias”²⁷³⁰. Chegou-se a um ponto em que as autoridades comunistas desconfiavam de quem cometesse o crime de não estar esquelético, indício considerado seguro de que escondia comida.

Tudo isto decorreu no maior silêncio, com a palavra “fome” formalmente banida pelas autoridades comunistas. “Em algumas aldeias a população está quase extinta”, escreveu em 1933 um adido alemão em Moscovo, Otto Schiller, após uma visita ao Cáucaso, indicando terem-lhe dito que “há muitos casos em que as vítimas, inchadas de fome, imploravam ajuda nos

²⁷²⁸ *Ibidem*, p.74.

²⁷²⁹ Miron Dolot, *Execution by Hunger – The Hidden Holocaust*, W. W. Norton & Company, Nova Iorque, 1985, p.229.

²⁷³⁰ *Idem*, p.230.

soviets das aldeias, para lhes ser dito que deviam comer o pão que tinham escondido e não existia fome nenhuma”²⁷³¹. Na altura em que milhões de concidadãos seus morriam à fome, a imprensa soviética enchia-se de notícias sobre os grandes êxitos da construção da sociedade socialista. A crer nos jornais, o nível de vida dos trabalhadores tinha subido, os camponeses saíam das trevas medievais, as crianças eram mais saudáveis e educadas, o país tornara-se um farol da civilização mundial. O historiador russo Lev Razgon, que levava uma vida de privilégio em Moscovo, confessou que na altura estava absolutamente na ignorância sobre a existência de fome no país.

Os únicos que sabiam alguma coisa eram os que testemunharam diretamente o que se passava. É o caso de Victor Kravchenko. Tendo-se alistado no Komsomol, este jovem comunista estudava nessa altura no Instituto Metalúrgico de Dniepropetrovsk para jovens quadros do Partido, de onde partiam algumas das temíveis brigadas comunistas de requisições. “Membros ativos eram frequentemente enviados para as aldeias em missões especiais”, indicou, constatando que “embora regressassem com ordens para não revelarem as suas experiências, o seu silêncio era suficientemente eloquente. Além disso, muitos deles contaram-me, sob promessa de manter tudo em segredo, coisas que me horrorizaram completamente”. Tudo isso era completado com uma série de boatos que circulavam por toda a parte, o que levou as autoridades comunistas a emitir avisos “contra quem relatava ‘rumores anti-Partido’ difundidos por ‘deviacionistas de direita, trotskistas e agentes *kulak*’. Mas os rumores persistiam.”²⁷³²

Também os raros estrangeiros que conseguiram passar nessa altura pela Ucrânia se aperceberam de que havia algo de terrivelmente errado a acontecer na região. O então jovem comunista Arthur Koestler, que na altura atravessou a Ucrânia a caminho de uma missão de doutrinação, viu nas estações de comboio da república “mulheres a erguerem para as janelas da carruagem crianças horríveis com enormes cabeças balouçantes, membros que pareciam paus e barrigas inchadas e pontiagudas”, sendo que essas crianças se assemelhavam a “embriões retirados de garrafas de álcool”²⁷³³. Koestler ficou marcado por essa visão e fez até várias referências discretas ao assunto nos seus romances. “Regiões inteiras foram devastadas pelo tifo

²⁷³¹ Catherine Merridale, *op. cit.*, 2000, p.204.

²⁷³² Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.75.

²⁷³³ Joshua Rubenstein, “Deliberate Inaction: Soviet Policies and Holodomor”, in Paul Bartrop (direção), *Modern Genocide – Analyzing the Controversies and Issues*, ABC-CLIO, Santa Barbara, 2018, p.98.

gerado pela fome”²⁷³⁴, escreveu, colocando as suas personagens a dizer que “liquidámos a secção parasita do campesinato e deixámo-la morrer à fome.”²⁷³⁵

Os jornalistas estrangeiros foram proibidos de se deslocarem à Ucrânia a não ser em visitas guiadas, mas alguns conseguiram furar o bloqueio informativo. O primeiro foi Gareth Jones, um repórter galês que falava russo e que se esgueirou num comboio e deambulou pelas aldeias ucranianas durante três dias até ser detido pela polícia e expulso do país. Entrou numa aldeia onde reinava “um silêncio de outro mundo”²⁷³⁶ e foi informado que todos tinham morrido. “Nós, os agricultores, estamos todos esfaimados”, escreveu numa crónica de jornal, citando um camponês que devorou uma casca de laranja que Jones tinha atirado ao chão: “os comunistas levaram os nossos cereais. Roubaram-nos a terra. Vieram à nossa aldeia e deixaram-nos apenas um punhado de batatas para sobreviver ao inverno’.”²⁷³⁷

Os artigos de Gareth Jones provocaram choque no Ocidente e incredulidade entre os comunistas ocidentais, tendo mesmo sido desmentidos por correspondentes ocidentais que viviam em Moscovo. Outro jornalista que observou a grande fome com os próprios olhos foi o britânico Malcolm Muggeridge, o qual registou no diário pessoal que “jamais posso fingir que não vi isto”. Os comunistas, escreveu ele num artigo para o seu jornal, “chegaram aos campos como uma praga de gafanhotos e consumiram tudo o que havia a consumir”, até que “reduziram uma das terras mais férteis do mundo a um deserto melancólico.”²⁷³⁸

Estando a viver na Ucrânia, filiado no Komsomol e a estudar num instituto de onde saíam brigadas de requisições, o jovem comunista Victor Kravchenko só não conseguiu continuar a fingir que nada de realmente grave se passava no dia em que foi visitar os pais e descobriu que estes tinham adotado uma criança abandonada que haviam encontrado na rua. Perante Kravchenko, a menina, chamada Katya, mostrou-se muito nervosa e contou

²⁷³⁴ Arthur Koestler, *op. cit.*, 1991, p.131.

²⁷³⁵ *Idem*, p.197.

²⁷³⁶ Gareth Jones, “‘There Is No Bread!’ – Gareth Jones Hears Cry of Hunger All Over Ukraine, Once Russia’s Sea of Grain”, *The Los Angeles Examiner*, 13 de janeiro de 1935, www.garethjones.org.

²⁷³⁷ Gareth Jones, “Russia’s Starvation – What Lies Behind Wave of Official Murders That Followed the Assassination of Kirov”, *The New York American*, 12 de janeiro de 1935, www.garethjones.org.

²⁷³⁸ Adam Jones, *Genocide – A Comprehensive Introduction*, 2ª edição, Routledge, Milton Park, 2011, p.594.

o que lhe acontecera: “O meu pai não queria ir para o *kolkhoz*. Todos o tentaram demover e levaram-no e bateram-lhe, mas ele recusava-se. Gritaram que ele era um agente *kulak*. (...) Tínhamos um cavalo, uma vaca, um novilho, cinco ovelhas, alguns porcos e um celeiro. Era tudo. Todas as noites o polícia aparecia e levava o papá para a aldeia sovieta. Perguntavam-lhe pelo trigo e não acreditavam que não havia mais. Mas era a verdade, juro. (...) Durante uma semana não deixaram o meu pai dormir e batiam-lhe com paus e revólveres até ele ficar negro e azul e todo inchado. (...) Um dia, há um ano, vieram estranhos a nossa casa. Um deles era da GPU e o presidente do nosso sovieta estava também com ele. Outro homem anotou num livro tudo o que havia na casa, incluindo móveis, roupas e utensílios de cozinha. As carruagens chegaram, todas as nossas coisas foram levadas e os animais sobreviventes encaminhados para o *kolkhoz*. Mamochka, a minha mãe, chorou e rezou e implorou de joelhos, e até o meu pai e o meu irmão Valya e a minha irmã Shura choraram. Não serviu de nada. Disseram-nos para nos vestirmos e levarmos algum pão e porco seco, cebolas e batatas, porque íamos partir numa grande viagem. (...) Puseram-nos a todos numa velha igreja. Havia muitos outros pais e crianças da nossa aldeia, todos com sacos e a chorar. Passámos lá toda a noite, às escuras, a rezar e a chorar, a rezar e a chorar. Pela manhã cerca de trinta famílias foram levadas pela estrada, cercadas pelos milicianos. As pessoas nas bermas fizeram o sinal da cruz quando nos viram e também começaram a chorar. Na estação havia muitas pessoas como nós, das outras aldeias. Pareciam milhares. Fomos todos metidos uns contra os outros num celeiro de pedra. Após um bocado levaram-nos para vagões de gado, eram muitos e muitos, mas não vi o Volchok e o guarda pontapeou-me quando perguntei por ele. Quando o meu vagão ficou cheio e não cabia mais ninguém, mesmo em pé, fecharam-nos do exterior. Todos gritámos e rezámos a Nossa Senhora. Então o comboio começou a andar. Ninguém sabia para onde íamos. Alguns diziam Sibéria, mas outros disseram que não, íamos para o extremo norte ou até para os desertos quentes. Perto de Kharkov, a minha irmã Shura e eu tentámos sair para ir buscar água. A mamã deu-nos dinheiro e uma garrafa e pediu-nos para tentar comprar leite para o nosso irmão bebé, que estava muito doente. Implorámos ao guarda durante tanto tempo que ele acabou por nos deixar sair apesar de ser contra as regras. Ali perto havia umas cabanas de camponeses e corremos a toda a velocidade para elas. Quando dissemos a essas pessoas quem éramos, começaram a chorar. Deram-nos logo alguma

coisa para comer, encheram a garrafa de leite e não aceitaram o dinheiro. Então voltámos para a estação, mas era demasiado tarde e o comboio partira sem nós’.”²⁷³⁹

Confrontado com a terrível história da pequena Katya, Kravchenko descobriu que nada do que se estava a passar era accidental quando decidiu tirar tudo a limpo. “Para nos pouparmos à agonia mental, fechamos os olhos para ocultar as verdades desagradáveis”, admitiu aquele que então era um quadro entusiasta do Komsomol na Ucrânia. “Arranjamos desculpas desesperadas e apagamos o conhecimento com palavras como exagero e histeria. Até que acontece algo que nos leva a abrir os olhos e a mente. E pela primeira vez olhamos sem pestanejar. Foi o que aconteceu comigo quando a pequena Katya entrou na nossa casa. Inconscientemente eu tinha blindado a minha fé contra factos que a podiam corroer. Havia até ali recusado oportunidades de ir às coletivizações vizinhas. Até que o sofrimento de uma criança inocente produziu um tal choque em mim que tive de encarar o sofrimento de todo o campesinato da Rússia.”²⁷⁴⁰

Empenhado em saber o que estava realmente a acontecer, Kravchenko voluntariou-se enfim para fazer parte das brigadas comunistas de requisição que se formavam no instituto onde estudava. “Todos nós estávamos tensos, alguns nem conseguiam esconder a preocupação”, escreveu sobre o ambiente que se vivia entre os membros da brigada no dia em iam partir na sua missão. “Íamos ser enviados para as aldeias para ajudar a requisicionar cereais e apressar a fase final das colheitas. Mas sentíamo-nos e comportávamo-nos como se estivéssemos prestes a entrar numa guerra sangrenta”. Um membro do comité central fez um discurso perante os quadros comunistas que integravam as brigadas. “‘Camaradas’, disse ele, ‘vocês vão para o campo por um mês ou seis semanas. A região de Dniepropetrovsk está atrasada no plano. O Partido e o camarada Estaline ordenaram a coletivização completa até à primavera, e aqui estamos nós no verão com a tarefa por cumprir. As autoridades locais precisam de uma injeção de aço bolchevique. É por isso que vos estamos a enviar. Vocês têm de desempenhar os vossos deveres com um sentimento de estrita responsabilidade partidária, sem lamechices, sem nenhum liberalismo podre. Atirem o vosso humanismo burguês pela janela e ajam como bolcheviques dignos do camarada Estaline. Batam no agente *kulak* onde quer que ele

²⁷³⁹ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.88-90.

²⁷⁴⁰ *Idem*, p.91.

levante a cabeça. Isto é guerra – são eles ou nós! O último vestígio decadente da agricultura capitalista tem de ser eliminado a todo o custo! Em segundo lugar, camaradas, é absolutamente necessário cumprir os planos do governo para as requisições de cereais. Os *kulaks*, e mesmo alguns agricultores médios ou ‘pobres’, não nos estão a dar os seus cereais. E as autoridades locais por vezes hesitam e mostram fraqueza. O vosso trabalho é obter esses cereais a qualquer custo. Encontrem-nos onde estão escondidos, nos fornos, debaixo das camas, em sótãos ou escondidos nos quintais. Através de vós, as brigadas do Partido, as aldeias passarão a conhecer o sentido da firmeza bolchevique. Vocês têm de encontrar os cereais e *vão* encontrá-lo. É um desafio ao vosso espírito de iniciativa e ao vosso espírito chekista. *Não receiem adotar medidas extremas*. O Partido apoia-vos totalmente”²⁷⁴¹ (itálico no original).

A brigada de requisições onde Kravchenko foi colocado incluía dois camaradas do Partido. Um era Seryozha, tão aterrorizado quanto ele, e o outro Arshinov, que descreveu como “um comunista formal e pio”²⁷⁴². O relato do que se passou quando chegaram à aldeia que lhes foi consignada é eloquente e merece reprodução detalhada, pois trata-se de um documento escrito por um dos elementos das próprias brigadas comunistas. “Pela janela constatámos que havia luz no interior do edifício do soviete”, escreveu. “Deparámo-nos com camponeses agachados no chão. Havia uma sentinela armada à porta e o polícia da aldeia estava sentado no interior, com uma pistola e a fumar. Ao entrar ouvi os gritos de um camponês e os insultos de Arshinov a soarem do interior de um gabinete fechado. (...) De repente a voz de Arshinov atingiu um nível histérico, um objeto pesado embateu no chão e ouvimos o camponês a gemer: ‘porque me bate? Não tem o direito de me bater...’ Então Arshinov gritou, “guarda, atira-me este lixo para o gelo. Vais levar uma lição, ratazana kulak!” (...) Abri a porta. Arshinov ficou surpreendido. Mordeu os lábios, ajeitou a sua cadeira e fez tenções de retirar a pistola da mesa. O camponês estendido no chão era um idoso em roupas em farrapos, o rosto ensanguentado”²⁷⁴³. O camarada do Komsomol que estava amedrontado, Seryozha, apareceu pouco depois. “‘Estive na cabana do agricultor agredido’, disse-me. ‘Tem a mulher doente, cinco crianças e nem um pedaço de pão em casa. A casa dele tresanda a pobreza e desespero.

²⁷⁴¹ *Ibidem*, p.91-92.

²⁷⁴² *Ibidem*, p.99.

²⁷⁴³ *Ibidem*, p.102.

E é a isto o que chamamos um *kulak*! As crianças estão em trapos e farrapos. Todos parecem fantasmas. Vi um tacho ao lume – água com algumas batatas. Era o jantar de hoje’.”²⁷⁴⁴

Os acontecimentos depressa se precipitaram. “Quando a noite caiu fui para a aldeia com vários agricultores”, escreveu, retomando o relato. “Percebemos imediatamente que algo estava a acontecer. Havia grupos de pessoas agitadas. Mulheres choravam. Apressei-me para o edifício do soviete (...) Uma enorme multidão concentrara-se em torno do edifício. Polícias tentavam afastá-la, mas as pessoas voltavam. Algumas amaldiçoavam-nos. Várias mulheres e crianças choravam histericamente e chamavam os nomes dos seus maridos e pais. Parecia uma cena extraída de um pesadelo. Dentro do edifício do soviete, Arshinov falava com um agente da GPU. Ambos sorriam, aparentemente a trocar amabilidades. No quintal, guardado por soldados da GPU com revólveres em punho, estavam cerca de vinte agricultores, jovens e velhos, com embrulhos nas costas. Alguns choravam. Os outros permaneciam sombrios, resignados, sem esperança. Era então isto a ‘liquidação dos kulaks’ como uma classe! Muitos camponeses simples eram arrancados dos seus solos nativos, esbulhados de todos os seus bens e enviados para florestas distantes ou trabalhos de irrigação. Por alguma razão nesta ocasião a maior parte das famílias foi deixada para trás. Os seus gritos enchiam o ar. Quando voltei a sair da sede do soviete, vi dois milicianos a conduzirem um camponês de meia-idade. Era óbvio que havia sido agredido – tinha a cara negra e azul e a sua maneira de andar era de dor; apresentava as roupas rasgadas de uma forma que sugeria luta. Enquanto eu ali estava, atormentado, envergonhado, impotente, ouvi uma mulher a gritar com uma voz que parecia vir de outro mundo. Todos olharam na direção do grito e um par de homens da GPU correram para ela. A mulher, o cabelo ondulado, tinha nas mãos um feixe de trigo em chamas. Antes que alguém a alcançasse, ela atirou o feixe em chamas para o telhado de colmo da casa, que irrompeu instantaneamente em chamas. ‘Infiéis! Assassinos!’, berrou a mulher. ‘Trabalhámos a vida inteira pela nossa casa. Vocês não a terão. O fogo a levará!’ Os gritos dela transformaram-se de repente numa gargalhada louca. (...) O mais surreal de tudo foi ver Arshinov e o oficial da GPU a olharem com calma, como se isto fosse rotina, como se uma cabana a arder não passasse de uma fogueira para os divertir.”²⁷⁴⁵

²⁷⁴⁴ *Ibidem*, p.103.

²⁷⁴⁵ *Ibidem*, p.104.

Foi nesse instante que Kravchenko percebeu tudo. “Eu tinha planeado denunciar Arshinov junto da comissão distrital do Partido”, registou. “Mas aqui estavam representantes da comissão, juntamente com a GPU, a levarem a cabo o mesmo tipo de brutalidade. Que possibilidades havia de a comissão regional fazer justiça? A suspeita de que os horrores não eram acidentais, mas planeados e aprovados pelas mais altas autoridades, andava a assaltar-me a mente. Esta noite tornou-se uma certeza que me deixou, de momento, vazio de esperança. A vergonha tinha sido mais fácil de suportar enquanto eu podia culpar o Arshinov e outros indivíduos”²⁷⁴⁶. Perante a brutalidade comunista, os camponeses cederam. “Após as detenções em massa, os poucos que tinham ficado aderiram ‘voluntariamente’ ao coletivo”, constatou o jovem desiludido do Komsomol. “E todo o cereal da aldeia foi entregue – de novo ‘voluntariamente’. Estas pessoas tinham pelos vistos optado por morrer à fome em casa do que serem enviadas para o desconhecido. Em muitos casos os agricultores foram autorizados a vender tudo o que tinham, mesmo a mobília, para comprarem cereais nas cidades e entregá-los ao Estado.”²⁷⁴⁷

Quando os censos de 1937 foram realizados, os inquiridores que foram bater à porta das casas para perguntar quantas pessoas aí viviam viram-se insultados e muitos acabaram agredidos, com os inquiridos a rabiscarem injúrias nos formulários. Os resultados dos censos revelaram-se de tal modo chocantes que as autoridades bolcheviques decidiram mesmo mantê-los confidenciais. O responsável pelos censos foi preso e executado por, conforme escreveu o *Pravda*, “diminuir os números da população de URSS.”²⁷⁴⁸

O regime, ciente de que as políticas comunistas de coletivização provocavam fome generalizada, não só não quis saber de todo aquele sofrimento como até mostrou sinais de satisfação pelo que estava a acontecer. Os responsáveis comunistas chegaram ao ponto de se gabarem dos resultados da sua atividade. “Constato – e isto é uma fonte de satisfação para nós – que os membros dos *kolkhozes*, incluindo os esfaimados, estão enfim convencidos de que têm de trabalhar conscienciosamente para semearem bem a terra”, ufanou-se em 1933 o Comissário da Agricultura da Ucrânia, Alexandre Odintsov, sustentando que “eles compreenderam o

²⁷⁴⁶ *Ibidem*, p.105.

²⁷⁴⁷ *Ibidem*, p.106.

²⁷⁴⁸ Daniel Sandford, “In Moscow, history is everywhere”, BBC News, 2 de novembro de 2012.

verdadeiro poder do Estado. Uma ideia foi-lhes implantada graças à fome: apenas sobrevivem aqueles que trabalham honestamente para o Estado”²⁷⁴⁹. Estaline mostrava-se exuberante e proclamou que a “indústria, transportes e agricultura foram colocados numa base nova, moderna, técnica”, gabando-se dos “sucessos da construção do socialismo na URSS.”²⁷⁵⁰

Os efeitos da grande fome da década de 1930 foram amplamente testemunhados pelos comunistas das brigadas de requisições. “A nossa anfitriã era uma jovem camponesa”, escreveu Victor Kravchenko no segundo ano que integrou essas brigadas do Komsomol, sobre o momento em que chegou a outra aldeia e se alojou na casa de uma mulher. “Todos os sentimentos, mesmo a tristeza ou o medo, pareciam ter secado no seu corpo emaciado. Era uma máscara da morte viva. Num canto, sobre uma cama estreita, duas crianças estavam tão quietas que pareciam mortas. Apenas os olhos estavam vivos. Eu estremeci quando os olhos deles se fixaram nos meus. (...) ‘Sejam bem-vindos’, disse a jovem mulher, ‘e lamento não vos poder oferecer nada. Há muitas semanas que não temos uma côdea de pão nesta casa. Ainda possuo algumas batatas, mas não nos atrevemos a comê-las tão cedo’. Chorou silenciosamente. ‘Chegará isto ao fim ou teremos, eu e as crianças, de morrer como os outros?’ ‘Onde está o seu marido?’, perguntei. ‘Não sei. Foi preso e provavelmente deportado. O meu pai e o meu irmão também foram deportados. Deixaram-nos certamente aqui para morrer de fome’.”²⁷⁵¹ O relato da camponesa prosseguiu: “‘Os meio mortos, os quase mortos estão ainda piores. Há centenas de pessoas em Petrovo inchadas de fome. Não sei quantos morrem por dia. Muitos estão tão fracos que não saem das suas casas. Uma carruagem passa a apanhar os corpos. Comemos tudo o que havia – gatos, cães, ratos, pássaros. Quando amanhã houver luz vocês poderão ver as árvores sem as cascas, pois foi tudo comido. A bosta de cavalo foi comida’. Eu devo ter feito uma expressão de incredulidade. ‘Sim, a bosta de cavalo. Lutamos por ela. Por vezes contém grãos inteiros de cereais’.”²⁷⁵²

²⁷⁴⁹ Nicolas Werth, “The Great Ukrainian Famine of 1932-3”, in Cathie Carmichael e Richard Maguire (direção), *The Routledge History of Genocide*, Routledge, Londres, 2015, p.144.

²⁷⁵⁰ José Estaline, “The Results of the First Five-Year Plan”, 7 de janeiro de 1933, J. V. Stalin Archive, www.marxists.org.

²⁷⁵¹ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.112.

²⁷⁵² *Idem*, p.113.

No dia seguinte, Kravchenko inspecionou a aldeia na companhia de um camarada, um tal Yuri. “O Yuri e eu caminhamos pela aldeia”, escreveu. “De novo sentimo-nos oprimidos pelo silêncio tão pouco natural. Chegámos a um espaço aberto que, sem dúvida, foi no passado a praça do mercado. De repente o Yuri apertou-me o braço até doer: diante de nós estavam os corpos de homens, mulheres e crianças, cobertos por palha suja. Contei dezassete. Enquanto ali estávamos, passou uma carruagem e dois homens atiraram os corpos para a carga como se fossem sacos”. Apercebeu-se então que “a morte à fome é um assunto monótono. Monótono e repetitivo. Há algo de macabro em usar palavras comuns para descrever factos infernais. (...) “Já me estava a habituar a este clima de terror; comecei a desenvolver uma resistência interior a realidades que ainda ontem me deixavam devastado.”²⁷⁵³

Noutra manhã inspecionou um *kolkhoz*, uma quinta coletiva que o regime comunista apresentava como a solução socialista para os problemas da desigualdade na agricultura, na companhia de um guia local, um homem chamado Chadai. “O que eu vi naquela manhã, andando pelas casas com Chadai, foi inexprimivelmente horrível”, revelou. “Deparei-me aqui com as pessoas a morrerem sozinhas em graus lentos, a morrerem de formas horríveis, sem sequer terem a desculpa de um sacrifício por uma causa. Tinham-lhes retirado tudo e foram deixadas a morrer à fome, cada uma na sua casa, graças a uma decisão política tomada numa capital distante em torno de mesas de conferências e de banquetes. (...) As visões mais terríveis eram das crianças pequenas com membros esqueléticos a balouçar junto a abdómens inchados como balões. A fome tinha-lhes roubado todos os traços de juventude dos rostos, transformando-os em *gargoyles* torturados; apenas nos olhos permanecia um vestígio da infância. Por toda a parte vimos homens e mulheres deitados de bruços, os rostos e as barrigas inchadas, os olhos sem qualquer expressão. Batíamos a uma porta e ninguém respondia. Batíamos de novo. Empurrávamos receosamente a porta e entrávamos num vestíbulo estreito de uma cabana com uma única divisão. Primeiro os meus olhos fixavam-se num ícone sobre uma cama larga, depois no corpo de uma mulher de meia-idade estendida sobre a cama, os braços cruzados no peito sobre uma camisa ucraniana limpa e bordada. Aos pés da cama estava uma idosa e ali perto duas crianças, um rapaz de onze e uma rapariga de dez. As crianças choravam silenciosamente e repetiam um cântico rural, ‘mamã, querida mamã’. Olhei à volta e vi o corpo inerte e inchado de um homem

²⁷⁵³ *Ibidem*, p.113/114.

estendido sobre a prateleira de um forno. O assustador da cena não era o corpo na cama, mas a condição em que se encontravam as testemunhas vivas. As pernas da idosa tinham inchado até um tamanho incrível, o homem e as crianças haviam claramente atingido os últimos estágios da fome. Retirei-me rapidamente, envergonhado com a minha pressa. Na casa ao lado encontrei um homem de quarenta anos sentado num banco a reparar um sapato. Tinha a cara inchada. Um pequeno rapaz, reduzido a pouco mais que um esqueleto, lia um livro, e uma mulher magra estava ocupada com o forno. ‘O que estás a cozinhar, Natalka?’, perguntou-lhe Chadai. ‘Sabes bem o que estou a cozinhar’, respondeu ela com uma fúria assassina na voz. Chadai puxou-me pela manga e saímos. ‘Porque ficou ela tão zangada?’, perguntei. ‘Porque – bem, tenho vergonha de te dizer, Victor Andreyevich... ela está a cozinhar sementes e bosta de cavalo.’ (...) Após visitarmos uma dúzia de casas, cedi ao pedido de Chadai para parar a inspeção. ‘Em toda a parte é o mesmo. Agora já sabes o suficiente’, disse ele”. Constataram que “as condições na segunda quinta coletiva eram essencialmente as mesmas.”²⁷⁵⁴

Alguns agricultores ainda possuíam vacas, mas tinham de entregar todo o leite na fábrica estatal de manteiga, situada fora do *kolkhoz*. Kravchenko decidiu ir visitar essa fábrica que açambarcava todo o leite necessário à alimentação da população que o produzia. “O gerente era um homem do Partido, afável e profundamente infeliz”, constatou. “Levou-me a visitar a fábrica. Num dos quartos, a manteiga estava a ser cortada em barras e embrulhada num papel que dizia, em inglês, EXPORTAÇÃO MANTEIGA URSS”²⁷⁵⁵. Kravchenko revelou ter ficado em estado de choque com esta descoberta: “Tinha a mente em fúria quando regressei à aldeia. Manteiga estava a ser exportada no meio de uma fome! Conseguia visualizar as pessoas em Londres, em Berlim, em Paris a comerem a manteiga com marca soviética. ‘Devem ser ricos para nos venderem manteiga’, imaginava-os eu a pensarem. “Eis, amigos, a prova do socialismo em ação’.”²⁷⁵⁶

Cruzando-se diferentes dados, calcula-se que tenham morrido à fome entre três e quatro milhões de pessoas na Ucrânia, um episódio hoje conhecido por Holodomor, a Fome-Genocídio. Se considerarmos estas estimativas na Ucrânia, que historiadores como Andrea Graziosi, Lubomyr

²⁷⁵⁴ *Ibidem*, p.119.

²⁷⁵⁵ *Ibidem*, p.121.

²⁷⁵⁶ *Ibidem*, p.122.

Hajda e Halyna Hryn consideram “consensuais”²⁷⁵⁷, e se lhes acrescentarmos os mortos à fome nas outras regiões da União Soviética, sobretudo o Cazaquistão, o Cáucaso do Norte e certas zonas do Volga, mais as mortes nos campos de concentração, os cálculos apontam para um total até dez milhões de mortos à fome. E estes, nas palavras de Robert Conquest, outro dos historiadores que investigou o assunto, “são números conservadores”²⁷⁵⁸, embora suficientes para fazer destas grandes fomes, nas contas de Romain Ducoulombier, “a principal experiência de morte em massa na Europa entre as duas guerras”²⁷⁵⁹. Para além das mortes em massa à fome, o resultado do Holodomor, como notou a historiadora Anne Applebaum, foi “a sovietação da Ucrânia, a destruição da ideia nacional ucraniana e a esterilização de qualquer desafio ucraniano à unidade soviética.”²⁷⁶⁰

Também os cossacos de Kuban, apesar de já deportados para a Sibéria, continuaram a ser dizimados. “No rio Chulym, na Sibéria, o acampamento especial dos cossacos de Kuban foi isolado com arame farpado e erguidas torres de vigilância, como se de um campo prisional se tratasse”, descreveu Aleksandr Solzhenitsyn. “Foi feito tudo o necessário para garantir que esses malandros odiosos morressem depressa, de modo que o nosso país ficasse sem eles nem pão. Na verdade, em muitos desses acampamentos especiais morreram todas as pessoas (...) Nem Genghis Khan destruiu tantos camponeses”²⁷⁶¹. Pelas contas do historiador Nicolas Werth, “a experiência aterrorizadora da fome afetou duas vezes mais soviéticos (pelo menos quarenta milhões) do que a experiência dos campos de concentração (vinte milhões)”²⁷⁶² (parênteses no original).

As perseguições étnicas comunistas

Com todo este desastre, a política das nacionalidades começou a mudar. Ao mesmo tempo que o regime acenava com o espantinho do nacionalismo ucraniano, e invertendo uma década de demonização do russismo, Estaline

²⁷⁵⁷ Andrea Graziosi, Lubomyr Hajda e Halyna Hryn, *After the Holodomor – The Enduring Impact of the Great Famine on Ukraine*, Harvard University Press, Cambridge, 2013, p.xvi.

²⁷⁵⁸ Robert Conquest, *The Harvest of Sorrow – Soviet Collectivization and the Terror-Famine*, Oxford University Press, Nova Iorque, 1987, p.303.

²⁷⁵⁹ Romain Ducoulombier, *op. cit.*, 2014, p.35.

²⁷⁶⁰ Anne Applebaum, *Red Famine – Stalin’s War on Ukraine*, Doubleday, Nova Iorque, 2017, p.xxvii.

²⁷⁶¹ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.430.

²⁷⁶² Nicolas Werth, *Les Grandes famines soviétiques*, Que Sais-Je?, Paris, 2020, p.8.

desatou a elogiar os russos. “Em todos os países os trabalhadores revolucionários aplaudem unanimemente a classe trabalhadora soviética, e acima de todos a classe trabalhadora russa que é a vanguarda dos trabalhadores soviéticos”, escreveu o *Vozhd* em dezembro de 1930, enaltecendo a “Rússia revolucionária” e dizendo que “os corações dos trabalhadores russos” se enchiam de “um sentimento de orgulho revolucionário nacional”²⁷⁶³. De um momento para o outro os russos estavam “acima de todos” e viam-se transformados na “vanguarda”. Estas palavras, que até à véspera seriam consideradas de encorajamento reacionário ao chauvinismo de grande potência, o russo, de um dia para o outro fizeram do nacionalismo russo parte da grande gesta revolucionária e progressista.

Apesar de a fome ter atingido a própria Rússia, sobretudo a zona do Volga, as Terras Negras e os Urais, as duas principais cidades, Moscovo e Leninegrado, foram fortemente protegidas da catástrofe. Ambas recebiam em 1933 metade dos abastecimentos de carne de todo o país, um terço de peixe e manteiga e um quarto de farinha e açúcar, entre outros bens. Com o resto da população a morrer à fome, a *nomenklatura* do Partido Comunista, formada por mais de cinquenta mil famílias que no dia a dia apregoavam a igualdade, tinha acesso aos melhores produtos alimentares. Nesse ano um adulto comunista consumia por mês quatro quilos de carne de primeira escolha, quatro quilos de salsichas, seis quilos de peixe fresco, dois quilos de peixe fumado, um quilo de caviar, três quilos de açúcar, dois quilos de queijo, três quilos de farinha, trinta ovos, etc. A população, esfaimada e escandalizada, revoltou-se. Dezenas de milhar de operários entraram em greve e organizaram uma “marcha da fome”, exigindo comida e a supressão dos privilégios para a *nomenklatura* comunista.

Tudo isto acelerou a necessidade de apaziguar a população russa. Onde o socialismo fracassava, o nacionalismo triunfaria. Em consequência, a mudança na política de nacionalidades aprofundou-se. Primeiro disfarçadamente, usando-se argumentos de classe para perseguir nacionalidades e etnias, depois de forma despudorada. A primeira deportação étnica foi decretada em 1930 contra o que a resolução do Politburo designou como sendo “as famílias de indivíduos condenados por banditismo, espionagem, contrarrevolução ativa e contrabando profissional”, designadamente “aquelas de nacionalidade polaca” que se

²⁷⁶³ José Estaline, “To Comrade Demyan Bedny”, 12 de dezembro de 1930, www.marxists.org.

encontravam nas “províncias fronteiriças da Bielorrússia” e “da margem direita da Ucrânia”²⁷⁶⁴. A culpa já não era de classes como os burgueses e os *kulaks*, mas de minorias étnicas.

Os polacos foram abertamente informados de que “você estão a ser dekulakizados não por serem *kulaks* mas por serem polacos”²⁷⁶⁵, enquanto todos os alemães eram descritos como “colonizadores *kulaks* até ao tutano”²⁷⁶⁶. O irmão do segundo marido de Evguenia Ginzburg, um *volksdeutsch* da Rússia, “foi submetido a uma investigação racial, após o qual obteve um certificado a atestar que a estirpe de Walter era constituída por teutónicos de puro sangue até à quinta geração”²⁷⁶⁷. Dir-se-ia um documento racial nazi, mas tratava-se, sublinhe-se, de um certificado racial comunista. O regime comunista lançava-se assim no processo de emigração das perseguições por razões de classe, típicas de uma ditadura socialista, para as perseguições por razões de etnia, raça ou nacionalidade, características de uma ditadura nacionalista.

As portas da perseguição étnica reabriram-se em obediência explícita ao princípio da responsabilidade coletiva e da culpa por associação, princípio já usado anos antes por Lenine contra os burgueses, os *kulaks*, os camponeses, os grupos étnicos como os ucranianos e os cossacos e a população em geral e que mais tarde os nazis imitariam. Entre 1920 e 1952, mais de 20 milhões de pessoas na União Soviética foram submetidas a trabalhos forçados não pagos, isto é, escravatura, e colocadas em campos de concentração sob a tutela da polícia política comunista. O sobrevivente que pela primeira vez denunciou o que se passava nos *gulag*, S. A. Malsagoff, revelou que no verão “os prisioneiros literalmente têm de trabalhar até desmaiarem”²⁷⁶⁸. No início as vítimas ainda eram semanticamente descritas como “inimigos de classe”, como os *kulaks* e outros, mas em 1932 os comunistas generalizaram a perseguição étnica, até aí limitada a segmentos de algumas etnias, para populações inteiras segundo a sua nacionalidade ou etnia.

A palavra “contrarrevolucionário” passou a ser usada para designar minorias nacionais e étnicas, não classes como a burguesia ou os *kulaks*.

²⁷⁶⁴ Kate Brown, *A Biography of No Place – From Ethnic Borderland to Soviet Heartland*, Harvard University Press, Cambridge, 2003, p.265.

²⁷⁶⁵ Terry Martin, “The Origins of Soviet Ethnic Cleansing”, *Journal of Modern History*, nº4, Universidade de Harvard, Cambridge, 1998, p.837/838.

²⁷⁶⁶ *Idem*, p.837.

²⁷⁶⁷ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.1418.

²⁷⁶⁸ S. A. Malsagoff, *An Island Hell – A Soviet Prison in the Far-North*, A. M. Philpot Ltd, Londres, 1926, p.154/155.

Povos inteiros foram estigmatizados e perseguidos por motivos de nacionalidade ou etnia, tendo os comunistas criado o conceito de nações inimigas no interior da União Soviética. Até os judeus, que os bolcheviques originalmente encaravam com simpatia considerando o número desproporcionadamente elevado de judeus nas fileiras do partido, acabaram por ser transformados em nação inimiga. Qualquer estrangeiro era encarado com profunda desconfiança, uma xenofobia visceral que, conforme notou Victor Kravchenko, levava a que mesmo os “comunistas estrangeiros raramente mereciam a confiança na pátria do comunismo”²⁷⁶⁹ só pelo facto de serem estrangeiros. O bolchevismo concluía desse modo a transferência das perseguições de classe para as perseguições de nações e etnias, e o internacionalismo comunista tornava-se abertamente xenófobo.

As deportações de populações inteiras começaram em 1932 com os ciganos e depois passaram para os polacos, os alemães, os finlandeses, os curdos, os judeus persas, os karatchai, os kalmuques, os chechenos, os inguchetes, os balcares, os tártaros, os turcos, os khémides, os coreanos, os lazes, os kabardos e por aí fora. “Divisões armadas entram à noite na povoação do povo condenado e ocupam posições chave”, descreveu Aleksandr Solzhenitsyn. “A nação criminosa acorda e vê todas as zonas habitacionais cercadas por metralhadoras e espingardas. Dão-lhes doze horas para se prepararem e levarem tudo o que conseguirem carregar nas mãos. Forçam cada um a sentar-se de pernas cruzadas na carga de um camião, como prisioneiros (idosas, mães a amamentar bebés: sentem-se, todos vocês; obedeçam às ordens!), e os camiões levam-nos sob escolta para a estação de comboios. Dali, comboios-prisão transportam-nos para outro sítio”²⁷⁷⁰ (parênteses no original).

Lenine havia descrito a Rússia dos czares como a “prisão dos povos”²⁷⁷¹, mas o antigo prisioneiro Julius Margolin concluiu que foi a própria União Soviética bolchevique que se transformou numa verdadeira “imensa prisão dos povos”²⁷⁷². Calcula-se que vinte milhões de pessoas tenham passado pelo complexo concentracionário comunista. Ivan Chistyakov, forçado a comandar um pelotão de guardas de um campo de concentração no Baikal,

²⁷⁶⁹ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.210.

²⁷⁷⁰ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.437.

²⁷⁷¹ Vladimir Lenine, “On the National Pride of the Great Russians”, *Sotsial-Demokrat*, 12 de dezembro de 1914, www.marxists.org.

²⁷⁷² Thomas Wieder, “‘Voyage au pays des Ze-Ka’, de Julius Margolin: une voix dans la prison des peuples”, *Le Monde*, 18 de novembro de 2010.

registrou no seu diário íntimo, sem dar pormenores, que “a chegada da noite traz distúrbios, fugas, matanças”²⁷⁷³. O crime “mais comum” cometido por aqueles que iam para os *gulag*, escreveu Solzhenitsyn, era o de “pertencerem a uma nacionalidade criminosa”²⁷⁷⁴, pois “o fator aqui determinante era o *sangue*”²⁷⁷⁵ (itálico no original). A verdade é que o país se tornara mais do que uma prisão gigantesca de minorias étnicas. A palavra “deportação” sugere a transferência de populações, o que estava a acontecer em grande escala, mas as deportações envolviam sobretudo matanças em massa.

A polícia política sucessora da *Cheka* e do GPU, o Commissariado Popular dos Assuntos Internos, conhecido por NKVD, emitiu em 1937 uma série de decretos secretos, aprovados pelo *bureau* político do partido comunista soviético, a estabelecer quotas de repressão, deportação e execução. Ou seja, reprimia-se e matava-se *por quotas*. Estima-se que um terço dos tártaros da Crimeia, por exemplo, tenham sido exterminados e os registos oficiais das pessoas detidas pela polícia política por motivos de nacionalidade ou etnia mostram que a taxa de fuzilamentos de quem estava nessa situação ascendia a mais de setenta por cento. “O que fiz eu, que tipo de criminoso me tornei?”²⁷⁷⁶, questionou-se Chistyakov com amargura no seu diário privado, depois de se ver forçado a desempenhar a função de guarda num campo de concentração do Baikal, acabando por se dizer “enojado com este lugar terrível” onde “tudo é imundice e selvajaria.”²⁷⁷⁷

Os carcereiros eram, eles próprios, testemunhas das matanças em grande escala ordenadas pelo regime comunista. “Quando a prisão acumulava um grande número de prisioneiros condenados, as autoridades marcavam uma data para as execuções”, revelou Fyodor Mochulsky, um oficial do NKVD que chefiou campos dos *gulag* e que mais tarde veio a divulgar as suas experiências. “Um grupo de confiança especial do departamento de segurança da prisão de Uglich era enviado para escolher cuidadosamente um local na floresta e cavar uma vala. A vala era guardada até as execuções ocorrerem. Começando à noite e trabalhando até de manhã, os funcionários prisionais transportavam os prisioneiros condenados num camião fechado até essa vala. (...) Um de cada vez, levavam o condenado do camião até às

²⁷⁷³ Ivan Chistyakov, *The Day Will Pass Away – The Diary of a Gulag Prison Guard, 1935-1936*, Pegasus Books, Nova Iorque, 2017, p.8.

²⁷⁷⁴ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.434.

²⁷⁷⁵ *Idem*, p.31.

²⁷⁷⁶ Ivan Chistyakov, *op. cit.*, 2017, p.134.

²⁷⁷⁷ *Idem*, p.49.

valas e forçavam-no a ajoelhar-se, o rosto voltado para a vala. O executor dava-lhe então um tiro na nuca e o homem caía lá dentro”²⁷⁷⁸. Só no polígono de tiro de Butovo, por exemplo, o ritmo de execuções chegou a superar o meio milhar por dia. “O Grande Terror na URSS” registou o historiador Romain Ducoulombier, “é o maior massacre de Estado perpetrado na Europa em tempos de paz.”²⁷⁷⁹

Apesar dos fuzilamentos em massa, o maior instrumento de matança usado pelos comunistas nos campos de concentração não foram as balas, mas a exaustão pelo trabalho escravo, pelo frio e pela fome. “As pessoas aqui congelavam e morriam de fome”²⁷⁸⁰, revelou o sobrevivente dos *gulag*, Julius Margolin. “Apenas as rações de terceira e quarta categorias permitiam comer o suficiente em 1940. As de primeira e segunda condenavam-nos à morte mais tarde ou mais cedo (...) Começámos imediatamente a passar fome”²⁷⁸¹. Ora “quanto mais fome tínhamos, pior trabalhávamos. Quanto pior trabalhávamos, mais fome tínhamos. Não havia maneira de sair deste ciclo vicioso”²⁷⁸². Margolin constatou que “havia casos em que uma brigada de trinta pessoas produzia em conjunto noventa por cento de uma norma, isto é, produziam menos do que uma única pessoa deveria produzir. À noite, o chefe da brigada dividia estes noventa por cento pelas trinta pessoas, ou seja a cada uma cabia três por cento”²⁷⁸³. A situação tornou-se tão grave que em certos campos “aqueles que iam ali parar era como se fossem enterrados vivos e nunca regressariam ao círculo dos vivos.”²⁷⁸⁴

A fome nos *gulag* era tão desesperada que, quando prestou assistência aos enfermos dos campos, Evguenia Ginzburg observou que “em certos momentos tive medo de perder a razão”²⁷⁸⁵. Por seu turno, Margolin revelou que a fome permeava em permanência o universo dos prisioneiros dos *gulag*, incluindo durante o sono. “Todas as noites em todos os sonhos, em momentos completamente inesperados, sonhava com comida em todas as formas e variações”, revelou. “Sonhava com palácios gastronómicos e refeições sumptuosas; sacos largados por alguém; pão pousado na estrada;

²⁷⁷⁸ Fyodor Mochulsky, *op. cit.*, 2011, p.47.

²⁷⁷⁹ Romain Ducoulombier, *op. cit.*, 2014, p.42.

²⁷⁸⁰ Julius Margolin, *Journey into the Land of the Zeks and Back – A Memoir of the Gulag*, Oxford University Press, Nova Iorque, 2020, p.397.

²⁷⁸¹ *Idem*, p.413.

²⁷⁸² *Ibidem*, p.422.

²⁷⁸³ *Ibidem*, p.445.

²⁷⁸⁴ *Ibidem*, p.399.

²⁷⁸⁵ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.817.

algo na mesa, e de repente no meio do sonho sobre uma coisa diferente, suspendemos a respiração: o que estava na mesa desde o início do sonho é chocolate, que ninguém notava, e podemos comê-lo.”²⁷⁸⁶

Os prisioneiros que eram usados como mão-de-obra escrava e que morriam nos campos de concentração comunistas de fome, de frio ou a tiro, no entanto, já não eram predominantemente os “inimigos de classe”. Como notaram os historiadores Juliette Cadot e Marc Elie num estudo sobre os *gulag*, “a suspeita que pesava sobre a origem social foi substituída a pouco e pouco pela suspeita segundo a origem nacional ou étnica”²⁷⁸⁷, enquanto o historiador Terry Martin observou que “a limpeza étnica em massa das nacionalidades da diáspora doméstica produziu uma campanha de terror em massa contra a nova categoria das nações inimigas”²⁷⁸⁸, o que significou “uma transição mais vasta de um foco primário no terror baseado na classe para uma ênfase preponderante no terror baseado na etnia”²⁷⁸⁹. O historiador Serhii Plokhy chegou à mesma conclusão. “A etnia, não a classe, transformou-se no critério pelo qual os verdadeiros patriotas se distinguiam dos traidores”, escreveu, salientando que na nova perspectiva nacional-comunista “se os russos eram cidadãos sólidos, os não russos com pátrias tradicionais ou diásporas significativas fora da União Soviética eram vistos como potenciais traidores”²⁷⁹⁰. Também Darrell Hammer constatou que “a ideia nacionalista tornou-se um princípio central da ideologia oficial, suplantando o princípio marxista da luta de classes”²⁷⁹¹, de tal modo que, nas palavras de Terry Martin, “o Grande Terror se transformou num terror étnico.”²⁷⁹²

Nunca é de mais lembrar que, ao abrigo do princípio soviético da culpa coletiva, *todas* as pessoas pertencentes à etnia ou nacionalidade perseguida eram também perseguidas, mesmo aquelas que se encontravam separadas do seu povo. Por exemplo, os soldados da nacionalidade ou etnia perseguida

²⁷⁸⁶ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.1050.

²⁷⁸⁷ Juliette Cadot e Marc Elie, *Histoire du Goulag*, Éditions La Découverte, Paris, 2017, p.21.

²⁷⁸⁸ Terry Martin, *The Affirmative Action Empire – Nations and Nationalism in the Soviet Union, 1923-1939*, Cornell University Press, Ithaca, 2001, p.337.

²⁷⁸⁹ *Idem*, p.341.

²⁷⁹⁰ Serhii Plokhy, *Lost Kingdom – A History of Russian Nationalism From Ivan the Great to Vladimir Putin*, Penguin Books, Londres, 2018, p.256.

²⁷⁹¹ Darrell Hammer, “Russia Irredentia: Soviet Nationality Policy Reappraised”, The National Council for Soviet and East European Research, Washington, 1997, p.19.

²⁷⁹² Terry Martin, *op. cit.*, 2001, p.341.

que serviam no Exército Vermelho viam-se subitamente retirados das fileiras, despromovidos e deportados; eram-lhes mesmo subtraídas as medalhas e condecorações. Até as crianças órfãs das nacionalidades ou etnias malditas, que dificilmente podiam ser acusadas de responsabilidade por atos sediciosos, viam-se extraídas dos orfanatos e enviadas para partilhar o destino dos seus, tendo o regime comunista dado ordem de execução secreta das crianças a partir dos doze anos.

O princípio da culpa coletiva estendia-se aos menores. Desde 1921 que os comunistas fechavam as crianças em “casas de correção” com celas, grades e carcereiros, o que “na velha terminologia burguesa podiam ser chamadas prisões”²⁷⁹³, como observou Aleksandr Solzhenitsyn. Contudo, a criminalização formal das crianças com doze anos só surgiu no artigo 12 do Código Criminal de 1926, “incluindo a pena capital”²⁷⁹⁴. O comandante dos *gulag*, Fyodor Mochulsky, conheceu um executor de crianças e descreveu o fuzilamento de uma menina de catorze anos ao abrigo desta lei. “Quando a trouxeram para o local da execução, ela manteve-se firme e em silêncio. Mas quando a levaram para a vala, ela falou. Disse que não entendia porque a matavam”, relatou o comandante de alguns dos campos de concentração comunistas, revelando que “após esta execução, o executor embebedou-se até não sentir nada. Pouco tempo depois deu entrada num hospital psiquiátrico.”²⁷⁹⁵

Esta lógica da culpa por associação, de resto, também existia para os crimes políticos. “As mulheres que, na altura da detenção, estão legalmente ou de facto unidas em casamento com os condenados encontram-se igualmente sujeitas a detenção”, estabeleceu o decreto 486 do NKVD em 1937, intitulado “Sobre a Repressão das Mulheres e Filhos dos Traidores da Pátria”, ordenando “a vigilância da conduta política das crianças dos detidos”²⁷⁹⁶. Na verdade, qualquer membro da família podia ser condenado pelos “crimes” de uma pessoa. Evguenia Ginzburg, sobrevivente dos *gulag*, assistiu ao encontro da prisioneira Pava Smojlova, ou Pavochka, com o seu irmão Vania a caminho de um campo de concentração comunista e relatou o

²⁷⁹³ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.266.

²⁷⁹⁴ *Idem*, p.267.

²⁷⁹⁵ Fyodor Mochulsky, *op. cit.*, 2011, p.48.

²⁷⁹⁶ Elena Dundivich, Francesca Gori e Emanuela Guercetti, “Italian Emigration in the USSR”, in Elena Dundivich, Francesca Gori e Emanuela Guercetti (direção), *Reflections on the Gulag – With a Documentary Appendix on the Italian Victims of Repression in the USSR*, Feltrinelli Editore, Milão, 2003, p.165.

diálogo entre os dois: “‘perdoa-me, Pavochka minha, por ter sido a causa da tua desgraça...’. ‘Mas o que podias fazer, Vania?’ ‘A minha única culpa é a de ser o teu irmão’.”²⁷⁹⁷ O comunismo fazia assim de toda esta gente, incluindo as suas famílias e as próprias crianças, culpados por associação a um grupo nacional, étnico ou político, o que levou a que os jovens até aos 24 anos constituíssem “metade da população prisional”²⁷⁹⁸. Como observou Anne Applebaum, sob o regime comunista “as pessoas eram sentenciadas não pelo que tinham feito mas pelo que eram”²⁷⁹⁹, princípio persecutório dos comunistas soviéticos que os nacional-socialistas alemães mais tarde imitariam.

É certo que estas perseguições não tinham por base as teorias eugenistas, como mais tarde viria a acontecer com os nazis, mas por maiores malabarismos retóricos que se façam não há modo de negar a sua natureza discriminatória em função de nacionalidades e etnias. Crianças em que um dos pais era russo e o outro de uma nacionalidade ou etnia maldita viam-se forçadas a escolher; se escolhessem a russa imaculada ficariam livres, se optassem pela nacionalidade ou etnia em desgraça partilhariam essa desgraça. Os filhos de casamentos mistos que se salvavam deixavam no entanto os comunistas desconfortáveis pois, como observou Solzhenitsyn, “isso causava muita confusão e deixava focos de infeção em locais que deveriam estar esterilizados”²⁸⁰⁰. Neste aspeto muito significativo, o comunismo tornou-se mais uma versão do nazismo do que do fascismo. Igualmente importante, a Constituição de 1936 aboliu as discriminações de classe na União Soviética. Doravante, o que interessava aos comunistas eram as discriminações de nacionalidade e etnia, pois os inimigos já não pertenciam a classes mas a nações e etnias, e esta é uma marca indelével do nacional-socialismo.

O supremacismo nacionalista russo

Todo o processo de perseguições nacionais e étnicas foi acompanhado pela reabilitação do russismo. Perante a oposição de grande parte do partido comunista, Estaline e sobretudo Lenine haviam imposto ao longo de toda a década de 1920 a verberação dos russos como estratégia para tranquilizar e adormecer a desconfiança dos restantes grupos nacionais, mas as revoltas

²⁷⁹⁷ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.536.

²⁷⁹⁸ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.267.

²⁷⁹⁹ Anne Applebaum, *Gulag – A History*, Doubleday, Nova Iorque, 2003, p.6.

²⁸⁰⁰ Aleksandr Solzhenitsyn, *op., cit.*, 2018, p.438.

desencadeadas pela Ofensiva Socialista de 1928, a percepção de ameaça externa e a necessidade de assegurar a lealdade dos russos levaram Estaline a reverter essa política. Não só o sentimento nacionalista não desaparecera das minorias como se desenvolveram ressentimentos entre a população russa, cansada de se ver vilipendiada pelo regime.

Por outro lado, a emergência de Adolf Hitler na Alemanha acelerou na União Soviética a evolução ideológica do socialismo internacionalista soviético em direção ao socialismo nacionalista russo. A forma como o *Führer* manipulava a associação entre socialismo e nacionalismo para unir o país e obter o apoio entusiástico dos alemães impressionou os líderes comunistas em Moscovo. Hitler exaltava e mobilizava a nação alemã, gerando enorme entusiasmo popular, enquanto na União Soviética, um país onde as pessoas “trabalham por inércia, empurradas pelas fórmulas estereotipadas que lhes foram inculcadas na cabeça desde a infância”²⁸⁰¹, como observou a comunista Evguenia Ginzburg, o povo mostrava-se alheado ou até irritado com o regime. Como o galvanizar? A resposta tornava-se evidente. Estaline fizera uma defesa intransigente do internacionalismo na sua obra de 1913, *O Marxismo e a Questão Nacional*, mas relendo o texto com atenção lá estava a passagem fatídica que à luz da nova realidade tanto significado adquiria: “o nacionalismo (...) protegido pela blindagem do socialismo, é menos vulnerável e mais tenaz”²⁸⁰². Exatamente o que os nazis estavam a fazer com tanto sucesso na Alemanha.

Era hora de assumir abertamente o nacionalismo russo e usá-lo para blindar o socialismo soviético. Havia que reabilitar os russos e reconhecer que eles se encontravam no centro de todo o processo de construção da União Soviética. Em mais de uma ocasião, Estaline usou em público as palavras “russos” e “soviéticos” como se fossem sinónimos e multiplicou-se em elogios ao povo russo. Toda a máquina comunista seguiu-lhe o exemplo. O papel dos russos começou a ser enaltecido, os territórios administrativos e organismos não russos dentro da Rússia foram abolidos e a língua russa passou a ser encarada como a língua da alta cultura e assumida como a língua franca da União Soviética. A própria viúva de Lenine, a Comissária Adjunta para a Educação, Nadezhda Krupskaia, sublinhou que o russo era “a língua

²⁸⁰¹ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.762.

²⁸⁰² José Estaline, *op. cit.*, 2015, p.35.

dos revolucionários” e “o meio de comunicação entre as várias pequenas nacionalidades.”²⁸⁰³

Longe iam os tempos em que o marido sustentava ser necessário “ir ao ponto de negar a necessidade de uma língua oficial”²⁸⁰⁴. Um ataque à língua russa passou a ser equiparado a um ataque à própria revolução. O alfabeto latino, recentemente adotado, foi abandonado por troca com um regresso ao cirílico. Até os comunistas que tinham estado envolvidos no processo de nativização foram objeto de purga sob a acusação de terem promovido o nacionalismo local e regional, quando mais não tinham feito do que obedecer às ordens então emanadas de Moscovo. As aulas de história, abolidas na década anterior, foram reinstituídas nas escolas e o editorial do *Pravda* que abordou este assunto intitulava-se “Pela Pátria”, uma expressão que seria impensável usar ainda pouco tempo antes.

Todo o passado imperial russo, até ali diabolizado, passou a ser assumido com orgulho e Pushkin, poeta até esse momento ignorado pelos bolcheviques, foi de repente transformado num ícone, o mesmo acontecendo com as grandes figuras dos tempos dos czares – incluindo os próprios czares. Proibiram-se obras que escarnecessem de personalidades da história imperial russa, ao mesmo tempo que começaram a aparecer óperas como *A Vida Pelo Czar*, na verdade uma ópera que vinha do tempo dos czares, e filmes como *Pedro, o Grande*, evidentemente o czar Pedro, *Ivan, o Terrível*, um outro importante czar russo, ou *Aleksandr Nevsky*, um santo da Igreja Ortodoxa Russa. “Quem vier contra nós com a espada perecerá com a espada”, sentenciou Nevsky numa cena famosa deste filme de Sergei Eisenstein a glorificar em termos bíblicos a defesa da Rússia no Século XIII contra os suecos e os cavaleiros teutónicos, para proclamar: “essa é a lei da terra russa e sempre assim será”²⁸⁰⁵. As plateias russas iam ao delírio com estas palavras de religiosa exaltação nacional.

O orgulho nacionalista russo generalizou-se. “Estou orgulhoso como russo”, declarou o dramaturgo Konstantin Treven em comentário público às mudanças ideológicas, avisando que “ninguém pode cuspir na nossa cara”.

²⁸⁰³ Peter Blitstein, “Nation-Building or Russification? – Obligatory Russian Instruction in the Soviet Non-Russian School, 1938-1953”, in Ronald Suny e Terry Martin (direção), *op. cit.*, 2001, p.254.

²⁸⁰⁴ Vladimir Lenine, “Corrupting the Workers with Refined Nationalism”, *Put Pravdy*, 10 de maio de 1914, in Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1967, p.88.

²⁸⁰⁵ James Combs e Sara Combs, *Film Propaganda and American Politics: An Analysis and Filmography*, Routledge, Milton Park, 2014, p.49.

Outro dramaturgo, Vsevolod Vishnevsky, lembrou que “é uma lição da nossa história: não toquem no nosso povo”²⁸⁰⁶. Os jornais comunistas encheram-se de artigos e de testemunhos a expressar o orgulho russo. O conceito de pátria, central na formação do nacionalismo russo, foi reabilitado, e a população russa reagiu a todas estas transformações com um entusiasmo raramente visto no país desde a revolução. “O nosso patriotismo natural”, observou Aleksandr Solzhenitsyn, “foi de repente permitido, encorajado, enaltecido como *sagrado*”²⁸⁰⁷ (itálico no original).

As prisões enchiam-se de gente acusada dos mais variados crimes imaginários e é significativo que as vítimas do Grande Terror intuissem que o que as poderia salvar não era o discurso socialista, mas o discurso nacionalista. “A quantos detidos ouvi pronunciar em voz alta discursos ultrapatrióticos, na ingénua esperança de que o carcereiro os escutasse e fosse contar a quem de direito!”²⁸⁰⁸, registou Evguenia Ginzburg, a comunista enviada para os *gulag*.

Para suavizar a amplitude desta mudança de foco em prol do nacionalismo russo na política de nacionalidades, Estaline estabeleceu em 1935 o conceito da Amizade dos Povos, mas lembrando sempre que os russos constituíam a vanguarda – ou seja, eram um povo superior aos outros. O *Vozhd* comunista argumentou que no tempo dos czares “era política do governo fazer de um povo – o povo russo – o povo dominante, e todos os outros povos subjugados e oprimidos”, mas “a antiga desconfiança entre os povos da URSS acabou há muito tempo, essa desconfiança foi substituída por uma confiança completa e mútua”²⁸⁰⁹, pelo que o tempo de vilipendiar os russos terminara. A declaração de Estaline seria de resto devidamente explicada logo a seguir num editorial do *Pravda*, onde depois de se repetir o chavão de que “todos os povos, participantes na grande construção socialista, podem orgulhar-se dos resultados do seu trabalho”, se acrescentava algo de muito significativo: “mas primeiro entre iguais é o povo russo”²⁸¹⁰. A mensagem era clara – acima da sociedade multiétnica soviética estavam os russos, os primeiros entre iguais. Ou, como diria George Orwell, no

²⁸⁰⁶ Serhii Plokhy, *op. cit.*, 2018, p.253.

²⁸⁰⁷ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.335.

²⁸⁰⁸ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.267.

²⁸⁰⁹ José Estaline, “Speech at a Conference of the Foremost Collective Farmers of Tadjikistan and Turkmenistan”, *Pravda*, 6 de dezembro de 1935, www.marxists.org.

²⁸¹⁰ Stephen Kotkin, *Stalin – Waiting for Hitler, 1929-1941*, Penguin Press, Nova Iorque, 2017, p. 281.

nacional-comunismo todos eram iguais mas os russos eram mais iguais do que os outros.

Com a russificação empreendida na década de 1930, a União Soviética dividiu-se entre um núcleo duro russo e uma periferia não russa cada vez mais secundarizada. Esse processo não foi necessariamente guiado por preocupações raciais, que embora eliminadas da teoria neomarxista podiam naturalmente estar presentes de uma forma mais ou menos consciente na mente de membros do partido e das populações, mas por questões nacionais relacionadas com a necessidade de manter o império unido e de mobilizar a maioria russa. A ideia de Estaline até poderia não ser tanto a de impor o nacionalismo russo, embora esse tenha sido de facto o efeito prático da mudança na política de nacionalidades, mas de russificar o patriotismo soviético e transformar o russismo na cola que mantinha o império unido. É importante sublinhar que, embora profundamente flagelada, a política de nativização prosseguiu, mas com tanta discrição que se tornou secundária. O número de nacionalidades reconhecidas na União Soviética baixou drasticamente e de cerca de duzentas identificadas nos censos de 1926, passou-se para menos de sessenta em 1939, o que não foi inocente.

A Rússia passou a ser glorificada e a propaganda soviética fez remontar a superioridade russa a um milénio de história. Os russos eram tão superiores, argumentou-se, que no período mais intenso da campanha de nativização até tinham sacrificado altruisticamente os seus interesses nacionais em prol das restantes nacionalidades. Um decreto de 1938 tornou o estudo do russo obrigatório em todas as escolas não russas e o russismo reocupou uma posição de tal modo dominante que as minorias tomaram consciência de que só poderiam subir na vida se se russificassem, ao mesmo tempo que as populações russas não sentiam a menor necessidade de se misturarem com as restantes nacionalidades e etnias. Prova disso é a descoberta, pelos censos de 1989, de que apesar da forte presença russa nas regiões não russas, apenas quatro por cento dos russos existentes na União Soviética falavam fluentemente a língua de uma outra nacionalidade soviética. Os russos que viviam nas restantes repúblicas tendiam a aglomerar-se em comunidades russas e pelos vistos não se deixavam assimilar pelas populações locais.

O comunismo soviético lançou-se assim no período que Nicholas Timasheff celebrizou com a expressão “o Grande Recuo”²⁸¹¹, isto é, o abandono das políticas socialistas revolucionárias com o correspondente recuo em relação à utopia social e cultural comunista, acompanhado do regresso aos valores tradicionais e pré-revolucionários – *exatamente como acontecera com o fascismo na sua segunda fase* quando os valores socialistas dos fundadores do fascismo tiveram de retroceder para que se pudesse estabelecer um compromisso com o tradicionalismo e o conservadorismo em Itália.

Os salários na União Soviética foram diferenciados para gerar competição e promover o mérito, a exemplo do que já sucedera com relativo sucesso no período da NEP leninista. “A igualdade de rendimentos, que tinha sido um ideal soviético, foi de repente considerada um crime”, registou o governante comunista soviético Victor Kravchenko, lembrando que a “*Uravnilovka*, equalização, foi denunciada como indigna de uma sociedade socialista. O ‘máximo do Partido’, sob o qual os membros do Partido tinham sido mantidos com um rendimento não muito acima do rendimento médio, terminou, possibilitando torrentes de ganância e busca de dinheiro entre os funcionários. Prémios de produção foram introduzidos em toda a economia soviética, mesmo em tipos de trabalho onde um tal sistema de pagamentos era palpavelmente tolo, se não mesmo impossível”²⁸¹². Foi esta diferenciação dos salários que permitiu à União Soviética contratar massa crítica estrangeira, incluindo milhares de engenheiros ocidentais que a partir de 1932 contribuíram para construir fábricas em Estalinegrado, Tcheliabinsk e Gorki, e cidades-modelo como Magnitogorsk.

O comunismo soviético sofreu desse modo uma alteração profunda da sua natureza socialista a partir da década de 1930. O aborto foi proibido, ergueram-se obstáculos crescentes ao divórcio, promoveram-se os clássicos russos, recuperaram-se as tradições, reabilitaram-se os símbolos imperiais russos, elogiou-se o advento do cristianismo na Rússia e houve sobretudo uma mudança da propaganda internacionalista baseada em noções de classe para um discurso patriótico a enaltecer o nacionalismo russo. Do neomarxismo das origens quase só restava a retórica. “Apesar de uma sequência ininterrupta de fracassos e desilusões, até 1928 o

²⁸¹¹ Nicholas Timasheff, *The Great Retreat – The Growth and Decline of Communism in Russia*, E. P. Dutton & Company, Nova Iorque, 1948, p.133.

²⁸¹² Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.77.

internacionalismo dominava inteiramente a política dos governantes”, observou Timasheff na sua obra clássica sobre o Grande Recuo, para salientar que “a partir de então, passo a passo, a posição original foi sendo abandonada, primeiro subtilmente, mas ganhando crescente importância até toda a estrutura entrar em colapso.”²⁸¹³

Nada disto aconteceu necessariamente porque Estaline traía as ideias de Lenine, mas porque a aplicação das ideias de Lenine havia fomentado o nacionalismo regional e era preciso lidar com as mudanças que esse nacionalismo havia gerado. Para o historiador Terry Martin, “a emergência gradual de uma xenofobia soviética etnicizada que favorecia a dependência em relação a um núcleo russo e uma feroz resistência a toda a influência estrangeira foi uma causa dominante do Grande Recuo”²⁸¹⁴. Na verdade, “a campanha de propaganda a celebrar o papel unificador da nação e cultura russas, tal como os elogios desmesurados à língua, artes e heróis tradicionais russos, escalaram dramaticamente durante o Grande Terror”²⁸¹⁵, altura em que “as vítimas do terror eram invariavelmente apresentadas como ligadas a grupos estrangeiros anti-soviéticos e respetivos patronos governamentais” que conduziu a uma “etnização da xenofobia soviética que rodeou de crescentes suspeitas a periferia não russa e as suas ligações étnicas transfronteiriças”²⁸¹⁶. Como por seu turno concluiu David Bradenberger, consumou-se assim “uma transferência da ênfase na ideologia soviética dos trabalhadores como *classe* de vanguarda da experiência soviética para o povo russo como a sua *nação* de vanguarda” (itálico no original)²⁸¹⁷.

O fascismo comunista

O comunismo tornava-se abertamente fascista, exceto no nome. De uma ideologia e prática ostensivamente internacionalista, a ditadura bolchevista completara enfim uma migração para uma ditadura de socialismo nacionalista. Contudo, quando se procede a uma análise mais detalhada constata-se que mesmo a política internacionalista dos primeiros anos não era afinal tão internacionalista quanto à superfície se apresentava. “Somos

²⁸¹³ Nicholas Timasheff, *op. cit.*, 1948, p.155.

²⁸¹⁴ Terry Martin, *op. cit.*, 2001, p.415.

²⁸¹⁵ *Idem*, p.423.

²⁸¹⁶ *Ibidem*, p.431.

²⁸¹⁷ David Bradenberger, “Proletarian Internationalism, ‘Soviet Patriotism’ and the Rise of Russocentric Etatism During the Stalinist 1930s”, *Left History* 6, nº5, Universidade de Richmond, Richmond, 1999, p.90.

nós, proletários grandes russos com consciência de classe, alheios ao sentido do orgulho nacional?”, perguntou Lenine em 1914. “Certamente que não! Amamos a nossa língua e o nosso país”²⁸¹⁸. Quão longe estavam já estas palavras do enunciado marxista de *O Manifesto Comunista* de que os trabalhadores não tinham pátria. Assim, não é líquido que o discurso internacionalista dos comunistas correspondesse de facto a uma genuína crença no internacionalismo, pois o devir da história acabaria por revelar que a retórica internacionalista não passava afinal de uma astúcia com tonalidades nacionalistas.

É preciso ter ciente que a política de nativização constituía na realidade uma estratégia para colocar o nacionalismo ao serviço do socialismo que emanava de Moscovo, o coração da Rússia. E isto era assumido explicitamente. Não foi por acaso que Estaline definiu a política comunista como “nacional na forma, mas socialista no conteúdo”²⁸¹⁹. Os bolcheviques queriam usar o nacionalismo para fazer o socialismo, no fundo *a mesma ideia de Mussolini com o fascismo*. “‘Nacionalista na forma, socialista no conteúdo’ é a palavra de ordem que cobre o que é efetivamente um controlo policial completamente centralizado”, observou o governante comunista soviético Victor Kravchenko, sublinhando que esta política de autonomia não passava de “um mito” que “por algum motivo ganhou raízes no estrangeiro”, mas no qual “ninguém na União Soviética, como é evidente, acredita”. A prova era que “qualquer ênfase cultural entre as minorias que mostrasse a menor contradição com os dogmas comunistas era suprimida sem piedade. Centenas de ucranianos foram executados, dezenas de milhares acabaram presos e exilados, por ‘desvios nacionalistas’ e por alegados sentimentos separatistas.”²⁸²⁰

Lenine e Estaline nunca esconderam dentro do partido que o encorajamento das nacionalidades e a demonização do russismo eram instrumentos para facilitar junto das populações nativas a aceitação do socialismo e do poder central de Moscovo nas questões que realmente interessavam. Nesse sentido, tais políticas não resultavam necessariamente de uma crença sincera no internacionalismo, mas de um estratagema concebido para permitir ao socialismo domar e manipular os nacionalismos

²⁸¹⁸ Vladimir Lenine, “On the National Pride of the Great Russians”, *Sotsial-Demokrat*, 12 de dezembro de 1914, www.marxists.org.

²⁸¹⁹ Dmitry Gorenburg, “Soviet Nationalities Policy and Assimilation”, Universidade de Harvard, Boston, www.people.fas.harvard.edu

²⁸²⁰ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.65.

locais e regionais sem pôr verdadeiramente em causa o nacionalismo central, o da nação russa, escondido mas sempre presente.

Não é, aliás, por acaso que Kravchenko descreveu a política de *korenizatsiia* como um “nacionalismo de *opera bouffe*”²⁸²¹, pois não passava de uma aparência, um jogo de espelhos: “na melhor das hipóteses, a autonomia das chamadas repúblicas é uma ilusão frágil; elas têm menos autoridade independente do que os estados nos Estados Unidos. Na sua essência não passam de divisões administrativas para facilitar a governação de uma nação tão gigantesca como a Rússia, mas totalmente controladas pelo centro”²⁸²². O problema é que esta paródia orwelliana descambou numa tragédia de dimensões nunca vistas, e os próprios contornos dessa tragédia se encarregaram de demonstrar a natureza fictícia da autonomia das repúblicas. “A ruína era ainda mais sangrenta nas chamadas ‘repúblicas’ e regiões autónomas”, constatou Kravchenko, referindo-se às purgas decretadas por Moscovo nas repúblicas supostamente autónomas. “Sem exceção, as equipas dos seus governos e organizações do Partido foram exterminadas por ordens de Moscovo – um comentário eloquente sobre a sua suposta autonomia. Indústria e tecnologia, as artes e a educação, a imprensa e as forças armadas – tudo foi revirado, os seus dirigentes e personalidades mais talentosas fuziladas, presas, exiladas ou, na melhor das hipóteses, despojadas da sua influência. A tentação quando se observa a acumulação dos horrores é concentrarmo-nos nas vítimas mais famosas e importantes, quando os pogroms se estenderam a toda a população.”²⁸²³

Esse é parte do drama. Quando se fala no Grande Terror, as atenções centram-se sobretudo no pogrom dos quadros comunistas e dos russos. Acontece que a esmagadora maioria das vítimas eram não comunistas e pertenciam a outras etnias e nacionalidades, algo que o relato sobre este período tende a obscurecer, como se os comunistas e os russos fossem uma espécie de *Übermenschen* soviéticos cujo sofrimento era mais importante, mais relevante, mais merecedor de atenção do que o dos *Untermenschen*, os “sub-humanos”, essa maioria da população que, no socialismo nacionalista soviético, não pertencia ao Partido nem tinha a nacionalidade ou etnia russa, antes era formado por burgueses, *kulaks*, minorias étnicas e estrangeiros. O internacionalismo comunista estava afinal carregado de nacionalismo.

²⁸²¹ *Idem*, p.64.

²⁸²² *Ibidem*, p.389.

²⁸²³ *Ibidem*, p.303.

O próprio Lenine, de resto, deixou nas entrelinhas a ideia de que a autonomia das repúblicas não passava de uma fachada. “Dizem-nos que a Rússia se desintegrará e dividir-se-á em repúblicas separadas, mas não temos razões para recear tal coisa”, esclareceu, para insistir: “não temos nada a recear, seja qual for o número de repúblicas independentes”²⁸²⁴. O internacionalismo não passava de uma política de aparências para neutralizar os nacionalismos não russos, pelo que os russos podiam ficar descansados: a Rússia manter-se-ia unida. Não havia “nada a recear”. Não foi por acaso que, no segundo congresso do Comintern, em 1920, Lenine estabeleceu que os comunistas deviam “estar organizados da forma mais centralizada possível”, à custa de “uma disciplina de ferro a roçar a disciplina militar”²⁸²⁵. A apregoada descentralização da *korenizatsiia* não passava afinal de uma fachada, pois na realidade o poder comunista assumia a “forma mais centralizada possível.”

Os próprios socialistas estrangeiros que estiveram no país em 1917 a acompanhar a revolução bolchevique, como o belga Henri de Man, notaram o caráter nacionalista encapotado do regime de Lenine. “Na Rússia, o comunismo, cujos ideais eram os mais cosmopolitas que se possa imaginar, chegou ao poder graças à sua oposição à guerra e ao nacionalismo”, observou De Man, “e, apesar disso, os seus dirigentes tiveram necessidade da guerra e do nacionalismo para conservar o poder. Constituíram o seu governo graças à coerção militar e o apoio moral que o povo lhes dá baseia-se grandemente no seu patriotismo”²⁸²⁶. Também o escritor comunista Arthur Koestler o notou, tendo posto um personagem comunista russo de um dos seus romances a dizer que “a política da Internacional se subordinava à nossa política nacional.”²⁸²⁷

A União Soviética era um império que fingia não ser um império governado por um socialismo nacionalista que fingia não ser nacionalista. “Os czares russos fizeram muitas coisas más”, disse Estaline em 1937, “mas houve uma que fizeram que foi boa. Juntaram um enorme território até ao Kamchatka. Herdámos esse território”²⁸²⁸. A missão dos bolcheviques era

²⁸²⁴ Vladimir Lenine, “Speech at the First All-Russia Congress of the Navy”, 22 de novembro de 1917, www.marxists.org.

²⁸²⁵ Vladimir Lenine, “Terms of Admission Into Communist International”, julho de 1920, www.marxists.org.

²⁸²⁶ Henri de Man, *op. cit.*, 1974, p.283.

²⁸²⁷ Arthur Koestler, *op. cit.*, 1991, p.284.

²⁸²⁸ Jonathan Brent, “The Order of Lenin: ‘Find Some Truly Hard People’”, *The New York Times*, 22 de maio de 2017.

manter o império que haviam herdado e, se possível, alargá-lo até, uma política que, mais do que nacionalista, se tornara imperialista.

Muitos historiadores já o perceberam. “As opiniões expressas por Estaline podem ser designadas por nacional-bolcheviques”, argumentou Darrell Hammer, para quem o *Vozhd* soviético tinha na verdade como “prioridade a manutenção do império”²⁸²⁹, como o tempo acabou por demonstrar. Também Ariel Cohen viu na evolução política do regime comunista “um paradigma substituto da ideologia metropolitana imperialista”²⁸³⁰ dos czares, marcado por “um movimento geral em direção ao totalitarismo xenófobo”²⁸³¹ e por “um imperialismo sustentado no nacionalismo russo”²⁸³². Pois, como disse Serhii Plokhy, “a legitimação pelo regime de Estaline de aspetos da política e cultura imperiais russas ajudaram a mobilizar o nacionalismo russo ao serviço do Estado soviético”²⁸³³, na realidade o verdadeiro objetivo de todo o exercício.

O comunismo bolchevique revelava-se assim um imperialismo soviético com sotaque nacionalista russo. Já em 1937 Nikolai Berdyaev havia alertado que “o Ocidente tem dificuldade em entender que a Terceira Internacional não é a Internacional, mas a ideia nacional russa”²⁸³⁴ e os académicos que mergulharam nos arquivos abertos depois da queda do muro de Berlim estão agora a dar-lhe razão. “O Império da Ação Afirmativa nunca foi um objetivo bolchevique independente”, observou Terry Martin, “mas uma estratégia para impedir a emergência de um obstáculo potencialmente perigoso, o nacionalismo não russo”, razão pela qual “se Lenine tivesse escrito um texto teórico sobre a sua criação talvez lhe chamasse *União Soviética, a Fase Superior do Imperialismo*.”²⁸³⁵

Tanto assim foi que, quando na década de 1930 se tornou claro que o nacionalismo local e regional afinal não tinha sido neutralizado, o nacionalismo russo que se escondia no poder central emergiu da sombra e impôs aberta e assumidamente a sua supremacia sobre as restantes etnias e nacionalidades. Lenine e Estaline partilhavam em público com Woodrow

²⁸²⁹ Darrell Hammer, *op. cit.*, 1997, p.22.

²⁸³⁰ Ariel Cohen, *Russian Imperialism – Development and Crisis*, Praeger Publishers, Westport, 1996, p.68.

²⁸³¹ *Idem*, p.81.

²⁸³² *Ibidem*, p.82.

²⁸³³ Serhii Plokhy, *op. cit.*, 2018, p.255.

²⁸³⁴ Kevin O’Connor, *Intellectuals and Apparatchiks – Russian Nationalism and the Gorbachev Revolution*, Lexington Books, Plymouth, 2008, p.23.

²⁸³⁵ Terry Martin, *op. cit.*, 2001, p.20.

Wilson a ideia do direito inalienável dos povos à autodeterminação, mas quando os povos não russos da União Soviética se revoltaram e os movimentos separatistas assomaram à tona, essa ideia tão generosa foi de imediato colocada de parte. O direito à autodeterminação dos povos era afinal para aplicar aos outros, os povos dos outros impérios, pois dentro do império soviético não havia direito inalienável à autodeterminação para ninguém.

De resto, uma carta remetida por Estaline a Lenine em 1922 traz luz sobre o real sentido das múltiplas declarações bolcheviques a favor do direito inalienável à autodeterminação dos povos. “Durante quatro anos de guerra civil, dada a intervenção estrangeira, *fomos forçados a demonstrar o liberalismo de Moscovo na questão nacional*, conseguimos alimentar, contra a nossa vontade, um grupo de social-independentes reais e persistentes entre os comunistas que exigiam independência genuína em todos os sentidos”²⁸³⁶ (itálico no original), escreveu Estaline. Ou seja, e por admissão do próprio dirigente comunista, as suas declarações em público em prol da autodeterminação dos povos tinham sido forçadas pela fraqueza do governo bolchevique durante a guerra civil e uma eventual independência genuína dos povos seria afinal “contra a nossa vontade”. Logo que os bolcheviques saíram da posição de fraqueza, a sua verdadeira vontade emergiu – e era uma vontade nacionalista.

Inconfidências no mesmo sentido já tinham aliás sido cometidas por Nikolai Bukharin durante o congresso do partido bolchevique em 1919, quando defendeu que “se proclamamos o slogan do ‘direito das nações à autodeterminação’ para os territórios dos hotentotes, dos bosquímanos, dos negros, dos hindus, etc, não perdemos nada com isso”²⁸³⁷. Ou seja, não havia problema em defender a real autodeterminação dos povos desde que se tratassem dos povos dos *outros* impérios. O slogan da autodeterminação revelava-se assim pura tática de propaganda para marcar pontos na batalha ideológica. No mesmo congresso, Georgii Piatakov assumiu ainda mais abertamente que o reconhecimento bolchevique do direito das nações à

²⁸³⁶ Igor Torbakov, “From the Other Shore: Reflections of Russian Émigré Thinkers on Soviet Nationality Policies, 1920s-1930s”, in Tanya Chebotarev e Jared Ingersoli (direção), *Russian and East European Books and Manuscripts in the United States – Proceedings of a Conference in Honor of the Fiftieth Anniversary of the Bakhmeteff Archive of Russian and East European History and Culture*, Routledge, Nova Iorque, 2014, p.40.

²⁸³⁷ Bohdan Nahaylo e Victor Swoboda, *Soviet Desunion – A History of the Nationalities Problem in the USSR*, The Free Press, Nova Iorque, 1990, p.27.

autodeterminação não passava afinal de “um jogo diplomático que tem de se jogar em certos casos”²⁸³⁸, segundo as conveniências.

O próprio Lenine, comentando a formulação consagrada no ato de criação da União Soviética, reconheceu que “a ‘liberdade de secessão da União’ pela qual nos justificamos não é mais do que um mero pedaço de papel”²⁸³⁹. O direito à independência dos povos subordinados aos bolcheviques não era afinal genuíno, apenas formal; um “mero pedaço de papel”. Como o chefe bolchevique fez questão de sublinhar, “arranhem-se alguns comunistas e encontrarão o chauvinismo grande russo”²⁸⁴⁰. Até Lenine sabia muito bem que o nacionalismo se escondia por detrás do comunismo e que o socialismo estava impregnado de nacionalismo, lembrando que muitos comunistas eram “socialistas nas palavras e chauvinistas nos atos”²⁸⁴¹. “Este slogan” da autodeterminação, observou o historiador Terry Martin, “foi concebido para angariar apoio étnico para a revolução, não para fornecer um modelo para a governação de um estado multiétnico”²⁸⁴². Ou, como concluiu Darrell Hammer, “a autodeterminação nacional não passava de um slogan abstrato para ser explorado por razões táticas”²⁸⁴³, pois “a teoria soviética das nacionalidades, para parafrasear Estaline, era nacionalista no conteúdo e socialista na forma”²⁸⁴⁴. As máscaras caíram enfim e o internacionalismo comunista revelou a sua verdadeira natureza nacionalista.

O nacional-comunismo bolchevique intensificou-se na Segunda Guerra Mundial, altura em que o Partido Comunista Soviético inventou o conceito de “patriotismo revolucionário”. Como prelúdio para abrir caminho à guerra, Alemanha e União Soviética assinaram em 1939 o pacto nazi-comunista, pudicamente designado Ribbentrop-Molotov. “Pode-se comparar o nosso sentimento de horror ao ouvir esta notícia com o de visitantes de um zoo que veem a porta da jaula dos tigres aberta”, revelou o judeu polaco Julius

²⁸³⁸ Ronald Kowalski, *The Russian Revolution: 1917-1921*, Routledge, Londres, 2005, p.166.

²⁸³⁹ Vladimir Lenine, “The Question of Nationalities or ‘Autonomisation’”, 30 de dezembro de 1922, www.marxists.org.

²⁸⁴⁰ Vladimir Lenine, “On the Program of the Party”, 1915, www.marxists.org.

²⁸⁴¹ Vladimir Lenine, “The Tasks of the Proletariat in the Present Revolution – aka the April Theses”, *Pravda*, 7 de abril de 1917, www.marxists.org.

²⁸⁴² Terry Martin, “An Affirmative Action Empire – The Soviet Union as the Highest Form of Imperialism”, in Ronald Suny e Terry Martin (direção), *op. cit.*, 2001, p.68.

²⁸⁴³ Darrell Hammer, *op. cit.*, 1997, p.6.

²⁸⁴⁴ *Idem*, p.23.

Margolin: “as feras esfaimadas levantam-se e a porta da jaula está aberta.”²⁸⁴⁵

As feras começaram a movimentar-se para a guerra. O pacto com os nazis tinha uma cláusula secreta relativa à ocupação da Polónia. Os comunistas viram no pacto a oportunidade de expandir o império soviético para oeste, o que significava o restabelecimento do império czarista, pelo que as minorias étnicas da parte ocidental da União Soviética foram reabilitadas e assim utilizadas como pretexto legitimador do expansionismo imperial. Quando o Exército Vermelho ocupou a Polónia oriental, Moscovo alegou que o fazia para proteger as populações das etnias soviéticas. “O governo soviético considera ser seu dever sagrado estender uma mão de ajuda aos seus irmãos ucranianos e bielorrussos que vivem na Polónia”, disse o ministro dos Negócios Estrangeiros bolchevique, Vyacheslav Molotov, numa declaração revista previamente por Estaline e pelo embaixador da Alemanha nazi, sustentando que Moscovo “não podia permanecer indiferente aos seus irmãos de sangue, os ucranianos e os bielorrussos que residem na Polónia”²⁸⁴⁶. Ou seja, as razões invocadas explicitamente pelos bolcheviques para se juntarem aos nazis na invasão da Polónia nada tinham a ver com o socialismo ou as classes, mas com o “sangue”, a etnia dos povos em questão.

Logo que os soviéticos entraram na Polónia, começaram os pogroms levados a cabo pela polícia política comunista, o NKVD. “Os bolcheviques entraram num país pacífico que, como tantos outros, ou mais do que muitos outros, precisava de reformas sociais”, escreveu Margolin, que viveu essa realidade. “Num curto espaço de tempo, levaram a cabo um pogrom total. Pode-se dizer que a quantidade de mal e violência, sofrimento humano e infelicidade que causaram em tão pouco tempo excedeu tudo o que aconteceu durante séculos.”²⁸⁴⁷

Margolin evitou entrar em pormenores, mas um outro judeu polaco descreveu em detalhe o que aconteceu quando os soviéticos chegaram à parte da Polónia que os alemães não haviam ocupado. “À medida que nos aproximávamos da estação de comboios, gritos, choros e gemidos cortavam o ar, pontuados por ordens rudes em russo”, relatou Janusz Bardach sobre o início das deportações na sua povoação, constatando que “centenas de

²⁸⁴⁵ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.161.

²⁸⁴⁶ Serhii Plovkhy, “The Call of Blood – Government Propaganda and Public Response to the Soviet Entry into World War II”, *Cahiers du Monde russe*, 2011, www.journals.openedition.org.

²⁸⁴⁷ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.255.

deportados tinham sido arrebanhados na praça e eram guardados por soldados”²⁸⁴⁸. Na verdade “os soviéticos estavam na povoação havia apenas alguns meses, mas sabiam bem como transformar as pessoas em cordeiros, como lhes retirar a vontade e a dignidade e fazê-las obedecer a ordens, mesmo se essas ordens conduzissem à sua própria destruição. O NKVD sabia que o medo era o melhor guardião.”²⁸⁴⁹

Como não conheciam a povoação, os agentes do NKVD forçaram Bardach a acompanhá-los durante uma noite de rusgas. O relato desta testemunha sobre o *modus operandi* da polícia política comunista é eloquente, mas fiquemo-nos por um único dos muitos episódios que viveu nessa noite quando os homens do NKVD entraram num quintal e encontraram um jardineiro e a mulher: “Gennady largou a mulher. ‘Mentiroso!’, disse. Apontou a sua pistola à cara do homem e disparou. A mulher do jardineiro atirou-se a Gennady, arranhando-o. Ele atirou-a ao chão e apontou-lhe a pistola. O guarda noturno apareceu e quando viu a arma apontada à mulher, lançou-se a Gennady e desequilibrou-o. Kostia e Andrei armaram as suas pistolas, prontos a disparar, quando Gennady gritou, ‘deixem-no para mim! Vou-lhe mostrar o que significa atacar um oficial do NKVD. Vai lamber as minhas botas e implorar para morrer depressa’. Gennady bateu com a pistola na cara dele e tentou atingi-lo nos testículos, mas falhou e bateu-lhe no estômago. O guarda noturno dobrou-se para a frente. Gennady bateu-lhe com a pistola na cabeça. (...) A cara do guarda noturno estava desfeita. Tinha os olhos fechados, o nariz a sangrar, o lábio superior aberto em dois. Gennady endireitou-se e afastou-se. Parecia exausto e pensei que tinha terminado, mas atirou-se ao guarda noturno de novo, agarrou-o pelas orelhas e arrancou-as. Sangue jorrou para o chão. Afastei-me e vomitei. Enquanto Gennady pontapeava de novo o guarda noturno, a minha visão periférica captou movimento na traseira do celeiro; Kostia e Andrei arrastavam a mulher do jardineiro para um canto. Ela gritava e contorcia-se, tentando libertar os membros. Andrei segurou-lhe os braços enquanto Kostia lhe abria as pernas. Ela berrava selvaticamente e Kostia esbofeteou-a e praguejou. Quando Gennady se aproximou, Kostia levantou-se e puxou as calças para cima.”²⁸⁵⁰

²⁸⁴⁸ Januzs Bardach, *Man is Wolf to Man – Surviving the Gulag*, University of California Press, Berkeley, 1999, p.41.

²⁸⁴⁹ *Idem*, p.42.

²⁸⁵⁰ *Ibidem*, p.48.

Os comunistas perseguiram os polacos, e os judeus em particular, de forma encarniçada. Quando Julius Margolin foi detido pelos soviéticos e enviado para a prisão, constatou que “a cela era inteiramente ocupada por judeus”²⁸⁵¹. Os comunistas deportaram então os judeus polacos para a União Soviética. “A notícia espalhou-se pela população local nas estações de comboios onde parávamos dizendo que ‘eles estão a transportar judeus’”, revelou Margolin, recordando que “uma multidão acumulava-se junto às carruagens, mas os guardas não a deixavam aproximar-se mais”²⁸⁵². Já “do outro lado da fronteira soviética, deixámos de causar sensação. Tornou-se claro para nós que para os cidadãos soviéticos um comboio como o nosso era um espetáculo normal, uma parte da vida quotidiana, nada de especial.”²⁸⁵³

Ao longo de todo este período, os comunistas vivam uma verdadeira lua-de-mel com os nacional-socialistas. Na altura da invasão alemã da França em 1940, um relatório do ministério da Economia do Reich registou os esforços do governo soviético para entregar à Alemanha nazi matérias-primas urgentemente necessárias para o esforço de guerra alemão. Na sequência de um tratado económico entre as duas partes, os soviéticos assumiram o compromisso de fornecer à Alemanha um milhão de toneladas de cereais, novecentas mil toneladas de petróleo, mais de meio milhão de toneladas de vários metais, a maior parte ferro, e ainda grandes quantidades de borracha e outros materiais. “Os abastecimentos dos russos foram até agora uma muito substancial ajuda à economia de guerra alemã”²⁸⁵⁴, congratulou-se então o responsável da Alemanha nazi pelas negociações económicas com os soviéticos, Karl Schnurre. “Até ao verão de 1940, a União Soviética tornou-se o mais importante abastecedor de matérias-primas do Reich alemão”²⁸⁵⁵, constatou o historiador Heinrich Schwendemann, sublinhando que “aquelas que vieram a ser as grandes superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética, apoiavam respetivamente um dos países beligerantes, a Inglaterra e a Alemanha”²⁸⁵⁶. Os comunistas contribuíam assim ativamente para as vitórias militares dos seus parceiros nacional-

²⁸⁵¹ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.343.

²⁸⁵² *Idem*, p.370.

²⁸⁵³ *Ibidem*, p.375.

²⁸⁵⁴ Edward Ericson, “Karl Schnurre and the Evolution of Nazi-Soviet Relations, 1936-1941”, *German Studies Review*, Volume 21, Número 2, maio de 1998, p.276.

²⁸⁵⁵ Heinrich Schwendemann, “German-Soviet Economic Relation at the Time of the Hitler-Stalin Pact 1939-1941”, *Cahiers du Monde russe*, XXXVI (1-2), janeiro-junho de 1995, p.161/162.

²⁸⁵⁶ *Idem*, p.162.

socialistas. De resto, o sucesso bélico dos nazis em território francês foi tão bem-acolhido em Moscovo que Molotov convocou o embaixador alemão a 18 de junho para lhe expressar “os mais calorosos parabéns do governo soviético pelos esplêndidos sucessos da Wehrmacht alemã.”²⁸⁵⁷

Os comunistas pareceram nesta altura ficar fascinados com as políticas antissemitas dos nacional-socialistas, ao ponto de começarem a maltratar os judeus pelo facto de serem judeus. A situação para estes tornou-se tão má na União Soviética que Julius Margolin, então a caminho dos *gulag*, deparou-se com judeus polacos que, por incrível que pareça, optaram por voltar para o setor nazi. “As condições existentes sob o regime soviético eram tais que as pessoas preferiam regressar ao jugo alemão e usar a estrela amarela”²⁸⁵⁸, escreveu Margolin, constatando que “a perspectiva de permanecer para sempre no reino de Estaline instituiu um pânico horrorizado nos refugiados”²⁸⁵⁹. Na verdade, “até à primavera de 1940, os judeus preferiam o *ghetto* alemão à igualdade de direitos soviética.”²⁸⁶⁰

A convergência entre a Alemanha nazi e a União Soviética comunista tornou-se visível até na deportação de judeus. “No outono de 1939, um considerável número de judeus vienenses chegou a Lvov, que estava ocupada por tropas soviéticas”, constatou Margolin, revelando que “os alemães levaram-nos para a fronteira soviética e as tropas SS transferiram-nos à noite para o lado soviético”²⁸⁶¹. Uma vez esses judeus do outro lado da fronteira, “o regime soviético prendeu-os e condenou-os a trabalho forçado nos campos por cruzarem ilegalmente a fronteira.”²⁸⁶²

Para além da cooperação na perseguição aos judeus, testemunhadas por estes, os dois países estreitaram também os laços culturais e puseram-se a enaltecer suas afinidades socialistas contra o capitalismo. “Qualquer sussurro contra a Alemanha, qualquer palavra de simpatia pelas vítimas de Hitler, era tratado como uma nova forma de contrarrevolução”²⁸⁶³, constatou o governante comunista soviético, Victor Kravchenko, sobre o clima pró-nazi que se instalou entre os comunistas na União Soviética. “Voks, a Sociedade para as Relações Culturais com Países Estrangeiros, descobriu

²⁸⁵⁷ Williamson Murray e Allan Reed Millett, *A War to be Won – Fighting the Second World War*, The Belknap Press, Harvard College, Cambridge, 2001, p.90.

²⁸⁵⁸ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.280.

²⁸⁵⁹ *Idem*, p.280/281.

²⁸⁶⁰ *Ibidem*, p.281.

²⁸⁶¹ *Ibidem*, p.554.

²⁸⁶² *Ibidem*, p.555.

²⁸⁶³ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.335.

instantaneamente as maravilhas da *Kultur* alemã. De visita a Moscovo em trabalho, apercebi-me que múltiplas exposições sobre a arte nazi, as proezas económicas nazis e a glória militar nazi estavam em exibição ou a serem preparadas. Os teatros da capital desenvolveram um grande interesse pela arte dramática alemã. Na verdade, tudo o que era germânico estava na moda. (...) Centenas de militares e funcionários comerciais alemães eram visíveis nos hotéis e nas lojas. Estavam ocupados com o gigantesco programa de ajuda económica soviética para a cruzada de Hitler contra as ‘democracias degeneradas’.”²⁸⁶⁴

Até as aulas de doutrinação comunistas passaram a louvar o nazismo. A comunista Evguenia Ginzburg frequentou nos *gulag* lições de “educação política”, ministradas pela ideóloga comunista ortodoxa Yevdokia Ivanovna, onde se analisaram os elogios dos dirigentes soviéticos ao regime nacional-socialista, em particular um discurso de Molotov. “Nesse discurso falava-se no significado progressista do regime hitleriano, que tanto havia trabalhado para reforçar a economia alemã”, recordou a sobrevivente dos campos de concentração comunistas, enumerando os elogios soviéticos às políticas nazis: “o desemprego tinha desaparecido. Construíam-se novas autoestradas. Em oito anos de governo nacional-socialista, a Alemanha, um país em ruínas, vergado pelo tratado de Versalhes, tornara-se uma das potências mais avançadas da Europa”²⁸⁶⁵. Concluiu Ginzburg: “em certo momento da sua aula, Yevdokia Ivanovna baixou um pouco a voz e aconselhou-nos, em tom confidencial, que, dado o particular momento histórico das nossas relações com o poderoso país vizinho, não devíamos usar a expressão ‘fascistas’, mas a expressão ‘nacional-socialistas alemães’”²⁸⁶⁶. Pelos vistos para os comunistas os nazis eram afinal camaradas socialistas.

Fechado no Campo 48 dos *gulag*, Julius Margolin foi outra das testemunhas da amizade nazi-comunista em múltiplos setores, incluindo na política contra os judeus. “O antissemitismo intensificava-se no campo em linha com os sucessos de Hitler”²⁸⁶⁷, escreveu o *zek* judeu polaco. “Podia-se observar aqui que o racismo alemão conquistava corações e atraía simpatias, criando os pré-requisitos psicológicos para a aproximação política. Os raros jornais soviéticos que chegavam ao campo nessa altura estavam cheios de propaganda pró-alemã. Mais tarde, a imprensa soviética nunca noticiou os

²⁸⁶⁴ *Idem*, p.334.

²⁸⁶⁵ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.750/751.

²⁸⁶⁶ *Idem*, p.751.

²⁸⁶⁷ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.737.

discursos de Churchill da mesma forma que noticiou os de Hitler antes da grande rotura: chegavam a ocupar metade de uma página. Todas as flechas de ironia e crítica eram apontadas ao voraz imperialismo anglo-americano. Quando os italianos invadiram a Grécia no início de 1941, no Campo 48 o instrutor político explicou condescendentemente que o culpado era... a Grécia (...) A turba do campo chegou às suas próprias conclusões: Hitler tem razão, é preciso dar cabo dos judeus.”²⁸⁶⁸

A Alemanha era tão avançada, e os nazis tão próximos da comunista União Soviética, que, conforme notou o governante soviético Kravchenko, “durante o período do pacto, Estaline ajudou Hitler a conquistar a Europa ao fornecer-lhe metais, minérios, petróleo, cereais, carne, manteiga e todo o tipo concebível de materiais, segundo os termos do pacto económico”²⁸⁶⁹. Ou seja, os comunistas ajudaram ativamente os nazis na guerra contra as democracias liberais, algo confirmado no terreno por Margolin, que testemunhou atos de ajuda comunista aos nacional-socialistas, como o fornecimento de abastecimentos alimentares em preparação para a invasão alemã da Noruega.

A cereja no cimo do bolo seria a adesão da União Soviética ao Eixo. Ninguém desconhece que o Pacto do Eixo uniu os diversos fascismos genéricos do seu tempo, o da Alemanha, o da Itália e o do Japão. Menos conhecido é que, no final de 1940, a União Soviética foi convidada para integrar o Eixo. Quem pensar que os comunistas rejeitaram liminarmente tal possibilidade por se oporem terminantemente ao fascismo, não poderá estar mais enganado. Em resposta ao convite, Moscovo enviou Molotov a Berlim com instruções explícitas para “explorar a possibilidade de chegar a um acordo com a Alemanha (e a Itália) sobre isto”²⁸⁷⁰ (parênteses no original). Ou seja, *os comunistas aceitavam integrar o Eixo*. Mas com condições. A contra-proposta comunista previa que, para integrar o Eixo, a União Soviética ficaria com determinadas zonas de influência na Europa. Hitler não aceitou e a União Soviética não aderiu.

É, no entanto, pleno de significado que os comunistas tivessem sido convidados a integrar o Eixo e, mais importante ainda, tivessem contemplado seriamente aderir ao pacto fascista. Ao fazê-lo, disseram tudo sobre a verdadeira natureza do seu regime.

²⁸⁶⁸ *Idem*, p.737/738.

²⁸⁶⁹ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.364.

²⁸⁷⁰ Vyacheslav Molotov, “Stalin’s Instructions to Molotov On His Trip to Berlin (9 November 1940)”, 18 de outubro de 2022, min.news.com.

O fim da aliança nazi-comunista

Quando no ano seguinte a Alemanha invadiu a União Soviética, usando para a operação militar as matérias-primas que os próprios soviéticos lhes tinham fornecido para poderem invadir outros países, os comunistas foram apanhados totalmente de surpresa. Estaline ficou de tal modo chocado que nem se conseguiu dirigir à nação. Ou talvez fosse do embaraço. O facto é que essa tarefa foi mais uma vez entregue a Molotov, que leu na rádio um texto verificado pelo ditador comunista. “O governo soviético emitiu uma ordem às nossas tropas para que rechacem o ataque infame e expulsem as tropas alemãs da nossa Pátria”, declarou, expressando a “inabalável convicção de que os nossos valentes Exército e Marinha e os ousados falcões da Força Aérea soviética honrarão os seus deveres para com a Pátria.”²⁸⁷¹

Com a *pátria*.

A invasão alemã e a súbita inflexão da retórica pró-nazi e anti-democracias liberais dos comunistas, tornando-se de um dia para o outro anti-nazi e pró-democracias liberais, geraram a estupefação geral entre os dirigentes e militantes comunistas soviéticos e também a população. “As palavras gaguejadas e lacrimosas de Molotov deixaram-nos a todos atónitos”, revelou Kravchenko, sublinhando que “não nos era ainda fácil referirmo-nos aos ‘países democráticos’ sem uma inflexão irónica ou criticar os alemães que ainda ontem eram as vítimas do belicismo imperialista.”²⁸⁷²

Dois dias depois do discurso de Molotov, dois músicos escreveram *A Guerra Sagrada*, uma canção que tocava nos temas do nacionalismo russo pré-revolucionário e que até ao final da guerra abriria todas as emissões da rádio soviética com os versos “levanta-te, país gigante” e “não deixaremos que as asas sombrias voem sobre a Pátria”²⁸⁷³. Sempre a pátria. A palavra seria repetida logo a seguir pelo *Pravda* num artigo em que se apelava à “defesa da pátria.”²⁸⁷⁴

A Segunda Guerra Mundial passou assim a ser designada na União Soviética por Grande Guerra Patriótica, expressão ainda hoje utilizada na

²⁸⁷¹ Vyacheslav Molotov, “Radio Address of 22 June 1941”, *Novosti*, www.mishalov.com/Molotov_22June41

²⁸⁷² Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.353.

²⁸⁷³ Vasilij Lebedev-Kumach, *The Sacred War*, 1941, Essence of Time, www.eu.eot.su.

²⁸⁷⁴ John Barber, “The Image of Stalin in Soviet Propaganda and Public Opinion During World War II”, in John Garrard e Carol Garrard (direção), *World War II and the Soviet People – Selected Papers from the Fourth World Congress for Soviet and Eastern European Studies*, Harrogate, 1990, St Martin’s Press, Nova Iorque, 1993, p.41.

Rússia para definir o conflito. Não foi por coincidência que a palavra “pátria” se tornou de uso corrente no país. Na União Soviética já não havia proletários nem burgueses, apenas soviéticos – acima de tudo os russos. A nação tornara-se infinitamente mais importante do que a classe. A ideologia comunista assumira contornos *Völkisch*, para usar a expressão cara aos nazis, e baseava-se no *vozhdizm*, o culto do líder, o *Vozhd*, princípio que os nacional-socialistas alemães conheciam como *Führerprinzip*.

Discursando cinco meses depois na Praça Vermelha para celebrar o Dia da Grande Revolução Socialista de Outubro, Estaline lançou um apelo à resistência ao invasor. “Que os exemplos viris dos nossos grandes antepassados – Alexander Nevsky, Dimitry Donskoy, Kuzma Minin, Dimitry Pozharsky, Alexander Suvorov e Mikhail Kutuzov – vos inspirem nesta guerra!”, declarou, glorificando até figuras antirrevolucionárias e conseguindo a proeza de não fazer uma única referência a um herói não russo da União Soviética. O *Vozhd* comunista terminou o seu discurso com um “viva a nossa gloriosa Pátria, a sua liberdade e a sua independência! Sob a bandeira de Lenine, avante para a vitória!”²⁸⁷⁵

A retórica socialista fora para a gaveta. Como fascistas que se tornaram, os comunistas já sabiam perfeitamente que o mito que galvanizava as pessoas que viviam sob o seu regime não era o socialismo, mas a nação, pelo que na hora da aflição assumiram ainda mais explicitamente a sua versão do socialismo nacionalista. O povo não lutava pelo materialismo histórico nem pela teoria da mais-valia, mas pela sua terra e pelas suas gentes. “As pessoas eram motivadas por um inquestionável amor pela sua pátria”²⁸⁷⁶, constatou o governante comunista soviético Victor Kravchenko, salientando que “ninguém sabia isto melhor do que a própria clique no Kremlin, como o demonstram todos os seus apelos à Guerra Patriótica”²⁸⁷⁷. Tal como Mussolini e Hitler, Estaline percebera muito bem que seria o mito da nação que mobilizaria a população. O tradicionalismo aprofundou-se e a Igreja Ortodoxa Russa foi autorizada a eleger o patriarca de Moscovo, lugar vago desde a década de 1920. Na frente de batalha, os soldados soviéticos não gritavam pelo socialismo nem pelo internacionalismo, mas sempre “pela

²⁸⁷⁵ José Estaline, “Speech at the Red Army Parade on the Red Square, Moscow”, 7 de novembro de 1941, www.marxists.org.

²⁸⁷⁶ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.367.

²⁸⁷⁷ *Idem*, p.361.

pátria!”²⁸⁷⁸ A letra das canções cantadas nos regimentos era eloquente: “Para a batalha pela nossa terra! Para a batalha por Estaline!”²⁸⁷⁹

Esta viragem ostensiva para o nacionalismo foi testemunhada pelos prisioneiros com o aparecimento de novos cartazes nos *gulag*. “Os cartazes são patrióticos: ‘A pátria chama!’ ou ‘Unidos na Luta contra os Invasores Fascistas!’”, descreveu Julius Margolin, notando que a partir desse momento “a pátria conta com o patriotismo dos presos, pessoas isoladas e privadas do uso da palavra ‘camarada’.”²⁸⁸⁰ A pirueta nacionalista na retórica comunista sobre os *zeks* foi completa. “Até ao verão de 1941, a pátria considerava-os gado de trabalho e um perigo para o Estado”, notou Margolin sobre a forma como o regime encarava os prisioneiros dos *gulag*. “Agora, com a catástrofe militar, quando os alemães penetraram profundamente na Rússia, a pátria ainda os mantém nos campos mas espera que sejam patrióticos!”²⁸⁸¹

Como o discurso abertamente nacionalista ia frontalmente contra a doutrina marxista, contudo, os bolcheviques defenderam-se com jogos semânticos, alegando que eram patriotas mas não nacionalistas. Para a historiografia, este argumento de *newspeak* orwelliano evidentemente não colhe. “O início das hostilidades com a Alemanha em 1941 conduziu a um escalar da retórica agitacional russocêntrica”²⁸⁸², constatou David Bradenberger, para quem “os tradicionais apelos em torno dos temas ‘soviéticos’ (como o socialismo, o culto de personalidade) foram imediatamente abandonados em favor de um novo repertório de slogans que jogavam com emoções como o orgulho e a vingança até ao desejo de proteger os amigos, a família e a pátria” (parênteses no original)²⁸⁸³.

Já Lowell Tillett foi ainda mais categórico. “Quaisquer que possam ter sido os pontos subtis que distinguiam o novo patriotismo soviético do velho nacionalismo russo, depressa se perderam no meio da grande emergência”, notou o historiador, sublinhando que “sem grande preocupação com o que Marx ou Lenine tinham dito sobre o tema, os ideólogos soviéticos apostaram

²⁸⁷⁸ E. S. Williams, *The Soviet Military – Political Education, Training and Morale*, Palgrave Macmillan, Nova Iorque, 1986, p.21.

²⁸⁷⁹ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.375.

²⁸⁸⁰ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.974.

²⁸⁸¹ *Idem*, p.975.

²⁸⁸² David Bradenberger, “... It Is Imperative to Advance Russian Nationalism as the First Priority – Debates Within the Stalinist Ideological Establishment, 1941-1945”, in Ronald Suny e Terry Martin (direção), *op. cit.*, 2001, p.275.

²⁸⁸³ *Idem*, p.277.

na ênfase na grandeza militar pré-revolucionária – o que significava grandeza russa, quase ao ponto da exclusão das restantes nacionalidades”²⁸⁸⁴. De resto, os próprios ideólogos comunistas acabaram por assumir que era de facto de nacionalismo ostensivo que se tratava. “É imperativo colocarmos o nacionalismo russo como primeira prioridade”²⁸⁸⁵, escreveu A. I. Iakovlev, um dos principais historiadores do regime, ao explicar durante a guerra a nova política de propaganda bolchevique.

Símbolos inequívocos da colagem comunista ao nacionalismo foram a abolição da Internacional Socialista em 1943 e sobretudo a mudança em 1944 do hino da União Soviética. *A Internacional* foi substituída por um novo hino cuja letra de Sergey Mikhalkov e Gabriel El-Registan, corrigida e aprovada por Estaline, incluía versos abertamente nacionalistas como “viva a nossa pátria soviética” e “a nossa glória viverá na memória das nações”²⁸⁸⁶. O hino internacionalista fora trocado por um hino nacionalista, sinal evidente de que por detrás do internacionalismo socialista soviético se escondia o imperialismo nacionalista russo. Foi com o nacionalismo que o socialismo soviético sobreviveu.

Quem viveu esse período sabe-o. “Só a lutar pela Santa Rússia o Ivan travou os alemães no Volga”²⁸⁸⁷, sublinhou Aleksandr Solzhenitsyn, ao mesmo tempo que Victor Kravchenko falava na “poderosa emergência do patriotismo” na União Soviética e sublinhava que a vitória “não foi um milagre soviético, mas russo” e “nada tinha a ver com Karl Marx e Estaline”²⁸⁸⁸. Não foi, pois, com o socialismo que a União Soviética se salvou; foi com o nacionalismo. Os próprios fascistas o notaram, com Giovanni Dolfín a registar no seu diário: “Estaline soube fazer do comunismo um ideal patriótico.”²⁸⁸⁹

Quando a Grande Guerra Patriótica acabou, Estaline celebrou a vitória dizendo que “gostaria de propor um brinde à saúde do povo soviético, e em

²⁸⁸⁴ David Bradenberger, *National Bolshevism – Stalinist Mass Culture and the Formation of Modern Russian National Identity, 1931-1956*, Harvard University Press, Cambridge, 2002, p.120.

²⁸⁸⁵ David Bradenberger, “... It Is Imperative to Advance Russian Nationalism as the First Priority – Debates Within the Stalinist Ideological Establishment, 1941-1945”, in Ronald Suny e Terry Martin (direção), *op. cit.*, 2001, p.280.

²⁸⁸⁶ Sergey Mikhalkov e Gabriel El-Registan, “The Soviet National Anthem”, 1944, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁸⁸⁷ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.337.

²⁸⁸⁸ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.402.

²⁸⁸⁹ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1997, p.454.

primeiro lugar o povo russo”²⁸⁹⁰. Os russos sempre “em primeiro lugar”, até porque, como explicou Kravchenko, “os valores morais do velho patriotismo nacional tinham de ser explorados até ao limite”²⁸⁹¹. Assim sendo, a supremacia dos russos sobre as restantes nacionalidades e etnias estava definitivamente consagrada no nacional-comunismo bolchevique.

O nacionalismo comunista do pós-guerra

A postura nacionalista do comunismo intensificou-se após a Segunda Guerra Mundial. Antes do conflito, o regime impedia os cidadãos soviéticos de visitar o Ocidente, mas a guerra levou o Exército Vermelho para o centro da Europa e Moscovo receava que os seus soldados fossem contaminados por ideias estrangeiras. Daí que, com o fim da Segunda Guerra Mundial, as populações russas dos territórios ocupados pela Alemanha e os prisioneiros russos libertados pelos alemães tivessem sido sujeitos a violentas purgas, com execuções e deportações em massa. Era fundamental que o bacilo das ideias que vinham de fora fosse morto antes que se espalhasse pela nação.

Aliás, qualquer pessoa que tivesse uma experiência no estrangeiro encontrava-se em risco. “Em regra eles não eram culpados de nada, mas tinham simplesmente estado no Ocidente e sido libertados das prisões alemãs pelos americanos”, explicou Aleksandr Solzhenitsyn, sublinhando que “isto era considerado um ato criminoso: ser libertado pelos americanos. Significa que tinham visto a boa vida. Se regressassem podiam falar nisto”²⁸⁹². O escravo Januzs Bardach conheceu mesmo nos *gulag* um recluso que esteve no Ocidente e que, “após elogiar a qualidade de vida que viu noutros países, foi preso e condenado a dez anos de trabalhos forçados nos campos.”²⁸⁹³

Para além da violência pura e simples, outra estratégia para fazer frente ao bacilo estrangeiro foi a consolidação da propaganda em prol do “patriotismo soviético”²⁸⁹⁴, como eufemisticamente era designado o nacionalismo russo. Ao ser libertada dos *gulag*, Evguenia Ginzburg foi trabalhar para um infantário e foi-lhe apresentado o programa pedagógico a regular a educação das crianças soviéticas. “No capítulo ‘Educação

²⁸⁹⁰ José Estaline, “Toast to the Russian People at a Reception in Honour of Red Army Commanders Given by the Soviet Government in the Kremlin on Thursday, May 24, 1945”, 24 de maio de 1945, www.marxists.org.

²⁸⁹¹ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.422.

²⁸⁹² Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2019, p.30.

²⁸⁹³ Januzs Bardach, *op. cit.*, 1999, p.387.

²⁸⁹⁴ “About One Anti-Patriotic Group of Theatre Critics”, *Pravda*, 28 de janeiro de 1949, www.cyberussr.com.

Patriótica’ exigia-se que o educador fomentasse nas crianças não apenas o amor à pátria como também os sentimentos de ódio para com os seus inimigos”²⁸⁹⁵, constatou a sobrevivente do sistema concentracionário comunista, que durante as brincadeiras das crianças verificou que “os educadores mantinham-se de parte e só tinham que eventualmente restabelecer a calma, velar pelo bom uso dos brinquedos comuns e, sobretudo, anotar nos seus cadernos, na coluna ‘informações’, a que jogos haviam brincado as crianças e como haviam manifestado nesses jogos os sentimentos de patriotismo soviético, de ódio aos inimigos e coisas do género”²⁸⁹⁶. Em suma, até a pedagogia infantil dos comunistas requeria doutrinação nacionalista.

Um momento importante foi a reunião no Kremlin, em 1947, entre a liderança comunista e os dirigentes do Sindicato dos Escritores Soviéticos para uma conversa sobre o patriotismo soviético. Foi nessa ocasião que Estaline entregou aos escritores novas diretivas do guião nacionalista e se desencadeou a chamada campanha contra o cosmopolitismo, eufemismo para internacionalismo. Os académicos chegaram a ser atacados pelo crime de usarem palavras estrangeiras e um crítico literário que insinuou influências ocidentais na poesia de Pushkin foi publicamente denunciado e humilhado.

Quando perguntaram em público ao importante historiador militar, P. A. Zhilin, porque não utilizava fontes francesas no seu trabalho, ele respondeu: “não uso material inimigo”²⁸⁹⁷. A sala reverberou de aplausos. O Comité Central do Partido Comunista Soviético decidiu mesmo emitir um decreto a criticar uma ópera cuja ação decorria em 1918-1920 por dar “a impressão errada de que os povos do Cáucaso como os georgianos e os ossetas eram naquela época hostis ao povo russo, o que é historicamente falso, uma vez que o principal obstáculo ao estabelecimento da amizade entre esses povos em tal período no norte do Cáucaso eram os ingushetes e os chechenos”²⁸⁹⁸. A demonização de minorias étnicas como os ingushetes e dos chechenos é significativa, pois estes dois povos tinham sido deportados em massa em

²⁸⁹⁵ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.1148/1149.

²⁸⁹⁶ *Idem*, p.1161/1162.

²⁸⁹⁷ “About One Anti-Patriotic Group of Theatre Critics”, *Pravda*, 28 de janeiro de 1949, www.cyberussr.com.

²⁸⁹⁸ Comité Central do Partido Comunista Soviético, “On the Opera *Velikaya Druzhba* By V. Muradeli”, 10 de fevereiro de 1948, www.dschiournal.com.

1944. A mensagem era a de que quem se opusesse aos russos acabaria diabolizado e punido.

O discurso nacionalista voltou a ser intenso, com uma retórica de combate ao antipatriotismo e a tudo o que não fosse russo. A sociedade soviética foi dividida entre bons e maus, russos e não russos, patriotas e antipatriotas. “Para impedir que as ideias ocidentais se espalhassem pela sociedade soviética depois da guerra, as autoridades levaram a cabo campanhas de propaganda anti-ocidental e continuaram a promover imagens e temas nacionalistas russos”, observaram os historiadores Konstantin Azadovskii e Boris Egorov, sublinhando que “a vontade de enfatizar o nacionalismo russo em vez das considerações de classe já tinha sido evidente nas décadas de 1920 e 1930, mas atingiu novas dimensões após a Segunda Guerra Mundial”, com “pronunciamentos nacionalistas mais vastos e virulentos.”²⁸⁹⁹

A campanha contra os “traidores nacionais”²⁹⁰⁰ supostamente cosmopolitas tornou-se mais um momento de afirmação do nacionalismo russo, o que implicava a repressão do nacionalismo regional dos muitos povos existentes na União Soviética que ameaçavam a integridade nacional. A ação contra o cosmopolitismo “atribuía aos russos virtualmente todas as invenções e descobertas feitas pelo homem”, observou o historiador Louis Leo Snyder, pois estava sempre em causa o “prestígio nacional”²⁹⁰¹. A campanha centrou-se na superioridade dos soviéticos, o que no contexto bizantino do jargão bolchevique daquela época significava especificamente a superioridade dos russos, um tema familiar aos nacional-socialistas alemães. Vilho Harle considerou que “isto constituiu uma grande mudança para o marxismo, deslocando-se da celebração original do internacionalismo para o mais exclusivista e estreito nacionalismo.”²⁹⁰²

Não só os russos eram colocados em posição de superioridade na relação interna com outras etnias existentes na União Soviética como isso acontecia também, de uma forma subtil, em relação aos países estrangeiros, embora não por razões ostensivamente nacionalistas, mesmo que elas estejam implícitas, mas socialistas. “Pelo menos conseguimos um pouco de sal ou

²⁸⁹⁹ Konstantin Azadovskii e Boris Egorov, “From Anti-Westernism to Anti-Semitism”, *Journal of Cold War Studies*, 4:1, inverno de 2002, www.harvard.edu.

²⁹⁰⁰ Paul Goble, “Moscow Needs a New Anti-Cosmopolitan Campaign, Russian Historian Says”, 28 de abril de 2014, www.interpretermag.com

²⁹⁰¹ Louis Leo Snyder, *The New Nationalism*, 2ª edição, Transaction Publishers, New Brunswick, 2009, p.305.

²⁹⁰² Vilho Harle, *The Enemy with a Thousand Faces – The Tradition of the Other in Western Political Thought and History*, Praeger Publisher, Westport, 2000, p.126.

de açúcar ou de querosene de vez em quando. Mas como será nos países capitalistas? Suponho que por lá morram à fome”²⁹⁰³, disse uma mulher citada por Nadezhda Mandelstam. Esta escritora russa observou que “mesmo hoje os estudantes acreditam que a educação só é possível sob o socialismo, e que ‘lá fora’ as pessoas estão mergulhadas na ignorância”. Mandelstam recordou uma outra conversa do gênero: “tentei explicar que ‘lá fora’ ninguém precisa de uma autorização para viver numa cidade, mas ninguém acreditou em mim: uma vez que tudo era pior ‘lá fora’, as dificuldades com as autorizações de residência deveriam ser tremendas. Como poderia alguém viver numa cidade sem autorização? Seria imediatamente apanhado!”²⁹⁰⁴

Julius Margolin atribuiu um tal nível de ignorância sobre a realidade do Ocidente às práticas totalitárias do regime comunista. “Milhões de soviéticos, que desde a infância ouviam a mesma coisa vezes sem conta e que nunca escutaram nenhuma outra rádio que não fosse a soviética, estão indefesos perante a sua influência sistemática”, escreveu. “Não é preciso convencer; basta repetir. Se a rádio repetisse três vezes por dia durante vinte e cinco anos que dois mais são cinco, isto também se tornaria a convicção normal dos cidadãos soviéticos. Este é o terrível perigo de embrutecimento que a tecnologia contemporânea cria em países com um regime totalitário. No campo (de concentração) não tínhamos pão suficiente, mas precisamente por causa disso tínhamos demasiada rádio, ‘ópio das massas’ segundo a receita do politburo. Só no campo percebi o sentido da expressão ‘liberdade de escolha’, e creio que uma curta passagem pelos campos daria a qualquer cético ocidental uma melhor compreensão do sentido da liberdade política de que ele goza e das liberdades democráticas que o mimam ao ponto de aderir a um snobismo excessivo”²⁹⁰⁵

A partir de 1949, com a publicação de um artigo no *Pravda* onde a expressão “patriotismo soviético”²⁹⁰⁶ apareceu escrita oito vezes, a campanha contra o cosmopolitismo tornou-se abertamente antisemita. O artigo criticou um grupo de críticos literários judeus, acusando-os de “o sentimento de orgulho nacional soviético lhes ser estrangeiro” e de levarem a cabo um trabalho “reacionário na sua essência, antipatriótico e traidor”, na

²⁹⁰³ Nadezhda Mandelstam, *Hope Against Hope – A Memoir*, Atheneum Books, Nova Iorque, 1983, p.51/52.

²⁹⁰⁴ *Idem*, p.52.

²⁹⁰⁵ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.991.

²⁹⁰⁶ “About One Anti-Patriotic Group of Theatre Critics”, *Pravda*, 28 de janeiro de 1949, www.cyberussr.com.

verdade “posições antipatrióticas” que resultavam de um “cosmopolitismo desenraizado”²⁹⁰⁷. Esta expressão, “cosmopolitismo desenraizado”, juntamente com outras como “cosmopolitas burgueses” e “indivíduos sem nação nem tribo”²⁹⁰⁸, que se tornaram comuns na imprensa soviética, constituíam códigos para se referirem aos judeus e eram assim entendidos à época por toda a gente.

Multiplicaram-se os assassinatos, as detenções, as execuções, a deportação e a perseguição em geral de judeus, sempre acusados do horrendo crime de “cosmopolitismo” e de “adoração servil das coisas estrangeiras”²⁹⁰⁹. As últimas instituições judaicas ainda existentes no país foram encerradas, incluindo o jornal em idiche *Eynikayt* e a Comissão Antifascista Judaica, além de que muitos acadêmicos judeus foram expulsos das universidades e jornalistas judeus despedidos dos jornais.

É certo que o bolchevismo carregava uma tradição de combate ao antissemitismo, até porque muitos dos seus dirigentes, incluindo Lenine, eram judeus ou tinham origem judaica e haviam proferido sucessivas declarações de condenação do antissemitismo. O próprio Estaline afirmara numa entrevista em 1931 à Agência Telegráfica Judaica que o antissemitismo era “um fenómeno que o regime soviético considera profundamente hostil”²⁹¹⁰. Porém, é significativo que essa entrevista a um órgão judaico não tenha sido publicada na União Soviética. Mais importante, Estaline foi citado como tendo declarado, nas conversas privadas que decorreram no processo que conduziu ao pacto nazi-comunista entre Molotov e Ribbentrop, que era preciso eliminar a “influência judaica.”²⁹¹¹

De resto, os próprios prisioneiros judeus nos *gulag* atestaram o caráter antissemitico do comunismo soviético. “Os nossos sentimentos quanto ao antissemitismo polaco foram apagados quando encontrámos o muito mais forte antissemitismo russo”, revelou o *zek* judeu Julius Margolin. “Não esperávamos a hostilidade aberta e massiva contra os judeus que encontrámos no campo” de concentração comunista, disse, sublinhando que os russos que conheceu nos *gulag* “eram pessoas da cidade ou dos *kolkhoz*,

²⁹⁰⁷ *Idem*.

²⁹⁰⁸ Konstantin Azadovskii e Boris Egorov, “From Anti-Westernism to Anti-Semitism”, *Journal of Cold War Studies*, 4:1, inverno de 2002, www.harvard.edu.

²⁹⁰⁹ Louis Leo Snyder, *op. cit.*, 2009, p.305.

²⁹¹⁰ William Korey, “The Origins and Development of Soviet Anti-Semitism: An Analysis”, *Slavic Review*, nº1, Volume 31, março de 1972, p.115.

²⁹¹¹ Konstantin Azadovskii e Boris Egorov, “From Anti-Westernism to Anti-Semitism”, *Journal of Cold War Studies*, 4:1, inverno de 2002, www.harvard.edu.

educadas no período soviético” e que “criavam uma atmosfera hitleriana à nossa volta quando se dirigiam a nós”²⁹¹². Margolin relatou em particular uma “conversa acalorada entre mim e a ‘intelligentsia’ do barracão administrativo técnico”²⁹¹³ ainda no tempo da aliança nazi-comunista, em dezembro de 1940, e concluiu que perante os comunistas soviéticos “eu podia ter pregado a mesma coisa aos camisas castanhas nazis ou à classe média polaca. Tanta concentração de malícia, veneno e ódio em ebulição foi despejada em mim que me senti como se estivesse numa reunião de nacionais-democratas na Polónia.”²⁹¹⁴

O antissemitismo soviético encontrava eco nas mais altas esferas do regime comunista. A própria filha de Estaline, Svetlana Alilluyeva, que se apaixonara por um judeu chamado Kapler, teve de enfrentar a fúria do *Vozhd*. “Aparentemente o facto de Kapler ser judeu foi o que o incomodou mais”²⁹¹⁵, queixou-se ela. Alilluyeva revelou que o pai tinha uma “bem conhecida tendência para ver sionismo e conspirações por toda a parte”²⁹¹⁶ e que “com a expulsão de Trotsky e o extermínio nos anos das ‘purgas’ de antigos membros do Partido, muitos dos quais eram judeus, o antissemitismo renasceu em novos terrenos e em primeiro lugar no próprio Partido”²⁹¹⁷. Um dos escritores que se encontrou com o *Vozhd* no Kremlin em 1947, Konstantin Simonov, relatou que “nos últimos anos da sua vida, Estaline tinha uma posição sobre a questão judaica diametralmente oposta àquela que proclamava em público.”²⁹¹⁸

O regime soviético tornou-se de tal modo antissemita que jamais autorizou que o Holocausto perpetrado pelos nazis fosse apresentado como uma operação de extermínio dos judeus. Para os comunistas, o que estivera em causa na Shoah fora antes uma ação de extermínio da população soviética. Até o massacre de judeus pelos nacional-socialistas em Babi Yar, na Ucrânia, foi desvalorizado, se não mesmo ignorado, o que valeu um

²⁹¹² Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.732.

²⁹¹³ *Idem*, p.739.

²⁹¹⁴ *Ibidem*, p.741.

²⁹¹⁵ Robert Tucker, “Svetlana Alliluyeva As Witness of Stalin”, *Slavic Review*, nº2, Volume 27, junho de 1968, p.300.

²⁹¹⁶ Konstantin Azadovskii e Boris Egorov, “From Anti-Westernism to Anti-Semitism”, *Journal of Cold War Studies*, 4:1, inverno de 2002, www.harvard.edu.

²⁹¹⁷ William Korey, “The Origins and Development of Soviet Anti-Semitism: An Analysis”, *Slavic Review*, nº1, Volume 31, março de 1972, p.116.

²⁹¹⁸ Konstantin Azadovskii e Boris Egorov, “From Anti-Westernism to Anti-Semitism”, *Journal of Cold War Studies*, 4:1, inverno de 2002, www.harvard.edu.

poema polémico do poeta judeu russo Evgueni Yevtushenko a criticar o antissemitismo dos comunistas. “Sou atingido por uma bota, já não tenho forças, em vão imploro à ralé do pogrom, aos gritos de ‘Matem os judeus e salvem a nossa Rússia!’, a minha mãe é sovada por um funcionário”, recitou no poema publicado já no tempo de Krushtchev, para concluir com estas palavras explosivas: “os antissemitas proclamaram-se a eles próprios a ‘União do Povo Russo!’”²⁹¹⁹

As ações contra os judeus prolongaram-se até 1953, atingindo o pináculo do absurdo no episódio conhecido como a conspiração dos médicos, quando as autoridades comunistas acusaram médicos do Kremlin, sobretudo os judeus, de planearem assassinar Estaline e outros membros do Politburo. A suposta conspiração teria sido denunciada por uma Lydia Timashuk, descrita pelo *Pravda* como “um símbolo do patriotismo soviético, elevada vigilância e combate corajoso aos inimigos da nossa pátria”²⁹²⁰. Note-se a linguagem. Timashuk não era um símbolo do socialismo e de combate aos inimigos de classe, mas um símbolo do “patriotismo” e de combate aos “inimigos da nossa pátria.”

A campanha patriótica e antissemita contra o cosmopolitismo foi apenas uma das muitas derivas nacionalistas do comunismo soviético. Lenine havia escrito que “a vitória do socialismo é possível primeiro em vários ou num único país capitalista”²⁹²¹, o que contradizia frontalmente a doutrina marxista original, pois Engels fora muito claro ao afirmar que “não” era possível “a revolução ocorrer num único país”²⁹²². As palavras revisionistas de Lenine permitiram aos comunistas russos reverterem em poucos anos para o conceito de “socialismo num país”²⁹²³, para usar a definição nacionalista de Nikolai Bukharin adotada formalmente pelo regime nacional socialista soviético.

²⁹¹⁹ Evgueni Yevtushenko, “Babi Yar”, www.remember.org.

²⁹²⁰ Dmitry Strovsky, “The Jewish Topic in the Soviet Media: Political Environment, Priorities and Heroes”, *National Resilience, Politics and Society*, nº2, Volume 1, Ariel University Press, outono de 2019, p.153.

²⁹²¹ Vladimir Lenine, “On the Slogan for a United States of Europe”, *Sotsial-Demokrat*, 23 de agosto de 1915, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

²⁹²² Friedrich Engels, *op. cit.*, 2013, p.25.

²⁹²³ José Estaline, “The October Revolution and the Tactics of the Russian Communists”, dezembro de 1924, Stalin Reference Archive, www.marxists.org; Erik van Ree, “Socialism in One Country: A Reassessment”, *Studies in East European Thought*, nº2, Volume 50, junho de 1998, p.77.

Os camaradas fascistas

O que se passava na União Soviética começou a soar estranhamente familiar aos fascistas italianos. Benito Mussolini, de resto, já o tinha notado em 1920, quando Lenine apostou no capitalismo de Estado e o nacionalismo russo espreitava já nas entrelinhas da retórica internacionalista. “O longínquo paraíso moscovita”, escreveu então o chefe dos *fasci*, “desaparece no que tinha de beato, de celestial, de perfeito, ao mesmo tempo que se revela numa outra face capitalística, nacionalista e guerreira”²⁹²⁴. Exatamente um ano depois, Mussolini constatava de novo que “às vezes acontece que o comunismo usa a máscara do nacionalismo e vice-versa”, o que o levou a interrogar-se se “sob o emblema da foice e do martelo esconde-se ou não se esconde o velho panslavismo que hoje também seria dominado por uma férrea necessidade ‘revolucionária’, que é aquela de alargar a revolução ao resto da Europa para salvar o governo dos soviets na Rússia?”²⁹²⁵ A resposta parecia-lhe evidente. “A doutrina socialista da internacional operária não passa de conversa ou de simples letras rabiscadas à mesa”, concluiu. “Na vida não existe.”²⁹²⁶

Essa certeza foi-se confirmando nos anos seguintes, à medida que, por detrás da retórica internacionalista, o comunismo soviético ia mostrando de forma cada vez mais clara o nacionalismo russo. “A Rússia está a recuperar das suas feridas, de todos os seus excessos”, registou Mussolini quando chegou ao poder, prevendo que o regime comunista russo “não voltará amanhã a fazer um imperialismo de marca social, mas retomará talvez o caminho do seu velho imperialismo de marca pan-eslava”²⁹²⁷. O tempo encarregou-se de provar que esta profecia, de que os comunistas russos alteravam as motivações de classe por motivações nacionais, estava correta.

Renzo Bertoni publicou em 1933 um livro sobre “o triunfo do fascismo na URSS”²⁹²⁸ e Mirko Ardemagni escreveu no ano seguinte um artigo a

²⁹²⁴ Benito Mussolini, “Noi ‘reazionari’”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de fevereiro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.292.

²⁹²⁵ Benito Mussolini, “Il fascismo e i problemi della politica estera italiana”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de fevereiro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.152.

²⁹²⁶ Benito Mussolini, “Dove muore l'internazionale”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de fevereiro de 1921, *idem*, p.139.

²⁹²⁷ Benito Mussolini, “La situazione politica internazionale”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 16 de novembro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.110.

²⁹²⁸ Renzo Bertoni, *Il trionfo del Fascismo nell'URSS*, Signorelli, Roma, 1934.

propósito dos “desvios russos em direção ao fascismo”²⁹²⁹. Na mesma altura, o líder fascista Bruno Spampanato escrevia que “o bolchevismo na Rússia era um prelúdio do fascismo”²⁹³⁰ e que “o soviétismo, alargando os seus conceitos, as suas capacidades, as suas funções, levará a Rússia a uma democracia de sabores e cores fascistas”²⁹³¹, transformando-se assim numa espécie de fascismo oriental. Por seu turno, Mussolini observou que “a cultura bolchevique à qual o senhor Estaline imprimiu unidade nacional tem a força de choque de um programa nacional”²⁹³², começando a ver no socialismo nacionalista soviético uma espécie de cripto-fascismo: “Estaline, perante a catástrofe global do sistema de Lenine, tornou-se secretamente um fascista.”²⁹³³

É revelador que o *Duce* tenha declarado com orgulho que “as relações da Itália com a Rússia são normais”²⁹³⁴ e que “a Itália fascista precedeu todas as nações do mundo no reconhecimento diplomático dos soviéticos”²⁹³⁵, o que de facto aconteceu em 1924, tal como tenha observado que “a única imprensa europeia orientada simpaticamente para com a Itália seja a imprensa de Moscovo”²⁹³⁶. Ou seja, os fascistas sentiam-se apreciados pelos comunistas e detestados pelos capitalistas liberais. Em troca, esclareceu o ditador italiano, a Itália “sempre seguiu uma política aberta e leal de intensificação das trocas com a república dos soviets”²⁹³⁷. Mais, nas suas conversas com Yvon de Begnac, Mussolini abordou a questão de “o fascismo” ser “um bolchevismo à italiana”, para concluir antes que “o bolchevismo é um fascismo à russa.”²⁹³⁸

²⁹²⁹ Mirko Ardemagni, “Deviazioni russe verso il fascismo”, *Gerarchia*, XIV, julho de 1934.

²⁹³⁰ Luciano Pellicani, *Dalla società chiusa alla società aperta*, Rubbettino Editore, Soveria Mannelli, 2002, p.230.

²⁹³¹ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.121.

²⁹³² Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.415.

²⁹³³ Benito Mussolini, “Atto quinto finora”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de março de 1938, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXIX: Dal viaggio in Germania all'intervento nella Seconda Guerra Mondiale*, La Fenice, Florença, 1959, p.63.

²⁹³⁴ Benito Mussolini, “L'Italia nel mondo”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de junho de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983, p.61.

²⁹³⁵ Benito Mussolini, “Lo stolto isolamento”, 16 de outubro de 1944, in Benito Mussolini, *La Repubblica Sociale Italiana*, La Fenice, Florença, julho de 1984, p.116.

²⁹³⁶ Benito Mussolini, “La relazione con la Russia”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, dezembro de 1983, p.30.

²⁹³⁷ Benito Mussolini, “Italia e Russia”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de setembro de 1933, *idem*, p.114.

²⁹³⁸ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.542.

É aliás interessante que os comunistas soviéticos se tenham neste período voltado para os fascistas italianos. Muitos fascistas visitaram a União Soviética entre 1929 e 1935, desde jornalistas a engenheiros, economistas e banqueiros, incluindo o presidente da Banca Commerciale, Ettore Conti. A Itália vendeu aviões e navios à União Soviética e a *Fiat* foi convidada pelos comunistas a abrir uma fábrica em território soviético. Durante a grande fome na Ucrânia, os consulados locais italianos enviaram para Roma descrições pormenorizadas sobre o que se estava a passar, mas o regime fascista não usou essas informações, protegendo assim a reputação do comunismo soviético. Mais, as autoridades fascistas impediram a publicação em Itália de literatura anti-bolchevique produzida pelos refugiados russos que haviam escapado ao comunismo. De resto, a declaração de 1936 do Comité Central do Partido Comunista Italiano de que fazia seu o programa fascista de 1919 é impensável sem o consentimento, e provavelmente o encorajamento, dos seus patronos soviéticos. “Entre fascismo e bolchevismo foi criado um *modus vivendi*”, constatou o historiador Francesco Randazzo, para quem as duas correntes estabeleceram “relações amigáveis.”²⁹³⁹

Do exílio, Leon Trotsky notava que o comunismo no seu país e o fascismo eram “fenómenos simétricos” e que “em muitos dos seus aspetos revelam uma semelhança mortal”²⁹⁴⁰. Muito significativo, quando a Sociedade das Nações decretou sanções à Itália pela invasão da Etiópia, a ajuda aos fascistas só veio de dois sítios: da Alemanha nacional-socialista, com quem a Itália fascista tinha um pacto militar, como que é amplamente conhecido; e da União Soviética comunista, com quem a Itália fascista tinha outro pacto militar, facto largamente desconhecido hoje em dia. Furando o bloqueio petrolífero, o regime comunista soviético vendeu petróleo à Agip italiana e apareceu em socorro dos fascistas, com quem assinara em 1933 o pacto fascista-comunista. Tudo isto parece indiciar que Moscovo comunista sentia de facto afinidades com Roma fascista, e vice-versa – o que é natural, pois no fim de contas ambos tinham regimes ditatoriais de *praxis* socialista nacionalista. Ou seja, na sua essência ambos eram fascistas.

Os fascistas italianos seguiram a adesão do socialismo soviético ao nacionalismo com particular interesse. Logo em 1920, apenas três anos

²⁹³⁹ Francesco Randazzo, “From Russia to the USSR: The Italy-Soviet Relations During the Years of the Communist Uprising and the March on Rome”, *Prace Historyczne*, Zeszytów Naukowych Uniwersytetu Jagiellońskiego, Cracóvia, 2017, p.174.

²⁹⁴⁰ Leon Trotsky, *The Revolution Betrayed – What Is the Soviet Union and Where is it Going?*, 1937, www.marxists.org.

depois da revolução bolchevique, os futuristas fascistas Mario Carli e Filippo Marinetti notaram que “o bolchevismo russo criou assim involuntariamente o patriotismo russo”²⁹⁴¹, impressão que se consolidou entre os fascistas na década seguinte. “Ao longo do seu desenvolvimento, a revolução russa deu cada vez mais sinais de abandonar os postulados marxistas e aceitar gradualmente, embora de maneira sub-reptícia, certos princípios políticos fundamentais do fascismo”²⁹⁴², insistiu Mirko Ardemagni em 1938, enquanto Sergio Panunzio falava em 1939 no “aparecimento do fascismo até na Rússia dos soviéticos”²⁹⁴³ e reconheceu que “chegamos, no limite, a nem sequer conseguir vislumbrar uma diferença”²⁹⁴⁴ entre comunismo soviético e fascismo italiano. A evolução na Rússia levou outro fascista, Riccardo Fiorini, a concluir que “o comunismo russo abandonou o seu integralismo teórico, através de uma gradual atenuação dos seus princípios, até atingir uma forma de equilíbrio final não muito longe da nossa.”²⁹⁴⁵

Observações semelhantes podem ser encontradas na mesma época em pensadores fascistas de outros países. “O exemplo de Moscovo desencadeou na Europa uma vaga de monomania ditatorial”, escreveu Pierre Drieu la Rochelle, para quem “o fascismo de Roma ou de Berlim, de Varsóvia ou de Angora, parece-me derivar da corrente vinda de Moscovo mais do que reagir a ela”²⁹⁴⁶, até porque “o fascismo não emerge da ditadura, é a ditadura que emerge do fascismo”²⁹⁴⁷ e “os socialistas e comunistas de Moscovo fazem de antidemocratas, portanto de fascistas”²⁹⁴⁸. Ou seja, na sua visão um regime ditatorial é por definição um regime fascista. Ora o fascismo é a ideologia de um partido “nacional e socialista”²⁹⁴⁹, fez notar La Rochelle. Tão nacional e socialista que este fascista francês, depois de sublinhar que “o mesmo espírito de violência e de sacrifício produz a revolução socialista e abalroa o nacionalismo” e que “por toda a parte o socialismo revolucionário se dobra facilmente ao nacionalismo e ao belicismo”, descreveu socialismo e nacionalismo como “irmão(s) de sangue”. La Rochelle previu em 1934 que

²⁹⁴¹ Filippo Marinetti e Mario Carli, “Al di là del Comunismo”, in Mario Carli, *op. cit.*, 2007, p.24.

²⁹⁴² James Gregor, *op. cit.*, 2000, p.145.

²⁹⁴³ Sergio Panunzio, *op. cit.*, 1939, p.4.

²⁹⁴⁴ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 1989, p.122.

²⁹⁴⁵ *Idem.*

²⁹⁴⁶ Pierre Drieu la Rochelle, *op. cit.*, 2016, p.125.

²⁹⁴⁷ *Idem*, p.126.

²⁹⁴⁸ *Ibidem*, p.168.

²⁹⁴⁹ *Ibidem*, p.92.

“se amanhã a Sibéria for atacada ou a Ucrânia se revoltar, veremos esta juventude (comunista russa) erguer-se como a juventude italiana se ergueu no Tirol e a juventude alemã às portas da Áustria”²⁹⁵⁰. Palavras premonitórias, pois os acontecimentos dos anos seguintes vieram dar-lhe razão, o que o levou a observar que “o caminho de Mussolini e o de Estaline vão um em direção ao outro”²⁹⁵¹ e a designar o regime comunista russo como “fascismo bolchevique.”²⁹⁵²

De facto, o comunismo revelou-se também ele na sua essência um socialismo nacionalista, característica que é notada pelos historiadores. “Os marxistas soviéticos”, estabeleceu James Gregor, “viram-se atraídos por uma variante do fascismo”²⁹⁵³, e foi assim que “o fascismo russo fez a sua aparição completa”²⁹⁵⁴. Outros autores chamam a atenção para o mesmo. “A nível interno, o regime bolchevique servia-se de um nacionalismo semelhante ao dos antigos membros da Convenção franceses para apresentar a Rússia soviética como uma fortaleza cercada pelas forças mundiais da reação”, observou Jean-Louis Vullierme, lembrando que “em nome do direito militar, Trotsky mandou fuzilar os opositores por serem agentes do estrangeiro e traidores da Nação em armas”²⁹⁵⁵, pois o objetivo do comunismo soviético era o de “consolidar o seu governo a partir da base colonial do Império Russo” e “prosseguir uma nova ambição imperial através do canal do internacionalismo proletário.”²⁹⁵⁶

A mesma análise era levada a cabo na própria União Soviética. Mikhail Agursky constatou que o regime do país vivia dividido pela contradição da sua “natureza de direita radical” disfarçada num discurso ideológico destinado a obter “legitimidade de esquerda radical”²⁹⁵⁷. Para resolver essa contradição, e evitar colagens inconvenientes ao fascismo e ao nacional-socialismo derrotados e diabolizados, os comunistas sempre evitaram a palavra “nacionalista”, preferindo “patriótica”, para designar a sua postura nacionalista, como se o truque semântico orwelliano entre dois sinónimos pudesse por artes mágicas alterar a substância da questão. Na verdade, e uma vez retiradas todas as máscaras, patriotismo é amiúde a palavra que um

²⁹⁵⁰ *Ibidem*, p.145.

²⁹⁵¹ *Ibidem*, p.103.

²⁹⁵² *Ibidem*, p.177.

²⁹⁵³ James Gregor, *op. cit.*, 2000, p.149.

²⁹⁵⁴ *Idem*, p.148.

²⁹⁵⁵ Jean-Louis Vullierme, *op. cit.*, 2015, p.275/276.

²⁹⁵⁶ *Idem*, p.276.

²⁹⁵⁷ James Gregor, *op. cit.*, 2000, p.4.

nacionalista envergonhado usa para simultaneamente afirmar e esconder o seu nacionalismo.

Outros pensadores russos, como Vasily Grossman numa obra apreendida pelo KGB em 1960, já se tinham atrevido a equiparar o comunismo soviético ao nacional-socialismo alemão, apelidando ambos de “socialismo nacional de Estado”²⁹⁵⁸, enquanto Victor Smirnov, um dos projetistas da planificação industrial soviética no tempo de Estaline, afirmara que “o comunismo é um fascismo extremista, o fascismo um comunismo moderado”²⁹⁵⁹. A metamorfose soviética do socialismo internacionalista num socialismo nacionalista foi também notada no estrangeiro, ao ponto de Zbigniew Brzezinski ter observado em 1969 que “os recentes acontecimentos na União Soviética parecem indicar que o estado mais avançado do comunismo é o fascismo.”²⁹⁶⁰

Desmontado que está o internacionalismo como conceito definidor do marxismo e do neomarxismo, pois tanto na doutrina original dos fundadores da ideologia como na sua revisão e aplicação pelos regimes socialistas do Século XX o internacionalismo acabou por se revelar um nacionalismo mais ou menos escondido, vejamos agora o conceito que estabelece a segunda suposta linha de demarcação entre comunismo e fascismo.

A luta de classes.

²⁹⁵⁸ Ernst Nolte, *La guerre civile européenne – National-socialisme et bolchevisme 1917-1945*, Editions Perrin, Paris, 2011, p.767.

²⁹⁵⁹ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.312.

²⁹⁶⁰ James Gregor, *The Fascist Persuasion in Radical Politics*, Princeton University Press, Princeton, 1974, p.17.

O corporativismo na União Soviética

O dogma da luta de classes é estabelecido a ferro em brasa logo na abertura do primeiro capítulo de *O Manifesto Comunista*. “A história das sociedades até agora é a história da luta de classes”²⁹⁶¹, proclamaram Marx e Engels. Para se poder reivindicar marxista, um regime tinha pois obrigatoriamente de fazer profissão de fé neste dogma, instituído como pedra fundacional da ideologia marxista.

Acontece que os neomarxistas que criaram o fascismo apostaram na superação da luta de classes e abraçaram o conceito de cooperação entre classes. Assim sendo, o dogma da luta de classes é um ponto de rotura entre o marxismo e o fascismo. Como os marxistas e os neomarxistas investem na luta de classes e os fascistas a tentaram superar, está deste modo feita a prova de que se tratam de correntes muito diferentes. Mas será mesmo assim?

A ultrapassagem fascista da luta de classes

Como vimos quando falámos nas origens marxistas do fascismo, a questão da luta de classes foi resolvida pelos fascistas no quadro da doutrina original marxista. É inquestionável que os neomarxistas que criaram o fascismo até um certo momento acreditavam na luta de classes. Porém, esses neomarxistas leram com cuidado os textos dos fundadores do marxismo e as subtilezas da doutrina não lhes passaram despercebidas. Uma vez que a doutrina original de Marx e Engels previa que a burguesia tinha o dever de criar uma economia de capitalismo desenvolvido com grande indústria e a Itália era apenas uma economia pré-capitalista com indústria ainda embrionária, os neomarxistas que fundaram o fascismo concluíram que qualquer esforço de oposição à burguesia, classe que *O Manifesto Comunista*

²⁹⁶¹ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.2.

enaltecera como tendo um “enorme papel revolucionário”²⁹⁶², seria obviamente contraproducente – ou reacionário, para utilizar a terminologia dos marxistas e neomarxistas, incluindo dos que criaram o fascismo.

No contexto de uma economia subdesenvolvida, o dogma da luta de classes suscitou aos neomarxistas que criaram o fascismo uma série de perplexidades. Que sentido fazia impedir os esforços revolucionários da burguesia para criar o capitalismo que desembocaria na revolução do proletariado? Ao sabotar o papel revolucionário da burguesia não se estaria a sabotar a própria revolução do proletariado? Além disso, não foram Marx e Engels que estabeleceram que a revolução era um resultado “necessário”²⁹⁶³, um produto de acontecimentos “inevitáveis”²⁹⁶⁴, e que os comunistas não deveriam conspirar para a desencadear, pois ela ocorreria espontaneamente, na altura certa e ao arrepio da vontade humana?

Assim sendo, concluíram os neomarxistas que criaram fascismo, o melhor era permitir que a burguesia desenvolvesse a industrialização, *precisamente o que previa a doutrina marxista original*. De resto, o próprio Lenine o defendera em 1905, antes de tomar o poder e fazer tábua-rasa desse preceito central da doutrina marxista. Além do mais, já Bernstein questionara o domínio do proletariado sobre as restantes classes. As posições da doutrina original de Marx e Engels e os revisionismos de Bernstein e Lenine, embora estes em sentidos contraditórios, abriram as portas a que os fascistas decretassem a cooperação entre as classes. Foi assim que o corporativismo se instalou.

Por outro lado, convém não esquecer que o próprio Marx é citado pelos seus contemporâneos a referir-se em privado ao conceito de luta de classes como “toda essa merda das classes”²⁹⁶⁵. Mas o autor de *O Capital* foi mais longe. Após uma reunião que teve com Marx e Engels em que estes o convidaram a entrar no Comité Central Revolucionário, um tal Gustav Techow escreveu a um amigo a confidenciar-lhe que Marx era uma pessoa de “rara superioridade intelectual” e que “ele ri-se dos tolos que papagueiam o seu catecismo proletário”²⁹⁶⁶. Acontece que essa carta acabou por ser

²⁹⁶² *Idem*, p.5.

²⁹⁶³ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2004, p.95; Friedrich Engels, *op. cit.*, 2009, p.244 e 302; Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.47; e Friedrich Engels, “Draft of a Communist Confession of Faith”, 9 de junho de 1847, Marxist Internet Archive, www.marxists.org, 1847.

²⁹⁶⁴ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.20.

²⁹⁶⁵ Robert Payne, *op. cit.*, 1968, p.322.

²⁹⁶⁶ *Idem*, p.321.

publicada por um outro autor a quem Techow contara o sucedido. O incidente levou Techow a esclarecer junto de Marx que não autorizara a publicação da missiva, mas sem jamais desmentir o respetivo conteúdo. Embaraçado, Marx admitiu que efetivamente se rira, mas alegou que a sua troça se dirigira apenas ao “utopismo socialista e crítico de todo o género”²⁹⁶⁷. Porém, as palavras de Techow, e em particular a forma como não as desmentiu na carta posterior que escreveu ao fundador do marxismo, sugere que o alvo da troça de Marx ia bem para além dos socialistas utópicos. Ou seja, pelos vistos em privado nem o próprio Karl Marx fazia grande fé no dogma da luta de classes, algo que os neomarxistas italianos que criaram o fascismo também não podiam ignorar uma vez que a carta de Techow foi, como vimos, tornada pública e à época objeto de polémica.

O motivo que levou os fascistas a substituir a luta de classes pela cooperação de classes numa sociedade subdesenvolvida como a italiana não resultou pois de uma qualquer posição fundamentalmente antimarxista, como erradamente se pretende, mas justamente de um raciocínio de natureza marxista. “O corporativismo, se é sério, é socialismo”²⁹⁶⁸, esclareceu Mussolini, insistindo na ideia de que “o meu corporativismo tenta realizar um socialismo todo ele lógico e sem improvisações”²⁹⁶⁹. A revisão fascista do problema da luta de classes foi feita no quadro da doutrina original marxista, que enaltecia o “enorme papel revolucionário”²⁹⁷⁰ da burguesia, mas também do revisionismo marxista bernsteiniano, pois o corporativismo não é mais do que a versão fascista da concertação social social-democrata na qual hoje participam até os sindicatos comunistas – os mesmos que supostamente deveriam batalhar sem tréguas pela luta de classes e pelo aumento da miséria para levar o proletariado a provocar a revolução.

É importante, contudo, que a este respeito não restem equívocos. Se a conceção do corporativismo tem as suas raízes na doutrina marxista original, não é menos verdade que com o tempo essa vertente marxista do fascismo se foi perdendo, até porque os neomarxistas que criaram o fascismo deixaram a certa altura de acreditar na revolução do proletariado, no paraíso da sociedade sem classes e em toda essa teleologia da redenção marxista,

²⁹⁶⁷ Karl Marx, *op. cit.*, 1982, p.71.

²⁹⁶⁸ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.188.

²⁹⁶⁹ Yvon de Begnac, *op. cit.*, 1990, p.620.

²⁹⁷⁰ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.5.

passando a considerá-la uma “utopia”²⁹⁷¹. O abandono desses dogmas marxistas aconteceu já depois de o fascismo ter sido criado, e sobretudo como resultado do desastre económico e social que ocorria na Rússia. “A experiência russa”, declarou Mussolini, “tem sido a pedra sepulcral desta doutrina”²⁹⁷². À medida que o fascismo ia amadurecendo, o seu socialismo foi-se libertando de uma série de crenças marxistas e neomarxistas, de que a teleologia redentora é um exemplo, e transformando-se gradualmente num socialismo pós-marxista.

De um ponto de vista doutrinário, pode-se dizer que os socialistas italianos se dividiram em três grupos sobre a questão das relações entre classes. Os socialistas/sociais-democratas, herdeiros de Bernstein que haviam apostado na aliança entre socialismo e liberalismo, assentaram as suas ideias no conceito de cooperação – a chamada concertação social. Os comunistas, herdeiros de Sorel, assentaram as suas ideias no conceito de confronto – a chamada luta de classes. Já os fascistas posicionaram-se entre estas duas posições, embora sublinhando que os conflitos nacionais inevitavelmente afetavam os conflitos de classe e alinhando mais pela cooperação – o chamado corporativismo. “Todos os socialistas têm de admitir que a rivalidade nacional a nível interno ou externo constitui um elemento perturbador da luta de classes”²⁹⁷³, disse Mussolini.

Herdeiros assumidos de Sorel e não assumidos de Bernstein, e como neomarxistas que originalmente eram, os socialistas fascistas acreditavam no dogma marxista de que o estado natural da sociedade é de facto a luta de classes, e por consequência o confronto. Todavia, e considerando o subdesenvolvimento do seu país, achavam que o conflito permanente seria contraproducente e tornava-se necessário apostar na cooperação. “Só com o trabalho e a colaboração entre todos os elementos da produção se aumentarão os bens individuais”, insistiu Mussolini, defendendo que “fora destes limites é a miséria individual e a ruína da nação”²⁹⁷⁴. Como travar a inevitável conflitualidade entre classes e pô-las a cooperarem entre elas? Pela democracia, achavam, não se chegava lá, uma vez que a persuasão não era

²⁹⁷¹ Benito Mussolini, “Agli operai del porto di Genova”, 7 de janeiro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.164.

²⁹⁷² Benito Mussolini, “III anniversario della Marcia su Roma”, 28 de outubro de 1925, *idem*, p.211.

²⁹⁷³ Benito Mussolini, “O prima o poi”, *Il Popolo d'Italia*, 31 de dezembro de 1914, in Benito Mussolini, *op. cit.*, abril de 1983, p.105.

²⁹⁷⁴ Benito Mussolini, “Al popolo di Torino”, 25 de outubro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.108.

suficiente para contrariar a natureza conflituosa das relações entre as classes. Era preciso *impor* a cooperação. Para isso tornava-se necessária uma ditadura. Seria ela que impediria as classes de se digladiarem, dividindo o país e permitindo que as nações capitalistas o continuassem a explorar, e que as coagiria a cooperarem. É isso o corporativismo.

A adesão comunista ao corporativismo

Acontece que, para lá da retórica da luta de classes, os próprios comunistas bolcheviques cedo aderiram a uma certa forma de corporativismo quando a Rússia mergulhou no caos, a fome se generalizou e o governo de Lenine enfrentou uma rebelião popular generalizada. O primeiro passo para a fascização corporativista do comunismo foi dado no momento em que o bolchevismo se opôs, já como regime, a um dos instrumentos tradicionais da luta de classes, a greve.

É conhecida a forma como o comunismo encoraja o uso deste direito e já vimos a forte ligação do fascismo à atividade sindical, até porque o movimento de Mussolini foi essencialmente criado por sindicalistas revolucionários. Também sabemos que, uma vez no poder, o fascismo e o nacional-socialismo se opuseram ferozmente ao recurso às greves como forma de luta laboral, alegando que elas constituíam uma sabotagem contra o interesse nacional, e eliminaram os sindicatos independentes.

O interessante é que os comunistas fizeram exatamente a mesma coisa, só que *antes* dos fascistas e dos nazis. Entre as medidas tomadas pelos bolcheviques com a revolução de 1917 incluiu-se justamente a extinção dos sindicatos independentes, a ilegalização das greves e a equiparação dos grevistas a desertores. Isso aconteceu na sequência da profunda deterioração da situação económica russa nos primeiros tempos do bolchevismo, que desencadeou tumultos generalizados no campo e nas cidades. Com os salários reais a caírem em flecha e a fome a alastrar, o operariado russo declarou uma sucessão de greves em protesto contra o governo comunista. As estatísticas oficiais bolcheviques reconheceram que só no primeiro semestre de 1920 foram afetadas pelas paralisações 77% das grandes e médias indústrias do país.

Uma das razões por detrás da criação da *Cheka* foi justamente o desejo comunista de vigiar e reprimir os grevistas. Na nota a Felix Dzerzhinsky que conduziu ao estabelecimento da polícia política bolchevique, Lenine determinou logo em 1917 que aqueles que “organizam greves” eram

“contrarrevolucionários e sabotadores” e que seriam precisas “medidas urgentes”²⁹⁷⁵ para os combater. Como se isto não bastasse, no decreto que dias depois criou a *Cheka* o ditador bolchevique mencionou explicitamente que a polícia política comunista deveria “vigiar a imprensa, os sabotadores, os grevistas.”²⁹⁷⁶

As “medidas urgentes” que a nova força de repressão tomou a pedido de Lenine traduziram-se numa violência inaudita contra os trabalhadores em greve. Na sua primeira ação, a *Cheka* reprimiu uma paralisação laboral em Petrogrado e prendeu os grevistas. Contudo, a mera detenção desses “sabotadores” depressa foi considerada insuficiente e decidiu-se ir mais longe. O Comissário da Guerra, Leon Trotsky, avisou dias mais tarde que “o terror vai assumir formas muito violentas” pois “não será apenas a prisão, mas a guilhotina”²⁹⁷⁷. Os comunistas começaram então a matar trabalhadores em greve.

Porém, em breve se concluiu que matar um punhado de grevistas também não chegava; era preciso fazer ainda mais. E mais, neste contexto, significava passar das execuções individuais a execuções em grande escala de quem fizesse greve. “Organizem *imediatamente* o terror em massa”²⁹⁷⁸ (itálico no original), ordenou Lenine numa nota escrita enviada a Fyodorov, numa referência à oposição em geral. Ora os grevistas eram considerados opositores e sabotadores. Em conformidade, o Comissário do Interior, Grigori Petrovski, comunicou por escrito às unidades locais da polícia política comunista que “fuzilamentos em massa têm de ser infligidos sem hesitação” e não podia haver “a menor indecisão na aplicação do terror em massa”²⁹⁷⁹.

Referindo-se à repressão de março de 1918 dos protestos laborais em Petrogrado, Aleksandr Solzhenitsyn relatou que “não só os comunistas abandonaram Petrogrado ao frio e à fome como, após fugirem de Petrogrado

²⁹⁷⁵ Vladimir Lenine, “Note To F. E. Dzerzhinsky – With A Draft Of A Decree On Fighting Counter-Revolutionaries and Saboteurs”, 7 de dezembro de 1917, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

²⁹⁷⁶ Vladimir Lenine, “Lenin Decrees the Formation of the Cheka”, 19 de dezembro de 1917, www.alphahistory.com.

²⁹⁷⁷ Nicolas Werth, “Un État contre son peuple – Violences, repression, terreur en Union Soviétique”, in Stéphane Courtois, Nicolas Werth, Jean-Louis Panné, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek e Jean-Louis Margolin, *op. cit.*, 1997, p.86.

²⁹⁷⁸ Vladimir Lenine, “Lenin to G. F. Fyodorov”, 9 de agosto de 1918, www.marxists.org.

²⁹⁷⁹ Grigori Petrovski, “An Order for the Expansion of the Red Terror”, setembro de 1918, www.alphahistory.com.

para Moscovo, deram ordens para se abrir fogo de metralhadora nos pátios das fábricas contra as multidões de trabalhadores que exigiam a eleição de comissões de fábrica independentes”, massacres repetidos com “o esmagamento das greves de Petrogrado em 1921, com a chacina de trabalhadores em Kolpino no mesmo ano.”²⁹⁸⁰

Trotsky saiu em defesa do “terror de Estado de uma classe revolucionária” ao preconizar que era preciso atuar, “se necessário, com recurso ao terrorismo”, pois “o terror pode ser muito eficiente” e “a intimidação é uma poderosa arma de política”. Para que não restassem dúvidas, o Comissário da Guerra insistiu que “o Terror Vermelho é uma arma usada contra uma classe destinada à destruição”, uma vez que a revolução comunista e o recurso ao terror eram coisas que estavam intrinsecamente ligadas: “o homem que reconhece a importância histórica revolucionária da existência do sistema soviético tem também de sancionar o Terror Vermelho”²⁹⁸¹. Isto é, para haver comunismo tinha de haver terror. O terror tornou-se assim uma política assumida abertamente e com orgulho pelo regime bolchevique. “Somos pelo terror organizado, isto tem de ser assumido com franqueza”, declarou Dzerzhinsky em público com uma sinceridade desconcertante, sublinhando que “o terror é absolutamente indispensável nas atuais condições revolucionárias”²⁹⁸². Sublinhe-se que estes não eram nazis a falar, mas comunistas.

Esta racionalização do terror serviu apenas para legitimar o que já se enraizara na prática do regime comunista. “Todos os dias e todas as noites, em Petrogrado, em Moscovo e por todo o país, a montanha de mortos crescia”, registou o sociólogo russo Pitirim Sorokin sobre as grandes matanças no período de Lenine, dizendo que “Shchepkin e cento e cinquenta outros, incluindo muitos professores, acabaram de ser executados em Moscovo. São feitas tantas detenções que os claustros e as escolas estão a ser transformados em prisões. Quando acorda de manhã, nenhum homem ou mulher sabe se estará livre nessa noite. Quando uma pessoa sai de casa, não sabe se voltará.”²⁹⁸³

²⁹⁸⁰ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2019, p.7.

²⁹⁸¹ Leon Trotsky, “Terrorism”, in Leon Trotsky, *Dictatorship Versus Democracy (Terrorism and Communism)*, Workers Party of America, Nova Iorque, 1922, www.marxist.org.

²⁹⁸² Christina Ann-Marie DiEdoardo, *Torture and Enhanced Interrogation – A Reference Handbook*, ABC-CLIO, Santa Barbara, 2020, p.182.

²⁹⁸³ Pitirim Sorokin, *A Long Journey – The Autobiography of Pitirim A. Sorokin*, College and University Press, New Haven, 1963, p.180.

As execuções tornaram-se assim parte do quotidiano na Rússia bolchevique. “Todas as noites ouvíamos o som dos camiões a trazerem novas vítimas”, testemunhou Sorokin. “Todas as noites ouvíamos os tiros de espingarda das execuções, e muitas vezes alguns de nós escutavam das valas, para onde as vítimas eram atiradas, gemidos e gritos fracos daqueles que não morreram com as balas. As pessoas que viviam perto destes sítios começaram a sair dali. Não conseguiam dormir”²⁹⁸⁴. Outras testemunhas falam do mesmo. “Quando chegava a sua vez, cada homem condenado despiu-se rapidamente”, descreveu Nikolai Borodin, que assistiu aos fuzilamentos em massa. “Junto às valas alguns deles sussurravam, ninguém sabe se era a sua derradeira promessa ou oração. Alguns faziam o sinal da cruz ortodoxa e depois desapareciam todos na vala.”²⁹⁸⁵

Também o comunista Eduard Dune, adstrito ao Exército Vermelho como comissário político, assistiu a execuções em massa no tempo de Lenine. “O Nono Exército emitiu uma ordem a proclamar o terror vermelho”, registou Dune, falando em “execuções por fuzilamento”²⁹⁸⁶. Não descreveu em pormenor esses fuzilamentos, nem é claro se participou neles. “As listas de detenções fornecidas pelos Revkoms tendiam a identificar pessoas locais que numa ocasião ou noutra haviam criticado decretos soviéticos”, acrescentou este guarda vermelho que nunca deixou de ser comunista, esclarecendo que isso significava “punição de pessoas por palavras e não por atos”, pelo que “as nossas ações nos distritos onde ocorriam revoltas diferiam pouco do comportamento do Exército Branco na própria guerra civil.”²⁹⁸⁷

As matanças tornaram-se tão generalizadas, e envolviam até reféns civis, que a certa altura o próprio Lenine concluiu que precisava de as legalizar. “Penso que a aplicação da pena de morte deve ser estendida”²⁹⁸⁸, estabeleceu o *Vozhd*. Em conformidade, o Código Penal de 1922 reinstituiu formalmente a pena capital, assunto que mereceu cuidadosa atenção de Lenine. “É preciso tornar possível, com efeito, punir com a pena de morte qualquer atividade política da oposição”, estabeleceu o líder comunista, sublinhando que os tribunais não deveriam eliminar o terror mas “dar-lhe uma base de

²⁹⁸⁴ Sylvia Engdahl, *The Bolshevik Revolution*, Greenhaven Press, Farmington Hills, 2014, p.140.

²⁹⁸⁵ Catherine Merridale, *op. cit.*, 2000, p.136/137.

²⁹⁸⁶ Eduard Dune, *op. cit.*, 1996, p.211.

²⁹⁸⁷ *Idem*, p.212.

²⁹⁸⁸ Vladimir Lenine, “The Criminal Code of the R.S.F.S.R. and a Letter to D. I. Kursky”, 15 de maio de 1922, marxists.org.

legitimidade, segundo princípios, com clareza, sem hipocrisia nem adornamentos”²⁹⁸⁹. A prática do terror comunista adquiriu assim força de lei.

Paralelamente, a teoria económica marxista, e em particular a ideia de que era imprescindível passar-se primeiro por uma fase de desenvolvimento capitalista, foi recuperada por Lenine. Empenhado em perseguir a burguesia, mas ciente de que *O Manifesto Comunista* sustentava que os burgueses tinham o “papel revolucionário”²⁹⁹⁰ de desenvolver o capitalismo, o *Vozhd* bolchevique apareceu com a ideia de que o capitalismo poderia ser desenvolvido diretamente pelo Estado. Chamou-lhe “capitalismo de Estado.”²⁹⁹¹

Mas a ideia não deu sinais de resultar, pois a economia continuou o seu avanço para o abismo e nas cidades e nos campos a situação não parava de se degradar. As duas maiores cidades da Rússia perderam quase dois terços da população entre 1917 e 1920, as aldeias eram depauperadas pelas requisições, a agricultura estava mergulhada no caos, a economia só funcionava no mercado negro e as fábricas quase cessaram de funcionar. A produção das fábricas e das minas tinha caído em 1921 para um sétimo dos valores de 1913.

As revoltas acentuaram-se ainda mais. Inquieto com a persistência da atividade contestatária dos movimentos operários apesar da repressão brutal, Lenine enviou a 20 de janeiro de 1920 um telegrama a Vladimir Smirnov, chefe do conselho militar revolucionário do V Exército, a informá-lo de que “estou surpreso que estejas a aturar isto e que não tenhas começado a fuzilar por sabotagem”²⁹⁹². Vemos pois aqui o ditador comunista a encarar de novo as greves como sabotagem, justamente a visão dos fascistas e dos nacional-socialistas, e a recomendar por escrito a matança dos grevistas. Como observou Nadezhda Mandelstam, vítima das perseguições comunistas, “o conceito de ‘sabotagem’ foi introduzido para justificar todos os fracassos e erros.”²⁹⁹³

²⁹⁸⁹ Marc Jansen, *A Show Trial Under Lenin – The Trial of the Socialist Revolutionaries, Moscow 1922*, Martinus Nijhoff Publishers, Haia, 1982, p.54.

²⁹⁹⁰ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.5.

²⁹⁹¹ Vladimir Lenine, “The Present-Day Economy of Russia”, 1918, in Vladimir Lenine, “The Tax in Kind”, 21 de abril de 1921, www.marxists.org.

²⁹⁹² Vladimir Brovkin, *Behind the Front Lines of the Civil War – Political Parties and Social Movements in Russia, 1918-1922*, Princeton University Press, Princeton, 1994, p.292.

²⁹⁹³ Nadezhda Mandelstam, *op. cit.*, 1983, p.13.

Noutra mensagem escrita uma semana mais tarde, desta feita endereçada ao Conselho de Defesa, Lenine ordenou que “a ração individual de pão deve ser *reduzida* àqueles que não trabalham no setor dos transportes” (itálico no original), para concluir que “deixem que mais milhares de pessoas morram, mas o país deve ser salvo”²⁹⁹⁴. Aqui era a nação que aparecia à frente de tudo e merecia todos os sacrifícios, tal como defendiam os fascistas e, anos mais tarde, os nazis.

Mas o ataque dos comunistas aos direitos mais elementares dos trabalhadores não se circunscrevia à punição violenta dos que faziam greve. Numa mensagem relativa à possibilidade de os trabalhadores cometerem o crime de não trabalharem no dia de Natal, também conhecido na Rússia por festival de Nikola, Lenine ordenou que “toda a *Cheka* tem de estar em alerta para assegurar que quem não comparecer ao trabalho por causa do Nikola é fuzilado”²⁹⁹⁵. A punição pela falta ao serviço era, pois, a morte. “Este tipo de mensagens não era a exceção, mas a regra”, notou o biógrafo de Lenine, Robert Service. “Nenhuma barreira moral era sagrada.”²⁹⁹⁶

Em obediência à vontade ditatorial do *Vozhd* comunista, a imprensa do partido fez eco público da necessidade de repressão contra os trabalhadores em greve. “O melhor lugar para um grevista, esse mosquito amarelo e irritante”, escreveu o *Pravda* de 12 de fevereiro num texto de desumanização e diabolização dos sindicalistas, “é o campo de concentração!”²⁹⁹⁷ A repressão comunista envolveu a apreensão de cartões de alimentação que reduziu os grevistas à fome, e ainda os despedimentos coletivos e individuais. “Vamos forçar as pessoas a trabalhar”²⁹⁹⁸, avisou Trotsky, acusando os sindicatos de apenas defenderem uma parte dos trabalhadores e sustentando que o dever dos trabalhadores era fazerem o que lhes mandavam. Paralelamente, sucederam-se as prisões, as deportações para campos de concentração e as execuções em massa. Nunca os fascistas foram tão longe na repressão contra os trabalhadores.

²⁹⁹⁴ Vladimir Lenine, “To the Members of the Council of Defense”, 1 de fevereiro de 1920, Lenin Works Archive, www.marxist.org.

²⁹⁹⁵ Tom Jerman, *Santa Claus Worldwide – A History of St Nicholas and Other Holiday Gift-Bringers*, McFarland & Company Publishers, Jefferson, 2020, p.197.

²⁹⁹⁶ Robert Service, *Lenin – A Biography*, Pan Books, Londres, 2000, p.366.

²⁹⁹⁷ Nicolas Werth, “Un État contre son peuple – Violences, repression, terreur en Union Soviétique”, in Stéphane Courtois, Nicolas Werth, Jean-Louis Panné, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek e Jean-Louis Margolin, *op. cit.*, 1997, p.129.

²⁹⁹⁸ Robert Service, *op. cit.*, 2009, p.190.

A primeira grande fome do comunismo

As dificuldades na Rússia eram na verdade produto das próprias políticas comunistas. O governo bolchevique tinha proibido em 1918 o comércio privado e imposto requisições alimentares aos camponeses, de modo a abastecer as grandes cidades onde a penúria e as greves operárias ameaçavam o poder político. O problema é que os agricultores deixaram de ter motivação para aumentar a produção. De que lhes servia labutar mais se o excedente lhes iria ser apreendido? Já os operários andavam mais preocupados em sobreviver do que em trabalhar. A produção industrial em larga escala estava em 1921 a um quinto do valor de 1913, enquanto as colheitas de 1920 tinham descido para metade da produção agrícola existente antes de 1914. O país entrou em colapso económico e social, com a situação a mostrar-se particularmente difícil nas regiões agrícolas mais ricas, como a Ucrânia, as Terras Negras, o Volga e a Sibéria ocidental.

Irritados com o colapso da produção agrícola, os comunistas duplicaram em 1920 as requisições alimentares. “O poder soviético prometeu terras, mas o que fez foram requisições forçadas de cereais”, registou o comissário político comunista Eduard Dune, que nessa altura prestava serviço no Daguistão pelo Exército Vermelho, constatando “a liquidação do mercado”²⁹⁹⁹ e o desencadear de uma rebelião da população local, que a unidade de Dune teve de combater. “Não quero escrever sobre as minhas ilusões à medida que elas foram sendo despedaçadas pela realidade soviética”³⁰⁰⁰, anotou este guarda vermelho com amargura, para acabar por admitir: “nós não estávamos dispostos a ver que no Partido as nomeações políticas estavam a substituir comissões eleitas, que a ditadura do proletariado estava a cair nas mãos de um ditador; que a Constituição soviética e a auto-governação eram substituídas por um deboche administrativo. Parecia que estas transformações não resultavam das ações do inimigo, mas de ‘pequenos defeitos num mecanismo mais vasto’. Mais rapidamente explicávamos as enormes rebeliões de camponeses que ocorreram após a guerra como intrigas de inimigos da revolução do que pelas suas verdadeiras causas.”³⁰⁰¹

Confrontados com o maior confisco dos seus produtos, os camponeses passaram a semear o estritamente necessário para o seu consumo. “Os

²⁹⁹⁹ Eduard Dune, *op. cit.*, 1996, p.219.

³⁰⁰⁰ *Idem*, p.227.

³⁰⁰¹ *Ibidem*, p.228.

camponeses da vizinhança disseram: ‘sabes, os comunistas não sabem trabalhar a terra. Só sabem prender pessoas e cobrar impostos’”³⁰⁰², registou o comunista Victor Kravchenko, que na altura era um jovem a viver na Ucrânia. Se os comunistas se apropriavam arbitrariamente dos seus excedentes, para quê produzi-los? Mas esta política de sementeiras curtas era arriscada, pois habitualmente o excedente servia para compensar as perdas se ocorresse uma seca. Sem produzirem excedentes, o que aconteceria se houvesse uma seca? A resposta não tardou. A primeira seca ocorreu logo em 1920 e outra, mais prolongada, em 1921. “A grande seca de 1921 apareceu e os camponeses, reconhecendo os sinais, tornaram-se frugais e taciturnos”, constatou Kravchenko. “Como não havia nada para comer na escola, regressámos à comuna, mas aqui o entusiasmo de tempos idos ardera em cinzas de desespero silencioso. Apenas um punhado de camponeses ficara e a maioria desses empregara-se em fábricas das redondezas.”³⁰⁰³

Como era previsível, as colheitas revelaram-se desastrosas e de repente a fome abateu-se sobre trinta milhões de pessoas. Destas, morreram de fome entre dois e cinco milhões. Algumas das que sobreviveram só o puderam fazer graças a atos de canibalismo, que começou a ocorrer nas duas versões expressas pelo vocabulário russo – *trupoyedstvo*, comer a carne de um cadáver, e *lyudoyedstvo*, matar e comer um ser humano. “Enfrentámos a fome nas suas formas mais básicas e cruéis”, escreveu Kravchenko. “Não há palavras para descrever o sofrimento e o horror. Os homens olhavam para todas as coisas vivas – cavalos, cães, gatos, animais domésticos – com um desespero ganancioso. O gado que não foi abatido morreu de fome e acabou por ser consumido apesar dos alertas públicos contra a pestilência. Das árvores foram arrancadas as cascas para fazer ‘chá’ ou ‘sopa’. Couro não curtido era mastigado. Extraíu-se dos campos toda a caule de feno ou tufo de erva. Histórias de camponeses que comiam os mortos das suas famílias tornou-se frequente; e infelizmente eram muitas vezes verdadeiras – conheci casos desses em Romankovo, Auly, Pankovka e outras aldeias das redondezas. A morte – morte inchada, cadavérica, feia – tornou-se uma realidade quotidiana nas nossas vidas. Estávamos todos tão profundamente concentrados na nossa própria sobrevivência que não éramos capazes de reparar ou, no fundo, de sequer nos preocuparmos com os outros. Pessoas boas que normalmente não suportariam ver outros a sofrer enterravam agora

³⁰⁰² Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.42.

³⁰⁰³ *Idem*, p.30.

a sua comida para prolongar as suas próprias vidas por mais algumas semanas ou meses, sem dedicarem um pensamento aos vizinhos que inchavam e morriam de fome à volta delas.”³⁰⁰⁴

Outra das testemunhas da grande fome do período leninista foi o sociólogo russo Pitirim Sorokin, que visitou a província de Samara. “O meu sistema nervoso, acostumado aos muitos horrores dos anos da revolução, entrou completamente em colapso perante o espetáculo da morte à fome de milhões de pessoas no meu país devastado”, escreveu. “Entrámos na aldeia de N – pela tarde. O lugar parecia morto. As casas estavam vazias e sem telhados, com buracos nos lugares onde tinha havido portas e janelas. A palha dos tetos havia muito que tinha sido retirada e comida. Não havia animais na aldeia, claro – não havia gado, cavalos, ovelhas, bodes, cães, gatos ou mesmo corvos. Tudo tinha sido comido. Um silêncio de morte pairava sobre as estradas cobertas de neve até que, com um pequeno rangido, apareceu um trenó, um trenó puxado por dois homens e uma mulher e sobre o qual se encontrava um cadáver. Após puxar o trenó ao longo de uma distância curta, pararam e caíram exaustos na neve. Olharam para nós com uma expressão palerma à medida que nos aproximávamos e com os corações pesados devolvemos-lhes os olhares. Em trapos, a tremer de frio, não tinham os rostos brancos, mas azuis, azuis-escuros com pontos amarelos.”³⁰⁰⁵

O regime comunista procurou minimizar o problema e Trotsky desvalorizou o que se passava, referindo-se à fome como uma simples “situação económica desfavorável”³⁰⁰⁶. Chegou mesmo a declarar que “a fome não trouxe caos”, talvez porque ele próprio não estava a passar pelas graves privações de que os seus concidadãos padeciam, e sublinhou que o importante era que “a ordem soviética é inviolável”³⁰⁰⁷. Mas a realidade tornou-se tão desesperada que, a contragosto, os comunistas viram-se forçados a pedir ajuda ao grande satã capitalista, os Estados Unidos. A American Relief Administration, liderada por Herbert Hoover, começou a enviar toneladas de alimentos para a Rússia e em 1922 já alimentava entre oito e onze milhões de russos por dia, fazendo pela população russa o que o governo bolchevique não conseguia fazer pelo povo que dizia

³⁰⁰⁴ *Ibidem*, p.31.

³⁰⁰⁵ Pitirim Sorokin, *op. cit.*, 1963, p.189.

³⁰⁰⁶ Leon Trotsky, “Five Years of the Russian Revolution”, 24 de novembro de 1922, Trotsky Internet Archive, www.marxists.org.

³⁰⁰⁷ Leon Trotsky, “The Famine and the World Situation”, 30 de agosto de 1921, Trotsky Internet Archive, www.marxists.org.

proteger. Também a Cruz Vermelha, a Comissão Nansen de Ajuda aos Refugiados e os *quakers* se envolveram no esforço de alimentar os russos, com a maior parte dos alimentos a serem canalizados para cantinas. Quando os primeiros comboios com os vagões carregados da ajuda alimentar americana chegaram aos Urais na Páscoa de 1922, muitos camponeses russos foram vistos a ajoelharem-se diante da linha férrea e chorar.

O mais extraordinário é que, guiados por Lenine, os comunistas foram até ao ponto de instrumentalizar a fome da sua própria população. Os americanos descobriram com estupefação que, mesmo no pico da grande fome de 1920-21 na Rússia, os bolcheviques reexportaram grandes quantidades dos cereais que recebiam da América, em troca de dinheiro. Além do mais, o regime comunista não deixou de vilipendiar quem ajudava a sua população faminta. “Que tipo de agradecimento receberam (os americanos) por isto?”, perguntou Aleksandr Solzhenitsyn, para logo responder: “na URSS não apenas se tentou apagar da memória popular tudo o que aconteceu – é quase impossível encontrar hoje na imprensa soviética qualquer referência à American Relief Administration – como até a acusaram de ser uma organização de espionagem, um esquema astuto do imperialismo americano para estabelecer uma rede de espionagem na Rússia”³⁰⁰⁸. De facto, o próprio Trotsky chegou a afirmar que a ajuda se devia a “uma crise comercial e industrial sem precedentes nos Estados Unidos”, quase como se fosse na América que a fome existia, e que o objetivo do auxílio era os capitalistas “introduzirem-se na vida interna da Rússia, formando uma organização sob o disfarce de ajuda e usando-a para levar a cabo um golpe contrarrevolucionário.”³⁰⁰⁹

O cúmulo do absurdo ocorreu quando um dos mais destacados teóricos do Comintern, o comunista húngaro Gyorgi Lukács, publicou um panfleto a elogiar a realidade comunista soviética e a dizer que a Rússia tinha passado do reino da necessidade para o reino da liberdade. Isto com milhões de pessoas a morrerem à fome no país. Estariam os comunistas tão iludidos que acreditassem mesmo na sua própria propaganda? Trotsky revelou anos mais tarde que todos tinham consciência do que realmente se passava. “Lembro-me”, escreveu ele, “como eu e Lenine nos rimos à

³⁰⁰⁸ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2019, p.14.

³⁰⁰⁹ Leon Trotsky, “The Famine and the World Situation”, 30 de agosto de 1921, Trotsky Internet Archive, www.marxists.org.

custa disto e rimos com alguma amargura uma vez que o reino da liberdade era governado pela fome e pelo tifo.”³⁰¹⁰

A população percebeu que estava a ser usada pelos comunistas para experimentalismos que degeneravam em pobreza e em fome, e alheou-se do regime. A Páscoa da Igreja Ortodoxa coincidiu em 1921 com o Primeiro de Maio celebrado pelos socialistas, gerando um momento embaraçoso, e revelador, para os bolcheviques. Enquanto poucos milhares de pessoas participaram na manifestação convocada pelos comunistas, a procissão religiosa pascoal atraiu cerca de trezentas mil pessoas. As igrejas estavam cheias de gente, incluindo de militantes bolcheviques, e o próprio Trotsky notou que sete ou oito em cada dez pessoas que passavam pela igreja à frente da sua janela se benziavam, incluindo soldados do Exército Vermelho.

Uma situação destas era intolerável para o regime. Os dirigentes comunistas decidiram então usar deliberadamente a “oportunidade” criada pela fome e pelo canibalismo para lançar um ataque destinado a esmagar a Igreja Ortodoxa e a apropriar-se dos seus bens. “Estamos perante uma oportunidade favorável, mesmo única, de com 99 por cento de probabilidade derrotar totalmente o nosso inimigo e garantir para nós a posição que há décadas procuramos”, escreveu Lenine numa carta secreta dirigida a Molotov, sublinhando que “agora e apenas agora, quando pessoas estão a ser canibalizadas nas áreas atingidas pela fome e em que centenas, se não mesmo milhares, de corpos estão espalhados pelas estradas, podemos (e portanto devemos) tomar conta da propriedade da Igreja com a força mais enérgica e impiedosa e não hesitar em reprimir a menor oposição” de modo a “pôr as nossas mãos neste fundo de várias centenas de milhões de rublos de ouro (e talvez várias centenas de milhar de milhões)” (parênteses no original). O *Vozhd* insistiu que “não há melhor altura” para lançar o ataque que aquela época “de fome desesperada”, pois esta “criou um ambiente entre a massa geral de camponeses que nos assegurará a sua simpatia, ou pelo menos garantir-nos-á a neutralidade deste grupo.”³⁰¹¹

³⁰¹⁰ Robert Service, *op. cit.*, 2009, p.268.

³⁰¹¹ Vladimir Lenine, “The ‘Black Hundreds’ Anti-Clerical Campaign”, 19 de março de 1922, www.pages.uoregon.edu.

As igrejas foram saqueadas, apesar da resistência das populações, e cerca de oito mil padres, monges e freiras desapareceram entre 1922 e 1923.

Regresso à economia de mercado

O primeiro a propor o regresso da economia de mercado para sair do caos em que o país tinha mergulhado, assim abrindo um caminho semelhante ao do corporativismo fascista, foi Trotsky. “Antes havia o mercado; abolimo-lo. O comércio livre foi abolido. As considerações comerciais foram abolidas”, enumerou perante o partido, admitindo ter-se tratado de um “erro”, pois “a classe trabalhadora foi incapaz de construir o socialismo de uma forma centralizada”³⁰¹². Era preciso acabar com as requisições forçadas, uma vez que a repressão pura não estava a funcionar, e instituir um sistema de incentivos à produção em que se premiava os camponeses que mais produziam. Ou, dito de uma forma mais crua, era preciso promover o tão vilipendiado lucro, era preciso beneficiar os amaldiçoados *kulaks* e era igualmente preciso reintroduzir o mal-afamado princípio da competição de modo a melhorar e aumentar a produção. Além disso, havia que rejeitar as velhas ideias dos direitos sindicais. Trotsky admitiu que se tratava de um “recoo político na frente económica”, com a política comunista a ser substituída “por métodos de mercado: pela compra e venda, pelo cálculo comercial e competição.”³⁰¹³

A proposta começou por ser rejeitada. Nem pensar num recuo daqueles. Lenine chegou até a acusar Trotsky de liberalismo, palavra insultuosa no léxico comunista. Mas a situação continuava a agravar-se e havia mesmo que fazer alguma coisa. O que até ali era impensável tornou-se enfim imprescindível. O chefe do partido acabou por reconhecer que tinham sido cometidos “vários erros” e que era necessário recuar nas políticas comunistas e no ataque à economia de mercado. “A nossa pobreza e a nossa ruína são enormes”, concedeu Lenine, para estabelecer que “a alternativa (e esta é a única política sensata e *possível*)” (parênteses e *italico* no original) era permitir “elementos de comércio sem restrições e do capitalismo em geral”³⁰¹⁴. Ou seja, para sair da crise tornava-se imprescindível autorizar o

³⁰¹² Leon Trotsky, “The Trade Unions and the Soviet State”, 1922, Trotsky Internet Archive, www.marxists.org.

³⁰¹³ Leon Trotsky, “The Economic Situation of Soviet Russia from the Standpoint of the Socialist Revolution”, 1 de dezembro de 1922, www.marxists.org.

³⁰¹⁴ Vladimir Lenine, “The Tax in Kind”, 21 de abril de 1921, www.marxists.org.

regresso da iniciativa privada. O país precisava de capitalismo. O *Vozhd* recuou nas medidas comunistas e instituiu assim a Nova Política Económica, ou NEP, indo ainda mais longe do que Trotsky propusera.

A NEP foi adotada em março de 1921 no X Congresso do partido, reunido na altura da revolta dos marinheiros de Kronstadt contra a fome e o comunismo, como uma medida de emergência para fazer face ao caos. Com a Nova Política Económica, o corporativismo bolchevique deixou de se limitar à repressão das greves e às negociações com os grandes industriais e estendeu-se a todos os setores da economia. O chefe bolchevique estabeleceu que um dos “erros” fora o ataque à burguesia. Para inverter a ruína tornava-se necessário oferecer “incentivos pessoais” de modo a “aumentar a produção”³⁰¹⁵. Havia que aceitar “o capitalista” que iria “conduzir o seu negócio segundo linhas capitalistas, em busca do lucro”³⁰¹⁶.

Lenine chegou ao ponto de anunciar a necessidade de “pagar uma remuneração muito alta pelos serviços dos melhores especialistas burgueses”³⁰¹⁷ de modo a “atrair” tais especialistas com “salários extremamente elevados”³⁰¹⁸ e gerar enfim real produção no sistema comunista. “De importância decisiva”, insistiu o chefe comunista russo, “é aumentar a produtividade do trabalho numa escala nacional”, o que tornava “necessária” uma “paragem na ofensiva”³⁰¹⁹ contra a burguesia, pois o “problema fundamental”, repetiu, era “o aumento da produtividade”³⁰²⁰. Ora o capitalismo era “um meio, um caminho e um método para aumentar as forças produtivas.”³⁰²¹

Também era preciso acabar com o ataque aos camponeses e parar com o confisco forçado dos alimentos, não por se tratarem de ações imorais mas por se revelarem contraproducentes para a produção. As medidas coercivas do comunismo inibiam a produção de comida. Lenine substituiu as apropriações forçadas de alimentos por uma taxa e deu ordens escritas para “conceder ao agricultor mais liberdade para usar os excedentes pós-taxa no

³⁰¹⁵ Vladimir Lenine, “Fourth Anniversary of the October Revolution”, *Pravda*, 18 de outubro de 1921, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

³⁰¹⁶ Vladimir Lenine, “The Tax in Kind”, 21 de abril de 1921, www.marxists.org.

³⁰¹⁷ Vladimir Lenine, *op. cit.*, 5ª edição, 1919, p.14.

³⁰¹⁸ *Idem*, p.15.

³⁰¹⁹ *Ibidem*, p.11.

³⁰²⁰ *Ibidem*, p.23.

³⁰²¹ Vladimir Lenine, “The Tax in Kind”, 21 de abril de 1921, www.marxists.org.

comércio local”³⁰²². Mas o mais importante é que, pondo fim a três anos de comunismo puro e duro, a atividade económica privada foi autorizada.

Mas isto não chegava. Os comunistas perceberam que seria preciso capital para industrializar o país. Muito capital. Ora Moscovo não o tinha. Quem o tinha eram os capitalistas. Encostado à parede, e numa iniciativa semelhante à de Kautsky na Alemanha e precedendo iniciativas similares de Mussolini com a Confindustria e de Hitler com os Krupp, Lenine estendeu a mão aos industriais em busca de cooperação com o “grande capital”. Trotsky apoiou-o na abertura ao investimento estrangeiro para tirar o país do caos em que mergulhara com as políticas comunistas.

Confrontados com a nacionalização ocorrida na banca, nos caminhos-de-ferro, na grande indústria e nas minas e com toda a retórica revolucionária e anticapitalista dos bolcheviques, no entanto, os empresários convenceram-se de que acabariam esbulhados e torceram o nariz à proposta. Apenas um deles, o magnata do ferro e do aço V. P. Meshcherski, aceitou negociar. Dentro do próprio partido bolchevique depressa se contestou a aproximação ao grande capital, o que obrigou Lenine a defender-se. O *Vozhd* alegou que o dinheiro dos capitalistas era temporariamente necessário e que numa fase posterior tudo acabaria nacionalizado pois tratavam-se de medidas de “*transição do capitalismo para o socialismo*”³⁰²³ (itálico no original). Este tipo de discurso assustou V. P. Meshcherski, que percebeu que todo o dinheiro que investiria seria perdido. As conversações falharam.

Lenine e Trotsky viraram-se a seguir para os empresários estrangeiros, em particular os alemães. O representante plenipotenciário soviético em Berlim, Viktor Kopp, escreveu a Trotsky a confirmar que os grandes industriais como os Krupp e os donos de grandes empresas como a Albatrosswerk e a Blom & Voss estavam interessados. Lenine quis também entregar a exploração da bacia de Donetsk, na Ucrânia, a concessionários privados estrangeiros, acreditando que só eles poderiam restaurar a operação das minas e colocar as produções agrícolas a funcionarem na perfeição. Contemplou-se igualmente o regresso da Companhia de Petróleo Nobel a Baku para aumentar a eficiência da extração e comercialização petrolífera. Era mais um passo de natureza corporativista à maneira dos fascistas e dos nacional-socialistas, só que *antes* destes.

³⁰²² Vladimir Lenine, “Rough Draft of Theses Concerning the Peasants”, 8 de fevereiro de 1921, www.marxists.org.

³⁰²³ Vladimir Lenine, “The Tax in Kind”, 21 de abril de 1921, www.marxists.org.

Este novo projeto de abertura aos grandes industriais estrangeiros foi acolhido com aprovação no X Congresso do partido bolchevique, apesar de ter suscitado a perplexidade junto de alguns comunistas que não tinham a memória curta. Então tempos antes havia o seu chefe criticado Kautsky nos termos mais duros por ter chegado a um entendimento com os industriais alemães e agora ele próprio tentava fazer o mesmo com os mesmíssimos industriais? Lenine e Trostky queriam abrir as portas da Rússia comunista aos Krupp? A nova aproximação, porém, falhou igualmente. Os capitalistas não acreditavam nos bolcheviques e estava fora de questão confiar-lhes o seu dinheiro, pois acreditavam que este lhes seria roubado. Voltou tudo à estaca zero.

Para compensar, as medidas internas de abertura à economia privada depressa começaram a dar frutos. Apareceu de imediato pela Rússia, e sobretudo em Moscovo, uma miríade de lojas, cafés, restaurantes e até pequena indústria privada, encabeçada por pequenos empresários designados na gíria por homens-NEP. Os produtos agrícolas começaram a ser vendidos nos mercados, o pão regressou às padarias, as barracas dos mercados encheram-se de alimentos e de outros produtos, os comerciantes reapareceram com vegetais, manteiga e carne, e a fome começou a esbater-se. “A NEP, a Nova Política Económica, que tornou de novo legal o comércio privado, permitiu o aparecimento de centenas de novas lojas, restaurantes, cafés”, testemunhou Victor Kravchenko, constatando que “com dinheiro já se podia obter quase tudo.”³⁰²⁴

Na prática Lenine suspendeu deste modo a luta de classes e a repressão da burguesia, e abraçou a cooperação e o produtivismo corporativista, *justamente a proposta dos fascistas*. Para legitimar este recuo, os próprios bolcheviques recordaram a lição de Marx e Engels de que o socialismo só era possível, nas palavras de Trotsky, “passando por esta fase, na estrada do capitalismo para o socialismo”³⁰²⁵, na verdade “a transição para uma economia socialista, e daí para o comunismo perfeito”³⁰²⁶. Isto é, o capitalismo constituía uma fase imprescindível, *ideia marxista que os fascistas sempre defenderam*. “A NEP permitiu uma economia mista na qual

³⁰²⁴ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.43.

³⁰²⁵ Leon Trotsky, “The Economic Situation of Soviet Russia from the Standpoint of the Socialist Revolution”, 1 de dezembro de 1922, www.marxists.org.

³⁰²⁶ Leon Trotsky, “The Economic Situation of Soviet Russia”, 9 de janeiro de 1923, Trotsky Internet Archive, www.marxists.org.

os setores estatais e socializados competiam com os privados”³⁰²⁷, notou o historiador Orlando Figes, enquanto Mathilde Aycard e Pierre Vallaud sublinharam que, com a NEP, “o país remeteu-se ao trabalho, o desemprego caiu, o capital privado desenvolveu-se.”³⁰²⁸

O ambiente serenou. “Sem a NEP, o Estado soviético seria submerso por revoltas”, notou Robert Service, para quem Lenine “oferecera um programa de ação que parecia esvaziar o bolchevismo do seu conteúdo revolucionário”³⁰²⁹. Romain Ducoulombier fala mesmo no “contexto semi-liberal da NEP”³⁰³⁰. Quanto à grande fome, os mecanismos orwellianos do leninismo encarregaram-se de a apagar da memória, como se nunca tivesse sequer existido. “Os mortos, milhões deles, foram enterrados e, por um acordo jamais verbalizado, ninguém mais se referiu à catástrofe”, observou Kravchenko. “O pesadelo foi consignado à noite.”³⁰³¹

Não contente com o regresso da economia de mercado, o *Vozhd* decidiu cooperar com o grande capital e voltou a estender a mão aos industriais. Assim, parou com as ameaças de fomentar a revolução pela Europa e propôs de novo dar concessões aos empresários alemães, chegando mesmo a oferecer-lhes terras na Rússia. Além disso, assinou um acordo comercial com o Reino Unido e tentou seduzir investidores britânicos e americanos. Cúmulo dos cúmulos, vendeu em segredo tesouros artísticos do Hermitage ao magnata do petróleo Calouste Gulbenkian, negociou com a De Beers a venda do ouro subtraído à Igreja Ortodoxa e quis até atrair para a Rússia a companhia petrolífera Nobel.

Colaboração de classes e produtivismo no comunismo

O bolchevismo foi-se assim tornando descaradamente fascista – pois o produtivismo e o recurso instrumental ao grande capital, aos burgueses e à economia de mercado para o garantir era justamente uma ideia dos pós-marxistas fascistas, que desde o início insistiam que o grande problema do socialismo oficial não era a distribuição de riqueza, mas a sua produção.

³⁰²⁷ Orlando Figes, *Revolutionary Russia, 1891-1991*, Pelican Books, Londres, 2014, p.193.

³⁰²⁸ Mathilde Aycard e Pierre Vallaud, *Russie, révolutions et stalinisme – 1905-1953*, Editions Perrin, Paris, 2015, p.219.

³⁰²⁹ Robert Service, *op. cit.*, 2000, p.422.

³⁰³⁰ Romain Ducoulombier, *op. cit.*, 2014, p.23.

³⁰³¹ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.34.

Como testemunhou Kravchenko, a retórica comunista soviética passou a dar “ênfase na produção”³⁰³².

Para isso tornava-se necessário cooperar com a burguesia, não exterminá-la. “A abolição das classes”, escreveu Lenine, “significa *abolir os pequenos produtores de bens*, e esses *não podem ser eliminados* nem esmagados; temos de viver em harmonia com eles”³⁰³³ (itálico no original). Ou seja, *e exatamente como os fascistas*, Lenine começou a defender a harmonia e a cooperação entre as classes. Por outras palavras, tornou-se na teoria e na prática um adepto do corporativismo fascista.

A cooperação entre as classes chegou até a ser formalizada em instituições como as câmaras de conciliação e os tribunais arbitrais criados por Lenine para conciliar os interesses laborais e que, embora opcionais, se constituíram como verdadeiras câmaras corporativas. “A secção básica do Código previa que os conflitos em torno do estabelecimento e aplicação das condições de trabalho estabelecidas por lei, acordos coletivos, contratos de emprego ou regras internas deveriam ser examinados por a) agências de conciliação e arbitragem (*primiritel’no-treteiskogo razbiratek’sstva*) (RKK, câmaras de conciliação e tribunais arbitrais)” (parênteses no original), escreveram Donald Barry, George Gingsburgs e Peter Maggs, “e b) sessões especiais do tribunal popular para casos laborais”³⁰³⁴. Longe iam já os tempos da defesa intransigente da conflitualidade entre classes.

Igualmente significativo, e como já mencionámos, a Constituição soviética de 1936, aprovada em pleno período do Grande Recuo estalinista quando o regime retrocedeu nas medidas comunistas que degeneraram no caos nas coletivizações, aboliu as discriminações de classe. Isto é, na União Soviética deixava de se poder perseguir alguém que fosse um *kulak* ou um burguês. Com esta formulação, a luta de classes passou a letra morta na lei. Para compensar, em vez dos mais ricos, os alvos do sistema opressor comunista tornaram-se os mais pobres.

Não é por acaso que a maior parte dos condenados por “contrarrevolução” nos *gulag* eram provenientes dos setores mais empobrecidos da sociedade e uma importante fatia era mesmo constituída por analfabetos. Dissesse a doutrina marxista o que dissesse, o sistema legal soviético formalizou assim

³⁰³² *Idem*, p.294.

³⁰³³ Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1970, p.26.

³⁰³⁴ Donald D. Barry, George Gingsburgs e Peter B. Maggs, *Soviet Law After Stalin – The Citizen and the State in Contemporary Soviet Law*, A. W. Sijthoff, Leyden, 1977, p.271.

o fim dos conflitos de classe no plano legal, e a União Soviética passou a privilegiar as discriminações segundo a nacionalidade e a etnia. “Os novos guardas eram asiáticos”, referiu o judeu polaco Januzs Bardach, escravo nos *gulag*, notando que “o NKVD planeava as coisas desta maneira, contando com as diferenças raciais e étnicas para aumentar a hostilidade entre os guardas e nós”³⁰³⁵. Detalhe muito importante, as perseguições comunistas atingiam sempre os mais desfavorecidos, até porque as minorias nacionais e raciais se situavam em geral nas franjas da sociedade, constituídas pelos mais desprotegidos.

Aos fascistas italianos não passou despercebida a mudança de rumo ditada pela NEP de Lenine na União Soviética. Quando das grandes fomes, Mussolini constatou o “estado de completa desorganização da Rússia”³⁰³⁶ e não hesitou em culpabilizar o sistema comunista. “Se milhões de pessoas morrem de fome e de cólera, a culpa é da experiência horrível que os comunistas tentaram fazer”³⁰³⁷, acusou o chefe dos *fasci*, falando das “centenas de milhões de homens entregues a si mesmos, no mais vasto naufrágio político, económico e moral que a história registou!”³⁰³⁸ Confrontado com a multiplicação de relatos de canibalismo na pátria do socialismo, Mussolini já só foi capaz de recorrer à ironia: “Viva a Rússia de Lenine!”³⁰³⁹

Foi a NEP, iniciada na altura em que a grande fome ia atingir o seu ponto mais crítico, que mudou a perceção dos fascistas de que a Rússia se ia afundar na miséria mais abjeta. “O ‘capitalismo’ regressa e triunfa até na Rússia de Lenine!”³⁰⁴⁰, constatou Mussolini, numa altura em que tentava mostrar aos socialistas italianos que o comunismo puro e duro não funcionava e apenas conduzia à ruína. “As novas orientações económicas de Lenine e consortes” mostram “que de comunista na Rússia não há mais nada”, uma vez que “na Rússia já não existem conselhos de fábricas, já não

³⁰³⁵ Januzs Bardach, *op. cit.*, 1999, p.348.

³⁰³⁶ Benito Mussolini, “Fame in Russia”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de agosto de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.98.

³⁰³⁷ Benito Mussolini, “Dove impera Lenin”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de julho de 1921, *idem*, p.77.

³⁰³⁸ *Ibidem*, p.78.

³⁰³⁹ Benito Mussolini, “Nel Paradiso bolscevico – Il ritorno dell’antropofagia in Russia”, *Il Popolo d'Italia*, 10 de setembro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.398.

³⁰⁴⁰ Benito Mussolini, “Fascismo e burocrazia”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de junho de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955, p.398.

existe o horário das oito horas, nem a uniformidade dos salários” e “a aplicação da doutrina comunista na indústria foi apenas tentada; logo se constatou que as massas não dirigem as massas e corrigiu-se o tiro ou, alternativamente, renegaram-se os ideais”³⁰⁴¹. A fascização do comunismo leninista, feita para resgatar o país do abismo, tornara-se uma evidência para o chefe do fascismo. “Depois de ter nacionalizado o comércio, ele restituiu-o ao regime de liberdade”, além de que “depois de ter suprimido os burgueses, até fisicamente, hoje chama-os de todos os horizontes.”³⁰⁴²

A consequência é que o socialismo não tinha outra alternativa que não fosse aceitar a economia de mercado, como os fascistas, tal como os sociais-democratas, sempre haviam preconizado. “Lenine iniciou, por sua vontade, um período de nova política económica que se intitula NEP como abreviativo, que conduziu a este resultado até agora: a criação de uma classe numerosa de pequenos proprietários de camponeses”³⁰⁴³, declarou Mussolini perante o Senado italiano. Ou seja, “o mundo vira à direita na Rússia – a mesma Rússia que parecia querer inaugurar a época das realizações esquerdíssimas – quando Lenine confessa que com a restaurada liberdade de comércio renasce o capitalismo; ou quando vai ao Conselho Superior da Economia presidido pelo conhecido Rikoff para garantir aos capitalistas o restabelecimento da indústria privada e declarar a postura não hostil dos comissários do povo e pedir uma colaboração estreita aos capitalistas.”³⁰⁴⁴

Além disso, os fascistas perceberam que a NEP trouxera formalmente o corporativismo à União Soviética. “A Itália é a primeira nação (...) que procedeu à formação de um sistema económico nacional através do ordenamento corporativo”, gabou-se Ugo Spirito, reconhecendo que ao exemplo italiano “se pode juntar a Rússia”³⁰⁴⁵. Mussolini fez notar que as câmaras de conciliação e os tribunais arbitrais soviéticos só não se tornaram obrigatórios “porque era necessário atrair o capital privado”³⁰⁴⁶, e os

³⁰⁴¹ Benito Mussolini, “Mentre il Pus siede – Lenin, Vanderlip e C.”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de janeiro de 1921, *idem*, p.118.

³⁰⁴² Benito Mussolini, “Il primo discorso alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento italiano*, 22 de junho de 1921, *ibidem*, p.442.

³⁰⁴³ Benito Mussolini, “La politica estera al Senato”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, dezembro de 1983, p.42.

³⁰⁴⁴ Benito Mussolini, “Segni del tempo”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de junho de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.18.

³⁰⁴⁵ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1970, p.248.

³⁰⁴⁶ Benito Mussolini, “L’articolo 13 della legge sui rapporti collettivi di lavoro”, *Atti del Parlamento Italiano*, 11 de dezembro de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.34.

comunistas bolcheviques fizeram-no “para não assustar o capital privado porque se o capital privado, que já estava avisadíssimo e queimadíssimo devido ao período do comunismo militante, enfrentasse perspectivas ainda mais duras e incertas, não iria para a Rússia e a nova política económica instaurada com muita inteligência e com muito sentido de realidade por Lenine saldar-se-ia num clamoroso fracasso.”³⁰⁴⁷

Já no período pós-Lenine, Marcello Gallian, fundador do fascismo e paladino do fascismo revolucionário socialista, notou o aparecimento na União Soviética de uma “burguesia comunista” sob a liderança de um “Estaline imperador”³⁰⁴⁸, enquanto o fascista francês Pierre Drieu la Rochelle sublinhava que os bolcheviques faziam sobre o assunto jogos eufemísticos de palavras e que “a massa proletária não governa sob Estaline”, pois “a nova classe privilegiada na Rússia é uma burocracia”³⁰⁴⁹. Os novos burgueses russos eram os burocratas comunistas, e estes impunham a “cooperação” aos camponeses e operários, pois no paraíso comunista supostamente já “não existiam” classes e portanto acabara a luta de classes. Instalara-se assim no comunismo soviético um corporativismo sem esse nome.

Os historiadores concordam e até concedem ao bolchevismo o privilégio de ter criado a economia fascista antes do próprio fascismo, o que faria do comunismo soviético um fascismo *avant la lettre*. “Com a introdução da NEP”, observou Domenico Settembrini, “o edifício da URSS ofereceu as grandes linhas da configuração do que seria o fascismo”³⁰⁵⁰ e “ao morrer, Lenine deixou como herança última a NEP, que foi na verdade uma política económica cujas linhas essenciais estavam em conformidade com a interpretação mussoliniana do anticapitalismo marxista.”³⁰⁵¹

É interessante notar que Mussolini reconheceu a NEP comunista como corporativismo produtivista fascista que efetivamente era, embora considerando-a um fascismo distorcido por a achar *menos* socialista do que o fascismo. “O capitalismo de Estado russo”, disse, “é a forma mais impulsiva e menos socialista de um capitalismo híbrido”³⁰⁵², pois colocara

³⁰⁴⁷ *Idem*, p.35.

³⁰⁴⁸ Paolo Buchignani, *Marcello Gallian – La battaglia antiborghese di un fascista anarchico*, Bonacci Editore Roma, Roma, p.72.

³⁰⁴⁹ Pierre Drieu la Rochelle, *op. cit.*, 2016, p.49.

³⁰⁵⁰ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.99.

³⁰⁵¹ *Idem*, p.264.

³⁰⁵² Benito Mussolini, *Testamento politico di Benito Mussolini*, Edizione della Lanterna, Pordenone, 2ª edição, 2013, p.28.

uma burocracia nas funções de burguesia e evidentemente esses burocratas comunistas, os funcionários, não sabiam desempenhar tal papel com eficácia. “O Estado não se deve tornar ‘produtor’, pois quem diz Estado diz necessariamente burocracia e a burocracia é antiprodutivista e parasitária por definição”, disse o chefe dos fascistas, considerando que “a ‘produção’ é o problema principal” e que “se não for resolvido, qualquer que seja o sistema de convivência social – capitalista, socialista, comunista – está destinado a perecer na miséria universal.”³⁰⁵³

Por outro lado, Mussolini não se coibiu de dar uma alfinetada nos bolcheviques quando os viu aumentarem salários para atraírem burgueses e aproximarem-se do Ocidente em busca de dinheiro e tecnologia, pois na sua perspectiva tal postura provava que os fascistas sempre tiveram razão quando respeitaram o papel revolucionário da burguesia previsto na doutrina marxista original. “A economia comunista está falida e longe vai o sonho da revolução mundial”, observou o *Duce*. “O bolchevismo, passados que foram dez anos, passa a mão pelo pelo dos burgueses do Ocidente a pedir-lhes técnicos e dólares.”³⁰⁵⁴

A escravatura produtivista nos *gulag*

Já depois da NEP, o regime abraçou abertamente o produtivismo de que Mussolini vinha a falar desde 1919. Nos *gulag*, as legiões de escravos eram incessantemente encorajadas a produzir. Como registou o *zek* Julius Margolin, nos campos de concentração comunistas os “cartazes relacionavam-se com a produção: ‘Vamos aumentar o ritmo!’, ‘Liquidaremos sem piedade os que se recusam a trabalhar!’, ‘Trabalha bem hoje – e amanhã melhor ainda!’.”³⁰⁵⁵ A palavra de ordem do regime tornou-se a produção, aderindo assim ao produtivismo típico dos fascistas. Recorde-se que Mussolini escrevera que “o essencial é ‘produzir’”³⁰⁵⁶, na verdade “produzir, produzir, produzir”³⁰⁵⁷, e isso “é sobretudo no interesse dos chamados proletários.”³⁰⁵⁸

³⁰⁵³ Benito Mussolini, “Chi possiede, paghi!”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de julho de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954, p.224.

³⁰⁵⁴ Benito Mussolini, “Prefazione a ‘Gli aspetti universal del fascismo’”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, abril de 1984, p.14.

³⁰⁵⁵ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.975.

³⁰⁵⁶ Benito Mussolini, “Orientamenti e problemi”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de agosto de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953, p.283.

³⁰⁵⁷ *Idem*, p.284.

³⁰⁵⁸ *Ibidem*, p.283.

Os comunistas russos consolidaram a inversão total da teoria socialista, passando a chamar “reacionários” aos pobres que vagabundeavam em desespero pelo país e “revolucionários” aos burocratas confortavelmente instalados no aparelho de Estado. “Os elementos capitalistas”, disse Estaline em referência a toda essa gente em estado miserável que deambulava pelo país esfaimada e em roupas esfarrapadas, “organizam a sabotagem”, chegando ao ponto de “injetarem germes da praga e de antrax no gado” e de “organizarem o roubo em massa e o saque da propriedade estatal”, e por isso era necessário “aplicar-lhes rigorosamente a lei.”³⁰⁵⁹

O “roubo em massa” a que o líder comunista se referia era o roubo de fruta por parte das hordas esfomeadas de dekulakizados e de nações e etnias deslocadas e perseguidas, incluindo crianças abandonadas, e “aplicar-lhes rigorosamente” a lei em tais casos era metê-los na prisão e nos campos de concentração até cinco anos pelo simples furto de uma maçã.

A perseguição comunista aos pobres e às crianças foi testemunhada por Aleksandr Solzhenitsyn. “Eles vigiavam para garantir que nenhuma das crianças – catorze, dez, às vezes seis anos de idade – escapassem”, escreveu. “Até ao último farrapo, todos tinham se ir pela mesma estrada até à destruição comum”. Vagas e vagas de esfaimados foram condenados aos *gulag* por crimes como comer grãos de trigo. “A onda dos que foram apanhados a fazer isto não foi pequena – incluía muitas dezenas de milhar de camponeses, muitos dos quais nem eram adultos mas rapazes, raparigas e crianças pequenas cujos pais as tinham mandado à noite ir buscar algo para comer porque não tinham esperança de receber nada da quinta coletivizada pelo seu labor diurno”³⁰⁶⁰, registou o autor de *O Arquipélago de Gulag*, lembrando que “por esta amarga e pouco produtiva ocupação (um extremo de pobreza ao qual os camponeses não foram conduzidos nem nos tempos da servidão), os tribunais aplicaram a sentença completa: *dez* anos pelo que se considerava o especialmente ameaçador roubo de propriedade socialista”³⁰⁶¹ (itálico e parênteses no original). Se duas ou três crianças com doze anos roubavam uns grãos eram consideradas “gangues organizados”³⁰⁶² e podiam ser condenadas a vinte anos num campo de concentração.

³⁰⁵⁹ José Estaline, “The Results of the First Five-Year Plan”, 7 de janeiro de 1933, J. V. Stalin Archive, www.marxists.org.

³⁰⁶⁰ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.26.

³⁰⁶¹ *Idem*, p.26/27.

³⁰⁶² *Ibidem*, p.35.

Essas crianças eram conhecidas nos campos dos *gulag* por *bezprizornye*, ou *crianças abandonadas*. O *zek* Julius Margolin encontrou uma brigada dessas crianças transformadas em escravos num campo de trânsito para onde foi enviado. “As crianças, tal como os adultos, iam trabalhar todos os dias, arrastando pranchas de madeira ou cavando buracos”³⁰⁶³, descreveu este prisioneiro, indicando que “todas estas crianças e adolescentes cumpriam pena por furtos menores, desordem e vagabundagem (...) O campo de trânsito de Kolas, onde eles se encontravam, era um pesadelo onde se juntavam bandidos, moribundos e degeneradas no último grau de degradação humana”³⁰⁶⁴. Margolin constatou que as crianças dos *gulag* ficaram “aterrorizadas para toda a vida e a sua passagem pelos campos era marcada nos seus documentos de identificação, o que eliminava a possibilidade de um dia terem uma vida normal”. A desumanidade dos comunistas para com as crianças deixou-o chocado. “Vi-os sentados na neve derretida junto às fogueiras, a tremerem de frio, em trapos que não lhes cobriam os corpos, numa condição indescritível”, referiu Margolin, concluindo que “a fome e o campo faziam deles verdadeiros *bezprizornye*.”³⁰⁶⁵

Essa situação, de resto, era generalizada nos próprios *gulag* para onde todos, e sobretudo os pobres, eram enviados como escravos. A sobrevivente Evguenia Ginzburg notou que a chefia dos campos de concentração comunistas “nunca deixava passar em claro uma infração de que tivesse conhecimento” e “não lhe ocorria à mente a ideia malsã de que os que tinham atentado contra a sacrossanta propriedade socialista eram pessoas esfaimadas”³⁰⁶⁶. No raciocínio da chefia dos *gulag*, “como podia, do alto das suas virtudes, deixar sem castigo o descarado que havia ousado mastigar, com uns dentes que estavam a cair por causa do escorbuto, uma batata crua pertencente ao Estado enquanto trabalhava nos armazéns de hortaliças?”³⁰⁶⁷ O sofrimento das crianças era indescritível, como era o caso da “pequena Lida Chacheskina, nascida em Yelgen, duas vezes separada da mãe à força e que viu, nos seus seis anos de vida, muitos metros de arame farpado, dezenas de cães-polícia e inúmeras torres de vigilância.”³⁰⁶⁸

³⁰⁶³ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.644.

³⁰⁶⁴ *Idem*, p.645.

³⁰⁶⁵ *Ibidem*, p.752.

³⁰⁶⁶ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.859.

³⁰⁶⁷ *Idem*, p.859/860.

³⁰⁶⁸ *Ibidem*, p.1148.

O comunismo soviético transformou-se num mecanismo de repressão dos mais desfavorecidos. “O regime atacava os pobres”³⁰⁶⁹, constataram os historiadores Juliette Cadiot e Marc Elie, observando que o sistema repressivo comunista tornara-se “uma terrível máquina de produzir marginalidade social”³⁰⁷⁰ e lembrando que “a maior parte dos soviéticos só conseguia sobreviver à custa de expedientes: furtar algo na sua fábrica ou guardar algumas espigas nos campos depois da colheita (‘roubo de propriedade socialista’), revender farrapos nos mercados (‘especulação’), faltar ao trabalho para procurar comida ou um ganha-pão (‘deserção’, ‘infração à disciplina do trabalho’), cultivar o seu minúsculo terreno em vez das terras do *kolkhoze* (‘parasitismo’)”³⁰⁷¹ (parênteses no original). “Aqueles que os comunistas caracterizaram como ‘camponeses pobres’”, confirmou Robert Conquest no seu estudo sobre as coletivizações e as grandes fomes soviéticas, “foram as principais vítimas”³⁰⁷². O comunismo deixara de ser um sistema de redistribuição de riqueza para os pobres e tornara-se um sistema de geração de pobreza e de marginalização dos pobres, pois, conforme sublinharam Cadiot e Elie, “a escalada repressiva que se abateu sobre a sociedade atingiu de forma desproporcionada os grupos mais miseráveis e mais fragilizados.”³⁰⁷³

Retórica de igualdade, realidade de desigualdade

Perante o que se passava na União Soviética, tornava-se claro a Mussolini que o verdadeiro socialismo era o fascismo. O *Duce* insistiu na natureza socialista do corporativismo quando em 1934 esclareceu que “para mim o corporativismo não passa de uma maneira de chegar ao socialismo”³⁰⁷⁴. Ao falar nas “ideias do fascismo”, enumerou-as com clareza: “colaboração e não luta de classes; Carta do Trabalho e socialismo; a propriedade é sagrada desde que não se torne um insulto à miséria; cuidado e proteção dos trabalhadores, especialmente dos velhos e dos inválidos; cuidado e proteção das mães e das crianças; assistência fraterna aos necessitados; moralidade

³⁰⁶⁹ Juliette Cadiot e Marc Elie, *op. cit.*, 2017, p.32.

³⁰⁷⁰ *Idem*, p.38.

³⁰⁷¹ *Ibidem*, p.32.

³⁰⁷² Robert Conquest, *op. cit.*, 1987, p.252.

³⁰⁷³ Juliette Cadiot e Marc Elie, *op. cit.*, 2017, p.41.

³⁰⁷⁴ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.284.

em todos os campos; luta contra a ignorância e contra a submissão aos poderosos.”³⁰⁷⁵

Por outro lado, a legitimidade doutrinária da recusa dos fascistas em encorajarem a conflitualidade social foi reforçada pela constatação de que, uma vez consolidados e estabilizados no poder, e apesar da retórica, na prática os regimes neomarxistas por toda a parte descartaram a partir de certa altura a luta de classes e privilegiaram a cooperação entre classes, como aconteceu com a NEP leninista e o Grande Recuo estalinista, a exemplo do que o fascismo e de certo modo também a social-democracia bernsteiniana já preconizavam.

Alguém acredita mesmo que a União Soviética e os diversos países de regime neomarxista eram de facto governados pelo proletariado? Os frequentadores das lojas especiais que vendiam produtos de qualidade a troco de moedas fortes ocidentais, como as *beryoška* na Rússia e as *kashtan* na Ucrânia, seriam mesmo os proletários? Evguenia Ginzburg, uma comunista que depois de cair na desgraça conheceu pela primeira vez em Magadan infantários que não eram para os membros do partido, referiu que os infantários “distinguiam-se claramente uns dos outros em função da classe social que serviam. Havia um para os filhos dos dirigentes. Crianças muito bem cuidadas chegavam à escola nos seus trenós, acompanhadas por babás ou por criados”, enquanto “para os estratos mais democráticos da população havia outros jardins”³⁰⁷⁶, evidentemente bem piores.

Quem mandava nestes países era, pois, e como é bom de ver, a *nomenklatura*, uma elite partidária que, para efeitos de legitimação ideológica, se autoproclamou guia dos proletários, ou a “vanguarda”. A *nomenklatura* era uma espécie de burguesia improdutiva, pois em vez de produzir bens e serviços, como acontecia com as burguesias tradicionais, produzia essencialmente burocracia. Tratava-se, nas palavras do governante comunista soviético Victor Kravchenko, de um “novo sistema soviético de classe privilegiada”³⁰⁷⁷ numa sociedade em que os burocratas comunistas se haviam transformado nos “parasitas do poder político”³⁰⁷⁸, estabelecendo assim no sistema supostamente igualitário do comunismo um verdadeiro “abismo entre classes.”³⁰⁷⁹

³⁰⁷⁵ Benito Mussolini, *op. cit.*, 2013, p.29.

³⁰⁷⁶ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.1144.

³⁰⁷⁷ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.365.

³⁰⁷⁸ *Idem*, p.373.

³⁰⁷⁹ *Ibidem*, p.374.

Quando o socialista George Orwell, na crítica ao comunismo feita através da alegoria de *Animal Farm*, disse que num sistema igualitário “todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que outros”³⁰⁸⁰, estava evidentemente a referir-se a essa elite socialista soviética que, fingindo-se retoricamente igual às outras classes, era na verdade privilegiada em relação às restantes. Ou seja, tratava-se de uma classe privilegiada dominante, uma espécie de burguesia não assumida. Por outro lado, a técnica comunista de adulterar os factos a seu bel-prazer com recurso à retórica, chamando igualdade ao que era uma profunda desigualdade, era evidentemente baseada na teoria soreliana dos mitos. Como notou Jean-Louis Vullierme, o comunismo “inventara uma representação muito democrática que não era nada democrática”, em que “os dirigentes da revolução representavam o povo melhor do que o próprio povo, pois só eles detinham a verdade.”³⁰⁸¹

Recorde-se que a filosofia do relativismo pragmatista de William James sustentava que era melhor uma falsidade útil do que uma verdade inútil, ideia aproveitada por Sorel para desenvolver o conceito de mito. Não interessava que Marx tivesse feito previsões falsas, o que interessava era a capacidade que essas falsidades tinham de galvanizar e mobilizar o proletariado para a revolução. A verdade não era importante em si mesma; só era importante se produzisse efeitos positivos para a causa de quem a enunciava. Quando uma verdade se tornava contraproducente para essa causa, mais valia substituí-la por outra verdade que fosse mais útil, mesmo que essa nova “verdade” fosse totalmente falsa.

A verdade deixou de constituir um fim em si mesmo e tornou-se meramente instrumental, noção que os comunistas e os fascistas, como revolucionários sorelianos que eram, prontamente agarraram. Referindo-se ao jornalismo italiano, por exemplo, Mussolini tinha afirmado que “o que é nocivo evita-se e o que é útil ao regime faz-se”³⁰⁸², algo que Lenine ou Estaline ou quaisquer outros comunistas também poderiam dizer. Aliás, diziam-no mesmo. O tenente-general Ion Pacapa revelou ter ouvido o ditador comunista romeno Nicolae Ceaușescu afirmar que “Marx e Lenine ensinaram-nos: um ato, qualquer que ele seja, é moral desde que sirva os

³⁰⁸⁰ George Orwell, *Animal Farm*, Penguin Books, Londres, 1989, p.90.

³⁰⁸¹ Jean-Louis Vullierme, *op. cit.*, 2015, p.275.

³⁰⁸² Benito Mussolini, “Il giornalismo come missione”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de outubro de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.48.

interesses do proletariado e da revolução mundial”³⁰⁸³. Ou seja, reprimir, matar ou mentir era moral desde que fosse útil à causa, conceito evidentemente sustentado no pragmatismo de James e cujas origens remotas estão na verdade em Nicolau Maquiavel. Um governante, argumentara Maquiavel, está “amiúde necessitado, para manter o Estado, de atuar contra a palavra dada, contra a caridade, contra a humanidade” e preparado para “entrar no mal, se necessitado”³⁰⁸⁴. Não interessavam os princípios éticos ou morais, nem sequer a verdade, mas apenas a *utilidade*.

Esta era a ideia por detrás da propaganda socialista fascista e comunista e é ela que explica a facilidade em adulterar a história que Orwell tão eloquentemente denunciou na sua obra. Através do “*Newspeak*”³⁰⁸⁵, ou *novilíngua*, em que por exemplo na ideologia do “Ingsoc”³⁰⁸⁶, ou “Socialismo Inglês”³⁰⁸⁷, “o Ministério da Paz se dedica à guerra, o Ministério da Verdade às mentiras, o Ministério do Amor à tortura e o Ministério da Abundância à fome”³⁰⁸⁸, o mesmo Orwell explicou no romance *1984* que, sempre que numa ditadura totalitária socialista a realidade desmente a doutrina, o Estado totalitário socialista resolve o problema através da simples mudança do nome que dá às coisas. As palavras, em vez de serem usadas para revelar a verdade, passaram a servir para a mascarar.

Isso mesmo foi aliás admitido por Lenine numa conversa com o Comissário da Justiça do governo bolchevique, Isaac Steinberg, que não era bolchevique mas antes um membro do Partido Socialista Revolucionário. Chocado com as matanças da *Cheka*, Steinberg foi queixar-se ao *Vozhd* bolchevique e argumentou que se era para aquilo não havia necessidade de um Comissário da Justiça no governo encabeçado pelos bolcheviques. “Mais vale chamar-lhe abertamente *Comissariado para o Extermínio Social* e fica tudo resolvido” (itálico no original), sugeriu o responsável pela pasta da Justiça, ao que Lenine respondeu: “bem dito (...) é isso exatamente o que deveria ser (...) mas não podemos dizê-lo desse modo”³⁰⁸⁹. Ou seja, Lenine sabia muito bem que era preciso usar a retórica para mascarar a verdade,

³⁰⁸³ Catherine Durandin, “Le système Ceausescu – Utopie totalitaire et nationalisme insulaire”, *Vingtième Siècle – Revue d’histoire*, nº25, janeiro-março de 1990, p.90.

³⁰⁸⁴ Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, Bertrand Editora, Lisboa, 2021, p.89.

³⁰⁸⁵ George Orwell, *Nineteen Eighty-Four*, Penguin Books, Londres, 2013, p.6.

³⁰⁸⁶ *Idem*, p.4.

³⁰⁸⁷ *Ibidem*, p.42.

³⁰⁸⁸ *Ibidem*, p.246.

³⁰⁸⁹ Isaac Steinberg, *In the Workshop of the Revolution*, Rinehart, Nova Iorque, 1953, p.145.

sendo que assumidamente na novilíngua do Ingsoc leninista a palavra “justiça” servia na realidade para dizer “extermínio social.”

A palavra-chave do Ingsoc orwelliano era *blackwhite*, ou *negrobranco*. “Aplicada a um opositor”, explica o texto do romance de Orwell, *negrobranco* “significa o hábito de descaradamente afirmar que o negro é branco, contraditando os factos óbvios. Aplicada a um membro do Partido, significa vontade leal de dizer que o negro é branco quando a disciplina do Partido o exige. Mas significa também a capacidade de *acreditar* que o negro é branco, e mais, de *saber* que o negro é branco e de esquecer que no passado se acreditava no contrário”³⁰⁹⁰ (itálico no original).

Por mais incrível que pareça, esta metáfora não foi imaginada por Orwell, mas constituiu a simples reprodução de uma ideia realmente expressa por um alto dirigente comunista na União Soviética. “Um verdadeiro bolchevique expulsa imediatamente da sua mente ideias nas quais acreditou durante anos”, declarou Gyorgy Pyatakov, para sublinhar que “ele está disposto a acreditar que o negro é branco e que o branco é negro se o Partido o exigir”, pois o verdadeiro bolchevique tem de “abandonar a sua personalidade até que não reste nela nem uma partícula que não se funda com o Partido, que não lhe pertença.”³⁰⁹¹

Esta forma de raciocinar deixou Orwell estarrecido. “Um Estado totalitário é na verdade uma teocracia, e a sua casta dirigente, para manter a sua posição, tem de ser vista como infalível”, observou o escritor. “Mas uma vez que ninguém é infalível, é frequentemente necessário rearranjar os acontecimentos de maneira a mostrar que este ou aquele erro não foi cometido ou que este ou aquele triunfo imaginário realmente aconteceu”³⁰⁹², uma vez que “o Líder, ou uma clique no poder, controla não apenas o futuro como o passado. Se o Líder disser sobre este ou aquele acontecimento, ‘Nunca aconteceu’ - bem, então nunca aconteceu”³⁰⁹³. Ou, como concluiu uma personagem de *1984*, “o que o Partido diz que é a verdade, é a verdade. É impossível ver a realidade exceto pelos olhos do partido”³⁰⁹⁴ (itálico no original).

³⁰⁹⁰ George Orwell, *op. cit.*, 2013, p.242.

³⁰⁹¹ Robert Conquest, *The Great Terror – A Reassessment*, Oxford University Press, Oxford, 1991, p.113.

³⁰⁹² George Orwell, “The Prevention of Literature”, in George Orwell, *op. cit.*, 2017, p.137.

³⁰⁹³ George Orwell, “Looking Back on the Spanish War”, *idem*, p.86.

³⁰⁹⁴ George Orwell, *op. cit.*, 2013, p.285.

O cúmulo desta política orwelliana de falsificação da verdade foi atingido quando o regime soviético resolveu escrever uma nova história do país e impô-la aos seus coincidadãos. “Um documento provavelmente sem precedentes”, descreveu-o o então governante comunista soviético, Victor Kravchenko. “Desavergonhadamente, sem qualquer explicação, revia meio século de história russa. Não se limitava a falsificar alguns factos ou a dar uma nova interpretação dos acontecimentos. O que estou a dizer é que revirava deliberadamente a história de uma ponta à outra, apagando acontecimentos e inventando factos. Distorcia o passado recente – um passado ainda fresco em milhões de memórias – e dava-lhe configurações novas e bizarras para que se conformasse com a versão resultante das purgas e de toda a sua propaganda. Era uma ficção arrojada, específica, intencional. Havia uma certa magnificência na sua hipocrisia ilimitada, no seu desafio ao bom senso do povo russo. Os papéis de destacadas figuras históricas foram pervertidos ou absolutamente apagados. Novos papéis foram inventados para outros. Leon Trotsky, um dos criadores do Exército Vermelho, foi apresentado como um perigoso agente dos capitalistas estrangeiros que tentara vender o país, em conspiração com Rykov, Bukharin, Zinoviev, Kamenev, Bubnov, Krestinsky, Piatakov e virtualmente todos os pais da revolução bolchevique. José Estaline, claro, aparecia como o único líder dentro da Rússia antes da revolução e depois disso como o íntimo e respeitado parceiro de Lenine. Todos os livros, artigos, documentos e materiais de museu que contradiziam esta fantasia extraordinária travestida de história – e isso significava quase todos os escritos e documentos históricos e políticos – desapareceram de todo o país. Mais do que isso, as testemunhas vivas foram o mais possível eliminadas. A direção do Instituto de Marx, Engels e Lenine, em Moscovo, repositório da verdade ideológica, foi demitida e as suas figuras mais importantes presas ou fuziladas. O mesmo aconteceu nas sucursais por todo o país.”³⁰⁹⁵

Uma das partes mais sofisticadas do processo de falsificação da história é aquele que torna os próprios cidadãos agentes dessa falsificação. “Milhares de outros das ‘frentes’ histórica, política e literária foram enviados numa estrada de sentido único para o esquecimento. O caminho ficou então aberto para a falsificação sem limites. A nova ‘história’ tornou-se possível”, escreveu Kravchenko. “Para marcar a vergonha mais profundamente nas nossas mentes, o ‘estudo’ da nova versão foi tornado obrigatório para todos

³⁰⁹⁵ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.304.

os responsáveis do Partido. Aulas de história eram dadas todas as noites e professores de Sverdlovsk vinham à nossa povoação para ensinar as mentiras enquanto a maior parte de nós se enfurecia em segredo. O que restava da nossa dignidade humana era humilhada. Mas mesmo a mentira mais gigantesca acabava por ganhar raízes por via da repetição infinita; Estaline sabia disto antes de Hitler o descobrir. Enquanto eu observava constatei que falsidades terríveis, de início aceites sob pressão, se tornavam ‘factos’ inquestionáveis, particularmente entre pessoas mais novas sem uma experiência pessoal a incomodá-las. (...) “Coube-me fazer uma ‘palestra’ sobre uma fase da história do Partido a dirigentes do Partido no distrito de Pervouralsk. Tive de desempenhar o meu papel na farsa dolorosa, claro, apenas porque era uma ordem da comissão da cidade que eu não me atrevia a desobedecer. (...) Encarei o auditório repleto de gente e, forçado a isso, menti durante mais de uma hora. Cada falsidade reabria as feridas meio saradas das minhas horríveis experiências sobre a campanha das coletivizações e as grandes fomes que delas resultaram. Senti que estava a trocar das crianças com barrigas inchadas no meio das quais trabalhei e a violar os corpos que vi empilhados nas aldeias. E durante todo o tempo em que falei não tinha dúvidas de que também o público sabia que eu estava a mentir. As minhas palavras e o aplauso dos espectadores foram igualmente espúrios; eramos tantos atores a desempenhar papéis nas partes que nos foram designadas desta comédia trágico-política. Porque me submeti eu, e o público, a essa indignidade? Pela mesma razão pela qual qualquer pessoa entrega a carteira a um assaltante que lhe aponta uma arma.”³⁰⁹⁶

O pragmatismo filosófico de William James tinha criado um monstro que o discurso político, e sobretudo o totalitário, transformou em moda intelectual e passou a usar para desvalorizar e até destruir o conceito de verdade. Se a única verdade é a verdade útil, se a verdade é relativa e não tem existência objetiva, então pura e simplesmente só há a verdade que quisermos. Consequentemente fica-se com carta branca para inventar o que se entender. Foi assim que, por exemplo, a Alemanha ditatorial comunista se autointitulou República Democrática Alemã e o artigo 1 da Constituição comunista chinesa estabeleceu que a China é uma “ditadura democrática”³⁰⁹⁷, desse modo esvaziando o sentido da palavra *democracia*.

³⁰⁹⁶ *Idem*, p.305.

³⁰⁹⁷ Conselho de Estado da República Popular da China, *Constitution of the People's Republic of China*, 23 de agosto de 2014, www.gov.cn.

“A mentira permanente torna-se a única forma segura de existência”³⁰⁹⁸, observou Aleksandr Solzhenitsyn sobre a realidade do comunismo soviético, notando que “todas as conversas (...) envolviam mentiras” até ao ponto em que “se o teu interlocutor idiota te disser na cara que as baratas do Colorado nos foram atiradas pelos americanos – é necessário concordar! (Um abanão da cabeça em vez de um assentimento poderá custar-te a deportação para o Arquipélago. Lembrem-se da prisão de Chulpenyov, na Parte I, Capítulo 7)”³⁰⁹⁹ (parênteses no original).

Tudo isto porque a imposição da “verdade” útil se sustentava, naturalmente, no medo, pois ninguém ignorava o que lhe aconteceria se cometesse o crime de apostasia. “O romance de ‘erguer o socialismo’ com as nossas próprias mãos desvaneceu-se rapidamente”³¹⁰⁰, admitiu o governante comunista soviético Victor Kravchenko. O problema é que o Partido era como a máfia – uma vez lá dentro, já não era possível sair de livre vontade: “uma pessoa não podia simplesmente ‘abandonar’ o Partido. Não se podia sequer abrandar as atividades ou trair sintomas de perda de fé. Tendo aderido ao Partido, um homem estava apanhado para sempre. Podia ser expulso, o que seria um desastre para si, mas não podia abandonar. Tivesse eu revelado as minhas verdadeiras emoções, tal significaria expulsão da escola, queda em desgraça e perseguição, possivelmente com campo de concentração ou pior como fim inevitável.”³¹⁰¹

Instala-se assim um império da mentira. No regime comunista “exige-se-te que dês um pontapé em Deus (mesmo se acreditares n’Ele); não podes omitir o elogio à tua liberdade ilimitada (mesmo que não consigas dormir com medo que te batam à porta); estejas a ler Turgenev na escola ou a traçar a linha do Dniepre com a régua tens de anatemizar o passado de pobreza e cantar loas ao presente de abundância (embora muito antes da guerra já tu e os teus filhos tenham visto aldeias inteiras a morrer à fome e as rações das crianças nas cidades reduzidas a trezentas gramas)”³¹⁰² (parênteses no original), escreveu o autor de *O Arquipélago de Gulag*, para quem a ordem dos comunistas era “mente, vai contra a tua consciência, morre – desde que isso nos ajude!”³¹⁰³

³⁰⁹⁸ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.325.

³⁰⁹⁹ *Idem*, p.326.

³¹⁰⁰ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.35.

³¹⁰¹ *Idem*, p.132.

³¹⁰² Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.334-335.

³¹⁰³ *Idem*, p.340.

Não interessa a verdade, apenas interessa a utilidade. “Se toda a gente te mentir, a consequência não é que acreditas na mentira mas que as pessoas deixam de acreditar no que quer que seja”³¹⁰⁴, concluiu Hannah Arendt numa entrevista. Essa foi a realidade da União Soviética durante décadas e décadas, a começar logo no período de Lenine. “À nossa volta, a ferocidade e a matança reinam supremas, mas eles não desistem de repetir que a fraternidade entre os homens está a ser realizada”, escreveu sobre a época de caos leninista o sociólogo russo Pitirim Sorokin, ele próprio preso pelos bolcheviques, notando que “por toda a parte há um colapso da moralidade, uma quebra da lei, sadismo e crueldade – e as massas chamam-lhe regeneração moral.”³¹⁰⁵

Numa sociedade assim, esvaziada por um nihilismo da verdade, a mentira torna-se um modo de vida. “Fomos educados desde a infância a acreditar que as mentiras e a hipocrisia são universais”, registou outra vítima dos comunistas, a escritora russa Nadezhda Mandelstam, observando que “eu decerto não teria sobrevivido aos nossos tempos terríveis sem mentir. Menti toda a minha vida: aos meus estudantes, a colegas e até a bons amigos em quem não confiava totalmente (o que se aplica à maioria). Da mesma maneira, ninguém confiava em mim”³¹⁰⁶ (parênteses no original). Este é um ponto em que há unanimidade. Nos próprios *gulag* “deixa de haver mentiras e verdade: tal diferença apenas existe numa consciência robusta e livre”, indicou o *zek* Julius Margolin, queixando-se de que “os que sobrevivem sofrem um atrofiamento geral da sua consciência e uma ‘marionetização’ do espírito”. Margolin notou que “os *zeks* desumanizados retêm algo inexpresso no seu subconsciente, mas a sua consciência torna-se constante, opaca e cinzenta – absolutamente passiva e morta”³¹⁰⁷. Como tão bem estabeleceu Victor Kravchenko, na União Soviética “a verdade era um luxo quase contra-revolucionário e sempre perigoso.”³¹⁰⁸

O reino da mentira resultava de uma permanente subversão da realidade. “Vivíamos no reino do Dragão, onde tudo estava às avessas”, observou Margolin. “Inválidos esfaimados lançavam batatas podres para sacos

³¹⁰⁴ Hannah Arendt, “From an Interview with Roger Errera”, 1974, maytemunoz.net.

³¹⁰⁵ Mikhail Agursky, “An Occult Source of Socialist Realism – Gorky and Theories of Thought Transference”, in Bernice Glatzer Rosenthal (direção), *The Occult in Russian and Soviet Culture*, Cornell University Press, Nova Iorque, 1997, p.258/9.

³¹⁰⁶ Nadezhda Mandelstam, *op. cit.*, 1983, p.22.

³¹⁰⁷ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.517.

³¹⁰⁸ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.77.

rasgados. Aqui os vagões não transportavam pessoas, mas as pessoas eram arreadas para os vagões. Aqui os analfabetos educavam os alfabetizados. Os criminosos davam ordens aos inocentes. Os saudáveis enviavam os doentes para o trabalho. Os mentirosos e os cretinos vigiavam cada palavra e pensamento. A neve caía em junho. As mulheres praguejavam como homens. As obras de Lenine não saíam das prateleiras para que o seu papel não fosse usado para enrolar cigarros. Fumávamos livros normais. Chegavam cartas para os mortos, mas os livros não tinham o direito de revelar que estavam vivos. Guardavam milhões de pessoas com cães para que não fugissem. Ninguém vivia onde queria ou dizia o que pensava ou trabalhava no que sabia. Traziam estrangeiros dos territórios ocupados, considerando-os socialmente perigosos no país dos soviéticos. Não cometíamos nenhum crime para aqui vir; permanecer neste sítio fazia de todos criminosos. A água fervida era aqui chamada ‘chá’; um barracão – uma residência; a tortura do trabalho forçado – trabalho.”³¹⁰⁹

O problema é que, com o tempo, a contradição entre a retórica e a realidade começou a tornar-se clara e a conduzir a uma eterna duplicidade, com consequências profundas na sociedade. “Passo o dia a ler jornais que proclamam que a vida se tornou melhor, que a vida se tornou mais alegre! ‘Onde poderá isso ser?’, pergunto a mim mesmo”, registou na intimidade do seu diário Ivan Chistyakov, guarda num *gulag*, observando que “nenhum de nós tem qualquer razão para estar feliz”, mas “se tentarmos falar em voz alta sobre a real situação teremos grandes problemas”³¹¹⁰. O discurso público, centrado na eterna proclamação da unidade, do progresso, da abundância, da melhoria das condições de vida, da igualdade e da paz promovidos pelo regime comunista no paraíso socialista que estava a ser erguido contrastava com uma realidade dura, repressiva, corrupta, marcada pela pobreza, pela desigualdade, pela violência e pelo belicismo.

Os comunistas falavam de paz numa linguagem encharcada de militarismo, desde “a luta” da classe operária até ao “combate” dos trabalhadores na “campanha” do trigo lançada na “frente” das colheitas até à “vitória final”. A mesma pessoa que numa reunião pública enaltecia o socialismo e os avanços conquistados na União Soviética, farol do progresso mundial e berço do homem novo, logo a seguir, quando ia jantar, contava anedotas em privado a denegrir o regime que acabara de elogiar e a expor

³¹⁰⁹ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.161/162.

³¹¹⁰ Ivan Chistyakov, *op. cit.*, 2017, p.58.

pelo humor os seus imensos podres. “As pessoas têm de fechar os olhos ao que está em redor”, escreveu Nadezhda Mandelstam, cujo marido morreu nos *gulag*, esclarecendo que “fechar os olhos dessa forma não é fácil e requer grande esforço. Não ver o que se passa à nossa volta não é apenas uma atividade passiva. Os cidadãos soviéticos alcançaram um elevado grau de cegueira mental.”³¹¹¹

Mais do que cegueira, viver sob a ditadura soviética implicava um comportamento esquizofrénico em que as pessoas por um lado se viam forçadas a papaguear com convicção a retórica comunista, e até a acreditar nela, ao mesmo tempo que, confrontadas com a realidade que desmentia a propaganda, pensavam o contrário do que diziam, e portanto a não acreditar na retórica comunista. “Todos aqui sabem o que significa a incongruência entre a palavra e a ação”, disse o psiquiatra russo Aleksei Smirnov à historiadora britânica Catherine Merridale na altura da queda do império soviético, sublinhando que tal incongruência “não é uma exceção à regra, é a regra. Dizer uma coisa e fazer outra. Essa é a regra de vida para o homem soviético (...) O homem pensa que está a ser governado por um bando de monstros, mas mesmo assim ainda diz: ‘viva o nosso Partido e o governo!’.”³¹¹²

Quando, já no fim do comunismo, Merridale foi à Rússia falar com sobreviventes do regime, confrontou-se com um país onde a informação considerada mais credível eram os boatos. Ora as pessoas só acreditam em boatos quando não confiam na informação que recebem das autoridades oficiais e da comunicação social, como qualquer político, jornalista ou cientista social sabe. Nessa altura havia ocorrido o desastre de Chernobyl e começara a circular o rumor de que a *vodka* limpava o organismo humano de substâncias radioativas. Merridale tinha uma amiga russa que estava grávida de sete meses e que, acreditando no boato, implorou-lhe que fosse às lojas comunistas só para moeda estrangeira e lhe comprasse *vodka* para se defender da radioatividade. A historiadora britânica explicou à amiga e à família dela que, como as autoridades britânicas de saúde explicavam, não só a *vodka* não protegia ninguém da radioatividade como ainda por cima, devido ao seu elevado teor alcoólico, constituía uma ameaça para o feto. “Como sabia eu, perguntaram-me numa conferência de família, que o meu

³¹¹¹ Nadezhda Mandelstam, *op. cit.*, 1983, p.58.

³¹¹² Catherine Merridale, *op. cit.*, 2000, p.360.

governo britânico não estava também a mentir?”³¹¹³, revelou Merridale. Para ela era evidente que na União Soviética “ninguém confiava no Estado.”³¹¹⁴

As consequências da constante mentira e da dissonância entre o discurso e a realidade eram, no entanto, mais profundas do que simplesmente fazer com que as pessoas deixassem de acreditar no que quer que fosse. O verdadeiro problema é que a mentira permanente viabilizava a perversão do poder, o verdadeiro objetivo de todo o exercício. O regime só sobrevivia justamente porque assentava na mentira. “Ao esconder as coisas uns dos outros e não confiarmos em ninguém, nós próprios ajudámos a implementar esse *secretismo absoluto*, a total desinformação entre nós que era *a causa das causas* de tudo o que estava a acontecer – incluindo as milhões de detenções e a respetiva aprovação em massa”, notou Aleksandr Solzhenitsyn, para quem “ao não nos informarmos uns aos outros sobre nada, sem gritar nem resmungar, ficámos completamente nas mãos dos jornais e do discurso oficial”³¹¹⁵ (itálico no original).

Num mundo assim os valores desmoronam-se, deixa de haver separação entre verdade e mentira, desaparece a diferença entre o bem e o mal, quem procura a verdade é considerado estúpido, ninguém acredita no que quer que seja porque a verdade deixa de ser importante, a ignorância alastra-se e a falsidade útil torna-se a única coisa que interessa. “O próprio conceito de verdade objetiva está a desaparecer do mundo”, constatou Orwell com grande alarme, salientando que uma das características do totalitarismo é justamente o de que “ataca o conceito de verdade objetiva”³¹¹⁶. Se não há verdade e se apenas o útil é verdadeiro, qualquer mentira pode ser enunciada como verdade e qualquer verdade transformada em mentira. A proclamação do fim da verdade objetiva legitimou implicitamente o império da mentira, o que levou Orwell a lamentar nas suas anotações de preparação de 1984 “o sentimento de pesadelo causado pelo desaparecimento da verdade objetiva.”³¹¹⁷

Foi justamente graças a esses habituais artifícios semânticos orwellianos baseados na ideia de que a verdade objetiva não existe que na União

³¹¹³ *Idem*, p.376.

³¹¹⁴ *Ibidem*, p.375.

³¹¹⁵ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.322.

³¹¹⁶ William Cain, “Orwell’s Essays as a Literary Experience”, in John Rodden (direção), *The Cambridge Companion to George Orwell*, Cambridge University Press, Cambridge, 2007, p.83.

³¹¹⁷ Lindsey Stonebridge, *Placeless People – Writings, Rights and Refugees*, Oxford University Press, Oxford, 2018, p.200.

Soviética se resolveu a contradição doutrinária entre a teoria de um Estado governado pelo proletariado e em luta de classes e a realidade de um Estado governado por uma nova burguesia, a da “vanguarda” que era o Partido, e em cooperação entre classes, como se a ditadura se tornasse democracia apenas por se lhe chamar democracia e a carne se tornasse peixe apenas por se lhe chamar peixe – ou uma nova burguesia se tornasse vanguarda do proletariado apenas por se lhe chamar vanguarda do proletariado e o fascismo se tornasse comunismo apenas por se lhe chamar comunismo. Não interessava que fosse verdade ou mentira, interessava unicamente que fosse útil para os fins pretendidos. Ou seja, o Estado soviético era comunista na teoria e tornou-se fascista na realidade.

Sendo certo que é abusivo classificar o regime bolchevique dos primórdios como fascista desde 1917, dada a prática real de conflituosidade de classes no período inicial enquanto regime. Contudo, a partir de 1920 o recuo representado pela NEP pôs um fim efetivo a essa política de conflitualidade que refletia o conceito marxista de luta de classes, com Lenine a defender a colaboração com os burgueses e a exigir até que se lhes pagassem elevados salários. Tal significa que a partir desse momento o bolchevismo se tornou de facto um fascismo – e isso ainda *antes* de os fascistas subirem ao poder em Itália. A implicação é clara. Em termos práticos, e dissesse a sua ideologia o que dissesse, o bolchevismo foi na realidade o primeiro regime fascista.

Os regimes comunistas como regimes fascistas

Com o final da Grande Guerra Patriótica, a União Soviética instituiu à sua volta uma série de Estados comunistas satélites que, para lá da retórica propagandística, mais não eram do que Estados vassalos submetidos ao poder imperial de Moscovo. Esses países sempre foram apresentados como comunistas internacionalistas, na linha estabelecida pelo Comintern, mas sê-lo-iam verdadeiramente?

O fascismo dos regimes neomarxistas do leste da Europa

Ninguém desconhece as versões nacionalistas do socialismo que Tito instituiu na Jugoslávia e Enver Hodxa na Albânia, com a sua feroz independência em relação ao “internacionalismo” soviético, nem as revoltas nacionalistas na Hungria e na Checoslováquia contra o comunismo imposto

por Moscovo, e talvez seja útil analisar em pormenor os Estados-satelites do leste da Europa para melhor compreender as suas dinâmicas em relação ao nacionalismo e ao internacionalismo.

Uma vez que não é possível analisar ao pormenor todos os casos, detenhamo-nos no caso da Roménia, seguramente com muitos pontos em comum com as restantes ditaduras comunistas para lá da cortina de ferro até porque, como observou a antropóloga Katherine Verdery, que estudou no terreno as sociedades comunistas do leste da Europa, “as parecenças familiares entre países socialistas eram mais importantes do que as suas diferenças”³¹¹⁸. A Roménia tem a vantagem de ser um caso em que, por ter procurado seguir um caminho mais independente da tutela soviética, permitir perceber se o comunismo fez também aqui uma inflexão para o nacionalismo, o que a acontecer indicaria uma tendência mais geral dos regimes comunistas, ou se se manteve puramente internacionalista, o que sugeriria que o comunismo nacionalista soviético poderia afinal não passar de uma exceção.

Com o final da Segunda Guerra Mundial e a entrada da Roménia do Exército Vermelho, Bucareste viu Moscovo impor-lhe para governo o Partido Comunista Romeno, o PCR, que não tinha praticamente qualquer implantação entre a população. Espremido entre a obrigação por um lado de defender os interesses da União Soviética e por outro a desconfiança tradicional dos romenos para com o gigante russo, que já tinha retirado à Roménia territórios na sequência do pacto soviético com a Alemanha nazi, o regime comunista de Bucareste não teve de início alternativa que não fosse seguir quem tinha mais força, Moscovo, tentando legitimar essa postura de obediência a um país estrangeiro com a retórica doutrinária do internacionalismo que mais não era, como as populações locais bem percebiam, do que uma submissão ao nacionalismo russo. Moscovo reprimiu fortemente qualquer veleidade patriótica dos romenos. A Academia Romena foi abolida e até língua escrita romena teve de adotar uma ortografia eslavizada, ao ponto de o próprio nome do país passar a ser escrito *Romínia*, à russa, e não *România*, à latina.

A morte de Estaline, contudo, trouxe um aliviar da pressão soviética. Os governos dos diversos Estados-satelites viram-se então com maior liberdade de movimentos e, após hesitações iniciais para testar o espaço que os russos

³¹¹⁸ Katherine Verdery, *What Was Socialism, and What Comes Next?*, Princeton University Press, Princeton, 1996, p.19.

lhês concediam, fizeram um esforço para estabelecer laços efetivos com as suas populações e começaram a voltar-se para um socialismo crescentemente nacionalista. De resto, as revoltas anti-soviéticas na Hungria e na Checoslováquia refletiram justamente essa mudança de rumo.

No caso da Roménia, tal viragem começou em 1964, quando o velho ditador comunista Gheorghe Gheorghiu-Dej rejeitou o plano soviético de transformar a Roménia num campo agrícola do bloco comunista, e consumou-se dois anos depois, na altura em que o novo ditador Nicolae Ceaușescu fez o seu primeiro discurso abertamente nacionalista por ocasião do aniversário do PCR. “A nação será durante muito tempo ainda a base do desenvolvimento da nossa sociedade”³¹¹⁹, declarou Ceaușescu nessa ocasião, num discurso em que falou em “nação socialista”³¹²⁰, em “reforçar o sentimento patriótico”³¹²¹, em “Roménia livre e independente”³¹²² nas “grandes batalhas sociais e nacionais”³¹²³, e descreveu a história do país como uma sucessão de lutas dos “patriotas” contra a “opressão estrangeira” para “conquistar a independência nacional” e “expulsar os opressores estrangeiros”³¹²⁴. Palavras destas não eram escutadas na Roménia desde a Segunda Guerra Mundial.

Os discursos subsequentes de Ceaușescu seguiram na mesma linha e foram até mais longe, lançando mesmo censuras na direção de Moscovo por causa da apropriação russa da Bessarábia romena. “As indicações dadas ao partido para lutar pela separação de alguns territórios maioritariamente ocupados por romenos não levaram em conta a situação particular da Roménia – um Estado unitário”, declarou o ditador romeno. “Foram profundamente erradas; na verdade conduziram ao desmembramento do Estado nacional e à desintegração do povo romeno”³¹²⁵. Ceaușescu censurou explicitamente os russos quando criticou “as apreciações referentes à

³¹¹⁹ Nicolae Ceaușescu, “Le Parti Communiste Roumain – Continuateur de la lute révolutionnaire et démocratique du peuple roumain, des traditions du mouvement ouvrier et socialiste de Roumanie”, 7 maio 1966, in Alina Pavelescu, “Le Conducator, le Parti et le Peuple – Le discours nationaliste comme discours de légitimation dans la Roumanie de Ceausescu (1965-1989)”, Programme doctoral Europe, Institut d’Études Politiques de Paris, Paris, 2009, p.440.

³¹²⁰ *Idem*, p.428, p.438 e p.440.

³¹²¹ *Ibidem*, p.440.

³¹²² *Ibidem*, p.427.

³¹²³ *Ibidem*, p.428.

³¹²⁴ *Ibidem*, p.439.

³¹²⁵ Dennis Deletant, *Hitler’s Forgotten Ally – Ion Antonescu and His Regime, Romania 1940-1944*, Palgrave MacMillan, Houndmills, 2007, p.266.

situação da Roménia feitas pelo Comintern sem conhecer as realidades do nosso país”³¹²⁶. E em 1968 proferiu o famoso discurso da varanda, onde se opôs à invasão soviética da Checoslováquia. Foi verdadeiramente esse discurso que galvanizou a generalidade dos romenos, que pela primeira vez se reviram num líder comunista.

A partir destas declarações a demarcar-se da União Soviética, o comunismo romeno seguiu a tendência geral das ditaduras comunistas e foi resvalando para o nacionalismo de uma maneira cada vez mais ostensiva e assumida. A nação romena passou a ser tema dos congressos do PCR e foram aprovadas resoluções que insistiam na importância da nação num contexto socialista e que criticavam, invocando o próprio Marx, a tese neomarxista de que as nações eram conceitos historicamente ultrapassados. As palavras referentes ao movimento fascista que a Roménia teve na Segunda Guerra Mundial, a Guarda de Ferro, revelaram-se igualmente desconcertantes. “A organização terrorista fascista ‘Garda de Fier’”, disse Ceaușescu, tinha uma “política profundamente antinacional”³¹²⁷, expressão que repetiu páginas adiante ao falar na “política antinacional da ditadura militar-fascista”³¹²⁸. Ou seja, *para os comunistas romenos os fascistas não eram suficientemente nacionalistas*. O ditador falava abertamente nas “batalhas que o povo teve de levar a cabo para defender a sua entidade nacional, a integridade da pátria”³¹²⁹ e na “luta heróica levada a cabo pelo povo romeno” de “libertação nacional” contra o “jugo estrangeiro”³¹³⁰ para conseguir a “liquidação do domínio estrangeiro”, o que só foi possível com “patriotismo ardente.”³¹³¹

O nacionalismo comunista romeno tornava-se publicamente xenófobo. “A integração dos valores nacionais no discurso oficial do PCR coincide com a destalinização do campo socialista”, notou a investigadora romena Alina Pavelescu, estabelecendo “uma relação direta”³¹³² entre os dois acontecimentos. “O partido lança os sinais de ‘romenização’ da ideologia

³¹²⁶ Nicolae Ceaușescu, “Le Parti Communiste Roumain – Continuateur de la lute révolutionnaire et démocratique du peuple roumain, des traditions du mouvement ouvrier et socialiste de Roumanie”, 7 de maio de 1966, in Alina Pavelescu, *op. cit.*, 2009, p.431.

³¹²⁷ Nicolae Ceaușescu, “Programme du Parti Communiste Roumain d’édification de la société socialiste multilatéralement développée et d’avance de la Roumanie vers le communisme”, 4 de novembro de 1974, *idem*, p.491.

³¹²⁸ *Ibidem*, p.494.

³¹²⁹ *Ibidem*, p.480.

³¹³⁰ *Ibidem*, p.485.

³¹³¹ *Ibidem*, p.486.

³¹³² Alina Pavelescu, *ibidem*, p.68.

marxista-leninista”³¹³³ que adquiriu “gradualmente conotações xenófobas cada vez mais virulentas”³¹³⁴ marcadas por “excessos de celebrações patrióticas” e um “discurso xenófobo”³¹³⁵ até instituir o “comunismo nacionalista romeno”³¹³⁶. Também Traian Sandu descreveu a ideologia socialista romena como uma “síntese nacional-comunista”³¹³⁷ e Manuela Marin como uma “metamorfose nacional do comunismo”³¹³⁸, enquanto Dragoș Petrescu falou no “nacionalismo exacerbado”³¹³⁹ de um dos “regimes nacional-comunistas”³¹⁴⁰ do Leste. Os académicos estrangeiros que estudaram o caso romeno corroboram esta visão. Paul Roe referiu-se à ideologia do socialismo romeno como “nacional comunismo”³¹⁴¹ e Catherine Durandin como “socialista nacional”³¹⁴², enquanto Michael Shafir, que analisou os casos romeno e búlgaro, preferiu a designação “comunismo xenófobo”³¹⁴³, e Katherine Verdery falou numa “indigenização do marxismo”³¹⁴⁴ resultante da “fusão de nacionalismo e socialismo”³¹⁴⁵. Seja qual for a expressão que se use, estamos evidentemente perante uma ditadura socialista nacionalista. Ou seja, fascismo.

O regime romeno batizou a sua visão nacionalista do socialismo como “nação socialista”³¹⁴⁶, uma expressão aparentemente criada pelo próprio

³¹³³ *Ibidem*, p.116.

³¹³⁴ *Ibidem*, p.89.

³¹³⁵ *Ibidem*, p.100.

³¹³⁶ *Ibidem*, p.116.

³¹³⁷ Traian Sandu, *Un fascisme roumain – Histoire de la Garde de fer*, Perrin, Paris, 2014, p.392.

³¹³⁸ Manuela Marin, “The Nationalistic Discourse in Communist Romania – A General Perspective”, *Studia Universitatis ‘Babes-Bolyai’ – Historia*, nº2, Volume 56, Cluj, dezembro de 2011, p.88.

³¹³⁹ Dragoș Petrescu, “Communist Legacies in the ‘New Europe’: History, Ethnicity, and the Creation of a ‘Socialist’ Nation in Romania, 1945-1989”, in Konrad Jarausch e Thomas Lindenberger (direção), *Conflicted Memories – Europeanizing Contemporary Histories*, Berghahn Books, Nova Iorque, 2011, p.41.

³¹⁴⁰ *Idem*, p.50.

³¹⁴¹ Paul Roe, *Ethnic Violence and the Societal Security Dilemma*, Routledge, Abingdon, 2005, p.129.

³¹⁴² Catherine Durandin, “Le système Ceausescu – Utopie totalitaire et nationalisme insulaire”, *Vingtième Siècle – Revue d’histoire*, nº25, janeiro-março de 1990, p.92.

³¹⁴³ Michael Shafir, “Xenophobic Communism – The Case of Bulgaria and Romania”, *The World Today*, nº12, Volume 45, dezembro de 1989, p.208.

³¹⁴⁴ Katherine Verdery, *National Ideology Under Socialism – Identity and Cultural Politics in Ceaușescu’s Romania*, University of California Press, Berkeley, 1995, p.150.

³¹⁴⁵ *Idem*, p.122.

³¹⁴⁶ Nicolae Ceaușescu, “Le Parti Communiste Roumain – Continueur de la lute révolutionnaire et démocratique du peuple roumain, des traditions du mouvement

Ceaușescu, e indicou que se tratava de um tipo superior de nação, uma nação um patamar acima da nação burguesa – uma imagem aparentada com o conceito fascista da Itália como nação proletária diante das nações capitalistas. Mas o regime romeno foi mais longe. Abandonando a estrita retórica marxista do internacionalismo, da supremacia do proletariado e dos camponeses como reacionários, o ditador romeno declarou que “o campesinato afirmou-se poderosamente como classe social revolucionária”, até mesmo “a mais importante força social de progresso”³¹⁴⁷, e proclamou que “o nosso partido comunista é o continuador das melhores tradições do combate centenário do povo romeno pela liberdade nacional e social.”³¹⁴⁸

No contexto bizantino dos códigos da linguagem marxista-leninista, este tipo de declaração apresentava profundas ramificações ideológicas. Ao elogiar os agricultores e descrevê-los até como a classe mais progressista de todas, em contradição direta com tudo o que Marx e Engels haviam afirmado, e ao manifestar abertura a todos os romenos, Ceaușescu não só fez uma viragem para o nacionalismo como desimportantizou o proletariado como classe acima das outras. Mais do que isso, ultrapassou o conceito-chave da luta de classes. A partir desse momento, o socialismo romeno já não se alinhava em defesa da classe operária contra a burguesia, como requeria a habitual retórica neomarxista, mas em prol daquilo a que o ditador comunista repetidamente designou como “o Estado nacional unitário, a Roménia”³¹⁴⁹, e *toda* a população nacional – *precisamente a ideia dos fascistas*, que defendiam que todas as classes eram igualmente importantes no quadro de uma nação e que elas não podiam andar a guerrear-se.

O discurso nacionalista do regime foi acompanhado por atos. Impôs-se às mulheres uma política de natalidade, no sentido de uma engenharia social inspirada nas ideias da vitalidade da raça, e foram criados os Soimii Patriei, os Falcões da Pátria, uma organização destinada à doutrinação política de todas as crianças dos infantários e que atingiu assim o milhão e meio de

ouvrier et socialiste de Roumanie”, 7 de maio de 1966, in Alina Pavelescu, *op. cit.*, 2009, p.428, p.438 e p.440; Nicolae Ceaușescu, “Décision du Plénum du Comité Central du Parti Communiste Roumain”, 3-5 novembro de 1971, *idem*, p.477.

³¹⁴⁷ Nicolae Ceaușescu, “Programme du Parti Communiste Roumain d’édification de la société socialiste multilatéralement développée et d’avance de la Roumanie vers le communisme”, 4 de novembro de 1974, in Alina Pavelescu, *op. cit.*, 2009, p.482.

³¹⁴⁸ Alina Pavelescu, *idem*, p.175.

³¹⁴⁹ Nicolae Ceaușescu, “Programme du Parti Communiste Roumain d’édification de la société socialiste multilatéralement développée et d’avance de la Roumanie vers le communisme”, 4 de novembro de 1974, *ibidem*, p.487.

filiados infantis. Foi instituída a Gărzile Patriotice, a Guarda Patriótica, uma formação paramilitar nacional-comunista, e começaram a ser reabilitados os legionários da Guarda de Ferro. Alguns deles, como Constantin Drăgan e Nichifor Crainic, ganharam até uma certa preponderância no regime comunista. Ceaușescu proclamou-se *Conducător*, a expressão romena equivalente em alemão a *Führer*, em italiano a *Duce*, em russo a *Vozhd* e em chinês a *Lingxiu*, o Chefe, ou a *Da Duoshou*, o grande timoneiro, encarnando os heróis míticos da grande gesta nacional.

Na verdade, Mussolini era em Itália por vezes designado *grand condottiere*, o que torna particularmente significativo o *Conducător* dos comunistas romenos. Ceaușescu chegou ao ponto de receber um ceptro, símbolo de poder na monarquia com tonalidades místicas e religiosas. Nos textos escolares os contos de Grimm foram substituídos por lendas romenas e dos departamentos de filosofia das universidades foram retiradas das paredes as imagens de Platão e Aristóteles, substituídas por retratos dos grandes filósofos romenos, como Lucian Blaga – e o próprio Nicolae Ceaușescu. Foi instituído um festival nacional intitulado *Cîntareia României*, a Canção de Elogio à Roménia, e a imprensa, a rádio, a televisão, as artes, a filosofia e a historiografia foram invadidas por temas patrióticos em prol de todos os romenos, vistos sempre como uma unidade indivisível – isto é, sem distinção de classes.

A historiografia comunista desenvolveu uma nova mitologia nacional, assente na ideia da continuidade ininterrupta dos romenos no espaço geográfico ocupado pelo país. Desenvolveu-se o tracismo, o estudo da civilização pré-latina que já fazia parte da mitologia da Guarda de Ferro e que apontava para uma pureza racial romena um pouco à maneira do arianismo para os nacional-socialistas alemães, e o protocronismo, uma corrente que pressupunha uma antecipação criativa da cultura romena em relação à cultura mundial. Com o tracismo identificaram-se os trácios que viveram nos territórios onde era a Roménia como os fundadores das maiores civilizações da antiguidade, como Roma, a Grécia e a Macedónia, incluindo Alexandre, o Grande; era uma forma de dizer que os romenos descendiam da grandiosidade. Com o protocronismo pretendia-se, por exemplo, que o príncipe Basarab, do Século XV, havia sido o precursor do barroco europeu, que o poeta Mihai Eminescu fora o primeiro sociólogo radical da Europa e que o poeta Ion Rădulescu se tinha antecipado a Sigmund Freud. Até

Ceaușescu chegou ao ponto de reivindicar protocronismo quando disse que ele próprio inventara a *perestroika* antes de Mikhail Gorbachev.

O protocronismo e o tracismo afirmavam a superioridade romena sobre o resto do mundo da mesma maneira que o movimento anticosmopolita na União Soviética proclamava a superioridade russa sobre o resto do mundo. Da supremacia de classe, típica do socialismo marxista, passava-se para a supremacia da nação, típica do socialismo fascista. Mais importante, a necessidade de afirmar permanentemente a superioridade de tudo o que era romeno e de recordar a grandeza do passado foi assumido explicitamente pelo regime como uma maneira de combater o complexo de inferioridade nacional – *justamente a razão invocada por Mussolini para justificar a retórica fascista a enaltecer a grandeza da Roma antiga*.

Na linha do socialismo nacionalista que estava a ser adotado em Moscovo, e não podendo criticar o internacionalismo por razões doutrinárias, também Ceaușescu lançou um ataque ao “cosmopolitismo, que provoca grande dano à causa do socialismo e da paz”³¹⁵⁰. Igualmente importante, começou na Roménia a demonização do que se considerava serem os inimigos externos, como o Ocidente, o que era feito diretamente, mas também a Rússia, embora com referências indiretas para não provocar os soviéticos para além do razoável, e os vizinhos socialistas, em particular a Hungria.

Além disso, as baterias do socialismo nacionalista romeno voltaram-se para os inimigos internos. Tais inimigos não eram os inimigos de classe, como seria de esperar na ideologia marxista, mas as minorias étnicas existentes dentro do país, sobretudo os húngaros, embora também os alemães, os sérvios, os ucranianos e, como não podia deixar de ser, os inevitáveis judeus. Na imprensa apareceram expressões pejorativas antisemitas, como por exemplo *târtan*. “A migração de tribos e populações estrangeiras”, disse Ceaușescu, “impediu por centenas de anos o desenvolvimento dos romenos”³¹⁵¹. Ou seja, a culpa do atraso do país era das minorias étnicas.

O regime comunista defendeu que a Roménia era uma realidade social homogênea, mas ao falar em “o povo romeno e as nacionalidades coabitantes” Ceaușescu estabeleceu uma distinção efetiva entre a nação

³¹⁵⁰ Walter M. Bacon, “Romania”, in Teresa Rakowska-Harmstone (direção), *Communism in Eastern Europe*, 2ª edição, Manchester University Press, Manchester, 1984, p.181.

³¹⁵¹ Katherine Verdery, *op. cit.*, 1995, p.129.

maioritária, “o povo romeno”, e o que designou como “nacionalidades coabitantes”³¹⁵², as minorias étnicas. Separando os romenos das minorias étnicas, o ditador comunista estava implicitamente a dizer que os membros das minorias não eram romenos, mas cidadãos de segunda categoria. Ceaușescu teve até o cuidado de avisar essas minorias de que “o romeno não é uma língua estrangeira” mas “a língua da nossa sociedade socialista e tem de ser aprendida por todos os cidadãos romenos”³¹⁵³. Os ataques às minorias, e sobretudo aos húngaros, tornaram-se de tal modo intensos que geraram protestos da comunidade magiar da Roménia e do próprio governo de Budapeste.

Todo este fenómeno de comunismo nacionalista, em que se fundiu o comunismo com a nação e se proclamou uma certa pureza da raça e a supremacia nacional, está a ser analisado pela historiografia. Alina Pavelescu constatou que, no quadro das relações entre as diferentes comunidades étnicas da Roménia foi formada “uma hierarquização explícita” que “joga a favor da maioria étnica”³¹⁵⁴, a romena, em detrimento das restantes, num “discurso político que empurra o nacionalismo até aos últimos limites da xenofobia”³¹⁵⁵. Foram mesmo desenvolvidos “dois tipos complementares de representações do inimigo anticomunista: a do traidor que vende a sua terra natal pelo dinheiro americano e a do corpo estranho que nunca fez verdadeiramente parte da comunidade nacional, que nunca compreendeu as verdadeiras aspirações da nação romena”³¹⁵⁶. Já Paul Roe reconheceu que “a posição das minorias nacionais do país deteriorou-se rapidamente perante a afirmação do nacionalismo romeno e do que Ceaușescu chamou ‘equalização’ nacional.”³¹⁵⁷

Como aconteceu em tantas ditaduras socialistas, o regime comunista romeno jogava a cartada nacionalista para se legitimar junto da população. “A radicalização do discurso nacionalista do regime de Ceaușescu”, observou Alina Pavelescu, envolvia “a construção da imagem de um povo romeno cercado desde tempos imemoriais por inimigos exteriores”, com o

³¹⁵² Nicolae Ceaușescu, “Le Parti Communiste Roumain – Continueur de la lute révolutionnaire et démocratique du peuple roumain, des traditions du mouvement ouvrier et socialiste de Roumanie”, 7 de maio de 1966, in Alina Pavelescu, *op. cit.*, 2009, p.438.

³¹⁵³ Paul Roe, *op. cit.*, 2005, p.129.

³¹⁵⁴ Alina Pavelescu, *op. cit.*, 2009, p.195.

³¹⁵⁵ *Idem*, p.269.

³¹⁵⁶ *Ibidem*, p.261.

³¹⁵⁷ Paul Roe, *op. cit.*, 2005, p.129.

desenvolvimento de uma “doutrina militar da Roménia socialista” cuja “premissa fundamental é a de uma ameaça quase permanente à segurança do país”³¹⁵⁸. Defender a pátria era defender o socialismo, e vice-versa, mas a um ponto em que, nas palavras de Manuela Marin, acabava por haver uma “subordinação do discurso oficial marxista ao discurso da nação e dos valores nacionais.”³¹⁵⁹

Socialismo e nação fundiam-se assim, embora com o nacionalismo a sobrepor-se ao socialismo. “Anos a tentar construir um Estado sobre uma teleologia de mudança progressista e uma ideologia de internacionalismo (com a aceitação da diversidade interna) terminaram com a compreensão de que o Estado só poderia ser adequadamente construído nos termos que haviam sido inicialmente rejeitados: uma teleologia de continuidade nacional e uma ideologia de valores nacionais, com base numa uniformidade interna”³¹⁶⁰ (parênteses no original), observou Katherine Verdery, defendendo também que “o discurso marxista foi decisivamente perturbado pelo da nação”³¹⁶¹. Traian Sandu viu no posicionamento do regime comunista um “triumfalismo nacionalista”³¹⁶² que para Alina Pavelescu constituía “uma síntese especificamente romena do marxismo-leninismo e do nacionalismo”³¹⁶³, na verdade uma “estratégia de legitimização do PCR pelo ângulo do nacionalismo”³¹⁶⁴. Katherine Verdery admitiu que “o nacionalismo” era “o principal instrumento da liderança de Ceaușescu para legitimar o seu poder”³¹⁶⁵, mas foi mais longe do que a generalidade dos académicos ao sustentar que essa era “apenas uma”³¹⁶⁶ das razões, uma vez que era preciso considerar que o discurso nacionalista “estava inscrito e era emanado de vários setores da sociedade romena”³¹⁶⁷. Seja como for, o facto é que os comunistas romenos usavam o nacionalismo como instrumento de mobilização da população, como se fosse um mito soreliano cuja função era agregar as massas – *exatamente a ideia dos fascistas*.

³¹⁵⁸ Alina Pavelescu, *op. cit.*, 2009, p.165.

³¹⁵⁹ Manuela Marin, *op. cit.*, 2011, p.81.

³¹⁶⁰ Katherine Verdery, *op. cit.*, 1995, p.131.

³¹⁶¹ *Idem*, p.124.

³¹⁶² Traian Sandu, *op. cit.*, 2014, p.392.

³¹⁶³ Alina Pavelescu, *op. cit.*, 2009, p.186.

³¹⁶⁴ *Idem*, p.189.

³¹⁶⁵ Katherine Verdery, *op. cit.* 1995, p.121.

³¹⁶⁶ *Idem*, p.122.

³¹⁶⁷ *Ibidem*, p.132.

O que nos conduz a uma previsão. A evolução do socialismo na União Soviética e na Roménia deixa entender que este fenómeno de associação do nacionalismo ao socialismo é uma regra na evolução deste tipo de regimes, embora de diferentes maneiras e com diferentes graduações, em função de cada realidade. Ou seja, sempre que em algum ponto do planeta se instalar um regime comunista, mais tarde ou mais cedo esse regime irá de uma forma ou outra abraçar o nacionalismo. Esta é a previsão.

Não é naturalmente possível neste estudo analisar ao pormenor todos os regimes comunistas de modo a confirmar tal previsão, pois para a darmos como comprovada teríamos de fazer um levantamento exaustivo de cada caso, pelo que esta asserção permanece uma hipótese. Porém, um levantamento rápido ao que se passou em vários outros regimes comunistas, não só os do leste da Europa como os de fora da Europa, permite detetar abundantes sinais que confirmam a previsão.

O fascismo dos regimes neomarxistas fora da Europa

Os fenómenos fascizantes que encontramos nos regimes comunistas da União Soviética e da Roménia apresentam traços próximos dos restantes regimes comunistas do leste da Europa. Mas, a crer em todos os indícios, esses traços podem igualmente ser encontrados nos regimes comunistas de todo o mundo.

Começemos por Cuba. O nacionalismo do comunismo deste país assumia-se em toda a sua plenitude sempre que Fidel Castro lançava a sua famosa palavra de ordem “pátria ou morte, venceremos!”³¹⁶⁸ A frase mais icónica do chefe comunista cubano era assim unicamente nacionalista, não incluindo como vemos qualquer referência socialista. Isso não acontecia por acaso.

A revolução cubana iniciada em 1953 enfrentou até 1958 a oposição do Partido Comunista Cubano, que colaborava com a ditadura de Fulgencio Batista, e todo o discurso de Fidel neste período mostrou-se exclusivamente nacionalista. “A pátria tem um único sentimento, a pátria é uma única força, a pátria é um único grupo”, proclamou Fidel em 1960, um ano depois de ascender ao poder, numa intervenção em que disse que Cuba tinha de se libertar das “plutocracias” que a dominavam e que concluiu com estas palavras: “esta é a nossa promessa, não para aqueles que morreram, pois morrer pela pátria é viver, mas para aqueles camaradas que ficarão para

³¹⁶⁸ Fidel Castro, *Fidel Castro Reader*, Ocean Press, Melbourne, 2008, p.211.

sempre nas nossas memórias como algo de nós, não nos corações de apenas alguns mas irrevogavelmente no coração de toda a nação”³¹⁶⁹. Mussolini, cujos discursos Fidel possuía colecionados em oito volumes, não diria melhor.

É significativo que só depois da invasão da Baía dos Porcos, em 1961, Fidel Castro se tenha declarado comunista e aliado à União Soviética. O líder cubano sempre afirmou que até esse momento não era comunista. A maior parte dos historiadores assim o considera e defende que foi a hostilidade americana que empurrou Fidel para o comunismo, enquanto uma minoria sustenta que não era bem assim. Nada disso, contudo, realmente interessa para a questão em apreço. Tivesse ou não até ali uma filiação ou simpatia neomarxista secreta, o facto é que o chefe da revolução cubana não subiu ao poder com um discurso socialista, mas nacionalista, e todo o seu regime foi posteriormente marcado por uma aliança entre o nacionalismo e o socialismo, tal como acontecera com o fascismo em Itália.

Os próprios académicos latino-americanos têm chamado a atenção para o predomínio do nacionalismo sobre o socialismo na ação do regime ditatorial de Fidel Castro. “O socialismo, porém, não é a característica mais relevante de Fidel nem do regime que fundou”, observou o politólogo Andrés Malamud, sublinhando que “acima de tudo encontra-se o nacionalismo. Em vez de ser contra o capitalismo, os barbudos ergueram-se contra o intervencionismo americano, que consideravam responsável pelas injustiças no continente. Mas o discurso latinoamericanista dissimulava mal a supremacia do interesse nacional sobre o internacionalismo de classe”. Malamud fez notar que sempre existiu em Cuba “a subordinação da ideologia socialista ao interesse nacional”, e concluiu que, em vez de se prestar atenção à retórica, “importa mais o conteúdo das políticas, que por todos os lados se tingem de nacionalismo.”³¹⁷⁰

Este foi um fenómeno generalizado por todo o Terceiro Mundo. Aquele que é apresentado como um dos maiores heróis do comunismo asiático, o vietnamita Ho Chi Minh, era na verdade um líder nacionalista. O seu movimento, o Vietminh, nasceu como uma organização nacionalista dedicada a conseguir a independência do Vietname. Em 1948, Ho Chi Minh enviou uma carta às forças da resistência a ensinar-lhes os princípios do

³¹⁶⁹ Fidel Castro, “The Revolution Will Not Stop”, 7 de março de 1960, lanic.utexas.edu.

³¹⁷⁰ Andrés Malamud, “El legado de Fidel es el nacionalismo, no el comunismo”, *La Nación*, Buenos Aires, 30 de novembro de 2016.

nacionalismo vietnamita, incluindo a recomendação de que “não se ofendam as religiões e os costumes das pessoas” e sobretudo que “se ensine à população o guião nacional”³¹⁷¹. Nenhuma das recomendações envolvia o socialismo.

O próprio Ho Chi Minh assumiu o seu nacionalismo quando afirmou que “no início foi o patriotismo, não o comunismo, que me levou a ter confiança em Lenine”, personagem histórica soviética que o líder nacionalista socialista vietnamita descreveu como “um grande patriota”, tendo tornado claro que aderira ao neomarxismo porque “só o socialismo e o comunismo podem libertar as nações oprimidas”³¹⁷². O que Ho Chi Minh veio exprimir desta forma foi no fundo a convicção na aliança entre socialismo e nacionalismo, justamente o conceito que os neomarxistas Otto Bauer e Benito Mussolini, juntamente com outros neomarxistas que criaram o fascismo, haviam teorizado décadas antes.

O mesmo se pode observar no socialismo nacionalista de Kim Il Sung na Coreia do Norte. Os norte-coreanos adotaram mesmo uma versão nacionalista do socialismo a que designaram Juche, uma doutrina nacionalista socialista baseada na autonomia da ideologia e da política norte-coreana e na auto-suficiência económica e militar do país, isto é, na pureza e superioridade de tudo o que é estritamente coreano. Em textos carregados de invetivas contra os “traidores da nação”³¹⁷³ e de defesa da “soberania da Coreia”³¹⁷⁴, Kim Il Sung pugnou pela necessidade de “educar o nosso povo de uma maneira que lhe sirva e inspirar-lhe um amor ardente pelo seu lugar nativo e pela sua pátria”, de modo a “estimular o orgulho nacional e empenhar as massas na luta revolucionária”³¹⁷⁵.

Insistindo sempre na necessidade de afirmação do “orgulho nacional”³¹⁷⁶, Kim Il Sung sublinhou ser importante “inspirar no nosso Exército Popular o amor pelo seu lugar nativo e pelo seu país”³¹⁷⁷ e defendeu que “os nossos

³¹⁷¹ Ho Chi Minh, “Twelve Recommendations”, *Selected Works of Ho Chi Minh*, Volume 3, 1948, Ho Chi Minh Internet Archive, www.marxists.org.

³¹⁷² Ho Chi Minh, “The Path Which Led Me to Leninism”, abril de 1960, Ho Chi Minh Internet Archive, www.marxists.org.

³¹⁷³ Kim Il Sung, “On the Establishment of the Workers’ Party of North Korea and the Question of Founding the Workers’ Party of South Korea”, in Kim Il Sung, *The Selected Works*, Prism Key Press, Nova Iorque, 2011, p.10, 12 e 18.

³¹⁷⁴ *Idem*, p.25.

³¹⁷⁵ Kim Il Sung, “On Eliminating Dogmatism and Formalism and Establishing Juche in Ideological Work”, *ibidem*, p.28.

³¹⁷⁶ *Ibidem*, p.32.

³¹⁷⁷ *Ibidem*, p.31.

intelectuais (...) trabalham com toda a lealdade para o seu Estado, nação e classe trabalhadora”³¹⁷⁸, tendo chegado ao ponto de revelar que “sugeri ao camarada Pak Jon Ae que se assegure de que as nossas mulheres usam roupas coreanas”³¹⁷⁹, até porque “todos os esforços devem ser feitos para realçar os nossos legados nacionais”³¹⁸⁰. Naturalmente que o próprio Kim Il Sung percebia que uma postura tão nacionalista entrava em contradição doutrinária com a retórica internacionalista do marxismo, o que não o inibiu de tentar conciliar os dois conceitos e até insinuar que nacionalismo e internacionalismo eram na verdade a única e mesma coisa, bastando para tal substituir a expressão *nacionalismo* por *patriotismo*. “O patriotismo e o internacionalismo são inseparáveis”, sentenciou, sustentando que “um verdadeiro patriota é precisamente um internacionalista e vice-versa.”³¹⁸¹

As consequências de uma tal política socialista nacionalista tornaram-se visíveis em todos os aspetos da vida da Coreia do Norte. No metro de Pyongyang, por exemplo, as estações receberam nomes comunistas, como *Camarada* ou *Estrela Vermelha*, mas foram decoradas com temas ultranacionalistas. Além disso, o hino nacional foi colocado permanentemente a tocar em toda a rede de metro. O hino da Coreia comunista, aliás, intitula-se *Aegukka*, ou *A Canção Patriótica*. Até as palavras coreanas de origem estrangeira foram expurgadas do vocabulário e dos dicionários, sendo apenas autorizadas as palavras que o regime considerou serem coreanas puras. Nem Hitler tinha alguma vez ido a tal pormenor.

O mesmo entendimento ultranacionalista do comunismo norte-coreano estendeu-se a muitas outras questões, incluindo as raciais. Tal como os nacional-socialistas alemães, os comunistas norte-coreanos sempre procuraram manter a pureza racial do seu povo, preocupação que se prolongou após a morte de Kim Il-Sung. “As forças traidoras pró-americanas da Coreia do Sul que advogam a teoria da ‘sociedade multiracial’ são escumalha sem ponta de alma nacional, já para não falar de uma compreensão elementar da perspetiva sobre a nação”, escreveu a agência de notícias norte-coreana, a KNCA num texto datado de 27 de abril de 2006 em

³¹⁷⁸ Kim Il Sung, “On the Establishment of the Workers’ Party of North Korea and the Question of Founding the Workers’ Party of South Korea”, *ibidem*, p.13.

³¹⁷⁹ Kim Il Sung, “On Eliminating Dogmatism and Formalism and Establishing Juche in Ideological Work”, *ibidem*, p.37.

³¹⁸⁰ *Idem*, p.36.

³¹⁸¹ *Ibidem*, p.39.

que defendeu a “homogeneidade” da nação contra “o veneno” do multirracismo, dizendo que as políticas de aceitação de mistura racial na Coreia do Sul constituíam uma “tentativa imperdoável de negar a homogeneidade da nação.”³¹⁸²

Para além da sua postura nacionalista extremada, o regime comunista norte-coreano teorizou sobre a cooperação entre classes, embora naturalmente sem jamais lhe chamarem corporativismo. “As comissões populares protegem a propriedade dos capitalistas nacionais e encorajam as atividades de negócios de investidores individuais e comerciais”³¹⁸³, assumiu Kim Il Sung, completando com esta formulação corporativista a transformação do seu regime socialista leninista num regime socialista fascista.

A Coreia do Norte não passa, em bom rigor, de mais um caso de aliança entre nacionalismo e socialismo numa ditadura terceiro-mundista.

O caso da China

A República Popular da China parece situar-se algures entre a posição de uma grande potência comunista como a União Soviética e de um pequeno país comunista asiático como o Vietname ou a Coreia do Norte. Com um vasto território composto por muitas etnias diferentes, e a exemplo do que se passava na União Soviética, nunca foi conveniente ao poder central encorajar o discurso nacionalista local, por receio de fomentar divisões étnicas internas. Basta ver o que aconteceu à China quando a monarquia foi derrubada e o país acabou dividido em múltiplas regiões comandadas por senhores da guerra.

Tudo mudou quando as potências ocidentais começaram a ocupar o país e se iniciou aquilo que os chineses designam como o século da humilhação. Para unir a China seria preciso um inimigo externo, evidentemente as potências ocidentais que se impuseram no país na sequência da guerra do Ópio, e foi isso que levou a liderança republicana chinesa, desde o fundador Sun Yat-sen a Mao Tsé-tung, passando por Chiang Kai-shek, a utilizar abertamente o nacionalismo. Influenciado pelas teorias do darwinismo social, que preconizavam a existência de nações emergentes com vitalidade, como a América, e nações que foram impérios mas estavam decadentes e a

³¹⁸² Jacob Terrell, “Political Ideology and Language Policy in North Korea”, *Berkeley Linguistics Society*, nº1, 2017, p.427.

³¹⁸³ Kim Il Sung, “On the Establishment of the Workers’ Party of North Korea and the Question of Founding the Workers’ Party of South Korea”, *op. cit.*, 2011, p.12.

caminho da extinção, como a China e a Itália, Sun Yat-sen fundou o Partido Nacionalista, o Kuomintang, e criou a Xingzhonghui, a Sociedade para Revitalizar a China, estabelecendo o princípio do “rejuvenescimento da China.”

Note-se que os fascistas, também influenciados pelas teorias do darwinismo social que previam o declínio e extinção da Itália, haviam igualmente estabelecido o princípio do rejuvenescimento da nação italiana. Os fascistas mostravam-se muito preocupados com aquilo que Mussolini designou como sendo “a posição de inferioridade em que a Itália foi colocada”³¹⁸⁴, exatamente como os chineses. Falavam por isso amiúde na “jovem Itália”³¹⁸⁵, na “Itália nova”³¹⁸⁶ cheia de “homens fortes”³¹⁸⁷, no “italiano novo ou novíssimo”³¹⁸⁸ que ergueria “uma pátria mais nobre e mais inteligente e mais moderna”³¹⁸⁹, e Mussolini enaltecia constantemente a “juventude”³¹⁹⁰ e a “vitalidade”³¹⁹¹. A obsessão dos fascistas pelo rejuvenescimento da Itália era tal que chegaram ao ponto de escolher para seu hino a *Giovinezza*, a juventude.

Tal como o fascismo constituíra o ponto de encontro entre socialistas e nacionalistas italianos, o comunismo estabeleceu-se como o ponto de encontro entre socialistas e nacionalistas chineses. Mao Tsé-tung, que era comunista, descobriu os princípios nacionalistas graças a teóricos nacionalistas como Kang You-wei e Liang Qi-chao, ao ponto de andar a espalhar pelo país cartazes a propor os nacionalistas Sun Yat-sen para presidente, Kang para primeiro-ministro e Liang para ministro dos Negócios Estrangeiros. Os socialistas convergiam para o nacionalismo e os nacionalistas para o socialismo, fundindo ambos os dois conceitos, socialismo e nacionalismo, para criar uma síntese, o socialismo nacionalista chinês.

³¹⁸⁴ Benito Mussolini, “I primi mesi di governo”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.21.

³¹⁸⁵ Mario Carli, *op. cit.*, 1996, p.108.

³¹⁸⁶ *Idem*, p.98.

³¹⁸⁷ *Ibidem*, p.164.

³¹⁸⁸ Benito Mussolini”, “Agli avanguardisti per il 28 ottobre”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de outubro de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.240.

³¹⁸⁹ Mario Carli, *op. cit.*, 1996, p.131.

³¹⁹⁰ Benito Mussolini”, “A raccolta!”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.28.

³¹⁹¹ Benito Mussolini, “La paura dei nomi”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de outubro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.24.

Os próprios sinólogos o notam. “Muitos dos primeiros líderes do Partido Comunista Chinês eram jovens patriotas atraídos pelo que constituía na essência um projeto nacionalista restaurador”, observou o acadêmico Rush Doshi, salientando que “muitas destacadas personalidades comunistas, incluindo Chen Duxiu, Zhou Enlai e Mao Tsé-tung, encontraram o seu caminho para o nacionalismo”³¹⁹², ao mesmo tempo que “outros destacados nacionalistas, incluindo Sun Yat-sen e o seu sucessor Chiang Kai-shek, igualmente adotaram preceitos leninistas.”³¹⁹³

Mao Tsé-tung não escondia a sua natureza de socialista nacionalista, o que se acentuou durante a guerra contra os japoneses. “O principal pré-requisito para a vitória da China sobre o Japão é a unidade nacional”³¹⁹⁴, escreveu Mao, enaltecendo a “resistência da nação chinesa”³¹⁹⁵ e garantindo que “a China nunca será subjugada”³¹⁹⁶. Depois de invetivar “os traidores”³¹⁹⁷ da nação, o *Da Duoshou*, o grande timoneiro socialista nacionalista chinês, gabou “o indomável espírito e a capacidade de luta heróica e persistente do exército e do povo chinês”³¹⁹⁸. Muito importante, equiparou socialismo marxista a nacionalismo quando disse que “em última análise, a luta nacional é uma questão de luta de classes”³¹⁹⁹. Não é por acaso que escolheu para primeiro dos Três Princípios do Povo o “nacionalismo anti-imperialista.”³²⁰⁰

Mao tocava numa ou noutra tecla consoante as conveniências, apelando ao nacionalismo na guerra externa contra os japoneses e ao socialismo na guerra interna contra o Kuomintang, o que lhe permitiu consumir assim na China comunista a já habitual aliança entre nacionalismo e socialismo que se pode encontrar na generalidade dos regimes comunistas. “Desde que foi fundado em 1921, o Partido Comunista Chinês tem também sido um partido nacionalista”, confirmou o sinólogo alemão Kai Strittmatter, lembrando que

³¹⁹² Rush Doshi, *The Long Game – China’s Grand Strategy to Displace American Order*, Oxford University Press, Nova Iorque, 2021, p.28.

³¹⁹³ *Idem*, p.26.

³¹⁹⁴ Mao Tsé-tung, “On Protracted War”, in Mao Tsé-tung, *Selected Works of Mao Zedong*, Marx-Engels-Lenin Institute, Springfield, 2014, p.258.

³¹⁹⁵ *Idem*, p.205.

³¹⁹⁶ *Ibidem*, p.196.

³¹⁹⁷ *Ibidem*, p.199.

³¹⁹⁸ *Ibidem*, p.249.

³¹⁹⁹ Anthony Smith, *op. cit.*, 1982, p.135.

³²⁰⁰ Mao Tsé-tung, “The Law of the Unity of Contradictions (On Contraction)”, in Mao Tsé-tung, *Mao Zedong on Dialectical Materialism – Writings on Philosophy, 1937*, M. E. Sharpe, Armonk, 1990, p.192.

“muitos dos revolucionários dos primórdios convergiram para o comunismo por acharem que se tratava de uma força capaz de reerguer o país e torná-lo forte.”³²⁰¹

A questão está em saber se esta aliança entre ditadura, nacionalismo e socialismo se prolongou na China até aos dias de hoje. A resposta é absolutamente afirmativa. O sucessor de Mao, Deng Xiaoping, entrou na política através do nacionalismo, tendo participado no Movimento 4 de Maio, um movimento nacionalista, e retomado o princípio de Sun Yat-sen de “rejuvenescimento da China”. A chamada “educação patriótica” acentuou-se depois do massacre de Tiananmen e do colapso do império soviético.

Desde então, os princípios do socialismo nacionalista foram sendo reiterados em todos os congressos do Partido Comunista Chinês, incluindo nos mandatos pós-Deng de Yang Zhemin, Hu Jintao e Xi Jinping. “Amem a pátria, cultivem e pratiquem conscientemente os valores socialistas fundamentais”³²⁰², declarou este último *Lingxiu*, assim juntando na mesma frase o nacionalismo (“amem a pátria”) e o socialismo (“valores socialistas fundamentais”). O projeto de socialismo nacionalista está sempre presente nos discursos dos dirigentes comunistas chineses. “Desde o dia da sua fundação, o Partido fez da felicidade dos chineses e do rejuvenescimento da nação chinesa a sua aspiração e missão”, disse Xi Jinping, insistindo que “toda a luta, sacrifício e criação com os quais o Partido uniu e liderou o povo chinês nos últimos cem anos está ligado à questão do rejuvenescimento da nação chinesa”³²⁰³. De tal modo é assim que sinólogos como Rush Doshi falam no “Partido Comunista Chinês como um partido nacionalista que emergiu do fermento patriótico do final do período Qing” com a ideia de “governar o país e alcançar a sua missão nacionalista”, uma simbiose nacionalista socialista em que “a orientação nacionalista do Partido ajuda a estabelecer os objetivos da grande estratégia chinesa, enquanto o leninismo fornece o instrumento para a realizar.”³²⁰⁴

³²⁰¹ Kai Strittmatter, *We Have Been Harmonised – Life in China’s Surveillance State*, Old Street Publishing, Exeter, 2019, p.149.

³²⁰² Jian Li e Eryong Xue, *Shaping Education Reform in China – Overviews, Policies and Implications*, Springer, Singapura, 2020, p.178.

³²⁰³ Xi Jinping, “Read Xi Jinping’s Full Speech From the 100th Anniversary of the Communist Party”, QZ, 1 de julho de 2021.

³²⁰⁴ Rush Doshi, *op. cit.*, 2021, p.27.

Com a abertura da China à economia de mercado e a prática no país de um tipo de capitalismo muito agressivo criou-se por outro lado a impressão no mundo ocidental de que o Partido Comunista Chinês deixou de ser comunista. Esta ideia está errada. Em primeiro lugar, e como os próprios fascistas fizeram notar, Marx e Engels sempre sublinharam que o socialismo só pode emergir num quadro de capitalismo avançado e que qualquer revolução num quadro feudal não era uma verdadeira revolução socialista, mesmo que assim se proclamasse. Ora o Partido Comunista Chinês subiu ao poder numa altura em que a China era um país feudal, pelo que, nos termos da própria doutrina marxista, nunca houve revolução socialista na China. Além do mais, Lenine tinha em 1921 reaberto a União Soviética à economia do mercado, ao investimento estrangeiro do “grande capital” e às discrepâncias salariais, e nunca ninguém pôs em causa que os bolcheviques continuavam a ser comunistas. Por que razão haveria o Partido Comunista Chinês, que fez exatamente a mesma coisa que Lenine, ser encarado de maneira diferente?

Basta aliás ver o discurso de Xi Jinping para perceber que o Partido permanece comunista. O *Lingxiu* defendeu sempre a “revolução socialista” e proclamou o “socialismo como nosso sistema básico”, embora alegando que a China está num “processo de contrução socialista” ainda na “fase primária do socialismo”. Xi Jinping defendeu que “apenas o socialismo pode salvar a China”, mas para isso é preciso que haja “modernização socialista” e que seja “sustentado e melhorado o sistema de socialismo com características chinesas”. O Chefe sustentou que é importante “manter a integridade política” e “manter os valores socialistas centrais”, pois “temos de permanecer confiantes no caminho, teoria, sistema e cultura do socialismo com características chinesas”, até porque “o marxismo é a ideologia fundamental que nos guia” pois “o marxismo funciona”. Porém, “temos de continuar a adaptar os princípios básicos do marxismo às realidades específicas da China” de modo a “desenvolver o marxismo da China contemporânea no Século XXI.”³²⁰⁵

Em consequência, já em pleno Século XXI o Partido Comunista Chinês deu ordens formais aos jornalistas do país para respeitarem os “valores noticiosos marxistas”³²⁰⁶ e obriga-os mesmo a fazerem exames para testar os

³²⁰⁵ Xi Jinping, “Read Xi Jinping’s Full Speech From the 100th Anniversary of the Communist Party”, QZ, 1 de julho de 2021.

³²⁰⁶ Sui-Lee Wee, “China Tells Journalists To Learn ‘Marxist News Values’”, *Reuters*, 30 de agosto de 2014.

seus conhecimentos sobre a doutrina marxista. Quem não passa, não pode exercer a profissão. Além disso, instruiu os artistas chineses no sentido de seguirem “a liderança do Partido Comunista nas práticas artísticas”³²⁰⁷ e emitiu diretivas para as universidades da China inculcarem marxismo “nos textos escolares, nas salas de aula, nas mentes”³²⁰⁸. A ideia de “aderir à direção política correta, fortalecer a propaganda e o trabalho ideológico”, conforme assumido abertamente pelo próprio presidente chinês, Xi Jinping, é conseguir “unificar as mentes”³²⁰⁹. Sublinhe-se o projeto: *unificar as mentes*.

Para unificar o pensamento, Pequim criou uma rede interna de Internet, designada Grande Muralha de Fogo, usada para vedar à população o acesso a fontes de informação externas como a BBC, a Wikipedia e o Facebook, por exemplo. Não contente com isso, introduziu censura às redes sociais chinesas, proibindo o uso de determinadas palavras como “Tiananmen” ou “*bu tongyi*” (“discordo”). Até piadas com trocadilhos foram interditadas. Quando da pandemia da Covid-19, o regime chinês esforçou-se tanto por apagar as suas responsabilidades na origem do problema sanitário que a censura na Internet até rasurou inadvertidamente uma estrofe do próprio hino comunista da China, só porque dizia “levanta-te, povo que não queres ser escravo.”³²¹⁰

Ao mesmo tempo foram instaladas centenas de milhões de câmaras pelo país de modo a melhor vigiar a população, um sistema gerido por algoritmos capazes de reconhecer qualquer pessoa em alguns segundos. Os algoritmos instalados pelos comunistas nacionalistas chineses podem inclusivamente identificar indivíduos pela forma como caminham, mesmo que finjam coxear. Além disso, foi instituído um mecanismo de controlo social e ideológico chamado Sistema de Crédito Social em que, entre outros comportamentos inaceitáveis, pessoas que façam comentários desagradáveis sobre o Partido perdem pontos e arriscam-se a não poderem viajar de avião

³²⁰⁷ Jun Mai, “Chinese President Xi Jinping’s Call for ‘Socialist Arts’ Sparks Fear Over Creative Freedom”, *South China Morning Post*, 21 de outubro de 2015.

³²⁰⁸ Zhou Yu, “Chinese University Revives Research on Official Ideology to Head Off Suspicious Values”, *Global Times – Discover China, Discover the World*, 1 de junho de 2015.

³²⁰⁹ Nectar Gan, “‘Unify Minds’: President Xi Jinping Makes Ideological Rallying Call to China’s Communist Party Propaganda Cadres”, *South China Morning Post*, 22 de agosto de 2018.

³²¹⁰ Shawn Yuan, “Inside the Early Days of China’s Coronavirus Coverup”, 1 de maio de 2020, *wired.com*.

ou de comboio ou até a perderem o emprego, e as pessoas que se conformam ganham pontos e são premiadas se chegarem à classificação de A, AA ou o máximo na escala, AAA. Quem protestar contra as políticas do Partido é imediatamente classificado como D, a categoria oficial de “desonesto”, e vai para a lista negra do Sistema de Crédito Social. Mais de vinte milhões de pessoas foram interditadas de viajar em 2018 devido a este mecanismo.

Foi até lançada uma aplicação, a “Estuda a Grande Nação”, que contém os discursos do presidente, os clássicos marxistas e canções revolucionárias. Esta aplicação é obrigatória para militantes do Partido, funcionários públicos e jornalistas, e encorajada para o resto da população. O tempo de leitura de cada ensaio e de visionamento de cada vídeo é contabilizado pelo *smartphone* e dá direito a um bónus, automaticamente duplicado se o consumo da propaganda comunista for feito de madrugada ou à noite. A ideia é criar um sistema de punições e incentivos que desencoraje a contestação e encoraje o conformismo, designado eufemisticamente por “harmonia”, instituindo assim um eficiente sistema de censura e autocensura.

Muito importante, foi descoberta nesta aplicação um *spyware*, isto é, um dispositivo oculto de espionagem, que permite às autoridades comunistas terem acesso a todas as mensagens e fotografias existentes nos telemóveis onde a aplicação está instalada, espiar os respetivos contactos e consultas na internet, fiscalizar as outras aplicações nesses telemóveis e ativar os microfones e a gravação de som sem consentimento nem conhecimento dos respetivos proprietários. “Fui harmonizado”³²¹¹ tornou-se a expressão usada pelos chineses para dizerem que tinham sido censurados. E como justificam as autoridades chinesas a criação do Sistema de Crédito Social? É tudo para instituir uma “harmoniosa sociedade socialista.”³²¹²

Mas os planos chineses de controlo social e ideológico vão ainda mais longe e envolvem o recurso aos poderes preditivos da inteligência artificial. “Se usarmos bem os nossos sistemas e instalações inteligentes, poderemos saber com antecedência (...) quem pode fazer algo de mal”³²¹³, gabou-se o vice-ministro chinês da Ciência e Tecnologia, Li Meng. O ministro referia-se ao crime em geral, mas num país em que a simples oposição ao Partido

³²¹¹ Anthony Kuhn, “In Changing China, Being ‘Suicided’ Or ‘Harmonized’”, National Public Radio, 19 de março de 2010.

³²¹² Bruce Sterling, “Chinese Planning Outline for a Social Credit System”, wired.com, 5 de março de 2015.

³²¹³ Karla Lant, “China’s ‘Minority Report’ Style Plans Will Use AI to Predict Who Will Commit Crimes”, futurism.com, 25 de julho de 2017.

constitui crime a mensagem não podia ser mais clara. “As autoridades chinesas estão a juntar e a centralizar cada vez mais informação sobre centenas de milhões de cidadãos comuns, identificando quem se desvia do que eles consideram ser o ‘pensamento normal’ e submetendo-os a seguir a vigilância”³²¹⁴, denunciou Sophie Richardson, diretora da Human Rights Watch na China. Para um regime assim, a inteligência artificial e a Internet não são encaradas como ameaças, mas como instrumentos de controlo ideológico a uma escala nunca vista na história da humanidade. “O ‘exame ideológico de toda a população do país’ tornou-se realidade”, constatou com desânimo o ensaísta chinês YouShanDaBu num texto na Internet prontamente apagado pelas autoridades comunistas nacionalistas. “Já não há sítio para fugirmos ou nos escondermos.”³²¹⁵

Paralelamente à instituição deste sistema de totalitarismo digital, uma verdadeira Polícia do Pensamento como a teorizada por George Orwell, as escolas receberam ordens para que ministrar *guoxue*, ou “ensino nacional”³²¹⁶, numa grande campanha de “educação patriótica”³²¹⁷ onde tudo o que é chinês é sacralizado e o estrangeiro é vilipendiado. A começar pelo Ocidente e as suas ideias liberais. O Partido Comunista emitiu em 2013 um memorando a descrever a “democracia constitucional do Ocidente” como “uma tentativa de minar” o “socialismo com características chinesas”. O Partido criticou especificamente as ideias liberais de “separação de poderes, sistema multipartidário, eleições gerais, independência judiciária” e “liberdade ocidental, democracia e direitos humanos”, para além da “ideia de sociedade civil”, da “liberdade de imprensa” e da “libertação de ‘prisioneiros políticos’”, descrevendo todos estes princípios como “conceitos de classe capitalista”. Segundo o memorando, “forças ocidentais hostis à China e ‘dissidentes’ internos ainda estão a tentar infiltrar a esfera ideológica da China e a desafiar a nossa ideologia dominante”, pelo que, “face a estas ameaças, não podemos baixar a nossa guarda ou diminuir a nossa vigilância”. Para tal, era necessária “a adesão sem cedências ao

³²¹⁴ Daniel van Boom, “China’s Police Get Face-Recognizing Glasses Ahead of New Year”, cnet.com, 7 de fevereiro de 2018.

³²¹⁵ YouShanDaBu, “Conditions Ripe for Nationwide Thought Control”, *China Digital Times*, 8 de novembro de 2017.

³²¹⁶ Lai Chen, *The Core Values of Chinese Civilization*, Springer, Singapura, 2017, p.99.

³²¹⁷ Jamil Anderlini, “Patriotic Education Distorts China World View”, *Financial Times*, 23 de dezembro de 2012.

princípio do controlo dos meios de comunicação social pelo Partido” e o “reforço da nossa gestão de todos os tipos e níveis de propaganda.”³²¹⁸

Também o Japão é constantemente demonizado. Tornou-se impossível navegar pelos canais da televisão chinesa sem cruzar com cenas de japoneses a matar e violar chineses. Chegaram a ser contabilizadas 48 séries anti-japonesas a serem filmadas ao mesmo tempo só nos Estúdios Hengdian. Considerando que o Partido Comunista Chinês provocou a morte de entre 35 a 65 milhões de chineses, consoante as estimativas dos historiadores, compreende-se bem a necessidade obsessiva de controlar o conhecimento do passado. É que o saldo total de vítimas geradas pelo PCC na China equivale a oito a dez vezes mais do que o número de chineses mortos pelos japoneses, facto jamais explicado à população – e ao mundo.

O problema é que qualquer crítica ao regime comunista é considerada uma traição à pátria ao serviço de interesses estrangeiros, como aconteceu por exemplo ao movimento feminista chinês, acusado de trabalhar em prol de “forças ocidentais hostis”³²¹⁹ pelo simples facto de criticar a forma como as mulheres eram tratadas no país. Esta mescla de socialismo nacionalista inclui até elementos raciais, como a acusação aos manifestantes pró-democracia de Hong Kong de, por se oporem ao regime comunista nacionalista, serem “traidores à raça”³²²⁰. Depois de dar instruções específicas para se recuperar o pensamento de Karl Marx, Vladimir Lenine e Mao Tsé-tung, o presidente chinês Xi Jinping descreveu a China como “território sagrado”³²²¹ e lançou uma campanha de protocronismo a reivindicar que o país descobriu e inventou tudo, incluindo o futebol e o golfe.

Nada escapa à campanha nacionalista do comunismo chinês, mesmo os pormenores aparentemente mais anódinos. Veja-se a incrível história de Xu Xiaodong. Na sua promoção de tudo o que é chinês, o regime comunista e nacionalista da China faz uma forte promoção do tai chi e do kung fu como as melhores das artes marciais, justamente por serem chinesas. Acontece que

³²¹⁸ “Communiqué on the Current State of the Ideological Sphere”, Gabinete Geral do Comité Central do Partido Comunista da China, 22 de abril de 2013, www.chinafile.com.

³²¹⁹ Leta Hong Fincher, “China’s Women’s Movement Has Not Only Survived an Intense Crackdown, It’s Grown”, *The Guardian*, 7 de março de 2019.

³²²⁰ Ellie Ng, “‘Race Traitors’: Pro-Beijing Papers Accuse Democracy Figures of Inviting US to Interfere in Hong Kong”, *Hong Kong Free Press*, 4 de maio de 2017.

³²²¹ Lily Kuo, “‘All Necessary Means’: Xi Jinping Reserves Right To Use Force Against Taiwan”, *The Guardian*, 2 de janeiro de 2019.

Xu Xiaodong era praticante de artes marciais mistas, conhecida por MMA, uma arte de combate originária do Brasil e do Japão, e por isso com o estigma de ser estrangeira. Xu disse que os lutadores de tai chi faziam truques mas não sabiam lutar, o que desencadeou a ira generalizada. Uma arte marcial estrangeira, logo inferior, proclamava-se melhor do que uma arte marcial chinesa, logo superior? Os grandes mestres do tai chi desafiaram Xu para um combate. O praticante de MMA aceitou e defrontou os dezassete melhores lutadores de tai chi da China. Como se pode ver em imagens no Youtube, Xu derrotou-os a todos em combates incrivelmente curtos e brutais; um deles durou apenas dez segundos. O governo comunista chinês reagiu e, usando pretextos diversos, atirou Xu para o fim da lista do Sistema de Crédito Social. Proibido de viajar em comboios de alta velocidade e em aviões, Xu, caído em desgraça mas sempre teimoso, fez uma viagem de 36 horas até Xinjiang para defrontar um dos maiores mestres de kung fu. Derrotou-o em menos de um minuto.

A febre de nacionalismo socialista chegou a um ponto tal que um hospital da Universidade de Pequim iniciou uma campanha de recolha para o seu banco de esperma pondo como requisito que os dadores fossem pessoas que “amem a pátria socialista e abracem a liderança do Partido Comunista”³²²². Ou seja, os genes ideais para procriação, na visão nacional-comunista chinesa, são os nacionalistas e socialistas. Os nacional-socialistas alemães não diriam melhor. “Digam a cada chinês que o patriotismo é um dever, é uma obrigação”, declarou o presidente chinês Xi Jinping a propósito das celebrações da data mais nacionalista da história da China, a eferméride do Movimento 4 de Maio, sublinhando ser necessário “estabelecer conscientemente e praticar os valores centrais do socialismo.”³²²³

Esta aliança entre nacionalismo e socialismo em sistema ditatorial, típica do fascismo, é observada pela generalidade dos sinólogos sobre a ditadura comunista chinesa. Como observou Ian Williams, a ideologia do comunismo chinês “vai buscar a Mao, ao marxismo, à tradição chinesa e aos velhos nacionalismo e xenofobia”³²²⁴, tendo Bill Gertz confirmado que a ditadura

³²²² Chiara Giordano, “Chinese Sperm Bank Seeks Donor That ‘Love the Socialist Motherland and Embrace the Leadership of the Communist Party’”, *The Independent*, 14 de abril de 2018.

³²²³ Ben Blanchard, “China’s Xi Appeals to Youth Patriotism on Centenary of Students Protests”, *Reuters*, 30 de abril de 2019.

³²²⁴ Ian Williams, *Every Breath You Take – China’s New Tyranny*, Birlinn, Edimburgo, 2021, p.182.

comunista chinesa tenta “aumentar a atratividade do comunismo através do tema do revivalismo nacional”³²²⁵ e Dan Blumenthal sublinhado que “a China contemporânea é um império que pretende ser uma nação-Estado, governado por um regime comunista marxista-leninista”³²²⁶. Um verdadeiro socialismo nacionalista. “O uso instrumental do nacionalismo por parte do governo chinês”, notaram os académicos Chuyu Liu e Xiao Ma, resulta do “interesse pragmático do Partido Comunista Chinês em manter-se no poder face a uma crise doméstica de legitimidade”³²²⁷, o que levou Kai Strittmatter a concluir que “após a morte *de facto* do comunismo na década de 1980, o Partido Comunista procurou novas fontes de legitimidade para o seu poder e encontrou duas: uma foi a promessa de prosperidade material, e a outra o nacionalismo”³²²⁸, sendo que o regime comunista chinês “escolheu o nacionalismo como o novo ópio do povo.”³²²⁹

Tal como os regimes comunista na União Soviética e nacional-socialista na Alemanha, o regime comunista da China desenvolveu também um vasto sistema concentracionário com milhões de prisioneiros e escravos. Os campos de concentração chineses eram chamados campos de “reeducação pelo trabalho”, ou *laodong gaizao*, expressão abreviada para *laogai*. Inspirando-se nos *gulag* soviéticos, os comunistas chineses abriram os primeiros *laogai* na década de 1930. Depressa o sistema se transformou numa vasta rede de campos de concentração que se espalhou por toda a China. Aqueles que o Partido Comunista Chinês designou como seus inimigos, sobretudo opositores políticos e proprietários de terras, foram aí fechados e obrigados a trabalhar sem remuneração para produzir bens para as forças militares do Partido. Ou seja, foram feitos escravos. Em 1952 já existiam no país seiscentas quintas *laogai* e duzentas minas *laogai*. Cinco anos depois, Mao Tsé-tung reforçou o contingente de vítimas do sistema concentracionário com milhares de intelectuais. Um alto quadro do Partido Comunista Chinês, Liu Shaoqi, revelou em 1951 que havia milhões de reclusos encerrados nos *laogai* da China e a Fundação de Pesquisa dos

³²²⁵ Bill Gertz, *Deceiving the Sky – Inside Communist China’s Drive for Global Supremacy*, Encounter Books, Nova Iorque, 2021, p.26.

³²²⁶ Dan Blumenthal, *The China Nightmare – The Grand Ambitions of a Decaying State*, The American Enterprise Institute Press, Washington, 2020, p.4.

³²²⁷ Chuyu Liu e Xiao Ma, “Popular Threats and Nationalistic Propaganda: Political Logic of China’s Patriotic Campaign”, *Security Studies*, 24 de julho de 2018, p.4.

³²²⁸ Kai Strittmatter, *op. cit.*, 2019, p.149.

³²²⁹ *Idem*, p.107.

Laogai calculou na década de 1990 terem sido feitos pelo menos cinquenta milhões de prisioneiros.

Após a morte de Mao, mais campos de concentração foram abertos para internar o que o Partido Comunista Chinês designava como “inimigos do povo”, uma expressão suficientemente vaga para incluir quem o Partido entendesse. Muito importante, e conforme notou a sinóloga Amelia Pang, “alguns períodos de maior crescimento económico estão ligados ao aumento dos campos de trabalho forçado”³²³⁰, o que foi confirmado pelo sobrevivente Harry Wu. “Na China, os campos constituem um verdadeiro empreendimento económico”, escreveu Wu, para observar que “os produtos do labor carceral são vendidos nos mercados nacional e internacional, e tornaram-se uma parte indispensável da economia nacional”³²³¹. A produção industrial nestes campos aumentou oito vezes de valor entre 1958 e 1980, tendo passado de 1,7 mil milhões de yuan para 14 mil milhões de yuan. Em 2013 o antigo diretor adjunto de um *laogai*, o campo de Masanjia, gabou-se em público de que o seu campo de concentração gerava quase “cem milhões de yuan por ano”³²³² em trabalho escravo.

Foram estabelecidos mais de mil campos de concentração de grande dimensão por toda a China, embora com maior incidência na província de Qinghai, conhecida como a província penitenciária, uma espécie de Kolyma chinesa. O Campo N°2 de Qinghai é mesmo apontado como provavelmente o maior *laogai* da China, como capacidade para pelo menos cinquenta mil prisioneiros. Além disso, os comunistas chineses criaram uma infinidade de pequenos campos de detenção. O sistema concentracionário comunista chinês, além de gigantesco, transformou-se num buraco negro pelo qual milhões de pessoas se sumiram, colocadas na prática numa categoria de não existência. As autoridades comunistas adotaram mesmo eufemismos para disfarçar a natureza escravagista desses campos de concentração, designando por exemplo a Prisão N°1 de Pequim como Fábrica de Plástico de Pequim, a Prisão N°3 de Hubei como Tinturaria Industrial de Jingzhou, a Prisão N°7 da província de Guangdong como Quinta de Chá de Yingde e a Prisão N°3 de Xinjiang como Fábrica de Instrumentos Mecânicos.

³²³⁰ Amelia Pang, *Made in China – A Prisoner, An SOS Letter, and the Hidden Cost of America’s Cheap Goods*, Algonquin Books of Chapel Hill, Chapel Hill, 2022, p.31.

³²³¹ Harry Wu, *Laogai – Le Goulag chinois*, Éditions Dagorno, Paris, 1996, p.24.

³²³² Leoni Grotti, “‘Torturate e massacrate dal lavoro’. Così vengono ‘rieducate’ le donne nel gulag cinese di Masanjia”, *Tempi*, 10 de abril de 2013.

A detenção de pessoas por toda a China por motivos absurdos – por exemplo, o jovem Wang Dong foi condenado em 2008 a um ano de prisão por “assalto premeditado” porque tinha uma faca de fruta na paragem de um autocarro e um estudante liceal que foi apanhado em Pequim sem um cartão de residência válido foi igualmente sentenciado por “roubo premeditado” a um ano de prisão no campo de Masanjia – parece indiciar que as detenções têm como verdadeiro propósito preencher quotas de pessoal para a produção, de resto uma prática já existente nos *gulag* soviéticos. “Na China não se é preso por se ser culpado, mas é-se culpado por se ser preso”³²³³, notou o historiador Jean-Louis Margolin, sublinhando que “uma condenação significa na maior parte das vezes uma condenação por toda a vida”³²³⁴. A Fundação de Pesquisa dos Laogai, criada nos Estados Unidos em 1992 por Harry Wu, identificou um total de 1.400 campos de concentração a operar na China, muitos deles disfarçados com nomes inócuos como “centro de desintoxicação de drogas” e “centro de detenção pré-julgamento” – no fundo, a velha prática dos eufemismos. Wu notou que os reclusos e escravos dos *laogai* se dividem em sete categorias dominantes: prisioneiros políticos, crentes em religiões proibidas, minorias étnicas, pessoas que faziam petições, migrantes, delinquentes juvenis e criminosos adultos.

A detenção de elementos das minorias religiosas e étnicas é um aspeto específico que aproxima os campos comunistas chineses dos *gulag* soviéticos e dos *lager* nacional-socialistas. Está amplamente documentado o envio para os *laogai* de crentes budistas, muçulmanos e cristãos pelo crime de praticarem as suas religiões fora do sistema aprovado pelo Estado. Muitos dos escravos dos campos de concentração chineses são também seguidores do Falun Gong, uma religião que pratica a meditação e que começou a ser perseguida pelo crime de se recusar submeter-se à autoridade do Partido Comunista Chinês. “Os campos de trabalho da China comunista”, notou Wu, “são comparáveis sob todos os pontos de vista – pela sua dimensão, crueldade e número de detidos – aos sistemas nazi e soviético”³²³⁵, sendo “claro que os comunistas projetaram privar de direitos e de liberdade os ‘inimigos de classe’ e reduzi-los à escravatura”³²³⁶, até porque, mais do que

³²³³ Jean-Louis Margolin, “Chine: une longue marche dans la nuit”, in Stéphane Courtois, Nicolas Werth, Jean-Louis Panné, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek e Jean-Louis Margolin, *op. cit.*, 1997, p.714.

³²³⁴ *Idem*, p.705.

³²³⁵ Harry Wu, *op. cit.*, 1996, p.13.

³²³⁶ *Idem*, p.33/34.

servir os interesses da produção económica ou a punição de criminosos, a principal função dos *laogai* é “proteger e consolidar a ditadura do Partido Comunista.”³²³⁷

No caso dos muçulmanos, é amplamente conhecido hoje em dia o sistema concentracionário de Xinjiang, onde foram encerrados entre um a três milhões de pessoas, a grande maioria uigures. O Partido Comunista Chinês chegou ao ponto de recolher o ADN da população muçulmana para detetar marcadores SNP, ou *single nucleotide polymorphisms*, de modo a estabelecer traços como a estrutura facial e a cor da pele da minoria étnica uigure. Ou seja, e para usarmos uma terminologia mais explícita, para determinar as características raciais desse grupo específico.

Com base no marcador racial, foi desenvolvido um algoritmo destinado a identificar racialmente qualquer uigure captado pelas câmaras de vigilância. De resto, uma empresa de pesquisa sobre videovigilância, a IPVM, identificou múltiplas patentes de sistemas de videovigilância chineses destinados a permitir que as câmaras identificassem uigures por traços raciais. “A Hikvision e a Dahua ajudaram a conceber os parâmetros de videovigilância da polícia chinesa de forma a incluir a identificação das pessoas pela cor da sua pele – como ‘negro’, ‘amarelo’ e ‘castanho’ – e a etnicidade”, concluiu a IPVM, sublinhando que “provas encontradas pela IPVM indicam que a identificação étnica se dirige especificamente a uigures e tibetanos”³²³⁸. Uma patente registada pela Huawei e pela Academia das Ciências da China descreve como o sistema de videovigilância é capaz de determinar se um peão é uigure ou não, enquanto uma outra patente da Megvii menciona o uso de um instrumento que permite determinar a presença de uigures. Conforme observou Charles Rollet, investigador da IPVM, “estas tecnologias permitem à polícia na China examinar enormes bancos de dados com rostos e identificar fisionomias que a inteligência artificial assinalou como sendo de não chineses, ou uigures.”³²³⁹

O advogado uigure Nury Turkel confirmou que as detenções decretadas pelo Partido Comunista Chinês em Xinjiang são “baseadas na raça, etnicidade e religião de cada indivíduo, o mesmo critério usado pela

³²³⁷ *Ibidem*, p.40.

³²³⁸ IPVM, “Dahua and Hikvision Co-Author Racial and Ethnic PRC Police Standards”, 30 de março de 2021, www.ipvm.com.

³²³⁹ Avi Asher-Schapiro, “Chinese Tech Patents Tools That Can Detect, Track Uyghurs”, *Reuters*, 3 de janeiro de 2021, www.reuters.com.

Alemanha nazi para deter judeus e ciganos”³²⁴⁰. De facto, esta prática discriminatória de uma minoria étnica segundo critérios raciais aproxima o sistema concentracionário comunista chinês do sistema concentracionário nacional-socialista alemão.

Tudo isto remete para um regime que pratica o supremacismo étnico e racial. De resto, a primeira sobrevivente dos campos de Xinjiang a denunciar ao mundo o que o Partido Comunista Chinês estava a fazer aos uigures, a professora cazaque Sayragul Sauytbay, escreveu que os dirigentes do Partido consideram os chineses han “uma raça muito superior e mais valiosa, que é precisamente o que o PCC e o seu secretário-geral, Xi Jinping, andam a pregar com tão ardente nacionalismo”³²⁴¹, e não teve dúvidas em classificar os *laogai* como um “sistema fascista”³²⁴². Embora, para ser inteiramente rigoroso, tal comparação seria mais adequada se fosse feita aos regimes comunista soviético e nazi alemão.

Tendo dito isto, se é certo que a China de Mao Tsé-tung parece constituir um claro caso de fascismo, pois aliava a ditadura ao socialismo e ao nacionalismo, coloca-se a questão de se poder classificar a China do Século XXI como fascista. É uma ditadura e é nacionalista, é certo. Porém, manterá mesmo uma faceta socialista? Na retórica essa faceta existe de facto, mas por vezes fica-se com a impressão de que ela apenas é sugerida para manter a legitimidade do Partido Comunista, pois o país assumiu abertamente um capitalismo selvagem que não encontra igual no Ocidente. A ser assim, o caso mais parecido seria talvez o do Chile de Augusto Pinochet, um regime de ditadura nacionalista que realmente nunca praticou ou fingiu sequer praticar o socialismo e que também assumiu uma política económica agressivamente capitalista. O sucesso destas duas economias, com a China a transformar-se paulatinamente na maior potência económica mundial e o Chile a impor-se como a maior potência económica da América do Sul, sugere que este modelo tem eficácia na produção de riqueza.

Entre muitos sinólogos, no entanto, cresce a convicção de que o projeto do Partido Comunista Chinês, apesar do recurso a um capitalismo selvagem, mantém viva a sua essência ideológica socialista – e, muito importante, essa essência socialista domina o nacionalismo chinês. A estratégia chinesa

³²⁴⁰ Nury Turkel, *No Escape – The True Story of China’s Genocide of the Uyghurs*, William Collins, Londres, 2022, p.21.

³²⁴¹ Sayragul Sauytbay e Alexandra Cavelius, *The Chief Witness – Escape From China’s Modern-Day Concentration Camps*, Scribe, Londres, 2021, p.11.

³²⁴² *Idem*, p.7.

assenta num princípio enunciado por Mao Tsé-tung para a expansão do comunismo, o *wai yuan nei fang*, ou seja, “redondo por fora, quadrado por dentro”³²⁴³. O redondo implica flexibilidade na estratégia, o quadrado remete para a manutenção dos princípios fundamentais. Trata-se do enunciar de um modelo flexível na aparência, sendo que essa aparência é capitalista, daí o redondo, enquanto permanece inflexível no interior, sendo que esse interior é a essência socialista, daí o quadrado. “Redondo por fora, quadrado por dentro” significa assim capitalista na aparência, socialista na essência.

Atente-se, por exemplo, ao modelo económico chinês. Na sua aparência trata-se de um puro sistema capitalista assente na iniciativa privada. Porém, quando a análise se torna mais fina constata-se que todas as empresas privadas chinesas, desde as grandes até às pequenas e médias empresas, mantêm uma ligação ao Estado, que é como quem diz ao Partido Comunista Chinês, que está acima do Estado e de quem as empresas recebem diretivas estratégicas. Virtualmente todas as empresas do país, mesmo as que beneficiaram de investimento estrangeiro, têm células do Partido a operar no seu interior. O Partido Comunista Chinês retém o poder de nomear e demitir gestores de todas as empresas chinesas, e até as empresas estrangeiras precisam de luz verde do Partido nas suas nomeações mais importantes.

A economia chinesa não passa na verdade de um grande conglomerado do Partido, cuja presença se esconde por detrás de uma fachada de empresas nominalmente privadas. Redondo por fora, quadrado por dentro. “Quando o PCC abriu a economia chinesa às forças do mercado, isso não significa que o Estado recuou”³²⁴⁴, alertaram os sinólogos Clive Hamilton e Mareike Ohlberg, salientando que “aspetos do capitalismo moderno foram integrados no aparelho estatal leninista, criando um novo modelo de capitalismo leninista”³²⁴⁵. Uma espécie de NEP à chinesa. Mas por detrás desse capitalismo de fachada permanece o socialismo, vivo e sempre presente com a sua sombra tutelar.

O capitalismo é o redondo, a aparência; o socialismo é o quadrado, a essência. O próprio Partido Comunista Chinês o assume nas entrelinhas. “Questionam se o que a China está a fazer agora ainda é verdadeiramente socialismo, ou chamam-lhe ‘socialismo capitalista’, ‘capitalismo de Estado’ ou ‘novo capitalismo burocrático’”, observou um memorando interno

³²⁴³ Clive Hamilton e Mereike Ohlberg, *Hidden Hand – How the Chinese Communist Party is Reshaping the World*, Oneworld Publications, Londres, 2021, p.275.

³²⁴⁴ *Idem*, p.95.

³²⁴⁵ *Ibidem*, p.96.

enviado aos gabinetes locais do Partido, notando que “estas perspectivas e ideias equivocadas existem em grande número nos meios de comunicação estrangeiros e nas publicações reacionárias”. Ora, reiterou o Partido no seu documento interno, “o socialismo com características chinesas e o sonho chinês são o principal tema do nosso tempo.”³²⁴⁶

Os sinólogos concordam que o socialismo permanece na essência do regime. “A ideologia comunista não parece ser nenhuma relíquia de eras passadas, antes uma motivação cheia de significado para o seu comportamento e uma fonte das políticas estatais oficiais”, observou Christian Brose, considerando que “os documentos do Partido Comunista sugerem que as pessoas que governam a China, a começar pelo próprio Xi, são profundamente paranóicas e ideologicamente hostis a todas as formas de influência liberal. Encaram as noções ocidentais de democracia constitucional, direitos humanos, jornalismo independente, sociedade civil e dissensão aberta como armas das potências ocidentais – sobretudo dos Estados Unidos – para enfraquecer o Partido Comunista e a China”³²⁴⁷. Exatamente como todos os regimes comunistas – e fascistas – da História.

É aliás relevante observar que, ao iniciar a abertura da China à economia de mercado, Deng Xiaoping avisara em 1989 que o regime teria de praticar um segundo princípio, o *tao guang yang hui*, ou “esconder capacidades e ganhar tempo”³²⁴⁸. Ou seja, para além de manter a sua essência socialista por detrás da aparência capitalista, o regime teria de esconder a sua verdadeira natureza e intenções para adormecer a desconfiança dos inimigos capitalistas e liberais enquanto ganhava tempo para adquirir força suficiente para os enfrentar e derrotar. Assim sendo, a natureza socialista do regime chinês nunca desapareceu; ficou apenas sublimada, à espera do momento certo para reemergir.

Acontece que o fascismo também praticou os princípios do “redondo por fora, quadrado por dentro” e “esconder capacidades e ganhar tempo” quando, após o fracasso do pacto de pacificação, escondeu a sua essência

³²⁴⁶ “Communiqué on the Current State of the Ideological Sphere”, Gabinete Geral do Comité Central do Partido Comunista da China, 22 de abril de 2013, www.chinafile.com.

³²⁴⁷ Christian Brose, *The Kill Chain – Defending America in the Future of High-tech Warfare*, Hachette Books, Nova Iorque, 2021, p.89.

³²⁴⁸ Bart Dessein, “Central Asia Between China and Europe – Reflections on Historical Identity”, in Fabienne Bossuyt e Bart Dessein (direção), *The European Union, China and Central Asia – Global and Regional Cooperation in a New Era*, Routledge, Nova Iorque, 2022, p.29.

socialista por detrás de uma aparência nacionalista. Tal como os comunistas chineses, que não quiseram assustar os países capitalistas desenvolvidos dos quais dependem para afirmarem o seu projeto de desenvolvimento, os fascistas calaram momentaneamente a sua essência socialista por razões táticas, de modo a não assustarem as forças não socialistas de Itália, como a monarquia, a Igreja e as forças armadas italianas, das quais dependiam para afirmarem o seu projeto de socialismo nacionalista. E tal como os fascistas, que quando deixaram de depender dessas forças não socialistas assumiram enfim explicitamente a sua natureza socialista, os comunistas chineses, agora que a China ganhou força e se está a tornar a maior economia do planeta, começou a assumir explicitamente a sua natureza socialista.

Estamos pois perante uma versão chinesa moderna da NEP leninista, ou do modelo montado em Itália pelos fascistas, ainda que mais radical, estatizado e totalitário. “Hoje controlamos a força da indústria, toda a força da banca, toda a força do trabalho”³²⁴⁹, gabara-se Mussolini, sublinhando que a Itália fascista “deu um exemplo ao mundo com a incorporação no Estado de todas as forças de produção”³²⁵⁰. O mesmo fez a China moderna, cujo Partido Comunista manteve sempre um controlo discreto das empresas supostamente privadas. Até porque, como notaram Hamilton e Ohlberg, o socialismo capitalista chinês “escolheu um nacionalismo construído em volta da singularidade da China e do seu povo”³²⁵¹, e o que é a fusão do nacionalismo e do socialismo ditatoriais, com uso instrumental da economia de mercado num sistema de cooperação entre classes, se não fascismo estrutural?

No caso da China, a mistura de nacionalismo chinês com socialismo leninista conduziu o regime comunista a reconstituir no Século XXI o sistema concentracionário que no século anterior Lenine criara na Rússia comunista, Hitler na Alemanha nacional-socialista, Mao na China comunista, Pol Pot no Camboja comunista e Kim Il Sung na Coreia do Norte comunista. Perante o que consideravam ser uma ameaça separatista na província de Xinjiang por parte das minorias uígures e cazaques, de religião muçulmana, as autoridades comunistas nacionalistas chinesas instituíram um apertado sistema de vigilância da população que envolveu uma rede

³²⁴⁹ Benito Mussolini, “La legge sindacale”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 11 de março de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957, p.93.

³²⁵⁰ Benito Mussolini, “La nuova Italia”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de agosto de 1926, *idem*, p.188.

³²⁵¹ Clive Hamilton e Mereike Ohlberg, *op. cit.*, 2021, p.185.

omnipresente de câmaras de vigilância e a colocação de postos policiais e postos de controlo por toda a província. Foram instalados mecanismos de *spyware* em todos os telemóveis, vigiados todos os *emails* e todas as buscas *online* feitas pela população local, recolhidas amostras de ADN de toda a comunidade uigur e cazaque, assim discriminada por métodos de identificação racial, e tornada obrigatória a denúncia de qualquer comportamento considerado suspeito, incluindo recusas de beber álcool ou comer carne de porco. Toda a informação foi colocada num sistema coordenado por um algoritmo que, correlacionando todos os dados, determinava quem era ou não suspeito de pôr em causa a unidade nacional.

Mas o regime nacional-comunista chinês foi mais longe ainda. Foram lançadas campanhas de esterelização forçada de uigures e cazaques, prática que cai sob a alçada da definição de genocídio, e reprimida qualquer expressão cultural uigur ou cazaque, substituída pela obrigatoriedade de adesão à cultura que o regime considerava superior, a cultura chinesa han. Para os refratários foi instituída uma vasta rede de campos de concentração, eufemisticamente designados “campos de reeducação”, à maneira comunista e nacional-socialista, e instituídas quotas de detenção, exatamente como os comunistas russos haviam feito nos *gulag*. Entre um e três milhões de pessoas pertencentes às etnias uigur e cazaque, desde crianças a idosos, foram fechados nesses campos durante anos, muitos sem qualquer comunicação com o exterior e todos sem devido processo legal, e submetidos a operações de lavagem ao cérebro que envolveram grande violência física e psicológica, incluindo tortura e violações tão sistemáticas que se tornaram endémicas.

Como se isto não bastasse, milhares de uigures e cazaques foram forçados a trabalhar em fábricas instaladas nos campos de concentração de Xinjiang ou deportados para outras partes da China para trabalhos forçados noutras fábricas, o que significa a reinstalação da escravatura e das deportações étnicas por parte do nacional-comunismo chinês, práticas que já haviam sido adotadas pelos comunistas russos nos *gulag* e pelos nacional-socialistas alemães nos *lager*. Tornaram-se também abundantes as denúncias de que os comunistas chineses puniram sistematicamente familiares de dissidentes e chegaram a fazer desses familiares reféns, como no Século XX aconteceu na Rússia comunista e na Alemanha nazi, o que implica uma adesão ao princípio da culpa por associação historicamente em obra nas ditaduras comunistas e nacional-socialista.

Um relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, que a China tentou por todos os meios impedir que fosse divulgado, confirmou que os atos de Pequim podiam incluir “elementos de coerção e discriminação por motivos religiosos e étnicos”³²⁵². Os comunistas chineses reagiram às críticas alegando que se tratavam de “interferências nos assuntos internos da China”³²⁵³, uma reação típica de tiranias comunistas, como bem notou Aleksandr Solzhenitsyn: “os líderes comunistas dizem ‘não interfiram nos nossos assuntos internos. Deixem-nos estrangular os nossos cidadãos em paz e tranquilidade’. Mas eu digo-vos: interfiram mais e mais. Interfiram o máximo que possam. Imploro-vos que venham e interfiram.”³²⁵⁴

Igualmente relevante, ao desencadear um genocídio cultural da minoria uigure em Xinjiang, com destruição do património histórico, proibição de manifestações culturais e até queima de livros à maneira dos autos-de-fé da Inquisição, e ao imporem às minorias étnicas uma uniformização do modelo cultural e até racial dos chineses han, através das campanhas de miscigenação e esterelização forçadas, as autoridades comunistas estão a eleger os chineses han à categoria de raça eleita, uma espécie de *Übermensch* asiático.

Quem nunca se deixou enganar foi Solzhenitsyn, que em 1970 traçou um paralelo entre o regime comunista chinês e o soviético. “A China vive simplesmente uma fase atrasada do chamado comunismo de guerra imposto por Lenine na Rússia que se manteve em vigor até apenas 1921”, indicou. “Lenine estabeleceu-o, não porque a situação militar o requeria, mas porque era assim que via o futuro da sua sociedade. Mas quando a pressão económica o obrigou a recuar, ele introduziu a chamada Nova Política Económica (NEP) e recuou. Na China esta fase inicial simplesmente durou mais tempo. A China caracteriza-se pelos mesmos traços: trabalho forçado em massa que não é remunerado segundo o seu valor; trabalho nas férias; trabalho forçado nas comunas; e a incessante propagação de palavras de ordem e dogmas que abolem a essência humana e negam toda a individualidade do homem.”³²⁵⁵

³²⁵² “OHCHR Assessment of Human Rights Concerns in the Xinjiang Uyghur Autonomous Region, People’s Republic of China”, United Nations Human Rights Office of the High Commissioner, 31 de agosto de 2022, www.ohchr.org, p.43.

³²⁵³ James Keaten e Edith Lederer, “UN Cites China for ‘Serious Human Rights Violations’ in its Treatment of Uyghur Muslims”, *USA Today*, 1 de setembro de 2022.

³²⁵⁴ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2019, p.43.

³²⁵⁵ *Idem*, p.57.

Assim sendo, a abertura ao capitalismo não passa da versão chinesa da NEP bolchevique, o compromisso que levou os comunistas a aceitarem a abertura ao mercado e a tentarem um entendimento com o grande capital, incluindo os Krupp – ou do *trasformismo* dos fascistas, o compromisso que os fez recuar do socialismo para o entendimento com a Confindustria.

Os nacionalismos socialistas independentistas

Quanto aos movimentos independentistas do Terceiro Mundo, apoiados no Século XX pela União Soviética ou pela China e que abraçaram a doutrina neomarxista, parece claro que eram orientados por práticas nacionalistas, pois a sua principal e natural preocupação era conquistar a independência em relação às potências coloniais e afirmarem-se como nações – no fundo, a mesma aspiração que guiara os fascistas em Itália. Este *cocktail* de socialismo neomarxista e nacionalismo emergente apareceu sucessivamente na Ásia e em África, ao ponto de o historiador Michael Mann reconhecer que o fascismo “faz lembrar o ‘socialismo terceiro-mundista’ de anos recentes”³²⁵⁶. A natureza fascista da generalidade dos movimentos comunistas nas ditaduras dos países sub-desenvolvidos foi notada por outros académicos. “A vitalidade desta perspectiva de socialismo nacional”, escreveu Renato Pallavidini, “é demonstrada pelo facto de que penetrou sub-repticiamente em todo o movimento comunista internacional”³²⁵⁷. Gregor foi ainda mais longe e estipulou que “o marxismo em ambientes menos desenvolvidos está condenado a transformar-se num qualquer tipo de fascismo.”³²⁵⁸

A transferência das ditaduras socialistas do campo internacionalista para o nacionalista tornou-se de tal modo sistemática e generalizada em todo o mundo comunista que o historiador Anthony Smith, perito nas questões dos nacionalismos, começou na década de 1970 a discernir um padrão na evolução destes regimes. “De todas as ideologias associadas às crises da modernização, nenhuma se mostrou mais crítica ou maior rival do nacionalismo que o marxismo”, observou, e no entanto, apressou-se a acrescentar, “nenhuma ideologia se mostrou mais intimamente amalgamada com esse mesmo nacionalismo” que o próprio marxismo, pois “estamos de

³²⁵⁶ Michael Mann, *op. cit.*, 2004, p.6.

³²⁵⁷ Renato Pallavidini, *op. cit.*, 1996, p.43.

³²⁵⁸ James Gregor, *op. cit.*, 2000, p.149.

facto a testemunhar uma proliferação de nacionalismos marxistas e de marxismos altamente nacionalistas.”³²⁵⁹

Designando os regimes comunistas como praticantes de um “nacionalismo marxista”³²⁶⁰, Smith notou existirem “paralelismos ideológicos e convergências entre marxismo e nacionalismo que permitem uma tal fusão”³²⁶¹, designadamente traços comuns como uma narrativa histórica de teleologia linear, a identificação de um inimigo a abater (num caso o estrangeiro, no outro o capitalista), o discurso sobre o despertar das consciências adormecidas ou alienadas, o messianismo e a inevitabilidade da redenção num paraíso futuro, a forte presença do Estado e a instituição de ditaduras e militarismos, tudo elementos que permitem “consideráveis sobreposições e complementaridades”³²⁶² entre as duas ideologias. “Para o nacionalismo, o tirano é o ‘imperialismo’, o colonizador forasteiro, o invasor inimigo, o predador estrangeiro”, constatou este historiador, enquanto “para o marxismo o capitalista burguês incorpora todos os males do sistema económico de exploração.”³²⁶³

A síntese destas visões materializou-se em ditaduras militaristas, criadas para combater esse inimigo imperialista (visão nacionalista) e capitalista (visão socialista). “Embora os nacionalistas e os comunistas apregoem a fraternidade pacífica dos povos, a sua prática quase sempre aumentou a incidência da guerra e a importância do militarismo”, acrescentou Smith, sublinhando que “em todos estes aspetos, o marxismo pode legitimamente reivindicar que leva a cabo os ideais e programas nacionalistas com maior eficiência do que os próprios nacionalistas”³²⁶⁴, ao ponto de se poder dizer que o marxismo “verdadeiramente, é o legítimo herdeiro do nacionalismo nos países em desenvolvimento.”³²⁶⁵

O socialismo nacionalista, da Itália fascista à Rússia bolchevique, da Cuba castrista à China maoísta, consumou a fusão destas duas ideologias, o socialismo e o nacionalismo, o que levou este perito em nacionalismos a identificar “condições gerais ótimas” para a emergência deste tipo de regimes: “uma sensação de modernização atrasada; a percepção da

³²⁵⁹ Anthony Smith, *Nationalism in the Twentieth Century*, New York University Press, Nova Iorque, 1982, p.115.

³²⁶⁰ *Idem*, p.116, p.128, p.133 e p.138.

³²⁶¹ *Ibidem*, p.116.

³²⁶² *Ibidem*, p.123.

³²⁶³ *Ibidem*, p.117.

³²⁶⁴ *Ibidem*, p.139.

³²⁶⁵ *Ibidem*, p.140.

comunidade ou região colocada à margem da riqueza e do poder; uma governação fraca e ineficiente após a independência; e finalmente a intrusão externa, económica ou militar, real ou ameaçada”³²⁶⁶. Note-se que todas estas condições, existentes de uma maneira ou de outra nos diversos socialismos nacionalistas terceiro-mundistas, podem também ser encontradas em Itália quando da ascensão do fascismo.

A própria evolução destes regimes de ditadura socialista nacionalista parece obedecer a um padrão. Smith notou que em todos eles havia ao fim de algum tempo uma substituição do conceito de ditadura do proletariado pela noção mais abrangente da soberania do campesinato ou de uma aliança de proletários, militares e camponeses, a substituição da burguesia interna pelos imperialistas e colonialistas estrangeiros como o inimigo a abater, a substituição da guerra de classes por uma guerra de libertação do domínio estrangeiro em que toda a nação se transforma numa classe única que luta contra a classe dos opressores que vêm de fora, a substituição dos fatores económicos pelos fatores políticos e culturais como elemento dominante da explicação da história, e ainda a substituição do internacionalismo socialista por um interesse renovado nas raízes nacionais e na afirmação da nação. Tudo isto se viu de Itália à Rússia, passando pela generalidade dos regimes comunistas.

Na síntese que se opera nestas ditaduras socialistas nacionalistas, no entanto, o “nacionalismo prova-se mais atraente”³²⁶⁷ do que “uma doutrina altamente intelectualizada e rígida como o marxismo”³²⁶⁸, uma vez que as pessoas mais facilmente se identificam com os valores tradicionais e a cultura de identidade do nacionalismo do que com conceitos abstratos como o materialismo histórico e a teoria da mais-valia, e isso implicou uma total reformulação do marxismo. Do socialismo ideal, o da pureza das ideias, passou-se para o socialismo possível, o do confronto com a realidade dos nacionalismos, *exatamente o que aconteceu com o fascismo*. “Uma vez a independência garantida e a revolução alcançada, a utopia marxista torna-se remota, a sua era dourada pálida e abstrata, ao lado da alegria e do calor da fraternidade com o povo da nação ressuscitada”³²⁶⁹, observou Smith.

O marxismo foi enfim engolido pelo nacionalismo e do seu socialismo pouco restou para além da retórica. Ou seja, *a afirmação do nacionalismo*

³²⁶⁶ *Ibidem*, p.129.

³²⁶⁷ *Ibidem*, p.147.

³²⁶⁸ *Ibidem*, p.147/148.

³²⁶⁹ *Ibidem*, p.148.

assume proeminência sobre a própria doutrina socialista, com o marxismo a tornar-se perfeitamente secundário e quase reduzido a meras palavras ocas. “Os nacionalismos marxistas nos países em desenvolvimento nacionalizaram-se cada vez mais, assim se desviando do marxismo clássico”, concluiu este historiador, para quem o socialismo destes regimes “submeteu-se a tanta transformação que apenas apresenta uma relação ténue com o marxismo de Marx”³²⁷⁰. Mais uma vez, *exatamente o que sucedeu com o fascismo*.

Na sua essência, os movimentos revolucionários dos países subdesenvolvidos revelaram-se sistematicamente movimentos nacionalistas que se voltaram para o socialismo soviético ou chinês em busca de apoio para os seus projetos nacionalistas. A maior parte dos combatentes destes movimentos e das populações que os apoiavam não percebia o que era exatamente o marxismo ou o materialismo histórico, mas sabia com precisão o que era a nação. “Onde quer que o nacionalismo tenha criado raízes”, observou um outro historiador especializado na questão dos nacionalismos, Ernest Gellner, “tendeu a prevalecer com facilidade sobre as outras ideologias modernas”³²⁷¹.

De tal modo foi assim que por todo o lado o socialismo se colou ao nacionalismo como forma de angariar apoio popular. Na Checoslováquia sob ocupação nazi, por exemplo, o Partido Comunista distribuía em 1941 panfletos com estes apelos: “Bárbaros fascistas fora da nossa pátria! Façam sabotagem de todo o tipo! Preparem uma greve geral! Tudo pela vitória do Exército Vermelho e pela liberdade da nossa pátria!”³²⁷² O apelo assentava no nacionalismo e nem uma única das suas expressões invocava o socialismo, o que não pode ser coincidência e os historiadores começam a notar. “Em vez de advogar a luta de classes, o *Rudé právo* apelava para uma luta nacional unida contra o fascismo”³²⁷³, observou o historiador Chad Bryant, referindo-se ao discurso do órgão oficial do comunismo checo.

Os próprios socialistas tomaram consciência de que só os países subdesenvolvidos estavam a aderir ao marxismo, em contradição frontal com a teoria marxista. “O extremismo marxista encontra menos aderentes

³²⁷⁰ *Ibidem*, p.146.

³²⁷¹ Ernest Gellner, *Nations and Nationalism*, 2ª edição, Cornell University Press, Ithaca, 2006, p.42.

³²⁷² Chad Bryant, *Prague in Black – Nazi Rule and Czech Nationalism*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 2009, p.130/131.

³²⁷³ *Idem*, p.131.

precisamente nos países com uma evolução industrial mais avançada e de cultura burguesa mais desenvolvida”, notou o socialista Henri de Man já em 1926. “Se apontarmos num mapa do mundo os países onde o movimento operário se reclama na sua maioria marxista descobriremos que são os países que se encontram no início da sua evolução para a grande indústria.”³²⁷⁴

O problema é que nesses países o socialismo acabou inevitavelmente por se colar ao nacionalismo. Constatando que a situação da Roménia encontrava paralelos sucessivos na Polónia, na Bulgária, na Hungria, na Checoslováquia, na China e na própria União Soviética, tudo países que naquele tempo eram marxistas, a historiadora Katherine Verdery concluiu pela existência de “uma ligação entre a ideologia nacionalista e uma economia de carência”³²⁷⁵, postulando que “na raiz desta associação” entre socialismo e nacionalismo “pode estar o ‘estado fraco’ do socialismo, onde os governantes são forçados a adotar a constituição discursiva de uma imagem forte e unificada.”³²⁷⁶

Que a pobreza é um estado permanente das ditaduras socialistas é amplamente documentado pela experiência histórica. Estamos perante “regimes marcados pela promessa de abundância material e a realidade permanente da penúria”³²⁷⁷, considerou Romain Ducoulombier, identificando nestas economias “um défice estrutural de bens de consumo, a má qualidade dos produtos, o desajustamento entre uma oferta centralizada e uma procura individual, a inexistência de um sistema de preços fiável e uma economia informal predadora” que se traduz em “filas de espera provocadas pelas chegadas massivas e irregulares de bens de primeira necessidade” e num sistema clientelista de “trocas de favores e práticas de trocas diretas”³²⁷⁸ do qual beneficia exclusivamente a *nomenklatura*, formada pela classe privilegiada do partido. Para Verdery, é especificamente “a fraqueza estrutural intrínseca dos Estados socialistas” que os leva a adotar um discurso nacionalista “que subverte profundamente o discurso marxista.”³²⁷⁹

O argumento é interessante e pertinente. Se o marxismo fosse realmente forte na produção de riqueza, estes regimes jamais teriam necessidade de

³²⁷⁴ Henri de Man, *op. cit.*, 1974, p.376.

³²⁷⁵ Katherine Verdery, *op. cit.*, 1995, p.126.

³²⁷⁶ *Idem*, p.307.

³²⁷⁷ Romain Ducoulombier, *op. cit.*, 2014, p.73.

³²⁷⁸ *Idem*, p.74.

³²⁷⁹ Katherine Verdery, *op. cit.*, 1995, p.99.

recorrer a outra ideologia que não a marxista. Mas uma vez que as economias comunistas ao longo da história se revelaram incapazes de gerar sustentadamente riqueza, apesar das suas fortes apostas na educação e de apoios sociais, os seus regimes viram-se na contingência de adotar um discurso aglutinador comprovadamente eficaz, o discurso nacionalista, de modo a disfarçar as evidentes debilidades geradas pela realidade de pobreza da sociedade socialista. Por outro lado, numa economia de escassez como é a comunista torna-se necessário restringir o número dos que têm acesso pleno aos poucos bens existentes na sociedade, e a circunscrição dos direitos plenos a uma única etnia serve esse propósito. Assim sendo, tais regimes não adotaram o nacionalismo necessariamente por convicção, mas por necessidade. Para as ditaduras socialistas e nacionalistas, marcadas pela penúria, os estrangeiros tornaram-se odiados; os estrangeiros ricos porque sinónimos de imperialistas exploradores, os estrangeiros pobres pela necessidade de se partilhar com eles os poucos recursos da comunidade nacional.

Esta tendência de aliança com o nacionalismo foi generalizada no mundo socialista e não ficou confinada a um determinado período da história. Na verdade, prolongou-se para lá da queda do muro de Berlim e chegou até aos dias de hoje. Veja-se por exemplo o caso da Venezuela, já bem no Século XXI. A palavra de ordem de Hugo Chavez era “pátria, socialismo ou morte!”³²⁸⁰, o que significa que o chefe socialista nacionalista venezuelano colocava explicitamente nacionalismo e socialismo lado a lado e como os eixos centrais do seu pensamento socialista nacionalista. Significativamente, no *slogan* nacionalista socialista venezuelano a palavra “pátria” encontrava-se antes da palavra “socialismo”, o que diz alguma coisa sobre a ordem de prioridades dos socialistas nacionalistas venezuelanos.

Chavez criou até milícias armadas que usam a violência para apoiar o regime, designadas *Colectivos*, a versão venezuelana dos guardas vermelhos bolcheviques, dos camisas negras fascistas e dos camisas castanhas nacional-socialistas. O sucessor de Chavez à frente do nacionalismo socialista venezuelano, Nicolas Maduro, chegou mesmo a retirar poderes ao parlamento, táticas igualmente usadas por Vladimir Lenine, Benito Mussolini e Adolf Hitler, e a usar a acusação de “traição à pátria”³²⁸¹ para

³²⁸⁰ Ryan Brading, *Populism in Venezuela*, Routledge, Nova Iorque, 2013, p.80.

³²⁸¹ Diego Santander, “La Constituyente de Maduro enjuiciará por ‘traición a la patria’ a los líderes de la oposición”, *El Mundo*, 30 de agosto de 2017.

perseguir a oposição. Note-se que o instrumento ideológico usado por este regime socialista não foi o de traição ao socialismo mas o de traição à pátria, uma reveladora forma de os governantes socialistas venezuelanos, supostamente internacionalistas, usarem o nacionalismo como parceiro do socialismo.

No caso da Venezuela, contudo, talvez não se possa falar estritamente em fascismo pois a definição deste tipo de regime, para além de requerer uma ideologia nacionalista socialista, o que confere com o caso venezuelano, implica igualmente um sistema de ditadura, que no caso do nacionalismo socialista de Hugo Chavez e Nicolas Maduro não existe em termos formais. É, contudo, plausível sustentar que a ditadura foi instituída na prática quando Maduro substituiu o parlamento por uma assembleia constituinte por si nomeada e venceu as eleições de 2018 graças a fraude massiva. Em termos formais a Venezuela é assim um caso de proto-fascismo, embora a existência na prática de uma ditadura camuflada permita definir o regime como de facto fascista.

Não significa isto que todos estes líderes socialistas nacionalistas tenham sido genuinamente nacionalistas e socialistas. Uns sê-lo-iam e outros não. “Os caminhos para uma nação socialista e um comunismo nacional são naturalmente múltiplos e variados”³²⁸², já havia notado Anthony Smith nos seus estudos sobre o nacionalismo, salientando que em muitos casos “o seu interesse no marxismo não era filosófico nem primariamente económico”³²⁸³, mas uma adaptação às “condições locais, após os misturar com uma pesada dose do seu nacionalismo.”³²⁸⁴

Uns líderes socialistas nacionalistas recorriam ao socialismo como instrumento do nacionalismo, como era manifestamente o caso de Adolf Hitler, Ho Chi Minh, Deng Xiao-ping ou Fidel Castro, outros empregavam o nacionalismo como instrumento do socialismo, como acontecia com Benito Mussolini, José Estaline, Nicolae Ceaușescu e Mao Tsé-tung. Na verdade as motivações não são relevantes. O importante é que os diversos movimentos e regimes comunistas usaram o nacionalismo como um mito soreliano e mussoliniano, um conceito capaz de galvanizar e unir as pessoas, *exatamente como os fascistas haviam feito em Itália*. “Não é necessário que (o mito da nação) seja uma realidade”, dissera Mussolini. “É uma realidade

³²⁸² Anthony Smith, *op. cit.*, 1982, p.132.

³²⁸³ *Idem*, p.131.

³²⁸⁴ *Ibidem*, p.128.

no facto de que é uma inspiração”³²⁸⁵. O mesmo pensavam líderes nacionalistas socialistas como Tito, Fidel, Hodxa, Kim Il Sung, Ceașescu e outros. Para eles, não era preciso que o mito da nação fosse “uma realidade”; bastava-lhes que se tratasse de “uma inspiração” que galvanizasse as populações no apoio aos seus regimes.

Os habitantes de um país não lutam nem estão dispostos a morrer pelo socialismo, mas pela nação, e os líderes socialistas, de Benito Mussolini a Nicolas Maduro, sabiam-no e sabem-no. “O povo está desesperadamente amarrado à sua terra natal”³²⁸⁶, observara o chefe do fascismo italiano. Independentemente da sinceridade do sentimento nacional que expressavam, estes regimes ditatoriais socialistas recorriam e recorrem ao nacionalismo sobretudo como um instrumento para agregar as populações dos seus países e uni-las num projeto comum de desenvolvimento – *e esse é um conceito puramente fascista*.

Os próprios pensadores fascistas falavam nisto abertamente. “É característico do fascismo transportar nele o socialismo e o nacionalismo”, escreveu o fascista francês Pierre Drieu la Rochelle. “O nacionalismo é um eixo da atividade fascista. Um eixo, não um objetivo. O que importa para o fascismo é a revolução social, a marcha lenta, amedrontada, desviada, subtil, segundo as possibilidades europeias, em direção ao socialismo. Aliás, o nacionalismo torna-se uma causa ocasional para o socialismo. (...) Não apenas o nacionalismo não passa de um pretexto, não passa também de um momento na evolução socialista do fascismo”³²⁸⁷. Isto é, para muitos fascistas *o socialismo era mais importante do que o nacionalismo*.

Tal visão era partilhada por muitos fascistas italianos, de Mussolini a Carli. Embora tivesse estabelecido que “a ideia da pátria” é “a *luz essencial do fascismo*” (itálico no original)³²⁸⁸ e que “a Itália imperial” é “a *meta essencial do fascismo*” (itálico no original)³²⁸⁹, Mario Carli nunca esquecia que o fascismo era um “movimento originário da esquerda”³²⁹⁰, e portanto do socialismo, e que o objetivo último do “povo dos trabalhadores” era “melhorar, seja à sombra da tricolor ou dos estandartes vermelhos, a

³²⁸⁵ Benito Mussolini, “Discorso del 24 ottobre 1922 Raduno di Napoli”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

³²⁸⁶ Benito Mussolini, “Discorso del 21 giugno 1921 Primo discorso alla Camera”, in Benito Mussolini, *idem*.

³²⁸⁷ Pierre Drieu la Rochelle, *op. cit.*, 2016, p.233.

³²⁸⁸ Mario Carli, *op. cit.*, 2007, p.165.

³²⁸⁹ *Idem*, p.166.

³²⁹⁰ *Ibidem*, p.195.

qualidade e a quantidade do próprio pão quotidiano”³²⁹¹. Em suma, o socialismo era o objetivo do fascismo. O nacionalismo não passava de um instrumento, de uma etapa, uma simples transição.

É curioso constatar que os países da Europa onde mais proliferam hoje em dia os movimentos nacionalistas xenófobos são justamente os do antigo Bloco de Leste. Isso não acontece por acaso. Muitos pensadores mostram-se abismados com a facilidade com que tais movimentos se têm multiplicado na região, perplexidade que só se explica pela sua incapacidade de perceber que esses países já nos tempos do comunismo praticavam de maneira camuflada uma versão nacionalista e xenófoba do socialismo e que, conseqüentemente, tais movimentos encontram aí a sua origem. Se os regimes comunistas do Leste da Europa foram na sua essência regimes fascistas, que é como quem diz ditaduras socialistas nacionalistas, como esperar que a memória de certas práticas xenófobas do passado seja totalmente apagada?

Vários historiadores estão a chegar às mesmas conclusões. “Existe um enorme corpo de indícios de que os velhos regimes comunistas sempre nutriram sentimentos de nacionalismo inerente e mesmo preconceitos xenófobos escondidos por baixo da capa do internacionalismo marxista”³²⁹², observou Gregor, para quem “dada a forma como as políticas de extrema-direita são habitualmente classificadas – caracterizadas pelo nacionalismo, pelas estruturas políticas hierárquicas e pela liderança carismática – tanto o fascismo como o marxismo-leninismo parecem ser produtos de extremismo de direita”³²⁹³. Também Richard Pipes notou que na União Soviética o nacionalismo russo se tornou “descaradamente chauvinista.”³²⁹⁴

No fim de contas, o que eram Nasser, Agostinho Neto ou Samora Machel, para só citar três exemplos africanos, senão ditadores socialistas nacionalistas? Mais do que impor o socialismo, a prioridade desses regimes ditatoriais terceiro-mundistas era garantir a independência das respetivas nações e desenvolvê-las. Tanto assim foi que, quando o socialismo caiu com o Muro de Berlim, os regimes que esses ditadores criaram não tiveram a menor dificuldade em substituir o socialismo pela democracia liberal, a ideologia vencedora da Guerra Fria. Em bom rigor estes Estados tornaram-se tão democratas liberais quanto antes eram socialistas – isto é, a ideologia

³²⁹¹ *Ibidem*, p.51.

³²⁹² *Ibidem*.

³²⁹³ *Ibidem*, p.5.

³²⁹⁴ Richard Pipes, *op. cit.*, 1ª edição, 1993, p.280.

limitou-se a oferecer uma fachada; mais do que democratas liberais hoje ou socialistas ontem, eram e são nacionalistas. Foi na afirmação da nação e até da raça, e não na capa ideológica fornecida pelo socialismo ou pela democracia liberal, que encontraram a sua essência.

Vemos deste modo que é duvidoso que o internacionalismo, embora teorizado, tivesse sido realmente praticado pelos regimes neomarxistas pós-Marx e Engels. Isto significa que a divisão entre comunismo e fascismo em torno do conceito do internacionalismo não constitui uma verdadeira divisão, mas uma pseudo-divisão. No seu âmago, e independentemente do discurso que cada uma das correntes adotou, ambas se revelaram com uma essência nacionalista.

É assim na *praxis* nacionalista que se situa o ponto crítico da fusão do fascismo e do comunismo num socialismo comum a ambos – o socialismo nacionalista. O fascismo italiano assumiu o seu nacionalismo, o comunismo oficial esconde-o por detrás de uma retórica internacionalista, mas na sua *praxis* – e insisto que a *praxis* é uma forma de expressão mais genuína e eloquente que a retórica – os dois podem ser considerados socialismos igualmente nacionalistas.

Mais, poder-se-á mesmo argumentar que o socialismo nacionalista, designe-se ele fascismo ou comunismo, é na verdade a regra dos regimes socialistas ditatoriais, incluindo o soviético, que apareceram em países que se encontravam em situação de desenvolvimento terceiro-mundista. “O fascismo enraizou-se nos países europeus parcial ou marginalmente industrializados e foi tanto mais forte quanto o produto interno bruto e os rendimentos do capital eram baixos”, notou Gregor. “Se olharmos para a situação dos países subdesenvolvidos que hoje enfrentam problemas análogos aos da Itália há cinquenta anos concluiremos que nestes países existiram ou existirão regimes de tipo fascista ou fascistoide, no sentido em que se propõem alcançar objetivos semelhantes e usam justificações análogas às do fascismo paradigmático. A prova está no socialismo africano.”³²⁹⁵

O caso africano tem até uma particularidade. Nos fascismos africanos, ou ditaduras socialistas nacionalistas de África, o elemento racista revelou-se um ingrediente adicional, embora exprimindo-se na versão anti-homem branco, evidentemente como reação ao racismo anti-homem negro do

³²⁹⁵ James Gregor, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2016, p.90.

colonialismo, mas também amiúde na versão contra mulatos e/ou contra outras etnias rivais.

Convém por fim clarificar que nem todas as ditaduras terceiro-mundistas podem ser designadas fascistas. Para o serem precisam sempre impreterivelmente de integrar em simultâneo os três elementos estruturais no regime fascista italiano, que serve de modelo, designadamente a ditadura, o socialismo e o nacionalismo. Uma ditadura, por mais cruel e sangrenta que seja, não pode por isso ser corretamente descrita como fascista se não tiver o socialismo de alguma forma presente.

O inevitável destino fascista dos regimes socialistas

O que nos permite chegar a uma conclusão. As linhas de fratura internacionalismo/nacionalismo e luta de classes/cooperação de classes são apontadas como os eixos centrais que separam o comunismo do fascismo. Porém, quando analisadas à lupa, alguns aspetos do discurso dos regimes comunistas, e sobretudo a respetiva prática, revelaram-se nacionalistas. Além disso, a partir de certo ponto esses regimes pararam com a luta de classes e introduziram formas mais ou menos óbvias de corporativismo, embora sem jamais lhe darem esse nome. Tudo isto aconteceu, bem entendido, independentemente do discurso ideológico internacionalista e de luta de classes mantido para efeitos retóricos que apenas serviam para ocultar a *praxis* nacionalista e de cooperação de classes que se tornou a sua norma efetiva.

Considerando, porém, que comunismo e fascismo previam ambos a instituição de uma ditadura imposta por uma vanguarda, que a doutrina marxista original foi concebida exclusivamente para países desenvolvidos mas que na realidade os regimes comunistas só apareceram em países subdesenvolvidos, que a *praxis* dos regimes comunistas terceiro-mundistas foi a de nacionalismo e de cooperação entre classes apesar da retórica em sentido contrário, e que esses são justamente três traços identificativos do fascismo, é legítimo concluir que, independentemente da retórica de *novilíngua* orwelliana e com exceções pontuais circunscritas no tempo, *as ditaduras comunistas foram de facto, e são, ditaduras fascistas*.

Os dados que permitem compreender a verdadeira natureza do fascismo e do comunismo estão, pois, contidos no seu discurso e na sua *praxis*, que como verificámos por vezes se contraditam. Quando assim acontece, é a *praxis* que deve ser considerada mais reveladora, pois tem a capacidade de

expor o que a retórica tenta ocultar. Os atos falam mais alto do que as palavras. Assim sendo, Mussolini tinha razão: “o século no qual viveis é o século do fascismo.”³²⁹⁶

É uma realidade que, ao longo do tempo e enquanto regimes, os sucessivos fascismos, assumindo-se ou não como tais, procuraram dar resposta nos países em situação de subdesenvolvimento aos desafios e à dominação dos países mais desenvolvidos e industrializados. Vimos a prática e a retórica do socialismo nacionalista em Itália e vimos a prática nacionalista camuflada pela retórica internacionalista nos restantes países subdesenvolvidos de regime socialista ditatorial, incluindo a União Soviética, o que indicia que o fascismo não foi um fenómeno específico e isolado de Itália nem um fenómeno circunscrito apenas a grupúsculos nacionalistas extremistas europeus, como à primeira vista parece e tantas vezes é dito no discurso político e mediático, mas a regra nas opções de desenvolvimento socialista que foram assumidas por ditaduras que governavam países subdesenvolvidos.

Nem todas as ditaduras, convém clarificar, são fascistas. Uma ditadura nacionalista que não contenha socialismo não pode ser considerada fascista, da mesma maneira que uma ditadura socialista que não contenha nacionalismo também não pode ser considerada fascista. Um regime ditatorial só é fascista se contiver em simultâneo no seu discurso, ou sobretudo na sua *praxis*, o socialismo e o nacionalismo, pois é isso o que revela a análise ao fascismo italiano, o modelo original. Acontece que a história foi demonstrando que as ditaduras nacionalistas não evoluíram necessariamente para o socialismo, como é o caso do Chile de Augusto Pinochet, mas todas as ditaduras socialistas acabaram, cedo ou tarde, por evoluir para formas de nacionalismo.

Assim, a generalidade dos regimes ditatoriais de desenvolvimento do Terceiro Mundo que se afirmaram socialistas em determinado ponto abraçaram o nacionalismo e tornaram-se ditaduras socialistas nacionalistas, uns regimes com maior acento no socialismo, outros com maior tónica no nacionalismo, uns assumindo-se abertamente, outros escondendo a sua natureza nacionalista por detrás da máscara fornecida pela retórica neomarxista – porém ditaduras socialistas nacionalistas, consequentemente fascistas.

³²⁹⁶ Benito Mussolini, “Messaggio ai giovani fascisti”, *Gioventù Fascista*, 8 de outubro de 1931, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1934, p.314.

Esta definição do fascismo permite-nos assim estabelecer um elemento fundamental em qualquer definição operacional científica – o estabelecimento de previsões. Para que sejam dadas como aceites, todas as teorias precisam de previsões que possam ser testadas. Aqui sim, o facto de estes regimes existirem em sociedades em situação de subdesenvolvimento é pertinente, não enquanto definição *per se* mas como condição indispensável para o aparecimento do fascismo. Assim, e como já vimos, poderemos dizer que o fascismo, sendo um movimento ditatorial de socialismo nacionalista, *emergirá inevitavelmente em sociedades em situação de subdesenvolvimento que optem por soluções de socialismo ditatorial*.

Por que razão o socialismo ditatorial em sociedades subdesenvolvidas está destinado a aliar-se ao nacionalismo? Para responder a essa pergunta, e como já vimos, é preciso compreender que o socialismo é essencialmente uma ideologia de distribuição de riqueza, não da sua produção. Se o socialismo é imposto numa sociedade pobre, e uma vez que revela grandes dificuldades em gerar riqueza, acaba por se afundar num pântano de pobreza – razão pela qual, aliás, os próprios Marx e Engels abundantemente avisaram que o socialismo só é possível numa sociedade de capitalismo avançado e que uma revolução num ambiente pobre nunca é uma genuína revolução socialista. Um comunismo que emergisse fora da correta “relação dinâmica”³²⁹⁷ da história, alertara Marx, criaria “uma forma bestial” e “um comunismo cru e insensato” em que “a inveja geral se constitui num poder”, sendo que “este comunismo cru não passa da consumação dessa inveja e dessa diminuição dos padrões.”³²⁹⁸

Os factos provaram que Marx tinha razão e que o comunismo estabelecido em sociedades subdesenvolvidas rapidamente degenera na pobreza generalizada. É que, não tendo riqueza para distribuir, o socialismo apenas distribui miséria. Isso desacredita-o junto da população. Para se legitimarem junto da população, os ditadores socialistas só têm uma maneira de obter o apoio popular: apelarem ao patriotismo. Isso faz-se arranjando constantemente inimigos externos, os outros países, e internos, as minorias étnicas. Os ditadores socialistas usam assim o nacionalismo para obterem legitimação popular e perpetuarem-se no poder. O nacionalismo, eufemisticamente designado por patriotismo por questões de pudor

³²⁹⁷ Karl Marx, *op. cit.*, 2011, p.70.

³²⁹⁸ *Idem*, p.71.

ideológico, torna-se um escudo de proteção do socialismo. É por isso que, nas economias pobres, os regimes ditatoriais socialistas estão destinados a tornarem-se também nacionalistas, consumando assim a sua transferência para o fascismo.

Esta é uma previsão que contribui decisivamente para tornar operacional a definição aqui apresentada sobre o fascismo. Evidentemente que os fascismos, como expressão socialista nacionalista em regime ditatorial, tiveram naturais variações entre eles. Não foram iguais em todos os detalhes, pois cada um se distinguia pelas suas idiossincrasias específicas, embora fossem iguais na essência de regimes socialistas nacionalistas ditatoriais que apareceram com projetos de desenvolvimento em economias subdesenvolvidas. Em Itália, por exemplo, o fascismo assumiu certas especificidades formais, como os rituais com símbolos próprios, desde o *fascio* à saudação romana, enquanto no conteúdo aplicou as ideias gerais do socialismo, embora aceitando a propriedade privada e a economia de mercado como instrumentos necessários para garantir a produção de riqueza que o socialismo depois poderia distribuir pela nação, ideia que aliás está presente na social-democracia, embora aqui funcionando no quadro de um regime liberal.

Porém, é importante insistir na ideia de que essa aceitação da propriedade privada e da economia de mercado não só não violava os preceitos do marxismo como até estava em consonância com a doutrina original de Marx e Engels. Convém nunca esquecer que a existência da propriedade privada e da economia capitalista era defendida pela teoria marxista como uma fase necessária dos países subdesenvolvidos na transição para um capitalismo de grande indústria altamente desenvolvida, fase imprescindível para que mais tarde ocorresse uma genuína revolução do proletariado.

Neste aspeto, e apesar da sua retórica contra o neomarxismo oficial do seu tempo, o fascismo italiano revelou-se profundamente marxista pois respeitou esses preceitos centrais do marxismo original. O próprio bolchevismo, que violou ostensivamente a doutrina marxista quando previu uma revolução do proletariado num ambiente feudal sem proletários nem grande indústria altamente desenvolvida, foi obrigado a recuar perante as grandes fomes desencadeadas pelas suas políticas revisionistas, com Lenine a responder através da NEP, a Nova Política Económica que recuperou o papel da burguesia e que mais não foi do que o restabelecimento da economia

de mercado, assim introduzindo uma forma soviética de corporativismo fascista.

É interessante que Lenine tenha admitido que “nós estamos, com a nossa Nova Política Económica, a corrigir vários dos nossos erros” e a criar um “capitalismo de Estado”³²⁹⁹, mas é importante sublinhar que os neomarxistas fascistas italianos fizeram algo de muito semelhante quase ao mesmo tempo, ao conceberem a sua versão de capitalismo de Estado socialista quando fizeram do Estado um centro todo-poderoso a guiar a economia. Para controlar a produção criaram até o Instituto para a Reconstrução Industrial, um organismo estatal que se encarregou da atividade industrial, setor até aí exclusivamente nas mãos dos privados em Itália.

Poder-se-á deste modo dizer que o socialismo nacionalista ditatorial, seja o que se dizia comunista ou o que se assumia fascista, uma vez no poder viu-se forçado a aceitar formas de economia de mercado para gerar a riqueza que o socialismo pudesse distribuir. As maneiras de que essa união entre socialismo nacionalista e capitalismo se revestiu variaram segundo o grau de desenvolvimento das respetivas economias e, aqui sim, em flagrante contradição com a doutrina marxista original. Marx e Engels previram que a revolução comunista apenas ocorreria em economias avançadas, mas a realidade mostrou que essas economias não produziam tal revolução, pelo que as revoluções alegadamente socialistas só tiveram lugar em países subdesenvolvidos e sem proletários. Não podem por isso ser consideradas verdadeiras revoluções socialistas, pois Marx e Engels enfatizaram que as revoluções em países subdesenvolvidos não eram genuínas revoluções socialistas. O que ocorreu foram antes revoluções socialistas nacionalistas que geravam regimes ditatoriais. Ou seja, para além da retórica e num sentido genérico e estrutural, *as revoluções comunistas foram de facto revoluções fascistas*.

Assim, poderíamos até afirmar que a social-democracia foi a forma encontrada pelo socialismo para se aliar ao liberalismo nos países desenvolvidos europeus, o que só foi possível de concretizar através da democracia liberal, e o fascismo foi a forma encontrada pelo socialismo para se aliar ao nacionalismo nos países subdesenvolvidos, estivessem eles na Europa ou fora da Europa, o que só foi possível de concretizar através da ditadura. Enquanto ideologia, o marxismo prometeu o comunismo, mas

³²⁹⁹ Vladimir Lenine, “Fourth Anniversary of the October Revolution”, *Pravda*, 18 de outubro de 1921, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

quando transformado em regime, e com raras exceções limitadas no tempo, apenas ofereceu fascismo.

Neste sentido, não foi só o socialismo italiano que se revelou fascista. Também os socialismos soviético, maoista, albanês, norte-coreano, vietnamita, africano e de todos os outros regimes em países subdesenvolvidos o foram estruturalmente – é certo que sem o reconhecerem e despidos dos formalismos específicos do fascismo italiano como o *fascio*, a saudação romana e demais rituais, e ainda mantendo, embora apenas na retórica e não na prática, elementos doutrinários como o internacionalismo e a luta de classes. Na sua essência enquanto regimes, porém, podem todos ser classificados como intérpretes do fascismo genérico.

A definição do fascismo como socialismo nacionalista em regime ditatorial permite-nos compreender melhor a natureza do fascismo como fenómeno universal e genérico. É naturalmente sempre possível encontrar diferenças entre os diversos fascismos. O fascismo italiano não foi exatamente igual ao fascismo bolchevique, nem este exatamente igual ao fascismo kim il-sunguiano, nem este exatamente igual ao fascismo maoista, e assim por diante. Há sem dúvida diferenças entre estes regimes e ao longo da evolução de cada regime, todos eles com as suas características, singularidades e circunstancialismos próprios e alguns até sem a influência direta do marxismo ou do neomarxismo na sua formulação doutrinária. Porém, como fenómenos estruturais, todos se constituíram na prática como ditaduras socialistas nacionalistas e é aí que encontram a sua essência mais profunda.

Eis portanto o que é o fascismo. Os socialistas franceses inventaram-no enquanto ideologia e movimento, os bolcheviques russos transformaram-no num regime e os comunistas intervencionistas italianos deram-lhe o nome. Se enquanto ideologia o fascismo se apresentou em teoria como um socialismo nacionalista, enquanto regime todos os socialismos ditatoriais acabaram na realidade por abraçar o nacionalismo e se revelarem fascismos.

Totalitarismos

A grande ironia sobre o comunismo é que, se enquanto regime pode ser inserido na categoria de fascismo genérico, dada a sua prática de um socialismo ditatorial de natureza nacionalista e de cooperação de classes, na comparação com outros regimes de fascismo genérico encontram-se muito mais parecenças de alguns regimes comunistas, e seguramente o soviético, com o nazismo alemão, uma forma particularmente brutal de fascismo, do que com o fascismo italiano. O ponto de confluência do comunismo enquanto regime e do nacional-socialismo radica justamente na extrema violência de ambos, que se consubstancia na respetiva prática totalitária.

Assim, estudando os regimes comunista russo e nacional-socialista alemão, uma das coisas que se torna impossível não notar são as abundantes semelhanças entre os dois. Quem pensar que se trata de uma mera coincidência não poderia estar mais enganado. Comunismo e nazismo são semelhantes, não por acaso, mas porque na realidade partilham muitas

práticas e até algumas ideias. “De um lado, a proximidade ideológica entre nacional-socialismo e bolchevismo é subavaliada”, observou o historiador Richard Shorten, “do outro, a proximidade ideológica entre nacional-socialismo e fascismo é sobrevalorizada”³³⁰⁰. Na verdade, observou Shorten, existe de facto um “espaço ideologicamente partilhado entre nazismo e estalinismo”³³⁰¹. Raymond Aron sublinhou o mesmo ponto quando escreveu que, entre comunismo e nazismo, “as semelhanças são demasiado fortes para que vejamos aí um simples acidente.”³³⁰²

A primeira coisa que importa compreender é que o totalitarismo entrou no socialismo através da ideia marxista que concebia o Estado como estando ao serviço da ditadura do proletariado. Convém nunca esquecer que o socialismo nasceu libertário. Mais ainda do que o liberalismo, o socialismo começou por alimentar uma profunda desconfiança em relação ao Estado, visto como opressor, o que contribuiu para o seu internacionalismo inicial pois no limite apontava para um mundo sem Estados. Na sua versão anti-estatizante mais extremada, culminou no anarquismo. O socialismo posicionava-se assim do mesmo lado do liberalismo, numa posição até mais radical do que este pois fazia a própria defesa do desaparecimento do Estado, algo que o liberalismo nunca propugnou, e do outro lado da barricada em relação ao nacionalismo, que sempre apregoeou a primazia do Estado, garante da soberania e da manutenção das fronteiras nacionais.

Com o marxismo, contudo, o socialismo mudou subitamente de campo e passou a alinhar ao lado do nacionalismo na defesa de um Estado forte, o que na prática, embora mantendo a retórica internacionalista e libertária das origens, o arrastou para o conceito de nação que o Estado abarcava. A origem desta conversão está em Hegel e na sua visão de um Estado onnipotente e onnipresente, quase divino. O Estado passou a ser apresentado com letra maiúscula, Estado, a exemplo de Deus. Na sua forma mais extrema, a divinização do Estado, encarregando-o da proteção dos seres humanos do berço à morte, da educação à saúde, do emprego à segurança, desembocou no Estado totalitário, caracterizado por uma ideologia de imposição através de um partido único de massas e de uma sociedade de vigilância policial, com controlo centralizado da economia, censura e monopólio dos meios de comunicação, tudo elementos que encontramos presentes nos regimes que se

³³⁰⁰ Richard Shorten, *op. cit.*, 2012, p.37.

³³⁰¹ *Idem*, p.237.

³³⁰² Raymond Aron, *Démocratie et totalitarisme*, Gallimard, Paris, 2015, p.291.

designaram fascista, nacional-socialista e comunista, embora mais extremado nestes dois últimos.

Veja-se este eloquente retrato feito pela escritora Nadezhda Mandelstam, vítima e sobrevivente do sistema policial comunista na União Soviética. “Pelo seu comportamento global eles pareciam dizer: não tens onde te esconder, estás sempre sob vigilância, estamos sempre em cima de ti”³³⁰³, registou ela, lembrando que “éramos constantemente forçados pelas circunstâncias da nossa vida a comportarmo-nos como membros de uma sociedade secreta. Quando nos encontrávamos falávamos por sussurros, espreitando as paredes com medo de vizinhos atentos ou microfones escondidos. Ao regressar a Moscovo depois da guerra, constatei que toda a gente cobria os seus telefones com mantas, pois corria o rumor de que estavam equipados com gravadores, e os moradores mais normais tremiam de terror na presença do objeto metálico negro que escutava os seus pensamentos mais íntimos. Ninguém confiava em ninguém e toda a pessoa que conhecíamos era suspeita de ser um informador da polícia. Por vezes parecia que todo o país sofria de mania da perseguição.”³³⁰⁴

Mandelstam revelou que “sentíamos que estávamos constantemente expostos a raios-X, e o principal meio de controlo sobre nós era a vigilância mútua”, um sistema em que “os estudantes recebiam instruções para espiar os professores”³³⁰⁵ e em que “ninguém confiava as suas dúvidas aos seus filhos”³³⁰⁶, um sistema em que, na verdade, todos se tornaram espiões de todos: “isto fazia parte da nossa vida diária, uma rotina assustadora apenas aliviada quando um vizinho nos dizia pela calada da noite como ‘eles’ o convocaram para o forçarem a trabalhar para eles, ou por amigos a avisarem-nos sobre quais os amigos em relação aos quais deveríamos estar em alerta. Tudo isto ocorria a uma escala imensa e afetava indiscriminadamente toda a gente. Todas as famílias estavam permanentemente a analisar o seu círculo de pessoas conhecidas, tentando identificar os provocadores, os informadores e os traidores. Após 1937 as pessoas deixaram mesmo de se encontrar e a polícia secreta ficou muito próximo de alcançar o seu objetivo final. Para além de assegurarem uma constante receção de informação, isolaram as pessoas umas das outras e atraíram um grande número delas para a sua rede, convocando-as de tempos em tempos, exercendo pressão sobre

³³⁰³ Nadezhda Mandelstam, *op. cit.*, 1983, p.17.

³³⁰⁴ *Idem*, p.33/34.

³³⁰⁵ *Ibidem*, p.34.

³³⁰⁶ *Ibidem*, p.45.

elas e forçando-as ao segredo através de documentos assinados. Todas essas pessoas viviam no medo eterno de serem descobertas e, tal como os polícias, estavam consequentemente interessadas na estabilidade da ordem existente e na inviolabilidade dos arquivos onde os seus nomes constavam.”³³⁰⁷

Este Estado de vigilância total foi imortalizado na ficção por George Orwell através da metáfora do Big Brother, o Chefe que tudo vê e tudo sabe sobre todos. Também o escritor comunista Arthur Koestler ficou chocado com o nível de intrusão na vida íntima imposto pelo regime comunista na União Soviética, e mencionou o assunto num dos seus romances. “Compararam-nos à Inquisição porque, quais inquisidores, nunca parámos de ter consciência de todo o peso da nossa responsabilidade rumo a um futuro que ultrapassa o individual”, observou um personagem comunista do romance, notando que “assemelhamo-nos aos grandes inquisidores porque perseguimos os germes do mal não apenas nos atos dos homens mas também nos seus pensamentos. Não admitimos a existência de nenhuma área privada, nem mesmo no cérebro de um indivíduo.”³³⁰⁸

Enquanto regime, e como vemos, o totalitarismo apareceu pela primeira vez na Rússia bolchevique, embora tenha sido teorizado e batizado na Itália fascista. Foi o deputado antifascista liberal Giovanni Amendola quem, no jornal *Il Mondo*, introduziu em 1923 a expressão “totalitário”³³⁰⁹ para se referir ao processo de concentração do poder num governo. O conceito agradou aos fascistas, que depressa se apropriaram dele. “A ideia central do nosso movimento é o Estado”, proclamou Mussolini, esclarecendo que “a nossa fórmula é esta: tudo no Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado”³³¹⁰. O *Duce* e o seu ideólogo Giovanni Gentile explicaram que “o fascismo é totalitário” e defenderam que o termo significava que “tudo está no Estado, e nada de humano ou espiritual existe, e muito menos valores, fora do Estado.”³³¹¹

Tal formulação tinha aparentemente como intenção original referir-se a um Estado que cuidava totalmente da população, ou, nas palavras do *Duce*, “como intérprete único e supremo das necessidades da sociedade

³³⁰⁷ *Ibidem*, p.34/35.

³³⁰⁸ Arthur Koestler, *op. cit.*, 1991, p.126.

³³⁰⁹ Emilio Gentile, *Contro Cesare – Cristianesimo e totalitarismo nell'epoca dei fascismi*, Feltrinelli, Milão, 2010, p.147.

³³¹⁰ Benito Mussolini, “Per la medaglia dei benementi del comune di Milano”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de outubro de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956, p.425.

³³¹¹ Benito Mussolini e Giovanni Gentile, *op. cit.*, 1935, p.3.

nacional”³³¹², com um “sistema de educação e preparação totalitária integral do homem italiano”³³¹³. Seria assim uma espécie de Estado Social total, mas também um Estado que, como disse Mussolini, “inserirse, sempre mais intimamente e profundamente, o fascismo na vida total da nação italiana.”³³¹⁴

O conceito na origem da expressão *Estado totalitário* foi registado pela historiografia. “O próprio Mussolini criou a palavra para descrever uma sociedade à qual toda a gente pertencia, na qual se cuidava de todas as pessoas, na qual tudo estava no Estado e nada fora do Estado: na qual verdadeiramente nenhuma criança ficaria para trás”³³¹⁵, observou Jonah Goldberg. “O Estado”, sublinhou por seu turno Luca Rimbotti ao explicar a perspetiva fascista, “deixava de ser o ‘monstro legal’ inimigo dos trabalhadores: uma vez tendo o Estado garantido a educação, a saúde, a assistência, a proteção social, a justa legislação do trabalho (...) eis que, do Estado de classes nascia o Estado do povo”, que seria “um Estado integrador e fortemente participativo, estruturado (...) com base numa legislação social que naquele tempo estava na absoluta vanguarda.”³³¹⁶

O tempo, contudo, encarregou-se de mostrar que tais Estados criados pelas ideologias socialistas nacionalistas ditatoriais se revelavam policiais, paranoicos, violentos e opressores, invadindo a esfera privada dos cidadãos e até os seus pensamentos. O Estado totalitário tornou-se sinistro e assumiu contornos que George Orwell bem expressou através do conceito de Big Brother. Curiosamente, o próprio Mussolini alertou para tal evolução. “O socialismo mais não é do que a ampliação, a multiplicação, o aperfeiçoamento do Estado”, disse o chefe do fascismo, prevendo que “amanhã o Estado socialista controlar-vos-á em cada minuto, em cada função ou movimento; hoje sois obrigados a informar o número de filhos que tendes, mas amanhã sereis constrangidos a denunciar até o número exato dos vossos caprichos amorosos”³³¹⁷. E mais do que isso. “O Estado é uma máquina tremenda que engole os homens vivos”, disse, estimando vir aí um

³³¹² Benito Mussolini, “Sintesi del regime”, 18 de março de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, outubro de 1983, p.111.

³³¹³ Benito Mussolini, “237ª riunione del Consiglio dei Ministri”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de março de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957, p.126.

³³¹⁴ Benito Mussolini, “L’indirizzo politico del Partito Nazionale Fascista”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de abril de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983, p.67.

³³¹⁵ Jonah Goldberg, *op. cit.*, 2007, p.14.

³³¹⁶ Luca Rimbotti, *op. cit.*, 2018, p.39.

³³¹⁷ Benito Mussolini, “Divagazione – L’ora e gli orologi”, 6 de abril de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954, p.397.

mundo em que “a vida humana nada mais tem de secreto, de íntimo, de ordem natural ou espiritual.”³³¹⁸

Este tipo de Estado emergiu efetivamente em alguns países onde o socialismo se fundiu com o nacionalismo em sistema ditatorial. “A fusão do socialismo e do nacionalismo reconciliaria os temas ideológicos até aí opostos”³³¹⁹, notou o filósofo Jean-Louis Vullierme, enumerando como pontos comuns das “três formas violentas de economia dirigida: bolchevismo, fascismo e nazismo”³³²⁰, o “tratamento messiânico da pobreza, desaparecimento das classes e Estado que colocava o aparelho burocrático sob o controlo do partido que era, em simultâneo, nacionalista e socialista”³³²¹. O único ponto de divergência entre as três formas de fascismo genérico era que o nazismo e o fascismo italiano aceitavam a iniciativa privada e o bolchevismo não, embora a NEP de Lenine, que depois das grandes fomes abriu o comunismo à iniciativa privada, tenha mostrado que verdadeiramente nem essa diferença subsistiu.

Sendo certo que Mussolini e Gentile apadrinharam a expressão, a verdade é que, para efeitos práticos, o regime fascista jamais se tornou um totalitarismo. “O fascismo italiano era certamente uma ditadura, mas não era totalmente totalitário”³³²², reconheceu Umberto Eco. Isso aconteceu devido à autoridade e influência da Igreja Católica e da monarquia na vida italiana, que limitaram o poder dos fascistas, e ainda à manutenção da autonomia das Forças Armadas italianas e à ausência entre os fascistas de um projeto e ação genocida de todos os que a sua ideologia confrontava. “Nos Estados totalitários, nem o exército, nem a Igreja nem a burocracia estão alguma vez em posição de controlar ou de conter o poder”³³²³, estabeleceu Hannah Arendt. Como na Itália fascista o exército, a Igreja e a burocracia controlavam ou continham efetivamente o poder, o fascismo não pode ser considerado totalitário.

Já os regimes comunista e nacional-socialista são considerados efetivamente totalitários na sua doutrina e sobretudo no que mais interessa, a ação, pois não só controlavam o poder militar, o poder espiritual e a

³³¹⁸ *Idem*, p.398.

³³¹⁹ Jean-Louis Vullierme, *op. cit.*, 2015, p.280.

³³²⁰ *Idem*, p.275.

³³²¹ *Ibidem*, p.280.

³³²² Umberto Eco, “Ur-Fascism”, *The New York Review of Books*, 22 de junho de 1995.

³³²³ Hannah Arendt, *La nature du totalitarisme*, Éditions Payot et Rivages, Paris, 2018, p.54.

máquina burocrática, como sobretudo penetraram na esfera da intimidade dos seus cidadãos. No caso do comunismo muitos pensadores sustentaram durante muito tempo que o projeto totalitário do regime soviético se restringiu ao estalinismo. Essa posição foi encorajada pela historiografia soviética após 1956, que criou a interpretação de que Estaline havia subvertido as ideias “justas” de Lenine – um dogma que fez escola até no Ocidente.

A verdade é que Lenine não era nenhum democrata pacifista, mas um ditador que perfilhava o uso da violência. E assumia-o abertamente. “A vontade de uma classe pode ser realizada por um ditador, que por vezes faz mais sozinho e frequentemente é mais necessário”, declarou o *Vozhd*, jogando com as palavras para dizer que “não há nenhuma contradição entre a democracia socialista soviética e a liderança individual e ditatorial”³³²⁴. Lenine fez o elogio da ditadura por diversas vezes. “Não é possível ser-se revolucionário *de facto* sem prepararmos a ditadura” (itálico no original), uma vez que “a ditadura é essencial para a vitória.”³³²⁵

Num Estado socialista “a ditadura é necessária” e deve ser exercida “*com mão de ferro*” (itálico no original), declarou o ditador comunista, pois é preciso “firmeza salutar para fuzilar sumariamente os ladrões”. O *Vozhd* russo sustentou que “a ditadura é governar pela força”, até porque “a *subordinação inquestionada* a uma única vontade é absolutamente necessária” (itálico no original) pois “a luta deve também ser levada a cabo com coerção”, o que faz dos soviets “a mais elevada forma de democracia”, uma vez que eles interpretam “a forma *socialista* de democracia”³³²⁶ (itálico no original). Claramente Lenine usava uma definição de democracia muito particular, um caso real de *blackwhite* do *newspeak* orwelliano que se falava em Moscovo desde o início da revolução bolchevique.

A própria historiografia moderna começa a corrigir a ideia de que houve uma alteração de comportamentos tirânicos com a passagem de testemunho entre o fundador do bolchevismo e o seu sucessor. Foi sob a governação e a orientação de Lenine que foram lançadas na União Soviética políticas de detenções, perseguições e execuções sumárias e em massa de pessoas

³³²⁴ Vladimir Lenine, “Speech on Economic Development”, Ninth Congress of the R.C.P., 31 de março de 1920, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

³³²⁵ Vladimir Lenine, “A Contribution to the History of the Question of the Dictatorship”, 20 de outubro de 1920, www.marxists.org.

³³²⁶ Vladimir Lenine, “The Immediate Tasks of the Soviet Government”, *Pravda*, 28 de abril de 1918, www.marxists.org.

culpadas não pelo que tinham feito mas pelo que eram, designadamente burgueses, *kulaks*, camponeses e minorias étnicas, e também adversários políticos e cidadãos comuns. O *Vozhd* criou a polícia política comunista e, como vimos, estabeleceu o princípio da culpa coletiva por associação a uma classe maldita, neste caso a burguesia, ou a uma etnia maldita, como os ucranianos e os cossacos.

Só em 1918, o regime bolchevique efetuava mais de mil detenções por mês apenas em Moscovo. Foi também durante a governação de Lenine que começaram as grandes fomes e que foi criado o sistema concentracionário para internar aí a própria população do país. O primeiro campo de concentração comunista foi estabelecido em 1918, num antigo convento em Nizhni Novgorod, com capacidade para cinco mil “inimigos de classe”, e os primeiros campos dos *gulag* apareceram nessa altura nas ilhas Solovetsky, que os prisioneiros conheciam como Solovky. No final de 1920 existiam já no país 84 campos de concentração espalhados por 43 províncias. Isto, sublinhe-se, exclusivamente no período da governação de Lenine.

As responsabilidades de Lenine pelas políticas de terror e de policiamento do pensamento não ficam por aqui. O *Vozhd* deu ordens por escrito para que se lançassem as campanhas de terror na Rússia e ele próprio assinou ordens de fuzilamento. “Nomeia três homens com poderes ditatoriais”, ordenou por exemplo num telegrama a Fyodorov datado de 9 de agosto de 1918, e “organiza *imediatamente* o terror em massa, *fuzila e deporta as centenas* de prostitutas que andam a embebedar os soldados”³³²⁷ (itálico no original). Chegou ao ponto de propor que o terror fosse até legislado. “O Código Civil”, declarou, deveria consagrar “a essência e a justificação do terror”³³²⁸. Ou seja, Lenine achava que a própria lei deveria institucionalizar a violência arbitrária do Estado. “Atirar todas as culpas para Estaline?”, questionou Aleksandr Solzhenitsyn. “Isso é para rir?”³³²⁹

A narrativa originalmente concebida por Nikita Khrushchev estabeleceu que Lenine era um homem íntegro e que foi Estaline que se desviou do percurso correto e levou o comunismo pelos maus caminhos. Esta visão, útil em termos propagandísticos e instrumental para a sobrevivência do regime ditatorial comunista, parece ter sido acriticamente aceite pelo mundo

³³²⁷ Vladimir Lenine, “To: G. F. Fyodorov”, 9 de agosto de 1918, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

³³²⁸ Jan Philipp Reemtsma, *Trust and Violence – An Essay on a Modern Relationship*, Princeton University Press, Princeton, 2012, p.177.

³³²⁹ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.337.

exterior, mas não se sustenta quando submetida a uma análise fina. Os próprios russos o intuiram no tempo de Khrushchev. Por exemplo, o chefe de redação da revista *Novy Mir*, quando foi confrontado com o livro de Evguenia Ginzburg a denunciar o Grande Terror estalinista, comentou com ironia: ““só se deu conta de que as coisas não iam bem quando começaram a meter comunistas na cadeia. Já quando se exterminavam os camponeses russos, tudo lhe parecia perfeitamente normal’.”³³³⁰

O extermínio dos camponeses, recorde-se, começara com Lenine, e o seu sucessor apenas retomou essa atividade. “Estaline era um verdadeiro leninista no sentido em que seguiu fielmente as práticas e a política filosófica do seu patrono”, notou o historiador Richard Pipes, salientando que “cada ingrediente do que mais tarde veio a ser conhecido por estalinismo – à exceção de matar outros comunistas – ele aprendeu com Lenine, e isso inclui as duas ações pelas quais ele é mais duramente condenado: as coletivizações e o terror em massa.”³³³¹

Solzhenitsyn enfatizou a mesma ideia. “O estalinismo é coisa que nunca existiu”, salientou, “foi inventado por Khrushchev e pelo seu grupo para culpar Estaline por todos os traços característicos e principais defeitos do comunismo – algo realmente eficaz. Mas na realidade foi Lenine quem concebeu todas as principais linhas antes de Estaline subir ao poder”³³³². Tal como Pipes, o autor de *O Arquipélago de Gulag* também notou que a única inovação de Estaline foi ter atacado a classe superior, a comunista, algo que Lenine não fez e que, isso sim, foi o que verdadeiramente lhe atraiu o opróbrio. “Aos olhos do partido, toda a culpa de Estaline situa-se noutro sítio: ele não confiava no seu próprio Partido Comunista”, registou Solzhenitsyn, para quem “foi unicamente devido a isso que se concebeu o conceito de estalinismo. Mas Estaline nunca se desviou da mesma linha básica”³³³³. Ou seja, não havia nenhum problema em exterminar qualquer classe da população. Não se podia era tocar nos comunistas.

A verdade é que Estaline só pôde subir na cadeia hierárquica com o apoio ativo de Lenine, mesmo que no final da sua vida este tenha exprimido dúvidas sobre o seu sucessor e na fase final o tenha mesmo querido afastar. Estaline foi ao longo do tempo um aliado de Lenine, que o colocou a secretário-geral do Partido, e ao lado de quem esteve nas lutas partidárias

³³³⁰ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.1576.

³³³¹ Richard Pipes, *op. cit.*, 1ª edição, 1993, p.508.

³³³² Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2019, p.56.

³³³³ *Idem*, p.57.

internas de 1920 e 1921. “Muitos dos elementos que caracterizavam o sistema de governação de Estaline podem ser encontrados no de Lenine”, observou Alan Bullock, para quem “adicionar as palavras ‘do proletariado’ à ditadura não disfarça o facto de que se tratava de um exercício de poder impiedoso e sem restrições, incluindo a prática de terrorismo e a repressão de todos os outros partidos.”³³³⁴

É interessante que Robert Gellately, quando decidiu fazer um estudo comparativo entre Estaline e Hitler, no início tenha deixado Lenine de fora por influência da ideia de que o problema do comunismo se devia unicamente aos “desvios” de Estaline. “No entanto, à medida que conduzia a minha pesquisa”, observou, “comecei a constatar que a maior parte das coisas que eu abordava tinham sistematicamente as suas origens em Lenine”³³³⁵, pois o primeiro ditador soviético “foi o proponente central do Estado unipartidário, dos campos de concentração e do terror”, e foi ele que “estabeleceu o tom intolerante do novo regime”³³³⁶. Para este historiador, a ideia de que os “males estalinistas” subverteram o trabalho virtuoso do “bom Lenine” não passa de uma “fábula”³³³⁷, uma vez que “Lenine era na verdade impiedoso e cruel”³³³⁸, na verdade “o mais extremista dos radicais e o líder que recorreu ao terror tanto, e provavelmente até mais, do que qualquer outro”³³³⁹, pelo que “quase tudo o que Estaline fez eram coisas que Lenine já tinha feito.”³³⁴⁰

O problema, em bom rigor, não radicava nas figuras de Lenine e Estaline, quaisquer que fossem as suas personalidades, mas era bem mais vasto, como Solzhenitsyn fez questão de notar. “Qual é a máxima de Krylenko? ‘Aos nossos olhos cada crime é o produto de um sistema social particular!’ Neste caso – do vosso sistema, camaradas! Não se esqueçam da vossa própria doutrina!”³³⁴¹, observou o cronista dos *gulag*, lembrando que para que fosse possível Lenine e Estaline fazerem o que fizeram sob o comunismo “um

³³³⁴ Alan Bullock, *Hitler and Stalin – Parallel Lives*, McClelland & Stewart Inc, Toronto, 1993, p.967.

³³³⁵ Robert Gellately, *Lenin, Stalin and Hitler – The Age of Social Catastrophe*, Vintage Books, Londres, 2008, p.6.

³³³⁶ *Idem*, p.7.

³³³⁷ *Ibidem*, p.10.

³³³⁸ *Ibidem*, p.9.

³³³⁹ *Ibidem*, p.10.

³³⁴⁰ *Ibidem*, p.9.

³³⁴¹ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.340.

Partido era também necessário”³³⁴². Não havia inocentes. Nem quando se tratou de perseguir os próprios comunistas. “Para prender cada membro do Comité Central era necessária a sanção de todos os outros”³³⁴³, recordou Solzhenitsyn. “Enquanto os plenários e os congressos de farsa prosseguiram, um papel passava pelas filas a afirmar de forma impessoal que tinham sido recebidos materiais que comprometiam um certo indivíduo; e era pedido que fosse dado (ou recusado) consentimento para a sua expulsão do Comité Central (...) E todos eles... assinaram os seus nomes.”³³⁴⁴

Todos eram cúmplices. E se os comunistas eram até cúmplices na perseguição aos seus, imagine-se o que não faziam quando se tratava do resto da população. Estamos a falar de milhões de pessoas indefesas cuja sorte era ditada por catalogações diabolizantes do léxico marxista-leninista, como “reacionários”, “contrarrevolucionários”, “burgueses”, “*kulaks*”, “inimigos da classe operária”, “parasitas”, etc, como se nem se tratassem de seres humanos. “Se 15 a 17 milhões de camponeses foram arruinados, enviados para a destruição, espalhados pelo país sem direito a recordar os seus pais ou a mencioná-los pelo nome – isso não foi aparentemente nenhum engano”³³⁴⁵, observou Solzhenitsyn. Foi a natureza e a lógica do regime que o ditou.

De tal modo foi assim que Nikita Khrushchev, que denunciou o seu antecessor e mandou libertar os prisioneiros dos *gulag*, incluindo Solzhenitsyn, acabou pouco depois por retomar discretamente as mesmas práticas e recuperar os mesmos campos de concentração. “Eles diferem dos campos de Estaline não em regime mas na composição da sua população: já não há milhões e milhões de prisioneiros políticos. Mas ainda estão milhões lá dentro e, tal como antes, muitos deles são vítimas indefesas da justiça perversa: enviados lá para dentro simplesmente para manter o sistema a funcionar”, concluiu o autor de *O Arquipélago de Gulag*. “Tudo continua porque *esse particular* regime político não poderia sobreviver de outra forma. Se desmantelasse o Arquipélago, deixaria de existir”³³⁴⁶ (itálico no original).

Esse é que é o problema. De resto, começa a emergir a desconcertante ideia de que, entre os totalitarismos, o comunismo se revelou ainda mais intrusivo e dominador da consciência privada do que o próprio nacional-

³³⁴² *Idem*, p.63.

³³⁴³ *Ibidem*, p.244.

³³⁴⁴ *Ibidem*, p.244/245.

³³⁴⁵ *Ibidem*, p.337.

³³⁴⁶ *Ibidem*, p.457.

socialismo. “Vivíamos num mundo que formigava com olhos e ouvidos invisíveis. O cidadão médio, é certo, não estava consciente da extensão e detalhe do sistema”, observou Victor Kravchenko. “Apenas sabia que ‘as paredes têm ouvidos’ e que a franqueza era o caminho mais curto para o desastre. Mesmo assim, o conhecimento ilícito espalhava-se”. (...) Quantas vezes não me questionaram sobre a razão por que não informei sobre observações feitas por outros! Não denunciar sentimentos ‘anti-Partido’ ou ‘anti-soviéticos’ era considerado concordância e cumplicidade”. (...) “A espionagem complexa era tão real e invasiva quanto o ar que respiramos.”³³⁴⁷

O sistema comunista formara um Estado policial onnipresente com “toneladas de dossiês. Milhões de espões. Tudo catalogado e estudado, arquivado e indexado. Cópias para o Procurador, para os funcionários disciplinares do Partido, para os tribunais secretos da GPU quando não era exigida ação imediata. Munições mortais contra aqueles que duvidavam, para uso futuro. Dezenas de milhar de estantes de arquivo, cada uma um arsenal de coisas íntimas, indiscrições, mentiras, lisonjas, erros. Dentro do nosso Partido todo este pormenorizado processo secreto de vigilância e denúncia na qual a velha privacidade era para sempre liquidada tinha um nome. Chamava-se ‘democracia do Partido’.”³³⁴⁸ No fim de contas, não foi por acaso que, ao escrever *1984*, o socialista George Orwell se inspirou, não no nazismo, mas especificamente no comunismo.

O historiador Laurence Rees, autor de uma célebre série documental da BBC, entrevistou centenas de perpetradores e vítimas dos totalitarismos soviético e nacional-socialista e o seu veredito foi eloquente. “O clima de medo na União Soviética sob Estaline era invasivo de uma maneira que nunca o foi na Alemanha de Hitler até aos últimos dias da guerra”, escreveu. “Ninguém estava livre de uma batida na porta à meia-noite. Independentemente de quanto as pessoas se tentassem conformar, independentemente de quantas palavras de ordem as pessoas gritassem, a malevolência de Estaline era tal que nada do que uma pessoa fizesse, dissesse ou pensasse a salvaria se ela fosse escolhida. Já na Alemanha nazi, e a menos que se pertencesse a um grupo de risco específico – os judeus, os comunistas, os ciganos, os homossexuais, os que não queriam trabalhar e, na verdade,

³³⁴⁷ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.76.

³³⁴⁸ *Idem*, p.77.

qualquer pessoa que se opusesse ao regime – podia-se viver comparativamente livre do medo.”³³⁴⁹

Pese embora as inevitáveis diferenças entre os regimes ditatoriais de socialismo nacionalista, três aspetos essenciais unem especificamente comunismo soviético e nacional-socialismo alemão e fazem deles totalitarismos de uma maneira que o fascismo italiano, apesar de ter sido esta ideologia aquela que originalmente formulou o conceito, nunca o foi.

Religiões

A primeira característica que liga os regimes nacionalistas socialistas totalitários, especificamente o comunista russo e o nacional-socialista alemão, é o facto de serem religiões políticas.

É verdade que a ligação da política ao sagrado não é um exclusivo dos totalitarismos. A própria democracia liberal, com os seus símbolos venerados, como a Constituição e o parlamento, com os seus ritos, como os feriados a celebrar a instituição da democracia, com as suas liturgias, como a sessão de abertura do parlamento ou os discursos a enaltecer o sistema democrático, e com os seus heróis divinizados, como os fundadores da democracia, assume amiúde uma natureza religiosa. Também conceitos como a bandeira e o hino se revestem de um estatuto sacralizado nas sociedades modernas, mesmo nos regimes que não se fundam no nacionalismo. Até o liberalismo tem a marca religiosa, como bem notou Benedetto Croce quando observou que o liberalismo é a “religião da liberdade”³³⁵⁰ – embora Hannah Arendt argumente que “a noção da liberdade (caso se trate antes de tudo da luta entre o mundo *livre* e o totalitarismo) não é seguramente de origem religiosa”³³⁵¹ (parêntesis e *italico* no original).

³³⁴⁹ Laurence Rees, *Auschwitz – The Nazis & The ‘Final Solution’*, BBC Books, Londres, 2005, p.13.

³³⁵⁰ Benedetto Croce, *La religione della libertà – Antologia delli scritti politici*, Rubbettino Editore, Soveria Mannelli, 2002, p.25.

³³⁵¹ Hannah Arendt, “Religion et politique”, in Hannah Arendt, *op. cit.*, 2018, p.100.

Tal como a propaganda é mais eficaz quando as pessoas não a reconhecem como propaganda e a ideologia é mais eficaz quando as pessoas não a reconhecem como ideologia, também as religiões são mais eficazes quando as pessoas não as reconhecem como religiões. É o caso específico das religiões políticas. “A ideia fundadora de religiões humanistas como o liberalismo, o comunismo e o nazismo é a de que o *Homo Sapiens* tem uma essência única e sagrada que é a fonte de todo o sentido e autoridade no universo”³³⁵², observou o historiador e filósofo israelita Yuval Noah Harari, defendendo que estes “mitos ficcionais” são imprescindíveis para “organizar eficazmente massas de pessoas”³³⁵³. A sacralização das ideias políticas acontece porque as sociedades parecem só funcionar quando estão sustentadas numa partilha de crenças e de valores, como se os seres humanos fossem por natureza animais religiosos, mesmo quando julgam não o ser.

O que é distintivo nos totalitarismos nacionalistas socialistas, e especificamente no comunismo e no nacional-socialismo, é o seu caráter intolerante, onnipresente e exclusivista. Em suma, tirânico. Como é possível que as sociedades modernas não só tenham criado tais religiões políticas absolutistas como depois as tenham perpetuado? A resposta está nas circunstâncias da sua entrada em cena.

Escatologias messiânicas

O marxismo apareceu numa altura de grande sofrimento e miséria nas sociedades capitalistas emergentes e prometia uma revolução que tudo resolveria, uma espécie de panaceia milagrosa, enquanto o nacional-socialismo também surgiu num momento de enormes dificuldades económicas, sociais e políticas na Alemanha e prometia igualmente uma revolução redentora para o povo alemão, a solução mágica para os imensos problemas do país.

As profecias de redenção destas ideologias socialistas nacionalistas tornaram-se sobretudo irresistíveis quando, apesar de se apresentarem como científicas, adquiriram a força de verdadeiros pensamentos religiosos. Porque em boa verdade está aí, quer se queira quer não, a essência do comunismo, do nacional-socialismo e, de uma forma menos intensa, do fascismo. São autênticas religiões. Religiões políticas, claro, mas religiões.

³³⁵² Yuval Noah Harari, *Homo Deus – A Brief History of Tomorrow*, Vintage, Londres, 2017, p.114.

³³⁵³ *Idem*, p.199.

No caso do comunismo, a associação da ideologia à religião foi feita logo nas origens por aquele que é considerado primeiro comunista moderno, o francês François-Noël Babeuf. “O bem-estar dos homens é *o único propósito da sociedade*” (itálico no original), disse Babeuf, sublinhando que esta ideia “resume inteiramente a lei de Moisés e dos profetas”. É extraordinário que já no Século XVIII o fundador do comunismo moderno tenha equiparado a ideia comunista à ideia religiosa. “Os desafortunados são os poderosos da Terra”³³⁵⁴, proclamou Babeuf, ecoando o evangelho de Marcos em 10:31, “muitos dos primeiros serão os últimos, e os últimos, primeiros”, e de Mateus em 5:3, “felizes os que têm espírito de pobres, porque deles é o reino dos céus”, e em 5:5, “felizes os humildes, porque terão como herança a Terra”. Eduard Dune, um dos guardas vermelhos que participou na revolução bolchevique, falaria num “reino na Terra erguido sobre as fundações da nossa esperança e fé”³³⁵⁵. O comunismo nasceu assim como uma espécie de cristianismo sem Cristo.

No caso do marxismo, a sacralização do pensamento político adquire particular ironia dado o facto de o próprio Karl Marx ter decretado que a religião é “o ópio do povo”³³⁵⁶, até porque “*o homem faz a religião*, não é a religião que faz o homem”³³⁵⁷ (itálico no original), e depois de Engels ter insistido que o socialismo é científico. Para que este paradoxo seja compreendido é preciso ter em conta que tanto o socialismo como o nacionalismo surgiram no rescaldo da desmontagem da Bíblia hebraica feita por Bento de Espinosa e dos novos estudos levados a cabo na Alemanha sobre o cristianismo e que mostravam um Jesus histórico bem diferente daquele que a Igreja apresentava. Tais estudos mostravam que a Bíblia era afinal um texto humano, conforme demonstrado por Espinosa no seu *Tractatus Politicus Philosophicus*, e que Jesus não passava afinal de um simples rabino e que nunca tivera a pretensão de ser Deus, como demonstrado pelos estudiosos alemães que aplicaram o método de Espinosa ao Novo Testamento. Do choque destas descobertas até Friedrich Nietzsche decretar a morte de Deus foi um pequeno passo.

O problema é que os seres humanos têm uma natureza religiosa. Tal como a atmosfera detesta o vácuo e, quando uma corrente de ar sai, logo outra necessariamente toma o seu lugar, no momento em que um Deus é destruído

³³⁵⁴ François-Noël Babeuf, “Defense”, fevereiro-maio de 1797, www.marxists.org.

³³⁵⁵ Eduard Dune, *op. cit.*, 1996, p.85.

³³⁵⁶ Karl Marx, *op. cit.*, 1998, p.8.

³³⁵⁷ *Idem*, p.7.

de imediato outro emerge para o substituir. Jean Calvin, o do calvinismo protestante, chamava a isto “*sensus divinitatis*”³³⁵⁸, a capacidade de sentir diretamente o divino. Os seres humanos parecem ter uma necessidade imperiosa e irresistível de crer, de acreditar em algo, de se agarrarem a uma transcendência, de abraçarem uma promessa de salvação que lhes assegure que há esperança, a vida tem um rumo e uma teleologia, caminhamos na direção de algo melhor, a história é feita de uma narrativa e de um sentido, o sofrimento tem um propósito, se hoje a vida é difícil amanhã tudo se resolverá porque vem aí a salvação.

Morto Deus, o que fazer? Estaria o ser humano condenado à treva eterna? Seria o destino da humanidade um vazio? A existência não teria afinal nenhum significado? Valeria o homem tanto quanto um grão de areia? Tais pensamentos contrariam a natureza mística mais profunda dos seres humanos e são-lhes por isso insuportáveis. O homem parece sentir em si a necessidade de acreditar em algo de transcendente. Mas acreditar em quê exatamente? Não restando esperança de paraíso no Céu, onde poderia ele encontrar a tão ansiada salvação? Ou, dito de outra forma, qual o novo ópio do povo?

A resposta foi dada por Marx, Lenine, Hitler e seus pares, os profetas das novas religiões totalitárias: a salvação está no comunismo e no nacional-socialismo e nas suas promessas de paraíso na Terra ou no éden da sociedade sem classes ou da raça ariana pura que vai engendrar o novo homem, o *Homo Sovieticus* ou o *Übermensch*, super-homens que a todos salvará. Foi como se dissessem: acreditem, camaradas! Tenham fé na nova palavra! Creiam na redenção!

E em que textos sagrados se encontravam as profecias inscritas? Em *O Capital* ou no *Mein Kampf*. Mas se a ciência assenta em livros, a religião sustenta-se em evangelhos, distinção que os regimes totalitários bem entenderam quando chegou a hora de conscientemente manipularem as populações. “Nunca encontrarão milhões de pessoas dispostas a morrer por um livro”, sentenciou Goebbels. “Mas milhões de pessoas estão dispostas a morrer por um evangelho”³³⁵⁹. Engels também percebeu isso quando observou que “*O Capital* é habitualmente designado, no continente, ‘a Bíblia

³³⁵⁸ Dennis E. Tamburello, “Calvin and Sacramentality: A Catholic Perspective”, in Randall C. Zachman (editor), *John Calvin and Roman Catholicism – Critique and Engagement, Then and Now*, Baker Academic, Grand Rapids, 2008, p.211.

³³⁵⁹ Joseph Goebbels, “Knowledge and Propaganda”, 1928, Calvin College, research.calvin.edu.

da classe trabalhadora”³³⁶⁰. Quaisquer que fossem as suas pretensões, *O Capital* e *Mein Kampf* sempre foram textos sagrados. A sacralização dos evangelhos marxistas e nacionais-socialistas estava assim consumada pelos seus próprios profetas.

Religiões exclusivas

Igualmente importante, a supressão das religiões tradicionais por estes novos sistemas de ideias não constituiu de modo algum o fim das religiões, mas a sua simples substituição por novas crenças que mais não eram do que religiões que fingiam não ser religiões. Freud foi dos primeiros a constatar esse fenómeno. “Se quisermos expulsar a religião da nossa civilização europeia, apenas o poderemos fazer através de outro sistema de doutrinas”, escreveu o pai da psicanálise em 1927, decerto atento ao zelo religioso do bolchevismo na União Soviética. “Um tal sistema adotaria desde o início todas as características psicológicas de uma religião – a mesma santidade, rigidez e intolerância, a mesma proibição do pensamento.”³³⁶¹

É assim que vemos o chefe da *Cheka*, a polícia política de Lenine, estabelecer claramente que a única religião permitida na União Soviética era o comunismo. “Comunismo e religião são mutuamente exclusivas”³³⁶², escreveu Felix Dzerzhinsky, falando na necessidade de “destruir completamente e quebrar a Igreja”³³⁶³. O comunismo não aceita rivais e a religião tradicional é um rival. “O socialismo científico é a mais religiosa de todas as religiões”, reconheceu em 1907 o marxista russo Anatoly Lunacharsky, “e o verdadeiro social-democrata é o mais religioso de todos os homens”³³⁶⁴. O comunismo foi divinizado, o materialismo histórico que expressa a Sua fusão com a História transformado numa espécie de Espírito Santo, o Partido erguido em igreja infalível e o *Vozhd* proclamado o Seu profeta.

³³⁶⁰ Friedrich Engels, “Editor’s Preface”, in Karl Marx, *op. cit.*, 2013, p.5.

³³⁶¹ Sigmund Freud, *The Future of an Illusion*, W. W. Norton & Company, Nova Iorque, 1961, p.51.

³³⁶² Felix Dzerzhinsky, “Document 6”, 4 de dezembro de 1920, in Felix Corley, *Religion in the Soviet Union – An Archival Reader*, MacMillan Press, Londres, 1996, p.23.

³³⁶³ *Idem*, p.24.

³³⁶⁴ Anatoly Khazanov, “Marxism-Leninism as a Secular Religion”, in Roger Griffin, Robert Mallett e John Tortorice (direção), *The Sacred in Twentieth-Century Politics – Essays in Honour of Professor Stanley G. Payne*, Palgrave MacMillan, Nova Iorque, 2008, p.122.

Este processo de natureza religiosa chocou de tal modo o escritor comunista Arthur Koestler que este o abordou pela boca de um dos personagens dos seus romances: “O Partido nunca erra, diz Roubachof. Tu e eu podemos enganar-nos. Mas não o Partido. O Partido, camarada, é qualquer coisa de maior do que tu e eu e de mil outros como tu e eu. O Partido é a encarnação da ideia revolucionária na História. A História não conhece escrúpulos nem hesitações. Inerte e infalível, ela dirige-se para o seu objetivo último. A cada curva do seu percurso larga a lama que carrega e os cadáveres dos afogados. A História conhece o seu caminho. Não comete erros. Quem não tiver uma fé absoluta na História não tem lugar nas fileiras do Partido.”³³⁶⁵

O mesmo exclusivismo, embora talvez não tão assanhado, era alimentado pelo nacional-socialismo, que na Alemanha conviveu igualmente mal com as religiões tradicionais. Para além do extermínio dos judeus, nunca é de mais recordar que os nazis perseguiram diversos movimentos cristãos, sobretudo os católicos e as testemunhas de Jeová, mas mesmo os protestantes não se viram inteiramente a salvo. Já o fascismo, embora ocasionalmente afirmasse a sua natureza religiosa, revelou-se infinitamente mais tolerante e até cooperou com as religiões tradicionais, como se constata pelo Tratado de Latrão que conduziu ao aparecimento do Vaticano como um Estado independente. “No conceito fascista de Estado totalitário”, declarou Benito Mussolini, “a religião é absolutamente livre e, no seu âmbito, independente.”³³⁶⁶

Palavras como estas do chefe do fascismo e uma obra fascista como o Tratado de Latrão seriam impensáveis no nacional-socialismo e sobretudo no comunismo. Para estes estava fora de questão permitir uma religião rival cujos fiéis obedeciam a outra autoridade que não o *Führer* ou o *Vozhd*. A divinização do socialismo nos regimes comunistas chegou a um ponto tal que, na China comunista, a Universidade de Pequim designou a sua coleção de clássicos marxistas como *Ma Zang*, ou cânone marxista. A palavra *zang* é reservada nas academias chinesas para as coletâneas de textos sagrados e canónicos do confucionismo, do taoísmo e do budismo. Pois foi precisamente esse o termo que os crentes marxistas chineses elegeram para

³³⁶⁵ Arthur Koestler, *op. cit.*, 1991, p.60/61.

³³⁶⁶ Benito Mussolini, “State e Chiesa”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de dezembro de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958, p.399.

definir a natureza mais profunda dos textos da sua ideologia – ou, para ser mais exato, da sua religião.

Mas o marxismo foi mais longe no esforço de se credibilizar enquanto revelação ungida. Para quem tivesse dúvidas, a prova de que era verdadeira a palavra da salvação apregoada por estas novas religiões é que os evangelhos dos socialismos totalitários tinham a sanção credibilizadora da ciência. Foi nesse sentido que Engels proclamou “o socialismo científico”³³⁶⁷, ideia logo aproveitada por Hitler para decretar o “antissemitismo científico.”³³⁶⁸

Os respetivos seguidores, que haviam deixado de crer em Deus mas que ansiavam por acreditar em algo porque essa é a sua natureza de opiómanos religiosos condicionados pelo *sensus divinitatis* calvinista, acreditaram. “‘Totalitarismo’ é um termo que se refere a um conjunto relativamente distintivo de disposições políticas que, embora se apresentem como seculares, têm uma inequívoca natureza religiosa”³³⁶⁹, observou o historiador James Gregor, sublinhando que “as ideologias ‘seculares’ são substitutos funcionais da religião tradicional”³³⁷⁰. Este aspeto já havia sido notado por Albert Camus. “O socialismo é um projeto de divinização do homem e assumiu algumas características das religiões tradicionais”³³⁷¹, escreveu o pensador francês, para quem o marxismo apresenta o proletariado como “o Cristo humano que resgata o pecado coletivo da alienação.”³³⁷²

Os socialismos nacionalistas totalitários, por contraposição com os não-totalitários, tornaram-se assim nestas sociedades as religiões que ocuparam o lugar das religiões tradicionais. Neste ponto o fascismo distinguiu-se dos restantes socialismos nacionalistas ditatoriais do seu tempo e colocou-se na esfera da social-democracia e das democracias liberais na tolerância para com as religiões rivais. É verdade que o fascismo sacralizava a sua ideologia, com Mussolini e Gentile a afirmarem que “o fascismo é uma conceção religiosa”³³⁷³, mas o facto é que essa prática era num certo sentido comum

³³⁶⁷ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.68; Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.32; Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.393.

³³⁶⁸ Adolf Hitler, “Why We Are Antisemites”, 15 de agosto de 1920, Carolyn Yeager Writings, carolynyeager.net.

³³⁶⁹ James Gregor, *Totalitarianism and Political Religion – An Intellectual History*, Stanford University Press, Stanford, 2012, p.4.

³³⁷⁰ *Idem*, p.8.

³³⁷¹ Albert Camus, *op. cit.*, 2016, p.244.

³³⁷² *Idem*, p.260.

³³⁷³ Benito Mussolini e Giovanni Gentile, *op. cit.*, 1935, p.2.

às democracias liberais, como já constatámos. O crucial é que, a exemplo do que também faziam as democracias liberais, o fascismo aceitou conviver pacificamente com as religiões tradicionais. “O Estado não tem uma teologia”³³⁷⁴, esclareceram Mussolini e Gentile, vendo-se na obrigação de sublinhar que “o Estado fascista não cria um ‘Deus’ seu.”³³⁷⁵

Estas posições, e sobretudo a prática de convivência com as religiões tradicionais e a incapacidade de controlar o poder militar e a chefia do Estado, colocam o fascismo de fora do campo totalitário. Já comunismo e nacional-socialismo perseguiram todas as religiões rivais como se fossem religiões políticas ciumentas e zelosas da exclusividade da sua palavra revelada, e o zelo foi tão encarniçado que na verdade os transformou, mais do que em religiões, em verdadeiras superstições. “Que as loucas doutrinas contemporâneas, tal como o nazismo e o marxo-fascismo, sejam inimigas ferozes da religião confirma pura e simplesmente”, escreveu Roger Scruton, “o seu carácter supersticioso.”³³⁷⁶

São conhecidas as destruições de igrejas e os massacres de clérigos na Rússia bolchevique e os assassinatos e massacres de judeus, católicos, Testemunhas de Jeová e até protestantes na Alemanha nazi. O facto de Hitler dispor de menos poderes totalitários que Lenine e Estaline obrigou-o mesmo assim a tolerar os cristãos, mas toda a ideologia anti-cristã dos nazis se cristalizou na unidade de elite dos nacionais-socialistas, as SS. “Entre os critérios iniciais de Himmler para se aderir às SS estavam as crenças anti-cristãs”³³⁷⁷, registou o historiador Christopher Ailsby. “Theodor Eicke, comandante das SS-Totenkopfverbände, por exemplo, procurou suscitar entre os seus homens o ódio pelas igrejas como inimigas do nacional-socialismo. Ele iniciou uma veemente campanha anti-religiosa e todos os que se agarravam às suas crenças foram vitimizados sem piedade.”³³⁷⁸

Liturgias políticas

É curioso notar que as ideologias totalitárias se imbuíram de uma certa liturgia sacralizada. Isso começou por acontecer no socialismo, mesmo nas suas origens. Por exemplo, quando compareceu numa reunião dos socialistas

³³⁷⁴ *Idem*, p.12.

³³⁷⁵ *Ibidem*, p.12/13.

³³⁷⁶ Roger Scruton, *Spinoza*, Éditions du Seuil, Paris, 2000, p.84/85.

³³⁷⁷ Christopher Ailsby, *Waffen-SS – Hitler’s Black Guard at War*, Siena, Bristol, 1998, p.13.

³³⁷⁸ *Idem*, p.13/14.

owenitas, o próprio Friedrich Engels notou o fervor religioso que as envolvia. “Estas reuniões lembram parcialmente missas na igreja; na galeria um coro era acompanhado por uma orquestra e entoava hinos sociais”, relatou o companheiro de Marx. “Estes consistiam em melodias meio-religiosas ou totalmente religiosas com letra comunista, e enquanto eles eram entoados a assistência permanecia em pé.”³³⁷⁹

O braço direito de Engels, Eduard Bernstein, foi ainda mais longe e notou que o próprio conteúdo da ideologia socialista era, para os “fiéis”, remanescente da ideologia cristã. “Aconteceu-me repetidamente (e certamente também a outros) nos anos passados que, no final de uma reunião de propaganda, os trabalhadores que tinham pela primeira vez escutado um discurso socialista vinham ter comigo e diziam que o que eu havia afirmado podia ser encontrado na Bíblia”, recordou o fundador da social-democracia, dizendo que os crentes “conseguiram até mostrar-me as passagens, frase a frase” (parênteses no original)³³⁸⁰.

Sintomaticamente, também o nazismo envolvia liturgias – e não só as dos grandes comícios de Nuremberga, aliás semelhantes aos da Praça Vermelha de Moscovo. Nas aulas de indocinação política das SS era explicado que os maiores inimigos da Alemanha eram, por esta ordem, os judeus, seguidos dos maçons, depois os bolcheviques e por fim as igrejas. Aos SS foram até interditados os casamentos cristãos, substituídos por rituais de fogo, de troca de sal e pão entre os noivos e de posse de um exemplar do *Mein Kampf*, o livro de Hitler, como se de escrituras sagradas se tratasse. Esta perseguição às religiões tradicionais, marcada pela intolerância a pensamentos religiosos rivais, contribuiu para fazer do comunismo russo e do nacional-socialismo alemão especificamente totalitarismos.

O regime comunista na Rússia, por seu turno, esforçou-se o mais possível por imitar as tradições religiosas tradicionais. Por exemplo, logo em 1918 tentou-se transformar o Dia de Todos os Santos, um feriado religioso tradicional dedicado à memória dos que faleceram, no dia da memória dos revolucionários, isto é, o dia em que se recordavam todos os revolucionários mortos.

³³⁷⁹ Friedrich Engels, “Letters from London – III”, *Schweizerischer Republikaner*, 27 junho 1843, in Karl Marx e Friedrich Engels, *Karl Marx March 1843–August 1844 – Collected Works*, Volume 3, Lawrence & Wishart Electric Book, 2010, Marxist Internet Archive, www.marxists.org, p.387.

³³⁸⁰ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.166.

E qual o maior revolucionário de todos? Lenine, claro. Quando morreu, o “santo” da revolução foi embalsamado, na melhor tradição reservada pela Igreja Ortodoxa russa para os santos, e depositado num mausoléu como uma múmia do tempo dos faraós. O seu cérebro e coração foram até removidos e tornaram-se objetos totem, relíquias sagradas entregues ao Instituto de Lenine e conservadas numa jarra repleta de formol.

Misticismo ideológico

É particularmente interessante, e até irónico, observar que os socialismos nacionalistas totalitaristas, embora se apresentassem como movimentos progressistas destinados a criar um homem novo, podem mesmo ser associados a um tipo específico de religião primitiva, o animismo.

O primeiro pensador a notar que as ideologias e regimes totalitários, e em particular o marxismo, se revestem de características animistas não foi um historiador nem um filósofo, mas um biólogo oriundo do Partido Comunista Francês. Jacques Monod, prémio Nobel da Biologia, defendeu que a compreensão da natureza destas religiões políticas totalitárias, e em particular o marxismo, passa em primeiro lugar pela compreensão do que são as religiões animistas.

É importante perceber, explicou Monod, que as origens do animismo se fundem com as origens do homem. Os humanos pré-históricos que viviam nas cavernas, questionando-se sobre o propósito da existência, olharam em volta deles e repararam nos animais e nas plantas que os cercavam. As plantas cresciam, os homens caçavam, os animais defendiam-se, todos geravam e protegiam nova vida e assim garantiam a continuação das suas espécies. Ou seja, os seres vivos tinham um projeto e esse projeto justificava a sua existência.

Porém, os homens primitivos viam também em redor os rios a correrem, as pedras a rolarem, o vento a soprar, as montanhas a erguerem-se majestosamente nas alturas, a chuva a cair do céu, a trovoada a rugir em fúria, e questionaram-se se estes objetos e fenómenos também não teriam um projeto semelhante ao dos seres vivos e se esse projeto não justificaria igualmente as suas existências. Claro que sim, pareceu-lhes evidente. O vento tinha um espírito, o trovão expressava a cólera de um deus, os rios corporizavam uma outra divindade. Não havia na realidade objetos inanimados, tudo era possuído por uma alma. O homem projetava assim na

natureza o projeto teleológico dos seres vivos e resolvia o enigma da existência. Nasceram desse modo as religiões animistas.

A ideia animista foi recuperada de uma forma velada, e bem mais sofisticada, por Georg Hegel. O filósofo alemão afirmou que o universo evoluía segundo uma dialética que governava toda a natureza e que imprimia um sentido teleológico à história, como se o tempo fosse animado por um espírito, a que designou “Espírito do Mundo”³³⁸¹, ou *Weltgeist*, e tal como os seres vivos alimentasse um projeto. Isto é animismo, claro.

Curiosamente, o próprio Hegel reconheceu que as suas ideias tinham uma forte componente religiosa. “O Estado deve assentar essencialmente na religião”³³⁸², escreveu ele, para quem o Estado corporiza a vontade divina ao “revelar-se na história mundial como o Espírito do Mundo universal, cujo direito é o mais elevado”³³⁸³. Hegel chegou mesmo a comparar o Estado aos deuses romanos e gregos, “a divindade que sabe e tem vontade”³³⁸⁴. Símbolo desta estatolatria é o facto de em várias línguas a palavra Estado, tal como Deus, começar com maiúscula.

Acontece que a dialética hegeliana foi retomada por Marx e Engels com o conceito de materialismo histórico. “A história da humanidade torna-se a história do espírito *abstrato* da humanidade, um *espírito para além de todos os homens*”³³⁸⁵ (itálico no original), escreveram os fundadores do marxismo, acolhendo assim na ideologia socialista o misticismo hegeliano. Ambos estabeleceram que o materialismo era fundado nas próprias leis da natureza e que a dialética direcionava a humanidade num rumo. A história foi apresentada pela doutrina marxista como uma teleologia, ao feudalismo seguia-se o capitalismo e depois eclodiria a revolução socialista até por fim ser instituído o paraíso final comunista, como se o tempo fosse animado por um espírito e a história tivesse um propósito e um rumo até um destino final de salvação.

Esta formulação permite que se considere o marxismo uma forma requintada de crença animista. “Todos estes sistemas enraizados no animismo estão fora do conhecimento objetivo, fora da verdade, estranhos e

³³⁸¹ Georg Hegel, *The Philosophy of History*, Dover Publications Inc, Mineola, 2004, p.10.

³³⁸² Georg Hegel, *Lectures on the Philosophy of Religion – Volume I: Introduction and the Concept of Religion*, Clarendon Press, Oxford, 2007, p.200.

³³⁸³ Georg Hegel, *op. cit.*, 2005, p.xlix.

³³⁸⁴ *Idem*, p.132.

³³⁸⁵ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.115.

definitivamente *hostis* à ciência que querem utilizar mas que não respeitam nem servem”³³⁸⁶ (itálico no original), escreveu Monod, sublinhando que “talvez ainda mais do que os outros animismos, o materialismo histórico repousa sobre a confusão total das categorias de valor e de conhecimento. É essa confusão que lhe permite, através de um discurso caracterizado pela total falta de autenticidade, proclamar que estabeleceu ‘cientificamente’ as leis da história às quais o homem não tem outro recurso que não seja o dever de obedecer.”³³⁸⁷

Toda uma fé redentora foi então construída à volta da nova religião marxista, congregando profetas, idealistas e sonhadores de todo o mundo. A história marxista da humanidade, tal como a história nacional-socialista da raça alemã, é sedutora pela mesma razão que um conto de fadas ou um romance de cordel é sedutor. Promete um final feliz. Quem podia resistir à profecia marxista da redenção da humanidade, uma promessa de milhares de anos que foi feita por tantas religiões sem resultados palpáveis mas que esta mais recente assegurava com o selo de garantia de que tudo o que vaticinava era afinal ciência pura e obedecia a leis naturais, necessárias e deterministas, emanadas do próprio espírito da História?

A interpretação escatológica que as ideologias totalitárias fazem da história apresenta paralelos desconcertantes com o judaísmo e o cristianismo. Tal como acontece com a Bíblia, a narrativa dos textos sagrados das religiões políticas de marca socialista e nacionalista reduz o caminho percorrido e a percorrer pelos homens a um itinerário determinista pela redenção da humanidade dividido em três épocas dominantes.

Primeiro, um período inicial de felicidade nas comunidades dos princípios, o paraíso primordial de Adão e Eva no judaísmo e cristianismo, o das primeiras comunidades que tudo partilhavam no marxismo e a antiga comunidade ariana pura no nacional-socialismo. Depois, a rotura com o pecado original da tentação da serpente no judaísmo e cristianismo, o aparecimento da propriedade privada no marxismo e a miscigenação dos arianos com raças inferiores no nacional-socialismo que conduzem a um presente de sofrimento e conflito. Por fim, a revolução encabeçada por um redentor.

³³⁸⁶ Jacques Monod, *Le hasard et la nécessité – Essai sur la philosophie naturelle de la biologie moderne*, Éditions du Seuil, Paris, 2014, p.215.

³³⁸⁷ *Idem*, p.223.

No judaísmo e cristianismo o redentor é o messias e a revolução é a descida do reino dos Céus à Terra, no marxismo é o proletariado e a sua revolução contra o capitalismo, no nacional-socialismo são os arianos e a sua revolução pangermânica contra as raças inferiores malignas que ameaçam lançar a humanidade nas trevas do animalesco. Esta “utopia do desastre”³³⁸⁸, como lhe chamou Michael Barkun, promete a certeza de um futuro de paz e harmonia para os virtuosos no paraíso celeste judaico-cristão, no paraíso sem classes marxista ou no paraíso do Super-Homem racial nacional-socialista alemão. Para todos a história é um caminho de espinhos com um calvário e tem um propósito redentor, uma teleologia, um destino final, a salvação.

Foi aliás justamente para contrariar o misticismo de que o marxismo está imbuído que Eduard Bernstein, ao criar a moderna social-democracia, declarou que “o movimento é tudo para mim e o que é *habitualmente* designado ‘o objetivo final do socialismo’ não é nada”³³⁸⁹ (itálico no original). Esta afirmação provocou enorme celeuma entre os marxistas do seu tempo, que o acusaram de retirar sentido ao marxismo, mas a verdade é que, ao rejeitar o “objetivo final do socialismo”, Bernstein estava na realidade a rejeitar a sua teleologia, isto é, a sua conceção animista e messiânica da história. Em suma, estava a despir o marxismo do seu misticismo religioso. E isso, para os fiéis do marxismo, constituía pura heresia.

Provavelmente influenciados pelo revisionismo bernsteiniano, também Mussolini e Gentile recusaram-se a aderir à escatologia das mensagens da salvação. “O fascismo”, escreveram em *A Doutrina do Fascismo*, “rejeita a conceção teleológica segundo a qual num determinado período da história se fará a resolução definitiva dos problemas do género humano”³³⁹⁰. Ou seja, e a exemplo de Bernstein e dos sociais-democratas, também os fascistas rejeitaram que a história tivesse um “objetivo final”, recusando assim o animismo que fazia do marxismo uma religião.

Porém, e por admissão própria, os fascistas retiveram alguns aspetos religiosos úteis ao seu projeto. “Se o fascismo não fosse uma fé, como poderia inspirar estoicismo e coragem aos seus membros?”³³⁹¹, questionou Mussolini. “O fascismo não é um partido, é um regime”, proclamou, para

³³⁸⁸ Nicholas Goodrick-Clarke, *op. cit.*, 2005, p.86.

³³⁸⁹ Eduard Bernstein, *op. cit.*, 1989, p.xxix.

³³⁹⁰ Benito Mussolini e Giovanni Gentile, *op. cit.*, 1935, p.3.

³³⁹¹ Benito Mussolini, “Vincolo di sangue”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de janeiro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.13.

logo acrescentar: “não é apenas um regime, é uma fé, não é somente uma fé mas uma religião que está a conquistar as massas trabalhadoras do povo italiano”³³⁹², pois, “camaradas, é-se ou não fascista, tem-se ou não o sentido religioso e trágico desta necessidade.”³³⁹³

Quando os primeiros profetas do marxismo morreram, e tal como acontece com todas as religiões, a religião socialista foi-se multiplicando em seitas, em correntes, em heresias e apostasias e reinterpretações que se guerreavam umas às outras, aqui os sorelianos, ali os socialistas democráticos, acolá os socialistas mencheviques e os socialistas bolcheviques, além os socialistas nacionalistas fascistas, depois os socialistas maoistas, os castristas, os enver-hodxianos, os kim il-sunguianos e por aí fora, muitas destas tendências a reivindicarem para si o estatuto de dona da verdade mais verdadeira e a acusarem as restantes de mil blasfêmias e desvios à palavra sagrada da salvação, outras até a voltarem-se contra a ideologia que as criara como Édipo se voltara contra o pai, outras ainda a emergirem do socialismo não-marxista e a fazerem da raça eleita a sua divindade.

Claro que os socialistas nacionalistas totalitários não veem as suas crenças como religiões, mas como ciência, de tal modo que os marxistas chegaram ao ponto de descrever a sua versão do socialismo como sendo científico e os nacional-socialistas fizeram o mesmo em relação ao racismo. Contudo, e como observou Monod, será mesmo adequado nestes casos falarmos de ciência?

A aplicação destas teorias pseudo-científicas em muitos países degenerou em estados policiais, violência, sofrimento e até grandes fomes e genocídios. Se os comunistas e os nacional-socialistas tivessem realmente genuínas preocupações científicas, e perante resultados tão desastrosos, teriam então abandonado as suas teorias. Muitos não o fizeram. Porquê? Porque, como é evidente, o que aqui está realmente em causa não é, na verdade, a ciência, mas a fé. Nenhum deles praticou esta violência por verdadeiros motivos científicos, mas por crenças.

Tanto assim é que os próprios ideólogos dos socialismos totalitários o assumiram de uma maneira ou de outra. Marx afirmou com candura em *O Capital* que a “acumulação primitiva desempenha na economia política o

³³⁹² Benito Mussolini, “Discurso di Pesaro”, 18 de agosto de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.78.

³³⁹³ Benito Mussolini, “Se avanzo, seguitemi; se indietreggio, uccidetemi; se muoio, vendicatemi”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, novembro de 1983, p.11.

mesmo papel do pecado original na teologia”³³⁹⁴, enquanto Engels escreveu um texto intitulado “Uma Confissão de Fé Comunista”³³⁹⁵ e Lenine descreveu o comunismo como uma “cruzada”³³⁹⁶. Por seu turno, o ideólogo nazi Alfred Rosenberg defendeu que “as nações são ideias de deus”³³⁹⁷, ao mesmo tempo que Joseph Goebbels previu que “o tempo está a chegar em que as pessoas não quererão saber o que pensamos sobre a jornada das oito horas; mas antes, quando a Alemanha estiver desesperada, perguntarão: podem devolver-nos a fé?”³³⁹⁸ Já Estaline, dirigindo-se aos Velhos Bolcheviques que iriam ser vítimas do Grande Terror, disse-lhes: “talvez isto possa ser explicado pelo facto de que vocês perderam a fé.”³³⁹⁹

A fé.

Ao empregar a expressão “socialismo científico”³⁴⁰⁰ ou “antisemitismo científico”³⁴⁰¹, os marxistas e os nacional-socialistas usam a ciência para credibilizar as suas crenças e disfarçar junto dos outros, e sobretudo de si próprios, a verdadeira natureza religiosa das suas fés. O marxismo e o nacional-socialismo fazem previsões de um futuro radioso, como ciências que pretendem ser, mas na verdade o que nos apresentam são profecias escatológicas, como religiões que efetivamente são.

Que fé é essa? Escreveu Paulo na sua Carta aos Hebreus, em 11:1: “A fé é a certeza das coisas que se esperam e a garantia das coisas que não se veem”. O que é a profecia do paraíso comunista ou nacional-socialista senão a fé das coisas que se esperam e o que é a certeza de que o proletariado vai provocar a revolução ou os arianos vão gerar o Super-homem, ambos acontecimentos que segundo marxistas e nazis salvará a humanidade, senão a garantia das coisas que não se veem? É pois de verdadeira fé, essa fé no transcendente que nasce do *sensus divinitatis* intrínseco aos seres humanos,

³³⁹⁴ Karl Marx, *op. cit.*, 2013, p.501.

³³⁹⁵ Friedrich Engels, “Draft of a Communist Confession of Faith”, 1847, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

³³⁹⁶ Vladimir Lenine, “On the Famine”, *Pravda*, 24 de maio de 1918, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

³³⁹⁷ Alfred Rosenberg, *op. cit.*, 1982, p.101.

³³⁹⁸ Joseph Goebbels, “Knowledge and Propaganda”, 1928, Calvin College, research.calvin.edu.

³³⁹⁹ Joseph Burrell, *Republican Treason – Republican Fascism Exposed*, Algora Publishing, Nova Iorque, 2008, p.16.

³⁴⁰⁰ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.68; Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.32; Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.393.

³⁴⁰¹ Adolf Hitler, “Why We Are Antisemites”, 15 de agosto de 1920, Carolyn Yeager Writings, carolynyeager.net.

que falamos quando examinamos estas religiões políticas e a sua dimensão mística.

Já analisámos a natureza animista das ideologias por detrás dos socialismos totalitários, mas é importante acrescentar que as semelhanças entre cristianismo e socialismos nacionalistas totalitários são também desconcertantes. Tanto um como os outros fazem a apologia dos pobres, a quem asseguram que irão herdar a terra, e não preveem lugar para os ricos no paraíso. Ambos assentam em dogmas e acreditam em forças transcendentais e exteriores aos homens, um na força divina e os outros nas leis da história ou da biologia e das lendas germânicas. Um sacraliza uma entidade invisível a que chama Deus, outros acreditam em entidades imateriais a que designam materialismo histórico, pátria ou arianos, palavras feitas carne através do Estado, que é divinizado e através do qual se elege uma classe, uma nação ou uma raça acima das outras. Ambos apresentam as suas versões de pesadelo, num caso o inferno e nos outros o capitalismo e/ou a degeneração racial, e todos prometem o paraíso e a salvação, o cristianismo no Céu e os projetos redentores dos socialismos nacionalistas totalitários na Terra como a sociedade sem classes ou a humanidade guiada pela raça superior pura.

De resto, os respetivos líderes são verdadeiros papas, considerados virtuosos e infalíveis, a sua imagem é exposta por toda a parte e devem ser seguidos e obedecidos com devoção e fé cega. Convivem mal com a crítica e jamais aceitam que haja falhas nos dogmas, as verdades fundamentais e inquestionáveis nas quais assenta o seu sistema de pensamento. Falam com a convicção de profetas iluminados e acreditam serem donos de verdades absolutas e indubitáveis, o que os torna intolerantes para com a dissensão. Exigem crença absoluta na fé. Quem se desviar da verdadeira palavra é acusado de heresia ou revisionismo ou traição e punido com a penitência ou a reeducação ou a prisão, enquanto os mais recalcitrantes enfrentam a Inquisição ou o comissário político, as chamas ou a purga ou o gás, o inferno ou os *gulag*, os *lager* ou os *laogai*. Ou seja, tal como notara Freud, estas novas religiões são marcadas pela “mesma santidade, rigidez e intolerância, a mesma proibição do pensamento”³⁴⁰² das religiões tradicionais que pretendem substituir.

Já os mais arreigados crentes destes novos sistemas religiosos, de uma fidelidade cega aos chefes, põem a sua vida ao serviço dos outros e estão

³⁴⁰² Sigmund Freud, *op. cit.*, 1961, p.51.

imbuídos de um sentido de intenso sacrifício e altruísmo ilimitado, vivendo o seu ideal com a paixão típica de um fervor religioso. Da mesma maneira que vemos Mussolini e Gentile definirem o fascismo como uma ideologia de “sacrifício”³⁴⁰³ e “heroísmo”³⁴⁰⁴, também vemos Lenine descrever o comunismo como imbuído de “auto-sacrifício e heroísmo”³⁴⁰⁵ e dizer que o “auto-sacrifício” é “o caminho socialista”³⁴⁰⁶, e Mao Tsé-tung falar em “sacrifício heróico”³⁴⁰⁷. Os judeus tinham um nome para pessoas assim. Chamavam-lhes zelotes.

A realidade como palimpsesto

É precisamente o caráter religioso destes socialismos nacionalistas ditatoriais que os torna totalitários ao ponto de estarem permanentemente a alterar os factos para que sirvam as conveniências do momento, questão que muito mereceu a atenção de George Orwell. “Um Estado totalitário é com efeito uma teocracia”³⁴⁰⁸, estabeleceu o autor de *1984*. Como teocracias que são, os totalitarismos não podem admitir que cometem erros.

Consequentemente, sempre que a realidade desmente a ideologia, a realidade tem de mudar porque a ideologia é infalível. Mas como a realidade é mais poderosa do que a ideologia, o que as religiões totalitárias se esforçam por mudar é a perceção da realidade. A visão da realidade torna-se assim palimpsesto, no sentido em que é sucessivamente escrita e reescrita ao arrepio da verdade para se adaptar às conveniências do momento.

Os exemplos abundam. “Cada alemão até setembro de 1939 tinha de encarar o bolchevismo russo com horror e aversão, e desde setembro de 1939 tem de o encarar com admiração e afeto”, observou Orwell em 1941. “Se a Rússia e a Alemanha entrarem em guerra, como pode muito bem acontecer

³⁴⁰³ Benito Mussolini, “Discurso di Avellino”, *Il Popolo d'Italia*, 31 de agosto de 1936, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVIII, 1959, p.32; Benito Mussolini, “Agli allievi ufficiali di complemento della scuola di fano”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de outubro de 1936, *idem*, p.55; Benito Mussolini, “Agli eroi della vigilia”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de novembro de 1936, *ibidem*, p.75.

³⁴⁰⁴ Benito Mussolini e Giovanni Gentile, *op. cit.*, 1935, p.8.

³⁴⁰⁵ Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1970, p.5.

³⁴⁰⁶ Vladimir Lenine, “Report of the All-Russia Central Executive Committee and the Council of People’s Commissars”, Seventh All-Russia Congress of Soviets, 5 de dezembro de 1919, www.marxists.org.

³⁴⁰⁷ Mao Tsé-tung, “On Protracted War”, in Mao Tsé-tung, *op. cit.*, 2014, p.227.

³⁴⁰⁸ George Orwell, “The Prevention of Literature”, in George Orwell, *op. cit.*, 2017, p.137.

daqui a alguns anos, uma outra mudança igualmente violenta ocorrerá”³⁴⁰⁹. Os dois países entraram mesmo em guerra, como sabemos, o que levou o escritor socialista a escrever em 1945 a propósito do pacto nazi-comunista que “um correspondente russo informou-me que a menção do pacto já está a ser omitida dos livros russos que falam sobre os recentes acontecimentos políticos.”³⁴¹⁰

Ou seja, no Estado totalitário comunista nunca existiu nenhum pacto com os nazis. A história foi simplesmente reescrita. Como estabelece o *slogan* socialista descrito no romance *1984*, “quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente controla o passado”³⁴¹¹. Há assim uma “mutabilidade do passado”³⁴¹², em que “toda a história é palimpsesto, apagada e reescrita exatamente as vezes que forem necessárias.”³⁴¹³

Tudo isto para apresentar os dirigentes como infalíveis, uma espécie de deuses num panteão inatingível para a idolatria e o culto das massas. “No Kremlin de Moscovo sentavam-se homens aos quais chamávamos simplesmente camaradas – Lenine, Trotsky, Dzherzhinsky – mas eu encarava-os como deuses”³⁴¹⁴, admitiu Victor Kravchenko sobre o período em que se filiou no Komsomol, a Juventude Comunista soviética, salientando que “questionar decisões anunciadas em palavras enunciadas como relâmpagos dos céus do Kremlin parecia-nos tão razoável quanto dialogar com um terramoto. Aceitavamo-las sem discussão”³⁴¹⁵. É a necessidade religiosa de afirmar a infalibilidade do regime totalitário, seja ele comunista ou nazi, que o leva a mudar os factos como se o mais importante não fosse a realidade, mas a ideologia.

Isto é, a fé.

A ideologia como fé

É na fé que os zelotes vão buscar a sua força. Não é por acaso que, por exemplo, clérigos cristãos e comunistas são descritos pelos sobreviventes do Holocausto, este mesmo também um evento tão radical que só zelotes poderiam conceber, como os prisioneiros mais determinados nos campos de

³⁴⁰⁹ George Orwell, “Literary Criticism IV: Literature and Totalitarianism”, *idem*, p.66/67.

³⁴¹⁰ George Orwell, “Notes on Nationalism”, *ibidem*, p.110.

³⁴¹¹ George Orwell, *op. cit.*, 2013, p.284.

³⁴¹² *Idem*, p.31.

³⁴¹³ *Ibidem*, p.47.

³⁴¹⁴ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.36.

³⁴¹⁵ *Idem*, p.51.

concentração. “Os padres e as freiras no campo provaram que tinham verdadeira força de caráter”, observou Olga Lengyel, uma judia que sobreviveu a Auschwitz-Birkenau. “Para além dos clérigos, apenas os membros ativos da resistência ou os militantes comunistas mostravam tal espírito”³⁴¹⁶, constatou. Após conviver com prisioneiras russas, Lengyel revelou que “compreendi através delas que o comunismo é como uma religião para os russos. Talvez a sua fé as tenha ajudado a aguentar as dificuldades da vida em Auschwitz-Birkenau melhor do que os restantes reclusos.”³⁴¹⁷

É de facto a fé que mantém a crença na religião totalitária. “Não me posso nunca esquecer que sou Konsomol primeiro, uma pessoa depois”, disse Kravchenko. “Nós éramos os acólitos de uma espécie de religião materialista”³⁴¹⁸. A crença é por vezes tão grande que, mesmo quando são severamente punidos pela sua “Igreja”, os crentes mantêm a fé. Evguenia Ginzburg contou o caso dos comunistas alemães enviados para os *gulag*. Eles eram de tal modo fanáticos que chegavam ao ponto de apoiar a perpetuação do clima de paranoia de que eles próprios eram vítimas. “Tínhamos até confinados comunistas que não tinham sido expulsos do partido”, revelou Ginzburg. “É o caso de todos os comunistas de nacionalidade alemã” que, apesar de confinados e reprimidos, por vezes conseguiam nas esquadras da polícia aceder às reuniões do partido, “assistiam à assembleia e votavam unanimemente por uma intensificação da vigilância bolchevique, tendo em conta o recrudescimento da luta de classes que acompanhava o nosso avanço em direção ao comunismo.”³⁴¹⁹

Cristianismo e socialismos nacionalistas totalitários, em particular o de extração marxista, fazem profecias exatas sobre o futuro e sempre que se verifica que nada acontece como previsto, em vez de assumirem a falsidade das previsões, e consequentemente de todo o sistema de pensamento por detrás delas, ambos apresentam mil explicações rebuscadas para o sucedido ou até fingem que nunca afirmaram o que afirmaram de modo a resolverem a dissonância criada pela contradição entre as profecias e a realidade. Ninguém admite que haja um erro na mensagem, pois tal abriria a porta à possibilidade de a palavra divina ser afinal falsa e consequentemente os seus

³⁴¹⁶ Olga Lengyel, *Five Chimneys – A Woman Survivor’s True Story of Auschwitz*, Academy Chicago Publishers, Chicago, 1995, p.123.

³⁴¹⁷ *Idem*, p.172.

³⁴¹⁸ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.38.

³⁴¹⁹ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.1395.

deuses e profetas também o serem, pelo que uma admissão dessas é tabu punível com a fogueira decidida pela Inquisição ou o fuzilamento ordenado pelo Partido. Há sempre um inferno ou um campo de concentração à espera dos infiéis e dos apóstatas ou dos inimigos de classe ou de raça.

Há uma diferença fundamental dos socialismos nacionalistas totalitários em relação ao judaísmo e ao cristianismo: a questão da existência de Deus. Nesse ponto os diferentes socialistas totalitários enquanto crentes religiosos dissociam-se dos judeus e dos cristãos, é certo, mas em bom rigor isso não impede que as suas ideologias sejam religiões. Não são o budismo e o confucianismo religiões que não preveem a existência de Deus? E ao empossar o Estado, o materialismo histórico ou a raça ariana de capacidades teleológicas de libertação, à maneira de agentes de salvação, não estarão os socialistas totalitários a divinizar tais entidades?

Um outro ponto de contacto entre os socialismos nacionalistas totalitários e especificamente o judaísmo é que todos acreditam no povo eleito, num caso os judeus e no outro o proletariado ou os arianos. Ou seja, o povo eleito dos judeus são os fiéis de uma religião, dos comunistas são uma classe e dos nacional-socialistas uma raça e uma nação. O culto da classe, da nação ou da raça, a divinização do chefe, a sua infalibilidade, os ritos e os símbolos, os dogmas e os mitos, a sacralização do Estado, a crença numa verdade revelada e a sua imposição à população, violando mesmo os limites da consciência privada, a perseguição inquisitorial dos hereges, tudo isto nos remete para o domínio do totalitarismo religioso.

Foi este carácter religioso das ideologias que permitiu sobretudo ao comunismo e ao nacional-socialismo invadir toda a vida ideológica, política e social das nações onde se impuseram ditatorialmente, decretando verdades absolutas que o Estado onnipresente, controlado pelo partido único como o ciumento deus de uma religião monoteísta, se encarregou de impor pela força ao ponto de franquear até as fronteiras da consciência privada dos governados e de vigiar o respeito e aceitação desses mitos e dogmas com zelo e métodos inquisitoriais.

As sociedades totalitárias comunistas e nacional-socialista não tinham indivíduos, mas massas, guiadas por um chefe infalível, um dirigente endeusado e redentor como um messias cuja palavra tinha força de lei – o *Führerprinzip* teorizado pelo filósofo alemão Von Keyserling no início do Século XX, alguém com “absoluto monopólio do poder e autoridade”³⁴²⁰. As

³⁴²⁰ *Idem*, p.405.

duas religiões políticas totalitárias não toleravam pensamentos diferentes, incluindo de concorrentes religiosos, e estavam imbuídas de uma transcendência mítica própria de uma religião, organizando o passado, o presente e o futuro em termos de uma narrativa de vitimização, luta e salvação num paraíso utópico.

Ambas estavam investidas de projetos transcendentais. Enquanto a utopia comunista envolvia a classe eleita do proletariado e tinha o projeto de criar a sociedade comunista e o novo homem socialista, que na União Soviética se traduziu pelo *Homo Sovieticus*, a utopia nacional-socialista falava na raça eleita dos arianos e tinha o projeto de criar a *Volksgemeinschaft* social e o novo homem racial, o patamar seguinte da evolução humana, o *Übermensch*, ou Super-Homem.

Num ponto, contudo, os comunistas revelaram estar mais embuídos de religiosidade do que os nacionais-socialistas. Enquanto Hitler considerava necessário o apoio popular para se manter no poder, e trabalhava para ele ao ponto de ter sido forçado a ganhar eleições, Lenine dispensava-o quase totalmente. Da mesma maneira que os fundamentalistas judaicos, cristãos e muçulmanos consideram que a lei de Deus se sobrepõe aos homens, pois essa lei transcende os humanos e estes são irrelevantes diante d'Ele, os comunistas de extração marxista consideram que as leis da história se sobrepõem aos homens, pois essas leis transcendem os humanos e estes são irrelevantes diante delas. Tal como os religiosos radicais, os comunistas marxistas acreditam que a sua verdade é eterna e por isso se impõe a tudo e a todos, prevalecendo mesmo estando isolada e sem qualquer apoio popular.

O materialismo histórico emerge assim como uma espécie de *sharia*, a lei transcendente que na mente dos zelotes sobre tudo reina e prevalece. Não existe na experiência humana crença de natureza mais religiosa do que essa.

Genocídios

A segunda característica que faz dos regimes comunistas e nacional-socialista ditaduras totalitárias é a violência genocida. A violência faz parte integral do nazismo, algo que é tão conhecido que na maior parte das vezes irá dispensar demonstração neste capítulo. No nacional-socialismo, o genocídio dos judeus e dos ciganos, aliado a massacres de grupos das mais diversas nacionalidades e confissões, está amplamente documentado e divulgado. Além disso, o discurso historiográfico, político e mediático expôs já largamente a ação dos camisas negras fascistas e sobretudo dos camisas castanhas nacional-socialistas, milícias armadas usadas pelos respectivos partidos para enfrentarem os adversários e imporem a sua vontade à força nas ruas.

O que frequentemente se ignora é que os comunistas russos tinham igualmente o que Lenine descreveu como uma “milícia proletária”³⁴²¹, uma “verdadeira milícia popular” que “combina as funções de exército popular com as da polícia”³⁴²² e que “dá treino militar à população”³⁴²³, ideia usada pelos comunistas em muitos países para imporem a sua vontade à força nas ruas. Na verdade, a violência faz também parte integral do socialismo revolucionário e, quando o comunismo se torna regime, vai ao ponto de envolver a própria militarização da sociedade.

Acontece que, ao abrirem a porta à violência, estes regimes, os comunistas e o nacional-socialista, começaram a exercê-la com cada vez maior amplitude até atingirem um extremo em que a aplicaram praticamente sem limite. E o problema, note-se, não se limita aos regimes. Começa na ideologia que os inspira.

A violência nas doutrinas marxista e neomarxista

Para além da ação dos regimes neomarxistas, a violência constitui um elemento importante da própria doutrina marxista original. Marx disse em *O Capital* que “a força é a parteira de toda a antiga sociedade prenhe de uma nova”³⁴²⁴, ou seja, a violência é a parteira da revolução, e tinha já tido o cuidado de avisar que “quando chegar a nossa vez, não apresentaremos desculpas pelo terror”³⁴²⁵. Ou seja, Marx defendia abertamente o uso do

³⁴²¹ Vladimir Lenine, *op. cit.*, s/d, 31.

³⁴²² *Idem*, p.30.

³⁴²³ *Ibidem*, p.31.

³⁴²⁴ Karl Marx, *op. cit.*, 2013, p.526.

³⁴²⁵ Karl Marx, “Suppression of the *Neue Rheinische Zeitung*”, *Neue Rheinische Zeitung*, 19 de maio de 1849, www.marxists.org.

terror. Isto quer dizer que o terror vermelho do regime de Lenine não constituía um desvio à doutrina, mas tinha na verdade claro fundamento na ideologia marxista original.

Já Engels atribuíra um “papel revolucionário” à violência, descrevendo-a como “o instrumento com a ajuda do qual todo o movimento social força o caminho e destrói as formas políticas fossilizadas”³⁴²⁶. O parceiro de Marx foi ao ponto de avisar que “a ‘união fraternal dos povos europeus’ não pode ser alcançada com meras frases e votos piedosos, mas apenas por profundas revoluções e lutas sangrentas; (as pessoas) aprenderam que a questão não é da união fraternal de todos os povos europeus debaixo de uma única bandeira republicana, mas de uma aliança de povos revolucionários contra povos contrarrevolucionários, uma aliança que se realiza não no *papel*, mas apenas no *campo de batalha*”³⁴²⁷ (itálico no original).

Recorde-se que Engels havia sublinhado que a revolução do proletariado seria “uma revolução violenta”³⁴²⁸, na verdade “a mais sangrenta guerra de sempre”³⁴²⁹, tão violenta que “em comparação a Revolução Francesa e o ano de 1794 parecerão brincadeiras de crianças”³⁴³⁰. Marx e Engels acreditavam que a revolução do proletariado e a instituição ainda nos seus tempos de vida do estágio final da história, a sociedade sem classes, obrigaria os comunistas a insistir numa “crueldade absoluta.”³⁴³¹

Karl Marx chegou a apregoar o “terrorismo revolucionário”³⁴³² e a defender que “há apenas uma maneira através da qual as agonias mortais da velha sociedade e o nascimento sangrento de uma nova sociedade podem ser encurtados, simplificados e concentrados, e essa maneira é o terror revolucionário”³⁴³³. Foi ainda mais longe da defesa do terrorismo. Num texto assinado por Marx e Engels, intitulado “Um Plano de Ação Contra a Democracia” e distribuído pela Liga Comunista, ambos defenderam explicitamente a violência, incluindo o linchamento. “Os trabalhadores têm

³⁴²⁶ Friedrich Engels, *op. cit.*, 1959, p.254.

³⁴²⁷ Friedrich Engels, “Democratic Pan-Slavism”, *Neue Rheinische Zeitung*, 14 de fevereiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

³⁴²⁸ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2009, p.266.

³⁴²⁹ *Idem*, p.300.

³⁴³⁰ *Ibidem*, p.31.

³⁴³¹ Friedrich Engels, “Engels to Joseph Weydemeyer In New York”, 12 de abril de 1853, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

³⁴³² Karl Marx, *op. cit.*, 1972, p.124.

³⁴³³ Karl Marx, “The Victory of the Counter-Revolution in Vienna”, *Neue Rheinische Zeitung*, nº136, novembro de 1848, www.marxists.org.

durante o atual conflito e na luta posterior de trabalhar o mais possível contra o apaziguamento dos burgueses e têm de conduzir os democratas a levar a cabo os seus atuais desígnios terroristas”, escreveram Marx e Engels nesse documento, para sustentar que “longe de se oporem aos chamados excessos, esses exemplos de vingança popular contra pessoas odiadas ou edifícios públicos que adquiriram memórias odiosas têm não apenas de ser aprovados como encorajados.”³⁴³⁴

O neomarxista Georges Sorel retomou estas ideias quando descreveu a violência como sendo “muito bela e muito heróica”³⁴³⁵. Em consequência da aceitação da violência e até do seu culto pelo marxismo e pela corrente soreliana neomarxista, Lenine usou-a ampla e abertamente, ao ponto de a palavra *extermínio* passar a fazer parte do seu vocabulário em público. “Há momentos em que os interesses do proletariado exigem o extermínio impiedoso dos seus inimigos”³⁴³⁶, proclamou, para concluir: “a ditadura do proletariado produz uma série de restrições da liberdade no caso dos opressores, os exploradores, os capitalistas. Temos de esmagá-los para libertar a humanidade da escravatura dos salários; a resistência deles tem de ser quebrada pela força; é evidente que onde há supressão há também violência, não há liberdade, não há democracia.”³⁴³⁷

O líder bolchevique foi muito claro em estabelecer que “a ditadura do proletariado é uma luta persistente”, e que ela também seria “sangrenta” e “violenta”³⁴³⁸. Seria na verdade uma “guerra impiedosa levada a cabo pela nova classe contra um mais poderoso inimigo, a burguesia”, uma “guerra desesperada de vida e morte.”³⁴³⁹

O extermínio como política do regime bolchevique

Que Lenine foi responsável por políticas de extermínio o revelam não só as suas palavras como sobretudo os seus atos e os dos homens a ele subordinados. São conhecidas as ordens escritas do *Vozhd* para que se procedessem a execuções e se espalhasse o terror. A sua polícia política, a *Cheka*, criada assumidamente para levar a cabo a política de repressão,

³⁴³⁴ Robert Payne, *op. cit.*, 1968, p.239/240.

³⁴³⁵ Georges Sorel, *op. cit.*, 2016, p.109.

³⁴³⁶ Vladimir Lenine, “Lessons of the Commune”, *Zagranichnaya Gazeta*, 23 de março de 1908, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

³⁴³⁷ Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1943, p.73.

³⁴³⁸ Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1970, p.26.

³⁴³⁹ *Idem*, p.4.

chegou mesmo a ter uma publicação oficial precisamente intitulada *Terror Vermelho*.

Um dos chefes da *Cheka*, Martin Latsis, escreveu em *Terror Vermelho* que “não basta destruir as forças ativas do inimigo, mas também mostrar que quem levantar a mão em protesto contra a guerra de classes morrerá pela espada”³⁴⁴⁰, enquanto o fundador da polícia política comunista, Felix Dzerzhinsky, reconheceu abertamente que “somos pelo terror organizado, isto tem de ser assumido com franqueza”³⁴⁴¹. Não se pense nem por um único momento que a violência da *Cheka* não tinha o aval ou sequer o conhecimento de Lenine. “Um bom comunista”, estabeleceu o *Vozhd* sem rodeios, “tem as qualidades de um bom membro da *Cheka*.”³⁴⁴²

Desde o início que o extermínio foi praticado em larga escala pelos comunistas com base, não no que cada pessoa tinha realmente feito, mas no princípio da culpa por associação coletiva. “Não estamos a conduzir uma guerra contra indivíduos”, esclareceu Latsis em 1918. “Estamos a exterminar a burguesia como uma classe. Durante a investigação, não procuramos provas dos atos ou palavras do acusado contra o poder soviético. As primeiras perguntas que fazemos são: a que classe pertence ele? Qual a sua origem? Qual a sua educação ou profissão? São estas questões que determinam o destino do acusado”³⁴⁴³. Dois anos depois, o diretor da *Cheka*, Felix Dzerzhinsky, apelou para “aterrorizar, prender e exterminar os inimigos da revolução com base na classe a que pertencem.”³⁴⁴⁴

A mancha da culpa vinha de nascença e nunca se podia apagar. Ou seja, no regime bolchevique as pessoas não eram condenadas pelo que faziam, mas pelo que *eram* – exatamente como os nazis procederam mais tarde com os judeus, os ciganos, os homossexuais, as testemunhas de Jeová e outras classes de população. A pessoa podia não ter feito nada, mas só pelo simples facto de ser quem era, burguesa ou *kulak*, pertencendo portanto a um grupo maldito e estigmatizado pelos comunistas, era condenada. Sendo que os próprios Dzerzhinsky e Lenine cabiam nestes critérios de extermínio nos

³⁴⁴⁰ David Hoffmann, *Cultivating the Masses – Modern State Practices and Soviet Socialism, 1914-1939*, Cornell University Press, Ithaca, 2011, p.260.

³⁴⁴¹ Christina Ann-Marie DiEdoardo, *op. cit.*, 2020, p.182.

³⁴⁴² Vladimir Lenine, “Speech On The Co-Operatives”, *Nineth Congress of the R.C.P.*, 3 de abril de 1920, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

³⁴⁴³ Benjamin Valentino, *Final Solutions – Mass Killing and Genocide in the 20th Century*, Cornell University Press, Ithaca, 2004, p.96.

³⁴⁴⁴ Robert Service, *Lenin – A Political Life: Volume 3, The Iron Ring*, MacMillan Press, Londres, 1995, p.39.

campos comunistas, pois o primeiro era um aristocrata e o segundo um burguês.

As execuções começaram logo que os bolcheviques tomaram o poder e em breve tornaram-se até indiscriminadas. “Execuções foram levadas a cabo em Moscovo, Petrogrado e outras cidades *com base em listas* – por outras palavras, pessoas livres eram simplesmente presas e executadas imediatamente”³⁴⁴⁵ (itálico no original), escreveu Aleksandr Solzhenitsyn sobre os acontecimentos de 1919. “Qualquer habitante adulto deste país, desde o agricultor coletivo até um membro do Politburo, sempre soube que bastaria uma palavra ou um gesto descuidado e seria irrevogavelmente atirado para o abismo.”³⁴⁴⁶

As estatísticas confirmam as matanças generalizadas. O recenseamento da população da União Soviética registava 147,6 milhões de pessoas em 1917, na altura da revolução bolchevique. Com base na natural evolução da demografia, os demógrafos calculam que em 1922, dois anos antes da morte de Lenine, deveria haver no país mais de 160 milhões de pessoas. Porém, nesse ano existiam 134,9 milhões – uma redução de 12,7 milhões em relação a 1917 e de 35 milhões em relação ao que haveria numa evolução demográfica normal. Para onde foi toda a população desaparecida?

Estima-se que dois milhões tenham emigrado e que quatro milhões tenham morrido em combate ou devido a epidemias. E os restantes cinco a dezanove milhões? As grandes fomes e as matanças generalizadas explicam os números em falta. Seguindo o exemplo de Lenine, que em nome de uma classe eleita lançara uma caça impiedosa à classe maldita dos burgueses e dos *kulaks* e que também iniciou as chacinas contra etnias quando da ocupação do Don e da campanha de descossaquização, o seu sucessor Estaline praticou extermínio em vasta escala contra nações malditas do império soviético, exemplo extremo retomado anos mais tarde por Hitler em nome de uma raça eleita contra a raça maldita dos judeus. A equipa de historiadores que elaborou *O Livro Negro do Comunismo* calculou que o comunismo causou intencionalmente nos civis um “total que se aproxima da barra dos cem milhões de mortos”³⁴⁴⁷, dos quais vinte milhões só na União Soviética, enquanto os diversos estudos sobre o genocídio nazi apontam para

³⁴⁴⁵ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.22.

³⁴⁴⁶ *Idem*, p.321.

³⁴⁴⁷ Stéphane Courtois, “Les crimes du communisme”, in Stéphane Courtois, Nicolas Werth, Jean-Louis Panné, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek e Jean-Louis Margolin, *op. cit.*, 1997, p.15.

seis milhões de mortos judeus e um milhão de ciganos, aos quais há ainda a acrescentar mais cinco milhões de civis das chacinas perpetradas pelos nacional-socialistas contra outros povos, sobretudo russos e polacos.

Assim apresentadas as coisas, reduzindo a tragédia a uma panóplia de dados estatísticos, tudo parece impessoal. Torna-se deste modo fácil racionalizar e esquecer que estamos a falar de números com pessoas lá dentro, incluindo milhões de mulheres e crianças. “Para o historiador de amanhã, para o sociólogo de hoje, estas são estatísticas”, observou Victor Kravchenko. “Mas para mim, que vivi tudo isto, estes números têm corpos e mentes e almas, todas elas feridas, ultrajadas e humilhadas. Além disso, sei que os milhões que escaparam à purga ficaram mutilados nas suas mentes e feridos nos seus espíritos pelos medos e brutalidades no meio dos quais viveram. A esta escala, não conheço nada em toda a história humana que se compare com esta perseguição determinada e impiedosa na qual dezenas de milhões de russos sofreram direta ou indiretamente.”³⁴⁴⁸

O projeto genocida faz parte integrante do projeto totalitarista mais geral de domínio do planeta, pois, como Hannah Arendt notou, “os governos totalitários aspiram a conquistar o globo e colocar todos os países existentes na Terra sob o seu domínio”³⁴⁴⁹, características comuns ao comunismo soviético, com o seu projeto de revolução mundial, e ao nacional-socialismo alemão, com o seu projeto expansionista consubstanciado na expressão *Heute Deutschland, Morgen die Welt*, hoje a Alemanha, amanhã o mundo.

O nó sequencial do comunismo ao nazismo

O historiador Ernst Nolte observou que o Holocausto, embora mantendo características únicas, foi diretamente inspirado no exemplo soviético, havendo um “nó causal”³⁴⁵⁰ entre os *gulag* comunistas e os *lager* nazis. O conceito revelou-se polémico na Alemanha, dadas as compreensíveis sensibilidades relacionadas com o traumático passado nazi do país e o persistente esforço de jamais desvalorizar o Holocausto, mas os factos sustentam-no.

É certo que a expressão *nó causal* não parece a mais adequada, uma vez que não se pode provar que todos os métodos nacional-socialistas foram diretamente causados pelos métodos comunistas. Em alguns casos isso

³⁴⁴⁸ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.303/304.

³⁴⁴⁹ Hannah Arendt, *op. cit.*, 1962, p.415.

³⁴⁵⁰ Ernst Nolte, *op. cit.*, 2011, p.778.

comprovadamente aconteceu, mas é impossível sustentar que tenha sucedido em todas as circunstâncias. Para lidar com esta questão com absoluto rigor, basta-nos determinar se os nacional-socialistas praticaram determinado ato e se os comunistas praticaram o mesmo ato, e depois perceber qual deles praticou esse ato em primeiro lugar, independentemente de esse primeiro ato ter ou não inspirado, ou causado, o segundo. O que, em vez de *nó causal*, nos remete antes para a mais exata noção de *nó sequencial*.

Usando esta metodologia, constatamos que a precedência cronológica dos atos comunistas em relação aos atos nazis é factualmente inquestionável na esmagadora maioria dos casos. De resto, também vários historiadores e pensadores o notaram. “Os métodos aplicados por Lenine e sistematizados por Estaline e seus acólitos não apenas lembram os métodos nazis como frequentemente os antecederam”³⁴⁵¹, observou Stéphane Courtois. Nem Nolte nem Courtois foram os primeiros a fazer essa observação. “O nacional-socialismo nada mais é do que bolchevismo”, afirmou Thomas Mann na década de 1930, sublinhando que “os dois são irmãos desavindos, em que o mais novo aprendeu tudo do mais velho, o russo”³⁴⁵². Ou seja, segundo o próprio Thomas Mann, os nazis alemães aprenderam com os comunistas russos.

Os factos históricos confirmam a existência de um nó sequencial entre as políticas concentracionárias e genocidas comunistas e as nacional-socialistas.

Dos gulag aos lager

Quando da revolução bolchevique em 1917, uma das primeiras medidas que os comunistas tomaram foi enviar os opositores políticos para campos especiais. Os bolcheviques chamavam-lhes já “*kontsentratsionnye lageri*”³⁴⁵³, ou campos de concentração. Aliás, o *lag* do acrónimo *gulag* era justamente uma referência aos *lageri*. Tratava-se dos *Glavnoe Upravlenie Lagerei*, ou Administração Central dos Campos.

³⁴⁵¹ Stéphane Courtois, “Les crimes du communisme”, in Stéphane Courtois, Nicolas Werth, Jean-Louis Panné, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek e Jean-Louis Margolin, *op. cit.*, 1997, p.29.

³⁴⁵² Thomas Mann, *op. cit.*, 1938, p.42.

³⁴⁵³ Peter Holquist, “To Count, to Extract, and to Exterminate: Population Statistics and Population Politics in Late Imperial and Soviet Russia”, in Ronald Suny e Terry Martin (direção), *op. cit.*, 2001, p.139.

Estes eram, porém, de uma natureza diferente dos campos criados pelos espanhóis em Cuba, onde pela primeira vez foi usada a expressão “*campos de reconcentración*”³⁴⁵⁴, e depois pelos americanos nas Filipinas e pelos britânicos na guerra dos Boers na África do Sul. Os campos de concentração comunistas destinavam-se a toda a gente, incluindo sobretudo cidadãos do próprio país mesmo em tempo de paz, enquanto os dos países ocidentais haviam sido concebidos exclusivamente para cidadãos estrangeiros de países inimigos e só enquanto durasse a guerra contra tais países.

Apenas dois meses depois da revolução bolchevique, em dezembro de 1917, Lenine preparou um decreto sobre trabalho forçado para os “inimigos do povo” com uma anotação à margem que mencionava “trabalho compulsivo, confiscação, detenções (execução por fuzilamento)”³⁴⁵⁵ (parênteses no original), e no mês seguinte decretou mesmo a “obrigação de trabalho universal”³⁴⁵⁶, ou seja trabalho forçado e não remunerado ou sujeito apenas a uma remuneração simbólica, uma formulação que viabilizou o trabalho escravo nos campos de concentração comunistas. Tal como Lenine, Trotsky fez amplo uso destes campos de concentração, enviando para aí as mulheres e filhos dos oficiais czaristas que queria recrutar à força para o Exército Vermelho, assim exercendo chantagem sobre eles.

Os testemunhos sobre as detenções de reféns abundam. “Estes soldados do Exército Vermelho falavam à velha maneira: o comandante do regimento era dignificado com o título de ‘coronel’; um outro era designado ‘nosso capitão’”, registou Eduard Dune, o guarda vermelho que se tornou comissário político no Exército Vermelho quando escreveu sobre o seu primeiro dia nas fileiras militares comunistas, indicando que “compreendi depressa que os comandantes eram oficiais experientes do exército czarista” e que “tentei conversar com alguns soldados do Exército Vermelho mas eles deram-me respostas educadas embora frias”³⁴⁵⁷. Pior, ouviu até soldados dizer que gostariam de matar o seu comissário político comunista: “eu não compreendia, não conseguia explicar a mim próprio, por que razão falavam de mim em tons tão hostis”³⁴⁵⁸. Dune descobriu depois que esses soldados se

³⁴⁵⁴ William Everdell, *The First Moderns – Profiles in the Origins of Twentieth-Century Thought*, The University of Chicago Press, Chicago, 1997, p.116.

³⁴⁵⁵ Richard Pipes, *op. cit.*, 1991, p.705.

³⁴⁵⁶ Vladimir Lenine, “Declaration of the Rights of the Working and Exploited People”, *Pravda*, 4 de janeiro de 1929, www.marxists.org.

³⁴⁵⁷ Eduard Dune, *op. cit.*, 1996, p.127.

³⁴⁵⁸ *Idem*, p.129.

encontravam nas linhas por os bolcheviques terem pegado em um em cada dez soldados que se recusavam a avançar e “executaram-nos em frente dos outros”³⁴⁵⁹. Não o disse, mas os oficiais estavam ali evidentemente sob chantagem sobre a vida das respectivas famílias. “Este meu primeiro dia com o Exército Vermelho”, concluiu Dune, “mostrou-me que as minhas impressões iniciais sobre o exército estavam erradas. Não havia um único voluntário no regimento.”³⁴⁶⁰

Também S. A. Malsagoff, o ex-prisioneiro que fez a primeira denúncia no Ocidente sobre a existência dos *gulag*, revelou ter conhecido reféns nos campos de concentração, designadamente quarenta idosos *tchetchensy*, isto é, oriundos do Cáucaso. “Esses velhos *tchetchensy* foram deportados como reféns porque os seus filhos, netos e bisnetos tinham aderido aos grupos de guerrilha e combatiam sem cessar os bolcheviques – uma guerra que ainda continua”, explicou Malsagoff, tornando claro que os idosos “não cometeram qualquer crime”³⁴⁶¹. Na verdade, concluiu, “a prática de fazer reféns e de levar a cabo represálias violentas sobre os familiares e até os conhecidos dos rebeldes e dos *émigrés* foi desenvolvida pelo poder soviético até se tornar um elaborado sistema de terror que não recua perante nada que o possa ajudar a alcançar os seus objetivos.”³⁴⁶²

Os campos de concentração comunistas serviam assim também para guardar reféns inocentes de modo a chantagear os seus familiares para que integrassem o Exército Vermelho ou para que deixassem de o combater. De resto, práticas semelhantes são adotadas em pleno Século XXI pelos comunistas chineses nos *laogai*, para onde são enviadas pessoas cujo único crime é terem familiares no estrangeiro que denunciaram as práticas do Partido Comunista Chinês.

Quando em 1933 os nazis abriram o campo de concentração de Dachau, destinado igualmente aos cidadãos do seu próprio país mesmo em tempo de paz, e depois os destinou ao extermínio, limitaram-se assim a seguir o exemplo estabelecido pelos comunistas na União Soviética. O mesmo no que diz respeito às matanças em grande escala nesses campos de concentração.

O comandante de Auschwitz, Rudolf Höss, revelou que os programas comunistas de extermínio de grupos étnicos eram estudados pelos responsáveis dos campos de concentração nazis, o que indicia neste ponto

³⁴⁵⁹ *Ibidem*, p.131.

³⁴⁶⁰ *Ibidem*, p.128.

³⁴⁶¹ S. A. Malsagoff, *op. cit.*, 1926, p.115.

³⁴⁶² *Idem*, p.115/116.

um efetivo nó causal. “O Gabinete de Segurança do Reich enviou aos comandantes um conjunto completo de documentos sobre os campos de concentração russos”, escreveu Höss. “Descreviam em grande pormenor as condições e a organização dos campos russos, conforme indicado por antigos prisioneiros que conseguiram escapar. Grande ênfase era colocada no facto de que os russos, através do emprego em massa de trabalho forçado, tinham destruído povos inteiros.”³⁴⁶³

Muito importante, o próprio Heinrich Himmler, num relatório sobre a questão judaica datado de 1940, portanto antes de a Shoah ter começado, referiu que o “extermínio físico de populações” constituía um “método bolchevique”³⁴⁶⁴, assim estabelecendo implicitamente que as práticas genocidas comunistas poderiam servir de inspiração aos nazis.

A escravatura nos *gulag* e nos *lager*

Os campos de concentração comunistas foram inicialmente criados como campos de “reeducação”. Porém, depressa se percebeu que isso não passava de um eufemismo para tornar retoricamente aceitável uma prática da Antiguidade. Seguindo as orientações de Lenine, os comunistas começaram a usar na década de 1920 as populações deportadas para os *gulag* como escravos. “Manter a produtividade no trabalho”, disse Lenine, “requer o recurso à compulsão”³⁴⁶⁵. Não o disse, nem era preciso, que não só os deportados eram coagidos a trabalhar como não eram remunerados pelo seu trabalho forçado. “Ninguém é obrigado a trabalhar no campo, mas quem se recusar a trabalhar será julgado e condenado à pena capital”³⁴⁶⁶, observou o *zek* Julius Margolin.

Uma outra prisioneira, Evguenia Ginzburg, constatou que a morte de cada escravo nos campos de concentração de Kolyma, pertencentes aos *gulag*, requeria tratamento burocrático pois “eram propriedade do Estado”³⁴⁶⁷. Ginzburg ouviu um responsável comunista, preocupado com a elevada mortalidade dos prisioneiros forçados a trabalhar, dizer que era preciso

³⁴⁶³ Rudolf Höss, *Commandant of Auschwitz – The Autobiography of Rudolf Hoess*, Phoenix Press, Londres, 2001, p.162.

³⁴⁶⁴ Christopher Browning, *op. cit.*, 2000, p.14.

³⁴⁶⁵ Vladimir Lenine, “The Immediate Tasks of the Soviet Government”, *Pravda*, 28 de abril de 1918, www.marxists.org.

³⁴⁶⁶ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.422/423.

³⁴⁶⁷ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.801.

“conservar a mão-de-obra em bom estado”³⁴⁶⁸. Ou seja, não eram realmente prisioneiros, eram “mão-de-obra.”

Estava assim oficializado o uso da escravatura no comunismo, embora sem que a expressão fosse assumida formalmente. Mas era-o informalmente. “Naquela época a palavra *rab* (escravo) era de uso corrente na vida quotidiana de Kolyma”, admitiu esta sobrevivente comunista, revelando que “eu mesma, nem sei como, ouvi um capataz libertado gritar um dia ao telefone: ‘mandem-me sete ou oito escravos!’”³⁴⁶⁹ (parênteses no original). Ginzburg constatou que a chefia dos campos de concentração comunistas “não nos considerava seres humanos. Interpretava a mortandade entre a mão-de-obra como um inconveniente técnico normal, equiparável, por exemplo, ao desgaste de uma máquina de empacotar alimentos. E em ambos os casos só havia um remédio: obter peças de substituição”³⁴⁷⁰. Foram até publicados na União Soviética livros a louvar as obras construídas por essa massa humana obrigada a trabalhar sem remuneração. Esses livros, como notou Aleksandr Solzhenitsyn, na prática “glorificavam o trabalho escravo”³⁴⁷¹ sob o comunismo.

O testemunho mais conhecedor sobre o amplo recurso dos comunistas à escravatura é, no entanto, de Victor Kravchenko. “Quatrocentos ou quinhentos homens e mulheres abatidos estavam a trabalhar sob a vigilância de guardas armados”, escreveu este governante soviético sobre a primeira vez que viu escravos. “Constituíam um grupo de seres humanos de aspeto trágico. O seu silêncio sem sorrisos era mais terrível que o seu ar esfarrapado, sujo e fisicamente degradado. Trabalhavam como pessoas condenadas, demasiado alheadas para quererem examinar o espaço em redor delas ou para comungarem com os trabalhadores livres perto deles. No final de cada dia os prisioneiros eram alinhados e marchavam para uma prisão especial a algumas milhas de distância. Fiz discretamente algumas perguntas e fui informado de que este trabalho tinha sido ‘contratado’ por empreiteiros em negociações formais com o NKVD. Um valor por prisioneiro equivalente ao trabalho contratado a trabalhadores livres era pago ao NKVD. Para além de usar milhões de prisioneiros políticos diretamente – em minas, ferrovias, florestas, a eliminar pântanos, a construir portos – o NKVD lucrava com os escravos excedentários na execução de outros empreendimentos soviéticos.

³⁴⁶⁸ *Idem*, p.802.

³⁴⁶⁹ *Ibidem*, p.839.

³⁴⁷⁰ *Ibidem*, p.850.

³⁴⁷¹ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.xxxiv.

(...) Os meus olhos fixaram-se numa jovem mulher com aspeto cadavérico; as mãos e rosto dela estavam negros com tantos mosquitos, mas ela usava a sua pá com apatia, como se não tivesse noção de que estava a ser comida viva.”³⁴⁷²

Januzs Bardach, escravo nos *gulags*, explicou este tipo de apatia. “A única maneira de afastarmos o desespero e a depressão é não pensar. Aprendi a fechar-me a tudo, para escapar para a segurança do meu próprio espaço”³⁴⁷³, escreveu, salientando que “apenas os movimentos mecânicos importavam: escavar a terra, arrancar o permafrost, carregar e descarregar o carrinho de mão.”³⁴⁷⁴

Devido às funções que mais tarde assumiu de gestão de fábricas, Victor Kravchenko teve de passar a lidar diariamente com a realidade do escravagismo do seu próprio regime. “O conselho que me deram no dia da minha chegada: que me habituasse à onnipresença de prisioneiros, campos de concentração e colónias de trabalho forçado”, escreveu o dirigente comunista. “Em Pervouralsk e arredores estávamos no centro de uma das maiores regiões de trabalho escravo da Rússia ‘socialista’. Não nos podíamos afastar da principal estrada em qualquer direção sem nos depararmos com o horror. Por toda a parte se lançava um silêncio discreto sobre o assunto. Mas aqui a realidade era demasiado grande, demasiado próxima para tais reticências. Dizia-se, de uma forma casual, ‘pode-se fazer boa pesca no rio Chusovaya, um quilómetro para lá da colónia do NKVD’ ou ‘segue pela estrada para a esquerda e passa o campo de concentração’. (...) Eu tentava evitar vê-los, pois ficava deprimido durante semanas. Tinha sempre um medo terrível de me deparar com alguém de quem eu gostava, tantos eram os amigos engolidos pela super-purga.”³⁴⁷⁵

Kravchenko constatou que “os escravos nas colónias do NKVD nos Urais trabalhavam no exterior apesar do frio brutal que lhes provocava ferimentos, gangrenava e deformava. Nos campos de concentração vizinhos, homens e mulheres morriam frequentemente congelados nas florestas e nos barracões não aquecidos e cabanas de lama por detrás do arame farpado. Nas nossas instalações o sofrimento era intenso. Em suma, Pervouralsk não era

³⁴⁷² Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.198/199.

³⁴⁷³ Januzs Bardach, *op. cit.*, 1999, p.208.

³⁴⁷⁴ *Idem*, p.209.

³⁴⁷⁵ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.295.

exatamente um sítio adequado para o nosso apregoado ‘trabalho socialista’.”³⁴⁷⁶

O governante comunista soviético visitou um campo de concentração para ver os escravos para a obra de que estava encarregado e espreitou para o interior de um barracão no momento em que o guarda os mandou levantarem-se. “Os prisioneiros obedeceram com agitação, os que estavam nas camas superiores a descerem em pânico”, descreveu. “Apenas três ou quatro permaneceram deitados; estavam aparentemente demasiado doentes para se mexerem. Tratavam-se de mulheres de todas as idades e nacionalidades, jovens e velhas, mas todas igualmente andrajosas e com ar exausto. O odor denso de suor rançoso e percevejos esmagados provocou-me uma ligeira náusea. Muito pouca luz solar passava pelas janelas sujas e barradas. Várias pequenas lâmpadas estavam penduradas no teto, mas nenhuma estava ligada. O barracão apresentava-se tão frio que a nossa respiração era visível, mas as mulheres encontravam-se meio despidas. Aqui e ali uma delas, apanhada de surpresa pelas visitas inesperadas, tentava cobrir os seios com um pano, mas a maior parte parecia indiferente à sua nudez; a última gota de modéstia natural tinha-lhes sido retirada. Muitos dos rostos eram muito jovens, ainda mais eram velhos e enrugados, mas a grande maioria, pareceu-me, andava pelos vintes e trintas. (...) Ao chegarem aos campos, os prisioneiros veem-se privados de todas as cartas, fotografias de familiares e amigos e outras lembranças da liberdade. Lenços de cama e mesmo confortos elementares como escovas de dentes e tesouras eram-lhes retirados. Entregavam-lhes copos, tijelas de metal e uma colher de madeira. Mantinham estas possessões sobre as suas ‘camas’ ou penduradas nas paredes. Livros, papeis e lápis eram estritamente proibidos e, nem vale a pena dizê-lo, o mesmo acontecia com recetores de rádio. A correspondência com familiares não era permitida nem fisicamente possível. (...) Numa das paredes notei a tira puída de tecido vermelho na qual li a palavra de ordem inscrita em tinta branca: *Trabalho – o Caminho para a Reabilitação*”³⁴⁷⁷. No barracão dos homens encontrou a mesma situação, com os escravos “indescritivelmente esqueléticos e emaciados.”³⁴⁷⁸

Do mesmo se deu conta o judeu polaco Januzs Bardach quando pela primeira vez entrou num barracão de escravos dos *gulag*. “Dezenas de

³⁴⁷⁶ *Idem*, p.315.

³⁴⁷⁷ *Ibidem*, p.338/339.

³⁴⁷⁸ *Ibidem*, p.340.

prisioneiros estavam deitados nas suas pranchas que serviam de cama, alguns esticados como troncos de árvores, outros curvados como minhocas. Os seus corpos fétidos, pele pálida e translúcida e olhos encovados fizeram-me lembrar Anatoly”, descreveu este escravo dos comunistas, dizendo que “inclinei-me sobre um jovem e tentei perceber o que dizia, mas as suas palavras desarticuladas não faziam sentido. Tinha a pele amarela, o rosto coberto de suor; tremia e os seus dentes tiritavam. O hálito pútrido parecia emanar dos intestinos. Pensei que era o cheiro da morte. Senti-me esmorecer quando olhei para os prisioneiros moribundos, a minha nova morada e o complexo no qual todos os meus movimentos seriam vigiados por guardas armados. Tinha acreditado que havia um nível mínimo de humanidade nos campos – uma atenção pela vida humana para impedir que os prisioneiros morressem desnecessariamente – mas ninguém queria saber. A porta abriu-se de repente e uma multidão de prisioneiros a tossir, a fungar e a cuspir arrastou-se para o interior do barracão. Como os doentes, estas figuras em movimento pareciam troncos de árvore, devastados e quase incapazes de levantar os olhos ou mover as pernas enquanto percorriam o espaço e se deixavam cair sobre os estrados. As mãos dos prisioneiros estavam curvadas, como se segurassem um machado ou uma serra. Afiguravam-se ameaçadores mas mortalmente cansados, adormecendo no exato momento em que se deitaram.”³⁴⁷⁹

Os próprios guardas dos *gulag* se mostravam por vezes chocados. Ao chegar pela primeira vez a um campo comunista de escravos, o guarda Ivan Chistyakov registou o seguinte comentário no seu diário privado: “Não há vida aqui”³⁴⁸⁰. O impacto da chegada foi brutal. “Como se pode fazer isto às pessoas? Há beliches nus, buracos por todo o lado nas paredes, neve nos prisioneiros adormecidos, não há lenha. Uma massa de pessoas que tremem, pessoas inteligentes e instruídas. Vestidas com trapos imundos, feitos a partir do tecido da cama”, anotou, constatando que os escravos “não conseguem dormir à noite, depois passam o dia a trabalhar, muitas vezes com sapatos gastos ou sandálias tecidas por eles, sem luvas, a comer as suas refeições frias nas pedreiras. À noite, os barracões estão novamente frios e as pessoas deliram durante o sono. (...) O que eles pedem é o mínimo absoluto, o mínimo que somos obrigados a dar-lhes.”³⁴⁸¹

³⁴⁷⁹ Januzs Bardach, *op. cit.*, 1999, p.126/127.

³⁴⁸⁰ Ivan Chistyakov, *op. cit.*, 2017, p.4.

³⁴⁸¹ *Idem*, p.10.

Observar o “sistema de trabalho escravo”³⁴⁸² em ação era um “inferno dantesco”³⁴⁸³, nas palavras de Victor Kravchenko. “Ao longo dos anos vi estes escravos desgraçados em todo o tipo de condições”, admitiu este governante comunista soviético, descrevendo a seguir o pior estaleiro de escravos com que jamais se deparou: “Nunca imaginei que veria criaturas ainda mais trágicas do que aquelas que vi nos Urais e na Sibéria. Aqui o horror parecia ter sido elevado até uma dimensão mais satânica. Estes rostos – de uma cor amarelada doentia e esvaziados de sangue – eram máscaras de morte chocantes. Estes eram cadáveres andantes, envenenados pelos químicos com os quais trabalhavam num terrível purgatório. Entre eles havia homens e mulheres que podiam ter cinquenta ou mais anos, mas também jovens nos vintes. Caminhavam numa indiferença silenciosa, como autómatos, sem olhar para a direita nem a esquerda. E estavam vestidos de forma fantástica. Muitos calçavam galochas de borracha, presas aos pés com uma fita; outros haviam envolvido os pés em trapos. Alguns vestiam roupas de camponeses; várias mulheres tinham casacos de *astrakhan* rasgados; aqui e ali notei o que restavam de bons fatos estrangeiros. Quando o desfile sombrio passava à frente do edifício onde eu o observava, uma mulher caiu redonda no chão. Dois guardas arrastaram-na; nenhum dos prisioneiros prestou a menor atenção. Estavam para além dos sentimentos, para além das reações humanas.”³⁴⁸⁴

No meio de tudo isto, o mais desconcertante era constatar como o sistema comunista havia normalizado o uso massivo da escravatura, mesmo a mais cruel. “O NKVD, representando os seus chefes regionais, concordou em fornecer à cabeça dois mil prisioneiros”, escreveu Kravchenko sobre uma reunião que teve com a polícia política comunista a propósito de um projeto industrial de que ficou encarregado em Kemerovo. “Houve muita negociação a sangue frio sobre as qualificações dos escravos a serem fornecidos e os preços a pagar. Um estranho que nos ouvisse a meio da discussão presumiria que estávamos a falar de cavalos ou mulas, não de homens e mulheres vivos. Na primeira reunião eu ouvi e disse pouco. Pensei: *então é isto o socialismo em ação numa sociedade sem classes a caminho da vida feliz...*”³⁴⁸⁵ (itálico no original).

³⁴⁸² Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.297.

³⁴⁸³ *Idem*, p.296.

³⁴⁸⁴ *Ibidem*, p.415.

³⁴⁸⁵ *Ibidem*, p.336.

Este uso massivo da escravatura foi um aspeto que na historiografia e no discurso mediático e político sobre o comunismo permaneceu durante muito tempo na sombra. “A magnitude do terror nunca foi compreendida pelo mundo exterior”, considerou Kravchenko sobre o regime que ele próprio servia. “Talvez seja demasiado vasta para poder ser assimilada. A Rússia era um campo de batalha apinhado de corpos, cheio de coágulos formados por perímetros gigantescos onde milhões de ‘prisioneiros de guerra’ trabalhavam, sofriam e morriam. Mas como pode a mente captar algo tão imenso? Apenas conseguimos ver esta ou aquela parte e avaliar o conjunto a partir das suas partes. Eu fui capaz, através do Kremlin, de obter alguns números oficiais. Não englobam toda a realidade, apenas dão pistas sobre a sua extensão e perversidade”³⁴⁸⁶. Ora “entre os comunistas próximos do trono do Kremlin, estimativas sussurradas colocavam as forças de trabalho forçado em mais de quinze milhões; nos anos seguintes a estimativa iria estar mais próxima dos vinte milhões.”³⁴⁸⁷

O conceito do uso massivo da escravatura foi aproveitado durante duas décadas pelos nazis nos *lagers*, com recurso amplo a trabalho escravo, algo de tal modo bem pesquisado e divulgado que nem vale a pena estar aqui a pormenorizar. Damo-lo por documentado. Mas é relevante notar que até o sistema de incentivos aplicado nos campos de concentração nacional-socialistas imitava os comunistas. “A ideia de oferecer incentivos materiais aos prisioneiros foi inspirada nos *gulag* soviéticos, onde o comportamento dos reclusos determinava o tamanho das suas rações”³⁴⁸⁸, observou Dave Graham. O mesmo acontecia com outros aspetos do sistema de justiça, com os nazis a criarem em 1934 os “tribunais populares” (*Volksgerichtshof*), onde membros do partido nacional-socialista faziam de júri, uma óbvia imitação dos “tribunais populares” soviéticos, onde membros do partido comunista faziam de júri.

O trabalho (escravo) “educa” e “liberta”

Igualmente a conceção nazi do trabalho nos campos de concentração como ato reformador e libertador tem inspiração comunista. É bem

³⁴⁸⁶ *Ibidem*, p.303.

³⁴⁸⁷ *Ibidem*, p.302.

³⁴⁸⁸ Dave Graham, “New book reveals horror of Nazi camp brothels”, *Reuters*, 17 de agosto de 2009.

conhecida a inscrição *Arbeit macht frei*, “o trabalho liberta”³⁴⁸⁹, a palavra de ordem usada pelos alemães antes da guerra para lutar contra o desemprego em massa no país e que se encontrava afixada nos portões de vários *lager* nazis, incluindo o Stammlager de Auschwitz, com os efeitos perversos que se conhecem. A libertação pelo trabalho dos nacional-socialistas não passava de um eufemismo nos *lager* para a morte pelo trabalho.

Acontece que esta também não era uma ideia nova. Logo após a revolução bolchevique os comunistas criaram na Rússia o conceito de que os criminosos deveriam ser reeducados pelo trabalho, noção que se encontrava em vigor nos campos de concentração bolcheviques e igualmente com efeitos perversos. “Os líderes comunistas afirmam que os Campos do Norte para Objetivos Especiais são uma espécie de reformatórios”, observou S. A. Malsagoff, o sobrevivente que pela primeira vez revelou no Ocidente o que verdadeiramente lá se passava, embora “na realidade as punições no campo, tal como os seus serviços sanitários, baseiam-se no princípio de enviar o maior número de prisioneiros mais ou menos rapidamente para o ‘outro mundo’.”³⁴⁹⁰

Muitos outros sobreviventes desses campos, que quando aí estavam encerrados eram designados *zeks*, denunciaram o mesmo. “Acolhiam os recém-chegados com estas palavras: ‘aqui vocês já não estão na república soviética, mas *soloviética*’, registou outro antigo prisioneiro dos *gulag*, Dimitri Vitkovski, “e depois diziam: vocês não vieram cá para serem reeducados, mas para serem exterminados”³⁴⁹¹ (itálico no original). Um guarda dos *gulag*, Ivan Chistyakov, confirmou essa realidade em palavras registadas no seu diário íntimo: “não há nada de correcional nestes campos de trabalhos forçados.”³⁴⁹²

A duplicidade eufemística da linguagem, chamando por exemplo “reeducação” à escravatura e ao extermínio, tornou-se uma imagem de marca do sistema concentracionário comunista que lhe permitia desmentir pela retórica o que os seus atos praticavam. “Os campos soviéticos diferem de todas as prisões na Terra não apenas devido à sua escala espantosamente gigante e às suas condições de vida assassinas, mas também à necessidade de mentir para salvar a vida”, observou o *zek* Julius Margolin, lembrando

³⁴⁸⁹ Conan Fischer, *The Rise of the Nazis*, 2ª edição, Manchester University Press, Manchester, 2002, p.63.

³⁴⁹⁰ S. A. Malsagoff, *op. cit.*, 1926, p.169.

³⁴⁹¹ Dimitri Vitkovski, *Une vie au goulag*, Éditions Belin, Paris, 2015, p.63.

³⁴⁹² Ivan Chistyakov, *op. cit.*, 2017, p.58.

que nos *gulag* “tem de se mentir incessantemente, usar uma máscara durante anos, e nunca dizer o que se pensa. Claro, nas condições soviéticas as pessoas ‘livres’ têm de mentir por medo ao regime. No entanto, no campo, onde se é constantemente vigiado ao longo de anos, o comportamento do preso determina se ele alguma vez conseguirá sair, e, nestas condições, o fingimento e a mentira são condições necessárias de autodefesa. É preciso papaguear obedientemente o que o regime diz. É preciso suprimir de vez a voz interior de protesto e da consciência. Nunca podemos ser nós próprios: essa é a coisa mais terrível e torturadora para pessoas com um espírito livre”³⁴⁹³. Margolin considerou que “a essência interior de uma pessoa deforma-se e desintegra-se sob uma tal pressão”³⁴⁹⁴, para concluir que “são estes os terrenos onde se move a ‘reeducação’ nos campos.”³⁴⁹⁵

Tudo isto precedeu as práticas nazis de que nos campos de concentração o trabalho libertava. De tal modo era assim que, antes de os nacional-socialistas colocarem a inscrição *Arbeit macht frei* à entrada dos *lager*, já os comunistas haviam colocado inscrições semelhantes sobre os portões de entrada dos *gulag*, com frases como “o trabalho é honrável, glorioso, corajoso e heróico”³⁴⁹⁶ ou “trabalhando com abnegação voltaremos ao seio da grande família dos trabalhadores”³⁴⁹⁷ ou ainda “regeneração através do trabalho”³⁴⁹⁸, com os guardas a repetirem até à exaustão a frase de Estaline “o trabalho na URSS traz honra, valor e heroísmo”³⁴⁹⁹. A “reeducação pelo trabalho”³⁵⁰⁰ dos comunistas não passava também de um eufemismo nos *gulag* para a morte pelo trabalho. Onde os comunistas disseram que o trabalho nos *gulag* reeducava, os nacional-socialistas estabeleceram que o trabalho nos *lager* libertava.

A verdade é que o trabalho dos campos de concentração comunistas e nazis nunca reeducou nem libertou; apenas embruteceu, escravizou e matou. Em bom rigor, todavia, o próprio conceito bolchevique de usar os campos de

³⁴⁹³ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.515.

³⁴⁹⁴ *Idem*, p.516.

³⁴⁹⁵ *Ibidem*, p.517.

³⁴⁹⁶ Varlam Shalamov, “Dry Rations”, *Kolyma Tales*, Penguin Books, Londres, 1994, p.145.

³⁴⁹⁷ Evgueni Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.1386/1387.

³⁴⁹⁸ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.162.

³⁴⁹⁹ Veronica Shapovalov, *Remembering the Darkness – Women in Soviet Prisons*, Rowman & Littlefield Publishers, Lanham, 2001, p.6.

³⁵⁰⁰ Wilson Bell, “One Day in the Life of Educator Khrushchev – Labour and *Kul’turnost*’ in the Gulag Newspapers”, *Canadian Slavonic Papers*, nº3 e 4, Volume 46, 2004.

concentração comunistas para a “reeducação” dos opositores políticos foi imitado pelos nacional-socialistas, que em 1941 criaram a categoria dos “prisioneiros de reeducação” nos campos de concentração nazis. “Tínhamos de salvar esta gente”, explicou Hermann Göring, “para a devolver à comunidade nacional alemã. Tínhamos de a reeducar.”³⁵⁰¹

Jamais se tratou de reeducação, mas de usar os escravos para a produção. E por produção, entenda-se produção *até à morte*, o que acontecia por execução, pelo frio e pela fome. “As pessoas que aqui estavam eram esmagadas pelo seu incrível destino de pesadelo – o destino de milhões, de gerações, de tribos, aqui reprocessados para madeira, minerais, ouro, bens materiais de exportação, e simples palha humana destinada à aniquilação”³⁵⁰², fez questão de sublinhar o *zek* Julius Margolin. “Os dias aqui estão carregados de melancolia e fúria, dor e vergonha”³⁵⁰³, registou no seu diário o guarda dos *gulags*, Ivan Chistyakov, dizendo sobre os prisioneiros: “Que completo pesadelo bárbaro o campo lhes deve parecer, como me parece a mim. Ainda me recuso a acreditar que estou a trabalhar num campo de trabalhos forçados.”³⁵⁰⁴

A economia da escravatura

Particularmente relevante é o uso do sistema concentracionário, com as suas políticas de escravatura, como instrumento de financiamento das economias dos totalitarismos socialistas nacionalistas, aspeto para o qual vários sobreviventes chamaram a atenção e que a análise dos factos pela historiografia confirma. Os regimes socialistas nacionalistas perceberam que, para distribuir riqueza, era preciso ir buscá-la a algum sítio, pois não podiam distribuir o que não tinham. Ora o estabelecimento de classes inteiras de população como inimigas obedeceu também à lógica de deitar a mão à sua riqueza para a repartir pelas clientelas do regime.

É sobejamente conhecida a maneira como os nacional-socialistas atacaram a comunidade judaica para lhe pilharem a riqueza e financiarem assim as suas políticas, incluindo as políticas redistributivas. Mas é importante compreender que a mesma lógica existiu previamente no bolchevismo, estabelecendo-se assim mais um nó sequencial entre comunismo e nazismo. As grandes fomes da União Soviética, por exemplo,

³⁵⁰¹ Laurence Rees, *Holocausto – Uma Nova História*, Vogais, Amadora, 2017, p.92/93.

³⁵⁰² Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.764.

³⁵⁰³ Ivan Chistyakov, *op. cit.*, 2017, p.13.

³⁵⁰⁴ *Idem*, p.39.

tiveram origem parcial no saque da produção agrícola dos camponeses para financiar as cidades e a industrialização, prática que provocou a morte à fome ou em campos de concentração de milhões de pessoas.

Os nazis imitaram esta prática quando se apoderaram do ouro dos judeus assassinados nos campos de morte para financiar a sua economia. Os nacional-socialistas chegavam a arrancar os dentes de ouro dos gaseados para os fundir e fazer barras de ouro. Como se isso não bastasse, os nacional-socialistas recorreram aos escravos dos *lager* para manter a produção alemã, o que foi assegurado pela WVHA, o Gabinete Administrativo e Económico SS encarregado da gestão e uso da mão-de-obra escrava no aparelho produtivo do país.

Os sistemas de escravatura comunista e nazi serviram para financiar políticas sociais em regimes de penúria. “As práticas supremacistas, esclavagistas e anti-semitas não eram marginais nem acessórias no sucesso deste socialismo”, observou Jean-Louis Vullierme sobre o nacional-socialismo. “Tal como os antigos romanos tinham evitado lançar impostos na metrópole e os reservaram para as províncias, e tal como a prosperidade inglesa assentava em parte nos rendimentos do Raj, a pilhagem da propriedade dos judeus e dos países conquistados foi a condição *sine qua non* do financiamento do socialismo nazi. Captando os capitais, o imobiliário e os ativos de todos os géneros detidos pelos seus alvos e apropriando-se gratuitamente dos recursos das zonas invadidas, o nazismo arranjou os meios para pôr em prática uma fiscalidade ligeira e redistributiva, mesmo durante o esforço de guerra, e para construir um Estado-providência mais avançado do que o de Roosevelt. Por tudo isto, o seu socialismo concorreu para o extermínio tanto como o seu nacionalismo: o primeiro justificou-o e o segundo financiou-o.”³⁵⁰⁵

Acontece que também os comunistas integraram a sua legião de escravos no sistema produtivo soviético, inclusivamente com contratos de produção assinados a partir de 1926 pelo complexo dos *gulag* com organismos económicos do Estado. Não é por acaso que o NKVD, a polícia política que geria os *gulag*, se tornou o maior fornecedor de mão-de-obra de toda a União Soviética e que foi o NKVD quem construiu *todas* as linhas de comboio no país entre 1940 e 1953. Solzhenitsyn explicou que em “cada cidade, cada

³⁵⁰⁵ Jean-Louis Vullierme, *op. cit.*, 2015, p.280/281.

distrito, cada unidade militar recebia uma quota específica de detenções para realizar a uma determinada hora.”³⁵⁰⁶

Esta informação é confirmada indiretamente por Victor Kravchenko, que ouviu as seguintes palavras da boca de um alto funcionário dos *gulag* durante uma reunião para arranjar escravos para uma obra do Estado soviético: “‘Mas, camarada Kravchenko, seja razoável’, interrompeu-me ele. ‘Afinal, o seu Sovnarkom não é o único a implorar por trabalhadores. A Comissão de Defesa do Estado precisa deles, o camarada Mikoyan faz da nossa vida um inferno, Malenkov e Vosnessensky precisam de trabalhadores, Voroshilov exige construtores de estradas. Naturalmente que todos acham que o seu trabalho é o mais importante. O que podemos fazer? *O facto é que não preenchemos ainda os nossos planos para as detenções.* A procura é maior do que a oferta”³⁵⁰⁷ (itálico no original).

Note-se a expressão “*não preenchemos ainda os nossos planos para as detenções*”. Ou seja, os comunistas soviéticos não detinham pessoas por suspeita de culpa, mas por quotas pré-estabelecidas. E porquê quotas? Porque o que orientava o processo não era evidentemente a culpa dos reclusos, mas a necessidade de obter mão-de-obra barata na quantidade certa. E que mão-obra é mais barata do que a gratuita – isto é, a escrava?

Quando falavam com os *zeks*, os próprios participantes na engrenagem concentracionária do regime comunista reconheciam que as detenções nada tinham a ver com crimes realmente cometidos. “Sabemos que não és culpado e que não fizeste nada de mal”, admitiu um inquisidor numa das detenções de Dimitri Vitkovski para os *gulag*, mas mesmo assim o prisioneiro cumpriu a pena de trabalho forçado não remunerado em obediência ao “novo princípio do ‘castigo por crimes que não foram cometidos’”³⁵⁰⁸, na verdade um mero pretexto para angariar mão-de-obra escrava. “A *detenção* era uma lotaria”, admitiu Solzhenitsyn, embora salientando um detalhe: “eles lançavam uma rede geral e faziam detenções em função das quotas pré-estabelecidas, é certo, mas todos os que *contestavam em público* eram apanhados nesse mesmo minuto!”³⁵⁰⁹ (itálico no original).

O sistema das detenções por quotas, concebido pelo regime comunista para “recrutar” escravos para o sistema produtivo, criou até uma mecânica judicial muito específica para criar uma vaga aparência de legalidade. “Estar

³⁵⁰⁶ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.29.

³⁵⁰⁷ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.405/406.

³⁵⁰⁸ Dimitri Vitkovski, *op. cit.*, 2015, p.30.

³⁵⁰⁹ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.324.

presente como testemunha em detenções tornou-se quase uma profissão”, observou outra das vítimas dos comunistas, a escritora Nadezhda Mandelstam, constatando que “em cada grande prédio de apartamentos o mesmo par previamente designado era regularmente chamado, e nas províncias as mesmas duas testemunhas eram usadas para toda uma rua ou bairro. Levavam uma vida dupla, desempenhando de dia a função de mecânicos, porteiros ou canalizadores (será por isso que todas as nossas torneiras pingam?) e de noite a de ‘testemunhas’”³⁵¹⁰ (parênteses no original).

Um decreto emitido em 1928 pelo Conselho dos Comissários do Povo ordenou “o ‘maior uso de prisioneiros’ na execução de projetos económicos”³⁵¹¹, com o número dois do regime, Vyacheslav Molotov, a declarar em 1932 que tal era “lucrativo para a sociedade”³⁵¹². O sistema concentracionário foi assim formalmente integrado no plano económico soviético. Evguenia Ginzburg constatou que, quando no seu campo dos *gulag* houve um “repentino aumento de doenças e de mortes e, como consequência inevitável, o total fracasso dos planos económicos do *sovkhoz* de Yelgen”, logo “foram tomadas algumas medidas humanitárias” para manter viva a mão-de-obra escrava, pois senão, como alguém questionou, ““quem vai realizar o plano?””³⁵¹³

As vidas dos prisioneiros dos campos de concentração comunistas só tinham valor na medida em que eles eram fundamentais para garantir a produção do país. O número de escravos tinha de ser assegurado independentemente de quem tais escravos eram. “Vivíamos entre pessoas que desapareciam para o exílio, campos de trabalho ou o outro mundo, e também entre aqueles que os enviavam para lá”, constatou Nadezhda Mandelstam, dizendo que “o velho provérbio russo de que a prisão ou a pobreza aguardam cada homem nunca foi tão verdadeiro.”³⁵¹⁴

As pessoas eram feitas prisioneiras e enviadas para os *gulag* não por terem cometido algum crime, mas por necessidade de se arranjar mão-de-obra gratuita, isto é escravos, para o aparelho produtivo do país, o que explica o sistema de quotas de pessoas a deter. “Uma libertação é de novo uma

³⁵¹⁰ Nadezhda Mandelstam, *op. cit.*, 1983, p.7.

³⁵¹¹ Arno Mayer, *The Furies – Violence and Terror in the French and Russian Revolutions*, Princeton University Press, Princeton, 2002, p.642.

³⁵¹² Robert Gellately, *op. cit.*, 2008, p.257.

³⁵¹³ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.801.

³⁵¹⁴ Nadezhda Mandelstam, *op. cit.*, 1983, p.37.

detenção”, registou Aleksandr Solzhenitsyn, “porque neste país, quando alguém é libertado, tem de haver uma detenção noutra parte”³⁵¹⁵. Ou então condenava-se o escravo a uma nova pena, geralmente sob pretextos fictícios. “As sentenças na verdade importam pouco, uma vez que raros são libertados”, observou o governante comunista soviético Victor Kravchenko, chamando a atenção para o facto de que os escravos “não são libertados automaticamente no final das penas mas apenas sob ordens especiais do NKVD em Moscovo, que habitualmente prolonga arbitrariamente as sentenças para manter os seus exércitos de trabalhos forçados na força máxima.”³⁵¹⁶

Se por acaso os *zeks* já tinham sido libertados, o mais provável é que voltassem a ser presos. “Todos os *zeks* deambulavam cheios de abatimento e, quando se encontravam na rua, em vez de se cumprimentarem comunicavam num sussurro os novos nomes de pessoas detidas”, registou Ginzburg. “Nenhuma delas havia sido posta em liberdade e o seu destino era ocultado pelo mais absoluto segredo”³⁵¹⁷. A própria Ginzburg foi detida uma segunda vez nessa ronda decretada pelas autoridades comunistas para prender antigos *zeks* pela ordem alfabética, e soube que era “suspeita de realizar atividades terroristas” no infantário onde trabalhava. “‘Isso só se escreve para cumprir as normas’”, esclareceu o funcionário comunista que conduziu o interrogatório, para perguntar em tom retórico: “‘que outra coisa haveríamos de pôr?’”³⁵¹⁸ O coronel da polícia política que a interrogou a seguir também assumiu que “‘sabemos que você é totalmente inocente’”³⁵¹⁹, mas esclareceu que “‘está fora das minhas possibilidades tirar daí todas as conclusões que se impõem’.”³⁵²⁰

Não importavam os pretextos para as detenções. “Parece que sou organizador de um vasto complô antissoviético..., que produzi veneno para exterminar os membros do governo..., que militares participaram neste complô”, escreveu Vitkovski, o *zek* várias vezes preso e deportado para os *gulag* sem saber porquê. “Muito mais tarde – trinta anos depois – na sequência de um julgamento do Supremo Tribunal soube que os conspiradores eram trinta e três, que o processo se chamava ‘o caso dos trinta

³⁵¹⁵ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.444.

³⁵¹⁶ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.340.

³⁵¹⁷ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.1286.

³⁵¹⁸ *Idem*, p.1307.

³⁵¹⁹ *Ibidem*, p.1316.

³⁵²⁰ *Ibidem*, p.1317.

e três' e que o complô nunca existiu"³⁵²¹. A inexistência de razões verdadeiras para a detenção era conhecimento comum. "Nunca perguntámos, ao ouvir a notícia de uma detenção, 'porque foi ele detido?'" , recordou Nadezhda Mandelstam, enfatizando que desde 1917 "a maior parte das pessoas, enlouquecidas pelo medo, faziam esta pergunta apenas para darem a si próprias alguma esperança: se os outros eram detidos por alguma razão, então elas não seriam detidas porque não tinham feito nada de errado"³⁵²². A verdade é que, "se acontecia a todos os outros, porque não haveria de nos acontecer a nós?"³⁵²³

As detenções sob os pretextos mais absurdos são mencionadas desde que se sabe da existência dos *gulag*. "As razões pelas quais as pessoas têm sido transportadas para as Solovky são tão variadas e muitas vezes sem qualquer base que não podemos deixar de supor que se tratem de invenções puras da 'jurisprudência' *chekista*"³⁵²⁴, observou o autor da primeira denúncia da existência do sistema concentracionário comunista, S. A. Malsagoff, dando múltiplos exemplos de pessoas presas no tempo de Lenine porque eram familiares de alguém, por conspirações de que nunca ouviram falar ou por atos simples, como um judeu moscovita e outros russos acusados de conspiração económica por terem colaborado com a ARA, a agência americana de ajuda alimentar, na distribuição de alimentos na Rússia durante a grande fome de 1920-1921. Malsagoff identificou mesmo o caso de um homem chamado Witte (Branco) que foi detido e deportado "porque tinha um 'nome contrarevolucionário'!"³⁵²⁵

Nem os próprios comunistas escapavam a esta prática kafkiana, como se demonstra pelos processos-fantoches da década de 1930. São conhecidos os julgamentos-espetáculo de grandes figuras do partido, como o processo Zinoviev-Kamenev ou o processo Bukharin-Rykov, mas situações semelhantes decorriam a todos os níveis. "A histeria chegou a um ponto que os nervosos militantes do Partido iam para a cama vestidos, 'pelo sim pelo não'", revelou Victor Kravchenko, admitindo que "como quase todos os outros, eu tinha uma pequena mala com tudo o que um homem usava na prisão: roupa interior, meias, lenços, uma manta"³⁵²⁶. Não era caso para

³⁵²¹ Dimitri Vitkovski, *op. cit.*, 2015, p.58.

³⁵²² Nadezhda Mandelstam, *op. cit.*, 1983, p.10.

³⁵²³ *Idem*, p.12.

³⁵²⁴ S. A. Malsagoff, *op. cit.*, 1926, p.102.

³⁵²⁵ *Idem*, p.111.

³⁵²⁶ Victor Kravchenko, *op. cit.* 1947, p.215.

menos. A dado momento, constatou este governante comunista, “centenas de comissões de purga estavam a ser formadas. Em breve iriam começar as suas sessões públicas em fábricas, gabinetes, instituições, escolas. (...) Mais do que nunca estávamos conscientes daqueles invisíveis mas obíquos olhos e ouvidos; das pastas gordas onde as nossas vidas privadas e pensamentos estavam registados; dos inimigos pessoais que podiam usar a oportunidade para expor os nossos pecados reais ou imaginários.”³⁵²⁷

Veja-se o caso da primeira detenção de Evguenia Ginzburg. Esta fiel comunista publicou na revista *Revolução Proletária* um curto comentário aos quatro volumes da *História do Partido Comunista Bolchevique*, de Nikolái Yelvov. Acontece que Estaline ficou desagradado com um trecho e automaticamente Yelvov caiu em desgraça. Ginzburg foi convocada para uma reunião na revista e, para sua surpresa, descobriu que ela própria estava a ser arrastada para a confusão. “Eu não tinha denunciado Yelvov”, acusaram-na. “Eu não tinha escrito nenhuma recensão que condenasse de forma irreparável a compilação de material sobre a história da Tartária que ele havia preparado”³⁵²⁸ e “nunca tinha intervindo contra ele durante as reuniões”³⁵²⁹. De nada lhe adiantou lembrar que em nenhuma reunião alguém se tinha pronunciado contra Yelvov nem que Yelvov era no tempo anterior uma pessoa respeitada no partido. “Cada reunião tinha o seu prato do dia”, escreveu Ginzburg, enumerando-os: “um ‘arrependia-se’ por não ter compreendido corretamente a teoria da revolução permanente e de se ter absterido de votar em 1923 no programa eleitoral da oposição. Um ‘arrependia-se’ pela ‘sobrevivência’ do chauvinismo de grande potência e por ter menosprezado o segundo plano quinquenal. Um ‘arrependia-se’ de ter conhecido pessoalmente um qualquer ‘pecador’ e de ter admirado o teatro de Meyerjold.”³⁵³⁰

Tratava-se de um “teatro do horror”³⁵³¹ em que “ninguém já se preocupava que as acusações ‘tivessem uma aparência de verosimilhança’”³⁵³². Ginzburg viu-se acusada de “cumplicidade com o inimigo” e de pertencer a uma organização terrorista clandestina supostamente dirigida por Yelvov, tendo sido expulsa do partido, detida,

³⁵²⁷ *Idem*, p.132.

³⁵²⁸ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.45.

³⁵²⁹ *Idem*, p.46.

³⁵³⁰ *Ibidem*, p.46/47.

³⁵³¹ *Ibidem*, p.95.

³⁵³² *Ibidem*, p.282.

interrogada, submetida a tortura do sono e da fome e condenada. Mesmo assim as acusações prosseguiram, sempre a subir de tom, até chegarem à alegação de integração num “grupo terrorista contrarrevolucionário, trotskista... que se propunha à restauração do capitalismo e à eliminação física dos dirigentes do partido e do governo”, formulações tão absurdas que “depois de terem sido repetidas milhões de vezes se haviam convertido em lugares comuns nauseabundos, uma espécie de farsa à qual já ninguém prestava nenhuma atenção, um conto no qual todos esperavam com o coração oprimido a aparição do ogre.”³⁵³³

Ginzburg acabou deportada para os *gulag*, onde morreram grande parte das suas companheiras de infortúnio, incluindo comunistas ortodoxas que se recusavam a aceitar a realidade; ou achavam que no seu caso tinha havido um terrível erro e que logo que o bondoso líder do partido soubesse viria em seu socorro; ou, num delírio ideológico, analisavam “os motivos da nossa detenção à luz da teoria marxista do conhecimento, completada pela teoria leninista do imperialismo”³⁵³⁴. Conheceu aí muitas histórias de pessoas presas “‘por nada’. Pela profissão, pela nacionalidade, pela família...”³⁵³⁵

Entre os muitos exemplos de condenações absurdas dados por esta sobrevivente dos campos de concentração comunistas, inclui-se a do seu segundo marido, o médico Anton Yakovlevich, sentenciado a dez anos de trabalhos forçados, isto é escravidão, por atividade contrarrevolucionária. A instrução do seu processo acusava-o de incitamento aos doentes para que se rebelassem contra o regime comunista. Isto porque, durante uma visita às enfermarias, o doutor Yakovlevich disse a um doente tuberculoso: “‘do que você necessita não são de medicamentos, mas de uma alimentação mais substancial’.”³⁵³⁶ *Dez anos* de trabalhos forçados por ter dito isto. “Quem sabe que pretexto escolherão amanhã?”, questionou Ginzburg. “Talvez a cor dos cabelos? Os ruivos, por exemplo, não serão suspeitos por causa da sua melena flamejante?”³⁵³⁷

O mero elogio de qualquer coisa existente no Ocidente era também motivo para se ser enviado para os *gulag*. Aleksandr Solzhenitsyn contou que, no curto período em que esteve nas boas graças do regime de Nikita Khrushchev, os juizes do Supremo Tribunal da URSS contaram-lhe que “um

³⁵³³ *Ibidem*, p.295.

³⁵³⁴ *Ibidem*, p.1300.

³⁵³⁵ *Ibidem*, p.878.

³⁵³⁶ *Ibidem*, p.929.

³⁵³⁷ *Ibidem*, p.878.

cidadão soviético foi aos Estados Unidos e no regresso disse que eles (os americanos) tinham boas estradas. O KGB prendeu-o e exigiu que ele fosse condenado a dez anos, mas o juiz respondeu: ‘não tenho objeção, mas não existe prova suficiente. Podem encontrar algo mais contra ele?’ Então o juiz foi exilado para as Sakhalin por se ter atrevido a contrargumentar e condenaram o outro homem a dez anos. Imaginem a ‘mentira’ que ele disse! E que grande ‘elogio’ isto era para o imperialismo americano: na América havia boas estradas! Dez anos”³⁵³⁸. Solzhenitsyn indicou que “o mero conhecimento de um americano, e Deus nos livre de nos sentarmos com ele num café ou num restaurante, significa uma pena de dez anos por suspeita de espionagem.”³⁵³⁹

Na verdade, nem eram precisos motivos para as condenações. Qualquer invenção bastava. Solzhenitsyn resumiu toda a metodologia kafkiana do regime comunista a duas frases enunciadas por um dos seus inquisidores. “O interrogatório e o tribunal são mera corroboração judicial”, disse esse inquisidor citado pelo autor de *O Arquipélago de Gulag*. “Eles não podem alterar o teu destino, que já foi *previamente* decidido” (itálico no original). A arbitrariedade era tal que a polícia política comunista adotou um lema elucidativo: “deem-nos uma pessoa – nós criamos o caso.”³⁵⁴⁰

Os prisioneiros políticos, étnicos e de classe forçados a trabalhar nos quase quinhentos campos de concentração dos *gulag* operavam em quase todas as indústrias existentes na União Soviética, tendo chegado ao ponto de produzir um terço do ouro e uma importante fatia do carvão e da madeira do país. “O trabalho não remunerado de milhões de escravos”³⁵⁴¹, escreveu Solzhenitsyn, levou a que “o trabalho forçado era organizado de tal maneira que o prisioneiro nada ganhava pelo seu labor, mas o Estado obtinha lucro por ele”³⁵⁴², o que significava que “não era o número de ‘criminosos’ genuínos (ou mesmo ‘pessoas duvidosas’) que determinava as atividades dos tribunais – mas as necessidades da atividade económica”³⁵⁴³ (parênteses no original).

O governante comunista soviético Victor Kravchenko confirmou-o. “A nossa indústria tornou-se cada vez mais dependente de vastos exércitos de

³⁵³⁸ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2019, p.30.

³⁵³⁹ *Idem*, p.29.

³⁵⁴⁰ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.68.

³⁵⁴¹ *Idem*, p.216.

³⁵⁴² *Ibidem*, p.193.

³⁵⁴³ *Ibidem*, p.291.

prisioneiros, cujas fileiras engordaram para dimensões sem precedentes devido às detenções de guerra”, escreveu. “Nos círculos oficiais os vinte milhões tornaram-se uma estimativa aceite desta reserva de mão-de-obra. A estimativa não inclui rapazes e raparigas dos 14 aos 16 retirados dos pais à força e colocados em regiões e indústrias onde a falta de mão-de-obra era mais sentida. As indústrias de guerra da URSS, tais como as da Alemanha, assentavam sobretudo em trabalho escravo. A principal diferença reside no facto de que Berchtesgaden escravizava estrangeiros de países conquistados, enquanto o Kremlin escravizava o seu próprio povo”³⁵⁴⁴. Tal como o fascismo, o comunismo tornou-se produtivista, tendo Solzhenitsyn constatado existirem até “instruções nos *gulag*” que “também proibiam relações amorosas por constituírem ações de distração em relação ao plano de produção.”³⁵⁴⁵

Ou seja, ainda antes do nacional-socialismo já o comunismo organizava escravatura em massa para manter o seu sistema produtivo e assim financiar as suas políticas sociais. “O trabalho dos *zeks* era necessário para tarefas degradantes e particularmente pesadas, que ninguém, sob o socialismo, estava disposto a executar”³⁵⁴⁶, observou Solzhenitsyn. “Os campos foram transformados num setor da economia soviética³⁵⁴⁷”, confirmou Margolin, sublinhando que “os campos deveriam gerar rendimentos ao Estado soviético (...) A administração penal, que procurava favores e prémios, fazia todos os esforços para ultrapassar o plano (...) De maneira a produzir, submetiam as pessoas que apenas cumpriam cem por cento do plano a condições de fome insuportável (...) Um método de ‘competição laboral’ era estabelecida. Em liberdade, chamava-se a isto ‘competição socialista’.”³⁵⁴⁸

A importância dos escravos no aparelho económico comunista era de tal modo grande que Victor Kravchenko se lembra de que “quando estava na Sovnarkom ouvi falar muito nos problemas especiais colocados pelos campos de concentração e pelas prisões quando evacuávamos território durante o avanço alemão. Era ainda mais importante retirar a população escrava do que os cidadãos livres. A sua força laboral constituía um valor económico que valia a pena salvar.”³⁵⁴⁹

³⁵⁴⁴ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.404.

³⁵⁴⁵ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.236.

³⁵⁴⁶ *Idem*, p.291.

³⁵⁴⁷ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.494.

³⁵⁴⁸ *Idem*, p.495.

³⁵⁴⁹ *Idem*, p.405.

Os próprios prisioneiros dos *gulag* percebiam que não passavam de escravos. “O coronel Garanin, cônsul de Estaline naquela terra gelada de Kolyma, era o imperador e autocrata de todo o território”, escreveu a comunista Evguenia Ginzburg, sublinhando que ele “estava empenhado de corpo e alma nos interesses da produção. E mantinha-se tão estritamente fiel ao seu programa de extração de ouro que não continha a sua justa cólera sempre que via um inimigo do povo que, fingindo alguma doença ou debilidade provocada pela fome, empurrava devagar o seu carrinho. Nessas alturas, o coronel Garanin, que era de natureza impulsiva e fogosa, sacava da sua pistola e abatia o fingido, que caía morto na galeria da mina”³⁵⁵⁰. Situações destas multiplicavam-se com outros oficiais, o que levou Ginzburg a sublinhar que estes comportamentos “não eram casos excepcionais, mas constituíam um aspeto adicional do bem elaborado plano geral”³⁵⁵¹. Forçando as pessoas a trabalhar sem lhes pagar e matando os escravos “fingidos”, questionou Solzhenitsyn, “como diabo poderiam os campos de concentração não ser rentáveis?”³⁵⁵²

Crianças e mulheres nos *gulag* e nos *lager*

Num aspeto não houve relação causal entre comunismo e nazismo na escravatura, o relativo ao trabalho infantil. Comunismo, fascismo e nacional-socialismo eram ou tornaram-se ideologias produtivistas, isto é, obcecadas com a produção. No entanto, se bolchevismo e nazismo recorreram ambos amplamente a trabalho escravo para garantir essa produção, algo que o fascismo não fez, no que diz respeito às crianças escravas as políticas de ambos os regimes foram diferentes.

Embora com algumas exceções, os nazis optavam em regra por matar as crianças logo que entravam nos campos de concentração. Consequentemente, apenas o comunismo apostou no trabalho infantil em massa, com o recurso a um total de nove milhões de crianças forçadas pelo regime soviético a trabalhar para o Estado.

Um testemunho é o de Victor Kravchenko. “A magnitude do trabalho infantil na Rússia manteve-se por algum motivo inteiramente desconhecida fora do país”, constatou o dirigente comunista soviético, notando que “mesmo dentro de fronteiras foi rodeada por muito secretismo e, claro,

³⁵⁵⁰ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.744.

³⁵⁵¹ *Idem*, p.746/747.

³⁵⁵² Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.293.

ocultada por palavras de ordem hipócritas. A essência do sistema, despido da camuflagem verbal, é a compulsão. Milhões de crianças são retiradas de suas casas contra a sua vontade e a vontade dos seus pais e atiradas para as indústrias numa base de ‘mobilização’ sem levar em conta as suas preferências. (...) Rodeado por lindas palavras de ordem, o procedimento constituía um recrutamento de trabalho infantil. As crianças eram arrancadas dos braços das suas mães e pais ‘para o seu próprio bem’, claro. (...) As cruéis cenas de separação, com os jovens a chorarem e a debaterem-se, com os familiares num pranto e a lamentarem-se, tornaram-se cada vez mais familiares.”³⁵⁵³

Num outro aspeto, o das relações dos carcereiros com as prisioneiras, as semelhanças entre comunismo e nazismo revelaram-se vagas. Nos campos de concentração nacional-socialistas eram estritamente proibidas as relações entre guardas e reclusas, sobretudo relações sexuais. Há, no entanto, casos registados de violação dessa proibição nos *lager*, incluindo violações de mulheres. “SS bêbados por vezes apareciam no nosso barracão; a porta abria-se subitamente e eles entravam nas suas motos”, contou a sobrevivente judia Ruth Elias, dizendo que “jovens judias eram arrancadas dos seus estrados, levadas para outro sítio e violadas”, sendo que “não consigo descrever o estado lastimável destas pobres mulheres quando regressavam aos barracões.”³⁵⁵⁴

O SS Gerhard Palitzsch foi surpreendido com uma judia letã e acabou expulso das SS. Wilhelm Boger, da Gestapo de Auschwitz, teve de matar uma prisioneira polaca para que não se provasse a sua ligação a ela. O próprio comandante de Auschwitz, Rudolf Höss, tentou matar uma reclusa com quem se envolvera, mas ela foi salva por um médico nazi. O juiz SS Konrad Morgen tentou punir o comandante Höss e este acabou afastado de funções. Naturalmente que estas proibições de relações entre guardas e reclusas nada tinham a ver com a proteção das mulheres, mas com as políticas raciais nazis, designadamente os “crimes contra a raça”³⁵⁵⁵. Por razões raciais e eugénicas, os nacional-socialistas não toleravam os cruzamentos entre arianos e não arianos.

Já nos campos de concentração comunistas não existiam estas restrições e a beleza das prisioneiras constituía uma verdadeira maldição para estas. Há

³⁵⁵³ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.406.

³⁵⁵⁴ Ruth Elias, *op. cit.*, 1998, p.120.

³⁵⁵⁵ Hermann Langbein, *op. cit.*, 2011, p.399.

relatos de chantagens em troca de favores sexuais e de sistemáticas violações em massa por parte dos guardas. “Deportar uma mulher honesta para as Solovky é em alguns meses transformá-la em algo pior do que uma prostituta – um pedaço de carne inerte, suja, um objeto de licitação à disposição em primeiro lugar, e sobretudo, do próprio pessoal do campo”, observou S. A. Malsagoff, o sobrevivente dos *gulag* que pela primeira vez denunciou o que se passava nos campos de concentração comunistas, dizendo que “cada chekista nas Solovky tem de três a cinco concubinas ao mesmo tempo” num ambiente de “bebedeira universal, deboche indescritível, ladroagem, sujeira, sífilis.”³⁵⁵⁶

O comandante dos *gulag*, Fyodor Mochulsky, confirmou laconicamente esta informação ao descrever o que acontecia a uma rapariga enviada para os campos de concentração que ele próprio chefiou. “No campo, fossem quais fossem as suas forças e vontade, as circunstâncias existentes podiam corrompê-la ‘completamente’ e torná-la uma prostituta”³⁵⁵⁷, escreveu Mochulsky, concluindo que, apesar de ter sido comandante de dois campos comunistas, “eu não podia fazer nada”³⁵⁵⁸. O guarda dos *gulag*, Ivan Chistyakov, anotou no seu diário: “só de pensar que as mulheres podem cair tão baixo.”³⁵⁵⁹

O comandante e o guarda dos *gulag* não forneceram pormenores sobre as violações de mulheres nesses campos, mas muitos prisioneiros deram-nos. S. A. Malsagoff revelou que havia “um harém normal no campo” e que os comunistas recrutavam criadas entre as reclusas, sendo que “são habitualmente escolhidas as mais jovens e bonitas, e os chekistas são livres de fazer delas o que bem entenderem”, pois “os soldados vermelhos que guardam o campo violam as mulheres sem serem punidos”³⁵⁶⁰. As mulheres eram mesmo “oficialmente” divididas em “mulheres de um rublo”, “mulheres de meio rublo” e “mulheres de quinze kopek”, bastando a um oficial ordenar “tragam-me uma mulher de um rublo”³⁵⁶¹ para que fosse satisfeito.

³⁵⁵⁶ S. A. Malsagoff, *op. cit.*, 1926, p.134.

³⁵⁵⁷ Fyodor Mochulsky, *op. cit.*, 2011, p.148.

³⁵⁵⁸ *Idem*, p.149.

³⁵⁵⁹ Ivan Chistyakov, *op. cit.*, 2017, p.20.

³⁵⁶⁰ S. A. Malsagoff, *op. cit.*, 1926, p.135.

³⁵⁶¹ *Idem*, p.136.

Também a sobrevivente Evguenia Ginzburg mencionou que nos *gulag* se “embriagavam com álcool puro, fornicavam, roubavam e blasfemavam”³⁵⁶² e contou ter sido “rodeada por um enxame de licitadores, chefes de grupo e guardiães sem armas que, com gargalhadas abjetas, discutiam à minha frente sobre quem me iria possuir”³⁵⁶³. Sobre este tema, que abordou quase sempre por meias-palavras, Ginzburg deixou uma frase cheia de subentendidos: “não quero descrever as suas orgias, ainda que tenha tido de suportar algumas delas na qualidade de testemunha forçada.”³⁵⁶⁴

Porém, Ginzburg acabou mesmo por relatar, embora se dar grandes pormenores, a pior situação que viveu. “Um sábado à noite, depois do toque a recolher, a porta do barracão abriu-se subitamente com uma força capaz de a arrancar das dobradiças”, contou. “O corpo da guarda de Izvestkovaya apareceu na sua totalidade, e até reforçado: uma dezena de homens. A erupção daquele bando de soldados embriagados no barracão foi tão repentina que todas pensámos que se tratava de uma inspeção. Mas não era assim: naquela ocasião, os soldados vinham para assuntos pessoais. Para uma orgia massiva, fétida, espantosa”. Ginzburg registou que “os gritos agudos das raparigas se misturaram com os berros obscenos e as risadas daqueles homens transformados em bestas pela embriaguez.”³⁵⁶⁵

O judeu polaco Janusz Bardach, igualmente ele escravo nos *gulag*, assistiu a violações em massa de mulheres, mas igualmente de homens, perpetradas pelos próprios prisioneiros perante a passividade dos guardas soviéticos. “Um homem jovem estava deitado de barriga e outro homem estava em cima dele, abraçando-o pelo peito e movendo as ancas para a frente e para trás”, descreveu. “Respirava pesadamente, enquanto o jovem por baixo dele gemia e gritava. Os espectadores berravam. Captei o rosto contorcido do jovem. (...) Vi prisioneiros a lutarem selvaticamente uns contra os outros por *paika* ou por uma passa num cigarro; ouvi-os praguejar, gritar e gemer; cheirei os seus corpos em decadência e a apodrecer; vi-os morrer. Eu podia ser forçado a deitar-me num banco neste ou em qualquer outro banheiro e ser repetidamente violado não pelos meus opressores – que eu considerava serem os guardas do NKVD – mas pelos outros prisioneiros.”³⁵⁶⁶

³⁵⁶² Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.640.

³⁵⁶³ *Idem*, p.645.

³⁵⁶⁴ *Ibidem*, p.723.

³⁵⁶⁵ *Ibidem*, p.885.

³⁵⁶⁶ Janusz Bardach, *op. cit.*, 1999, p.125.

Outro escravo dos *gulag*, Julius Margolin, evitou os pormenores. “Os campos, nos quais dez a quinze milhões de pessoas no seu apogeu físico vivem longos anos, condenam-nos à infertilidade e a paixões substitutas – os homens à depravação e as mulheres à prostituição”³⁵⁶⁷, escreveu, indicando que “os médicos, que tinham o poder mágico de libertar as pessoas do trabalho, os gestores das cozinhas, os inspetores e os chefes de unidades precisavam de mulheres. E toda a população dos barracões femininos estava à sua disposição”³⁵⁶⁸. A consequência era que “para as mulheres (...) o campo de trabalho (...) é uma escola de prostituição”, pois “a única maneira que uma jovem mulher tem de sobreviver, na maior parte das vezes raparigas de dezassete ou dezoito anos enviadas para os campos devido a uma palavra incauta ou por causa das suas origens, é vender-se em troca de pão, roupas, trabalho menos duro ou a proteção do chefe (...) Após dez anos no campo, de qualquer modo, transformam-se em destroços, trapos humanos gastos”³⁵⁶⁹. Quando engravidavam e davam à luz, “as crianças eram-lhes retiradas.”³⁵⁷⁰

A fome nos *gulag* e nos *lager*

Confrontado com as fomes que o seu regime provocara em Petrogrado, Lenine não só não as negou como sugeriu que elas haviam sido intencionalmente criadas pelas políticas socialistas. “Quem não trabalha não come”, determinou, afirmando que “nesta verdade simples, elementar e perfeitamente óbvia está a base do socialismo”³⁵⁷¹. Ou seja, matar à fome era por ele encarada como uma ação revolucionária comunista perfeitamente legítima.

Os escravos que sobreviveram aos *gulag* confirmam esta prática. “Recebíamos estritamente o pão correspondente ao trabalho produzido”, indicou o sobrevivente Dimitri Vitkovski, para quem a regra nos campos comunistas era: “dá-nos os teus metros cúbicos e receberás o teu pão”³⁵⁷². Quando um prisioneiro forçado a trabalho não remunerado adoecia e os companheiros inscreviam solidariamente o seu nome como tendo

³⁵⁶⁷ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.507.

³⁵⁶⁸ *Idem*, p.509.

³⁵⁶⁹ *Ibidem*, p.510.

³⁵⁷⁰ *Ibidem*, p.512.

³⁵⁷¹ Vladimir Lenine, “On the Famine”, *Pravda*, 22 de maio de 1918, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

³⁵⁷² Dimitri Vitkovski, *op. cit.*, 2015, p.99.

trabalhado, para que pudesse receber pão, estavam a cometer um crime e corriam riscos. “Segundo o código de trabalho, dar um pão que não corresponde ao trabalho produzido por um detido é considerado um roubo, um crime grave”, explicou Vitkovski, sublinhando que “se o nosso estratagema fosse descoberto, todos nós – incluindo eu – seríamos severamente punidos”³⁵⁷³. Evguenia Ginzburg falou mesmo em “fome perpétua”³⁵⁷⁴ nos *gulag*, sublinhando que “havia muitos mortos no campo”³⁵⁷⁵ onde se encontrava.

A fome é apontada pelos sobreviventes como o método mais comum de provocar a morte nos campos de concentração comunistas. “Os prisioneiros recebiam a seguinte ração: uma batata para o pequeno-almoço, cascas de batata cozidas em água quente para o jantar e uma batata para a ceia”, descreveu S. A. Malsagoff no primeiro relato a chegar ao Ocidente sobre o que realmente se passava nos campos de concentração comunistas: “estas pessoas, levadas pelas pontadas de fome a comer a casca das árvores, incapazes de se aguentarem em pé devido à exaustão, eram forçadas por torturas e tiros a executar trabalhos pesados – cavar tocos de árvores, trabalhar em pedreiras”³⁵⁷⁶. Como consequência do uso da fome como arma, “dia após dia, semana após semana, mês após mês a sensação de fome tornava-se abominável” até se revelar entre os escravos dos *gulag* uma “forma grave de psicose coletiva.”³⁵⁷⁷

A escravatura nos campos de concentração comunistas e nazis era amiúde até à morte. Um prisioneiro supervisor da primeira grande obra entregue aos escravos dos comunistas, o Canal do Mar Branco, revelou a Solzhenitsyn que “no final de cada dia de trabalho havia cadáveres espalhados pelos estaleiros” e que “à noite os trenós saíam para os recolher”³⁵⁷⁸. Nadezhda Mandelstam contou que o marido, o poeta Osip Mandelstam, “teria sido enviado” para o Canal “se não fosse a ordem de o ‘isolar mas preservar’”, pois “ninguém podia ser ‘preservado’ se fosse enviado para o Canal”, como se provava pelo caso de dois amigos que para aí tinham sido enviados como

³⁵⁷³ *Idem*, p.100.

³⁵⁷⁴ Evgueni Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.785.

³⁵⁷⁵ *Idem*, p.791.

³⁵⁷⁶ S. A. Malsagoff, *op. cit.*, 1926, p.44.

³⁵⁷⁷ *Ibidem*, p.127.

³⁵⁷⁸ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.205.

escravos e que “morreram quase imediatamente após a sua libertação – pese embora raramente terem sido usados em trabalho físico pesado.”³⁵⁷⁹

A. S. Malsagoff foi o primeiro sobrevivente dos *gulag* a denunciar esta situação, dizendo que “pude perceber, pelas declarações cândidas dos chekistas, que a GPU já não precisa de recorrer à prática normal de fuzilamentos em massa, pois medidas mais humanas – morte lenta por fome, trabalho para além da força dos prisioneiros e ‘ajuda médica’ – são substitutos perfeitamente adequados.”³⁵⁸⁰

Isto é confirmado por Fyodor Mochulsky, um oficial do NKVD que comandou campos de concentração comunistas. “A quantidade de alimentos que cada prisioneiro recebia por dia dependia do trabalho produzido nesse dia”³⁵⁸¹, indicou este comandante dos *gulag*, revelando que “os oficiais da administração do campo gritavam continuamente aos chefes de unidades pelo Selektor, exigindo uma contagem de quanto tinham os prisioneiros trabalhado, quantos tinham cumprido as suas quotas pelo período de 24 horas. Tudo o que queriam era saber quantos alimentos teriam de dar aos prisioneiros, o que estava diretamente ligado ao trabalho que tinham feito nesse dia. E para mostrar quão sérias eram as suas exigências, amaldiçoavam-nos constantemente e ameaçavam atirar-nos para a prisão a menos que ‘até amanhã todos os prisioneiros trabalhassem e cumprissem cem por cento do plano’.”³⁵⁸²

Com a fome a tornar-se endémica, o comandante dos *gulag* constatou que “uma grande percentagem eram prisioneiros cronicamente doentes”³⁵⁸³, apesar de que “quase não havia assistência médica adequada nos campos dos *gulag*”³⁵⁸⁴. Por seu turno, Margolin fez questão de enfatizar que a escravatura roubava aos prisioneiros toda a sua humanidade. “Trabalho até à exaustão e miséria eram os dois métodos de desumanizar o *Homo Sapiens* que aterrava num campo soviético”³⁵⁸⁵, escreveu, sublinhando que “o sistema dos campos desumaniza pessoas livres, tornando-as em ‘homem/cavalo força’, e os escravos são transformados em gado”³⁵⁸⁶. Os campos de concentração comunistas tornavam-se assim verdadeiros campos de morte, conforme se

³⁵⁷⁹ Nadezhda Mandelstam, *op. cit.*, 1983, p.47.

³⁵⁸⁰ A. S. Malsagoff, *op. cit.*, 1926, p.174.

³⁵⁸¹ Fyodor Mochulsky, *op. cit.*, 2011, p.xxxvi.

³⁵⁸² *Idem*, p.33.

³⁵⁸³ *Ibidem*, p.30.

³⁵⁸⁴ *Ibidem*, p.xxxvi.

³⁵⁸⁵ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.491.

³⁵⁸⁶ *Idem*, p.493.

refletia no relatório diário que Mochulsky preparava: “nesse relatório dávamos sempre o número de prisioneiros doentes, quantos tinham morrido, qual a situação alimentar, e por aí fora. Fazíamos isso todos os dias.”³⁵⁸⁷

A taxa de mortalidade nos campos de concentração comunistas era de tal modo elevada que até foram consignadas unidades de escravos para tratarem dos tantos cadáveres que se acumulavam. “Porque a taxa de mortalidade é assustadoramente alta, alguns destes campos têm brigadas especiais de prisioneiros cujo único dever, durante doze e quatorze horas por dia, é enterrar os mortos”³⁵⁸⁸, observou o governante comunista soviético Victor Kravchenko, enquanto a primeira coisa que o oficial do NKVD, Fyodor Mochulsky, notou ao entrar no primeiro campo de concentração que visitou foi que “perto dos portões no final do campo, uma brigada de carpinteiros fazia caixões.”³⁵⁸⁹

Os prisioneiros não passavam de escravos para serem explorados até à morte. “Num verdadeiro sistema de escravatura, como o que existia nos Estados Unidos antes da guerra civil, por exemplo, os escravos tinham um valor económico e recebiam por isso algum cuidado e proteção como o que era dado aos animais que trabalhavam”, indicou Kravchenko. “A posição do escravo soviético é infinitamente pior. O abastecimento é quase inesgotável e o proprietário dos escravos, o Estado soviético, aparentemente considera mais económico deixá-los morrer aos magotes do que alimentá-los e vesti-los”³⁵⁹⁰. Como confirmou a investigadora Anne Applebaum, estes escravos “desempenhavam um papel central na economia soviética”³⁵⁹¹, viabilizando o que Romain Ducoulombier designou por “orquestração da ‘superioridade’ da experiência soviética.”³⁵⁹²

A fome nos campos nacional-socialistas era tanta que nos *lager* apareceu até uma categoria de prisioneiros esqueléticos, cujas imagens cadavéricas se tornaram um dos símbolos dos campos de concentração na Alemanha e na Polónia. Nos *lager* chamavam-lhes *Muselmänner*, ou *muçulmanos*. “Penso que a expressão vem da posição que eles assumiam ao cair de esgotamento durante as chamadas intermináveis”³⁵⁹³, revelou o sobrevivente de

³⁵⁸⁷ *Ibidem*, p.34.

³⁵⁸⁸ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.341.

³⁵⁸⁹ Fyodor Mochulsky, *op. cit.*, 2011, p.33.

³⁵⁹⁰ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.341.

³⁵⁹¹ Anne Applebaum, *op. cit.*, 2003, p.xvi.

³⁵⁹² Romain Ducoulombier, *op. cit.*, 2014, p.24.

³⁵⁹³ Shlomo Venezia, *op. cit.*, 2017, p.108.

Auschwitz, Shlomo Venezia, enquanto outro sobrevivente, Hermann Langbein, os descreveu para além da sua extrema magreza: “o olhar tornava-se morno, a expressão indiferente, vazia e triste; os olhos velavam-se, os globos afundavam-se nas órbitas. A pele, que assumia uma cor acinzentada, um aspeto de papel fino e duro, ia-se, sensível a todas as infeções, sobretudo por lesões de coçagem. Os cabelos desgrenhados e sem graça partiam-se facilmente. A cabeça parecia alongar-se; molares e órbitas saíam. O doente respirava lentamente, falava baixo e com muita dificuldade.”³⁵⁹⁴

O problema é que também os campos de concentração comunistas estavam cheios de *Muselmänner*. Nos *gulag* davam-lhes um outro nome: os *dokholdyaga*, ou *foram-se*. “A expressão *dokholdyaga* requer uma explicação”, escreveu Margolin. “Quando um *zek* perde a capacidade mínima física e moral para permanecer à superfície da vida no campo no seu processo de desumanização, ele cruza uma fronteira irreversível para além da qual o colapso final começa – em suma, quando ele perde a sua imagem humana, então no jargão do campo as pessoas dizem que ele atingiu o fundo. Em russo, isto é geralmente dito de alguém que permanece deitado em agonia final”³⁵⁹⁵. Em suma, “um *dokholdyaga* é uma pessoa com a coluna quebrada, um fenómeno lamentável e repulsivo, em trapos, com olhos sem vida, não apenas sem força física mas igualmente sem força para protestar.”³⁵⁹⁶

A comunista Evguenia Ginzburg, outra sobrevivente dos *gulag*, referiu-se aos *dokholdyaga* como “esqueletos vivos”³⁵⁹⁷ e sublinhou que muitos prisioneiros tinham o “corpo cadavérico”³⁵⁹⁸, o que resultava na proliferação de doenças. “Nas pernas de muitas reclusas apareceram úlceras tróficas, e pela noite, quando nos acostumávamos ao ar livre, era difícil dormir por causa da respiração penosa e dos lamentos de centenas de detidas”, revelou Ginzburg, registando que à sua volta “muitas caíam vítimas do embrutecimento provocado pelo campo e começavam a olhar com indiferença apática as moribundas, as doentes com hemeralopia que vagueavam pela noite de braços trémulos estendidos e as hordas de percevejos que invadiam as plataformas.”³⁵⁹⁹

³⁵⁹⁴ Hermann Langbein, *Hommes et femmes à Auschwitz*, Texto, Paris, 2011, p.101/102.

³⁵⁹⁵ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.581/582.

³⁵⁹⁶ *Idem*, p.582.

³⁵⁹⁷ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.643.

³⁵⁹⁸ *Idem*, p.795.

³⁵⁹⁹ *Ibidem*, p.579/580.

A fome como instrumento de morte tornou-se assim endêmica nos *gulag*. “A fome era uma rotina”, escreveu o judeu polaco Janusz Bardach, escravo num campo de Kolyma. “Não nos davam comida suficiente para nos aguentarmos ao longo de um dia de trabalho pesado, quanto mais durante semanas e meses. Os prisioneiros esfaimados caçavam ratos e ratazanas com paus e pedras. Cozinhavam-nos num forno a lenha e arrancavam-lhes a pele antes de os devorarem. Eu ficava doente só de ver, apesar do vazio que sentia no estômago (...) A refeição da noite era geralmente uma sopa aguada com pedaços de batatas podres, beterrabas e repolhos. Todos se espiavam, na esperança de sacar alguma coisa do vizinho”³⁶⁰⁰. Por causa da fome, e das doenças que a malnutrição provocava, “a morte aparecia por vezes nos locais de trabalho, mas por alguma razão mais pessoas morriam nos barracões durante a noite. Pela manhã, ao detetar-se que alguém tinha morrido, o corpo era despido pelos outros prisioneiros. Uma vez, durante a chamada ao final do dia, um prisioneiro caiu e não se levantou.”³⁶⁰¹

A fome era tanta que o canibalismo acabou inevitavelmente por aparecer nos *gulag*. “Os comedores de vermes juntavam-se em torno do forno na tenda, a cozer e a comer carne que tinha um cheiro rançoso e estranho”, descreveu Bardach. “Disseram-me que iam buscar a carne à pilha de cadáveres, o que achei inacreditável e profundamente perturbador. Não sabia o que a fome pode fazer a uma pessoa e custou-me não estabelecer juízos sobre estas pessoas. Muitas vezes refleti sobre o meu próprio comportamento: poderia eu alguma vez estar tão esfomeado e desesperado que faria o mesmo? Primeiro pensei que preferia morrer a comer carne humana, mas quando comecei a definhar não tive tanta certeza”³⁶⁰²

Aliado à fome, também o frio foi usado para matar prisioneiros. “Não há nada pior do que quarenta e nove graus abaixo de zero”, registou Evguenia Ginzburg, sobrevivente dos *gulag*, dizendo que “são necessários cinquenta, nem um a menos, para que se ative o humanitarismo oficial” e haja “suspensão de trabalho no bosque”³⁶⁰³. Como consequência, “morremos de fome e de frio”³⁶⁰⁴. A situação era particularmente difícil nos campos do círculo polar ártico. “O inverno era uma maldição em Kolyma”³⁶⁰⁵, escreveu

³⁶⁰⁰ Januzs Bardach, *op. cit.*, 1999, p.133/134.

³⁶⁰¹ *Idem*, p.235.

³⁶⁰² *Ibidem*, p.235/236.

³⁶⁰³ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.771.

³⁶⁰⁴ *Idem*, p.774.

³⁶⁰⁵ Januzs Bardach, *op. cit.*, 1999, p.226.

o escravo Januzs Bardach, lembrando que, quando trabalhava, “inalava com cautela, com medo de que o vento gelado me queimasse os pulmões. Os ciclones de neve punham-me tonto e procurava manter a cabeça baixa”³⁶⁰⁶. Na verdade, “as tempestades podiam não durar horas, mas dias.

Os corpos dos prisioneiros que se perdiam só eram encontrados na primavera, “muitas vezes a cem metros de distância da nossa zona” e “a respiração tornava-se dolorosa quando a temperatura afundava para menos 25 ou menos 30, perfurante quando se aproximava de menos 50 ou menos 50. Era perigoso parar de nos mexer. Durante as chamadas saltávamos, corríamos e esbofeteávamos os nossos corpos para permanecermos quentes. Eu estava constantemente a encolher os meus dedos como se quisesse socar. Prestava especial atenção às sensações nos dedos dos pés e das mãos, nos ouvidos e no nariz, pois estas eram as áreas que mais facilmente congelavam.”³⁶⁰⁷

A tortura nos *gulag* e nos *lager*

Outro precedente comunista sobre o nacional-socialismo nos campos de concentração foi o recurso a criminosos de delito comum para gerir os restantes prisioneiros. Na terminologia oficial comunista, tais criminosos eram designados como elementos “socialmente amigáveis”³⁶⁰⁸ e o seu uso recomendado em textos oficiais sobre a gestão dos *gulag*. “Os ladrões eram os nossos aliados na construção do comunismo”, observou com sarcasmo Aleksandr Solzhenitsyn, salientando que os comunistas os consideravam mesmo “inimigos da propriedade privada e consequentemente uma força revolucionária que tinha de ser guiada para o proletariado”³⁶⁰⁹. Perante esta realidade, Solzhenitsyn concluiu com um provérbio: “diz-me com quem andas...”³⁶¹⁰

A ideia de usar criminosos de delito comum para gerir os prisioneiros foi mais tarde recuperada pelos nazis nos seus campos de concentração. Assinalados com um triângulo verde na roupa, muitos deles foram colocados pelos nacional-socialistas nas funções de responsáveis por grupos de prisioneiros, os *kaapos*. Em Auschwitz a maior parte dos *kaapos* eram

³⁶⁰⁶ *Idem*, p.232.

³⁶⁰⁷ *Ibidem*, p.233.

³⁶⁰⁸ Steven Barnes, *Death and Redemption – The Gulag and the Shaping of Soviet Society*, Princeton University Press, Princeton, 2011, p.208.

³⁶⁰⁹ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.262.

³⁶¹⁰ *Idem*, p.264.

triângulos verdes, e a sua ferocidade para com os restantes reclusos não tinha paralelo.

A própria tortura comunista da *Cheka*, do seu sucessor GPU, do seu sucessor NKVD e dos *gulag* precedeu a bem documentada tortura nacional-socialista da Gestapo, das SS e dos *lager*. “Os prisioneiros tinham os crânios espremidos dentro de anéis de ferro, seres humanos eram mergulhados em banhos de ácido, eram amarrados para serem mordidos por formigas e percevejos, ferros aquecidos em fornos eram aquecidos e enfiados pelo canal anal (a ‘marcação secreta’), os genitais de um homem eram vagarosamente esmagados (...) o que já se tinha tornado totalmente impossível sob Catarina a Grande estava a ser praticado durante o florescer do glorioso Século XX – numa sociedade baseada nos princípios socialistas”³⁶¹¹ (parênteses no original), registou Solzhenitsyn, ele próprio prisioneiro dos *gulag*. O escritor russo mencionou também as práticas de “arrancar a pele das costas”³⁶¹² e “enfiar a cara num cuspidor cheio”³⁶¹³, para além dos tradicionais “murros, tareias, tortura do sono em pé, ‘caixas’ (celas demasiado pequenas para que se conseguisse sentar ou deitar), celas de punição frias e húmidas, ratazanas, percevejos, tribunais, segundas e terceiras sentenças”³⁶¹⁴ e uma litania interminável de outras práticas que precederam as igualmente imaginativas torturas nazis.

À lista das sevícias enunciadas por Solzhenitsyn, S. A. Malsagoff acrescentou ainda uma conhecida por *ir aos mosquitos*. “O prisioneiro é despido até ficar nu e obrigado a manter-se sobre uma pedra à frente do gabinete do comandante”, explicou Malsagoff, indicando que “ordenam-lhe, sob ameaça de ser submetido a ‘sacos de pedras’ e fuzilamento, a permanecer absolutamente imóvel, não podendo mexer um dedo nem afastar os mosquitos, os quais cobrem o corpo do desgraçado como se fossem uma espessa crosta negra. A tortura prolonga-se por várias horas. Quando o castigo termina, o corpo da vítima é uma grande ferida aberta pelas picadas dos insetos venenosos. Os prisioneiros mais fracos morrem e os mais fortes não se conseguem sentar ou deitar durante várias semanas”³⁶¹⁵. Estas práticas levaram outro dos sobreviventes dos *gulag*, Dimitri Vitkovski, a exprimir o

³⁶¹¹ *Ibidem*, p.39.

³⁶¹² *Ibidem*, p.60.

³⁶¹³ *Ibidem*, p.70.

³⁶¹⁴ *Ibidem*, p.

³⁶¹⁵ A. S. Malsagoff, *op. cit.*, 1926, p.171/172.

conceito de “reservatório de terror”³⁶¹⁶, enquanto Januzs Bardach, mais um dos escravos dos campos comunistas, se limitou a dizer que “o NKVD elevou a agressão ao nível da arte”³⁶¹⁷. Os comunistas chegaram mesmo a teorizar sobre “a tortura de um ponto de vista marxista”³⁶¹⁸, como notou Solzhenitsyn, precedente que os nazis se dispensaram de seguir.

Sendo um dirigente comunista que nunca foi condenado nas sucessivas purgas na União Soviética, Victor Kravchenko jamais conheceu a faceta requintada da tortura do seu regime. No entanto, ele próprio não escapou a interrogatórios musculados. “Os enormes punhos dele esmagavam-se contra a minha cara como um par de pistões descontrolados”, descreveu sobre o que um inquisidor do NKVD lhe fez para lhe arrancar uma confissão. “O sangue jorrou do meu nariz. O sangue encheu a minha boca com uma náusea quente e salgada. ‘Agora assinas?’ E mais uma saraivada de murros e pontapés. Sangue de uma ferida na cabeça desceu para os meus olhos, cegando-me. Mais do que ver, ouvi Dorogan entrar no compartimento. Os meus nervos haviam aprendido a reconhecer a sua passada pesada. Ele também me esmurrou. Caí no chão e encolhi-me numa bola, como se me anichasse na minha pele, enquanto quatro pés pesados e cruéis me pisavam e pontapeavam. Eu gemia de dor”³⁶¹⁹. Num edifício do NKVD ouviu “gritos terríveis vinham dos quartos ao longo do corredor; gritos e insultos, o som de pancadas e o impacto abafado de corpos a cair no chão. Pessoas estavam a ser interrogadas, agredidas, ameaçadas”³⁶²⁰. Chegou a ser confrontado num gabinete do NKVD com a visão de um subordinado seu que acabara de ser interrogado: “tremi perante a visão. A cara dele estava machucada e inchada. Tinha um olho fechado. A sua bata – a mesma com a qual tinha sido detido – apresentava-se rasgada e ensanguentada. Tinha as mãos cheias de sangue. Um fedor, o fedor da prisão e da doença, pairava em torno dele. Não podia acreditar que esta criatura maltratada era o mesmo jovem engenheiro bem-parecido que tinha vindo ao meu gabinete alguns dias antes.”³⁶²¹

A sistemática precedência do comunismo sobre o nacional-socialismo no aparelho repressivo é perturbadora – e reveladora. “Comparações frutuosas podem ser feitas entre a Alemanha nazi e a União Soviética estalinista, a

³⁶¹⁶ Dimitri Vitkovski, *op. cit.*, 2015, p.58.

³⁶¹⁷ Januzs Bardach, *op. cit.*, 1999, p.161.

³⁶¹⁸ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.42.

³⁶¹⁹ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.270/271.

³⁶²⁰ *Idem*, p.261.

³⁶²¹ *Ibidem*, p.267.

única outra grande ditadura europeia que mantinha um vasto sistema de campos”, reconheceram os historiadores Christian Goeschel e Nikolaus Wachsmann, sublinhando que “de igual modo na União Soviética e na Alemanha nazi os campos eram emblemáticos de ideologias baseadas na clara dicotomia entre pertença e exclusão, e em ambos os regimes os campos funcionavam como instrumentos de ‘guerra ideológica’ destinada à ‘destruição redentora do inimigo’.”³⁶²²

Os massacres comunistas e nazis

As inovações comunistas em matéria de atrocidades nunca pararam de preceder as nazis. Veja-se o caso dos fuzilamentos em massa. Desde as execuções que começaram em 1917 por toda a Rússia até ao massacre de Katyn em 1940, quando os soviéticos abateram com tiros na nuca mais de vinte mil oficiais polacos, que os fuzilamentos fazem parte das políticas repressivas comunistas. Ora estas ações executadas pelos comunistas nas décadas de 1910, 1920 e 1930 precederam massacres semelhantes levados a cabo pelos nazis na década de 1940.

Os métodos de fuzilamento também revelam uma sequência cronológica entre comunismo e nazismo. Os bolcheviques cedo começaram a usar o método de dar um tiro na nuca, sistema que preferiam para “proteger” o executor do incómodo de ver o rosto da vítima no momento de a matar. Acontece que os nacional-socialistas, que faziam fuzilamentos segundo o método tradicional de colocar um esquadrão a disparar contra alguém amarrado a um poste, acabaram também por adotar o método comunista de execuções e passaram a preferir o tiro na nuca. Também lhes pareceu mais cómodo.

O mesmo sucedeu com os métodos de guerra envolvendo grande violência. “A brutal intervenção de Estaline salvou a frente russa”, observou Joseph Goebbels no seu diário em 1942, sublinhando a admiração de Hitler pela violência inaudita dos comunistas e concluindo: “temos de usar métodos análogos no nosso próprio combate”³⁶²³. Vemos aqui os nazis a assumirem explicitamente que precisavam de aprender com a implacabilidade da violência dos comunistas. Estes eram pelos vistos encarados por aqueles como professores nesta matéria.

³⁶²² Christian Goeschel e Nikolaus Wachsmann, “Before Auschwitz: The Formation of the Nazi Concentration Camps, 1933-9”, *Journal of Contemporary History*, Sage Publications, nº3, Volume 45, julho de 2010, p.528.

³⁶²³ Ernst Nolte, *op. cit.*, 2011, p.737.

Também na publicitação dos massacres os nazis não passaram de alunos dos soviéticos. As matanças em grande escala não são uma novidade na história moderna nem uma invenção comunista ou nacional-socialista, como é evidente, mas sempre que ocorrem os seus autores esforçam-se naturalmente por ocultá-las. Ninguém quer ser visto como um algoz. Os nacionais-socialistas, contudo, deram grande publicidade a algumas das matanças de civis desarmados. Um caso muito conhecido foi o massacre de Lidice, no Protetorado da Boémia e da Morávia, em retaliação pelo assassinato do *Reichprotektor* Reinhard Heydrich, em 1942. Em vez de esconderem que haviam assassinado quase duzentos homens e deportado quase trezentas mulheres e crianças para campos de concentração, as autoridades nazis puseram-se a divulgar aos quatro ventos o seu feito.

Acontece que a mesma prática já tinha sido adotada décadas antes pelos comunistas. O conhecimento dos grandes massacres efetuados no tempo de Lenine, longe de resultar de denúncias na imprensa ocidental, devia-se antes à sua ampla publicitação *pela própria imprensa comunista*. Não se pense que, numa primeira fase, os comunistas queriam encobrir o que estavam a fazer. Os jornais soviéticos noticiavam as matanças de dezenas de milhar de civis e apresentavam-nas como atos heróicos altamente louváveis. Os comunistas faziam questão de publicitar as campanhas de terror. Essa prática chegou a um ponto tal que a sua polícia política, a *Cheka*, escolheu abertamente o nome *Terror Vermelho* para batizar o seu jornal. Só mais tarde, sobretudo com a expansão dos *gulag*, é que os soviéticos passaram a ocultar essa realidade – no que aliás também foram posteriormente imitados pelos nacionais-socialistas quando se esforçaram por esconder o que realmente se passava nos *lager*, e em particular nos campos de extermínio.

Os nazis dissimulavam por vezes a execução de pessoas recorrendo a correspondência registada com datas posteriores. “No final de fevereiro de 1944 entregaram-nos postais a todos para remetermos para casa”, contou Ruth Elias, sobrevivente judia do Campo das Famílias, em Birkenau, e “disseram-nos que puséssemos uma data ulterior em um mês – isto é, pô-lhes uma data do final de março. Porquê? Em Auschwitz não se faziam perguntas”³⁶²⁴. Logo a seguir os deportados do Campo das Famílias foram enviados para as câmaras de gás, sendo que esses postais com data posterior

³⁶²⁴ Ruth Elias, *Triumph of Hope – From Theresienstadt and Auschwitz to Israel*, John Wiley & Sons, Inc, Nova Iorque, 1998, p.116.

serviriam para “provar” que as vítimas estavam vivas em março, quando na realidade tinham sido executadas em fevereiro.

Esse método de dissimulação dos assassinios, contudo, não foi uma invenção dos nazis, pois os comunistas já antes recorriam a ele. “Quem pôs datas posteriores às mortes de todos os que pereceram nos campos, situando-as assim nos anos 1940?”³⁶²⁵, questionou Nadezhda Mandelstam ao relatar o sistema de perseguições em vigor na União Soviética.

A morte pelo gás

A única dúvida nas precedências refere-se ao uso do gás como instrumento de extermínio. É amplamente conhecido a utilização de gás pelos nazis, sobretudo o Zyklon-B, para exterminar populações inteiras, sobretudo judeus, mas também outros grupos étnicos e nacionais. Os gaseamentos não ocorriam em todos os campos de concentração, mas apenas em alguns. Auschwitz-Birkenau, um campo de trabalho que foi parcialmente adaptado para essa função, é o caso mais conhecido, mas havia também Chelmno, Sobibor, Belzec e Treblinka, estes concebidos especificamente para essa função.

O recurso ao gás como método de extermínio é especificamente nacional-socialista. Os comunistas usavam sobretudo a fome, o frio e os fuzilamentos como instrumentos de morte. Aleksandr Solzhenitsyn tornou claro que “ninguém nos pode acusar de termos usado câmaras de gás”³⁶²⁶, declaração que tem peso uma vez que o escritor russo escreveu *O Arquipélago do Gulag* com base na sua experiência de muitos anos nos campos de concentração comunistas e nos testemunhos de mais de duzentos prisioneiros de muitos desses campos.

Também Evguenia Ginzburg, sobrevivente dos *gulag*, sublinhou esse ponto: “não nos enviavam para as câmaras de gás nem para a forca. Para além dos trabalhos que conduziam praticamente à morte, tínhamos outros com os quais era possível sobreviver. É verdade que as nossas probabilidades de viver eram muito menos numerosas do que as de morrer. Mas ao menos existiam”³⁶²⁷. Solzhenitsyn disse o mesmo. Reconhecendo que o campo de concentração soviético era na verdade uma “*fábrica da morte*”³⁶²⁸ (itálico no

³⁶²⁵ Nadezhda Mandelstam, *op. cit.*, 1983, p.47.

³⁶²⁶ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.229.

³⁶²⁷ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.846.

³⁶²⁸ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.255.

original) em que “a taxa de mortalidade era de *um por cento por dia*”³⁶²⁹ (itálico no original), o autor de *O Arquipélago de Gulag* observou que o sistema de matança dos comunistas passava essencialmente por “um tiro na nuca”³⁶³⁰, “fogo de metralhadora”³⁶³¹, “trabalho”³⁶³², “uma baioneta ou esmagar o crânio com um grande martelo”³⁶³³ e, sobretudo, “fome”³⁶³⁴. O seu veredito é claro: “estes eram indisfarçavelmente campos da morte”³⁶³⁵. Porém, Solzhenitsyn nunca detetou o uso de gás como método de matança, até porque “não tínhamos gás para as câmaras de gás.”³⁶³⁶

Outras fontes, no entanto, referem que o gás foi efetivamente usado pelos comunistas em situações pontuais na década de 1930, quando se recorreram a fumos de tubos de escape para gasear prisioneiros fechados nas cargas de carrinhas. Isso terá acontecido em Butovo, nos arredores de Moscovo, e em Omsk, na Sibéria, sob a jurisdição do NKVD. A existência destes gaseamentos por monóxido de carbono foi confirmada pelos próprios comunistas. Um agente do KGB chamado Alexander Mikhailov afirmou num documentário russo emitido em 1991: “temos provas de que muito antes de terem aparecido as carrinhas de gás de Hitler, Isai Davidovitch Berg inventou carrinhas de gás em Moscovo. Tratava-se de uma simples carrinha hermeticamente selada na qual os prisioneiros eram introduzidos e, quando necessário, o monóxido de carbono dos tubos de escape era lançado para o interior.”³⁶³⁷

O tal Isai Berg era um oficial do NKVD encarregado dos fuzilamentos no polígono de tiro de Butovo, onde decorriam execuções em massa, sendo que o próprio Berg viria mais tarde a ser executado por assuntos que nada tinham a ver com essas carrinhas de gás. A imprensa comunista, designadamente o *Komsomol'skaya pravda*, o jornal da Juventude Comunista, noticiou em 1992 que as carrinhas envolvidas nessas matanças da década de 1930 se designavam “*dushegubka*.”³⁶³⁸

³⁶²⁹ *Idem*, p.325.

³⁶³⁰ *Ibidem*, p.187.

³⁶³¹ *Ibidem*, p.211.

³⁶³² *Ibidem*, p.331.

³⁶³³ *Ibidem*, p.229.

³⁶³⁴ *Ibidem*, p.227.

³⁶³⁵ *Ibidem*, p.331.

³⁶³⁶ *Ibidem*, p.202.

³⁶³⁷ Alexandre Mikhailov, *Monster: A Portrait of Stalin in Blood*, Alexander Ivankin (realização), Contact Film Studio, Moscovo, 1991.

³⁶³⁸ Robert Gellately, *op. cit.*, 2008, p.460.

O assunto foi retomado por vários historiadores. Catherine Merridale escreveu que as vítimas dos gaseamentos comunistas nas *dushegubka* foram “enterradas em valas comuns em Butovo, normalmente em buracos que outras vítimas já haviam cavado”³⁶³⁹, mas Robert Gellately, dando nota da existência dos gaseamentos em carrinhas na União Soviética, avisou que “quão vasta essa prática foi requer mais investigação”³⁶⁴⁰. Santiago Alvarez seguiu a indicação de Gellately e tentou ir mais além. Num estudo exaustivo dedicado às carrinhas de gás nazis, Alvarez prestou alguma atenção à génese do conceito das carrinhas de gás e constatou que o escritor Michael Voslensky, um tradutor russo dos julgamentos de Nuremberga que fugiu para o Ocidente, “após o colapso da URSS teve acesso aos antigos arquivos secretos dos velhos serviços do NKVD da União Soviética”. Ora “entre outras atrocidades que aí encontrou”, citou Voslensky como tendo escrito em 1995 que as carrinhas de gás ““não eram uma invenção alemã mas soviética””, concebidas ““por um tal Berg”” e que ““muito antes da guerra – em 1936 – a invenção de Berg já era usada’.”³⁶⁴¹

Também um estudo russo publicado em 2004 sobre as matanças no polígono de tiro de Butovo divulgou vários documentos secretos, incluindo depoimentos de interrogadores do NKVD. Um deles, um inquisidor chamado Kharitonov, afirmou num processo de 1956 para reabilitar Berg que durante um interrogatório este mencionou essas carrinhas, dizendo que elas existiam por ordem da chefia do NKVD e afirmando que os prisioneiros eram amarrados e amordaçados na carga. Kharitonov interrogou também três subordinados de Berg. Dois negaram a existência das *dushegubka*, mas o terceiro, um homem chamado Chesnokov, confirmou que elas existiram mesmo. Os protocolos do uso dessas carrinhas de gás tinham entretanto desaparecido, facto que Kharitonov não explicou.

Não é possível determinar se as carrinhas de gás dos nacional-socialistas foram inspiradas nas carrinhas de gás dos comunistas ou se estamos perante génese independentes. O facto é que a Gestapo teve quatro reuniões com o NKVD entre 1939 e 1940. Ora foi só depois do início desses encontros que os nacional-socialistas começaram a recorrer ao gás como método de execução.

³⁶³⁹ Catherine Merridale, *op. cit.*, 2000, p.254.

³⁶⁴⁰ Robert Gellately, *op. cit.*, 2008, p.460.

³⁶⁴¹ Santiago Alvarez, *The Gas Vans – A Critical Investigation*, The Barnes Review, Washington DC, 2011, p.109.

A sequência de datas é aliás inquietante. Assim, no quadro do programa nazi de eutanásia, as primeiras matanças de pessoas com deficiência mental foram feitas a tiro. Acontece que a primeira reunião entre a Gestapo e o NKVD ocorreu a 27 de setembro de 1939 em Brzesc, na Polónia, e dois meses depois, em novembro, eis que os nazis construíram as primeiras câmaras de gás para execuções, em Grafeneck e Brandenburg. O gás usado foi o monóxido de carbono, o mesmo a que os comunistas terão recorrido nas *dushegubka* em Butovo e Omsk. Nesse mesmo mês ou em dezembro, não há certeza sobre as datas, realizou-se a segunda reunião do NKVD com a Gestapo, ainda na Polónia, e logo em janeiro de 1940 os nacional-socialistas começaram a usar carrinhas seladas, as “*Sonderwagen*”³⁶⁴², que redirecionavam os fumos dos tubos de escape para a carga de modo a gasear os deficientes lá fechados. Exatamente o método soviético. Foi nessas carrinhas que em dezembro de 1941, em Chelmno, na Polónia, também se vieram a gasear judeus pela primeira vez.

Desconhece-se se a ideia das execuções por gaseamento foi transmitida formal ou informalmente nessas reuniões entre o NKVD e a Gestapo, mas os factos são perturbadores. Por um lado, comunistas e nacional-socialistas recorreram ambos a carrinhas seladas e ao monóxido de carbono exalado pelos fumos de tubo de escape, e por outro o uso de gás como método nazi de execução ocorreu imediatamente a seguir ao início dos encontros da polícia política nacional-socialista com a polícia política comunista que ministrava os *gulag*. Coincidência ou nó causal?

Para todos os efeitos, é importante sublinhar que não se conhece nenhum texto nazi que mencione os soviéticos como fonte de inspiração no recurso ao gás e às carrinhas seladas como método de matança, pelo que estaremos perante géneses independentes, embora a precedência comunista sobre o nacional-socialismo nesta técnica de execuções em grupo seja clara, o que implica um nó sequencial, mas a existência de um nó causal, para usar a expressão de Nolte, constitui uma possibilidade que não pode ser descartada.

Quais os piores: *gulag* ou *lager*?

Num ponto não houve de certeza precedência comunista nem nó causal do comunismo para o nazismo: o uso de números para identificar os prisioneiros dos campos de concentração. Esta foi sem dúvida uma inovação

³⁶⁴² Henry Friedlander, *The Origins of Nazi Genocide – From Euthanasia to the Final Solution*, The University of North Carolina Press, Chapel Hill, 1995, p.286.

nacional-socialista, embora restrita a Auschwitz, onde os números dos prisioneiros lhes eram tatuados nos braços. Os comunistas usaram o método de numeração de prisioneiros dos campos de concentração, mas só *depois* dos nacional-socialistas. “Eles copiaram abertamente dos nazis a prática que já se tinha mostrado valiosa – a substituição do nome do prisioneiro por um número, o seu ‘eu’, a sua individualidade, para que a diferença entre um homem e outro não passasse de um dígito numa linha de resto idêntica de números”³⁶⁴³, observou Solzhenitsyn.

Neste particular, e pelos vistos só neste, os nazis não se mostraram alunos, mas professores dos comunistas soviéticos. Porém, alguns sobreviventes dos campos de concentração comunistas ironizavam que já antes dos *lager* havia marcas na pele dos *zek* atirados para campos dos *gulag* como os de Kolyma: as da úlcera trófica. “Reconheciam-se os prisioneiros de Dachau e Auschwitz pelos números marcados nos seus braços”, observou o segundo marido de Evguenia Ginzburg dois dias antes de morrer, “aos de Kolyma pode-se reconhecê-los por esta marca da fome.”³⁶⁴⁴

Como comparam então os campos de concentração nazis com os campos comunistas? A comunista Margarete Buber-Neumann, que teve o duvidoso privilégio de estar internada em campos de concentração nacional-socialistas e comunistas, mostrou-se incapaz de eleger o pior, dizendo que escolher entre ambos era escolher entre “Satã ou Belzebu”³⁶⁴⁵. O escritor checo Milan Kundera fez a mesma observação num dos seus romances e Evguenia Ginzburg, a comunista russa detida no Grande Terror e que disse ter passado nos *gulag* pelos “círculos do inferno” de um “sofrimento tão constante”³⁶⁴⁶, conheceu no cárcere soviético comunistas alemãs que, antes, já tinham passado pela experiência do cárcere dos nazis. “As alemãs que estiveram nas mãos da Gestapo afirmam que aqui a experiência alemã foi assimilada na perfeição e que se trata do mesmo estilo”, contou Ginzburg, recordando a pergunta que essas reclusas alemãs então fizeram sobre os guardas do sistema inquisitorial comunista: “você enviam-nos para a Alemanha para aprender, certo?”³⁶⁴⁷ Uma delas, “Clara, que tinha estado nos cárceres da

³⁶⁴³ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.346.

³⁶⁴⁴ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.1213.

³⁶⁴⁵ Ulricke Ackermann, “Totalitarian Attempts, Anti-Totalitarian Networks: Thoughts on the Taboo of Comparison”, in Helmut Dubiel e Gabriel Motzkin (direção), *The Lesser Evil – Moral Approaches to Genocide Practices*, Routledge, Londres, 2004, p.172.

³⁶⁴⁶ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.863.

³⁶⁴⁷ *Idem*, p.278.

Gestapo antes de conhecer os do NKVD, sustentava que os instrumentos de tortura tinham sido importados da Alemanha.”³⁶⁴⁸

A questão é interessante e suscita uma outra: afinal, quem aprendeu com quem? Foram os comunistas que aprenderam com os nacional-socialistas ou os nacional-socialistas com os comunistas? “Lemos no *Izvestiya* de 24 de maio de 1959 que Yuliya Rumyantseva foi confinada a uma prisão interna de um campo nazi enquanto eles tentavam saber o paradeiro do marido, que tinha fugido do mesmo campo. Ela sabia, mas recusou-se a revelar!”, escreveu Solzhenitsyn. “Para o leitor que não está a par destes assuntos, este é um modelo de heroísmo. Para um leitor com um passado amargo nos *gulag*, este é um modelo de interrogatório ineficiente: Yuliya não morreu sob tortura nem foi conduzida à loucura. Um mês mais tarde ela foi simplesmente libertada – viva e bem viva.”³⁶⁴⁹ Ou seja, para Solzhenitsyn em matéria de tortura os nacional-socialistas eram uns tenrinhos ao pé dos comunistas.

O próprio governante comunista soviético Victor Kravchenko registou que em muitas partes da União Soviética as populações pareciam preferir o horror nazi ao horror comunista, o que se consubstanciava na resistência das populações em ajudar a guerrilha partisan soviética. “Até na terra da Rússia – particularmente nas regiões do Don e de Kuban, onde as coletivizações e a fome foram mais cruéis – o movimento dos partisans permaneceu pequeno e enfrentava frequentemente a oposição popular”³⁶⁵⁰, notou.

Para Solzhenitsyn, isto só se explica se o regime bolchevique for compreendido como o mais brutal e implacável da história, bem pior do que o nazi. “Nenhum outro regime na terra se lhe compara no número de pessoas que matou, na dureza, no âmbito das suas ambições, no seu totalitarismo completo e feroz – não, nem o regime do seu aluno Hitler”³⁶⁵¹, escreveu o cronista dos *gulag*, para concluir: “Hitler era um mero discípulo, mas teve toda a sorte: os seus campos de morte tornaram-no famoso, enquanto ninguém se interessa pelos nossos.”³⁶⁵²

As próprias minorias étnicas da União Soviética e parte das populações russas que experimentaram o jugo nazi, preferiram, pasme-se, a tirania nacional-socialista à tirania comunista. Uma narrativa construída no final da guerra estabeleceu que, embora os alemães tivessem sido bem acolhidos

³⁶⁴⁸ *Ibidem*, p.283.

³⁶⁴⁹ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.65.

³⁶⁵⁰ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.368.

³⁶⁵¹ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.342.

³⁶⁵² *Idem*, p.429.

pelos ucranianos e pelas populações bálticas, quando chegaram à Rússia enfrentaram a hostilidade aberta das populações. Esta versão, questionada vigorosamente por Aleksandr Solzhenitsyn e Victor Kravchenko, começa igualmente a ser posta em dúvida pelos historiadores. “Havia uma generalizada disposição dos russos soviéticos em investir esperanças e esforços na promessa alemã de uma vida melhor sem o bolchevismo”³⁶⁵³, escreveu Johannes Due Enstad, para quem “longe de permanecer leal ao poder soviético, uma parte substancial da população no noroeste da Rússia apoiou ativamente ou aceitou passivamente os alemães”³⁶⁵⁴. De resto, os relatórios dos partisanos soviéticos documentavam a recepção das populações russas aos nazis com o acolhimento de pão e sal, a tradicional recepção de boas-vindas, e os próprios relatórios alemães referem a boa hospitalidade que a Wehrmacht em geral encontrou na Rússia.

Isto apesar de o programa nazi ser o da escravização dos eslavos, note-se. Como foi uma coisa dessas possível? A resposta coube a Solzhenitsyn. Quando a guerra começou, “pedimos imediatamente que a população esquecesse todo o mal que lhe foi feito, que esquecesse os pais e os filhos que morreram à fome na tundra, que esquecesse as execuções, que esquecesse como a arruinámos, que esquecesse a nossa ingratidão para com ela, que esquecesse os interrogatórios e a tortura às mãos do NKVD, que esquecesse os campos da fome – e aderisse de imediato aos partisanos, que defendesse a Pátria sem pensar na sua própria vida.”³⁶⁵⁵

Mas a população não esqueceu, pois os traumas da vivência sob o regime comunista estavam dolorosamente vivos na experiência de cada um. “Nos primeiros dias da guerra, Aleksandr Petrovich M –, um engenheiro, foi preso e morreu numa cela durante um interrogatório. Ao longo de vários meses de ansiedade a sua mulher esperou que a viessem também prender. Só quando os alemães chegaram ela conseguiu ir para a cama descansada. ‘Finalmente consigo dormir!’ Deveria ela, em vez disso, rezar pelo regresso dos seus tormentores?”, questionou o autor de *O Arquipélago do Gulag*, para concluir que “dado este estado de coisas, quem se deveria surpreender por tantas pessoas saudarem a chegada dos alemães?”³⁶⁵⁶ A presença nacional-socialista na Rússia foi acompanhada por um rosário de perseguições e

³⁶⁵³ Johannes Due Enstad, *Soviet Russian under Nazi Occupation – Fragile Loyalties in World War II*, Cambridge University Press, Cambridge, 2018, p.2.

³⁶⁵⁴ *Idem*, p.5.

³⁶⁵⁵ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.337.

³⁶⁵⁶ *Idem*, p.338.

massacres que abrandaram o entusiasmo da recepção inicial, mas espantosamente não o anularam por completo. “Mesmo em 1943 dezenas de milhar de refugiados das províncias soviéticas fugiram atrás do exército alemão em retirada”, lembrou Solzhenitsyn. “Qualquer coisa era melhor do que permanecer sob o comunismo.”³⁶⁵⁷

As populações tinham, na verdade, boas razões para temer o regresso dos comunistas, como os acontecimentos seguintes provaram. Sempre a recear a contaminação dos seus concidadãos pelas ideias estrangeiras, Moscovo iniciou uma grande operação de extermínio nos territórios libertados aos nazis, usando para isso os agentes do NKVD. “Eles tinham a missão difícil e sangrenta de eliminar cidadãos soviéticos, milhões deles, considerados ‘indesejáveis’ após o seu temporário afastamento do controlo soviético”, observou Victor Kravchenko, sublinhando que “a ‘lealdade’ de incontáveis milhões que já tinham sofrido sob a bota nazi tinha de ser medida com recurso às brutais fitas métricas do policiamento soviético. Sobretudo sob acusação de colaboracionismo com os alemães, seriam fuzilados milhares, exilados centenas de milhares, num temível reino do terror. Horrores indizíveis seriam infligidos por estes assassinos de elite às populações de Voronezh, Rostov, Smolensk, o norte do Cáucaso, todas as outras regiões, à medida que os alemães retiravam. Homens, mulheres e crianças que trabalharam sob os alemães simplesmente para ganhar o seu pão, muitas vezes à força, foram arrebanhados e mortos sem se fingir uma investigação, quanto mais um julgamento. Vastos exércitos de cidadãos soviéticos desgraçados foram amontoados em vagões de gado e enviados para a retaguarda, para trabalho escravo em campos de concentração e colónias.”³⁶⁵⁸

Burgueses, *kulaks* e judeus

Outra das inovações comunistas que os nazis copiaram foi a culpa por associação, ou seja, o conceito de que uma pessoa, mesmo nada tendo feito, era responsável pelo que outro elemento do seu grupo fazia. Assim, quando lançou o “terror vermelho”, Lenine ordenou que se fizessem reféns ligados a classes da população que queria atingir. Podiam ser, por exemplo, as famílias de desertores. “As famílias”, determinou o chefe bolchevique a 12 de maio de 1920, “devem ser consideradas reféns e tratadas em

³⁶⁵⁷ *Ibidem*, p.342.

³⁶⁵⁸ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.427.

conformidade”³⁶⁵⁹. Ou podiam ser famílias de *kulaks*, ou de oficiais do exército, ou de membros do Partido Socialista Revolucionário. Não havia nenhuma acusação específica contra nenhum desses reféns – eram apenas culpados por associação.

O tratamento “em conformidade” requerido pelo *Vozhd* comunista significava a morte, bem entendido. “Vocês têm de enforcar (enforcar obrigatoriamente, para que *as pessoas vejam*” (itálico e parênteses no original), escreveu Lenine a 11 de agosto de 1918 aos comissários bolcheviques na localidade de Penza, para concluir com outra ordem: “escolher reféns”³⁶⁶⁰. Feitos reféns e enforcados eram eles, apesar de não terem cometido nenhum crime. Só no mês seguinte, por exemplo, as *izvestia* oficiais davam conta da execução de quinhentos reféns em Petrogrado e de quatrocentos em Kronstadt. Aqui as vítimas inocentes foram colocadas diante de três grandes fossas e abatidas uma a uma. Este conceito de culpa coletiva inerente à captura e execução de reféns foi alargado nas décadas de 1920 e 1930 a etnias inteiras, prática perpetrada em vasta escala pelos comunistas antes dos nacional-socialistas.

Todo o processo de genocídio, comunista ou nacional-socialista, começou sempre com a culpa pela associação e envolveu sistematicamente a desumanização das categorias de população a exterminar, fossem eles burgueses, *kulaks* ou judeus. Lenine, por exemplo, definiu as pessoas das categorias a liquidar como “membros decadentes e atrofiados, esta peste, esta praga, esta úlcera”, sendo necessário “*limpar* a terra da Rússia de todos estes vermes, pulgas – vampiros, insetos”³⁶⁶¹ (itálico no original) ou “insetos perigosos, patifes, vampiros, pulgas, percevejos, aranhas e sanguessugas”³⁶⁶², todos eles “parasitas”³⁶⁶³ para quem “não há misericórdia.”³⁶⁶⁴

³⁶⁵⁹ Jim Powell, *Wilson's War – How Woodrow Wilson's Great Blunder Led to Hitler, Lenin, Stalin & WWII*, Crown Forum, Nova Iorque, 2005, p.206.

³⁶⁶⁰ Vladimir Lenine, “Telegram to Comrades Kuraev, Bosh, Minkin, and Other Penza Communists”, 11 de agosto de 1918, Lenin Internet Archive, www.marxists.org.

³⁶⁶¹ Vladimir Lenine, “How to Organize Competition?”, *Pravda*, 20 de janeiro de 1929, Lenin Works Archive, www.marxists.org.

³⁶⁶² Peter Julicher, *‘Enemies of the People’ Under the Soviets – A History of Repression and Its Consequences*, McFarland & Company Publishers, Jefferson, 2015, p.16.

³⁶⁶³ Richard Koenigsberg, *The Nation – A Study in Ideology and Fantasy*, Information Age Publishing, Charlotte, 2008, p.31.

³⁶⁶⁴ Vladimir Lenine, “How to Organise Competition?”, *Pravda*, 20 de janeiro de 1929, Lenin Works Archive, www.marxists.org.

Este discurso de ódio, o qual Anna Wittmann tão aptamente designou “a linguagem carregada de genocídio”³⁶⁶⁵, propagou-se pelo movimento bolchevique. O líder de uma brigada da organização da juventude comunista soviética, a Komsomol, revelou que “fomos educados para ver os *kulaks* não como seres humanos mas como vermes e piolhos que tinham de ser erradicados”³⁶⁶⁶, perspectiva confirmada por Vasily Grossman, uma das principais autoridades soviéticas sobre o Holocausto nazi e que só se atreveu a abordar os genocídios perpetrados pelos bolcheviques em obras de ficção – as quais, mesmo assim, foram proibidas na União Soviética. “Os chamados ‘*kulaks*’ eram párias, intocáveis, vermes”, escreveu Grossman num dos seus romances proibidos, constatando que os zelotes comunistas “não se sentavam à mesa com um ‘parasita’; a criança ‘*kulak*’ era repugnante, a rapariga ‘*kulak*’ inferior a um piolho. Encaravam os chamados ‘*kulaks*’ como gado, suínos, nojentos, repelentes: não tinham alma; cheiravam mal; sofriam de doenças venéreas; eram os inimigos do povo e exploravam o trabalho dos outros.”³⁶⁶⁷

Como já vimos, o *kulak* era na maior parte das vezes simplesmente um camponês que tinha trabalhado mais do que os outros e gerado assim mais produção, o que fazia dele um “rico”. “Fomos enganados porque queríamos ser enganados”, admitiu mais tarde o general soviético Petro Grigorenko, lembrando que “acreditávamos tanto no comunismo que aceitávamos qualquer crime desde que embrulhado num mínimo de fraseologia comunista”³⁶⁶⁸. Como notaram os historiadores Mathilde Aycard e Pierre Vallaud, “os soviéticos escreveram uma espécie de código que nada ficava a dever ao código negro dos tempos da escravatura.”³⁶⁶⁹

O papel dos *kulaks* e das etnias malditas na União Soviética comunista foi preenchido na Alemanha nacional-socialista pelos judeus, encarados pelos nazis não como seres humanos mas como vermes e piolhos destinados à erradicação e deportados frequentemente em vagões para animais rumo aos campos de concentração. Hitler descreveu o judeu como “um parasita que,

³⁶⁶⁵ Anna Wittmann, *Talking Conflict – The Loaded Language of Genocide, Political Violence, Terrorism and Warfare*, ABC-CLIO, Santa Barbara, 2017, p.iii.

³⁶⁶⁶ Orlando Figes, *op. cit.*, 2014, p.212.

³⁶⁶⁷ Vasily Grossman, *Forever Flowing*, Northwestern University Press, Evanston, 2000, p.142.

³⁶⁶⁸ Linda Altman, *Genocide – The Systematic Killing of a People*, Enslow Publishers, Berkeley Heights, 2009, p.50.

³⁶⁶⁹ Mathilde Aycard e Pierre Vallaud, *op. cit.*, 2015, p.233.

como um bacilo pernicioso, se espalha sobre áreas cada vez maiores”³⁶⁷⁰, razão pela qual, nas palavras de Heinrich Himmler, a luta contra os judeus era “como o combate dos homens contra a epidemia, como o combate do organismo saudável contra o bacilo da peste.”³⁶⁷¹

Durante a Segunda Guerra Mundial, o *Führer* chegou a comparar-se a Robert Koch, o fundador da moderna bacteriologia, dizendo em 1941 que “ele descobriu os bacilos e apontou muitas coisas numa nova direção”, enquanto “eu descobri os judeus como o bacilo e o fermento da decomposição social”³⁶⁷². No ano seguinte equiparou-se também a Louis Pasteur para sustentar que “a descoberta do vírus judaico é uma das maiores revoluções que ocorreram no mundo” e que “a batalha na qual estamos hoje empenhados é do mesmo tipo da batalha levada a cabo no século passado por Pasteur e Koch.”³⁶⁷³

Em suma, a visão desumanizada dos nazis em relação aos judeus era exatamente igual à dos comunistas em relação aos *kulaks*, aos burgueses, aos opositores políticos e às múltiplas etnias perseguidas, sendo que a prática comunista precedeu a nazi. “É portanto falso pretender que o comunismo é um universalismo”, concluiu o historiador Stéphane Courtois, pois “se o projeto tem uma vocação mundial, uma parte da humanidade é declarada indigna de aí existir, exatamente como no nazismo; a diferença é que uma discriminação por extratos (classes) substitui a discriminação racial e territorial dos nazis.”³⁶⁷⁴

O exemplo da violência comunista, que na sequência temporal serviu de farol à violência nazi, teve uma influência tão forte no nacional-socialismo alemão que Ernst Nolte designou o nazismo por “bolcho-nacionalismo” racial. “O bolchevismo e o comunismo serviram de modelo ao nacional-socialismo, mas muito essencialmente nos métodos de luta”³⁶⁷⁵, escreveu o

³⁶⁷⁰ Adolf Hitler, *op. cit.*, 2016, p.276.

³⁶⁷¹ Hermann Langbein, *op. cit.*, 2011, p.286/287.

³⁶⁷² Martin Broszat, “Hitler and the Genesis of the ‘Final Solution’: An Assessment of David Irving’s Theses”, in Michael Robert Marrus (direção), *The Nazi Holocaust – The ‘Final Solution’: The Implementation of Mass Murder*, Volume 1, Meckler, Westport, 1989, p.130.

³⁶⁷³ Geoffrey Cocks, “Modern Pain and Nazi Panic”, in Paul Betts e Greg Eghigian (direção), *Pain and Prosperity – Reconsidering Twentieth-Century German History*, Stanford University Press, Stanford, 2003, p.96.

³⁶⁷⁴ Stéphane Courtois, “Les crimes du communisme”, in Stéphane Courtois, Nicolas Werth, Jean-Louis Panné, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek e Jean-Louis Margolin, *op. cit.*, Robert Laffont, Paris, 1997, p.31.

³⁶⁷⁵ Ernest Nolte, *op. cit.*, 2011, p.737.

historiador alemão, para quem o extermínio dos judeus pelos nazis “é a cópia do original”, tendo o original sido o extermínio dos *kulaks* pelos comunistas, com “o caráter social deste último substituído pelo caráter biológico”³⁶⁷⁶ do Holocausto.

Para Nolte, o grande erro dos historiadores até à década de 1980 em recusarem-se a ver o que era óbvio, a ligação do terrorismo nacional-socialista ao terrorismo comunista, radicava na sua recusa em reconhecer que as deportações, os campos de concentração e de morte e o extermínio de populações inteiras não tinham sido uma inovação nazi, mas comunista. A repressão comunista precedeu sequencialmente a repressão nacional-socialista, se é que não lhe serviu mesmo de modelo.

Já Alan Bullock, que também colocou *kulaks* e judeus no mesmo plano, admitiu que “a comparação entre os dois (regimes) é válida”, até porque “a repressão estalinista provocou mais mortes, havendo cálculos de que o seu número de vítimas foi o dobro das geradas pelos nazis”³⁶⁷⁷. Richard Pipes sustentou a mesma posição. “Não se pode dizer que o comunismo ‘causou’ o fascismo e o nacional-socialismo, uma vez que as fontes destes últimos são indígenas”, escreveu Pipes. “O que pode ser dito é que, quando as forças antidemocráticas do pós-Grande Guerra ficaram suficientemente fortes, os seus líderes tinham à mão um modelo para seguirem”³⁶⁷⁸. Esse modelo era o totalitarismo genocida comunista.

Na origem da lógica genocidária socialista nacionalista está, por um lado, a demonização nacionalista dos estrangeiros e das minorias internas, e, por outro, a demonização socialista dos burgueses e dos “ricos”. Embora de início seja relativamente inofensiva, apesar de infantilizada e maniqueísta, é esta lógica simplista que leva à desumanização de classes inteiras da população e que, na sua versão mais radical, conduz à conclusão lógica de que o extermínio dos “maus”, sejam eles os estrangeiros ou os burgueses, se torna imprescindível para o bem da humanidade.

Os nazis, por seu turno, misturaram a estigmatização socialista dos burgueses e a diabolização nacionalista das minorias internas e dos estrangeiros como inimigos com a demonização racial dos judeus como inimigos, fundindo os três conceitos – burgueses, inimigos internos e judeus – na síntese dos judeus ricos como os inimigos. Na verdade, os nacional-

³⁶⁷⁶ *Idem*, p.727.

³⁶⁷⁷ Alan Bullock, *op. cit.*, 1993, p.970.

³⁶⁷⁸ Richard Pipes, *op. cit.*, 1ª edição, 1993, p.245.

socialistas afirmavam-se convencidos de que os capitalistas judeus se encontravam por detrás da guerra e achavam que o seu extermínio poria fim ao conflito. “Nós, os national-socialistas, víamos os conflitos que agora acabaram unicamente como uma guerra contra os judeus – não contra os franceses, os ingleses, os americanos ou os russos”, explicou o dirigente nazi Robert Ley quando em 1945 foi interrogado pelos Aliados. “Acreditávamos que eles eram apenas *instrumentos* dos judeus”³⁶⁷⁹ (em itálico no original).

Na visão nacional-socialista, era o capitalismo judeu que estava por detrás de todos os males, pelo que o extermínio dos judeus se tornava necessário para pôr fim à guerra. “Durante as nossas conversas privadas perguntaram-me repetidamente: é mesmo necessário fazer isto? É realmente preciso que centenas de milhar de mulheres e crianças sejam destruídos?”, confidenciou o comandante de Auschwitz, Rudolf Höss, sobre as dúvidas levantadas por alguns SS. “Eu dizia-lhes que o extermínio dos judeus tinha de ser feito para que a Alemanha e os nossos descendentes se livrassem para sempre dos seus inimigos incansáveis.”³⁶⁸⁰

São múltiplos os relatos aparentemente sinceros de nazis agastados com o extermínio, mas que mesmo assim o levavam a cabo por o considerarem necessário. “Assisti pela primeira vez a uma ação especial”, escreveu Johann Paul Kramer, das SS, na intimidade do seu diário em 1942. “Por comparação, o inferno de Dante quase parece uma comédia. Auschwitz é aptamente designado campo de extermínio!”³⁶⁸¹

As próprias vítimas se apercebiam disso. “Nada é mais falso do que ver os SS descritos como uma horda de sádicos que torturava e maltratava milhares de seres humanos por instinto, paixão e prazer”, observou Benedikt Kautsky, uma judia que sobreviveu a Auschwitz. Outro sobrevivente, Ella Lingens, confirmou que a maioria dos SS que operavam a máquina de extermínio “eram pessoas perfeitamente normais que sabiam muito bem distinguir o bem do mal.”³⁶⁸²

Hannah Arendt também o notou quando seguiu o julgamento de Eichmann. “O problema com Eichmann é que precisamente muitos eram como ele e que muitos não eram nem perversos nem sádicos, é que eles eram,

³⁶⁷⁹ Richard Overy, *op. cit.*, 2001, p.197.

³⁶⁸⁰ Rudolf Höss, *op. cit.*, 2001, p.153.

³⁶⁸¹ Johann Paul Kramer, *Diary*, in *KL Auschwitz Seen by the SS*, The Auschwitz-Birkenau State Museum, Oswiecim, 2007, p.162.

³⁶⁸² Hermann Langbein, *op. cit.*, 2011, p.284.

e ainda são, terrível e horivelmente normais”³⁶⁸³, observou ela, introduzindo no título do seu ensaio a expressão “banalidade do mal” que pode ser entendida num duplo sentido – o de que o mal se tornara banal mas também, e sobretudo, o de que o mal era cometido por gente banal.

Os *kulaks*, os burgueses e os judeus eram os “ricos” dos diversos totalitarismos nacionalistas socialistas, sendo que o processo maniqueísta da sua desumanização e demonização os transformava nos “maus” a eliminar. O “bem”, para os zelotes comunistas ou nacional-socialistas, era a matança dos “maus”, para uns os burgueses e para outros os judeus, ambos encarados como os “ricos”.

O genocídio é assim racionalizado pelos seus perpetradores como um mal provisório e necessário de extermínio dos “maus”, já devidamente desumanizados, para que se atingisse o bem final da sociedade purificada em termos de classes ou de raças. “Estas ideologias podem ser diversas e complexas, mas é surpreendente constatar que elas chegam sempre na prática à mesma ‘lei’, a da eliminação dos indivíduos em benefício do processo e do progresso da espécie”³⁶⁸⁴, observou Arendt, para quem o terror do comunismo e do nacional-socialismo “elimina os indivíduos em nome do bem da espécie. Ele sacrifica os homens para o bem da humanidade.”³⁶⁸⁵

A ligação genocida entre o comunismo e o nacional-socialismo alemão é também feita doutrinariamente por revolucionários comunistas como Ulrike Meinhof, da Fação do Exército Vermelho que levou a cabo vários atentados terroristas na Alemanha na década de 1970. Citada pela imprensa, a senhora Meinhof lamentou em tribunal que Auschwitz fosse condenado como “uma expressão do mal”, e explicou porquê. “Todos concordámos com o que se passou, comunistas incluídos”, declarou, defendendo que se deveria explicar a verdade aos alemães sobre o facto de que “todos nós, os comunistas e os outros, estávamos unidos nesta questão” da matança dos judeus. “O antissemitismo era essencialmente anticapitalismo, absorveu o ódio dos homens pelo dinheiro como meio de troca e o seu desejo pelo comunismo”, disse, sustentando que “Auschwitz significou que seis milhões de judeus foram mortos e atirados para a lixeira da Europa pelo que realmente eram: judeus-dinheiro (*Geldjuden*). O capital financeiro e os bancos, o coração do sistema imperialista e capitalista, gerou o ódio dos homens ao dinheiro, à

³⁶⁸³ Hannah Arendt, *Eichmann in Jerusalem – A Report on the Banality of Evil*, Penguin Books, Londres, 2006, p.276.

³⁶⁸⁴ Hannah Arendt, *op. cit.*, 2018, p.41.

³⁶⁸⁵ *Idem*, p.43/44.

exploração e aos judeus. O erro da esquerda e dos comunistas é o de não esclarecerem estas ligações”³⁶⁸⁶ (parênteses no original).

É verdade que uma importante parte do eleitorado comunista alemão se transferiu para o partido nacional-socialista, o que significa que esses comunistas se reviam nas políticas socialistas, nacionalistas e racistas dos nazis, mas não é menos verdade que muitos comunistas alemães permaneceram anti-nazis e agiram a favor de judeus. Assim sendo, talvez as palavras de Ulrike Meinhof devam ser lidas no mesmo contexto que presidiu aos textos sobre a questão judaica assinados por Karl Marx, em cuja ideologia a revolucionária alemã se inspirou. “O que é a religião mundial do judeu?”, perguntara Marx no livro *A Questão Judaica*, para logo responder: “A negociata. Qual é o seu deus? O dinheiro”³⁶⁸⁷ (*Geld*, em alemão). Noutro texto sobre os *Geldjuden*, Marx falara no dinheiro e no capitalismo como a “manifestação imunda-judaica”³⁶⁸⁸ e o mesmo fez nas próprias páginas de *O Capital*, como já vimos. Ao equiparar os judeus ao dinheiro, os *Geldjuden*, Marx estava na realidade a reforçar preconceitos e estereótipos raciais. Em suma, e conforme se percebe pelas declarações de Ulrike Meinhof, os próprios revolucionários neomarxistas estabeleceram a ligação entre o marxismo e Auschwitz a partir das afirmações antisemitas do autor de *O Capital* na doutrina oficial do marxismo original.

O projeto genocida dos totalitarismos, convém sublinhar, não se esgotava no extermínio de grupos específicos como os judeus ou os *kulaks*. “Novos inimigos objetivos iam sendo descobertos conforme as circunstâncias”, constatou Hannah Arendt. “Os nazis, prevendo o completo extermínio dos judeus, já tinham tomado as medidas preliminares necessárias para a liquidação do povo polaco, tendo Hitler até planeado dizimar certas categorias de alemães”, enquanto “os bolcheviques, tendo começado com os antigos descendentes das classes dominantes, dirigiram a seguir o terror total contra os *kulaks* (no início dos anos 1930), depois contra os russos de origem polaca (entre 1936 e 1938), sucedendo-se os tártaros e os alemães do Volga durante a guerra, de seguida os antigos prisioneiros de guerra e as unidades das forças de ocupação do Exército Vermelho depois da guerra, e os judeus

³⁶⁸⁶ André Moncourt e J. Smith, *The Red Army Faction – A Documentary History. Volume I: Projectiles from the People*, PM Press and Kersplebedeb, Montreal, 2009, p.546/547.

³⁶⁸⁷ Karl Marx, *op. cit.*, Wroclaw, 2014, p.29.

³⁶⁸⁸ Karl Marx, “Theses on Feuerbach”, 1845, Marx/Engels Internet Archive, www.marxists.org.

russos após o estabelecimento de um Estado judaico”³⁶⁸⁹ (parênteses no original).

O genocídio totalitário não era por conseguinte um mero instrumento, mas um fim em si mesmo, uma gigantesca boca insaciável que se alimentava de mais e mais vítimas para se perpetuar. Esta voragem genocida parece ter a sua origem doutrinária no conceito de “revolução permanente”³⁶⁹⁰ que Marx e Engels teorizaram e que Trotsky apadrinhara e desenvolvera. A ideia dos socialistas nacionalistas, tanto comunistas como nazis, era a de que a sociedade tinha de estar em permanente revolução e para isso tornava-se evidentemente imprescindível inventar sempre novos inimigos. A revolução permanente era sustentada pelo constante receio de que inimigos estivessem a conspirar para a travar, pelo que se tornava sempre preciso eliminar um qualquer inimigo, diabolizado durante esse combate, e quando tal inimigo era exterminado urgia encontrar um novo inimigo, que por se tornar uma “ameaça” à revolução tinha também de ser exterminado, e assim sucessivamente.

Neste aspeto crucial, os fascistas dissociavam-se em absoluto dos nazis e dos comunistas. É certo que o fascismo também endossava a revolução permanente e a violência, no fim de contas os fascistas, inspirados na violência preconizada por Marx, Engels e Sorel, efetuaram assassinatos e ações de grande brutalidade. Além disso, Mussolini, como fascista de origem marxista que era, proclamou repetidamente que “a violência é por vezes moral”³⁶⁹¹ e fez também a defesa da “revolução contínua”³⁶⁹² contra a burguesia. Porém, a verdade é que a vertente italiana do socialismo nacionalista nunca se tornou genocida. “Vós, os comunistas, tendes a vossa tática doutrinária, o exercício do terror, ainda hoje na Rússia se continua a fuzilar em toda a linha. Sessenta pessoas foram fuziladas em Petrogrado e sessenta e três em Odessa”³⁶⁹³, disse Mussolini, acusando os comunistas de “crimes atrozes e inumeráveis, que desonram o género humano”. O *Duce*

³⁶⁸⁹ Hannah Arendt, *op. cit.*, 1962, p.424.

³⁶⁹⁰ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.166.

³⁶⁹¹ Benito Mussolini, “Discorso del 20 settembre 1922 Discorso alla Camera”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

³⁶⁹² Benito Mussolini, “Sull’indirizzo di risposta al discorso della corona”, *Atti del Parlamento Italiano*, 7 de junho de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.308; Benito Mussolini, “Sintesi del regime”, 18 de março de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, outubro de 1983, p.117.

³⁶⁹³ Benito Mussolini, “Per la vera pacificazione”, 22 de dezembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955, p.295.

estabeleceu a comparação entre o “mar de sangue inutilmente derramado”³⁶⁹⁴ na Rússia e o conceito de violência fascista: “a violência não é para nós um sistema, não é uma estética e menos ainda um desporto, é uma dura necessidade à qual estamos submetidos.”³⁶⁹⁵

Em bom rigor, noutras ocasiões o chefe do fascismo afirmou mesmo que a violência era “bela”³⁶⁹⁶, assim lhe conferindo de facto um carácter estético, *à la* Sorel, embora seja oportuno repetir que, ao contrário do que tantas vezes foi dito no discurso mediático, este não se tornou um traço distintivo do fascismo, mas revelou-se específico do neomarxismo soreliano geral. Convém a este propósito insistir que foi o próprio teórico neomarxista Georges Sorel que descreveu a violência como sendo “muito bela”³⁶⁹⁷, conceito que influenciou um grande número de socialistas, incluindo os bolcheviques e os fascistas.

Uma e outra vez os fascistas voltaram ao mesmo tema, chegando até a temperar esta influência neomarxista soreliana e a estabelecer limites para a violência. O ideólogo fascista Giovanni Gentile defendeu que a vida humana era “sagrada”³⁶⁹⁸ e que a violência só podia ser usada após cuidada deliberação, posição secundada por Mussolini. “É preciso adequar a violência à necessidade do momento, não fazer dela uma escola, uma doutrina, um desporto”, preconizou o *Duce*, sublinhando: “comparada com a dos bolcheviques da Rússia, onde foram mortos dois milhões de pessoas e outros dois milhões de indivíduos se encontram presos, a nossa violência é uma brincadeira de crianças”³⁶⁹⁹. Vemos aqui, pois, os fascistas a darem lições aos comunistas contra o recurso abusivo à violência.

De facto, enquanto comunismo soviético e nacional-socialismo alemão mataram milhões de pessoas e levaram a cabo projetos de extermínio físico de classes ou de raças inteiras, o fascismo italiano ficou-se por milhares de vítimas, a grande maioria na guerra da Etiópia e na Líbia, e não tinha projetos para exterminar nenhuma categoria da população. O escândalo em torno do assassinato do deputado socialista Giacomo Matteotti pelos fascistas em

³⁶⁹⁴ Benito Mussolini, “Crepuscolo”, *Il Popolo d'Italia*, 13 de junho de 1937, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984, p.99.

³⁶⁹⁵ Benito Mussolini, “Discorso del 21 giugno 1921 Primo discorso alla Camera”, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

³⁶⁹⁶ Benito Mussolini, “Discorso del 5 ottobre 1922 Gruppo Sciesa di Milano”, *ibidem*.

³⁶⁹⁷ Georges Sorel, *op. cit.*, 2016, p.109.

³⁶⁹⁸ James Gregor, *op. cit.*, 1999, p.106.

³⁶⁹⁹ Benito Mussolini, “Discorso del 20 settembre 1922 Discorso alla Camera”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

1924 quase derrubou Mussolini do poder, enquanto os comunistas Lenine, Trotsky, Estaline, Mao e o nacional-socialista Hitler chacinaram todos os opositores e classes de população que entenderam, de forma sumária ou envolvendo processos-farsa, sem que isso ameaçasse minimamente a sua manutenção no poder – pelo contrário, a sua posição ia até saindo reforçada.

Note-se que comunistas e nacional-socialistas procediam ao extermínio com a consciência plena de que estavam a fazer o mal. De tal modo foi assim que ambos procederam à destruição dos campos de concentração após estes terem exercido as funções para que foram concebidos, um traço comum entre comunismo e nacional-socialismo. É bem conhecido o esforço dos nazis em apagarem os vestígios da existência dos seus campos. Os crematórios de Birkenau, por exemplo, chegaram a ser desmontados pedra a pedra e as ossadas das vítimas moídas até se tornarem pó e serem lançadas no rio, de modo a que não sobrassem vestígios da sua existência.

Acontece que práticas semelhantes de apagamento do passado concentracionário foram adotadas pelo regime comunista. “É típico dos campos construídos pelos regimes comunista ou nazi que se uma demolição era feita, era executada por completo”, observou Jan Hasil, do Instituto de Arqueologia de Praga, após descobrir na capital checa vestígios de um campo comunista quase completamente obliterado. “Eles não queriam deixar qualquer prova, da mesma maneira que um criminoso comum se esforça por ocultar os seus vestígios.”³⁷⁰⁰

A prática do genocídio e a consequente impunidade constituem, como é evidente, indubitáveis marcas do totalitarismo e associam irreversivelmente comunismo e nacional-socialismo enquanto regimes integrantes do fascismo genérico.

Ciências

³⁷⁰⁰ Robert Tait, “Stalin Statue Site Reveals Chilling Remains of Prague Labour Camp”, *The Guardian*, 28 de março de 2021.

A terceira característica que une os regimes comunistas e nacional-socialista e os impele para o totalitarismo é o seu cientismo, ou seja, a reivindicação de cientificidade das respetivas práticas totalitárias. É certo que a própria palavra *ideologia* tem na sua etimologia pretensões científicas, pois une a palavra *ideia* ao sufixo *logos*, como se *ideologia* fosse tão científica quanto *biologia*, *zoologia* ou *mineralogia*. Porém, no casos das ditaduras nacionalistas socialistas, a pretensão científica da sua ação vai mais longe e chega a servir de legitimação às suas práticas totalitárias, em especial no que ao extermínio diz respeito.

Leis naturais

O cientismo dos totalitarismos de extração socialista e nacionalista começa por ser exacerbado pela convicção dos seus ideólogos de que se limitaram a descobrir e aplicar leis naturais que os transcendiam. Marx e Engels acreditavam terem desvendado as leis científicas da história e por isso designaram o marxismo por “socialismo científico”³⁷⁰¹, enquanto Hitler, por via da eugenia, acreditava que haviam sido descobertas as leis científicas que permitiam gerar o *Übermensch*, o tal ser humano superior que resultaria da natural evolução da espécie desde que não houvesse mistura dos arianos com as raças inferiores como a judaica, e por isso designou o nacional-socialismo por “antissemitismo científico”³⁷⁰². Já Rudolf Hess preferia chamar-lhe “ciência racial aplicada”³⁷⁰³. Os marxistas apresentavam-se como socialistas científicos e os nazis como nacional-socialistas científicos.

Seria mesmo de ciência que se tratava? Uma teoria científica constitui um conjunto coerente de ideias que procura explicar uma determinada realidade. Como observou Karl Popper, e qualquer cientista bem sabe, para uma teoria poder ser considerada científica tem de ser testável, o que significa que os seus pressupostos têm de conduzir a previsões específicas que possam ser verificáveis.

Por exemplo, a teoria da relatividade previa que a luz curvasse quando passasse junto a corpos muito massivos. Essa previsão viria a ser confirmada nas medições feitas por Arthur Eddington durante o eclipse de 1919 em São Tomé e Príncipe, o que reforçou a credibilidade da teoria de Albert Einstein.

³⁷⁰¹ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.68; Friedrich Engels, *op. cit.*, 1956, p.32.

³⁷⁰² Adolf Hitler, “Why We Are Antisemites”, 15 de agosto de 1920, Carolyn Yeager Writings, carolynyeager.net.

³⁷⁰³ Christopher Hale, *Himmler’s Crusade – The True Story of the 1938 Nazi Expedition Into Tibet*, Bantam Books, Londres, 2004, p.169.

Quando as previsões de uma teoria falham sistematicamente, contudo, isso significa que os seus pressupostos são errados e ela é descartada por não ter passado no teste do confronto com a realidade. Em ciência é a teoria que se tem de adaptar à realidade e não o contrário.

São amplamente conhecidos os exemplos alegadamente “científicos” que percorrem os textos de Marx e Engels e a literatura neomarxista. Os fundadores do marxismo e os neomarxistas alegavam que as suas ideias eram ciência de alta precisão, e o mesmo achavam os nacional-socialistas sobre as suas próprias ideias. Ambos, comunistas e nacional-socialistas, fizeram previsões muito específicas. Terão acertado, assim provando a natureza científica das suas doutrinas?

Começemos pelo marxismo. Marx e Engels previram que vinha aí a revolução do proletariado e que ela não só era inevitável como estava iminente e ocorreria ainda no seu tempo de vida. Todavia, e como é público e notório, essas previsões não foram confirmadas pela realidade. Não houve nenhuma revolução dos proletários, nem no tempo de vida de Marx e Engels nem nos duzentos anos seguintes. Ambos previram também que o capitalismo geraria cada vez mais miséria e na verdade isso não aconteceu; ao invés, as sociedades capitalistas produziram riqueza que se distribuiu por camadas cada vez mais alargadas da população, como constatou o fundador da social-democracia, Eduard Bernstein. Marx e Engels previram ainda o fim das pequenas e médias empresas e estas afinal prosperaram.

O mesmo tipo de previsões falhadas afligiu o nacional-socialismo. Embora a ideologia de Adolf Hitler se tenha revelado menos ambiciosa na amplitude das previsões com pretensões científicas, o facto é que as poucas que fez acabaram também por se revelar falhadas. A maior delas foi a de que, se a miscigenação racial prosseguisse, iria ocorrer uma inevitável degeneração humana que atiraria a humanidade de regresso à animalidade irracional, pois as raças inferiores fariam retroceder racialmente as superiores. A miscigenação prosseguiu e, na verdade, o progresso da humanidade não só não se reverteu nem sequer foi travado como até acelerou, desmentindo assim a teoria racial nacional-socialista que se reivindicava científica.

É um facto que os nacional-socialistas tinham tanta pretensão de cientificidade quanto os comunistas. “O nacional-socialismo representa uma perspectiva da realidade fria e racional sustentada no mais elevado

conhecimento científico”³⁷⁰⁴, sustentou Hitler em 1938, tendo o seu secretário Martin Bormann emitido em 1941 uma circular contra o ocultismo a lembrar aos membros do partido nazi que “a ideologia nacional-socialista assenta no conhecimento científico das leis raciais, sociais e naturais”³⁷⁰⁵. Isto independentemente de os nazis continuarem a perfilhar ideias esotéricas, ao ponto de considerarem que a astrologia e a parapsicologia eram ramos científicos legítimos e que as velhas lendas germânicas constituíam relatos históricos credíveis.

O médico húngaro Miklós Nyiszli, que foi forçado a colaborar nas experiências “científicas” dos nazis em Auschwitz-Birkenau, relatou um episódio envolvendo o caso de dois judeus, pai e filho, um corcunda e outro com uma deformidade no pé, que foram executados e depois cozidos para que só ficassem os esqueletos de modo a que as suas deformidades ósseas fossem analisadas. “O doutor Mengele estava muito agradado”, escreveu Nyiszli. “Trouxe vários oficiais com ele. Examinaram pomposamente certas partes dos esqueletos e recorreram a termos científicos bem-sonantes. (...) A propaganda nazi nunca hesitava em cobrir as suas mentiras monstruosas numa capa científica.”³⁷⁰⁶

Em suma, estamos perante ciências que falham as suas previsões científicas e cuja descrição da realidade se mostra desfasada da realidade. “É o comunismo uma ciência?”, perguntou um professor ao seu aluno. “Não”, respondeu a criança, “pois se fosse tinham-no testado primeiro em cães”. Esta velha anedota soviética ilustra na perfeição a ideia de que, apesar das suas pretensões, nada do que estamos aqui a falar tem realmente a ver com a ciência, mas com uma pretensão de ciência tecida para camuflar uma multiplicidade de preconceitos, mitos, tabus e dogmas. Isto é tão válido para o socialismo marxista como para o nacional-socialismo.

O problema é que o cientismo cobriu estas ideologias com o verniz legitimador das suas práticas totalitárias. Assim, foi a ciência, ou mais exatamente a pretensão dela, que deu cobertura à pretensão das ideologias totalitárias de se declararem senhoras da totalidade do pensamento, pois acreditavam que os seus programas não eram teorias, mas ciência exata que conduziria à criação do novo homem, o novo homem comunista ou o *Übermensch* nacional-socialista.

³⁷⁰⁴ Eric Kurlander, *op.cit.*, 2017, p.131.

³⁷⁰⁵ *Idem*, p.100.

³⁷⁰⁶ Miklós Nyiszli, *op. cit.*, 2012, p.130.

Estes socialismos nacionalistas tornaram-se na verdade tão obscurantistas que, além de proibirem e destruírem livros com receio de que a verdadeira ciência desmistificasse a sua pseudo-ciência, chegaram ao ponto de negar a própria ciência. Isso aconteceu quando os comunistas condenaram as leis de Mendel como sendo contrárias à verdade socialista e descreveram a física quântica como ciência burguesa, enviando os geneticistas para o *gulag*, e aconteceu também quando os nacional-socialistas condenaram a teoria da relatividade e a física quântica como sendo ciência judaica, enviando cientistas para os *lager*. A pseudo-ciência ideológica era mais importante do que a verdade científica. No que diz respeito à física quântica, no entanto, tiveram ambos mais tarde de engolir as objeções ideológicas para poderem lançar os seus projetos de desenvolvimento de armas nucleares.

O cientismo permitiu que os totalitarismos socialistas nacionalistas, fossem eles de extração socialista marxista ou nacional-socialista, pretendessem que o mal era um bem, ao fazer com que os respectivos zelotes, mesmo admitindo que os atos que praticavam seriam considerados repugnantes à luz da moral tradicional, se convencessem de que não se podiam deixar vencer pelo que Engels chamava “ideias sentimentais”³⁷⁰⁷, Marx designava “lágrimas sentimentais”³⁷⁰⁸ e Hitler apelidava “sentimentos humanitários”³⁷⁰⁹, uma vez que as suas ações se destinavam a assegurar um bem superior. Era preciso usar “crueldade na luta revolucionária”, explicou Trotsky, para quem “esta crueldade é o mais elevado humanitarismo revolucionário.”³⁷¹⁰

O próprio Engels já havia afirmado que se deveria usar “absoluta impiedade”³⁷¹¹ na revolução, pois um dia essa violência impiedosa seria compreendida e até elogiada. “Até ao momento em que o mundo esteja capaz de passar um julgamento histórico sobre este tipo de coisas, seremos encarados não apenas como bestas brutas, o que é irrelevante, mas também como *bête* (estúpidos), o que é pior”³⁷¹², escreveu Engels, para concluir que

³⁷⁰⁷ Friedrich Engels, “Democratic Pan-Slavism”, *Neue Rheinische Zeitung*, 14 de fevereiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

³⁷⁰⁸ Karl Marx, *op. cit.*, 2011, p.44.

³⁷⁰⁹ Adolf Hitler, *op. cit.*, 2016, p.262.

³⁷¹⁰ Leon Trotsky, “The Course of the Civil War”, Quarto Congresso do Comintern, 14 de novembro de 1922, www.marxists.org.

³⁷¹¹ Friedrich Engels, “Engels to Joseph Weydemeyer In New York”, 12 de abril de 1853, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

³⁷¹² *Idem*.

“a reabilitação do nosso partido pela história estará assegurada antecipadamente pela nossa literatura.”³⁷¹³

A mesma ideia transposta para a questão racial era partilhada por Hitler, para quem, se os arianos se deixassem seduzir pela “ideia pacifista-humanitária”³⁷¹⁴ e continuassem a permitir a miscigenação que conduziria à “degeneração”³⁷¹⁵ da raça ariana, os arianos acabariam por se extinguir e “uma profunda treva abater-se-ia sobre a Terra; daqui a alguns milhares de anos a cultura humana desapareceria e o mundo tornava-se um deserto”³⁷¹⁶. Era, pois, preciso exterminar o bacilo judaico que ameaçava a espécie humana.

Uma das primeiras referências nazis a tal extermínio foi feita numa carta remetida em 1941 ao “caro camarada Eichmann” por um oficial SS na Polónia. “Existe neste inverno o perigo de que já não se possa alimentar todos os judeus”, escreveu o *Sturmbannführer* Rolf Höppner. “Deveríamos considerar seriamente se a solução mais humana não seria eliminar os judeus, em particular aqueles que não são capazes de trabalhar, através de um agente que atue rapidamente. Seria mais agradável do que deixá-los morrer à fome”³⁷¹⁷. Pelos vistos também os nazis achavam que, apesar de fazerem prova de uma “absoluta impiedade” na sua revolução, a reabilitação do seu partido pela história estaria assegurada antecipadamente pela busca de uma “solução mais humana.”

O raciocínio escatológico das duas ideologias totalitárias é, como vemos, idêntico – o que, note-se, não constitui coincidência. “Os próprios governantes não se reivindicam justos ou sábios, apenas executores de leis históricas ou naturais”, observou Arendt, para quem é assim que “o terror torna-se lei”³⁷¹⁸. Acima de tudo, a escatologia messiânica destas ideologias oferece o horror em troca de uma promessa de salvação no paraíso que há-de vir. “A dor de hoje parecia ser apenas o pagamento necessário pelo futuro glorioso que aguardava o nosso país e o seu povo”, escreveu o governante comunista soviético Victor Kravchenko sobre a forma como os comunistas no seu país racionalizavam a fome, as deportações e as execuções em massa

³⁷¹³ *Ibidem.*

³⁷¹⁴ Adolf Hitler, *op. cit.*, 2016, p.260.

³⁷¹⁵ *Idem*, p.259.

³⁷¹⁶ *Ibidem*, p.262.

³⁷¹⁷ Christopher Browning, *The Origins of the Final Solution – The Evolution of Nazi Jewish Policy, 1939-1942*, Arrow Books, Londres, 2005, p.321.

³⁷¹⁸ Hannah Arendt, *op. cit.*, 1962, p.465.

relacionadas com as coletivizações e as requisições forçadas do período da industrialização messiânica. “Industrialização a qualquer custo, para retirar o país do atraso, parecia-nos ser o objetivo mais nobre que se poderia conceber.”³⁷¹⁹

O mal em nome do bem

As próprias práticas genocídrias dos regimes comunista e nacional-socialista eram apresentadas sob uma pátina científica legitimadora, usando-se a própria ciência, ou mais exatamente a pseudo-ciência, para selecionar as populações destinadas ao extermínio. E neste domínio encontramos mais uma ligação sequencial entre comunismo e nacional-socialismo. Os nazis faziam exames “científicos” para determinar as raças inferiores a liquidar, como é amplamente sabido, mas o que é menos conhecido é que os comunistas já antes também recorriam a métodos “científicos” para escolher as suas vítimas.

Os métodos “científicos” de matança foram introduzidos pelos bolcheviques na década de 1920 na Crimeia, onde as pessoas destinadas à morte eram interrogadas e selecionadas segundo critérios rigorosos e inflexíveis. O sistema comunista da matança de seres humanos por quotas foi também racionalizado com recurso à legitimação científica. Assim, a direção do Partido Comunista determinava “cientificamente” a percentagem de pessoas que cada região devia deter, deportar ou fuzilar, e a GPU, a polícia política que sucedeu à *Cheka* e antecedeu o NKVD, encarregava-se de fazer respeitar essas quotas.

Chegaram a ser estabelecidas categorias “científicas” de *kulaks*, com os de categoria 1 a serem destinados ao abate imediato (morreram assim fuziladas mais de meio milhão de pessoas) e os de categoria 2 à deportação para campos de concentração, para onde iam na maior parte das vezes em vagões para animais, o que fazia dos prisioneiros “gado humano”³⁷²⁰, para usar a expressão de Solzhenitsyn. Do socialismo científico emergiu assim o genocídio científico.

Para os zelotes do socialismo nacionalista, não há limites da prática do horror no caminho do “bem”. Os próprios comunistas o reconheceram. “Embora baníssemos tal conhecimento para as regiões remotas das nossas mentes, alguns de nós, comunistas, sabíamos bem que hordas de homens e

³⁷¹⁹ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.50/51.

³⁷²⁰ *Ibidem*, p.429.

mulheres inocentes estavam a ser arrebanhados para prisões e campos de trabalhos forçados”, admitiu Victor Kravchenko. “Justificávamos isso a nós próprios como ação ‘preventiva’ – ou evitávamos o problema moral simplesmente por nos recusarmos a encará-lo com olhos abertos.”³⁷²¹

Ou seja, as ideologias totalitárias matavam para “salvar”. Como tão bem observou Aleksandr Solzhenitsyn, “para fazer o mal um ser humano precisa em primeiro lugar de acreditar que está a fazer o bem”³⁷²². O mal hoje pelo bem amanhã, é esse o contrato proposto por aqueles que destroem o mundo com a promessa de que estão a erguer um outro ainda melhor. “Que homens generosos! Queriam ajudar-me!”, ironizou Dimitri Vitkovski, vítima dos *gulag*, com amargura revoltada: “malditos sejais, vós, os carrascos!”³⁷²³

As semelhanças entre os regimes comunista e nazi nos seus projetos totalitários são, como vemos, perturbadoramente grandes. Isso acontece devido justamente à respetiva pretensão científica. “O regime totalitário é ‘sem leis’ na medida em que dispensa todas as leis positivas, mas não é arbitrário porque obedece, segundo uma lógica rigorosa, às leis da História ou da Natureza e as aplica escrupulosamente”³⁷²⁴, notou Hannah Arendt, para quem “o ditador totalitário, diferentemente do tirano, não se considera um agente livre que pode fazer valer a sua vontade arbitrária, mas, pelo contrário, como um executante de leis que lhe são superiores.”³⁷²⁵

O objetivo último destas escatologias messiânicas pseudo-científicas é levarem até às últimas consequências o que consideram serem leis naturais, as da história ou as da raça, e imporem assim o que definem como um bem superior. É por isso que vemos nazis e comunistas continuarem a defender as suas ideologias apesar dos genocídios perpetrados em seu nome. De tal modo ambas se assemelham na sua ação genocida e totalitária que se poderia até colocar com pertinência e legitimidade a possibilidade de que os regimes comunistas, mais do que regimes fascistas, enquanto ditaduras de socialismo nacionalista de ambições totalitárias foram na realidade regimes nacional-socialistas – ou seja, da família do nazismo.

O certo é que, na sua prática genocida, os zelotes, fossem eles comunistas ou nacionais-socialistas alemães, sabiam que os seus contemporâneos os consideravam “bestas brutas” e “estúpidos” pelos seus atos, para usar a

³⁷²¹ *Idem*, p.153.

³⁷²² Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.77.

³⁷²³ Dimitri Vitkovski, *op. cit.*, 2015, p.164.

³⁷²⁴ Hannah Arendt, *op. cit.*, 2018, p.38.

³⁷²⁵ *Idem*, p.52/53.

terminologia de Engels, por isso a partir de certo ponto os escondiam, mas acreditavam que o futuro os absolveria pois ao assassinar milhões de pessoas estariam de uma maneira perversa a ser virtuosos, uma vez que ambos exterminavam classes, etnias, nações ou raças inteiras em obediência a leis da história ou da biologia, por conseguinte leis que os transcendiam, e faziam-no em prol de algo superior.

O bem da humanidade.

CONCLUSÃO

O fim do tabu

O grande tabu

Considerando tudo o que vimos, é natural que nos interroguemos sobre os motivos pelos quais as ligações entre o marxismo e o fascismo, incluindo a versão alemã que se materializou no nacional-socialismo, sendo indiciadas

nos textos originais dos respectivos ideólogos e tão evidentes e claras na evolução histórica dos vários regimes de socialismo nacionalista ou de nacionalismo socialista, permaneçam largamente desconhecidas do público em geral, dos líderes e militantes neomarxistas em particular, e até, pelos vistos, de alguns historiadores.

Dizer que o estabelecimento destas relações é algo novo não colhe, pois a origem marxista do pensamento fascista já era amplamente conhecida nas décadas de 1920/1930. Os próprios comunistas o admitiam. Recorde-se que o ideólogo neomarxista Otto Bauer comparou o bolchevismo ao fascismo e o IV Congresso do Comintern referiu-se ao fascismo como “um bolchevismo negro”³⁷²⁶. A resolução do terceiro *plenum* chegou ao ponto de conferir legitimidade à reivindicação proletária do fascismo quando defendeu que os fascistas eram “proletários que, decididos a agir e exigindo que se agisse, se sentiam insatisfeitos com o comportamento de todos os partidos políticos.”³⁷²⁷

O teórico comunista italiano Antonio Gramsci constatou o consenso que o fascismo tinha alcançado na sociedade italiana, o que desmentia um mito construído no pós-guerra, e descreveu o movimento de Mussolini como “um partido nascido no campo proletário”³⁷²⁸. Apresentando o fascismo como um movimento de essência antiburguesa, Gramsci falou na “oposição surda e latente da burguesia industrial contra o fascismo”, o que era admitido pelo órgão oficial comunista italiano, o *Avanti!*, em cujas páginas o comunista Giuseppe Modigliani registou que “a burguesia tem medo do fascismo”³⁷²⁹. Também Angelo Tasca, fundador do Partido Comunista Italiano, na primeira grande obra sobre o fascismo chamou a atenção para a natureza socialista do pensamento dos *fasci*. “Mussolini fazia ao mesmo tempo ‘socialismo nacional’ e demagogia”³⁷³⁰, sendo que “o refrão de Mussolini é o de todos os demagogos, cuja demagogia cobre e serve um oportunismo básico: ‘os ricos que paguem a crise!’”, o que fazia do chefe do fascismo um “socialista

³⁷²⁶ Jane Degras, “Extracts From a Manifesto to the Italian Workers Passed at the Opening Session of the Fourth Comintern Congress”, 5 de novembro de 1922, in Jane Degras (direção), *The Communist International (1919-1943) – Documents*, Volume I, The Royal Institute of International Affairs, www.marxists.org, p.377. p.223.

³⁷²⁷ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.216.

³⁷²⁸ *Idem*, p.144.

³⁷²⁹ *Ibidem*, p.235.

³⁷³⁰ Angelo Tasca, *Naissance du fascisme – L’Italie de l’armistice à la marche sur Rome*, Gallimard, Paris, 2003, p.54.

equivocado”³⁷³¹. Ou seja, para o fundador do PCI a máxima fascista de que os ricos deveriam pagar a crise não passava de demagogia.

Por seu turno, as vertentes socialista do nazismo alemão e nacionalista do comunismo soviético começaram a ser estudadas logo na década de 1930, com Thomas Mann a comparar o comunismo e o nacional-socialismo no seu diário em 1933 e Waldemar Gurian a estabelecer as ligações entre essas ideologias socialistas nacionalistas em 1935, chegando a designar os nazis por “nacionais-bolcheviques”³⁷³². Elie Havély fez as mesmas comparações a partir de 1936 e até o comunista italiano Angelo Tasca em 1938, enquanto Rohan Butler em 1941 e Friedrich Hayek em 1944 analisaram as origens socialistas do nacional-socialismo alemão.

Também o caráter religioso destas diferentes correntes socialistas nacionalistas vem sendo estudado há muito tempo, até porque a política remete para a esfera de convicções de tal modo profundas que se diriam serem de natureza religiosa. Rudolf Rocker usou o termo “religião política”³⁷³³ em 1933 para descrever o fascismo, o nacional-socialismo e o bolchevismo. A expressão, todavia, remonta na verdade a Condorcet e à Revolução Francesa e viria a ser celebrizada por Eric Voegelin em 1938. Raymond Aron retomou-a no ano seguinte para em 1944 passar a adotar a designação “religião secular”³⁷³⁴, hoje mais associada às religiões políticas tolerantes, como a democracia parlamentar.

Ou seja, nada disto é realmente novo. Se assim é, no entanto, por que razão a simples referência a estas evidências suscita hoje tanta polémica? A resposta só pode ser uma.

Estas realidades tornaram-se tabu.

O nascimento do grande tabu

Apesar de as ligações entre as três religiões políticas de socialismo nacionalista já serem amplamente conhecidas nas décadas de 1920 e 1930, a partir de certo ponto elas deixaram de ser estabelecidas, como se sobre o assunto tivesse sido feito um pacto de silêncio, e o mutismo prolongou-se por várias décadas. Durante esse período, o estudo dessas relações foi

³⁷³¹ *Idem*, p.55.

³⁷³² François Furet, *op. cit.*, 2016, p.340.

³⁷³³ Emilio Gentile, *Les religions de la politique – Entre démocraties et totalitarismes*, Editions du Seuil, Paris, 2005, p.122.

³⁷³⁴ Raymond Aron, *L’Opium des intellectuels*, Librairie Asthème Fayard/Pluriel, Paris, 2017, p.274.

desencorajado, marginalizado e transformado até em matéria interdita – ao ponto de o simples facto de se tocar no assunto ainda agora suscitar controvérsia e desencadear paixões arrebatadas, com barragens de insultos contra quem se atreva a desafiar a proibição ou simplesmente contra quem emita uma simples opinião que possa pôr em causa o dogma estabelecido.

Pior, foi levado a cabo um esforço bem-sucedido de ocultar tais ligações do grande público e até fazer crer que estes socialismos nacionalistas se tratavam de regimes inteiramente diferentes e sem qualquer relação uns com os outros, quase como se o socialismo nacionalista tivesse aparecido em cena por artes mágicas. Nasceu assim o mito de que o fascismo e o nazismo seriam até uma revolta contra a razão. Mais, a própria palavra *socialismo* foi expurgada do contexto fascista e nacional-socialista e sublimada a natureza nacionalista dos regimes comunistas e até a vertente nacionalista do marxismo original. O que aconteceu para se ter chegado a este ponto zero de denegação intelectual?

A resposta está, claro, na Segunda Guerra Mundial – e sobretudo no seu desfecho. É verdade que, durante o conflito, Karl Popper escreveu *A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos*, livro que viria a publicar em 1945, em que falava no “infalível socialismo científico do fascismo de Marx”³⁷³⁵, não só estabelecendo assim explicitamente a ligação entre fascismo e marxismo como sobretudo declarando que o marxismo era fascista não apenas enquanto regime como na própria doutrina original de Marx. Foi a última vez em muito tempo que alguém se atreveu a tocar em tal questão.

A vitória das democracias liberais e sociais-democratas e do comunismo nacionalista russo e a derrota dos socialismos nacionalistas fascista e nacional-socialista ditou uma reescrita da história do pensamento das correntes derrotadas, e em particular apagando a sua inconveniente origem socialista. Esse processo começou ainda durante a guerra e foi tão rápido e completo que o pensador socialista George Orwell, que avisou os seus contemporâneos de que “para compreender o fascismo é preciso estudar a teoria do socialismo”³⁷³⁶, tão cedo quanto 1946 constatava que “a palavra fascismo já não tem qualquer sentido a não ser que significa ‘algo de

³⁷³⁵ Karl Popper, *The Open Society and Its Enemies*, Princeton University Press, Princeton, 2013, p.354.

³⁷³⁶ George Orwell, “The Lion and the Unicorn: Socialism and the English Genius”, in George Orwell, *op. cit.*, 2004, p.35.

indesejável”³⁷³⁷. Ou seja, já em 1946 o grande tabu se encontrava plenamente instalado e instituída a amnésia geral.

Todos sabemos que a história é escrita pelos vencedores segundo os seus interesses, e este caso não constituiu exceção. O próprio Renzo de Felice sublinhou que a interpretação do fascismo foi alvo desta “prática histórico-política que permite aos vencedores desenvolver um imaginário monolítico do vencido”³⁷³⁸. Não era vantajoso para o comunismo triunfante manter quaisquer ligações embaraçosas com o socialismo nacionalista vencido, ainda para mais considerando o horror absoluto dos campos da morte nazis e a sua inconveniente semelhança e até inspiração no *gulag* comunista, pelo que se consolidou um percurso de santificação do comunismo e de diabolização do fascismo italiano e do nacional-socialismo alemão, reduzidos ao estatuto de aberrações irracionais – a tal “revolta contra a razão” que se tornou a explicação oficial para estas ideologias.

Não está de modo nenhum em causa a justiça dessa diabolização, note-se. Embora não fosse genocida, o regime fascista era uma ditadura e usava a violência e a repressão, com silenciamento e perseguição da oposição. Já o regime nazi foi bem mais longe. Além de ser de facto genocida, dispunha de um vasto complexo concentracionário onde existiam escravos, tortura e mortes em massa, e praticou perseguições por razões étnicas e o princípio da culpa coletiva, pois as pessoas eram punidas não por crimes que cometiam, mas por serem quem eram. O problema é que a diabolização destes regimes contrastava com a santificação de um regime ditatorial semelhante na União Soviética. O regime comunista soviético também era genocida, possuía um vasto complexo concentracionário onde existiam escravos, tortura e morte em massa, e praticava perseguições por razões étnicas e o princípio da culpa coletiva, uma vez que as pessoas eram punidas não por crimes que cometiam, mas por serem quem eram. Como se explica que regimes semelhantes na sua brutalidade fossem apresentados de formas tão díspares?

Parte da responsabilidade por esta dualidade de critérios recai sobre as pesquisas efetuadas em ambientes académicos dominados por intelectuais neomarxistas. Em Itália, por exemplo, a narrativa foi controlada pelas historiografias sobre o fascismo e a resistência antifascista elaboradas por historiadores comunistas italianos. É o caso de Roberto Battaglia, um membro do PCI que descreveu o fascismo como um aliado do capitalismo

³⁷³⁷ George Orwell, “Politics and the English Language”, *idem*, p.109.

³⁷³⁸ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1995, p.127.

monopolístico, ideia que, embora extravagante, fez escola. Muitos outros investigadores alinharam por esta narrativa.

Isso não impediu, saliente-se, que outros historiadores neomarxistas em Itália se viessem a revelar dissonantes em relação a essa linha dominante. É o caso de Enzo Santarelli, que, apesar de também ser membro do PCI e defender que o fascismo era uma modernização do capitalismo, foi o primeiro académico antes de De Felice a consultar extensivamente as fontes fascistas. Há também o caso de Ernesto Ragionieri, um membro do Comité Central do PCI, que admitiu que o fascismo era um movimento de massas que gozava de um largo consenso popular. E, sobretudo, há a considerar Giorgio Candeloro, um historiador de formação comunista, que descreveu corretamente o fascismo como um compromisso e que com honestidade acabou por reconhecer a presença do socialismo no fascismo, embora considerando tratar-se de um socialismo meramente verbal – ideia que não é necessariamente incorreta, embora se possa aplicar também a todos os regimes socialistas.

Se em Itália, apesar de tudo, mesmo alguma historiografia marxista foi reconhecendo a integração do fascismo no socialismo geral, pois os textos doutrinários fascistas estavam escritos em italiano e não era possível negar em absoluto a evidência, no resto do mundo, onde os textos originais pelos vistos não eram lidos com atenção ou as partes mais inconvenientes nem sequer eram traduzidas, prevaleceu a interpretação neomarxista de Moscovo de que o fascismo não passava de uma forma de capitalismo imperialista ou de um braço armado do capitalismo, ou então a interpretação de que o fascismo não passava de um ultra-nacionalismo bélico, sem que se fizesse a menor referência à sua faceta socialista. Estas interpretações, tão essenciais quanto instrumentais para a profunda amnésia que se instalou sobre as raízes marxistas do fascismo, acabou por dominar a historiografia internacional sobre o fascismo, tendo mesmo contaminado a historiografia liberal ao ponto de historiadores prestigiados, como por exemplo Hugh Trevor-Roper, descreverem o comunismo como “a antítese ideológica do fascismo.”³⁷³⁹

As raras visões fiéis à leitura dos textos originais permaneceram as italianas, em particular as de Benedetto Croce e de Giampiero Caroci, que abordaram a natureza socialista do fascismo, aspeto que curiosamente Trevor-Roper também mencionou sem pelos vistos retirar daí as devidas

³⁷³⁹ Hugh Trevor-Roper, “Il fenomeno del fascismo”, in Stuart J. Woolf (direção), *Il fascismo in Europa*, Editori Laterza, Bari, 1973, p.28.

consequências. Essas análises acabaram, no entanto, afogadas pelo domínio da narrativa neomarxista sobre o fascismo. “A interpretação marxista/comunista do fascismo teve um sucesso duradouro”, observou Gustavo Corni, autor de um levantamento sobre a historiografia em torno do fascismo, salientando que isso aconteceu “graças sobretudo ao facto de que depois de 1945 o sucesso político-militar da resistência comunista e o fascínio exercido pelo modelo soviético sobre muitos jovens intelectuais determinaram uma forte presença dos comunistas no panorama cultural, editorial (e historiográfico) italiano”³⁷⁴⁰ (parênteses no original). E sobretudo o de fora de Itália, como vimos. Foi desse modo ignorado todo o racional por detrás das ditaduras de socialismo nacionalista.

E, no entanto, a componente socialista dos socialismos nacionalistas é fundamental para a compreensão desses movimentos e do próprio socialismo em geral. Sem a integrar na análise, o fascismo, e por consequência o socialismo e até o marxismo e o neomarxismo, não se tornam compreensíveis, o mesmo acontecendo com a própria história do Século XX. Este é um ponto para o qual um crescente número de historiadores começou a chamar a atenção. “É claro que a obsessão com o fascismo, e consequentemente com o antifascismo, foi usada pelo movimento comunista para esconder a sua verdadeira natureza”, observou François Furet, ele mesmo um ex-membro do Partido Comunista, para concluir que “ninguém pode compreender um dos dois campos sem compreender o outro, tão interdependentes eles são.”³⁷⁴¹

Os teóricos neomarxistas foram ainda mais longe na mistificação do problema e determinaram que o fascismo era até “um poder do capital financeiro”³⁷⁴², para usar a expressão de Georgi Dimitrov que se tornaria a explicação ortodoxa comunista. Chegou-se ao ponto de estabelecer que todos os países capitalistas estavam destinados a passar por uma fase fascista antes de serem libertados pelo comunismo. O mais extraordinário é que este embuste pseudocientífico foi pronta e acriticamente aceite por muitos

³⁷⁴⁰ Gustavo Corni, *op. cit.*, 2011, p.13.

³⁷⁴¹ François Furet e Ernst Nolte, *Fascism & Communism*, University of Nebraska Press, Londres, 2004, p.18.

³⁷⁴² Georgi Dimitrov, “The Fascist Offensive and the Tasks of the Communist International in the Struggle of the Working Class against Fascism”, Sétimo Congresso Mundial da Internacional Comunista, 2 de agosto de 1935, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

intelectuais ocidentais, assim permitindo que se dissociasse o fascismo do movimento socialista geral e até que se associasse o fascismo ao liberalismo.

Em bom rigor, essa mistificação tem as suas origens remotas na afirmação feita por Marx e Engels em *O Manifesto Comunista* de que na fase adiantada do capitalismo a sociedade estaria “dividida entre dois grandes campos hostis, duas grandes classes que se enfrentavam diretamente uma à outra – a burguesia e o proletariado”³⁷⁴³. Uma vez que o fascismo não estava previsto na doutrina marxista original e que os comunistas se esforçavam por dissociar o fascismo do socialismo, concluiu-se que o movimento socialista rival só poderia ser um movimento burguês, uma espécie de invenção do capitalismo no seu estertor final.

A interpretação oficial neomarxista de que o fascismo era o instrumento de terror do capitalismo financeiro ignorava o facto evidente de que o movimento fascista original aparecera no contexto de uma economia subdesenvolvida, a italiana, e não de uma economia de “grande indústria (...) altamente desenvolvida”³⁷⁴⁴ que a própria doutrina marxista previra como sendo a fase final do capitalismo. *Como podia o fascismo ser uma invenção do capitalismo avançado se em Itália não havia capitalismo avançado?* Pelos vistos uma pergunta tão elementar não ocorreu aos grandes teóricos neomarxistas e estabeleceu-se desse modo a bizarra ideia de que o socialismo nacionalista constituía uma forma de capitalismo – por ironia, a mesmíssima acusação que os nacional-socialistas alemães faziam aos neomarxistas em geral e aos bolcheviques em particular, como se pode ler no *Mein Kampf*.

Muitas universidades ocidentais foram tomadas de assalto pelo pensamento neomarxista, que impôs a sua visão sobre a história, a sociologia, a economia, a cultura e a filosofia. Tudo passou a ser encarado pelo prisma da luta de classes, da dialética e do capital, conceitos que, apesar do seu alcance científico limitado, ganharam enorme respeitabilidade académica. Domenico Settembrini lamentou “a enorme nuvem de poeira levantada durante décadas de predomínio marxista no campo da pesquisa sobre o fascismo”³⁷⁴⁵, em que se chegou ao ponto de os liberais passarem a ser designados por fascistas ou criptofascistas e qualquer tentativa de mostrar a óbvia falácia do raciocínio ser de imediato catalogada de reacionária, de direita ou mesmo fascista, uma manobra intimidatória destinada a dissuadir

³⁷⁴³ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.3.

³⁷⁴⁴ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2004, p.91.

³⁷⁴⁵ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.254.

o pensamento independente sempre que possível e a condicioná-lo e a desacreditá-lo quando necessário – tática obscurantista inquisitorial que de resto ainda hoje persiste em alguns setores.

O pior é que tudo isto foi feito perante a passividade cúmplice dos pensadores, políticos e jornalistas não marxistas, como descobriu George Orwell e confirmou o governante comunista soviético Victor Kravchenko quando fugiu para os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Ao falar com os americanos, este dissidente soviético rapidamente se apercebeu de uma dualidade de critérios na defesa da democracia e da liberdade e na luta contra as tiranias ditatoriais. “As aspirações democráticas de coreanos ou húngaros eram aqui acolhidas com compreensão e encorajamento, mas as aspirações democráticas dos russos eram ilegais e tratadas como uma espécie de traição”³⁷⁴⁶, constatou Kravchenko com estupefação, notando que “as liberdades de expressão e de imprensa não foram reprimidas quando se tratava de criticar outros aliados – a Grã-Bretanha, a Polónia, a Checoslováquia, a China – e até eram mais pronunciadas na crítica ao governo americano e à forma como conduzia a guerra. Mas uma espécie de moratória sobre estas liberdades era declarada, por pressão moral, no que dizia respeito aos interesses e prestígio do ditador soviético. Vi homens e mulheres que chamavam ditador ao presidente Roosevelt e que ficavam furiosos quando alguém chamava ditador a Estaline. (...) Críticas às políticas de guerra britânica e americana eram permanentes e muitas vezes venenosas. Mas descobri que na América foi imposto um poderoso tabu sobre toda e qualquer dúvida quanto à conduta do Kremlin no seu país ou no estrangeiro. Um editor ‘liberal’ chegou a apelar à retirada das livrarias de todos os livros que fossem desagradáveis a Moscovo! Fui informado de que outros editores, por sua iniciativa ou das autoridades, se recusavam a publicar certos livros apenas porque poderiam ferir os sentimentos de Estaline. Apenas alguns periódicos tinham a coragem de imprimir o que os americanos chamam artigos ‘anti-soviéticos’.”³⁷⁴⁷

Todo este processo, descobriu Kravchenko, era consciente. Mesmo “entre aqueles que conhecem alguma da desagradável verdade sobre a vida sob os soviets, descobri uma curiosa vontade de deitar todas as culpas em Estaline. Isso permitia-lhes aceitar os horrores como uma espécie de interlúdio antes de o paraíso aparecer. Após Estaline – e ele é um homem mortal, não é? – a

³⁷⁴⁶ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.467.

³⁷⁴⁷ *Idem*, p.468.

‘democracia socialista’ começaria a florescer”³⁷⁴⁸, como se todo o mal se pudesse explicar por uma única pessoa. Em suma, “o mito da terra ‘socialista’ feliz é tratado no interior da Rússia como um pedaço sombrio de treta totalitarista; é aceite literalmente, com solenidade, quase como uma profissão de fé religiosa por grande parte dos homens e mulheres que criam a opinião pública no mundo democrático.”³⁷⁴⁹

Os dogmas e os tabus das religiões políticas tomaram assim conta da historiografia. “Os académicos ocidentais que de alguma forma se atreviam a ligar Mussolini (...) ao comunismo”, notou Richard Pipes, “arriscavam-se a ser vilipendiados ou sujeitavam-se a outras formas de maus-tratos”³⁷⁵⁰. Basta ver os abusos ministrados a Renzo de Felice em Itália pelo simples facto de o historiador italiano ter falado nas raízes populares e no consenso do fascismo e de o ter inserido na corrente do totalitarismo socialista, ou em França a Albert Camus e Raymond Aron, e na Alemanha a Ernst Nolte. “Já sinto os clamores da polémica contra a minha interpretação dos documentos, o desdém moralista, a histeria jornalística”³⁷⁵¹, observou De Felice em referência a mais uma descoberta que contraditava frontalmente a mitologia estabelecida pela historiografia marxista sobre o fascismo. À falta de argumentos para desmentir os factos que mostravam as relações ideológicas entre os diversos socialismos, optou-se por apoucar, intimidar, estigmatizar e marginalizar os estudiosos que ousassem tocar no assunto, assim se praticando um *bullying* que efetivamente inibiu outros investigadores de retomarem estes estudos – afinal o verdadeiro objetivo de toda essa intimidação.

A dissociação do fascismo em relação aos socialismos e a sua associação ao capitalismo tornou-se dogma e questionar esse mito revelou-se tabu absoluto. Como consequência, a ignorância alastrou. “As inimizades alimentadas pela disputa (entre socialistas) atingiu tal intensidade que marxistas das mais diferentes sensibilidades ou nacionalidades recusaram-se a reconhecer as origens marxistas heréticas do fascismo inicial”³⁷⁵², escreveu Gregor, constatando até que “a maior parte dos marxistas estrangeiros”, ou

³⁷⁴⁸ *Ibidem*, p.469.

³⁷⁴⁹ *Ibidem*, p.472.

³⁷⁵⁰ Richard Pipes, *op. cit.*, 1ª edição, 1993, p.242.

³⁷⁵¹ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1995, p.122.

³⁷⁵² James Gregor, *op. cit.*, 2000, p.20.

seja, não italianos, “nem sequer alguma vez ouviu falar das origens marxistas do primeiro fascismo.”³⁷⁵³

Que os neomarxistas nunca se tenham apercebido das flagrantes ligações doutrinárias entre fascismo e comunismo não é, no entanto, um ponto consensual. Settembrini, por exemplo, argumenta que o silêncio sobre essas ligações nunca se deveu a ignorância. “Esta verdade foi intuída frequentemente por políticos e estudiosos marxistas”, observou o historiador italiano, “mesmo que, por motivos óbvios, a historiografia comunista tenha sempre tentado sufocá-la”³⁷⁵⁴. Frédéric Le Moal fala mesmo em “visão partidária e tendenciosa” da parte da “historiografia marxista e seus herdeiros”³⁷⁵⁵, decerto produto da visão pragmática de William James adotada pelo marxismo de que era melhor substituir uma verdade inconveniente por uma falsidade que ajudasse a causa, e acolhida acriticamente por autores não marxistas, decerto intimidados pelas campanhas de estigmatização de quem se atrevesse a tocar no assunto.

É importante notar que a narrativa académica que os autores neomarxistas fizeram do fascismo nunca foi realmente académica, mas ideologicamente orientada; não faziam análise, mas pregação ideológica disfarçada de análise. Dado o volume de indícios e provas, dizer que o fascismo não tem origem no marxismo e nada tinha de socialista não é uma afirmação academicamente sustentada, é um discurso político/ideológico enunciado com objetivos políticos/ideológicos. Foi esse discurso que a generalidade dos historiadores não marxistas durante décadas aceitou passivamente.

Brechas no grande tabu

É certo que ao longo do tempo persistiram algumas reflexões esporádicas a relacionar os diferentes socialismos e a integrar o socialismo nacionalista nessa família, sobretudo no mundo anglo-saxónico. Para além do trabalho de Karl Popper, são conhecidas as análises comparativas e descomplexadas de Hannah Arendt, Jacob Talmon e James Gregor sobre os totalitarismos comunista e nacional-socialista.

Entre os próprios neomarxistas houve quem não aceitasse participar nesta conspiração de silêncio. Veja-se, a esse propósito, os textos desassombrados de neomarxistas como Karl Kautsky, que acusou os bolcheviques de criarem

³⁷⁵³ *Idem*, p.21.

³⁷⁵⁴ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, contracapa.

³⁷⁵⁵ Frédéric Le Moal, *op. cit.*, 2018, p.7.

“miséria no seu próprio país”³⁷⁵⁶, e de antigos neomarxistas como George Orwell e Arthur Koestler, entre outros intelectuais, todos eles a denunciarem a natureza ditatorial, totalitária e fascizante do comunismo soviético de Lenine e Estaline.

Nas nações onde emergiram o fascismo e o nacional-socialismo, os fantasmas do passado inibiram que fossem questionados os dogmas que impediam as comparações entre os socialismos totalitários, interdição violada por Ernst Nolte na Alemanha e Benedetto Croce, Renzo de Felice e Domenico Settembrini em Itália. Estas raras violações do grande tabu foram de resto prontamente reprimidas por campanhas punitivas e sempre estigmatizadoras. “Tornar inteligível um fenómeno histórico, enfrentando-o na sua complexidade, não significa justificá-lo ou absolvê-lo”³⁷⁵⁷, explicou De Felice, para quem “fórmulas como ‘mal absoluto’ e ‘loucura histórica’ não explicam nada nem têm qualquer função pedagógica”³⁷⁵⁸. O trabalho do historiador, insistiu ele, não é dar lições de moral nem submeter-se à imposição ideológica dominante, mas simplesmente expor “a força fria dos documentos.”³⁷⁵⁹

Também em França, país cujos intelectuais se haviam enamorado pelo marxismo e pelo neomarxismo, pôr em causa esses dogmas do pós-guerra permaneceu por longo tempo terreno proibido, um consenso apenas episodicamente quebrado pelo filósofo e sociólogo Raymond Aron, que chamou ao marxismo um “delírio lógico”³⁷⁶⁰ e descreveu o socialismo marxista e o socialismo nacionalista como “irmãos”³⁷⁶¹, e pelo romancista Albert Camus, que se atreveu a falar no “fracasso do marxismo” e a dizer que “todo o socialismo é utópico, a começar pelo científico”³⁷⁶², para perguntar e responder: “como é possível que um socialismo, que se dizia científico, ignorar tanto os factos? A resposta é simples: não é científico”³⁷⁶³. Mas o escritor francês foi mais longe. “A revolução”³⁷⁶⁴, disse Camus, “é

³⁷⁵⁶ Karl Kautsky, *Marxism and Bolshevism: Democracy and Dictatorship*, 1934, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

³⁷⁵⁷ Renzo di Felice, *op. cit.*, 1995, p.151.

³⁷⁵⁸ *Idem*, p.152.

³⁷⁵⁹ *Ibidem*, p.151.

³⁷⁶⁰ Raymond Aron, *op. cit.*, 2015, p.250.

³⁷⁶¹ *Idem*, p.289.

³⁷⁶² Albert Camus, *op. cit.*, 2015, p.263.

³⁷⁶³ *Idem*, p.277.

³⁷⁶⁴ *Ibidem*, p.276.

escravatura”³⁷⁶⁵. Acusando o marxismo de ser “uma mistificação pseudorrevolucionária”, o escritor francês observou que a fórmula desta ideologia é “matar toda a liberdade para conquistar o Império”³⁷⁶⁶. Estas palavras pecaminosas valeram a Camus a reprovação, o isolamento e o opróbrio público dos intelectuais franceses do seu tempo, incluindo a rotura com Jean-Paul Sartre e acusações não fundamentadas de estar a soldo dos americanos. Tal era a punição para quem cometia o crime de desafiar o grande tabu.

As primeiras grandes brechas nesta barragem de santificação do comunismo surgiram com a publicação do romance *Doutor Jivago*, de Boris Pasternak, e sobretudo de *O Arquipélago de Gulag*, de Aleksandr Solzhenitsyn. Mas o evento cataclísmico que tudo mudou só viria a ocorrer em 1989. Com a queda do Muro de Berlim, símbolo do colapso em dominó de todos os regimes comunistas do Bloco de Leste que desembocou na desintegração da União Soviética em 1991, precipitou-se o fim do grande silêncio.

Foi justamente em 1989, o ano em que o comunismo entrou em falência, que Paul Johnson publicou uma segunda edição da história do Século XX que ela própria se tornou histórica. O que Johnson fez foi enunciar a verdade que ao longo de décadas permanecera proibida. “O leninismo não era apenas uma heresia; era exatamente a mesma heresia que criou o fascismo”³⁷⁶⁷, escreveu ele nessa obra, acrescentando páginas adiante que Mussolini “permaneceu um marxista, embora herético”³⁷⁶⁸. Estas duas frases, simples e curtas, quebraram barreiras e mudaram tudo. A verdade tinha sido destapada. Foi um muro intelectual que desabou no rescaldo do colapso físico de outro muro, o de Berlim.

A redescoberta do fascismo como heresia socialista foi logo retomada por Richard Pipes, segundo o qual “bolchevismo e fascismo eram heresias do socialismo”³⁷⁶⁹, e por Augusto del Noce num livro de Renzo de Felice. “Hoje – graças ao progresso dos estudos e sobretudo ao contributo dos elementos de ‘novidade’ e de desmistificação introduzidos desde a ‘queda do muro’ – é certamente possível um balanço mais rico e articulado do que até aqui tinha

³⁷⁶⁵ *Ibidem*, p.277.

³⁷⁶⁶ *Ibidem*, p.292.

³⁷⁶⁷ Paul Johnson, *Modern Times – The World from the Twenties to the Nineties*, revised edition, HarperCollinsPublishers, Nova Iorque, 1991, p.56.

³⁷⁶⁸ *Idem*, p.101.

³⁷⁶⁹ Richard Pipes, *op. cit.*, 1ª edição, 1993, p.253.

sido traçado”, reconheceu De Felice, destacando “os elementos de clareza introduzidos desde a ‘queda do muro’.”³⁷⁷⁰

Apareceram então os primeiros grandes estudos críticos dos historiadores, com os de François Furet à cabeça em 1991, seguido por Allan Bullock e até por Eric Hobsbawm, um historiador simpatizante do marxismo. Em Itália, Emilio Gentile reconheceu que havia “principalmente preconceitos ideológicos nos textos historiográficos”³⁷⁷¹ que impediam que se explicasse a verdadeira natureza do fascismo e que “o fim do império soviético e o rápido declínio do comunismo no mundo derrubaram um grande número de preconceitos antigos e libertaram o campo da pesquisa e do debate de muitos tabus e fetiches”³⁷⁷², incluindo o direito de fazer “a comparação entre comunismo e fascismo na análise comparativa, coisa que ainda há poucos anos era considerada uma provocação escandalosa”³⁷⁷³. Até porque, como notou outro historiador, Pier Giorgio Zunino, o fascismo “não se apresenta claro-escuro”³⁷⁷⁴, como passou a ser simplisticamente apresentado na Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra, e cabe ao historiador e ao cientista político alhearem-se dos juízos ideológicos.

Se as origens marxistas do fascismo já podiam ser vagamente invocadas, o forte socialismo do fascismo tardio manteve-se um tema tabu que, não obstante os corajosos esforços de Renzo de Felice, só viria a ser definitivamente rompido por Luca Rimbotti em 1989 e Domenico Settembrini em 1991, embora este último viesse desde a década de 1970 a chamar a atenção para o “simplismo”³⁷⁷⁵ caricatural como o fascismo estava a ser apresentado e também atribuisse esse facto à “inequívoca escolha ideológica e política” resultante de “argumentações pseudo-historiográficas.”³⁷⁷⁶

Os factos, porém, acabaram por se impor. “Só nos últimos tempos se começou a encarar o problema da componente revolucionária e de esquerda, não tanto do aparecimento do fascismo, como na sua fase madura ou até à conclusão da Segunda Guerra Mundial”³⁷⁷⁷, indicou Giuseppe Parlato,

³⁷⁷⁰ Renzo de Felice, *Le interpretazioni del fascismo*, Editori Laterza, Roma, 2012, p.V.

³⁷⁷¹ Emilio Gentile, *op. cit.*, 2011, p.7.

³⁷⁷² Emilio Gentile, *op. cit.*, 2004, p.93.

³⁷⁷³ *Idem*, p.93/94.

³⁷⁷⁴ Pier Giorgio Zunino, *Interpretazione e memoria del fascismo – Gli anni del regime*, Editori Laterza, Roma, 2000, p.14.

³⁷⁷⁵ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.6.

³⁷⁷⁶ *Idem*, p.4.

³⁷⁷⁷ Giuseppe Parlato, *op. cit.*, 2008, p.11.

notando que “a análise da evolução cultural e política, das perspectivas e dos projetos desta ‘alma’ social e revolucionária na fase do fascismo maduro permaneceu por muito tempo na sombra.”³⁷⁷⁸

Em Portugal, António Costa Pinto veio reconhecer que o fascismo “é uma ideologia revolucionária que combina um novo nacionalismo orgânico com um socialismo que, abandonando o marxismo, permanece revolucionário”³⁷⁷⁹, o que se afigura como uma descrição exata do fascismo. Até na Alemanha, onde os traumas sempre foram mais profundos e por consequência os dogmas também, o muro psicológico acabou derrubado. “As barreiras duradouras e os tabus começaram a cair, em particular no que diz respeito às ligações entre o bolchevismo e o fascismo, e também entre o bolchevismo e o nacional-socialismo”, escreveu Ernst Nolte, observando que “esta constatação também é válida para as relações entre o bolchevismo, o fascismo e o nacional-socialismo de um lado e, do outro, o sistema liberal.”³⁷⁸⁰

O persistente silêncio sobre as relações perigosas entre marxismo, fascismo e nacional-socialismo foi enfim quebrado.

Direita ou esquerda

Com as barreiras derrubadas, os conceitos tradicionais usados para interpretar a realidade política começam a ser largamente postos em causa. À luz da redescoberta das relações ideológicas entre os diversos socialismos, incluindo o socialismo nacionalista, como se pode falar de direita e de esquerda nos moldes como tradicionalmente falamos?

³⁷⁷⁸ *Idem*, p.12.

³⁷⁷⁹ António Costa Pinto, “Fascist Ideology Revisited: Zeev Sternhell and His Critics”, *European History Quarterly*, outubro de 1986, p.468.

³⁷⁸⁰ Ernest Nolte, *Les fondements historiques du national-socialisme*, Pocket, Paris, 2004, p.137.

Entendamo-nos. Os conceitos de direita e de esquerda nasceram em 1789, quando o rei de França convocou os Estados Gerais no processo que desembocaria na Revolução Francesa. O clero e a aristocracia sentaram-se à direita do presidente da assembleia e os representantes do terceiro estado à esquerda, divisão que se manteve na Assembleia Nacional Constituinte. Acontece que o clero e a aristocracia não eram liberais, bem longe disso. Não defendiam ideias liberais como a igualdade perante a lei, a liberdade de expressão e de opinião, o direito de as pessoas pensarem, serem e fazerem o que bem entendessem desde que não prejudicassem outros, e o direito à livre iniciativa. Nem o terceiro estado era socialista, pois o socialismo nem sequer ainda nascera. Mesmo o nacionalismo dava ainda os primeiros passos como ideologia e não desempenhou qualquer papel nessa primeira definição de direita-esquerda.

Como a realidade política sofreu entretanto transformações profundas, com o aparecimento do socialismo e o crescimento do nacionalismo e do liberalismo, inclusivamente com a contaminação do socialismo por ideias liberais ou nacionalistas, do nacionalismo por ideias socialistas e liberais do liberalismo por ideias socialistas e nacionalistas, como é possível que uma expressão concebida para descrever uma situação específica do Século XVIII seja séculos mais tarde ainda usada para exprimir realidades absolutamente diferentes?

Ao permanecer no plano das representações políticas e sociais, esta dicotomia anacrónica gerou paradoxos insustentáveis. O socialismo neomarxista é a esquerda, o liberalismo a direita e o socialismo nacionalista a extrema-direita? Como é isso possível se socialismo neomarxista e socialismo nacionalista se opõem tenazmente ao liberalismo e se constata que pertencem afinal à mesma família socialista? Ao definir o socialismo nacionalista como pertencendo à extrema-direita, ao lado do liberalismo, não se estará a induzir as pessoas em erro, sugerindo uma ligação entre liberalismo e socialismo nacionalista que não existe, e a perpetuar a ocultação das verdadeiras raízes socialistas do fascismo?

O extremo de uma ideia é sempre essa ideia ao extremo. Assim, se por exemplo definirmos que a direita é o liberalismo, então forçosamente a extrema-direita seria o extremo-liberalismo, pois o extremo de uma ideia é sempre essa ideia ao extremo. Porém, na verdade a chamada extrema-direita é profundamente anti-liberal e defende uma forte intervenção do Estado na economia e na sociedade – ou seja, exatamente o contrário do que defende o

liberalismo. Ou quando é ultraliberal na economia, como aconteceu no Chile com a ditadura de Pinochet, é ultraconservadora nos costumes, o que num outro plano contraria o liberalismo.

Além disso, se definirmos a direita como defensora da livre circulação de bens e serviços e da globalização, isto é, do cosmopolitismo internacionalista e liberal, então a extrema-direita, por ser a direita ao extremo, supostamente defenderia o extremo-internacionalismo e a extrema liberdade de circulação ao ponto de abolir as fronteiras; seria libertária. Contudo, descobrimos que os movimentos habitualmente apresentados como de extrema-direita são, ao contrário da direita liberal, totalmente anti-internacionalistas e anti-libertários e opõem-se tenazmente à liberdade de circulação de bens e pessoas e ao fim das fronteiras. São anti-liberais.

Por outro lado, se definimos a esquerda e a extrema-esquerda como defensoras de medidas sociais, a extrema-direita, por estar no pólo oposto, teria de ser totalmente contra quaisquer medidas sociais. Não é isso, no entanto, o que defendem os movimentos designados de extrema-direita, a generalidade, embora não todos, com fortes programas sociais. Em suma, há algo de paradoxal e contraditório na nomenclatura tradicional, o que deixa perceber que tal nomenclatura está profundamente errada.

Este é um ponto que começou a ser suscitado pela historiografia contemporânea. Jean-Paul Sartre foi dos primeiros a considerar a dualidade direita-esquerda vazia de sentido, no que foi acompanhado por outros pensadores. David D. Roberts, por exemplo, reconheceu haver “razões para questionar o eixo direita-esquerda”³⁷⁸¹, enquanto Domenico Settembrini falou na “permanente ambiguidade das categorias ‘direita’ e ‘esquerda’”³⁷⁸². Já Roberto Mancini viu uma intenção na manutenção desta nomenclatura obsoleta quando defendeu que “no nosso tempo as proclamações de direita ou de esquerda perderam qualquer significado, e apesar disso continua-se a usar esses termos exclusivamente para desorientar a opinião pública.”³⁷⁸³

O que define realmente a direita e a esquerda? A pergunta é simples e direta, as respostas são confusas e variadas. Uma dualidade ideológica, do tipo direita-esquerda, pressupõe que existam apenas duas ideologias em contenda, uma de direita e outra de esquerda, mas o facto é que não existem duas, mas várias. Há o socialismo, o liberalismo, o nacionalismo, o

³⁷⁸¹ David D. Roberts, *Fascist Interactions – Proposals for a New Approach to Fascism and Its Era, 1919 – 1945*, Berghahn, Nova Iorque, 2016, p.5.

³⁷⁸² Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.282.

³⁷⁸³ Roberto Mancini, *op. cit.*, 2015, p.62.

conservadorismo, os sistemas ideológicos inerentes a cada religião... enfim, uma multiplicidade de sistemas de ideias. Que sentido faz reduzir um espectro múltiplo a uma simples dualidade? Como pode uma coisa tão básica como uma dualidade exprimir a complexidade dos variados posicionamentos das diversas ideologias?

Para emendar este problema, e sentindo-se que de facto a dualidade era insatisfatória, decidiu-se desdobrá-la em subconceitos, como centro, centro-direita, centro-esquerda, extrema-direita e extrema-esquerda. Porém, este rearranjo cria novos problemas, como veremos. Além de que alguns movimentos políticos mostram, eles próprios, perplexidade com uma tal arrumação e insistem que ela é incapaz de exprimir os seus posicionamentos. É o caso em Portugal, por exemplo, da Iniciativa Liberal, um partido que manifestou não se reconhecer na tradicional dualidade esquerda-direita e não saber onde se colocar geometricamente no parlamento, pois é liberal na economia e liberal nos costumes.

Na verdade, os conceitos de esquerda e direita revelam-se tão difusos que os seus proponentes mostram até dificuldade em estabelecer uma definição coerente. Pior, quando apresentam um critério e este, aplicado à letra, produz resultados inesperados e até inconvenientes, em vez de esse critério ser assumido até às últimas consequências, como é próprio de um raciocínio científico, acaba prontamente alterado.

De um modo geral, as definições tradicionais da dualidade esquerda-direita assentam em quatro critérios diferentes.

Nacionalismo e internacionalismo

O primeiro critério de diferenciação entre direita e esquerda é o do nacionalismo e internacionalismo. A esquerda seria internacionalista, a direita nacionalista. O problema é que, percorrendo este caminho até ao seu desfecho lógico final, teríamos de considerar o liberalismo como sendo de esquerda, pois a ideologia liberal é eminentemente internacionalista. O capital não conhece fronteiras, como o próprio Marx notou, e o cosmopolitismo é um conceito burguês e liberal. Por outro lado, não é o próprio comunismo que tem uma prática nacionalista escondida por detrás do discurso internacionalista? Se assim é, que sentido faz dizer que o comunismo é de esquerda?

Em bom rigor, e aceitando que a direita se define pelo nacionalismo, espaço a que o fascismo e o nacional-socialismo alemão pertenceriam, os

partidos comunistas tradicionais teriam então de ser também considerados de direita pois amiúde aparecem igualmente em público a defender a “soberania nacional”, “uma política patriótica”, “pátria, liberdade ou morte” e um “patriotismo revolucionário”. Tudo discurso nacionalista mais ou menos encapotado que se pode encontrar um pouco por todos os regimes comunistas, de Cuba à Coreia do Norte.

Para se defenderem desta acusação, os socialistas internacionalistas alegam que patriotismo e nacionalismo não são sinónimos. O próprio Orwell escreveu que “o nacionalismo não pode ser confundido com o patriotismo”³⁷⁸⁴. Patriotismo seria o amor à pátria e o nacionalismo o ódio aos outros. Não se percebe bem onde se foi buscar tal definição e fica-se até com a impressão de que ela foi criada justamente para evitar contradições com a retórica internacionalista e ao mesmo tempo para fugir a colagens inconvenientes ao fascismo, mas seja qual for a sua origem ou intenção o facto é que a nomenclatura tradicional não passa em nenhum teste mais atento a essa distinção entre os dois termos. E isto por duas razões.

Em primeiro lugar, não é evidente que os fascistas odiassem os estrangeiros. Uma das coisas que se nota quando se leem os textos fascistas são as escassas alusões qualificativas aos outros povos. E mesmo quando elas aparecem, com exceção da retórica antissemitica durante a Segunda Guerra Mundial sobretudo para nazi ver, raramente são depreciativas. “Declaro que em primeiro lugar amo os italianos e a seguir conservo alguma simpatia por todos os outros povos da Terra”³⁷⁸⁵, disse Mussolini. “Que a humanidade seja boa ou má pouco importa; que seja composta de anjos ou demónios, de santos ou de canalhas importa ainda menos”, sustentou, defendendo que “o essencial é viver dentro desta humanidade.”³⁷⁸⁶

O *Duce* afirmou que “todos os homens são iguais”³⁷⁸⁷, embora salvaguardando que “tenha de haver um espírito um pouco largo de tolerância. Não podemos ser todos iguais: está nessa variedade a força e a beleza da vida”³⁷⁸⁸, e sustentou que o fascismo era “para a melhor sorte da

³⁷⁸⁴ George Orwell, “Notes on Nationalism”, in George Orwell, *op. cit.*, 2017, p.102.

³⁷⁸⁵ Benito Mussolini, “Agli operai del Monte Amiata”, 31 de agosto de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937, p.169.

³⁷⁸⁶ Benito Mussolini, “Preludio”, *Ardita*, 15 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.32.

³⁷⁸⁷ Benito Mussolini, “Il programma fascista”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.29.

³⁷⁸⁸ Benito Mussolini, “L’indirizzo politico del partito nazionale fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de abril de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.141.

pátria, para o progresso infinito da humanidade”³⁷⁸⁹. Na verdade, proclamou, “não somos de um Partido, somos da Pátria e das Pátrias, somos da Humanidade”³⁷⁹⁰. Mussolini tornou claro que “não quero falar mal nem dos alemães nem de nenhum outro povo”³⁷⁹¹ e na entrevista a Ludwig defendeu que “não há nem boas nem más nações”, embora considerasse que “há povos mais atraentes do que outros. Esta é uma escolha subjetiva.”³⁷⁹²

Desde cedo que o *Duce* defendeu a “cooperação das forças económicas dos diversos países para constituir uma unidade sólida destinada a melhorar e garantir o bem-estar de todos; providenciar, mediante acordos internacionais, a formação de uma ordem económica fundada no direito e na solidariedade”³⁷⁹³. Ou seja, acreditava que o alinhamento de interesses era o cimento que podia unir os povos. Foi aliás muito claro em afirmar que “estamos persuadidos que a atuação, num campo sempre mais vasto e profundo, de uma sincera cooperação política e económica entre os vários países servirá de modo especial a estabelecer o espírito de confiança mútua que garante a verdadeira paz, sustentada no direito e na justiça.”³⁷⁹⁴

Chegou mesmo a refrear os elogios aos italianos e a sublinhar a sua relação com os outros povos. “Nunca afirmei que os italianos eram o sal da terra, apenas insisti que temos tanto direito à luz e ao espaço como as outras nações”³⁷⁹⁵, disse, reconhecendo nos italianos a existência de “defeitos tradicionais”³⁷⁹⁶. De resto, o seu ministro dos Negócios Estrangeiros registou no seu diário, em 1940, que o *Duce* falava até na “mediocre raça italiana”³⁷⁹⁷. Portanto, não havia sentimento de superioridade. Mussolini defendeu que “ninguém se pode separar da humanidade”³⁷⁹⁸ e que “a boa vizinhança é

³⁷⁸⁹ Benito Mussolini, “Audacia!”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983, p.25.

³⁷⁹⁰ Benito Mussolini, “Contro la bestia ritornante...”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de fevereiro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953, p.233.

³⁷⁹¹ Benito Mussolini, “I grandi problemi italiani ed internazionali”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de maio de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.289.

³⁷⁹² Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.141.

³⁷⁹³ Benito Mussolini, “Alla conferenza interparlamentare del commercio”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de abril de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956, p.284.

³⁷⁹⁴ Benito Mussolini, “Brindisi al cancelliere del Reich”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de agosto de 1931, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXV, 1958, p.24.

³⁷⁹⁵ Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.203.

³⁷⁹⁶ Benito Mussolini, “Settimo anniversario dei fasci a Villa Glori”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983, p.96.

³⁷⁹⁷ Francesco Filippi, *op. cit.*, 2020, p.166.

³⁷⁹⁸ Emil Ludwig, *op. cit.*, 1933, p.226.

sempre preferível à guerra”³⁷⁹⁹. Citou ainda o dramaturgo romano Terêncio, um dos primeiros humanistas, para sublinhar que “somos humanos e nada do que é humano nos é estrangeiro”³⁸⁰⁰. Referiu-se aos fascistas para dizer que “não somos de um partido, somos da pátria e das pátrias; somos da humanidade”³⁸⁰¹ e avisou que o destino de todos os seres humanos estava ligado: “ou toda a humanidade se salva ou toda a humanidade perece.”³⁸⁰²

Pouco tempo antes de morrer, o *Duce* desejou uma união socialista dos povos da Europa, argumentando que “a constituição de uma comunidade europeia é desejável e talvez até possível, mas tenho a declarar de forma explícita que nós não nos sentimos italianos enquanto europeus, mas sentimo-nos europeus enquanto italianos”³⁸⁰³. Significativamente, Mussolini estendeu o projeto socialista a todo o planeta. Apelidou tal plano de “socialização mundial”, e explicou o que ele significava: “fronteiras exclusivamente de caráter histórico; abolição de todos os postos fronteiriços; livre comércio entre países, regulado por uma convenção mundial; moeda única e, conseqüentemente, todo o ouro do mundo como propriedade comum, o mesmo acontecendo com todas as matérias-primas, distribuídas conforme as necessidades de cada país; abolição real e radical de todo o armamento”³⁸⁰⁴. Ou seja, a utopia final fascista era uma espécie de comunismo planetário.

O mesmo ponto de vista foi expresso por outros ideólogos do fascismo. O economista fascista Giuseppe Solaro, por exemplo, esclareceu que o objetivo dos fascistas na Segunda Guerra Mundial era fundar “uma Europa economicamente corporativa”³⁸⁰⁵ baseada na “solidariedade continental”³⁸⁰⁶ que conduzisse à “criação de um novo sistema de equidade internacional”³⁸⁰⁷

³⁷⁹⁹ Benito Mussolini, “All’Assemblea Quinquennale del regime”, 10 de março de 1929, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1934, p.23.

³⁸⁰⁰ Benito Mussolini, “Discorso del 21 giugno 1921 Primo discorso alla Camera”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org.

³⁸⁰¹ Benito Mussolini, *op. cit.*, 2016, p.70.

³⁸⁰² Benito Mussolini, “Anniversario”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de outubro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954, p.277.

³⁸⁰³ Benito Mussolini, “Discorso al Lirico di Milano”, 26 de dezembro de 1944, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.64.

³⁸⁰⁴ Benito Mussolini, *op. cit.*, 2013, p.32.

³⁸⁰⁵ Giuseppe Solaro, “Principi della ricostruzione economica”, in Giuseppe Solaro, *op. cit.*, 2016, p.38.

³⁸⁰⁶ Giuseppe Solaro, “Utilità dell’unità europea”, *Libro e Moschetto*, 21 de fevereiro de 1942, in Giuseppe Solaro, *idem*, p.57.

³⁸⁰⁷ Giuseppe Solaro, “I ricchi, le necessità dello Stato e il ‘nuovo ordine’”, *Libro e Moschetto*, 27 de junho de 1942, in Giuseppe Solaro, *ibidem*, p.77.

de forma a instituir uma “comunidade plurinacional”³⁸⁰⁸ que alcançasse “justiça social entre as nações e nas nações”³⁸⁰⁹. Ugo Spirito, por seu turno, estabeleceu como objetivo do fascismo “instaurar um regime de colaboração das nações no qual cada país, organizando programaticamente a sua economia, leve em conta a organização dos outros países e com eles se entenda para coordenar os seus diversos programas”. Este ideólogo fascista defendeu que “da corporação nacional deve passar-se à corporação internacional, na qual as diversas nações encontrem as condições do seu melhor desenvolvimento económico e espiritual”, pois há que reconhecer “a cada país a sua peculiar função criadora da nova civilização”³⁸¹⁰. Já Mussolini elogiou “a França que nós amamos”, a “Bélgica que nós adoramos”, além de que “amamos a Inglaterra”³⁸¹¹, e chegou a apelar para “que venha para Itália o maior número de estrangeiros”³⁸¹². Salvo melhor opinião, não parecem palavras de fanáticos belicosos que odiassem os estrangeiros, pelo que, perante a definição invocada para distinguir nacionalismo e patriotismo, os fascistas caberiam perfeitamente na categoria de patriotas e não de nacionalistas.

Em segundo lugar, há o problema da xenofobia manifestada pelos fundadores do marxismo. Já vimos em páginas anteriores as palavras de Marx e Engels de ódio a estrangeiros, por vezes mesmo visceral, mas poderá ser útil refrescar a memória. Engels referiu-se aos “bárbaros eslavos”³⁸¹³, designadamente os checos, os eslovacos e os croatas, como “povos lixo”³⁸¹⁴, e descreveu todos os pequenos povos que se opunham à hegemonia nacionalista alemã, nomeadamente os dinamarqueses, os holandeses, os suíços e os belgas, como “pequenos destroços de nacionalidades”³⁸¹⁵,

³⁸⁰⁸ Giuseppe Solaro, “Motivi delle economie unitarie continentali”, *Il Popolo delle Alpi*, 24 de outubro de 1942, in Giuseppe Solaro, *ibidem*, p.106.

³⁸⁰⁹ Giuseppe Solaro, “La nuova struttura económica. Il capitalismo e il suo superamento”, *La Stampa*, 3 de fevereiro de 1944, in Giuseppe Solaro, *ibidem*, p.142.

³⁸¹⁰ Ugo Spirito, *op. cit.*, 1970, p.380.

³⁸¹¹ Benito Mussolini, ““Morti sì, ma schiavi no, schiavi mai!””, *Il Popolo d'Italia*, 21 de novembro de 1917, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952, p.69.

³⁸¹² Benito Mussolini, “Le direttive agli esponenti del turismo”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de dezembro de 1936, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVIII, 1959, p.92.

³⁸¹³ Friedrich Engels, “The Magyar Struggle”, *Neue Rheinische Zeitung*, 13 de janeiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

³⁸¹⁴ *Idem*.

³⁸¹⁵ Friedrich Engels, “Letter from Germany – The War in Schleswig Holstein”, *The Democratic Review*, agosto de 1850, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

“mestiços que querem ser nações”³⁸¹⁶ e “miseráveis impotentes quase-nações.”³⁸¹⁷

Numa carta a Marx, Engels escreveu que “os dinamarqueses não passam de uma nação de advogados, que *mentem consciente e descaradamente*”³⁸¹⁸ (itálico no original), e não consta que Marx o tenha corrigido. Engels descreveu os mexicanos como “preguiçosos”³⁸¹⁹ e disse que “os líderes do movimento eslavo do Sul que continuam a dizer baboseiras sobre a igualdade das nações (...) ou são sonhadores estúpidos (...) ou são canalhas”³⁸²⁰, tendo ameaçado os países subdesenvolvidos de extermínio quando afirmou que “todos os outros grandes e pequenos povos e nacionalidades estão destinados a perecer em breve numa grande tempestade revolucionária mundial”³⁸²¹. Mais disse que “a guerra geral que aí vem irá esmagar os escravos e exterminar essas nações tacanhas, incluindo até os seus nomes”³⁸²². Quanto a Marx, vale a pena lembrar as múltiplas palavras depreciativas em relação aos judeus, incluindo chistes a reforçar preconceitos relativos às suas características morfológicas raciais, e o facto de que descreveu os espanhóis como “degenerados”³⁸²³ e os chineses como sofrendo de “estupidez hereditária”³⁸²⁴, ao mesmo tempo que sustentou que os russos “são *des intrus* que têm de ser atirados para lá do Dnieper.”³⁸²⁵

Ou seja, perante a suposta distinção entre patriotismo e nacionalismo, colando o patriotismo à esquerda que ama a pátria e o nacionalismo à direita que odeia o estrangeiro, chegamos à curiosa conclusão de que Mussolini era afinal patriota, uma vez que enaltecia o “amor da pátria”³⁸²⁶, e Marx e Engels nacionalistas xenófobos, pois são múltiplas as suas declarações a diminuir, achincalhar e até insultar povos estrangeiros. “Na realidade, Mussolini nunca

³⁸¹⁶ *Idem.*

³⁸¹⁷ *Ibidem.*

³⁸¹⁸ Friedrich Engels, “Engels to Marx in London”, in Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, Volume 42, 2010, p.8.

³⁸¹⁹ Friedrich Engels, “Democratic Pan-Slavism”, *Neue Rheinische Zeitung*, 14 de fevereiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

³⁸²⁰ Friedrich Engels, “The Magyar Struggle”, *Neue Rheinische Zeitung*, 13 de janeiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

³⁸²¹ *Idem.*

³⁸²² *Ibidem.*

³⁸²³ James Gregor, *op. cit.*, 2009, p.69.

³⁸²⁴ *Idem*, p.70.

³⁸²⁵ Karl Marx, “Marx to Engels in Manchester”, 24 de junho de 1865, in Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, Volume 42, 2010, p.164.

³⁸²⁶ Benito Mussolini, “Per i fasci italiani all'estero”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de abril de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956, p.243.

será nacionalista no verdadeiro e pleno sentido da palavra”³⁸²⁷, fez notar o historiador Renzo de Felice. Isto é, diante de tal critério os fascistas são de esquerda e os fundadores do marxismo de direita.

Mas mesmo ignorando estes pronunciamentos nacionalistas dos fundadores do marxismo, basta constatar as práticas nacionalistas dos regimes neomarxistas para se ficar esclarecido quanto ao seu verdadeiro posicionamento relativamente a esta questão, algo que um dos historiadores mais especializados na questão do nacionalismo não deixou passar em claro, como de resto já vimos. “De todas as ideologias associadas às crises da modernização, nenhuma se mostrou mais crítica ou maior rival do nacionalismo que o marxismo”, observou Anthony Smith, para logo salientar a ironia de que, ao mesmo tempo, “nenhuma ideologia se mostrou mais intimamente amalgamada com esse mesmo nacionalismo” que o próprio marxismo, uma vez que no período da guerra fria “estamos de facto a testemunhar uma proliferação de nacionalismos marxistas e de marxismos altamente nacionalistas”³⁸²⁸. O socialista George Orwell, com a sua habitual lucidez e honestidade, reconheceu aliás que “o nacionalismo, no sentido extenso em que uso a palavra, inclui movimentos e tendências como o comunismo, o catolicismo político, o sionismo, o antisemitismo, o trotskismo e o pacifismo.”³⁸²⁹

Não vale a pena, consequentemente, usar eufemismos ou fazer jogos de palavras para, à maneira do *Newspeak* socialista de Orwell, tentar criar semanticamente distinções artificiais entre patriotismo e nacionalismo, pois eles não conduzem ao resultado desejado quando o escrutínio deixa a superficialidade e se torna mais apertado. Despidas estas palavras dos elaborados rendilhados retóricos concebidos para lançar opacidade sobre a questão, estamos na sua essência a falar de sinónimos e é como sinónimos que patriotismo e nacionalismo devem ser encarados.

Políticas sociais

O segundo critério habitualmente invocado para definir esquerda e direita, falhada a dualidade nacionalismo-internacionalismo, são as políticas sociais. A esquerda seria pelas políticas sociais com maior presença do Estado e a direita por políticas liberais com menor presença do Estado. Nesse

³⁸²⁷ Renzo de Felice, *op. cit.*, 1965, p.482.

³⁸²⁸ Anthony Smith, *op. cit.*, 1982, p.115.

³⁸²⁹ George Orwell, “Notes on Nationalism”, in George Orwell, *op. cit.*, 2017, p.103.

caso os partidos liberais são de facto de direita e os socialistas de esquerda. Porém, nesta definição o Partido Nacional Fascista italiano e o Partido Nacional-Socialista alemão, para além de outros movimentos ditatoriais semelhantes, seriam também de esquerda, pois nos seus programas, e sobretudo na sua prática, constavam amplos projetos sociais com forte intervenção do Estado e a rejeição do liberalismo.

Vale a pena recordar que os fascistas introduziram em Itália o horário de trabalho das oito horas, os seguros contra os acidentes de trabalho, os seguros contra a doença, os seguros contra as deformidades profissionais, as medidas de assistência à terceira idade e aos trabalhadores deficientes, a assistência de saúde aos desfavorecidos, a assistência aos desempregados, o subsídio de maternidade, a licença de maternidade, a assistência social, a assistência às crianças abandonadas ou em risco, os cheques familiares, as primeiras leis do mundo para a proteção dos animais e do meio ambiente, a transformação dos sindicatos em organismos de direito público, a contratação coletiva de trabalho, a proteção jurídica gratuita para os trabalhadores, o direito ao pagamento das horas extraordinárias, a isenção de impostos para as famílias numerosas, a indemnização por perda do posto de trabalho, as bolsas para encorajar os jovens a estudar, as férias pagas, os programas para levar crianças a passarem férias na costa ou nas montanhas, entre outras medidas.

Este programa levou Mussolini e os seus seguidores a gabarem-se de ter criado o Estado Social mais avançado do seu tempo. Como notou Domenico Settembrini, usando esta definição da dualidade esquerda-direita chegamos “à embaraçosa conclusão de que o mais ‘à esquerda’ era o próprio Mussolini”³⁸³⁰. Portanto, se o objetivo do exercício é dissociar o fascismo e o nazismo do socialismo, este critério das políticas sociais também apresenta resultados contraproducentes.

Igualdade e desigualdade

Um terceiro caminho foi apontado por Norberto Bobbio, ainda que na verdade não passe de uma reformulação mais sofisticada do segundo critério. Embora reconhecendo que a divisão direita-esquerda “tornou-se um clichê”³⁸³¹ de tão repetida, este filósofo socialista liberal italiano defendeu

³⁸³⁰ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.283.

³⁸³¹ Norberto Bobbio, *Left and Right – The Significance of a Political Distinction*, Polity Press, Cambridge, 2005, p.2.

que ela permanece válida se se entender que a esquerda tende para a igualdade e a direita para a desigualdade.

O argumento é interessante e tem evidentes méritos, pois é inegável que o socialismo é uma ideologia igualitária e o liberalismo uma ideologia meritocrática, mas ignora os múltiplos paradoxos gerados por aspetos fundamentais destas ideologias e respetivas práticas, e ainda a existência de outras ideologias, o que mina a validade do critério.

A primeira objeção, evidente, é que o liberalismo foi a ideologia que inaugurou a tendência para o igualitarismo quando estabeleceu o princípio da igualdade perante a lei, tendo depois abraçado igualmente o princípio da igualdade de oportunidades. Quererá isso dizer que, à luz do critério de Bobbio, o liberalismo, movimento que se exprime economicamente pelo capitalismo, é afinal também de esquerda?

O problema agudiza-se quando encontramos no quadro do socialismo, supostamente a ideologia igualitária por excelência, fortes tendências contrárias ao igualitarismo. Veja-se especificamente o caso do marxismo que, ao privilegiar o proletariado sobre as restantes classes, instituiu doutrinariamente a desigualdade entre classes, o que nesse sentido permite que o cataloguem, se usarmos o critério de Bobbio, como uma corrente também de direita. A demonização da burguesia, discurso usado amiúde pela generalidade dos ideólogos neomarxistas, transforma os burgueses em cidadãos de segunda classe, o que evidentemente constitui a apologia de uma ideia de desigualdade. Os proletários (uma minoria da população) são encarados pelos marxistas e neomarxistas como uma classe a privilegiar, os burgueses para reprimir, enquanto os camponeses (a esmagadora maioria da população na época em que o marxismo foi concebido) segundo os fundadores do marxismo “ou são indiferentes ou são reacionários.”³⁸³²

Por conseguinte, o marxismo é uma doutrina que defende a supremacia de uma classe – e, para mais, a supremacia de uma minúscula minoria sobre a grande maioria, pois o proletariado é uma minoria. Nesta doutrina as pessoas não são iguais, distinguindo-se pela classe a que pertencem, sendo que acima de todas está o proletariado. Este supremacismo de classe foi aliás combatido acerrimamente pelo socialismo democrático de Bernstein e pelo fascismo de Mussolini, que defenderam que não havia classes superiores umas às outras e que todas as classes eram iguais, o que, neste particular, e

³⁸³² Friedrich Engels, *op. cit.*, 1968, p.91.

aplicando o critério de Bobbio, coloca a social-democracia e o fascismo à esquerda do marxismo.

De resto, o bolchevismo soviético, tantas vezes apontado como o farol iluminado que guiava as ideias de parte importante da esquerda mundial, estava encharcado de desigualdade. Por exemplo, Lenine preconizava a existência de uma vanguarda que liderasse os trabalhadores. Essa vanguarda, inspirada nas ideias de Sorel, era uma elite formada pelos elementos do partido. Ora, como é evidente, o conceito de elite remete para uma desigualdade meritocrática assente entre os que comandam, os iluminados, e as massas, os seguidores. Ou seja, o leninismo preconiza que não são todos iguais. E o que dizer da perseguição de Lenine a milhões de pessoas por serem *kulaks* ou burgueses ou membros de etnias malditas como os cossacos, assim as discriminando e tornando-as seres humanos de segunda categoria, logo desiguais? Ou como encarar as teses do chefe bolchevique de que era preciso “pagar uma remuneração muito alta pelos serviços dos melhores especialistas burgueses”³⁸³³ de modo a “atrair” tais especialistas com “salários extremamente elevados”³⁸³⁴, assim instituindo descaradamente a desigualdade salarial e social? Lenine, portanto, era também de direita.

O problema torna-se ainda mais vasto quando observamos a forma como o socialismo foi aplicado na prática. Constatamos assim que na União Soviética, por exemplo, existiam muitos privilégios para os membros do Partido Comunista. Estes até dispunham de acesso a lojas específicas onde as compras se faziam com moeda estrangeira, como as *beryozka*, às quais a generalidade da população não podia aceder. Isso constituía uma profunda desigualdade. Havia ainda outras lojas escondidas, dedicadas à elite comunista que apregoava a igualdade, como descobriu Victor Kravchenko quando entrou para o governo soviético. “Nem um russo em mil suspeitava que tais lojas de abundância existiam, e, na verdade, as autoridades tinham-nas discretamente, o mais possível longe do olhar das massas”, revelou Kravchenko. “Havia habitualmente uma fila de carros elegantes à porta de uma loja alimentar ‘fechada’, por exemplo, mas poucos transeuntes sabiam por que motivo estavam ali os carros. Nenhum moscovita alguma vez teve um vislumbre, quanto mais provou, o luxo que se acumulava naquela loja”. E o que havia aí exatamente? “A minha quota mensal incluía toucinho, comida em lata, manteiga, açúcar, farinha, porco salgado – tudo importado

³⁸³³ Vladimir Lenine, *op. cit.*, 5ª edição, 1919, p.14.

³⁸³⁴ *Idem*, p.15.

dos Estados Unidos – tal como peixe, galinha, peixe fumado, vegetais, vodka, vinho e cigarros soviéticos”, admitiu o governante comunista soviético. “Quinze mil rublos não chegavam para comprar no mercado negro o que eu levava para o meu automóvel por cerca de 150 rublos da loja ‘fechada’, a entrada guardada por um miliciano.”³⁸³⁵

É aliás significativo que em todos os regimes comunistas os membros do Partido sempre tenham gozado de privilégios interditos ao resto da população, pois nestes regimes, como tão ironicamente constatou o socialista George Orwell, todos eram apresentados como iguais, mas havia uns, os da elite comunista, mais iguais do que outros. Numa digressão pelos Estados Unidos em 1975, Aleksandr Solzhenitsyn descobriu “que em cada estado durante a guerra havia sociedades de amizade soviético-americana que recolhiam ajuda para o povo soviético – roupas quentes, comida enlatada, prendas – e enviavam-nas para a União Soviética. Não apenas nunca vimos ou recebemos estas coisas (eram distribuídas algures entre os círculos privilegiados) como ninguém sequer nos disse que isto estava a ser feito. Apenas o soube pela primeira vez aqui, este mês, nos Estados Unidos”³⁸³⁶ (parêntesis no original).

Por outro lado, os *gulag* foram transformados em campos de trabalho forçado e não remunerado, isto é, trabalho escravo, e a sua importância económica era tal que o sistema concentracionário comunista foi integrado nos planos económicos da União Soviética. Mais, as detenções eram feitas por quotas, não necessariamente por culpa, e isso acontecia justamente para preencher as necessidades de mão-de-obra nos *gulag*. Ora a escravatura é uma forma profundamente iníqua. Ou seja, a igualdade do comunismo nunca passou de retórica. O igualitarismo dos regimes socialistas limitou-se no essencial a palavras vazias, pois vários conceitos doutrinários do marxismo e também partes substanciais da prática dos seus regimes tenderam de facto para a desigualdade, o que, no quadro do conceito de Norberto Bobbio, coloca esses regimes inequivocamente no campo da direita.

Engels estendeu às relações entre países o discurso tendente à desigualdade, nomeadamente quando criticou os que diziam “baboseiras sobre a igualdade das nações”³⁸³⁷ e preconizou o extermínio dos “povos

³⁸³⁵ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.412.

³⁸³⁶ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2019, p.31.

³⁸³⁷ Friedrich Engels, “The Magyar Struggle”, *Neue Rheinische Zeitung*, 13 de janeiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

lixo”³⁸³⁸ que se opunham aos desígnios da grande Alemanha, enquanto pelo contrário os fascistas defendiam o fim da exploração das nações proletárias pelas nações capitalistas e, conseqüentemente, a igualdade das nações. Portanto, nas relações entre países o fascismo está pelos vistos à esquerda do marxismo original. Por outro lado, é importante não esquecer que Marx escreveu em *O Capital* que a “raça” é uma das “condições físicas” que afetam “a produtividade do trabalho”³⁸³⁹, e tanto ele como Engels fizeram sucessivos pronunciamentos que envolvem supremacismo racial, como já vimos abundantemente quando analisámos o racismo no marxismo original, e portanto tendentes à desigualdade. Tudo isto faz dos fundadores do marxismo, utilizando este critério, gente também de direita.

Constatamos assim que a definição de Bobbio só é viável se se entender o comunismo como um movimento de direita que, ao usar retoricamente o igualitarismo e ao mesmo tempo esvaziá-lo na prática de conteúdo real, o transformou numa ideia oca utilizada unicamente para efeitos de propaganda, usurpando assim o conceito de esquerda. Ou seja, o comunismo apregoa ao mesmo tempo a igualdade e a desigualdade, conforme os temas e as circunstâncias, e sobretudo pratica a desigualdade quando se torna regime.

A dificuldade é que mesmo um tal entendimento não resolve todos os problemas deste critério, designadamente os suscitados pelos princípios igualitários que se podem encontrar em obra no nacional-socialismo e sobretudo no fascismo. Embora proclamasse abertamente a desigualdade racial, o que no critério de Bobbio o coloca inquestionavelmente na direita, Adolf Hitler fez uma apaixonada defesa do “direito à igualdade social”³⁸⁴⁰ e adotou políticas tendentes a diminuir desigualdades sociais, o que no critério de Bobbio o coloca inequivocamente na esquerda.

Por exemplo, os nacional-socialistas instituíram ou alargaram os seguros para a terceira idade, os subsídios de habitação, de desemprego e de incapacidade, os empréstimos sem juros a famílias, os seguros de saúde, o apoio a ex-reclusos, os subsídios para deficientes, os subsídios de maternidade, os subsídios para crianças e para órfãos, e as pensões de viuvez e de ajuda aos idosos, aos sem-abrigo e aos alcoólicos. Como resultado da definição de Bobbio, tudo isto faz do *Führer* um homem também de

³⁸³⁸ Friedrich Engels, “The Magyar Struggle”, *Neue Rheinische Zeitung*, 13 de janeiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

³⁸³⁹ Karl Marx, *op. cit.*, 2013, p.358.

³⁸⁴⁰ Adolf Hitler, *op. cit.*, 2000, p.19/20.

esquerda. Poder-se-á argumentar que o igualitarismo do regime nazi era essencialmente retórico, e é verdade, mas a mesma acusação poderá ser dirigida ao igualitarismo de todos os regimes comunistas. Poder-se-á aqui contra-argumentar que apesar de tudo esses regimes comunistas tinham medidas igualitárias, e é verdade, mas mais uma vez o mesmo contra-argumento poderá ser utilizado para os nacional-socialistas.

O caso do fascismo é semelhante. “O século passado proclamou a igualdade dos cidadãos perante a lei, uma conquista de alcance formidável”, enalteceu Mussolini, para quem “o século fascista mantém e até consolida este princípio, mas acrescenta-lhe um outro não menos fundamental: a igualdade dos homens perante o trabalho”³⁸⁴¹. As políticas fascistas de subsídios, assistência e apoios financeiros às franjas mais desfavorecidas da população, como os deficientes, os desempregados, os idosos e as crianças em risco, sem esquecer as famílias numerosas e em dificuldades e todas as medidas sociais que referimos quando falámos do Estado Social fascista e quando abordámos o segundo critério, visaram especificamente reduzir as desigualdades económicas e sociais, o mesmo acontecendo com a ideia de transformar cada trabalhador num patrão. Mussolini tornou de resto claro que o fascismo buscava a “equitativa e humana repartição da riqueza”³⁸⁴², um objetivo inequivocamente igualitário.

Outro ideólogo fascista, Giuseppe Solaro, propôs “a criação de um novo sistema de igualdade internacional”³⁸⁴³, tema igualitário também muito caro aos fascistas, que defendiam abertamente o “*socialismo das nações*”³⁸⁴⁴ (itálico no original), para usar a expressão que o ideólogo fascista Alfredo Rocco utilizou para definir o fascismo, de modo a exigir a igualdade entre as nações. Consequentemente, os fascistas eram, sempre segundo o critério de Bobbio, também de esquerda.

Mesmo a aliança que os socialistas fascistas fizeram com o nacionalismo pode ser encarada sob o mesmo prisma. Não são as ideologias nacionalistas que tendem a homogeneizar as pessoas que partilham a mesma nação? “O nacionalismo é igualitário”³⁸⁴⁵, sentenciou o ideólogo fascista Berto Ricci.

³⁸⁴¹ Benito Mussolini, “Alla prima assemblea generale delle corporazioni”, *op. cit.*, 1937, p.124.

³⁸⁴² Benito Mussolini, “Rivoluzione sociale”, 13 de novembro de 1943, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967, p.132.

³⁸⁴³ Giuseppe Solaro, “I ricchi, le necessità dello Stato e il ‘nuovo ordine’”, *Libro e Moschetto*, 27 de junho de 1942, in Giuseppe Solaro, *op. cit.*, 2016, p.77.

³⁸⁴⁴ Alfredo Rocco, *op. cit.*, 1919, p.12.

³⁸⁴⁵ Berto Ricci, “Errore del nazionalismo italico”, in Berto Ricci, *op. cit.*, 2014, p.42.

Será então o nacionalismo igualmente de esquerda? Mantendo este critério, somos pois confrontados com o facto de que as ideologias, desde as socialistas às nacionalistas, passando pelo liberalismo, são simultaneamente de direita e de esquerda, uma vez que todas as ideologias modernas integram ao mesmo tempo elementos tendentes à igualdade e à desigualdade, apregoando sobretudo a igualdade na retórica e praticando a desigualdade essencialmente pelos atos, embora amiúde também na ideologia, o que anula por completo a eficácia deste critério.

Uma variante da definição de Bobbio é aquela que descreve a esquerda como tendendo para a igualdade e a direita para a liberdade. Considerando que as pessoas são todas diferentes umas das outras e que em condições de liberdade umas destacam-se e outras não em função do mérito, resulta daqui que quando se tem liberdade emerge imediatamente a desigualdade, pelo que para se ter igualdade é preciso reprimir a liberdade e isso faz-se através de uma ditadura. O próprio primeiro comunista moderno, François-Noël Babeuf, reconheceu que para haver igualdade era preciso recorrer à coerção. Se “uma pessoa mostre que é capaz, pela execução individual da sua força natural, de fazer o trabalho de quatro homens e assim exigir a recompensa multiplicada por quatro”, sustentou Babeuf, é preciso “forçá-lo a depositar o fruto do seu trabalho num armazém comum” ou então “suprimir tal homem.”³⁸⁴⁶

Esta redefinição da definição, porém, além de manter as contradições entre a igualdade apregoada pela retórica e a desigualdade praticada de facto pelos socialismos quando regimes, gera perplexidades adicionais. É certo que o liberalismo, enquanto religião da liberdade, fica assim claramente posicionado na direita. Por outro lado, ao apostar na ditadura para impor a igualdade, o que significa o regime de um Estado sem liberdade, o comunismo emerge como um movimento de esquerda. Mas se o fascismo também aposta na ditadura, como se pode situá-lo no campo da liberdade, isto é, do liberal, isto é, da direita? Mais, como se pode dizer que o fascismo, que defende a ditadura, é de extrema-direita, pois neste critério tal significaria ser da extrema-liberdade?

A verdade é que, quando começamos a testá-los com os conceitos de cada ideologia e respetiva aplicação prática, o terceiro critério e a sua variante acabam por se enredar igualmente numa nova teia infindável de paradoxos.

³⁸⁴⁶ François-Noël Babeuf, “Defense”, fevereiro-maio de 1797, www.marxists.org.

Democracia e ditadura

Por fim, um quarto caminho para estabelecer a divisão direita-esquerda considera que, no lugar das questões em torno do nacionalismo e internacionalismo ou das políticas sociais ou das dualidades igualdade-desigualdade ou igualdade-liberdade como critério definidor, o que é realmente válido para definir esquerda ou direita são conceitos como a democracia parlamentar e a ditadura – no fundo uma nova variante da variante de Bobbio. Os regimes democratas parlamentares seriam de esquerda, os ditatoriais de direita.

Se considerarmos que é este critério o verdadeiro, partidos como o Partido Nacional Fascista italiano e o Partido Nacional-Socialista alemão, bem como outros movimentos autoritários do género, foram indubitavelmente de direita. Porém, isso tem como consequência que os partidos liberais e socialistas democráticos são de esquerda, até porque a democracia parlamentar é a expressão política do capitalismo e do liberalismo, e os comunistas são de direita, pois por definição o seu projeto político passa pela ditadura.

A proximidade entre as ideologias comunista e nacionalistas socialistas, proximidade que se materializa em práticas similares em questões como a *praxis* nacionalista, as políticas sociais, a intervenção do Estado e a instituição de regimes ditatoriais, ajuda a explicar a até aqui intrigante transferência de eleitores entre os partidos que se movem nestas ideologias socialistas. Não é por acaso que o fascismo e o nacional-socialismo foram buscar eleitores, não aos partidos liberais, como seria natural se a direita liberal e a extrema-direita nacionalista estivessem de facto uma ao lado da outra no espectro político, mas justamente aos partidos tradicionalmente designados como sendo de esquerda.

Desse modo também se compreende que até os atuais movimentos nacionalistas europeus estejam a captar apoiantes entre os eleitores tradicionalmente pertencentes aos partidos socialistas, facto particularmente visível em França e no Reino Unido, e que tenha sido no Leste da Europa, justamente nos antigos países de regime comunista neomarxista, que o nacionalismo e a xenofobia primeiro apareceram mais pujantes e violentos. Até no interior da Alemanha essas linhas são claramente visíveis. O movimento xenófobo Pegida, por exemplo, não nasceu na parte do país que desde a Segunda Guerra Mundial aderiu ao capitalismo cosmopolita e à

social-democracia liberal, mas em Dresden, em pleno coração da antiga Alemanha comunista.

Não foi de resto accidental que em 2015 na Grécia o partido socialista Syriza se tenha aliado a um partido nacionalista, que em 2017 o movimento nacionalista catalão se tenha revelado predominantemente socialista e que em 2018 o movimento Cinco Estrelas, defensor de fortes medidas sociais e ambientais, se tenha coligado com a Liga do Norte, nacionalista, para formar governo em Itália. Ou que na segunda volta das eleições francesas de 2017 Marine Le Pen tenha apelado diretamente ao voto dos socialistas soberanistas de Jean-Luc Mélenchon. “É preciso travar a imigração oficial e clandestina”, declarou Georges Marchais em 1980. “É inadmissível deixar entrar em França novos trabalhadores imigrantes quando o nosso país conta com quase dois milhões de desempregados franceses e imigrantes”³⁸⁴⁷. Convém esclarecer que Georges Marchais não era o líder da Frente Nacional, partido alegadamente de extrema-direita, mas do Partido Comunista Francês, partido alegadamente de esquerda ou extrema-esquerda. E digo alegadamente porque, como vemos, nada na distinção direita-esquerda é o que nos é apresentado.

Basta aliás ler o programa eleitoral da Frente Nacional em 2017 para ficar esclarecido. No meio de uma série de medidas nacionalistas, o movimento de Le Pen preconizou igualdade salarial entre homens e mulheres, luta contra a precariedade laboral e social, liberdade sindical, investimento estatal na indústria, saída da dependência dos mercados financeiros, soberania económica, adoção de políticas de emprego, redução da idade da reforma para os 60 anos, redução da fiscalidade sobre as pensões de reforma, reforço da solidariedade intergeracional, aumento dos subsídios para a terceira idade, criação de um subsídio para quem tenha baixos salários, supressão de impostos a quem ganha pouco, aumento de impostos às grandes empresas, penalização das multinacionais que fogem ao fisco, reforço da segurança social, criação de um subsídio para as pessoas dependentes, aumento do número de hospitais e do quadro de pessoal hospitalar, aumento dos quadros da função pública e proteção dos funcionários públicos, proteção dos deficientes, aumento das estruturas de apoio às crianças... e por aí fora.

Como não ver na Frente Nacional, como noutros movimentos do género, uma aliança entre socialismo e nacionalismo? Alguns darão maior ênfase ao

³⁸⁴⁷ Georges Marchais, “Immigration et laïcité”, 1980, <https://www.youtube.com/watch?v=LG2BA9SxCIM>

nacionalismo, assumindo-o enquanto tal ou disfarçando-o por detrás de expressões como “patriotismo” ou “defesa da soberania contra os ditames de Bruxelas” ou outras expressões camufladamente nacionalistas na mesma linha. Outros sublinharão o socialismo, assumindo-o ou também o mascarando. Por baixo das palavras e das diferenças doutrinárias mais ou menos aparentes, todavia, emerge sistematicamente uma essência comum. O socialismo nacionalista.

Ou, para lhe darmos um nome específico, o fascismo. “O fascismo é liderado por homens que vieram da esquerda e os seus seguidores combinam elementos conservadores e patriotas com ex-socialistas, ex-comunistas e revolucionários”³⁸⁴⁸, observou o líder histórico fascista britânico, Oswald Mosley, ele próprio um ex-governante trabalhista, para descrever dialeticamente o fascismo como “uma síntese entre duas grandes antíteses”³⁸⁴⁹. Em suma, o fascismo apresenta-se como a síntese do socialismo com o nacionalismo. Mosley referia-se também a uma síntese com o liberalismo, pois o fascismo vê-se como um socialismo nacionalista que aceita a economia de mercado enquanto sistema para criar riqueza que depois é socialmente redistribuída. “Somos muitas vezes acusados de tirar alguma coisa da direita e alguma coisa da esquerda”, disse o líder fascista britânico. “Bem, é muito sensato copiar coisas de outras fés; eliminamos o que é mau e mantemos o que é bom.”³⁸⁵⁰

Nestas condições, que sentido e rigor têm as tradicionais classificações de esquerda e direita? “Expurgada de grande parte da sua retórica, a teoria marxista revelou-se uma variante do fascismo geral”, observou o historiador James Gregor, para concluir: “a competição do Século XX que tantas vidas ceifou não foi entre direita e esquerda. Foi entre democracias representativas e os seus adversários antidemocráticos”³⁸⁵¹. Settembrini foi ainda mais longe. “Nos dois pólos opostos do espectro político estão o capitalismo democrata liberal e o coletivismo totalitário”, sendo que “o fascismo coloca-se no meio”³⁸⁵², pois não passaria, nas palavras do comunista soviético Victor Smirnov, de um “comunismo moderado.”³⁸⁵³

³⁸⁴⁸ Oswald Mosley, *The Greater Britain*, Black House Publishing, Londres, 2017, p.10.

³⁸⁴⁹ Oswald Mosley, “The Philosophy of Fascism”, in *Fascist Voices – Essays From the ‘Fascist Quarterly’ 1936-1940*, Volume 1, Black House Publishing, Londres, 2018, p.2.

³⁸⁵⁰ *Idem*, p.7.

³⁸⁵¹ James Gregor, *op. cit.*, 2000, p.x.

³⁸⁵² Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.169.

³⁸⁵³ *Idem*, p.312.

Um conceito obsoleto

Se a dualidade esquerda-direita do Século XVIII se tornou obsoleta, transformando-se numa falácia que nos confunde, por que motivo ainda subsiste na categorização das ideias políticas do Século XXI? A principal razão parece ser a inércia. É verdade que esta dualidade é simples e de fácil compreensão, o que a torna muito atrativa. Acabamos por aceitá-la por hábito, por tradição, por preguiça até. Além de simples, contudo, é uma forma simplista de ver o mundo, além de confortável e reconfortante. A manutenção dessa dualidade reflete o nosso conformismo, o conservadorismo dos esquemas interpretativos, a indisponibilidade de questionar a visão do mundo e de afrontar as ideias feitas. Se todos aceitam acriticamente a representação tradicional das ideias políticas, para quê colocar tudo em questão?

Mas há também uma outra razão, em geral escondida, embora a sua existência seja denunciada pelas reações irritadas quando alguém se atreve a questionar a pertinência desta representação tradicional do espectro político. É que a perpetuação de uma dualidade tão obsoleta serve um interesse muito específico: o de ocultar as ligações doutrinárias de ideologias hoje aceites com correntes que a história demonizou. Fiel a uma representação maniqueísta do mundo, o comunismo apresenta-se como uma ideologia de libertação e de progresso, com uma escatologia messiânica que encerra a promessa da salvação. Essa imagem, sendo central ao seu projeto e instrumental à sua narrativa, é porém incompatível com os regimes repressores e mesmo genocidas que as versões ditatoriais do socialismo engendraram. Tornou-se por isso imprescindível dissociar o comunismo de tais monstros.

É precisamente esse propósito que o dualismo esquerda-direita serve e é também por isso que uma tão insatisfatória e redutora classificação é perpetuada. Ao plantar-se o socialismo nacionalista na “extrema-direita” do espectro político logra-se estabelecer um cordão sanitário em torno do socialismo tradicional, o de “esquerda”, criando a ilusão de que não existe qualquer relação entre estes sistemas de ideias. A classificação tradicional apresenta até um bônus, o de colocar esquematicamente o socialismo nacionalista, a “extrema-direita”, ao lado do liberalismo, a “direita”, o que sugere implicitamente relações entre ambos. Demoniza-se assim a “direita”, uma amálgama difusa para onde se atiram ideologias tão diversas e até

antagónicas entre si como o liberalismo, o nacionalismo e o conservadorismo, criando implicitamente a impressão de que estão todas ligadas umas às outras, com a vantagem adicional de que se mascaram desse modo as relações desconfortáveis do socialismo nacionalista com a “esquerda”, a área em que o socialismo tradicional se diz situar.

Semelhante categorização não resiste, contudo, e como vimos, a uma análise mais fina. A verdadeira divisão ideológica não resulta de nenhuma separação entre esquerda e direita, conceitos anacrónicos que perdem qualquer sentido perante as realidades produzidas pelos diversos sistemas contemporâneos de pensamento e ação política, mas da dicotomia entre liberalismo e variantes da estatização, capitalismo e economia planificada, mercado e Estado, democracia e ditadura.

Ou talvez seja mais exato dizer que não existe bidimensionalidade, mas uma pluridimensionalidade onde se agrupam os diversos sistemas de pensamento, aqui o socialismo, ali o liberalismo, acolá o nacionalismo, daquele lado o conservadorismo, e assim por diante. Como as ideologias não são puras, antes se contaminam umas às outras em zonas de interceção, temos num movimento o socialismo a cruzar-se com o nacionalismo e noutro com o liberalismo, e todos os restantes grupos a fazerem o mesmo uns em relação aos outros. Mais complexo ainda, a realidade mostra que existem movimentos socialistas na economia e liberais nos costumes, outros liberais na economia e conservadores nos costumes, outros socialistas na economia e conservadores nos costumes, e assim consecutivamente.

A realidade é, pois, complexa e interconexa, e a dicotomia que por tradição e facilitismo usamos revela-se totalmente insatisfatória para a reproduzir com rigor. Longe de apresentar um retrato fiável dos posicionamentos políticos, o binómio direita-esquerda não passa afinal de uma caricatura.

Revolucionário e reacionário

Na mesma linha, os próprios conceitos de que o socialismo é revolucionário e o fascismo e o liberalismo reacionários, acabam por ser radicalmente postos em causa. Se a revolução é um projeto voltado para o futuro e a reação um esforço de regresso ao passado, então também o fascismo era revolucionário porque se sustentava num programa de revolução nacional para construir o futuro e um novo homem.

Isso aconteceria com violência, claro, mas não era esse afinal o instrumento do projeto marxista? Não foi Marx quem escreveu que a violência era a “parteira”³⁸⁵⁴ da revolução e que disse aos operários que “você terão de passar por quinze ou vinte ou cinquenta anos de guerra civil para alterar a situação e para vos preparar para o exercício do poder”³⁸⁵⁵? O que é esta ideia marxista senão a elevação do homem a um novo estágio do desenvolvimento através da violência, um conceito tão caro ao socialismo nacionalista dos fascistas – e, já agora, dos regimes comunistas?

Estes dilemas foram no passado resolvidos pelos comunistas de forma dogmática. Uma doutrina é revolucionária “quando conduz a um acordo com Marx”, escreveu M. N. Roy, do Comintern, “caso contrário é reacionária”³⁸⁵⁶. Uma tal definição, como é evidente, não colhe, pois baseia-se em argumentos de autoridade e dogma e não de razão e muito menos de ciência. E em boa verdade nem é difícil trabalhar estes conceitos com rigor, pois basta recorrer à própria etimologia das palavras em questão para extrair o seu sentido correto. Revolucionário é o que se relaciona com a revolução, qualquer que ela seja, e reacionário (ou contrarrevolucionário) é o que reage contra a revolução.

Ora o que era o projeto fascista, que até integrara o movimento futurista e ambicionava criar uma “nova Itália”³⁸⁵⁷ e um “italiano novo”³⁸⁵⁸, se não o de revolucionar a sociedade italiana? Foi justamente por reconhecer esse facto que o próprio Mussolini afirmou que o fascismo “não é reacionário, mas revolucionário”, e múltiplas vezes falou na “revolução fascista”³⁸⁵⁹ para dizer que “a nossa é uma revolução original e grandiosa que não criou tribunais extraordinários nem fuzilou ninguém”³⁸⁶⁰.

Mussolini falou na “fratura entre velho e novo regime”, sendo que o fascismo representava o novo e “todos os velhos partidos”, incluindo os socialistas oficiais, “formam a contrarrevolução”, havendo “a

³⁸⁵⁴ Karl Marx, *op. cit.*, 2013, p.526.

³⁸⁵⁵ Alex Callinicos, *op. cit.*, 2012, p.184.

³⁸⁵⁶ James Gregor, *A Place in the Sun – Marxism and Fascism in China's Long Revolution*, Westview Press, Boulder, 2000, p.42.

³⁸⁵⁷ Benito Mussolini, “Elogio ai gregari”, *Gerarchia*, fevereiro de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983, p.94.

³⁸⁵⁸ Benito Mussolini, “Il discorso dell’ascensione”, *Atti del Parlamento Italiano*, 26 de maio de 1927, *idem*, p.121.

³⁸⁵⁹ Benito Mussolini, “Discorso del 20 settembre 1922 Discorso alla Camera”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org; Benito Mussolini, “Discorso del 28 ottobre 1923 Camicie Nere di Milano”, *idem*.

³⁸⁶⁰ Benito Mussolini, “Discorso del 28 ottobre 1923 Camicie Nere di Perugia”, *ibidem*.

impossibilidade de um regresso ao antigo regime que o fascismo para sempre atirou para a fossa”³⁸⁶¹. Este era um ponto consensual entre os ideólogos fascistas, com Sergio Panunzio a sublinhar que “o aspeto revolucionário, o elemento de restauração social, chega indubitavelmente ao fascismo pelo sindicalismo”³⁸⁶². Ou seja, pelo neomarxismo soreliano.

É aliás interessante que Mussolini tenha acusado o socialismo oficial de ter “uma política de reação contra o movimento fascista”³⁸⁶³. Na verdade, “o conservador hoje é o socialista”, pois “tornou-se extraordinariamente reacionário”³⁸⁶⁴, o que significava que “os revolucionários podem estar hoje à direita e os reacionários à esquerda”³⁸⁶⁵. O *Duce* falava insistentemente sobre “a revolução antifascista – que é retrógrada, reacionária”³⁸⁶⁶.

Ou seja, os socialistas oficiais, e sobretudo os comunistas, eles sim, é que eram os verdadeiros reacionários, proclamaram os fascistas, pois representavam “uma outra reação: a vermelha”³⁸⁶⁷. Bastava ver o que se passava na Rússia. “Milhares e milhares de contrarrevolucionários – quase todos socialistas e anarquistas – foram presos e fuzilados”, observou, e o que era isso senão “a ‘reação’ bolchevique”³⁸⁶⁸? A violência inaudita na Rússia, com perseguições, detenções arbitrárias, polícia política, campos de concentração, fuzilamentos em massa e fome generalizada, é que era a verdadeira reação, o que fazia de Lenine “o maior reacionário da nossa época.”³⁸⁶⁹

Também o nacional-socialismo, embora influenciado pelas tradições *Völkisch* alemãs do passado e gerado pelo trauma da Grande Guerra e da humilhação de Versalhes, era uma doutrina virada para o futuro, para a afirmação da Alemanha como potência dominante e para a revolução racial

³⁸⁶¹ Benito Mussolini, “Preludi della marcia su Roma”, *Gerarchia*, outubro de 1927, in Benito Mussolini, *op. cit.*, novembro de 1983, p.29.

³⁸⁶² Servio Panunzio, *op. cit.*, 1939, p.7.

³⁸⁶³ Benito Mussolini, “Politica interna – L’‘aut aut’ confederale”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de janeiro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.8.

³⁸⁶⁴ Benito Mussolini, “Come allora”, *Il Popolo d’Italia*, 31 de maio de 1922, *idem*, p.216.

³⁸⁶⁵ Benito Mussolini, “I luoghi comuni – Destra e sinistra”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de julho de 1922, *ibidem*, p.321.

³⁸⁶⁶ Benito Mussolini, “Segue la serie dei profeti”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de julho de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958, p.15.

³⁸⁶⁷ Benito Mussolini, “C’è una reazione...”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de março de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956, p.107

³⁸⁶⁸ *Idem*, p.108.

³⁸⁶⁹ *Ibidem*, p.109.

e a criação de uma futura raça humana superior, o Super-Homem ariano. Referindo-se aos seus projetos para fundar um novo partido, Hitler revelou no *Mein Kampf* “a razão pela qual escolhemos o nome Partido Social-Revolucionário”, dizendo que isso acontecia “em particular porque os princípios sociais da nossa nova organização eram na verdade revolucionários”³⁸⁷⁰. Páginas adiante, o *Führer* insistiu no mesmo ponto: “Nós, nacional-socialistas, sabemos que ao termos estas nossas opiniões assumimos uma posição revolucionária no mundo de hoje e que somos classificados como revolucionários.”³⁸⁷¹

Mais tarde, Albert Speer confidenciou que Hitler lhe disse em 1943 que um dia recomençaria a guerra civil de Espanha, mas desta feita “connosco do lado oposto da barricada”, criticando “o bando reacionário”³⁸⁷² que rodeava Francisco Franco, com as suas pretensões de restaurar a antiga ordem social e a monarquia católica. Estas declarações tornam claro que Hitler se considerava um revolucionário, por contraste com a imagem que tinha de Franco, e presumivelmente de Salazar, ambos conservadores católicos. “O fascismo é a maior crença construtiva revolucionária do mundo”, proclamou o líder fascista britânico Oswald Mosley, pela simples razão de que “desafia a ordem existente”³⁸⁷³. A ordem em questão era a ordem liberal.

Um crescente número de pensadores concorda hoje que o fascismo tinha de facto uma natureza revolucionária. “O fascismo entra na mais vasta categoria de uma revolução ulterior ao marxismo”, observou Augusto del Noce, para quem “nesse sentido o fascismo tem certamente um profundo carácter revolucionário e antitradicional que poderia até justificar a definição de movimento associado a um ‘processo de modernização’”³⁸⁷⁴. Já Gregor sublinhou que “o carácter revolucionário, e *revolucionário progressista*, do fascismo não pode ser posto em causa”³⁸⁷⁵ (itálico no original), tendo Shorten concordado que “o atual consenso entre os historiadores do fascismo é que o fascismo é ‘revolucionário por direito próprio’.”³⁸⁷⁶

³⁸⁷⁰ Adolf Hitler, *op. cit.*, 2016, p.107.

³⁸⁷¹ *Idem*, p.358.

³⁸⁷² George Watson, *Heresies and Heretics – Memories from the Twentieth Century*, The Lutterworth Press, Cambridge, 2013, p.40.

³⁸⁷³ Oswald Mosley, *op. cit.*, 2017, p.11.

³⁸⁷⁴ Augusto del Noce, “Dibattito sulla natura del fascismo – Di A. James Gregor, Augusto del Noce, Renzo de Felice”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2016, p.93.

³⁸⁷⁵ James Gregor, *idem*, p.89.

³⁸⁷⁶ Richard Shorten, *op. cit.*, 2012, p.5.

Ou talvez nenhum destes socialismos nacionalistas ditatoriais fosse realmente revolucionário. No fim de contas estamos a falar de conceitos relativos, pois, consoante a perspetiva, o que é revolução para um é reação para outro. Esse foi o sentido da observação de Domenico Settembrini, para quem o fascismo e o comunismo não eram na verdade revolucionários, mas reacionários, uma vez que a verdadeira e única revolução que realmente ocorreu foi a capitalista e liberal. “O capitalismo é que é a grande força revolucionária”³⁸⁷⁷, proclamou o filósofo francês Gilles Lipovetsky, ideia consagrada na teoria económica pelo conceito de destruição criativa. O seu autor, o economista austríaco Joseph Schumpeter, sublinhou o papel revolucionário do capitalismo, com a sua capacidade de estar sempre a inovar e a transformar a sociedade, criando permanentemente novos paradigmas que destroem os anteriores e assim fazem evoluir criativa e revolucionariamente a sociedade.

A máquina a vapor, a linha de montagem, o crédito financeiro, o automóvel, o telefone, a televisão, o telemóvel, o computador, o *smartphone*, a Amazon, a Google, a Uber, tudo criações revolucionárias do capitalismo que destruíram velhos paradigmas e criaram novos. “O capitalismo”, sustentou Schumpeter, “é por natureza uma forma e método de mudança económica e não só nunca é como nunca pode ser estacionário”³⁸⁷⁸. Os próprios Marx e Engels o reconheceram em *O Manifesto Comunista*, quando disseram que “a burguesia não pode existir sem revolucionar constantemente os instrumentos de produção”³⁸⁷⁹, num ciclo incessante em que “todas as indústrias nacionais bem estabelecidas foram destruídas ou estão diariamente a ser destruídas”, acabando “desalojadas por novas indústrias.”³⁸⁸⁰

Neste sentido o capitalismo é a revolução, em bom rigor a revolução permanente, e os diversos socialismos ditatoriais a reação. “Mussolini e o fascismo podem ser definidos como um modelo de ‘reação’, do qual Lenine e o bolchevismo representam o exemplo mais notório”, escreveu Settembrini, sublinhando “a grande influência que Lenine exerceu sobre

³⁸⁷⁷ Gilles Lipovetsky, “O capitalismo é que é a grande força revolucionária”, *Público*, 23 de janeiro de 2019, www.publico.pt.

³⁸⁷⁸ Joseph Schumpeter, *Capitalism, Socialism and Democracy*, HarperCollins, Nova Iorque, 2008, p.82.

³⁸⁷⁹ Karl Marx e Friedrich Engels, *op. cit.*, 2015, p.6.

³⁸⁸⁰ *Idem*, p.7.

Mussolini”³⁸⁸¹ e a ideia de que o fascismo não passava de “uma variante da tradição ‘reacionária de esquerda’ da qual a ideologia comunista representa a veia principal.”³⁸⁸²

Um dos primeiros socialistas, o britânico John Ruskin que influenciou o Mahatma Gandhi, tinha como programa “manter os campos de Inglaterra verdes e as suas faces coradas”³⁸⁸³, o que ilustra bem como o primeiro socialismo nasceu como reação à industrialização. O próprio teórico neomarxista Georges Sorel falou na “guerra declarada pelo socialismo contra a sociedade moderna”³⁸⁸⁴, assumindo assim a sua natureza reacionária à revolução industrial e à modernidade. “O socialismo significava sobretudo um horror à nova era: a era das máquinas e da alta finança”, lembrou o investigador George Watson em referência aos primórdios do pensamento socialista, para concluir: “era mais do que conservador. Era reacionário e nostálgico.”³⁸⁸⁵

Traços dessa nostalgia reacionária podem ser ainda encontrados em Engels. O companheiro intelectual de Marx referiu-se num tom de certo modo apreciativo ao regime tribal, ao sublinhar o “facto de não caberem nele nem a dominação nem a servidão”³⁸⁸⁶, e mostrou saudades pelo período pré-capitalista, quando “os trabalhadores vegetavam numa existência passavelmente confortável, levando uma vida proba e pacífica.”³⁸⁸⁷

Mais, Engels condenou as alterações que a industrialização trouxe à vida familiar, com as mulheres a irem para as fábricas trabalhar enquanto os maridos ficavam em casa a tratar das crianças e a limpar e cozinhar. “Só em Manchester há muitas centenas de homens que estão condenados a desempenhar funções domésticas”, escreveu ele com indignação machista pelas mudanças trazidas pela revolução industrial e com evidente nostalgia misógina pela ordem antiga das mulheres donas de casa. “É fácil imaginar a fúria dos trabalhadores contra esta inversão das relações familiares”³⁸⁸⁸. Engels considerou que o capitalismo constituía uma “castração”³⁸⁸⁹, pois

³⁸⁸¹ Domenico Settembrini, *op. cit.*, 1978, p.206.

³⁸⁸² *Idem*, p.215.

³⁸⁸³ George Watson, *op. cit.*, 2010, p.46.

³⁸⁸⁴ Georges Sorel, *op. cit.*, 2016, p.152.

³⁸⁸⁵ George Watson, *op. cit.*, 2010, p.45.

³⁸⁸⁶ Friedrich Engels, *op. cit.*, 1980, p.210.

³⁸⁸⁷ Friedrich Engels, *op. cit.*, 2009, p.16.

³⁸⁸⁸ *Idem*, p.154.

³⁸⁸⁹ Em bom rigor, a palavra “castração” não consta da edição que usei de *The Condition of the Working Class in England*, da Oxford University Press, que recorreu a

roubava a masculinidade aos homens ao pô-los a desempenhar funções de mulheres, inversão de papéis que pelos vistos ofendia a sua sensibilidade supostamente progressista e igualitária.

Nesta visão, a única revolução que realmente existiu foi a revolução industrial, uma vez que foi ela que criou uma economia nova, o capitalismo, para além de uma ideologia nova, o liberalismo, e um sistema político novo, a democracia parlamentar. Tudo o resto seriam reações, o que implica que o socialismo, incluindo o marxista, era reacionário porque nasceu como reação à revolução industrial. Já o socialismo abertamente nacionalista, que emergiu posteriormente, poderia ser encarado como um movimento reacionário à crise do liberalismo gerada pela Grande Guerra.

Este assunto mereceu, de resto, a atenção dos principais teóricos do liberalismo. É o caso de Friedrich Hayek, que viu no liberalismo uma poderosa força de mudança e no socialismo e no conservadorismo a reação a essa mudança. “Um dos traços fundamentais da atitude conservadora é um medo da mudança, uma desconfiança tímida da novidade como tal, enquanto a posição liberal é sustentada na coragem e na confiança, na disposição de deixar que as mudanças ocorram mesmo se não conseguirmos prever para onde elas nos conduzirão”³⁸⁹⁰, escreveu o filósofo liberal austríaco, para sublinhar que “ligada à desconfiança dos conservadores no que é novo e estranho está a sua hostilidade ao internacionalismo e a sua tendência para o nacionalismo estridente”³⁸⁹¹, sendo que “é esta tendência para o nacionalismo que frequentemente estabelece a ponte entre o conservadorismo e o coletivismo”³⁸⁹². O coletivo é a nação e a afirmação da nação conduz os movimentos coletivistas ao nacionalismo. O internacionalismo não passaria assim entre os socialistas de um conceito oco fruto de meras boas intenções, pois por toda a parte, quando se transforma em regime, o comunismo está destinado a abraçar o nacionalismo.

Para lá da retórica revolucionária e progressista do socialismo, sugeriu Hayek, a sua natureza mais profunda está no conservadorismo. Socialismo e conservadorismo partilham o desejo da ominipresença e da autoridade do

uma tradução soviética que eliminou a palavra inconveniente, mas está no original em alemão, onde se pode ler: “*Man kann sich denken, welche gerechtlche Entrusting diese tatsachliche Kastration bei den Arbeitern hervorruft und welche Umkehrung aller Verhältnisse der Familie... dadurch entsteht.*”

³⁸⁹⁰ Friedrich Hayek, *Why I Am Not a Conservative*, Occasional Papers, The Centre for Independent Studies, Auckland, 1992, p.4.

³⁸⁹¹ *Idem*, p.8.

³⁸⁹² *Ibidem*, p.9.

Estado, a disposição para a coerção, a crença na sua superioridade moral, a vontade de travar a mudança que não controla. “O conservador apenas se sente seguro e satisfeito se tiver a certeza de que uma inteligência mais elevada vigia e supervisiona a mudança”³⁸⁹³, isto é, o Estado protetor. “O conservador não se opõe à coerção ou ao poder arbitrário desde que usado para o que ele considera serem os propósitos corretos”³⁸⁹⁴, notou, indicando “duas outras características do conservadorismo: o seu gosto pela autoridade e a sua incapacidade de compreender as forças económicas”³⁸⁹⁵. Onde Hayek fala em conservadorismo, parece incluir o socialismo como uma força conservadora. “Quanto mais uma pessoa detesta o estranho e considera o seu pensamento superior, mais ela tende a considerar que a sua missão é ‘civilizar’ os outros”, concluiu, observando que “aqui novamente encontramos os conservadores a juntarem-se aos socialistas contra os liberais.”³⁸⁹⁶

Isto independentemente de o socialismo noutros aspetos abandonar o conservadorismo e virar-se para o liberalismo, bem entendido. Quando por exemplo os socialistas defendem no plano dos costumes e da ética posições de liberalização dos direitos dos homossexuais, de liberalização das drogas leves, de liberalização da eutanásia e outras posições liberalizantes ou mesmo libertárias que protegem o direito individual da vontade coletiva de o restringir, estão na verdade a abraçar valores liberais, não os conservadores. Nunca Marx e Engels defenderam os homossexuais, as drogas leves ou a eutanásia.

O liberalismo, recorde-se sempre a expressão de Benedetto Croce, é a “religião da liberdade”³⁸⁹⁷, a ideologia segundo a qual cada um pode fazer o que quiser desde que não inflija prejuízo ao outro, e são as suas ideias que, goste-se delas ou não, estão na base das modernas sociedades liberais do Ocidente.

³⁸⁹³ *Ibidem*, p.4.

³⁸⁹⁴ *Ibidem*, p.5.

³⁸⁹⁵ *Ibidem*, p.4.

³⁸⁹⁶ *Ibidem*, p.9.

³⁸⁹⁷ Benedetto Croce, *op. cit.*, 2002, p.25.

O fim do grande tabu

No meio de tudo isto, o maior mistério é perceber por que razão as diferentes ditaduras de socialismo nacionalista foram encaixadas em categorias diferentes, demonizando-se umas e cantando-se loas a outras, quando na verdade a sua essência é comum. Mais, como foi possível que durante tanto tempo os socialismos nacionalistas mais genocidas, o chinês e o soviético, lograssem ser tenazmente defendidos no Ocidente por homens e mulheres supostamente inteligentes, generosos e cultos – e como é possível que ainda o sejam no discurso político e mediático e que nós o toleremos e até normalizemos?

Claro que a Segunda Guerra Mundial, designadamente o seu desfecho, desempenhou um papel fundamental nesse processo. Ainda assim não deixa de ser surpreendente a amplitude e a profundidade da falsidade instituída e a cumplicidade de tantos na sua sustentação e perpetuação no imaginário político e mediático.

Escondido à vista de todos

Foi justamente para os cúmplices bem-intencionados desse logro gigantesco que os sobreviventes dos *gulag* deixaram as suas mais amargas palavras. “Uma comitiva de jornalistas estrangeiros veio a Kemperpunkt quando eu ainda ali estava”, recordou o *zek* Dimitri Vitkovski. “Acompanhados pela direção do campo, esses estrangeiros bem vestidos fizeram aos prisioneiros todo o tipo de perguntas e pareceram ficar totalmente satisfeitos no final da sua visita. Tornou-se evidente que eles não compreenderam que, mesmo que se essas perguntas tivessem sido feitas em privado, jamais lhes seria dito a verdade.”³⁸⁹⁸

O sobrevivente dos campos de concentração comunistas descreveu esses jornalistas como “homens de óculos com hastes, carregados de blocos de

³⁸⁹⁸ Dimitri Vitkovski, *op. cit.*, 2015, p.65.

notas e câmaras fotográficas” que “chegavam em ‘brigada’ para quando regressassem difundirem uma ‘lenda maravilhosa’ sobre nós, sobre a nossa reeducação pelo trabalho, a nossa ressurreição, a nossa transformação em pessoas honestas.”³⁸⁹⁹

A cegueira desses jornalistas e a sua insensibilidade e incapacidade de compreenderem o que estavam realmente a ver foi o que mais chocou os prisioneiros. “O que esperam eles que eu lhes responda, esses ‘mestres do pensamento?’”, questionou Vitkovski. “Que sou acusado de um complô inexistente? Para que propaguem essa resposta pelo mundo inteiro e me apliquem ainda dez anos suplementares? Do que podemos falar, em geral, com estes criadores do otimismo oficial?”³⁹⁰⁰

A retórica pró-comunista dos intelectuais ocidentais foi uma das coisas que mais magoou os *zeks*. “Poetas proletários na bela França ou na América do Sul irão compor canções lindas sobre o país dos soviéticos, e todo o mundo irá repetir a letra da famosa canção: ‘não conheço um país onde um homem respire tão livremente’”³⁹⁰¹, ironizou Julius Margolin. “Toda esta literatura não passa de conversa infantil. Nem os cétricos nem os entusiastas tinham qualquer compreensão da União Soviética; não tinham o direito de escrever sobre um assunto sobre o qual não sabiam quase nada.”³⁹⁰²

Mas as palavras mais duras para com os ocidentais que apareceram nos *gulag*, ali levados pelas autoridades soviéticas para demonstrar que tudo corria bem nos campos de concentração comunistas, vieram de Aleksandr Solzhenitsyn: “Oh, vocês, os bem-alimentados, despreocupados, míopes, irresponsáveis estrangeiros com os vossos blocos de notas e as vossas esferográficas – a começar por aqueles correspondentes que em Kem faziam perguntas aos *zeks* à frente dos chefes dos campos – tanto dano vocês fizeram com a vossa paixão vaidosa de brilhar a mostrar entendimento em áreas em relação às quais não tinham a mais pálida das ideias!”³⁹⁰³

Todos os que fingiram que as doutrinas ditatoriais nada tinham a ver umas com as outras foram participantes no grande tabu que se instalou no pensamento moderno, tratando como normais ideologias com um tal lastro genocida. Tudo, porém, começou a ser reanalisado pela historiografia. O primeiro grande passo foi dado após a queda do Muro de Berlim e o colapso

³⁸⁹⁹ *Idem*, p.103.

³⁹⁰⁰ *Ibidem*, p.104.

³⁹⁰¹ Julius Margolin, *op. cit.*, 2020, p.622/623.

³⁹⁰² *Idem*, p.153.

³⁹⁰³ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.215.

do comunismo, quando em 1994 historiadores do Leste e do Ocidente se juntaram num congresso em Munique e pela primeira vez falaram abertamente sobre as ligações ideológicas que uniam os dois grandes movimentos ditatoriais de socialismo nacionalista, o fascismo genérico e o comunismo genérico, consolidando o novo impulso historiográfico para ver e estudar as ditaduras do Século XX com olhos inteiramente novos – olhos enfim livres das amarras ideológicas impostas pelos mitos, dogmas e tabus do pós-guerra e pela atração exercida pelo marxismo sobre os intelectuais ocidentais.

Com o fim do comunismo, os arquivos da União Soviética foram abertos à investigação e os historiadores foram enfim confrontados com toda uma realidade que o regime comunista havia com sucesso escondido. Relatos sobre execuções em massa, um sistema concentracionário gigantesco, a morte de milhões de pessoas à fome, a perseguição de minorias étnicas e de grupos sociais, a tortura generalizada – coisas de que alguns sobreviventes falaram no Ocidente em relatos catalogados como de “anticomunismo primário” para os desacreditar, apesar de serem verdadeiros – vieram não só a confirmar-se quando o comunismo caiu como a revelar-se até aquém da real dimensão da tragédia. Ainda hoje o assunto permanece largamente na sombra, com o comunismo a gozar de uma certa respeitabilidade, e apenas um grupo restrito de historiadores que se especializaram no tema o conhece em profundidade.

Quando chegou aos Estados Unidos, Victor Kravchenko ficou chocado com o sucesso do embuste. “Enormes fatias da realidade comunista – como o trabalho escravo, a ditadura policial, purgas periódicas em massa, os níveis de vida fantasticamente baixos, a grande fome de 1932-33, os horrores da coletivização, o trabalho infantil organizado pelo Estado – pareciam ter escapado por completo à atenção americana”³⁹⁰⁴, observou com incredulidade, para concluir: “Não posso esperar que o cidadão médio de uma nação democrática compreenda a verdadeira natureza de uma tirania totalitária. Aqueles que elaboraram a sentença dos criminosos de guerra nazis aproximaram-se desse entendimento quando descreveram o regime nazi. Lendo esse documento não pude deixar de exclamar: *eis, enfim, um adequado sumário do regime soviético! Apenas precisamos de mudar uns nomes, em vez de nazi meter soviético, e temos uma imagem das operações do Kremlin*. Essa sentença dos nazis mostra o *Führerprinzip*, o princípio do

³⁹⁰⁴ Victor Kravchenko, *op. cit.*, 1947, p.468.

líder, como algo central à doutrina e prática fascista. É, nem mais nem menos, o princípio do Kremlin”³⁹⁰⁵ (itálico no original).

E então em que ficamos? O comunismo genérico e o fascismo genérico pertencem à mesma família? À luz de tudo o que vimos, e salvaguardando as inevitáveis diferenças programáticas e doutrinárias naturais em fações diferentes e a forma como se deixaram influenciar por outras fontes de pensamento, essa parece ser uma asserção devidamente sustentada pelos factos e expressa uma evidência até aqui silenciada do grande público. Ambos são socialismos, ambos são nacionalismos, ambos se materializaram em regimes ditatoriais. Sendo ideologicamente diferentes interpretações do socialismo, enquanto regimes revelaram-se estruturalmente a mesma coisa.

O insustentável peso da memória

O que enfim nos remete para a derradeira pergunta: porque é tão importante mostrar que os dois tipos de ideias e os dois tipos de regime pertencem afinal à mesma família? Para que serve isso afinal? Para provocar, irritar ou embaraçar as pessoas que apadrinham tais ideias e regimes, muitas delas generosas, bem-intencionadas e movidas por boa-fé? Para fazer política ou ideologia usando a história como arma de arremesso? Ou trata-se de um simples culto diletante do conhecimento pelo conhecimento? Qual a utilidade em remexer e desenterrar realidades que, no caso em apreço, decerto ofendem os crentes no socialismo? Não seria tudo isto dispensável?

A resposta, mais uma vez, é dada pelas próprias vítimas, atormentadas pela inimputabilidade dos responsáveis pelas perseguições, pelos maus-tratos, pela escravatura e pelas mortes em massa. “Até 1966, *oitenta e seis mil* criminosos nazis foram condenados na Alemanha Ocidental”, registou Solzhenitsyn, notando que na Rússia “ainda trememos aqui de fúria” sempre que se noticiam tais condenações, com toda a gente a protestar: “*demasiado poucos!* Oitenta e seis mil são demasiado poucos. E vinte anos é demasiado pouco. Temos de continuar e continuar’. E no mesmo período, no nosso país (segundo os relatórios do Colégio Militar do Supremo Tribunal) foram condenados cerca de *dez homens*. O que acontece para além do Oder e do Reno deixa-nos a todos enfurecidos. O que se passa nos arredores de Moscovo e por detrás das vedações verdes de Sochi, ou o facto de os assassinos dos nossos maridos e pais andarem pelas ruas e termos de lhes dar passagem quando com eles nos cruzamos não nos deixa irritados, nem sequer

³⁹⁰⁵ *Idem*, p.476.

mexe conosco” (itálico e parênteses no original). Na verdade, constatou Solzhenitsyn, no que diz respeito aos crimes do comunismo “não levámos ninguém a tribunal.”³⁹⁰⁶

Outros sobreviventes fizeram a mesma observação de outra maneira. Evguenia Ginzburg constatou que a chefe de um dos campos de concentração comunistas onde ela própria esteve internada como escrava, uma tal Zimmerman que tinha sido responsável por inúmeras mortes e crueldades no campo de Kolyma, além de ter sido condecorada pelo regime soviético pelos seus “feitos” nos *gulag*, “vive hoje, por assim dizer, o ‘merecido descanso’, recebe uma pensão pessoal e frequenta em Riga o restaurante dos velhos bolcheviques, onde se cruza com alguns daqueles sobre cujas atormentadas e desesperadas cabeças teve suspenso o seu machado e o deixou cair algumas vezes.”³⁹⁰⁷

Tudo isto é inacreditável para a filha do *zek* Vitkovski, Anna Pilkington, que fugiu para o Ocidente. “É impossível imaginar que na Alemanha uma pessoa fale a sério de Hitler como ‘um bom gestor’ ou que um homem que pertenceu à Gestapo seja colocado no poder”, indicou Pilkington no tempo em que a União Soviética ainda existia. “Mas na Rússia, a organização responsável pela morte de milhões de pessoas e que destruiu a vida de milhões de outras ainda dirige o país sem ser sujeita à condenação que merece. Tudo se branqueia: o dinheiro, a consciência, a história.”³⁹⁰⁸

A violência genocidária é uma realidade antiga e não constitui um exclusivo desta ou daquela ideologia, deste ou daquele regime, de um ou de outro povo. Está omnipresente na história. Foi cometida em muitos lugares, por muita gente, ao serviço de diferentes ideias e ao longo do tempo. Porém, só um enfrentar direto do passado e uma assunção inequívoca de responsabilidades, sem desculpas nem subterfúgios, tem um poder preventivo, designadamente a capacidade de impedir que o mesmo povo ou a mesma ideia voltem a perpetrar os mesmos atos.

Foi aliás o que observou Sayragul Sauytbay, a primeira pessoa a revelar ao mundo a reconstituição na China do século XXI dos campos de concentração que Mao Tsé-tung já tinha instituído no século anterior. “Estamos de volta à velha barbárie de Mao”, registou esta sobrevivente cazaque, observando que o regresso à realidade concentracionária só fora

³⁹⁰⁶ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.79.

³⁹⁰⁷ Evguenia Ginzburg, *op. cit.*, 2012, p.862.

³⁹⁰⁸ Anna Pilkington, “Avant-propos”, in Dimitri Vitkovski, *op. cit.*, 2015, p.25.

possível porque o regime comunista chinês rasurara orwelianamente da memória coletiva o que realmente aconteceu no tempo de Mao: “o Partido e o governo esforçaram-se por apagar esse período da nossa memória e dos livros de História; e foi esse silêncio que nos condenou a todos a regressar às mesmas atrocidades e aos mesmos erros.”³⁹⁰⁹

Também Yang Jisheng, o jornalista chinês que durante quinze anos juntou documentos e testemunhos para historiar a grande fome resultante das coletivizações na China, chamou ao seu livro *Lápides* justamente para tentar servir de “materialização da memória” e romper assim o grande silêncio imposto pelo Partido Comunista Chinês sobre a morte de 36 milhões de pessoas à fome como resultado das suas políticas. “Os homens no poder nos sistemas totalitários escondem os seus crimes”, escreveu Jisheng, “apagam compulsivamente da memória humana as catástrofes que provocam, as trevas, os crimes. Eis por que razão os chineses tão frequentemente sofrem de amnésia histórica: ela foi-lhes imposta pelo poder”³⁹¹⁰. O que nos remete para uma última reflexão de Solzhenitsyn, sempre ele: “ao permanecermos em silêncio sobre o mal, ao enterrá-lo tão profundamente em nós que nenhum sinal dele emerge à superfície, estamos a *implantá-lo*, e ele reaparecerá mil vezes no futuro”³⁹¹¹ (itálico no original).

É este precisamente o problema. Só quem reconhece frontal e abertamente o que fez será capaz de se interditar de o fazer outra vez. A Igreja católica, por exemplo, é responsável por incontáveis crimes. Enquanto não os assumiu foi repetindo-os *ad nauseum* ao longo dos seus dois mil anos de história. Mas no ano 2000, o papa João Paulo II fez uma homilia na catedral de São Pedro, em Roma, em que enumerou os crimes que a Igreja católica havia cometido durante séculos e séculos, e cuja responsabilidade perfilhou enfim, total e frontalmente. Crimes contra os judeus, as mulheres, os povos indígenas, os imigrantes, os pobres e os que nem sequer nasceram. A todos esses, o sumo pontífice dirigiu estas palavras: “pedimos perdão pelos nossos pecados.”³⁹¹²

Ninguém ignora também o esforço que os alemães fizeram para assumir, aberta e inequivocamente, as suas responsabilidades pelos crimes

³⁹⁰⁹ Alexandra Cavelius e Sayragul Sauytbay, *op. cit.*, 2021, p.187.

³⁹¹⁰ Yang Jisheng, *Stèles – La grande famine en Chine 1958-1961*, Éditions du Seuil, Paris, 2012, p.13.

³⁹¹¹ Aleksandr Solzhenitsyn, *op. cit.*, 2018, p.81.

³⁹¹² Alessandra Stanley, “Pope Asks Forgiveness for Errors Of the Church Over 2,000 Years”, *The New York Times*, 13 de março de 2000.

perpetrados pela Alemanha com o nacional-socialismo. Foi um processo tremendamente difícil e doloroso, pois implicou a aceitação da eterna mancha da vergonha, e por isso mesmo levado a cabo com coragem. Milhares foram julgados e condenados pelos crimes do nazismo e o tema encheu os programas escolares e a produção historiográfica e artística do país, incluindo o cinema e a literatura. Em 1970, o chanceler alemão Willy Brandt ajoelhou-se no memorial dedicado aos judeus que morreram no *ghetto* de Varsóvia, um gesto inequívoco de assunção de responsabilidades, e em 2019 o presidente alemão Frank-Walter Steinmeier foi à Polónia estabelecer a “tirania da Alemanha” e assumir que durante a Segunda Guerra Mundial os alemães cometeram crimes contra a humanidade. Fê-lo como alemão e em nome dos alemães, sem se esconder por detrás do nazismo: “peço perdão.”³⁹¹³

Em bom rigor, Willy Brandt e Frank-Walter Steinmeier poderão até ter ido longe de mais. Até que ponto um alemão deve sentir culpa pelos atos de outros alemães? A culpa coletiva de um povo implica a ideia de que uma pessoa é culpada por associação étnica. Ora é justamente esse o princípio que está na base dos massacres e genocídios perpetrados por comunistas e por nacionais-socialistas contra grupos sociais e povos inteiros. Assim sendo, aceitar que um alemão hoje tem qualquer responsabilidade pelos atos dos alemães de ontem equivale a dar razão a esse terrível e iníquo princípio da culpa por associação étnica. Deve pedir desculpas quem praticou os crimes ou, em segunda instância, quem partilha o sistema de ideias sob cuja tutela se praticaram esses crimes, não necessariamente alguém ligado aos criminosos por simples associação nacional ou familiar, por exemplo. Os crimes da Igreja católica e dos nazis foram cometidos por seguidores dos respetivos sistemas de ideias, pelo que são esses e só esses que os devem assumir.

Ora a assunção inequívoca de responsabilidades por parte de seguidores de um sistema de ideias, como aconteceu no caso do papa em relação aos crimes da Igreja católica, constitui, porém, uma exceção. A verdade é que poucos defensores de ideias que conduziram a crimes contra a humanidade estão dispostos a assumir o erro das suas ideias – ou da forma como elas foram levadas a cabo. “A Alemanha tem uma história trágica no que diz

³⁹¹³ Jamie Crawford, Laura Perez Maestros, Duarte Mendonça e Amy Woodyatt, “German President Asks for Forgiveness 80 Years After Start of World War II”, CNN, 1 de setembro de 2019.

respeito ao fascismo, mas, ao contrário da China, encarou com coragem o seu passado negro, tentando perceber por que razão aquelas coisas aconteceram e aprendendo com isso”, observou Sayragul Sauytbay, a primeira sobrevivente que denunciou os campos de concentração para uigures em Xinjiang, na China, para concluir: “a China, por outro lado, limita-se a reescrever a sua história, caso contrário (se a verdade fosse reconhecida) seria demasiado perigoso para o Partido.”³⁹¹⁴

Algum nacional-socialista alguma vez se ajoelhou em Auschwitz ou algum comunista fez o mesmo num qualquer campo dos *gulag* soviéticos, dos *laogai* chineses ou nas masmorras da Lubyanka? Algum deles já pediu perdão pelos crimes do nacional-socialismo ou do comunismo? E quantos socialistas nacionalistas revolucionários estão dispostos a assumir a responsabilidade da sua ideologia pela criação e proliferação de ditaduras fascistas, assumindo-se estas como tais ou mais frequentemente sob a designação de ditaduras comunistas? “O Holodomor não precisa que eu negue”, escreveu o ex-deputado do Partido Comunista Português, Miguel Tiago, sobre a grande fome da Ucrânia que provocou milhões de mortos no tempo de Estaline, alegando que esse acontecimento “só existe na cabeça dos nazis ucranianos”³⁹¹⁵. Frases semelhantes podem ser encontradas na boca de neonazis a propósito do Holocausto. Se nem a simples realidade de que o nazismo e o comunismo perpetraram crimes contra a humanidade, facto amplamente documentado pela historiografia, é sequer aceite pela maior parte dos crentes dessas ideologias, como esperar que haja preservação da memória e arrependimento?

A negacionismo é de tal ordem que, quando em 2019 o Parlamento Europeu aprovou por maioria esmagadora uma resolução a equiparar o comunismo ao fascismo, condenando “os crimes cometidos pelos regimes totalitários” e apelando ao reconhecimento dos “crimes levado a cabo pelas ditaduras comunista, nazi e outras”³⁹¹⁶, muitos comunistas não tiveram o menor problema em oporem-se. Em alguns países, como Portugal, até os socialistas liberais, que em Estrasburgo haviam votado a favor dessa

³⁹¹⁴ Sayragul Sauytbay e Alexandra Cavelius, *op. cit.*, 2021, p.9.

³⁹¹⁵ Notícia não assinada, “Comunista Miguel Tiago Nega Existência do Holodomor, a Grande Fome Ucraniana Causada pela URSS”, *Visão*, 19 de agosto de 2021, visao.sapo.pt.

³⁹¹⁶ Parlamento Europeu, “European Parliament Resolution On the Importance of European Remembrance for the Future of Europe”, 18 de setembro de 2019, europarl.europa.eu.

resolução, colocaram-se no parlamento nacional ao lado dos comunistas e socialistas revolucionários contra tal assunção de responsabilidades. Se nem algo tão elementar como a aceitação de que os comunistas cometeram crimes contra a humanidade é pelos vistos possível, como se poderá esperar que alguma vez aceitem, sejam quais forem as provas que se apresentem, que foi das suas fileiras ideológicas que emergiu o fascismo e que assumam a responsabilidade por esse facto?

Solzhenitsyn tem razão. Enquanto os crimes permanecerem enterrados e os seus autores e/ou os seus herdeiros intelectuais não os assumirem abertamente e por eles pedirem perdão, reaparecerão mil vezes no futuro. Primeiro ocorreram na União Soviética. Depois reemergiram na Alemanha, em Itália, na China, na Albânia, na Roménia, na Coreia do Norte, no Camboja, na Venezuela, em múltiplos sítios e em graus variados de gravidade. Um sobrevivente dos *gulag*, o escritor russo Varlam Shalamov, observou que “o ser humano sobrevive graças à sua capacidade de esquecer”³⁹¹⁷. Acontece que é também assim que as ideologias genocidas sobrevivem; perduram graças à capacidade que os seus fiéis mostram de esquecer. Os crentes dessas ideologias esforçam-se por ignorar os respetivos atos, tentando mesmo apagá-los da História, e ao apagá-los e esquecê-los é como se nunca tivessem acontecido. Porque iriam pedir perdão por crimes que “nunca” foram cometidos?

É esse o mecanismo que conduz ao constante reaparecimento destes crimes, pois se forem esquecidos jamais aconteceram; e se jamais aconteceram, ninguém cuidará de impedir que se repitam. Como se pode impedir que se repita o que “nunca aconteceu”? Quem controla o passado controla o presente, estabeleceu Orwell na sua célebre denúncia do totalitarismo comunista. E quem controla o presente controla o futuro. Esquecer as condutas do passado é assim a melhor forma de assegurar que elas voltarão a ocorrer no futuro.

Daí que, enquanto não forem assumidos na sua plenitude pelos seus autores, os materiais e os morais, os que os praticaram e os que assumiram a ideologia dos que os praticaram, esses atos continuarão a reemergir periodicamente. Uma vez numa versão mais violenta, noutras mais temperada. Os crimes estarão sempre lá, primeiro escondidos pelas boas intenções, depois enterrados pelo negacionismo, por fim apagados pelo esquecimento. E sempre a reemergirem.

³⁹¹⁷ Varlam Shalamov, “Dry Rations”, *op. cit.*, 1994, p.153.

Eis, pois, a importância de, sem olhar a conveniências nem a tabus, mitos e dogmas, exumar os factos históricos e os conceitos da ciência política que, no plano das ideias, inserem o fascismo no campo do socialismo genérico e, no plano dos regimes que materializam essas ideias, inserem as ditaduras comunistas no campo do fascismo genérico. Para que não se esqueça. Para que se assumam responsabilidades. Para que depois de assumidas as responsabilidades, *se* alguma vez vierem a ser assumidas, os mesmos atos não se repitam. O peso da memória até pode ser insustentável, mas não o carregar tem consequências.

Apesar do *bullying*, da intimidação e da perseguição, enfrentando nuns casos a ignorância obscurantista e noutros a vontade pura e simples de calar a verdade e mantê-la esquecida, tão esquecida que sobreviverá e depois reemergirá e reemergirá mil vezes, o interdito está finalmente dito.

Acabou o grande tabu.

*Toda a verdade passa por três etapas.
Primeiro, é ridicularizada.
Depois, é violentamente contraditada.
Por fim, é aceite como uma evidência.*

Schopenhauer

Bibliografia

Fontes primárias

Ardemagni, Mirko

“Deviazioni russe verso il fascismo”, *Gerarchia*, XIV, julho de 1934.

Babeuf, François-Noël

“Defense”, fevereiro-maio de 1797, www.marxists.org.

Bakunin, Mikhail

Marxism, Freedom and the State, Kessinger Legacy Reprints, Whitefish, 2018;

“Letter to *La Liberté*”, 5 de outubro de 1872, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

Bardach, Janusz

Man is Wolf to Man – Surviving the Gulag, University of California Press, Berkeley, 1999.

Barrès, Maurice

“Programme de Nancy”, <https://herveryssen.wordpress.com/2012/02/06/maurice-barres-programme-de-nancy-1898/>

Bauer, Otto

The Question of Nationalities and Social Democracy, University of Minnesota Press, Minneapolis, 2000.

Bernstein, Eduard

Evolutionary Socialism – A Criticism and Affirmation, Schocken Books, Nova Iorque, 1989.

Bertoni, Renzo

Il trionfo del Fascismo nell'URSS, Signorelli, Roma, 1934.

Branting, Hjalmar

“Democracy and Dictatorship – (a) The Resolution of the Commission”,
*International Socialism and World Peace – Resolutions of the Berne
Conference, February, 1919*, Independent Labour Party, Londres, 1919.

Buber-Neumann, Margarete

*La Révolution mondiale – L’histoire du Komintern (1919-1943) racontée
par l’un de ses principaux témoins*, Casterman, Bruxelles, 1971.

Calvin, Jean

“Ethics and the Common Life”, in Jean Calvin, *Calvin: Commentaries*, S.
C. M. Press, Londres, 1958.

Carli, Mario

Il nostro bolscevismo, Società Editrice Barbarossa, Milão, 1996;
Fascismo Intransigente, Società Editrice Barbarossa, Milão, 2007.

Carli, Mario; Marinetti, Filippo

“Al di là del Comunismo”, in Mario Carli, *idem*.

Castro, Fidel

Fidel Castro Reader, Ocean Press, Melbourne, 2008;
“The Revolution Will Not Stop”, 1960, lanic.utexas.edu.

Cavelius, Alexandra; Sauytbay, Sayragul

*The Chief Witness – Escape From China’s Modern-Day Concentration
Camps*, Scribe, Londres, 2021.

Ceașescu, Nicolae

“Le Parti Communiste Roumain – Continuateur de la lute révolutionnaire
et démocratique du peuple roumain, des traditions du mouvement ouvrier
et socialiste de Roumanie”, 7 de maio de 1966, in Alina Pavelescu, “Le
Conducator, le Parti et le Peuple – Le discours nationaliste comme discours
de légitimation dans la Roumanie de Ceausescu (1965-1989)”, Programme
doctoral Europe, Institut d’Études Politiques de Paris, Paris, 2009;

“Décision du Plénum du Comité Central du Parti Communiste Roumain”, 3-5 de novembre de 1971, *idem*;

“Programme du Parti Communiste Roumain d’édification de la société socialiste multilatéralement développée et d’avance de la Roumanie vers le communisme”, 4 de novembre de 1974, *ibidem*.

Chazam, Shaul

“Life Didn’t Matter Anymore, Death Was Too Close”, in Gideon Greif, *We Wept Without Tears – Testimonies of the Jewish Sonderkommando From Auschwitz*, Yale University Press, New Haven, 2005.

Chistyakov, Ivan

The Day Will Pass Away – The Diary of a Gulag Prison Guard, 1935-1936, Pegasus Books, Nova Iorque, 2017.

Corradini, Enrico

Il nazionalismo italiano, Fratelli Treves Editore, Milão, 1914.

Corridoni, Filippo

Sindacalismo e Repubblica – Sindacalista, interventista, volontario, Idrovolante Edizioni, Roma, 2015.

Croce, Benedetto

La religione della libertà – Antologia delli scritti politici, Rubbettino Editore, Soveria Mannelli, 2002.

Darville, Jean

“Proudhon”, *Cahiers du Cercle Proudhon*, n°1 – janeiro-fevereiro de 1912, in *Cahiers du Cercle Proudhon*, Avatar Éditions, Lucan, 2007.

De Ambris, Alceste

“Carta del Carnaro”, 1920, dircost.unito.it;

“I postulate dei Fasci di Combattimento. L’espropriazione parziale”, in Renzo de Felice, *Autobiografia del fascismo – Antologia di testi fascisti 1919-1945*, Einaudi, Turim, 2004.

De Begnac, Yvon

Taccuini mussoliniani, Società Editrice Il Mulino, Bolonha, 1990.

De Man, Henri

Au delà du marxisme, Éditions du Seuil, Paris, 1974.

Degras, Jane

“Extracts From a Manifesto to the Italian Workers Passed at the Opening Session of the Fourth Comintern Congress”, 5 de novembro de 1922, in Jane Degras (direção), *The Communist International (1919-1943) – Documents*, Volume I, The Royal Institute of International Affairs, www.marxists.org.

Dimitrov, Georgi

The Fascist Offensive and the Tasks of the Communist International in the Struggle of the Working Class, Sétimo Congresso Mundial da Internacional Comunista, 2 de agosto de 1935, Marxists Internet Archive, www.marxists.org.

Dune, Eduard

Notes of a Red Guard, University of Illinois Press, Urbana, 1996.

Durkheim, Émile

Le Socialisme – Sa définition, ses débuts, la doctrine saint-simonienne, Université du Québec, Chicoutimi, 2002.

Dutt, Palme

Fascism and Social Revolution – A Study of the Economics and Politics of the Last Stages of Capitalism in Decay, National Book Agency Private Ltd, Calcutá, 1979.

Dzerzhinsky, Felix

“Document 6”, 4 de dezembro de 1920, in Felix Corley, *Religion in the Soviet Union – An Archival Reader*, MacMillan Press, Londres, 1996.

Elias, Ruth

Triumph of Hope – From Theresienstadt and Auschwitz to Israel, John Wiley & Sons, Inc, Nova Iorque, 1998.

Engels, Friedrich

The Condition of the Working Class in England, Oxford University Press, Oxford, 2009;

Socialism: Utopian and Scientific, CreateSpace Independent Publishing Platform, Charleston, 2015;

The Peasant War in Germany, Foreign Languages Publishing House, Moscovo, 1956;

The Principles of Communism, Prism Key Press, Scottsdale, 2013;

Anti-Dühring – Herr Eugen Dühring’s Revolution in Science, Foreign Languages Publishing House, Moscovo, 1959;

The Role of Force in History – A Study of Bismarck’s Policy of Blood and Iron, Lawrence & Wishart, Londres, 1968;

A Origem da Família, da Propriedade e do Estado, Editorial Presença, 4^a edição, Lisboa, 1980;

“Retrograde Signs of the Times”, *Telegraph für Deutschland*, fevereiro de 1840, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“Draft of a Communist Confession of Faith”, 9 de junho de 1847, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“The Magyar Struggle”, *Neue Rheinische Zeitung*, 13 de janeiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“Democratic Pan-Slavism”, *Neue Rheinische Zeitung*, 14 de fevereiro de 1849, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“Letter from Germany – The War in Schleswig Holstein”, *The Democratic Review*, agosto de 1850, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“Engels to Joseph Weydemeyer In New York”, 12 de abril de 1853, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“Germany and Pan-Slavism”, *Neue Oder-Zeitung*, 21 de abril de 1855, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“Friedrich Engels to Karl Marx in Margate”, 13 de abril de 1866, www.marxists.org.

“Engels to Eduard Bernstein in Zurich”, 2-3 de novembro de 1882, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“Speech at the Grave of Karl Marx”, 17 de março de 1883, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“Engels to C. Schmidt in Berlin”, 5 de agosto de 1890, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“Letter from Engels to Borgius”, 25 de janeiro de 1894, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

Engels, Friedrich; Marx, Karl

The Communist Manifesto, Penguin Books, Londres, 2015;

The German Ideology, Lawrence & Wishart, Londres, 2004;

The Holy Family, or Critique of Critical Critique, Foreign Languages Publishing House, Moscovo, 1956;

Karl Marx March 1843–August 1844 – Collected Works, Volume 3, Lawrence & Wishart Electric Book, 2010, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

Letters 1856-59 – Collected Works, Volume 40, Lawrence & Wishart Electric Book, 2010, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

Letters 1860-64 – Collected Works, Volume 41, Lawrence & Wishart Electric Book, 2010, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

Letters 1864-68 – Collected Works, Volume 42, Lawrence & Wishart Electric Book, 2010, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

Letters 1880-83 – Collected Works, Volume 46, Lawrence & Wishart Electric Book, 2010, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

Letters 1890-92 – Collected Works, Volume 48, Lawrence & Wishart Electric Book, 2010, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“Address of the Central Committee to the Communist League”, março de 1850, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

Espinosa, Bento de

Short Treatise on God, Man and His Well-Being, Adam and Charles Black, Londres, 1910;

Ethics, Wordsworth Editions, Ware, 2001;

Theological-Political Treatise, Anodos Books, Whithorn, 2019;

A Treatise on Politics, Holyoake and Co, Londres, 1854.

Estaline, José

Marxism and the National Question, Red Star Publishers, Nova Iorque, 2015;

“The October Revolution and the Tactics of the Russian Communists”, dezembro 1924, Stalin Reference Archive, www.marxists.org;

“Grain Procurements and the Prospect for the Development of Agricultures”, janeiro de 1928, www.marxists.org;
 “On the Grain Front”, *Pravda*, 2 de junho de 1928, www.marxists.org;
 “Concerning the Policy of Eliminating the Kulaks as a Class”, *Istrasnaya Zveda*, 21 de janeiro de 1930, www.marxists.org;
 “To Comrade Demyan Bedny”, 12 de dezembro de 1930, www.marxists.org;
 “The Results of the First Five-Year Plan”, 7 de janeiro de 1933, J. V. Stalin Archive, www.marxists.org;
 “Speech at a Conference of the Foremost Collective Farmers of Tadzhikistan and Turkmenistan”, *Pravda*, 6 de dezembro de 1935, www.marxists.org;
 “Speech at the Red Army Parade on the Red Square, Moscow”, 7 de novembro de 1941, www.marxists.org;
 “Toast to the Russian People at a Reception in Honour of Red Army Commanders Given by the Soviet Government in the Kremlin on Thursday, May 24, 1945”, 24 de maio de 1945, www.marxists.org.

Fani Ciotti, Vincenzo

“Le cinque anime del fascismo”, *Critica Fascista*, 15 de fevereiro de 1925, Beinecke Rare Book & Manuscript Library, <http://brbl-dl.library.yale.edu>.
 “Programma della destra fascista”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004.

Farinacci, Roberto

“The War as the Midwife of a New Italian People”, in Roger Griffin (direção), *Fascism*, Oxford University Press, Oxford, 1995.

Feder, Gottfried

The German State On a National and Socialist Foundation – New Approaches to the State, Finance and Economy, Historical Review Press, 1923.

Fichte, Johann

Addresses to the German Nation, The Open Court Publishing Company, Londres, 1922.

Gabbay, Yakov

“Le témoignage du *Sonderkommando* Yakov Gabbay”, in Gideon Greif, *Des voix sous la cendre – Manuscrits des Sonderkommando d’Auschwitz-Birkenau*, Mémorial de la Shoah, Le Livre de Poche, Paris, 2015.

Garibaldi, Giuseppe

Epistolario – Con documenti e lettere inediti, Volume 1, Alfredo Brigola e Comp, Milão, 1885.

Gasti, Giovanni

“Relazione per la Presidenza del Consiglio dell’ispettore generale di PS G. Gasti a proposito di Mussolini e del suo movimento”, 4 de junho de 1919, *L’Archivio Storia – History*, larchivio.com.

Gide, André

Retour de l’URSS suivi de Retouches à mon ‘Retour de l’URSS’, Éditions Payot & Rivages, Paris, 2022.

Ginzburg, Evguenia

El vértigo, Galaxia Gutenberg, Barcelona, 2012.

Goebbels, Joseph

“Knowledge and Propaganda”, 1928, Calvin College, research.calvin.edu;

“Those Damned Nazis”, 1929, Calvin College, research.calvin.edu;

“The New Year 1934”, in Joseph Goebbels, *Joseph Goebbels Writings and Essays*, Skull Press Ebook Publications, Ghent, 2013;

“What Is Socialism?”, in *Fascist Voices – Essays From the ‘Fascist Quarterly’ 1936-1940*, Volume 1, Black House Publishing, Londres, 2018.

Gonçalves, Vasco

“Decreto-Lei 270/75”, 30 de maio de 1975, Centro de Documentação 25 de Abril, Universidade de Coimbra.

Grandi, Dino

“Le origini e la missione del fascismo”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004.

Hegel, Georg

On Christianity – Early Theological Writings, Harper & Brothers, Nova Iorque, 1996;

The Philosophy of History, Dover Publications Inc, Mineola, 2004;

The Philosophy of Right, Dover Publications Inc, Mineola, 2005;

Lectures on the Philosophy of Religion – Volume I: Introduction and the Concept of Religion, Clarendon Press, Oxford, 2007.

Himmler, Heinrich

“Speech of the *Reichsführer-SS* at the SS Group Leader Meeting in Posen (Poznan)”, 3 outubro 1943, www.HolocaustResearchProject.org.

Hitler, Adolf

Mein Kampf, Jaico Publishing House, Mumbai, 2016;

Hitler’s Table Talk, 1941-1944 – His Private Conversations, Enigma Books, Nova Iorque, 2000;

“Why We Are Antisemites”, 15 de agosto de 1920, Carolyn Yeager Writings, carolynyeager.net;

“The Great Time of Decision Has Arrived”, 1932, in Nathan S. Ganapathi (editor), *Hitler’s Greatest Speeches*, Xlibris, Bloomington, 2009;

“Speech at a Meeting Organized by the NSDAP in Schleiz, Thuringia, January 18, 1927”, *idem*;

“Chancellor Adolf Hitler to the Reich Commissioners in the Reich Chancery”, 6 de julho de 1933, www.nationalists.org;

“Speech to the Reichstag”, 13 de julho de 1934, www.der-fuehrer.org;

“Germany and Bolshevism”, 21 de maio de 1935, in Joachim von Halasz (editor), *Hitler – Speeches and Quotes*, World Propaganda Classics, Londres, 2008.

“Internal Pacification”, 20 de fevereiro de 1938, *idem*.

“Economic Planning”, Congresso do Partido Nacional Socialista, 1936, *ibidem*.

Höss, Rudolf

Commandant of Auschwitz – The Autobiography of Rudolf Hoess, Phoenix Press, Londres, 2001.

Interlandi, Telesio

“Contra Judeos”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004.

IPVM

“Dahua and Hikvision Co-Author Racial and Ethnic PRC Police Standards”, 30 de março de 2021, www.ipvm.com.

Izvestia

“Voice of the Deceived”, *Izvestia*, nº8, 10 de março de 1921, www.marxists.org;

“Calm and Restraint”, *idem*.

James, William

“Lecture II: What Pragmatism Means”, 2005, PhilosophyArchive@marxists.org

Jinping, Xi

“Read Xi Jinping’s Full Speech From the 100th Anniversary of the Communist Party”, QZ, 1 de julho de 2021.

Jones, Gareth

“Russia’s Starvation – What Lies Behind Wave of Official Murders That Followed the Assassination of Kirov”, *The New York American*, 12 de janeiro de 1935, www.garethjones.org;

“‘There Is No Bread!’ – Gareth Jones Hears Cry of Hunger All Over Ukraine, Once Russia’s Sea of Grain”, *The Los Angeles Examiner*, 13 de janeiro de 1935, www.garethjones.org.

Kautsky, Karl

Marxism and Bolshevism: Democracy and Dictatorship, 1934, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

Kita, Ikki

An Outline Plan for the Reorganization of Japan, www.worldfuturefund.org.

Koestler, Arthur

Le zéro et l’infini, Calmann-Lévy, Paris, 1991.

Kramer, Johann Paul

Diary, in *KL Auschwitz Seen by the SS*, The Auschwitz-Birkenau State Museum, Oswiecim, 2007.

Kravchenko, Victor

I Chose Freedom – The Personal and Political Life of a Soviet Official, Robert Hale Limited, Londres, 1947.

Labriola, Antonio

Del materialismo storico – Dilucidazione preliminare, Amazon Fulfillment, Wroclaw, s/d;

Discorrendo di socialismo e di filosofia, Amazon Fulfillment, Wroclaw, s/d.

Lebedev-Kumach, Vasilij

The Sacred War, 1941, Essence of Time, www.eu.eot.su.

Lengyel, Olga

Five Chimneys – A Woman Survivor's True Story of Auschwitz, Academy Chicago Publishers, Chicago, 1995.

Lenine, Vladimir

What Is to Be Done? – Burning Questions of Our Movement, Foreign Languages Press, Pequim, 1973;

“Left-Wing” Communism, an Infantile Disorder, Foreign Languages Press, Pequim, 1970;

Two Tactics of Social-Democracy in the Democratic Revolution, Progress Publishers, Moscovo, 1981;

Letters From Afar, Martin Lawrence, Ltd, Londres, s/d;

State and Revolution, International Publishers, Nova Iorque, 1943;

The Soviets at Work – The International Position of the Russian Soviet Republic and the Fundamental Problems of the Socialist Revolution, 5ª edição, The Rand School of Social Science, Nova Iorque, 1919;

“The National Question in Our Programme”, *Iskra*, 15 de julho de 1903, www.marxists.org;

“Lesson of the Commune”, *Zagranichnaya Gazeta*, 23 de março de 1908, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“The Italian Socialist Congress”, *Pravda*, 15 de julho de 1912, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“V.I. Lenin to Maxim Gorky”, 25 de janeiro de 1913, Lenin Internet Archive, www.marxists.org;

“Critical Remarks on the National Question”, *Prosveshcheniye*, novembro-dezembro de 1913, in Vladimir Lenine, *On Proletarian Internationalism*, Progress Publishers, Moscovo, 1967;

“Corrupting the Workers with Refined Nationalism”, *Put Pravdy*, 10 de maio de 1914, *idem*;

“On the National Pride of the Great Russians”, *Sotsial-Demokrat*, 12 de dezembro de 1914, www.marxists.org;

“To David Wijnskoop”, junho de 1915, Lenin Internet Archive, www.marxists.org;

“On the Program of the Party”, 1915, www.marxists.org;

“On the Slogan for a United States of Europe”, *Sotsial-Demokrat*, 23 de Agosto de 1915, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“Imperialism and Socialism in Italy”, 1915, Lenin Internet Archive, www.marxists.org;

“Speech Delivered at an International Meeting in Berne, February 8, 1916”, *Berner Tagwacht*, 9 de fevereiro de 1916, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“The Pacifism of Kautsky and Turati”, *Sotsial-Demokrat*, 31 de Janeiro de 1917, www.marxists.org;

“The Pacifism of the French Socialists and Syndicalists”, *idem*;

“The Tasks of the Proletariat in the Present Revolution – aka the April Theses”, *Pravda*, 7 de abril de 1917, www.marxists.org;

“Resolution on the National Question”, *Soldatskaya Pravda*, 16 de maio de 1917, in Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1967;

“Speech at the First All-Russia Congress of the Navy”, 22 de novembro de 1917, www.marxists.org;

“The Agrarian Question November 14 (27)”, *Pravda*, 28 de novembro de 1917, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“Note To F. E. Dzerzhinsky – With A Draft Of A Decree On Fighting Counter-Revolutionaries and Saboteurs”, 7 de dezembro de 1917, Lenin Internet Archive, www.marxists.org;

“Lenin Decrees the Formation of the Cheka”, 19 de dezembro de 1917, www.alphahistory.com;

“Measures for Improving the Food Situation”, 14 de janeiro de 1918, www.marxists.org;

“Third All-Russia Congress of Soviets of Workers’, Soldiers’ And Peasants’ Deputies”, *Pravda*, 16-27 de janeiro de 1918 e 2 de fevereiro de 1918, www.marxists.org;

“The Chief Task of Our Day”, *Izvestia*, 11 de março de 1918, www.marxists.org;

“The Immediate Tasks of the Soviet Government”, *Pravda*, 28 de abril de 1918, www.marxists.org;

“On the Famine”, *Pravda*, 22 de maio de 1918, Lenin Internet Archive, www.marxists.org;

“To: G. F. Fyodorov”, 9 de agosto de 1918, Lenin Internet Archive, www.marxists.org;

“Telegram to Comrades Kuraev, Bosh, Minkin, and Other Penza Communists”, Lenin’s Hanging Order for the Kulaks”, 11 de agosto de 1918, Lenin Internet Archive, www.marxists.org;

“The Moscow Soviet and Representatives of Factory Committees and Trade Unions”, 3 de outubro de 1918, www.marxists.org;

“Speech Closing the Debate on the Party Programme”, 19 de março de 1919, www.marxists.org;

“Report of the All-Russia Central Executive Committee and the Council of People’s Commissars”, Seventh All-Russia Congress of Soviets, 5 de dezembro de 1919, www.marxists.org;

“Letter to the Workers and Peasants of the Ukraine Apropos of the Victories Over Denikin”, *Pravda*, 4 de janeiro de 1920, in Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1967;

“To the Members of the Council of Defense”, 1 de fevereiro de 1920, Lenin Works Archive, www.marxist.org;

“Speech Delivered at the First All-Russia Congress of Working Cossacks March, 1 1920”, *Pravda*, 2, 3 e 4 de março de 1920, *idem*;

“On Economic Development”, *Ninth Congress of the R.C.P.*, 31 de março de 1920, Lenin Internet Archive, www.marxists.org;

“Speech On The Co-Operatives”, *Ninth Congress of the R.C.P.*, 3 de abril de 1920, Lenin Internet Archive, www.marxists.org;

“Terms of Admission Into Communist International”, julho de 1920, www.marxists.org;

“Rough Draft of Theses Concerning the Peasants”, 8 de fevereiro de 1921, www.marxists.org;

“The Tax in Kind”, 21 de abril de 1921, www.marxists.org;

“A Contribution to the History of the Question of the Dictatorship”, 20 de outubro de 1920, www.marxists.org;

“Fourth Anniversary of the October Revolution”, *Pravda*, 18 de outubro de 1921, Lenin Internet Archive, www.marxists.org;

“The ‘Black Hundreds’ Anti-Clerical Campaign”, 19 de março de 1922, www.pages.uoregon.edu.

“The Criminal Code of the R.S.F.S.R. and a Letter to D. I. Kursky”, 15 de maio de 1922, marxists.org;

“The Question of Nationalities or ‘Autonomisation’”, 30 de dezembro de 1922, www.marxists.org;

“To the Russian Colony in North America”, *Russky Golos*, 10 de janeiro de 1923, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“Declaration of the Rights of the Working and Exploited People”, *Pravda*, 4 de janeiro de 1929, www.marxists.org;

“How to Organize Competition?”, *Pravda*, 20 de janeiro de 1929, Lenin Works Archive, www.marxists.org;

“Memo to L. B. Kamenev on Combating Dominant Nation Chauvinism”, *Pravda*, 21 de janeiro de 1937, in Vladimir Lenine, *op. cit.*, 1967.

Lenine, Vladimir; Estaline, José

“Declaration of the Rights of the People of Russia”, 2 de novembro de 1917, www.marxists.org.

Lenine, Vladimir; Zinoviev, Grigory

Socialism and War, Martin Lawrence, Ltd, Londres, 1915.

Levi, Primo

“Ferro”, *Il sistema periodico*, 1975, www.xmountain.it.

Ley, Robert

“Strenght Through Joy”, in *Fascist Voices – Essays From the ‘Fascist Quarterly’ 1936-1940*, Volume 1, Black House Publishing, Londres, 2018.

Lyons, Eugene

Assignment in Utopia, Transaction Publishers, New Brunswick, 1991.

Lüdecke, Kurt

I Knew Hitler – The Story of a Nazi Who Escaped the Blood Purge, Jarrolds Publishers, Londres, 1938.

Ludwig, Emil

Talks with Mussolini, Little, Brown, and Company, Boston, 1933.

Luxemburgo, Rosa

The Russian Revolution, 1918, www.marxists.org.

Malaparte, Curzio

Tecnica del colpo di Stato, Vallecchi Editore, Florença, 1994;
“Fascism’s European Mission”, in Roger Griffin (direção), *op. cit.*, 1995.

Malsagoff, S. A.

An Island Hell – A Soviet Prison in the Far-North, A. M. Philpot Ltd, Londres, 1926.

Mann, Thomas

The Coming Victory of Democracy, Secker & Warburg, Londres, 1938.

Maquiavel, Nicolau

O Príncipe, Bertrand Editora, Lisboa, 2021.

Margolin, Julius

Journey into the Land of the Zeks and Back – A Memoir of the Gulag, Oxford University Press, Nova Iorque, 2020.

Marinetti, Filippo

Democrazia futurista, Idrovolante Edizioni, Roma, 2015.

Marx, Karl

Critique of the Gotha Programme, Foreign Languages Publishing House, Moscovo, 1959;

Pre-Capitalist Economic Formations, Lawrence & Wishart, Londres, 1964;

Class Struggles in France, 1848-1850, International Publishers, Nova Iorque, 1972;

Herr Vogt – A Spy in the Workers’ Movement, New Park Publications, Londres, 1982;

The Poverty of Philosophy, Foreign Languages Press, Pequim, 1996;

Contribution à la critique de la Philosophie du droit de Hegel, Éditions Allia, Paris, 1998;

The Civil War in France, Dodo Press, Gloucester, 2009;

Economic and Philosophic Manuscripts of 1844, Wilder Publications, Blacksburg, 2011;

Capital – A Critical Analysis of Capitalist Production, Wordsworth Editions, Ware, 2013;

A Contribution to The Critique of Political Economy, The Echo Library, Fairford, 2014;

On the Jewish Question, Ostara Publications, Wroclaw, 2014;

The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte, CreateSpace Independent Publishing Platform, Charleston, 2016;

“The Russian Loan”, *The New York Tribune*, 1856, in Karl Marx, *The Eastern Question – A Reprint of Letters Written 1953-56 Dealing with the Events of the Crimean War*, Routledge, Londres, 2014;

“Theses on Feuerbach”, 1845, Marx/Engels Internet Archive, www.marxists.org;

“Letter from Karl Marx to Pavel Vassilyevitch Annenkov”, 28 de dezembro de 1846, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“The Victory of the Counter-Revolution in Vienna”, *Neue Rheinische Zeitung*, nº136, novembro de 1848, www.marxists.org;

“Suppression of the *Neue Rheinische Zeitung*”, *Neue Rheinische Zeitung*, 19 de maio de 1849, www.marxists.org;

“Panslavism – The Schleswig-Holstein War”, 15 de março de 1852, *The New York Tribune*, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“The Future Results of British Rule in India”, in David McLellan (direção), *Karl Marx: Selected Writings*, Oxford University Press, Oxford, 2ª edição, 2000;

“The Second Address”, 9 de setembro de 1870, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

Matteotti, Giacomo

“Tornata di venerdì 30 maggio 1924”, *Atti Parlamentari*, Camera dei Deputati, Legislatura XXVII, 1ª sessão, Roma, 30 de maio de 1924.

Maurras, Charles

Mes idées politiques, Fayard, Paris, 1937, www.les-vergers-sur-la-mer.net

“A Besançon”, *Cahiers du Cercle Proudhon*, nº1 – janeiro-fevereiro de 1912, *op. cit.*, 2007.

Michels, Roberto

Homo oeconomicus, Settimo Sigilo, Roma, 2001;

Prolegomena sul patriottismo, Edizioni di Ar, Pádua, s/d;

“La crisi psicologica del socialismo”, in Roberto Michels, *Democrazia e oligarchia*, Edizioni di Ar, Pádua, 2012.

Mikhalkov, Sergey; El-Registan, Gabriel

“The Soviet National Anthem”, 1944, Marxist Internet Archive, www.marxists.org.

Mill, John Stuart

On Liberty, Penguin Books, Londres, 2010.

Minh, Ho Chi

“Twelve Recommendations”, *Selected Works of Ho Chi Minh*, Volume 3, 1948, Ho Chi Minh Internet Archive, www.marxists.org;

“The Path Which Led Me to Leninism”, abril de 1960, Ho Chi Minh Internet Archive, www.marxists.org.

Missiroli, Mario

Cosa deve l'Italia a Mussolini, Biblioteca del Littorio – Associazione Cultura Fascista, 2013.

Mochulsky, Fyodor

Gulag Boss – A Soviet Memoir, Oxford University Press, Oxford, 2011.

Molotov, Vyacheslav

“Stalin’s Instructions to Molotov On His Trip to Berlin (9 November 1940)”, 18 de outubro de 2022, min.news.com;

“Radio Address of 22 June 1941”, *Novosty*,
www.mishalov.com/Molotov_22June41.

Mosley, Oswald

The Greater Britain, Black House Publishing, Londres, 2017;

“The Philosophy of Fascism”, in *Fascist Voices – Essays From the ‘Fascist Quarterly’ 1936-1940*, Volume 1, Black House Publishing, Londres, 2018.

Müller, Filip

Eyewitness Auschwitz – Three Years in the Gas Chambers, Ivan R. Dee Publisher, Chicago, 1979.

Mussolini, Benito

La mia vita, Rizzole Editore, Milão, 2016;

Testamento politico di Benito Mussolini, Edizione della Lanterna, Pordenone, 2ª edição, 2013;

“Socialismo e movimento sociale nel secolo XIX”, *Il Proletario*, 18 de outubro de 1903, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – I: Dagli inizi all’ultima sosta in Romagna*, La Fenice, Florença, 1951;

“Pagine rivoluzionarie – ‘Le parole d’un rivoltoso’”, *Avanguardia Socialista*, 3 de abril de 1904, *idem*;

“Democrazia parlamentare”, *Avanguardia Socialista*, 2 de julho de 1904, in Benito Mussolini, *Il mio socialismo*, La Fenice, Florença, março de 1983;

“La crisi risolutiva”, *Avanguardia Socialista*, 3 de setembro de 1904, *idem*;

“Karl Marx”, *La Lima*, 14 de março de 1908, *ibidem*;

“L’Attuale momento politico”, *La Lima*, 18 de abril de 1908, in Benito Mussolini, *op. cit.*, I, 1951;

“Socialismo e socialisti”, *La Lima*, 16 de maio de 1908, in Benito Mussolini, *op. cit.*, março de 1983;

“Lo sciopero generale e la violenza”, *Il Popolo*, 25 de junho de 1909, *idem*;

“Al lavoro!”, *La Lotta di Classe*, 9 de janeiro de 1910, *ibidem*;

“Polimichetta in famiglia”, *La Lotta di Classe*, 16 de julho de 1910, *ibidem*;
 “Esame di coscienza”, *La Lotta di Classe*, 22 de outubro de 1910, *ibidem*;
 “Dopo il congresso di Milano”, *La Lotta di Classe*, 29 de outubro de 1910, *ibidem*;
 “Gli unitari”, *La Lotta di Classe*, 8 de abril de 1911, *ibidem*;
 “Osare!”, *La Lotta di Classe*, 15 de abril de 1911, *ibidem*;
 “Al largo!”, *Utopia*, 22 de novembro de 1913, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – VI: Dalla fondazione di “Utopia” alla vigilia della fondazione de “Il Popolo d’Italia”*, La Fenice, Florença, 1953;
 “Il pericoli del riformismo”, *Avanti!*, 1 de dezembro de 1913, *idem*;
 “Rivisti socialisti”, *Utopia*, 10 de dezembro de 1913, *ibidem*;
 “L’anno ch’è morto...”, *Avanti!*, 1 de janeiro de 1914, *ibidem*;
 “Il valore storico del socialismo”, *Avanti!*, 15 de fevereiro de 1914, *ibidem*;
 “Vigilia di congresso”, *Avanti!*, 24 de abril de 1914, *ibidem*;
 “Il congresso di Ancona”, *Avanti!*, 1 de maio de 1914, *ibidem*;
 “Il valore attuale del socialismo”, *La Lotta di Classe*, 9 de maio de 1914, *ibidem*;
 “Per la proclamazione dello sciopero generale”, *Corriere della Sera*, 11 de junho de 1914, *ibidem*;
 “Tregua d’armi”, *Avanti!*, 12 de junho de 1914, *ibidem*;
 “Vittoria!”, *Avanti!*, 15 de junho de 1914, *ibidem*;
 “Abasso la guerra!”, *Avanti!*, 26 de julho de 1914, *ibidem*;
 “La situazione internazionale”, *Avanti!*, 30 de julho de 1914, *ibidem*;
 “Note di guerra”, *Utopia*, 15 agosto – 1 de setembro de 1914, *ibidem*;
 “Al nostro posto!”, *Avanti!*, 16 de agosto de 1914, *ibidem*;
 “Dalla neutralità assoluta alla neutralità attiva ed operante”, *Avanti!*, 18 de outubro de 1914, *ibidem*;
 “Guerra e neutralità”, *Corriere della Sera*, 20 de outubro de 1914, *ibidem*;
 “La mia fede è immutata”, *Avanti!*, 22 de outubro de 1914, *ibidem*;
 “La neutralità socialista”, *Corriere della Sera*, 25 de outubro de 1914, *ibidem*;
 “A proposito dell’intervista Morgari”, *Avanti!*, 27 de outubro de 1914, *ibidem*;
 “La situazione internazionale e l’atteggiamento del partito”, *Avanti!* e *Corriere della Sera*, 11 de novembro de 1914, *ibidem*;

“Mussolini riconferma la sua avversione alla neutralità”, *La Patria – Il Resto del Carlino*, 11 de novembro de 1914, *ibidem*;

“Discorso del 24 novembre 1914 Espulsione dal partito socialista”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org;

“Discorso del 13 dicembre 1914 Parma”, *idem*;

“Discorso del 28 dicembre 1914 Genova”, *ibidem*;

“O prima o poi”, *Il Popolo d'Italia*, 31 de dezembro de 1914, in Benito Mussolini, *Dal socialismo alla nazione*, La Fenice, Florença, abril de 1983;

“Fronda...”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de janeiro de 1915, *idem*;

“L'Italia nel gennaio del 1915”, 25 de janeiro de 1915, in Benito Mussolini, *Spirito della rivoluzione fascista*, Ulrico Hoepli Editore, Milão, 1937;

“Per la costituzione del nuovo Fascio d'Azione Rivoluzionaria”, in Benito Mussolini, *Come nacque il fascismo*, La Fenice, Florença, junho de 1983;

“Navigare necesse”, in Benito Mussolini, *idem*;

“Il programma politico dei fasci”, *ibidem*;

“L'adunata”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de janeiro de 1915, *ibidem*;

“Dopo l'adunata”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de janeiro de 1915, *ibidem*;

“Il partito del 'ni'”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de fevereiro de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, abril de 1983;

“Abbasso la pace!”, *Il Popolo d'Italia*, 1 de abril de 1915, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“‘Kamarad!’”, *Il Popolo d'Italia*, 10 de junho de 1915, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – VIII: Dall'intervento alla crisi del ministero Boselli*, La Fenice, Florença, 1953;

“La pace del Kaiser, no!”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de junho de 1915, *idem*;

“La coda di paglia”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de junho de 1915, *ibidem*;

“La caduta della Bastiglia”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de julho de 1915, *ibidem*;

“Lettera aperta a Vandervelde”, *Il Popolo d'Italia*, 20 de julho de 1915, *ibidem*;

“Franchi e... marchi”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de julho de 1915, *ibidem*;

“‘L'armée nouvelle’”, *Il Popolo d'Italia*, 31 de julho de 1915, *ibidem*;

“La maschera è caduta!”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de agosto de 1915, *ibidem*;

“Marx e... Hindenburg”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de agosto de 1915, *ibidem*;

“Cartelle cliniche”, *L'Italia Nostra*, 24 de maio de 1917, *ibidem*;

“Bandiere rosse”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de julho de 1917, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – IX: Dalla crise del ministerio Boselli al Piave*, La Fenice, Florença, 1952;

“Battisti!”, *Il Popolo d’Italia*, 12 de julho de 1917, *idem*;

“Gli italiani pel ‘Popolo’”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de julho de 1917, *ibidem*;

“Da Sturmer à Lénine”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de julho de 1917, *ibidem*;

“‘Viva Kerensky!’”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de julho de 1917, *ibidem*;

“E adesso, ai fatti!”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de julho de 1917, *ibidem*;

“Nel terzo anniversario della guerra – ‘Come sono venuto alla guerra’”, *Il Secolo Illustrato*, 1 de agosto de 1917, *ibidem*;

“Impudenza e mistificazione”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de agosto de 1917, *ibidem*;

“‘L’ora dei popoli’”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de agosto de 1917, *ibidem*;

“Stato comatoso”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de setembro de 1917, *ibidem*;

“Governo e nazione”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de setembro de 1917, *ibidem*;

“Opinioni”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de setembro de 1917, *ibidem*;

“Intermezzo”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de setembro de 1917, *ibidem*;

“Dei ministri, non un governo”, *Il Popolo d’Italia*, 12 de setembro de 1917, *ibidem*;

“Epilogo fatale”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de setembro de 1917, *ibidem*;

“La libertà di sabotare”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de setembro de 1917, *ibidem*;

“Realità e fantasie”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de outubro de 1917, *ibidem*;

“Unità di animi”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de outubro de 1917, *op. cit.*, 1937;

“Corridoni”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de outubro de 1917, *idem*;

“Nella più dura ipotesi”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de outubro de 1917, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – X: Dal piave al convegno di Roma*, La Fenice, Firenze, 1952;

“Aspetti del drama”, *Il Popolo d’Italia*, 31 de outubro de 1917, *idem*;

“Nell’attesa”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de novembro de 1917, *ibidem*;

“Onore agli operai”, *Il Popolo d’Italia*, 4 de novembro de 1917, *ibidem*;

“Avanti, il Mikado!”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de novembro de 1917, *ibidem*;

“Patria e terra”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de novembro de 1917, *ibidem*;

“‘Morti sì, ma schiavi no, schiavi mai!’”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de novembro de 1917, *ibidem*;

“Il gigante di stoppa”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de novembro de 1917, *ibidem*;

“Produrre per vincere”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de dezembro de 1917, *ibidem*;

“La pace dell’infamia”, *Il Popolo d’Italia*, 4 de dezembro de 1917, *ibidem*;
 “Trincerocrazia”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de dezembro de 1917, *ibidem*;
 “Dalla ipocrisia alla realtà”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de dezembro de 1917, *ibidem*;
 “L’uivo degli Hohenzollern”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de dezembro de 1917, *ibidem*;
 “I nostri postulati – La convenzione Bollati-Jagow è decaduta!”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de dezembro de 1917, *ibidem*;
 “Gli italiani pel ‘Popolo’”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de janeiro de 1918, *ibidem*;
 “Resistere per vincere!”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de janeiro de 1918, *ibidem*;
 “Dopo il discorso di Lloyd George – ‘La santità dei trattati’”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de janeiro de 1918, *ibidem*;
 “‘Excuté!’”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de janeiro de 1918, *ibidem*;
 “Torna, torna Garibaldi...”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de fevereiro de 1918, *op. cit.*, 1937;
 “I misteri svelati”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de fevereiro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, X, 1952;
 “Una politica”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de fevereiro de 1918, *idem*;
 “L’involuzione russa”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de fevereiro de 1918, *ibidem*;
 “Divagazione”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de março de 1918, *ibidem*;
 “‘L’ultimo quarto d’ora’ – ‘Vive le tigre!’”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de março de 1918, *ibidem*;
 “Nel terzo tempo – Vorrei parlare con Turati...”, *Il Popolo d’Italia*, 12 de março de 1918, *ibidem*;
 “L’hanno voluto!”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de março de 1918, *ibidem*;
 “Un documento terribile – Le infame e gli orrori del leninismo denunciati al mondo dagli operai socialisti russi”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de abril de 1918, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XI: Dal convegno di Roma agli armistizi*, La Fenice, Florença, 1953;
 “Non subiamo violenze!”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de abril de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983;
 “Per la consegna della bandiera alla batteria ‘Cesare Battisti’”, *Il Lavoro*, 22 de abril de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XI, 1953;
 “Variazioni su vecchio motivo – Il fucile e la vanga”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de maio de 1918, *idem*;
 “Amilcare Cipriani è morto”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de maio de 1918, *ibidem*;

“Divagazioni pel centenario”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de maio de 1918, *ibidem*;

“Dopo quattro anni”, *Il Popolo d’Italia*, 12 de maio de 1918, *ibidem*;

“Dopo il congresso sindacale – Orientamenti”, *Il Popolo d’Italia*, 12 de junho de 1918, *ibidem*;

“L’ordine regna”, *Il Popolo d’Italia*, 12 de julho de 1918, *ibidem*;

“Francia e Italia”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de julho de 1918, *ibidem*;

“XIV luglio”, *Il Lavoro di Genova*, 15 de julho de 1918, *ibidem*;

“Il problema degli uomini”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de julho de 1918, *ibidem*;

“Novità”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de agosto de 1918, *ibidem*;

“Vecchia storia”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de agosto de 1918, *ibidem*;

“Orientamenti e problemi”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de agosto de 1918, *ibidem*;

“Divagazione”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de setembro de 1918, *ibidem*;

“Gli orrori del ‘banditismo’ leninista denunciati da un socialista russo nella rivista di Filippo Turati”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de outubro de 1918, *ibidem*;

“Dopo-guerra – Andate incontro al lavoro che tornerà dalle trincee”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de novembro de 1918, *ibidem*;

“Il tramonto del potere arbitrario”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de novembro de 1918, *ibidem*;

“La nostra costituente”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XII: Dagli armistizi al discorso di Piazza San Sepolcro*, La Fenice, Florença, 1953;

“Audacia!”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983;

“Le otto ore di lavoro”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de novembro de 1918, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953;

“Il sindacalismo nazionale per rinascere!”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de novembro de 1918, *idem*;

“A raccolta!”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de novembro de 1918, *ibidem*;

“‘Il Popolo d’Italia’ nel 1919”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de dezembro de 1918, *ibidem*;

“Guglielmo Oberdan”, *Gazzetta Livornese*, 30-31 de dezembro de 1918, *ibidem*;

“Kropotkin è stato assassinato dai leninisti?”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de janeiro de 1919, *ibidem*;

“Liebknecht è stato fucilato”, *Il Popolo d'Italia*, 17 de janeiro de 1919, *ibidem*;

“Babau”, *Il Popolo d'Italia*, 30 de janeiro de 1919, *ibidem*;

“Dopo il congresso di Bologna – Orientamenti e programmi”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de fevereiro de 1919, *ibidem*;

“Due sogni: due imperi”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de fevereiro de 1919, *ibidem*;

“Fra due conferenze – Il congresso-processo di Berna”, *Il Popolo d'Italia*, 7 de fevereiro de 1919, *ibidem*;

“Contro la bestia ritornante...”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de fevereiro de 1919, *ibidem*;

“Nel mondo sidacale italiano – Rettifiche di tiro”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de fevereiro de 1919, *ibidem*;

“Camillo non beve...”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de fevereiro de 1919, *ibidem*;

“Un ordine del giorno”, *Il Popolo d'Italia*, 3 de março de 1919, *ibidem*;

“I Maddaleni...”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de março de 1919, *ibidem*;

“Un'altra requisitoria!”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de março de 1919, *ibidem*;

“Preludio”, *Ardita*, 15 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983;

“Il ‘documento’ Sadoul”, *Il Popolo d'Italia*, 16 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XII, 1953;

“23 marzo”, *Il Popolo d'Italia*, 18 de março de 1919, *idem*;

“Discorso di Dalmine”, *Il Popolo d'Italia*, 21 de março de 1919, *ibidem*;

“Dichiarazioni di Piazza San Sepolcro”, *Il Popolo d'Italia*, 22 de março de 1919, *ibidem*;

“Atto di nascita del fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de março de 1919, *ibidem*;

“Settimo anniversario dei fasci a Villa Glori”, in Benito Mussolini, *Cos'è il fascismo*, La Fenice, Florença, agosto de 1983;

“Il sistema parlamentare e il fascismo”, *idem*;

“L'ora del sindacalismo”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de março de 1919, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XIII: Dal discorso di Piazza San Sepolcro alla marcia di Ronchi*, La Fenice, Florença, 1954;

“Posizioni ed obbiettivi”, *Il Popolo d'Italia*, 28 de março de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“Dopo I fatti del 15 aprile 1919”, *Il Giornale d’Italia*, 17 de abril de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954;

“Parole chiare”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de abril de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983;

“La formula dei socialufficiali”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de abril de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954;

“Discorso da ascoltare”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de maio de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983;

“I diritti della vittoria”, *idem*;

“Idee in cammino che s’incontrano – Il programma dei fasci, dalla rappresentanza integrale all’espropriazione parziale”, *Il Popolo d’Italia*, 12 de maio de 1919, *ibidem*;

“I complici”, *Il Popolo d’Italia*, 4 de junho de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954;

“Dov’è il governo?”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de junho de 1919, *idem*;

“Per l’espropriazione del capitale”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de junho de 1919, *ibidem*;

“Pangloss numero 2”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de junho de 1919, *ibidem*;

“Per un’azione politica”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de junho de 1919, *ibidem*;

“Gli inizi”, *Il Popolo d’Italia*, 27 de junho de 1919, *ibidem*;

“Il ‘fascismo’”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de julho de 1919, *ibidem*;

“Chi possiede, paghi!”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de julho de 1919, *ibidem*;

“Aurora!”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de julho de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983;

“Per l’intesa e per l’azione fra gli interventisti di sinistra”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de julho de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIII, 1954;

“Colmo d’impudenza!”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de julho de 1919, *idem*;

“Noi e loro”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de agosto de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983;

“Si continua, signori!”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de agosto de 1919, *idem*;

“Gesto di rivolta”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de setembro de 1919, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XIV: Dalla marchia di Ronchi al secondo congresso dei fasci*, La Fenice, Florença, 1954;

“Non capiscono niente!”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de setembro de 1919, *idem*;

“Lo sciopero metallurgico – L’ora di concludere!”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de setembro de 1919, *ibidem*;

“L’urto fatale”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de setembro de 1919, *ibidem*;
 “Il discorso”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de setembro de 1919, *ibidem*;
 “La stolta vociferazione”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de setembro de 1919, *ibidem*;
 “Bisogna smobilitare altre classi!”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de outubro de 1919, *ibidem*;
 “La prima adunata fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de outubro de 1919, *ibidem*;
 “Forze e programma dell’adunata fascista”, *Il Nuovo Giornale*, 6 de outubro de 1919, *ibidem*;
 “Verso l’azione”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de outubro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983;
 “Crepuscolo”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de outubro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954;
 “Elezioni e programmi – Il dilemma di Turati”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de outubro de 1919, *idem*;
 “Logica e demagogia”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de outubro de 1919, *ibidem*;
 “Paroli e fatti”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de outubro de 1919, *ibidem*;
 “Partiti e programmi – La ‘loro’ complicità”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de outubro de 1919, *ibidem*;
 “Programmi e partiti – Il ‘loro’ errore”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de novembro de 1919, *ibidem*;
 “Guerra civile? Violenza contro violenza!”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983;
 “Dal 4 novembre 1918 al novembre 1919”, *Il Popolo d’Italia*, 4 de novembro de 1919, *op. cit.*, XIV, 1954;
 “Il blocco anti-russo”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de novembro de 1919, *idem*;
 “La marcia del fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983;
 “Nella morsa del dilemma – Assoluto e relativo”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954;
 “Illusioni e mistificazioni – Il paradiso leninista”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de novembro de 1919, *idem*;
 “L’attualità – Ancora e sempre contro il blocco”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de novembro de 1919, *ibidem*;
 “Discorso di Piazza Belgioioso”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de novembro de 1919, *ibidem*;

“La grande adunata”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983;

“Discorso di Monza”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de novembro de 1919, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954;

“L’affermazione fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de novembro de 1919, *ibidem*;

“Orientamenti”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de novembro de 1919, *ibidem*;

“Incidente”, *Il Popolo d’Italia*, 20 de novembro de 1919, *ibidem*;

“Nel ‘fascismo’ – Direttive”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de novembro de 1919, *ibidem*;

“L’altro spettro”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de novembro de 1919, *ibidem*;

“Corsa al disastro?”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de dezembro de 1919, *ibidem*;

“La situazione politica”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de dezembro de 1919, *ibidem*;

“Il ‘Popolo’ nel 1920”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de dezembro de 1919, *ibidem*;

“Le parte e la commedia”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de janeiro de 1920, *ibidem*;

“Dilemma”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de janeiro de 1920, *ibidem*;

“Parliamo chiaro!”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de janeiro de 1920, *ibidem*;

“Il fascismo e le agitazioni operaie”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de fevereiro de 1920, *ibidem*;

“Noi ‘reazionari’”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de fevereiro de 1920, *ibidem*;

“Crepuscoli – I templi e gli idoli”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de fevereiro de 1920, *ibidem*;

“I documenti che schiacciano”, *Il Popolo d’Italia*, 4 de março de 1920, *ibidem*;

“Dilemma: collaborare o perire”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de abril de 1920, *ibidem*;

“Gli eretici e i corruttori”, *Il Popolo d’Italia*, 4 de abril de 1920, *ibidem*;

“Divagazione – L’ora e gli orologi”, 6 de abril de 1920, *ibidem*;

“Restare se stessi”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de abril de 1920, *ibidem*;

“Oltre il rogo!”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de abril de 1920, *ibidem*;

“Lumi”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de abril de 1920, *ibidem*;

“Verso la reazione!”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de abril de 1920, *ibidem*;

“Nel vicolo cieco”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de abril de 1920, *ibidem*;

“Il piatto e il resto”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de maio de 1920, *ibidem*;

“La morte di Leonida Bissolati”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de maio de 1920, *ibidem*;

“Politica interna”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de maio de 1920, *ibidem*;
 “Contatti con la realtà? – La politica e i partiti”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de maio de 1920, *ibidem*;
 “Discorso inaugurale al secondo congresso dei fasci”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de maio de 1920, *ibidem*;
 “La nuova Babele”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de junho de 1920, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XV: Dal secondo congresso dei fasci al Trattato di Rapallo*, La Fenice, Florença, 1954;
 “Un ‘reazionario’ – Rinaldo Rigola”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de junho de 1920, *idem*;
 “In Germania – Elezioni e crisi”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de junho de 1920, *ibidem*;
 “Postille allo sciopero”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de junho de 1920, *ibidem*;
 “Dopo i tumulti – Cocodrilli!”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de junho de 1920, *ibidem*;
 “‘Putschismo’”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de junho de 1920, *ibidem*;
 “L’ignobile ‘bluff’”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de julho de 1920, *ibidem*;
 “In tema di politica estera”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de julho de 1920, *ibidem*;
 “L’ora del fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de agosto de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983;
 “In margine all’ostruzionismo dei metallurgici – La lettera del senatore Salmoiraghi”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de agosto de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954;
 “Alla moda russa?”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de setembro de 1920, *idem*;
 “Verso l’epilogo?”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de setembro de 1920, *ibidem*;
 “Dati di fatto”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de setembro de 1920, *ibidem*;
 “Sui culmini del grottesco – ‘Per ordine’ del Kremlino!”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de setembro de 1920, *ibidem*;
 “Discorso di Trieste”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de setembro de 1920, *ibidem*;
 “Il congresso repubblicano di Ancona – Incertezze e contraddizioni”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de setembro de 1920, *ibidem*;
 “Discorso di Monfalcone”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de setembro de 1920, *ibidem*;
 “L’epilogo”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de setembro de 1920, *ibidem*;
 “Il nuovo Papa”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de setembro de 1920, *ibidem*;

“Nel ‘PUS’ – I puri e gli impuri”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de outubro de 1920, *ibidem*;
 “Troppo tardi!”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de outubro de 1920, *ibidem*;
 “Mistificatori”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de outubro de 1920, *ibidem*;
 “Il falso e la conferma”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de outubro de 1920, *ibidem*;
 “L’ora nostra”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de outubro de 1920, *ibidem*;
 “Sulle elezioni amministrative”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de outubro de 1920, *ibidem*;
 “La misura è colma...”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de outubro de 1920, *ibidem*;
 “Gridi d’angoscia!”, *Il Popolo d’Italia*, 20 de outubro de 1920, *ibidem*;
 “Appello alla nazione”, *Il Popolo d’Italia*, 20 de outubro de 1920, *ibidem*;
 “Il fenomeno...”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de outubro de 1920, *ibidem*;
 “Anniversario”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de outubro de 1920, *ibidem*;
 “Riconoscimenti”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de outubro de 1920, *ibidem*;
 “Monarchia e repubblica”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de outubro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983;
 “Stanchezza o saggezza?”, *Il Popolo d’Italia*, 31 de outubro de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XV, 1954;
 “La marcia del fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de novembro de 1920, *idem*;
 “L’eccidio di Palazzo d’Accursio”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de novembro de 1920, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XVI: Del Trattato di Rapallo al primo discorso alla Camera*, La Fenice, Florença, 1955;
 “Cose a posto”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de novembro de 1920, *idem*;
 “Coccodrilli!”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de novembro de 1920, *ibidem*;
 “‘Il Popolo d’Italia’ nel 1921”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de dezembro de 1920, *ibidem*;
 “Preludi”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de janeiro de 1921, *ibidem*;
 “Un ordine del giorno – partiti e politica”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de janeiro de 1921, *ibidem*;
 “Il fascismo nel 1921”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de janeiro de 1921, *ibidem*;
 “Il ‘Pus’ a congresso”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de janeiro de 1921, *ibidem*;
 “Mentre il Pus siede – Lenin, Vanderlip e C.”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de janeiro de 1921, *ibidem*;
 “Asfissia”, *Il Popolo d’Italia*, 20 de janeiro de 1921, *ibidem*;

“Fascismo e ‘Pus’ – A quali condizioni la trégua?”, *Il Popolo d’Italia*, 27 de janeiro de 1921, *ibidem*;

“Fascismo e ‘Pus’ – Diffamazione e rappresaglie”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de janeiro de 1921, *ibidem*;

“Dove muore l’internazionale”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de fevereiro de 1921, *ibidem*;

“Menzogne!”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de fevereiro de 1921, *ibidem*;

“Come prima, peggio di prima!”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de fevereiro de 1921, *ibidem*;

“Malafede e mistificazione”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de fevereiro de 1921, *ibidem*;

“Curiosità – Dopo la discussione”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de fevereiro de 1921, *ibidem*;

“Il fascismo e i problemi della politica estera italiana”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de fevereiro de 1921, *ibidem*;

“Fascismo e terra”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de fevereiro de 1921, *ibidem*;

“Ai fascisti della Lombardia”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de fevereiro de 1921, *ibidem*;

“Le adunate”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de fevereiro de 1921, *ibidem*;

“In tema di violenza”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de fevereiro de 1921, *ibidem*;

“Parla Turati – La paura delle elezioni”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de março de 1921, *ibidem*;

“L’agguato criminale”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de março de 1921, *ibidem*;

“Dopo due anni”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de março de 1921, *ibidem*;

“Parole”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de março de 1921, *ibidem*;

“Segni di nuovi tempi?”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de março de 1921, *ibidem*;

“Tregua?”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de março de 1921, *ibidem*;

“Da provincia rossa a provincia fascista – Il fascismo e il problema terriero nel ferrarese”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de março de 1921, *ibidem*;

“Preludi elettorali”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de abril de 1921, *ibidem*;

“Discorso di Bologna”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de abril de 1921;

“In tema elettorale”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de abril de 1921, *ibidem*;

“Al popolo di Ferrara”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de abril de 1921, *ibidem*;

“Il documento”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de abril de 1921, *ibidem*;

“Fascismo ed elezioni”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de abril de 1921, *ibidem*;

“Posizioni”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de abril de 1921, *ibidem*;

“La voce del ‘Pus’ – Un documento miserabile”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de abril de 1921, *ibidem*;

“Discorso di Verona”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de abril de 1921, *ibidem*;

“Manifesto dei fasci per le elezioni generali”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de abril de 1921, *ibidem*;

“Impotenza”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de abril de 1921, *ibidem*;

“La morale”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de abril de 1921, *ibidem*;

“In tema di blocchi”, *Il Popolo d’Italia*, 20 de abril de 1921, *ibidem*;

“L’equilibrio”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de abril de 1921, *ibidem*;

“Perché l’estero sappia – Due proposte”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de abril de 1921, *ibidem*;

“‘Il senso del limite’”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de abril de 1921, *ibidem*;

“Per continuare”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de maio de 1921, *ibidem*;

“Malafede”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de maio de 1921, *ibidem*;

“Alibi”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de maio de 1921, *ibidem*;

“Conversazione con Mussolini”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de maio de 1921, *ibidem*;

“Il significato”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de maio de 1921, *ibidem*;

“Discorso di Piazza Borromeo”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de maio de 1921, *ibidem*;

“Fascisti d’Italia: ‘A noi!’”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de maio de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983;

“L’esecrando delitto di Rimini”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de maio de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955;

“‘I fascisti saranno all’opposizione’”, *Il Giornale d’Italia*, 22 de maio de 1921, *idem*;

“Parole chiare alle reclute”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de maio de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, junho de 1983;

“Dopo l’intervista – Terza e non ultima puntata”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de maio de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955;

“Dopo la tempesta”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de maio de 1921, *idem*;

“Fronte unico!”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de junho de 1921, *ibidem*;

“Il primo discorso alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 21 de junho de 1921, *ibidem*;

“Il fascismo di fronte alla crisi”, *Il Resto del Carlino*, 27 de junho de 1921, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XVII: Dal primo discorso alla Camera alla Conferenza di Cannes*, La Fenice, Florença, 1955;

“Segni del tempo”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de junho de 1921, *idem*;
 “Insufficenze del ministero Bonomi”, *ibidem*;
 “In tema di pace”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de julho de 1921, *ibidem*;
 “La pace e il resto”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de julho de 1921, *ibidem*;
 “La scelta”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de julho de 1921, *ibidem*;
 “Mosca – Canossa”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de julho de 1921, *ibidem*;
 “Fatti nuovi”, *Il Popolo d’Italia*, 12 de julho de 1921, *ibidem*;
 “Sulla pacificazione tra fascisti e socialisti”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de julho de 1921, *ibidem*;
 “Alla svolta”, *Il Popolo d’Italia*, 20 de julho de 1921, *ibidem*;
 “Dopo il voto”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de julho de 1921, *ibidem*;
 “Disciplina”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de julho de 1921, in Benito Mussolini, *La marcia su Roma*, La Fenice, Florença, julho de 1983;
 “Ritorno al principio”, *Il Popolo d’Italia*, 27 de julho de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955;
 “Dove impera Lenin”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de julho de 1921, *idem*;
 “Verso la pacificazione”, *Il Giornale d’Italia*, 31 de julho de 1921, *ibidem*;
 “I nuovi orizzonti del fascismo”, *Il Resto del Carlino*, 3 de agosto de 1921, *ibidem*;
 “Fatto compiuto”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de agosto de 1921, *ibidem*;
 “Alla prova!”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de agosto de 1921, *ibidem*;
 “La culla e il resto”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de agosto de 1921, *ibidem*;
 “Gioia prematura”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de agosto de 1921, *ibidem*;
 “Risposta”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de agosto de 1921, *ibidem*;
 “Sintomi”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de agosto de 1921, *ibidem*;
 “Ritorni”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de agosto de 1921, *ibidem*;
 “Nelle file!”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de agosto de 1921, *ibidem*;
 “L’ora dei sermoni – Risposta al ‘Giornale d’Italia’”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de agosto de 1921, *ibidem*;
 “Sulla organizzazione futura del fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de setembro de 1921, *ibidem*;
 “Deviazione”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de setembro de 1921, *ibidem*;
 “Un capo e tre anime”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de setembro de 1921, *ibidem*;
 “In tema di congresso fascista – Una lettera aperta alla commissione esecutiva”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de setembro de 1921, *ibidem*;

“Le linee programmatiche del partito fascista - Chiarimenti”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de outubro de 1921, *ibidem*;

“Verso il partito – La paura dei nomi”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de outubro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983;

“Scoperte”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de outubro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955;

“Dopo il concilio”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de outubro de 1921, *idem*;

“Ritorno all’antico”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de outubro de 1921, *ibidem*;

“Italia e Russia”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de novembro de 1921, *ibidem*;

“Punti fermi”, *Il Popolo d’Italia*, 4 de novembro de 1921, *ibidem*;

“Popolo”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de novembro de 1921, *ibidem*;

“Il problema della burocrazia”, in Benito Mussolini, *Lo stato fascista*, La Fenice, Florença, setembro de 1983;

“La situazione politica interna”, *idem*;

“Difesa del regime”, *ibidem*;

“Il governo fascista e la nazione”, *ibidem*;

“L’opposizione al fascismo e i suoi motivi”, *ibidem*;

“Governo e maggioranza parlamentare”, *ibidem*;

“La politica interna alla Camera dei Deputati”, *ibidem*;

“Il programma fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de novembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983;

“Disciplina”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de novembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955;

“Morto e sepolto”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de novembro de 1921, *idem*;

“Evento logico”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de novembro de 1921, *ibidem*;

“Relativismo e fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de novembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983;

“Il libro bianco”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de novembro de 1921, *ibidem*;

“Sintomi”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de dezembro de 1921, *ibidem*;

“La galleria dei redentori – La ‘loro’ tragedia”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de dezembro de 1921, *ibidem*;

“Per la vera pacificazione”, 22 de dezembro de 1921, *ibidem*;

“Quando il mito tramonta”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de dezembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983;

“Programma e statuti del Partito Nazionale Fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 27 de dezembro de 1921, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVII, 1955;

“Prefazione al programma”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de dezembro de 1921, *idem*;

“Politica interna – L’‘aut aut confederale’”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de janeiro de 1922, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XVIII: Dalla Conferenza di Cannes alla marcia su Roma*, La Fenice, Florença, 1956;

“Vinculo di sangue”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de janeiro de 1922, *idem*;

“Sindacalismo fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de janeiro de 1922, *ibidem*;

“La mozione Celli”, *Atti del Parlamento Italiano*, 17 de fevereiro de 1922, *ibidem*;

“Liquidazione”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de fevereiro de 1922, *ibidem*;

“Verso l’epilogo”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de fevereiro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983;

“I primi mesi di governo”, in Benito Mussolini, *Fascismo e democrazia*, La Fenice, Florença, janeiro de 1984;

“Da che parte va il mondo?”, *Gerarchia*, 25 de fevereiro de 1922, *idem*;

“Il fascismo nel giudizio di un fascista – Una lettera inedita di Piero Marsich”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de março de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956;

“Il fascismo nell’agricoltura”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de março de 1922, *idem*;

“C’è una reazione...”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de março de 1922, *ibidem*;

“‘Locanda est’”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de abril de 1922, *ibidem*;

“L’indirizzo politico del Partito Nazionale Fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de abril de 1922, *ibidem*;

“Per l’inaugurazione del circolo rionale fascista ‘Filippo Corridoni’”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de abril de 1922, *ibidem*;

“La Russia all’asta”, *Il Popolo d’Italia*, 12 de abril de 1922, *ibidem*;

“Dopo la visita”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de abril de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983;

“Passato e avvenire”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de abril de 1922, *idem*;

“Viva Ferrara fascista!”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de maio de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956;

“Il fascismo e i rurali”, *Gerarchia*, 25 de maio de 1922, *idem*;

“Al bivio”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de maio de 1922, *ibidem*;

“Come allora”, *Il Popolo d’Italia*, 31 de maio de 1922, *ibidem*;

“Collaborazione”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de junho de 1922, *ibidem*;

“La babele e il resto”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de junho de 1922, *ibidem*;
 “La Bisanzio pussista”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de junho de 1922, *ibidem*;
 “Il processo di Mosca”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de junho de 1922, *ibidem*;
 “Stato, anti-Stato e Fascismo”, *Gerarchia*, 25 de junho de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;
 “Il triangolo”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de julho de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956;
 “L’ultimo discorso dal banco di deputato”, *Atti del Parlamento Italiano*, 19 de julho de 1922, *idem*;
 “I luoghi comuni – Destra e sinistra”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de julho de 1922, *ibidem*;
 “Crepuscoli”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de julho de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983;
 “Manifesto per la mobilitazione generale fascista contro lo sciopero antinazionale”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de agosto de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956;
 “Ai fascisti romani”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de agosto de 1922, *idem*;
 “Basta colla viltà”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de agosto de 1922, *ibidem*;
 “Estrema follia”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de agosto de 1922, *ibidem*;
 “Bisogno essere in due”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de agosto de 1922, *ibidem*;
 “Il manifesto della smobilitazione fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de agosto de 1922, *ibidem*;
 “Commento”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de agosto de 1922, *ibidem*;
 “Il fascismo ed il Mezzogiorno d’Italia”, *Il Mattino*, 12-13 de agosto de 1922, *ibidem*;
 “Dal coltello al cerino”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de agosto de 1922, *ibidem*;
 “La fu alleanza del lavoro”, *Il Popolo d’Italia*, 20 de agosto de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983;
 “I buffoni di Praga”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de agosto de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956;
 “Timori infondati”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de agosto de 1922, *idem*;
 “La fiumana”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de agosto de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983;
 “Sindacalismo”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de setembro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956;
 “Disciplina assoluta!”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de setembro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983;

“Nel Paradiso bolscevico – Il ritorno dell’antropofagia in Russia”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de setembro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956;

“Ancora la disciplina”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de setembro de 1922, *idem*;

“La Russia all’asta”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de setembro de 1922, *ibidem*;

“Adagio”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de setembro de 1922, *ibidem*;

“Discorso del 20 settembre 1922 Discorso alla Camera”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org;

“Discorso del 5 ottobre 1922 Gruppo Sciesa di Milano”, *idem*;

“Esercito e fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de outubro de 1922, *op. cit.*, julho 1983;

“Il discorso di Napoli”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de outubro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956;

“La situazione italiana e la politica fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de outubro de 1922, *idem*;

“Discorso del 27 ottobre 1922 Proclama della Marcia su Roma”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org;

“Primo proclama del quadrumvirato”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de outubro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956;

“La situazione”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de outubro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1983;

“Il programma di Mussolini”, *La Stampa*, 30-31 de outubro de 1922, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVIII, 1956;

“Al popolo di Roma”, *Il Giornale d’Italia*, 31 de outubro de 1922, *idem*;

“L’Italia e le grandi potenze”, *Corriere della Sera*, 6 de novembro de 1922, in Benito Mussolini, *L’Italia fascista davanti al mondo*, La Fenice, Florença, dezembro de 1983;

“La politica estera al Senato”, *idem*;

“Il primo discorso presidenziale alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 16 de novembro de 1922, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XIX: Dalla Marcia su Roma al viaggio negli Abruzzi*, La Fenice, Florença, 1956;

“Replica ai deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 17 de novembro de 1922, *idem*;

“Replica ai senatori”, *Atti parlamentare della Camera dei senatori*, 27 de novembro de 1922, *ibidem*;

“Ai metallurgici lombardi”, *Il Popolo d’Italia*, 5-7 de dezembro de 1922, *ibidem*;

“Impossibilità di un’intesa tra socialisti e fascisti in Italia”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de dezembro de 1922, *ibidem*;

“2ª riunione del Gran Consiglio del Fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de janeiro de 1923, *ibidem*;

“Agli operai del Poligrafico”, 28 de janeiro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“Tempo secondo”, *Gerarchia*, janeiro de 1923, *idem*;

““Il governo farà il suo dovere””, *Il Popolo d’Italia*, 18 de fevereiro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIX, 1956;

“Alla nuova sede dei mutilati”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de março de 1923, *idem*,

“9ª riunione del Gran Consiglio del Fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de março de 1923, *ibidem*;

“Le nuove direttive economiche”, *Il Popolo d’Italia*, 20 de março de 1923, *ibidem*;

“Forza e consenso”, *Gerarchia*, março de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, agosto de 1983;

“Il problema dell’emigrazione”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de abril de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIX, 1956;

“12ª riunione del Gran Consiglio del Fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de abril de 1923, *idem*;

“Al popolo di Rovigo”, 2 de junho de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“Al popolo di Venezia”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de junho de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIX, 1956;

“36ª riunione del Consiglio dei Ministri”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de junho de 1923, *idem*;

“I primi mesi di governo”, *Atti parlamentare della Camera dei senatori*, 8 de junho de 1923, *ibidem*;

“La riforma elettorale”, *Atti del Parlamento Italiano*, 15 de julho de 1923, *ibidem*;

“26ª riunione del Gran Consiglio del Fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de julho de 1923, *ibidem*;

“Al popolo di Rovigo”, 2 de junho de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“I principi del governo e la situazione politica internazionale”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de outubro de 1923, *Opera Omnia – XX: Dal viaggio negli Abruzzi al delitto Matteotti*, La Fenice, Florença, 1956;

“Discurso del 28 ottobre 1923 Camicie Nere di Milano”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org;

“Discurso del 28 ottobre 1923 Camicie Nere di Perugia”, *idem*;

“Il primo anniversario della marcia su Roma”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de outubro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956;

“Quando la dittatura è necessaria, bisogna attuarla”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de novembro de 1923, *idem*;

“La situazione politica internazionale”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 16 de novembro de 1923, *ibidem*;

“Risposta a Primo De Rivera”, 22 de novembro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“Le relazione con la Russia”, *Atti del Parlamento Italiano*, 30 de novembro de 1923, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XX, 1956;

“Prime basi dello Stato corporativo”, 20 de dezembro de 1923, *idem*;

“Capodanno”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de janeiro de 1924, *ibidem*;

“Il fascismo è una ‘rivolta spirituale’”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de janeiro de 1924, *ibidem*;

“All’assemblea del Partito Nazionale Fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de janeiro de 1924, *ibidem*;

“Discorsi al Consiglio Nazionale del Fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 31 de janeiro de 1924, *ibidem*;

“Al gran rapporto della milizia”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de fevereiro de 1924, *ibidem*;

“Per il sindacati del commercio”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de fevereiro de 1924, *ibidem*;

“Il preteso imperialismo fascista e l’attività internazionale dell’Italia”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de março de 1924, *ibidem*;

“Incidenti e speculazioni”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de março de 1924, *ibidem*;

“85ª riunione del Consiglio dei Ministri”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de março de 1924, *ibidem*;

“Cinque anni dopo San Sepolcro”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de março de 1924, *ibidem*;

“Al popolo di Modena”, *Gazzetta dell’Emilia*, 9-10 de abril de 1924, *ibidem*;

“Una nota dell’Agenzia Volta sulle polemiche di questi giorni”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de abril de 1924, *ibidem*;

“Angelica”, *Il Popolo d’Italia*, 20 de abril de 1924, *ibidem*;

“Per i fasci italiani all’estero”, *Il Popolo d’Italia*, 27 de abril de 1924, *ibidem*;

“Al Consiglio Nazionale delle Corporazioni”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de maio de 1924, *ibidem*;

“Le direttive politiche”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de maio de 1924, *ibidem*;

“I grandi problemi italiani ed internazionali”, *Il Popolo d’Italia*, 27 de maio de 1924 *ibidem*;

“Ai deputati della maggioranza parlamentare”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de maio de 1924, *ibidem*;

“Sobrero”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de junho de 1924, *ibidem*;

“Sull’indirizzo di risposta al discorso della Corona”, *Atti Parlamentari*, Camera dei Deputati, Legislatura XXVII, 1ª sessão, Roma, 7 de junho de 1924;

“Per la scomparsa del deputato Giacomo Matteotti”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983, p.18.

“Alto là, signori!”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de junho de 1924, *idem*;

“42ª riunione del Gran Consiglio del Fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de julho de 1924, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXI: Dal delitto Matteotti all’attentato Zaniboni*, La Fenice, Florença, 1956;

“Sintesi della lotta politica”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de agosto de 1924, *idem*;

“Agli operai del Monte Amiata”, 31 de agosto de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“Al popolo di Rimini”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de setembro de 1924, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956;

“Il governo fascista e la nazione”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de outubro de 1924, *idem*;

“Agli operai degli stabilimenti Bernocchi”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de outubro de 1924, *ibidem*;

“Agli operai dello stabilimento Tosi”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de outubro de 1924, *ibidem*;

“Agli operai di Dalmine”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de outubro de 1924, *ibidem*;

“Leonida Bissolati”, 29 de outubro de 1924, in Benito Mussolini, *Il corporativismo fascista*, La Fenice, Florença, outubro de 1983;

“La politica estera alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 15 de novembro de 1924, *ibidem*;

“La politica interna alla Camera dei Deputati”, *Atti del Parlamento Italiano*, 22 de novembro de 1924, *ibidem*;

“Discorso del 3 gennaio”, 3 de janeiro de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983;

“Elogio ai gregari”, *Gerarchia*, fevereiro de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, setembro de 1983;

“Alla conferenza interparlamentare del commercio”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de abril de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956;

“La politica estera al Senato”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 20 de maio de 1925, *idem*;

“Fascismo e sindacalismo”, *Gerarchia*, maio de 1925, *ibidem*;

“Il trattato di commercio con la Russia”, *Atti del Parlamento Italiano*, 3 de junho de 1925, *ibidem*;

“Discorso del 6 giugno 1925 Discorso alla Camera”, in Benito Mussolini, *130 discorsi di Benito Mussolini*, 2007, www.archive.org;

“Discorso del 21 giugno 1925 Congresso Fascista di Roma”, *idem*;

“‘Intransigenza assoluta’”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de junho de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956;

“Al popolo di Vercelli”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de setembro de 1925, *idem*;

“‘Signum novum’”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de outubro de 1925, *ibidem*;

“Sindacalismo fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de outubro de 1925, *ibidem*;

“III anniversario della Marcia su Roma”, 28 de outubro de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“Per la medaglia dei benemeriti del comune di Milano”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de outubro de 1925, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXI, 1956;

“Elementi di storia”, *Gerarchia*, outubro de 1925, *idem*;

“Prefazione à ‘La Legislazione sociale nell’Italia Corporativa e negli altri stati’”, 1925, *ibidem*;

“Celebrazione della vittoria”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de novembro de 1925, *ibidem*;

“Parlamentarismo, corporativismo, deprezzamento della lira, battaglia del grano, fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de dezembro de 1925, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXII: Dall’attentato Zaniboni al discorso dell’ascensione*, La Fenice, Florença, 1957;

“L’articolo 13 della legge sui rapporti collettivi di lavoro”, *Atti del Parlamemto Italiano*, 11 de dezembro de 1925, *idem*;

“Intervista com la ‘United Press’”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de dezembro de 1925, *ibidem*;

“La legge sindacale”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 11 de março de 1926, *ibidem*;

“Il gagliardetto dei marinai”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de maio de 1926, *ibidem*;

““Per la strada segnata dal destino””, *Il Popolo d’Italia*, 8 de abril de 1926, *ibidem*;

““Se avanzo, seguitemi; se indietreggio, uccidetemi; se muoio, vendicatemi””, *Il Popolo d’Italia*, 8 de abril de 1926, in Benito Mussolini, *Andare verso il popolo*, La Fenice, Florença, novembro de 1983;

“XXIV Maggio a Genova”, 24 de maio de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“Discorso di Genova”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de maio de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957;

“I vessili dei lavoratori del porto”, *Giornale di Genova*, 25 de maio de 1926, *idem*;

“Al popolo di Prato”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de maio de 1926, *ibidem*;

“La politica estera al Senato”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 28 de maio de 1926, *ibidem*;

“La battaglia economica”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de julho de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, novembro de 1983;

“Per l’inaugurazione del ministero delle Corporazioni”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de agosto de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957;

“La nuova Italia”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de agosto de 1926, *idem*;

“Al popolo di Cagli”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de agosto de 1926, *ibidem*;

“Al popolo di Perugia”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de outubro de 1926, *ibidem*;

“Al popolo di Roma”, 28 de outubro de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“Agli avanguardisti per il 28 ottobre”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de outubro de 1926, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXII, 1957;

“Al popolo di Reggio Emilia”, *Il Popolo d'Italia*, 31 de outubro de 1926, *idem*;

“Nulla può distruggere il fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de novembro de 1926, *ibidem*;

“Il nuovo stato corporativo”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de novembro de 1926, *ibidem*;

“La funzione dello stato corporativo”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de dezembro de 1926, *ibidem*;

“Mussolini rivela il suo segreto”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de dezembro de 1926, *ibidem*;

“Le relazioni italo-ungheresi”, *Il Popolo d'Italia*, 14 de dezembro de 1926, *ibidem*;

“Prefazione a ‘Per la salute degli operai’”, 28 de janeiro de 1927, *ibidem*;

“Prefazione a ‘Mussolini e il suo fascismo’”, 2 de março de 1927, *ibidem*;

“81ª riunione del Gran Consiglio del Fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 23 de abril de 1927, *ibidem*;

“Il discorso dell’ascensione”, *Atti del Parlamento Italiano*, 26 de maio de 1927, *ibidem*;

“Prefazione a ‘Gli aspetti universal del fascismo’”, 5 de junho de 1927, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXIII: Dal discorso dell’ascensione agli Accordi del Laterano*, La Fenice, Florença, 1957;

“Preludi della marcia su Roma”, *Gerarchia*, outubro de 1927, in Benito Mussolini, *op. cit.*, novembro de 1983;

“84ª riunione del Gran Consiglio del Fascismo”, *Il Popolo d'Italia*, 11 de novembro de 1927, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957;

“237ª riunione del Consiglio dei Ministri”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de março de 1928, *idem*;

“Al Congresso dei sindacati fascisti”, 8 de maio de 1928, *ibidem*;

“Per la riforma della Costituzione”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 12 de maio de 1928, *ibidem*;

“Al Congresso Internazionale dei Trasporti”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de maio de 1928, *ibidem*;

“L’Italia nel mondo”, *Il Popolo d'Italia*, 5 de junho de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, dezembro de 1983;

“Agli industriali”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de junho de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957;

“Il giornalismo come missione”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de outubro de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984;

“Il decennale della vittoria”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de novembro de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIII, 1957;

“Cooperazione fascista”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de novembro de 1928, *idem*;

“Periodo storico”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 22 de dezembro de 1928, *ibidem*;

“La diana del nuovo tempo”, 9 de dezembro de 1928, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“All’Assemblea Quinquennale del regime”, 10 de março de 1929, in Benito Mussolini, *Scritti e discorsi – Dal 1929 al 1931*, Ulrico Hoepli Editore, Milão, 1934;

“Norme di orientamento ai federali”, *Il Resto del Carlino*, 5 de abril de 1929, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXIV: Dagli Accordi del Laterano al dodicesimo anniversario della fondazione dei fasci*, La Fenice, Florença, 1958;

“Discorso al Senato sugli Accordi del Laterano”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 25 de maio de 1929, *idem*;

“Ai gerarchi milanesi”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de junho de 1929, *ibidem*;

“Al gran rapporto del fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de setembro de 1929, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1934;

“Ai podestà”, *Il Popolo d’Italia*, 31 de janeiro de 1930, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIV, 1958;

“Per il Consiglio Nazionale delle Corporazioni”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de abril de 1930, *idem*;

“Discorso di Livorno”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de maio de 1930, *ibidem*;

“Discorso di Lucca”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de maio de 1930, *ibidem*;

“Agli operai dello stabilimento Marelli”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de maio de 1930, *ibidem*;

“Al popolo di Milano”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de maio de 1930, *ibidem*;

“Alle forze sindacali milanesi”, *Il Popolo d’Italia*, 27 de maio de 1930, *ibidem*;

“La politica economica del regime”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de novembro de 1930, *ibidem*;

“Discorso sulla crisi económica mondiale”, 1 de outubro de 1930, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1934;

“Messaggio per l’anno nono”, 27 de outubro de 1930, *idem*;

“23 marzo 1919”, *Gioventù Fascista*, 23 de março de 1931, in Benito Mussolini, *Fascismo e democrazia*, La Fenice, Florença, janeiro de 1984;

“Rivoluzione: clima duro”, *Gioventù Fascista*, 29 de março de 1931, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXV: Dal dodicesimo anniversario della fondazione dei fasci al patto a quattro*, La Fenice, Florença, 1958;

“La nuova economia italiana”, *Il Messaggero*, 3 de abril de 1931, *idem*;

“Per l’acquedotto di Ravenna”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de julho de 1931, *ibidem*;

“Brindisi al cancelliere del Reich”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de agosto de 1931, *ibidem*;

“Il centenario del Consiglio di Stato”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de agosto de 1931, *ibidem*;

“Al popolo della Spezia”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de agosto de 1931, *ibidem*;

“Agli avanguardisti: del terzo campo ‘Dux’ in Piazza Venezia”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de setembro de 1931, *idem*;

“Agli avanguardisti: del terzo campo ‘Dux’ a Villa Glori”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de setembro de 1931, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXV, 1958;

“Messaggio ai giovani fascisti”, *Gioventù Fascista*, 8 de outubro de 1931, *idem*;

“Al popolo napoletano”, *Il Popolo d’Italia*, 27 de outubro de 1931, in Benito Mussolini, *op. cit.*, novembro de 1983;

“Enrico Corradini”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 11 de dezembro de 1931, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXV, 1958;

“All’Assemblea Generale del Consiglio Nazionale delle Corporazione”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de junho de 1932, *idem*;

“Primo discorso per il Decennale”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de outubro de 1932, *ibidem*;

“Al popolo di Torino”, 23 de outubro de 1932, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“Prefazione a ‘Il Gran Consiglio nei primi dieci anni dell’era fascista’”, 27 de novembro de 1932, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXV, 1958;

“Il patto a quattro”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 7 de junho de 1933, *idem*;

“Labirinto comunista”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de junho de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984;

“In pieno labirinto”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de junho de 1933, *idem*;

“Segue la serie dei profeti”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de julho de 1933, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXVI: Dal Patto a Quattro all’inaugurazione della provincia di Littoria*, Le Fenice, Florença, XXVI, 1958;

“Roosevelt e il sistema”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de julho de 1933, *idem*;

“Rettifiche di tiro”, *Il Popolo d’Italia*, 27 de julho de 1933, *ibidem*;

“Fra due civiltà”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de agosto de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984;

“S.O.S.”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de agosto de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958;

“Segnalazione”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de setembro de 1933, *idem*;

“La relazione con la Russia”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, dezembro de 1983;

“Italia e Russia”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de setembro de 1933, *idem*;

“Segnalazione”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de outubro de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958;

“Le mete del fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de outubro de 1933, *idem*;

“Alle camicie nere fiorentine”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de outubro de 1933, *ibidem*;

“Discorso ai decorati”, 28 de outubro de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“Prefazione a ‘L’Italia fascista in camino’”, 29 de outubro de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958;

“Segnalazione”, *Il Popolo d’Italia*, 4 de novembro de 1933, *idem*;

“Per lo Stato corporativo”, 14 de novembro de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“N.I.R.A.”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de novembro de 1933, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958,

“Oriente e occidente”, *Il Popolo d’Italia*, 23 de dezembro de 1933, *idem*;

“Il 1934”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de janeiro de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984;

“Discorso al Senato per lo Stato Corporativo”, *Atti parlamentari della Camera dei senatori*, 13 de janeiro de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958;

“Gioberti attuale”, *Il Popolo d’Italia*, 10 de fevereiro de 1934, *idem*;

“Corporativismo”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de fevereiro de 1934, *ibidem*;
 “Sintesi del regime”, 18 de março de 1934, in Benito Mussolini, *op. cit.*,
 outubro de 1983;
 “Alla prima assemblea generale delle corporazioni”, *idem*;
 “Al congresso dei sindacati fascisti”, *ibidem*;
 “‘Paradiso’ sovietico”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de abril de 1934, in Benito
 Mussolini, *op. cit.*, dezembro de 1983;
 “A trentamila alpini”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de abril de 1934, in Benito
 Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958;
 “Bolivar”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de abril de 1934, *idem*;
 “La festa del lavoro”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de abril de 1934, *ibidem*;
 “Fronti unici”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de maio de 1934, *ibidem*;
 “Il corporativismo e la gioninezza francesa”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de
 maio de 1934, *ibidem*;
 “Natura morta”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de maio de 1934, *ibidem*;
 “Prefazione a ‘Gli aspetti universal del fascismo’”, in Benito Mussolini,
Fascismo e nazismo, La Fenice, Florença, abril de 1984;
 “Teutonica”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de maio de 1934, *idem*;
 “Indirizzi corporativi”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de junho de 1934, in Benito
 Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958;
 “Segnalazione”, *Il Popolo d’Italia*, 26 de julho de 1934, *idem*;
 “Che cosa vuole l’America?”, agosto de 1934, *ibidem*;
 “Fallacia ariana”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de agosto de 1934, in Benito
 Mussolini, *op. cit.*, abril de 1984;
 “Alla fonte”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de agosto de 1934, *idem*;
 “Matrimoni giovani”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de setembro de 1934, in
 Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVI, 1958;
 “Discorso agli operai di Milano”, 6 de outubro de 1934, in Benito
 Mussolini, *op. cit.*, 1937;
 “Cuore e cifre”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de novembro de 1934, *ibidem*;
 “State e chiesa”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de novembro de 1934, *ibidem*;
 “Alla prima assemblea generale delle corporazioni”, *Il Popolo d’Italia*,
 11 de novembro de 1934, *ibidem*;
 “Stato e chiesa”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de dezembro de 1934, *ibidem*;
 “Forza della rivoluzione”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de dezembro de 1934,
ibidem;

“L’anno cruciale”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de janeiro de 1935, in Benito Mussolini, *Opera Omnia XXVII: Dall’inaugurazione della provincia di Littoria alla proclamazione dell’impero*, La Fenice, Florença, 1959;

“Alla riunione del comitato corporativo centrale”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de maio de 1935, *idem*;

“Crepusculo dell’*homo economicus*”, *Il Popolo d’Italia*, 31 de maio de 1935, *ibidem*;

“L’articolo 13 della legge sui rapporti collettivi di lavoro”, in Benito Mussolini, *op. cit.*, outubro de 1983;

“Il ‘dato’ irrefutabile”, *La Tribuna – L’Idea Nazionale*, 18 de setembro de 1935, in Benito Mussolini, *Un imperio per l’Italia*, La Fenice, Florença, março de 1984;

“Sugli sviluppi della vertenza africana”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de setembro de 1935, *idem*;

“Sino a quando?”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de setembro de 1935, *ibidem*;

“Politica di vita”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de outubro de 1935, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVII, 1959;

“Dopo il discorso di Worcester”, *Il Popolo d’Italia*, 22 de outubro de 1935, in Benito Mussolini, *op. cit.*, março de 1984;

“Sul terreno della realtà”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de outubro de 1935, *ibidem*;

“Alle donne d’Italia”, *La Tribuna – L’Idea Nazionale*, 3 de dezembro de 1935, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVII, 1959;

“Inaugurazione di Pontinia”, 18 de dezembro de 1935, *Le opere i discorsi e gli scritti*, adamoli.org;

“Nessuna mutilazione dell’impero”, *Il Popolo d’Italia*, 7 de fevereiro de 1936, in Benito Mussolini, *op. cit.*, março de 1984;

“Il piano regolatore della nuova economia italiana”, *Il Popolo d’Italia*, 24 de março de 1936, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVII, 1959;

“Verso Addis Abeba”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de maio de 1936, in Benito Mussolini, *op. cit.*, março de 1984;

“Intervista al ‘Matin’”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de maio de 1936, in Benito Mussolini, *Opera Omnia XXVIII: Dalla proclamazione dell’impero al viaggio in Germania*, La Fenice, Florença, 1959;

“XXIV maggio imperiale”, *Il Popolo d’Italia*, 25 de maio de 1936, *idem*;

“Fatti di cronaca”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de junho de 1936, *ibidem*;

“Intervista alla stampa Hearst”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de julho de 1936, in Benito Mussolini, *op. cit.*, março de 1984;

“Discorso di Avellino”, *Il Popolo d’Italia*, 31 de agosto de 1936, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVIII, 1959;

“Agli allievi ufficiali di complemento della scuola di fano”, *Il Popolo d’Italia*, 14 de outubro de 1936, *idem*;

““Popolo e patria””, *Il Popolo d’Italia*, 25 de outubro de 1936, *ibidem*;

“Per l’inaugurazione della Casa del Fascio di Seveso”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de novembro de 1936, *ibidem*;

“Discorso di Milano”, 1 de novembro de 1936, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1937;

“Agli eroi della vigilia”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de novembro de 1936, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVIII, 1959;

“Le direttive agli esponenti del turismo”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de dezembro de 1936, *idem*;

“Al coloni dell’agro pontino”, *Il Popolo d’Italia*, 19 de dezembro de 1936, *ibidem*;

“Il troppo storpia”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de dezembro de 1936, bibliotecafascista.blogspot.com;

“Nuova intervista al ‘Daily Mail’”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de março de 1937, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXVIII, 1959;

“Jagoda”, *Il Popolo d’Italia*, 8 de abril de 1937, *idem*;

“Alla terza assemblea generale delle corporazioni”, *Il Popolo d’Italia*, 16 de maio de 1937, *ibidem*;

“Barcellona”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de maio de 1937, *ibidem*;

“Intervista a um giornalista americano”, *Il Popolo d’Italia*, 28 de maio de 1937, *ibidem*;

“Crepuscolo”, *Il Popolo d’Italia*, 13 de junho de 1937, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984;

“Europa e fascismo”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de outubro de 1937, in Benito Mussolini, *Opera Omnia – XXIX: Dal viaggio in Germania all’intervento nella Seconda Guerra Mondiale*, La Fenice, Florença, 1959;

“Ai centomila gerarchi”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de outubro de 1937, *idem*;

“Ai mutilati del comitato d’azione di Milano del 1917”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de novembro de 1937, *ibidem*;

“Atto quinto finora”, *Il Popolo d’Italia*, 5 de março de 1938, in Benito Mussolini, *op. cit.*, janeiro de 1984;

“Brindisi al cancelliere del Reich”, *Il Popolo d'Italia*, 8 de maio de 1938, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXIX, 1959;

“Prefazione agli ‘Scritti e discorsi politici di Alfredo Rocco’”, 29 de maio de 1938, *idem*;

“Prefazione a ‘Il Gran Consiglio nei primi quindici anni dell’era fascista’”, 1 de julho de 1938, *ibidem*;

“Il Brindisi a Imrédy”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de julho de 1938, in Benito Mussolini, *op. cit.*, abril de 1984;

“Discorso di Padova”, *Il Popolo d'Italia*, 25 de setembro de 1938, *ibidem*;

“Al Consiglio Nazionale del P.N.F.”, *Il Popolo d'Italia*, 26 de outubro de 1938, *ibidem*;

“La Dichiarazione di Guerra di Mussolini”, 10 de junho de 1940, www.storiaXXIsecolo.it;

“Parole chiari ai lavoratori”, in Benito Mussolini, *La democrazia della pance piene*, Edizione FPE Milano, Milão, 1967;

“Alle gerarchie provinciale del PNF”, *Il Popolo d'Italia*, 19 de novembro de 1940, in Benito Mussolini, *op. cit.*, maio de 1984;

“Il discorso al teatro Adriano di Roma”, *Il Popolo d'Italia*, 24 de fevereiro de 1941, *idem*;

“Il Trattato di Rapallo non è eterno”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de maio de 1941, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XVI, 1955;

“La conservazione rappresentata dalle prepotenze degli egoismi sarà frantumata dalle forze della rivoluzione”, *Il Popolo d'Italia*, 20 de outubro de 1941, in Benito Mussolini, *Opera Omnia XXX: Dal intervento dell'Italia nella Seconda Guerra Mondiale al discorso al Direttorio Nazionale del P.N.F.*, La Fenice, Florença, 1960;

“Al Direttorio Nazionale del P.N.F.”, *Il Popolo d'Italia*, 4 de janeiro de 1942, *idem*;

“Dichiarazioni sulla politica dei prezzi”, *Il Popolo d'Italia*, 27 de março de 1942, in Benito Mussolini, *Opera Omnia XXXI: Dal discorso al Direttorio Nazionale del P.N.F. de 3 gennaio 1942 alla liberazione di Mussolini*, La Fenice, Florença, 1960;

“Nel diciannovesimo annuale della costituzione dell’aeronautica”, *Il Popolo d'Italia*, 29 de março de 1942, *idem*;

“Primo colloquio con il generale Messe”, *Il Popolo d'Italia*, 2 de junho de 1942, *ibidem*;

“L’ultimo discorso alla camera dei fasci e delle corporazioni”, *Il Popolo d’Italia*, 3 de dezembro de 1942, *ibidem*;

“Al nuovo Direttorio Nazionale del P.N.F.”, *Il Popolo d’Italia*, 21 de dezembro de 1942, *ibidem*;

“Al Direttorio Nazionale del P.N.F.”, *Il Popolo d’Italia*, 11 de março de 1943, *ibidem*;

“Il primo discorso dopo la liberazione”, *Corriere della Sera*, 19 de setembro de 1943, in Benito Mussolini, *Opera Omnia XXXII: Dalla liberazione di Mussolini all’epilogo la Repubblica Sociale Italiana*, La Fenice, Florença, 1960;

“1ª riunione del Consiglio dei Ministri repubblicano”, *Corriere della Sera*, 29 de setembro de 1943, *idem*;

“Ancora Mosca”, rádio repubblicana, 5 de novembro de 1943, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXXII, 1960;

“Per quale dei due re giuraste?”, 6 de outubro de 1943, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967;

“Dell’ospitalità regale”, 11 de novembro de 1943, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1984;

“Rivoluzione Sociale. Primi sintomi”, *Corrispondenza Repubblicana*, 13 de novembro de 1943, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXXII, 1960;

“Della vera libertà”, *Corrispondenza Repubblicana*, 23 de novembro de 1943, *op. cit.*, 1967;

“Ventennale sviluppo logico della dottrina fascista”, 24 de fevereiro de 1944, *idem*;

“Manifesto agli scioperanti – Parola chiare ai lavoratori”, 3 de março de 1944, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXXII, 1960;

“Sappiate ragionare con il vostro cervello”, *La Repubblica Fascista*, 24 de maio de 1944, *idem*;

“Il richiamo della patria”, *La Repubblica Fascista*, 24 de maio de 1944, *ibidem*;

“Ritornate!”, *La Repubblica Fascista*, 24 de maio de 1944, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho de 1984;

“Alle camicie nere della brigata nera Resega”, 14 de outubro de 1944, *ibidem*;

“Lo stolto isolamento”, 16 de outubro de 1944, in Benito Mussolini, *op. cit.*, julho 1984;

“‘La voce del partito’ – Il sesso degli angeli”, *Corriere della Sera*, 3 de dezembro de 1944, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXXII, 1960;

“Il discorso al Lirico di Milano”, 26 de dezembro de 1944, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967;

“Ai fascisti di Torino”, *Corriere della Sera*, 3 de fevereiro de 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XXXII, 1960;

“Elogio a Padova per la sua fede nella socializzazione”, *Corriere della Sera*, 21 de fevereiro de 1945, *idem*;

“Chiacchiere e fatti”, *Corrispondenza Repubblicana*, 28 de fevereiro de 1945, in Benito Mussolini, *op. cit.*, 1967;

“Conversazione con Maddalena Mollier”, março de 1945, *idem*;

“Soliloquio in ‘libertà’ all’isola Trimellone”, 20 de março de 1945, *ibidem*;

“Nel ventiseiesimo annuale della fondazione dei Fasci”, 23 de março de 1945, *ibidem*;

“Colloquio con il giornalista Cabella”, 20 de abril de 1945, *ibidem*.

Mussolini, Benito; Gentile, Giovanni

La dottrina del fascismo, Istituto della Enciclopedia Italiana, Roma, 1935.

Nações Unidas

“OHCHR Assessment of Human Rights Concerns in the Xinjiang Uyghur Autonomous Region, People’s Republic of China”, United Nations Human Rights Office of the High Commissioner, 31 de agosto de 2022, www.ohchr.org.

Nietzsche, Friedrich

The Will to Power, Vintage Books, Nova Iorque, 1968.

Nyiszli, Miklós

Auschwitz – A Doctor’s Eyewitness Account, Penguin Books, Londres, 2012.

Pellizzi, Camillo

“Problemi e realtà del fascismo”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004.

Panunzio, Sergio

Teoria generale dello stato fascista, 2ª edição, CEDAM, Pádua, 1939;

“Il doppio aspetto del Fascismo”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004;

“La rivoluzione, domani”, *ibidem*.

Partido Comunista da China

“Communiqué on the Current State of the Ideological Sphere”, Gabinete Geral do Comité Central do Partido Comunista da China, 22 de abril de 2013, www.chinafile.com.

Petrovski, Grigori

“An Order for the Expansion of the Red Terror”, setembro de 1918, www.alphahistory.com.

Proudhon, Pierre-Joseph

What is Property? – An Inquiry into the Principle of Right and of Government, Benj. R. Tucker, Princeton, 1876;

“On the Jews”, 1847, Pierre Joseph Proudhon Archive, www.marxists.org.

Rauschnig, Hermann

The Voice of Destruction, G. P. Putnam’s Sons, Nova Iorque, 1940.

Ricci, Berto

La rivoluzione fascista, Aga Editrice, Milão, 2014.

Rocca, Massimo

“Un neo-liberalismo?”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004.

Rocco, Alfredo

L’ora del nazionalismo, Tip. C. Lucci, Roma, 1919;

“La dottrina politica del Fascismo”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004.

Rochelle, Pierre Drieu la

Socialisme fasciste, Ars Magna, Nantes, 2016.

Röhm, Ernst

Why S.A.?, Sons of Liberty, Metairie, 1975;

The Memoirs of Ernst Röhm, Frontline Books, Londres, 2012.

Rosenberg, Alfred

The Myth of the Twentieth Century – An Evaluation of the Spiritual-Intellectual Confrontations of Our Age, Noontide Press, Newport Beach, 1982;

“World Philosophy and Foreign Politics”, in *Fascist Voices – Essays From the ‘Fascist Quarterly’ 1936-1940*, Volume 1, Black House Publishing, Londres, 2018.

Rossoni, Edmondo

“Discorso al V Congresso del PNF”, in Renzo de Felice, *op. cit.*, 2004.

Rousseau, Jean-Jacques

Du contrat social, Flammarion, Paris, 1966.

Serrati, Giacinto

“Il discorso di Serrati”, *Avanti!*, 8 de outubro de 1919.

Shalamov, Varlam

Kolyma Tales, Penguin Books, Londres, 1994.

Smith, Adam

The Wealth of Nations – An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations, Liberty Classics, Indianapolis, 1976.

Solaro, Giuseppe

“Principi della ricostruzione economica”, in Giuseppe Solaro, *Fascismo o Plutocrazia – Gli scritti economici di un fascista di sinistra*, Ciclostile Eclettica Edizione, Massa, 2016;

“Distribuzione della ricchezza”, *Il Lambello*, 10 de outubro de 1940, in Giuseppe Solaro, *idem*;

“Utilità dell’unità europea”, *Libro e Moschetto*, 21 de fevereiro de 1942, *idem*.

“I ricchi, le necessità dello Stato e il ‘nuovo ordine’”, *Libro e Moschetto*, 27 de junho de 1942, *ibidem*;

“Per la nuova Europa”, *Libro e Moschetto*, 4 de julho de 1942, *ibidem*;

“Motivi delle economie unitarie continentali”, *Il Popolo delle Alpi*, 24 de outubro de 1942, *ibidem*;

“Perché bisogna ‘volere’ l’unità d’Europa”, *Il Popolo delle Alpi*, 7 de novembro de 1942, *ibidem*;

“Richiamo alla realtà”, *La Riscossa*, 9 de dezembro de 1943, *ibidem*;

“La nuova struttura económica – il capitalismo e il suo superamento”, *La Stampa*, 3 de fevereiro de 1944, *ibidem*;

“Paradossi e realtà”, *La Stampa*, 29 de março de 1944, *ibidem*;

“Lavoratori italiani, esaminiamo la situazione”, *La Stampa*, 17 de junho de 1944, *ibidem*.

Solzhenitsyn, Aleksandr

The Gulag Archipelago 1918-56 – An Experiment in Literary Investigation, Vintage, Londres, 2018;

Warning to the West – Speeches 1975-1976, Vintage, Londres, 2019.

Sorel, Georges

Réflexions sur la violence, FV Éditions, Paris, 2016;

La décomposition du marxisme, Rivière, Paris, 1910.

Sorokin, Pitirim

A Long Journey – The Autobiography of Pitirim A. Sorokin, College and University Press, New Haven, 1963.

Souvarine, Boris

Cauchemar en URSS, Agone, Marselha, 2001.

Speer, Albert

Inside the Third Reich – Memoirs, Avon Books, Nova Iorque, 1971.

Spirito, Ugo

Il comunismo, Sansoni, Florença, 1965;

Il corporativismo – Dall’economia liberale al corporativismo, i fondamenti della economia corporativa, capitalismo e corporativismo, Sansoni, Florença, 1970.

Steinberg, Isaac

In the Workshop of the Revolution, Rinehart, Nova Iorque, 1953.

Strasser, Otto

Hitler and I, Houghton Mifflin Company, Boston, 1940.

Sung, Kim Il

“On the Establishment of the Workers’ Party of North Korea and the Question of Founding the Workers’ Party of South Korea”, in Kim Il Sung, *The Selected Works*, Prism Key Press, Nova Iorque, 2011;

“On Eliminating Dogmatism and Formalism and Establishing Juche in Ideological Work”, *ibidem*.

Togliatti, Palmiro

Lectures on Fascism, International Publishers, Nova Iorque, 1976;

“Dov’è la forza del fascismo italiano?”, *L’Internazionale Comunista*, 5 de outubro de 1934, associazionestalin.it.

Trotsky, Leon

“Manifesto of the Communist International to the Proletariat of the Entire World”, 6 de março de 1919, in Jane Degras (direção), *The Communist International (1919-1943) Documents*, Volume 1 (1919-1922), The Royal Institute of International Affairs, www.marxists.org, p.38;

“Report of Comrade Trotzky”, 1919, Trotsky Internet Archive, www.marxists.org;

“Nationalism in Lenin”, *Pravda*, 23 de abril de 1920, www.marxists.org;

“The Famine and the World Situation”, 30 de agosto de 1921, Trotsky Internet Archive, www.marxists.org;

“The Trade Unions and the Soviet State”, 1922, Trotsky Internet Archive, www.marxists.org;

“Terrorism”, in Leon Trotsky, *Dictatorship Versus Democracy (Terrorism and Communism)*, Workers Party of America, Nova Iorque, 1922, www.marxists.org;

“The Course of the Civil War”, Quarto Congresso do Comintern, 14 de novembro de 1922, www.marxists.org;

“Five Years of the Russian Revolution”, 24 de novembro de 1922, Trotsky Internet Archive, www.marxists.org;

“The Economic Situation of Soviet Russia from the Standpoint of the Socialist Revolution”, 1 de dezembro de 1922, www.marxists.org;

“The Economic Situation of Soviet Russia”, 9 de janeiro de 1923, Trotsky Internet Archive, www.marxists.org;

“Political Perspectives”, in Leon Trotsky, *The First Five Years of the Communist International*, Volume 2, 1924, Marxist Internet Archive, www.marxists.org;

“Fascism – What Is It?”, *The Militant*, 16 de Janeiro de 1932, www.marxists.org;

The Revolution Betrayed – What Is the Soviet Union and Where is it Going?, 1937, www.marxists.org.

Tsé-tung, Mao

“On Protracted War”, in Mao Tsé-tung, *Selected Works of Mao Zedong*, Marx-Engels-Lenin Institute, Springfield, 2014;

“The Law of the Unity of Contradictions (On Contraction)”, in Mao Tsé-tung, *Mao Zedong on Dialectical Materialism – Writings on Philosophy*, 1937, M. E. Sharpe, Armonk, 1990.

Turati, Filippo

“Discussione”, *Atti Parlamentari*, Camera dei Deputati, Legislatura XXVI, 1ª sessão, Roma, 11 de novembro de 1922.

Weil, Simone

“Préface”, in Shlomo Venezia, *Sonderkommando – Dans l’enfer des chambres à gaz*, Le Livre de Poche, Paris, 2017.

Valois, Georges

L’homme contre l’argent – Souvenirs de dix ans, 1918-1928, Presses Universitaires du Septentrion, Villeneuve d’Ascq, 2012;

“Sorel et l’architecture sociale”, *Cahiers du Cercle Proudhon*, nº3 e 4, maio-agosto de 1912, *op. cit.*, 2007;

“La direction de l’oeuvre proudhonienne et le cas Havély”, *Cahiers du Cercle Proudhon*, nº5 e 6, 1913, *idem*.

Valois, Georges; Darville, Jean; Lagrange, Henri; Maire, Gilbert; De Marans, René; Pascalon, André; Riquier, Marius; Vincent, Albert

“Déclaration”, *Cahiers du Cercle Proudhon*, nº1 – janeiro-fevereiro de 1912, in *op. cit.*, 2007.

Vecchi, Ferruccio

“Fonograma a mano”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de abril de 1920, in Benito Mussolini, *op. cit.*, XIV, 1954.

Venezia, Shlomo

Sonderkommando – Dans l'enfer des chambres à gaz, Le Livre de Poche, Paris, 2017.

Vitkovski, Dimitri

Une vie au goulag, Éditions Belin, Paris, 2015.

Zetkin, Clara

“The Struggle Against Fascism”, Third Plenum of the Executive Committee of the Communist International, 20 de junho de 1923, www.marxists.org.

Fontes secundárias

Acerbi, Giuseppe

Le leggi antiebraiche e razziale italiani ed il ceto dei giuristi, Giuffrè Editore, Roma, 2011.

Ackermann, Ulricke

“Totalitarian Attempts, Anti-Totalitarian Networks: Thoughts on the Taboo of Comparison”, in Helmut Dubiel e Gabriel Motzkin (direção), *The Lesser Evil – Moral Approaches to Genocide Practices*, Routledge, Londres, 2004.

Adler, Alfred

The General System of Individual Psychology – Overview and Summary of Classical Adlerian Theory and Current Practice, Classical Adlerian Translation Project, Bellingham, 2006.

Agnew, Jeremy; e McDermott, Kevin

The Comintern – A History of International Communism from Lenin to Stalin, MacMillan, Londres, 1986.

Agursky, Mikhail

“An Occult Source of Socialist Realism – Gorky and Theories of Thought Transference”, in Bernice Glatzer Rosenthal (direção), *The Occult in Russian and Soviet Culture*, Cornell University Press, Nova Iorque, 1997.

Aislby, Christopher

Waffen-SS – Hitler’s Black Guard at War, Siena, Bristol, 1998.

Alexandre, Laurent

La guerre des intelligences – Comment l’Intelligence Artificielle va révolutionner l’éducation, JCLattès, Paris, 2017.

Alexandre, Laurent; Besnier, Jean-Michel

Les robots font-ils l’amour? – Le transhumanisme em 12 questions, Dunod, Paris, 2017.

Altman, Linda

Genocide – The Systematic Killing of a People, Enslow Publishers, Berkeley Heights, 2009.

Alvarez, Santiago

The Gas Vans – A Critical Investigation, The Barnes Review, Washington DC, 2011.

Anderlini, Jamil

“Patriotic Education Distorts China World View”, *Financial Times*, 23 de dezembro de 2012.

Applebaum, Anne

Gulag – A History, Doubleday, Nova Iorque, 2003;

Red Famine – Stalin’s War on Ukraine, Doubleday, Nova Iorque, 2017.

Arendt, Hannah

The Origins of Totalitarianism, The World Publishing Company, Cleveland, 1962;

Eichmann in Jerusalem – A Report on the Banality of Evil, Penguin Books, Londres, 2006;

La nature du totalitarisme, Éditions Payot et Rivages, Paris, 2018;

“Religion et politique”, *idem*;

Karl Marx, Éditions Payot et Rivages, Paris, 2021;

“From an Interview with Roger Errera”, 1974, maytemunoz.net.

Aron, Raymond

Démocratie et totalitarisme, Gallimard, Paris, 2015 ;

L’Opium des intellectuels, Librairie Asthème Fayard/Pluriel, Paris, 2017.

Asher-Schapiro, Avi

“Chinese Tech Patents Tools That Can Detect, Track Uyghurs”, *Reuters*, 3 de janeiro de 2021, www.reuters.com.

Aycard, Mathilde; Vallaud, Pierre

Russie, révolutions et stalinisme – 1905-1953, Editions Perrin, Paris, 2015.

Ayçoberry, Pierre

La question nazie – Les interprétations du national-socialisme (1922-1975), Éditions du Seuil, Paris, 1979.

Azadovskii, Konstantin; Egorov, Boris

“From Anti-Westernism to Anti-Semitism”, *Journal of Cold War Studies*, 4:1, inverno de 2002, www.harvard.edu.

Bacon, Walter M.

“Romania”, in Teresa Rakowska-Harmstone (direção), *Communism in Eastern Europe*, 2ª edição, Manchester University Press, Manchester, 1984.

Banin, Nives

Il biennio rosso 1919-1920, Edizioni Helicon, Arezzo, 2013.

Barber, John

“The Image of Stalin in Soviet Propaganda and Public Opinion During World War II”, in John Garrard e Carol Garrard (editores), *World War II and the Soviet People – Selected Papers from the Fourth World Congress for Soviet and Eastern European Studies*, Harrogate, 1990, St. Martin’s Press, Nova Iorque, 1993.

Barnes, Steven

Death and Redemption – The Gulag and the Shaping of Soviet Society, Princeton University Press, Princeton, 2011.

Barry, Donald D.; Gingsburgs, George; Maggs, Peter B.

Soviet Law After Stalin – The Citizen and the State in Contemporary Soviet Law, A. W. Sijthoff, Leyden, 1977.

Bartlett, Sir Frederic

Remembering: A Study of Social Psychology, Cambridge University Press, Cambridge, 1997.

Bashford, Alison; Levine, Philippa (direção)

The Oxford Handbook of the History of Eugenics, Oxford University Press, Nova Iorque, 2010.

Beckmann, George

“The Radical Left and the Failure of Communism”, in James William Morley (direção), *The Dilemmas of Growth in Prewar Japan*, Princeton University Press, Princeton, 1971.

Bell, Wilson

“One Day in the Life of Educator Khrushchev – Labour and *Kul’turnost’* in the Gulag Newspapers”, *Canadian Slavonic Papers*, nº3 e 4, Volume 46, 2004.

Bergier, Jacques; Pauwels, Louis

Le matin des magiciens – Introduction au réalisme fantastique, Gallimard, Paris, 2018.

Bernati, Gianluigi

Fascismo – Formazione, evoluzione e caduta del Partito Nazionale Fascista, EmmeKlibri, 2017.

Blanchard, Ben

“China’s Xi Appeals to Youth Patriotism on Centenary of Students Protests”, *Reuters*, 30 de abril de 2019.

Blitstein, Peter

“Nation-Building or Russification? – Obligatory Russian Instruction in the Soviet Non-Russian School, 1938-1953”, in Ronald Suny e Terry Martin (direção), *A State of Nations – Empire and Nation-Making in the Age of Lenin and Stalin*, Oxford University Press, Nova Iorque, 2001.

Bloch, Marc

Introdução à História, Publicações Europa-América, Mem Martins, s/d.

Blumenthal, Dan

The China Nightmare – The Grand Ambitions of a Decaying State, The American Enterprise Institute Press, Washington, 2020.

Bobbio, Norberto

Left and Right – The Significance of a Political Distinction, Polity Press, Cambridge, 2005;

Dal fascismo alla democrazia – I regimi, le ideologie, le figure e le culture politiche, Baldini Castoldi Dalai, Milão, 2008.

Bogdanor, Vernon

“I Believe in Yesterday”, *NewStatesman*, 17 de dezembro de 2009.

Bolinaga, Iñigo

Breve Historia del Fascismo, Ediciones Nowtilus, 3ª edição, Madrid, 2013.

Bonsaver, Guido

Censorship and Literature in Fascist Italy, University of Toronto Press, Toronto, 2007.

Boom, Daniel van

“China’s Police Get Face-Recognizing Glasses Ahead of New Year”, cnet.com, 7 de fevereiro de 2018.

Bourdé, Guy; Martin, Hervé

Les  coles historiques,  ditions du Seuil, Paris, 1983.

Botz, Gerhard

“Austro-Marxist Interpretation of Fascism”, *Journal of Contemporary History*, n 4, Volume 11, outubro de 1976.

Bradenberger, David

National Bolshevism – Stalinist Mass Culture and the Formation of Modern Russian National Identity, 1931-1956, Harvard University Press, Cambridge, 2002;

“... It Is Imperative to Advance Russian Nationalism as the First Priority – Debates Within the Stalinist Ideological Establishment, 1941-1945”, in Ronald Suny e Terry Martin (direção), *op. cit.*, 2001;

“Proletarian Internationalism, ‘Soviet Patriotism’ and the Rise of Russocentric Etatism During the Stalinist 1930s”, *Left History* 6, n 5, Universidade de Richmond, Richmond, 1999.

Brading, Ryan

Populism in Venezuela, Routledge, Nova Iorque, 2013.

Brent, Jonathan

“The Order of Lenin: ‘Find Some Truly Hard People’”, *The New York Times*, 22 de maio de 2017.

Brose, Christian

The Kill Chain – Defending America in the Future of High-tech Warfare, Hachette Books, Nova Iorque, 2021.

Broszat, Martin

“Hitler and the Genesis of the ‘Final Solution’: An Assessment of David Irving’s Theses”, in Michael Robert Marrus (direção), *The Nazi Holocaust – The ‘Final Solution’: The Implementation of Mass Murder*, Volume 1, Meckler, Westport, 1989.

Brown, Kate

A Biography of No Place – From Ethnic Borderland to Soviet Heartland,
Harvard University Press, Cambridge, 2003.

Brown, Timothy

Weimar Radicals – Nazis and Communists Between Authenticity and Performance, Berghahn Books, Nova Iorque, 2009.

Browning, Christopher

Nazi Policy, Jewish Workers, German Killers, Cambridge University Press, Cambridge, 2000;

The Origins of the Final Solution – The Evolution of Nazi Jewish Policy, 1939-1942, Arrow Books, Londres, 2005.

Brovkin, Vladimir

Behind the Front Lines of the Civil War – Political Parties and Social Movements in Russia, 1918-1922, Princeton University Press, Princeton, 1994.

Brustein, William; Roberts, Louisa

The Socialism of Fools? – Leftist Origins of Modern Anti-Semitism,
Cambridge University Press, Nova Iorque, 2015.

Bryant, Chad

Prague in Black – Nazi Rule and Czech Nationalism, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 2009.

Buchignani, Paolo

Marcello Gallian – La battaglia antiborghese di un fascista anarchico,
Bonacci Editore Roma, Roma, 1984;

“L’‘ideologia italiana’: Dal Risorgimento al ‘fascismo rivoluzionario’”,
Nuova Storia Contemporanea – Bimestrale di Studi Storici e Politici sull’Età Contemporanea, nº2, Ano XV, março-abril de 2011.

Bullock, Alan

Hitler and Stalin – Parallel Lives, McClelland & Stewart Inc, Toronto, 1993.

Burrell, Joseph

Republican Treason – Republican Fascism Exposed, Algora Publishing, Nova Iorque, 2008.

Butler, Declan

“Eugenics Scandal Reveals Silence of Swedish Scientists”, *Nature*, nº389, 4 de setembro de 1997.

Bytwerk, Randall

“Nazi Posters: 1933-1939”, <http://www.bytwerk.com/gpa/posters2.htm>.

Cadiot, Juliette; Elie, Marc

Histoire du Goulag, Éditions La Découverte, Paris, 2017.

Caimmi, Michele

“Hitler and Mussolini, a Love-Hate Relationship”, 19 de janeiro de 2020, historyofyesterday.com.

Cain, William

“Orwell’s Essays as a Literary Experience”, in John Rodden (direção), *The Cambridge Companion to George Orwell*, Cambridge University Press, Cambridge, 2007.

Callinicos, Alex

The Revolutionary Ideas of Karl Marx, Haymarket Books, Londres, 2012.

Campos, Ismael

“Repensar o Fascismo”, *Perspectivas – Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, 25 de novembro de 2009.

Camus, Albert

L’homme révolté, Gallimard, Paris, 2015.

Carr, E. H.

O Que É a História? – Palestras Proferidas na Universidade de Cambridge, Gradiva, Lisboa, s/d.

Chabot, Frederico

História do Fascismo Italiano, Arcádia, Lisboa, s/d.

Chaloner, W. H.; Henderson, W. O.

“Marx/Engels and Racism”, *Encounter*, julho de 1975.

Chasseguet-Smirgel, Janine

“Some Thoughts on Freud’s Attitude During the Nazi Period”, in David Meghnagi (direção), *Freud and Judaism*, Karnac Books, Londres, 1993.

Chen, Lai

The Core Values of Chinese Civilization, Springer, Singapura, 2017.

Ciotti, Amedeo

1914-1918 Perché quella guerra – L’Italia nel conflitto, Armando Editore, Roma, 2015.

Cocks, Geoffrey

“Modern Pain and Nazi Panic”, in Paul Betts e Greg Eghigian (direção), *Pain and Prosperity – Reconsidering Twentieth-Century German History*, Stanford University Press, Stanford, 2003.

Cohen, Ariel

Russian Imperialism – Development and Crisis, Praeger Publishers, Westport, 1996.

Conquest, Robert

The Harvest of Sorrow – Soviet Collectivization and the Terror-Famine, Oxford University Press, Nova Iorque, 1987;

The Great Terror – A Reassessment, Oxford University Press, Oxford, 1991.

Combs, James; Combs, Sara

Film Propaganda and American Politics: An Analysis and Filmography, Routledge, Milton Park, 2014.

Conselho de Estado da República Popular da China

Constitution of the People’s Republic of China, 23 de Agosto de 2014, www.gov.cn.

Corni, Gustavo

Fascismo – Condanne e revisioni, Salerno Editrice, Roma, 2011.

Courtois, Stéphane

“Les crimes du communisme”, in Stéphane Courtois, Nicolas Werth, Jean-Louis Panné, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek e Jean-Louis Margolin, *Le livre noir du communisme – Crimes, terreur et répression*, Robert Laffont, Paris, 1997.

Crawford, Jamie; Maestro, Laura Perez; Mendonça, Duarte; e Woodyatt, Amy

“German President Asks for Forgiveness 80 Years After Start of World War II”, CNN, 1 de setembro de 2019.

Cyranoski, David; Reardon, Sara

«Chinese Scientists Genetically Modify Human Embryos», *Nature – International Weekly Journal of Science*, 22 de abril de 2015, www.nature.com.

D’Almeida, Fabrice

Ressources inhumaines – La gestion des gardiens de camps de concentration, Librairie Arthème Fayard/Pluriel, Paris, 2013.

D’Appollonia, Ariane Chebel

L’extrême-droite en France – De Maurras à Le Pen, Éditions Complexe, Paris, 1996.

Davidson, Eugene

The Unmaking of Adolf Hitler, University of Missouri Press, Columbia, 2004.

De Felice, Renzo

Mussolini, il rivoluzionario (1883-1920), Giulio Einaudi Editore, Turim, 1965;

Mussolini, il fascista – La conquista del potere (1921-1925), Giulio Einaudi Editore, Turim, 1966;

Mussolini, il fascista II – L'organizzazione dello Stato Fascista (1925-1929), Giulio Einaudi Editori, Turim, 1968;

Mussolini, il duce – Gli anni del consenso (1929-1936), Giulio Einaudi Editore, Turim, 1974;

Mussolini, l'alleato – La guerra civile (1943-1945), Giulio Einaudi Editore, Turim, 1997;

Il fascismo – Le interpretazione dei contemporanei e degli storici, Editori Laterza, Roma, 1970;

Intervista sul fascismo, Editori Laterza, Roma, 1975;

Storia degli ebrei italiani sotto il fascismo, Volume 1, Arnoldo Mondadori Editore, Milão, 1977;

Storia degli ebrei italiani sotto il fascismo, Volume 2, Arnoldo Mondadori Editore, Milão, 1977;

Rosso e Nero, 3ª edição, Baldini & Castoldi, Milão, 1995;

Brève histoire du fascisme, Editions Audibert, Paris, 2002;

Le interpretazioni del fascismo, Editori Laterza, Roma, 2012;

Fascismo, Casa Editrice Le Lettere, Florença, 2016;

Mussolini e Hitler – I rapporti segreti 1922-1933, Editori Laterza, Roma, 2018.

DiEdoardo, Christina Ann-Marie

Torture and Enhanced Interrogation – A Reference Handbook, ABC-CLIO, Santa Barbara, 2020.

DiScala, Spencer

“Benito Mussolini, i riformisti e la Grande Guerra”, in Emilio Gentile e Spencer DiScala (direção), *Mussolini socialista*, Editori Laterza, Bari, 2015.

DiScala, Spencer; Gentile, Emilio

Mussolini socialista, Editori Laterza, Roma, 2015.

Deletant, Dennis

Hitler's Forgotten Ally – Ion Antonescu and His Regime, Romania 1940-1944, Palgrave MacMillan, Houndmills, 2007.

Deleuze, Gilles

L'image-temps, Cinéma 2, Les Éditions du Minuit, Paris, 1985.

Dessein, Bart

“Central Asia Between China and Europe – Reflections on Historical Identity”, in Fabienne Bossuyt e Bart Dessein (direção), *The European Union, China and Central Asia – Global and Regional Cooperation in a New Era*, Routledge, Nova Iorque, 2022.

Dolot, Miron

Execution by Hunger – The Hidden Holocaust, W. W. Norton & Company, Nova Iorque, 1985.

Donnini, Guido

Il 1917 di Russia nella stampa italiana, A. Giuffré Editore, Milão, 1976.

Dorsey, James

“From Ideological Literature to a Literary Ideology: ‘Conversion’ in Wartime Japan”, in Dennis Washburn e Kevin Reinhart (direção), *Converting Cultures – Religion, Ideology, and Transformations of Modernity*, Brill, Boston, 2007.

Dorso, Guido

Mussolini alla conquista del potere, Mauro Lissro Editore, 2018.

Doshi, Rush

The Long Game – China’s Grand Strategy to Displace American Order, Oxford University Press, Nova Iorque, 2021.

Dreyfus, François-Georges

“Les sources socialistes du fascisme”, in Club de l’Horloge, *Socialisme et fascisme – Une même famille?*, Albin Michel, Paris, 1984.

Ducoulombier, Romain

Histoire du communisme, Presses Universitaires de France, Paris, 2014.

Dundivich, Elena; Gori, Francesca; e Guercetti, Emanuela

“Italian Emigration in the USSR”, in Elena Dundivich, Francesca Gori e Emanuela Guercetti (direção), *Reflections on the Gulag – With a*

Documentary Appendix on the Italian Victims of Repression in the USSR, Feltrinelli Editore, Milão, 2001.

Durandin, Catherine

“Le système Ceausescu – Utopie totalitaire et nationalisme insulaire”, *Vingtième Siècle – Revue d’histoire*, nº25, janeiro-março de 1990.

Eco, Umberto

“Ur-Fascism”, *The New York Review of Books*, 22 de junho de 1995.

Elton, G. R.

The Practice of History, The Fontana Library, Londres, 1969.

Engdahl, Sylvia

The Bolshevik Revolution, Greenhaven Press, Farmington Hills, 2014.

Epstein, Simon

Les Dreyfusards sous l’Occupation, Albin Michel, Paris, 2001.

Enstad, Johannes Due

Soviet Russian under Nazi Occupation – Fragile Loyalties in World War II, Cambridge University Press, Cambridge, 2018.

Ericson, Edward

“Karl Schnurre and the Evolution of Nazi-Soviet Relations, 1936-1941”, *German Studies Review*, Volume 21, Número 2, maio de 1998.

Everdell, William

The First Moderns – Profiles in the Origins of Twentieth-Century Thought, The University of Chicago Press, Chicago, 1997.

Fabei, Stefano

I neri e i rossi – Tentativi di conciliazione tra fascisti e socialisti nella Repubblica di Mussolini, Ugo Mursia Editore, Milão, 2011.

Facchini, Giovanni

“Filippo Corridoni sindacalista rivoluzionario”, Centro Studi La Runa, 6 de novembro de 2015, www.centrostudilaruna.it

Ferreira, Marta Leite

“Coreia do Norte – Dentro do Metro Mais Misterioso do Mundo”, *Observador*, 21 de abril de 2016.

Ferro, Marc

Les Tabous de l’histoire, Robert Laffont, Paris, 2013.

Ferry, Luc

La révolution transhumaniste – Comment la technomédecine et l’uberisation du monde vont bouleverser nos vies, Éditions J’ai lu, Paris, 2017.

Festinger, Leon; Riecken, Henry W.; Schachter, Stanley

When Prophecy Fails – A Social and Psychological Study of a Modern Group that Predicted the Destruction of the World, CrossReach Publications, 2016.

Figes, Orlando

Revolutionary Russia, 1891-1991, Pelican Books, Londres, 2014.

Filippi, Francesco

Y a-t-il de bons dictateurs? Mussolini, une amnésie historique, La Librairie Vuibert, Paris, 2020.

Fincher, Leta Hong

“China’s Women’s Movement Has Not Only Survived an Intense Crackdown, It’s Grown”, *The Guardian*, 7 de março de 2019.

Fine, Robert

“Karl Marx and the Radical Critique of Anti-Semitism”, *Engage Journal*, nº2, maio de 2006.

Fischer, Conan

The Rise of the Nazis, 2ª edição, Manchester University Press, Manchester, 2002.

Fischman, Dennis

Political Discourse in Exile – Karl Marx and the Jewish Question, The University of Massachusetts Press, Amherst, 1991.

Fitzpatrick, Sheila; Rabinowitch, Alexander; Stites, Richard (direção)

Russia in the Era of NEP – Explorations in Soviet Society and Culture, Indiana University Press, Bloomington e Indianapolis, 1991.

Fler, Marion de

“Le Mouvement socialiste (1899-1914)”, *Cahiers Georges Sorel*, nº1, Volume 5, 1987.

Foglietta, Luciano; Mazzuca, Alberto

Mussolini e Nenni – Amici nemici, Minerva Edizioni, Argelato, 2015.

Foucault, Michel

Dits et écrits, 3º volume, Éditions Gallimard, Paris, 1994.

Franzinelli, Mimmo

Fascismo anno zero – 1919: la nascita dei Fasci italiani di combattimento, Mondadori, Milão, 2019.

Freud, Sigmund

The Future of an Illusion, W. W. Norton & Company, Nova Iorque, 1961.

Friedlander, Henry

The Origins of Nazi Genocide – From Euthanasia to the Final Solution, The University of North Carolina Press, Chapel Hill, 1995.

Fritz, Stephen

“Reflections on Antecedents of the Holocaust”, *The History Teacher*, nº2, Volume 23, Society for History Education, fevereiro de 1990.

Furet, François

Le passé d'une illusion – Essai sur l'idée communiste au XXe siècle, Le Livre de Poche, Paris, 2016.

Furet, François; Nolte, Ernst

Fascism & Communism, University of Nebraska Press, Londres, 2004.

Galimi, Valeria

“Politica della razza, antisemitismo, Shoah”, *Studi Storici*, nº1, Anno 55, janeiro-março de 2014, Fondazione Istituto Gramsci.

Galli, Giorgio

Storia del socialismo italiano, Editori Laterza, Bari, 1983.

Gan, Nectar

“‘Unify Minds’: President Xi Jinping Makes Ideological Rallying Call to China’s Communist Party Propaganda Cadres”, *South China Morning Post*, 22 de agosto de 2018.

Gandy, Ross

Marx and History – From the Primitive Society to the Communist Future, University of Texas Press, Austin, 1979.

Gauchet, Marcel

À l’épreuve des totalitarismes – 1914-1974, L’avènement de la démocratie, III, Gallimard, Paris, 2017.

Gellately, Robert

Lenin, Stalin and Hitler – The Age of Social Catastrophe, Vintage, Londres, 2008.

Gellner, Ernest

Nations and Nationalism, 2ª edição, Cornell University Press, Ithaca, 2006.

Gentile, Emilio

Qu’est-ce que le fascisme? – Histoire et interprétation, Gallimard, Paris, 2004;

Les religions de la politique – Entre démocraties et totalitarismes, Editions du Seuil, Paris, 2005;

Contro Cesare – Cristianesimo e totalitarismo nell'epoca dei fascismi, Feltrinelli, Milão, 2010;

Le origini dell'ideologia fascista, 1918-1925, Società Editrice Il Mulino, Bolonha, 2011;

Fascismo di pietra, Editori Laterza, Roma, 2015;

Mussolini contro Lenin, Editori Laterza, Bari, 2017;

“Benito Mussolini: i reformisti e la Grande Guerra”, in Emilio Gentile e Spencer DiScala (direção), *op. cit.*, 2015;

“Un Mussolini un po’ russo”, *Il Sole 24 Ore*, 4 de maio de 2017.

Gertz, Bill

Deceiving the Sky – Inside Communist China's Drive for Global Supremacy, Encounter Books, Nova Iorque, 2021.

Gervasoni, Marco

“Mussolini: um sindicalista revolucionário?”, in Emilio Gentile e Spencer DiScala (direção), *op. cit.*, 2015.

Gilbert, Martin

The Holocaust – A History of the Jews of Europe During the Second World War, Holt, Rinehart and Winston, Nova Iorque, 1986.

Giordano, Chiara

“Chinese Sperm Bank Seeks Donor That ‘Love the Socialist Motherland and Embrace the Leadership of the Communist Party’”, *The Independent*, 14 de abril de 2018.

Goble, Paul

“Moscow Needs a New Anti-Cosmopolitan Campaign, Russian Historian Says”, 28 de abril de 2014, www.interpretermag.com

Goeschel, Christian; Wachsmann, Nikolaus

“Before Auschwitz: The Formation of the Nazi Concentration Camps, 1933-9”, *Journal of Contemporary History*, Sage Publications, nº3, Volume 45, julho de 2010.

Goldberg, Jonah

Liberal Fascism – The Secret History of the American Left from Mussolini to the Politics of Meaning, Doubleday, Nova Iorque, 2007.

Goldstein, Ivo; Goldstein, Slavko

The Holocaust in Croatia, University of Pittsburgh Press, Pittsburgh, 2016.

Goodrick-Clarke, Nicholas

The Occult Roots of Nazism – Secret Aryan Cults and their Influence on Nazi Ideology, Tauris Park Paperbacks, Londres, 2005.

Gorenburg, Dmitry

“Soviet Nationalities Policy and Assimilation”, Universidade de Harvard, Boston, www.people.fas.harvard.edu

Graham, Dave

“New book reveals horror of Nazi camp brothels”, *Reuters*, 17 de agosto de 2009.

Grandi, Aldo

I giovani di Mussolini – Fascisti convinti, fascisti pentiti, antifascisti, Baldini & Castoldi, Milão, 2001.

Granzotto, Paolo

“Anche Pietro Nenni è stato un Duce, ma per un giorno...”, *il Giornale.it*, 4 de setembro de 2010.

Granzow, Brigitte

A Mirror of Nazism – British Opinion and the Emergence of Hitler (1929-1933), Victor Gollancz, Londres, 1964.

Graziosi, Andrea; Hajda, Lubomyr; e Hryn, Halyna

After the Holodomor – The Enduring Impact of the Great Famine on Ukraine, Harvard University Press, Cambridge, 2013.

Gregor, James

The Fascist Persuasion in Radical Politics, Princeton University Press, Princeton, 1974;

Phoenix – Fascism in Our Time, Transaction Publishers, New Brunswick, 1999;

The Faces of Janus – Marxism and Fascism in the Twentieth Century, Yale University Press, New Haven, 2000;

A Place in the Sun – Marxism and Fascism in China's Long Revolution, Westview Press, Oxford, 2000;

Mussolini's Intellectuals – Fascist Social and Political Thought, Princeton University Press, Princeton, 2005;

The Search for Neofascism – The Use and Abuse of Social Science, University of California, Berkeley, 2006;

Marxism, Fascism, and Totalitarianism – Chapters in the Intellectual History of Radicalism, Stanford University Press, Stanford, 2009;

Interpretations of Fascism, Transaction Publishers, New Brunswick, 2009;

Totalitarianism and Political Religion – An Intellectual History, Stanford University Press, Stanford, 2012;

Sergio Panunzio – Il sindacalismo ed il fondamento razionale del fascismo, Biblioteca del Covo, 2014;

“Fascism and Modernization: Some Addenda”, *World Politics*, nº3, Volume 26, abril de 1974, Cambridge University Press;

“Professor Renzo De Felice and the Fascist Phenomenon”, *World Politics*, nº3, Volume 30, abril de 1978, Cambridge University Press.

Griffin, Helga

“Not the Way It Essentially Was”, *The Journal of Pacific History*, Volume 28, nº1, junho de 1993.

Griffin, Roger

The Nature of Fascism, Routledge, Abingdon, 2006;

“‘I am no longer human. I am Titan. A god!’: The Fascist Quest to Regenerate Time”, in Matthew Feldman (direção), *A Fascist Century – Essays by Roger Griffin*, Palgrave MacMillan, Houndmills, 2008.

Grossman, Vasily

Forever Flowing, Northwestern University Press, Evanston, 2000.

Grotti, Leoni

“‘Torturate e massacrare dal lavoro’. Così vengono ‘rieducate’ le donne nel gulag cinese di Masanjia”, *Tempi*, 10 de abril de 2013.

Hale, Christopher

Himmler's Crusade – The True Story of the 1938 Nazi Expedition Into Tibet, Bantam Books, Londres, 2004.

Hamilton, Clive; Ohlberg, Mereike

Hidden Hand – How the Chinese Communist Party is Reshaping the World, Oneworld Publications, Londres, 2021.

Hammer, Darrell

“Russia Irredentia: Soviet Nationality Policy Reappraised”, The National Council for Soviet and East European Research, Washington, 1997.

Hammer, Joshua

“Vladimir Lenin’s Return Journey to Russia Changed the World Forever”, *Smithsonian Magazine*, março de 2017, Smithsonian.com.

Hancock, Eleanor

“The Purge of the SA Reconsidered: ‘An Old Putschist Trick’?”, *Central European History*, nº4, Volume 44, Cambridge University Press, dezembro de 2011.

Harari, Yuval Noah

Homo Deus – A Brief History of Tomorrow, Vintage, Londres, 2017.

Harle, Vilho

The Enemy with a Thousand Faces – The Tradition of the Other in Western Political Thought and History, Praeger Publisher, Westport, 2000.

Havel, Václav

Living in Truth – 22 Essays Published on the Occasion of the Erasmus Prize to Václav Havel, Faber & Faber, Londres, 1990.

Harvey, Richard

Hitler and the Third Reich, Stanley Thornes Publishers, Cheltenham, 1998.

Hayek, Friedrich

Why I Am Not a Conservative, Occasional Papers, The Centre for Independent Studies, Auckland, 1992;

The Road to Serfdom, Routledge, Londres, 2001.

Hite, Kenneth

The Nazi Occult, Osprey Publishing, Oxford, 2013.

Hoffmann, David

Cultivating the Masses – Modern State Practices and Soviet Socialism, 1914-1939, Cornell University Press, Ithaca, 2011.

Holquist, Peter

Making War, Forging Revolution – Russia's Continuum of Crisis, 1914-1921, Harvard University Press, Cambridge, 2002;

“‘Conduct Merciless Terror’: Decossackization on the Don, 1919”, *Cahiers du Monde Russe*, nº1-2, Volume 38, Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1997;

“To Count, to Extract, and to Exterminate – Population Statistics and Population Politics in Late Imperial and Soviet Russia”, in Ronald Suny e Terry Martin (direção), *op. cit.*, 2001.

Hoston, Germaine

Marxism and the Crisis of Development in Prewar Japan, Princeton University Press, Princeton, 1986;

“The Limits of Marxism as Cultural Criticism”, in Stephen Large (direção), *Showa Japan – Political, Economic and Social History 1926-1989*, Volume I, Routledge, Londres, 1998;

“*Tenko*: Marxism and the National Question in Prewar Japan”, *Polity*, nº1, Volume 16, The University of Chicago Press, outono de 1983.

Isnenghi, Mario

La grande guerra, Giunti Gruppo Editoriale, Florença, 2002.

Jablonsky, David

“Röhm and Hitler: The Continuity of Political-Military Discord”, *Journal of Contemporary History*, nº3, Volume 3, Sage Publications, julho de 1988.

Jansen, Marc

A Show Trial Under Lenin – The Trial of the Socialist Revolutionaries, Moscow 1922, Martinus Nijhoff Publishers, Haia, 1982.

Jerman, Tom

Santa Claus Worldwide – A History of St Nicholas and Other Holiday Gift-Bringers, McFarland & Company Publishers, Jefferson, 2020.

Jisheng, Yang

Stèles – La grande famine en Chine 1958-1961, Éditions du Seuil, Paris, 2012.

Johnson, Paul

Modern Times – The World from the Twenties to the Nineties, revised edition, HarperCollinsPublishers, Nova Iorque, 1991;
A History of the Jews, HarperPerennial, Nova Iorque, 1988.

Joll, James; Martel, Gordon

The Origins of the First World War, Pearson Longman, 3ª edição, Harlow, 2007.

Jones, Adam

Genocide – A Comprehensive Introduction, 2ª edição, Routledge, Milton Park, 2011.

Jones, Nigel

The Birth of the Nazis – How the Freikorps Blazed a Trail for Hitler, Robinson, Londres, 2017.

Julicher, Peter

‘Enemies of the People’ Under the Soviets – A History of Repression and Its Consequences, McFarland & Company Publishers, Jefferson, 2015.

Kantowicz, Edward

The Rage of Nations, William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, 1999.

Kass, Leon

Beyond Therapy: Biotechnology and the Pursuit of Happiness – A Report of the President’s Council on Bioethics, Washington, 2003, www.bioethics.gov.

Keaten, James; Lederer, Edith

“UN Cites China for ‘Serious Human Rights Violations’ in its Treatment of Uyghur Muslims”, *USA Today*, 1 de setembro de 2022.

Kershaw, Ian

Hitler – 1889-1936: Hubris, Allen Lane The Penguin Press, Londres, 1998.

Khalid, Adeeb

“Nationalizing the Revolution in Central Asia – The Transformation of Jadidism, 1917-1920”, in Ronald Suny e Terry Martin (direção), *op. cit.*, 2001.

Khazanov, Anatoly

“Marxism-Leninism as a Secular Religion”, in Roger Griffin, Robert Mallett e John Tortorice (direção), *The Sacred in Twentieth-Century Politics – Essays in Honour of Professor Stanley G. Payne*, Palgrave MacMillan, Nova Iorque, 2008.

Kitchen, Martin

Fascism, MacMillan, Londres, 1985.

Klid, Bohdan

“The Famine of 1932/1933 in Soviet Ukraine”, in Declan Curran, Lubomyr Luciuk e Andrew Newby (direção), *Famines in European Economic History – The Last Great European Famines Reconsidered*, Routledge, Londres, 2015.

Koenigsberg, Richard

The Nation – A Study in Ideology and Fantasy, Information Age Publishing, Charlotte, 2008.

Korey, William

“The Origins and Development of Soviet Anti-Semitism: An Analysis”, *Slavic Review*, nº1, Volume 31, março de 1972.

Kort, Michael

The Soviet Colossus – History and Aftermath, 5ª edição, M. E. Sharpe, Armonk, 2001.

Kotkin, Stephen

Stalin – Waiting for Hitler, 1929-1941, Penguin Press, Nova Iorque, 2017.

Kowalski, Ronald

The Russian Revolution: 1917-1921, Routledge, Londres, 2005.

Kuhl, Stefan

For the Betterment of the Race – The Rise and Fall of the International Movement for Eugenics and Racial Hygiene, Palgrave Macmillan, Nova Iorque, 2013.

Kuhn, Anthony

“In Changing China, Being ‘Suicided’ Or ‘Harmonized’”, National Public Radio, 19 de março de 2010.

Kuo, Lily

“‘All Necessary Means’: Xi Jinping Reserves Right To Use Force Against Taiwan”, *The Guardian*, 2 de janeiro de 2019;

“China Bans 23m from Buying Travel Tickets as Part of ‘Social Credit’ System”, *The Guardian*, 1 de março de 2019.

Kurlander, Eric

Hitler’s Monsters – A Supernatural History of the Third Reich, Yale University Press, New Haven, 2017.

Lamb, Peter

Marx and Engels 'Communist Manifesto': A Reader's Guide, Bloomsbury, Londres, 2015.

Lamendola, Francesco

“La svolta di De Ambris per la guerra del 1914 è la chiave per comprendere quella di Mussolini”, 14 de março de 2012, www.ariannaeditrice.it

Langbein, Hermann

Hommes et femmes à Auschwitz, Texto, Paris, 2011.

Lant, Karla

“China's 'Minority Report' Style Plans Will Use AI to Predict Who Will Commit Crimes”, futurism.com, 25 de julho de 2017.

Le Moal, Frédéric

Histoire du fascisme, Perrin, Paris, 2018.

Lezzi, Luca

“‘Angelo Oliviero Olivetti’: ritratto di um sindacalista integrale’, *Oltre la Linea*, 27 de dezembro de 2019, www.oltrelalinea.news.

Li, Jian; Xue, Eryong

Shaping Education Reform in China – Overviews, Policies and Implications, Springer, Singapura, 2020.

Lichtheim, George

A Short History of Socialism, Flamingo, Londres, 1983.

Lipovetsky, Gilles

“O capitalismo é que é a grande força revolucionária”, *Público*, 23 de janeiro de 2019, www.publico.pt.

Lisboa, Douglas

“Origens marxistas do fascismo”, Universidade Federal da Baía, Baía, 2017.

Liu, Chuyu; Ma, Xiao

“Popular Threats and Nationalistic Propaganda: Political Logic of China’s Patriotic Campaign”, *Security Studies*, 24 de julho de 2018.

Luparini, Alessandro

Anarchici di Mussolini – Dalla sinistra al fascismo tra rivoluzione e revisionismo, M. I. R. Edizione, Montespertoli, 2001.

Lynskey, Dorian

The Ministry of Truth – A Biography of George Orwell’s 1984, Picador, Londres, 2019.

Mai, Jun

“Chinese President Xi Jinping’s Call for ‘Socialist Arts’ Sparks Fear Over Creative Freedom”, *South China Morning Post*, 21 de outubro de 2015.

Maier, Hans (direção)

Totalitarianism and Political Religions – Volume I: Concepts for the Comparison of Dictatorships, Routledge, Milton Park, 2009.

Malamud, Andrés

“El legado de Fidel es el nacionalismo, no el comunismo”, *La Nación*, Buenos Aires, 30 de novembro de 2016.

Mancini, Roberto

Oltre destra e sinistra: il socialismo fascista, Ilibridel Borghese, Roma, 2015;

Storia della Repubblica Sociale, Ilibridel Borghese, Roma, 2017.

Mandelstam, Nadezhda

Hope Against Hope – A Memoir, Atheneum Books, Nova Iorque, 1983.

Mann, Michael

Fascists, Cambridge University Press, Cambridge, 2004.

Margolin, Jean-Louis

“Chine: une longue marche dans la nuit”, in Stéphane Courtois, Nicolas Werth, Jean-Louis Panné, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek e Jean-Louis Margolin, *op. cit.*, 1997.

Marin, Manuela

“The Nationalistic Discourse in Communist Romania – A General Perspective”, *Studia Universitatis ‘Babes-Bolyai’ – Historia*, n°2, Volume 56, Cluj, dezembro de 2011.

Marrou, Henri-Irénée

De la connaissance historique, Éditions du Seuil, Paris, s/d.

Martellini, Luigi

“Curzio Malaparte: La rivolta dei santi maledetti”, *Cuadernos de Filología Italiana*, Volume 22, 2015.

Martin, Terry

The Affirmative Action Empire – Nations and Nationalism in the Soviet Union, 1923-1939, Cornell University Press, Ithaca, 2001;

“The Origins of Soviet Ethnic Cleansing”, *Journal of Modern History*, n°4, Universidade de Harvard, Cambridge, 1998;

“An Affirmative Action Empire – The Soviet Union as the Highest Form of Imperialism”, in Ronald Suny e Terry Martin (direção), *op. cit.*, 2001.

Masulli, Marco

“Il rapporto tra il sindacalismo rivoluzionario e le origini del fascismo: appunti di lavoro”, *Diacronie – Studi di Storia Contemporanea*, n°17, Volume 1, 2014.

Matard-Bonucci, Marie-Anne

L'Italie fasciste et la persécution des juifs, Presses Universitaires de France, 2012, Paris.

Mayer, Arno

The Furies – Violence and Terror in the French and Russian Revolutions, Princeton University Press, Princeton, 2002.

McDonough, Frank

The Gestapo – The Myth and Reality of Hitler’s Secret Police, Skyhorse Publishing, Nova Iorque, 2017.

Merridale, Catherine

Night of Stone – Death and Memory in Russia, Granta Books, Londres, 2000.

Mikhailov, Alexandre

Monster: A Portrait of Stalin in Blood, Alexander Ivankin (realização), Contact Film Studio, Moscovo, 1991.

Molnár, Miklos

Marx, Engels et la politique internationale, Éditions Gallimard, Paris, 1975.

Moncourt, André; Smith, J.

The Red Army Faction – A Documentary History. Volume I: Projectiles from the People, PM Press and Kersplebedeb, Montreal, 2009.

Moncure, Billy

“How Communists in Germany Allied with Nazis to Destroy Democracy”, 28 de setembro de 2018, www.warhistoryonline.com.

Monod, Jacques

Le hasard et la nécessité – Essai sur la philosophie naturelle de la biologie moderne, Éditions du Seuil, Paris, 2014.

Mosse, George

Fallen Soldiers – Reshaping the Memory of the World Wars, Oxford University Press, Oxford, 1990.

Mukherjee, Subrata; Ramaswamy, Sushila

A History of Political Thought – Plato to Marx, Phi Learning Private Limited, 2ª edição, Nova Delhi, 2011.

Muravchik, Joshua

Heaven on Earth – The Rise and Fall of Socialism, Encounter Books, São Francisco, 2002.

Murray, Williamson, e Millett, Allan Reed

A War to be Won – Fighting the Second World War, The Belknap Press, Harvard College, Cambridge, 2001.

Nahaylo Bohdan; Swoboda, Victor

Soviet Desunion – A History of the Nationalities Problem in the USSR, The Free Press, Nova Iorque, 1990.

Najita, Tetsuo e Harootunian, H. D.

“Japan’s Revolt Against the West”, in Bob Tadashi Wakabayashi (direção), *Modern Japanese Thought*, Cambridge University Press, Cambridge, 1999.

Nemeth, Charlan

No! – The Power of Disagreement in a World that Wants to Get Along, Atlantic Books, Londres, 2019.

Ng, Ellie

“‘Race Traitors’: Pro-Beijing Papers Accuse Democracy Figures of Inviting US to Interfere in Hong Kong”, *Hong Kong Free Press*, 4 de maio de 2017.

Nolte, Ernst

La guerre civile européenne – National-socialisme et bolchevisme 1917-1945, Editions Perrin, Paris, 2011;

Les fondements historiques du national-socialisme, Pocket, Paris, 2004.

Northrop, Douglas

“Nationalizing Backwardness – Gender, Empire, and Uzbek Identity”, in Ronald Suny e Terry Martin (direção), *op. cit.*, 2001.

Norwood, Stephen

Antisemitism and the America Far Left, Cambridge University Press, Nova Iorque, 2013.

Nyomarkay, Joseph

Charisma and Factionalism in the Nazi Party, University of Minnesota Press, Minneapolis, 1967.

O'Connor, Kevin

Intellectuals and Apparatchiks – Russian Nationalism and the Gorbachev Revolution, Lexington Books, Plymouth, 2008.

Orwell, George

“The Prevention of Literature”, in George Orwell, *On Truth*, Harvill Secker, Londres, 2017;

“Publication of *Animal Farm*; ‘The Freedom of the Press’”, *idem*;

“Notes on Nationalism”, *ibidem*;

“Literary Criticism IV: Literature and Totalitarianism”, *ibidem*;

“Looking Back on the Spanish War”, *ibidem*;

“The Lion and the Unicorn: Socialism and the English Genius”, in George Orwell, *Why I Write*, Penguin Books, Londres, 2004;

“Politics and the English Language”, *idem*;

“The Freedom of the Press”, *The New York Times*, 8 de outubro de 1972.

Animal Farm, Penguin Books, Londres, 1989;

Nineteen Eighty-Four, Penguin Books, Londres, 2013.

Overy, Richard

Interrogations – The Nazi Elite in Allied Hands, 1945, The Penguin Press, Londres, 2001.

Pallavidini, Renato

Dalla crisi alla diaspora – Il giovane Mussolini e Lenin: volontarismo e rivoluzione socialista nel materialismo, Società Editrice Barbarossa, Milão, 1996.

Pang, Amelia

Made in China – A Prisoner, An SOS Letter, and the Hidden Cost of America's Cheap Goods, Algonquin Books of Chapel Hill, Chapel Hill, 2022.

Paniagua, Javier

Breve Historia del Socialismo y del Comunismo, Ediciones Nowtilus, 3ª edição, Madrid, 2013.

Parlato, Giuseppe

La sinistra fascista – Storia de um progetto mancato, Società Editrice Il Mulino, Bolonha, 2008.

Passmore, Kevin

Fascism – A Very Short Introduction, Oxford University Press, Oxford, 2014.

Pavelescu, Alina

“Le *Conducator*, le Parti et le Peuple – Le discours nationaliste comme discours de légitimation dans la Roumanie de Ceausescu (1965-1989)”, Programme doctoral Europe, Institut d’Études Politiques de Paris, Paris, 2009.

Payne, Robert

Marx, W. H. Allen & Company, Londres, 1968;

A History of Fascism, 1914-1945, Routledge, Nova Iorque, 1995;

“Interpretations of Fascism”, in Roger Griffin e Matthew Feldman (direção), *Fascism – Critical Concepts in Political Science*, Routledge, Londres, 2004.

Pellicani, Luciano

Dalla società chiusa alla società aperta, Rubbettino Editore, Soveria Mannelli, 2002.

Petrescu, Dragoş

“Communist Legacies in the ‘New Europe’: History, Ethnicity, and the Creation of a ‘Socialist’ Nation in Romania, 1945-1989”, in Konrad Jarausch e Thomas Lindenberger (direção), *Conflicted Memories – Europeanizing Contemporary Histories*, Berghahn Books, Nova Iorque, 2011.

Pinto, António Costa

“Fascist Ideology Revisited: Zeev Sternhell and His Critics”, *European History Quarterly*, outubro de 1986.

Pipes, Richard

The Russian Revolution, Vintage Books, Nova Iorque, 1991;

Russia Under the Bolshevik Regime, 1ª edição, Alfred A. Knopf, Nova Iorque, 1993.

Plokhy, Serhii

Lost Kingdom – A History of Russian Nationalism From Ivan the Great to Vladimir Putin, Penguin Books, Londres, 2018;

“The Call of Blood – Government Propaganda and Public Response to the Soviet Entry into World War II”, *Cahiers du Monde Russe*, 2011, www.journals.openedition.org.

Poliakov, Léon

La condition des juifs en France sous l’occupation italienne, Éditions du Centre, Paris, 1946.

Popper, Karl

The Open Society and Its Enemies, Princeton University Press, Princeton, 2013.

Poulantzas, Nicos

Fascism and Dictatorship – The Third International and the Problem of Fascism, Verso, Londres, 2018.

Powell, Jim

Wilson’s War – How Woodrow Wilson’s Great Blunder Led to Hitler, Lenin, Stalin & WWII, Crown Forum, Nova Iorque, 2005.

Procacci, Giovanna

“Gli interventisti di sinistra, la rivoluzione di febbraio e la politica interna italiana nel 1917”, *Italia contemporanea*, nº138, março de 1980.

Randazzo, Francesco

“From Russia to the USSR: The Italy-Soviet Relations During the Years of the Communist Uprising and the March on Rome”, *Prace Historyczne*, Zeszytów Naukowych Uniwersytetu Jagiellońskiego, Cracovia, 2017.

Rausch, Joseph A.

“The Significance of Nationalism for the Spread of Communism to Vietnam and Cuba”, Virginia Polytechnic Institute and State University, Blacksburg, 2011.

Reemtsma, Jan Philipp

Trust and Violence – An Essay on a Modern Relationship, Princeton University Press, Princeton, 2012.

Rees, Laurence

Auschwitz – The Nazis & The ‘Final Solution’, BBC Books, Londres, 2005;

Holocausto – Uma Nova História, Vogais, Amadora, 2017.

Reich, Wilhelm

The Mass Psychology of Fascism, Farrar, Straus and Giroux, Nova Iorque, 1970.

Renton, Dave

Fascism – Theory and Practice, Pluto Press, Londres, 1999.

Ricoeur, Paul

“L’histoire comme récit”, *La narrativité*, CNRS, Paris, 1980.

Rimbotti, Luca

Il fascismo di sinistra – Da piazza San Sepolcro al Congresso di Verona, Edizione Settimo Sigillo, Roma, 1989;

Fascismo rivoluzionario – Il fascismo di sinistra dal sansepolcrismo all’Repubblica Sociale, Passaggio al Bosco, 2018.

Roberts, David D.

The Syndicalist Tradition and Italian Fascism, The University of North Carolina Press, Chapel Hill, 1979;

Fascist Interactions – Proposals for a New Approach to Fascism and Its Era, 1919 – 1945, Berghahn, Nova Iorque, 2016.

Rocha, Martins da; Serén, Maria do Carmo

Sistemas Ordenadores na Evolução da Produção Histórica – Da História Positivista à Nova História, Edições Asa, Lisboa, 1984.

Roe, Paul

Ethnic Violence and the Societal Security Dilemma, Routledge, Abingdon, 2005.

Rogers, Kendall

Before the Revisionist Controversy – Kautsky, Bernstein, and the Meaning of Marxism, 1895-1898, Routledge, Nova Iorque, 2015.

Rosenthal, Bernice Glatzer

New Myth, New World – From Nietzsche to Stalinism, The Pennsylvania State University Press, University Park, 2002.

Rosi, Alessandro

“I fascisti sapevano tutto sugli orrori del nazismo”, 15 de novembro de 2019, www.lumsanews.it.

Rossi, Ernesto

I padroni del vapore, Editori Laterza, Bari, 1955.

Rossiello, Antonio

Le origini della storiografia revisionista in Francia: François Duprat – Dall’Internazionalismo Trotskyista al socialismo nazional-rivoluzionario, Volume 1, Youcanprint, Tricase, s/d.

Rubenstein, Joshua

“Deliberate Inaction: Soviet Policies and Holodomor”, in Paul Bartrop (direção), *Modern Genocide – Analyzing the Controversies and Issues*, ABC-CLIO, Santa Barbara, 2018.

Rühle, Otto

“The Struggle Against Fascism Begins with the Struggle Against Bolshevism”, 1939, www.marxists.org.

Russell, Bertrand

The Practice and Theory of Bolshevism, George Allen & Unwin Ltd, Londres, 1921.

Sandu, Traian

Un fascisme roumain – Histoire de la Garde de fer, Perrin, Paris, 2014.

Sandford, Daniel

“In Moscow, history is everywhere”, BBC News, 2 de novembro de 2012.

Sandole-Staroste, Ingrid

“Italo-Soviet Military Cooperation in the 1930s”, in Donald Stoker and Jonathan Grant (direção), *Girding for Battle – The Arms Trade in a Global Perspective, 1815-1940*, Praeger, Westport, 2003.

Santander, Diego

“La Constituyente de Maduro enjuiciará por ‘traición a la patria’ a los líderes de la oposición”, *El Mundo*, 30 de agosto de 2017.

Sarfatti, Michele

Gli ebrei nell'Italia fascista – Vicende, identità, persecuzione, Einaudi, Turim, 2007.

Sasada, Hironori

The Evolution of the Japanese Developmental State – Institutions Locked in by Ideas, Routledge, Nova Iorque, 2013.

Sauytbay, Sayragul; Cavelius, Alexandra

The Chief Witness – Escape From China's Modern-Day Concentration Camps, Scribe, Londres, 2021.

Schachter, Stanley

“Deviation, Rejection and Communication”, in Leon Festinger, Kurt Back, Stanley Schachter, Harold H. Kelley e John Thibault, *Theory and Experiment in Social Communication*, University of Michigan, Detroit, 1950.

Schama, Simon

An Embarrassment of Riches – An Interpretation of Dutch Culture in the Golden Age, Fontana Press, Londres, 1988.

Scherer, René

“La queue de Robespierre (sur le langage de la terreur)”, *L’homme et la société – Revue international de recherches et de synthèses sociologiques*, n°63-64, janeiro-junho de 1982.

Schumpeter, Joseph

Capitalism, Socialism and Democracy, HarperCollins, Nova Iorque, 2008.

Schutz, Marco

“Socialisme ‘darwinien’ et anthropologie raciale chez Ludwig Woltmann”, *Mille neuf cent – Revue d’histoire intellectuelle*, n°1, Volume 18, 2000.

Scruton, Roger

Spinoza, Éditions du Seuil, Paris, 2000.

Schwendemann, Heinrich

“German-Soviet Economic Relation at the Time of the Hitler-Stalin Pact 1939-1941”, *Cahiers du Monde russe*, XXXVI (1-2), janeiro-junho de 1995.

Service, Robert

Lenin – A Political Life: Volume 3, The Iron Ring, MacMillan Press, Londres, 1995;

Lenin – A Biography, Pan Books, Londres, 2000;

Trotsky – A Biography, Pan Books, Londres, 2009.

Settembrini, Domenico

“Mussolini and the Legacy of Revolutionary Socialism”, *Journal of Contemporary History*, nº11, 1976;

Fascismo controrivoluzione imperfetta – Movimento al servizio del capitale o primo esperimento di compromesso storico?, Sansoni, Florença, 1978.

Shafor, Michael

“Xenophobic Communism – The Case of Bulgaria and Romania”, *The World Today*, nº12, Volume 45, dezembro de 1989.

Shapovalov, Veronica

Remembering the Darkness – Women in Soviet Prisons, Rowman & Littlefield Publishers, Lanham, 2001.

Shirer, William L.

The Rise and Fall of the Third Reich – A History of Nazi Germany, Crest Books, Nova Iorque, 1964.

Shorten, Richard

Modernism and Totalitarianism – Rethinking the Intellectual Sources of Nazism and Stalinism, 1945 to the Present, Palgrave MacMillan, Houndmills, 2012.

Siemens, Daniel

Stormtroopers – A New History of Hitler’s Brownshirts, Yale University Press, New Haven, 2017.

Silberner, Edmund

“Der Junge Moses Hess Im Lichte Bisher Unerschlossener Quellen: 1835-1840”, *International Review of Social History*, Volume 3, nº2, Cambridge University Press, 1958.

Slater, Ian

Orwell – The Road to Airstrip One, 2ª edição, McGill-Queen’s University Press, Montreal, 2003.

Smith, Anthony

Nationalism in the Twentieth Century, New York University Press, Nova Iorque, 1982.

Snyder, Louis Leo

The New Nationalism, 2ª edição, Transaction Publishers, New Brunswick, 2009.

Soffer, Reba

Discipline and Power – The University, History and the Making of an English Elite, 1879-1930, Stanford University Press, Stanford, 1994.

Stackelberg, Roderick

The Routledge Companion to Nazi Germany, Routledge, Nova Iorque, 2007.

Stanley, Alessandra

“Pope Asks Forgiveness for Errors Of the Church Over 2,000 Years”, *The New York Times*, 13 de março de 2000.

Stargardt, Nicholas

The German Idea of Militarism – Radical and Socialist Critics, 1866-1914, Cambridge University Press, Cambridge, 1994.

Sterling, Bruce

“Chinese Planning Outline for a Social Credit System”, wired.com, 5 de março de 2015.

Sternhell, Zeev

Maurice Barrès et le nationalisme français, Éditions Complexe, Paris, 1985;

Ni droite ni gauche – L’idéologie fasciste en France, 4ª edição aumentada, Gallimard, Paris, 2012;

“Aux sources de l’idéologie fasciste : La révolte socialiste contre le matérialisme”, in Yehoshua Arieli e Nathan Rotenstreich (direção), *Totalitarian Democracy and After*, Routledge, Londres, 2013;

“Anatomie d’un mouvement fasciste en France – Le Faisceau de Georges Valois”, *Revue Française de Science Politique*, nº1, Ano 26, 1976.

Sternhell, Zeev; Ashéri, Maia; Sznajder, Mario

Naissance de l'idéologie fasciste, Gallimard, Paris, 2010.

Stolleis, Michael

Origins of the German Welfare State – Social Policy in Germany to 1945, Springer-Verlag, Berlin, 2013.

Stonebridge, Lindsey

Placeless People – Writings, Rights and Refugees, Oxford University Press, Oxford, 2018.

Strittmatter, Kai

We Have Been Harmonised – Life in China's Surveillance State, Old Street Publishing, Exeter, 2019.

Strovsky, Dmitry

“The Jewish Topic in the Soviet Media: Political Environment, Priorities and Heroes”, *National Resilience, Politics and Society*, nº2, Volume 1, Ariel University Press, outono de 2019.

Sussman, Robert Wald

The Myth of Race – The Troubling Persistence of an Unscientific Idea, Harvard University Press, Cambridge, 2014.

Szpilman, Christopher

“Fascist and Quasi-Fascist Ideas in Interwar Japan, 1918-1941”, in Bruce Reynolds (direção), *Japan in the Fascist Era*, Palgrave MacMillan, Nova Iorque, 2004.

Tait, Robert

“Stalin Statue Site Reveals Chilling Remains of Prague Labour Camp”, *The Guardian*, 28 de março de 2021.

Tamburello, Dennis E.

“Calvin and Sacramentality: A Catholic Perspective”, in Randall C. Zachman (direção), *John Calvin and Roman Catholicism – Critique and Engagement, Then and Now*, Baker Academic, Grand Rapids, 2008.

Tapp, Robert

“The Scientific Spirit of American Humanism”, 23 de março de 1921, TheHumanist.com.

Tardieu, Mélanie

Rempart et horizon: deux mystiques de la patrie chez Maurice Barrès et Charles Péguy, Éditions Publibook Université, Paris, 2016.

Tasca, Angelo

Naissance du fascisme – L’Italie de l’armistice à la marche sur Rome, Gallimard, Paris, 2003.

Terrell, Jacob

“Political Ideology and Language Policy in North Korea”, *Berkeley Linguistics Society*, nº1, 2017.

Timasheff, Nicholas

The Great Retreat – The Growth and Decline of Communism in Russia, E. P. Dutton & Company, Nova Iorque, 1948.

Torbakov, Igor

“From the Other Shore: Reflections of Russian Émigré Thinkers on Soviet Nationality Policies, 1920s-1930s”, in Tanya Chebotarev e Jared Ingersoli (direção), *Russian and East European Books and Manuscripts in the United States – Proceedings of a Conference in Honor of the Fiftieth Anniversary of the Bakhmeteff Archive of Russian and East European History and Culture*, Routledge, Nova Iorque, 2014.

Tournier, Maurice

Des mots en politique – Propos d’étymologie sociale, ENS Éditions, Lyon, 2002.

Traverso, Enzo

The New Faces of Fascism – Populism and the Far Right, Verso, Londres, 2019.

Trevor-Roper, Hugh

“Il fenomeno del fascismo”, in Stuart J. Woolf (direção), *Il fascismo in Europa*, Editori Laterza, Bari, 1973.

Tsuzuki, Chushichi

The Pursuit of Power in Modern Japan 1825-1995, Oxford University Press, Oxford, 2000.

Tucker, Robert

“Svetlana Alliluyeva As Witness of Stalin”, *Slavic Review*, nº2, Volume 27, junho de 1968.

Turkel, Nury

No Escape – The True Story of China’s Genocide of the Uyghurs, William Collins, Londres, 2022.

Tyrrell, Emmett

The Death of Liberalism, Thomas Nelson, Nashville, 2011.

Walsh, Michael (direção)

The Triumph of Reason – The Thinking Man’s Guide to Adolf Hitler, Black House Publishing, Londres, 2012.

Watson, George

The Lost Literature of Socialism, The Lutterworth Press, 2ª edição, Cambridge, 2010;

Heresies and Heretics – Memories from the Twentieth Century, The Lutterworth Press, Cambridge, 2013;

“Hitler and the Socialist Dream”, *The Independent*, 2 de novembro de 1988, independent.co.uk.

Wieder, Thomas

“‘Voyage au pays des Ze-Ka’, de Julius Margolin: une voix dans la prison des peuples”, *Le Monde*, 18 de novembro de 2010.

Wee, Sui-Lee

“China Tells Journalists to Learn ‘Marxist News Values’”, *Reuters*, 30 de Agosto de 2014.

Weeks, Albert

Stalin's Other War – Soviet Grand Strategy, 1939 – 1941, Rowman & Littlefield Publishers, Lanham, 2003.

Werth, Nicolas

Les Grandes famines soviétiques, Que Sais-Je?, Paris, 2020;

“Un État contre son peuple – Violences, repression, terreur en Union Soviétique”, in Stéphane Courtois, Nicolas Werth, Jean-Louis Panné, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek e Jean-Louis Margolin, *op. cit.*, 1997;

“Crimes and Mass Violence of the Russian Civil Wars (1918-1921)”, SciencesPo, Paris, 21 de março de 2008;

“The Great Ukrainian Famine of 1932-3”, in Cathie Carmichael e Richard Maguire (direção), *The Routledge History of Genocide*, Routledge, Londres, 2015.

Weyl, Nathaniel

Karl Marx, Racist, Arlington House, New Rochelle, 1979.

Wheeler, Robert

“The Failure of ‘Truth and Clarity’ at Berne: Kurt Eisner, the Opposition and the Reconstruction of the International”, *International Review of Social History*, nº2, Volume 18, Cambridge University Press, Cambridge, 1973.

Whisker, James B.

“Karl Marx: Anti-Semite”, *The Journal of Historical Review*, nº1, Volume 5, 1984.

Whyte, Jessica

Catastrophe and Redemption – The Political Thought of Giorgio Agamben, State University of New York Press, Nova Iorque, 2013.

Wilczek, Frank

“Einstein’s Parable of Quantum Insanity”, *Scientific American*, 23 de setembro de 2015, www.scientificamerican.com.

Williams, E. S.

The Soviet Military – Political Education, Training and Morale, Palgrave Macmillan, Nova Iorque, 1986.

Williams, Ian

Every Breath You Take – China’s New Tyranny, Birlinn, Edimburgo, 2021;

Wilson, Ivy G.

“Rhetorically Lincoln: Abraham Lincoln and Oratorical Culture”, in Shirley Samuels (direção), *The Cambridge Companion to Abraham Lincoln*, Cambridge University Press, Nova Iorque, 2012.

Winkler, Heinrich August

Germany – The Long Road West, Volume 2: 1933-1990, Oxford University Press, Oxford, 2007.

Winock, Michel

Nationalisme, antisémitisme et fascisme en France, Éditions du Seuil, Paris, 1990.

Wistrich, Robert

Who’s Who in Nazi Germany, Routledge, Londres, 2002.

Wittmann, Anna

Talking Conflict – The Loaded Language of Genocide, Political Violence, Terrorism and Warfare, ABC-CLIO, Santa Barbara, 2017.

Wood, Benjamin

Defying Evil – How the Italian Army Saved Croatian Jews During the Holocaust, History Publishing Company, Palisades, 2012.

Wu, Harry

Laogai – Le Goulag chinois, Éditions Dagorno, Paris, 1996.

V., J.-P.

“Lecture: «Sociologie du parti dans la démocratie moderne. Enquête sur les tendances oligarchiques des groupes»”, 8 de abril de 2016, www.echangesetmouvement.fr

Valentino, Benjamin

Final Solutions – Mass Killing and Genocide in the 20th Century, Cornell University Press, Ithaca, 2004.

Van Ree, Erik

“Socialism in One Country: A Reassessment”, *Studies in East European Thought*, nº2, Volume 50, junho de 1998.

Vasey, C. M.

Nazi Ideology, Hamilton Books, Lanham, 2006.

Ventura, Andrea

Il diciannovismo fascista – Un mito che non passa, Viella Libreria Editrice, Roma, 2021.

Ventura, Luca

“Il grupo de La nostra bandiera di fronte all’antisemitismo fascista (1934-1938)”, *Studi Storici*, nº3, Anno 41, julho-setembro de 2000, Fondazione Istituto Gramsci.

Verdery, Katherine

National Ideology Under Socialism – Identity and Cultural Politics in Ceaușescu’s Romania, University of California Press, Berkeley, 1995;

What Was Socialism, and What Comes Next?, Princeton University Press, Princeton, 1996.

Vermeil, Edmond

“Propagandes allemandes”, *Politique étrangère*, nº1, 1945.

Veyne, Paul

Comment on écrit l’histoire, Éditions du Seuil, Paris, s/d.

Visconti, Simone

“L’educazione rivoluzionaria di un romagnolo in Svizzera”, in Emilio Gentile e Spencer DiScala (direção), *op. cit.*, 2015.

Vivarelli, Roberto

“Interpretations of the Origins of Fascism”, *Journal of Modern History*, nº63, The University of Chicago Press, março de 1991.

Vullierme, Jean-Louis

O Ocidente no Divã – Uma Análise do Nazismo na Civilização Ocidental, Objectiva, Lisboa, 2015.

Yevtushenko, Evgueni

“Babi Yar”, www.remember.org.

YouShanDaBu

“Conditions Ripe for Nationwide Thought Control”, *China Digital Times*, 8 de novembro de 2017.

Yu, Zhou

“Chinese University Revives Research on Official Ideology to Head Off Suspicious Values”, *Global Times – Discover China, Discover the World*, 1 de junho de 2015.

Yuan, Shawn

“Inside the Early Days of China’s Coronavirus Coverup”, 1 de maio de 2020, wired.com.

Zalampas, Sheree Owens

Adolf Hitler – A Psychological Interpretation of His Views on Architecture, Art and Music, Bowling Green State University Popular Press, Bowling Green, 1990.

Zamponi, Simonetta Falasca

Lo spettacolo del fascismo, Rubbettino Editore, Soveria Mannelli, 2003.

Zunino, Pier Giorgio

“‘Il popolo delle scimmie’ e la lettura gramsciana del fascismo negli anni venti”, *Italia Contemporanea*, n°171, junho de 1988.